



**CONGRESSO NACIONAL**

**ANAIS DO SENADO FEDERAL**

ATAS DA 182ª SESSÃO À 186ª SESSÃO DA 4ª SESSÃO  
LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 52ª LEGISLATURA

VOLUME 30 Nº 55  
9 NOV. A 16 NOV.

SENADO FEDERAL  
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES  
**SUBSECRETARIA DE ANAIS**  
BRASÍLIA – BRASIL  
2006

## VOLUMES NÃO PUBLICADOS DOS ANAIS DO SENADO FEDERAL

**1919, 1920, 1927 a 1930, 1936, 1937, 1949 a 1952, 1963, 1964 e 1966.**

Anais do Senado / Senado Federal, Subsecretaria de Anais. – 1823-.  
Brasília, Senado Federal, Subsecretaria de Anais, 1823-  
v. ; 27 cm.  
Quinzenal.

Volumes anteriores a 1977 publicados sob numerações próprias, com periodicidade irregular. Editado pela Diretoria de Anais e Documentos Parlamentares no período de 1950-1955; pela Diretoria de Publicações no período de maio de 1956 a 1972 e pela Subsecretaria de Anais a partir de 1972.

Variações do título: Annaes do Senado do Império do Brazil, 1826-1889. Annaes do Senado Federal, 1890-1935. Anais do Senado Federal, 1946-

1. Poder legislativo – Anais. I. Brasil. Congresso. Senado Federal, Subsecretaria de Anais.

CDD 341.2531  
CDU 328(81)(093.2)

**Senado Federal  
Subsecretaria de Anais - SSANS  
Via N 2, Unidade de Apoio I.  
CEP - 70165-900 – Brasília – DF – Brasil.**



## **SENADO FEDERAL**

### **COMISSÃO DIRETORA (2005-2006)**

|                           |  |
|---------------------------|--|
| <b>PRESIDENTE</b>         | <b>Senador RENAN CALHEIROS (PMDB-AL)</b>         |
| <b>1º VICE-PRESIDENTE</b> | <b>Senador TIÃO VIANA (PT-AC)</b>                |
| <b>2º VICE-PRESIDENTE</b> | <b>Senador ANTERO PAES DE BARROS (PSDB-MT)</b>   |
| <b>1º SECRETÁRIO</b>      | <b>Senador EFRAIM MORAIS (PFL-PB)</b>            |
| <b>2º SECRETÁRIO</b>      | <b>Senador JOÃO ALBERTO DE SOUZA (PMDB-MA)</b>   |
| <b>3º SECRETÁRIO</b>      | <b>Senador PAULO OCTÁVIO (PFL-DF)</b>            |
| <b>4º SECRETÁRIO</b>      | <b>Senador EDUARDO SIQUEIRA CAMPOS (PSDB-TO)</b> |

### **SUPLENTES DE SECRETÁRIO**

|                    |                                    |
|--------------------|------------------------------------|
| <b>1º Senadora</b> | <b>SERYS SLHESSARENKO (PT- MT)</b> |
| <b>2º Senador</b>  | <b>PAPALÉO PAES (PSDB-AP)</b>      |
| <b>3º Senador</b>  | <b>ALVARO DIAS (PSDB-PR)</b>       |
| <b>4º Senador</b>  | <b>AELTON FREITAS (PL-MG)</b>      |

## COMPOSIÇÃO DO SENADO FEDERAL NA 52ª LEGISLATURA

**Bahia**  
PFL – Rodolpho Tourinho\*<sup>S</sup>  
PFL – Antonio Carlos Magalhães\*\*  
PFL – César Borges\*\*

**Rio de Janeiro**  
BLOCO-PT – Roberto Saturnino\*  
PRB – Marcelo Crivella\*\*  
PMDB – Sérgio Cabral\*\*

**Maranhão**  
PMDB – João Alberto Souza \*  
PFL – Edison Lobão\*\*  
PFL – Roseana Sarney\*\*

**Pará**  
PMDB – Luiz Otávio\*  
BLOCO-PT – Ana Júlia Carepa\*\*  
PSDB – Flexa Ribeiro\*\*<sup>S</sup>

**Pernambuco**  
PFL – José Jorge\*  
PFL – Marco Maciel\*\*  
PSDB – Sérgio Guerra\*\*

**São Paulo**  
BLOCO-PT – Eduardo Suplicy\*  
BLOCO-PT – Aloizio Mercadante\*\*  
PFL – Romeu Tuma\*\*

**Minas Gerais**  
BLOCO-PL – Aelton Freitas\*<sup>S</sup>  
PSDB – Eduardo Azeredo\*\*  
PMDB – Wellington Salgado de Oliveira\*\*<sup>S</sup>

**Goiás**  
PMDB – Maguito Vilela\*  
PFL – Demóstenes Torres\*\*  
PSDB – Lúcia Vânia\*\*

**Mato Grosso**  
PSDB – Antero Paes de Barros \*  
PFL – Jonas Pinheiro \*\*  
BLOCO-PT – Serys Shlessarenko\*\*

**Rio Grande do Sul**  
PMDB – Pedro Simon\*  
BLOCO-PT – Paulo Paim\*\*  
PTB – Sérgio Zambiasi\*\*

**Ceará**  
PSDB – Luiz Pontes\*  
BLOCO-PSB – Patrícia Saboya Gomes\*\*  
PSDB – Tasso Jereissati\*\*

**Paraíba**  
PMDB – Ney Suassuna \*  
PFL – Efraim Morais\*\*  
PRB – Roberto Cavalcanti\*\*<sup>S</sup>

**Espírito Santo**  
PSDB – João Batista Motta\*<sup>S</sup>  
PSDB – Marcos Guerra\*\*<sup>S</sup>  
BLOCO-PL – Magno Malta\*\*

**Piauí**  
PMDB – Alberto Silva\*  
PFL – Heráclito Fortes\*\*  
PMDB – Mão Santa\*\*

**Rio Grande do Norte**  
PTB – Fernando Bezerra\*  
PMDB – Garibaldi Alves Filho\*\*  
PFL – José Agripino\*\*

**Santa Catarina**  
PFL – Jorge Bornhausen \*  
BLOCO-PT – Ideli Salvatti\*\*  
PSDB – Leonel Pavan\*\*

**Alagoas**  
P-SOL – Heloísa Helena\*  
PMDB – Renan Calheiros\*\*  
PSDB – Teotonio Vilela Filho\*\*

**Sergipe**  
PFL – Maria do Carmo Alves \*  
PMDB – Almeida Lima\*\*  
BLOCO-PSB – Antônio Carlos Valadares\*\*

**Amazonas**  
PMDB – Gilberto Mestrinho\*  
PSDB – Arthur Virgílio\*\*  
PDT – Jefferson Péres\*\*

**Paraná**  
PSDB – Alvaro Dias \*  
BLOCO-PT – Flávio Arns\*\*  
PDT – Osmar Dias\*\*

**Acre**  
BLOCO-PT – Tião Viana\*  
PMDB – Geraldo Mesquita Júnior\*\*  
BLOCO-PT – Sibá Machado\*\*<sup>S</sup>

**Mato Grosso do Sul**  
PSDB – Juvêncio da Fonseca\*  
PT – Delcídio Amaral \*\*  
PMDB – Valter Pereira\*\*

**Distrito Federal**  
PTB – Valmir Amaral\*<sup>S</sup>  
PDT – Cristovam Buarque \*\*  
PFL – Paulo Octávio\*\*

**Tocantins**  
PSDB – Eduardo Siqueira Campos\*  
BLOCO-PL – João Ribeiro\*\*  
PC do B – Leomar Quintanilha\*\*

**Amapá**  
PMDB – José Sarney \*  
PMDB – Geovani Borges\*\*<sup>S</sup>  
PSDB – Papaléo Paes\*\*

**Rondônia**  
PMDB – Amir Lando\*  
BLOCO-PT – Fátima Cleide\*\*  
PMDB – Valdir Raupp\*\*

**Roraima**  
PTB – Mozarildo Cavalcanti\*  
PDT – Augusto Botelho\*\*  
PMDB – Romero Jucá\*\*

### Mandatos

\*: Período 1999/2007 \*\*: Período 2003/2011

## ÍNDICE TEMÁTICO

|   | Pág. |  | Pág. |
|---|------|--|------|
| <b>ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL</b>  |      |  |      |
| Referência à formação histórica dos municípios brasileiros, bem como às suas lutas pela liberdade. Registro da participação de Sua Excelência em palestra proferida pela FAAP, com o título “Gerente de Cidade”, a qual visa à formação de quadros capazes de melhorar a administração municipal e a criar espaço de formulação e análise das questões pertinentes ao Município. Senador Marco Maciel. ....                     | 158  | blicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 19 de outubro de 2006. Senador Juvêncio da Fonseca.  | 89   |
|   |      | Registro da matéria intitulada “PF quer chamar Carvalho e Dirceu para depor sobre dossiê”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 22 de outubro de 2006. Senador Flexa Ribeiro. ...  | 90   |
|   |      | Registro da matéria intitulada “Parte do dinheiro para dossiê Vedoin veio do jogo do bicho, suspeita PF”, publicado no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 10 de outubro de 2006. Senador Leonel Pavan. ....   | 92   |
| <b>ARTIGO DE IMPRENSA</b>   |      | Registro da matéria intitulada “Agência vê Lula mais fraco num 2º mandato”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 25 de outubro de 2006. Senadora Lúcia Vânia. ....  | 93   |
| Comentários à matéria publicada no jornal <i>O Globo</i> , edição do dia 7 de setembro de 2006, sobre o desmatamento na floresta amazônica, bem como à pesquisa da ONG Transparência Internacional a respeito do aumento da corrupção no Brasil. Comentário sobre artigo da revista uruguaia, <i>Cara e Caretas</i> , cuja matéria de capa traz manchete: “Macaco velho não sobe em galho podre”. Senador Arthur Virgílio. .... | 72   | Registro de matéria intitulada “Justiça apura uso de cartão da Presidência para pagar lanche”, de autoria de Rogério Pagnan, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 10 de novembro de 2006. Senador Arthur Virgílio. ....                                     | 151  |
| Comentário ao artigo intitulado “Telefone da Folha tem sigilo quebrado”, publicado pelo jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 9 de novembro de 2006. Senador Arthur Virgílio. ....   | 78   | Registro de diversas matérias publicadas pela imprensa a respeito da corrupção nas atividades das ONGs. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....   | 160  |
| Registro do editorial intitulado “Volta à truculência”, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 1º de outubro de 2006. Senador Almeida Lima. ....   | 82   | Registro de diversas matérias publicadas pela imprensa sobre: o objetivo das ONGs, a transposição do Rio São Francisco, a operação tapa-buracos anunciada pelo Governo Lula, e a lentidão na apuração dos envolvidos no caso do dossiê. Senador Antonio Carlos Magalhães. .... | 193  |
| Registro da matéria intitulada “A turma do mal”, publicada na revista <i>Veja</i> , edição de 11 de outubro de 2006. Senador Papaléo Paes. ....   | 84   | Leitura do editorial do intitulado “O Pacto da Reforma Tributária”, publicado no jornal <i>Gazeta do Povo</i> , do Paraná. Senador Flávio Arns. ....   | 220  |
| Registro da matéria intitulada “Escândalo atinge 8 petistas e desfalca o comitê de Lula”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 24 de setembro de 2006. Senador Alvaro Dias. ....   | 86   | Considerações acerca de matérias do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> sobre o segundo mandato do Presidente Lula. Senador Arthur Virgílio. ....  | 246  |
| Registro da matéria intitulada “Oposição diz que MP da TV digital vai afetar Zona Franca”, pu-  |      | Comentário sobre o artigo intitulado “O voto envergonhado”, de autoria do jornalista André Petry, publicado na revista <i>Veja</i> , edição de 20 de setembro de 2006. Senador Juvêncio da Fonseca. ....   | 261  |

|  | Pág. |  | Pág. |
|--|------|--|------|
| Registro da matéria intitulada “IBGE reduz, pela 9ª vez, projeção da safra 2006”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 10 de outubro de 2006. Senador Leonel Pavan. ....  | 263  | Registro do artigo intitulado “Impugnação moral e jurídica”, de autoria do ex-Ministro da Justiça, Miguel Reale Júnior, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 21 de setembro de 2006. Senador Papaléo Paes. ....   | 340  |
| Registro da matéria intitulada “Dólares foram sacados em agência de Nova Iguaçu, revela investigação”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 23 de outubro de 2006. Senador Flexa Ribeiro. ....                                 | 264  | Registro da matéria intitulada “Privatização aumentou oferta de linhas fixas e tornou celular acessível”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 13 de outubro de 2006. Senador Alvaro Dias. ....  | 341  |
| Registro da matéria intitulada “MST na campanha petista”, publicada no jornal <i>Correio Braziliense</i> , edição de 13 de outubro de 2006. Senador Alvaro Dias. ....  | 266  | Registro da matéria intitulada “Lorenzetti articulou compra do dossiê Vedoin, diz relatório da PF”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 21 de outubro de 2006. Senador Flexa Ribeiro. ...   | 342  |
| Registro do artigo intitulado “NOTÍCIAS DA ITÁLIA”, publicado pela revista <i>Veja</i> , edição de 11 de outubro de 2006. Senador Papaléo Paes. ....   | 267  | Registro da matéria intitulada “Serra: ‘Foi tiro no pé’”, publicada no jornal <i>Correio Braziliense</i> , edição de 23 de setembro de 2006. Senador Leonel Pavan. ....  | 345  |
| Registro da matéria intitulada “Entidades vêm risco à liberdade de imprensa”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 20 de outubro de 2006. Senadora Lúcia Vânia. ....   | 268  | Comentários ao artigo intitulado “Sem Lula, o mundo é melhor”, de autoria do jornalista Diogo Mainardi, publicado na revista <i>Veja</i> , edição de 20 de setembro de 2006. Senador Juvêncio da Fonseca. ....   | 346  |
| Registro do artigo intitulado “A indignação”, de autoria do professor de filosofia Denis Rosenfield, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 1º de novembro de 2006. Senador Almeida Lima. ....                                      | 269  | Transcrição do artigo intitulado “Diferenças Regionais continuam”, publicado no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 14 de novembro de 2006. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....   | 350  |
| Comentários sobre matéria do jornal <i>O Globo</i> , em relação aos atrasos nos vôos programados no País. Senador Antonio Carlos Magalhães. ....   | 288  | Registro de entrevista com Matilde Ribeiro, publicada na revista <i>Caros Amigos</i> . Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Eduardo Suplicy. ....   | 366  |
| Registro de matéria publicada no jornal <i>Correio Braziliense</i> acerca dos critérios de distribuição de recursos do Orçamento. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....   | 289  | Registro do artigo intitulado “Alckmin e as negociações comerciais”, de autoria do ex-Embaixador do Brasil nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, Rubens Barbosa, publicado no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 24 de outubro de 2006. Senadora Lúcia Vânia. .... | 429  |
| Comentários à matéria publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , relativa ao protesto dos médicos residentes. Senador Mão Santa. ....   | 297  | Registro da matéria intitulada “FHC acusa governo Lula de usar estatais para fins políticos”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 18 de outubro de 2006. Senador Papaléo Paes. ..   | 430  |
| Comentários sobre notícia divulgada pelo jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , segundo a qual setores do PT gostariam que houvesse mudanças na Radiobrás para torná-la instrumento mais dócil aos interesses do Governo. Senador Eduardo Suplicy. .... | 309  | Registro da matéria intitulada “Preso por negociar dossiê diz que dinheiro veio do PT”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 17 de setembro de 2006. Senador Alvaro Dias. ....  | 431  |
| Comentários sobre matéria do jornal <i>Hoje em Dia</i> , edição de 5 de novembro de 2006, intitulada “Busca por gás dispara em Minas”. Senador Eduardo Azeredo. ....   | 330  | Registro da matéria intitulada “O fracasso da operação abafa”, publicada na revista <i>Veja</i> , edição de 25 de outubro de 2006. Senador Flexa Ribeiro. ....   | 432  |
| Registro do artigo intitulado “Involução?”, de autoria do economista Gustavo Loschpe, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 24 de outubro de 2006. Senador Almeida Lima. ....  | 337  | Registro da matéria intitulada “Em livro, Jefferson envolve Lula e Dirceu com dinheiro de Furnas”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 23 de setembro de 2006. Senador Leonel Pavan. ....  | 433  |
| Comentários à matéria intitulada “País pode perder US\$ 11 bi em exportações”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 25 de setembro de 2006. Senadora Lúcia Vânia. ....  | 339  |  |      |

| Pág.  | Pág.  |
|---|---|
| <p>Registro da matéria intitulada “Impeachment pode voltar a ser analisado, diz Busato”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i>, edição de 28 de setembro de 2006. Senador Juvêncio da Fonseca. . . . .</p> <p>Registro do artigo intitulado “Hora da decisão”, de autoria do Deputado Federal eleito pelo PDT-SP, Paulo Pereira da Silva, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i>, edição de 25 de outubro de 2006. Senador Almeida Lima. ....</p>   | <p>des praticadas por políticos. Senador Marcelo Crivella. ....</p> <p>Comentários acerca da onda de corrupção no Governo Lula. Senador Antonio Carlos Magalhães. ....</p> <p>Enaltecimento da figura do Senador Mozarildo Cavalcanti, e comentários sobre a corrupção no Poder Legislativo. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. Senador Mão Santa. ....</p>  |
| <p>434</p> <p>435</p>   | <p>128</p> <p>193</p> <p>291</p>  |
| <p><b>ATUAÇÃO PARLAMENTAR</b></p>   |   |
| <p>Homenagem ao Senador Wellington Salgado de Oliveira pelo excelente trabalho desempenhado na liderança do PMDB no Senado Federal. Senador Mão Santa. ....</p> <p>Agradecimento ao PMDB e ao Senador Ney Suassuna pela assunção da vice-Liderança e Liderança em exercício do PMDB. Senador Wellington Salgado de Oliveira. ....</p> <p>Solidariedade às congratulações ao nobre Senador Wellington Salgado de Oliveira pelo seu desempenho na liderança do PMDB. Senador Flexa Ribeiro. ....</p> <p>Elogios à atuação do Senador Wellington Salgado de Oliveira na liderança do PMDB. Senador Romeu Tuma. ....</p> <p>Elogios ao Senador Romeu Tuma por apoiar as casas de recuperação de drogados no Estado de São Paulo. Senador Magno Malta. ....</p> <p>Manifestação em relação ao pronunciamento da Líder do PT, Senadora Ideli Salvatti, no qual Sua Excelência tece severas críticas à Oposição. Senador Alvaro Dias. ....</p> <p>Boas-vindas ao Senador José Jorge, pelo retorno ao Senado Federal, após o pleito eleitoral. Senador Flávio Arns. ....</p> <p>Elogios ao talento do Senador Paulo Paim, em virtude de livro escrito por Sua Excelência, comparando-o aos grandes escritores do Rio Grande do Sul. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Mão Santa. ....</p> | <p>CRISE AÉREA</p> <p>Destaque para a audiência pública, que teve como objetivo contribuir com as investigações das causas da tragédia com o Vôo 1907 da Gol. Senador Flávio Arns. ....</p> <p>Preocupação com o caos instalado nos aeroportos brasileiros, em razão da crise dos controladores de vôo. Senador José Agripino. ....</p> <p>Crise dos controladores de vôo. Aparte ao Senador José Agripino. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....</p> <p>Convicção das medidas tomadas, pelo Governo, para a superação da crise nos aeroportos brasileiros. Aparte ao Senador José Agripino. Senador Eduardo Suplicy. ....</p> <p>Considerações sobre a situação dos aeroportos do País. Aparte ao Senador José Agripino. Senador José Jorge. ....</p> |
| <p>64</p> <p>65</p> <p>65</p> <p>65</p> <p>71</p> <p>189</p> <p>232</p> <p>365</p>  | <p>220</p> <p>227</p> <p>229</p> <p>230</p> <p>230</p>  |
| <p><b>DEMOCRACIA</b></p>  |   |
| <p>CONSTITUIÇÃO FEDERAL</p> <p>Comentários às inovações feitas pela Carta de 1998 em vários campos do constitucionalismo brasileiro. Senador Marco Maciel. ....</p>   | <p>Preocupação com o estado em que se encontra a democracia no País. Aparte ao Senador Geovani Borges. Senador Mão Santa. ....</p> <p>Comentários sobre o processo de democratização no mundo, com destaque para algumas figuras históricas, as quais contribuíram para a implantação da democracia. Aparte ao Senador Delcídio Amaral. Senador Mão Santa. ....</p> <p>Comentários sobre o fortalecimento da democracia no Estado do Mato Grosso do Sul, bem como acerca do crescimento da economia brasileira. Aparte ao Senador Delcídio Amaral. Senador Eduardo Suplicy. ....</p>  |
| <p>158</p>  | <p>317</p> <p>387</p> <p>388</p>  |
| <p><b>DESENVOLVIMENTO REGIONAL</b></p>  |   |
| <p>CORRUPÇÃO</p> <p>Leitura de correspondência recebida de entidades de evangélicos a respeito de irregularida-</p>   | <p>Destaque para as perspectivas de desenvolvimento do Estado de Mato Grosso. Senadora Serys Slhessarenko. ....</p> <p>Solidariedade ao pronunciamento do Senador Mozarildo Cavalcanti, em relação às desigual-</p>   |
| <p>104</p>  | <p>104</p>  |

## IV

|   | Pág. |   | Pág. |
|---|------|---|------|
| dades regionais por que passam o País. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. Senador Paulo Octávio. ....  | 253  | no continua sendo a do palanque. Senador Alvaro Dias. ....  | 189  |
| Lamento pela falta de políticas destinadas a minimizar as desigualdades regionais no País. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....   | 350  | Congratulações ao Senador Alvaro Dias, em virtude da reeleição de Sua Excelência. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Antonio Carlos Magalhães. ....   | 190  |
| Considerações acerca dos fatores determinantes para o aumento das desigualdades sociais no País. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. Senador Paulo Octávio. ....  | 352  | Manifestação de contentamento em virtude da reeleição do Senador Alvaro Dias, no Estado do Paraná. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Flávio Arns. ....   | 190  |
| <b>DISCRIMINAÇÃO SOCIAL</b>   |      | Comentários acerca da reeleição do Presidente Lula, fato que segundo Sua Excelência, não representa a verdadeira democracia. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Mão Santa. ....   | 192  |
| Comentários sobre o livro de autoria de Sua Excelência, intitulado "O Rufar dos Tambores". Senador Paulo Paim. ....   | 363  | Considerações sobre temas, surgidos em debate no segundo turno, para as eleições presidenciais. Senadora Ideli Salvatti. ....   | 223  |
| <b>EDUCAÇÃO</b>   |      | Considerações sobre os desafios que aguardam o segundo mandato do Presidente Lula, com destaque para baixo crescimento da economia aliado a deterioração do setor de infra-estrutura no Brasil. Senador Marcos Guerra. .... | 261  |
| Destaque para a redução de gastos do Governo com a educação. Senador Antonio Carlos Magalhães. ....   | 193  | Manifestação sobre o desafio para o segundo mandato do Presidente Lula: crescer de forma sustentável com justiça social. Senadora Serys Silhessarenko. ....   | 359  |
| Saudação à relevante iniciativa do Instituto Presbiteriano Mackenzie, ao publicar o compêndio intitulado Mackenzie: Balanço Social 2005. Senador Romero Jucá. ....  | 270  | Agradecimento aos eleitores do Mato Grosso do Sul pela confiança depositada na pessoa de Sua Excelência, no pleito eleitoral em que obteve 40% dos votos. Senador Delcídio Amaral. ....                                     | 384  |
| Defesa do ensino profissionalizante e apelo em favor da aprovação do Projeto de Lei do Senado 274/03, que cria o Fundep. Senador Paulo Paim. ....   | 285  | Solidariedade em relação à derrota de Sua Excelência no Estado do Mato Grosso do Sul. Aparte ao Senador Delcídio Amaral. Senador Antônio Carlos Valadares. ....   | 387  |
| Apelo aos seus pares no sentido da aprovação do Projeto de Lei 273, de 2006, de autoria de Sua Excelência que inclui o empreendedorismo como componente curricular dos ensinamentos fundamental e médio no Brasil, dando prazo de dois anos para que a inovação entre em vigor. Senador Marcos Guerra. .... | 348  | Apresentação de proposta de emenda à constituição que estabelece eleição direta para os suplentes de Senadores. Senador Eduardo Suplicy. ....   | 396  |
| <b>ELEIÇÃO</b>  |      | <b>GOVERNO</b>  |      |
| Considerações sobre a eleição presidencial no Estado de Roraima, no segundo turno de votação, e a declaração do Presidente Lula a respeito da busca pela conciliação. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....  | 61   | Comentários sobre a necessidade de diálogo, entre o Governo e a Oposição, necessário a uma melhor governabilidade. Aparte ao Senador Delcídio Amaral. Senador Paulo Paim. ....  | 386  |
| Leitura e comentários sobre e-mail recebido do eleitor Jorge da Cruz Silva, que solicita que os parlamentares "não subestimem a inteligência do povo", em referência ao resultado das eleições para a Presidência da República. Senadora Ideli Salvatti. ....   | 185  | <b>GOVERNO FEDERAL</b>  |      |
| Preocupação com o cenário de paralisia, em que a retórica do Presidente Lula e do seu Gover-  |      | Comunicado acerca de encaminhamento à Mesa de pronunciamento, no qual condena a quebra do sigilo de telefone do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> . Senador Arthur Virgílio. ....   | 78   |
|   |      | Apelo ao Governo no sentido de que se empenhe para que o Estado deixe de ser um obstá-  |      |



|  | Pág. |  | Pág. |
|--|------|--|------|
| culo ao desenvolvimento e passe a ser um agente de estímulo, parceiro da iniciativa privada. Senador Marcos Guerra. ....   | 82   | Saudação ao lançamento da revista cultural Piauí, uma mostra de reconhecimento da grandeza e da história do Piauí. Senador Mão Santa. ....   | 186  |
| Justificativas a requerimento de informações à Ministra-Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre o uso irregular de cartões corporativos. Senador Arthur Virgílio. ....   | 130  | Reflexão sobre a sessão do Senado em homenagem ao Dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento. Senador Flávio Arns. ....  | 220  |
| Considerações acerca da contradição nas ações do Governo, que visam ao crescimento econômico, mas afugentam o capital privado. Aparte ao Senador Arthur Virgílio. Senador José Agripino. ...                                   | 135  | Homenagem ao atleta Marilson Gomes dos Santos, primeiro brasileiro e o primeiro sul-americano a conquistar a Maratona de Nova Iorque. Senador Eduardo Suplicy. ....                | 309  |
| Apresentação de requerimento à Ministra-Chefe da Casa Civil, contendo questionamentos acerca do uso de Cartão de Crédito Corporativo por parte do Governo Lula. Senador Arthur Virgílio. ...                                   | 151  | Homenagem ao Tribunal de Justiça do Estado do Amapá e aos seus integrantes pelo trabalho desenvolvido em prol da Justiça. Senador Geovani Borges. ....                             | 315  |
| Questionamentos a respeito dos gastos do Governo com os Cartões de Crédito Corporativos. Senador Antonio Carlos Magalhães. ....  | 193  | Considerações sobre o dia da Proclamação da República. Senador Mão Santa. ....   | 336  |
| Protesto pelo excesso de edição de medidas provisórias. Traição do eleitor pelo Governo Lula, que confiou na promessa do gás natural e será contemplado com aumento de preços. Senador César Borges. ....                      | 306  | Justificação de requerimento encaminhado à Mesa, homenageando Mário Zan, grande músico brasileiro, autor da famosa "Chalana", recentemente falecido. Senador Delcídio Amaral. .... | 384  |
| Comentários sobre o descaso do Governo Lula com a situação dos controladores de voo. Senador José Agripino. ....   | 325  | <b>HOMENAGEM PÓSTUMA</b>   |      |
| Críticas à propaganda do Governo em relação ao combustível do futuro, com destaque para a importância da educação para a mudança da realidade dos jovens brasileiros. Aparte ao Senador José Agripino. Senador Mão Santa. .... | 327  | Voto de Pesar pelo falecimento da Senhora Áurea Pinheiro Braga, esposa do ex-Senador João dos Santos Braga Júnior. Senador Arthur Virgílio. ....                                   | 64   |
| Registro de notícias sobre o estado de saúde do vice-Presidente da República, José Alencar. Senador Paulo Paim. ....   | 337  | Voto de Pesar pelo falecimento do ex-Deputado Federal João Fassarella, ocorrido na madrugada de 12 de novembro de 2006. Senador Eduardo Suplicy. ....                              | 235  |
| Cobrança de recursos do Governo Federal para execução de obras de infra-estrutura no Estado do Piauí. Senador Mão Santa. ....  | 391  | Justificação a requerimento de Voto de Pesar pelo falecimento de João Domingos Fassarella, ex-prefeito de Governador Valadares, MG. Senador Eduardo Azeredo. ....                  | 315  |
| Considerações sobre o Governo Lula, a democracia e a ameaça às liberdades fundamentais. Senador Arthur Virgílio. ....  | 410  | Registro de Voto de Pesar a Isaac Ainhorn, secretário do planejamento municipal de Porto Alegre, RS. Senador Paulo Paim. ....  | 329  |
| <b>HOMENAGEM</b>   |      | Homenagem póstuma a Isaac Ainhorn, secretário do planejamento municipal de Porto Alegre, RS. Senador Sérgio Zambiasi. ....   | 329  |
| Registro da leitura do requerimento de voto de aplauso e sucesso à nova diretoria do Conselho Nacional da Pesca e Aqüicultura. Senador Flexa Ribeiro. ....   | 65   | Anúncio do falecimento, nos Estados Unidos da América, do economista Milton Friedman, prêmio Nobel de Economia. Senador Eduardo Suplicy. ...                                       | 396  |
| Registro do transcurso do dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo desenvolvimento, comemorado em 8 de setembro de 2006. Senadora Serys Slhessarenko. ....   | 104  | <b>JUDICIÁRIO</b>  |      |
|  |      | Críticas ao Ministro Antonio de Pádua Ribeiro, do Superior Tribunal de Justiça, por arquivar denúncias no Conselho Nacional de Justiça. Senador Antonio Carlos Magalhães. ....     | 288  |
|  |      | Reflexões sobre as reformas imprescindíveis para o fortalecimento da democracia, com destaques para a necessidade de continuação da reforma do                                     |      |

|  | Pág. |  | Pág. |
|--|------|--|------|
| Judiciário, já iniciada. Senador Antônio Carlos Valadares. ....  | 381  | Mensagem nº 237, de 2006 (nº 947, na Casa de origem) que informa ao Senado Federal que o Presidente Lula se ausentará do País nos dias 12 e 13 de novembro de 2006, em visita oficial à República Bolivariana da Venezuela. .... | 183  |
| <b>LIVRO</b>   |      | <b>MICROEMPRESA</b>  |      |
| Registro de participação na Feira do Livro de Porto Alegre, ocasião em que, no estande do Senado Federal, Sua Excelência autografou seu livro de memórias, intitulado “O rufar dos tambores”, reproduzido inclusive em braile. Senador Paulo Paim. .   | 363  | Registro do decreto do Governo de São Paulo que abre linha de crédito para a pequena e microempresa no Estado. Senador Romeu Tuma. ....  | 65   |
| Comentários a respeito da Feira do Livro realizada no Rio Grande do Sul, a qual contou com a participação do Senador Paulo Paim. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Eduardo Suplicy. ..   | 366  | Importância da aprovação do Projeto de Lei da Câmara nº 100, de 2006, Complementar, que institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. Senadora Lúcia Vânia. ....                                   | 148  |
| <b>MEDIDA PROVISÓRIA</b>   |      | <b>MOVIMENTO TRABALHISTA</b>   |      |
| Medida Provisória nº 311, de 2006, que abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para os fins que especifica. ....  | 19   | Apelo ao Governo Lula para que atenda às reivindicações dos médicos residentes que se encontram em greve. Senador Mão Santa. ....  | 297  |
| Medida Provisória nº 312, de 2006, que prorroga para trabalhador rural empregado o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. ....  | 30   | Comparação entre a situação dos controladores de vôo e dos médicos residentes, que se encontram em greve. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....  | 300  |
| Medida Provisória nº 313, de 2006, que abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais), para o fim que especifica. ....   | 38   | Considerações sobre a greve dos médicos residentes. Senador Sérgio Zambiasi. ....  | 304  |
| <b>MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA</b>   |      | Solidariedade ao pronunciamento do Senador Sérgio Zambiasi, em relação à situação dos médicos residentes, em greve no País. Aparte ao Senador Sérgio Zambiasi. Senador Marcelo Crivella. ....                                    | 306  |
| Mensagem nº 550, de 2006, que submete à elevada deliberação do Senado Federal o texto da Medida Provisória nº 311, de 13 de julho de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 208.000.000,00, para os fins que especifica”. .... | 23   | Audiência com representantes dos médicos residentes, os quais solicitam acompanhamento do projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador Eduardo Suplicy. ...                          | 395  |
| Mensagem nº 569, de 2006, que submete à elevada deliberação do Senado Federal o texto da Medida Provisória nº 312, de 19 de julho de 2006, que “prorroga, para o trabalhador rural empregado, o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991”. ....  | 30   | (ONG)  |      |
| Mensagem nº 611, de 2006, que submete à elevada deliberação do Senado Federal o texto da Medida Provisória nº 313, de 25 de julho de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00, (dez milhões de reais), para o fim que especifica”. ....  | 40   | Comentários sobre matéria publicada no jornal <i>Folha de S. Paulo</i> , de autoria da jornalista Marta Salomon, intitulada “ONGs ‘ineptas’ recebem 54% dos repasses ao setor, diz TCU”. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....      | 160  |
|  |      | Destaque para a necessidade de uma legislação que regulamente as atividades das ONGs no País. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. Senador Mão Santa. ....  | 162  |
|  |      | <b>ORÇAMENTO</b>   |      |
|  |      | Anúncio de indicativo do Presidente da República de que serão incluídas as casas de recuperação no Orçamento. Senador Magno Malta. ...   | 71   |

| Pág.   | Pág.  |
|--|---|
|  | POLÍTICA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA   |
| Preocupação com os recursos destinados à educação, no Orçamento de 2007. Aparte ao Senador Antonio Carlos Magalhães. Senador Cristovam Buarque. ....   | 195   |
| Proposta orçamentária que reduz os recursos para a alfabetização. Aparte à Senadora Ideli Salvatti. Senador Cristovam Buarque. ....  | 227   |
| Críticas à falta de critérios na distribuição dos recursos do Orçamento. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....  | 289   |
| Solidariedade ao pronunciamento do Senador Mozarildo Cavalcanti, em relação à falta de critérios na distribuição de recursos do Orçamento para os estados. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. Senador Marcos Guerra. ....   | 292   |
| Preocupação pelo financiamento feito pelo Banco do Brasil para construção de ponte pela empresa Odebrecht. Aparte ao Senador César Borges. Senador Marcelo Crivella. ....  | 307   |
| <b>PARECER</b>   |   |
| Parecer nº 1.197, de 2006, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, sobre o Ofício “S” nº 15, de 2006, de indicação do Senhor advogado Sérgio Alberto Frazão do Couto para compor o Conselho Nacional do Ministério Público. Senador Luiz Otávio. ....  | 16  |
| Parecer nº 1.198, de 2006, de Plenário, sobre a Medida Provisória nº 311, de 2006, que abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para os fins que especifica. Senador Romero Jucá. .... | 52  |
| Parecer nº 1.199, de 2006, de Plenário, sobre a Medida Provisória nº 312, de 2006, que prorroga para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no artigo 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho, de 1991. Senador Romero Jucá. ....  | 54  |
| Parecer nº 1.200, de 2006, de Plenário, sobre a Medida Provisória nº 313, de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais) para o fim que especifica”. Senador Romero Jucá. ....                                     | 55  |
| Parecer nº 1.201, de 2006, da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 388, de 2005, de autoria do Senador Valdir Raupp, que autoriza o Poder Executivo Federal a implantar o Gasoduto Urucu – Porto Velho, no Estado de Rondônia. Senadora Fátima Cleide. ....          | 274   |
|  | Cumprimentos aos servidores da CEF que participaram de um Fórum Internacional em Cingapura, com vista a apresentar tecnologia desenvolvida para operar seu sistema lotérico, o que possibilitaria a independência em relação à empresa norte-americana Gtech. Senadora Ideli Salvatti. .. |
|  | 302   |
|  | Considerações acerca da TV-digital e sua importância como uma nova tecnologia, que permite transformar o televisor em porta de entrada para a Internet e contribuir como aplicação na educação à distância, de forma interativa. Senador Geovani Borges. ....                             |
|  | 380   |
|  | POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO   |
|  | Considerações sobre a profunda crise que assola o País, devido à falta de investimentos em infra-estrutura. Senador Valdir Raupp. ....  |
|  | 238   |
|  | Defesa das parcerias público-privadas, PPPs, como uma alternativa para diminuir as dificuldades de recursos destinados à continuidade das obras de infra-estrutura do País. Aparte ao Senador Valdir Raupp. Senador Leomar Quintanilha. ....  |
|  | 240   |
|  | Comentário acerca das péssimas condições em que se encontram as estradas brasileiras, bem como sobre o aspecto positivo das parcerias público-privadas para a solução desse problema. Aparte ao Senador Valdir Raupp. Senador Romeu Tuma. ....  |
|  | 240   |
|  | POLÍTICA DE EMPREGO   |
|  | Destaque para o engajamento de Sua Excelência na Frente Parlamentar do Pleno Emprego. Comentários às relativas taxas de desemprego no País, com destaque para a importância do Programa Fome Zero que visa à melhoria da vida de milhares de brasileiros. Senador Marcelo Crivella. ....  |
|  | 66  |
|  | Solidariedade ao engajamento do Senador Marcelo Crivella na luta em defesa dos desempregados brasileiros. Aparte ao Senador Marcelo Crivella. Senador Edison Lobão. ....  |
|  | 69  |
|  | Comentários ao Programa Bolsa-Família, e acerca da necessidade de se criar oportunidade de emprego para os brasileiros menos favorecidos. Aparte ao Senador Marcelo Crivella. Senador Mão Santa. ....   |
|  | 70  |
|  | Comentários acerca do desemprego entre os jovens brasileiros, com destaque para a importância do emprego como um instrumento de inclusão social. Senadora Patrícia Saboya Gomes. ....   |
|  | 95  |

## VIII

|  | Pág. |   | Pág. |
|--|------|---|------|
| <b>POLÍTICA DO MEIO AMBIENTE</b>   |      |   |      |
| Defesa de um projeto de desenvolvimento sustentável para a Amazônia. Senador Romero Jucá. ....   | 124  | vestimento público que estimule o crescimento econômico. Senador Aloizio Mercadante. ....   | 116  |
| <b>POLÍTICA ECONÔMICA</b>  |      | Solidariedade ao pronunciamento do Senador Aloizio Mercadante, em relação ao investimento público que estimule o crescimento econômico do País. Aparte ao Senador Aloizio Mercadante. Senador Romero Jucá. ....   | 121  |
| Enumeração dos requisitos básicos para um crescimento econômico sustentável, bem como dos erros cometidos pelo Governo Lula. Senador Arthur Virgílio. ....   | 130  | Considerações sobre o pronunciamento do Senador Aloizio Mercadante acerca da necessidade de se cortar gastos na administração pública. Aparte ao Senador Aloizio Mercadante. Senador Marcelo Crivella. ....   | 122  |
| Comentários ao pronunciamento do Senador Arthur Virgílio, relativo ao crescimento econômico brasileiro, salientando que o pouco crescimento experimentado pelo País não é fato recente, mas herança de gestões anteriores. Aparte ao Senador Arthur Virgílio. Senador Marcelo Crivella. .... | 133  | <b>POLÍTICA ENERGÉTICA</b>  |      |
| Solidariedade ao pronunciamento do Senador Arthur Virgílio relativo ao crescimento econômico brasileiro, com destaque para inferioridade do Índice de Desenvolvimento Humano brasileiro se comparado ao IDH de outros países. Aparte ao Senador Arthur Virgílio. Senadora Lúcia Vânia. ....  | 136  | Comentários ao aspecto positivo do Relatório Anual da Eletrobrás. Senador Romero Jucá. ....   | 94   |
| Perspectivas de melhoria no crescimento econômico do País, bem como do produto per capita. Aparte à Senadora Ideli Salvatti. Senador Eduardo Suplicy. ....   | 226  | <b>POLÍTICA EXTERNA</b>   |      |
| Reflexões sobre a política econômica e o crescimento da economia no atual Governo. Senador Eduardo Suplicy. ....   | 309  | Registro da participação de Sua Excelência juntamente com outros parlamentares na reunião da União Parlamentar Internacional, evento da Organização das Nações Unidas, realizado em Nova Iorque, a fim de tratar da questão da prevenção contra as crises e em favor da paz, ocasião em que o Senhor proferiu palestra sobre a eliminação da corrupção. Senador Paulo Octávio. .... | 354  |
| Solidariedade ao pronunciamento do Senador Eduardo Suplicy em relação à situação econômica brasileira, com destaques para a baixa de juros e a falta de investimentos. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. Senador Marcelo Crivella. ....   | 313  | <b>POLÍTICA FUNDIÁRIA</b>   |      |
| Comentários a respeito de declarações do IPEA acerca do crescimento econômico. Senador José Agripino. ....   | 325  | Refutação ao pronunciamento do Senador Mozarildo Cavalcanti, no qual afirma que o Presidente Lula discrimina o Estado de Roraima. Senador Romero Jucá. ....   | 62   |
| Reflexões sobre a política econômica e o crescimento da economia no Governo Lula. Senador Eduardo Azeredo. ....  | 330  | Réplica ao discurso do Senador Romero Jucá, em defesa do Presidente da República na questão relativa à demarcação das terras indígenas no Estado de Roraima. Senador Mozarildo Cavalcanti. .  | 63   |
| Comentários ao Relatório de Administração do Banco Central - Bacen - para o ano de 2005, que mostra a evolução bastante significativa dos fundamentos macroeconômicos do Brasil. Senador Romero Jucá. ....   | 349  | Esclarecimentos sobre o discurso do Senador Mozarildo Cavalcanti, no qual Sua Excelência acusa o Governo Federal de negar investimentos para o Estado de Roraima. Senador Romero Jucá. ....   | 63   |
| <b>POLÍTICA ECONÔMICO FINANCEIRA</b>   |      | <b>POLÍTICA PARTIDÁRIA</b>  |      |
| Apoio à desoneração dos investimentos, conforme declaração do Ministro da Fazenda, Guido Mantega. Comentário sobre a necessidade de in-  |      | Registro do recebimento de carta do Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, pela qual afirma confiança no segundo Governo do Presidente Lula e destaca a importância de os pedetistas retornarem ao Governo. Senador Paulo Paim. ....  | 363  |

|  | Pág. |  | Pág. |
|--|------|--|------|
| Comentários sobre a necessidade de ética, e o fim da corrupção, na política brasileira. Senador Mão Santa. ....  | 391  | como sobre a importância de uma melhor distribuição de água para os estados e municípios. Aparte ao Senador Tião Viana. Senador Mão Santa. ....  | 115  |
| <b>POLÍTICA SOCIAL</b>   |      | Importância da utilização do estudo do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), como indicador de orientação para a criação de políticas públicas. Aparte ao Senador Tião Viana. Senador Aloizio Mercadante. ....   | 116  |
| Comentários acerca da importância do Programa Bolsa-Família para a melhoria da condição social da população. Aparte ao Senador Marcello Crivella. Senador Magno Malta. ....  | 70   | Defesa da redução nos gastos correntes, de avanços nas reformas da previdência social e tributária, bem como da implementação de obras de infra-estrutura no País. Senador Aloizio Mercadante. ....  | 116  |
| Comentários acerca da necessidade de um debate qualificado sobre o rumo do Programa Bolsa-Família. Senador Mão Santa. ....   | 76   | Questionamentos sobre o desempenho do Brasil nas pesquisas sobre o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano. Destaque para o fato de a corrupção aumentar o custo - Brasil. Senador José Agripino. ....  | 138  |
| Registro de relatório intitulado "População com deficiência no Brasil: fatos e percepções", divulgado pela Federação Brasileira dos Bancos - Febraban. Senador Romero Jucá. ....   | 150  | Solidariedade ao discurso do Senador José Agripino relativo ao Índice de Desenvolvimento Humano brasileiro. Senadora Lúcia Vânia. ....   | 142  |
| Explicação sobre os dados do Relatório "Desenvolvimento Humano/2006", do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Senadora Ideli Salvatti. ....  | 223  | Levantamento de questões de grande interesse social e econômico. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. Senador Rodolpho Tourinho. ....  | 314  |
| Questionamentos em relação ao que ainda pode ser feito para a melhoria da realidade social dos brasileiros. Aparte à Senadora Ideli Salvatti. Senador Flávia Arns. ....  | 226  | Defesa de mudança na meta de superávit. Senadora Serys Slhessarenko. ....  | 359  |
| Registro de participação na I Conferência de Educação Profissional e Tecnológica, realizada em Brasília, e no 13º Seminário Internacional de Educação Tecnológica, em Novo Hamburgo/RS. Senador Paulo Paim. ....   | 285  | <b>POLÍTICA TRABALHISTA</b>  |      |
| Críticas aos programas que visam combater a pobreza, os quais não acabam com a pobreza, mas só a alimentam. Aparte à Senadora Serys Slhessarenko. Senador Mão Santa. ....  | 361  | Comentários acerca da votação do Parecer nº 1.199, de 2006, de Plenário, sobre a Medida Provisória nº 312, de 2006, que prorroga para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no artigo 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho, de 1991. Senador José Agripino. .... | 55   |
| Enumeração dos elementos básicos para o desenvolvimento social: ética, educação e trabalho. Senador Mão Santa. ....  | 391  | <b>PRESIDENTE DA REPÚBLICA</b>   |      |
| Exaltação à Senhora Telma Viga Albuquerque, Presidente da Associação de Amigos do Autista do Amazonas, entidade com alma, cuja missão é respeitar os autistas, dando-lhes cidadania e encaminhando-os, numa nobre missão de criar uma sociedade inclusiva. Senador Arthur Virgílio. .... | 410  | Lamento pela ausência do Presidente Lula da décima sexta Cúpula de Chefes de Estado e de Governo dos Países Ibero-americanos, realizada em Montevideu. Senador Arthur Virgílio. ....   | 72   |
| <b>POLÍTICA SÓCIO ECONÔMICA</b>  |      | Destaque para os conselhos recebidos pelo Presidente Lula, advindos do ex-Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, relativos à violência. Senador Mão Santa. ....  | 76   |
| Consideração acerca da melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, com destaques para a realidade do saneamento básico no País. Senador Tião Viana. ....   | 113  | Reflexão sobre o fato de o Brasil ter um Presidente "comunista", em razão de estar o Deputado Aldo Rebelo (PCdoB) exercendo interinamente a Presidência da República. Senador Cristovam Buarque. ....  | 232  |
| Comentários sobre a melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do Estado do Piauí, durante o Governo de Sua Excelência, bem   |      | Comentários sobre o exercício da Presidência da República pelo Deputado Aldo Rabelo, em  |      |

|   | Pág. |  | Pág. |
|---|------|--|------|
| virtude da viagem do Presidente Lula à Venezuela e por estar passando, o Vice-Presidente, José Alencar, por uma cirurgia. Aparte ao Senador Cristovam Buarque. Senador Eduardo Suplicy. ....  | 233  | memorado no dia 10 de outubro. Senador Romeu Tuma. ....  | 282  |
| Críticas ao Presidente Lula, o qual diz não saber de nada em relação aos casos de corrupção em seu Governo. Senador Antonio Carlos Magalhães. ....  | 288  | Projeto de Lei do Senado nº 300, de 2006, que acrescenta parágrafo único ao art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (Dispõe sobre a pena pela não aceitação de matrícula de aluno portador de necessidades especiais). Senadora Serys Sihessarenko. ....   | 356  |
| Posição de Sua Excelência sobre o segundo mandato do Presidente Lula que se avizinha com destaques para as reformas que necessitam ser concretizadas, a fim de blindar a economia brasileira, fortalecendo-a. Senador Delcídio Amaral. ...  | 384  | <b>REFORMA TRIBUTÁRIA</b>  |      |
| <b>PREVIDÊNCIA SOCIAL</b>   |      | Comentários sobre estudo da empresa de consultoria suíça KPMG, que aponta o Brasil como detentor de uma das cargas tributárias mais altas do mundo. Senador Marcos Guerra. ....  | 149  |
| Registro do recebimento de e-mail de um empresário que enfrenta problemas com a Previdência, por ter criado programa de ajuda aos seus empregados que desejam estudar. Senador Arthur Virgílio. ....  | 347  | <b>REQUERIMENTO</b>  |      |
| <b>PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO</b>   |      | Requerimento nº 1.114, de 2006, que requer que seja considerada como desempenho de missão no exterior, a participação de Sua Excelência, no dia 10 de novembro de 2006, na Reunião da Mesa Diretora da Comissão Parlamentar Conjunta do MERCOSUL, convocada no exercício da Presidência <i>pro tempore</i> pelo Brasil, que se realizará na cidade de Montevideú, no Uruguai. Sua Excelência estará ausente do País para participar do referido evento no período compreendido entre 9 a 11 de 2006. Senador Sérgio Zambiasi. .... | 14   |
| Projeto de Decreto Legislativo nº 434, de 2006, que autoriza o aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, situados na Cachoeira do Tamanduá, na região do Rio Cotingo, em Roraima. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....                               | 183  | Requerimento nº 1.115, de 2006, que requer a inserção em ata de Voto de Pesar às famílias das seis crianças com idades entre 9 e 12 anos que morreram afogadas no dia 7 de novembro de 2006, em São José, na Grande Florianópolis – SC, após caírem de um pedalinho em uma lagoa. Senadora Ideli Salvatti. ....  | 14   |
| <b>PROJETO DE LEI DA CÂMARA</b>   |      | Requerimento nº 1.116, de 2006, que requer a inserção em ata de Voto de Pesar pelo falecimento do músico Mano Zan, autor do hino dos 450 anos da cidade de São Paulo, e da música “Chalana”, considerada o “hino de Mato Grosso do Sul”, bem como a apresentação de condolências à família. Senador Delcídio Amaral. ....  | 14   |
| Projeto de Lei da Câmara nº 106, de 2006 (nº 2.548/2003, na Câmara dos Deputados), de iniciativa do Tribunal Superior do Trabalho, que cria e transforma, no Quadro de Pessoal do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, os cargos que menciona e dá outras providências. .... | 97   | Requerimento nº 1.117, de 2006, que solicita informações ao Senhor Ministro de Estado-Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre indícios de pagamentos atípicos realizados pela Secretaria Nacional de Juventude, relativos a diárias e passagens. Senador Arthur Virgílio. ....   | 14   |
| <b>PROJETO DE LEI DO SENADO</b>   |      | Requerimento nº 1.118, de 2006, que requer licença para o afastamento de S.Exa. dos trabalhos da Casa, pelo prazo de dois dias, 13, 14-11-2006,  |      |
| Projeto de Lei do Senado nº 297, de 2006, que inclui as doações aos Fundos controlados pelos Conselhos de Assistência Social na permissão para dedução do imposto de renda devido pelas pessoas físicas e jurídicas. Senador Paulo Paim. ....                                       | 277  |  |      |
| Projeto de Lei do Senado nº 298, de 2006, que permite refinanciamento de saldo de financiamento imobiliário com interveniência de novo agente financeiro credor. Senador Paulo Paim. ....   | 282  |  |      |
| Projeto de Lei do Senado nº 299, de 2006, que institui o Dia da Guarda Municipal, a ser co-   |      |  |      |

| Pág.  | Pág. |
|---|------|
| a fim de tratar de interesses particulares. Senador Tião Viana. ....  | 104  |
| Requerimento nº 1.119, de 2006, que solicita informações à Senhora Ministra - Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ....  | 138  |
| Requerimento nº 1.120, de 2006, que requer que sejam prestadas, pelo Senhor Ministro das Minas e Energia, Silas Rondeau, informações sobre o suposto aumento abusivo das tarifas de energia elétrica, por parte da Boa Vista Energia – BOVE-SA, conforme denúncia do sítio “Fontebrasil.com.br”, bem como a composição das tarifas praticadas no Estado de Roraima, antes e após o início da importação de energia elétrica da Venezuela. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....  | 184  |
| Requerimento nº 1.121, de 2006, que requer sejam prestadas pelo Senhor Ministro da Saúde, Doutor José Agenor Alvares da Silva, em face das denúncias constantes da matéria do Jornal <i>Folha de Boa Vista</i> , sobre o aumento de casos de malária no Estado de Roraima, informações sobre o montante de transferências de recursos do Ministério da Saúde ao Estado e aos Municípios de Roraima, nos últimos quatro anos, destinado ao combate à malária; qual o montante de transferências de recursos repassados, nos últimos quatro anos, pela Fundação Nacional de Saúde ao Estado e Municípios de Roraima, bem como qual o montante dos gastos efetuados diretamente pelo Ministério da Saúde e pela Fundação Nacional de Saúde, nos últimos quatro anos, no combate à malária no Estado de Roraima; e ainda quais os dados de incidências de malária no Estado de Roraima, nos últimos quatro anos. Senador Mozarildo Cavalcanti. .... | 184  |
| Requerimento nº 1.122, de 2006, que requer a inserção em ata de voto de profundo pesar pelo falecimento do ex-Deputado Federal, João Fassarella. Senador Eduardo Suplicy. ....  | 235  |
| Requerimento nº 1.123, de 2006, que requer seja aprovado voto de pesar pelo falecimento do Senhor Kazuo Sakamoto aos 55 anos de idade, ocorrido na cidade de São Paulo. Senador Romeu Tuma. ....  | 244  |
| Requerimento nº 1.124, de 2006, que requer a tramitação em conjunto do PLC nº 82, de 2006 aos Projetos de Lei do Senado nºs 171, 428, 605, de 1999, que já tramitam em conjunto, por versarem sobre a mesma matéria. Senador Demóstenes Torres. ....  | 246  |
| Requerimento nº 1.125, de 2006, que comunica que em virtude de compromissos parlamentares inadiáveis, Sua Excelência estará participando,   |      |
| como observador parlamentar, da Assembléia-Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, no período de 17 a 30 de novembro de 2006. Senador Romeu Tuma. ....   | 272  |
| Requerimento nº 1.126, de 2006, que requer a inserção em ata de voto de congratulações para o atleta Marilson Gomes dos Santos, ganhador da São Silvestre por duas vezes, 2003 e 2005; e da 37ª Maratona de NY em 5 de novembro de 2006. Senador Eduardo Suplicy. ....  | 272  |
| Requerimento nº 1.127, de 2006, que requer que seja concedida licença para participar da 4ª Sessão da Conferência Interparlamentar sobre Direitos Humanos e Liberdade Religiosa, a se realizar em Roma, Itália, de 28 a 30 de novembro de 2006, fato que ocasionará o afastamento de Sua Excelência do País no período compreendido entre 24-11 a 4-12-2006. Senador Mão Santa. ....  | 273  |
| Requerimento nº 1.128, de 2006, que requer seja concedida a Sua Excelência licença para participar da V Assembléia Plenário do Fórum Interparlamentar das Américas – FIPA, a realizar-se em Bogotá, Colômbia, no período de 19 a 21 de novembro de 2006. E ainda comunica que Sua Excelência estará ausente do País no período de 18 a 21 de novembro de 2006. Senador Marcelo Crivella. ....   | 273  |
| Requerimento nº 1.129, de 2006, que requer que seja inserido em ata, Voto de Pesar pelo falecimento de Isaac Ainhorn, ocorrido no dia 14 de novembro de 2006. Senador Paulo Paim. ....  | 273  |
| Requerimento nº 1.130, de 2006, que requer inserção em ata de Voto de Pesar pelo falecimento do ex-vereador, ex-deputado federal e ex-prefeito de Governador Valadares (MG), Senhor João Domingos Fassarella, ocorrido em 12 de novembro de 2006. Senador Eduardo Azeredo. ....   | 315  |
| Requerimento nº 1.131, de 2006, que requer convocação de Sessão Especial conjunta do Senado Federal e da Câmara dos Deputados para comemorar o Dia Internacional para Eliminação da Violência Contra a Mulher. Senadora Serys Slhessarenko. .   | 354  |
| <b>SAUDAÇÃO</b>   |      |
| Satisfação com a presença do Deputado Aldo Rebelo, do PCdoB, no exercício interino da Presidência da República, uma data histórica para o Partido. Senador Leomar Quintanilha. ....   | 241  |
| <b>SAÚDE</b>  |      |
| Destaque para a greve dos médicos residentes, bem como para a necessidade de se investir em   |      |

|  | Pág. |   | Pág. |
|--|------|---|------|
| especializações. Aparte à Senadora Serys Silhessarenko. Senador Mão Santa. ....  | 106  | com vistas a criminalizar a aquisição de material pornográfico envolvendo crianças ou adolescentes. Senador Marcelo Crivella. ....  | 318  |
| Destaque para a importância da residência médica e a greve dos médicos residentes, com ressalvas para a trajetória da vida profissional de Sua Excelência. Senador Mão Santa. ....                                   | 109  | <b>SENADO FEDERAL</b>   |      |
| Considerações sobre a distribuição dos profissionais da área de saúde nos municípios brasileiros. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....   | 126  | Elogios à iniciativa da Presidência do Senado sobre a acessibilidade, através do programa de Valorização da Pessoa com Deficiência. Senador Flávio Arns. ....   | 220  |
| Pronunciamento acerca da evolução histórica da saúde no Brasil, bem como sobre o estado em que se encontra esse setor no governo do Presidente Lula. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. Senador Mão Santa. .... | 127  | <b>TURISMO</b>  |      |
| Apelo ao Presidente Lula em favor da sobrevivência do INCOR, centro de excelência cardiológica no mundo. Senador Antonio Carlos Magalhães. ..  | 193  | Agradecimento pela presença de autoridade na sessão de comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH, com destaque para a importância desse Setor na economia do País. Senador Leonel Pavan. .... | 2    |
| Pronunciamento sobre a realidade do INCOR, o qual passa por dificuldades financeiras. Aparte ao Senador Antonio Carlos Magalhães. Senador Eduardo Suplicy. ....  | 196  | Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH, que demonstra o potencial brasileiro para o turismo. Senador Romeu Tuma. ....  | 4    |
| Proposta de criação de emendas, pela Comissão de Assuntos Sociais, com vistas a beneficiar o INCOR. Aparte ao Senador Antonio Carlos Magalhães. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....                                   | 196  | Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH. Destaque para os aspectos naturais de que dispõe o Brasil para o incremento do Turismo. Senador Heráclito Fortes. ....                             | 5    |
| Comentários sobre a situação em que se encontra o Instituto Nacional do Coração, INCOR, uma referência nacional. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. Senador Flávio Arns. ....  | 237  | Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH. Senador Garibaldi Alves Filho. ....  | 7    |
| Manifestação em defesa do INCOR, o qual se encontra em dificuldades financeiras para sua manutenção. Senador Romeu Tuma. ....  | 242  | Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, a ABIH, que destaca a vocação brasileira para o turismo. Senadora Serys Silhessarenko. ....   | 9    |
| Comentários acerca da importância dos médicos residentes, bem como sobre a situação em que se encontra a saúde no País. Aparte ao Senador Sérgio Zambiasi. Senador Mão Santa. ....                                   | 305  | Solicitação ao Senhor Eraldo Alves da Cruz, Presidente da ABIH, pela elaboração de um livro sobre gafes e “saias justas” nos corredores de um hotel. Senador Heráclito Fortes. ....   | 9    |
| Comentários sobre a questão dos agentes comunitários de saúde. Senador Rodolpho Tourinho. ....   | 319  | Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH, que destaca a importância da atuação do Ministério do Turismo. Senador Paulo Octávio. ....   | 11   |
| Considerações sobre os hospitais em que há falta de adaptação para o acesso de deficientes. Senador Arthur Virgílio. ....  | 347  | Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH. Senador Arthur Virgílio. ....  | 12   |
| <b>SEGURANÇA PÚBLICA</b>   |      |   |      |
| Considerações sobre projeto de autoria de Sua Excelência que trata dos casos de pedofilia,   |      |   |      |



# Ata da 182ª Sessão Deliberativa Ordinária, em 9 de novembro de 2006

4ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura

Presidência dos Srs. Renan Calheiros, da Sra. Serys Slhessarenko  
e dos Srs. Romeu Tuma, Mão Santa e Leonel Pavam

ÀS 14 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES AS SRS. E OS SRS. SENADORES:

## REGISTRO DE COMPARECIMENTO

### Senado Federal

SESSÃO DELIBERATIVA ORDINÁRIA ÀS 14:00 HORAS

Período : 9/11/2006 07:37:22 até 9/11/2006 20:30:03

| Partido   | UF | Nome                            | Pres | Voto | Partido | UF | Nome | Pres | Voto |
|-----------|----|---------------------------------|------|------|---------|----|------|------|------|
| PMDB      | SE | ALMEIDA LIMA                    |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | SP | ALOIZIO MERCADANTE              |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | RO | AMIR LANDO                      |      | X    |         |    |      |      |      |
| PFL       | BA | ANTONIO CARLOS MAGALHÃES        |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PSB | SE | ANTÔNIO CARLOS VALADARES        |      | X    |         |    |      |      |      |
| PSDB      | AM | ARTHUR VIRGÍLIO                 |      | X    |         |    |      |      |      |
| PDT       | RR | AUGUSTO BOTELHO                 |      | X    |         |    |      |      |      |
| PDT       | DF | CRISTOVAM BUARQUE               |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | MS | DELÍCIDIO AMARAL                |      | X    |         |    |      |      |      |
| PFL       | GO | DEMÓSTENES TORRES               |      | X    |         |    |      |      |      |
| PFL       | MA | EDISON LOBÃO                    |      | X    |         |    |      |      |      |
| PSDB      | MG | EDUARDO AZEREDO                 |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | SP | EDUARDO SUPLICY                 |      | X    |         |    |      |      |      |
| PFL       | PB | EFRAIM MORAIS                   |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | RO | FÁTIMA CLEIDE                   |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | PR | FLÁVIO ARNS                     |      | X    |         |    |      |      |      |
| PSDB      | PA | FLEXA RIBEIRO                   |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | RN | GARIBALDI ALVES FILHO           |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | AP | GEOVANI BORGES                  |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | AC | GERALDO MESQUITA JÚNIOR         |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | AM | GILBERTO MESTRINHO              |      | X    |         |    |      |      |      |
| P-SOL     | AL | HELOISA HELENA                  |      | X    |         |    |      |      |      |
| PFL       | PI | HERÁCLITO FORTES                |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | SC | IDELI SALVATTI                  |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | MA | JOÃO ALBERTO SOUZA              |      | X    |         |    |      |      |      |
| PSDB      | ES | JOÃO BATISTA MOTTA              |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PL  | TO | JOÃO RIBEIRO                    |      | X    |         |    |      |      |      |
| PFL       | RN | JOSÉ AGRIPINO                   |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | AP | JOSÉ SARNEY                     |      | X    |         |    |      |      |      |
| PSDB      | MS | JUVÊNIO DA FONSECA              |      | X    |         |    |      |      |      |
| PCdoB     | TO | LEOMAR QUINTANILHA              |      | X    |         |    |      |      |      |
| PSDB      | SC | LEONEL PAVAN                    |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | PA | LUIZ OTÁVIO                     |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PL  | ES | MAGNO MALTA                     |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | PI | MÃO SANTA                       |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PRB | RJ | MARCELO CRIVELLA                |      | X    |         |    |      |      |      |
| PSDB      | ES | MARCOS GUERRA                   |      | X    |         |    |      |      |      |
| PFL       | SE | MARIA DO CARMO ALVES            |      | X    |         |    |      |      |      |
| PTB       | RR | MOZARILDO CAVALCANTI            |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | PB | NEY SUASSUNA                    |      | X    |         |    |      |      |      |
| PDT       | PR | OSMAR DIAS                      |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PSB | CE | PATRICIA SABOYA GOMES           |      | X    |         |    |      |      |      |
| PFL       | DF | PAULO OCTÁVIO                   |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | AL | RENAN CALHEIROS                 |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | RJ | ROBERTO SATURNINO               |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | RR | ROMERO JUCA                     |      | X    |         |    |      |      |      |
| PFL       | SP | ROMEU TUMA                      |      | X    |         |    |      |      |      |
| PTB       | RS | SÉRGIO ZAMBIASI                 |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | MT | SERYS SLHESSARENKO              |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | AC | SIBÁ MACHADO                    |      | X    |         |    |      |      |      |
| Bloco-PT  | AC | TIÃO VIANA                      |      | X    |         |    |      |      |      |
| PMDB      | MG | WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRAX |      | X    |         |    |      |      |      |

Compareceram: 52 Senadores

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– A lista de presença acusa o comparecimento de 52 Srs. Senadores.

Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos nossos trabalhos.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Nos termos do **Requerimento nº 975, de 2006**, de autoria do Senador Leonel Pavan e outros Srs. Senadores, o tempo dos oradores da Hora do Expediente será dedicado a comemorar os 70 anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH.

Tenho a honra de convidar para compor a Mesa o Ilm<sup>o</sup> Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, Eraldo Alves da Cruz. É uma honra tê-lo entre nós.

Convido ainda o Vice-Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, Sr. Alexandre Sampaio.

Registro a presença das Ilustríssimas Senhoras e dos Ilustríssimos Senhores Presidentes da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis nos Estados.

Com a palavra o primeiro signatário, Senador Leonel Pavan, que, aliás, é dono e ex-Prefeito de uma grande cidade de turismo em Santa Catarina e Vice-Governador eleito daquele Estado.

**O SR. LEONEL PAVAN** (PSDB – SC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Nobre Presidente Romeu Tuma, V. Ex<sup>a</sup> diz “dono” por eu ter sido por três vezes Prefeito. E a cada equipamento turístico que surge dizem que Pavan é dono. Falando dessa forma em nível nacional, todos vão pensar que é verdade.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Governador, trabalhei como louco num carnaval, ainda na Polícia, e, na quarta-feira de cinzas, quando eu ia a Camboriú descansar, comecei a transpirar e tudo rodava para mim; dessa forma, ainda não consegui ir lá ainda. Mas quero ir com V. Ex<sup>a</sup>.

Com a palavra V. Ex<sup>a</sup>, Senador Leonel Pavan.

**O SR. LEONEL PAVAN** (PSDB – SC) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, amigos e profissionais do turismo e, principalmente, empresários da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, no começo deste ano, fiz um requerimento aqui no plenário para a realização de sessão solene em comemoração aos 70 anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis. O requerimento foi acatado por unanimidade e, por isso, previamente, gostaria de agradecer o apoio de todos os nobres Senadores e Senadoras que atenderam ao meu pedido e fizeram com que pudéssemos

hoje estar aqui comemorando este importante dia para o setor da indústria de hotelaria.

Eu não poderia deixar de dizer igualmente que a minha demanda contou com o apoio decisivo dos nobres colegas Senadores César Borges, da Bahia; Eduardo Azeredo, de Minas Gerais; Garibaldi Alves Filho, que se encontra presente, do Rio Grande do Norte; Gilberto Mestrinho; Paulo Octávio, tão conhecido de todos os senhores; Flexa Ribeiro; do nosso Líder, Arthur Virgílio; do Presidente do PSDB, Tasso Jereissati, que hoje preside a Comissão de Desenvolvimento Regional e Turismo. Nenhum deles mediu esforços para que pudéssemos colocar em votação o nosso requerimento e homenagear hoje a ABIH. Por sinal, uma homenagem justa, porque esse setor – como é do conhecimento de todos – tem uma grande importância para a economia do nosso País.

É importante dizer que, ao longo desses 70 anos de atuação e de trabalho em todo o território nacional, a ABIH adquiriu experiência e atingiu a maturidade, com resultados altamente expressivos em prol do crescimento e do desenvolvimento do turismo em nosso País.

Desde a sua fundação, em 9 de novembro de 1936, a ABIH vem atuando como um órgão técnico e consultivo no estudo e na solução dos problemas que envolvem a hotelaria nacional. Seus quatro objetivos mais importantes são a arregimentação da classe, o bom desempenho da hotelaria brasileira, a defesa dos seus princípios jurídicos que regem o seu funcionamento e a busca permanente de melhorar cada vez mais a oferta de serviços aos associados.

A ABIH Nacional é presidida pelo dinâmico empresário Eraldo Alves da Cruz, diretor vice-presidente do Eron Brasília Hotel, instalado aqui nesta Capital. Recentemente, também tivemos como presidente o nosso querido amigo Luiz Nunes, de Itapema, Santa Catarina.

É importante salientar que a ABH nacional é a mais antiga entidade do complexo turístico brasileiro e representa oficialmente um ponto de apoio indispensável ao parque hoteleiro nacional, que oferece cerca de 26 mil meios de hospedagem nacional em todo o País, 18 mil hotéis e pousadas, e cerca de 8 mil outros meios, em motéis, pensões e alojamentos.

Nobres Senadoras, Senadores, brasileiros, há de se salientar que hoje definitivamente não é um dia qualquer para o turismo. Comemora-se também o Dia do Hoteleiro, esse profissional que está amadurecido na atualidade e dedica todas as suas energias a ser um anfitrião perfeito. Recebe seus convidados da melhor maneira possível, com sutilezas e agrados, para que saiam muito satisfeitos. Todos os esforços são feitos

para trazer ao cliente a sensação de bem-estar, desde o momento de sua chegada ao estabelecimento, seja por motivo de negócios ou de lazer.

Não podemos deixar de considerar que o setor hoteleiro é indiscutivelmente representativo no conjunto de nossa economia. Para corroborar essa afirmativa, basta dizer que nossa cadeia de turismo já responde por 4% do Produto Interno Bruto (PIB), com influência importante em mais de 52 segmentos do sistema econômico. Assim, nesse contexto, a indústria hoteleira pode ser vista como a espinha dorsal de toda a cadeia de turismo. Enfim, o negócio de hotelaria, além de ser dinâmico e proporcionar permanente multiplicação de renda, é igualmente gerador de milhares de empregos que exigem razoável nível de qualificação.

Apenas em meu Estado – permitam-me fazer essa referência a Santa Catarina –, a hotelaria gera em torno de 45 mil empregos diretos e 135 mil indiretos, totalizando cerca de 180 mil vagas de trabalho. E esses números só tendem a crescer, até porque o nosso Estado está recebendo muitos investimentos.

Agora, eleito Vice-Governador, estaremos atuando muito neste setor. Pretendo, inclusive, fazer muito mais pelo turismo, erguer esta bandeira, fazer com que Santa Catarina e o nosso Brasil possam crescer ainda mais nessa atividade. Meu plano, junto ao Governador reeleito, Luiz Henrique da Silveira, é estimular o Estado de Santa Catarina a progredir em todas as áreas do turismo. O desenvolvimento da infra-estrutura turística, por exemplo, como constata o Governador Luiz Henrique, está ainda na “idade da pedra”.

Assim, com a nossa experiência e o apoio da ABIH em órgãos de incentivo ao turismo, que são primordiais ao crescimento e à adequação da atividade, tenho certeza de que realizaremos muito, na mesma medida em que obtive sucesso na minha cidade, Balneário Camboriú, para onde levamos o curso de Turismo e Hotelaria para conviver diretamente na prática o que se aprende nas salas de aula.

A cidade de Balneário Camboriú vive 100% do turismo e proporciona experiências **in loco** aos estudantes. Por isso, quando fomos Prefeito pela primeira vez, levamos para lá a primeira universidade de Turismo e Hotelaria do Brasil, que hoje é uma grande universidade no meu Município.

Cabe lembrar ainda, Dr. Eraldo, que a ABIH é parceira e forneceu subsídios, juntamente com o apoio do Luiz Nunes, ao nosso projeto de lei que propõe a criação do Vale-Hospedagem ou Vale-Férias, também conhecido como “tíquete turismo”, em tramitação nesta Casa.

A matéria, atualmente em apreciação na Comissão de Desenvolvimento Regional e Turismo, já com parecer favorável do relator, Senador José Agripino,

visa incluir, cada vez mais, o trabalhador brasileiro nos roteiros do turismo nacional, aproveitando a ociosidade dos leitos do setor hoteleiro na baixa temporada. Baseado na experiência vitoriosa da França, a iniciativa, depois de aprovada, tem a perspectiva de injetar a economia e gerar muitos novos empregos.

O Projeto Vale-Hospedagem permite que o empregador forneça tíquetes ao trabalhador para utilização em despesas de hospedagem e alimentação, quando incluída no valor da hospedagem.

A operacionalização do Vale-Hospedagem será regulamentada pelo Ministério do Turismo e pelo Ministério da Fazenda, prevendo-se a concessão de vantagem nos períodos de baixa estação, de forma a estimular que o trabalhador opte por usufruir o benefício em períodos de maior capacidade ociosa da rede hoteleira.

Esse projeto será de extrema importância para alavancar ainda mais o turismo do nosso País, principalmente na baixa temporada. Tenho certeza absoluta de que, com o apoio desta Casa, teremos esse projeto logo aprovado, o que vamos comemorar no Brasil inteiro.

Por tudo que acabamos de dizer, ao comemorar 70 anos de fundação, a ABIH Nacional e a sua atual direção merecem todo o nosso apoio, todo o nosso incentivo e toda a nossa admiração. Não é por acaso que seu núcleo de comando destaca 34 hoteleiros da diretoria. Só eles no cenário brasileiro comandam 114 hotéis, com 14.128 apartamentos, 35.320 leitos e 10.735 funcionários, Senadora Serys.

A abrangência da ABIH é notada em quase todo o território nacional, pois ela está presente em 26 Estados. Cabe ainda assinalar que esses diretores da ABIH Nacional, com seus hotéis, administram um patrimônio no valor de US\$ 500 milhões. Como detentora de tamanha riqueza e como importante alavanca do desenvolvimento do turismo nacional, a ABIH merece o reconhecimento de todos os brasileiros. Essa entidade certamente vai orgulhar ainda mais o *trade* turístico e o nosso País.

Quero dizer aos senhores empresários que, nesses meus quatro anos no Senado Federal, as maiores emendas que apresentei – o Ministro Walfrido dos Mares Guia pode confirmar isso –, com algumas exceções, foram destinadas ao turismo, a divulgar o Brasil no exterior, aos investimentos em infra-estrutura, aos investimentos em segurança, para fazer com que este País continuasse crescendo.

Embora ainda estejamos um pouco adormecidos, melhoramos muito, e temos de reconhecer o trabalho que está sendo feito pelo atual Governo Federal, principalmente pelo Ministro Walfrido dos Mares Guia. A

parceira que está havendo hoje com o setor empresarial, com o Ministério e com o próprio Congresso é de suma importância para esse setor que gera milhares de empregos.

Estamos caminhando no rumo certo. Os empresários estão fazendo sua parte, o Governo desperta para esse setor e nós, todos juntos, faremos um Brasil mais pujante e reconhecido no mundo inteiro pelo seu potencial, principalmente no que se refere ao turismo.

Gostaria de encerrar este pronunciamento, desejando vida longa a essa competente entidade que hoje homenageamos.

Parabéns ao Congresso Nacional, que presta esta homenagem. Parabéns a todos aqueles que são associados, às empresas que trabalham com o setor hoteleiro, aos funcionários, aos setores do turismo que trabalham em parcerias. Parabéns a todos vocês.

Setenta anos de glória! Setenta anos de orgulho do nosso País. Vamos continuar juntos porque a ABIH merece a nossa admiração e o nosso respeito. Parabéns a todos.

Muito obrigado. (Palmas.)

*O Sr. Romeu Tuma, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– De acordo com a lista de inscrição, concedemos a palavra ao nobre Senador Romeu Tuma, do PFL do Estado de São Paulo.

**O SR. ROMEU TUMA** (PFL – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Mão Santa; Sr. Secretário-Executivo do Ministério do Turismo, Dr. Márcio Favilla, que acaba de chegar – a quem agradeço a vinda para prestigiar este evento –, como disse o Senador Leonel Pavan, o Ministro tem tentado desenvolver um trabalho sério em toda a infra-estrutura da indústria do turismo no País. Isso tem um valor imenso para aqueles que por esse mundo passaram, até no Líbano, não é Habib? Nós sabemos que o turismo tem um valor enorme para a economia dos países que investem no turismo, na Europa, na América, em tantos lugares, Senador Mão Santa, que ficamos sempre torcendo.

No ano retrasado, com o Senador Paulo Octávio, nós fizemos uma frente em defesa do turismo. Senador Leonel Pavan, está na hora de recomeçarmos essa luta aqui no Senado Federal. É pena que V. Ex<sup>a</sup> vai nos deixar para um cargo mais importante, mas isso não importa, pois é preciso estabelecer, realmente, o regime de uma porta aberta permanente para aqueles que investem nos setores do turismo, como a rede hoteleira e outros, para sempre podermos atualizar a

legislação em benefício dessa importantíssima atividade nacional.

Está presente o primo Tuma Ness, que sempre me dá um “feijão amigo”. Ele carrega às costas o saco e o leva pelo mundo inteiro. Ninguém mais pode reclamar de que não sabe comer feijão e arroz, só que ele esquece do ovo e da batata frita. Então, é preciso arrumar mais alguém para ajudá-lo. Desculpe-me pela brincadeira, mas vejo sempre com alegria as reuniões de que você nos convida a participar, vejo com um afeto enorme e um desejo de investir nesse setor. Estou vendo aqui muitos amigos que fazem parte da rede brasileira de hotelaria e que tantos benefícios trazem a ela.

É claro que, quando se tem uma homenagem, deve-se escrever alguma coisa, mas acaba-se improvisando, porque a alegria de encontrar amigos com quem você pode conversar à vontade, como se estivesse na sala, tomando um café, é um sentimento mais gostoso do que ficar lendo dados fornecidos para podermos não falhar nas nossas colocações.

Ouvi o nosso querido Senador Pavan – até mostrei para o Eraldo – dizer coisas que eu também escrevi. Pensei que estou virando pé-de-chinelo, porque vão pensar que copiei o discurso dele. Mas são dados que foram fornecidos pela associação.

Vocês não podem imaginar a alegria e a emoção que estou sentindo, porque tenho uma paixão especial pelo turismo. Peço desculpas ao Secretário-Executivo pelo que vou falar, mas acho que o Brasil ainda não conseguiu investir tudo o que pode na busca de uma indústria que possa realmente atrair o maior número possível daqueles que vêm e gastam algum dinheiro.

Em São Paulo, há congressos e realizações, e hoje se busca o turismo de negócios. Lá, os hotéis estão tendo a inteligência de colocar, no fim-de-semana, algumas opções importantes para que o marido possa trazer a esposa. O marido é muito malandrão, vai embora, pois não tem o que fazer na cidade grande. Mas agora há todo um programa de hotelaria, para que ela tenha onde passear, o que visitar. Enfim, haverá toda uma infra-estrutura para que a esposa tenha a alegria de passar o final de semana com o marido, sem que ele precise retornar com urgência. Isso é algo maravilhoso, que estamos vendo com cautela.

Falei agora com o Eron que ontem aprovamos o Supersimples, pelo qual um grande número de pequenas pousadas e hotéis de pequeno porte vão ter direito aos benefícios fiscais a partir de julho. Nós queríamos para janeiro, mas, infelizmente, não foi possível. Está aí a nossa Senadora Serys Slhessarenko, que também lutou para que fosse para janeiro, mas, infelizmente, a Receita achou que não havia condições de juntar todos os impostos e criar um mecanismo mais claro

para poder impor. O Senador Marcos Guerra, do Espírito Santo, foi um dos grandes líderes do Senado na busca... Aqui nós temos Mão Santa e Espírito Santo, estamos abençoados de todo jeito aqui.

Tenho essa liberdade de brincar, porque me sinto na sala de visitas da casa de cada um de vocês para conversar. Pena que não dão café para todo mundo aqui, Presidente. Deveriam ter dado um cafezinho para a gente poder discutir melhor.

Nos últimos dias, tive uma grande preocupação com o acidente do avião da Gol e a confusão dos aeroportos. Se os senhores verificarem – se eu estiver enganado, estão presentes o Presidente e o Vice-Presidente da Associação Nacional, assim como a Secretária do Ministério e o Secretário-Executivo, que podem me corrigir; estarei tranqüilo para receber esclarecimentos –, verão que não há nenhum mecanismo legal de indenização pelo sofrimento por que passaram os hotéis com o cancelamento de muitos programas de turismo decorrente do atraso de aviões ou por dificuldade de embarque. Isso causou um prejuízo maior à rede hoteleira. Pelo que sei, a rede hoteleira já está se programando para um feriado mais longo com seis meses ou um ano de antecedência, planejando o que vai oferecer ao seu cliente. Ela faz suas compras, prepara-se para recebê-los, mas, de repente, vê cancelados os seus contratos.

Está-se discutindo o ressarcimento ao usuário desses prejuízos, mas até agora não tenho conhecimento de qualquer discussão sobre ressarcimento à rede hoteleira pelos prejuízos que sofreram durante esse período. Como podemos ter a repetição dos fatos, precisamos de mecanismos, Senador Leonel Pavan, para defender a parte principal, que é a indústria hoteleira, porque o prejuízo é grande. Mas, sem dúvida alguma, temos tempo para corrigir os erros a partir do aprendizado com o sofrimento que se apresentou nessas últimas semanas.

Peço desculpas e quero cumprimentá-los pelos setenta anos. Tenho certeza de que este é um piso a partir do qual se partirá para o engrandecimento dessa indústria tão importante para a economia brasileira.

Parabéns! Que Deus os abençoe e que a rede hoteleira continue a crescer. (Palmas.)

*Durante o discurso do Sr. Romeu Tuma, o Sr. Mão Santa, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Leonel Pavan.*

**O SR. PRESIDENTE** (Leonel Pavan. PSDB – SC) – Lembro ao nosso Senador Romeu Tuma, a respeito do atraso dos vôos, que a imprensa tratou do prejuízo das pessoas que permaneceram nos aeroportos, mas se esqueceu de tratar do prejuízo do setor hoteleiro.

Conversamos ontem sobre a questão. O prejuízo está sendo enorme, para os que pagaram e para os que não receberam.

Permito-me deixar aqui registrado que fui o autor da criação da Subcomissão de Turismo aqui no Senado Federal. Depois também fui o autor para que houvesse uma Comissão Permanente. Presidi a Subcomissão durante um período, e hoje temos uma Comissão Permanente do Senado Federal, que é a Comissão de Desenvolvimento Regional e Turismo.

Também queria fazer uma homenagem ao Michelão, meu amigo do Feijão Amigo. Hoje à noite vai haver um jantar, mas, infelizmente, não poderei participar, porque terei um encontro com o Governador de Santa Catarina. Ele vai viajar e eu gostaria de estar presente. Mas fui homenageado pelo Feijão Amigo em Lisboa, Portugal. Quero agradecer também.

Eu gostaria de mencionar também que, além de todos aqueles que já colaboraram com o turismo, o Senador Mão Santa, que foi Governador do Piauí, tem sido um colaborador nosso aqui na área do turismo.

Concedo a palavra ao próximo orador inscrito, Senador Heráclito Fortes.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (PFL – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Hoteleiros do Brasil, geralmente quem fala a partir do terceiro lugar leva a desvantagem da apropriação do discurso dos que lhe antecedem. O Senador Romeu Tuma, em sua modéstia já conhecida, falou dos dois santos: o Espírito Santo e o Mão Santa; esqueceu-se dele próprio, o Santo Tuma, formando aí a Santíssima Trindade. Mas esse é exatamente um traço da sua vida.

Srs. Hoteleiros do Brasil, já vi, nas palavras abalizadas do Senador Leonel Pavan, hoteleiro por vocação e por sobrevivência, e do Senador Romeu Tuma, que o trabalho que a minha assessoria teve iria por água abaixo. O essencial foi dito aqui. Vou tentar, em um improviso leve, dizer, como Senador da República, mas que, meu caro Gilberto Amaral, só conheceu hotelaria já crescido, porque sou daqueles que foram criados no interior do Piauí, nas pensões, em que a suíte confortável era uma rede de casal, e comecei a ver, pelo Brasil afora e, depois, pelo mundo, o que é hotelaria e o que ela significa em termos de suporte para o desenvolvimento de uma cidade, de um estado, de uma nação.

Por que quero falar de uma maneira descontraída? Porque o principal instrumento de trabalho da hotelaria é o sorriso, o sorriso com que recebe os que batem à sua porta. Não importa se por trás desse sorriso as preocupações se acumulam, pelo excesso de lotação, pela escassez de hóspedes ou pela promissória

que vence; enfim, por todos os problemas inerentes. Mas se sabe que a hotel em que a recepção tem cara fechada o hóspede não volta. É esse talvez o grande instrumento de conquista que o hoteleiro guarda em sua manga.

O Brasil pode não estar entre as maiores redes de hotelaria do mundo. É possível que isso aconteça. Mas tenho certeza, meu caro Pavan, que está entre as mais eficientes em termos de acolhimento e de hospitalidade. É próprio do brasileiro.

Muitas vezes, o esforço dos hoteleiros não é correspondido pelos governos. Lembro-me, na época do “milagre brasileiro”, quando se quis impor por meio da construção de obras suntuosas de hotelaria, muitas vezes convocando para o empreendimento pessoas não vocacionadas para o setor, que foram construídos no Brasil grandes “elefantes brancos”. Erraram nas cidades, nas localizações, verticalizaram os hotéis nas praias, quando a tendência de quem vinha era querer o hotel horizontalizado. Atenderam à ganância de alguns que queriam lucros, mas esqueceram os que viviam exclusivamente do setor.

E aí está o resultado: os que se recuperaram fisicamente foram os restaurados, quando retomados por quem era do ramo. Aliás, o mais grave é que empresários que tinham sucesso em outros setores, ao entrar para o da hotelaria, que não conheciam, se perderam nos dois.

Talvez não exista nenhum país no mundo com tanta vocação para esse setor como o Brasil, por termos aqui, na diversidade de nossas paisagens, turismo para todos os tipos e todos os gostos.

É difícil você ver neste Brasil um só Estado, uma só região que não tenha alguma coisa que atraia não apenas o turista brasileiro, mas principalmente o turista do mundo. E os motivos dessa atração, que às vezes para nós, que com ele convivemos no dia-a-dia e não o valorizamos, possa aparentar banal, para quem vem de fora, enfrentando horas e horas a fio, é de grande valor.

Eu, agora, tive a oportunidade de rasgar de ponta a ponta este País, e fiquei impressionado com o mundo se curvando a Alter do Chão, lá no Pará, a Santa Catarina do nosso Leonel Pavan e do Jorge Bornhausen, ao Delta do Mão Santa e até ao saxofonista tocando valsas às margens de um rio perdido na distante Paraíba.

Vejam como o apressado come cru: a Senadora Serys Slhessarenko já fez cara feia porque eu não citei o Mato Grosso. Deixei exatamente para citar por último. E S. Ex<sup>a</sup>, que vem sempre aqui, meu caro Gilberto, vestida ecologicamente, hoje está pegando fogo.

Eu ia chegar, em sua homenagem, exatamente ao seu Pantanal: o Pantanal das chalanas, o Pantanal dos mistérios. Saiba, Senadora Serys Slhessarenko, que talvez seja a Amazônia o que mais atrai a curiosidade do mundo inteiro.

Mas este é o Brasil. É o Brasil que está nas mãos dos Senhores que comemoram hoje 70 anos de existência, representados por essa Associação. Este é o Brasil que luta, independente de apoio público ou não, para cumprir a sua missão e o seu papel no desenvolvimento do País. Daí por que eu me solidarizar nesta justa homenagem aos hoteleiros brasileiros, por dois motivos: primeiro, pela história, pela luta e pelo sucesso; depois, porque é preciso que no Brasil também se cante as vitórias e o sucesso das pessoas. E que a concorrência se restrinja apenas à capacidade de cada um de, da melhor maneira que julgar conveniente, ocupar os seus espaços vazios, mas que se restrinja a isso e se una na confraternização que vemos hoje. Talvez esse espírito de confraternização é que tenha feito essa instituição sobreviver por 70 anos, cada vez mais forte. Daí por que eu me juntar e me unir, meu caro Pavan, a todos vocês, que, aliás, trabalham talvez na atividade mais sensível que conheço. O médico tem a sensibilidade restrita ao corpo humano; o hoteleiro, além de conviver com a sensibilidade do homem, do bom humor, do mau humor, de ter de adivinhar os pensamentos dele, tem de conviver com as secas, as intempéries, as cheias, a violência urbana, a greve dos aviões, a chuva.

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

**O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – E,** vejam bem os senhores, chamado que sou pelo meu Presidente e obediente que quero ser, vou encerrar as minhas palavras dizendo que os hoteleiros do Brasil estão de parabéns.

Hoje, pela manhã, na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, participei de uma sessão em que se discutia um protesto brasileiro quanto à colocação daquele muro, separando a fronteira mexicana da americana. E eu, na minha maneira franca e clara, ponderei que nós não tínhamos condições de fazer esse protesto, porque fui surpreendido, em momento recente, com um muro na praia de Salvador. Naquela praia, limitava-se a área do povo à área restrita, o que contraria a Constituição, que diz que a praia é do povo. Talvez a praia seja o único divertimento gratuito do povo brasileiro, Gilberto. Mas eu acho que essa forma de protesto é pequena e insuficiente. Se o Brasil quer protestar, que o faça de maneira efetiva, trazendo divisas por meio da abertura dos vistos, para facilitar a entrada de estrangeiros ao País. (Palmas.)

Talvez os gigantes poderosos não se sensibilizem com esse gesto, mas o mundo vai ver que esse é um tapa de luva na prepotência, na arrogância e, acima de tudo, numa medida sem nenhum objetivo prático, porque, depois que o homem criou asas, na intenção genial de um brasileiro, não temos mais fronteiras.

Poderíamos também, de outro lado, diminuir a carga tributária na hotelaria brasileira; já não digo competir com as grandes potências, mas pelo menos competir com igualdade com a Argentina e países vizinhos.

Seria bom que esses 70 anos não ficassem apenas no discurso, mas que fosse o plantio de uma semente; que esta Casa, criadora de leis, começasse a trabalhar nesse sentido, nessa direção. Aliás, a carga tributária não atrapalha somente os hoteleiros, mas os que querem vir para o Brasil, se hospedar nos hotéis e investir na nossa Pátria, mas que recuam diante da realidade que nos castiga, enquanto os arrecadadores, os verdadeiros caça-níqueis, acham que cofre cheio é o que está ao seu lado e não o que circula invisivelmente por todos os quadrantes da Pátria.

Por fim, quero confessar a vocês minha ignorância com o setor. Senti-me acanhado em falar numa sessão presidida por esse *expert*, que é o nosso Leonel Pavan, hoteleiro de Santa Catarina.

Eu sou apenas um curioso. O que aprendi de hotelaria foi convivendo com o Eron, que está ali, quando teve a coragem de, neste Planalto Central, mudar ou iniciar a mudança da feição da hotelaria de Brasília. O Eron era o professor; meu mestre era o Eraldo. Somos mais ou menos da mesma idade. (Palmas.)

E, ao vê-lo hoje presidindo esta entidade, saio daqui confortável, com a certeza de que a persistência e a luta compensam. Eu que, menino, aqui cheguei, vi a sua luta. Ele, menino, levando carão do tio, que investiu muito, e o mandou para a Suíça. Ele chegou aqui achando que conquistaria Brasília primeiro pelas moças, que queriam casar com o sobrinho do Eron. Mas o Eron puxava-lhe as orelhas e lhe dizia: cuida do hotel. Gilberto é testemunha disso.

Ao ver todos aqui, sob a Presidência desse já não tão jovem Eraldo, felicito-os pela coragem, acima de tudo, de lutar contra as marés.

Muito obrigado. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Leonel Pavan. PSDB – SC) – Antes de dar continuidade à lista de oradores inscritos para prestar homenagens à ABIH, quero registrar a presença do Vice-Prefeito do Rio de Janeiro, Otávio Leite, eleito Deputado Federal e que vem reforçar o turismo brasileiro aqui no Congresso. (Palmas.)

Também quero cumprimentar o Vice-Presidente da Caixa Econômica Federal, Fábio Lenza. (Palmas.)

Ressalto ainda a presença de Osvaldo Trigueiro, Presidente da Confederação do Conselho de Turismo da Confederação Nacional do Comércio. (Palmas)

O próximo inscrito é o Senador Garibaldi Alves Filho. (Palmas.)

**O SR. GARIBALDI ALVES FILHO** (PMDB – RN. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Sr. Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, Dr. Eraldo Alves de Brito, Sr. Vice-Presidente, Alexandre Sampaio, autoridades do Governo Federal na área do turismo, Srs. Presidentes das Associações Regionais em cada Estado, senhores hoteleiros aqui presentes, senhoras e senhores agentes de viagem, minhas senhoras e meus senhores:

Neste dia 9 de novembro de 2006, em que se comemoram os 70 anos de existência da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH, não poderia deixar de expressar, aqui desta tribuna, a minha manifestação de júbilo, apreço, conagração com todos os empresários que integram essa meritória entidade civil sem fins lucrativos e que, muitas vezes, com grandes sacrifícios, constroem, operam e lideram os nossos hotéis e pousadas por todo o Brasil.

Fundada em 9 de novembro de 1936, no Rio de Janeiro, por ocasião do I Congresso Nacional da Hotelaria, essa prestigiosa instituição de classe vem prestando crescentes serviços ao seu quadro de associados, sem contudo perder de vista, Sr. Presidente, a solidariedade com a comunidade em que se insere.

Em inúmeros programas de apoio a comunidades mais pobres tem realizado, através dos hotéis associados, expressivos projetos de inclusão social, como doação de enxovais usados a associação de idosos e de menores carentes; fornecimento de refeições a instituições sociais de baixa renda, além de capacitação e absorção de mão-de-obra jovem de bairros e de regiões pobres.

No Rio Grande do Norte – o meu Estado – a situação não é diferente, pois desde o período do meu governo, que se estendeu de janeiro de 1996 a abril de 2002, quando desenvolvemos inúmeras e definitivas ações de infra-estrutura turística, de promoção e *marketing* e de capacitação profissional, sempre senti dos nossos criativos e dinâmicos empresários hoteleiros o mais amplo sentimento de coesão e capacidade de luta, além da visão social dos problemas, colaborando com a comunidade em todos os momentos em que se fizeram necessários.

Entende-se o turismo – e eu entendo também – como uma das principais atividades de geração de emprego e renda do País; um setor produtivo extremamente democrático por abrigar em seu meio todas

as dimensões e características de empreendedor, que vai do grande *resort* à pequena lanchonete, por exemplo. Sempre priorizei o turismo, como governante e agora como Senador, por saber o seu caráter indutor, quase mágico, de criar oportunidades de trabalho na comunidade local.

Abrimos os céus do Rio Grande do Norte aos vôos internacionais, pois não contávamos com nenhum, e hoje o meu Estado recebe turistas e investidores de dezenas de países de todo o mundo.

Sr. Presidente, valeu a pena, não para receber os aplausos que o Senador Heráclito Fortes já recebeu, mas para dizer que, da mesma maneira como abrimos os céus para o vôos internacionais, devemos abrir as nossas fronteiras no que toca ao visto de entrada (Palmas), para recebermos sobretudo os turistas americanos, que, sem essa facilidade, jamais virão em grande número, como se espera em nosso País.

Haja vista que os Estados Unidos têm a possibilidade de incrementar imediatamente, se isso pudesse ser flexibilizado, a receita do nosso turismo em US\$400 milhões.

Estou aqui me valendo hoje das estatísticas que me foram apresentadas pelo Dr. Pedro Fortes, que me visitou com Sérgio Gaspar e Enrico, nosso Presidente da ABIH, e que me fez compreender, exatamente como disse o Senador Heráclito Fortes, que a hora não é apenas das palavras que homenageiam a ABIH, mas a hora é, sobretudo, de o Congresso Nacional tratar de aprovar os projetos que flexibilizam o visto.

Não se pode dizer que isso não foi debatido porque debatido já foi. Na Câmara, o projeto do Deputado Cadoca foi aprovado na Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional. Durante o processo de aprovação, realizou-se audiência pública, se não me engano, porque não pertença à Câmara dos Deputados. Mas o Senado também tem projeto de igual teor, com o mesmo objetivo, de autoria do Senador Paulo Octávio.

Quer dizer, projetos não faltam, discussão também não tem faltado. O que está faltando é ação, determinação e vontade de enfrentar os obstáculos que nascem até mesmo na diplomacia brasileira, que se mostra inconformada com relação ao que acontece ou ao que vai acontecer com a flexibilização dos vistos.

Sr. Presidente, numa palavra final de congraçamento e apoio à ABIH, aos agentes de viagens, aos operadores de turismo que tanto contribuem para a ABIH e para o turismo do nosso País: como é que se estabelece uma meta para receber 9 milhões de turistas estrangeiros em 2007? Sem se tomarem medidas dessa ordem, nós vamos continuar marcando passo, se os projetos não estiverem atendendo a determina-

dos aspectos que se os aperfeiçoem. Os autores, eu tenho certeza – eles não estão aqui presentes – são os primeiros ou seriam os primeiros a realmente colaborar para esse aperfeiçoamento por meio de emendas.

Para encerrar, Sr. Presidente, eu queria ressaltar aqui a presença do novo Presidente da ABIH, do Rio Grande do Norte, porque santo de casa também faz milagre. E eu, na qualidade de Senador do Rio Grande do Norte tenho que puxar a brasa para minha sardinha.

Tenho que puxar a brasa para a minha sardinha. Preciso homenagear o meu Estado, que tem na ABIH este jovem promissor, Enrico Fermi, e também já teve também Sérgio Gaspar.(Palmas.)

Eu os estou destacando porque eles são um exemplo da competência com que atuam todos os senhores que estão à frente das ABIHs de todo o País. Meus parabéns!

Aqui no Congresso, vou associar-me ao nosso Presidente, que infelizmente se despedirá de nós no final de dezembro, para assumir o cargo de Vice-Governador do Estado de Santa Catarina. Acredito que até lá, nesta Legislatura alguma coisa ainda poderá ser feita.

Diz-se muito que o Congresso decide lentamente; quando quer; quando não quer, decide rapidamente ou, diria, pragmaticamente – não é para rimar. Quando o Governo quer, às vezes, decide mais do que rapidamente; decide urgentemente. Eu não diria que este Congresso é subserviente, porque todos sabem que o Congresso tem-se mostrado altivo, altaneiro, independente, e poderá dar uma demonstração disso vencendo essas barreiras que fazem com que o nosso turismo não caminhe como deveria. Eu quero – não vou fazer um comercial, não, mas...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. GARIBALDI ALVES FILHO(PMDB – RN)**  
– É uma censura branda, mas... (Risos.)

Eu não vou fazer comercial, não, mas o Sr. Virgílio, diretor da CVC, me disse uma coisa gratificante que eu já sabia, e ele me confirmou. Eu vou citar o dado da CVC. Talvez algumas outras operadoras fiquem constrangidas, porque, afinal de contas – não estou fazendo um comercial –, estou fazendo um comercial do meu Estado. O Rio Grande do Norte, segundo ele, é o terceiro Estado...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. GARIBALDI ALVES FILHO(PMDB – RN)**  
– Olhe! Microfone assim pode ser alvo de uma violência! (Risos.)

O Rio Grande do Norte é o terceiro Estado do Nordeste que mais recebe turistas. O primeiro é a



Bahia; o segundo, o Ceará; o terceiro, o Rio Grande do Norte. (Palmas.) Sem dúvida, se resolvêssemos esse problema do visto, essa barreira que se antepõe ao turismo – fala-se do problema da soberania –, nós teríamos uma estatística muito mais generosa.

Muito obrigado. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Leonel Pavan. PSDB – SC)

– O Senador Garibaldi é um dos Senadores mais tranquilos desta Casa, mas eu senti que ele ia “quebrar o microfone”. Quero só explicar: a campainha toca automaticamente, mas sempre concedemos um minuto a mais para o pronunciamento. Eu senti que ele ia “arrebentar o microfone” e lhe disse que poderia falar à vontade.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (PFL – PI) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Leonel Pavan. PSDB – SC)

– Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Heráclito Fortes.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (PFL – PI. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – A rigidez com que V. Ex<sup>a</sup> preside esta sessão, nunca foi vista nesta Casa. Ninguém antes ousou ser tão rígido como V. Ex<sup>a</sup>.

Gostaria apenas de fazer uma proposta aos hoteleiros, que talvez fosse a parte central do meu pronunciamento – aqui vou ser mais objetivo –, mas eu esqueci por culpa sua, Presidente, hoteleiro que é.

Eu queria propor aos hoteleiros aqui presentes, e o Eraldo sabe muito bem o porquê, que se fizesse um livro sobre gafes e saias justas nos corredores de um hotel. (Risos.) Faz-se uma seleção.

Tenho certeza, Eraldo, que teremos uma das publicações mais leves, mais curiosas e mais interessantes que já tivemos oportunidade de ver.

Sugiro até que coordene esse trabalho o Gilberto Amaral, não só pela sua experiência, mas por ter sido uma das grandes vítimas de gafes ao longo da vida nos hotéis. Há, Sr. Presidente, episódios imperdíveis como o de certo ex-Presidente da República que entrou no hotel do Eraldo todo fantasiado, mascarado, com óculos, para não ser reconhecido, mas o arqueamento característico das suas pernas fazia com que ao terceiro passo todos soubessem quem era.

Há, também, o caso do parente do nosso último orador – não vou dar o nome –, que, pelo sestro que tinha no olho, levou o gerente do hotel do Eraldo a tomar providências graves contra ele para protegê-lo, e na realidade era uma coisa totalmente diferente. Há casos tristes e casos alegres. Tenho certeza de que será uma publicação interessante.

É uma proposta que faço, Eraldo. Você, com sua dedicação e organização – peça a colaboração do Brasil inteiro –, tenho certeza, fará um bom trabalho.

Esse livro vai ser maior do que o **Guinness**. Você pode fazer um volume por ano.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Leonel Pavan. PSDB – SC)

– Dando continuidade à sessão, vou conceder a palavra à última oradora, que falará em nome do Governo e, certamente, vai trazer algumas novidades vindas do Governo que vão enriquecer esta homenagem.

Concedo a palavra à Senadora Serys Slhessa-renko.

**A SR<sup>a</sup> SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT.

Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Antes de mais nada, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, senhores que compõem a Mesa, senhores representantes do setor hoteleiro, do turismo, senhores representantes das instituições governamentais, eu poderia começar dizendo meus senhores, mas quero dizer primeiro minhas senhoras, porque, infelizmente, a participação das mulheres ainda é muito pequena. Basta ver aqui, agora, a dificuldade para uma mulher conseguir usar da palavra. Poucas mulheres estão aqui. Com certeza, são mulheres batalhadoras nessa área. Por isso, quero fazer uma saudação especial a todas as mulheres desses setores. (Muito bem! Palmas)

Vou começar dizendo: parabéns! É dia de aniversário. Parabéns aos senhores! Parabéns às senhoras!

Escrevi o meu discurso porque se eu fosse falar de improviso, demoraria muito. Este momento é muito importante porque mostra o valor que o Senado da República atribui a esse setor, tanto que faz uma sessão especial para homenagear a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis.

Não tenho dúvida, senhoras e senhores, de quão interligados estão – ninguém tem dúvida disso – o setor hoteleiro e o turístico. O turismo – também não tenho dúvida disso –, é o grande potencial de que o país dispõe para dar o salto de desenvolvimento.

O Presidente Lula, de forma muito lúcida e consciente, criou o Ministério do Turismo e colocou à frente dele o Ministro Mares Guia, um exemplo de competência. Não é do meu Partido, mas reconheço a competência que Mares Guia tem nessa área. (Muito bem! Palmas). Não vou falar de dados, até porque não me atraem. Os dados sobre o turismo são do conhecimento de todos.

O turismo deu um salto em todos os sentidos, tanto no que diz respeito ao volume de recursos como quanto ao número de turistas que vêm ao Brasil nos últimos tempos, a partir da criação do Ministério do Turismo.

Conhecemos a contribuição significativa do Senador Pavan e do Senador Paulo Octávio, que foram respectivamente Vice-Presidente e Presidente da Sub-

comissão de Turismo à época em que foi criada. Eu fui membro constituinte. Foi grande mesmo a contribuição que a Subcomissão de Turismo, desde o seu início, deu. Agora já há no Senado uma Comissão de Turismo. Não se trata só da Comissão de Turismo, mas da contribuição que o Senado vem dando à questão.

Eu diria que vários aspectos têm que ser tratados e cuidados: aspectos de grande vulto e aspectos de pequena envergadura. Não vou citar todos. Vou exemplificar apenas alguns. Existem questões por dentro e questões por fora que têm que ser discutidas. Quanto às questões que estão por dentro, não vou discuti-las com os senhores e com as senhoras. São questões relacionadas com a indústria hoteleira. Os senhores conhecem a questão por dentro e, por conseguinte, são os senhores e as senhoras que sabem como tratá-la. Eu não sei. Posso até discutir algumas questões, mas, como não as conheço, não vou ficar dando palpites nesta tribuna agora.

Mas, por ora, eu diria que há questões relativas à legislação, algumas já colocadas aqui. Temos que assumir o nosso papel determinante como Parlamentares. Há questões importantíssimas: visto de entrada, impostos, preparo de pessoal.

Costumo dizer que temos um potencial turístico tão grande, tão grande, neste País – e daqui a pouco vou falar um pouquinho do meu Mato Grosso. É claro que eu não vou deixar de falar, não é Heráclito? Lógico. Não vou deixar de falar do meu Mato Grosso, mas falo do Brasil como um todo. O potencial é tão grande e tem tanta gente do mundo inteiro querendo vir para cá que é preciso preparar o pessoal de dentro da indústria hoteleira e do turismo e, por fora como um todo, cuidar da estruturação da educação – questões que precisam ser pensadas com rapidez.

Quero saber quantas pessoas neste País falam mandarim. E a China tem quantos milhões? Aliás, contamos em bilhões os chineses. Quantos estão querendo fazer turismo no Brasil? Mas é impossível, porque se abríamos essa questão agora ninguém dá conta.

Estou apenas citando um exemplo de questões por fora. São, na realidade, questões mais amplas que têm que ser tratadas e cuidadas. Estou só citando um exemplo aqui. Há outros para serem citados.

Quando eu perguntei quantas pessoas falam mandarim no Brasil, não significa que falar o mandarim seja de extrema importância e relevância para receber os chineses. Mas é óbvio que é também. Claro que é. Mas não é só isso. Há muita coisa mais, mas muita coisa mais! Vejo lá pelo meu Mato Grosso.

No meu Mato Grosso tem Pantanal? Tem Pantanal. Tem Chapada dos Guimarães? Tem Chapada dos Guimarães. Mato Grosso do Sul tem Bonito. O nosso

Mato Grosso, que não é o do Sul, é o Mato Grosso de Cuiabá, tem muitos Bonitos. Não é um Bonito, tem muitos Bonitos, tem vários Bonitos, só que ainda precisam ser organizados. Ou seja, o potencial é gigantesco. Mato Grosso, quando se abrir para o turismo, ninguém segura. E não são apenas as belezas naturais, que são fantásticas. Quem mais tem Pantanal, a não ser o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul? Quem mais tem Chapada dos Guimarães? O turismo, em todas as suas formas, lá é possível.

Outro dia eu andava por um interiorzão muito longe – muito longe da capital, porque lá temos municípios a 1.500 quilômetros da capital –, por municípios bastante distantes da capital e passamos intempestivamente, de passagem literalmente, por um dos municípios e tinha uma cachoeira belíssima; logo adiante, uma lavoura fantástica de algodão em plena flor. É claro que tem que organizar temporadas, mas quem não quer ver? Que estrangeiro, que nunca viu um algodão em flor, não quer ver? Os senhores já viram uma lavoura de algodão em flor? Tudo bem, muitos já viram talvez o branco, mas lá tem de cinco cores, tem algodão colorido. Já é difícil alguém ver lavouras de extensão brancas, imaginem coloridas? Só citando exemplos, Senador Efraim.

Pode-se organizar trilhas turísticas, mas é necessário infra-estrutura.

Em Porto dos Gaúchos, visitei a casa do primeiro desbravador da região. Uma coisa fantástica! Pela manhã, em torno de 70 araras coloridas, imensas, gigantescas, vão tomar o café da manhã. Vocês já imaginaram ver 70 araras coloridas voando e cantando às sete horas da manhã, exatamente às 7 horas da manhã?! Como elas tomam café, não vou contar, porque demora muito tempo. O mundo quer ver essas coisas. Isso não é em qualquer lugar que existe. É no Brasil, e, mais especificamente, no meu Mato Grosso.

Costumo ser disciplinada, porque fico uma arara quando a turma passa do tempo e há outros Senadores querendo falar. Tenho um respeito enorme pelos outros que querem falar também, porque não é um direito só nosso. Concluo dando os parabéns e dizendo que todas as categorias, tanto a categoria da indústria hoteleira como outras afins, estão realmente com sucesso garantido, porque não só têm o potencial de contribuir para mostrar o Brasil para o mundo como têm política essencial que pode ser desenvolvida. Eu diria: este País precisa de geração de emprego. Precisamos gerar emprego neste País, e a indústria hoteleira e a “indústria do turismo” são o maior potencial possível de indústria limpa, gerando grande quantidade de empregos neste País.

Parabenizo os senhores. São um sucesso. Muito obrigada. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Leonel Pavan. PSDB –SC) – Definitivamente, as mulheres são mais disciplinadas.

Vou encerrar esta sessão de homenagem à ABIH, mas antes quero dizer ao Senador Heráclito Fortes que concluirei este meu mandato de quatro anos sempre usando a postura democrática. Estou presidindo esta sessão importante hoje. Meu mandato termina no final de dezembro, e talvez seja hoje um dos dias mais importantes da minha passagem pelo Senado, porque presido uma sessão onde se fala de turismo. Não sou empresário do ramo de hotelaria. Tenho um hotel fazenda pequeno. Mas sou profissional do turismo e fui Prefeito por três vezes da Cidade de Balneário Camboriú e dediquei-me a essa área. Talvez isso seja o que me faça sentir orgulhoso de presidir esta sessão.

Realizou-se aqui no Congresso Nacional uma videoconferência, a qual presidi, com o Secretário de Turismo do Brasil, quando discutimos a nova Lei Geral do Turismo, que é muito importante para definir as metas e os rumos do turismo no Brasil, a qual deverá ser aprovada pelo Congresso Nacional.

Também realizamos uma audiência pública, que também presidi, com a presença do Ministro Walfrido dos Mares Guia, para discutirmos a questão do visto de entrada no Brasil. O Governo não se entendeu naquele dia: um setor é contra, e o Ministro Walfrido é a favor, como todos aqui somos a favor. (Palmas.)

Defendemos muito que, realmente seja revista essa questão.

Para encerrar, quero agradecer e cumprimentar, mais uma vez, o ilustríssimo Sr. Alexandre Sampaio, Vice-Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – Nacional. Ontem ele me ligou umas três vezes, lembrando-me de um almoço. Infelizmente, eu não pude ir a esse almoço. Mas, hoje eu tive a felicidade de almoçar com todos os senhores. Ele é nosso amigo, um competente empresário, um homem dedicado a esse ramo e a quem devemos muito.

Agradeço também ao Sr. Eraldo Alves da Cruz, Presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – Nacional. Cumprimento o meu amigo Luiz Nunes, os Srs. Senadores, as Sr<sup>as</sup> Senadoras e todos os que, hoje, estão sendo homenageados, as ilustríssimas senhoras e senhores Presidentes da Indústria de Hotéis nos Estados.

A Presidência agradece a presença das autoridades civis, militares e diplomáticas que nos honraram com suas presenças. Meus parabéns a todos.

Suspendo a sessão para os cumprimentos merecidos por esta data e, em seguida, ser realizada a sessão solene do Congresso Nacional.

Muito obrigado e meu abraço a todos.

**O SR. PRESIDENTE** (Leonel Pavan. PSDB –SC)

– Os Srs. Senadores Paulo Octávio e Arthur Virgílio enviaram discursos à Mesa alusivos ao presente evento para serem publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o inciso I e o § 2º do art. 210 do Regimento Interno.

S. Ex<sup>as</sup> serão atendidos.

**O SR. PAULO OCTÁVIO** (PFL – DF. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores:

70 anos da Associação Brasileira da indústria de hotéis

Caro Eraldo Alves da Cruz, Presidente da ABIH – Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, em primeiro lugar, gostaria de saudar aqui a iniciativa do senador catarinense Leonel Pavan, autor do requerimento desta sessão comemorativa do Dia do Hoteleiro, que se comemora hoje, 9 de novembro, junto com o aniversário da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis.

Saúdo também os Senadores Heráclito Fortes, César Borges, Eduardo Azeredo, Gilberto Mestrinho, Flexa Ribeiro e Garibaldi Alves Filho que, junto comigo, apoiamos imediatamente esta iniciativa.

Tudo isso é importante, porque o mundo faz turismo.

Anualmente, 715 milhões de pessoas viajam por lazer ou por negócios cruzando o planeta Terra do sul ao norte, do leste ao oeste.

O turismo é um setor da economia que movimenta mais dinheiro do que a indústria automobilística ou a de telecomunicações.

A criação do Ministério do Turismo, um ministério específico para o segmento, pelo Presidente Lula, e o seu fortalecimento ao longo desses últimos anos, foi resultado do Congresso Brasileiro da Atividade Turística, que tive a honra de presidir quando era presidente da Comissão de Turismo da Câmara dos Deputados.

Este é um assunto que me fascina e me entusiasma muito.

Por isso, é com grande alegria que estamos vivenciando hoje, nesta casa, os 70 anos de atividades da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH -, entidade de fundamental importância para este segmento.

É por intermédio desta tradicional associação que podemos, entre outras iniciativas, dimensionar de forma mais precisa o cenário da hotelaria nacional e, assim, construir propostas de políticas públicas para o turismo cada vez mais avançadas, com informações detalhadas e seguras.

Sabemos que isso é realmente uma missão árdua. Afinal, o Brasil é um país de dimensões continentais,

com inúmeras diferenças sociais, econômicas, étnicas, geográficas.

Mas a ABIH está dando conta do recado.

Estas informações nos chegam por intermédio da publicação Estatísticas da Hotelaria Nacional, pesquisa desenvolvida pela Editora Abril e apresentada no Guia Quatro Rodas, e também pelo Anuário ABIH 2005.

Iniciativas como esta, servem para fortalecer o Plano Nacional do Turismo, cuja meta principal é gerar um milhão e duzentos mil empregos nos próximos anos, aumentando para 9 milhões o número de turistas estrangeiros até 2007 e gerar US\$ 8 bilhões em divisas, aumentando para 65 milhões o número de embarques domésticos.

Mas mesmo assim, Senhoras e Senhores, temos gargalos que bloqueiam o desenvolvimento do nosso turismo e que precisam ser encarados, agora que há um entrosamento como nunca houve entre Executivo e Legislativo.

Entre os bloqueios que precisamos enfrentar destacamos, em primeiro lugar, a atual carga tributária, que saltou de 25 para quase 40 % do PIB, alta que estimula o contrabando, a sonegação, a evasão fiscal e o comércio clandestino.

E aí está o desafio do problema da aviação civil brasileira, que depois dos problemas com a nossa tradicional Varig, cujas soluções ainda estão em curso junto ao mercado, enfrentamos recentemente o colapso dos controles de voo, com transtornos para milhões de turistas brasileiros e estrangeiros, além de prejuízos imensuráveis para as empresas aéreas e para outros segmentos da economia brasileira.

A aviação civil brasileira tem sido objeto de intensos debates em função de sua grave crise financeira e estrutural, que pode comprometer o desempenho do setor de turismo, ao ponto de inviabilizar o Programa Nacional de Turismo lançado pelo Governo Federal.

Outro gargalo que prejudica o nosso turismo é a não isenção do visto para os turistas estrangeiros.

Aliás, o turismo é uma atividade que não pode enfrentar bloqueios.

Recentemente, no Congresso da ABAV, o presidente Lula cometeu um equívoco quando declarou que o Brasil não iria dispensar o "Visto" para os norte-americanos que nos visitam, como quer o setor de turismo, em obediência ao chamado "princípio da reciprocidade", já que os Estados Unidos exigem de nós tratamento semelhante.

Ocorre que, se o Presidente da República deseja impulsionar a economia brasileira e colocar o turismo

nas páginas de economia dos jornais, é importante rever este princípio, e quebrar paradigmas.

Um Barão do Rio Branco no Itamaraty já teria mudado esta doutrina que só nos prejudica. Um princípio diplomático só pode ser bom se é do nosso interesse.

Por isso, o nosso projeto de lei que já foi aprovado na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania em decisão terminativa e já se encontra na Câmara dos Deputados, que isenta de vistos, a critério dos Ministérios da Justiça e das Relações Exteriores, os turistas estrangeiros de países com os quais temos excelente relacionamento e que não oferecem qualquer risco à segurança do País.

Enfim, a luta é árdua, mas não desanimamos e pregamos ações proativas para o desenvolvimento do turismo nacional.

Tudo é válido para que o turismo seja um segmento importante do nosso PIB e ajude a gerar empregos e renda para o nosso País.

Volto a parabenizar a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis pela sua participação na construção deste segmento fundamental ao desenvolvimento do País, recebendo turistas em suas casas, programando passeios, lazer, cultura, negócios, entendimentos entre seres humanos na busca de harmonia coletiva e paz para todos.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado,

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, em primeiro lugar, saúdo a iniciativa desta homenagem do Senado da República à Associação Brasileira da Indústria de Hotéis-ABIH.

Se o turismo é, no mundo inteiro, a atividade de maior crescimento, os hotéis representam indispensável parcela da infra-estrutura que permite o desenvolvimento dessa indústria.

A saudação é extensiva ao ilustre Senador Leonel Pavan, de quem partiu a iniciativa.

Não poderia ter sido de outro Senador o gesto. O Senador Pavan é autoridade indiscutível em Turismo, ele que foi Prefeito por três vezes de um dos Municípios de maior atração turística do Brasil, o Balneário Camboriú, pérola encantada do privilegiado e extenso litoral brasileiro.

Como Camboriú, temos outros pontos de interesse turístico, desde a praia, por exemplo, de Navegantes, passando pelo elenco de praias paradisíacas do litoral catarinense que se abre para o Mar -, cruzando o pequeno litoral do Paraná, onde desponta a Ilha do

Mel, o nosso fantástico santuário tombado pelo Patrimônio Histórico do Estado.

Antes de deixar Santa Catarina, não seria possível não mencionar a ilha encantada de Florianópolis, que alguns chamam de Floripa, outros de Flops. Floripa ou Flops, ela é praia, é ilha e confunde-se com continente. E resume-se numa frase: É Florianópolis, tida como a melhor cidade do abençoado Brasil.

Mas não é só. A orla paulista tem tantas e maravilhosas praias, no chamado litoral Sul, como a encantadora Guarujá, e, no espetacular litoral Norte, Caraguatatuba, Ubatuba e Ilha Bela, cujo nome, o desta última, é modesto, pois ela é Ilha de Encantos e Maravilhas.

Mais adiante, toda a constelação de praias em direção ao litoral fluminense, no qual se destacam, a partir da orla paulista, Parati e Angra dos Reis, para atingir a Região dos Lagos, com Saquarema, Arraial do Cabo, Cabo Frio e Búzios, não sem dizer que entre a parte Sul e a parte Norte, emerge o próprio Rio, três letrinhas que definem a mais bela cidade do mundo.

A partir do litoral fluminense, uma sucessão de tantos outros e maravilhosos lugares do nosso litoral, começando pelas praias de Guarapari e Piúma, além de outras, da terra capixaba.

E, logo a seguir, o Sul da Bahia, que tem – o Estado todo – uma das mais extensas orlas do privilegiado litoral brasileiro, com Porto Seguro, Arraial d'Ajuda, Prado, Itacaré, Ilhéus, além das da parte Norte, como Morro de S. Paulo e Praia do Forte, além da inconfundível Salvador, a Terra Encantada que sempre convida a um retomo. E segue-se a Linha Verde, com mais praias maravilhosas. Não se pode deixar de mencionar a Costa do Sauípe.

Sergipe encanta com Atalaia e seu mar convidativo.

Alagoas confunde-se com beleza. Por isso, tem o nome de Costa da Esmeralda, além da Praia do Francês, Barra de S. Miguel e Pajuçara (em Maceió).

Pernambuco tem praias para todos os gostos, desde a Boa Viagem, que se une a Piedade, quase que formando uma cidade-gêmea da Capital. E entra orla adentro, com Porto de Galinhas e Olinda com sua mágica Maria Farinha e tantas outras.

Paraíba tem, na Capital, João Pessoa, a fantástica Praia de Tambaú, ponto obrigatório para o turista de bom gosto.

O Rio Grande do Norte é capítulo à parte. A Grande, Muito Grande Natal, esbanja beleza na Via Costeira, acompanhando a Praia de Ponta Negra, mergulha em praias no Litoral Sul, com Nísia Floresta, Pirambúzios e

Pirangi do Sul. Pirangi repete-se com a Pirangi do Norte. E a viagem segue, encontrando Pipa, para chegar quase na divisa com o Ceará, à Praia do Gostoso ou Praia do Marco, onde até há pouco não havia nem luz elétrica, mas que, desde então esbanjava maravilhas, como continua exuberantemente bela.

São Luís é História misturada a beleza, com praias também inesquecíveis. E o Ceará, que começa com Jericoaquara, exhibe outras que só fazem encantar.

No Pará, a Praia do Mosqueiro e a Ilha de Marajó, lembram que o território brasileiro vai encontrar no meu Amazonas praias maravilhosas de Rio, mas não de um simples Rio, é o Rio Mar, com todos os encantos da Praia de Ponta Negra. E nosso, é da Amazônica, o magestoso rio Negro, com suas águas mansas margeando a cidade de Manaus e boa parte do nosso Estado.

Ademais, o Amazonas não se resume ao encanto dessa praia. O Amazonas e a Amazônia são pontos deslumbrantes de turismo, a começar pela Grande Floresta, reserva estratégica brasileira, orgulho do Brasil, que nela tem o seu futuro.

Para ser justo, teríamos que contemplar também as regiões de serras, que são tantas, a começar por Campos do Jordão, em São Paulo, e, no outro lado da Serra da Mantiqueira, Monte Verde, a Campos do Jordão de Minas Gerais. E já aí falei em Minas. Seria injusto não mencionar nossa grande terra interiorana, com suas cidades históricas, de Ouro Preto, Mariana e Sabará à encantadora Diamantina, no Vale do Jequitinhonha.

Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, como Goiás e o Tocantins, o Acre e Rondônia, além dos dois Estados no extremo Norte, Amapá e Roraima, em todos há maravilhas e parques de beleza invulgar.

Enfim, esse é o desenho de um Brasil, que tem tudo, mas tudo mesmo, para se tomar o ponto turístico mais importante do mundo.

Assim, para encerrar, repito que o Brasil dispõe dessas maravilhas todas da natureza. Nelas, a avançada que propulsiona o turismo é representada pela rede hoteleira.

Hoje, nossos hotéis espalham-se por todo o território e somam mais de 20 mil.

Saúdo a rede hoteleira nacional, seus dirigentes e funcionários, ao ensejo dos 70 anos bem vividos da Associação Brasileira da Indústria Hoteleira. Uma indústria e tanto, que produz riqueza e enseja entretenimento e alegrias aos brasileiros e aos estrangeiros que nos visitam.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Leonel Pavan. PSDB – SC)

– Está suspensa a sessão.

*(A sessão é suspensa às 15 horas e 31 minutos e reaberta às 17 horas e 33 minutos.)*

*O Sr. Leonel Pavan, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Renan Calheiros, Presidente.*

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB

– AL) – Está reaberta a sessão do Senado Federal.

**O SR. LUIZ OTÁVIO** (PMDB – PA) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra ao Senador Luiz Otávio.

**O SR. LUIZ OTÁVIO** (PMDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, gostaria de incluir hoje na pauta apenas uma retificação no parecer de ontem da votação da Lei Geral da Micro e Pequena Empresa.

Preciso fazer uma retificação. Já falei com o Dr. Carreiro, Secretário-Geral da Mesa, e estou cumprindo o Regimento da Casa.

Nesse sentido, o Deputado Luiz Carlos Hauly me procurou. Tenho, inclusive, aqui a retificação a ser feita. Vou ler o texto. Mantém-se o art. 22, e, no art. 3º, inciso II, retifica-se, para que seja lido desta forma:

II – nas hipóteses de tributação simplificada, a que se refere o parágrafo único do art. 146 da Constituição Federal, e em outras situações, em que se dispensem os controles de entrada, considerar-se-á como valor adicionado o percentual de 32% (trinta e dois por cento) da receita bruta.

Essa retificação precisa ser feita, porque o projeto ainda será votado na Câmara Federal. O próprio Deputado Luiz Carlos Hauly conversou, inclusive, com o Senador Heráclito Fortes e com o Senador Osmar Dias, mostrando a importância de, na verdade, fazer essa retificação, como estou fazendo neste momento.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – A correção solicitada por V. Exª, Senador Luiz Otávio, constará da redação final, na forma do Regimento Interno da Casa.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Comunico às Srªs e aos Srs. Senadores que a sessão da próxima segunda-feira, dia 13, será deliberativa ordinária e a de quinta-feira, dia 16, não-deliberativa.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido e aprovado o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 1.114, DE 2006**

Requeiro, nos termos do artigo 40 combinado com o artigo 13 do Regimento Interno do Senado Federal, com a redação dada pela Resolução nº 37, de 1995, que seja considerada como desempenho de missão no exterior, minha participação no dia 10 de novembro do corrente na Reunião da Mesa Diretora da Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul, convocada no exercício da Presidência **pro tempore** pelo Brasil, que se realizará na cidade de Montevidéu, no Uruguai. Estarei ausente do País para participar do referido evento no período de 9 a 11 do corrente mês.

Sala das Sessões, 9 de novembro de 2006. – Senador **Sérgio Zambiasi**.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Sobre a mesa, requerimentos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

#### **REQUERIMENTO Nº 1.115, DE 2006**

Requeiro, nos termos da lei, inserção em ata de voto de pesar às famílias das seis crianças com idades entre 9 e 12 anos que morreram afogadas terça-feira passada em São José, na Grande Florianópolis – SC, após caírem de um pedacinho em uma lagoa. Os três meninos e três meninas já foram identificados por parentes ou amigos, mas os nomes ainda não foram divulgados.

Sala das Sessões, 9 de Novembro de 2006. – Senadora **Ideli Salvatti**.

#### **REQUERIMENTO Nº 1.116, DE 2006**

Requeremos, nos termos do art. 218 do Regimento Interno e de acordo com as tradições da Casa, as seguintes homenagens pelo falecimento do músico Mano Zan, autor, dentre outras centenas de composições, do hino dos 450 anos da cidade de São Paulo, e da música “Chalana”, considerada o “hino de Mato Grosso do Sul”:

- a) inserção em ata de voto de profundo pesar;
- b) apresentação de condolências à família.

Sala das Sessões, 9 de novembro de 2006, – Senador **Delcídio Amaral**, Senador **Ramez Tebet**, Senador **Juvêcio da Fonseca**.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – A Presidência encaminhará os votos solicitados. Os requerimentos vão ao Arquivo.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 1.117, DE 2006**

**Solicita informações ao Sr. Ministro de Estado-Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre indícios de pagamentos atípicos realizados pela**

### **Secretaria Nacional de Juventude, relativos a diárias e passagens.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas ao Sr. Ministro de Estado-Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República informações sobre os pagamentos efetuados à Secretaria Nacional de Juventude a título de viagens, tais como passagens aéreas, rodoviárias ou ressarcimentos pelo uso de veículo particular, diárias, gastos com cartões corporativos, e qualquer outro tipo de despesa realizada com o deslocamento e pernoites, indicando o nome e CPF dos beneficiários, o período de deslocamento, a forma de deslocamento e o meio de hospedagem nos anos de 2003, 2004, 2005 e 2006.

#### **Justificação**

Tendo em vista que foi detectado no Siafi uma série de pagamentos atípicos e sem justificativas convincentes, relativos a diárias e passagens, realizados pela Secretaria Nacional de Juventude, bem como denúncias realizadas por servidores públicos, cabe ao Senado Federal, em função de suas atribuições fiscalizadoras, buscar as informações necessárias para apurar a legalidade dos gastos efetuados.

Sala das Sessões, 9 de novembro de 2006. – **Senador Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O requerimento que acaba de ser lido será despachado à Mesa para decisão, nos termos do art. 216, III, do Regimento Interno.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Encerrou-se ontem o prazo para apresentação de emendas às seguintes matérias:

- **Projeto de Lei da Câmara nº 27, de 2006** (nº 819/2003, na Casa de origem), que denomina “Rodovia Ministro Alfredo Nasser” a rodovia BR-174, entre a cidade de Cáceres – MT e a fronteira com a Venezuela ; e
- **Projeto de Lei da Câmara nº 73, de 2006** (nº 4.526/2004, na Casa de origem), que institui o Dia Nacional do Notário e do Registrador.

Aos projetos não foram oferecidas emendas.

As matérias serão incluídas em Ordem do Dia oportunamente.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Esgotou-se ontem o prazo previsto no art. 91, § 3º, do Regimento Interno, sem que tenha sido inter-

posto recurso, no sentido da apreciação, pelo Plenário, das seguintes matérias:

- **Projeto de Lei do Senado nº 265, de 2003**, de autoria do Senador Tasso Jereissati, que altera o art. 49 da Lei nº 8.171, de 17 de janeiro de 1991, com o objetivo de incluir como beneficiários de crédito rural os arrendatários de terras, os parceiros, os consórcios e os condomínios de produtores rurais, bem como os quilombolas;
- **Projeto de Lei do Senado nº 41, de 2004**, de autoria do Senador Rodolpho Tourinho, que altera a Lei nº 9.250, de 26 de dezembro de 1995, que altera a legislação do Imposto de Renda das pessoas físicas e dá outras providências, para fixar prazo e encargos financeiros relativos ao valor a restituir do Imposto de Renda das pessoas físicas pago a maior (tramitando em conjunto com o Projeto de Lei do Senado nº 131, de 2004);
- **Projeto de Lei do Senado nº 131, de 2004**, de autoria do Senador Pedro Simon, que fixa prazo para restituição do Imposto sobre a Renda e Proventos descontado na fonte, e dá outras providências (tramitando em conjunto com o item anterior); e
- **Projeto de Lei do Senado nº 173, de 2006**, de autoria do Senador Eduardo Azeredo, que institui o Dia Nacional do Pesquisador.

Tendo sido apreciados terminativamente pelas Comissões competentes, os Projetos de Lei do Senado nºs 265, de 2003; 41, de 2004; e 173, de 2006, aprovados, vão à Câmara dos Deputados, e o de nº 131, de 2004, prejudicado, vai ao Arquivo.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Sobre a mesa, ofícios que passo a ler.

São lidos os seguintes:

OF/GAB/I/Nº 780

Brasília, 9 de novembro de 2006

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência que o Deputado Nelson Trad passa a participar, na qualidade de Suplente, da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito destinada a apurar as denúncias envolvendo a “Operação Sanguessuga”, realizada pela Polícia Federal para investigar quadrilha que atuava na aquisição fraudulenta de insumos estratégicos para a saúde, em substituição ao Deputado Gervásio Oliveira.

Por oportuno, renovo a Vossa Excelência protestos de estima e elevada consideração. – Deputado **Wilson Santiago**, Líder do PMDB.

OF/GAB/I/Nº 781

Brasília, 9 de novembro de 2006

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência que o Deputado Jorge Alberto passa a participar, na qualidade de Suplente, da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito destinada a apurar as denúncias envolvendo a “Operação Sanguessuga”, realizada pela Polida Federal para investigar quadrilha que atuava na aquisição fraudulenta de insumos estratégicos para a saúde, na vaga do Deputado Osvaldo Reis.

Por oportuno, renovo a Vossa Excelência protestos de estima e elevada consideração, – Deputado **Wilson Santiago**, Líder do PMDB.

OF/GAB/I/nº 782

Brasília, 9 de novembro de 2006

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência que o Deputado Osvaldo Reis passa a integrar, na qualidade de Titular, a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito destinada a apurar as denúncias envolvendo a “Operação Sanguessuga”, realizada pela Polícia Federal para investigar quadrilha que atuava na aquisição fraudulenta de insumos estratégicos para a saúde, em substituição ao Deputado Chicão Brígido.

Por oportuno, renovo a vossa Excelência protestos de estima e consideração. – Deputado **Wilson Santiago**, Líder do PMDB.

OF/GAB/I/nº 783

Brasília, 9 de novembro de 2006

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência que o Deputado Gastão Vieira passa a integrar, na qualidade de Titular, a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito destinada a apurar as denúncias envolvendo a “Operação Sanguessuga”, realizada pela Polícia Federal para investigar quadrilha que atuava na aquisição fraudulenta de insumos estratégicos para a saúde, em substituição ao Deputado Lupércio Ramos.

Por oportuno, renovo a vossa Excelência protestos de estima e consideração. – Deputado **Wilson Santiago**, Líder do PMDB.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB

– AL) – Serão feitas as substituições solicitadas.

Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

OF. Nº 643/PT

Brasília, 9 de novembro de 2006

Excelentíssimo Senhor Presidente,

Tenho a honra de dirigir-me a Vossa Excelência para indicar

o Deputado Eduardo Valverde (PT – RO), como membro titular na Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, em substituição ao Deputado Nelson Pellegrino (PT – BA) e indicar o Deputado Nelson Pellegrino como suplente em substituição ao Deputado Eduardo Valverde (PT – RO).

Atenciosamente, Deputado **Henrique Fontana**, Líder do PT.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O ofício que acaba de ser lido vai à publicação.

Sobre a mesa, parecer que passo a ler.

É lido o seguinte:

**PARECER Nº 1.197, DE 2006**

**Da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, sobre o Ofício “S” nº 15, de 2006, de indicação do Senhor advogado Sérgio Alberto Frazão do Couto para compor o Conselho Nacional do Ministério Público.**

A Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, em votação secreta realizada em 8 de novembro de 2006, apreciando o relatório apresentado pelo Senador Luiz Otávio, sobre o Ofício “S” nº 15, de 2006, opina pela aprovação da indicação do Senhor advogado Sérgio Alberto Frazão do Couto para compor o Conselho Nacional do Ministério Público, nos termos do inciso V, do art. 130-A, da Constituição Federal, por 16 votos favoráveis, contrários e 1 abstenção, na vaga decorrente da renúncia do Senhor advogado Luiz Carlos Lopes Madeira.

Sala da Comissão, 8 de novembro de 2006.



## COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA

PROPOSIÇÃO: DF3 Nº 15 DE 2006

ASSINAM O PARECER NA REUNIÃO DE 8/11/2006, OS SENHORES(AS) SENADORES(AS):

|  |                                     |
|--|-------------------------------------|
| PRESIDENTE :   |                                     |
| RELATOR:   | <i>Senador Luiz Otávio</i>          |
| <b>BLOCO DA MINORIA (PFL e PSDB)</b>   |                                     |
| ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES (PRESIDENTE)  | 1-ROMEU TUMA                        |
| CÉSAR BORGES   | 2-MARIA DO CARMO ALVES              |
| DEMÓSTENES TORRES  | 3-JOSÉ AGRIPINO                     |
| EDISON LOBÃO   | 4-JORGE BORNHAUSEN                  |
| JOSÉ JORGE   | 5-RODOLPHO TOURINHO                 |
| JOÃO BATISTA MOTTA   | 6- TASSO JEREISSATI                 |
| ALVARO DIAS  | 7-EDUARDO AZEREDO                   |
| ARTHUR VIRGÍLIO  | 8-LEONEL PAVAN                      |
| JUVÊNCIO DA FONSECA  | 9-LÚCIA VÂNIA                       |
| <b>BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL, PPS e PRB <sup>(5)</sup>)</b> |                                     |
| ALOIZIO MERCADANTE   | 1- DELCÍDIO AMARAL                  |
| EDUARDO SUPLYCY  | 2- PAULO PAIM                       |
| FERNANDO BEZERRA   | 3-SÉRGIO ZAMBIASI                   |
| MAGNO MALTA  | 4- PATRÍCIA SABOYA GOMES            |
| IDELI SALVATTI   | 5-SIBÁ MACHADO                      |
| ANTONIO CARLOS VALADARES   | 6-MOZARILDO CAVALCANTI              |
| SERYS SLHESSARENKO   | 7-MARCELO CRIVELLA <sup>(2,3)</sup> |
| <b>PMDB</b>  |                                     |
| RAMEZ TEBET  | 1-LUIZ OTÁVIO (RELATOR)             |
| NEY SUASSUNA   | 2-GEOVANI BORGES                    |
| ROBERTO CAVALCANTI <sup>(4)</sup>  | 3-SÉRGIO CABRAL                     |
| ROMERO JUCÁ  | 4-ALMEIDA LIMA                      |
| AMIR LANDO   | 5-WELLINGTON SALGADO                |
| PEDRO SIMON  | 6-GARIBALDI ALVES FILHO             |
| <b>PDT</b>   |                                     |
| JEFFERSON PÉRES  | 1-OSMAR DIAS                        |

Atualizada em: 11/10/2006.

(1) O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 08/06/2005.

(2) O Senador Marcelo Crivella filiou-se ao PMR em 28.09.2005.

(3) O Partido Municipalista Renovador (PMR) passou a denominar-se Partido Republicano Brasileiro (PRB), conforme certidão expedida pelo TSE em 27.03.2006.

(4) Vaga cedida pelo PMDB ao PRB.

(5) O Partido Republicano Brasileiro (PRB) passou a integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 16.08.2006.

## RELATÓRIO Nº , DE 2006

**Da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, sobre o Ofício “S” nº 15, de 2006 (nº 191/2006-COP, na origem), do Presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, comunicando a eleição do Sr. Sérgio Alberto Frazão do Couto para ocupar a vaga reservada à categoria no Conselho Nacional do Ministério Público, decorrente da renúncia ao mandato formulada pelo Sr. Luiz Carlos Lopes Madeira.**

Relator: Senador **Luiz Otávio**

Esta Casa do Congresso Nacional é chamada a opinar sobre a indicação que o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), tendo em vista o resultado da eleição realizada no dia 12 de setembro de 2006, faz do Senhor Sérgio Alberto Frazão do Couto, advogado inscrito na OAB/PA sob o nº 1.044, para ocupar a vaga reservada à categoria no Conselho Nacional do Ministério Público, em razão da renúncia ao mandato formulada pelo advogado Luiz Carlos Lopes Madeira.

A Constituição Federal atribui competência ao Senado Federal para aprovar, antes da nomeação a ser efetuada pelo Presidente da República, as indicações ao Conselho Nacional do Ministério Público, nos termos do art. 130-A.

O Conselho Federal da OAB, atendendo aos requisitos procedimentais estabelecidos pela Resolução nº 7, de 2005, do Senado Federal, encaminhou o **curriculum vitae** do indicado, assim como as demais informações e declarações necessárias (art. 5º).

Nascido em Belém, Pará, em 16 de janeiro de 1947, o Sr. Sérgio Alberto Frazão do Couto é bacharel em direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e pós-graduado em direito público pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. É advogado militante e professor concursado da cadeira de Direito Constitucional da Universidade Federal do Pará, tendo obtido o 1º lugar no certame. Possui importantes trabalhos publicados nas áreas de Direito Constitucional e Eleitoral, medalhas e honrarias recebidas de várias instituições, notadamente a Assembléia Legislativa do Estado do Pará, a Prefeitura Municipal de Belém, a Associação dos Defensores Públicos do Estado do Pará e a própria OAB.

O Advogado possui experiência profissional e acadêmica nas áreas de Direito Comercial, Econômico, Eleitoral e Constitucional, além de ser estudioso dos problemas socioeconômicos brasileiros.

Representou a advocacia brasileira em vários eventos internacionais, notadamente o Encontro Internacional de Advogados Sul-Americanos (Miami/EUA, 1998), Constitucionalismo Pan-Amazônico (Rosário/


Argentina, 2005), Encontro do Conselho de Colégio e Ordens de Advogados do Mercosul (Buenos Aires/Argentina, 2003, 2004 e 2005) e o I Encontro sobre Constitucionalismo Pan-Americano (Buenos Aires/Argentina, 2005).

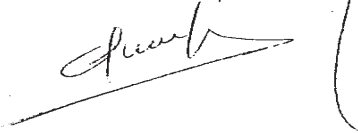
Participou de inúmeros eventos como palestrante, com destaque para as exposições sobre “Constitucionalismo Pan-Americano”, no encontro internacional sobre o tema realizado na Argentina, em 2005, “Atualidades e Perspectivas do Mercosul”, na Espanha, e “Problemas Éticos do Aborto de Fetos Anencefálicos”, na XIX Conferência Nacional dos Advogados, em Santa Catarina, 2005.

Atuante em entidades profissionais, deixou sua contribuição na Escola Superior de Advocacia, como Reitor, no período de 1998 a 2000; no Instituto dos Advogados do Pará, como Vice-Presidente, de 1995 a 2004; na Associação Paraense de Defesa do Consumidor, como Presidente; no Conselho Nacional de Defesa do Consumidor do Ministério da Justiça, como Conselheiro; na Academia Paraense de Jornalismo, como Membro Benemérito; e, entre outras, na Federação do Comércio do Estado do Pará, como Diretor.

Diante do exposto, julgamos que os integrantes desta Comissão possuem os elementos suficientes para deliberar sobre a indicação do Conselho Federal da OAB, nada mais havendo a ser aduzido no âmbito deste Relatório.

Sala da Comissão, 8 de novembro de 2006.

 , Presidente

 , Relator

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O parecer que acaba de ser lido vai à publicação.

Sobre a mesa, aviso que passo a ler.

É lido o seguinte:

Aviso nº 52, de 2006-CN (nº 90/BCB-Presi, do Presidente do Banco Central), encaminhando ao Congresso Nacional as Demonstrações Financeiras referentes ao 3º trimestre de 2006, conforme determina o art. 115 da Lei nº 11.178, de 20 de setembro de 2005 (Lei de Diretrizes Orçamentárias para 2006).

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O aviso que acaba de ser lido vai à Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização.

Será feita comunicação à Câmara dos Deputados.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Sobre a mesa, ofícios do Presidente da Câmara dos Deputados que passo a ler:

São lidos os seguintes:

OF. Nº 1.668/06/SGM/P

Brasília, 28 de setembro de 2006

**Assunto:** envio de MPV para apreciação

Senhor Presidente,

Encaminho a Vossa Excelência, a fim de ser submetida à consideração do Senado Federal, a inclusa Medida Provisória nº 311/06, do Poder Executivo, aprovada na Sessão Plenária do dia 4-9-06, que “Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para os fins que especifica”, conforme o disposto no art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001.

2. Encaminho, em anexo, o processado da referida Medida Provisória e os autógrafos da matéria aprovada nesta Casa.

Atenciosamente, **Aldo Rebelo**, Presidente.

OF. Nº 1.669/06/SGM/P

Brasília, 28 de setembro de 2006

**Assunto:** envio de MPV para apreciação

Senhor Presidente,

Encaminho a Vossa Excelência, a fim de ser submetida à consideração do Senado Federal, a inclusa Medida Provisória nº 312/06, do Poder Executivo, aprovada na Sessão Plenária do dia 4-9-06, que “Prorroga para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.”, conforme o disposto no art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001.

2. Encaminho, em anexo, o processado da referida Medida Provisória e os autógrafos da matéria aprovada nesta Casa.

Atenciosamente, **Aldo Rebelo**, Presidente.

OF. Nº 1.707/06/SGM/P

Brasília, 17 de outubro de 2006

**Assunto:** envio de MPV para apreciação

Senhor Presidente,

Encaminho a Vossa Excelência, a fim de ser submetida à consideração do Senado Federal, a inclu-

sa Medida Provisória nº 313/06, do Poder Executivo, aprovada na Sessão Plenária do dia 10-10-06, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), para o fim que especifica.”, conforme o disposto no art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001.

2. Encaminho, em anexo, o processado da referida Medida Provisória e os autógrafos da matéria aprovada nesta Casa.

Atenciosamente, **Aldo Rebelo**, Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – A Presidência comunica ao Plenário que o prazo de 45 dias para apreciação das Medidas Provisórias nºs 311 a 313, de 2006, pelo Congresso Nacional já se encontram esgotados e o de vigência foi prorrogado por Ato da Mesa do Congresso Nacional por mais sessenta dias, conforme prevê o § 7º do art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001, esgotando-se nos próximos dias 10, 16 e 22 de novembro, respectivamente.

Uma vez recebidas formalmente pelo Senado Federal, nesta data, às proposições passam a sobrestar imediatamente todas as demais deliberações legislativas desta Casa até que se ultima sua votação.

Prestados esses esclarecimentos, as matérias serão incluídas na Ordem do Dia da presente sessão, extrapauta, conforme acordo entre as lideranças partidárias.

*São as seguintes as matérias recebidas:*

#### **MEDIDA PROVISÓRIA Nº 311, DE 2006**

**Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para os fins que especifica.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica aberto crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para atender à programação constante do Anexo desta Lei.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Câmara dos Deputados, 28 de setembro de 2006.

– **Aldo Rebelo**, Presidente.

ORGÃO : 30900 - MINISTERIO DA JUSTICA  
UNIDADE : 30987 - FUNDO PENITENCIARIO NACIONAL

ANEXO

CREDITO EXTRAORDINARIO

PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTACAO)

RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1, 00

| FUNC   | PROGRAMATICA   | PROGRAMA/AÇAO/SUBTITULO/PRODUTO  | E<br>S<br>T | G<br>N<br>D | R<br>P | M<br>O<br>D | I<br>L | F<br>T<br>E | VALOR              |
|--|----------------|--|-------------|-------------|--------|-------------|--------|-------------|--------------------|
| <b>0661 MODERNIZACAO DO SISTEMA PENITENCIARIO NACIONAL</b> |                |  |             |             |        |             |        |             | <b>386.000.000</b> |
| <b>PROJETOS</b>  |                |  |             |             |        |             |        |             |                    |
| 14 421   | 0661 11TW      | CONSTRUCAO E AMPLIACAO DE ESTABELECIMENTOS PENAS ESTADUAIS                                     |             |             |        |             |        |             | 135.700.000        |
| 14 421   | 0661 11TW 0101 | CONSTRUCAO E AMPLIACAO DE ESTABELECIMENTOS PENAS ESTADUAIS - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO) |             |             |        |             |        |             | 335.700.000        |
|  |                | VAGA DISPONIBILIZADA (UNIDADE) 5423  | F           | 4           | 2      | 30          | 0      | 312         | 50.000.000         |
|  |                |  | F           | 4           | 2      | 30          | 0      | 354         | 50.000.000         |
|  |                |  | F           | 4           | 2      | 30          | 0      | 390         | 35.700.000         |
| 14 421   | 0661 11TV      | REFORMA DE ESTABELECIMENTOS PENAS ESTADUAIS  |             |             |        |             |        |             | 18.000.000         |
| 14 421   | 0661 11TV 0101 | REFORMA DE ESTABELECIMENTOS PENAS ESTADUAIS - NACIONAL (CREDITOS EXTRAORDINARIOS)              |             |             |        |             |        |             | 18.000.000         |
|  |                | UNIDADE REFORMADA (UNIDADE) 5  | F           | 4           | 2      | 30          | 0      | 350         | 18.000.000         |
| 14 421   | 0661 1701      | APARELHAMENTO E REAPARELHAMENTO DE ESTABELECIMENTOS PENAS                                      |             |             |        |             |        |             | 50.000.000         |
| 14 421   | 0661 1701 0101 | APARELHAMENTO E REAPARELHAMENTO DE ESTABELECIMENTOS PENAS - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)  |             |             |        |             |        |             | 50.000.000         |
|  |                | UNIDADE APARELHADA/REAPARELHADA (UNIDADE) 81   | F           | 4           | 2      | 30          | 0      | 390         | 50.000.000         |
| <b>ATIVIDADES</b>  |                |  |             |             |        |             |        |             |                    |
| 06 123   | 0661 2272      | GESTAO E ADMINISTRACAO DO PROGRAMA   |             |             |        |             |        |             | 300.000            |
| 06 123   | 0661 2272 0173 | GESTAO E ADMINISTRACAO DO PROGRAMA - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)                         |             |             |        |             |        |             | 300.000            |
|  |                |  | F           | 4           | 2      | 90          | 0      | 390         | 300.000            |
| 14 421   | 0661 2314      | REINTEGRACAO SOCIAL DO PRESO, INTERNADO E EGRESSO  |             |             |        |             |        |             | 2.000.000          |
| 14 421   | 0661 2314 0101 | REINTEGRACAO SOCIAL DO PRESO, INTERNADO E EGRESSO - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)          |             |             |        |             |        |             | 2.000.000          |
|  |                | PESSOA BENEFICIADA (UNIDADE) 20000   | F           | 3           | 2      | 30          | 0      | 390         | 2.000.000          |
| 14 128   | 0661 2524      | CAPACITACAO EM SERVICOS PENAS  |             |             |        |             |        |             | 2.000.000          |
| 14 128   | 0661 2524 0101 | CAPACITACAO EM SERVICOS PENAS - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)                              |             |             |        |             |        |             | 2.000.000          |
|  |                | PESSOA CAPACITADA (UNIDADE) 330  | F           | 3           | 2      | 90          | 0      | 310         | 2.000.000          |
| <b>TOTAL - FISCAL</b>                                      |                |  |             |             |        |             |        |             | <b>300.000.000</b> |
| <b>TOTAL - SEGURIDADE</b>                                  |                |  |             |             |        |             |        |             | <b>0</b>           |
| <b>TOTAL - OBRAL</b>                                       |                |  |             |             |        |             |        |             | <b>300.000.000</b> |

ORGÃO : 53000 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL  
UNIDADE : 53101 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL

ANEXO

CREDITO EXTRAORDINARIO

PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTACAO)

RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1, 00

| FUNC                               | PROGRAMATICA   | PROGRAMA/AÇAO/SUBTITULO/PRODUTO   | E<br>S<br>T | G<br>N<br>D | R<br>P | M<br>O<br>D | I<br>L | F<br>T<br>E | VALOR            |
|------------------------------------|----------------|---|-------------|-------------|--------|-------------|--------|-------------|------------------|
| <b>1029 RESPOSTA AOS DESASTRES</b> |                |   |             |             |        |             |        |             | <b>8.000.000</b> |
| <b>ATIVIDADES</b>                  |                |   |             |             |        |             |        |             |                  |
| 06 182                             | 1029 4570      | RECUPERACAO DE DANOS CAUSADOS POR DESASTRES   |             |             |        |             |        |             | 8.000.000        |
| 06 182                             | 1029 4570 0107 | RECUPERACAO DE DANOS CAUSADOS POR DESASTRES - NA REGIAO NORDESTE (CREDITO EXTRAORDINARIO) |             |             |        |             |        |             | 8.000.000        |
|                                    |                |   | F           | 3           | 2      | 90          | 0      | 300         | 2.000.000        |
|                                    |                |   | F           | 4           | 2      | 90          | 0      | 300         | 6.000.000        |
| <b>TOTAL - FISCAL</b>              |                |   |             |             |        |             |        |             | <b>8.000.000</b> |
| <b>TOTAL - SEGURIDADE</b>          |                |   |             |             |        |             |        |             | <b>0</b>         |
| <b>TOTAL - OBRAL</b>               |                |   |             |             |        |             |        |             | <b>8.000.000</b> |

## MEDIDA PROVISÓRIA ORIGINAL N.º 311, DE 2006

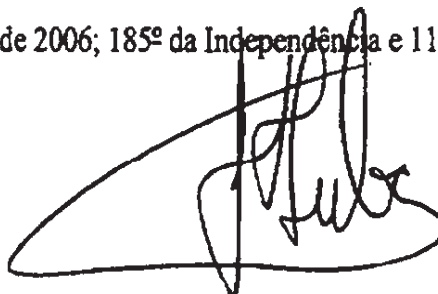
Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 208.000.000,00, para os fins que especifica.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62, combinado com o § 3º do art. 167, da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei:

Art. 1º Fica aberto crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para atender à programação constante do Anexo desta Medida Provisória.

Art. 2º Esta Medida Provisória entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 13 de julho de 2006; 185º da Independência e 118º da República.



*Referendado eletronicamente por: Paulo Bernardo Silva*  
MP-CRÉDITO-MI-RS 208.000,00(LS)

ORGÃO : 38888 - MINISTERIO DA JUSTICA  
UNIDADE : 38987 - FUNDO PENITENCIARIO NACIONAL

ANEXO

CREDITO EXTRAORDINARIO

PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTACAO)

RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1, 00

| FUNC               | PROGRAMATICA   | PROGRAMA/ACAO/SUBTITULO/PRODUTO  | E<br>S<br>F | EN<br>D | R<br>P | M<br>O<br>D | I<br>U | F<br>T<br>E | VALOR       |
|--------------------|----------------|--|-------------|---------|--------|-------------|--------|-------------|-------------|
| 0661               |                | MODERNIZACAO DO SISTEMA PENITENCIARIO NACIONAL   |             |         |        |             |        |             | 298.888.888 |
| PROJETOS           |                |  |             |         |        |             |        |             |             |
| 14 421             | 0661 11TW      | CONSTRUCAO E AMPLIACAO DE ESTABELECIMENTOS PENAS ESTADUAIS                                     |             |         |        |             |        |             | 135.700.000 |
| 14 421             | 0661 11TW 0101 | CONSTRUCAO E AMPLIACAO DE ESTABELECIMENTOS PENAS ESTADUAIS - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO) |             |         |        |             |        |             | 135.700.000 |
|                    |                | VAGA DISPONIBILIZADA (UNIDADE) 5428  | F           | 4       | 2      | 30          | 0      | 318         | 50.000.000  |
|                    |                |  | F           | 4       | 2      | 30          | 0      | 350         | 50.000.000  |
|                    |                |  | F           | 4       | 2      | 30          | 0      | 380         | 35.700.000  |
| 14 421             | 0661 11TY      | REFORMA DE ESTABELECIMENTOS PENAS ESTADUAIS  |             |         |        |             |        |             | 10.888.888  |
| 14 421             | 0661 11TY 0101 | REFORMA DE ESTABELECIMENTOS PENAS ESTADUAIS - NACIONAL (CREDITOS EXTRAORDINARIOS)              |             |         |        |             |        |             | 10.000.000  |
|                    |                | UNIDADE REFORMADA (UNIDADE) 5  | F           | 4       | 2      | 30          | 0      | 380         | 10.000.000  |
| 14 421             | 0661 1701      | APARELHAMENTO E REAPARELHAMENTO DE ESTABELECIMENTOS PENAS                                      |             |         |        |             |        |             | 58.888.888  |
| 14 421             | 0661 1701 0104 | APARELHAMENTO E REAPARELHAMENTO DE ESTABELECIMENTOS PENAS - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)  |             |         |        |             |        |             | 50.000.000  |
|                    |                | UNIDADE APARELHADA/REAPARELHADA (UNIDADE) 81   | F           | 4       | 2      | 30          | 0      | 380         | 50.000.000  |
| ATIVIDADES         |                |  |             |         |        |             |        |             |             |
| 06 122             | 0661 2272      | GESTAO E ADMINISTRACAO DO PROGRAMA   |             |         |        |             |        |             | 300.000     |
| 06 122             | 0661 2272 0173 | GESTAO E ADMINISTRACAO DO PROGRAMA - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)                         |             |         |        |             |        |             | 300.000     |
| 14 421             | 0661 2314      | REINTEGRACAO SOCIAL DO PRESO, INTERNADO E EGRESSO  |             |         |        |             |        |             | 2.888.888   |
| 14 421             | 0661 2314 0101 | REINTEGRACAO SOCIAL DO PRESO, INTERNADO E EGRESSO - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)          |             |         |        |             |        |             | 2.080.000   |
|                    |                | PESSOA BENEFICIADA (UNIDADE) 20000   | F           | 3       | 2      | 30          | 0      | 380         | 2.000.000   |
| 14 128             | 0661 2526      | CAPACITACAO EM SERVICOS PENAS  |             |         |        |             |        |             | 2.888.888   |
| 14 128             | 0661 2526 0101 | CAPACITACAO EM SERVICOS PENAS - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)                              |             |         |        |             |        |             | 2.000.000   |
|                    |                | PESSOA CAPACITADA (UNIDADE) 330  | F           | 3       | 2      | 98          | 0      | 380         | 2.000.000   |
| TOTAL - FISCAL     |                |  |             |         |        |             |        |             | 200.000.000 |
| TOTAL - SEGURIDADE |                |  |             |         |        |             |        |             | 0           |
| TOTAL - GERAL      |                |  |             |         |        |             |        |             | 200.000.000 |

ORGÃO : 53988 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL  
UNIDADE : 53101 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL

ANEXO

CREDITO EXTRAORDINARIO

PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTACAO)

RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1, 00

| FUNC               | PROGRAMATICA   | PROGRAMA/ACAO/SUBTITULO/PRODUTO   | E<br>S<br>F | EN<br>D | R<br>P | M<br>O<br>D | I<br>U | F<br>T<br>E | VALOR     |
|--------------------|----------------|---|-------------|---------|--------|-------------|--------|-------------|-----------|
| 1829               |                | RESPOSTA AOS DESASTRES  |             |         |        |             |        |             | 8.000.000 |
| ATIVIDADES         |                |   |             |         |        |             |        |             |           |
| 06 182             | 1829 4579      | RECUPERACAO DE DANOS CAUSADOS POR DESASTRES   |             |         |        |             |        |             | 8.000.000 |
| 06 182             | 1829 4579 0107 | RECUPERACAO DE DANOS CAUSADOS POR DESASTRES - NA REGIAO NORDESTE (CREDITO EXTRAORDINARIO) |             |         |        |             |        |             | 8.000.000 |
|                    |                |   | F           | 3       | 2      | 98          | 0      | 300         | 2.000.000 |
|                    |                |   | F           | 4       | 2      | 90          | 0      | 300         | 6.000.000 |
| TOTAL - FISCAL     |                |   |             |         |        |             |        |             | 8.000.000 |
| TOTAL - SEGURIDADE |                |   |             |         |        |             |        |             | 0         |
| TOTAL - GERAL      |                |   |             |         |        |             |        |             | 8.000.000 |

**MENSAGEM Nº 550, DE 2006**

Senhores Membros do Congresso Nacional,

Nos termos do artigo 62 da Constituição, submeto à elevada deliberação de Vossas Excelências o texto da Medida Provisória nº 311, de 13 de julho de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$208.000.000,00, para os fins que especifica”.

Brasília, 13 de julho de 2006. – **Luiz Inácio Lula da Silva.**

E.M. nº 00126/2006/MP

Brasília, 13 de julho de 2006.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

1. Dirijo-me a Vossa Excelência para apresentar Proposta de Medida Provisória que abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), com a seguinte composição:

|   |               | R\$ 1,00            |
|---|---------------|---------------------|
| Órgão   | Suplementação | Origem dos Recursos |
| Ministério da Justiça   | 200.000.000   |                     |
| Ministério da Integração Nacional   | 8.000.000     |                     |
| Superávit Financeiro apurado no Balanço Patrimonial da União do exercício de 2005 |               | 208.000.000         |
| - Recursos Ordinários   |               | 8.000.000           |
| - Contribuições sobre Concursos de Prognósticos                                   |               | 50.000.000          |
| - Recursos Próprios Não-Financeiros   |               | 50.000.000          |
| - Recursos Próprios Financeiros   |               | 100.000.000         |
| Total   | 208.000.000   | 208.000.000         |

2. No Ministério da Justiça, o crédito tem por finalidade intensificar as ações de construção, reforma, ampliação, modernização e aparelhamento de estabelecimentos penais, de melhoria da gestão e dos serviços de inteligência e de reintegração social dos apenados e egressos do sistema penitenciário, como forma de combate à reincidência criminal.

3. A relevância e urgência justificam-se pela grave situação pela qual passam os sistemas penitenciários locais, a exemplo da onda de violência que vem ocorrendo em unidades prisionais, a qual gerou elevados prejuízos na atual infra-estrutura, e pela necessidade de atenuar os problemas gerados pela superpopulação carcerária mediante novos investimentos.

em estabelecimentos prisionais, de forma a restabelecer a ordem pública e social, propiciando mediante o papel suplementar da União o fortalecimento da atuação governamental, um ambiente mais seguro para a sociedade e um maior controle dentro das unidades prisionais.

4. Quanto ao Ministério da Integração Nacional, os recursos destinam-se ao atendimento à população vítima de chuvas intensas que provocaram inundações e alagamentos em Municípios de Estados da Região Nordeste, mediante intervenções de recuperação e reconstrução da infra-estrutura urbana, compreendidas habitações de pessoas de baixa renda e edifícios públicos, além do atendimento às necessidades básicas e primárias da população atingida, tais como o fornecimento de cestas básicas, medicamentos, colchões, cobertores, barracas e gastos com combustível, entre outros.

5. A relevância e urgência são justificadas pelas graves conseqüências oriundas das fortes chuvas, como riscos à saúde da população e a danificação da infra-estrutura local que provocaram sérios transtornos e significativos danos humanos, materiais e ambientais.

6. Esclareça-se que a proposição está em conformidade com o disposto no art. 62, combinado com o § 3º do art. 167, da Constituição.

7. Nessas condições, tendo em vista a relevância e urgência da matéria, submeto à consideração de Vossa Excelência, em anexo, Proposta de Medida Provisória que visa efetivar a abertura do referido crédito extraordinário.

Respeitosamente, *Paulo Bernardo Silva*

OF. Nº 1.668/2006/SGM/P

Brasília, 28 de setembro de 2006

**Assunto:** envio de MPV para apreciação

Senhor Presidente,

Encaminho a Vossa Excelência, a fim de ser submetida à consideração do Senado Federal, a inclusa Medida Provisória nº 311/2006, do Poder Executivo, aprovada na Sessão Plenária do dia 4-9-2006, que “abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios

da Justiça e da integração Nacional, no valor global de R\$208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para os fins que especifica”, conforme o disposto no art. 82 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001.

2. Encaminho, em anexo, o processado da referida Medida Provisória e os autógrafos da matéria aprovada nesta Casa.

Atenciosamente, **Aldo Rebelo**, Presidente.



| <b>MPV Nº 311</b>  |  |
|--|--|
| <b>Publicação no DO</b>  | 14-7-2006                                    |
| <b>Emendas</b>   | até 20-7-2006<br>(7º dia da publicação)      |
| <b>Prazo final na Comissão</b>   | 14-7-2006 a 27-7-2006<br>(14º dia)           |
| <b>Remessa do Processo à CD</b>  | 27-7-2006                                    |
| <b>Prazo na CD</b>   | de 28-7-2006 a 10-8-2006<br>(15º ao 28º dia) |
| <b>Recebimento previsto no SF</b>  | 10-8-2006                                    |
| <b>Prazo no SF</b>   | 11-8-2006 a 24-8-2006<br>(42º dia)           |
| <b>Se modificado, devolução à CD</b>   | 24-8-2006                                    |
| <b>Prazo para apreciação das modificações do SF, pela CD</b>   | 25-8-2006 a 27-8-2006<br>(43º ao 45º dia)    |
| <b>Regime de urgência, obstruindo a pauta a partir de</b>  | 28-8-2006 (46º dia)                          |
| <b>Prazo final no Congresso</b>  | 11-9-2006 (60 dias)                          |
| <b>(*)Prazo Prorrogado</b>   | 10-11-2006                                   |
| <b>(*)Prazo prorrogado pelo Ato do Presidente da Mesa do Congresso Nacional nº 47, de 2006 – DO de 1º-9-2006</b> |  |

| <b>MPV Nº 311</b>                      |          |
|--|----------|
| <b>Votação na Câmara dos Deputados</b> | 4-9-2006 |
| <b>Leitura no Senado Federal</b>       |          |
| <b>Votação no Senado Federal</b>       |          |

**NOTA TÉCNICA Nº 19/2006**  
**SUBSÍDIOS ACERCA DA ADEQUAÇÃO ORÇAMENTÁRIA E FINANCEIRA DA MEDIDA PROVISÓRIA Nº 311, DE 13 DE JULHO DE 2006.**

### 1. Introdução

A presente Nota Técnica atende a determinação do Art. 19 da Resolução nº 1, de 2002-CN, que estabelece: “o órgão de consultoria e assessoramento orçamentário da Casa a que pertencer o relator de medida provisória encaminhará aos relatores e à comissão, no prazo de 5 (cinco) dias de sua publicação, nota técnica com subsídios acerca da adequação financeira e orçamentária da medida provisória”.

Com base no art. 62, da Constituição Federal, o Excelentíssimo Senhor Presidente da República submete ao Congresso Nacional, por intermédio da Mensagem nº 550, de 2006, na origem, a Medida Provisória nº 311, de 13 de julho de 2006 (MP nº 311/2006), que “abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$208.000.000,00, para os fins que especifica.”

### 2. Síntese da Medida Provisória e Aspectos Relevantes

Segundo os elementos contidos na Exposição de Motivos nº 126/2006/MP, de 13 de julho de 2006, do Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, que instrui a proposição submetida à deliberação do Congresso Nacional, esta tem por objeto:

2. Em relação ao Ministério da Justiça, a crédito, no montante de R\$200.000.000,00, “tem por finalidade intensificar as ações de construção, reforma, ampliação, modernização e aparelhamento de estabelecimentos penais, de melhoria da gestão e dos serviços de inteligência e de reincidência criminal”.

3. No que tange ao Ministério da Integração Nacional, os recursos, no valor de R\$8.000.000,00, “destinam-se ao atendimento à população vítima de chuvas intensas que provocaram inundações e alagamentos em Municípios de Estados da Região Nordeste, mediante intervenções de recuperação e reconstrução da infra-estrutura urbana, compreendidas habitações de pessoas de baixa renda e edifícios públicos, além do atendimento às necessidades básicas e primárias da população atingida, tais como o fornecimento de cestas básicas, medicamentos, colchões, cobertores, barracas e gastos com combustível, entre outros.”

Quanto aos fundamentos para a “urgência e relevância” da medida é alegado, na Exposição de Motivos:

4. “A justificativa da urgência e relevância da matéria se dá conforme segue:

I) no caso do Ministério da Justiça, “a relevância e urgência justificam-se pela grave situação pela qual passam os sistemas penitenciários locais, a exemplo da onda de violência que vem ocorrendo em unidades prisionais, a qual gerou elevados prejuízos na atual infra-estrutura, e pela necessidade de atenuar os problemas gerados pela superpopulação carcerária mediante novos investimentos em estabelecimentos prisionais, de forma a restabelecer a ordem pública e social”;

II) no tocante ao Ministério da Integração Nacional, “a relevância e urgência são justificadas pelas graves conseqüências oriundas das fortes chuvas, como riscos à saúde da população e a danificação da infra-estrutura local que provaram sérios transtornos e significativos danos humanos, materiais e ambientais”.

### 3. Compatibilidade e Adequação Orçamentária e Financeira

A Resolução nº 1, de 2002—CN, que “dispõe sobre a apreciação, pelo Congresso Nacional, das Medidas Provisórias a que se refere o art. 62 da Constituição Federal, e dá outras providências”, em seu art. 5º, define o exame de adequação orçamentária e financeira como: “O exame de compatibilidade e adequação orçamentária e financeira das Medidas Provisórias abrange a análise da repercussão sobre a receita ou a despesa pública da União e da implicação quanto ao atendimento às normas orçamentárias e financeiras vigentes (principalmente as de ordem constitucional), em especial a conformidade com a Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000 [LRF], a lei do plano plurianual, a lei de diretrizes orçamentárias e a lei orçamentária da União”.

Cumprido salientar que essa caracterização deve ser, antes de mais nada, complementada pelas disposições da Constituição Federal que regem a matéria.

O § 3º do art. 167 da Constituição estabelece que: “A abertura de crédito extraordinário somente será admitida para atender a despesas imprevisíveis e urgentes, como as decorrentes de guerra, comoção interna ou calamidade pública, observado o disposto no art. 62”. Parece-nos que as dotações previstas na MP atendem à exigência do texto Constitucional.

São esses os subsídios que entendemos pertinentes propiciar para subsidiar os trabalhos e decisões da Relatoria.

Brasília, 18 de julho de 2006. — **Roberto de Medeiros Guimarães Filho**, Consultor de Orçamento.

**PARECER DA RELATORA, PELA COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS  
PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO, À MEDIDA PROVISÓRIA Nº 311, DE 2006, E  
EMENDAS.**

**A SRA. KELLY MORAES** (PTB-RS. Para emitir parecer. Sem revisão da oradora.)

- Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, a Medida Provisória nº 311, de 2006, abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de 208 milhões de reais, que tem por finalidade intensificar as ações de construção, reforma, ampliação, modernização e aparelhamento de estabelecimentos penais, de melhoria de gestão e de serviços de inteligência e de reintegração social dos apenados ingressos no sistema penitenciário, como forma de combate à reincidência criminal.

A relevância e urgência justifica-se pela grave situação pela qual passam os sistemas penitenciários locais, a exemplo da onda de violência que vem ocorrendo em unidades prisionais. Quanto ao Ministério da Integração Nacional, os recursos destinam-se ao atendimento à população vítima de intensas chuvas que provocam inundações e alagamentos em Municípios dos Estados da Região Nordeste.

Pela relevância da medida provisória, nosso parecer é pela aprovação.

É o parecer.

## Consulta Tramitação das Proposições

**Proposição:** [MPV-311/2006](#)**Autor:** Poder Executivo**Data de Apresentação:** 14/07/2006**Apreciação:** Proposição Sujeita à Apreciação do Plenário**Regime de tramitação:** Urgência**Situação:** PLEN: Aguardando Encaminhamento.

**EMENTA:** Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 203.000.000,00, para os fins que especifica.

**INDEXAÇÃO:** Abertura de Crédito, Crédito Extraordinário, Ministério da Justiça, construção, reconstrução, ampliação, modernização, estabelecimento penal, presídio, penitenciária, gestão, serviço, atividade de inteligência, reintegração social, réu preso, egresso, sistema penitenciário, Ministério da Integração Nacional, recursos orçamentários, população, vítima, chuva, enchente, Municípios, Região Nordeste, recuperação, habitação, população carente, baixa renda, edifício, órgão público, fornecimento, cesta básica, medicamentos, combustível.

**Despacho:**

2/8/2006 - Publique-se. Submeta-se ao Plenário. Proposição Sujeita à Apreciação do Plenário Regime de Tramitação: Urgência

- PLEN (PLEN)

[MSC 550/2006 \(Mensagem\) - Poder Executivo](#)**Legislação Citada****Emendas**- [MPV31106 \(MPV31106\)](#)[EMC 1/2006 MPV31106 \(Emenda Apresentada na Comissão\) - Anivaldo Vale](#)[EMC 2/2006 MPV31106 \(Emenda Apresentada na Comissão\) - Anivaldo Vale](#)[EMC 3/2006 MPV31106 \(Emenda Apresentada na Comissão\) - Anivaldo Vale](#)[EMC 4/2006 MPV31106 \(Emenda Apresentada na Comissão\) - Geraldo Resende](#)[EMC 5/2006 MPV31106 \(Emenda Apresentada na Comissão\) - Geraldo Resende](#)[EMC 6/2006 MPV31106 \(Emenda Apresentada na Comissão\) - Geraldo Resende](#)**Pareceres, Votos e Redação Final**- [MPV 31106 \(MPV31106\)](#)[PPP 1 MPV31106 \(Parecer Proferido em Plenário\) - Kelly Moraes](#)**Última Ação:****4/9/2006** - PLENÁRIO (PLEN) - A Matéria vai ao Senado Federal, incluindo o processado. (MPV 311-A/06)

Obs.: o andamento da proposição fora desta Casa Legislativa não é tratado pelo sistema, devendo ser consultado nos órgãos respectivos.

|            |  |
|------------|--|
| Andamento: |  |
| 14/7/2006  | <b>Poder Executivo (EXEC)</b><br>Publicação da Medida Provisória no Diário Oficial da União.   |
| 14/7/2006  | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br>Prazo para Emendas: 15/07/2006 a 20/07/2006. Comissão Mista: 14/07/2006 a 27/07/2006. Câmara dos Deputados: 28/07/2006 a 10/08/2006. Senado Federal: 11/08/2006 a 24/08/2006. Retorno à Câmara dos Deputados (se houver): 25/08/2006 a 27/08/2006. Sobrestar Pauta: a partir de 28/08/2006. Congresso Nacional: 14/07/2006 a 11/09/2006. Prorrogação pelo Congresso Nacional: 12/09/2006 a 10/11/2006.  |
| 1/8/2006   | <b>Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 208.000.000,00, para os fins que especifica. (MPV31106)</b><br>Apresentação da MSC 550/2006, do Poder Executivo, que "submete à apreciação do Congresso Nacional o texto da Medida Provisória nº 311, de 2006, que "Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 208.000.000,00, para os fins que especifica." |
| 02/08/2006 | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br>Recebido o Ofício nº 321, de 2006, do Congresso Nacional, que encaminha o processado da Medida Provisória nº 311, de 2006. Informa, ainda, que à Medida foram oferecidas 6 (seis) emendas e que a Comissão Mista não emitiu parecer.  |
| 2/8/2006   | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br>Publique-se. Submeta-se ao Plenário. Proposição Sujeita à Apreciação do Plenário Regime de Tramitação: Urgência   |

|          |  |
|----------|--|
| 2/8/2006 | <b>COORDENAÇÃO DE COMISSÕES PERMANENTES (CCP)</b><br>Encaminhada à publicação. Publicação Inicial no DCD de 3/8/2006.  |
| 9/8/2006 | <b>Presidência da Câmara dos Deputados (PRESI)</b><br>Designada Relatora, Dep. Kelly Moraes (PTB-RS), para proferir parecer em plenário pela Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização a esta medida provisória e às 6 emendas apresentadas.  |
| 1/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Discussão em turno único.  |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Parecer proferido em Plenário pela Relatora, Dep. Kelly Moraes (PTB-RS), pela Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, que conclui pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e urgência; pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa; pela adequação financeira e orçamentária; e, no mérito, pela aprovação desta MPV e pela rejeição das Emendas de nºs 1 a 6. |
| 1/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Encerrada a discussão.   |
| 1/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Votação preliminar em turno único.   |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovado, em apreciação preliminar, o Parecer do Relator, na parte em que manifesta opinião favorável quanto ao atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e urgência e de sua adequação financeira e orçamentária, nos termos do artigo 8º da Resolução nº 01, de 2002-CN.  |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Votação, quanto ao mérito, em turno único.   |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Rejeitadas as Emendas de nºs 1 a 6, com parecer contrário.   |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovada a Medida Provisória nº 311, de 2006.  |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Votação da Redação Final.  |
| 1/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovada a Redação Final assinada pelo Relator, Dep. Kelly Moraes (PTB-RS).  |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>A Matéria vai ao Senado Federal, incluindo o processado. (MPV 311-A/06)  |

Cadastrar para Acompanhamento

**Nova Pesquisa**

## ATO DO PRESIDENTE DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL Nº 47, DE 2006

O **Presidente da Mesa do Congresso Nacional**, cumprindo o que dispõe o § 1º do art. 10 da Resolução nº 1, de 2002-CN, faz saber que, nos termos do § 7º do art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001, a **Medida Provisória nº 311, de 13 de julho de 2006**, que “*Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$ 208.000.000,00, para os fins que especifica*”, terá sua vigência prorrogada pelo período de sessenta dias, a partir de 12 de setembro de 2006, tendo em vista que sua votação não foi encerrada nas duas Casas do Congresso Nacional.

Congresso Nacional, 30 de agosto de 2006.

  
**Senador Renan Calheiros**  
*Presidente da Mesa do Congresso Nacional*

### MEDIDA PROVISÓRIA Nº 312, DE 2006

**Prorroga para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, fica prorrogado por mais 2 (dois) anos.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

### MEDIDA PROVISÓRIA ORIGINAL Nº 312, DE 2006

**Prorroga, para trabalhador rural empregado, o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.**

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei:

Art. 1º Para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, fica prorrogado por mais 2 (dois) anos.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 19 de julho de 2006; 185º da Independência e 118º da República. – **Luiz Inácio Lula da Silva.**

### MENSAGEM Nº 569, DE 2006

Senhores Membros do Congresso Nacional,  
Nos termos do artigo 62 da Constituição, submetida à elevada deliberação de Vossas Excelências o texto da Medida Provisória nº 312, de 19 de julho de 2006, que “prorroga, para o trabalhador rural empregado, o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991”.

Brasília, 19 de julho de 2006. – **Luiz Inácio Lula da Silva.**

MPS nº 29 EM

Brasília, 18 de julho de 2006

00001.007227/2006-70

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Submeto à elevada consideração de Vossa Excelência a anexa proposta de Medida Provisória, que tem por fim prorrogar por dois anos, para o trabalhador rural empregado, o prazo estabelecido no art. 143 da Lei nº 8.213, de 1991, que dispõe sobre os Planos de Benefícios do Regime Geral de Previdência Social, para evitar a solução de continuidade na concessão de aposentadoria por idade para esses trabalhadores, já que o prazo estabelecido expira no próximo dia 24 deste mês.

2. Preliminarmente, cumpre-me esclarecer que o mencionado art. 143 dispõe que é permitido aos segurados empregados, avulsos e especiais requererem aposentadoria por idade, no valor de um salário mínimo, durante quinze anos, contados a partir da data de vigência da Lei, mediante a comprovação do exercício de atividade rural, ainda que descontinua, no período imediatamente anterior ao requerimento do benefício, em número de meses idêntico à carência do referido benefício. Esse prazo expira-se no próximo dia 25 de julho de 2006.

3. É importante esclarecer que a expiração desse prazo em nada prejudica o segurado especial, pois para ele, a partir dessa data, aplicar-se-á a regra específica permanente estabelecida no inciso I do art. 39 da mesma Lei. O mesmo pode ser dito em relação ao trabalhador avulso, em razão das peculiaridades próprias da relação contratual e da forma de satisfação das obrigações trabalhistas e previdenciárias.

4. Entretanto, o mesmo não se dará em relação ao trabalhador rural empregado, em que a grande maioria deles não conseguirá atenda a todos os requisitos legais aplicáveis aos segurados em geral.

5. Aproveito para lembrar que Vossa Excelência já encaminhou ao Congresso Nacional um Projeto de Lei, que recebeu na Câmara dos Deputados o nº 6.852, de 2006, dispondo sobre a identificação, inscrição e contribuição do segurado especial, com o objetivo de simplificar a garantia dos seus direitos previdenciários, com segurança e qualidade e que, entre outras medidas, também prevê a prorrogação, pelo mesmo prazo ora previsto, dos critérios especiais adotados para a concessão da aposentadoria do empregado rural. Informo que, não obstante o Projeto ter sido encaminhado

do com pedido de urgência constitucional, cujo prazo para votação já se esgotou, continua em tramitação nas Comissões Temáticas e sem nenhuma perspectiva de votação nas duas Casas Legislativas até o próximo dia 24 de julho.

6. Assim, mais que justificada está a relevância e a urgência para a edição da Medida Provisória proposta a Vossa Excelência, pois é urgente a necessidade de disciplinar como se dará a concessão de aposentadoria aos trabalhadores empregados rurais a partir do próximo dia 25 deste mesmo mês de julho de 2006. A não adoção da medida provocará solução de continuidade no reconhecimento do direito desses trabalhadores, causando prejuízo irreparável a quantos satisfaçam ou venham a satisfazer as regras atualmente aplicáveis, mas que não conseguirão atender às regras gerais.

7. Por fim, informo que essa medida vem sendo reclamada por todas as representações desses trabalhadores, que relatam à angústia daqueles que estão prestes a completar a idade para a aposentadoria e temem não conseguir o benefício em razão da expiração do prazo mencionado no art. 143.

Essas Excelentíssimo Senhor Presidente da República, são as razões que me levam a submeter à elevada consideração de Vossa Excelência o presente anteprojeto de medida provisória, que, em merecendo acolhida, atenderá aos reclamos de uma parcela significativa de trabalhadores, garantindo-lhe seus direitos previdenciários.

Respeitosamente, **Nelson Machado.**

OF. Nº 1669/06/SGM/P

Brasília, 28 de setembro de 2006

**Assunto:** envio de MPV para apreciação

Senhor Presidente,

Encaminho a Vossa Excelência, a fim de ser submetida à consideração do Senado Federal, a inclusa Medida Provisória nº 312/06, do Poder Executivo, aprovada na Sessão Plenária do dia 4-9-06, que "Prorroga para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991", conforme o disposto no art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001.

2. Encaminho, em anexo, o processado da referida Medida Provisória e os autógrafos da matéria aprovada nesta Casa.

Atenciosamente, **Aldo Rebelo**, Presidente.

| <b>MPV Nº 312</b>  |   |
|--|---|
| Publicação no DO   | 20-7-2006                                   |
| Designação da Comissão   | 20-7-2006                                   |
| Instalação da Comissão   | 21-7-2006                                   |
| Emendas  | até 26-7-2006<br>(7º dia da publicação)     |
| Prazo final na Comissão  | 20-7-2006 a 2-8-2006<br>(14º dia)           |
| Remessa do Processo à CD   | 2-8-2006                                    |
| Prazo na CD  | de 3-8-2006 a 16-8-2006<br>(15º ao 28º dia) |
| Recebimento previsto no SF   | 16-8-2006                                   |
| Prazo no SF  | 17-8-2006 a 30-8-2006<br>(42º dia)          |
| Se modificado, devolução à CD  | 30-8-2006                                   |
| Prazo para apreciação das modificações do SF, pela CD  | 31-8-2006 a 2-9-2006<br>(43º ao 45º dia)    |
| Regime de urgência, obstruindo a pauta a partir de   | 3-9-2006 (46º dia)                          |
| Prazo final no Congresso   | 17-9-2006 (60 dias)                         |
| (*)Prazo Prorrogado  | 16-11-2006                                  |
| (*)Prazo prorrogado pelo Ato do Presidente da Mesa do Congresso Nacional nº 48, de 2006 – DO de 8-9-2006 |   |

| <b>MPV Nº 312</b>               |          |
|---------------------------------|----------|
| Votação na Câmara dos Deputados | 4-9-2006 |
| Leitura no Senado Federal       |          |
| Votação no Senado Federal       |          |

### NOTA TÉCNICA DE ADEQUAÇÃO ORÇAMENTÁRIA E FINANCEIRA

Brasília, 26 de julho de 2006

**Assunto:** Subsídios para análise da adequação orçamentária e financeira da Medida Provisória nº 312, de 19 de julho de 2006, que “prorroga, para o trabalhador rural empregado, o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991”.

**Interessada:** Comissão Mista encarregada de emitir parecer sobre a referida Medida Provisória.

### I – Introdução

A presente Nota Técnica atende à determinação constante do art. 19 da Resolução nº 01, de 2002-CN, que estabelece, *ipsis verbis*:

“Art. 19. O órgão de consultoria e assessoramento orçamentário da Casa a que pertencer o Relator da Medida Provisória encaminhará aos Relatores e à Comissão, no prazo de 5 (cinco) dias de sua publicação, nota técnica



com subsídios acerca da adequação financeira e orçamentária de Medida Provisória”

No art. 62, § 9º, a Constituição Federal estabelece que caberá a uma comissão mista de Deputados e Senadores examinar as medidas provisórias e sobre elas emitir parecer, antes de serem apreciadas, em sessões separadas, pelo plenário de cada uma das Casas do Congresso Nacional.

A nota técnica sobre a adequação orçamentária e financeira deve atender ao disposto no art. 5º, § 1º, da Resolução nº 1º, de 2002-CN, que prescreve os requisitos a serem observados quando do exame de compatibilidade e adequação orçamentária e financeira: “análise da repercussão sobre a receita ou a despesa pública da União e da implicação quanto ao atendimento das normas orçamentárias e financeiras vigentes, em especial a conformidade com a Lei Complementar nº 101, de 2000, a lei do plano plurianual, a lei de diretrizes orçamentárias e a lei orçamentária da União”.

Para a apreciação da medida provisória em questão compete a esta Consultoria de Orçamentos, Fiscalização e Controle elaborar a respectiva nota técnica acerca de sua adequação orçamentária e financeira.

## 2 – SÍNTESE DA MEDIDA PROVISÓRIA

A Medida Provisória nº 312, de 2006, cinge-se a prorrogar, por mais dois anos, o prazo preconizado no art. 143 da Lei nº 6.213/1991, a qual trata dos planos de benefícios do Regime Geral de Previdência Social – RGPS. A Lei nº 8.213/1991, previu prazo de quinze anos para que os segurados empregados, avulsos e especiais, da área rural, pudessem requerer aposentadoria por idade, no valor de um salário-mínimo, mediante a comprovação de exercício de atividade rural, ainda que descontínua, no período imediatamente anterior ao requerimento do benefício, em número de meses idêntico à carência respectiva. Referido interregno expiraria no dia 24 de julho de 2006. Editou-se, então, a MP nº 312, de 2006, para alargar o termo final para requerer o benefício, especificamente para os empregados rurais.

A Exposição de Motivos – EM nº 29/MPS, de 18 de julho de 2006, do Ministério da Previdência Social, que acompanha a MP nº 312, de 2006, esclarece que a expiração do prazo inicial não prejudica nem os segurados especiais (assim definidos no art. 11, VII, da Lei nº 8.213/1991)<sup>1</sup>, cuja regra passa a ser aquela prevista

no art. 39, I, da mesma Lei, tampouco os segurados avulsos, regidos por relação jurídica peculiar.

A Exposição de Motivos assinala, ainda, que o advento do termo final do prazo prejudicaria sobremaneira os trabalhadores rurais empregados, porquanto seriam submetidos a regras muito mais rígidas de obtenção do benefício por idade, aplicáveis aos segurados em geral. A maioria deles não lograria comprovar o cumprimento de todos os requisitos legais.

Para demonstrar a observância dos requisitos de relevância e urgência da medida provisória, a EM informa que o Poder Executivo enviou ao Congresso Nacional o Projeto de Lei nº 6.852/2006, com pedido de urgência constitucional, dispondo sobre a identificação, inscrição e contribuição do segurado especial, em que também consta a prorrogação do prazo aplicado para a concessão de aposentadoria aos empregados rurais. Alude que o prazo de votação do citado Projeto já se esgotou, porém o mesmo continua em tramitação nas comissões temáticas, sem nenhuma perspectiva de votação até o dia fatal de 24-07.

Infelizmente, a EM nada cita acerca de possíveis repercussões orçamentárias e financeiras da MP nº 312, de 2006.

## 3 – SUBSÍDIOS ACERCA DA ADEQUAÇÃO FINANCEIRA E ORÇAMENTÁRIA

Conforme mencionado na introdução desta nota técnica, o exame de compatibilidade e adequação orçamentária e financeira deve analisar a repercussão sobre a receita ou a despesa pública da União e da implicação quanto ao atendimento das normas orçamentárias e financeiras vigentes, em especial a conformidade com a Lei Complementar nº 101, de 2000, a lei do plano plurianual, a lei de diretrizes orçamentárias e a lei orçamentária da União.

<sup>1</sup> De acordo com o aludido dispositivo, enquadram-se como segurados especiais: o produtor, o parceiro, o meeiro e o arrendatário rurais, o garimpeiro, o pescador artesanal e o assemblado, que exerçam suas atividades, individualmente ou em regime de economia familiar, ainda que com o auxílio eventual de terceiros, bem como seus respectivos cônjuges ou companheiros e filhos maiores de 14 (quatorze) anos ou a eles equiparados, desde que trabalhem, comprovadamente, com o grupo familiar respectivo. Frise-se que o Poder Executivo encaminhou, recentemente, ao Congresso Nacional, o Projeto de Lei nº 6.852, de 2006, em tramitação na Câmara dos Deputados, em que se redefine substancialmente o conceito de segurado especial.

Não obstante as informações encaminhadas pelo Poder Executivo, quando da edição da MP nº 312, de 2006, não tragam elementos para subsidiar a adequação orçamentária e financeira, é razoável entender que a prorrogação do prazo repercutirá de alguma forma nas despesas do RGPS. É de se admitir que o volume de concessão de aposentadorias por idade na área rural será superior com a prorrogação estabelecida pela Medida Provisória, se confrontado com a hipótese de manutenção do termo final do prazo definido inicialmente.

A Lei Complementar nº 101, de 2000, Lei de Responsabilidade Fiscal, apresentou Seção específica para tratar de aumento de obrigações na seara previdenciária. Seu art. 24 reproduz preceito constitucional (art. 195, § 5º), dispondo que nenhum benefício ou serviço relativo à seguridade social poderá ser criado, majorado ou estendido sem a indicação da fonte de custeio total.

Exige, ainda, a observância de seu art. 17, o qual prevê a necessidade de os atos que criarem ou aumentarem essas despesas serem instruídos com a estimativa do impacto fiscal e demonstrarem a origem dos recursos para seu custeio. Os atos deverão, ainda, ser acompanhados de comprovação de que a despesa criada ou aumentada não afetará as metas de resultados fiscais, devendo seus efeitos financeiros, nos períodos seguintes, ser compensados pelo aumento permanente de receita ou pela redução permanente de despesa.

Deve ser registrado que nenhuma dessas informações foi encaminhada pelo Poder Executivo neste momento.

Contudo, na Exposição de Motivos nº 14/MPS, de 28-3-2006, que acompanha o Projeto de Lei nº 6.852/2006, já referido, assevera-se que a medida “que prorroga por mais dois anos o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 1991, para o trabalhador rural empregado proporcionará aumento de despesa, estimado em 195,6 milhões para os dois anos”. Ademais, é mencionado que os ganhos de arrecadação da Previdência compensarão, com sobras, esse acréscimo de despesa, “atendendo assim ao disposto nos arts. 16 e 17 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2001”. Em síntese, o Poder Executivo buscou atentar para os ditames da Lei Complementar nº 101, de 2000, quando do envio do projeto de lei, porém assim não procedeu quando da posterior edição da Medida Provisória.

Por fim, cabe informar que boa parte do crescente déficit do RGPS relaciona-se à área rural, em que são

concedidos e pagos benefícios sem a comprovação de contribuição prévia, aproximando-os de verdadeiros benefícios de natureza assistencial, e não previdenciária<sup>2</sup>. Em 2005, consoante dados do INSS, do déficit total de R\$38,2 bilhões, quase R\$24,5 bilhões, ou 64,1% do total, refere-se à clientela rural. A prorrogação de prazo para requerer aposentadoria rural por idade, trazida pela MP nº 312, de 2006, reforça esse contexto. De todo modo, o déficit crescente da Previdência evidencia que são necessárias medidas para o aumento da formalização do vínculo previdenciário na área rural, envolvendo tanto empregados como trabalhadores enquadrados no conceito de segurados especiais, com vistas ao aumento da arrecadação no setor.

São esses os subsídios que consideramos mais relevantes para a apreciação da Medida Provisória nº 312, de 19 de julho de 2006, quanto à adequação orçamentária e financeira. – **Eduardo Andres Ferreira Rodriguez**, Consultor de Orçamentos.

#### **PARECER DO RELATOR, PELA COMISSÃO MISTA, À MEDIDA PROVISÓRIA Nº 312, DE 2006, E EMENDAS.**

**O SR. ADÃO PRETTO** (PT – RS. Para emitir parecer. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Deputados, a Medida Provisória nº 312, de 2006, objetiva prorrogar por 2 anos o prazo da aposentadoria dos agricultores e assalariados rurais, porque a lei vigente foi aprovada em 1991 para ter validade por 15 anos.

O projeto de lei que trata da matéria, apesar de tramitar em regime de urgência, corre o risco de não ser votado este ano, em virtude do pleito eleitoral. Então, é necessário prorrogar a lei por mais 2 anos, para evitar prejuízos a mais de 3,5 milhões de agricultores.

A Medida Provisória nº 312, de 2006, recebeu 4 emendas, mas lhes demos parecer contrário e acolhemos a medida provisória na íntegra.

Em virtude do acordo das Lideranças, nós nos comprometemos a enviar a documentação a todos os interessados para justificar a rejeição das emendas.

É o parecer.

<sup>2</sup> Para que se tenha uma idéia da magnitude dos valores envolvidos, na Lei Orçamentária para 2006, prevê-se um gasto total de R\$20,1 bilhões com aposentadorias rurais, beneficiando cerca de 5,0 milhões de aposentados. Além disso, são estimadas despesas de R\$7,7 bilhões com pensões na área rural, contemplando 1,8 milhão de pensionistas.

## Consulta Tramitação das Proposições

**Proposição: MPV-312/2006**

**Autor:** Poder Executivo

**Data de Apresentação:** 20/07/2006

**Apreciação:** Proposição Sujeita à Apreciação do Plenário

**Regime de tramitação:** Urgência

**Situação:** PLEN. Aguardando Encaminhamento.

**Ementa:** Prorroga, para o trabalhador rural empregado, o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.

**Aplicação da Ementa:** Prorroga por mais 2 (dois) anos o prazo para o trabalhador rural requerer aposentadoria por idade - até 2008.

**Indexação:** Alteração, Lei Federal, Plano de Benefícios, Previdência Social, prorrogação, aumento, prazo, trabalhador rural, apresentação, requerimento, aposentadoria por idade, comprovação, exercício profissional, atividade rural.

**Respaldo:**

Art. 50, § 9º - Publique-se, submetendo ao Plenário, Proposição Sujeita à Apreciação do Plenário Regime de Tramitação: Urgência

- PLEN (PLEN)

**MSC-569/2006 (Mensagem) - Poder Executivo**

### Legislação Citada

#### Emendas

**MPV31206 (MPV31206)**

**EMC 1/2006 MPV31206 (Emenda Apresentada na Comissão) - Alexandre Cardoso**

**EMC 2/2006 MPV31206 (Emenda Apresentada na Comissão) - Miguel de Souza**

**EMC 3/2006 MPV31206 (Emenda Apresentada na Comissão) - Antonio Carlos Mendes Thame**

**EMC 4/2006 MPV31206 (Emenda Apresentada na Comissão) - Betinho Rosado**

#### Parceres, Votos e Redação Final

**MPV 31206 (MPV31206)**

**PPP 1 MPV31206 (Parecer Proferido em Plenário) - Adão Pretto**

#### Última Ação:

**4/9/2006 - PLENÁRIO (PLEN) - A Matéria vai ao Senado Federal, incluindo o processado. (MPV 312-A/06)**

Este documento de pesquisa não está em vigor, estando a ser tratado pelo sistema, devendo ser consultado nos órgãos respectivos.

|            |   |
|------------|---|
|            | <b>Encaminhamento:</b>  |
| 03/07/2006 | <b>Poder Executivo (EXEC)</b><br>Publicação da Medida Provisória no Diário Oficial da União.  |
| 20/07/2006 | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br>Prazo para Emendas: 21/07/2006 a 26/07/2006. Comissão Mista: 20/07/2006 a 02/08/2006. Câmara dos Deputados: 03/08/2006 a 16/08/2006. Senado Federal: 17/08/2006 a 30/08/2006. Retorno à Câmara dos Deputados (se houver): 31/08/2006 a 02/09/2006. Sobrestar Pauta: a partir de 03/09/2006. Congresso Nacional: 20/07/2006 a 17/09/2006. Prorrogação pelo Congresso Nacional: 18/09/2006 a 16/11/2006. |
| 20/07/2006 | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br>Prazo para Emendas: 21/07/2006 a 26/07/2006. Comissão Mista: 20/07/2006 a 02/08/2006. Câmara dos Deputados: 03/08/2006 a 16/08/2006. Senado Federal: 17/08/2006 a 30/08/2006. Retorno à Câmara dos Deputados (se houver): 31/08/2006 a 02/09/2006. Sobrestar Pauta: a partir de 03/09/2006. Congresso Nacional: 20/07/2006 a 17/09/2006. Prorrogação pelo Congresso Nacional: 18/09/2006 a 16/11/2006. |
| 03/07/2006 | <b>COORDENAÇÃO DE COMISSÕES PERMANENTES (CCP)</b><br>Encaminhada à MPV31206.  |
| 18/08/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Apresentação da MSC 569/2006, do Poder Executivo, que "submete à deliberação do Congresso Nacional o texto da Medida Provisória nº 312, de 19 de julho de 2006, que "prorroga, para o trabalhador rural empregado, o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991".   |
| 18/08/2006 | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br>Recebido o Ofício nº 324, de 2006, do Congresso Nacional, que encaminha o processado da Medida Provisória nº 312, de 2006, informando, ainda, que à Medida foram oferecidas 4 (quatro) emendas e que a Comissão Mista designada não se instalou.   |

|          |   |
|----------|---|
| 1/8/2006 | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br><br>Publique-se. Submeta-se ao Plenário. Proposição Sujeta à Apreciação do Plenário Regime de Tramitação: Urgência   |
| 7/8/2006 | <b>COORDENAÇÃO DE COMISSÕES PERMANENTES (CCP)</b><br>Encaminhada à publicação. Publicação Inicial no DCD de 8/8/2006  |
| 7/8/2006 | <b>Presidência da Câmara dos Deputados (PRESI)</b><br>Designo o Relator, Dep. Adão Pretto (PT-RS), para proferir parecer em plenário pela Comissão Mista a esta medida provisória e as emendas apresentadas.  |
| 7/8/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Discutido em turno único.   |
| 1/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Parecer proferido em Plenário pelo Relator, Dep. Adão Pretto (PT-RS), pela Comissão Mista, que conclui pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e urgência; pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa; pela adequação financeira e orçamentária; e, no mérito, pela aprovação desta MPV e pela rejeição das Emendas de nºs 1 a 4. |
| 1/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Discutiram a Matéria: Dep. Colbert Martins (PPS-BA), Dep. Sérgio Miranda (PDT-MG) e Dep. Inácio Arruda (PCdoB-CE).  |
| 1/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br><br>Encerrada a discussão.  |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Votação preliminar em turno único   |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovado, em apreciação preliminar, o Parecer do Relator, na parte em que manifesta opinião favorável quanto ao atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e urgência e de sua adequação financeira e orçamentária, nos termos do artigo 8º da Resolução nº 01, de 2002-CN.   |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Votação, quanto ao mérito, em turno único.  |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Rejeitadas as Emendas de nºs 1 a 4, com parecer contrário.  |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovada a Medida Provisória nº 312, de 2006.   |
| 1/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Votação da Redação Final  |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovada a Redação Final assinada pelo Relator, Dep. Adão Pretto (PT-RS).   |
| 4/9/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>A Matéria vai ao Senado Federal, incluindo o processado. (MPV 312-A/06)   |

Cadastrar para Acompanhamento

Nova Pesquisa

## ATO DO PRESIDENTE DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL Nº 48, DE 2006

O **Presidente da Mesa do Congresso Nacional**, cumprindo o que dispõe o § 1º do art. 10 da Resolução nº 1, de 2002-CN, faz saber que, nos termos do § 7º do art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001, a **Medida Provisória nº 312, de 19 de julho de 2006**, que "*Prorroga, para o trabalhador rural empregado, o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991*", terá sua vigência prorrogada pelo período de sessenta dias, a partir de 18 de setembro de 2006, tendo em vista que sua votação não foi encerrada nas duas Casas do Congresso Nacional.

Congresso Nacional, 6 de setembro de 2006.

  
**Senador Renan Calheiros**  
*Presidente da Mesa do Congresso Nacional*

### LEGISLAÇÃO CITADA

LEI Nº 8.213, DE 24 DE JULHO DE 1991

**Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências.**

.....  
Art. 143. O trabalhador rural ora enquadrado como segurado obrigatório no Regime Geral de Previdência Social, na forma da alínea a do inciso I, ou do inciso IV

ou VII do art. 11 desta Lei, pode requerer aposentadoria por idade, no valor de um salário mínimo, durante quinze anos, contados a partir da data de vigência desta Lei, desde que comprove o exercício de atividade rural, ainda que descontínua, no período imediatamente anterior ao requerimento do benefício, em número de meses idêntico à carência do referido benefício. (Redação dada pela Lei nº 9.063, de 1995)

.....  
.....

# MEDIDA PROVISÓRIA Nº 313 , DE 2006

Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais), para o fim que especifica.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica aberto crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais), para atender à programação constante do Anexo desta Lei.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

ORGÃO : 53000 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL  
UNIDADE : 53101 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL

| ANEXO                                |                | CREDITO EXTRAORDINARIO   |             |                  |             |             |             |                   |
|--------------------------------------|----------------|--|-------------|------------------|-------------|-------------|-------------|-------------------|
| PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTACAO) |                | RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1,00                                     |             |                  |             |             |             |                   |
| FUNC                                 | PROGRAMATICA   | PROGRAMA/CAO/SUBTITULO/PRODUTO   | T<br>S<br>F | G<br>R<br>P<br>D | M<br>P<br>D | I<br>O<br>D | F<br>T<br>E | VALOR             |
|                                      |                | <b>1029 RESPOSTA AOS DESASTRES</b>   |             |                  |             |             |             | <b>10.000.000</b> |
|                                      |                | <b>ATIVIDADES</b>  |             |                  |             |             |             |                   |
| 06 182                               | 1019 4568      | REABILITACAO DOS CENARIOS DE DESASTRES                                     |             |                  |             |             |             | 10.000.000        |
| 06 182                               | 1029 4568 0101 | REABILITACAO DOS CENARIOS DE DESASTRES - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO) | F           | 4                | 2           | 30          | 0           | 300               |
|                                      |                | <b>TOTAL - FISCAL</b>  |             |                  |             |             |             | <b>10.000.000</b> |
|                                      |                | <b>TOTAL - SEGURIDADE</b>  |             |                  |             |             |             | <b>0</b>          |
|                                      |                | <b>TOTAL - GERAL</b>   |             |                  |             |             |             | <b>10.000.000</b> |

# MEDIDA PROVISÓRIA ORIGINAL

## Nº 313 , DE 2006

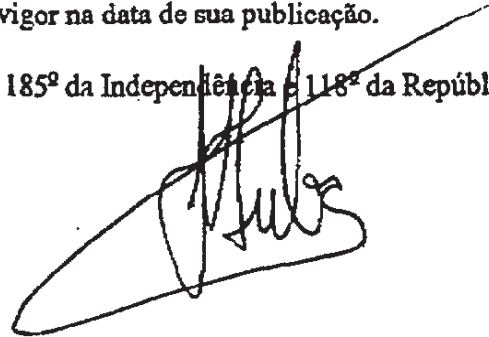
Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00, para o fim que especifica.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62, combinado com o art. 167, § 3º, da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei:

Art. 1º Fica aberto crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais), para atender à programação constante do Anexo desta Medida Provisória.

Art. 2º Esta Medida Provisória entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 25 de julho de 2006; 185ª da Independência e 118ª da República.



*Referenda: Paulo Bernardo Silva*  
MP-CRÉDITO MDI(L4)

| ORÇAO : 53000 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL   |                |  |               |                  |             |                  |        |                   |
|---|----------------|--|---------------|------------------|-------------|------------------|--------|-------------------|
| UNIDADE : 53101 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL |                |  |               |                  |             |                  |        |                   |
| ANEXO   |                | CRÉDITO EXTRAORDINÁRIO   |               |                  |             |                  |        |                   |
| PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTAÇÃO)                |                | RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1,00                                     |               |                  |             |                  |        |                   |
| FUNÇ  | PROGRAMÁTICA   | PROGRAMA/AÇÃO/SUBTÍTULO/PRODUTO  | EGR<br>S<br>F | R<br>N<br>P<br>D | M<br>P<br>D | C<br>O<br>U<br>T | P<br>E | VALOR             |
|   |                | <b>1029 RESPOSTA AOS DESASTRES</b>   |               |                  |             |                  |        | <b>10.000.000</b> |
|   |                | ATIVIDADES   |               |                  |             |                  |        |                   |
| 06 122  | 1029 4568      | REABILITACAO DOS CENARIOS DE DESASTRES                                     |               |                  |             |                  |        | 10.000.000        |
| 06 182  | 1029 4568 0101 | REABILITACAO DOS CENARIOS DE DESASTRES - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO) |               |                  |             |                  |        | 10.000.000        |
|   |                |  | F             | 4                | 2           | 30               | 10     | 900               |
|   |                | TOTAL - FISCAL   |               |                  |             |                  |        | 10.000.000        |
|   |                | TOTAL - SEGURIDADE   |               |                  |             |                  |        | 0                 |
|   |                | TOTAL - GERAL  |               |                  |             |                  |        | 10.000.000        |

**MENSAGEM Nº 611, DE 2006**

Senhores Membros do Congresso Nacional,

Nos termos do artigo 62 da Constituição, submeto à elevada deliberação de Vossas Excelências o texto da Medida Provisória nº 313, de 25 de julho de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00, (dez milhões de reais), para o fim que especifica”.

Brasília, 25 de julho de 2006. – **Luís Inácio Lula da Silva**.

EM Nº 135/MP

Brasília, 25 de julho de 2006

00001.00746712006-74

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

1. Dirijo-me a Vossa Excelência para apresentar Proposta de Medida Provisória que abre crédito extraordinário no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), em favor do Ministério da Integração Nacional.

2. O crédito tem por finalidade viabilizar o atendimento às populações vítimas de fortes estiagens ocorridas recentemente em Municípios da Região Sul do País, fatos esses que resultaram no reconhecimento pelo Governo Federal do estado de calamidade pública ou da situação de emergência em que se encontram.

3. A relevância e urgência da matéria são justificadas pelas graves conseqüências oriundas da estiagem, como a frustração da safra dos agricultores familiares atingidos, a carência de alimentos e, principalmente, o esgotamento das reservas hídricas. Tais desastres provocaram sérios transtornos com significativos danos humanos, materiais e ambientais.

4. O atendimento será feito mediante intervenções de recuperação e adequação da infra-estrutura hídrica, compreendida a reabilitação de cenários de desastres, de forma a normalizar as reservas hídricas e garantir o abastecimento de água às populações atingidas pela estiagem.

5. Esclareça-se que a proposição está em conformidade com o disposto no art. 62, combinado com o § 3º do art. 167, da Constituição.

6. Nessas condições, tendo em vista a urgência e relevância da matéria, submeto à consideração de Vossa Excelência, em anexo, Proposta de Medida Provisória, que visa efetivar a abertura do referido crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional.

Respeitosamente, **Paulo Bernardo Silva**.

OF. Nº 1.707/06/SGM/P

Brasília, 17 de outubro de 2006

**Assunto:** envio de MPV para apreciação

Senhor Presidente,

Encaminho a Vossa Excelência, a fim de ser submetida à consideração do Senado Federal, a inclusa Medida Provisória nº 313/06, do Poder Executivo aprovada na Sessão Plenária do dia 10-10-06, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), para o fim que especifica.”, conforme o disposto no art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001.

2. Encaminho, em anexo, o processado da referida Medida Provisória e os autógrafos da matéria aprovada nesta Casa.

Atenciosamente, – **Aldo Rebelo**.



| <b>MPV Nº 313</b>  |   |
|--|---|
| <b>Publicação no DO</b>                                      | 26-7-2006                                   |
| <b>Emendas</b>   | até 1º-8-2006<br>(7º dia da publicação)     |
| <b>Prazo final na Comissão</b>                               | 26-7-2006 a 8-8-2006 (14º dia)              |
| <b>Remessa do Processo à CD</b>                              | 8-8-2006                                    |
| <b>Prazo na CD</b>   | de 9-8-2006 a 22-8-2006<br>(15º ao 28º dia) |
| <b>Recebimento previsto no SF</b>                            | 22-8-2006                                   |
| <b>Prazo no SF</b>   | 23-8-2006 a 5-9-2006<br>(42º dia)           |
| <b>Se modificado, devolução à CD</b>                         | 5-9-2006                                    |
| <b>Prazo para apreciação das modificações do SF, pela CD</b> | 6-9-2006 a 8-9-2006<br>(43º ao 45º dia)     |
| <b>Regime de urgência, obstruindo a pauta a partir de</b>    | 9-9-2006 (46º dia)                          |
| <b>Prazo final no Congresso</b>                              | 23-9-2006 (60 dias)                         |
| <b>Prazo final prorrogado</b>                                | 22-11-2006                                  |

| <b>MPV Nº 313</b>                      |            |
|--|------------|
| <b>Votação na Câmara dos Deputados</b> | 10-10-2006 |
| <b>Leitura no Senado Federal</b>       |            |
| <b>Votação no Senado Federal</b>       |            |

## EMENDA APRESENTADA PERANTE A COMISSÃO MISTA

|                     |                  |
|---------------------|------------------|
| <b>CONGRESSISTA</b> | <b>EMENDA Nº</b> |
| BETINHO ROSADO      | 1 e 2            |

### Índice de Emendas MPV 313/2006 - EMENDA

|                          |               | Total por Parlamentar |
|--------------------------|---------------|-----------------------|
| BETINHO ROSADO           | 00001 e 00002 | 2                     |
| <b>Total de Emendas:</b> |               | <b>2</b>              |

## APRESENTAÇÃO DE EMENDAS

EMENDA - 00001

Mensagem 072/2006-CN  
MPV 313/2006

|   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| Data  | proposição                           |
|   | <b>Medida Provisória nº 313/2006</b> |
| autor   | Nº do promotor                       |
| <b>Dep. Betinho Rosado</b>  |                                      |
| <input type="checkbox"/> Supressiva    2. <input type="checkbox"/> substitutiva    3. <input type="checkbox"/> modificativa    4. <input type="checkbox"/> aditiva    5. <input type="checkbox"/> Substitutivo global |                                      |
| Página  | Artigo                               |
|   | Parágrafo                            |
|   | Inciso                               |
|   | alínea                               |
| TEXTO / JUSTIFICAÇÃO  |                                      |

Acrescente-se à Medida Provisória nº 313/2006, onde couber, os seguintes artigos:

“Art. Fica prorrogado por mais 10 (dez) anos o prazo da isenção do Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante — AFRMM, prevista no art. 17 da Lei nº 9.432, de 8 de janeiro de 1997.

Art. O *caput* do art. 17 da Lei nº 9.432, de 8 de janeiro de 1997, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 17. Por um prazo de 20 (vinte) anos, contado a partir de 8 de janeiro de 1997, não incidirá o Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante — AFRMM sobre as mercadorias cuja origem ou cujo destino final seja porto localizado na Região Norte ou Nordeste do País.  
.....” (NR)

## JUSTIFICATIVA

O desequilíbrio entre as regiões é uma marca do desenvolvimento econômico do País. No decorrer da nossa história, o Sul, o Sudeste e, mais recentemente, o Centro-Oeste brasileiros tornaram-se as regiões mais ricas, em detrimento do Norte e Nordeste do Brasil.

Nesse contexto, o constituinte original tratou de inserir, na atual Carta Magna, dispositivos que prevêem a criação de incentivos regionais, que compreendem, entre outros, isenções, reduções ou diferimento temporário de tributos federais.

Entre os vários incentivos em vigor, há a isenção do Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante — AFRMM, em relação a mercadorias cuja origem ou cujo destino final seja porto localizado na Região Norte ou Nordeste do País, prevista no art. 17 da Lei nº 9.432, de 8 de janeiro de 1997.

Embora os motivos econômicos e sociais que ensejaram a criação do sobredito incentivo fiscal não tenham deixado de existir, ele será extinto em 2007, se não for alterado o prazo de vigência do dispositivo legal em questão. O que poderá gerar uma crise sem precedentes em algumas áreas da economia do norte e nordeste do país.

Uma indústria, em especial, sofrerá de imediato as conseqüências do retorno da cobrança da AFRMM, a indústria de sal do Rio Grande do Norte. Enquanto perdura a mencionada dispensa, o sal marinho, produzido no Rio Grande do Norte, disputa o mercado do centro-sul do país em igualdade de condições com o sal importado do Chile. Isto porque o Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante – AFRMM, por força do 5º Protocolo Adicional ao Acordo de Complementação Econômica nº 35, celebrado entre os Estados partes do Mercosul e República do Chile, não incide sobre o frete do sal originário daquele país.

Portanto, na hipótese da não renovação da citada dispensa, a indústria salineira do Rio Grande do Norte passará a ter um encargo que o sal chileno não tem, desaparecendo assim o tratamento isonômico, significando uma flagrante perda de competitividade do sal potiguar, atingindo toda a economia do Estado, mais fortemente o setor portuário.

Por isso, apresento a presente emenda, que sugere a prorrogação, por mais dez anos, da isenção de que trata o art. 17 da Lei nº 9.432/1997.

PARLAMENTAR

Assinatura:



## APRESENTAÇÃO DE EMENDAS

EMENDA - 00002

Mensagem 072/2006-CN  
MPV 313/2006

|   |  |           |                  |        |
|---|--|-----------|------------------|--------|
| Data  | proposição<br><b>Medida Provisória nº 313/2006</b> |           |                  |        |
| autor<br><b>Dep. Betinho Rosado</b>   |  |           | Nº do proponente |        |
| 1 <input type="checkbox"/> Supressiva    2. <input type="checkbox"/> substitutiva    3. <input type="checkbox"/> modificativa    4. <input type="checkbox"/> aditiva    5. <input type="checkbox"/> Substitutivo global |  |           |                  |        |
| Página  | Artigo   | Parágrafo | Inciso           | alínea |

## TEXTO / JUSTIFICAÇÃO

Acrescente-se à Medida Provisória nº 313/2006, onde couber, os seguintes artigos:

Art. Fica reduzida a 0 (zero) as alíquotas da Contribuição para os Programas de Integração Social e de Formação do Patrimônio do Servidor Público - PIS/PASEP e da Contribuição para Financiamento da Seguridade Social - COFINS incidentes na importação e sobre a receita bruta de venda no mercado interno de sal, milho, rapadura e açúcar mascavo, destinados à alimentação humana.

Art. Os arts. 8º e 28º da Lei no 10.865, de 30 de abril de 2004, passam a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 8º .....

§ 12. ....

XIII – sal, milho, rapadura e açúcar mascavo, destinados à alimentação humana.  
....." (NR)

Art. 28. ....

VII – sal, milho, rapadura e açúcar mascavo, destinados à alimentação humana.  
....." (NR)

## JUSTIFICATIVA

A incapacidade de muitas famílias de prover alimentação adequada para seus integrantes, é um dos os graves problemas brasileiro. Perto de 22 milhões de brasileiros vivem em condições de indigência. Aproximadamente 34% da população vivem em condições de pobreza. Os números sobre a miséria do povo brasileiro podem variar, de acordo com o critério e metodologia utilizados, mas, em todos os casos, revelam uma realidade extremamente preocupante.

Nesse contexto, a criação de mecanismos que estimulem a diminuição dos preços dos alimentos, especialmente os consumidos em larga escala pela população mais carente, são de fundamental importância.

A apresentação da presente emenda, tem por objetivo reduzir a carga tributária que incide sobre sal, milho, rapadura e açúcar mascavo, destinados à alimentação humana.

Essa medida contribuirá para melhorar a qualidade da alimentação da população de baixa renda, estimulando a produção e a circulação dos referidos produtos, o que pode gerar mais empregos, renda e, indiretamente, impostos. Além disso, preços mais baixos de alimentos podem contribuir para a manutenção de níveis de inflação aceitáveis, ajudando a sustentar o equilíbrio macroeconômico do País.

PARLAMENTAR

Assinatura:



## NOTA TÉCNICA DE MP – Nº 20/2006

### Subsídios à apreciação da Medida Provisória nº 313, de 25 de julho de 2006, quanto à adequação orçamentária e financeira

Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00, para o fim que especifica.

#### A – Relatório

A Medida Provisória (MP) em exame abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), para atender à programação constante do Anexo da Medida Provisória e destinada à funcional 06.182.1029.4568.0101 – Reabilitação dos Cenários de Desastres – Nacional (Crédito Extraordinário).

A edição da medida provisória é justificada na Exposição de Motivos em razão da necessidade de:

“2. O crédito tem por finalidade viabilizar o atendimento às populações vítimas de fortes estiagens ocorridas recentemente em Municípios da Região Sul do País, fatos esses que resultaram no reconhecimento pelo Governo Federal do estado de calamidade pública ou da situação de emergência em que se encontram.

3. A relevância e urgência da matéria são justificadas pelas graves conseqüências oriundas da estiagem, como a frustração da safra dos agricultores familiares atingidos, a carência de alimentos e, principalmente, o esgotamento das reservas hídricas. Tais desastres provocaram sérios transtornos com significativos danos humanos, materiais e ambientais.

4. O atendimento será feito mediante intervenções de recuperação e adequação da infra-estrutura hídrica, compreendida a reabilitação de cenários de desastres, de forma a normalizar as reservas hídricas e garantir o abastecimento de água às populações atingidas pela estiagem.”

#### B – Subsídios

Cabe à Comissão Mista de Planos Orçamentos Públicos e Fiscalização dar parecer à referida medida provisória, no prazo improrrogável de quatorze (14) dias contado da publicação da MP, onde deverá emitir parecer único, onde se manifestará, dentre outros aspectos, sobre sua adequação financeira e orçamentária (**caput** do art. 5º da Resolução nº 1, de 2002-CN).

Estabelece também o § 1º do art. 5º da mencionada Resolução que:

§ 1º O exame de compatibilidade e adequação orçamentária e financeira das Medidas Provisórias abrange a análise da repercussão sobre a receita ou a despesa pública da União e da implicação quanto ao atendimento das normas orçamentárias e financeiras vigentes, em especial a conformidade com a Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a lei do plano plurianual, a lei de diretrizes orçamentárias e a lei orçamentária anual.”

No que concerne à adequação da MP à Lei de Diretrizes Orçamentárias – LDO/2006, Lei nº 11.178, de 20-9-2005, é importante ressaltar que não é observado o preceituado em seu art. 65.

“Art. 65. Na abertura de créditos extraordinários, é vedada a criação de novos códigos e títulos para ações já existentes.”

A mesma ação já é hoje contemplada pela Lei Orçamentária para 2006 (Lei nº 11.306, de 16 de maio de 2006) no Ministério da Integração Nacional onde encontra-se o crédito orçamentário 06.182.1029.4568.0001 Reabilitação dos Cenários de Desastres – Nacional com dotação de R\$1.745.952, ainda que não preveja a modalidade de aplicação 30 (estados), cuja alteração pode ser realizada pelo Ministro da área, por força do art. 62, II, da LDO/2006.

Observamos que as despesas a serem custeadas pelo crédito extraordinário em análise não se caracterizam como despesa obrigatória continuada, assim não se subordinam às exigências da Lei de Responsabilidade Fiscal, Lei Complementar nº 101, de 2000.

Brasília, 4 de agosto de 2006. – **Eber Zoehler Santa Helena**, Consultor de Orçamento e Fiscalização Financeira.

#### PARECER PUBLICADO NO PLENÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS PELO RELATOR, EM SUBSTITUIÇÃO À COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO, À MEDIDA PROVISÓRIA Nº 313, DE 2006, E EMENDAS.

**O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ** (PTB – SP. Para emitir parecer. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, parecer sobre a Medida Provisória nº 313, de 25 de julho de 2003, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), para os fins que especifica.

Autor: Poder Executivo.

Relatório.

Com base no art. 62 combinado com o art. 167, § 3º, da Constituição Federal, o Excelentíssimo Senhor Presidente da República encaminhou ao Congresso Nacional, por intermédio de mensagem, a Medida Provisória nº 313, de 2006, que “Abre crédito extraordinário em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), para os fins que especifica”.

Conforme exposição de motivos, que acompanha referida mensagem, o crédito tem por finalidade viabilizar o atendimento às populações vítimas de fortes estiagens ocorridas recentemente em Municípios da Região Sul do País, fatos esses que resultaram no reconhecimento pelo Governo Federal do estado de calamidade pública e da situação de emergência em que se encontram.

A relevância e urgência da matéria são justificadas pelas graves conseqüências oriundas da estiagem, como a frustração de safra dos agricultores familiares atingidos, a carência de alimentos e, principalmente, o esgotamento das reservas hídricas. Tais desastres provocaram sérios transtornos com significativos danos humanos, materiais e ambientais.

O atendimento será feito mediante intervenções de recuperação e adequação da infra-estrutura hídrica, compreendida a reabilitação de cenários de desastres, de forma a normatizar as reservas hídricas e garantir abastecimento de água às populações atingidas pela estiagem.

O crédito solicitado não indica as fontes dos recursos necessários à execução das despesas propostas.

À Medida Provisória foram apresentadas duas emendas.

É o Relatório.

Voto do Relator.

O artigo 5º da Resolução nº 1, de 2002-CN, que dispõe sobre a apreciação, pelo Congresso Nacional, das medidas provisórias a que se refere o artigo 62, prevê que o Parecer a crédito extraordinário deve ser único, contendo manifestação sobre a matéria quanto aos aspectos constitucional, inclusive sobre os seus pressupostos de relevância e urgência, de mérito, de adequação financeira e orçamentária e sobre o cumprimento da exigência prevista no § 1º, art. 2º, daquele diploma legal.

Aspectos constitucionais e pressupostos de relevância e urgência.

Do exame da medida provisória de Crédito Extraordinário, verificou-se que a iniciativa atende aos

pressupostos constitucionais de admissibilidade referentes à relevância, à urgência e à imprevisibilidade, haja vista a necessidade de atuação imediata e eficaz do Governo Federal nas ações objeto do crédito extraordinário, uma vez que a urgência e a relevância da matéria são justificadas pela extensão do desastre e pelos graves danos humanos, materiais e ambientais oriundos da forte estiagem ocorrida em Municípios localizados na citada região.

Adequação orçamentária e financeira da medida provisória.

Da análise da adequação orçamentária e financeira da medida provisória, verifica-se que o crédito extraordinário não contraria os dispositivos constitucionais ou preceitos legais pertinentes, em particular no que diz respeito à sua compatibilidade com o Plano Plurianual ou com suas alterações e à sua conformidade, com a LDO para o exercício de 2006 e a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Quanto aos recursos ofertados, o crédito solicitado não indica as fontes de recurso necessárias à execução das despesas propostas. Contudo, não antevejo qualquer óbice, quanto ao mencionado fato, haja vista que a Constituição estabelece claramente essa obrigatoriedade somente para os créditos suplementares e especiais. Com isso, presentes os pressupostos constitucionais de relevância, urgência e imprevisibilidade, que são os requisitos básicos para a utilização de medida provisória, não deve o crédito sujeitar-se à limitação de recursos. Todavia, é conveniente que, no transcorrer da execução da Lei de Meios, o Poder Executivo promova os necessários ajustes às programações orçamentárias, visto que esses gastos afetam o cálculo de resultado primário prenunciado no art. 2º da LDO/2006.

Cumprimento da exigência prevista no § 1º do art. 2º da Resolução nº 1, de 2002-CN.

A exposição de motivos do Ministro de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão supre a exigência prevista no § 1º do art. 2º da Resolução nº 1, de 2002-CN, que trata do envio de documentos expondo a motivação da edição da Medida Provisória.

Mérito

O crédito extraordinário destina recursos para o atendimento de despesas de extrema necessidade no âmbito de competência do Ministro da Integração Nacional. Os recursos consignados têm por finalidade atenuar a situação da população atingida pela forte e prolongada estiagem ocorrida em Municípios da Re-

gião Sul do País, o que provocou danosas conseqüências às comunidades atingidas, como: frustração de safras, carência de alimentos, esgotamento das reservas hídricas, sendo que tais desastres provocam sérios transtornos, o que torna imprescindível e necessária a imediata intervenção do Governo.

Análise das emendas.

No que refere às duas emendas apresentadas ao presente crédito extraordinário, constatamos que as mesmas devem ser consideradas inadmitidas, por contrariar dispositivos legais ou regimentais, de acordo com a Resolução nº 1/2002-CN da Constituição Federal.

Conclusão.

Diante do exposto, somos favoráveis à aprovação da Medida Provisória nº 313, de 2006, nos termos propostos pelo Poder Executivo, tendo por inadmitidas as Emendas nºs 1 e 2 apresentadas à proposição.

É o relatório, Sr. Presidente.

**Parecer Escrito Encaminhado à Mesa.**

#### **PARECER Nº , DE 2006-CN**

**Parecer sobre a Medida Provisória nº 313, de 25 de julho de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), para os fins que especifica”.**

Autor: Poder Executivo

Relator: Deputado **Beto Albuquerque**

#### **I – Relatório**

Com base no art. 62, combinado com o art. 167, § 3º, da Constituição Federal, o Excelentíssimo Senhor Presidente da República encaminhou ao Congresso Nacional, por intermédio da Mensagem nº 72/2006-CN (nº 611/2006, na origem), a Medida Provisória nº 313, de 25 de julho de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), para os fins que especifica”.

Conforme a Exposição de Motivos nº 135/2006/MP, que acompanha a referida Mensagem Presidencial, o crédito tem por finalidade viabilizar o atendimento às populações vítimas de fortes estiagens ocorridas recentemente em municípios da Região Sul do País, fatos esses que resultaram no reconhecimento pelo

Governo Federal do estado de calamidade pública ou da situação de emergência em que se encontram.

A relevância e urgência da matéria são justificadas pelas graves conseqüências oriundas da estiagem, como a frustração da safra dos agricultores familiares atingidos, a carência de alimentos e, principalmente, o esgotamento das reservas hídricas. Tais desastres provocaram sérios transtornos com significativos danos humanos, materiais e ambientais.

O atendimento será feito mediante intervenções de recuperação e adequação da infra-estrutura hídrica, compreendida a reabilitação de cenários de desastres, de forma a normalizar as reservas hídricas e garantir o abastecimento de água às populações atingidas pela estiagem.

O crédito solicitado não indica as fontes de recursos necessários à execução das despesas propostas.

À medida provisória foram apresentadas 2 emendas.

É o relatório.

#### **II – Voto do Relator**

O art. 5º, da Resolução nº 1, de 2002-CN, que dispõe sobre a apreciação, pelo Congresso Nacional, das Medidas Provisórias a que se refere o art. 62, da Constituição Federal, prevê que o Parecer a crédito extraordinário deve ser único, contendo manifestação sobre a matéria quanto aos aspectos constitucional, inclusive sobre os pressupostos de relevância e urgência, de mérito, de adequação financeira e orçamentária e sobre o cumprimento da exigência prevista no § 1º, art. 2º, daquele diploma legal.

#### **II.1. Aspectos Constitucionais e Pressupostos de Relevância e Urgência**

Do exame da medida provisória de Crédito Extraordinário, verificou-se que a iniciativa atende aos pressupostos constitucionais de admissibilidade referentes à relevância, à urgência e à imprevisibilidade previstos nos arts. 62, e 167, § 3º, da Constituição Federal, haja vista a necessidade de atuação imediata e eficaz do Governo Federal nas ações objeto do crédito extraordinário uma vez que a urgência e a relevância da matéria são justificadas pela extensão do desastre e pelos graves danos humanos, materiais e ambientais oriundos da forte estiagem ocorrida em municípios localizados na citada região.

## II.2. Adequação Orçamentária e Financeira da Medida Provisória

Da análise da adequação orçamentária e financeira da medida provisória, verifica-se que o crédito extraordinário não contraria os dispositivos constitucionais ou os preceitos legais pertinentes, em particular no que diz respeito à sua compatibilidade com o Plano Plurianual (Lei nº 10.933, de 11.08.2004) ou com suas alterações e à sua conformidade com as disposições das Leis de Diretrizes Orçamentárias para o exercício de 2006 (Lei nº 11.178, de 20 de setembro de 2005) e a Lei de Responsabilidade Fiscal (Lei Complementar nº 101/2000).

Quanto aos recursos ofertados, o crédito solicitado não indica as fontes de recursos necessárias à execução das despesas propostas. Contudo, não antevejo qualquer óbice, quanto ao mencionado fato, haja vista que a Constituição estabelece claramente essa obrigatoriedade somente para os créditos suplementares e especiais (inciso V do art. 167). Com isso, presentes os pressupostos constitucionais de relevância, urgência e imprevisibilidade, que são os requisitos básicos para a utilização de medida provisória, não deve o crédito sujeitar-se a limitações de recursos. Todavia, é conveniente que no transcorrer da execução da Lei de Meios, o Poder Executivo promova os necessários ajustes às programações orçamentárias, visto que esses gastos afetam o cálculo do resultado primário prenunciado no art. 2º da LDO/2006.

## II.3. Cumprimento da Exigência Prevista no § 1º, do Art. 2º da Resolução Nº 1, de 2002-CN

A Exposição de Motivos nº 001 35/2005/MP, do Ministro de Estado do Planejamento, Orçamento e Gestão, supre a exigência prevista no § 1º, do art. 2º, da Resolução nº 1, de 2002-CN, que trata do envio de documento expondo a motivação da edição da Medida Provisória.

## II.4. Mérito

O crédito extraordinário destina recursos para o atendimento de despesas de extrema necessidade

no âmbito de competência do Ministério da Integração Nacional. Os recursos consignados tem por finalidade atenuar a situação da população atingida pela forte e prolongada estiagem ocorrida em municípios da Região Sul do País, o que provocou danosas conseqüências às comunidades atingidas, como: a frustração de safras, carência de alimentos, esgotamento das reservas hídricas, sendo que tais desastres provocaram sérios transtornos, o que torna imprescindível e necessária a imediata intervenção do Governo Federal.

## II.5. Análise das Emendas

No que se refere às duas emendas apresentadas ao presente crédito extraordinário, constatamos que as mesmas devem ser consideradas inadmitidas, por contrariar dispositivos constitucionais, legais ou regimentais, em especial, o que dispõe § 4º, do Art. 4º da Resolução nº 1, de 2002; o art. 20, da Resolução nº 1, de 2001 e o § 8º, do Art. 165, da Constituição Federal.

## II.6. Conclusão

Diante do exposto, somos favoráveis à aprovação da Medida Provisória nº 313, de 2006, nos termos propostos pelo Poder Executivo, tendo por inadmitidas as emendas nºs 1 e 2 apresentadas à proposição.

Sala das Sessões, em de de 2006. – Deputado **Beto Albuquerque**, Relator.

Resolução nº 1, de 2002

Art 4º...

§ 4º É vedada a apresentação de emendas que versem sobre matéria estranha aquela tratada na Medida Provisória, cabendo ao Presidente da Comissão o seu indeferimento liminar. Resolução nº 1, de 2001.

Art. 20. As emendas às proposições em tramitação na Comissão serão inadmitidas quando contrariarem as normas constitucionais, legais e regimentais.

Constituição

Federal.

Art. 165...

§ 8º A lei orçamentária anual não conterá dispositivo estranho à previsão da receita e à fixação da despesa, não se incluindo na proibição a autorização para abertura de créditos suplementares e contratação de operações de crédito, ainda que por antecipação de receita, nos termos da lei.



## Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização

## Anexo I

(Ao Parecer nº , de 2006)

MP nº 313, de 2006 – CN

## DEMONSTRATIVO DE QUE TRATA O PARÁGRAFO ÚNICO DO ART. 46 DO REGULAMENTO INTERNO DA COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO

| Nº Emenda | Autor               | Finalidade  | Parecer   |
|-----------|---------------------|---|---|
| 00001     | Dep. Betinho Rosado | <p>Acresce artigos à MP:</p> <p>Art. Fica prorrogado por mais 10 (dez) anos o prazo da isenção do Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante – AFRMM, prevista no art. 17 da Lei nº 9.432, de 8 de janeiro de 1997.</p> <p>Art. O caput do art. 17 da Lei nº 9.432, de 8 de janeiro de 1997, passa a vigorar com a seguinte redação:</p> <p>“Art. 17 Por um prazo de 20 (vinte) anos, contado a partir de 8 de janeiro de 1997, não incidirá o Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante – AFRMM sobre as mercadorias cuja origem ou cujo destino final seja porto localizado na Região Norte ou Nordeste do País<br/>.....” (NR)</p>  | Inadmitida. Res. nº 01/2001-CN, art. 20 e Art. 165, § 8º da Constituição Federal. |
| 00002     | Dep. Betinho Rosado | <p>Acresce artigos à MP:</p> <p>Art. Fica reduzida a 0 (zero) as alíquotas da Contribuição para os Programas de Integração Social e de Formação do Patrimônio do Servidor Público – PIS/PASEP e da Contribuição para Financiamento da Seguridade Social – COFINS incidentes na importação e sobre a receita bruta de venda no mercado interno de sal, milho, rapadura e açúcar mascavo, destinados à alimentação humana.</p> <p>Art. Os arts. 8º e 28º da Lei nº 10.865, de 30 de abril de 2004, passam a vigorar com a seguinte redação:</p> <p>“Art. 8º.....<br/>.....<br/>§ 12.....<br/>XIII – sal, milho, rapadura e açúcar mascavo, destinados à alimentação humana.<br/>.....” (NR)</p> <p>Art. 28.....<br/>.....<br/>VII – sal, milho, rapadura e açúcar mascavo, destinados à alimentação humana.<br/>.....” (NR)</p> | Inadmitida. Res. nº 01/2001-CN, art. 20 e Art. 165, § 8º da Constituição Federal. |

**Proposição: MPV-313/2006****Autor:** Poder Executivo**Data de Apresentação:** 26/07/2006**Apreciação:** Proposição Sujeita à Apreciação do Plenário**Regime de tramitação:** Urgência**Situação:** PLEN: Aguardando Encaminhamento.**Ementa:** Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00, para o fim que especifica.**Indexação:** Abertura de Crédito, Crédito extraordinário, Ministério da Integração Nacional, Programa de Trabalho, desastre, atendimento, população, vítima, estiagem, Municípios, Região Sul, abastecimento de água, recursos hídricos.**Despacho:**

9/8/2006 - Publique-se. Submeta-se ao Plenário. Proposição Sujeita à Apreciação do Plenário Regime de Tramitação: Urgência

- PLEN (PLEN )

**MSC 611/2006 (Mensagem) - Poder Executivo****Legislação Citada****Emendas**

- MPV31306 (MPV31306)

**EMC 1/2006 MPV31306 (Emenda Apresentada na Comissão) - Betinho Rosado****EMC 2/2006 MPV31306 (Emenda Apresentada na Comissão) - Betinho Rosado****Pareceres, Votos e Redação Final**

- MPV31306 (MPV31306)

**PPP 1 MPV31306 (Parecer Proferido em Plenário) - Arnaldo Faria de Sá****Última Ação:**

10/10/2006 - PLENÁRIO (PLEN) - A Matéria vai ao Senado Federal, incluindo o processado. (MPV 313-A/06)

Obs.: o andamento da proposição fora desta Casa Legislativa não é tratado pelo sistema, devendo ser consultado nos órgãos respectivos.

|            |   |
|------------|---|
| Andamento: |   |
| 26/7/2006  | <b>Poder Executivo (EXEC)</b><br>Publicação da Medida Provisória no Diário Oficial da União.  |
| 26/7/2006  | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br>Prazo para Emendas: 27/07/2006 a 01/08/2006. Comissão Mista: 26/07/2006 a 08/08/2006. Câmara dos Deputados: 09/08/2006 a 22/08/2006. Senado Federal: 23/08/2006 a 05/09/2006. Retorno à Câmara dos Deputados (se houver): 06/09/2006 a 08/09/2006. Sobrestar Pauta: a partir de 09/09/2006. Congresso Nacional: 26/07/2006 a 23/09/2006. Prorrogação pelo Congresso Nacional: 24/09/2006 a 22/11/2006. |
| 8/8/2006   | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Apresentação da MSC 611/2006, do Poder Executivo, que "submete à apreciação do Congresso Nacional o texto da Medida Provisória nº 313, de 25 de Julho de 2006, que "Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00, para o fim que especifica".  |
| 8/8/2006   | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br>Recebido o Ofício nº 327, de 2006, do Congresso Nacional, que encaminha o processado da Medida Provisória nº 313, de 2006. Informa, ainda, que à Medida foram oferecidas 2 (duas) emendas e que a Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização não emitiu parecer.   |
| 9/8/2006   | <b>Mesa Diretora da Câmara dos Deputados (MESA)</b><br>Publique-se. Submeta-se ao Plenário. Proposição Sujeita à Apreciação do Plenário Regime de Tramitação: Urgência  |
| 15/8/2006  | <b>COORDENAÇÃO DE COMISSÕES PERMANENTES (CCP)</b><br>Encaminhada à publicação. Publicação Inicial no DCD de 16/8/2006.  |
| 26/9/2006  | <b>Presidência da Câmara dos Deputados (PRESI)</b><br>Designado Relator: Dep. Beto Albuquerque (PSB-RS)   |
| 3/10/2006  | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Matéria não apreciada em face do cancelamento da Ordem do Dia.  |
| 9/10/2006  | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Cancelada a Ordem do Dia por falta de "quorum".   |

|            |  |
|------------|--|
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Discussão em turno único.  |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Designado Relator, Dep. Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP), para proferir parecer, pela Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, a esta MPV e às 2 emendas apresentadas.  |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Parecer proferido em Plenário pelo Relator, Dep. Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP), pela Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, que conclui pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e urgência; pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa; pela adequação financeira e orçamentária; pela inadmissibilidade das Emendas de nºs 1 e 2; e, no mérito, pela aprovação desta MPV. |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Discutiu a Matéria o Dep. Alberto Fraga (PFL-DF).  |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Encerrada a discussão.   |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Votação preliminar em turno único.   |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovado, em apreciação preliminar, o Parecer do Relator, na parte em que manifesta opinião favorável quanto ao atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e urgência e de sua adequação financeira e orçamentária, nos termos do artigo 8º da Resolução nº 01, de 2002-CN.  |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovado, em apreciação preliminar, o Parecer do Relator, na parte em que manifesta opinião pela inadmissibilidade das Emendas de nºs 1 e 2, nos termos do artigo 8º da Resolução nº 01, de 2002-CN.   |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Em consequência, as Emendas de nºs 1 e 2 deixam de ser submetidas a voto, quanto ao mérito, nos termos do § 6º do artigo 189 do RICD.  |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Votação, quanto ao mérito, em turno único.   |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovada a Medida Provisória nº 313, de 2006.  |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Votação da Redação Final.  |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>Aprovada a Redação Final assinada pelo Relator, Dep. Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP).   |
| 10/10/2006 | <b>PLENÁRIO (PLEN)</b><br>A Matéria vai ao Senado Federal, incluindo o processado. (MPV 313-A/06)  |
| 11/10/2006 | <b>COORDENAÇÃO DE COMISSÕES PERMANENTES (CCP)</b><br>Autos à Seção de Autógrafos.  |

### ATO DO PRESIDENTE DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL Nº 49, DE 2006

O Presidente da Mesa do Congresso Nacional, cumprindo o que dispõe o § 1º do art. 10 da Resolução nº 1, de 2002-CN, faz saber que, nos termos do § 7º do art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001, a Medida Provisória nº 313, de 25 de julho de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00, para o fim que especifica”, terá sua vigência prorrogada pelo período de sessenta dias, a partir de 24 de setembro de 2006, tendo em vista que sua votação não foi encerrada nas duas Casas do Congresso Nacional.

Congresso Nacional, 13 de setembro de 2006.  
– Senador **Renan Calheiros**, Presidente da Mesa do Congresso Nacional.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Passa-se à

### ORDEM DO DIA

#### Item extrapauta:

#### MEDIDA PROVISÓRIA Nº 311, DE 2006

(Encontra-se sobrestando a pauta, nos termos do § 6º do art. 62 da Constituição Federal)

Discussão, em turno único, da Medida Provisória nº 311, de 2006, *que abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$208 milhões (duzentos e oito milhões de reais), para os fins que especifica.*

À Medida Provisória, foram apresentadas seis emendas.

Foram proferidos pareceres no plenário da Câmara dos Deputados, em substituição à Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, Relatora: Deputada Kelly Moraes (PTB – RS), preliminarmente pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e de urgência e pela adequação financeira e orçamentária; quanto ao mérito, favorável à Medida Provisória e pela rejeição das emendas.

Antes de submeter a matéria ao Plenário, a Presidência presta os seguintes esclarecimentos:

– a Medida Provisória foi remetida à Câmara dos Deputados no dia 1º de agosto, tendo sido apreciada naquela Casa no dia 4 de setembro;

– a matéria entrou em regime de urgência, nos termos do § 6º do art. 62 da Constituição Federal, no dia 28 de agosto, passando a sobrestar todas as demais deliberações legislativas;

– o prazo de vigência de sessenta dias foi prorrogado por igual período pelo Ato do Presidente do Congresso Nacional nº 47, de 2006, e se esgotará no dia 10 de novembro;

– a Medida Provisória foi recebida formalmente pelo Senado Federal no dia 9 de novembro.

Prestados esses esclarecimentos, passa-se à apreciação da matéria.

Concedo a palavra ao nobre Senador Romero Jucá, Relator revisor da matéria, para proferir parecer.

#### PARECER Nº 1.198, DE 2006–PLEN

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Para proferir parecer.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o crédito extraordinário abre R\$280 milhões, sendo R\$200 milhões para o Ministério da Justiça e R\$8 milhões para o Ministério da Integração, para atendimento a vítimas da enchente no Nordeste.

Damos o parecer pela constitucionalidade e pela juridicidade; no mérito, é favorável à forma como veio a proposição do Executivo e contrário às emendas que foram negadas pelo relatório.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O parecer do Relator é pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de urgência e de relevância e pela adequação financeira e orçamentária da medida provisória, nos termos do art. 8º da Resolução nº 1, de 2002-CN.

No mérito, o parecer do Relator é pela aprovação.

Em votação os pressupostos de relevância, de urgência e de adequação financeira e orçamentária da medida provisória.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que os aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovados.

Passa-se à apreciação do mérito.

Discussão da Medida Provisória e das emendas, em turno único. (Pausa.)

Não havendo quem peça palavra, encerro a discussão.

Passamos à votação.

Votação da Medida Provisória, sem prejuízo das emendas.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovada.

Votação das emendas de parecer contrário.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que as aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Rejeitadas.

A matéria vai à promulgação.

É a seguinte a matéria aprovada:

**MEDIDA PROVISÓRIA Nº 311, DE 2006**

**Abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional no valor global de R\$208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para os fins que especifica.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica aberto crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global de R\$208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para atender à programação constante do Anexo desta Lei.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

ORÇAO : 38000 - MINISTERIO DA JUSTICA  
UNIDADE : 38907 - FUNDO PENITENCIARIO NACIONAL

ANEXO CREDITO EXTRAORDINARIO  
PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTACAO) RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1,00

| FUNC   | PROGRAMATICA   | PROGRAMA/CAO/SUBTITULO/PRODUTO   | ES | EN | RE | MO | LU | FE  | VALOR              |
|--|----------------|--|----|----|----|----|----|-----|--------------------|
| <b>0661 MODERNIZACAO DO SISTEMA PENITENCIARIO NACIONAL</b> |                |  |    |    |    |    |    |     | <b>208.000.000</b> |
| <b>PROJETOS</b>  |                |  |    |    |    |    |    |     |                    |
| 14 421   | 0661 01TW      | CONSTRUCAO E AMPLIACAO DE ESTABELECEMENTOS PENAS ESTADUAIS                                     |    |    |    |    |    |     | 135.700.000        |
| 14 421   | 0661 11TW 0101 | CONSTRUCAO E AMPLIACAO DE ESTABELECEMENTOS PENAS ESTADUAIS - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO) |    |    |    |    |    |     | 135.700.000        |
|  |                | VAAGA DISPONIBILIZADA (UNIDADE) 3428   | F  | 4  | 2  | 30 | 0  | 318 | 50.000.000         |
|  |                |  | FF | 4  | 2  | 30 | 0  | 150 | 50.000.000         |
|  |                |  | F  | 4  | 2  | 30 | 0  | 380 | 35.700.000         |
| 14 421   | 0661 11TV      | REFORMA DE ESTABELECEMENTOS PENAS ESTADUAIS  |    |    |    |    |    |     | 18.000.000         |
| 14 421   | 0661 11TV 0101 | REFORMA DE ESTABELECEMENTOS PENAS ESTADUAIS - NACIONAL (CREDITOS EXTRAORDINARIOS)              |    |    |    |    |    |     | 18.000.000         |
|  |                | UNIDADE RESTRUTURADA (UNIDADE) 1   | F  | 4  | 2  | 30 | 0  | 360 | 10.000.000         |
| 14 421   | 0661 1701      | APARELHAMENTO E REAPARELHAMENTO DE ESTABELECEMENTOS PENAS                                      |    |    |    |    |    |     | 58.000.000         |
| 14 421   | 0661 1701 0101 | APARELHAMENTO E REAPARELHAMENTO DE ESTABELECEMENTOS PENAS - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)  |    |    |    |    |    |     | 58.000.000         |
|  |                | UNIDADE APARELHADA/REAPARELHADA (UNIDADE) 81   | F  | 4  | 2  | 30 | 0  | 380 | 58.000.000         |
| <b>ATIVIDADES</b>  |                |  |    |    |    |    |    |     |                    |
| 06 122   | 0661 2272      | GESTAO E ADMINISTRACAO DO PROGRAMA   |    |    |    |    |    |     | 300.000            |
| 06 122   | 0661 2272 0175 | GESTAO E ADMINISTRACAO DO PROGRAMA - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)                         |    |    |    |    |    |     | 300.000            |
|  |                |  | F  | 4  | 2  | 90 | 0  | 380 | 300.000            |
| 14 421   | 0661 2314      | REINTEGRACAO SOCIAL DO PRESO, INTERNADO E EGRESSO  |    |    |    |    |    |     | 2.000.000          |
| 14 421   | 0661 2314 0101 | REINTEGRACAO SOCIAL DO PRESO, INTERNADO E EGRESSO - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)          |    |    |    |    |    |     | 2.000.000          |
|  |                | PESSOA BENEFICIADA (UNIDADE) 20000   | F  | 3  | 2  | 30 | 0  | 380 | 2.000.000          |
| 14 128   | 0661 2526      | CAPACITACAO EM SERVICOS PENAS  |    |    |    |    |    |     | 2.000.000          |
| 14 128   | 0661 2526 0101 | CAPACITACAO EM SERVICOS PENAS - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO)                              |    |    |    |    |    |     | 2.000.000          |
|  |                | PESSOA CAPACITADA (UNIDADE) 336  | F  | 3  | 2  | 90 | 0  | 380 | 2.000.000          |
| <b>TOTAL - FISCAL</b>                                      |                |  |    |    |    |    |    |     | <b>200.000.000</b> |
| <b>TOTAL - SEGURIDADE</b>                                  |                |  |    |    |    |    |    |     | <b>0</b>           |
| <b>TOTAL - GERAL</b>                                       |                |  |    |    |    |    |    |     | <b>200.000.000</b> |

ORÇAO : 53008 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL  
UNIDADE : 53101 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL

ANEXO CREDITO EXTRAORDINARIO  
PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTACAO) RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1,00

| FUNC                               | PROGRAMATICA   | PROGRAMA/CAO/SUBTITULO/PRODUTO  | ES | EN | RE | MO | LU | FE  | VALOR            |
|------------------------------------|----------------|---|----|----|----|----|----|-----|------------------|
| <b>1029 RESPOSTA AOS DESASTRES</b> |                |   |    |    |    |    |    |     | <b>8.000.000</b> |
| <b>ATIVIDADES</b>                  |                |   |    |    |    |    |    |     |                  |
| 06 182                             | 1029 4570      | RECUPERACAO DE DANOS CAUSADOS POR DESASTRES   |    |    |    |    |    |     | 8.000.000        |
| 06 182                             | 1029 4570 0107 | RECUPERACAO DE DANOS CAUSADOS POR DESASTRES - NA REUNAO NORDESTE (CREDITO EXTRAORDINARIO) |    |    |    |    |    |     | 8.000.000        |
|                                    |                |   | F  | 3  | 2  | 90 | 0  | 300 | 2.000.000        |
|                                    |                |   | F  | 4  | 2  | 90 | 0  | 300 | 6.000.000        |
| <b>TOTAL - FISCAL</b>              |                |   |    |    |    |    |    |     | <b>8.000.000</b> |
| <b>TOTAL - SEGURIDADE</b>          |                |   |    |    |    |    |    |     | <b>0</b>         |
| <b>TOTAL - GERAL</b>               |                |   |    |    |    |    |    |     | <b>8.000.000</b> |

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – **Item extrapauta:**

**MEDIDA PROVISÓRIA Nº 312, DE 2006**

(Encontra-se sobrestando a pauta, nos termos do § 6º do art. 62 da Constituição Federal)

Discussão, em turno único, da Medida Provisória 312, de 2006, que *prorroga para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho, de 1991.*

À Medida Provisória, foram apresentadas quatro emendas.

Foram proferidos pareceres no plenário da Câmara dos Deputados, em substituição à Comissão Mista, Relator: Deputado Adão Pretto (PT – RS), preliminarmente pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e de urgência e pela adequação financeira e orçamentária; quanto ao mérito, favorável à medida provisória e pela rejeição das emendas.

Antes de submeter a matéria ao Plenário, a Presidência presta os seguintes esclarecimentos:

– a Medida Provisória foi remetida à Câmara dos Deputados no dia 3 de agosto, tendo sido apreciada naquela Casa no dia 4 de setembro;

– a matéria entrou em regime de urgência, nos termos do § 6º do art. 62 da Constituição Federal, no dia 3 de setembro, passando a sobrestar todas as demais deliberações legislativas;

– o prazo de vigência de sessenta dias foi prorrogado por igual período pelo Ato do Presidente do Congresso Nacional nº 48, de 2006, e se esgotará no dia 16 de novembro;

– a Medida Provisória foi recebida formalmente pelo Senado Federal no dia 9 de novembro.

Prestados esses esclarecimentos, passa-se à apreciação da matéria.

Concedo a palavra ao nobre Senador Romero Jucá, Relator Revisor da matéria, para emitir seu parecer.

**PARECER Nº 1.199, DE 2006–PLEN**

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Para emitir parecer.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, essa matéria é extremamente importante para o trabalhador rural, porque amplia o prazo dado pela Lei nº 8.213, de 1991, prazo de 15 anos, para que ele possa fazer jus, como trabalhador rural não contribuinte, à aposentadoria. Esse prazo venceu em 25 de julho de 2006. Essa Medida Provisória reabre por mais dois anos esse prazo e, portanto, dá mais condição para que o trabalhador rural possa requerer sua aposentadoria.

Portanto, o parecer é pela constitucionalidade, pela juridicidade e, no mérito, pela sua aprovação.

**O SR. ROMEUTUMA** (PFL – SP) – Sr. Presidente, é um procedimento importante. Gostaria apenas de consultar: como venceu o prazo em 2006, são dois anos a partir da data do vencimento?

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – É a partir da data do vencimento, mas está invalidado, porque a medida provisória foi anterior ao vencimento. Então, é importante que continue valendo a medida provisória, para que esse prazo de dois anos possa ser estendido.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O parecer preliminar do Relator revisor é pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de urgência e de relevância e pela adequação financeira e adequação orçamentária, na forma do art. 8º da Resolução nº 1, de 2002-CN.

Em votação os pressupostos constitucionais de urgência e de relevância e a adequação financeira e orçamentária da medida provisória.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que os aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovados.

Passa-se à apreciação do mérito.

Discussão da Medida Provisória e das emendas, em turno único. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Passamos à votação.

Votação da Medida Provisória, sem prejuízo das emendas.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovada.

Votação das emendas, de parecer contrário.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que as aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Rejeitadas.

A matéria vai à promulgação.

É a seguinte a matéria aprovada:

**MEDIDA PROVISÓRIA Nº 312, DE 2006**

**Prorroga para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no art. 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, fica prorrogado por mais 2 (dois) anos.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Pela ordem, concedo a palavra a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, gostaria de solicitar também, se a Casa concordar, a votação da Medida Provisória nº 313, que trata de crédito para o Ministério da Integração Nacional, para atender à estiagem do sul do País. Quando foram feitas algumas ações emergenciais, foi editada essa medida provisória. São R\$10 milhões destinados ao Ministério da Integração, à Defesa Civil. Solicito à Mesa que a vote também, já que essa medida perde a validade na próxima semana.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Senador Romero Jucá, se não houver objeção da Casa, votaremos a medida provisória, como solicitado por V. Ex<sup>a</sup>.

Concedo a palavra ao Senador José Agripino, Líder do PFL.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, estou aqui para dar uma palavra de explicação sobre o acordo. Eu não estava presente na Casa, pois estava em viagem, mas o Vice-Líder, Senador e nosso companheiro, Demóstenes Torres, participou da reunião onde foi pactuado um acordo, o qual está sendo honrado neste momento.

A pretensão que o Senador Romero Jucá apresenta, eu a reputo justa. Apenas gostaria de deixar claro que o acordo que estamos fazendo pressupõe um ato conseqüente, que é a votação de um projeto de lei, de autoria do Senador Efraim Morais, que concede uma décima terceira Bolsa-Família às pessoas pobres do Brasil, que são beneficiárias do programa Bolsa-Família. Esse projeto, que vem sendo interpretado de forma equivocada – e, na oportunidade, farei o encaminhamento correto – tramita em regime de prioridade em função de acordo de Lideranças.

Eu gostaria que, destravada a pauta, se houver número – e só se houver número –, essa matéria seja apreciada e votada. Com o resto, estamos de acordo, para facilitar o bom andamento dos trabalhos da Casa.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Senador José Agripino, ponderei ao Senador Efraim Morais e ponderei a V. Ex<sup>a</sup>: votemos essa medida provisória, e o projeto a que V. Ex<sup>a</sup> se refere continuará trancando a pauta, porque está tramitando em regime de urgência urgentíssima na Ordem do Dia.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Estou inteiramente de acordo, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

#### Item extrapauta:

#### MEDIDA PROVISÓRIA Nº 313, DE 2006

(Encontra-se sobrestando a pauta, nos termos do § 6º do art. 62 da Constituição Federal)

Discussão, em turno único, da Medida Provisória nº 313, de 2006, que *abre crédito extraordinário em favor do Ministério da Integração Nacional no valor de R\$10 milhões (dez milhões de reais) para o fim que especifica.*

À Medida Provisória, foram apresentadas duas emendas.

Foram proferidos pareceres no plenário da Câmara dos Deputados, em substituição à Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, Relator: Deputado Arnaldo Faria de Sá (PTB – SP), preliminarmente pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e urgência e pela adequação financeira e orçamentária; quanto ao mérito, favorável à Medida Provisória e pela rejeição das emendas.

Antes de submeter a matéria ao Plenário, a Presidência presta os seguintes esclarecimentos:

– a Medida Provisória foi remetida à Câmara dos Deputados no dia 8 de agosto, tendo sido apreciada naquela Casa no dia 10 de outubro;

– a matéria entrou em regime de urgência, nos termos do § 6º do art. 62 da Constituição Federal, no dia 9 de setembro, passando a sobrestar todas as demais deliberações legislativas;

– o prazo de vigência de sessenta dias foi prorrogado por igual período pelo Ato do Presidente do Congresso Nacional nº 49, de 2006, e se esgotará no dia 22 de novembro;

– a Medida Provisória foi recebida formalmente pelo Senado Federal no dia 9 de novembro.

Prestados esses esclarecimentos, passa-se à apreciação da matéria.

Concedo a palavra ao nobre Senador Romero Jucá, para emitir parecer como Relator revisor da matéria.

#### PARECER Nº 1.200, DE 2006–PLEN

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Para emitir parecer.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores,

a Medida Provisória nº 313 abre crédito para o Ministério da Integração Nacional, de R\$10 milhões, para fazer atendimento a vítimas de estiagem na Região Sul do Brasil.

Essa matéria é extremamente importante. O Ministério da Integração Nacional já cumpriu todas as formalidades. Portanto, o parecer é pela constitucionalidade e pela juridicidade e, no mérito, pela aprovação da matéria da forma como foi proposta pelo Executivo, contrário a qualquer emenda que foi apresentada.

É o seguinte o parecer na íntegra:

### **PARECER Nº , DE 2006**

**De Plenário sobre a Medida Provisória nº 313, de 25 de julho de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00, para o fim que especifica”.**

Origem: Poder Executivo

Relator: Senador

#### **1. Relatório**

Com base no art. 62 da Constituição Federal, o Presidente da República adotou e submete ao Congresso Nacional, por intermédio da Mensagem nº 72/2006-CN (nº 611/2006, na origem), a Medida Provisória nº 313, de 25 de julho de 2006, que “Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00, para o fim que especifica”.

O crédito extraordinário aberto por meio da Medida Provisória tem por finalidade atender a ação relacionada ao programa “Respostas aos Desastres”, no intuito de “viabilizar o atendimento às populações vítimas das fortes estiagens ocorridas recentemente em Municípios da região Sul do País, fatos esses que resultaram no reconhecimento pelo Governo Federal do estado de calamidade pública ou da situação de emergência em que se encontram”.

Devido à ausência de chuvas, as populações da região sofrem com a frustração de safras, a carência de alimentos e com o esgotamento de reservas hídricas, conforme explica a EM nº 00135/MP que acompanha a medida provisória.

Dessa forma, o Executivo propõe realizar ações relacionadas à recuperação e adequação da infraestrutura hídrica, compreendida a reabilitação de cenários de desastres, de forma a normalizar as reservas hídricas e garantir o abastecimento de água às populações atingidas pela estiagem.

O crédito solicitado indica, no anexo de suplementação, que utilizará, como fonte de recursos para a execução da despesa proposta, o superávit financeiro apurado em exercícios anteriores.

À medida provisória foram apresentadas duas emendas.

Em 10-10-2006, o Plenário da Câmara de Deputados concluiu pela aprovação da presente MP nos termos propostos pelo Poder Executivo, tendo como inadmitidas as Emendas nºs 1 e 2 apresentadas à proposição.

#### **2. Voto do Relator**

O Parecer deverá abordar, em itens separados, os aspectos constitucionais, inclusive sobre os pressupostos de relevância e urgência, de mérito, de adequação financeira e orçamentária e o cumprimento das exigências de envio do documento em que se expõe a motivação do ato, conforme art. 5º, combinado com o § 1º do art. 2º da Resolução nº 1, de 2002 – CN.

##### **2.1 Do Atendimento dos Pressupostos Constitucionais**

O art. 62 da Constituição Federal confere competência ao Presidente da República para, em caso de relevância e urgência, adotar medidas provisórias, com força de lei, devendo submetê-las de imediato à apreciação do Congresso Nacional.

Outra regra que aqui deve ser invocada diz respeito ao § 3º do art. 167 da Lei Magna, segundo o qual a abertura de crédito extraordinário somente será admitida para atender a despesas imprevisíveis e urgentes, como as decorrentes de guerra, comoção interna ou calamidade pública, observado o disposto no art. 62.

Confrontando as disposições constitucionais acima mencionadas com as justificativas apresentadas pelo Poder Executivo para a adoção da presente medida provisória como veículo para a abertura do crédito extraordinário, pode-se constatar que resultam cabalmente demonstradas a urgência, a relevância e a imprevisibilidade da despesa de que cuidam os mencionados dispositivos.

##### **2.2 Da Adequação Financeira e Orçamentária**

A teor das disposições inseridas no § 1º do art. 5º da Resolução nº 1, de 2002–CN, “O exame de compatibilidade e adequação orçamentária e financeira das Medidas Provisórias abrange a análise da repercussão sobre a receita ou a despesa pública da União e da implicação quanto ao atendimento das normas orça-



mentárias e financeiras vigentes, em especial a conformidade com a Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a lei do plano plurianual, a lei de diretrizes orçamentárias e a lei orçamentária da União”.

O crédito solicitado indica, no anexo de suplementação, o superávit financeiro de exercícios anteriores como fonte de recursos necessária à execução das despesas propostas. Conforme a LDO/2006, nos casos de abertura de créditos adicionais à conta de superávit financeiro, as exposições de motivos contêm informações sobre o valor total apurado em 2005 e o total já utilizado no exercício de 2006, o que não foi informado. Isso prejudica a avaliação do Congresso Nacional quanto aos valores disponíveis nessa fonte para a utilização em créditos adicionais. Porém, em se tratando de medida provisória, com execução urgente, esse fato não inviabiliza a abertura do crédito.

Ao utilizar o superávit financeiro de exercícios anteriores para financiar despesas primárias, o Poder Executivo deverá ajustar os novos gastos às programações orçamentárias aprovadas, no intuito de produzir o resultado primário fixado no art. 2º da LDO/2006. Dentro dessa perspectiva, estabelece o § 13 do art. 63 dessa Lei:

“Art. 63. ....

§ 11. Os projetos de lei de créditos adicionais destinados a despesas primárias deverão conter demonstrativo de que não afetam o resultado primário anual previsto no Anexo de Metas Fiscais desta Lei, ou indicar as compensações necessárias, em nível de subtítulo.

Embora esse dispositivo seja aplicável a “projetos de lei”, não envolvendo, pois, crédito aberto por medida provisória, em virtude de sua natureza excepcional, deve-se lembrar que o pagamento dessas despesas também afeta o alcance da meta fixada. Dessa forma, o ajuste da execução do orçamento em decorrência dessas despesas será inevitável.

Por fim, cabe ressaltar que o crédito está em consonância com o Plano Plurianual 2004-2007 (Lei nº 10.933/2004, com alterações subsequentes), haja vista que suplementa dotações de programas e ações inclusos no Plano.

### **2.3 Do Atendimento aos Requisitos de se Expor a Motivação da Medida Provisória**

A Exposição de Motivos nº 135/MP, de 2006, que acompanha a medida provisória supre a exigência prevista no § 1º do art. 2º da Resolução nº 1, de 2002 – CN, acerca do envio de documento expondo os motivos justificadores da adoção da medida provisória.

### **2.4 Do Mérito**

O instituto do crédito extraordinário, constitucionalmente, tem o objetivo de atender, única e exclusivamente, a programações cujas despesas não sejam passíveis de previsibilidade e que se revistam do caráter de urgência. Portanto, em se tratando de despesas de realização imediata, que não podem submeter-se ao processo legislativo ordinário, o seu mérito subjaz à importância dos fatos que requerem imediata intervenção do poder público.

### **2.5 Da Análise das Emendas**

Ao analisar as duas emendas apresentadas ao crédito, constatamos que elas tratam de matéria distinta da constante da medida provisória em análise, ao propor alteração na legislação tributária. Desse modo, devem ser declaradas inadmitidas, conforme estipulam as determinações constantes do art. 20, da Resolução nº 1, de 2001 – CN, tendo em vista que conflitam com disposições constitucionais, legais ou regimentais, em especial, com o § 8º do art 165 da Constituição Federal que assim versa:

“Art. 165. ....

§ 8º A lei orçamentária anual não conterá dispositivo estranho à previsão da receita e à fixação da despesa, não se incluindo na proibição a autorização para abertura de créditos suplementares e contratação de operações de crédito, ainda que por antecipação da receita, nos termos da lei.”

É evidente que tais disposições, pelo princípio da analogia, são aplicáveis aos créditos adicionais, na medida em que estes veiculose de alteração da lei orçamentária.

### **2.6 Da Conclusão**

Em razão de todo o exposto, a despeito da falta de informações exigidas pela Lei de Diretrizes Orçamentárias para 2006, relativas aos valores do superávit financeiro de exercícios anteriores ainda disponível para a abertura de créditos adicionais, uma vez que se trata de crédito de natureza excepcional, opinamos pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância, urgência e imprevisibilidade das despesas constantes da Medida Provisória nº 313, de 2006 por sua adequação financeira e orçamentária; e, no mérito, por sua aprovação nos termos propostos pelo Poder Executivo.

Sala das Sessões, de de 2006. – **Romero Jucá**, Relator.

## Anexo I

(Ao Parecer nº , de 2006)

MP nº 313, de 2006 – CN

## DEMONSTRATIVO DE QUE TRATA O PARÁGRAFO ÚNICO DO ART. 46 DO REGULAMENTO INTERNO DA CMO

| Nº Emenda | Autor               | Finalidade   | Valor (R\$) | Parecer                                |
|-----------|---------------------|--|-------------|--|
| 0001      | Dep. Betinho Rosado | Alteração na legislação tributária – Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante |             | Inadmitida. Res nº 01/2001-CN, art 20. |
| 0002      | Dep. Betinho Rosado | Alteração da legislação tributária – PIS/PASEP e COFINS                                    |             | Inadmitida. Res nº 01/2001-CN, art 20. |

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O parecer do Relator revisor, Senador Romero Jucá, é pelo atendimento dos pressupostos constitucionais de relevância e de urgência e pela adequação financeira e orçamentária da medida provisória, nos termos do art. 8º da Resolução nº 1, de 2002-CN. No mérito, é pela aprovação.

Em votação os pressupostos constitucionais.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que os aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovados.

Passa-se à apreciação do mérito da matéria.

Discussão da Medida Provisória e das emendas, em turno único. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Passamos à votação.

Votação da Medida Provisória, sem prejuízo das emendas.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovada.

Votação das emendas de parecer contrário.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que as aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Rejeitadas.

A matéria vai à promulgação.

É a seguinte a matéria aprovada:

**MEDIDA PROVISÓRIA Nº 313, DE 2006**

**Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), para o fim que especifica.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica aberto crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$10.000.000,00 (dez milhões de reais), para atender à programação constante do

Anexo desta Lei.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

ORÇAO : 33000 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL  
UNIDADE : 33101 - MINISTERIO DA INTEGRACAO NACIONAL

ANEXO

CREDITO EXTRAORDINARIO

PROGRAMA DE TRABALHO (SUPLEMENTACAO)

RECURSOS DE TODAS AS FONTES - R\$ 1, 00

| FUNC                               | PROGRAMATICA   | PROGRAMA/AÇAO/SUBTITULO/PRODUTO  | I<br>S<br>F | G<br>R<br>F | M<br>O<br>D | I<br>P<br>T | U<br>T<br>E | V A L O R         |
|------------------------------------|----------------|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------------|
|                                    |                |  |             |             |             |             |             |                   |
| <b>1029 RESPOSTA AOS DESASTRES</b> |                |  |             |             |             |             |             | <b>10.000.000</b> |
|                                    |                | <b>ATIVIDADES</b>  |             |             |             |             |             |                   |
| 06 182                             | 1029 4568      | REABILITACAO DOS CENARIOS DE DESASTRES                                     |             |             |             |             |             | 10.000.000        |
| 06 182                             | 1029 4568 0131 | REABILITACAO DOS CENARIOS DE DESASTRES - NACIONAL (CREDITO EXTRAORDINARIO) |             |             |             |             |             | 10.000.000        |
| <b>TOTAL - FISCAL</b>              |                |  |             |             |             |             |             | <b>10.000.000</b> |
| <b>TOTAL - SEGURIDADE</b>          |                |  |             |             |             |             |             | <b>0</b>          |
| <b>TOTAL - GERAL</b>               |                |  |             |             |             |             |             | <b>10.000.000</b> |

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Está encerrada a Ordem do Dia.

São os seguintes os itens sobrestados:

– 1 –

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA  
Nº 85, DE 2005**

(Em regime de urgência, nos termos do Requerimento nº 989, de 2006 – art. 336, II)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 85, de 2005 (nº 2.306/2003, na Casa de origem), de iniciativa do Tribunal Superior do Trabalho, que *dispõe sobre a criação de cargos efetivos e em comissão no Quadro de Pessoal do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região*.

Parecer favorável, sob nº 667, de 2006, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres.

– 2 –

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 262, DE 2006**

(Incluído em Ordem do Dia nos termos do art. 172, I, do Regimento Interno)

(Em regime de urgência, nos termos do Requerimento nº 1.054/2006 – art. 336, II)

Projeto de Lei do Senado nº 262, de 2006, de autoria do Senador Efraim Morais, que altera a Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004, para incluir entre os benefícios do Programa Bolsa Família o benefício natalino.

– 3 –

**SUBSTITUTIVO À PROPOSTA DE EMENDA  
À CONSTITUIÇÃO Nº 64, DE 1999**

Votação, em segundo turno, do Substituto à Proposta de Emenda à Constituição nº 64, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador Eduardo Suplicy, que acrescenta parágrafo ao art. 57 e dá nova redação ao inciso XI do art. 84 da Constituição Federal (comparecimento do Presidente da República ao Congresso Nacional na abertura da sessão legislativa).

Parecer sob nº 1.941, de 2005, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Aloizio Mercadante, oferecendo a redação para o segundo turno.

– 4 –

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 30, DE 2002**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 30, de 2002, tendo como primeiro signatário o Senador Paulo

Souto, que acrescenta os §§ 12 e 13 ao art. 14 da Constituição Federal (dispõe sobre a elegibilidade dos substitutos das Chefias do Poder Executivo nos seis meses anteriores às eleições).

Parecer favorável, sob nº 429, de 2003, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Tasso Jereissati.

– 5 –

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 66, DE 2005**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 66, de 2005, tendo como primeiro signatário o Senador José Jorge (apresentada como conclusão do Parecer nº 2.054, de 2005, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania), que *acrescenta o inciso XVI e o § 2º ao art. 52 da Constituição, para atribuir ao Senado Federal competência para indicar membros do Conselho Diretor ou da Diretoria das Agências Reguladoras*.

– 6 –

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 29, DE 2003**

Discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 29, de 2003, tendo como primeira signatária a Senadora Lúcia Vânia, que dá nova redação ao art. 193 da Constituição Federal (trata da ordem social).

Parecer favorável, sob nº 156, de 2006, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Tasso Jereissati.

– 7 –

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 57, DE 2005**

Discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 57, de 2005, tendo como primeiro signatário o Senador Marco Maciel, que dá nova redação ao § 4º do art. 66 da Constituição, para permitir que os vetos sejam apreciados separadamente no Senado Federal e na Câmara dos Deputados.

Parecer favorável, sob nº 779, de 2006, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Ramez Tebet.

– 8 –

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 9, DE 2003**

(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Requerimento nº 875, de 2006 – art. 167)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 9, de 2003 (nº 5.937/2001, na Casa de origem), que altera os arts. 3º e

8º e os Anexos II e III da Lei nº 9.264, de 7 de fevereiro de 1996, e dá outras providências (altera para Perito Papiloscopista a nomenclatura do cargo de Papiloscopista Policial da Carreira de Polícia Civil do Distrito Federal).

Parecer sob nº 665, de 2006, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres, favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta.

– 9 –

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 31, DE 2004

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 31, de 2004 (nº 5.211/2001, na Casa de origem), que altera a Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, dispondo sobre parcelamentos de imóveis rurais, destinados à agricultura familiar, promovidos pelo Poder Público.

Parecer sob nº 995, de 2005, da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, Relator: Senador Osmar Dias, favorável, com a Emenda nº 1-CRA, de redação, que apresenta.

– 10 –

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 65, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 65, de 2005 (nº 841/99, na Casa de origem), que *dispõe sobre a denominação de medicamentos a ser utilizada em prescrições de médicos e odontólogos*.

Parecer sob nº 158, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator: Senador Mão Santa, favorável, com a Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que oferece.

– 11 –

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 175, DE 2001

(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 1, de 2003)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 175, de 2001, de autoria do Senador Ney Suassuna, que dá nova redação ao art. 7º da Lei nº 8.977, de 6 de janeiro de 1995, que “dispõe sobre o Serviço de TV a Cabo e dá outras providências”.

Pareceres sob nºs 1.268, de 2002, e 1.295, de 2003, da Comissão de Educação: 1º pronunciamento (sobre o Projeto): Relator **ad hoc**: Senador Antônio Carlos Júnior, favorável, com as Emendas nºs 1 a 3-CE, que apresenta; 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 4, de Plenário), Relator: Senador José Jorge, pela rejeição.

– 12 –

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 225, DE 2006

Discussão, em primeiro turno, do Projeto de Lei do Senado nº 225, de 2006, de iniciativa da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Correios que altera e acrescenta dispositivos à Lei nº 9.613, de 3 de março de 1998, que “dispõe sobre os crimes de “lavagem” ou ocultação de bens, direitos e valores; a prevenção da utilização do sistema financeiro para os ilícitos previstos nesta Lei; cria o Conselho de Controle de Atividades Financeiras – COAF, e dá outras providências” (torna obrigatória a identificação de clientes, a informação de operações, a comunicação de transferências internacionais e aumenta os valores das multas).

– 13 –

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 226, DE 2006

Discussão, em primeiro turno, do Projeto de Lei do Senado nº 226, de 2006, de iniciativa da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Correios, que acrescenta dispositivos ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, e à Lei nº 1.579, de 18 de março de 1952, que dispõe sobre as Comissões Parlamentares de Inquérito (tipifica as condutas de fazer afirmação falsa ou negar a verdade, na condição de indiciado ou acusado, em inquéritos, processos ou Comissões Parlamentares de Inquérito).

– 14 –

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 227, DE 2006

Discussão, em primeiro turno, do Projeto de Lei do Senado nº 227, de 2006, de iniciativa da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Correios, que *altera dispositivos da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, e 10.520, de 17 de julho de 2002, ampliando o âmbito de aplicação do pregão eletrônico e melhorando mecanismos de controle*.

– 15 –

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 228, DE 2006

Discussão, em primeiro turno, do Projeto de Lei do Senado nº 228, de 2006, de iniciativa da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Correios, que *institui o Programa de Incentivo a Revelações de Interesse Público e dá outras providências*.

– 16 –

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO  
Nº 131, DE 1997**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 131, de 1997 (nº 573/97, na Câmara dos Deputados), que aprova o texto do Acordo de Parceria e de Cooperação em Matéria de Segurança Pública, celebrado entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Francesa, em Brasília, em 12 de março de 1997.

Pareceres sob nºs 143, de 1998; 1.603 e 1.604, de 2005, das Comissões

– de Relações Exteriores e Defesa Nacional, 1º pronunciamento, Relator: Senador Romeu Tuma, favorável, com voto contrário, em separado, da Senadora Benedita da Silva; 2º pronunciamento, Relator ad hoc: Senador Jefferson Peres, favorável; e

– de Constituição, Justiça e Cidadania (em audiência, por solicitação da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional), Relator: Senador Jefferson Peres, favorável.

– 17 –

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 41, DE 2006**

Projeto de Lei do Senado nº 41, de 2006, de autoria do Senador Rodolpho Tourinho, que *dispõe sobre o regime jurídico e a regulamentação das atividades de Agente Comunitário de Saúde e Agente de Combate às Endemias, na forma do § 5º do art. 198 da Constituição Federal.*

– 18 –

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 106, DE 2005,**

Projeto de Lei do Senado nº 106, de 2005, de autoria do Senador Papaléo Paes, que altera a Lei nº 10.507, de 10 de julho de 2002, que cria a profissão de Agente Comunitário de Saúde, para dispor que a sua contratação, quando efetivada mediante vínculo indireto, observará o regime da Consolidação das Leis do Trabalho; e

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Voltamos à lista de oradores.

Estão inscritos ainda os Srs. Senadores Eduardo Suplicy, Tião Viana, Romeu Tuma, Sibá Machado, Aloizio Mercadante, João Alberto Souza, Marcos Guerra, Eduardo Azeredo, Flexa Ribeiro e Paulo Octávio e as Sr<sup>as</sup> Senadoras Serys Slhessarenko, Lúcia Vânia e Ideli Salvatti.

Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Mozarildo Cavalcanti.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PTB – RR) – Sr. Presidente, gostaria de ter minha inscrição como Líder, para falar após o primeiro orador inscrito.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra a V. Ex<sup>a</sup> como Líder.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Tem a palavra V. Ex<sup>a</sup>, Senador Mozarildo Cavalcanti.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PTB – RR. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Roraima foi, com certeza, o local onde o Presidente Lula teve, no primeiro mandato, no segundo turno, a maior votação proporcional. Agora, nessa eleição, no primeiro turno, talvez, tenha tido a menor votação proporcional. No segundo turno, o candidato Alckmin teve a maior votação proporcional da história.

Faço esse registro, Sr. Presidente, já que o Presidente Lula está falando em conciliação, em rever métodos e em fazer um governo diferente do que fez. Espero que tenha esse mesmo espírito de conciliação para com o povo de Roraima, povo que – repito –, na sua primeira eleição, no segundo turno, deu-lhe a maior votação. Agora, em ambos os turnos, teve a pior votação do Brasil. Por que isso aconteceu? Porque o Presidente Lula teve para com o povo de Roraima uma atitude de desconsideração de todos os pleitos apresentados aqui, ou seja, no tratamento com o funcionalismo público; na questão fundiária, no que tange às terras que estão sob o domínio do Incra indevidamente, porque éramos um território federal; nas demarcações desproporcionais de reservas indígenas, contrariando o interesse dos próprios índios que moravam na região; como também nos pedidos mais simples, como, por exemplo, um pacote de interesse de integração do Estado Bolívar, Venezuela, com o Estado de Roraima, isto é, uma integração entre Venezuela e Brasil por meio dos Estados de ambos os Países que fazem limite. Nada disso foi atendido.

Então, de maneira muito eloqüente, o povo de Roraima disse ao Presidente Lula que não concordava. Muitos diziam ao Presidente Lula que tudo isso que ele estava fazendo não pegava. E, talvez, pela pouca significação da quantidade de eleitores de Roraima, o Presidente realmente não ligou para isso.

Desse modo, pessoalmente, sinto-me tranqüilo e feliz de ver, hoje, que o Presidente Lula teve essa resposta. Portanto, espero que ele não se vá vingar do povo de Roraima fazendo pior do que fez no seu primeiro Governo.

Faço aqui também um gesto de conciliação, já que ele fala nisso: que ele, agora, realmente ouça mais as pessoas de Roraima, que ali estão, os setores significativos e representativos da sociedade roraimense, começando pelos índios e não pelos seus interlocutores autoneados, começando também pelos agricultores.

Ali existe, por exemplo, um absurdo: numa fronteira daquela, temos de praticamente expulsar de suas terras, de suas pequenas cidades, moradores que vivem na fronteira do Brasil com a Guiana e com a Venezuela. Serão praticamente extintas quatro pequenas cidades, e será desalojada a maior área de produção de arroz de Roraima, que corresponde a 25% do PIB do nosso Estado. E isso ocorrerá simplesmente porque determinado grupo de pessoas e de instituições convenceu o Presidente de que aquela era a melhor forma de fazer a demarcação.

Diante desse quadro, espero que esse gesto de conciliação do Presidente com os Partidos, a que Sua Excelência tem-se referido diariamente na televisão, estenda-se também a Roraima. E que ele não continue vendo o povo de Roraima só pela quantidade de eleitores ou de habitantes do Estado, mas que o veja pelo respeito que nosso povo merece. Tanto é verdade que nosso povo merece respeito, que a resposta foi dada nas urnas, até em desconformidade com o Brasil, mostrando claramente ao Presidente que o povo de Roraima quer ser ouvido de maneira correta, por intermédio de seus representantes – produtores, índios, empresários do setor madeireiro, agricultores em assentamentos do Incra –, para que possa realmente ser atendido.

Durante três anos, estive ao lado do Governo Lula, aprovando todas as matérias que foram apresentadas. Todavia, a partir do momento em que o Governo assumiu a posição de seguir critérios que não eram aqueles apresentados por uma Comissão Externa do Senado, coloquei-me contra a posição dele e a favor do povo de Roraima.

Reeleito Senador, proponho ao Presidente Lula que mude essa postura, que resolva os problemas expostos nos Ministérios, ouvindo os representantes do Estado, o Governador, os três Senadores, os Deputados Federais, a sociedade de Roraima, enfim, porque ela deu ao Presidente um recado: não está satisfeita com o que ele fez até aqui.

Não pretendo ser uma Oposição radical e inconsequente. Da mesma forma, faço um gesto para que possamos ter um entendimento, mas que seja com a solução dos problemas do Estado, que são do conhecimento do Presidente.

Portanto, basta um gesto de boa vontade e de conciliação do Presidente. Se fizer isso, terá não só

o meu apoio, como também, com certeza, o apoio do nosso povo.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> a intervenção, Senador Mozarildo Cavalcanti.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Pela ordem.) – Sr. Presidente, solicito a palavra pela Liderança do Governo.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ) – Sr. Presidente, se V. Ex<sup>a</sup> puder me inscrever como Líder do PRB, não terei pressa.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Senador Marcelo Crivella, falarão depois V. Ex<sup>a</sup> e o Senador Romeu Tuma.

Concedo a palavra ao Senador Romero Jucá.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Como Líder, pronuncia o seguinte . Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, vejo-me na obrigação de fazer algumas colocações depois do discurso do Senador Mozarildo Cavalcanti. E quero dividi-las em dois aspectos.

O primeiro, no que trata do Presidente da República, refuto a afirmação de que o Presidente nunca olhou por Roraima, não se importou com seus eleitores porque eram poucos, e não tem compromisso com o Estado. Isso não é verdade. Não aceito essa declaração, porque, durante os quatro anos do mandato do Presidente Lula, o Estado foi aquinhado com muitas ações. E o Governo de Roraima, que é adversário do Presidente, tem recebido recursos federais abundantes, para que possa fazer os investimentos necessários. Portanto, o Presidente Lula jamais discriminou o Estado de Roraima. Jamais!

No que tange à demarcação das terras indígenas, houve uma falácia durante essa eleição. Mentiu-se ao povo de Roraima, porque a demarcação da área indígena Raposa Serra do Sol foi definida em 1992, com laudo antropológico feito em outro Governo. Ela foi demarcada em 1998, em outro Governo, e foi homologada no Governo do Presidente Lula, depois de um longo debate, em que defendemos inclusive uma ação de entendimento, a busca do consenso. E o Governo do Estado de Roraima preferiu ir à Justiça, ao Supremo Tribunal Federal e ao Superior Tribunal de Justiça, para tentar ganhar a questão. Ele perdeu a ação, e houve a homologação. O Presidente Lula não demarcou a área Raposa Serra do Sol, o Presidente Lula homologou-a; portanto, o último estágio desse processo de demarcação.

Quanto à busca de caminhos para Roraima, o Presidente Lula vai buscá-los, junto com toda a Ban-

cada. Não vamos discriminar ninguém. O Presidente quer fazer um Governo de união nacional, em que todos possam contribuir, independentemente das posições partidárias.

Vamos defender e mostrar aquilo que está sendo feito para regularizar a questão fundiária do Estado, que há quinze anos os Governadores relegaram e não resolveram, e para resolver definitivamente a demarcação de terras. Além do mais, ainda busco um entendimento para que se possa resolver a questão da área indígena de Pacaraima, da sede da cidade, da área do Surumu e de outras regiões. Buscamos novos investimentos.

Nesta semana, o Presidente Lula está autorizando que o 6º BEC, Batalhão de Engenharia de Combate, conclua a construção da ponte que vai ligar o Brasil à Guiana, porque o Governo do Estado desviou recursos, de acordo com o Tribunal de Contas da União, e a obra foi paralisada há mais de três anos. Agora, essa obra será feita pelo 6º BEC, exatamente para ser concluída.

Então, o Presidente Lula está atento, sim, e vai atender ao Estado de Roraima cada vez mais.

Quanto à eleição, não quero trazer discussão de eleição de Roraima ou de qualquer Estado para cá. O Ministério Público tem várias ações hoje no Estado, demonstrando efetivamente o que foi o resultado das eleições. Não vou discutir. Vamos esperar o julgamento dos tribunais sobre o abuso do poder econômico, a compra de votos e todas essas acusações que o Ministério Público fez, que estão comprovadas nos autos e que serão apreciadas no momento certo. Em nenhum momento, subi a esta tribuna para reclamar do resultado das eleições, apesar de ter sido vítima do abuso e de tudo isso que aconteceu e que está documentado. Confio na Justiça, vamos esperar a elucidação dos fatos, os inquéritos da Polícia Federal e o julgamento do Tribunal Regional Eleitoral e do Tribunal Superior Eleitoral. E aí veremos se houve realmente a manifestação do povo de Roraima ou se houve a indução, o desequilíbrio do pleito, a compra de votos, o abuso do poder econômico e tudo isso que o Ministério Público Federal alega que existiu. Não estamos acusando, mas aguardando com tranquilidade o julgamento do Tribunal.

A questão de Roraima está abstraída para Roraima. Aqui sou Líder do Governo, aqui vou trabalhar por todos os Estados, aqui vou trabalhar com todos os Senadores e Senadoras, e a nossa posição e a do Governo Lula é de respeito aos Estados, é de trabalho com seriedade, é de responsabilidade com todos e é de encarar, para melhorar, as condições de vida do povo brasileiro.

É isso que vamos fazer para Roraima e para todos os Estados do Brasil.

Muito obrigado.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI (PTB – RR)**

– Sr. Presidente, peço a palavra pelo art. 14, pois fui citado nominalmente..

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Na forma do art. 14, concedo a palavra a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI (PTB – RR)**. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Primeiramente, Sr. Presidente, admiro-me que o Líder do Governo, após um discurso em que afirmo que quero estabelecer uma conciliação, traga esse tipo de colocação.

Nas entrelinhas e, obviamente, com habilidade, ao falar que existem falácias, quis dizer que eu estava mentindo. Isso, sim, não é verdade, porque a questão da Raposa Serra do Sol foi objeto de uma comissão externa do Senado, nomeada por V. Ex<sup>a</sup>, de que o Senador inclusive fez parte, embora não tenha comparecido às reuniões. O Relator foi o Senador Delcídio Amaral, e nós apresentamos um relatório, por sugestão do Palácio do Planalto, para que fosse feita, sim, a demarcação, com um critério justo. O Presidente não acatou.

Também não é verdade que nós tenhamos perdido na Justiça, porque o que houve na Justiça foi uma molecagem feita pelo Ministro da Justiça, ao tornar sem efeito uma portaria e editar uma outra, repetindo os mesmos termos, alterando apenas algumas vírgulas. Por isso, o Supremo considerou prejudicadas as ações, sem ainda ter julgado o mérito.

Segundo, eu não entrei em detalhes sobre a candidatura do Senador Romero Jucá, nem sobre a candidatura a Senadora da esposa dele. Falei do resultado da eleição do Presidente Lula.

Então, acho que não é por esse caminho do Líder do Governo Lula aqui que vamos fazer conciliação. Não é verdade também que o Presidente Lula tenha mandado dinheiro para lá. O dinheiro federal que existe em Roraima hoje é fruto de emenda parlamentar. Não há uma obra saída de orçamento, direto de Ministério, lá em Roraima.

Se o Líder do Governo quer abstrair o problema de Roraima, não leve por esse caminho, porque assim não haverá conciliação.

Eu disse aqui da tribuna, e vou repetir: como Senador eleito em oposição ao Presidente Lula, estou tentando repetir o gesto do Presidente de tentar a conciliação. Mas, se não for para fazer conciliação, se é esse o objetivo do Líder do Governo, não há problema.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, é apenas para prestar um esclarecimento.

É para reafirmar que o Governo Federal tem alocado recursos para o Estado, alocou recursos para o Programa Luz para Todos, recursos para saneamento, recursos para a construção de estradas, recursos para recuperação de estradas, recursos para tapa-buracos, recursos para vários investimentos.

O Governo Federal não tem feito nenhum tipo de discriminação com o Governo de Roraima; ao contrário, nós temos procurado alocar recursos para o Estado e para Municípios, para que as coisas sejam feitas.

O que eu chamei aqui de falácia foi responsabilizar o Presidente Lula pela demarcação. O Presidente Lula não foi responsável pela demarcação. A demarcação foi feita em 1998, e o Presidente Lula a homologou. O Presidente Lula foi acionado para fazer a última etapa de um processo que procuramos construir dentro de um outro tipo de entendimento e que, infelizmente, não foi possível.

Então, estou registrando isso e fiz questão de registrar também a questão da eleição, porque as eleições estavam casadas, e as investigações estão casadas. Então, estou dizendo qual o posicionamento do Estado de Roraima e da Liderança do Governo, que é trabalhar com todos. Não estamos abstraindo a questão de Roraima aqui. Estou prestando um esclarecimento porque fui instado a prestá-lo. Aqui foi dito que o Presidente Lula tinha virado as costas para Roraima e, por isso, tinha levado 60% de votos contrários. E o resultado da eleição, na minha avaliação, não é esse. O resultado da eleição, na minha avaliação e na do Ministério Público, teve outras motivações. É isso que o Tribunal Superior Eleitoral vai registrar no momento oportuno.

Portanto, penso que não temos de ficar discutindo Roraima aqui. Vamos trabalhar pelo Brasil, e, na Liderança do Governo, vou fazer o que for possível para ajudar Roraima e todos os Estados do Brasil.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PTB – RR) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Senador Mozarildo Cavalcanti.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PTB – RR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Só quero registrar, para não ficar polemizando, que temos de discutir Roraima, sim. Fui eleito para discutir Roraima, aqui, primeiramente, para discutir a Amazônia e para discutir o Brasil. E para discutir Roraima, sim! Fui eleito para discutir Roraima com prioridade.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, só para dizer que, quando falei em não discutir Roraima, referia-me

a discutir questões de disputa eleitoral, e não questões relativas aos problemas do Estado. O Senador Mozarildo está querendo distorcer as minhas palavras, e eu não admito esse tipo de interpretação.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – O Senador Mão Santa pede a palavra pela ordem, e o Senador Arthur Virgílio pede a palavra como Líder.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Não, peço a palavra pela ordem também.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Então, com a palavra V. Ex<sup>a</sup> pela ordem; em seguida, darei a palavra ao Senador Mão Santa.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, encaminho à Mesa voto de pesar, assinado por mim e pelo Senador Gilberto Mestrinho, pelo falecimento da Sr<sup>a</sup> Áurea Pinheiro Braga, que deixa viúvo o Senador João dos Santos Braga Júnior, Senador entre os anos de 1975 e 1978, Deputado Estadual em dois mandatos no Estado, empresário respeitado na nossa cidade e no Amazonas inteiro, e que deixa seus filhos Sandra Braga da Rocha, Antônio Ricardo Pinheiro Braga, Maria de Fátima Braga Roman e João dos Santos Braga Neto.

Encaminho esse voto com muito pesar por se tratar de uma personalidade das mais respeitadas e das mais queridas no meu Estado.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Senador Mão Santa.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Presidente Renan Calheiros, V. Ex<sup>a</sup> foi um grande líder do PMDB e compreendo que é difícil, pois o Partido é muito grande nesta Casa e V. Ex<sup>a</sup> o tornou maior.

Não sei quem será o Líder do PMDB no próximo ano. É muito comum se prestar homenagem ao sol que nasce, mas quero prestar homenagem ao nosso Wellington Salgado. Foram oitenta e seis dias como Líder do PMDB nesta Casa, em um período de tormenta, de tumulto, de eleições, e S. Ex<sup>a</sup> teve um comportamento ímpar. Engrandeceu Minas Gerais, que tem uma tradição conciliatória, fez jus ao mandato que representa do povo mineiro. Em oitenta e seis dias, a Bancada esteve sob seu comando, com a sua tranqüilidade e a sua firmeza.



Assim, quero prestar uma homenagem ao nosso Líder, que deixou a Liderança ontem, oitenta e seis dias difíceis.

V. Ex<sup>a</sup> sabe que o PMDB é muito grande, é complexo, tem uma área governista e outra não-governista, mas S. Ex<sup>a</sup> teve a firmeza de manter a unidade do Partido nesta Casa, baseado na sensibilidade e no respeito a todos.

Quero deixar registrado aqui o nosso reconhecimento e gratidão pelo Líder que tivemos, neste momento em que o nosso Partido está em tantas dificuldades pela sua grandeza.

Sei que a Constituição possibilita fusão de partidos. Outros falam em cisão, porque ele é tão grande. Eu queria até lembrar o nome de Wellington Salgado para próximo Presidente do PMDB, porque S. Ex<sup>a</sup> teve uma doçura nessa liderança.

Essas são as nossas palavras, ressaltando que S. Ex<sup>a</sup> consolidou seu nome como um grande e extraordinário Líder desse grandioso Partido, que é o PMDB.

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, peço a palavra pelo art. 14, rapidamente.

Queria realmente agradecer ao PMDB e ao Senador Ney Suassuna essa oportunidade de ter sido Vice-Líder e Líder em exercício de um Partido com uma história tão bonita quanto esse, do qual V. Ex<sup>a</sup> já foi Líder e hoje é Presidente desta Casa.

Gostaria de dizer que foi um momento maravilhoso.

Senti o PMDB na sua grandiosidade, com suas várias correntes. Sinto que o PMDB, precisa além de um líder, de um pacificador, porque é um Partido cheio de líderes, ex-Presidentes, ex-Governadores, ex-Senadores, ex-Prefeitos, ex-tudo.

Então, agradeço ao meu Partido, o Partido a que pertence o Presidente desta Casa, pela grande oportunidade e por esse momento maravilhoso que vivemos 86 dias.

Muito obrigado e agradeço ao Senador Mão Santa pelo carinho. Voltarei a ser Vice-Líder é claro.

Muito obrigado Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Parabenzamos V. Ex<sup>a</sup> pelo período de muitos resultados políticos, pela maneira atuante como V. Ex<sup>a</sup> se dedica a esta Casa e ao País. Parabenzoo a V. Ex<sup>a</sup> em nome do Senado Federal.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra a V. Ex<sup>a</sup>

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero também, como vice-Líder do PSDB, associar-me às congratulações ao nobre Senador Wellington Salgado, pela relação que S. Ex<sup>a</sup> manteve com todos os Partidos, tanto os da Base do Governo quanto os de Oposição no período em que, de forma interina, assumiu a liderança do PMDB.

É um caro amigo nosso e que, pela sua postura e lealdade, só engrandeceu a relação parlamentar aqui no Senado Federal.

Sr. Presidente, ontem foi lido um requerimento de nossa autoria parabenizando o empresário da indústria da pesca do Estado do Pará, Sr. Fernando Ferreira, Vice-Presidente da Federação das Indústrias do Pará e assumiu o Conep, o Conselho Nacional de Pesca e Aqüicultura. É a primeira vez, ao longo de 30 anos de existência, que um empresário do Norte, especificamente do Pará, assume a presidência desse Conselho, que tem uma responsabilidade muito grande: fazer com que se conciliem os interesses e que se trabalhe pelo desenvolvimento da indústria da pesca em nível nacional.

O Pará é um dos maiores produtores de pescado do Brasil, é o segundo maior produtor de pescado em volume, perdendo apenas para Santa Catarina, mas é o maior produtor em valores e é também um grande exportador de pescado.

Portanto, eu queria fazer o registro – já o fiz ontem – do nosso requerimento de votos de aplauso e de sucesso à nova Diretoria do Conep, na pessoa do amigo, Presidente Fernando Ferreira.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra ao Senador Romeu Tuma e, em seguida, ao Senador Marcelo Crivella.

**O SR. ROMEU TUMA** (PFL – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Renan Calheiros, Senador Mão Santa, Senador Wellington Salgado, fiquei encantado com a propaganda do PMDB hoje. Falavam que precisavam de um conciliador! Em São Paulo, repetiram essa mesma história para mim, Sr. Presidente. Como estão querendo substituir nosso amigo comum, o ex-Governador Orestes Quércia, meu filho, que é do PMDB, tem trabalhado para sua manutenção.

E, é claro, estou sensibilizado em saber que a procura que aqui existe, em São Paulo também existe: a procura da manutenção.

V. Ex<sup>as</sup> estão fazendo propaganda para maiores adesões ou é só para elogiar reciprocamente os membros do PMDB? (Pausa.)

Desculpe-me, Sr. Presidente, mas fiquei realmente sensibilizado com as palavras de homenagem ao Senador Wellington. Sei que S. Ex<sup>a</sup> tem sido realmente uma pessoa de bem, correta, tem-nos tratado com muita distinção e nunca se nega a discutir qualquer tipo de assunto. Às vezes, é contrário a um tema, impõe a sua vontade, mas com todo respeito.

Por isso, minha admiração por V. Ex<sup>a</sup>, inclusive na Presidência da Comissão de Educação.

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

Senador Romeu Tuma, sinto o seguinte: se o PFL não o tratar com o carinho que V. Ex<sup>a</sup> merece – tem de ser um carinho todo especial – podemos conversar, não é, Sr. Presidente? Estamos sempre abertos a conversações.

**O SR. ROMEU TUMA** (PFL – SP) – O Presidente é meu padrinho!

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – Acho que V. Ex<sup>a</sup> está sendo tratado, em São Paulo, com pouco carinho. V. Ex<sup>a</sup> merece muito mais. Não está certo, Sr. Presidente? Se não voltarem a tratar V. Ex<sup>a</sup> com carinho em São Paulo, V. Ex<sup>a</sup> poderá vir conversar conosco, tomar um café no gabinete do Presidente...

**O SR. ROMEU TUMA** (PFL – SP) – Vou passar por Minas Gerais.

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – ...Passar em Minas, Uberlândia... No Delta do Piauí, com o Mão Santa. S. Ex<sup>a</sup> está convidando também.

**O SR. ROMEU TUMA** (PFL – SP) – Como é que se chama o rio, Mão Santa?

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Parnaíba.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Sr. Presidente Renan, V. Ex<sup>a</sup> me permite apartear o Senador Romeu Tuma?

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Serão concedidos os apartes, e os aparteados devem ficar sentados, já que o orador está falando da tribuna.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – O nosso Líder Arthur Virgílio não está presente no plenário. Eu também queria dizer ao nobre Senador Romeu Tuma e ao Senador Wellington Salgado que seria uma honra muito grande tê-los no PSDB.

**O SR. ROMEU TUMA** (PFL – SP) – Obrigado!

Mas, Sr. Presidente, eu queria ser rápido. Ontem, V. Ex<sup>a</sup> foi o padrinho da aprovação da matéria referente às micros e pequenas empresas. E, hoje, ainda, quando da homenagem pelos 70 anos da rede hoteleira, tive oportunidade de conversar com o seu presidente e relatar da tribuna a importância desse projeto, que

alcança as pousadas e os pequenos hotéis que têm menos de 50 quartos. Essa lei os beneficiará. Apenas o sentimento de que ainda há meio ano.

Como o Deputado Relator esteve hoje aqui, conversou conosco e garantiu que vai ser aprovada a emenda daqui a uma ou duas semanas, tranqüilizei-me.

Eu só queria relatar que o Governador do meu Estado, Cláudio Lembo, que é meu amigo, independentemente de partido, baixou um decreto anteontem. S. Ex<sup>a</sup> abre uma linha de crédito de até R\$30.000,00 com juros de 2% para a pequena e a microempresa – empréstimos para as empresas cujo faturamento anual é de até R\$2.400.000,00, segundo a tabela.

Ontem foi lido a respeito. Como São Paulo tem um piso – falaram em teto, mas é piso – de R\$420.000,00 de faturamento, não acredito que o Governador Serra, que vai assumir o governo de São Paulo, reduza essa tabela ao que foi apresentado e aprovado pelo projeto ontem.

O decreto autoriza às empresas com faturamento anual de até R\$2.400.000,00 um valor mínimo de R\$5.000,00 e um máximo de R\$30.000,00, com uma taxa de juros mensal estabelecida pelo Governo de 2% ao mês. “A Tarifa de Abertura de Crédito será limitada a R\$50,00, e os bancos não poderão cobrar a mais pela taxa. Pagamento: prazo de 12 meses, no mínimo, e de 24 meses, no máximo, por contrato.”

Creio que essa é uma boa iniciativa do Governador de São Paulo. Ela vem um pouco antes da aprovação do projeto, que foi discutido e aprovado ontem. Acredito que outros Estados também procurarão favorecer a iniciativa.

Hoje, tivemos oportunidade de ver alguns conflitos de rua. Pessoas que ganham a vida como ambulantes estiveram em confronto com a polícia, algo grave, que tem ocorrido em todo o País.

Senador Marcelo Crivella, talvez esse empréstimo seja uma porta para que essas pessoas possam abrir uma pequeníssima empresa e, assim, trabalhar legalmente para ganhar o pão de cada dia.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra ao Senador Marcelo Crivella.

**O SR. PRESIDENTE** (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Concedo a palavra ao Senador Marcelo Crivella.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, telespectadores da TV Senado, ouvintes da Rádio Senado, minhas senhoras e meus senhores, diz a Bíblia, a santa palavra

de Deus: “Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado [...]”.

Não era assim no princípio, quando o homem acordou para a vida no Jardim do Éden, único paraíso que um dia existiu na Terra. No Éden, um processo natural e progressivamente exuberante produzia um ciclo auto-renovável de flores e frutos, nascidos da pujança da natureza original. O paraíso acabou por causa da cobiça. E pela cobiça ainda não surgiu nenhum outro!

Esse terrível sentimento imbatível por métodos e teorias humanas – sejam de ordem filosófica, artística ou científica –, persiste nos corações dos homens até hoje e impede que a natureza exerça a sua vocação divina: dar à luz novos paraísos, gestados em benefício de todos os homens e mulheres de boa vontade.

Desde a destruição do Jardim do Éden, a única hipótese para a perpetuação da espécie é a luta pela sobrevivência por meio do trabalho. Sim, o trabalho que tem parte da energia que produz transformada em calor, calor que se dissipa por meio do suor que pinga do nosso rosto.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, sem trabalho não há pão! E o nosso povo sofrido bem sabe disso. Milhões de brasileiras e brasileiros não têm o pão nosso de cada dia, e a razão disso é que não há trabalho.

O Programa Fome Zero serviu e serve para mostrar ao mundo e aos brasileiros o caráter e as boas intenções de um Governo eleito e reeleito pela imensa maioria do povo brasileiro e que se tornou o fiel depositário de sua esperança. Mas não basta dar o pão, não basta dar o peixe: é preciso ensinar a pescar.

É ingênuo imaginar que poderemos construir uma sociedade mais justa e resgatar milhões de pessoas que hoje vivem no desemprego e no subemprego, reinventando um paraíso onde seja possível receber o sustento sem trabalhar. É impossível substituir, de maneira mais eficiente, a natureza, que tentou e jamais conseguiu isso permanentemente.

O povo, portanto, sabedor dessas verdades, clama por emprego digno e remunerado, capaz de garantir que os homens e mulheres decentes deste País possam conquistar seu sustento e o de suas famílias com o digno suor do seu rosto. Não há outro caminho e nunca houve.

Se não formos capazes de criar empregos para milhões de brasileiros, então será o narcotráfico que empregará uma grande parcela deles, recrutando nossos jovens para suas fileiras. Pais de família serão submetidos a estratégias obscuras na luta pela sobrevivência e muitas mulheres, ainda jovens, cairão na armadilha da prostituição. E o que dizer do futuro

de nossos adolescentes, cada vez mais envolvidos com as drogas?

O bom pai não é diferente do bom governante ou do bom sacerdote. Ele sabe que só o trabalho, e mais nada, pode moldar o caráter, manter a mente ocupada com coisas úteis, despertar no ser humano o nobre sentimento do dever cumprido. Todos precisam disso: ricos ou pobres, cultos ou incultos, religiosos ou não.

Negar trabalho é negar a vida, é negar dignidade. Não há política compensatória que atenuie isso.

Há famílias ricas em nossa sociedade que, por disporem de muitos recursos, tentam poupar os seus filhos do suor, fazendo-os viver confortavelmente de rendimentos financeiros supostamente inesgotáveis. A título de poupá-los da luta pela vida, em verdade os tornam cidadãos fracos, vítimas de problemas que não surgem do meio externo, mas de dentro deles mesmos, provocados pelo ócio que corrói os princípios e torna o ser humano vítima de si próprio. E é isso que temos visto, freqüentemente, em nossa sociedade.

O trabalho é a fonte da vida. Trabalho digno é questão de justiça e só ela pode produzir a paz.

Hoje, vivemos uma das maiores crises de desemprego da história de nosso País, a despeito de todo o esforço e do crescimento que esse Governo tem obtido na economia brasileira. São mais de 20 milhões de brasileiros, entre desempregados absolutos e subempregados, que levantam todas as manhãs e sentem a angústia de não ter o que fazer, a dor de não ter para onde ir. Não estando ocupados dignamente, passam o dia pelas ruas a bater em portas e a distribuir currículos. À noite, chegam em casa e não têm nada mais a mostrar para sua família do que um semblante abatido e histórias tristes de fábricas fechadas e de promessas vazias, enquanto contas se acumulam sem qualquer possibilidade de pagamento.

Nosso Brasil não pode conviver com uma taxa de desemprego (oficial) da ordem de 10%! Ainda mais se levarmos em conta que metade dos desempregados brasileiros tem entre 16 e 24 anos de idade. Estão retirando de nossos jovens qualquer perspectiva de um futuro decente. Assim, retiramos de nossos jovens até mesmo o direito de sonhar com um futuro digno e melhor.

A informalidade cresce a olhos vistos. Nossas cidades convivem, a cada dia, com mais e mais ambulantes, que lutam pelo sustento nos sinais de trânsito. Uns vendem doces, outros frutas. Outros, ainda, distribuem panfletos. Em comum, uma única certeza: a de que no fim do dia não sabem se terão ganho o suficiente para levar para casa o pão dos seus filhos.

A crise do emprego em nosso País tem como pano de fundo a recessão provocada por uma política

econômica voltada exclusivamente para a estabilização da nossa moeda e o controle da inflação. São objetivos dos mais nobres, sem os quais não podemos sonhar com crescimento, mas quero repetir, agora, as palavras ditas ontem pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República de que não devemos mais procurar onde cortar, mas, sim, onde crescer. Isso nos traz de volta a esperança que durante dois anos nos embalou a alma, quando conduzíamos a Frente Parlamentar pela Política do Pleno Emprego.

Agora mesmo, digo, sem medo de errar, que todas as comunidades carentes habitadas das grandes capitais brasileiras estão sob o domínio do narcotráfico e suas populações, subjugadas a regras impostas e injustas que proíbem, por exemplo, que crianças estudem em escolas próximas, por estarem localizadas em áreas dominadas por facções rivais.

É bem verdade que nossa economia tem alcançado, na Bolsa de Valores, recorde histórico. O risco país e o dólar caem, e a balança comercial dá um *show* de desempenho, mas, agora, chegou o momento de essas vantagens chegarem até o povo mais humilde do nosso País.

Não podemos mais ter uma política econômica que atenda apenas ao mercado e, assim, seja socialmente perversa e desviada dos interesses das massas. Chegou a hora da virada em favor dos mais humildes.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Permite-me uma aparte, Senador Marcelo Crivella?

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ) – Já concluo e concederei o aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

Em vez de contribuir para o bem-estar do povo brasileiro como um todo, faz com que nossa riqueza não gere emprego, mas cada vez mais aplicações financeiras improdutivas, cujo lucro não retorna à atividade econômica na forma de demanda e de investimentos no setor produtivo.

Se não mudarmos a política econômica, continuaremos esterilizando nossa riqueza, ao invés de reproduzi-la e de socializá-la para que mais pessoas tenham acesso a ela.

Reza a teoria econômica que o novo investimento gera novo salário, que, por sua vez, se transforma em consumo, estimulando o empresário a fazer novo investimento. O lucro, assim, é reaplicado para atender a demanda efetiva em expansão.

Esse é o ciclo econômico virtuoso, no qual o suor do nosso rosto produz sustento e riqueza, gerando as condições necessárias para a construção de um Estado do bem-estar social que atenda a todos em suas necessidades básicas.

Mas, infelizmente, isso não é o que tem ocorrido em nosso País. O lucro tem sido esterilizado em apli-

cações financeiras que contribuem para aprofundar ainda mais o fosso que separa aqueles que recebem os juros altos e aqueles que devem pagá-los.

Assim, o Estado brasileiro, ao invés de atender aos anseios do povo, apenas cumpre sua meta de superávit primário de 4,25% do PIB, retirando das mãos dos brasileiros quase R\$90 bilhões neste ano de 2006. O superávit primário nesses níveis acaba por privar o Brasil de escolas, hospitais, estradas, entre tantas outras obras de infra-estrutura necessárias para o País.

É preciso ressaltar que a alta taxa básica de juros, mesmo com a trajetória de queda dos últimos meses, continua a mais elevada do mundo. Os juros desestimulam o mecanismo de criação de empregos, cuja engrenagem primordial é o investimento produtivo. Somados à alta carga tributária brasileira, que beira os 40% do PIB, os juros são o maior fator de estagnação da economia brasileira, cujo crescimento será, mais uma vez, muito aquém do que esperávamos: pouco mais de 3% neste ano.

Portanto, é preciso mudar. Nosso povo, sobretudo aquelas pessoas mais humildes, clama por uma política de pleno emprego que estabeleça juros mais baixos, dispêndio do superávit primário e uma estratégia de gastos públicos com investimentos em infra-estrutura, em defesa, em ciência e tecnologia, em saúde e educação, e numa reforma agrária e agrícola que transforme as relações no campo.

Este é o Brasil no qual acredito: o Brasil do trabalho e da produção, da geração de emprego e de renda. Chega de um Brasil apenas do mercado financeiro, de um Brasil em que os ricos são cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres.

Tenho, Sr. Senador Edison Lobão, a profunda convicção desses fatos devido a uma situação que vivi na última campanha para o Governo do Estado do Rio de Janeiro. Encontrei, em uma das comunidades do Rio, um jovem de 16 anos, soldado do tráfico, que se aproximou e me pediu emprego para poder mudar de vida. Com toda a experiência que tenho de contato direto com o povo, naquele instante, não soube o que responder. Senti, isto sim, uma profunda vergonha pela sociedade e pelo Estado a que pertencemos, indiferentes e omissos diante de situações como essa. Naquele instante, assumi um compromisso comigo mesmo: o de fazer tudo para dar àquele garoto, e a todos os garotos na mesma situação que ele, uma pequena oportunidade de vida decente, por meio do único caminho possível: o trabalho remunerado.

É por isso que me engajei na constituição da Frente Parlamentar do Pleno Emprego, que presidido, suprapartidária, acima de qualquer divergência política ou ideológica, pois é uma frente comprometida com a geração de emprego e de renda para a população brasileira.

A Frente Parlamentar do Pleno Emprego é a resposta à mais grave crise social de nossa história, marcada por índices alarmantes de desemprego e de subemprego e provocada, sem sombra de dúvida, pela aplicação recorrente e sistemática, desde o início dos anos setenta, de uma política macroeconômica de extremas restrições monetárias e fiscais...

**O Sr. Edison Lobão** (PFL – MA) – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte, Senador?

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ) – Já permitirei a V. Ex<sup>a</sup> o aparte, porque estou pronto a concluir. Falta só um pouquinho. Como diria o Senador Roberto Campos, do meu Estado, quando se trata dos acordos de uma melodia, por exemplo, de Wagner, V. Ex<sup>a</sup> sabe que se ouvirá uma peça genial. Mas, quando se trata de um debuxo canhestro, de um aprendiz como eu, só ao término é que V. Ex<sup>a</sup> saberá se é de alguma valia ou se deve passar para o lixo da história política deste País como algo que não mereça sua reflexão. Concluo em poucos instantes.

**O Sr. Edison Lobão** (PFL – MA) – V. Ex<sup>a</sup> tem meu apoio quanto à primeira parte, no que diz respeito a Roberto Campos, e não o tem no que diz respeito a V. Ex<sup>a</sup>. Não concordo.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ) – Muito obrigado.

Portanto, Sr. Presidente, para não me delongar, quero apenas concluir meu pronunciamento, dizendo que a estabilidade social e política da Nação hoje nos permite dizer que lutamos muito com V. Ex<sup>as</sup>, com os grandes Líderes desta Casa, aos quais não posso nem sequer comparar-me. O Senador Edison Lobão foi Deputado, Governador, Senador várias vezes e nunca amargou a derrota em um pleito. Há outros que chegaram aqui pelo sucesso na sua vida profissional; há os que são filhos de eminentes políticos e cujos ancestrais hoje são nomes de rua e de cidades; há aqueles que fizeram sucesso na economia; há empresários famosos; há artistas. Eu sou apenas, como disse ao Senador Romeu Tuma, alguém que chegou com nenhum outro mandato, tendo sido apenas presidente de um centro acadêmico em uma universidade. Eu me sinto, portanto, como um peregrino que bate à porta de um templo, com pessoas tão importantes. É claro que contei com a sabedoria, tendo procurado aproximar-se de S. Ex<sup>a</sup>, o Senador Edison Lobão, com quem, muitas vezes, privei, em longas viagens, de conversas, observando seu comportamento.

Menciono isso, Sr. Presidente, apenas para dizer que esse discurso, quando o compus, era exatamente para saudar ontem as palavras do Presidente da República, que fez um contraponto, diante de críticas e até dos conselhos publicados na imprensa, do Senador Aloizio Mercadante – líder valoroso que todos nós admiramos –, de que era hora do sacrifício. O Presidente disse:

”Basta, não vamos mais procurar onde cortar. Vamos procurar onde crescer”. Esse é o espírito que nos deve animar. O sacrifício que nosso povo tem feito, sobretudo os mais humildes, é comovente. Não sei como as pessoas no Brasil que vivem nas comunidades carentes se submetem ao cotidiano de tanta fome, de tanto frio, de tantas noites mal dormidas, de tantas crianças com dentes estragados. E assim vão levando suas vidas de maneira franciscana e sem reclamar.

Nos dez anos que passei na África – Malau, Zâmbia, Quênia, Madagascar agora me vêm à memória –, nunca vi os índices de miséria que vejo nas capitais brasileiras – e sei que em São Paulo não é diferente. De tal maneira que V. Ex<sup>as</sup>, que conquistaram nas ruas a democracia neste País, sem derramar sangue, tenho certeza, vão conduzi-lo agora, também sem derramamento de sangue, a conquistar não mais a democracia política, porque já a temos, mas a democracia social, para um País com renda mais bem dividida, com menos fome e com mais emprego para os brasileiros.

Concedo um aparte a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Edison Lobão e logo em seguida ao nobre Líder do Piauí, Senador Mão Santa.

**O Sr. Edison Lobão** (PFL – MA) – Senador Marcelo Crivella, tanto quanto V. Ex<sup>a</sup>, tenho uma preocupação profunda com a situação dos nossos irmãos brasileiros desvalidos e lançados ao desemprego. Isso não apenas afeta, de maneira muitas vezes profunda, a situação existencial de cada um desses brasileiros, como também lhes causa o desânimo e o sentimento da derrota. V. Ex<sup>a</sup> agora se engaja, de maneira mais efetiva, em um grupo político que visa a procurar caminhos para essas faixas da população brasileira. Manifesto meu júbilo por isso e explico por quê. Poucos são os brasileiros com uma experiência tão grande, tão larga, tão vasta nesse setor, quanto V. Ex<sup>a</sup>, por ser um líder religioso, por atuar exatamente nessas camadas há tantos e tantos anos e por ser agora um líder político de grande envergadura nacional. Senador pelo grande e poderoso Estado do Rio de Janeiro, candidato majoritário duas vezes, pôde V. Ex<sup>a</sup> haurir, ao longo dessas caminhadas, um sentimento de solidariedade com esses irmãos brasileiros que outros líderes não obtiveram. Senador Crivella, o Brasil tem muitos objetivos por cumprir, mas acredito, como V. Ex<sup>a</sup>, que poucos são tão importantes quanto o da geração de empregos. O Brasil, no século passado, o século XX, do qual acabamos de desembarcar, foi o segundo país que mais cresceu no mundo e que, portanto, gerou empregos. O primeiro foi o Japão; o segundo, o Brasil. Estamos, agora, numa fase de escasso crescimento, de pequeno crescimento, o que significa desemprego em massa. Mais de 50% dos brasileiros em condições de trabalhar estão na informalidade, o que é decepcionante e vergonhoso para nós todos. O que busca V. Ex<sup>a</sup> agora, com os estímulos também do Presidente da República, que haverá de liderar esse

processo, é o crescimento e, por meio dele, a geração de empregos. Precisamos conseguir, realmente, ocupação remunerada para os brasileiros que hoje não a têm. Com isso, daremos dignidade a eles e um meio de vida. Cumprimento V. Ex<sup>a</sup> por ter, portanto, decidido participar dessa Frente, que é a favor dos desvalidos. Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ)

– Eu que agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, que, do alto de tanta experiência política, soma-se a mim neste pronunciamento.

Senador Mão Santa, ouço V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Marcelo Crivella, atentamente, eu e o País estamos ouvindo o discurso de V. Ex<sup>a</sup>. Primeiro, é um prêmio de Deus ter aqui um representante d’Ele e também do povo. V. Ex<sup>a</sup> traz a esta Casa e ao País fé e esperança – caridade o Lula trouxe, com o Programa Bolsa-Família. Mas me permita lembrar o que disse Deus: “Comerás o pão com o suor do teu rosto”. Esta é uma mensagem de Deus aos governantes, a Lula! Ó Lula, é Deus! Então, é uma mensagem de Deus para os governantes propiciarem trabalho. O caminho é esse. E digo mais, com energia: o apóstolo Paulo, que propagou o cristianismo mais do que o próprio Jesus, que viveu pouco, que não escreveu, disse: “Quem não trabalha não merece ganhar para comer”. E sairia daí, dos terrenos de Deus para os nossos – para o nosso Nordeste, Senador Edison Lobão. Senador Lobão, o nosso Nordeste! Luiz Gonzaga... porque V. Ex<sup>a</sup> há de convir que a música comunica muito mais, daí Davi dedilhar sua harpa e compor o salmo “O Senhor é meu pastor e nada me faltará”.

Pois bem, Luiz Gonzaga disse que a esmola humilha e vicia o cidadão. V. Ex<sup>a</sup> falou no Wagner alemão, mas quero falar no Fagner do Ceará, o nosso compositor. Ele tem uma música com Gonzaguinha, “Guerreiro Menino”, em que diz que o menino guerreiro é um herói, ele tem o seu sonho. O sonho do homem guerreiro, do menino guerreiro, é o trabalho. Se lhe castram o seu trabalho, ele mata, ele morre; não pode ser feliz! Essa é a mensagem. Não tem outra saída. E creio no Deus que V. Ex<sup>a</sup> está representando, no estudo e no trabalho; esse é o caminho. Essa conversa de dizer que Lula não estudou mas sabe mais do que os que estudaram, nela não creio, não acredito. Ele tem de ter humildade e buscar aquilo que o País precisa: crescer para gerar emprego e trabalho ao seu povo.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ)

– Agradeço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Mão Santa, e, antes de concluir, concedo um aparte ao nobre Senador Magno Malta.

**O Sr. Magno Malta** (Bloco/PL – ES) – Assim que me sentei aqui, o Presidente fez um gesto para mim,

quando olhei para ele, dizendo que eu teria o aparte de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ)

– Muito obrigado. Peço a V. Ex<sup>a</sup> apenas que seja breve, porque a sessão está por findar e ainda há mais um orador inscrito.

**O Sr. Magno Malta** (Bloco/PL – ES) – Mas tenho certeza de que o Presidente, benevolente como é, generoso como é, principalmente pelo tratamento tão carinhoso de filho que dá a mim, além do fato de V. Ex<sup>a</sup> estar tratando de um tema tão importante como esse, certamente, se precisar, prorrogará a sessão por um pouco mais de tempo. Senador Marcelo Crivella, eu estava ouvindo V. Ex<sup>a</sup> no gabinete e não me contive; tentei apartear-lo pela televisão, vi que não dava e resolvi vir ao plenário. V. Ex<sup>a</sup> merece ser abraçado por todos nós. Nós, o Brasil e o Rio de Janeiro, conhecemos bem a sua natureza e o seu sacerdotício. Como bem dizia o Senador Lobão, não é pelo fato de V. Ex<sup>a</sup> tão-somente ser religioso – conhecemos religiosos que nada têm a ver com o sofrimento humano, muito pelo contrário, e alguns que religiosos não são mas que têm a ver com o sacerdotício –, mas pela sua natureza, somada ao seu ministério sacerdotal, e pelo fato de conhecer, conviver e sofrer a dor dos nossos irmãos que estão abaixo da linha da pobreza e da miséria. Porém, há um ponto sobre o qual quero discordar – e não estou discordando de V. Ex<sup>a</sup>. Falei com o Presidente Lula hoje à tarde sobre essa questão. Eu acho que ainda não existe um programa ou uma força política neste País capaz de enfrentar o Bolsa-Família, e acho que vai demorar muito para surgir exatamente pelo que dizia o Senador Mão Santa. Quando Jesus ia ensinar à multidão, Ele a alimentava, porque “saco vazio não pára em pé”, e o indivíduo com fome não tem a capacidade do raciocínio, do aprendizado. Olha, eu sou filho de faxineira e sei o que é ir para a escola com pouca comida. Não é desonra ser pobre; Jesus disse: “Os pobres, sempre os tereis convosco”; desonra e humilhação é ser miserável. E impuseram a uma faixa da população do Brasil a miséria. E alguns já sofreram tanto na miséria, que não aprenderão a pescar. Eles precisam receber o peixe na mão mesmo; e é preciso dar o peixe na mão mesmo, porque poucos ganharam muito e muitos não ganharam nada. Nos próximos dez anos, teremos um grupo de pessoas neste País que tem de receber o peixe na mão porque não aprenderão a pescar pelo fato de não terem sido incluídos. A eles foi dado só o desprazer de serem humilhados, de serem incluídos no sofrimento. É verdade que, em se tratando de exclusão social, e agora estamos preocupados também com a exclusão digital, com a exclusão na escola, com a falta de investimento em educação, quem sabe nos próximos dez ou quinze anos surja uma geração para a qual não precisaremos dar o peixe na mão e sim ensiná-la a pescar; e se ensina a pescar com educação. Mas há ainda uma faixa neste País que tem de receber o peixe na mão, porque foi a

eles imposto um sofrimento que eles não pediram. O que todos queriam era ter carne, arroz, feijão na mesa, de manhã, de tarde e de noite, ter café, ter livro para dar aos filhos e condições de mandar o filho bem vestido para a escola, mas não puderam fazê-lo porque lhes foi imposto o sofrimento. Por isso, tive de vir aqui apartear V. Ex<sup>a</sup>, porque usar como retórica o discurso do sofrimento humano é muito fácil, entretanto V. Ex<sup>a</sup> é parte disso por causa da vocação sacerdotal. Sou parte disso porque sou filho dessa faixa da população brasileira à qual foi imposto o sofrimento. Sou filho de Dadá, sofrida; de Ameliano, sofrido; sou irmão de Antônio, sofrido; os meus familiares vivem nas periferias de São Paulo, sofridos. Sou dessa faixa da população brasileira porque nasci e fui criado ali, com as necessidades impostas a nós, sem que tivéssemos o direito de sermos incluídos. Por isso, apaixonei-me pela fala de V. Ex<sup>a</sup> e vim correndo para apartear-lo. Não podemos fazer um discurso demagógico e até, num determinado momento, querer desmerecer o Bolsa-Família do Presidente Lula. Com todo o respeito, para aqueles a quem foi imposto o sofrimento, é preciso dar-lhes o peixe na mão mesmo, porque o sofrimento já foi tão grande que eles não aprenderam a pescar.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ)

– Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> o aparte e já vou concluir, Sr. Presidente.

O fato é que nós que conquistamos a democracia política sem derramamento de sangue haveremos de conquistar a democracia social com a democracia política que nossos antepassados nos legaram.

Sr. Presidente, o Bolsa-Família é um programa consagrado e que tem sustentado vidas por todo este País. Mas é o momento agora de, com uma economia que cresça 5%, 6% – o sonho de todos nós –, gerar emprego, o que é realmente a grande aspiração do povo brasileiro.

Mas, é claro, há aqueles que são os nossos excepcionais – temos 20 milhões de deficientes –, os que não andam, os que não ouvem, os que não conseguem enxergar, aqueles que são deficientes mentais. Há também os idosos, que não foram abrangidos na Previdência e na seguridade. A eles, sim, o País deve sustentar.

Aos demais, Sr. Presidente, o emprego, o trabalho, o suor do rosto, a dignidade do homem de bem.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Senador Marcelo Crivella, V. Ex<sup>a</sup> cometeu uma injustiça contra si mesmo, que foi corrigida primeiramente, pelo Senador Edison Lobão, depois pelo Senador Mão Santa e pelo nosso Senador Magno Malta.

Tenho acompanhado e, no meu ponto de vista, talvez seja mais difícil reconhecer que eu vim a esta Casa. Mas ninguém vem aqui se não for pela vontade

de Deus, e aqueles que o traem pagarão caro este preço de virem sem que Ele tenha dado a mão e reconhecido o seu trabalho. Portanto, V. Ex<sup>a</sup> é um homem que tem trabalhado em benefício dos que mais sofrem; não é só aqui, tenho acompanhado as suas viagens na busca de uma esperança para aqueles que vão buscar uma melhoria fora da nossa geografia brasileira e que perdem provavelmente a esperança, e o sofrimento começa a acabar com a sua tranquilidade e provavelmente com a vida, e V. Ex<sup>a</sup> corre e estende a mão e os socorre.

Então, não pratique mais injustiça contra V. Ex<sup>a</sup>. Olhe no espelho e V. Ex<sup>a</sup> verá que Jesus Cristo estará do seu lado.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ)

– Muito obrigado.

*Durante o discurso do Sr. Marcelo Crivella, o Sr. Renan Calheiros, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada sucessivamente pelo Sr. Romeu Tuma, pela Sra. Serys Slhessarenko, Suplente de Secretário, e novamente pelo Sr. Romeu Tuma.*

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Antes de dar a palavra ao Senador Arthur Virgílio, coloco em votação, em globo, os **Requerimentos nºs 1.081, 1.084, 1.100 e 1.113, de 2006**, lidos em sessões anteriores.

Em votação.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que os aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa)

Aprovados.

Será cumprida a deliberação do Plenário.

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PL – ES) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Concedo a palavra pela ordem ao nobre Senador Magno Malta.

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PL – ES. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, apenas para fazer um comentário. O Senador Arthur, como é meu irmão e eu sou fã dele, não se preocupa com o fato de eu usar a palavra aqui.

Gostaria somente de agradecer a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Tuma, porque tenho recebido notícia das casas de recuperação de drogados de São Paulo; depois que a lei foi promulgada, não punindo o usuário, a procura ficou muito grande. Eu só não sabia é que V. Ex<sup>a</sup> apoiava as casas de recuperação de drogados de São Paulo. E aquelas pessoas que hoje estão colocando a mão na massa já há muitos anos, tirando drogados das ruas, abraçando os filhos dos outros, trazendo-os para dentro das suas casas para recuperá-los na base do amor, da misericórdia. Para mim não foi surpresa, mas fiquei muito feliz de saber que V. Ex<sup>a</sup> é um aliado das casas

de recuperação de dependentes químicos do Estado de São Paulo. Gostaria de transmitir que as pessoas reconhecem em V. Ex<sup>a</sup> um grande aliado.

Para os próximos dias, Sr. Presidente, em relação às casas de recuperação do Brasil, que são mais de três mil, que recuperam por causa do sacerdócio e do amor e sem ter qualquer tipo de contrapartida governamental, há um indicativo do Presidente Lula de que serão incluídas no orçamento do Senado.

Fico muito feliz que V. Ex<sup>a</sup> esteja junto às pessoas e aos grupos de São Paulo para fazer justiça a quem está na ponta, ajudando a resolver o problema, devolvendo filhos drogados, marginalizados, agora recuperados, às suas famílias e à sociedade. Por isso esta fala, para cumprimentar V. Ex<sup>a</sup>. Para mim não é novidade, mas eu não tinha a informação de que V. Ex<sup>a</sup> estava ao lado dessa população de São Paulo, sofrida.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP) – Muito obrigado pelas palavras carinhosas, Senador Magno Malta.

Passo a palavra ao Senador Arthur Virgílio por dez minutos.

Se V. Ex<sup>a</sup> precisar de mais, prorrogaremos seu tempo.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – É suficiente. Basta, Sr. Presidente. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> a gentileza.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, começo falando de matéria publicada nos últimos dias pelo jornal **O Globo**, baseada em levantamento do Instituto Socioambiental (ISA), revelando os riscos de desaparecimento da Floresta Amazônica.

Bastaria a leitura do título dessa matéria para um alerta aos brasileiros. Leio-o, na íntegra, uma linha com apenas seis palavras, mas que dizem (e preocupam) muito: “Desmatamento na Amazônia cresceu com Lula”.

Mais aspas para **O Globo**: “Devastação dos últimos anos, de 84,4 mil km<sup>2</sup> de florestas, foi a mais alta desde o início dos registros, em 1988”.

Ainda da mesma notícia: “O desmatamento na Amazônia aumentou nos quatro anos do Governo Lula – 2003 a 2006 – em comparação ao segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso (1999 – 2002)”.

O detalhe importante é que essas cifras baseiam-se em levantamento e rastreamento do satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), portanto indiscutíveis.

Trago essas cifras ao Plenário do Senado para mostrar que os números comemorados pelo Governo Lula, ao longo da campanha eleitoral, não refletem a realidade.

Todos estamos lembrados de que o Governo atual fez intensa campanha, ao afirmar que o índice de desmatamento da Amazônia, em 2006, teria experimentado uma queda de 30%. Isso não reduz, porém, o total desmatado ao longo do Governo Lula, que foi recorde: 84.400 km<sup>2</sup>.

É bom que esses dados, nada otimistas, sejam inseridos nos Anais do Senado da República com a informação adicional de que, nos quatro anos do Governo Lula, o Brasil emitiu 996 milhões de toneladas de carbono no ar.

Repito o que diz o Instituto Socioambiental (ISA), baseado – lembro – nos levantamentos do Inpe: “O desmatamento nos quatro anos do Governo atual equivale a 1,5km<sup>2</sup> por hora”. Repito, para ficar bem claro: “O desmatamento nos quatro anos do Governo atual equivale a 1,5km<sup>2</sup> por hora”. E mais: 1,5km<sup>2</sup> dá uma área igual a cinco campos de futebol por minuto. Repito: por minuto! São cinco campos de futebol por minuto! Nesse ritmo, superfrenético, em mais quatro anos, serão devastados 16 milhões de campos de futebol. Não queremos tantos campos de futebol assim, até porque preferimos a Floresta Amazônia, a região mais estratégica deste País.

Lembro que esses são os números reais, pelo que estou anexando a este breve pronunciamento a matéria publicada na edição de 8 de novembro do jornal **O Globo**.

Sr. Presidente, outro dado, outra mazela que deve ser aqui evidentemente discutida é o fato de que os índices de corrupção neste País, infelizmente, pioraram, segundo pesquisa divulgada por **O Globo** e por outros jornais. A pesquisa é da ONG Transparência Internacional.

É triste para o País, que, antes, já era, lamentavelmente, o 68<sup>o</sup> do *ranking* e que se classificou, este ano, em 70<sup>o</sup> lugar entre 163 países pesquisados. Ganhou nota 3,3, apenas – de novo – na frente do Haiti, o pior colocado, com 1,8.

Segundo diz o jornal carioca **O Globo**, a má-colocação do Brasil nesse *ranking* da vergonha deve-se, sobretudo, “aos sucessivos escândalos de corrupção”. O pormenor desprimoroso é que a nota brasileira é a mais baixa conquistada pelo País desde 1965, quando foi criado esse “campeonato” pela ONG Transparência Internacional.

Ao publicar a classificação, o jornal **O Globo** acrescenta a opinião do diretor da seção brasileira da ONG, Sr. Cláudio Weber Abramo:

Como houve forte exposição de escândalos, como o do Mensalão e o dos Sanguessugas, na imprensa internacional, é inadmissível imaginar que não tenham repercutido na opinião dos investidores e, conseqüentemente, no índice deste ano.



Fecho aspas para o dirigente da ONG Transparência Internacional e ressalto, Sr. Presidente, que esses dados parecem não impressionar o Governo brasileiro, que diz não acreditar que a corrupção tenha aumentado no Brasil e que o que teria havido seria, isto sim, um combate maior. Não é verdade, porque aumentou a corrupção. Isso é algo visível, até por que, dessa vez, a corrupção foi patrocinada de dentro do Palácio – este é um fato, não há como se negar – para o Congresso, contaminando não só a relação entre os dois Poderes, como o conceito dos dois Poderes, com prejuízos inegáveis para o Legislativo, que é um Poder desarmado, aos olhos da opinião pública.

Peço também que faça parte dos Anais a matéria do jornal **O Globo** do dia 07 de novembro último.

Sr. Presidente, gostaria, finalmente, de me referir ao fato lamentável, que é a ausência do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 16ª Cúpula de Chefes de Estado e de Governo dos Países Ibero-americanos, encerrada no último domingo em Montevideu. Sinceramente, não consigo aceitar nem entender esse fato, Sr. Senador Mão Santa. Não consigo aceitar nem entender.

Em momento crítico da crise entre Uruguai e Argentina, exatamente quando os dois países anunciam que foi interrompido o diálogo, Lula, Presidente **pro tempore** do Mercosul, tornou-se motivo de piadas e de críticas na televisão e nos jornais uruguaios por ter sido fotografado em trajes de banhista, descansando em uma praia do litoral baiano.

Na imprensa uruguaia e argentina, analistas afirmaram que a ausência traria um custo político ao Presidente, que teria, então, “fugido às suas responsabilidades para beneficiar a Argentina”.

Sr. Presidente, a omissão prejudica ou beneficia alguém. Não existe omissão neutra. O omissor pensa que é neutro, mas não o é. Aquele que não toma partido ou posição tomou o partido de alguém que se beneficiou com sua omissão. Alguém que não denuncia um crime tomou o partido do criminoso. Alguém que denuncia um crime tomou o partido das vítimas do crime. Então, não existe omissão neutra. Isso não é como certos sabonetes que servem para lavar a cútis mais suave.

A omissão, portanto, nesse episódio, é vista pelos uruguaios como uma fuga do Presidente Lula às suas responsabilidades, visando a beneficiar a Argentina. Ou seja, o Brasil, de novo, ficou mal aos olhos do Uruguai.

Mais sincero talvez tivesse sido apresentar-se para arbitrar isso, como País líder da América do Sul, como País que mantém relações diplomáticas perfeitas e corretas com a Argentina e com o Uruguai. Poderia, perfeitamente, com sinceridade, procurar chegar ao acordo sem aquela tolice que falou meses atrás:

construir metade da fábrica no território de um país e a outra metade no do território do outro.

Prefiro quando o Presidente tenta falar sério a quando descamba para esse tipo de proposta que revela um caráter indeciso, portanto uma fragilidade de líder – líder que é frágil fica um líder frágil, obviamente –, que dá vezo a que chargistas se sirvam dele e que termina sendo boa matéria para a imprensa. É matéria para ser apreciada pelo pessoal do Casseta & Planeta e, por exemplo, pelo Agamenon Mendes Pedreira: metade da fábrica no Brasil e a outra metade no Uruguai, como tentativa de solucionar uma crise. Haveria de existir algo mais inteligente a ser proposto, para que pudéssemos juntar as peças fundamentais do pretense mercado comum do nosso subcontinente sul-americano.

Sr. Presidente, volto à repercussão na imprensa para dizer que a revista uruguaia **Caras e Caretas**, que tem um viés mais sensacionalista, colocou o Presidente Lula em sua capa com o título que traduzo para o português: “Macaco Velho não Sobe em Galho Podre”. Não sei se a esperteza é o melhor caminho; prefiro enfrentar as coisas. Mas, para os uruguaios, ele é macaco velho que somente se segura em galho bom, como fazem certos políticos que não conseguem ficar contra governos nunca. O tempo inteiro, são governistas. É a história de um coronel da política do interior. Alguém disse para ele: “Puxa, você não tem coerência; você já está apoiando o novo prefeito”. Ele respondeu: “Não, eu tenho coerência, sim. Eu sou governo sempre. Vocês é que mudam, que de vez em quando são governo e que, depois, são oposição”.

Copiando o Presidente Lula, uso uma expressão muito utilizada por Sua Excelência. “Nunca se viu neste País um Presidente brasileiro se ausentar do referido evento”. Não me consta que outro Presidente tenha faltado a uma reunião da Cúpula Ibero-Americana. Volto a parafrasear o Presidente: “Nunca se viu neste País um Presidente que se tenha ausentado de uma Cúpula tão relevante para os destinos dos países ibero-americanos”. Essa, portanto, certamente, é a primeira vez em que um Presidente do Brasil falta a tal encontro.

Passear nas belas praias baianas é agradável. Não discuto o bom gosto presidencial. Entretanto, com certeza, não é mais importante do que representar o Brasil em encontros que envolvam interesses multilaterais.

Era o que Eu tinha dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O  
SR. SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO EM SEU  
PRONUNCIAMENTO.**

*(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

# O GLOBO

## Piora percepção de corrupção no Brasil, diz ONG

Escândalos sucessivos deram ao país a menor nota desde que foi criada a aferição sobre o problema, em 1995

Plínio Teodoro\*

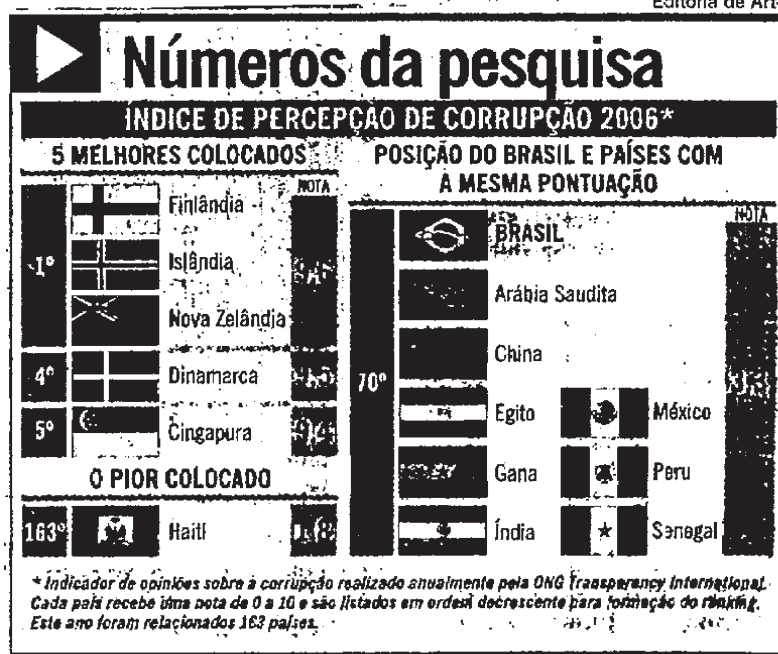
• SÃO PAULO. Os sucessivos escândalos de corrupção derrubaram em oito posições a colocação do Brasil, que agora ocupa a 70ª posição no Índice Anual de Percepções de Corrupção, divulgado ontem pela ONG Transparência Internacional. A nota brasileira, de 3,3, é a menor desde 1995, quando foi criado o ranking, medido por meio de uma compilação de opiniões de empresas de análise de riscos, que dão notas de 0 a 10. Neste ano, 163 países estão relacionados. Em 2005, o Brasil ficou em 62º lugar, entre 159 países analisados. Segundo Cláudio Weber Abramo, diretor da subsidiária brasileira da organização, analisando apenas os 154 países relacionados em 2005 e 2006, o Brasil caiu cinco posições.

Como houve forte exposição de escândalos como o do mensalão e dos sanguessugas na imprensa internacional, é inadmissível imaginar que não tenha repercutido na opinião

dos investidores e, consequentemente, no índice deste ano. É também presumível que progressos no combate à corrupção que aconteceram no período, tanto em setores do governo

federal quanto em estados e municípios, não tenham sido captados pelas pessoas que responderam ou, se captados, não resultaram suficientes para compensar o efeito dos escândalos.

Editoria de Arte



Segundo Abramo, as opiniões coletadas não correspondem a avaliações sobre governos. Mas a ação dos governantes no combate à corrupção e o grau de descentralização administrativa no país se refletem nas opiniões.

O ambiente de países como os EUA e o Brasil, que são altamente descentralizados, é significativamente diferente de países muito centralizados, como aconteceu na América hispânica.

**Bastos: houve aumento ao combate à corrupção**

O ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, ao comentar o

relatório, disse que a corrupção não aumentou no país:

— Não acredito que tenha havido aumento da corrupção. O que houve foi um aumento do combate à corrupção, um aumento da publicidade do combate à corrupção. Ela está sendo tirada de baixo do tapete.

O índice aponta estreita correlação entre corrupção e pobreza. Países que apresentam alta renda per capita e melhor distribuição de recursos, como Finlândia, Islândia e Nova Zelândia, encabeçam a lista como os menos corruptos. Em contraposição, países pobres como Haiti e

Iraque são relacionados como os mais corruptos.

— Os resultados indicam que ainda há muito por fazer para uma melhora significativa na vida dos cidadãos mais pobres — disse Huguette Labelle, presidente da ONG, no lançamento mundial do estudo, em Berlim.

Segundo o estudo, quanto mais íntegro o país, menor sua mobilidade no ranking. Entre os que mais se movimentaram estão o Paraguai, que subiu 35 posições, e o Brasil que caiu 5. ■

\* Especial para O GLOBO

# Desmatamento na Amazônia cresceu com Lula

Devastação dos últimos quatro anos, de 84,4 mil km<sup>2</sup> de florestas, foi a mais alta desde início dos registros, em 1988

Rodrigo França Taves

• O desmatamento na Amazônia aumentou nos quatro anos do governo Lula (entre 2003 e 2006) em comparação ao segundo mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1999 a 2002) — mesmo com a redução, este ano, de 30% no ritmo de desmatamento comemorado pelo governo.

De acordo com levantamento do Instituto Socioambiental (ISA), a partir de imagens de satélite do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), foram desmatados, no governo Lula, 84,4 mil km<sup>2</sup> de florestas, número mais alto num quadriênio desde que a devastação começou a ser contabilizada, em 1988.

No segundo governo Fernando Henrique, a devastação chegou a 76,9 mil km<sup>2</sup>, no primeiro governo, a 77,8 mil km<sup>2</sup>.

Em 2006, cinco campos de futebol devastados por minuto. O secretário de Biodiversidade de Florestas do Ministé-

rio do Meio Ambiente, João Paulo Capobianco, confirmou os dados do ISA. Segundo ele, o desmatamento começou a crescer em ritmo mais acelerado entre 2001 e 2002, no fim do governo anterior, e chegou a 27 mil km<sup>2</sup> (segundo pior resultado da história) em 2004, quando foi criado o Plano de Prevenção e Controle de Desmatamentos e o ritmo da devastação começou a diminuir.

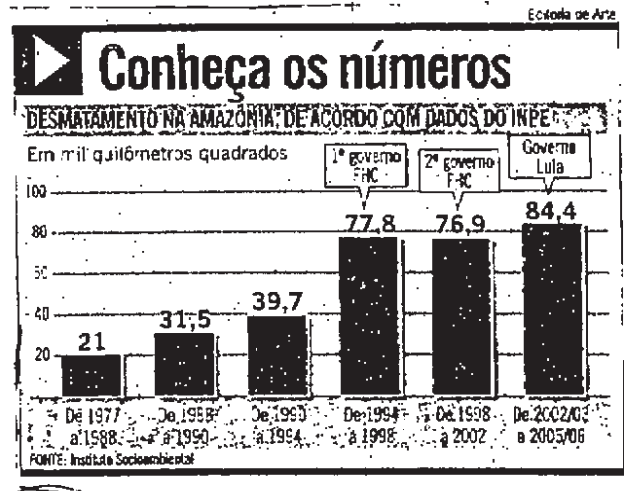
— Nosso desafio era fazer o desmatamento voltar ao patamar anterior, o que os especialistas consideravam impossível. O desmatamento ainda é altíssimo, mas isso nós conseguimos — disse Capobianco.

Em 2006, pelos dados preliminares do Inpe, foram devastados 13.137 km<sup>2</sup>. O ISA diz que, mesmo no patamar deste ano, comemorado pelo governo, a devastação equivale a 1,5 km<sup>2</sup> por hora ou cinco campos de futebol por minuto. Em quatro anos, nesse ritmo, serão devastados 16 milhões de campos de futebol. Ao todo, a

Amazônia já perdeu uma área maior que Bahia, Pernambuco e Alagoas juntos.

De acordo com o ISA, nos últimos quatro anos o Brasil emitiu, a partir do desmatamento, 996 milhões de toneladas de

carbono. Entre 2005 e 2006, o desmatamento da Amazônia foi responsável por mais de 60% do total dessas emissões. Para Capobianco, o desafio do governo é manter a diminuição do ritmo de desmatamento. ■



**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

Com a palavra, o último orador inscrito, Senador Mão Santa.

Pediria a V. Ex<sup>a</sup> que, em face do tempo, fosse breve, com toda a simpatia que sempre demonstrou.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Romeu Tuma, que preside esta sessão de 9 de novembro, Senadoras e Senadores presentes na Casa, brasileiras e brasileiros aqui presentes e que nos assistem pela sistema de comunicação do Senado Federal, Senador Arthur Virgílio, mande uma mensagem ao ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso. Acabei de ler o livro dele intitulado **Cartas a um Jovem Político**. É uma experiência muito útil aos jovens que querem abraçar a política.

Temos de ser verdadeiros. E o que mais me admirou no ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso foi justamente a transição pacífica de seu governo e o aconselhamento que deu ao Presidente Lula. Assisti ao programa de televisão. Só isso o engrandece para a História. Ele dizia, Senador Romeu Tuma – e quis Deus que V. Ex<sup>a</sup> estivesse presidindo a sessão –, que um Presidente não escolhe o tempo de governar, que os problemas aparecem.

Senador Wellington Salgado, Líder até há pouco do nosso Partido, sem dúvida alguma, se Itamar Franco, Fernando Henrique e Rubens Ricupero fizeram um DNA do combate à inflação, verificaremos que eles foram os pais de tal medida. O grande problema, à época, era a inflação. Como o grande problema de Pedro II foi manter a unidade deste Brasil grandioso, e a unidade lingüística; como o grande momento de Getúlio Vargas foi a valorização do trabalho com a Previdência Social; de Juscelino Kubitschek, foi o otimismo, o desenvolvimento e o progresso social; do Presidente Sarney, a redemocratização. E Fernando Henrique aconselhava o Presidente Lula de que o grande problema deste País era o combate à violência. E Lula não lhe deu ouvidos.

Senador Wellington Salgado, sou daqueles que acreditam em Deus, no estudo e no trabalho. Estuda-se política; estuda-se até para jogar futebol, e não se vai estudar política?

Hoje, no nosso momento, quem dá maior contribuição teórica é Norberto Bobbio, que foi Senador vitalício da Itália.

Senador Romeu Tuma, na Itália, a Itália do Renascimento, de Mussolini, Norberto Bobbio foi professor nas faculdades ao tempo de Mussolini, do fascismo. E ele viveu aquilo tudo para renascer na democracia. Ele tem vários compêndios. Ele, reconhecido como

Senador vitalício da Itália e morto há um ano, disse que o mínimo que se tem de exigir de um governo é segurança: segurança à vida, segurança à liberdade e à propriedade.

Fernando Henrique aconselhava a segurança. E esse País, brasileiras e brasileiros, não existe.

Senador Arthur Virgílio, Juscelino Kubitschek, em suas memórias, dizia que Paris era o céu dele nos momentos difíceis e nos momentos de alegria. Era o paraíso! Buenos Aires é o paraíso de homens como nós, mais pobres. Senador Arthur Virgílio, eu estive agora com a minha Adalgisinha lá. Como são baratas as coisas! Uma corrida de táxi é mais barata do que de um mototáxi, Senador Wellington Salgado, lá no Piauí. Tudo é barato!

Senador Arthur Virgílio, aqui nós temos o Porcão. Oh, como é caro! Temos é medo, quando, de vez em quando, temos convidados. Lá, tem o tal de Siga La Vaca. São 26 pesos o rodízio – como o peso é mais barato que o real, o valor é de quase R\$20,00 –, ainda com uma garrafa de vinho. No caso, eram duas, porque sempre estava acompanhado.

Atentai bem: às três horas ou às quatro horas da madrugada, andávamos sós, eu e Adalgisa, com as livrarias abertas! É um povo que estuda, um povo culto! Não tem esse negócio de bala perdida, não tem esse negócio de seqüestro, não tem esse negócio de bandido!

Lá – bem ali –, o país cresce 10%. E o turismo? Hoje, vimos aqui sala cheia; lá, estão cheios os hotéis. Não consegui nenhuma vaga daqui, nem do aeroporto. É porque conheço mesmo Buenos Aires. Eu a visito desde estudante, Senador Arthur Virgílio. Senador Romeu Tuma, que tem filho médico, naquele tempo, nos anos 60, quase não tinha livro de medicina em português, eles eram em espanhol e em inglês. Eu saía daqui, no início da nossa vida, para ir comprá-los lá no El Ateneo. Então, conheço a cidade. Sei que os hotéis estavam todos cheios. Aqui, o que estava cheio era o salão, mas os hotéis estavam vazios. Não tem turismo. Turismo é lá. Como tem brasileiro! Com a TV Senado, eu andava na rua e diziam: “É o Senador Mão Santa?”. Pessoas do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná estão lá!

Senador Wellington Salgado, desligue o telefone e aprenda o que é turismo. Tem aquele Senhor Tango. A Van ia nos buscar no hotel. Iam cinco casais: um era do Rio Grande do Sul, outro era de Santa Catarina, outro do Rio de Janeiro – recém-casados, em lua de mel –, junto comigo e com Adalgisa. De cinco casais, quatro eram brasileiros. Estão todos em Buenos Aires. Por quê? Porque tem segurança, tem tranqüilidade, tem ordem e progresso. Enquanto o PT está colocan-

do é desordem e regresso na nossa bandeira. Essa é a verdade.

Quem consegue sair na bela cidade do Rio de Janeiro, onde estudei, na nossa Cinelândia, de noite, de madrugada?

Senador Romeu Tuma, aprendi com o livro de Fernando Henrique Cardoso, mas foi Petrônio quem ensinou a este País quando disse que não se pode agredir os fatos. Não agredir os fatos. O fato é este: Lula ganhou a eleição, Senador Magno Malta. Ninguém discute. E o Petrônio nos ensinou a não agredir os fatos. Ele ganhou a eleição, mas a democracia não ganhou nada. Para muita gente, a ignorância é audaciosa.

Senador Magno Malta, confundir eleição com democracia? Democracia foi o povo, insatisfeito, depois da inspiração de Aristóteles – “O homem é um animal político” –, esse animal político buscou formas de governo. Estava insatisfeito com os reis, pois o rei seria Deus na Terra e Deus seria um rei no Céu. Mas esse povo, insatisfeito, gritou: “Liberdade, igualdade, fraternidade”. Caíram os reis. Surgiu isso. Foi o grito de liberdade, igualdade, fraternidade.

O Lula – justiça seja feita – teve uma antevisão, teve uma inspiração extraordinária. Antes da liberdade, igualdade e fraternidade, ele viu – isto eu valorizo – que havia algo mais importante: a sobrevivência. Ele viu que, neste País injusto em que nós vivemos, como todos nós sabemos, Romeu Tuma, 10% dos mais ricos têm 40% do bolão de riqueza do País e 10% dos mais pobres têm 1% da riqueza. Injustiça! E ele viu. Então, ele deu a sobrevivência. Antes de liberdade, igualdade e fraternidade, Arthur Virgílio, o povo estava gritando pela sobrevivência. Ele viu, foi e deu o Bolsa-Família.

Foi inspiração do nosso PDT, aqui, do nosso Cristovam Buarque, aperfeiçoada por Fernando Henrique Cardoso. Mas ele foi parcimonioso. Ele deu pouco, exigia educação. E o Lula abriu mesmo. Abriu com objetividade: ganhar a eleição. Ganhou, e ganhou bonito, Arthur Virgílio, e ganhou bem, ninguém contraria. Mas a democracia não ganhou nada não, Romeu Tuma.

Então, o povo derrubou os reis, mas os reis eram absolutos. A inteligência humana de Montesquieu dividiu o poder. Democracia é esse poder. É o Judiciário e é o Executivo, do Lula, que ele ganhou. Ele ganhou lá, mas este perdeu. Olhai as medidas provisórias. Um Congresso, um Congresso de mensalão, Senador Romeu Tuma, da Polícia Federal, deixou assaltar o Banco Rural, para dar semente, para dar trator e custeio, para dar mensalão para Deputados picaretas, que voltaram. E muitos, de vergonha, não voltaram. O homem da cueca voltou ao Poder Legislativo! O homem do dólar na cueca!

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Não aceito acusação, não, hein!

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Não, aqui estou é com saudade, saudade do tempo de V. Ex<sup>a</sup> na Polícia Federal!

Mas o Banco Rural foi assaltado, Romeu Tuma. Antes de dar a semente, o trator e o custeio. E eles voltaram, voltaram mais fortes e mais ricos. Os dólares da cueca desapareceram, porque gastaram para comprar voto, e estão aí.

Um Senador do Ceará, de vergonha, perdeu a eleição para Deputado Estadual, e o homem do dólar na cueca ganhou. Porque o daqui tinha vergonha, o Luiz Pontes, honesto, honrado, servil. Esse foi o quadro.

Ó Senador Arthur Virgílio, eu fui lá, eu combati o bom combate com o Alckmin, o seu candidato, o nosso candidato! Mas fiquei perplexo. Um dia, Romeu Tuma, vi um estudo qualitativo da sociedade. Arthur Virgílio, graças a Deus o pai de V. Ex<sup>a</sup> está no céu; cassado aqui, Deus o chamou. De cem brasileiras e brasileiros, só cinco acreditam em políticos. Só 5%. Então, nós somos a democracia; de cem brasileiros, só cinco acreditam em político. Pensam que todo mundo é ladrão. Com tantos escândalos...

Romeu Tuma, e o Judiciário? Trinta por cento, Romeu Tuma! Que vergonha! Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça...

Para Rui Barbosa, só há um caminho: a lei como salvação, a lei e a justiça. Apenas 30% acreditam na justiça. Deviam ser 100%!

Então, a democracia está aí, está fragilizada, está débil. Ele ganhou as eleições. Eleições é um segmento. Mas quero dizer que ele acertou. O povo estava precisando, antes de liberdade, de igualdade e de fraternidade, de sobrevivência, de sobreviver.

Wellington Salgado, onze milhões de votos, cada casa com três, deu esses cinqüenta milhões. Lá no Piauí, 50,9% da população, mais da metade. Agora acredito que não se deve agredir os fatos. Foi isso que Petrônio disse. Está aí, é um fato, existe. Mas temos de fazer agora um debate qualificado sobre esse Bolsa-Família para dar um rumo, para que seja um bom exemplo.

Que futuro vão ter as crianças que vêem os pais em casa, sem trabalhar, a receber uma esmola? Uma esmola que Luiz Gonzaga, o nosso poeta do Nordeste dizia, Wellington Salgado, “a esmola humilha o cidadão e vicia”. Tem de haver um debate qualificado para arruarmos essas bolsas, que levaram à sobrevivência.

Aí sim, há uma razão para esta Casa existir, um Poder Legislativo para fazer leis boas e justas. Senador Arthur Virgílio, agora é a hora das leis. Daí estarmos com o projeto do Efraim. A lei só vem depois do fato.

Primeiro, tem de haver o fato para haver a lei. O fato: os negros eram escravizados. Então, veio a Lei do Ventre Livre, dos Sexagenários, a Lei Áurea, da Princesa Isabel. Não está certo o homem ficar sem mulher. A mulher casa e descasa, tem o fato da infelicidade, e aí vem a Lei do Divórcio. Agora, tem de haver uma lei. Lula trouxe o fato, o fato deu resultado, ele foi vitorioso. Vamos ter o debate qualificado para melhorar esse fato. É isso que queremos dizer.

Petrônio disse para não agredirmos os fatos. O fato está aí. O Bolsa-Família existe e trouxe a sobrevivência de muitos que viviam na injustiça social e trouxe a vitória de Lula.

Agora, tenhamos razão de existir. Vamos comemorar a democracia. Tenhamos coragem de entrar em um debate qualificado para associarmos esse assistencialismo social.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP) – Senador, V. Ex<sup>a</sup> disse que seria sucinto e econômico nas palavras. De quantos minutos mais V. Ex<sup>a</sup> precisa?

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Terminarei já. Que nem Cristo, que, em um minuto, fez o “Pai Nosso”. Cristo deixou a esperança e a caridade. Foi caridade esse Bolsa-Família, mas temos de fazer justiça. Leis boas e justas para que leve o povo do Brasil a crer que o estudo é que nos leva à sabedoria, que vale mais do que ouro, e o trabalho fiel, a que Deus fez referência: “comerás o pão com o suor do teu rosto”.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP) – Obrigado pela compreensão, Senador.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP) – Tem V. Ex<sup>a</sup> a palavra.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, encaminho à Mesa para publicação um breve pronunciamento em que condeno a violência de que foi vítima o jornal **Folha de S. Paulo** em mais um passo perigoso na escalada de autoritarismo desse Governo.

Refiro-me à matéria da **Folha** do dia 9 de novembro último, sob o título “Telefone da Folha tem sigilo quebrado”; e subtítulo: “Pedido feito pela Polícia Federal e autorizado pela Justiça inclui 168 números que se comunicaram com envolvidos no escândalo do dossiê”.

“Advogado da **Folha** diz que princípio constitucional do sigilo da fonte foi ferido; já delegado da Polícia Federal afirma que o jornal não foi investigado”, que a **Folha de S. Paulo** não foi alvo de investigação.

Peço a V. Ex<sup>a</sup> que permita constar dos Anais da Casa esta matéria e apresento à Mesa este curto

pronunciamento, porque estou anotando, com muita atenção, Sr. Presidente, todos os casos que cheiram à tentativa de amordaçamento da imprensa. A planta daninha, venenosa, perigosa, vil, da ameaça às liberdades, tem de ser simplesmente extirpada dos campos da democracia brasileira. Não podemos contemplar a idéia de que a imprensa possa sofrer cerceamentos.

A Suprema Corte americana, por intermédio de um dos seus mais dignos magistrados, pontificou que a imprensa não tem de ser justa, e, sim, livre. Quando a imprensa é injusta, a ordem constitucional oferece remédios para as pessoas se queixarem, reclamando no cível ou na justiça criminal da injúria porventura sofrida. Mas não se pode impedir que alguém escreva o absurdo mais absurdo – escrever a respeito de quem quer que seja – e que depois ele pague as consequências do seu ato; ele próprio, jornalista, os proprietários do jornal, enfim, há lei para isso, mas não cabe a idéia da intimidação.

Então, quebra-se o sigilo telefônico da **Folha de S. Paulo** no fundo visando a saber quais são as fontes que estariam supostamente alimentando o jornal com denúncias contra o Governo. Isso é grave. Estou acompanhando esse fato atentamente.

Essas notícias estão virando um arquivo no meu gabinete. Nem bem começou o próximo Governo do Presidente Lula e nem bem terminou este, estou com uma pasta dedicada a agressões à liberdade de imprensa. E a pasta está crescendo, está ficando alentadinha!

Portanto, encaminho à Mesa este pronunciamento, Sr. Presidente.

Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

**SEGUE, NA ÍNTEGRA, PRONUNCIAMENTO DO SR. SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO:**

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores,

O jornal **Folha de S. Paulo** foi violentado pelo Governo. É mais um passo – e perigoso – na escalada do autoritarismo que se vai incrustando na alta administração federal, sobretudo nesta antevéspera do segundo mandato. A intenção é nítida e não comporta nenhuma outra conclusão a não ser o que já parece ser uma idéia fixa no atual Governo de cercear as liberdades no Brasil.

Que fique sabendo o Palácio do Planalto e circunvizinhanças: a sociedade civil brasileira repele esse tipo de postura, contrária à democracia que reconquistamos com muito esforço.

Vamos aos fatos, com a leitura do noticiário da própria **Folha**:

Um dos telefones da Sucursal de Brasília da **Folha**, instalado no comitê de imprensa da Câmara dos Deputados, teve o seu sigilo quebrado em meio às investigações sobre a frustrada tentativa de venda do dossiê contra tucanos a petistas.

O pedido de quebra feito pela Polícia Federal à justiça, no dia 24 de setembro, incluiu ainda outros 168 números telefônicos, entre eles o do aparelho celular profissional utilizado por uma repórter da **Folha**.

O ex-Senador e ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal, Paulo Brossard, afirmou a propósito:

(...) “a Polícia Federal não poderia ter pedido a quebra sem saber de quem estava pedindo e o juiz não poderia deferir sem saber o que estava fazendo. Não basta que peçam a quebra do sigilo. Tem que dar um mínimo de elementos para que o juiz possa concordar com a quebra. É uma devassa”.

Esse é um fato singular e preocupante, definiu o Presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Preocupante, sim. O princípio constitucional do sigilo da fonte foi ferido. Ou seja, a própria Constituição Federal foi ferida.

Pergunto: será isso o que o Presidente reeleito quis dizer ao afirmar que o seu segundo Governo será melhor do que o primeiro.

Pergunto de novo: como é que o Presidente vai explicar ao mundo essa idéia de arrolhar os meios de comunicação. Será possível encontrar uma palavra em inglês ou francês para definir o que é Lei Rolha?

Não aceitamos rolha na imprensa, qualquer que seja o pretexto. A quebra do sigilo do telefone da **Folha**, no entender do Presidente da OAB, Roberto Busato, é crime e os dados obtidos da quebra não podem ser usados de forma alguma.

Fica, pois, o aviso ao Governo: autoritarismo, não!

Como líder opositorista, coloco-me desde já na linha de frente para impedir que o Brasil retorne à escuridão.

Em anexo, as matérias publicadas pela **Folha de S.Paulo** sobre mais essa demonstração de pouco apreço do atual Governo à democracia.

Era o que tinha a dizer.

#### **DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno)*

Telefone da **Folha** tem sigilo quebrado

Pedido feito pela PF e autorizado pela Justiça inclui 168 números que se comunicaram com envolvidos no escândalo do dossiê.

Advogado da **Folha** diz que princípio constitucional do sigilo da fonte foi ferido; já delegado da PF afirma que o jornal não foi investigado.

#### **Da Sucursal de Brasília**

Um dos telefones da Sucursal de Brasília da **Folha**, instalado no comitê de imprensa da Câmara dos Deputados, teve o seu sigilo quebrado em meio às investigações sobre a frustrada tentativa de venda do dossiê contra tucanos a petistas. O pedido de quebra feito pela Polícia Federal à Justiça, no dia 24 de setembro, incluiu ainda outros 168 números telefônicos, entre eles o do aparelho celular profissional utilizado por uma repórter da **Folha**.

Os números investigados estavam registrados no celular de Gedimar Passos, um dos detidos pela PF em 15 de setembro por negociar o dossiê.

“A quebra do sigilo de telefone utilizado por profissionais da imprensa importa em monitoramento abusivo da atividade jornalística, o que sem dúvida configura violação do sigilo da fonte, previsto na Constituição e na Lei de Imprensa”, disse o diretor jurídico da **Folha**, Orlando Molina.

A PF alega que não sabia que os telefones eram do jornal, e que não buscou investigar procedimentos da **Folha**. “Vimos que todas as ligações feitas pela **Folha** foram posteriores a essa data [da prisão], que os jornalistas estavam apenas tentando obter mais informações sobre o caso. Logo descartamos qualquer investigação sobre a **Folha**”, disse o delegado titular do caso, Diógenes Curado. Os dados das ligações do aparelho telefônico da **Folha** foram usados posteriormente pelo setor de inteligência da PF num organograma que reúne, de forma resumida, os dados colhidos com a quebra de sigilo de mais de uma centena de supostos envolvidos no episódio.

Os sigilos quebrados estão em posse da PF, que repassou cópia à CPI dos Sanguessugas. Não é possível saber se a PF já obteve a quebra também do telefone celular da repórter. Ainda de acordo com esses dados, que podem estar incompletos, a **Folha** é o único órgão de imprensa que teve o sigilo quebrado durante a investigação.

A planilha enviada à PF pela empresa de telefonia Brasil Telecom lista 1.218 ligações feitas e recebidas pelo aparelho da **Folha** entre 1º de agosto e 29 de setembro deste ano. Além dos números que ligaram ou receberam chamadas, a PF recebeu os registros da data, hora e duração das ligações.

Os dados constam do inquérito aberto pela PF em 18 de setembro para apurar as circunstâncias da tentativa de compra por petistas, ao custo de R\$1,7 milhão, de material contra políticos do PSDB, especial-

mente contra o hoje governador eleito de São Paulo, José Serra.

A **Folha** é o único órgão de imprensa citado no relatório, por oito vezes, como tendo feito ligações para envolvidos na trama. As ligações ocorreram após a prisão de Gedimar Passos e Valdebran Padilha, em 15 de setembro, com o R\$1,7 milhão. O objetivo da reportagem era ouvir a versão dos acusados sobre a trama do dossiê.

Há registro nesse relatório, sem identificação, do telefone celular de um repórter do jornal **O Globo** e de um telefone do jornal **O Estado de S. Paulo**, mas os dois, além de não terem sido identificados, não tiveram o pedido de quebra do sigilo feito pela PF.

O ofício que solicita à Justiça Federal do Mato Grosso a quebra do sigilo foi assinado pelo delegado Diógenes Curado. O pedido da quebra dos sigilos foi feito ao juiz Marcos Alves Tavares, da 3ª Vara Federal de Cuiabá (MT), que informou que não se manifestaria.

Nele, o argumento é de que “é imperiosa (...) a adoção de medidas que permitam a quebra do sigilo telefônico de todos os terminais suspeitos e a identificação dos que mantiveram contatos com estes”. O pedido diz que a relação dos números tem como base perícia técnica feita na memória dos celulares apreendidos com Gedimar e Valdebran, no dia 15.

Questionado sobre o episódio, Diógenes Curado afirmou que não sabia que o telefone pertencia ao jornal. Ele disse que pediu a quebra de todos os números que ligaram para o telefone celular de Gedimar, inclusive após a sua prisão, já que a PF o teria mantido ligado com esse objetivo. Segundo Curado afirmou durante a tarde de ontem, a quebra do sigilo do telefone do jornal ocorreu porque a **Folha** teria sido o único meio de comunicação a ligar para Gedimar.

A quebra do sigilo telefônico de Gedimar mostra, entretanto, que o aparelho recebeu duas ligações nos dias 18 e 19 do telefone do escritório brasileiro da Editora Abril, que edita a revista **Veja**. O número da editora não teve o seu pedido de quebra de sigilo feito.

A **Folha** ligou para o telefone celular de Gedimar somente a partir do dia 21, ou seja, dois dias depois da última ligação da Editora Abril. Dois dias antes, no dia 23, a **Folha** também ligou para o telefone de Gedimar por meio de dois outros números do jornal, mas esses não tiveram o pedido de quebra feito.

Informado novamente sobre as ligações da Editora Abril, Diógenes Curado disse que responderia apenas hoje, mas afirmou que isso pode ter ocorrido porque o registro das ligações da Abril podem ter sido apagados da memória do aparelho por outras ligações quando o telefone foi periciado. Efetivamente, a perícia feita pelo Instituto Nacional de Criminalística não aponta o número.

### Jornal não é alvo de investigação, afirma delegado

Da Sucursal de Brasília

O delegado da Polícia Federal encarregado do inquérito sobre o dossiê contra tucanos, Diógenes Curado, afirmou que a **Folha** não é nem nunca foi alvo de investigações da polícia.

O ministro Márcio Thomaz Bastos (Justiça) disse ontem que não tinha conhecimento suficiente da investigação para se pronunciar a respeito. “O que imagino, é que se trate de medida de caráter geral, visando a chegar à origem do dinheiro. A liberdade de imprensa é um valor inalienável da mais alta nobreza constitucional.” Curado, que assina todos os pedidos de quebra de sigilo telefônico relacionados à investigação, afirmou que cumpriu um procedimento padrão nesse tipo de trabalho ao requisitar, à Justiça, os dados cadastrais e os extratos telefônicos de todos os números que ligam ou que recebem chamadas das pessoas investigadas no caso. Segundo ele, os números da **Folha** apareceram na memória do celular apreendido com Gedimar Passos. Disse que, ao ver que as ligações foram feitas posteriormente à prisão de Gedimar e outros dois envolvidos no caso, descartou analisar a relação da **Folha** por concluir que se tratava de uma apuração jornalística normal. Ele explicou que as primeiras quebras foram feitas a partir de perícia feita no celular de Gedimar. Os técnicos levantaram as últimas chamadas feitas e recebidas que estavam registradas na memória do aparelho. Como a memória tem um número limite de ligações registradas, à medida que são feitas e recebidas novas ligações, as mais antigas são apagadas.

Segundo Curado, a **Folha** foi o único veículo de comunicação a ter uma ligação ainda registrada na memória do celular de Gedimar. Isso explicaria, segundo ele, porque outros órgãos, mesmo tendo ligado para o celular de Gedimar antes da **Folha**, não tiveram seu número entre as quebras de sigilo.

“Quando pedimos os dados cadastrais e os extratos das ligações, não sabíamos que havia um número da **Folha**. Como queríamos dar velocidade às investigações, solicitamos os dados de todos os números nessa situação”, disse ele, em relação às chamadas registradas na memória do celular de Gedimar.

“Isso é uma coisa normal dentro de uma investigação como essa. Pedimos os dados e depois vamos descartando aqueles que não nos interessam. Por isso o inquérito corre em segredo de Justiça, para que as pessoas que não têm nada a ver com o caso sejam preservadas”, disse.

O delegado ontem estava em Campo Grande e se comprometeu a verificar, quando chegasse hoje a Cuiabá, os motivos de outros telefones não terem tido o pedido de quebra de sigilo. A assessoria de imprensa



da Polícia Federal, em Brasília, informou que coube ao delegado que preside a investigação se pronunciar sobre o ocorrido.

O juiz Marcos Alves Tavares, da 3ª Vara Federal de Cuiabá (MT), a quem foi feito o pedido da quebra dos sigilos, informou ontem por meio da diretoria da Justiça Federal de Mato Grosso que não se manifestaria sobre o caso. A Justiça Federal informou ainda, por meio de sua assessoria, desconhecer a informação de que tenha ocorrido quebras de sigilo de telefones da Folha.

Colaborou a Agência Folha, cm Cuiabá

### **Ex-ministros contestam a polícia e a Justiça**

Frederico Vasconcelos  
Leandro Beguoci  
Da Reportagem Local

Três ex-ministros da Justiça condenaram a autorização judicial para a quebra do sigilo de telefone da Folha, feita a pedido da Polida Federal.

Paulo Brossard, advogado, ex-ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) e ministro da Justiça de José Sarney, diz que “a Polícia Federal não poderia ter pedido a quebra sem saber de quem estava pedindo e o juiz não poderia deferir sem saber o que estava fazendo. Não basta que peçam a quebra do sigilo. Tem que dar um mínimo de elementos para que o juiz possa concordar com a quebra. É uma devassa”.

“O juiz nem nenhuma autoridade pública nem ninguém têm o direito de desvendar qual a fonte de que se valeu o veículo ou o jornalista para obter informação. Essa proteção é absoluta”, afirma Célio Boda, ministro da Justiça de Fernando Collor de Mello e ex-ministro do STF.

“Acho estranho que eles [PF e juiz] não tenham sabido que o telefone era do jornal”, afirma o advogado Fábio Konder Comparato, presidente da Comissão de Defesa da República e da Democracia do Conselho Federal da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil).

“Ou a companhia telefônica cometeu uma irregularidade administrativa grave, não identificando os telefones, ou então a PF de fato sabia e não informou ao juiz que aquele telefone era de jornal ou, então, informou e o juiz mandou quebrar. Se chegou a esse último ponto, o juiz também pode ter cometido um crime”, conclui. O advogado José Paulo Cavalcanti Filho, ministm (interino) da Justiça de Sarney, diz que houve “uma violência contra a liberdade de imprensa”. Segundo ele, “o juiz nunca poderia ter dado a autorização”.

Ex-presidente do Conselho de Comunicação Social e estudioso da legislação sobre a imprensa, Cavalcanti diz que “nesses casos, os erros não acontecem nunca com uma culpa só. De um lado, ocorrem em função da atitude imperial da Polícia Federal: em vez de, antes, verificar de quem são os números, requer

[a quebra do sigilo] de todos os números, O segundo erro é do juiz, que jamais podia dar [a autorização] sem se informar. Evidentemente, o jornal não participou do esquema sanguessuga”.

Para Cavalcanti Filho, “isso acontece porque nós temos a pior Lei de Imprensa do mundo. Num país civilizado, nenhum delegado faria isso, porque as consequências econômicas, as indenizações seriam tão severas que ele seria obrigado a pensar três vezes antes de requerer, diz.

### **ABI e OAB criticam pedido da PF e reprovam quebra de sigilo**

Da Reportagem Local

O presidente da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), jornalista Maurício Azêdo, entende que a quebra de sigilo do telefone da Folha “é um fato singular e preocupante, porque coloca os contatos que o jornal fez de forma lícita sob o risco de utilização indevida até mesmo por órgãos policiais cuja isenção e cuja lisura estão sob suspeição desde o episódio do delegado que deu aquelas fotografias [do dinheiro usado para a compra do dossiê contra tucanos] para a imprensa”.

O presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Roberto Busato, diz que “aquebra de sigilo fere o direito do jornal ao sigilo da fonte”. Sob a hipótese de desconhecimento de que o telefone pertencia ao jornal, Busato diz que “a ignorância não é escusa”.

“Você não deixa de cometer um crime por desconhecimento”, diz Busato. “Evidentemente houve um crime e os dados obtidos da quebra não podem ser usados de forma alguma nas investigações”, conclui.

O presidente da ABI diz ainda que “é algo inusitado, pois dificilmente há casos em que os telefonemas dados e recebidos por um jornal são objeto de fornecimento a um órgão investigador de caráter policial ou partamentar”.

“A ABI espera que as autoridades da PF e o Ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, ofereçam à Folha e à comunidade jornalística a garantia de que essas informações não sejam usadas de forma que prejudiquem os interesses empresariais e jornalísticos da Empresa Folha da Manhã”, diz.

A ANJ (Associação Nacional de Jornais) não se manifestou, esperando obter mais informações sobre o caso. (FV e LB)

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP) – V. Exª será atendido na forma regimental.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP) – Os Srs. Senadores Marcos Guerra, Almeida Lima, Papaléo Paes, Alvaro Dias, Juvêncio da Fonseca, Flexa Ribeiro, Leonel Pavan, a Srª Senadora Lúcia Vânia, o Sr. Senador Romero Jucá e a Srª Senadora

Patrícia Saboya Gomes enviaram discursos à Mesa para serem publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o inciso I e o § 2º do art. 210 do Regimento Interno.

S. Ex<sup>as</sup> serão atendidos.

**O SR. MARCOS GUERRA** (PSDB – ES. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, desde os dias que se seguiram à realização do segundo turno das eleições presidenciais, o País vem sendo cenário de um debate sobre o rumo que devemos seguir para assegurar um crescimento econômico superior aos índices decepcionantes com que temos convivido nos últimos anos.

Ao acenar com planos para alcançar a meta de um crescimento da economia de 5 por cento ao ano, no próximo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o governo parece enfim render-se à evidência de que não há desenvolvimento – e muito menos desenvolvimento sustentado – sem propostas concretas que recuperem a capacidade de investimento do Estado, tornem o gasto público mais eficiente e também estimulem o setor privado a investir.

O fato é que temos muito do que nos envergonhar. Nosso desempenho econômico, de alguns anos para cá, é péssimo até mesmo quando comparado ao do restante da América Latina – e isto num momento em que há um conjunto de circunstâncias favoráveis raramente visto no mercado mundial.

Pois bem, apesar de a economia global viver provavelmente o mais forte período de expansão desde a década de 70, o Brasil, nos últimos três anos – caso se confirmem as previsões para 2006 –, terá apresentado um dos piores índices do mundo, com uma média de crescimento do Produto Interno Bruto de 2,8 por cento. É o equivalente a 59 por cento do crescimento mundial e a menos de 40 por cento do registrado nos países em desenvolvimento, no mesmo período.

Temos desperdiçado oportunidades, e o resultado é que crescemos menos que nossos vizinhos. Se o índice de crescimento do PIB em 2006 for de 3 por cento, como prevêem mais de 100 instituições financeiras, estaremos, pelo segundo ano consecutivo, superando apenas o Haiti, que terá uma alta calculada em 2,3 por cento. Empataremos com o Equador e ficaremos atrás do Paraguai e de El Salvador, onde o índice deve ser de 3 e meio por cento, da Costa Rica, com 3,7 por cento, e da Bolívia, com 4,1 por cento. E bem distantes da Argentina, que deve ter uma alta do PIB de 8 por cento.

Por que crescemos tão pouco? Em primeiro lugar, porque os investimentos produtivos vêm perdendo fôlego há anos. A principal preocupação da administração federal tem sido arrecadar recursos para a cobertura dos gastos correntes, não só por meio de impostos, mas da competição com empresas e consumidores por

financiamentos no mercado. Ou seja, além de manter sobre o setor produtivo o peso de uma carga tributária insuportável, o governo ainda se apropria de grande parte do dinheiro que poderia financiar a geração de emprego e renda.

O aumento insustentável dos gastos públicos, conjugado à tributação crescente e a outros fatores, como o câmbio valorizado, está asfixiando progressivamente o investimento privado. Setores intensivos em mão-de-obra, sem ter como competir com produtos importados (muitas vezes ilegalmente) e sem condições de exportar por causa da valorização do real, vão sendo sucateados – com custos sociais cujas conseqüências sofreremos durante um bom tempo.

São inúmeros os problemas para os quais precisaremos encontrar soluções, e com rapidez, se quisermos mesmo empurrar a economia para a frente. Eles vão da deterioração da infra-estrutura à burocracia que desestimula novos empreendimentos, do excesso de normas tributárias à falta de marcos regulatórios claros. Ainda há tempo de nos livrarmos dos índices de crescimento medíocres. Mas, para que isso ocorra, é fundamental que o governo se empenhe em planejar com seriedade e adote medidas para que o Estado deixe de ser um obstáculo ao desenvolvimento e passe a ser um agente de estímulo, parceiro da iniciativa privada.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. ALMEIDA LIMA** (PMDB – SE. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, venho à tribuna neste momento para registrar o editorial intitulado “Volta à truculência”, publicado pelo jornal **Folha de S.Paulo** em sua edição de 1º de outubro do corrente.

O referido editorial trata da tentativa de grupos governistas de intimidar a imprensa livre e de coibir o direito à informação. Segundo o editorial, “Fechadas as urnas, setores da militância do PT puseram em marcha uma campanha que tenta intimidar meios de comunicação independentes”.

O editorial encerra com a seguinte conclusão: “A pretexto da vitória legítima de Lula, tentam silenciar o jornalismo crítico. As urnas não outorgaram nenhum tipo de anistia para os crimes cometidos pelos companheiros do presidente. Ainda há muito a esclarecer”.

Sr. Presidente, requeiro que o editorial acima citado seja considerado como parte integrante deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ALMEIDA LIMA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

# Volta a truculência

**Passada a eleição, grupos governistas ensaiam campanha para intimidar a imprensa livre e coibir o direito à informação**

**C**ONFIRMA-SE o ceticismo a respeito da brandura que marcou a atitude da campanha de Lula para com a imprensa no segundo turno. Um verniz de humildade substituíra a arrogância, o desapego à prestação de contas e a truculência do petismo governista enquanto interessava ao cálculo eleitoral. Fechadas as urnas, setores da militância do PT puseram em marcha uma campanha que tenta intimidar meios de comunicação independentes.

Na segunda-feira, um grupo de petistas — muitos dos quais gozando de prebendas no funcionalismo federal — se arrogou o direito de fazer uma “triagem” dos jornalistas que cobriam o primeiro retorno de Luiz Inácio Lula da Silva ao Palácio da Alvorada como presidente reeleito. Um repórter foi agredido.

Particularmente grave foi o episódio de ontem em que um delegado federal usou um inquérito interno como pretexto para intimidar jornalistas da revista “Veja”. Mandou às favas o direito de uma repórter de consultar seu advogado. A intenção do policial era a de, ao feito das ditaduras, enviar um “recado” aos responsáveis pelo semanário.

Não surpreende a hostilidade. Durante mais de um ano, lideranças e “intelectuais” do PT, para não mencionar o próprio presidente Lula, acalentaram a farsa de que os flagrantes de corrupção sistêmica em seu governo, teriam sido fruto de uma conspiração da mídia.

Nos incautos que esperavam uma mudança agora, após a refrega do dossiegate, Marco Aurélio Garcia desferiu um choque de realidade. O presidente do PT repudiou a violência de militantes em Brasília, mas não se esqueceu de dar um “conselho” à imprensa. Sugeriu “auto-reflexão” à mídia, afirmando que ela deve ao país a informação de que o mensalão não existiu.

As páginas 11 e 12 de denúncia assinada em 30 de março pelo procurador-geral da República, lê-se que uma quadrilha, integrada por membros da cúpula do governo e do PT, agia em plano federal com o objetivo de “garantir a continuidade do projeto de poder do Partido dos Trabalhadores mediante a compra de suporte político de outros partidos”.

“Auto-reflexão” deveriam ter feito o PT e o governo. As cúpulas de ambos desmoronaram, mas a necessária depuração dos métodos e dos quadros não ocorreu. Sobreveio, como filho da impunidade, o escândalo do dossiê. Mais uma série de cabeças petistas rolou, mas a lição ainda não foi assimilada.

Lideranças do PT continuam a alimentar a ira de correntes partidárias descompromissadas com a soberania das leis. Enveredada pelo mesmo caminho o governador Roberto Requião, conhecido pela boçalidade, que inventou um complô de veículos de comunicação para explicar sua reeleição apertadíssima no Paraná.

O que essas manifestações de hostilidade ameaçam é muito mais do que a imprensa: é o direito da sociedade de ter livre acesso à informação e à opinião. A pretexto da vitória legítima de Lula, tentam silenciar o jornalismo crítico. As urnas não outorgaram nenhum tipo de anistia para os crimes cometidos pelos companheiros do presidente.

Ainda há muito a esclarecer.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “A turma do mal”, publicada pela Revista **Veja** de 11 de outubro do corrente.

A matéria destaca que o sistema político atual do Brasil permite que acusados de corrupção infestem o Congresso como os sete mensaleiros, cinco sanguessugas e envolvidos em escândalos diversos, como o ex-ministro da fazenda Antonio Palocci, acusado de

corrupção e de quebrar o sigilo bancário do caseiro que o denunciou.

Sr. Presidente para que conste dos Anais do Senado, requeiro que a matéria acima citada seja considerada como parte integrante deste pronunciamento.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR PAPALÉO PAES EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**Brasil**

# A TURMA DO MAL

O sistema político permite que acusados de corrupção infestem o Congresso

*Heloisa Joly e Victor Martino*

**N**ão há modelos perfeitos no campo da política, mas certamente há melhores do que o brasileiro. Ele permite que participantes de crimes se elejam e reelejam, assim como não impõe dificuldade para que figuras folclóricas, como o costureiro Clodovil, tomem assento no Congresso. Entre os efeitos, há sete mensaleiros, cinco sanguessugas e envolvidos em escândalos diversos, como o ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci, acusado de corrupção e de quebrar o sigilo bancário do caseiro que o denunciou. Eles voltam ao Congresso porque a legislação é indulgente com os ilícitos cometidos por políticos, conferindo-lhes foro privilegiado e saídas para escapar à punição. Para não falar do espírito corporativo dos parlamentares. Na última legislatura, a Câmara absolveu onze deputados flagrados no mensalão. Os analistas recomendam que se endureça a legislação eleitoral, para que os envolvidos em crimes sejam proibidos de se candidatar. Defendem, ainda, a adoção do voto distrital, em que as listas de postulantes são circunscritas a pequenas regiões, o que diminui a chance de candidatura de figuras suspeitas e bizarras e estreita o vínculo do eleitor com o político eleito. Seja qual for a fórmula, é preciso encontrar alguma para impedir que senhores como os destas páginas integrem o Congresso.

## JOÃO PAULO CUNHA

**Deputado (PT-SP)**

**Acusações** — Integrar a quadrilha dos mensaleiros e receber 50 000 reais do valerioduto.

**Situação jurídica** —

Apesar de ter sido absolvido pela Câmara, o deputado ainda precisa provar sua inocência na Justiça. Cunha responde a um inquérito por corrupção passiva, peculato e lavagem de dinheiro por seu envolvimento no mensalão. Como continua deputado, ele será julgado pelo Supremo. Mas uma eventual condenação por essa instância superior deve levar a Câmara a abrir um processo para analisar novamente a cassação do seu mandato.

## JOSÉ GENÓINO

**Deputado (PT-SP)**

**Acusações** — Ser um dos chefes de mensalão e avalizar os empréstimos fajutos do lobista Marcos Valério para o PT.

**Situação jurídica** —

Responde a inquérito por formação de quadrilha, peculato e corrupção. Embora ainda não tenha sido diplomado pela Câmara, o processo corre no Supremo porque seu inquérito envolve parlamentares. A eleição não muda sua situação. Se for condenado, terá seus direitos políticos suspensos. Como Genóino não tinha mandato quando os crimes foram cometidos, há dúvidas se a Câmara poderá cassá-lo.

## VALDEMAR COSTA NETO

**Deputado (PL-SP)**

**Acusações** — Chefiar o mensalão no PL, desviar dinheiro da prefeitura de Mogi das Cruzes e tentar comprar votos durante a última eleição.

**Situação jurídica** — Boy,

como é conhecido, renunciou ao mandato de deputado para não ser cassado. Como foi reeleito, o processo poderá ser reaberto. No Supremo, responde por formação de quadrilha, lavagem de dinheiro e corrupção passiva. Condenado, terá os direitos políticos suspensos. Seu mandato ainda pode ser cassado pelo crime eleitoral.

## JOSÉ MENTOR

**Deputado (PT-SP)**

**Acusações** — Participar do mensalão e receber 300 000 reais de um doleiro em 2004, em troca da exclusão do nome do meliante do relatório da CPI do Bem-Estar.

**Situação jurídica** —

Embora tenha sacado 120 000 reais do valerioduto, ainda não responde a inquérito pelo mensalão. A acusação de favorecer o doleiro resultou em um inquérito de corrupção passiva que corre no Supremo. Se Mentor for considerado culpado, seus direitos políticos serão suspensos. Sua reeleição não muda o andamento do processo.

**ANTONIO PALOCCI****Deputado (PT-SP)**

**Acusações** — Desviar recursos públicos destinados à coleta de lixo de Ribeirão Preto no período em que foi prefeito. Ordenar a quebra ilegal do sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa.

**Situação jurídica** — A polícia pediu sua prisão por peculato, falsidade ideológica, formação de quadrilha e lavagem de dinheiro por causa de seu envolvimento nos desvios de Ribeirão Preto. Ele será preso se a Justiça comum deferir o pedido antes de dezembro, quando ganhará o diploma de deputado. Depois, só poderá ir em cana por ordem do Supremo.

**JADER BARBALHO****Deputado (PMDB-PA)**

**Acusações** — Desviar dinheiro do Banco do Estado do Pará, da Sudam e da reforma agrária.

**Situação jurídica** — O deputado responde a quatro ações penais e a dois inquéritos no Supremo. Os ilícitos que lhe são atribuídas são improbidade administrativa, peculato, crime contra o sistema financeiro e lavagem de dinheiro. Como foi reeleito, essas ações continuarão seu curso normal no Supremo. Se for condenado em alguma delas, Jader terá os direitos políticos suspensos e deverá enfrentar um processo de cassação do seu mandato pela Câmara.

**PEDRO HENRY****Deputado (PP-MT)**

**Acusações** — Receber e distribuir mensalão no PP e participar da máfia dos sanguessugas.

**Situação jurídica** — Pedro Henry foi absolvido pela Câmara no caso do mensalão. Agora, ele responde a um processo judicial sobre sua participação no esquema. Reeleito, continua a ter foro privilegiado. Por isso, o caso será julgado pelo Supremo. Se condenado, seus direitos políticos serão suspensos. A Câmara o julgará no caso dos sanguessugas. Caso seja inculcado, perderá o mandato e ficará inelegível por oito anos.

**PAULO MALUF****Deputado (PP-SP)**

**Acusações** — Desviar recursos de obras públicas durante sua gestão como prefeito de São Paulo (1993-1996) e enviar ilegalmente o dinheiro roubado para contas no exterior.

**Situação jurídica** — Responde a processos na Justiça comum por corrupção, improbidade administrativa, formação de quadrilha e lavagem de dinheiro. Quando for diplomado deputado, a maior parte dessas ações passará a tramitar no Supremo. Como o foro privilegiado não se aplica a ações civis, a ação de improbidade continuará na Justiça comum.

**FERNANDO COLLOR****Senador (PRTB-AL)**

**Acusações** — Ser o principal beneficiário do esquema de corrupção montado pelo empresário PC Farias, o que o levou a deixar a Presidência da República.

**Situação jurídica** — Sofreu impeachment, o que o tornou inelegível e inabilitado para assumir cargos públicos por oito anos após o fim do seu mandato. O ex-presidente cumpriu a pena até 2002. Em 1994, o Supremo absolveu Collor das acusações de corrupção, porque considerou que as provas inseridas no processo foram obtidas ilegalmente. Ele poderá, portanto, fazer um "trabalho excepcional" no Congresso, de acordo com seu novo amigo, Lula.

**IBSEN PINHEIRO****Deputado (PMDB-RS)**

**Acusações** — Receber 230 000 dólares da máfia dos anões do Orçamento entre 1989 e 1993, período em que foi líder do PMDB na Câmara e presidente da Casa. Sonegar impostos por não ter declarado esse valor à Receita Federal.

**Situação jurídica** — Foi cassado pela Câmara porque não deu uma explicação decente sobre a origem do dinheiro que recebeu dos anões. Em decorrência da cassação, ficou inelegível por oito anos. Processado por sonegação, pagou a dívida com o Fisco, o que equivale a um reconhecimento de culpa nesse caso.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “Escândalo atinge 8 petistas e desfalca o comitê de Lula”, publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, em sua edição de 24 de setembro do corrente.

A matéria destaca que a crise gerada pela compra, por parte de petistas, de um falso dossiê contra candidatos tucanos, ainda não pôs em risco a reeleição do presidente Lula, mas derrubou seu coordena-

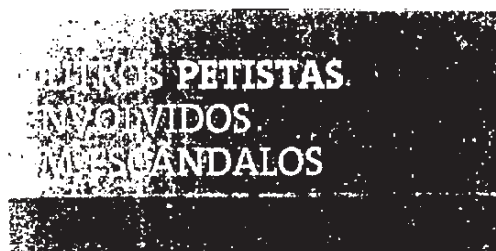
dor de campanha e mais sete personagens chave da campanha petista.

Sr. Presidente, requeiro que a matéria acima citada seja considerada parte integrante deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ALVARO DIAS EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**FOLHA DE S. PAULO**



**JOSÉ DIRCEU**

ex-ministro da Casa Civil

Chamado de “capitão do time” pelo próprio Lula, Dirceu, na Casa Civil, era visto como uma espécie de primeiro-ministro do governo. Acusado por Roberto Jefferson de chefiar o mensalão, foi exonerado e depois teve cassado seu mandato de deputado

**LUÍZ GUSHIKEN**

ex-ministro de Comunicação de Governo

Compunha com Dirceu e Palocci o chamado “núcleo duro” do governo. Perdeu o status de ministro após denúncias de manipular fundos de pensão. Suspeito no caso dos R\$ 11 milhões que teriam sido desviados na produção de cartilhas

**DELÚBIO SOARES**

ex-tesoureiro do PT

Fotografado segurando uma cigarrilha para o presidente durante evento público, foi acusado por Jefferson de pagar o mensalão. Assumiu a responsabilidade por um esquema de caixa dois milionário e acabou expulso do PT

**JOSÉ GENÍDIO**

ex-presidente do PT

Derrotado nas eleições para o governo paulista em 2002, foi premiado com a presidência do PT, da qual teve que se afastar após serem descobertos empréstimos ao partido assinados por ele com o aval do publicitário Marcos Valério

**PAULO OKAMOTTO**

presidente do Sulepar

Tesoureiro da primeira campanha presidencial de Lula, assumiu a responsabilidade pelo pagamento de uma dívida de R\$ 29 mil de Lula com o PT, mas nunca aceitou quebrar o seu sigilo para revelar a origem do dinheiro

**ANTÔNIO PALOCCI**

ex-ministro da Fazenda

Resistiu a uma série de denúncias de irregularidades de sua administração em Ribeirão Preto, mas caiu após ser acusado de violar o sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa, que contara ter visto o dinheiro gravado em um cofre “Casa do André”

**JOÃO PAULO CUNHA**

ex-presidente da Câmara

Primeiro presidente da Câmara no governo Lula,

João Paulo foi acusado de receber R\$ 50 mil do “valerioduto”. Foi assediado pelos seus pares, mas incluído na denúncia do procurador-geral da República no inquérito do mensalão

**PAULO ROCHA**

ex-titular do PT no Paraná

Rocha ocupava o cargo quando foi acusado de receber R\$ 400

mil do “valerioduto”, que confessou ter usado para caixa dois. Renunciou ao mandato, mas continuou aparecendo em solenidades com o presidente

**O MARQUETEIRO**

**DUDA**

**MENDONÇA**

publicitário da campanha

de Lula em 2002

Revelou em

depoimento

espontâneo à

CPI dos Correios ter recebido R\$ 10 milhões em uma “offshore” como pagamento por campanhas para o PT, mas negou que o dinheiro fosse referente à campanha do presidente

**SILVIO PEREIRA**

ex-procurador-geral do PT

Acusado de lotear cargos no governo, pediu desfiliação do

PT depois de ser revelado que ela recebeu de presente de um empresário que prestava serviços a Petrobras uma Land Rover avaliada em mais de R\$ 70 mil

**HUMBERTO COSTA**

ex-ministro da Saúde

Foi indiciado pela PT no caso da máfia dos vampiros, de

irregularidades na compra de hemoderivados. Também enfrenta suspeitas na máfia dos sanguessugas, que atuou quando ele comandava o ministério

## ELEIÇÕES 2006 / CRISE DO DOSSIÊ

# Escândalo atinge 8 petistas e desfalca o comitê de Lula

Crise ainda não pôs em risco a reeleição, mas derrubou coordenador de campanha

**Além de Berzoini, outros dois personagens do caso do dossiê são próximos ao presidente: Freud Godoy e Jorge Lorenzetti**

DA REDAÇÃO

Apesar de não ter afetado, até o momento, o desempenho de Luiz Inácio Lula da Silva nas pesquisas de intenção de voto, a crise do dossiê contra tucanos já atingiu oito petistas e derrubou personagens-chave da campanha do PT à reeleição.

O episódio, que começou no dia 15 com a prisão de dois personagens aparentemente sem função importante no PT —o empresário Valdebran Padilha e o ex-agente da Polícia Federal Gedimar Passos—, com R\$ 1,75 milhão no hotel Ibis Congonhas, em São Paulo, culminou no afastamento do presidente do PT, Ricardo Berzoini, da coordenação da campanha presidencial e de outros integrantes do comitê petista na quarta.

O dinheiro seria usado para pagar por documentos que envolveriam o candidato do PSDB ao governo paulista, José Serra, com a máfia dos sanguessugas. Parte do valor pagaria uma entrevista do autor do dossiê, Luiz Antonio Vedoin, e de seu

pai, Darci, a uma revista. A "IstoÉ" negou que tenha sido paga a entrevista em que os Vedoin acusam Serra de participação na máfia dos sanguessugas. Na quinta, à PF, Vedoin voltou atrás e isentou Serra.

O delegado da PF Edmilson Pereira Bruno, que prendeu Valdebran e Gedimar, disse que, na verdade, o PT estava interessado num calhamaço de 2.000 páginas com denúncias contra vários partidos, inclusive contra petistas. Os documentos ainda não foram localizados pela polícia.

A crise esbarrou em Berzoini após a divulgação de nota da revista "Época" em que afirmou ter sido sondado por Oswaldo Bargas, ex-assessor do petista no Ministério do Trabalho, e pelo amigo e churrasqueiro oficial de Lula, Jorge Lorenzetti, sobre interesse em analisar documentos contra Serra.

Os petistas disseram que Berzoini sabia da sondagem. O presidente do PT negou ter conhecimento dos documentos.

Ainda na quarta, Lorenzetti se desligou do cargo de analista de risco e mídia do comitê presidencial. Mas as baixas do presidente não ficaram restritas à campanha. Lula já havia perdido na segunda-feira um de seus assessores especiais e homem

de confiança há 17 anos, Freud Godoy, citado por Gedimar como mandante da negociação.

## Mercadante

O presidente Lula disse, em entrevista, que poria "a mão no fogo" pelo candidato do PT ao governo de São Paulo, Aloizio Mercadante, que nega veementemente qualquer participação na negociação do dossiê.

Mas a revista "IstoÉ" revelou que foi apresentada aos Vedoin por intermédio de Hamilton Lacerda, então coordenador-geral da campanha de Mercadante. A revista disse ainda que a entrevista foi acompanhada por Bargas e outro petista, Expedito Afonso Veioso, que havia se licenciado da direção do Banco do Brasil para atuar na campanha eleitoral e acabou perdendo os dois empregos.

Em depoimento à PF anteriormente, Lorenzetti também afirmou que o dossiê contra Serra seria entregue a Lacerda. Segundo o amigo de Lula, emissários do PT estiveram três vezes em Cuiabá, com passagens pagas pelo caixa da campanha presidencial, para tentar obter o dossiê. Afirmou, no entanto, que não havia dinheiro envolvido na negociação e disse não saber a origem do montante (em dólares e reais) apreendido em

São Paulo.

Lorenzetti disse que o empresário Abel Pereira, ligado ao ex-ministro e braço direito de José Serra na Saúde, Bargas Negro (PSDB), teria oferecido R\$ 10 milhões pelo dossiê.

## Origem do dossiê

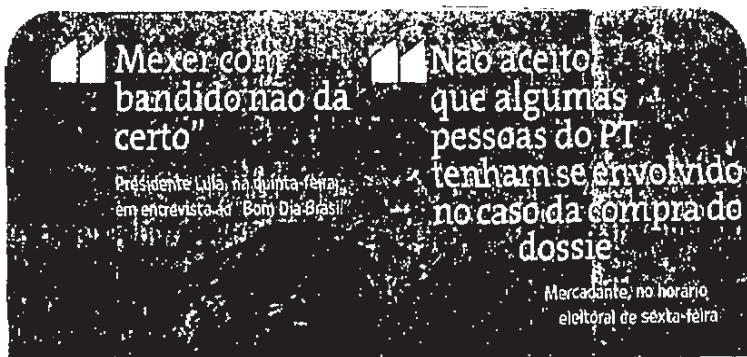
O autor do dossiê, Luiz Antonio Vedoin, perdeu sua liberdade provisória após seu tio Paulo Roberto Trevisan ser preso no aeroporto de Cuiabá com os documentos que seriam trazidos a São Paulo para completar a negociação com os petistas.

Segundo Vedoin, o material contra tucanos foi montado para que o empresário mato-grossense Valdebran Padilha arrecadasse dinheiro e quitasse dívidas relativas a propina.

Ele disse que conseguiu no Congresso a elaboração de emendas para obras que seriam feitas por empresas de Valdebran, que lhe devia R\$ 291 mil em propina, relativa a emendas de 2000 a 2001. Atualizado, o saldo devedor chegaria a R\$ 700 mil. Valdebran nega.

Todos os petistas envolvidos no episódio, inclusive Lula, são alvo de investigação judicial aberta pelo TSE, a pedido de Paulo Trevisan e TSED, para apurar se houve abuso de poder econômico e de autoridade no caso.

## FOLHA DE S. PAULO



## PASSO-A-PASSO DA COMPRA DO DOSSIÊ CONTRA OS TUCANOS

### PRESIDENTE & CIA

#### PERGUNTAS:

##### Sobre os dólares

>> Em que banco dos EUA teria sido sacado o total em dólares?

##### Sobre os reais

>> Em contas de quais pessoas estava o dinheiro sacado no Bradesco e BankBoston?

##### Sobre a PF

>> Por que não mostrou, como de costume, imagens das notas apreendidas?

>> Por que não esperou o caso se desenrolar para prender os envolvidos em SP em flagrante?

##### Sobre o dossiê

>> A PF revelou todo o conteúdo do dossiê ou ainda há alguma coisa a ser mostrada?

## R\$ 1,7 milhão

no total (US\$ 139 mil + R\$ 1,41 milhão) seriam usados para comprar o dossiê elaborado pelos Vedoin.

#### A PRIMEIRA PRISÃO

Ainda na quinta, Valdebran fala com Lorenzetti por telefone. Fica combinado com Vedoin que o resto do dinheiro seria entregue a Valdebran quando o emissário de Vedoin, Paulo Trevisan, seu t.o., chegasse a SP com o dossiê. Com base em grampos, a PF descobre a operação e prende Trevisan ao embarcar em Curitiba.

#### AS OUTRAS PRISÕES

No dia seguinte, sexta-feira, quando a entrevista com os Vedoin é publicada pela "IstoÉ", Gedimar e Valdebran são presos em hotel de São Paulo com R\$ 1,7 mil, dividido em notas de reais e dólares. A PF Gedimar disse que um homem de nome "Freud" (Godoy) tem lhe dado o dinheiro para pagar o dossiê.

#### VERSÃO DE FREUD

Na segunda-feira, Freud Godoy, assessor

especial de Lula, nega parte no caso e diz que foi apresentado a Gedimar por Lorenzetti. São os primeiros nomes de petistas ligados a Lula a surgirem no caso.

#### A VEZ DE BERZOINI

É na terça que a "Época" solta rota dizendo que há a sido procurada por Bargas e Lorenzetti, e diz que estes haviam dito que, apesar de o encontro não ter nada a ver com o PT nem com o governo, Berzoini tinha conhecimento da reunião, mas não do conteúdo.

#### AFASTAMENTO DE PETISTAS

Na esteira dos novos acontecimentos, entre segunda e sábado, Freud pede demissão do cargo no Planalto, Lorenzetti se afasta da campanha de Lula, Expedito pede demissão do cargo no BB, Hamilton deixa a campanha de Mercadante, Bargas deixa a campanha de Lula e Berzoini é substituído na coordenação-geral da campanha por Marco Aurélio Garcia.

#### A PRIMEIRA REVISTA

A revista "Época" disse ter sido procurada por Oswaldo Bargas e Jorge Lorenzetti, na semana do dia 4, quando lhe foi oferecido dossiê contra políticos de renome. O repórter disse que precisaria analisar o material, mas Bargas não o tinha no momento.

#### A SEGUNDA REVISTA

Bargas voltou a falar com a "Época" para dizer que o "denunciante", Luiz Vedoin, não queria mais mostrar o dossiê. Enquanto isso, no dia 7, uma quinta, a "IstoÉ" foi procurada por Hamilton Lacerda, ex-coordenador da campanha de Mercadante, quando lhe foi oferecido o material.

#### O INÍCIO DO ACORDO

O repórter da "IstoÉ" disse ter se reunido com Hamilton e outros editores da revista, quando lhe foi informado que ele entrevistaria os Vedoin em Curitiba. Chegando lá, ele deveria procurar por Oswaldo Bargas e Expedito Veiros.

#### A VENDA DO DOSSIÊ

Segundo Gedimar disse à PF, Vedoin cobrou do PT R\$ 20 milhões pelo dossiê. O partido negociou até baixar para R\$ 2 milhões. Como ainda assim era alto o valor, o PT teria conseguido dividir a compra com "uma importante revista".

#### O PRIMEIRO PAGAMENTO

No dia em que a "IstoÉ" foi para Curitiba e se encontrou com Bargas e Expedito, em 13 de setembro, quarta passada, Valdebran havia sido enviado por Vedoin para São Paulo para verificar se o dinheiro prometido pelo PT havia sido arranjado.

#### A ENTREVISTA

No dia seguinte, na quinta, a "IstoÉ" entrevista os Vedoin na presença de Bargas e Expedito. Nesse momento em São Paulo, Valdebran se encontrava com Gedimar, enviado do PT que entregaria ao primeiro R\$ 1 mil, parte do combinado de R\$ 1,7 mil.

#### DUAS GARANTIAS

- Durante a entrevista, os Vedoin entregaram documentos à "IstoÉ" que comprometeriam Tucanos. A revista não se satisfaz com o material e Vedoin, querendo receber o resto do dinheiro, entrega um CD onde estariam outras informações.  
- Enquanto isso, em São Paulo, Valdebran, que não sabia se acertava apenas R\$ 1 milhão de Gedimar, se encontra com Expedito no hotel. Expedito já teria voltado de Curitiba, na própria quinta, e estaria lá para garantir que o dinheiro seria entregue.



**O SR. JUVÊNCIO DA FONSECA** (PSDB – MS. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna no dia de hoje para registrar a matéria intitulada “Oposição diz que MP da TV digital vai afetar Zona Franca”, publicada no jornal **Folha de S.Paulo** em sua edição de 19 de outubro do corrente.

A matéria destaca que o líder do PSDB no Senado Arthur Virgílio (AM), anunciou ter obtido, por meio de um funcionário do Ministério do Desenvolvimento, uma minuta da MP, que possibilita a instalação em outros estados de empresas para a fabricação de componen-

tes e semicondutores de televisores de plasma e LCD de cristal líquido. Segundo o Líder Tucano, se a MP for editada, irá “aniquilar a Zona Franca de Manaus”.

Sr. Presidente, solicito que a matéria citada seja considerada como parte integrante deste pronunciamento para que, assim, passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

# Oposição diz que MP da TV digital vai afetar Zona Franca

Planalto mobiliza senadores para minimizar o conteúdo do documento; Costa afirma que Manaus não perderá nada

**Ministro das Comunicações defende investimentos e diz que o país precisa usar o que tem de melhor em cada região, sem exclusividade**

FERNANDA KRAKOVICS  
HUMBERTO MEDINA  
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Governo e oposição acirram ontem a disputa em torno dos incentivos para a produção de componentes da TV digital no Brasil, que serão objeto de medida provisória a ser editada pelo Palácio do Planalto.

O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), anunciou ontem ter obtido, por meio de um funcionário do Ministério do Desenvolvimento, uma minuta da MP. O texto, segundo sua avaliação, prejudica a Zona Franca de Manaus —porque abre a possibilidade de instalação, em outros Estados, de empresas para a fabricação de componentes e semicondutores de televisores de plasma e de LCD (cristal líquido).

O tratamento à ZFM tem pautado a disputa presidencial no Amazonas. Aliados de Lula divulgam a versão de que Geraldo Alckmin (PSDB) é inimigo da Zona Franca, utilizando trechos de um discurso feito por ele em 1992, quando era deputado federal.

Já o tucano afirma que é alvo de “boatos mentirosos” e promete liberar os recursos blo-

Se a MP vier ao ar tal como a minuta sugere, esvaziará economicamente o Amazonas, aniquilando o Pólo Industrial de Manaus, cujo faturamento depende em 63% do segmento eletroeletrônico

ARTHUR VIRGÍLIO  
líder do PSDB no Senado

queados da Suframa [autarquia federal que concede os incentivos] para infra-estrutura e logística, para dar maior competitividade para Manaus.

Preocupado com o impacto eleitoral das acusações de Virgílio, o Planalto mobilizou senadores para minimizar o tema. “Essa minuta é apócrifa, não existe”, disse a senadora Serys Slhessarenko (PT-MS), orientada pela Casa Civil.

O líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR), afirmou que o documento é resultado de um estudo do Ministério do Desenvolvimento, e não a minuta da MP. Segundo ele, o texto final ainda está sendo discutido. “O presidente Lula é parceiro da Zona Franca.”

No documento apresentado por Virgílio, há o seguinte cabeçalho: “Minuta de MP enviada

pelo MDIC, em 06/10/06, para a Casa Civil, através do Aviso nº 127/GM-MDIC”.

“Se a medida provisória do governo Lula vier ao ar tal como a minuta sugere, simplesmente esvaziará economicamente o Amazonas, aniquilando o Pólo Industrial de Manaus, cujo faturamento depende em 63% do segmento eletroeletrônico e cujos empregos dependem em 50% desse mesmo setor”, disse Virgílio.

Pouco depois, após palestra no Ministério das Comunicações, o ministro Hélio Costa foi questionado por jornalistas de veículos da região Norte sobre o teor da MP e negou que ela vá prejudicar o pólo de Manaus.

“Não é verdade isso. Manaus não perderá rigorosamente nada na implantação da TV digital.” Costa defendeu investimentos em outras regiões. “Vamos produzir a TV digital usando o melhor de cada região. Se você tem condições de fazer um determinado setor da TV digital no pólo industrial de Manaus, você vai fazer. Se tiver necessidade de fazer uma estrutura seja no Rio Grande do Sul, em Minas, na Bahia ou no Rio, por que não? Nós não podemos ficar com exclusividade.”

Em nota oficial, a Casa Civil afirmou que “políticas de incentivos fiscais a setores industriais” são de competência do Ministério da Fazenda e que não havia recebido nenhuma proposta formal nesse sentido.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para registrar a matéria intitulada “PF quer chamar Carvalho e Dirceu para depor sobre dossiê”, publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo** de 22 de outubro de 2006.

Segundo a matéria, rastreamento telefônico flagrou o chefe de gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho e o ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu, em conversas com Jorge Lorenzetti, acusado de comprar um falso dossiê contra candidatos tucanos, no dia em

que Lorenzetti foi preso em flagrante com uma mala contendo R\$1,7 milhão para fechar o “negócio”.

Sr. Presidente, solicito que a matéria acima citada seja considerada parte deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR FLEXA RIBEIRO EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**Eleições 2006**

# PF quer chamar Carvalho e Dirceu para depor sobre dossiê

Rastreamento telefônico flagrou chefe de gabinete da Presidência e ex-ministro em conversas com Lorenzetti

**Fausto Macedo**  
ENVIADO ESPECIAL  
CUIABÁ

José Dirceu e Gilberto Carvalho estão na mira da Polícia Federal e podem ser chamados a depor no inquérito que apura a operação pela qual petistas tentaram comprar um dossiê contra os tucanos. O ex-ministro-chefe da Casa Civil e o chefe de gabinete da Presidência foram flagrados pelo rastreamento telefônico da PF em contatos com Jorge Lorenzetti, ex-coordenador do setor de inteligência da campanha pela reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e um dos mentores da trama do dossiê Vedeoin.

A PF não sabe o que Dirceu e Carvalho conversaram com Lorenzetti, pois seus telefones não estavam grampeados, mas seus números estão registrados no histórico de chamadas realizadas e recebidas pelo ex-coordenador da área de inteligência da campanha – a “Abin do PT”. Os federais suspeitam que Dirceu e Carvalho estariam acompanhando o desfecho da operação de compra do dossiê que pretenciam ligar os tucanos à máfia dos sanguessugas – o esquema de venda de ambulâncias superfaturadas a prefeituras.

A comunicação entre Dirceu e Lorenzetti ocorreu “num momento muito próximo” da entrega do R\$ 1,75 milhão no Hotel Ibis em São Paulo, onde no dia 15 de setembro foram presos dois participantes da trama, os petistas Gedimar Passos e Valdebran Padilha.

**LIGAÇÕES**  
Lorenzetti ligou primeiro para

**NA MIRA**

## Todos os suspeitos

**Ricardo Berzoini**  
Ex-chefe da área de inteligência da campanha. Assumiu responsabilidade pela negociação.

**Jorge Lorenzetti**  
Ex-chefe da área de inteligência da campanha. Assumiu responsabilidade pela negociação.

**José Dirceu**  
Falou com Lorenzetti dois dias antes de o caso estourar. Ele nega envolvimento.

**Oswaldo Bargas**  
Foi a encontro com a Época junto com Lorenzetti. É um dos elaboradores do programa de governo de Lula.

**Expedito Afonso Veloso**  
Foi a Cuiabá para reunir dados para compor o dossiê e conversar com Vedeoin. Não tinha função definida na campanha. Perdeu o cargo de diretor do B3.

**Valdebran Padilha**  
No dia 15 de setembro, foi preso em São Paulo com parte do R\$ 1,75 milhão para comprar o dossiê. Teria participado da reunião em S. Paulo antes com Vedeoin.

Os petistas acusados de envolvimento no caso da compra do dossiê Vedeoin com acusações contra tucanos. A polícia deve investigar agora teor de conversa de Dirceu com Lorenzetti

**Freud Godoy**  
O ex-assessor da Presidência foi apontado como o mandante da operação, o que ele nega. Um dos acusados mudou a versão e o inocentou. A Justiça quebrou seu sigilo.

**Gedimar Passos**  
Outro petista que também foi preso com parte do dinheiro no dia 15. Foi a Cuiabá para tratar da negociação do dossiê e envolveu Freud no esquema, mas recuou.

**Hamilton Lacarda**  
O ex-assessor da campanha de Afelcio Mercadante ao governo paulista é suspeito de ter levado o dinheiro até o hotel onde os petistas foram presos

um número fixo usado pelo ex-ministro. Foi um contato rápido.

## Saques de dólares foram realizados por laranjas, aponta investigação

cerca de 40 segundos. Dali a duas horas e meia foi Dirceu quem telefonou para ele. Outra conversa curta.

Gilberto Carvalho, por seu lado, falou com Lorenzetti poucas horas depois que Gedimar e Valdebran foram presos no hotel com o dinheiro para o dossiê. A

PF estranha o fato de o chefe de gabinete de Lula ter trocado telefonemas com Lorenzetti quando ele ainda nem tinha sido envolvido no escândalo. Seu nome só surgiu quatro dias depois da descoberta da operação.

O ex-chefe da “Abin do PT” disse que não ligou para Dirceu. O ex-ministro, no entanto, confirmou o contato. “Conheço Lorenzetti, que foi fundador e dirigente do PT, de minhas atividades no partido”, declarou Dirceu em nota divulgada em seu blog na internet. Segundo ele, cortado, um telefonema não quer dizer nada. “Não sei de que telefonema se trata, quais os números chamados. Não tenho nada a ver

com o caso desse dossiê.”

A Polícia Federal abre nesta semana a nova etapa do inquérito sobre o dossiê Vedeoin com um cerco sobre dirigentes petistas, mas uma linha de investigação também alcançará nomes da oposição sob suspeita de envolvimento com a máfia dos sanguessugas.

O empresário Abel Perelra, presta depoimento amanhã, a partir das 9 horas, na Superintendência da PF em Cuiabá. Ele é acusado de intermediar a compra de ambulâncias com recursos provenientes de emendas de parlamentares na gestão do ex-

ministro da Saúde Barjas Negri (PSDB), hoje prefeito de Piracicaba. Negri e Pereira negam a acusação e vêem nela uma manobra para dispersar o objetivo do inquérito.

A investigação terá como foco principal descobrir a origem do dinheiro - R\$ 1,75 milhão em reais e dólares - usado na compra do dossiê e todas as pistas apontam para dirigentes petistas. No relatório final da primeira etapa do inquérito, entregue à Justiça Federal na sexta-feira, o delegado Diógenes Curado cita o senador Aloizio Mercante (PT-SP), candidato derrotado ao governo de São Paulo, como nome certo para prestar depoimento.

No rastro dos dólares, a Polícia Federal constatou que os saques foram realizados por Iaranjas. A PF está próxima de fechar o cerco a uma casa

de câmbio e turismo onde ocorreu o resgate de US\$ 248, 8 mil. Os federais estimam que nesta semana deverão "dar o bote" na instituição e chegar aos sacadores. ●

COLABOROU VANNILDO MENDES

## Chefe de gabinete diz que não teme investigação

Vara Rosa  
BRASÍLIA

O chefe de gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho, disse ontem que não teme investigações da Polícia Federal nem da CPI dos Sanguessugas. "Não tenho nada a esconder e estou pronto

para dar todo esclarecimento que for necessário em qualquer instância", afirmou ele ao Estado. "Só espero que a CPI não se transforme em mero instrumento de luta política, como foi a CPI do Fim do Mundo, que acabou desmoralizada", completou, numa referência à CPI dos Bingos.

Carvalho disse não ter feito nada de errado ao telefonar no dia 15 de setembro, uma sexta-feira, para o petista Jorge Lorenzetti, apontado pela PF como o homem que articulou a compra do dossiê Vedoin contra tucanos. "Eu cumpro um dever de Estado, de buscar informações para o presidente Lula frente a uma notícia imprecisa que havia chegado", argumentou.

O rastreamento telefônico da PF revelou duas ligações entre Carvalho e Lorenzetti. Questionado sobre o motivo de ter discado justamente para Lorenzetti - já que o nome do petista ainda não havia sido mencionado no escândalo -, o chefe de gabinete foi:

taxativo: "Eu telefonei para a pessoa que era da área de informação da campanha, a respeito da qual não pesava nenhuma suspeição naquele momento."

Amigo de Lula desde a década de 80, Lorenzetti é citado pelo presidente como integrante do "bando de aioprados" que negociou o dossiê com o empresário Luiz Antônio Vedoin por R\$ 1,75 milhão. "Ao invés de ficar comprando dossiê, ele deveria buscar informações do que os adversários preparavam contra nós", disse Carvalho.

O advogado José Luis de Oliveira Lima, que defende José Dirceu, afirmou que o ex-ministro - outro nome flagrado pelo rastreamento da PF - também está à disposição. "Se ele tiver de ser ouvido, presta depoimento sem problema algum", assegurou Oliveira Lima. "Mes acho inacreditável que queiram chamá-lo por causa de um telefonema que não quer dizer nada." ●

COLABOROU FAUSTO MACEDO

# CPI também deve pedir convocação dos dois

Para Carlos Sampaio, telefonemas são prova de que Planalto sabia da operação

Sônia Filgueiras  
Eugênia Lopes  
BRASÍLIA

O sub-relator de sistematização da CPI dos Sanguessugas, deputado Carlos Sampaio (PSDB-SP), vai apresentar amanhã requerimentos para convocar o chefe de gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho, e o ex-ministro José Dirceu. Carvalho telefonou duas vezes para Jorge Lorenzetti, amigo do presidente Lula que comandou o serviço de inteligência da campanha da reeleição, no dia em que petistas foram presos com R\$ 1,75 milhão que seria usado para compra de dossiê contra tucanos. Dirceu também telefonou para Lorenzetti. "Para mim, a troca de telefonemas entre Carvalho e Lorenzetti são prova de que o Palácio do Planalto sabia da operação de compra do dossiê.

Quero explicações rápidas e cabais", afirmou o tucano.

Ele considerou fraco o relatório apresentado pelo delegado da Polícia Federal Diógenes Curado sobre o dossiê. "É um relatório pífio e frágil que não traz nenhuma revelação a não ser as ligações do Carvalho para Lorenzetti."

O sub-relator apresenta amanhã requerimento para convocar o delegado para depor na CPI. Sampaio quer saber o motivo de Diógenes não ter levado em consideração o primeiro depoimento de Freud Godoy, ex-segurança do presidente Lula. Assim que foi preso com o dinheiro para comprar o dossiê, Gedimar disse que havia sido contratado por Godoy. Depois, durante uma acareação com o ex-segurança, Gedimar disse que só falaria em juízo. "O primeiro depoimento é o mais autêntico e o delegado

não o considerou em seu relatório", observou o tucano. Sampaio vai pedir a convocação de Rogério Aurélio Pimentel, assessor especial da Presidência, que se encontrou com Freud depois do escândalo.

O rastreamento telefônico feito pela PF identificou duas ligações do chefe de gabinete do presidente, Gilberto Carvalho, no próprio 15 de setembro, para Lorenzetti. Uma realizada por volta das 9h30 da manhã e outra às 18h40. Para Carlos Sampaio, o contato telefônico feito na parte da manhã é o mais suspeito. "Naquele momento, a imprensa não tinha notícia da prisão. A PF não havia divulgado o fato", diz ele. "Não tem mais essa história de que o Palácio do Planalto não sabia. Falou isso com a minha experiência de promotor de Justiça há 20 anos e com quem está investigando esse

caso há três meses."

### 'ASSUNTO GRAVE'

Anteontem, Carvalho confirmou as conversas com Lorenzetti, e disse que buscava informações depois de ter recebido telefonema de uma pessoa do comitê de campanha contando que dois petistas tinham sido presos e "era um assunto complicado e grave". Carvalho disse que estava com Lula na gravação do horário eleitoral, quando recebeu o primeiro telefonema. Então resolveu ir ao Planalto para ligar para Lorenzetti e saber do que se tratava. Em nenhum momento, segundo ele, Lorenzetti teria admitido participação na compra do dossiê.

Sampaio também duvida das explicações dadas por Carvalho. "Só agora veio à tona a informação trazida pela quebra dos sigilos telefônicos." ●

**O SR LEONEL PAVAN** (PSDB – SC. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “Parte do dinheiro para dossiê Vedoin veio do jogo do bicho, suspeita PF”, publicada no jornal **O Estado de S. Paulo** em sua edição de 10 de outubro do corrente.

A matéria destaca que as investigações da Polícia Federal apontam para o envolvimento de bicheiros do Mato Grosso. Notas velhas, em grandes volumes e de pequeno valor, apreendidas com alguns dos principais

conselheiros e aliados do presidente Lula, levaram a PF a essa conclusão.

Sr. Presidente, solicito que a matéria acima citada passe a integrar este pronunciamento e, assim, conste dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR LEONEL PAVAN EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**Eleições 2006**

**Parte do dinheiro para dossiê Vedoin veio do jogo do bicho, suspeita PF**

Indícios são notas velhas, em grande volume e de pequeno valor, apreendidas em poder de Gedimar e Valdebran

**Fausto Macedo**  
ENVIADO ESPECIAL  
CUIABÁ

Parte do dinheiro que petistas levantaram para comprar o dossiê Vedoin saiu dos cofres da contravenção. A revelação foi feita ontem pela Polícia Federal a um grupo de deputados que integram a CPI dos Sanguessugas e ontem estiveram em Mato Grosso em busca de informações sobre o trama fraudulenta que já custou a cabeça de alguns dos principais conselheiros e aliados do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Os indícios de que o PT se valeu do jogo do bicho para arrecadar a montanha de R\$ 1,75 milhão são, na avaliação da PF e da CPI, as notas velhas, em grande volume e de pequeno valor, de R\$ 5 e R\$ 10, apreendidas em poder de Gedimar Passos e Valdebran Padilha. Os dois foram capturados com a bolada na madrugada de 15 de setembro em São Paulo.

Também eforçam a suspeita dos investigadores as tarjetas que envolvem uma parcela dos maços de reais – ao todo, os petistas foram flagrados com R\$ 116 milhão e US\$ 248,8 mil.

Essas fitas são habitualmente usadas pelos bicheiros, segundo o deputado Carlos Sampaio (PSDB-SP), da comissão parlamentar. “Notas muito gastas, muito manuseadas, envolvidas nessas fitas com a chance de máquina registradora antiga são coisa típica de procedimento adotado pelo jogo do bicho”, anotou Sampaio. “Fala isso como promotor de Justiça que sou há 20 anos. Já atuei em muitos casos semelhantes de combate à contravenção.”

Para ele, o dinheiro não declarado pode ser de caixa 2 do PT. “Já falaram que a origem pode ser o narcotráfico ou o tráfico de armas, mas há indícios de que é o bicho. Isso não tem a menor dúvida. Indícios de todas as ordens. O formato de fitas apreendidas é de jogo do bicho.”

**BANCAS**  
Em duas dessas fitas apare-

cem os números 118 e 119. Para a PF são identificações de bancas do bicho, localizadas nos bairros de Caixas e Campo Grande, no Rio. “É esquisitíssimo esse negócio”, avalia Carlos Sampaio.

Ele disse que não é mais preciso recorrer ao Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) para obter pistas sobre o dinheiro do PT. “Basta, não é no Coaf que a PF tem de perguntar sobre a origem do dinheiro. A origem é ilícita e não declarável, todos eles do PT sabem disso. Estão escondendo algo que pode prejudicar ainda mais a candidatura Lula.”

A PF também trabalha com a hipótese de que a outra parte do dinheiro pode ter saído de casas de bingo.

**IMAGENS**

Durante uma reunião de três horas com o delegado Diógenes Curado, que preside o inquérito sobre o dossiê Vedoin, os parlamentares da CPI assistiram ao vídeo com as imagens que mostram Hamilton Lacerda, ex-coordenador da campanha derrotada de Aloísio Mercadante (PT) ao governo de São Paulo, chegando ao Hotel Ibis com uma mala supostamente carregada de dólares e de reais.

Depois da reunião na PF, os deputados se dividiram. Dois deles – Sampaio e Paulo Santiago (PT, PB) – foram à Justiça pedir cópia do inquérito no juiz Jefferson Schneider, da 2ª Vara Federal. Outros dois parlamentares – Júlio Delgado (PSB-MG) e Vanessa Grazziotin (PC do B-AM) – encontraram-se

com o procurador da República Márcio Lúcio de Avelar, que

**Fitas em maços de reais apontam para bancas em Caxias e Campo Grande**

acompanha o inquérito federal sobre o caso.

Delgado informou que o restabelecimento da Polícia Federal já identificou corretoras por onde transitou uma parte dos dólares do PT – US\$ 109,8 mil. “A PF já conhece a origem dos saques nas agências receptoras, quem são as corretoras que compraram e depois venderam os dólares”, declarou o deputado.

O levantamento, informou Delgado, está nas mãos de Luiz Flávio Zampronha, delegado da PF em Brasília que hoje chega a Cuiabá. Os dados reunidos por Zampronha serão cotados com os números de telefone para os quais fizeram ligações os petistas que estão sob investigação.

A Polícia Federal pediu à Justiça a quebra do sigilo de 500 linhas, fixas e móveis, para identificar seus proprietários e usuários. Esse cruzamento, acredita a PF, vai levar à localização de quem sacou os dólares. ■

**Berzoini será chamado para depor em Brasília**

... Ricardo Berzoini, afastado da presidência do PT e expulso da coordenação da campanha de Lula, terá que prestar contas à CPI dos Sanguessugas – além de depor à Polícia Federal, que já decidiu chamá-lo no inquérito sobre o dossiê Vedoin.

Sua convocação foi anunciada ontem pelos deputados que vieram a Cuiabá investigar o caso. “O depoimento de Berzoini é fundamental porque, qualquer que fosse o seu grau de conhecimento da compra do dossiê, sua atitude mais responsável seria o abortamento dessa operação”, disse o deputado Paulo Santiago (PT-PE), que atua na CPI. “Foi uma operação nitidamente ilícita.”

Ele considera insuficiente o afastamento do ex-presidente do PT e defende a abertura de um processo ético. Santiago atribui “à auto-suficiência de alguns dirigentes do PT” o plano mirabolante.

A CPI também decidiu convocar o empresário Abel Pereira. Ele teria se beneficiado de verbas do Tesouro na época em que Barjas Negri exercia o cargo de ministro da Saúde. ■ ■ ■

**ORIGEM**

**De onde veio o dinheiro**

Novas informações dão conta de que uma parte do total apreendido veio de fonte ilegal

**Suspeita no jogo do bicho**

- Segundo revelação feita ontem pela Polícia Federal a deputada da CPI dos Sanguessugas, uma parcela das notas apreendidas com os petistas no dia 15 pode ter vindo de meios ilícitos
- A polícia chegou à essa conclusão após analisar “notas muito gastas”, e “envoltas em fitas com charrela de máquina registradora antiga”, que são características do jogo do bicho.

**US\$ 248,8 mil** saíram legalmente de banco nos EUA e chegaram ao barco Sofisa, no Bras I

**5 dias** durou a operação de rastreamento dos dólares pelas autoridades americanas

**US\$ 109,8 mil** do total em dólar saíram de corretoras já identificadas no País

**Os reais já identificados**

**R\$ 1,16 milhão** foi o total apreendido com os petistas no dia 15

| VALOR      | BANCO      | AGÊNCIA                         |
|------------|------------|---------------------------------|
| R\$ 15 mil | Bradesco   | Barra Funda, São Paulo          |
| R\$ 5 mil  | BankBoston | Lapa, São Paulo                 |
| R\$ 5 mil  | Safra      | C. Grande (MS) e D. Caxias (RJ) |

**R\$ 25 mil** foram identificados até agora, do total encontrado

**R\$ 1,14 milhão** é o restante que falta ser rastreado pelas autoridades

**A SRª LÚCIA VÂNIA** (PSDB – GO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “Agência vê Lula mais fraco num 2º mandato”, publicada no jornal **Folha de S.Paulo** de 25 de outubro do corrente.

Segundo a matéria, a maior agência de avaliação de crédito e riscos do mundo, a Standard & Poor’s, vê um presidente Lula enfraquecido num segundo mandato.

Sr. Presidente, para concluir, requeiro que a referida matéria passe a integrar os Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE A  
SRª SENADORA LÚCIA VÂNIA EM SEU PRO-  
NUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

## Agência vê Lula mais fraco num 2º mandato

### Para S&P, denúncias deixam presidente vulnerável

**VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO**  
DE NOVA YORK

O mercado financeiro dos EUA vê um presidente Luiz Inácio Lula da Silva enfraquecido num eventual segundo mandato. A possibilidade de reeleição foi discutida ontem em Nova York num debate promovido pela Standard & Poor’s, a maior agência de avaliação de crédito e riscos do mundo.

A S&P analisa dois aspectos para justificar a conclusão:

1) A sucessão de denúncias de corrupção, que deixam o presidente vulnerável;

2) A necessidade de alianças no Congresso, que garantam governabilidade e a revalidação de Lula no poder.

“O mercado assume que o presidente Lula vai chegar mais enfraquecido ao poder num eventual segundo mandato por causa da série de denúncias de corrupção, que o deixaram mais vulnerável a uma falta de colaboração da oposição. Acha também que ele tem de criar um suporte maior no Congresso e, por isso, presume-se que o PMDB vá ter um espaço maior no ministério”, disse Lisa M. Schineller, diretora da S&P.

“Isso, de alguma maneira, reflete uma posição diferente de quatro anos atrás. Mas necessariamente quer dizer que o progresso nas reformas tem de ser muito diferente, porque, criando uma base de alianças, pode se mexer mais rapida-

mente no Congresso”, afirmou.

As agências de risco discutiram a falta de um programa de governo claro e de uma agenda de prioridades políticas tanto de Lula quanto do candidato tucano Geraldo Alckmin.

“É preciso ter uma agenda política para entrar num segundo mandato. Não está clara qual será. São detalhes que o mercado não sabe. Procuramos sinais nos dois lados, que ainda não vieram”, afirmou Schineller. Segundo ela, analistas e investidores vêem com indiferença a vitória de qualquer um dos partidos. “A perspectiva não vai mudar. Vai depender da política do novo governo na área fiscal. Quem quer que seja o vencedor, terá um período político difícil pela frente.”

Em relatório divulgado ontem, a S&P destaca impedimentos para o crescimento do país, como a “elevada” e “desordenada” carga tributária, a falta de investimentos em infraestrutura e o alto superávit primário para redução da dívida.

Na apresentação para analistas, outra diretora da S&P, Milena Zaniboni, destacou aspectos positivos e negativos para bancos e instituições financeiras no Brasil. Positivos: a qualidade da supervisão do Banco Central, aumento do crédito e dos lucros e a consolidação das maiores instituições. Negativos: presença dominante dos bancos públicos e o elevado nível do depósito compulsório.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, peço a palavra no dia de hoje para celebrar o sucesso de uma empresa que nos enche de energia para seguir adiante, a Eletrobrás. Acaba de chegar às minhas mãos o Relatório Anual da companhia, que traz um panorama de suas atividades no último ano. Esse extenso e completo documento é rico em informações importantes que me deixaram muito tranquilo. Tranquilo porque tenho confiança de que a geração de energia no Brasil está em boas mãos. Mas nem sempre foi assim: há apenas cinco anos enfrentamos a triste experiência do racionamento de energia, que causou prejuízos irreversíveis e danos que persistem até hoje. Felizmente, esses dias terríveis ficaram no passado.

A gigante Eletrobrás, formada pelas subsidiárias Furnas, Chesf, Eletronorte, Eletrosul, Itaipu, CGTEE e Eletronuclear é um conglomerado que reúne 29 usinas hidrelétricas, 15 termelétricas e duas usinas termonucleares. Está interligado por uma malha de quase 57 mil quilômetros de linhas de transmissão, que leva energia a lugares distantes como o Monte Caburaí, em meu Estado, no extremo do País, e alcança o Chuí, no Rio Grande do Sul. Essas linhas de transmissão representam 69% da malha do Sistema Elétrico Interligado Nacional, o SIN. Esse conjunto de empresas é o verdadeiro dínamo brasileiro, com uma capacidade instalada de geração de 37 mil megawatts, 40% do total de energia gerada no País. Sem a Eletrobrás, o Brasil pára.

Esse dínamo passa por um momento especial em sua história. Numa conjuntura em que as incertezas sobre o futuro do mercado de energia elétrica começaram a se dissipar, a Eletrobrás aproveitou a mudança dos ventos para fazer uma reestruturação. A empresa definiu uma nova estratégia de ação e promoveu um choque de gestão administrativa, o que permitiu consolidar sua liderança no mercado de energia elétrica nacional. Agora, a companhia começa a traçar vôos mais altos, com a perspectiva de estender suas operações ao mercado internacional. Os 40 anos de conhecimentos adquiridos em construção de usinas e operação de linhas de transmissão lhe garantem a experiência necessária para competir de igual para igual com outras empresas do ramo no mundo.

Neste período, a Eletrobrás participou ativamente da elaboração do Plano Decenal de Energia Elétrica, que definiu as diretrizes para o crescimento do setor até o ano de 2015, para quando estão previstas a geração de 40 mil megawatts adicionais e a construção de mais 40 mil quilômetros em novas linhas de transmissão. A Eletrobrás terá participação importante nessa

etapa, já que, em leilão realizado no final de 2005, a empresa arrematou quatro concessões para construir novas usinas, que responderão pelo equivalente a 953,2 megawatts contratados, e três novas linhas de transmissão. Somente em 2006, a Companhia prevê investimentos da ordem de 5 bilhões e cem milhões de reais, um crescimento de 18% em relação ao autorizado no ano passado.

A empresa também investe em tecnologia e inovação – e uma das grandes maravilhas é o desenvolvimento de formas alternativas de geração de eletricidade. Destaco a instalação da primeira usina de ondas da América do Sul, que está sendo construída no porto de Pecém, no Ceará. O projeto busca gerar energia a partir das ondas do mar, que acionam bombas hidráulicas com pressão semelhante a das quedas d'água que movem as hidrelétricas convencionais. Vale lembrar que, segundo estimativas do Centro de Pesquisas Energéticas da Coppe/UFRJ, o litoral brasileiro tem potencial para suprir 15% da energia necessária para o País. É por isso que a Eletrobrás está trabalhando estrategicamente e de olho no futuro.

Todas essas ações têm mostrado resultados para a empresa, para seus funcionários, seus acionistas e para os brasileiros. No ano passado, a empresa obteve um lucro líquido de quase um bilhão de reais, que só não foi maior devido à valorização do real. As reestruturações na gestão da empresa e de suas coligadas, contudo, permitiram o saneamento da Companhia. A subsidiária Eletronuclear, depois de muitos anos no vermelho, voltou a operar no azul. Também foi implementada uma significativa reformulação no gerenciamento da Eletronorte, que reduziu seu prejuízo de 1 bilhão de reais, em 2004, para 324 milhões de reais, em 2005.

Esse sucesso tem-se refletido no desempenho das ações da Eletrobrás na Bolsa de Valores de São Paulo. A despeito das oscilações do dia-a-dia do mercado financeiro, investir na companhia tem sido um excelente negócio. As ações ordinárias da empresa, nos últimos doze meses, valorizaram mais de 64%. O vigor deve continuar, já que a Companhia tem feito esforços para se adequar às exigências do novo mercado. Será a primeira estatal a figurar no seleto grupo de companhias que atendem o nível 1 de Governança Corporativa definido pela Bolsa de Valores de São Paulo.

A União é a grande beneficiada por esse resultado fantástico, já que possui 80,1% das ações da Eletrobrás. Mas embora o controle e a gestão sejam do Estado, a empresa também atua no sentido de democratizar seu capital, abrindo-se para vários acionistas, entre eles milhares de pessoas físicas e pequenos investidores. Os acionistas minoritários possuem 19,9% das ações,

e entre aquelas com preferência na distribuição de lucros, 84% estão sob controle de minoritários residentes e não-residentes no País.

Tamanha excelência permitiu à Eletrobrás buscar financiamento em mercados de capitais ao redor do mundo. Em 2005, a direção da *holding* determinou a todas as subsidiárias que se preparem para atender às mais modernas exigências do mercado financeiro. A direção da empresa quer lançar na Bolsa de Nova York os ADRs no chamado nível dois, que permitirão obter financiamentos a taxas mais baixas no sistema financeiro internacional e aumentarão a liquidez das ações da empresa no exterior.

No entanto, lucro não é o único objetivo da Eletrobrás. A preocupação com a área social e com o desenvolvimento sustentável sempre esteve entre as diretrizes da empresa. Esse perfil foi compreendido pela Bovespa, que a selecionou para fazer parte do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), que congrega as principais companhias de capital aberto com responsabilidade social na Bolsa brasileira. A participação nesse seleto grupo se deve a várias ações sociais promovidas pela Eletrobrás, das quais destaco o papel na gestão de quatro programas do Governo Federal: o “Luz para Todos”, que promove o acesso à universalização da energia elétrica; o “ReLuz”, que estimula a adoção de padrões de eficiência na iluminação pública; o “Proinfa”, de incentivo às fontes alternativas de energia elétrica e o “Procel”, para a conservação de energia.

O carinho social se reflete no cuidado com o meio ambiente. Em março deste ano, a Eletrobrás uniformizou a política ambiental para todas as empresas do grupo, o que facilitará imensamente o desenvolvimento do mercado de energia sem colocar em risco o nosso patrimônio ambiental. Além disso, a empresa também promove ações em outras esferas, sempre no sentido de auxiliar a cultura e as atividades sociais. Lembro aqui de nossa seleção de basquete, que disputa o campeonato mundial da categoria. Já há alguns anos, a Confederação Brasileira de Basquete tem sido patrocinada pela Eletrobrás e, com o apoio da empresa, o time do Brasil está competitivo como há muito tempo não o víamos, e tem feito jogos duríssimos contra as principais equipes do mundo.

Parabenizo, portanto, a direção da Eletrobrás, na pessoa de seu presidente, Dr. Aloísio Marcos Vasconcelos Novais, executivo de alta competência no setor elétrico e, outrora, nosso colega parlamentar. Parabenizo, ainda, os funcionários da empresa, que trabalham anonimamente para fazer dessa companhia uma das líderes em geração de energia elétrica no cenário mundial. Que a Eletrobrás continue iluminan-

do os caminhos dos brasileiros e nos alimentando de energia para o País crescer.

Era isso o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

**A SR<sup>a</sup> PATRÍCIA SABOYA GOMES** (Bloco/PSB – CE. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, há pouco tempo me referi, nesta mesma Tribuna, às questões do emprego e da renda como essenciais para um programa de inclusão social. Quero agora destacar algumas circunstâncias sobre o emprego e trabalho de jovens, especialmente do segmento que tem entre 15 e 24 anos. Uma questão ainda mal resolvida no mundo, na América Latina e, também, no Brasil.

O número de jovens desempregados em escala mundial continua a crescer, aproximando-se de 90 milhões segundo a Organização Internacional do Trabalho. Estima-se que esta situação tenderá a piorar nos próximos 10 anos. Com raríssimas exceções, as taxas de desemprego juvenil se revelam hoje maiores que as taxas nacionais de desemprego de adultos. Segundo esta fonte, na América Latina e no Caribe o desemprego destes jovens passou de 12% para cerca de 17% na década de 1993 a 2003, alcançando a marca de 21% entre as mulheres jovens.

Com relação ao Brasil, é bom lembrar que o número de jovens que emergiu no mercado de trabalho brasileiro nos anos 90 foi praticamente igual ao número absoluto dos jovens desempregados. Ou seja: os novos empregos se equipararam ao acréscimo deste segmento, dentro da população economicamente ativa.

Pesquisa recente do Dieese mostra que, em fins de 2005, cerca de 46% do total de desempregados no Brasil pertenciam a esta faixa de idade. A taxa de desemprego deste segmento era cerca de 3 vezes maior que a registrada entre os que tinham 25 anos ou mais. Além disso, dados de São Paulo revelaram que mais de 70% dos jovens já ocupados tinham fortes dificuldades para conciliar seus trabalhos com seus estudos.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, como sabemos todos, o progresso tecnológico nos permite pouco otimismo em relação aos postos futuros de trabalho, especialmente daqueles postos que admitem menor qualificação. É desnecessário, portanto, insistir na importância crescente de que políticas de emprego destinadas aos jovens se articulem com as demais políticas que buscam melhorar suas condições de acesso a uma educação suficiente e de qualidade. Horários de ensino, tipos de cursos, grades curriculares, conteúdos técnicos e oportunidades de reciclagem são alguns dos elementos a aprimorar para que nossos jovens possam enfrentar, com melhores condições de

êxito, uma vida profissional cada vez mais exigente e mais competitiva.

A análise da inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho formal revela, pois, forte desequilíbrio entre a oferta e a demanda de emprego além de alta rotatividade e além de outras precariedades desestimulantes. Tudo isto colabora para dar aos nossos jovens um sentimento de insegurança em relação ao futuro.

Além disso, é certo que deficiências nas condições de emprego para os jovens, aliadas a uma educação inadequada, contribuem para a persistência dos índices nacionais de pobreza.

Um estudo do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit /Unicamp), chama a atenção, também, para o fenômeno da “terceirização”. Esta prática (trabalhar em uma empresa e receber salários por outra), teria se expandido em 127% desde 1995. Do valor que as empresas poupam em gastos de pessoal, mediante a prática da “terceirização”, pouco mais de um quarto deixam de ir aos cofres públicos. Ou seja: há menor recolhimento de contribuições sociais, o que afeta – a maior prazo – a oferta pública de proteção social.

Porém, o restante é decorrente de uma menor remuneração para os próprios trabalhadores terceirizados. Esta é outra circunstância “moderna” que colabora para tornar ainda mais precárias as condições de trabalho para nossos jovens.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, outro fator a considerar é a heterogeneidade do próprio universo de jovens, contrapondo-se suas características de idade às suas condições de etnia, sexo, situação urbano-rural, familiares e de níveis de renda. Há indícios claros, no Brasil, de que os problemas de emprego e salários são mais graves para os jovens do sexo feminino e para aqueles que habitam a zona rural ou as periferias de nossas metrópoles e cidades. Sem contar que tudo isto se agrava para aqueles jovens que vivem em regiões de maior atraso relativo, como são o Norte e o Nordeste.

Por fim, devemos ter em mente que garantir emprego estável e renda digna é um dos objetivos permanentes do desenvolvimento propugnado pelas Nações Unidas. Sua Declaração do Milênio, aprovada em setembro de 2000, fixa, entre outros, o objetivo de formular estratégias para empregar os jovens. Trata-se, entretanto, de meta da qual o Brasil guarda ainda uma apreciável distância.

Apesar da promessa do governo atual no sentido de aumentar os índices de emprego, as medidas

adotadas se revelaram ainda insuficientes e o próprio programa “Primeiro Emprego” teve repercussão efetiva abaixo da esperada. É urgente, portanto, que o governo, a iniciativa privada e outras organizações e movimentos sociais somem esforços para melhorar as condições imediatas e futuras de emprego e trabalho para nossos jovens.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, creio que o Legislativo, e especialmente o Senado Federal que tem uma responsabilidade inalienável de equilibrar o desenvolvimento regional no País, pode dar um impulso significativo a este relevante objetivo social. Só assim será possível começar a resgatar a enorme dívida que o Brasil tem com sua juventude.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Está encerrada a sessão.

*(Levanta-se a sessão às 19 horas e 23 minutos.)*



# Ata da 183ª Sessão não Deliberativa em 10 de novembro de 2006

4ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura

*Presidência dos Srs. Tião Viana, das Sras. Serys Shessarenko,  
Lúcia Vânia e do Sr. Mão Santa.*

*(Inicia-se a sessão às 9 horas)*

**O SR. PRESIDENTE** (Tião Viana. Bloco/PT – AC) – Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Sobre a mesa, projeto recebido da Câmara dos Deputados que passo a ler.

É lido o seguinte:

## **PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 106, DE 2006**

(Nº 2.548/2003, na Câmara dos Deputados)  
(De iniciativa do Tribunal Superior do Trabalho)

**Cria e transforma, no Quadro de Pessoal do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, os cargos que menciona e dá outras providências.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Ficam criados, no Quadro de Pessoal da Secretaria do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, os cargos efetivos constantes do Anexo I desta Lei, a serem providos na forma estabelecida no inciso II do **caput** do art. 37 da Constituição Federal, bem como os cargos em comissão e as funções comissionadas constantes do Anexo II desta Lei.

Art. 2º Ficam transformadas, no Quadro de Pessoal da Secretaria do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, as funções comissionadas constantes do Anexo III desta Lei.

Art. 3º As despesas decorrentes da aplicação desta Lei correrão à conta das dotações orçamentárias consignadas ao Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região no Orçamento Geral da União.

Art. 4º A implementação dos cargos e funções previstas nos Anexos I, II e III desta Lei será realizada em parcelas sucessivas, observada a seguinte razão:

I – 20% (vinte por cento), a partir da data de entrada em vigor desta lei;

II – 40% (quarenta por cento), a partir de 1º de janeiro de 2007;

III – 60% (sessenta por cento), a partir de 1º de janeiro de 2008; e

IV – 100% (cem por cento), a partir 1º de janeiro de 2009.

Parágrafo único. As alterações nos gastos com pessoal decorrentes desta Lei estão condicionadas à existência da respectiva autorização e dotação orçamentária, em consonância com o disposto no § 1º do art. 169 da Constituição Federal e nas normas pertinentes da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000.

Art. 5º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

## ANEXO I

(Art. 1º da Lei nº , de de de )

| CRIAÇÃO DE CARGOS           |                             |              |
|-----------------------------|-----------------------------|--------------|
| Denominação do cargo        | Área ou Especialidade       | Nº de Cargos |
| Juiz do Trabalho Substituto |                             | 1            |
| Analista Judiciário         | Área Judiciária             | 259          |
| Analista Judiciário         | Executante de Mandados      | 34           |
| Analista Judiciário         | Área Administrativa         | 1            |
| Analista Judiciário         | Jornalismo                  | 1            |
| Analista Judiciário         | Psicologia                  | 1            |
| Analista Judiciário         | Médico Psiquiatra           | 1            |
| Analista Judiciário         | Analista de Sistemas        | 7            |
| Analista Judiciário         | Bibliotecário               | 2            |
| Analista Judiciário         | Arquitetura                 | 2            |
| Analista Judiciário         | Engenharia Mecânica         | 1            |
| Analista Judiciário         | Engenharia Civil            | 2            |
| Analista Judiciário         | Engenharia Elétrica         | 1            |
| Analista Judiciário         | Economia                    | 2            |
| Analista Judiciário         | Contabilidade               | 6            |
| Analista Judiciário         | Estatístico                 | 1            |
| Técnico Judiciário          | Programação                 | 8            |
| Técnico Judiciário          | Operação de Computadores    | 7            |
| Técnico Judiciário          | Marcenaria e Carpintaria    | 2            |
| Técnico Judiciário          | Eletricidade e Comunicações | 3            |
| Técnico Judiciário          | Obras e Metalurgia          | 3            |
| Técnico Judiciário          | Portaria                    | 4            |
| Técnico Judiciário          | Segurança e                 | 27           |
|                             | Transportes                 |              |
| Técnico Judiciário          | Sonorização                 | 2            |
| Técnico Judiciário          | Zeladoria                   | 2            |
| Técnico Judiciário          | Artes Gráficas              | 2            |
| Técnico Judiciário          | Área Administrativa         | 372          |
| <b>TOTAL</b>                |                             | <b>754</b>   |

## ANEXO II

(Art. 1º da Lei nº , de de de )

| CRIAÇÃO DE CARGOS EM COMISSÃO E FUNÇÕES COMISSIONADAS |                |                  |
|---|----------------|------------------|
| Função Comissionada ou Cargo em Comissão              | Nível Proposto | Nº de FCs ou CJs |
| Secretário da 2ª Seção de Dissídios Individuais       | CJ-3           | 1                |
| Diretor da Secretaria de Execução de Mandados         | CJ-3           | 1                |
| Assessor-Chefe  | CJ-3           | 1                |
| Assessor de Licitações                                | CJ-3           | 1                |
| Diretor da Secretaria de Apoio Administrativo         | CJ-3           | 1                |
| Diretor da Secretaria de Orçamento e Finanças         | CJ-3           | 1                |
| Chefe de Gabinete de Juiz                             | CJ-2           | 36               |
| Assessor  | CJ-2           | 1                |
| Diretor de Serviço                                    | CJ-2           | 12               |
| Secretário de Gabinete                                | CJ-2           | 2                |
| Pregoeiro Titular                                     | CJ-2           | 1                |
| Assistente-Administrativo                             | FC-5           | 12               |
| Executante de Mandados                                | FC-5           | 34               |
| Assistente-Administrativo                             | FC-4           | 10               |
| Assistente-Chefe de Seção                             | FC-4           | 24               |
| Assistente Diretor de SDF                             | FC-4           | 13               |
| Assistente Diretor de Secretaria                      | FC-4           | 11               |
| Secretário Especial Juiz Titular                      | FC-3           | 10               |
| Secretário Especial Juiz Substituto                   | FC-3           | 46               |
| Secretário de Audiências                              | FC-3           | 12               |
| Assistente  | FC-2           | 54               |
| Auxiliar Técnico                                      | FC-2           | 41               |
| Agente Administrativo                                 | FC-2           | 294              |
| Executante  | FC-1           | 31               |
| <b>TOTAL</b>  |                | <b>650</b>       |

## ANEXO III

(Art. 2º da Lei nº , de de de )

| TRANSFORMAÇÃO DE FUNÇÕES COMISSIONADAS |             |                |            |
|--|-------------|----------------|------------|
| Função comissionada                    | Nível Atual | Nível Proposto | Nº de FCs  |
| Assistente Diretor de Secretaria       | FC-2        | FC-4           | 87         |
| Secretário Especial. Juiz Titular      | FC-2        | FC-3           | 88         |
| Secretário Especial. Juiz Substituto   | FC-2        | FC-3           | 52         |
| Secretário de Audiências               | FC-2        | FC-3           | 86         |
| Assistente                             | FC-2        | FC-4           | 1          |
| Executante                             | FC-1        | FC-2           | 3          |
| <b>TOTAL</b>                           |             |                | <b>317</b> |

**PROJETO DE LEI ORIGINAL Nº 2.548, DE 2003****Cria e transforma no Quadro de Pessoal do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, os cargos que menciona e da outras providencias.**

O Presidente da República; faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º ficam criados, no Quadro de Pessoal da Secretaria do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, os cargos efetivos constantes do anexo I, a serem providos na forma estabelecida no art. 37, inciso II, da Constituição federal, bem como os cargos em comissão e as funções comissionadas constantes do anexo II.

Art. 2º Ficam transformadas, no Quadro de Pessoal da Secretaria do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, as funções comissionadas constantes do Anexo III de Lei.

Art. 3º as despesas decorrentes da aplicação desta Lei correrão à conta das dotações orçamentárias consignadas ao Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região no Orçamento Geral da União.

Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília-DF, de 2003; 182º da Independência e 115º da Republica.

**ANEXO I**

(Art. 1º da Lei n.º , de de de )

| <b>CRIAÇÃO DE CARGOS</b>    |                              |                      |
|-----------------------------|------------------------------|----------------------|
| <b>Denominação do cargo</b> | <b>Área ou Especialidade</b> | <b>N.º de Cargos</b> |
| Juiz do Trabalho Substituto |                              | 1                    |
| Analista Judiciário         | Área Judiciária              | 259                  |
| Analista Judiciário         | Executante de Mandados       | 34                   |
| Analista Judiciário         | Área Administrativa          | 1                    |
| Analista Judiciário         | Jornalismo                   | 1                    |
| Analista Judiciário         | Psicologia                   | 1                    |
| Analista Judiciário         | Médico Psiquiatra            | 1                    |
| Analista Judiciário         | Analista de Sistemas         | 7                    |
| Analista Judiciário         | Bibliotecário                | 2                    |
| Analista Judiciário         | Arquitetura                  | 2                    |
| Analista Judiciário         | Engenharia Mecânica          | 1                    |
| Analista Judiciário         | Engenharia Civil             | 2                    |
| Analista Judiciário         | Engenharia Elétrica          | 1                    |
| Analista Judiciário         | Economia                     | 2                    |
| Analista Judiciário         | Contabilidade                | 6                    |
| Analista Judiciário         | Estatístico                  | 1                    |
| Técnico Judiciário          | Programação                  | 8                    |
| Técnico Judiciário          | Operação de Computadores     | 7                    |
| Técnico Judiciário          | Marcenaria e Carpintaria     | 2                    |
| Técnico Judiciário          | Eletricidade e Comunicações  | 3                    |
| Técnico Judiciário          | Obras e Metalurgia           | 3                    |
| Técnico Judiciário          | Portaria                     | 4                    |
| Técnico Judiciário          | Segurança e Transportes      | 27                   |
| Técnico Judiciário          | Sonorização                  | 2                    |
| Técnico Judiciário          | Zeladoria                    | 2                    |
| Técnico Judiciário          | Artes Gráficas               | 2                    |
| Técnico Judiciário          | Área Administrativa          | 372                  |
| <b>TOTAL</b>                |                              | <b>754</b>           |

**ANEXO II**

(Art. 1º da Lei n.º , de de de )

| <b>CRIAÇÃO DE CARGOS EM COMISSÃO E FUNÇÕES COMISSIONADAS</b> |                       |                              |
|--|-----------------------|------------------------------|
| <b>Função Comissionada ou Cargo em Comissão</b>              | <b>Nível Proposto</b> | <b>N.º de F.Cs. ou C.Fs.</b> |
| Secretário da 2ª Seção de Dissídios Individuais              | CJ-3                  | 1                            |
| Diretor da Secretaria de Execução de Mandados                | CJ-3                  | 1                            |
| Assessor-Chefe   | CJ-3                  | 1                            |
| Assessor de Licitações                                       | CJ-3                  | 1                            |
| Diretor da Secretaria de Apoio Administrativo                | CJ-3                  | 1                            |
| Diretor da Secretaria de Orçamento e Finanças                | CJ-3                  | 1                            |
| Chefe de Gabinete de Juiz                                    | CJ-2                  | 36                           |
| Assessor   | CJ-2                  | 1                            |
| Diretor de Serviço   | CJ-2                  | 12                           |
| Secretário de Gabinete                                       | CJ-2                  | 2                            |
| Pregoeiro Titular  | CJ-2                  | 1                            |
| Assistente-Administrativo                                    | FC-5                  | 12                           |
| Executante de Mandados                                       | FC-5                  | 34                           |
| Assistente-Administrativo                                    | FC-4                  | 10                           |
| Assistente-Chefe de Seção                                    | FC-4                  | 24                           |
| Assistente Diretor de SDF                                    | FC-4                  | 13                           |
| Assistente Diretor de Secretaria                             | FC-4                  | 11                           |
| Secretário Especial Juiz Titular                             | FC-3                  | 10                           |
| Secretário Especial Juiz Substituto                          | FC-3                  | 46                           |
| Secretário de Audiências                                     | FC-3                  | 12                           |
| Assistente   | FC-2                  | 54                           |
| Auxiliar Técnico   | FC-2                  | 41                           |
| Agente Administrativo  | FC-2                  | 294                          |
| Executante   | FC-1                  | 31                           |
| <b>TOTAL</b>   |                       | <b>650</b>                   |

**ANEXO III**

(Art. 2º da Lei n.º , de de de )

| <b>TRANSFORMAÇÃO DE FUNÇÕES COMISSIONADAS</b> |                    |                       |                   |
|---|--------------------|-----------------------|-------------------|
| <b>Função comissionada</b>                    | <b>Nível Atual</b> | <b>Nível Proposta</b> | <b>Quantidade</b> |
| Assistente Diretor de Secretaria              | FC-2               | FC-4                  | 87                |
| Secretário Especial. Juiz Titular             | FC-2               | FC-3                  | 88                |
| Secretário Especial. Juiz Substituto          | FC-2               | FC-3                  | 52                |
| Secretário de Audiências                      | FC-2               | FC-3                  | 86                |
| Assistente                                    | FC-2               | FC-4                  | 1                 |
| Executante                                    | FC-1               | FC-2                  | 3                 |
| <b>TOTAL</b>                                  |                    |                       | <b>317</b>        |

**Justificação**

Nos termos do artigo 96, inciso II, alínea **b**, da Constituição Federal, submeto à elevada deliberação dos Excelentíssimos Senhores Membros do Congresso Nacional anteprojeto de lei aprovado pelo Tribunal Pleno do Tribunal Superior do Trabalho, conforme Resolução Administrativa nº 961/2003, que consubstancia medida para a transformação e criação de funções comissionadas no Quadro de Pessoal da Secretaria do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, sediado em Porto Alegre – RS.

O crescente número de ações ajuizadas naquela Justiça Especializada, com a conseqüente elevação do volume de serviços e responsabilidades dos servidores, e a necessidade de propiciar maior funcionalidade e dinâmica às unidades administrativas da Corte justificam a adoção de medidas que viabilizem a adequação de sua estrutura organizacional, assegurando a manutenção da celeridade na entrega da prestação jurisdicional.

O anteprojeto de lei ora submetido à deliberação dos Excelentíssimos Senhores Membros do Congresso Nacional contempla a criação de 1 (um) cargo de Juiz do Trabalho Substituto, de 754 (setecentos e cinquenta e quatro) cargos efetivos, de 650 (seiscentos e cinquenta) funções comissionadas e a transformação de 317 (trezentos e dezessete) funções comissionadas essenciais à reestruturação do TRT da 4ª Região.

A criação de um cargo de Juiz do Trabalho Substituto deve-se à carência do cargo na única Vara do Trabalho do Rio Grande do Sul, a saber, a Vara do

Trabalho de São Gabriel. Tal situação advém da Lei nº 8.426, de 26 de maio de 1992, que criou a então Junta de Conciliação e Julgamento de São Gabriel, acrescentando apenas um cargo de Juiz do Trabalho Presidente (hoje Juiz do Trabalho Titular), ao Quadro de Magistrados do 4º Regional.

Ainda à vista da indispensável estrutura proposta pelo Tribunal Superior do Trabalho no Projeto de Lei nº 3.384/2000, conclui-se que são necessários 490 (quatrocentos e noventa) cargos de Analista Judiciário, 784 cargos de Técnico Judiciário, perfazendo um total de 1.274 (mil duzentos e setenta e quatro) para as 98 (noventa e oito) Varas do Trabalho vinculadas ao Regional. Entretanto, o Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região conta, atualmente, com apenas 734 (setecentos e trinta e quatro) servidores lotados nas Secretarias das Varas do Trabalho, ou seja, 540 (quinhentos e quarenta) servidores a menos do que os previstos na estrutura proposta pelo citado projeto de lei.

A criação de 34 (trinta e quatro) cargos de Analista Judiciário, Executante de Mandados, torna-se necessária, tendo em vista que o citado projeto prevê 2 (dois) Executantes de Mandados por Vara do Trabalho, índice não alcançado no Regional, com prejuízos imensos aos jurisdicionados, em especial nas Varas cujas jurisdições abrangem expressivo número de municípios e extenso território. O quadro atual do TRT da 4ª Região é de 162 (cento e sessenta e dois) Executantes de Mandados para 98 (noventa e oito) Varas do Trabalho, o que representa apenas 1,65 (um vírgula sessenta e cinco) Executantes por Unidade Judiciária.

Devido à insuficiência de pessoal, o Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região vê-se impossibilitado de melhorar a qualidade e/ou ampliar a sua prestação jurisdicional diante da multiplicada insuficiência de pessoal. Assim, para a equiparação do quadro de servidores do Primeiro Grau do Regional, faz-se necessária a criação de, no total, 432 (quatrocentos e trinta e dois) cargos de Técnico Judiciário, e 322 (trezentos e vinte e dois) cargos de Analista Judiciário, totalizando 754 (setecentos e cinquenta e quatro) cargos, conforme Anexo I do anteprojeto.

Em relação aos cargos em comissão e às funções comissionadas, para a implementação da estrutura proposta pelo Tribunal Superior do Trabalho no Projeto de Lei nº 3.384/2000, será necessária a criação de 49 (quarenta e nove) cargos em comissão e 601 (seiscentas e uma) funções comissionadas, conforme o Anexo II, e a transformação de 317 (trezentos e dezessete) funções comissionadas, constantes do Anexo III do anteprojeto de lei.

Portanto, impõem-se urgentes providências no sentido de dotar a estrutura do Órgão dos comandos adequados e indispensáveis ao desempenho satisfatório de suas atribuições, pelo que se propõe a criação do cargo de Juiz do Trabalho Substituto e dos cargos - efetivos, constantes do Anexo I, e a transformação e criação das funções comissionadas constantes, respectivamente, dos Anexos II e III do anteprojeto de lei, ora submetido a apreciação de Vossas Excelências, e assim dotar o Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, no Estado do Rio Grande do Sul, da infra-estrutura necessária a uma satisfatória prestação jurisdicional.

Com estas considerações, submeto o anexo anteprojeto de lei à apreciação desse Poder Legislativo esperando que a proposição mereça a mais ampla acolhida, convertendo-se em lei com a urgência possível.

Brasília-DF, de novembro de 2003. – **Francisco Fausto Paula de Medeiros**, Ministro Presidente do Tribunal Superior do Trabalho.

Ofício nº 19/GP

Brasília, 20 de fevereiro de 2006

A Sua Excelência o Senhor  
Deputado Aldo Rebelo  
Presidente da Câmara dos Deputados  
Brasília-DF

Senhor Presidente,

Em cumprimento ao disposto no artigo 88, inciso IV, da Lei nº 11.178, de 20 de setembro de 2005, encaminho a Vossa Excelência cópias da certidão de julgamento e da decisão proferida pelo Plenário do Conselho Nacional de Justiça sobre o mérito do Projeto de Lei nº 2.548/2003, que cria e transforma no quadro de pessoal do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região os cargos que menciona e dá outras providências.

Atenciosamente, – Ministro **Nelson Jobim**, Presidente do Conselho Nacional de Justiça.

## CERTIDÃO DE JULGAMENTO

Pedido de Providência Nº 114/2005

Relator: Conselheiro Cláudio Godoy

Requerente: Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região

Requerido: Conselho Nacional de Justiça.

Certifico que o Plenário, ao apreciar o processo em epigrafe, em sessão realizada nesta data, proferiu a seguinte decisão:

“O Conselho, por maioria, em cumprimento ao disposto no art. 88 da Lei nº 11.178/2005 (Lei de Diretrizes Orçamentárias), manifestou-se favorável à aprovação integral do Projeto de Lei nº 2.548/2003, que cria e transforma no quadro de pessoal do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, os cargos que menciona e dá outras providências, nos termos do voto divergentes proferido pelo Excelentíssimo Conçelheiro Paulo Schmidt. Vencidos, em parte, os Excelentíssimos Conselheiros Cláudio Godoy (relator) e Marcus Favo; que se manifestavam parcialmente favorável à aprovação do projeto de lei. Ausentes, Justificadamente, os Excelentíssimos Conselheiros Vantuil Abada e Ruth Carvalho. Presidiu o julgamento o Excelentíssimo Ministro Nelson Jobim (Presidente). Plenário, 14 de fevereiro de 2006”:

Presentes à sessão os Excelentíssimos Senhores Conselheiros: Antônio de Pádua Ribeiro, Marcus Faver, Jirair Aram Meguerian, Cláudio Godoy, Germana Moraes, Paulo Schmidt, Eduardo Lorenzoni, Oscar Argollo, Paulo Lobo, Alexandre de Moraes e Joaquim Falcão.

Presentes o Procurador Geral da República, Dr. Antônio Fernando de Sousa, e o Presidente do Conselho Federal da OAB, Dr. Roberto Antônio Busato.

Fez sustentação oral pelo requerente, o Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, Juiz Denis Marcelo de Uma Molarinho.

Brasília-DF, 14 de fevereiro de 2006, – **Maria Cristina G. Botelho Costa**, Analista Judiciário.

OF. STST.GDGCA.GP.Nº 736

Brasília, 19 de novembro de 2003

Exº Sr.

Deputado João Paulo Cunha  
DD. Presidente da Câmara dos Deputados  
Brasília-DF

Senhor Presidente

Nos termos do art. 96, inciso II, alínea **b**, da Constituição Federal, submeto à elevada deliberação dos Senhores Membros do Congresso Nacional, acompanhado da correspondente justificativa, anteprojeto de lei referente à criação de cargos de provimento efetivo e de funções comissionadas no Quadro de Pessoal do

Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, sediado na cidade de Porto Alegre-RS.

Na oportunidade, renovo a V. Exª protestos de consideração e elevado apreço. – **Francisco Fausto Paula de Medeiros**, Ministro Presidente do Tribunal Superior do Trabalho.

*LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA  
PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA*

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

.....  
Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998)

.....  
II – a investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei, ressalvadas as nomeações para cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998)

.....  
Art. 169. A despesa com pessoal ativo e inativo da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios não poderá exceder os limites estabelecidos em lei complementar.

.....  
§ 1º A concessão de qualquer vantagem ou aumento de remuneração, a criação de cargos, empregos e funções ou alteração de estrutura de carreiras, bem como a admissão ou contratação de pessoal, a qualquer título, pelos órgãos e entidades da administração direta ou indireta, inclusive fundações instituídas e mantidas pelo poder público, só poderão ser feitas: (Renumerado do parágrafo único, pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998)

.....  
LEI COMPLEMENTAR Nº 101,  
DE 4 DE MAIO DE 2000

**Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências.**

.....  
(À Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.)

**O SR. PRESIDENTE** (Tião Viana. Bloco/PT – AC)

– O projeto que acaba de ser lido vai à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

**REQUERIMENTO Nº 1.118, DE 2006**

Nos termos do art. 43, inciso II, do Regimento Interno, requero licença para me afastar dos trabalhos da Casa, pelo prazo de dois dias, 13, 14-11-2006, a fim de tratar de interesses particulares.

Sala das Sessões, 10 de novembro de 2006.

– Senador **Tião Viana**.

**O SR. PRESIDENTE** (Tião Viana. Bloco/PT – AC)

– O requerimento que acaba de ser lido vai à publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Tião Viana. Bloco/PT – AC)

– Há oradores inscritos.

Concedo a palavra à Senadora Serys Slhessa-renko.

Senadora, V. Exª dispõe de até 20 minutos.

**O SRA. SERYS SLHESARENKO** (Bloco/PT – MT. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Senadores, eu havia preparado uma fala para o dia 08 próximo passado, quando se comemorou o Dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento. Infelizmente, naquele dia, não foi possível pronunciar-me. Então, faço isso na data de hoje.

No dia 08 de novembro, o Senado deu mais uma prova de estar atento à importância do conhecimento a serviço da melhoria da nossa vida e de nosso Planeta com a utilização da Hora do Expediente para a celebração do Dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento. Infelizmente, como já disse, não pude fazer este pronunciamento naquele momento, mas venho hoje a esta tribuna juntar-me aos Senadores e às Senadoras que a ocuparam naquela sessão para louvar a ciência como instrumento para a paz.

A ciência tem como combustível um elemento muito barato e em abundância em nosso País: o saber, produto que encontramos em qualquer esquina no Brasil, que é reconhecidamente um País exportador de gênios. Não é surpresa que, em grandes projetos científicos no mundo, encontramos brasileiras e brasileiros envolvidos. No entanto, a despeito de todo esse conhecimento, há um distanciamento ainda entre a população e o meio científico, em especial o acadêmico.

Não há muitos meios para difusão dos seus trabalhos. Não há veículos suficientes para alcançar o chamado povão, a população do País como um todo.

Nesse sentido, o Governo Federal, o Governo do nosso Presidente Lula, por meio do seu Ministério da



Ciência e Tecnologia, passou a celebrar a Semana da Ciência e Tecnologia. Nessa semana inteira dedicada ao saber, são realizados inúmeros eventos com o objetivo de promover e difundir o conhecimento científico, aproximando a população, em especial os estudantes, do meio acadêmico e científico, estendendo as comemorações às mais diversas áreas do País.

Com base neste espírito de celebração da ciência, em 2004, apresentei um requerimento para instituir também no Senado a Semana de Ciência e Tecnologia e, assim, esta Casa também poderia participar concretamente dessa grande comemoração. É chegada a hora, Sr. Presidente, de o Poder Legislativo prestar sua contribuição para a sociedade, inaugurando uma semana dedicada à ciência, numa conjunção de esforços, que dará maior repercussão à questão da divulgação científica no Brasil.

Há tempos em que sociedades científicas e instituições voltadas para a divulgação científica propõem a realização de uma Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, com o intuito de contribuir para que a população possa ter maior conhecimento dos resultados da relevância e do impacto das pesquisas científicas.

Não podemos ignorar que, no mundo de hoje, o progresso de um País encontra-se fundamentado no seu progresso científico.

Sem dúvida, muitas vocações serão despertadas por meio de uma maior divulgação das atividades científicas. Vários Países, entre os quais o Reino Unido, a França, a Espanha, a África do Sul e o Chile, já implementaram, com sucesso, semanas nesses moldes.

Felizmente, Sr. Presidente, no dia 8, justamente no dia 8, a Comissão de Infra-Estrutura, sob a Presidência do nobre Senador Heráclito Fortes, aprovou este requerimento. Não havia dia mais simbólico do que o dia 8 para esta aprovação.

O Senado Federal poderá dar grande contribuição, uma vez que possui canais de comunicação com a sociedade de grande alcance. Temos a Rádio Senado, temos a TV Senado e o **Jornal do Senado**, todos da maior grandeza, compromisso e competência, meios com os quais alcançaremos as populações mais longínquas, nos chamados grotões, agindo de maneira eficaz na intenção de, no máximo que se puder, popularizar o conhecimento.

Precisamos valorizar toda ação que tenha como objetivo privilegiar o conhecimento. Neste sentido, Sr. Presidente, devo destacar que, no dia 8, estive na comemoração dos 55 anos da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão vinculado ao Ministério da Educação, que tem como Presidente o Sr. Jorge Guimarães, pessoa reconhecida nacional e internacionalmente. Com certeza, todos que

lá trabalham sob sua direção têm que ser homenageados. Fiquei muito satisfeita ao constatar o quanto nosso País está crescendo no incentivo ao conhecimento, o salto que vem dando, principalmente nos últimos tempos, principalmente neste momento.

A Semana de Ciência e Tecnologia chega como mais um incentivo para que todos, sem distinção, possam desfrutar dos benefícios que os investimentos em ciência e tecnologia podem trazer.

Um dos homenageados pela Capes foi o Professor Leopoldo de Meis, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele, como vários outros educadores dedicados à área da ciência, coordena dois grandes projetos inovadores neste momento. No projeto Ensinando Ciência com Arte, ele criou uma série de DVDs para tornar o ensino de bioquímica mais atraente. O material é distribuído gratuitamente nas escolas públicas da periferia do Rio de Janeiro.

Meus parabéns para o Professor Leopoldo, aos demais homenageados pela Capes e também a todos aqueles que acreditam que, por meio de investimentos em educação, em pesquisa, em ciência e em tecnologia, teremos um País mais justo, aí incluídos o Professor Jorge Guimarães, atual Presidente da Capes, o Ministro Fernando Haddad, todos, é claro, sob o comando, a determinação e a vontade política do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O País que deu ao mundo Santos Dumont, só para citar um dos inúmeros homens e mulheres que contribuíram de forma extraordinária para o desenvolvimento da ciência mundial, tem potencial para contribuir muito mais. Basta que todos se unam em torno de um único objetivo, o desenvolvimento da educação. Só assim conseguiremos alcançar o desenvolvimento econômico e social que todos almejamos.

O Senador Mão Santa, aqui presente, quase todos os dias está aqui falando que a educação é importante, que o profissional da educação é o mais importante, com o que concordamos e no que acreditamos.

Costumo dizer que, em momentos de campanha, não há um político, com certeza, que nunca tenha dito que acha, que acredita, que tem certeza que a educação é a mais importante dimensão da sociedade para que realmente as transformações aconteçam. Temos consciência da veracidade dessa questão e por isso temos batalhado. Uma batalha levada avante, há poucos dias, neste Senado, foi o Fundeb, que agora já passou também pela Câmara.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senadora e professora Serys Slhessarenko, V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**A SRA. SERYS SLHESARENKO** (Bloco/PT – MT) – Concedo o aparte ao Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Tião Viana, V. Ex<sup>a</sup> estar na Presidência é um orgulho para todos nós e uma esperança na democracia, pela juventude que representa. E é oportuno que V. Ex<sup>a</sup> presida a sessão quando ocupa a tribuna a eminente Senadora Serys, que simboliza a educação, a boa educação, pois o professor é o único profissional que pode ser chamado de mestre, como era chamado Cristo. Senador Tião Viana, um fato muito grave está ocorrendo neste Brasil: os médicos residentes estão em greve há dias. Posso falar o que significa isso. Quis Deus que V. Ex<sup>a</sup> estivesse aí agora. Sou do PMDB puro, de vergonha, que está encantado no fundo do mar, que disse “ouça a voz rouca das ruas”. Ela foi ouvida; a voz rouca das ruas queria Lula de novo, porque ele teve um programa, uma sensibilidade social. Acima do grito de liberdade, igualdade e fraternidade, ele viu que a sobrevivência é o mais importante. Petrônio nos ensinou a não agredir os fatos, mas este País é injusto, pois 10% dos poderosos, dos ricos, dos insaciáveis, dos que roubam esta Nação ficavam com a metade da riqueza deste País, enquanto que 10% dos pobres ficavam com apenas 1%. Lula anteviu, ganhou e ganhou mesmo. Meu passe é muito simples, Senador Tião Viana: eu não me vendo. Vim do Piauí de vergonha; nunca pedi um cargo, uma indecência, uma imoralidade. Sempre tive o melhor relacionamento com V. Ex<sup>a</sup>, com a Serys Slhessarenko, com Aloizio Mercadante, com os grandes líderes da verdade do PMDB. Essa associação dos médicos residentes é uma coisa séria. Digo isso porque fui médico residente. Não quero causar desdouro a Lula, que não teve formação universitária, mas estou reconhecendo sua clarividência de ver que a sobrevivência foi fundamental. Não vou agredir os fatos: Lula foi o vitorioso. Mas está aí: isso é sério para a associação. Informaram errado ao Lula que a medicina vai muito bem; não, ela vai muito mal. Digamos a verdade. Posso falar dessa associação de médicos residentes porque fui um deles. No período revolucionário, ela era um primor. Havia uma associação de médicos residentes que somente ela permitia aos hospitais credenciar para dar residência médica, porque, professora Serys, ela é que dá a especialização. O Programa Saúde da Família é muito bom, chegou ao pobre, expandiu-se – é tudo verdade; não vou negar. Mas quero lhe dizer que ele tem uma falha: ele vulgarizou a medicina fugindo das especializações. Grandes especialistas estão indo em busca do PSF, que nós sabemos que tem pouca resolubilidade. Conheci e convivi, em Cuba, com quem criou o Programa Saúde da Família. Li seu primeiro livro, uma apostila, mimeografada, pois Cuba é pobre. O médico residente era quem tinha qualificação. Fiz residência, no tempo dos militares, no HSE, Hospital

dos Servidores do Estado, e foi ela que propiciou o avanço, o progresso, a pureza da ciência, e está em greve há vários dias. Senador Tião Viana, quero me colocar a sua disposição para recebê-los. Existe uma presidência da Associação dos Médicos Residentes, que é a coisa mais pura que existe neste País. A UNE era pura, não é mais, porque está recebendo doações de Governo. Vamos zelar pela Associação dos Médicos Residentes. Eles estão em pânico; querem um retorno salarial justo, porque eles trabalham, são eles que mantêm o hospital, são eles que dão qualificação aos grandes hospitais. Que tenhamos um relacionamento com esta Associação, e ninguém melhor que V. Ex<sup>a</sup> para ser o intermediário desse contato. Eu gostaria de acompanhá-lo, com a nossa experiência e com a amizade com Jayme Pietra, que hoje é médico no Rio Grande do Sul e que foi o líder disso.

Tão importante era, que trabalhei para elegê-lo a fim de credenciar a residência médica no Ceará e em dois hospitais em que me formei, a Maternidade Assis Chateaubriand e o primeiro hospital do Piauí, o Hospital Getúlio Vargas, tal a seriedade da medida. Essa é a contribuição. Para eu votar com o Governo, com a Pátria, não custa nada. V. Ex<sup>a</sup> sabe disso, porque muitas vezes me pediu, e eu nunca faltei. Muitas vezes, o Senador Aloizio Mercadante foi me buscar ali no cafezinho para dar **quorum**. Evidentemente, o que eu estava em desacordo e sou contra não é com relação a esse programa social. Para o Bolsa-Família, tem de haver um debate qualificado para atualizá-lo. Penso que foi um dos maiores avanços, assim como foi a liberdade dos escravos; como fez Getúlio, com o reconhecimento do trabalhador; como o Funrural, pois não havia nada no período militar. Portanto, houve um avanço. Que não deixemos cair essa estrutura pura e sadia que é a Associação dos Médicos Residentes. Vamos dialogar e debater. E ninguém melhor neste País para ser o intermediário do que o Senador que neste instante preside o Senado Federal, Senador Tião Viana, com a aquiescência da grande Professora, Senadora Serys Slhessarenko.

**A SRA. SERYS SLHESSARNEKO** (Bloco/PT – MT) – Sr. Presidente, antes de qualquer comentário, peço mais cinco minutos, **a posteriori**.

São extremamente interessantes as colocações do Senador Mão Santa. Fiquei muito feliz, Sr. Presidente, quando S. Ex<sup>a</sup> disse que poderá apoiar as proposições do Presidente Lula. Isso é muito importante.

É realmente o reconhecimento da possibilidade de superarmos algumas questões, principalmente aquelas relacionadas às pessoas com maiores dificuldades de vida na sociedade – que sei ser uma preocupação permanente do Senador Mão Santa –, que estão sendo

modificadas, alteradas, ainda que devagar, reconhecemos, a partir das colocações e críticas, como as que V. Ex<sup>a</sup> e outros fazem. A crítica, a meu ver, é da maior relevância, e tem de ser considerada. Se ela existe, é considerada, e a transformação acontece, com certeza, o Governo do Presidente Lula terá a possibilidade de contar com o seu apoio.

V. Ex<sup>a</sup> cita o Bolsa-Família e a questão dos residentes, na área de Medicina. São questões extremamente importantes. Como dizemos popularmente, a voz do povo é a voz de Deus, e o povo brasileiro disse, nas urnas, que o Presidente Lula está fazendo a diferença para as transformações de que o Brasil precisa, a fim de melhorar a qualidade de vida, principalmente dos mais despossuídos.

Fiquei satisfeita. V. Ex<sup>a</sup> teceu críticas. Teceu, mas não faz mal. Elas são importantes, são decisivas, desde que também contribuamos com sugestões, como as que V. Ex<sup>a</sup> já fez em relação a algumas questões que devem ser tratadas com algumas pessoas no que diz respeito à residência, na área da Medicina, que é da mais alta relevância. Também tenho filha e genro médicos. Sei que V. Ex<sup>a</sup> e o Senador Tião Viana são médicos e reconhecem a importância dessa categoria para a saúde do Brasil. Aliás, a Medicina e as ciências afins, na área da Saúde, precisam cada vez mais se aperfeiçoar, qualificando seus profissionais, a fim de que haja serviço de saúde da melhor qualidade para todos e para todas, especialmente para o sistema público.

Sabemos que o SUS ainda deixa a desejar, mas já deu um salto de qualidade muito significativo no Governo do Presidente Lula.

Senador Tião Viana, tenho certeza de que com a conclamação do Senador Mão Santa para que os dois trabalhem juntos, como médicos competentes que têm história em suas vidas, vamos melhorar essa questão. E conto com a participação do Senador Mão Santa, pelo menos nas grandes questões em que o Presidente Lula precisa deste Senado da República.

Dito isso, eu gostaria de tratar um pouco do meu Estado, pois não posso vir a esta tribuna sem falar do Estado de Mato Grosso. Ontem mesmo, falamos sobre o turismo no Brasil. Naquele momento, aqui estavam presentes representantes das entidades do sistema hoteleiro no Brasil e também da área de turismo, que são extremamente interligadas, e dissemos que o Mato Grosso tem um potencial gigantesco nessa área. Mas temos de citar todas as áreas, das quais quero falar um pouco.

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Pedi a V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, mais cinco minutos, porque cedi...

**O SR. PRESIDENTE** (Tião Viana. Bloco/PT – AC) – V. Ex<sup>a</sup> tem o tempo que julgar necessário.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Cedi o aparte ao Senador Mão Santa, que foi muito importante, e precisaria de um tempo a mais.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, muito se cogita atualmente sobre as perspectivas de desenvolvimento do Estado de Mato Grosso. Todos sabemos que é um Estado de extensão territorial imensa, de terras superprodutivas, com um povo extremamente trabalhador, disposto a dar sua cota de participação para o desenvolvimento, para o grande salto de qualidade do Estado. Mas esse salto de qualidade precisa ser extensivo à grande produção e, muito especialmente, ao produtor médio e, mais ainda, ao pequeno produtor rural, aquele que faz a agricultura familiar. Mato Grosso, por muito tempo, foi um Estado em que, com grandes extensões de terra, poucos detinham o domínio e a possibilidade de produção. Mas, hoje, é um Estado de inúmeros – centenas, eu diria – assentamentos rurais, de reforma agrária. Ainda existem alguns acampamentos, e precisamos resolver o problema com urgência, pois é grave a situação daqueles que estão acampados. Já existem muitos assentamentos, alguns com todas as condições necessárias para uma vida com dignidade.

Agora, temos que cuidar da produção. Nesse ponto, entra uma outra discussão, que é a diversificação da produção. Vimos que existe a “monocultura”, que não é bem uma monocultura, já que em Mato Grosso plantamos soja e algodão em grandes extensões, e produzimos carne bovina também. Esses são produtos – matéria-prima, digamos – para exportação **in natura**. Essa é uma questão complicada para o nosso Estado. É uma discussão que surge porque todo produto para exportação **in natura** é isento de impostos; ou seja, não resta nada, exporta-se tudo, o que representa um problema para aquele Estado.

Quando irrompeu a crise do agronegócio, essa discussão foi bastante ampliada, e está nos parecendo que os grandes e médios produtores se conscientizaram, ou estão se conscientizando, de que precisam buscar alternativas para esses produtos, como esmagamento de soja, indústrias têxteis e outras para que possamos não apenas exportar. Precisamos continuar exportando para trazer divisas, claro, mas também precisamos fazer com que não apenas esses produtos sejam modificados no Estado, a fim de gerar emprego e impostos, bem como diversificar a produção na sua origem, o que implica questões como álcool e biodiesel.

A propósito do assunto, tenho dito e repetido várias vezes – não me canso de fazer isso – que o Mato Grosso será, não tenho qualquer dúvida, porque o Estado tem potencial para isso, o maior produtor de biodiesel, muito em breve. Pois há vontade e determinação. Os projetos estão acontecendo por iniciativa do povo que lá vive e produz. Mais do que aqueles que têm condições hoje, precisamos dar início à grande ou à média produção do biodiesel. Para tanto, precisamos que a agricultura familiar se organize para ser dona, vamos dizer assim, de toda a cadeia produtiva do biodiesel: do plantio, da colheita, da industrialização e da comercialização da matéria-prima. O pequeno produtor rural tem de assumir a cadeia como um todo. Não pode mais continuar produzindo a matéria-prima, entregando-a para meia dúzia industrializar, para um, dois ou três comercializarem, tanto no mercado interno quanto no externo. Isso não é justo, porque, na hora do melhor, que é o do recebimento do lucro, este não fica nas mãos do pequeno produtor.

Isso é vontade, é determinação. Temos visto declarações do Presidente Lula – como a do dia da eleição –, em que ele dizia que, no seu Governo, a palavra maior, a palavra-chave será desenvolvimento, e desenvolvimento para fazer a justiça social. Para aqueles que já têm esse potencial de produção, tudo bem, que continuem produzindo cada vez mais, crescendo mais e mais, dando sustentabilidade para um país grande e justo para todos.

Mas o estímulo e o incentivo têm de ser dados ao pequeno produtor rural, no caso do nosso Estado de Mato Grosso, porque, ao fazer parte dessa cadeia do biodiesel, ele é quem terá o potencial, a possibilidade de proporcionar uma melhora significativa de vida para si e para seus familiares. Assim, conseguiremos construir a justiça social a partir daqueles que vivem as necessidades e que têm a possibilidade, o potencial de melhorar a vida, eles mesmos construindo esse potencial.

A questão do biodiesel para nós é a grande possibilidade do Estado de Mato Grosso, do nosso Estado.

Também temos aí a questão do álcool. O Brasil – eu digo sempre – é o detentor do **know-how** do álcool, o combustível inesgotável. Sabemos também que somos auto-suficientes na produção do petróleo, mas este é um recurso totalmente esgotável. Então, já que temos esse **know-how** do álcool, que nos organizemos. E o nosso Estado de Mato Grosso tem um potencial muito grande nessa área.

Sabemos que para tudo isso precisamos de infra-estrutura de todo tipo: de escoamento da produção, com as rodovias, com as ferrovias. Temos aí a nossa Ferronorte, e, agora, acredito que ela vai avançar e

chegar a Cuiabá. Essa luta de dezenas e dezenas de anos, que, com certeza nesta tribuna, o Senador Vicente Vuolo, de Mato Grosso, tão saudoso para nós, fez da sua história de vida, política especialmente, uma luta pela Ferronorte. E ele, com certeza, está atento, no plano em que estiver, para ver que valeu a pena. Valeu a pena sua luta, sim. As coisas são morosas, são difíceis, mas acontecem. Se ele não tivesse começado esta luta, com certeza, nós não teríamos hoje a Ferronorte em Mato Grosso e com perspectiva de agora ser acelerada, chegando de Alto Araguaia a Rondonópolis e à nossa querida Cuiabá. Daí, vamos ver para onde os seus braços vão se estender.

Temos, também, a possibilidade de uma outra ferrovia, a Ferrovia Norte-Sul ou o nome que se dê, que deverá chegar até a região chamada Nortão.

Há ainda a BR-163, que tem que ter seguimento no Pará, tão querida, buscada, disputada, necessária, essencial para a melhoria da saída dos produtos da região chamada Nortão, do nosso Estado, via Santarém, e a chegada dos fertilizantes e de outros produtos necessários à agricultura, também via Santarém. Dessa forma, o custo do nosso produto será barateado, o que proporcionará mais lucro para o nosso produtor de Mato Grosso. Ou seja, com o escoamento mais barato, conseqüentemente o lucro será maior para aqueles que produziram; com os preços dos insumos barateados, via Santarém, de forma mais acessível para a produção, teremos vantagem na saída e na chegada dos produtos via Santarém.

Há também a BR-158, a BR-364.

Temos a questão da energia, que é da mais alta relevância. O linhão do nosso Araguaia do Norte, cujas obras têm que ser iniciadas o mais rapidamente possível.

Há, também, uma discussão já iniciada com relação aos dutos. Qual duto chegará primeiro em Mato Grosso? Temos que ter as linhas de produção também planejadas. Precisamos, enfim, de muito estudo e muito planejamento para que se melhor produza e se escoem os produtos.

Eu paro por aqui porque sei que outros Senadores gostariam de usar da palavra. Agradeço ao Presidente Tião, que nos concedeu um espaço de tamanha envergadura.

Digo que a voz do povo é a voz de Deus; que a reeleição do Presidente Lula, mostrando a grandeza do povo brasileiro, foi uma afirmação de que o Presidente Lula realmente é aquele que o povo brasileiro queria e precisava para governar, não só quatro, mas oito anos, porque ele vem fazendo transformações, com certeza, da maior grandeza para a população como um todo, mas muito especialmente aos mais necessitados. Com os resultados das urnas, temos certeza

do fortalecimento, da vontade e da determinação do Presidente Lula para estabelecer políticas que levem o nosso País a avançar mais e mais, em todos os sentidos, dos direitos humanos, da economia, enfim, do desenvolvimento deste País com qualidade de vida para todos e para todas.

É com essa vontade e com essa determinação que o Presidente Lula chega novamente ao Poder por mais quatro anos, mas especialmente com a vontade e o desejo que o povo brasileiro expressou nas urnas, com milhões e milhões de votos a seu favor. Isso significa um Presidente forte que diz: “Eu retornei, por meio da reeleição, porque hoje conheço mais do que nunca os problemas brasileiros, compreendo os problemas brasileiros”. A experiência adquirida nesse tempo faz com que ele tenha certeza de que a melhoria da qualidade de vida de todos e de todas é uma realidade mais e mais concreta, a cada dia, em seu Governo.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Tião Viana. Bloco/PT – AC)

– Senadora Serys, cumprimento V. Ex<sup>a</sup> pelo relevante pronunciamento. Quanto ao aparte feito pelo Senador Mão Santa sobre a atual greve dos médicos residentes brasileiros, na condição de Presidente da sessão, determino à Secretaria que prepare a cópia do pronunciamento do Senador Mão Santa e a envie aos Ministros da Educação e da Saúde. Na condição de Vice-Presidente do Senado, emitirei também um ofício aos Ministros, acompanhando o pronunciamento que o Senador Mão Santa apresentou em solidariedade aos médicos residentes brasileiros que ora reivindicam melhores condições de trabalho.

Concedo a palavra ao eminente Senador Mão Santa.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Ilustre Presidente Serys Silhessarenko, Senadores e Senadoras presentes na Casa, brasileiras e brasileiros aqui presentes e que nos assistem pelo sistema de comunicação do Senado da República, um grande Senador, Cícero, um grande orador da História, disse: “Nunca fale depois de um grande orador”. E eu vou falar depois de uma bela professora, Senadora e grande oradora. Mas temos de realizar esse desafio.

Senador Tião Viana, tenho minhas crenças e as confesso.

Sou cristão. Minha mãe era Terceira Franciscana, de uma ordem religiosa dedicada à pobreza, Serys. O pai de minha mãe era um grande empresário, um grande industrial, mas ela se tornou Terceira Franciscana. Daí meu nome Francisco. Não tem nada de Mão Santa. Minhas mãos são iguais as do Zezinho, humanas, trabalhadoras, honradas, mas o povo assim me

denominou. E estou fazendo 40 anos como cirurgião. Fui porque quis para a minha cidade.

Tenho aquele sentimento de Sêneca. Sêneca, o grande filósofo, não era nem da grande Atenas, nem da grande Esparta, Professora Serys – digo professora porque professora é muito mais do que Senadora, mestre igual a Cristo – Sêneca era de uma pequena cidade e dizia: não é uma pequena cidade, é a minha cidade. Portanto, fui para a minha Parnaíba porque quis.

Senador Tião Viana, eu, pessoalmente, nunca soube o que era desemprego. Sei porque fui político e tive que enfrentar esse problema. Deus foi muito bom comigo: sempre tinha uma fila de empregos para eu escolher. Muito jovem e estudante de Medicina, era monitor de Fisiologia e ensinava, Tião Viana, o curso de Biologia. Daí essa maneira minha de falar; nunca fiz oratória. Veio a ditadura, Tião Viana, e o professor de Fisiologia, Professor Serra, um homem bom que talvez já esteja no céu, foi preso.

Eles diziam que o homem era socialista, comunista, mas não; ele era um homem culto que lia Karl Marx. Eu sei que, de repente, eu, como monitor, substituí o Professor Serra. Como monitor, eu já dava aula, Tião Viana; já tinha certa experiência. Fazia prova no quinto ano. E não fiquei porque não quis. Eu queria fazer cirurgia. Daí eu valorizar a educação e a residência médica, o que foi muito oportuno.

Eu estava e continuaria mesmo em Fortaleza. Era estagiário do Pronto-Socorro Municipal e tinha tirado o primeiro lugar; ficaria lá.

A mulher do Governador Virgílio Távora era minha prima, Luiza Távora. Você sabe como é, Senador Tião Viana, ela tinha oferecido para o primo um bico: eu ficaria na faculdade, estagiava no Pronto-Socorro, e também o Haroldo Juaçaba me convidou. Meu pai tinha boa situação financeira, e eu tinha um pequeno DKW em Fortaleza. Então estava certo de ficar lá porque Fortaleza é encantadora. Mais encantadora do que Fortaleza são as cearenses. Daí eu valorizar isto. Tenho uma história diferente do Lula, com todo o respeito à universidade da vida, que ele enfrentou e em que ele aprendeu.

Estou lendo um livro do Ricardo Kotscho, que me entrevistou quando Governador. Tudo o que o Tião diz eu cumpro. Ele disse: “Leia”, e eu estou lendo. Aquela vida difícil de estrangeiro, a ditadura. Mas, Tião Viana, como é a vida e por que eu dou valor.

Serys, então eu estava certo que ficaria em Fortaleza; era novo, só a Adalgisa ganhou das cearenses, mas que elas têm os atrativos, têm.

Mas, atentai bem: eu ficaria como professor na faculdade, porque eu tinha sido monitor e haviam prendido o principal assistente como comunista, o que

ele não era. Ele nunca doutrinou; ele era um homem culto. Mas, na ditadura, havia isso. Então eu estava valorizado. Ficaria no pronto-socorro, tinha residência médica, era professor de cursinho, e a minha prima Luiza Távora, mulher do Virgílio – sabe como é – queria me agradecer.

Tião Viana, olha o destino. O Professor Antero Coelho – vou fazer 40 anos e vou à festa –, um homem iluminado, tinha um carinho por mim porque tinha sido meu professor de Biologia no cursinho pré-universitário e depois, de cirurgia. Esse homem andou pelos Estados Unidos, Chile, era um intelectual e foi o primeiro reitor da Unifor, de Fortaleza. Mas, na época, ele era meu professor e eu estava no sexto ano, Tião, já certo de que ficaria em Fortaleza.

Você, Tião, é novo e não se lembra do DKW. Ô carro bom! Fortaleza é encantadora; os bicos, eu já tinha; eu era novo... Mas esse professor passou por mim e perguntou: “Morales – não tinha nada de Mão Santa – o que você vai fazer?” Tião Viana, já contei o que me prende à universidade. Atentai ao que é um conselho. Daí o valor muito maior que dou ao Professor Tião Viana do que ao Senador Tião Viana. Ele passou – eu estava com um colega – e disse: “Morales, o que você vai fazer?” Aí eu lhe contei sobre as propostas e que tinha uma residência no Hospital dos Servidores do Estado. Eu nunca me esqueci disto, Tião Viana. Ele me olhou e disse: “Ô, Morales, você é casado, vai casar, está precisando trabalhar?” Eu, na minha espontaneidade, que a Serys conhece, disse: “Não, professor, ninguém precisa de mim, não. Eu sou o mais novo. Meus irmãos me dão as coisas. Ninguém está precisando de mim”. Sabe o que ele disse? “Vá-se embora. Se você ficar aqui... O Professor Haroldo o está convidando para ser médico residente no hospital dele porque você tem boa educação, bons costumes e é bom para ele. Mas, se você não cortar o cordão umbilical, você ficará sempre dependente. Você tem de se libertar e de ser livre. Vá para o Hospital dos Servidores”. Olhe o que ele disse, Tião, com tanta ênfase: “Mesmo que você não estude, que não faça nada, só andando lá, por osmose, você vai evoluir muito, vai ganhar muito, vai aprender muito. Vá-se embora”.

Serys, diante desse aconselhamento do Professor Antero Coelho, titubeei e fui. E realmente foi a melhor coisa que fiz na minha vida: a residência médica, Tião Viana.

Política está no sangue. A residência médica do Hospital dos Servidores do Estado era a melhor. Meus maiores colegas de vida são dois gaúchos: um, de Dom Pedrito, Léo Gomes, que nunca mais vi – às vezes, ele me telefona; quando sou eleito para algum cargo, ele me cumprimenta –, e Jaime Pieta, que foi presidente

do HSE. Mas a vocação política é tamanha que, além dos plantões que eu dava no hospital, como médico residente... Ô, Tião Viana, daí eu senti na pele. Eram 13 plantões por mês.

Dava o plantão, Serys, e, às 7 horas, entrava numa sala de cirurgia para cumprir a agenda e auxiliar um cirurgião. Treze plantões! E ainda dava mais plantões porque eu tinha a idéia fixa de voltar para o meu Piauí. Não voltei por necessidade de emprego, não; voltei por amor às minhas origens, às minhas raízes, como V. Ex<sup>a</sup> fala do Mato Grosso, como o Senador Tião Viana fala do Acre. As raízes!

Tião Viana, além desses plantões, eu dava um como voluntário com o Jaime Pieta na Maternidade Carmela Dutra, que havia no 7<sup>o</sup> andar. Porque eu ia para o Piauí e tinha que saber um pouco de obstetrícia. Entendeu, Senador Tião Viana? Ia como voluntário. Na realidade, nós dávamos mais plantões. Porque toda sexta-feira com Beethoven Matos, com Louro, com aqueles que escreveram o “**vade mecum**” da obstetrícia, o Grelle, Senador Tião Viana. Então, eu dava plantão voluntário com eles.

O Jaime Pieta era candidato a médico presidente do Hospital dos Servidores do Estado. Éramos uns 300 médicos de toda especialidade. Serys, a eleição nacional era no Hospital dos Servidores do Estado. Havia um paulista na chapa – eles haviam feito chapa única. E eu não gosto desse negócio. Olha, Senador Tião Viana, foi a maior vitória. Andando com Pieta, nos plantões à noite, eu disse: “Rapaz, amanhã, haverá essa eleição. E nós não vamos deixar esses paulistas ganharem aqui no Rio, não”. Porque, naquele tempo, eu vestia a camisa do Rio de Janeiro, Senador Tião Viana. E ele: “Mas como? A reunião é amanhã e já está tudo chapa batida”. Eu disse: “Não; nós vamos é ganhar. Como é que nós vamos perder uma eleição no nosso turno, aqui no HSE? Não vai ser aqui a eleição?” Ele disse: “Não, mas não dá”. Eu disse: “Não dá como?”

Nós temos candidato. Ele perguntou: “Quem?” E eu disse: Você! Você não estava fazendo campanha para ser médico residente deste hospital? É só amanhã nós arregimentarmos todos os residentes do hospital, e esse paulista não terá voto para ganhar de você. Você é o candidato. Se iam votar em você para médico residente aqui...

Senador Tião Viana, houve a eleição, e Jaime Pieta\* venceu o paulista, que já tinha ido para tomar posse. Eu acompanhei de perto essa Associação dos Médicos Residentes, Senadora Serys Silhessarenko. Os dirigentes dela eram puros e identificavam os hospitais que podiam dar residência médica. Essa Associação é pura, é composta de médicos residentes, e seus conselheiros são todos professores e ex-médicos

residentes. É uma instituição pura. Eu acompanhei o Jaime. Eu fiz dois anos de residência, e ele ficou no terceiro. Hoje ele é ginecologista em Porto Alegre – encontrei-o outro dia em uma viagem –, o irmão dele é Prefeito de Guarulhos. Jaime Pieta é uma pessoa fabulosa. Então, os hospitais eram classificados pela Associação dos Médicos Residentes. O médico residente trabalhava muito, mas havia uma exigência, que deveria haver docentes responsáveis pela residência, pois a contratação de residentes não poderia significar apenas mão-de-obra barata e responsável como queriam muitos hospitais privados. Era um trabalho sério e qualificado, Senadora Serys Slhessarenko.

Fiz alguns pedidos ao Senador Tião Viana, pedidos puros e sérios. Eu não sou nada. Eu votei foi em Lula no primeiro mandato. Eu sou contra a corrupção, contra essa bandidagem, contra essa safadeza e pela verdade.

V. Ex<sup>a</sup> foi vítima, e eu fui um dos primeiros a solidarizar-me com V. Ex<sup>a</sup>.

Vi a Senadora Ana Júlia Carepa com os olhos cheios de lágrima, em cadeira de roda. Vitoriosa, ela me cumprimentou e abraçou – ela também foi vítima, e eu, do outro lado, desta tribuna, fui solidário.

Está aqui o Senador Aloizio Mercadante, que sempre respeitei porque penso que é um homem honrado, íntegro, correto e firme. Penso até que a idéia dele vai coroar o Bolsa-Família. Refiro-me àquele debate qualificado de que ele tanto falou, que ele sempre ensinou e pregou. É hora do debate qualificado sobre essas bolsas. É o que penso.

Eu sou do PMDB, mas do PMDB histórico, que foi contra a ditadura, do PMDB de Ulysses, de Tancredo, de Teotônio, de Juscelino, que foi cassado. É esse PMDB que represento. Não sou majoritário, nunca fui. Nunca a Liderança me indicou para nada, mas o povo me indicou para trazer a voz de Ulysses, para trazer a voz de Teotônio, para trazer a voz Tancredo e a de Juscelino.

Muitas vezes, Mercadante me chamou para dar **quorum**, e eu o atendi. Evidentemente, da tribuna, eu manifestava o meu voto de acordo com a minha consciência, mas 90% das matérias eram boas, e votei satisfeito. Votei a favor algumas vezes e poderia votar contra. A Senadora Serys votou, às vezes, a favor, mas se constrangia. Essa é a verdade.

Senador Mercadante, acredito em Deus, acredito na verdade, acredito no estudo, por isso o respeito que tenho por V. Ex<sup>a</sup>, pelo Senador Tião Viana, pela Senadora Serys. Também acredito no trabalho. Acredito no estudo e posso dizer aqui que renunciaria se não... Penso que o Senador tem de ser o pai da pátria, e estamos aqui para ensinar.

Posso dizer que, fazendo uma reflexão sobre a História – não é mérito meu, mas da professora Maria da Penha que me ensinou História, e do professor Benedito Jonas; eles me ensinaram, e eu aprendi –, o Brasil passou por grandes transformações, Senador Mercadante.

Ninguém – assim o entendo – escolhe a época de governar. Houve o período das capitânias hereditárias, dos Governadores Gerais e dos reis. Cada época teve o seu significado. D. Pedro I tornou o Brasil independente. D. Pedro II garantiu a extensão e a unidade do Brasil. Olhem o mapa da América do Sul e da África, onde o território foi todo dividido. D. Pedro II garantiu a unidade ao Brasil, Nós, os piauienses, expulsamos os portugueses numa batalha sangrenta.

Professora Serys, a História se repete. Getúlio Vargas, com sua participação, valorizando o trabalho, escreveu a mais bela página de nossa História dando à mulher o direito ao voto. Valorizou a mulher e o trabalhador. Ele foi chamado o pai dos pobres e dos trabalhadores e teve a sua época. Depois veio Juscelino, cujo Governo foi marcado pelo otimismo, pelo desenvolvimento. A época do Presidente Sarney foi marcada pela redemocratização. Quanto a Fernando Henrique e Itamar, será preciso fazer exame de DNA – quem sabe é o Senador Mercadante – para saber quem combateu a inflação. Foi um dos dois, não interessa qual deles.

Houve também a participação da mulher – está aí a Senadora Serys como exemplo. A Princesa Isabel escreveu a mais bela página de nossa História, concedendo a liberdade aos escravos. Mas isso não aconteceu de um salto só, para se chegar a essa liberdade. Houve a Lei dos Sexagenários, a Lei do Ventre Livre e, depois, a Lei Áurea, que libertou os escravos. Todos participaram.

Votei contra o Lula. Neste País precisa haver Oposição. Eles sabem que não vão me comprar com um cargo. O Senado tem 180 anos, e só há o busto de um ex-Senador neste plenário, só um foi homenageado. Quantos passaram por aqui em 180 anos, Mercadante? Rui só fez parte do Governo, ajudou na libertação dos escravos, na República. Participou do Governo de Deodoro da Fonseca e de Floriano Peixoto, depois foi para a Oposição. Os militares queriam que ele continuasse – eram só militares –, mas ele não quis. Quiseram dar-lhe o Ministério da Fazenda de novo, e ele disse: “Não troco minha trouxa de convicções por um ministério”. Ele disse isso e passou 32 anos nesta Casa, quase todo esse tempo na Oposição.

Então, Mercadante – atentai, iluminai –, o Brasil precisa ter Oposição. Permitam-me ser Oposição, mas com decência. Não somos oposição ao Brasil, ao povo;

somos oposição à corrupção, ao mensalão, à falta de ética, à falta de vergonha. Esses Deputados mensaleiros que estão aí não deviam ser cassados; deviam ser enforcados. Eu busco Deus. Quanto mais têm... O Crivella pode pensar que entende mais do que eu, mas sei que Deus disse mais ou menos assim: “quanto muito se lhe é dado, mais lhe é cobrado”. Então, o povo já nos deu muito. Vivemos como príncipes tendo em vista as dificuldades que enfrentam os brasileiros.

Então, o Deputado, o Senador, a quem já foi dado muito, que entra nessas safadezas, recebe mensalão, ganha gorjeta em negócio de ambulância, deveria ser enforcado e não cassado, porque muito já lhe foi dado. E o pior é envolver todos nós, pois, só 5% das brasileiras e dos brasileiros acreditam no político. Eles envolvem pessoas puras como a Serys, como a Ana Júlia Carepa e tal.

Então, por tudo isso, sou radical. Eu acredito na história que represento. Ulysses disse que a corrupção é o cupim que corrói a democracia. E tenho crença nisso. Não acredito em democracia. Dizem que o Lula ganhou; ganhou, foi uma vitória pessoal dele, Mercadante, mas atentai bem, eleição não é democracia; é um ponto da democracia, talvez o mais importante. Não posso dizer que o coração é a maravilha do corpo humano, não posso dizer isso, Serys. Ele é importante, é vida. Botam até o centro do amor lá dentro, o que não tem nada a ver. Eleição talvez seja simbolismo, mas não é democracia. Lula ganhou a eleição, mas a democracia não está ganhando no Brasil. Não está, porque a democracia começou com o povo, que gritou liberdade, igualdade e fraternidade.

Caíram os reis. O rei seria Deus na terra. Deus seria o rei no céu. E nasceu isso. Mas acabou o absolutismo. A inteligência humana, a inteligência do homem, Montesquieu dividiu o poder. Democracia é essa divisão de poder. Melhorou o Congresso? Não melhorou, Mercadante. Apesar do esforço de V. Ex<sup>a</sup> e da honra da Serys, este Congresso está enxovalhado e envergonhado.

Ô Mercadante, eu fui a sua São Paulo. Eu fui homenageado pela instituição Ulysses Guimarães. Parlamentar naquele tempo tinha razão. Ele juntava tudo que era assembleia, câmaras, porque a ditadura não o deixava falar. Era um meio de falar. E há essa instituição que não tem essa função, mas no nome ela vive. Os homenageados quase todos hoje são empresários para bancar a festa. Pinçam um ou outro político. Eu fui pinçado por essa sociedade Ulysses Guimarães, como Senador. E falei. Tinha mais de dois mil, Mercadante, na sua grande São Paulo; aliás, o organizador disse que eram duas mil cadeiras e depois botou mais. Eu fui e agradei. E fui aplaudido.

Ô, Serys, depois passaram a palavra aos Deputados Federais, gente boa de Campinas. Sabe o que um deles disse, Mercadante? O Mão Santa já falou, já agradeceu por todos nós. Depois, no uísque, porque **in vino virtus, in vino veritas**, ele dizia o seguinte: nós temos vergonha de botar o *button*, quando pegamos um avião para São Paulo, por causa do conceito do Congressista. Eu não! Eu ando com ele orgulhosamente. Mas hoje eu saí cedo para dar **quorum** e, com esse horário novo, não deu tempo de colocar.

É isso que nós queremos. Entendo que, como a Princesa Isabel, como todos os Presidentes, o Lula teve a clarividência.

Ô Mercadante, vamos entender: eu vim do Piauí, e o maior líder, Petronio Portella, disse para não agredir os fatos. O fato está aí: ele ganhou. Ele ganhou e ganhou bonito. Foi voto muito. Ganhou na minha cidade, ganhou no País todo, ganhou muito. Lógico que teve aparição.

Mas nós temos que fazer ganhar a democracia. Temos que melhorar este Congresso, frear as medidas provisórias. Temos que cassar e enforçar todos que fazem falcatrua, que fazem roubalheira, que não têm ética e não têm decência. Temos que valorizar o Poder Judiciário. É como diz Aristóteles: que a coroa da Justiça, ô Serys, esteja mais alta do que a dos reis e brilhe mais do que os santos. Como Cristo disse: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”.

Uma pesquisa, Mercadante, a gente aprende em campanha... Eu queria ter trazido, mas eu fiquei tão transtornado, ô Mercadante, quando no comitê de Alckmin eu vi que só 30% do povo brasileiro “acredita” na Justiça e, nos políticos, só 5%. Graças a Deus eu sou médico que tem uma grande aceitação. E professor também tem, com toda justiça, Serys... Então é isto: nós temos que melhorar é tudo.

Olha, o Mitterrand... ô Professor Mercadante, todo livro que V. Ex<sup>a</sup> indica eu leio. Outro dia eu li daquele americano, não é? Dick Morris, que V. Ex<sup>a</sup> indicou e eu li. E eu quero lhe indicar um. Mitterrand, no fim de sua vida, escreveu um livro. Não escreveu porque ele estava quase moribundo de câncer, mas pediu a ajuda de um companheiro que ganhou o Prêmio Nobel. E ele, ô Professor Senador Mercadante, dava uma mensagem aos governantes: se voltasse a governar – ele que governou quatorze anos – iria fortalecer os contra-poderes. Fortalecer os contra-poderes! É isso que eu quero ensinar ao Presidente Lula. Ele não é Deus! Ele mesmo disse: eu sei. E eu quero passar isto que aprendi: fortalecer, moralizar, prestigiar este Poder e o Poder Judiciário.

Reconhecemos que ele avançou – como Princesa Isabel, como Getúlio, como quem venceu uma



inflação – e foi mais: viu a sobrevivência neste País injusto, injusto. Injusto, Mercadante, quando sabemos que 10% dos ricos têm a metade da riqueza da Pátria; 10% dos pobres têm 1%.

Antes da liberdade, da igualdade e da fraternidade, está a sobrevivência, e a bolsa família atingiu isso. Que ele fique como estadista e ouça Mercadante o debate qualificado. Vamos aprimorar esse avanço da democracia que foi a bolsa família!

Essas são as nossas palavras e quero oferecer, como sempre, aos grandes Líderes do PT, a nossa contribuição à democracia e à Pátria.

O nosso voto não está vinculado. Sei que tem um PMDB que gosta muito de cargos. Eu gosto muito é da Pátria, da democracia, da decência e da dignidade.

V. Ex<sup>as</sup> terão o meu voto. Não gratuitamente. Mas por dever e obrigação à minha origem, que é o Piauí cristão; esse Piauí que procura escrever sua página sempre tentando elevar sua bandeira à Ordem e ao Progresso. Tanto isso é verdade que a nossa bandeira do Piauí tem as mesmas cores da bandeira do Brasil, com uma única diferença, Serys, é que lá só tem uma estrela. E essa estrela, sem dúvida nenhuma, representa a democracia, que temos que fortalecer.

Muito obrigado.

*Durante o discurso do Sr. Mão Santa, o Sr. Tião Viana, 1º Vice-Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pela Sra. Serys Shlessarenko, Suplente de Secretário.*

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Shlessarenko. Bloco/PT – MT) – Com a palavra, por 20 minutos, o Senador Tião Viana.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente Senadora Serys Shlessarenko, Srs. Senadores, trago ao plenário do Senado a notícia divulgada hoje em todos os grandes jornais brasileiros, fazendo referência ao Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil e reconhecendo uma melhoria do País nesse indicador de desenvolvimento humano no *ranking* estabelecido pela ONU, que envolve mais de 160 países.

Estamos falando de um fator que envolve quatro grandes critérios para definição de onde estará colocado o País. São os critérios de expectativa de vida, alfabetização de adultos, taxa bruta de matrícula e Produto Interno Bruto **per capita** em termos de dólares, reconhecido, para ter um critério único, em termos de paridade do poder de compra.

Então, nesses quatro critérios, o Brasil melhora a sua condição. O IDH nosso avança de 0,78 para 0,79. Entre 0 e 1 é o critério de desenvolvimento humano de um país estabelecido pela ONU. Quanto estiver

em torno de 1, como é o caso da Dinamarca, teremos um indicador ideal para o desenvolvimento humano do País.

E o Brasil tem melhorado. Se olharmos países como a Nigéria, que tem o IDH de 0,3 e olharmos a Dinamarca, cujo IDH está em torno de 1, verificamos que o Brasil está numa condição razoável. Mas, se olharmos a distribuição do desenvolvimento humano na média das mais de 160 nações, percebemos que nós estamos numa condição ainda não ideal, Senador Mão Santa. Ficamos em 69º lugar, o que, inclusive, representou a mobilidade de 1 ponto para menos, porque uma outra nação conseguiu taxas de desenvolvimento mais avançadas nesses critérios do que o Brasil.

O Brasil tinha como critério de referência – e apostou nesse critério – a taxa de alunos, na faixa etária entre 7 e 24 anos, que estavam sendo alfabetizados nas escolas brasileiras. Mas houve uma mudança, porque o critério passou a ser o da taxa de adultos no cálculo dos que não estariam matriculados nas escolas. Essa mudança de critérios, então, fez com que o Brasil tivesse um prejuízo. É com se a educação brasileira estivesse estagnada na década de 2.000. Essa é uma situação preocupante.

Quando nós olhamos de maneira mais ampla os critérios de educação, observamos que 6.000 professores universitários foram contratados; houve o aumento das verbas de custeio de modo efetivo, alcançando quase 100% de recuperação em relação à última década; e, se olharmos a extensão de novas universidades federais brasileiras, verificamos que 42 campus universitários foram instalados na educação superior do Brasil. Se esses critérios tivessem sendo acolhidos, nós teríamos um outro tipo de perspectiva. Mas, como os critérios não fazem parte, nós entendemos exatamente o desafio que temos em relação ao ensino médio e ao ensino fundamental. Seguramente, o Fundeb é um critério da maior relevância que hoje está na responsabilidade do Congresso Nacional, para que nós possamos ter um aumento de investimentos na educação brasileira nessa população alvo que é a do ensino básico.

Nessa população alvo, que é exatamente do ensino básico. Entendo que a responsabilidade é muito grande que temos pela frente. O Brasil precisa, efetivamente, acompanhar.

Surgiu agora um projeto de lei apresentado pelo Executivo, que chegou à Casa, a que fiz referência há uma semana, que diz respeito a uma área de desenvolvimento científico brasileiro, apontado pela universidade, onde poderemos sair do caminho do conhecimento e transferir para o caminho da tecnologia. A

tecnologia brasileira não tem a universidade como elo, não tem a universidade como matriz.

Esse projeto que o Executivo apresentou incorpora às universidades o que elas têm de projetos científicos em desenvolvimento, que sejam apresentados em um núcleo comum; esse núcleo comum passa a ser um observatório das grandes empresas brasileiras e aquelas que entenderem que determinados projetos tecnológicos estejam com identidade com seus propósitos de melhorar a sua produção, dar mais eficiência à sua produção, poderão fazer um investimento e obter uma redução eficiente daquilo que seria a sua contribuição sobre o lucro líquido, ao mesmo tempo, sobre o Imposto de Renda, numa oscilação de 17 até 85%.

Esse é um grande avanço dentro da expectativa de mais investimento para a educação brasileira. Agora estamos falando de um foco ainda no ensino superior. De fato temos que voltar ao foco do financiamento, com maior expectativa de crescimento do investimento Federal, tanto para o custeio como para o investimento puro, na área do ensino fundamental e do ensino básico. É exatamente o Fundeb um grande alavancador dessa expectativa que tem a sociedade brasileira.

Com isso, eu não tenho dúvida de que o Brasil poderá pular alguns dígitos dessa classificação na próxima avaliação do IDH, feita pelas Organizações das Nações Unidas.

Vale ressaltar aqui o que diz o diretor do IPEA Serguei Soares, que diz que o Brasil tem indicadores de desigualdade – quando o assunto ainda é a desigualdade, porque, de fato, existe uma concentração de renda perversa, violenta neste país –, o Brasil tem indicadores que estão nos mesmos patamares de desigualdade do Chile, da Colômbia e da África do Sul. Esse é um dado que nos coloca com muita compreensão sobre o que está acontecendo. Agora, o olhar sobre as desigualdades é muito distinto, de acordo com a técnica que é empregada, o método de observação que é feito por qualquer país que tenha esse critério a ser estudado e a ser valorizado em sua população.

Vale ressaltar que saímos de 0,78 de IDH para 0,79, o que significa um avanço muito grande no Brasil. Ele está entre as 83 nações com desenvolvimento humano médio da ordem de 0,5 e 0,80, o que significa que o Brasil poderá estar saindo das nações em desenvolvimento chamado médio para um patamar de desenvolvimento mais avançado, o que significa muito para nós.

Um outro dado importante, Senador Mão Santa, que é área comum a mim e a V. Ex<sup>a</sup>, que tem sido um grande debatedor do sistema de saúde pública, olhando desde a condição de trabalho do médico brasileiro ao financiamento que o sistema de saúde gera aos ser-

viços médicos deste País, as condições de formação do médico brasileiro, como hoje V. Ex<sup>a</sup> fez uma bela manifestação sobre o médico residente. Nós já fizemos residência médica, V. Ex<sup>a</sup>, inclusive, fez uma, contou-me o próprio ex-Ministro Adib Jatene, com ele, com o Zerbini, no Hospital do Servidor do Estado na época em que havia o desenvolvimento da cirurgia cardíaca, um grande serviço no Hospital do Servidor do Estado. V. Ex<sup>a</sup> sabe que 80% dos serviços médicos nos hospitais que têm a residência são feitos pelos médicos residentes. Nós sabemos que o médico residente é muito bem formado neste País.

Ao sair de um hospital de ponta na área da especialização, ele não aplica 10% do seu conhecimento, porque não há absorção do seu conhecimento nas unidades de saúde periféricas no Brasil.

Então, precisa, sim, de uma atenção das autoridades vinculadas à área. É o Ministério da Educação, o Ministério da Saúde que têm a responsabilidade de acolher manifestações como a que V. Ex<sup>a</sup> fez hoje.

Estou, inclusive, hoje indo com Secretário Executivo do MEC, às 15 horas – já convidei V. Ex<sup>a</sup> – prestar a nossa solidariedade aos médicos residentes brasileiros, porque fomos formados também em residência médica, alcançamos nossas especialidades e sabemos o valor estratégico que esse tipo de atividade tem para a saúde pública do Brasil.

Portanto, V. Ex<sup>a</sup> faz um ajuste e elevada homenagem. É merecedor do reconhecimento e do respeito de uma causa chamada saúde pública no Brasil. Aqui, na análise desses indicadores de desenvolvimento humano, temos também a distribuição de água, o acesso à água, o esgotamento sanitário, que é apresentado à sociedade brasileira.

Veja o dizem esses estudos: 90% da população têm acesso à água, e o esgotamento sanitário atende em torno de 75%. Quando falamos em esgotamento sanitário, temos que distinguir a rede de canalização do esgotamento, o tratamento dos resíduos sólidos, as fossas sépticas, que são serviços individuais de proteção à qualidade e à transferência dos dejetos humanos, utilizados dentro de um domicílio, na área domiciliar ou prédio domiciliar.

Temos uma desigualdade assustadora quando olhamos para o Norte, para o Nordeste, para a Região Sul e para a Região Sudeste do Brasil.

Senador Mozarildo, que chega, também é um colega da área médica, preocupado, em seus mandatos, com a situação de saneamento básico e sabe exatamente o que quer dizer.

Veja o que diz aqui: “O Governo Federal admite a deficiência do saneamento básico, afirma que entre 2003 e 2006 destinou investimentos da ordem de

R\$12,9 bilhões para o setor de saneamento”. Isso foi um grande avanço. Nós tínhamos como marco de financiamento para o saneamento básico brasileiro o Projeto Alvorada, que foi um grande projeto, mas que executou apenas R\$200 milhões. Foi um recurso muito bem apresentado, com cifras de bilhões de reais para financiar a atividade de saneamento no Brasil, mas materializou em sua execução em torno de R\$200 milhões. Veja o que diz aqui, em termos de contraste, a realidade do saneamento no Brasil: “Os 20% mais ricos desfrutam de níveis de acesso à água e saneamento comparáveis aos países ricos, enquanto que os 20% mais pobres do nosso País têm cobertura tanto de água como de esgoto inferior ao do Vietnã”. Então, esse é o Brasil ainda das desigualdades gritantes, que tem a exigência de uma intervenção do Estado, e o Governo do Presidente Lula tem agido com essa atenção.

Quando eu olho hoje o potencial de financiamento que tem o Ministério das cidades, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o Fundo de Garantia dos trabalhadores – FGTS, e a Caixa Econômica, Senadora Serys, estamos falando da capacidade que tem o Estado brasileiro, através do seu Governo, de reunir, numa visão estratégica de saúde pública definitiva, entendendo o que diz o art. 200 da Constituição Federal. Esse artigo da Constituição declara que saúde e saneamento têm o mesmo fim, o mesmo resultado de qualidade de vida para a população, vinculados ao que preconiza a Organização Mundial de Saúde. Estamos falando numa capacidade de reduzir uma dívida que remonta R\$200 bilhões para recuperarmos os indicadores efetivos de saneamento do Brasil. Nós teríamos hoje que investir em torno de R\$20 bilhões todos os anos para pagar essa dívida nos próximos 20 anos do grande déficit que temos em relação ao saneamento básico neste País.

A dívida é muito grande. O Governo do Presidente Lula tem tido a preocupação justa, tem agido com grandeza e muita responsabilidade, mas tem que desobstruir.

Muitas vezes, no Ministério das Cidades chegam projetos dos Municípios que são solicitados e sugeridos pelo referido Ministério e, no entanto, passam por uma análise, por um conselho técnico e, no final, é dito que não há o fundo garantidor do FGTS e, portanto, o projeto tem que ser devolvido. No outro ano, é apresentada uma outra expectativa, novo gasto dos Municípios na apresentação de projetos. Vem o projeto aprovado tecnicamente e, mais uma vez, é recusado porque não há operacionalidade do financiamento de débito. Temos que superar esse tipo de barreira. Há o dinheiro e precisa ser desobstruído, e o Governo pre-

cisa chegar a sua atividade-fim, que é a execução do saneamento básico.

Matérias dessa natureza dizem respeito a uma grande responsabilidade social. Estamos falando de 1 milhão e 800 mil crianças que morrem todos os anos em função da crise da água. A água leva às hepatites, à leptospirose, às doenças diarréicas, às febres tifóides e a todas as patologias capazes de levar à queda da qualidade de vida e pôr em risco a vida de 1 milhão e 800 mil crianças que deixam de existir em razão da crise da água e do saneamento no Planeta.

O Brasil tem enorme responsabilidade: o seu IDH tem que estar inteiramente vinculado a mudanças de indicadores dessa natureza.

Já encerrando, concedo um aparte ao Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa (PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup>** traz um dos assuntos mais palpitantes não apenas para o Brasil, mas para o mundo hoje. Entendo que nada mais perfeito para mensurar o desenvolvimento do que o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que leva em conta a educação, o poder aquisitivo dos bens de consumo da modernidade, a mortalidade infantil, a longevidade, a renda **per capita**.

Mas V. Ex<sup>a</sup> viu que houve avanços maiores. Quando governei o Piauí – para se ver como este Brasil evolui –, o Estado estava com IDH péssimo. Coloquei-o em 0,5. Penso que todos nós temos de trabalhar, como o Brasil está saltando, para tornar o IDH bom. Há o péssimo, o médio e o bom. V. Ex<sup>a</sup> falou de um dado. Mas, como Shakespeare disse, “não há bem nem mal; o que vale é a interpretação”. Água, 90%. Mas eu queria advertir este Governo de que a água potável não está chegando aos pobres. No Piauí, não fui só eu que expandi a água aos Municípios, aos bairros pobres. Mas, atentai bem, Tião: tem um tal de hidrômetro que o povo batizou de “ladrômetro”, porque é cara! Então, a Bolsa-Família é sobrevivência, foi uma clarividência do Presidente Lula para combater a maior injustiça social. Mas ela dá R\$50,00 mais R\$15,00 por filho, são R\$45,00; total: R\$95,00. Mas tem a conta de água, que está muito cara. Então, tem de haver água, que, sem dúvida nenhuma, como V. Ex<sup>a</sup> sabe, é mais importante para o IDH. A água é que é vida. V. Ex<sup>a</sup> é médico e sabe que, em uma criança, 80% é água, em um adulto, 60%. De cem quilos, sessenta quilos são água. O pobre não está podendo pagar esta água. Eles apelidaram o medidor de “ladrômetro”, porque às vezes nem tem água, mas o vento aciona e eles pagam uma conta que é maior do que o Bolsa-Família. Então, esta é uma preocupação que V. Ex<sup>a</sup> traz. É algo extraordinário 90% da população poder recebê-la, mas a grande pobreza não está contente, porque ela é muito cara.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC) – V. Ex<sup>a</sup> tem muita razão em despertar essa sensibilidade às autoridades que trabalham na distribuição de água nos Estados e nos Municípios, porque nós temos este contraste: a população do Rio Grande do Sul tem um nível de excelência nos serviços de distribuição de água e saneamento, de modo geral. No Distrito Federal, há um nível também de excelência, incluindo o custo, as despesas com água. Mas, quando olhamos para o Polígono das Secas – estamos falando da área citada por V. Ex<sup>a</sup>, seguramente –, área de 940 mil km<sup>2</sup>, existe uma escassez absoluta de acesso à água.

Sabemos o que é o consumo **per capita** de água por dia, mês, ano e sabemos a distância que tem aquela população de adquirir direito básico para o acesso à água como um bem universal. Então, se é uma das Metas do Milênio o alcance da proteção e do direito ao consumo de água, temos que rever com muita responsabilidade alertas como o que V. Ex<sup>a</sup> faz em termos de custo.

A água é um bem universal, o seu acesso tem que ser garantido. O Senado trava há pelo menos 16 anos o debate da titularidade, da concessão, e a Câmara dos Deputados também tem travado. Agora estamos tentando encontrar uma saída sobre a definição de titularidade, de concessão e de cessão de serviços efetivos de saneamento básico, incluindo a água. Temos que romper esses desafios.

O Governo do Presidente Lula tem avançado também em questões pontuais, como a das cisternas, na região nordestina. Mas temos que trabalhar muito mais, com muito mais pressa no investimento, porque ainda gastamos 0,3% do PIB com saneamento básico. Avançamos muito. No passado, era zero, zero, alguma coisa; hoje é 0,3%, o que corresponde a R\$12,9 bilhões nesse curto período que o governo do Presidente Lula fez. Avançamos muito, mas precisamos avançar muito mais para garantir os indicadores de direito de um bem universal como a água.

Então, o IDH, apontando os critérios que eu estabeleci, mostram um Brasil avançando, reduzindo as desigualdades, estando num patamar de desafio em relação à desconcentração da renda, à desconcentração de acesso, comparável hoje ao Chile, à Colômbia e à África do Sul, mas precisando elevar-se muito mais. Se avançarmos nos critérios e tivermos a educação centrada no financiamento, hoje dirigido como curva de crescimento para o ensino básico, para o ensino fundamental, nós vamos ter um resultado muito melhor no próximo IDH.

Era o que eu tinha a dizer. Muito obrigado.

**O Sr. Aloizio Mercadante** (Bloco/PT – SP) – Senador Tião Viana, só queria fazer um comentário. Con-

sidero fundamental essa reflexão que o nobre Senador apresenta a esta Casa e ao País, porque o IDH é um indicador, eu diria, decisivo para o planejamento das políticas públicas. Nós precisamos incorporar o estudo do IDH, inclusive regionalizado e municipalizado, como indicador de orientação de políticas públicas. O País tem que ter no IDH um objetivo fundamental das suas políticas sociais. E, ao fazer essa análise, destacar exatamente os desafios que estão postos, para que possamos continuar evoluindo com relação ao Índice de Desenvolvimento Humano, que é hoje reconhecidamente um indicador tão importante quanto o Produto Interno Bruto. Quando Amartya Sen e outros desenvolveram essa concepção da qualidade do desenvolvimento, foi exatamente para que nós tivéssemos novos parâmetros de orientação das políticas públicas. Por exemplo, por que não começarmos a discutir, no repasse do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) ou do Fundo de Participação dos Estados (FPE), além de a orientação diretamente proporcional à população e inversamente proporcional à renda **per capita**, o indicador IDH como, por exemplo, o indicador de repasse de recursos nas políticas sociais? Então, quero parabenizar a colocação, o realismo e também a esperança que V. Ex<sup>a</sup> apresenta nessa análise e destacar que considero que esse é um instrumento muito importante para darmos um salto de qualidade nas políticas públicas do País.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, que é sempre uma referência quando o assunto é a luta contra as desigualdades, a confiança e caminhos para um novo Brasil. Em um livro recente de sua autoria, **Brasil Primeiro Tempo**, V. Ex<sup>a</sup> anteviu esse desafio que estamos vivendo. E temos a chance de viver o segundo tempo agora no Governo do Presidente Lula.

Tenho certeza de que o meu pronunciamento fica engrandecido com a coerência e a manifestação também de desafio realista que V. Ex<sup>a</sup> apresentou no aparte.

Muito obrigado, Presidenta.

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Slhessarenko. Bloco/PT – MT) – Com a palavra, por ordem de inscrição, o Senador Aloizio Mercadante e, de imediato, pela Liderança do Governo, o Senador Romero Jucá.

O Senador Aloizio Mercadante dispõe de vinte minutos, inicialmente.

**O SR. ALOIZIO MERCADANTE** (Bloco/PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, subo a esta tribuna num momento importante da história do País, quando a democracia brasileira sai vitoriosa pelo pleito que tivemos, que foi uma demonstração, primeiro,

de competência pela informatização das urnas, pela agilidade, pela falta de “conflitualidade” na disputa democrática, mas, sobretudo, pela intensa participação dos partidos, pela mais ampla liberdade democrática de expressão.

Saio particularmente realizado com o resultado dessas eleições, que, sobretudo, reafirmaram um caminho que eu acreditava ser o melhor para o Brasil. A vitória do Presidente Lula com quase 61% dos votos no segundo turno foi uma afirmação popular, um reconhecimento da sociedade e um estímulo para que se possa avançar no caminho trilhado ao longo desses quatro anos.

Quero dizer, no entanto, que a eleição acabou e que é importante as forças políticas descerem do parlance, para que possamos restabelecer, no âmbito do Parlamento e particularmente do Senado Federal, um ambiente que esteve presente no início do primeiro Governo do Presidente Lula.

Esta Casa foi fundamental no diálogo entre Oposição e Governo e na elaboração de políticas públicas. O que fizemos de aprimoramento do projeto de reforma tributária foram concepções e inovações construídas a partir do Senado, suprapartidariamente.

Aprimoramos o projeto de reforma da Previdência.

Inovamos o projeto de biossegurança, inclusive num impasse longo que existia em relação a como inovar a ciência e a tecnologia e estimular o investimento em pesquisa com a segurança que é necessária nesse caminho da biotecnologia.

Igualmente, propusemos a inovação na Lei de Falências, um estatuto jurídico de quase meio século sem alteração, construído por esta Casa e que hoje agiliza a solução de conflitos, diminui o custo jurídico das empresas e dá estímulo ao crédito e ao financiamento.

Podemos citar também o Estatuto do Desarmamento, que foi uma iniciativa nascida no âmbito do Senado Federal, no âmbito do Congresso Nacional e que foi fundamental para desarmar e criar uma cultura de paz e de não violência na sociedade.

Há uma lista longa de avanços legislativos que nós tivemos. Creio que esse ambiente de diálogo e de negociação e de disputa, a partir de propostas e de concepções, é fundamental que se restabeleça neste momento. Todo o meu esforço será feito no sentido de propor um debate que avance nessa direção.

É com essa intenção que venho a esta tribuna, porque considero que o maior desafio do novo Governo do Presidente Lula e do Brasil, neste momento da sua história, é constituir um pacto pelo crescimento econômico. O Governo definiu que o seu eixo será de-

envolvimento econômico, inclusão social e educação de qualidade, mas não haverá desenvolvimento com inclusão social e educação de qualidade sem a força do crescimento econômico.

O crescimento é o maior desafio, não apenas deste Governo, mas, eu diria, da nossa geração. Isso porque nós somos o País que, de 1880 a 1980, sustentou a maior taxa de crescimento da economia internacional e a segunda taxa de crescimento de PIB **per capita**, perdendo apenas para o Japão. E, no entanto, nos últimos 26 anos, vimos trilhando taxas de crescimento extremamente modestas, quando não mais medíocres.

Pelo tamanho desta Nação, pelos recursos naturais que possui, pela sua base industrial, científica e tecnológica, pelo seu potencial agrícola, pela capacidade de produzir energia com menor custo ambiental, pela sua força de trabalho, pela criatividade de seu povo, não é possível nos acomodarmos nesse cenário.

Portanto, o grande debate neste início de governo, do meu ponto de vista, é definir qual o melhor caminho para o crescimento.

Vejo neste momento quatro posições que disputam, teoricamente, em concepção de políticas públicas, o caminho do crescimento econômico, e vou nominá-las, mais para facilitar o entendimento do que propriamente para estereotipar a posição.

A primeira posição é a que eu chamaria de concepção neoliberal. Tal concepção é muito bem defendida, por exemplo, recentemente, pelo economista – Gustavo Franco, que diz, bem como dizem todos os economistas reconhecidos neste País, que não haverá crescimento econômico acelerado se não aumentar a taxa de investimento da economia. A grande questão do crescimento é aumentarmos o que os economistas chamam de formação bruta de capital fixo ou a taxa de investimento da economia.

Vou dar alguns exemplos. O Brasil cresceu, de 1994 a 2005, a uma média de 2,7% ao ano, com uma taxa de investimento de 19% do PIB. O México cresceu de forma muito parecida com o Brasil: 2,9% do PIB, com uma taxa de crescimento de 20,1% do PIB. Portanto, investiu muito próximo e cresceu também muito próximo. O Chile foi um pouco além: teve uma taxa de crescimento de 5,1% do PIB e uma taxa de investimento de 23,1% do PIB.

A Índia cresceu mais: 6,5% do PIB e investiu 23,7% do PIB. A China cresceu 9,6% e investiu 36,1%. Portanto, não haverá crescimento acelerado se não aumentarmos a taxa de investimento.

Aqueles que advogam os valores e a concepção neoliberal entendem que o único caminho para alcan-

çarmos uma taxa de investimento próxima a 25% do PIB, pelo menos, para que possamos almejar crescer 5% ao ano, ou um intervalo entre 25% e 30% do PIB, para que possamos crescer, talvez, 7% ao ano, é o do setor privado. Ou seja, para se chegar ao Estado mínimo, deveríamos fazer um grande ajuste fiscal, aumentar o superávit primário, para reduzir carga tributária e abrir espaço para o setor privado cumprir esse papel.

Entendo que não há como o setor privado sozinho percorrer esse caminho, ainda que seja sim o setor privado a principal força motriz do investimento e do crescimento econômico. Dos cerca de 20% do PIB que temos hoje como taxa de investimento, 17,8% vêm do setor privado e apenas 2,2% vêm do setor público, incluindo aí o Orçamento Geral da União e as Estatais. Por isso, é o setor privado a grande força motriz. No entanto, para o setor privado poder alavancar o investimento, o Estado brasileiro terá que investir mais e, evidentemente, terá que desonerar para estimular o investimento privado.

Não compartilho dessa visão e não creio que poderemos avançar seguindo a idéia do Estado mínimo e a idéia de que só o setor privado será capaz de resolver a questão do crescimento.

De outro lado, há uma posição que basicamente defende o continuísmo da política econômica. Considero que a política econômica do primeiro Governo foi vitoriosa e quero aqui render minhas homenagens ao ex-Ministro Palocci e ao Presidente do Banco Central Henrique Meirelles, que capitanearam esse período da história econômica. A política econômica foi vitoriosa. Foi vitoriosa porque, desde o Governo Médiçi, este é o primeiro Governo que assume o mandato sem ter crise cambial, sem ter ameaças no balanço de pagamento e sem ter o monitoramento do Fundo Monetário Internacional, que restringe a liberdade de ação e que foca toda a política econômica basicamente no pagamento da dívida.

Portanto, foi um grande êxito, por exemplo, a nossa política de comércio exterior. Quero aqui render as minhas homenagens ao Ministro Furlan e ao Ministro Celso Amorim – que conduziram a política externa sempre sob a orientação do Presidente Lula – porque nós conseguimos mais que dobrar as exportações. Hoje, temos reservas cambiais superiores a US\$75 bilhões, “pré-pagamos” a dívida com o FMI, reduzimos o estoque da dívida externa, especialmente da dívida externa pública, e o País tem uma condição que não teve ao longo de mais de 30 anos, que é um balanço de pagamento e contas externas resolvidas para pavimentar um caminho de crescimento sustentável.

E mais: conseguimos não apenas liberar a política econômica – exatamente por superarmos a vulnerabi-

lidade das contas externas e por não termos mais as restrições do Fundo Monetário Internacional – como avançamos na estabilidade econômica. Hoje temos uma inflação inferior a 4% e a cesta básica com um dos menores custos da sua história recente. Isto significou poder de compra para o trabalhador, comida na mesa do trabalhador. O salário mínimo tem o melhor valor dos últimos 20 anos. Mais de 82% dos trabalhadores tiveram um reajuste acima da inflação com um ganho real de salário. Conseguimos ampliar o crédito consignado e o financiamento ao consumo. Conseguimos um programa, o Bolsa-Família, que atinge 11,1 milhões famílias. Tudo isso reduziu a pobreza em 19% e melhorou a distribuição de renda, tarefa que, durante quatro décadas, não foi alterada, em todo aquele período de crescimento sem distribuição de renda ou de crise, onde as coisas se agravavam para a população mais pobre. Nós alteramos a distribuição de renda.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, sou contra o continuísmo da política econômica. A política econômica que tivemos nesse período foi uma política de transição, uma política que cumpriu o seu papel; foi uma política que estabilizou a economia. Isso ocorreu, basicamente, porque nós fizemos um superávit primário crescente, para reduzir o crescimento da dívida pública, e conseguimos estabilizar a dívida pública na relação com o Produto Interno Produto. Além disso, atacamos com a política externa numa nova orientação, explorando novos mercados como a América Latina os países da África e da Ásia. E vejo que, no segundo Governo, temos que explorar mais a União Européia, os Estados Unidos e o Japão porque, se é verdade que o nosso volume de exportação, a taxa de crescimento de exportação para Estados Unidos, Japão, União Européia e Canadá é a mesma do crescimento mundial nesses quatro anos e nós crescemos, basicamente, para as outras áreas do mundo, temos que olhar mais e continuar explorando os mercados e a relação sul-sul, como fizemos.

Essa política econômica não vai permitir o crescimento de 5% ao ano, que é a meta do segundo Governo. Não vai permitir. Não adianta continuarmos apenas aumentando o superávit primário, fazendo ajuste fiscal e buscando combinar essa política monetária com a política fiscal que aí está, porque não chegaremos ao crescimento de 5%.

Vejo, no entanto, duas alternativas desenvolvimentistas que debatem um novo caminho para a política econômica no Governo. Uma primeira posição, que eu chamaria de velho desenvolvimentismo, tem, basicamente, a seguinte expectativa: vamos explorar os espaços da política monetária, porque eles existem.

Quero aqui fazer um parêntese. Eu defendi a política econômica durante quatro anos, como Líder do Governo. Escrevi um livro para dizer que os resultados do Governo tinham um imenso alcance social, quando a maioria dos analistas da imprensa, uma parte importante dos veículos de comunicação e das lideranças deste País não enxergava a qualidade do Governo, não via as repercussões sociais e não imaginava que poderíamos vencer as eleições como vencemos.

Durante o Governo anterior, eu, por exemplo, critiquei quando o Conselho Monetário Nacional, Fazenda e Banco Central estabeleceram metas de inflação extremamente baixas, que exigiam uma carga de juros muito elevada, que levavam o Banco Central a uma posição conservadora de que não quer correr nenhum risco com a inflação, mas transfere o risco para o Tesouro Nacional e para o PIB, como aconteceu em alguns momentos do período anterior.

Tanto é verdade que eu tinha razão no debate sobre meta de inflação que eles tiveram de rever a meta ao longo de 2005, para uma meta mais realista, e hoje estamos com a inflação abaixo da meta.

Mas o que é o velho desenvolvimentismo? É imaginar que apenas baixando os juros vamos poder gastar mais, investir mais, vamos impulsionar o crescimento econômico, aumentar a oferta de bens. Portanto, a relação dívida pública/PIB vai melhorar pelo aumento do denominador, pelo crescimento do PIB, a inflação não voltará e, com o crescimento, vamos acomodar as pressões inflacionárias.

Acho, Senador Tião Viana, a quem em breve concederei a palavra, que o caminho do velho desenvolvimentismo pode, sim, levar ao crescimento, mas podemos ter uma bolha de crescimento. Podemos ter uma primeira expansão do PIB, estimulado pelo gasto, pelo investimento público, pela redução dos juros, mas assistiremos a uma pressão inflacionária, assistiremos, seguramente, a uma deterioração das finanças públicas, o que ainda é o maior obstáculo econômico ao crescimento acelerado sustentável, e o Governo poderá se ver, no momento seguinte, obrigado a fazer um ajuste fiscal ainda mais severo, comprometendo e abortando não só o crescimento, mas num momento político muito mais difícil, porque o melhor momento de todo governo é o seu início. Não acredito que esse seja o caminho mais promissor e vejo, às vezes, uma expectativa quase que de um certo romantismo econômico, como se fosse possível simplesmente baixar os juros, aumentar o investimento, continuar aumentando o gasto corrente e imaginar que não teremos pressão inflacionária e teremos um crescimento acelerado.

Eu advogo outro caminho. O caminho que proponho, seguramente, não é o caminho mais fácil, nem

para o Governo, nem para o Senado Federal, mas acho que é o mais sólido, o mais consistente, o mais sustentável, o mais promissor. O caminho que eu defendo para esse pacto do crescimento exigirá, sim, sacrifícios, especialmente do Estado brasileiro, mas trará resultados que serão extremamente compensatórios para as exigências e os sacrifícios que deveríamos fazer neste início de Governo.

O que defendo, Senador Tião? Defendo o que eu chamaria de um novo desenvolvimentismo, porque é verdade que o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek foi um grande momento da história econômica. Brasília, o parque automotivo, a estrutura de transportes rodoviário e ferroviário, a indústria naval, aquele grande salto na industrialização, a indústria automotiva, a eletroeletrônica, de bens de capital, os 50 anos 5, a herança que ficou foram essas realizações. Porém, por outro lado, houve uma grave crise financeira do setor público, um período de instabilidade inflacionária, o Governo João Goulart não conseguiu reverter o quadro de instabilidade, o Plano Trienal foi a última tentativa organizada – San Tiago Dantas e Celso Furtado – para estabilizar a economia, e o que tivemos depois foi o Paeg, a ditadura militar, a intervenção dos sindicatos, o arrocho salarial, a censura e uma política de estabilização com repressão, que veio a partir de 64.

Eu diria que um novo desenvolvimentismo exige, neste momento da história, o mesmo compromisso histórico com o investimento que tivemos nos grandes momentos da histórica econômica deste País. O foco da política econômica, da política orçamentária é o investimento, tem que ser o investimento, porque só o investimento, com as inovações científicas e tecnológicas, será capaz de impulsionar o crescimento sustentável do País.

Agora, como aumentar a taxa de investimento? Primeiro, cortando gastos de custeio, reduzindo os gastos correntes, contendo essa expansão dos gastos correntes, porque o investimento virou a variável de ajuste do Orçamento, uma variável de ajuste que hoje representa apenas 0,6% da taxa de investimento do País. Não há espaço para investimento no Orçamento. Temos que lutar por esse espaço no Orçamento. Por isso, não acho um bom caminho da Comissão de Orçamento tirar o redutor dos gastos correntes. É muito cômodo caminhar nessa direção, mas na hora em que tiramos o redutor, seguramente, vamos assistir a um Orçamento que vai comprometer ainda mais a capacidade de investimento. Não haverá crescimento acelerado sem investimento público. Portanto, temos que reduzir o gasto corrente. Como? Minha sugestão é que se crie um grupo de trabalho em cada um dos ministérios, não apenas para conter a expansão do

gasto corrente, cortar onde for possível as atividades-meio, enxugar o que for possível enxugar, mas também, e principalmente, aumentar a produtividade do gasto público, aumentar a qualidade do gasto público, para poder manter as políticas sociais e atendermos parte dessas demandas.

Dou um exemplo, Senador Tião Viana. No primeiro Governo Lula, foram criadas 43 expansões de ensino superior, novos **campus**, cinco universidades federais, seis mil professores universitários contratados, mais de 200 mil bolsas de estudo do ProUni. Acho que nós temos que expandir o ProUni, porque é muito barato: é, basicamente, compensação fiscal com vaga, e o custo marginal é muito pequeno.

Mas não dá para manter o ritmo de expansão do ensino superior que tivemos no primeiro Governo Lula. Qual é a solução para manter a expansão do ensino superior? Temos um professor para 16 alunos, em média, na universidade federal brasileira. Na UFRJ, um professor para 12 alunos. Na França, é um professor para 32 alunos. Se estabelecermos que a meta é, em quatro anos, atingir o parâmetro francês, vamos dobrar o número de alunos em sala de aula, vamos abrir curso universitário noturno nas universidades federais que não têm. E, aumentando a eficiência da universidade brasileira, não teremos o aumento do gasto corrente e poderemos, sim, atingir a meta de um professor para 32 alunos, dobrando o volume de alunos atendidos sem aumentar o gasto corrente. Estou dando esse exemplo porque ele serve para a saúde, para a educação, para todas as áreas do Governo. Aumentar a eficiência e a produtividade, mas não aumentar o gasto corrente.

Segundo, precisamos avançar na reforma da Previdência Social. Esse é um tema muito difícil socialmente e muito delicado politicamente, porque, em um país tão desigual como o nosso, a Previdência Social, especialmente o Regime Geral do INSS, é um instrumento de distribuição de renda, é um instrumento de combate à pobreza. Gastamos com o INSS, quer dizer, o orçamento da Previdência Social foi 7,5% do PIB em 2005, R\$146 bilhões, e, com o regime próprio, União, Estados e Municípios, 4,4% do PIB, R\$85,3 bilhões. No total, no sistema previdenciário – não podemos somar porque são coisas distintas, mas apenas para ter uma idéia integral –, gastamos 11,9% do PIB e, dependendo da Loas, vai a 12,5% do PIB este ano, R\$231,3 bilhões no ano passado, e só temos 8,8% da população com mais de 60 anos. Países que têm 25% da população com mais de 60 anos têm gastos próximos ou até inferiores ao Brasil. Se não enfrentarmos a questão da previdência social, inclusive a sustentabilidade, porque estamos na idade de ouro demográfica – no melhor

momento do sistema previdenciário – e não podemos ter um padrão de gasto como esse...

*(A Srª Presidente faz soar a campainha.)*

#### **O SR. ALOIZIO MERCADANTE (Bloco/PT – SP)**

– Peço só um tempo para concluir, Srª Presidente.

Se não enfrentarmos esse tema, não teremos capacidade de alavancar o investimento. Não podemos continuar com uma média de aposentadoria no País de 53 anos. A longevidade está aumentando a cada ano. A população cada vez vive mais. Infelizmente, não podemos seguir nesse caminho.

É evidente que temos de preservar os mais pobres, as políticas sociais, a Lei Orgânica, o Estatuto da Terceira Idade, programas essenciais ao combate à pobreza. Mas esse é um tema que deveria entrar na agenda. Eu não diria, aqui e agora, qual proposta. Mas temos de debater o equívoco, por exemplo, do reajuste de 16% das aposentadorias e pensões em um quadro que sabemos que não é sustentável.

Por isso, apelo para aprofundarmos o debate, Oposição e Governo, em torno de uma agenda, como aumentar a eficiência, como reduzir o gasto corrente, para se aumentar o investimento.

Na mesma linha, proponho que o Ipea – e sei que minha proposta foi muito bem recebida no Ipea –, junto com o Tribunal de Contas da União, seja uma agência de avaliação da qualidade da política pública, estabeleça indicadores de produtividade não só para a União, mas para os Estados e Municípios, para os critérios de repasse de recursos. Já existe isso em outros países. Agências avaliam a qualidade das políticas públicas, parâmetros de produtividade, de eficiência, de qualidade do gasto, para que possamos aprimorar a qualidade do gasto público.

Junto com a redução do gasto corrente, eu defendo que nós avancemos na reforma tributária. O ICMS, hoje, além da irracionalidade de 28 Códigos Tributários, estimula a importação e penaliza a exportação. Como está a Lei do ICMS. Ele estimula uma guerra fiscal que custa pelo menos R\$25 milhões ao ano. E nós temos, agora, a nota fiscal eletrônica a ser implantada, que vai permitir calibrar as alíquotas para o destino. Em dois ou três anos, nós temos a verdadeira dinâmica tributária do País, e podemos dar um salto de qualidade na reforma tributária. Vamos enfrentar o tema da reforma tributária e concluir esse capítulo para o qual o Senado tão bem contribuiu.

Da mesma forma, defendo novos mecanismos de financiamento da economia. A Eletrobrás já é uma *holding*, e devia ser uma *holding* ainda mais robusta, com todos os ativos energéticos do Estado brasileiro unificados, com uma gestão profissionalizada, para se



tornar uma Petrobras de energia, para alavancar capacidade de financiamento de energia, para poder suprir um dos gargalos de investimento, que é o constrangimento energético que se projeta para o futuro. Penso que devíamos discutir um fundo de financiamento que alocasse recursos do FGTS, que tem um patrimônio líquido de R\$22 bilhões, recursos do BNDES, Banco Mundial e do BID, a fim de alavancarmos o financiamento público e criar, com isso, mais capacidade de fortalecer a logística e a capacidade de investimento do Estado brasileiro.

Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, aproveitando a experiência do Plano de Metas, o Governo deveria construir um grupo de trabalho interministerial, ligado à Casa Civil, de alto nível, para acompanhar os projetos estruturantes.

Com relação à siderurgia do Ceará, o que falta para viabilizar? Vamos criar um grupo que trate prioritariamente dessa questão. A refinaria em Pernambuco, o pólo petroquímico do Rio de Janeiro, os investimentos da Norte-Sul ou da Transnordestina, na área ferroviária, ou o Ferroanel, na Grande São Paulo, os projetos na área de papel e celulose, bastante promissores, ou na siderurgia. E acompanhar, como nós fizemos no passado, com agilidade, de forma interministerial, a alavancagem do investimento privado. E aí têm razão aqueles que pedem que voltemos a discutir o marco regulatório, que voltemos a discutir o papel das agências reguladoras em termos da sua profissionalização, para criar um ambiente que estimule o investimento privado no Brasil.

Sr. Presidente, fiquei muito satisfeito hoje ao ver o nosso Ministro da Fazenda, Guido Mantega, falar em um plano fiscal e em desoneração dos investimentos. Nós desoneramos a cesta básica de forma, eu diria, até corajosa, no setor da construção civil, de material de construção, mas a prioridade da desoneração tem que ser o investimento. O investimento tem que ser o foco de esforço do Congresso e da sociedade.

O que eu proponho, portanto – para dar a palavra a todos –, não é seguramente o caminho mais cômodo ou mais fácil. Eu proponho uma agenda pesada de discussão, uma agenda de esforço, de criatividade, para reduzir gastos correntes, para aumentar o investimento público, para aumentar a produtividade e eficiência do gasto, para aprimorarmos a gestão das políticas públicas, o IPEA como um grande instrumento, com grupos de trabalho em todos os ministérios, da mesma forma que novas formas de financiamento do setor público. Vejo que este País tem todas as condições de voltar a crescer aceleradamente.

Se tivermos coragem política, não nos acomodarmos com as restrições e as dificuldades políticas

que se apresentam numa agenda como essa, seguramente colheremos frutos promissores, tanto na política monetária, reduzindo de forma sustentável os juros, que hoje consomem de mais de 8% do PIB, para alavancar o investimento público, cresceremos com estabilidade, contendo a inflação e de forma sustentável. O Brasil voltará a ser o que foi durante tanto tempo na história, um dos grandes motores do crescimento da economia mundial.

Ouçó o Senador Romero Jucá.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Senador Aloizio Mercadante, V. Ex<sup>a</sup> traz para o debate um tema que foi centro de discussão da própria eleição: crescimento econômico e o rumo da economia que o País precisa ter, e tema também da discussão não apenas dos partidos aliados do Presidente Lula no novo Governo que se começa a montar, mas também dos partidos de Oposição. Ouvimos discursos de diversos segmentos dos partidos de Oposição na mesma linha, que é a linha da busca do crescimento, da responsabilidade fiscal, enfim, de todas as questões que V. Ex<sup>a</sup> levantou. E V. Ex<sup>a</sup> levantou caminhos importantes. São importantes, nesses quatro anos, os ensinamentos, as medidas tomadas, os avanços feitos. Mas é claro que, nos próximos quatro anos, vamos ter que ousar mais, buscando o crescimento, a taxa de investimento, enfim, todos esses parâmetros que V. Ex<sup>a</sup> tão bem compara, inclusive com dados internacionais, a fim de mostrar que não adianta querer descobrir a pólvora de forma diferente do que é feito mundialmente. Não será possível, em meu aparte, permear todos os temas colocados aqui, mas, sem dúvida alguma, as reformas precisam ser construídas, e construídas com o apoio da Oposição. V. Ex<sup>a</sup> dá um exemplo. Eu conversava com o Senador Arthur Virgílio esta semana a respeito da busca de um novo caminho de construção dessas transformações, como, por exemplo, a votação que está ocorrendo na Câmara dos Deputados hoje, do reajuste de 16% para os aposentados, trazendo o mesmo reajuste do salário mínimo para a Previdência toda, o que inviabiliza a Previdência. Sei da situação da Previdência hoje, inclusive por ter passado pelo Ministério. Sabemos do desafio que se coloca para o futuro do País. E não é um desafio apenas para o Brasil; o modelo da Previdência é um desafio para o mundo todo. A reforma trabalhista também, e a reforma tributária, que aprovamos há três anos. Fui Relator, e V. Ex<sup>a</sup>, como líder do Governo, conduziu as negociações. Avançamos. Avançamos no IVA, no fim da guerra fiscal, na uniformização do ICMS; enfim, em vários mecanismos de simplificação tributária, preparando o País para uma carga tributária menor e mais justa, que evite o planejamento tributário feito hoje. O País possui 27 legislações diferentes de

ICMS. É claro que as grandes empresas, com bons advogados, economistas e planejamento tributário, não pagam impostos; quem paga são as pequenas e médias empresas. Esta semana, demos um passo importante nessa simplificação, aprovando a Lei Geral das Microempresas. Naquele debate, fiz um apelo para que a Câmara dos Deputados vote a reforma tributária, que se encontra naquela Casa há três anos, para avançarmos, pois a reforma tributária é o embrião, contém os pressupostos das outras mudanças que vamos ter de realizar. O corte de gastos é algo que terá de ser feito, V. Ex<sup>a</sup> tem razão.

Quanto à questão da energia, concordo com a visão de que se tem de juntar competências e recursos de investimento, para se ter realmente uma proposta em que a energia não se torne um gargalo. Vou falar nisso, daqui a pouco, no que diz respeito à Amazônia, porque estou inscrito, como Líder. Mas quero parabenizá-lo e dizer-lhe que, sem dúvida nenhuma, esse é o debate, entre os setores do Governo e Oposição, que tem que ser feito no início do próximo Governo. É fundamental que todos nós deixemos o processo eleitoral, já findo – e o Presidente Lula foi eleito com uma margem consagrada de votos –, para que possamos construir este País e ele avance. Daqui a quatro anos haverá outra eleição, e assim sucessivamente. Então, o processo agora não é mais eleitoral, mas de viabilização deste País no que diz respeito ao crescimento, à geração de empregos e enfrentamento de desafios. E V. Ex<sup>a</sup> expõe muito bem tudo isso, direcionando, inclusive, caminhos técnicos e temas a serem debatidos com consistência, como deve ser. Então, eu parabenizo V. Ex<sup>a</sup> pelas considerações que faz.

**O SR. ALOIZIO MERCADANTE** (Bloco/PT – SP)

– Senador Romero Jucá, penso que no período daqui até a posse, inclusive da renovação da legislatura, o Governo não pode discutir apenas a formação do seu ministério. O Governo precisa exatamente construir essa agenda mínima, essa agenda de convergência do País, sobretudo para o Poder Legislativo.

Hoje, vi, com muita satisfação, uma afirmação do Senador Arthur Virgílio, propondo um debate mais profundo sobre a questão, por exemplo, do Bolsa-Família, e compartilho dessa idéia. Penso que deveríamos discutir o aperfeiçoamento das condicionalidades na área da educação; deveríamos discutir a porta de saída da inclusão produtiva do Bolsa-Família antes de tomarmos uma medida apressada, qualquer que seja ela. Deveríamos criar uma subcomissão para discutir o Bolsa-Família; criar uma comissão para retomar a discussão da reforma tributária.

Ontem, ouvi o Governador Aécio Neves dizer da disposição de Minas de caminhar na unificação do

ICMs, que é basicamente um problema entre o pacto federativo, mas não tivemos essa disposição dos Governadores durante esse período. Portanto, vamos retomar a unificação do ICMs como o grande instrumento da reforma tributária.

Sr. Presidente, para concluir, nessa questão da reforma previdenciária, penso que devemos fazer um diagnóstico mais aprofundado, fazendo uma comparação do nosso modelo com o de outros países.

Como se manter essa responsabilidade social do sistema previdenciário com racionalidade econômica, de forma a permitir a geração de emprego no País? Os grandes penalizados por essas distorções do gasto público são os nossos jovens, que não têm expectativa de emprego: 85% dos jovens presos são semi-analfabetos, não têm seis anos de escolaridade. Pobres! Essa é a violência que está posta.

Quer dizer, a oportunidade de emprego depende de investimento, de crescimento. Essa é a grande questão do Brasil, neste momento. Se crescermos, vamos ter mais recursos para todas as políticas sociais. Mas, neste momento, há que se cortar custeio e aumentar investimento, repensar as formas de financiamento, aumentar a produtividade e eficiência e não expandir o gasto corrente. Não cresceremos se não priorizarmos o aumento da taxa de investimento do País.

Senador Marcelo Crivella.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – V. Ex<sup>a</sup> tem toda a razão quando diz que precisamos crescer, mas há de convir que, nestes últimos quatro anos, tem sido feito um esforço enorme para se encontrar desperdícios na administração pública. Penso que, mesmo se tivermos, hoje, nos ministérios do Governo, equipes, tribunais de contas e outros organismos que foram criados, fiscalizando os gastos públicos, vamos encontrar muito pouco para cortar. V. Ex<sup>a</sup> há de convir que nossos hospitais, nossas escolas, nossas estradas, enfim, o serviço público que estamos prestando neste País é deficitário, é ruim, é mal. V. Ex<sup>a</sup> não contempla a hipótese de, diminuindo os juros, termos a necessidade de diminuir também o superávit primário, este, sim, o recurso que nós tiramos da sociedade. Senador Mercadante, eu não me preocupo muito quando a conta de juros é alta, porque ela é contábil. Qualquer pessoa hoje que vai comprar uma empresa tira do banco, por exemplo, R\$100 milhões, que estavam aplicados a juros. O sujeito que recebe esse dinheiro vai voltar com ele para o mercado financeiro. Então ele tem outra coisa a fazer: vai aplicar a juros de 13%, 14%, 15%, 16%. No fundo, o recurso é contábil, mas o superávit primário não. Esses são recursos que nós tiramos do pagamento de impostos, sobretudo de pobres, de impostos indiretos, e não devolvemos a eles em forma

de serviços. Quando V. Ex<sup>a</sup> indica o caminho do corte de custeio, penso que vamos piorar os serviços públicos neste País. E quem precisa de serviços públicos são os pobres, pois as pessoas ricas têm escolas privadas, têm planos de saúde e acabam se virando. O Presidente Lula deu, esta semana, uma entrevista em que dizia que, ao invés de procurarmos onde cortar, nós deveríamos procurar como crescer. Os governos estaduais também estão hoje numa situação aflitiva, porque, se não renegociarem a dívida pública, todos eles assumem com déficits tremendos. Mal vão poder pagar a folha de pagamento. Acho que V. Ex<sup>a</sup> tem toda a razão quando propõe um debate profundo. Mas é preciso encontrar novas fórmulas. Mais sacrifícios de parte daqueles que dependem do serviço público poderá levar nosso País não ao crescimento, mas a um índice de violência maior ainda. V. Ex<sup>a</sup> é de um Estado que viveu, nesses últimos tempos, momentos dramáticos. Eu já tenho vivido isso cotidianamente desde que assumi o mandato de Senador. Agora mesmo, em Nova Iguaçu, estamos com um ônibus seqüestrado, cercado pela polícia, e dentro do ônibus mais uns tantos desempregados. Por isso, eu peço a V. Ex<sup>a</sup> que reflita também sobre esse aspecto. Concordo com V. Ex<sup>a</sup> em que, sem crescimento, não há solução para este País. Baixamos a taxa de juros em 10%, pois, quando assumimos o Governo era 26% e, hoje, estamos com ela em torno de 13%, 14%. Não fizemos crescer o País baixando a taxa de juros. V. Ex<sup>a</sup> tem razão quando diz que precisamos fazer investimento público. Nos Estados Unidos, de onde voltei há quinze dias, eu vi na televisão a campanha de Arnold Schwarzenegger, na Califórnia, cuja propaganda era: "Gastei US\$10 bilhões reformando escola pública". Ganhou. Acabou de ser eleito novamente. Os Estados Unidos têm um gasto público deficitário imenso, que já vem desde a época do *New Deal*, e uma política de pleno emprego que surpreende o mundo. Agora estão fazendo o muro, porque o mercado atrai milhares e milhares de pessoas do mundo inteiro, brasileiros, mexicanos etc, porque há emprego. O muro está sendo construído porque o mercado chama pessoas, e eles querem escolher. Normalmente, todos os anos, mesmo na época do 11 de setembro, eles importam um milhão de trabalhadores por ano, legalmente, e entram tantos outros ilegalmente, mas eles agora querem... Eu sei que V. Ex<sup>a</sup> foi Líder, e brilhante Líder do Governo – eu tive a honra de ser seu Vice-Líder – e conhece a economia do nosso País profundamente. Mas, se nós partirmos para mais sacrifício, sobretudo daqueles que dependem do serviço público – e acho que se V. Ex<sup>a</sup> for procurar o que cortar vai encontrar muito pouco, em questões macroeconômicas, será muito pouco para gerarmos

emprego e o crescimento que precisamos gerar –, V. Ex<sup>a</sup> talvez encontre esses recursos nesse tal superávit primário, que este ano são R\$90 bilhões, e que seguramente poderá ser menor com a taxa de juros a 4%, 5%. Muito obrigado pelo aparte.

**O SR. ALOIZIO MERCADANTE** (Bloco/PT – SP)

– Agradeço, Senador Crivella, o seu aparte. V. Ex<sup>a</sup>, mais uma vez, expressa o profundo compromisso social que tem com o nosso povo. Compartilho da idéia de que uma das grandes marcas deste Governo não pode ser perdida – e seguramente não será, pois o Presidente Lula jamais permitiria – que é a defesa dos desprotegidos, o compromisso com os mais pobres, ou seja, a inversão do gasto público para políticas de inclusão social. E isso não vai ser mudado.

Mas há espaço para o aumento da eficiência do gasto público. E eu dei um exemplo de que não são os mais pobres que vão pagar. Na verdade, precisamos aumentar a qualidade dos serviços.

Temos um professor universitário para dezesseis alunos em sala de aula, em média. Na França, há um professor universitário para trinta e dois alunos, em média. Por que a universidade brasileira não pode ter o padrão francês como referência a ser construída em quatro anos?

Se avançarmos nessa perspectiva – ou próximo dessa perspectiva –, vamos dobrar o número de alunos nas universidades públicas federais, sem aumentar o custeio, porque a infra-estrutura está lá, a sala de aula está lá, os professores estão lá. O custo de ampliação das vagas é muito pequeno. Há uma capacidade ociosa. Por exemplo, nas universidades praticamente não há curso noturno, que é o horário em que os pobres podem estudar, para poderem trabalhar. Por que não abrir essa discussão com a universidade?

Assim como estou falando da universidade, pode ter certeza de que, se pararmos para montar um grupo para aumentar a eficiência do Senado Federal e diminuir desperdício de gasto público aqui dentro, vai sobrar dinheiro para investimento. Eu lhe garanto e me proponho, inclusive, a participar desse grupo.

Há muito desperdício e os recursos poderiam exatamente ajudar o investimento, especialmente em infra-estrutura. Então, esse é o desafio.

Vamos modificar o Ipea para uma agência de análise da qualidade do gasto público, a fim de tirarmos indicadores, parâmetros e, assim, exigir esse salto de qualidade. E mesmo do ponto de vista do funcionalismo, temos que construir uma gestão mais moderna, a meritocracia no Estado brasileiro, em que as pessoas recebam também pelo desempenho e pelas metas alcançadas, como já é em outros Estados

que estão rediscutindo essa questão do estímulo e do apoio ao trabalho.

Agora, por que não podemos reduzir o superávit primário neste momento? Porque, apesar do superávit de 4,25%, temos um déficit nominal de 3% do PIB. Isso significa que 3% do PIB ao ano é a pressão de crescimento da dívida pública. Se continuarmos a reduzir a taxa de juros sem trazer a inflação de volta, e para isso precisamos do superávit primário, poderemos no futuro reduzir não apenas o superávit, mas a carga tributária e darmos um grande estímulo ao crescimento de maneira mais forte. Mas, neste momento, o superávit primário é indispensável porque o País tem déficit nominal. Se se reduz o superávit primário e não se reduz o gasto, aumenta-se o investimento, aumenta-se o déficit. Se se aumenta o déficit, tem que se tomar mais dinheiro no mercado e aumentar a taxa de juros. Esse é o problema principal. Por isso que o superávit foi fundamental, para permitir que a taxa de juros, que era de 27,5%, viesse para 13,75% e continue numa trajetória de queda. É a menor taxa de juros nominal dos últimos 30 anos; mas ainda é uma taxa muito alta. Então, tem espaço? Tem. Mas o superávit primário é que sustenta essa trajetória de queda. Temos que ter na relação dívida pública/PIB uma trajetória de queda. Aumentando o PIB, vamos melhorar essa relação. E para aumentar o PIB é preciso investimento. Precisamos de investimento privado, sobretudo, mas também de investimento público. E a pauta que precisaríamos discutir é como aumentar a eficiência do gasto público, como preservar as políticas sociais de qualidade, e, ao mesmo tempo, alavancar o investimento público deste País.

É preciso determinação, é preciso despojamento, é preciso ousadia, é preciso criatividade. Neste Senado, nós somos capazes de avançar nessa direção e eu espero que restabeleçamos aquele clima de formulação, de embate, de idéias, de discussão, de propostas que tivemos no início desta Legislatura e que foi tão fundamental ao País e seguramente o será porque, tenho certeza, vai prevalecer.

Muito obrigado a todos e obrigado pela tolerância, Sr<sup>a</sup> Presidente.

*Durante o discurso do Sr. Aloizio Mercadante, a Sra. Serys Silhessarenko, Suplente de Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pela Sra. Lúcia Vânia.*

**A SRA. PRESIDENTE** (Lúcia Vânia. PSDB-GO) – Concedo a palavra, como Líder, ao Senador Romero Jucá.

S. Ex<sup>a</sup> dispõe de cinco minutos.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup>. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, eu vou ser rápido. Quero apenas dizer que, entre as observações feitas pelo Senador Aloizio Mercadante, eu quero concordar também com a proposta que S. Ex<sup>a</sup> faz para o Ipea porque é preciso realmente medir a atuação, a forma e os resultados do setor público e das políticas públicas deste País, e o Ipea, uma instituição tão importante para o Brasil, está preparado, tem técnicos e experiência técnica para fazer esse trabalho.

Rapidamente, ainda na linha do desenvolvimento, quero trazer essa discussão para a Amazônia – para a Amazônia Legal, para a Amazônia Ocidental e para o meu Estado de Roraima. No novo mandato do Presidente Lula, nós iremos aprofundar a política de desenvolvimento da Amazônia. Neste novo mandato, nós temos alguns desafios para enfrentar – e o Presidente tem falado disto, quer atuar de forma ainda mais forte e mais consistente em toda a Amazônia. Para isso, alguns passos já foram dados.

Discute-se a criação da nova Sudam, junto com a nova Sudene; discute-se o modelo da Suframa. O Presidente Lula ampliou as ações da Suframa como instrumento importante de desenvolvimento da Amazônia Ocidental. Agora precisamos discutir e ir além. Se o Brasil precisa ir além, mais ainda a Amazônia. Temos que ocupar efetivamente a Amazônia com um projeto de País, com um projeto de desenvolvimento sustentado que garanta a sobrevivência com dignidade das nossas populações. Defendemos uma série de movimentos que passam pela nova Sudam, pela reformulação da nova Suframa, inclusive com um segundo ciclo de atuação da Suframa para que os Estados outros da Amazônia Ocidental possam, efetivamente, também dispor de indústrias complementares às indústrias que hoje atuam na Suframa, exatamente para o ciclo industrial não ficar restrito à Zona Franca de Manaus. É importante que Roraima possa ter suas indústrias, é importante que o Acre possa ter suas indústrias, é importante que Rondônia possa ter suas indústrias, é importante que o Amapá possa ter suas indústrias, enfim, é importante que o Estado do Tocantins possa ter suas indústrias. É importante que cada Estado do Norte, que o Estado do Pará possa ter efetivamente a sua participação no processo de industrialização construído para a Amazônia, que está dando um resultado tão importante como o da Zona Franca de Manaus.

Precisamos também discutir a utilização da floresta. O Presidente Lula propôs a nova lei de florestas, que discute o manejo sustentado, a ser implementado de forma responsável; a Ministra Marina Silva tem de-

fendido uma política efetiva de preservação. A política do Governo tem sido atuar no sentido de diminuir o desmatamento da região Amazônica. Isso foi conseguido este ano, mas ainda há muito por fazer.

A Amazônia não pode ser desmatada, devastada; a floresta precisa ser utilizada com racionalidade, com inteligência e, mais do que isso, em prol da melhoria da qualidade de vida da população da própria região. Então defendemos esse manejo sustentado, as florestas nacionais, as florestas estaduais, o tipo de discussão que precisa ser feito com diversos segmentos para que se possa evitar o que acontece na prática. O que acontece na prática hoje é a falta de regulamentação e a falta de opção levando à derrubada indistinta, à compra a preços vis da madeira, ao contrabando da madeira.

Para isso, tenho um projeto que já tramita nesta Casa para se tratar a madeira da Amazônia na própria Amazônia. Não tem por que se exportar a tora, exportar a madeira bruta se podemos, na verdade, auferir o resultado da transformação e, portanto, tirar menos madeira e ter mais resultado econômico. Então temos uma série de debates a serem feitos.

A questão energética, as usinas hidrelétricas que devem ser construídas na Amazônia ainda dependem de parecer ambiental; o gasoduto do Amazonas, o gasoduto de Rondônia, o gasoduto que está sendo discutido com a Venezuela, com o Brasil e com a Argentina passa pela Amazônia, essa é uma questão vital para nós.

As áreas de livre comércio. Em 1989, quando fui Governador do território, propus duas áreas de livre comércio para Roraima. Pacaraima, na fronteira com a Venezuela, e Bonfim, na fronteira com a Guiana. De lá para cá, essas áreas não foram implementadas. Foi implementada a área de livre comércio de Guajará-Mirim, em Rondônia, de Macapá e Santana, no Amapá, mas não tiveram o seu pleno funcionamento exatamente por conta de uma série de entraves burocráticos de modelo econômico.

É importante rediscutir essas áreas de livre comércio, é importante termos saída e opções de exportação. A Amazônia está mostrando, com a Zona Franca de Manaus, o seu potencial de exportação. Portanto, precisamos discutir esse modelo não só para o Estado do Amazonas, mas também para os outros Estados do Brasil.

Há um plano de desenvolvimento integrado para toda a BR-174, permeando os Municípios ao longo do Amazonas e do Estado de Roraima. Temos discutido a questão mineral, e aqui quero esclarecer que não há nenhuma intenção do Governo de liberar qualquer tipo de alvará em área indígena. Essa informação cir-

culou, e é importante que se deixe claro que mantive contato com o DNPM quando fui Presidente da Funai. Cancelamos todos os pedidos de alvarás em terras indígenas. A Constituição proíbe a mineração em terra indígena, a não ser depois da regulamentação do artigo constitucional que deverá ser regulamentado pelo Congresso – projeto meu que já foi aprovado no Senado está na Câmara dos Deputados. Então, não há nenhuma intenção do Governo de liberar mineração em área indígena por enquanto, de fazer qualquer tipo de licitação, enfim, de fazer qualquer procedimento que fira a legislação e que quebre essa discussão do modelo de busca do desenvolvimento auto-sustentável com respeito ao meio ambiente e às populações indígenas.

Temos também um desafio, Sr<sup>a</sup> Presidente, que é a regularização fundiária da Amazônia – e aí englobo meu Estado de Roraima porque estamos tomando as providências necessárias –, mas, mais do que isso, toda a região Amazônica, principalmente as áreas de conflito do Pará.

Aprovamos no Congresso, no final do ano passado, uma legislação que ampliou a possibilidade de regularização fundiária direta, feita pelo Incra, de propriedades com até 500 hectares. Isso está possibilitando e vai possibilitar a regularização de mais de 95% das propriedades da Amazônia e vai poder, efetivamente, acabar com a grilagem e vai poder efetivamente acabar com a grilagem, com as ações absurdas praticadas em determinadas regiões da Amazônia, com a ocupação deslavada e, portanto, com a depredação ambiental também seguindo esses caminhos.

Eu gostaria de registrar a nossa intenção, o nosso compromisso de buscar esse plano de desenvolvimento para a Amazônia, de procurar marcar o segundo mandato do Presidente Lula com uma ação ainda mais forte, ainda mais contundente, decisiva, determinante para que possa a região amazônica brasileira não só inserir-se geograficamente no Brasil, mas também inserir-se no processo de desenvolvimento, no processo de crescimento econômico, no processo de contribuição com o engrandecimento do País na forma como todos nós que somos da Amazônia desejamos.

Eu agradeço a oportunidade de fazer essas observações.

Voltarei ao tema em outra oportunidade para não ferir o horário dos Senadores que estão inscritos.

Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE** (Lúcia Vânia. PSDB – GO) – Concedo a palavra ao Senador Mozarildo Cavalcanti.

S. Ex<sup>a</sup> dispõe de 20 minutos.

Em seguida, deverá falar o Senador Marcelo Crivella, como Líder, e posteriormente, o Senador Arthur Virgílio.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PTB – RR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, hoje quero abordar um tema ligado à minha formação como médico.

Eu assisti, no sábado passado, a uma matéria na TV Globo sobre o número de médicos no País, na qual se falou, principalmente, da má distribuição dos médicos no Brasil. Há concentração desses profissionais nos grandes centros e ausência deles em alguns Municípios até dos grandes Estados. Em se tratando de Nordeste e Norte, a situação é ainda muito mais calamitosa.

Quando assumi meu mandato, em 1999, apresentei um projeto que objetivava criar um estímulo para que a pessoa formada na área de saúde, não apenas o médico, só pudesse inscrever-se nos respectivos conselhos após passar um ano – apenas um ano – fazendo uma espécie de estágio remunerado nos Municípios onde não estivesse contemplada a correlação de um profissional para mil habitantes, como recomendado pela Organização Mundial da Saúde.

O projeto, lamentavelmente, não prosperou porque – e tenho que declarar isso – a própria categoria médica entende que isso é uma espécie de inconstitucionalidade, pois estaríamos obrigando alguém a exercer uma profissão onde, teoricamente, não quisesse. Não entendo assim, porque isso seria até um estímulo para que o aluno formado, por exemplo, em um grande centro como São Paulo, fizesse uma pós-graduação em outro canto do Brasil, passando um ano, por exemplo, em Rio Branco, no Acre, ou em Boa Vista, no meu Estado de Roraima, ou mesmo em um Município paulista carente. No fundo, o objetivo seria propiciar a esses Municípios a presença do profissional de saúde, incluído o médico, para que a população tivesse essa oportunidade.

Talvez, após ficar um ano naquele Município, o profissional decidisse ficar lá. Lembro-me do exemplo do Projeto Rondon no meu Estado. Muitos alunos da Universidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, foram fazer extensão universitária em Roraima e ficaram lá. Há inúmeros casos, tanto de médicos como de bioquímicos e odontólogos. Foi realmente um projeto que deu certo nesse particular.

O projeto a que me referi recebeu parecer contrário.

Outro projeto de minha autoria considera como residência médica o período de um ou dois anos que o aluno recém-formado ficasse em um desses Municí-

pios, sob supervisão, evidentemente, de médicos que lá existissem. Nenhum dos projetos caminha.

Faço uma crítica construtiva ao Conselho Federal de Medicina e à Associação Médica Brasileira, que realmente precisam debater essa questão. É inadmissível que o Brasil tenha mais médicos que, teoricamente, o necessário. Este País tem mais médicos que o recomendado pela Organização Mundial de Saúde. No entanto, esses médicos – repito –, até pelas condições de trabalho, remuneração, oportunidade de aperfeiçoamento e acompanhamento dos avanços da Medicina, preferem ficar nos grandes centros, mesmo ganhando menos.

O ex-Ministro da Saúde José Serra, copiando, mais ou menos, essa idéia, fez um projeto estabelecendo que quanto mais distante ficasse o Município, maior seria o salário pago ao profissional. Então, por exemplo, um médico que, dentro desse programa, fosse servir no Acre, em Roraima, ou em Rondônia ganharia em torno de R\$7 mil, mas, mesmo assim, as vagas não foram preenchidas. Por quê? Eu me formei em Belém, voltei para Roraima, de onde eu sou natural, e tentei, depois, como Secretário de Saúde, levar colegas meus de turma para lá, mas eles diziam claramente que preferiam ganhar menos no asfalto a ganhar mais no mato. É preciso mudar essa realidade. Fala-se, por exemplo, em políticas para atender aos Estados que têm, digamos, mais necessidade, que são mais carentes, mas, na prática, essas coisas não são efetivadas. Temos de mudar alguma coisa. E precisamos debater e encontrar um caminho.

Essa obrigatoriedade não seria uma coisa absurda. Outros países, como a Austrália, já fizeram isso e deu certo.

Outras pessoas defendem que o profissional da saúde em vez de prestar o serviço militar obrigatório, preste – há vários títulos, mas seria o quê? – um serviço civil que equivaleria ao período do serviço militar obrigatório. Com isso, ele teria também o atestado, digamos assim, de reservista como se ele tivesse servido às Forças Armadas.

Nós temos de encontrar alternativas.

Eu me entusiasmei muito ao ver uma televisão, como a Globo, abordar esse tema e com muita propriedade.

Sr<sup>a</sup> Presidente, pode ser que as autoridades, assim como as entidades da área de saúde – não só dos médicos – entendam que não é possível continuar essa concentração nos grandes centros. Há concentração de tudo: concentração do saber, concentração da excelência no serviço médico, concentração do poder político, concentração do poder econômico. Devemos começar exatamente por aquilo que enten-

do ser o mais importante, considerando-se o aspecto social que é justamente a saúde. É evidente que antes mesmo de cuidar da saúde – eu sempre digo isso – é preciso educar, porque se não educamos a pessoa sequer tem consciência de que precisa tomar certas medidas para ter saúde. Se não houver a presença de um profissional de saúde, principalmente o médico, pelo menos na correlação recomendada pela Organização Mundial da Saúde, a nossa Pátria será sempre um País desigual.

Vejo, por exemplo, em meu Estado, como em muitos outros deste Brasil, que a questão do tratamento fora de domicílio é alarmante. Não se tem, na maioria dos Estados, condições de tratar determinadas enfermidades. Então se sobrecarregam, por exemplo, centros como Brasília, São Paulo e Rio. Isso traz desequilíbrio na prestação adequada de serviços. Aí, vamos entrar na análise, por exemplo, do atendimento pelo SUS, que, na teoria, é um modelo muito bom, mas na prática é ineficiente para a população. Talvez a raiz de tudo isso esteja justamente na má distribuição dos médicos, na má remuneração dos serviços médicos. Porque o que se paga, por exemplo, a um médico numa consulta no SUS é realmente um absurdo. O médico, então, tem que fazer número de atendimentos para poder ter “x” de recursos.

Precisamos discutir muito esse tema. Espero que V. Ex<sup>a</sup>, que é Presidente da Comissão de Assuntos Sociais, possa colocar esse assunto em debate. Necessitamos encontrar um caminho para equilibrar essa questão.

Repito: não são somente os Estados do Norte ou do Nordeste têm esse problema; tenho certeza de que o Centro-Oeste também. Em São Paulo, por exemplo, participei de um debate com alunos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal, e os alunos eram completamente contra a idéia. Por quê? Porque ele achavam que era só porque a coisa era obrigatória. Mas se, de outra forma, não estamos conseguindo atingir o objetivo, temos que pensar nisso.

Se alguém estuda numa universidade pública – paga, portanto, pelo povo – e depois não pode dar um ano sequer da sua vida profissional para as comunidades mais carentes, é impensável que esse profissional da saúde tenha a profissão também como um sacerdócio.

Ouçó, com muito prazer, o Senador Mão Santa, que, como médico e ex-Governador, conhece muito bem esse problema.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Moza-rildo, também caberia aqui o debate qualificado, porque o Presidente da República, em campanha, dizia que a saúde atinge a perfeição. Não! Ela está bem

pior. Vou completar 40 anos de médico agora e quero dizer que está bem pior. Então, a minha geração de cirurgião-geral já quase não existe. Encontro com eles e nenhum mais opera. Senadora Lúcia Vânia, fazer um parto, fazer uma cirurgia de próstata é complicado. Fiz centenas! É trabalhoso: tem o pré, tem o pós, a idade avançada. É R\$100,00. Por um parto, pagam R\$100,00. Mas atentai bem, um parto leva um ano: tem o pré-natal, tem depois as complicações do puerpério. Uma consulta médica está R\$2,50. Então, você teria que dar quanto para subsistir? Então, o que houve, na realidade, é uma falácia. Teoricamente é bom, mas ficaram defasados. No meu tempo, trabalhei em Santa Casa, existia até aquele Funrural, que a gente abdicava, ia direto para o hospital. Para o hospital ter um padrão bom, nós não cobrávamos. Tinha uma renda fixa. O Funrural foi um avanço, um avanço no regime ditatorial. Então, nós abdicávamos. E essas Santas Casas quase todas funcionavam assim: ganhavam um valor “x” e era direto para o hospital, e os médicos abdicavam para melhorar o padrão, porque por lá eles podiam ganhar nas tabelas do INPS, que eram boas, que eram satisfatórias. O que há no Brasil é o seguinte – temos que entender. Ninguém entende mais do que eu, porque convivi com o médico que criou o Programa de Saúde de Família. Vi o primeiro livro, ele me mostrou quando eu era Governador do Piauí, no único hospital de Havana. Era impresso, mimeografado, tal a pobreza. Mas esse padrão trouxe um benefício: é direto com as prefeituras. Então, médicos de alta resolutividade, por necessidade, estão se encaminhando a atender o PSF. Esse PSF já existiu, por exemplo, na Inglaterra. E se constatou que acabou com a especialização, porque o PSF convoca médico geral, o antigo clínico geral, os pediatras. A pediatria caiu na Inglaterra. O que está havendo é que chegou o caos. A única coisa séria que tem hoje na estrutura é o médico residente sobrecarregado, porque era sério, eram instituições sérias. Fiz residência, há quarenta anos, no HSE. Era como uma religião a gente ser médico residente. O professor catedrático era um pai, o outro era um irmão, era um companheiro, tinha a responsabilidade do aprendizado. Então, esses médicos residentes que estavam sustentando as unidades hospitalares que têm resolutividade estão em pânico, porque não têm compromisso. Eles se entregavam não pelo retorno salarial, porque eles têm uma carga de trabalho enorme, mas pelo compromisso do saber, da qualificação. E hoje os hospitais não têm mais isso. Todos os hospitais estão decadentes. O SUS é uma ilusão, não existe. Tenho testemunho de colegas meus urologistas: “Não, não opero mais, passei para o PSF”. Por quê? “É mais tranqüilo e tem um ganho correto”.

Então, está acabando a resolutividade. Esses que estão na fila... São uns exames especializados que vão marcar para 2008, para 2007. A melhora da saúde é na mídia, que garantiu essa fantasiosa vitória do PT. A saúde está em caos e redundante, hoje, numa greve muito forte, que é a do médico residente, único, vamos dizer, que consolidava uma Medicina séria, científica e, vamos dizer, de dedicação ao saber. Só pode servir bem dando uma formação profissional.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI (PTB – RR)**

– Agradeço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Mão Santa.

O tema que V. Ex<sup>a</sup> abordou no seu pronunciamento, o qual acompanhei a caminho do Senado, que é a greve dos médicos residentes, é mais um ponto que mostra que realmente o ensino médico precisa ser reformulado e desconcentrado dos grandes centros.

Quando criamos a Universidade Federal de Roraima, projeto de minha autoria, começamos a trabalhar em seguida na instalação de um curso de Medicina. Fizemos um trabalho difícil perante o Conselho Nacional de Saúde, porque havia a pregação de que não se podia mais criar cursos de Medicina no Brasil. Ora, porque há muito curso de Medicina em São Paulo ou porque há muito curso de Medicina no Rio de Janeiro ou em Minas, o Norte, o Nordeste e o Centro-Oeste vão pagar o pato? Não se cria mais curso de Medicina? Se há muito em São Paulo, vamos, então, deslocar alguns para lugares onde há necessidade realmente de ter esses cursos.

Hoje, Roraima já formou várias turmas. O pessoal que se forma lá tem tido êxito nos concursos que presta para residência, para pós-graduação. E, lá no Acre, agora começou o curso de Medicina também. Mas antes, na Amazônia toda, só tínhamos curso em Belém, onde me formei, e, muitos anos depois, em Manaus. Então, era só em Belém e em Manaus. Veja como a própria distribuição da formação do médico está concentrada em dois ou três Estados!

Precisamos rediscutir a formação do profissional e a distribuição do profissional. Se não houver uma medida que não só obrigue o profissional a ir, mas também o remunerar de maneira razoável, como é o caso do projeto Saúde na Família, não há como realmente pensar que nós vamos melhorar a saúde. Se os profissionais, incluindo aí o médico, o enfermeiro, o odontólogo, o bioquímico, não tiverem essa condição, não há realmente como pensar que a questão da saúde vai melhorar.

Nós estivemos, no dia de hoje, vendo nos jornais o quê? Que o Incor, um centro de referência nacional, está passando por uma dificuldade financeira horrível. Independentemente do fato de se analisar se isso foi uma questão de gestão ou não, o certo é que 80%

dos atendimentos do Incor são pagos pelo SUS e só 20% por convênios e atendimentos particulares. Esses 20%, na verdade, mantêm a estrutura – equipamentos e profissionais de qualidade – que há no Incor. Ora, se um centro como esse, que é uma referência nacional, está passando por essa dificuldade, imagine, Senador Mão Santa, como estão as outras instituições de prestação de serviços da saúde no Brasil!

Portanto, gostaria de deixar isso aqui registrado – por coincidência está na Presidência desta sessão a Presidente da Comissão de Assuntos Sociais –, para que nós possamos efetivamente discutir esse tema. Eu tenho esses dois projetos e sei que há outros tramitando. Quem sabe podemos encontrar, junto com o Conselho Federal de Medicina e com a Associação Médica Brasileira, um caminho para sair desta mesmice, pois até mesmo quem se forma, por exemplo, em Manaus e Belém termina indo para São Paulo. Faz residência e fica lá. Não volta sequer para seu Estado de origem.

É preciso, efetivamente, que o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação repensem essa questão e que nós aqui também discutamos, pois o Poder Legislativo não pode ficar a reboque das decisões do Poder Executivo. Mas que discutamos, até de maneira conjunta, uma saída para que todo brasileiro, efetivamente, como manda a Constituição, tenha direito à assistência médica, à saúde e o Estado cumpra o seu dever, como está na Constituição, de propiciar esse tipo de atendimento.

Esta questão é, com certeza, fundamental: a presença do profissional em todos os Municípios do Brasil.

Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE (Lúcia Vânia. PSDB – GO)**

– Concedo a palavra ao Senador Marcelo Crivella, que falará como Líder, por cinco minutos.

**O SR. MARCELO CRIVELLA (Bloco/PRB – RJ)**

Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, ou, se a senhora preferir, Sr<sup>a</sup> Presidenta, Srs. Senadores, Srs. telespectadores da TV Senado, Srs. ouvintes da Rádio Senado que nos assistem nessa manhã, nós, brasileiros, estamos preocupados com o índice alarmante de violência em nosso País. E recebi, Sr<sup>a</sup> Presidente, um manifesto à Nação brasileira, assinado por dois pastores: Dr. Paschoal Piragine Junior, Presidente da Convenção Batista Brasileira, e Pastor Sócrates Oliveira de Souza, que passo a ler neste instante, desta tribuna.

Manifesto à Nação brasileira

O Conselho Geral da Convenção Batista Brasileira, reunido na cidade do Rio de Janeiro, decidiu manifestar sua indignação com o presente estado de



insegurança que domina nosso país, especialmente as grandes cidades, e a corrupção que destrói a força política, pelo bem comum nos municípios, nos Estados e na Federação brasileira.

Conscientes de nossa cidadania, dever moral e espiritual, protestamos contra a prática de compra de votos, propinas e negociações superfaturadas feitas por gestores da coisa pública. Repudiamos a ação de políticos, independente de sua fé religiosa, que, em vez de cumprir o mandato servindo ao povo, usam do Estado para servir a interesses políticos e econômicos particulares. A corrupção crescente impede a prevalência do bom senso, da justiça, bem como da eficiência. Reconhecendo a autoridade comprometida com o bem maior como instituição divina e a necessidade do Estado que cuida da construção de uma nação, devemos fazer tudo que for possível e justo para construir uma sociedade firmada nos valores éticos e espirituais, inspirados nas Sagradas Escrituras. Por isso, conclamamos o povo a defender, ética e democraticamente, o respeito à pessoa e a garantia dos direitos individuais, para a manutenção do bem coletivo.

Conclamamos o povo a condenar e evitar a corrupção nas transações pessoais e familiares, bem como nos negócios privados e públicos realizados nas instituições. Exortamos os cristãos e as igrejas a condenarem a venda ou a troca de votos em busca de benefícios e favores dos políticos.

Conclamamos o povo a votar, escolhendo pessoas de ilibada moral, experientes na prática do bem, da retidão e da justiça, que se interessam verdadeiramente pelo bem-estar do povo no Brasil. Chegou a hora de unir a força do voto consciente para lutar contra a corrupção, a impunidade e a violência que minam as riquezas e a confiança do povo no futuro do país.

Conclamamos o povo a se unir nos lares e nos templos, em orações a favor do Brasil. A gravidade do momento requer de todos que se humilhem, reconheçam os seus pecados, busquem o perdão de Deus, reparem os seus erros e vivam de maneira justa.

Só assim veremos dias melhores e deixaremos um legado de justiça, paz e prosperidade para as futuras gerações.

Assinado o Presidente e o Diretor-Executivo da Convenção Batista Brasileira.

Sr<sup>a</sup> Presidente, não sei se o meu tempo já acabou tão rápido, mas pediria a V. Ex<sup>a</sup> que me concedesse apenas um pouco mais para que eu comentasse e concluísse esse pronunciamento que acabo de ler e que vem da Convenção Batista Brasileira.

É interessante notarmos que os cristãos católicos e evangélicos, as duas principais correntes do nosso

País, estejam agora preocupados em níveis cada vez maiores com a política.

Quando criança, lembro-me de que nas igrejas se corria o dizer de que política era do diabo. E assim afastavam-se tantos homens de bem que poderiam ter participado, homens heróicos que viveram como missionários no sertão, na Amazônia do Senador Mozerildo Cavalcanti, no Nordeste do Senador Mão Santa, homens que desbravaram o Centro-Oeste de V. Ex<sup>a</sup>, Sr<sup>a</sup> Presidente – e um deles, o avô de minha esposa, fundador da cidade de Cristianópolis, em Goiás – e que consideravam a política como uma coisa de interesseiros, de ladrões, vigaristas, vagabundos interessados em fazer negócios com o dinheiro público para auferir ganhos pessoais.

Hoje, a coisa mudou e graças a Deus por isto. Esse manifesto é muito importante. É importante, também, para que a religião deixe de ser instrumento de poder das elites. Quantas vezes ensinaram aos cristãos que o caminho do céu é a pobreza e a miséria e que o verdadeiro cristão não deve reclamar das injustiças porque rico vai para o inferno e pobre vai para o céu e, assim, cantávamos desde crianças:

Eu sou pobre, pobre, pobre,  
De marré, marré, marré,  
Eu sou pobre, pobre, pobre,  
De marré, deci.

Essa era a cantiga de igrejas, de ruas, de aldeias perdidas no sertão onde achávamos que a pobreza é bonita porque Cristo também foi pobre e miserável. Hoje é diferente. Hoje os cristãos estão discutindo desigualdade social, estão querendo saber do investimento público, das políticas de economia. Por que um País tão rico tem um povo tão pobre? E é evidente. E quando eu falo de evidência, Senador Mão Santa, faça-o com humildade porque muitas coisas evidentes no passado hoje estão relegadas ao museu das galhofas. Nossos antepassados achavam que era evidente que o sol se movimentava ao redor da terra, porque o viam nascer de um lado e morrer do outro. Era evidente. Achavam também que era evidente que, quanto mais perto do sol, mais calor. Hoje qualquer passageiro que viaja daqui para o Piauí a 10 quilômetros de altura sabe que a temperatura lá em cima é de menos 60 graus. As evidências enganam. Evidências muitas vezes são, como diz uma palavrinha em inglês, eu me permito aqui esse pecado, **outsmart**, uma maneira de Deus nos ensinar a humildade e mostrar que é preciso ter sabedoria para olhar além das aparências.

Às vezes, quando lemos uma manchete de jornal que diz o seguinte: Governo reafirmou ontem compromisso com ajuste fiscal. A Nação ouve isso no **Jornal**

**Nacional** e, com evidência, diz o seguinte: o Governo – coisa séria –, reafirmou – ora, quem reafirma é quem mantém a palavra, disse ontem e diz hoje –, compromisso – ato de gente séria –, ajuste – tornar a coisa justa –, mas, por trás de uma manchete dessas, temos de cortar recursos da merenda escolar para pagar juros tão altos a rentistas.

Acho extraordinário que os cristãos – batistas, católicos, evangélicos, metodistas, presbiterianos – se levantem e busquem a politização de seu povo. Para isso, propus-me a um mandato parlamentar. Fui às ruas e consegui chegar a esta Casa.

Quero parabenizar o pastor Dr. Paschoal e o pastor Sócrates e dizer a eles que, após fazer a leitura do Manifesto à Nação brasileira, à Igreja Batista, faço um requerimento à Sr<sup>a</sup> Presidenta para que o faça constar dos Anais da Casa não só pelas palavras, pelas críticas, mas também por um segmento importante da nossa sociedade que hoje procura ver além das evidências e buscar a verdade, que, como sabemos, só pode ser construída com uma vida pautada segundo os ensinamentos da palavra de Deus. É assim, com essa revolução espiritual...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ) – Já concluirei, Sr<sup>a</sup> Presidente.

É assim, com essa revolução, que passa pelo exemplo de seus políticos, de seus governantes, que precisam conhecer melhor a palavra de Deus, temê-la e praticá-la, para que todo o povo, dos mais humildes estratos da nossa sociedade até as elites, encontre um caminho de maior igualdade social, de maior justiça e de paz. E, afinal, venhamos a ver, Senador Mão Santa, Presidente, realizadas e efetivadas as palavras de Moisés, o grande estadista, o autor dos cinco primeiros livros da Bíblia. Ele disse há quase quatro mil anos: a paz é fruto da justiça e a segurança se estabelece como direito.

Que essas palavras sejam as últimas do meu pronunciamento.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

*Durante o discurso do Sr. Marcelo Crivella, a Sr<sup>a</sup>. Lúcia Vânia, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedemos a palavra ao Senador Arthur Virgílio, Líder do PSDB, representante do Estado do Amazonas.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Senador Aloizio Mercadante fez um discurso bastante denso sobre a questão econômica ainda há pouco, e creio que é bom

explicitarmos todos nós o que pensamos sobre o passado recente e sobre o futuro do País.

Estou absolutamente disposto a fazer a mais serena análise da realidade brasileira, de modo a dar a minha contribuição e a contribuição do meu Partido à compreensão do que precisa ser feito para engrenarmos um período de crescimento efetivamente sustentável a taxas elevadas. E se explícito que o crescimento é sustentável, evidentemente que parto do pressuposto que a inflação necessariamente precisa ser baixa.

Começo fazendo o reconhecimento de que em algum momento o Banco Central errou, de fato, na dose dos juros. Mas não estou aqui fazendo um discurso de críticas ao Banco Central, até porque reconheço que ele foi a peça mais relevante em toda a trajetória desse primeiro governo do Presidente Lula.

O Banco Central exagerou na dose sim. E exagerou na dose não sem ter fartas razões para tanto, porque as variáveis outras todas do Governo falharam e a estabilidade esteve em risco sim. Quem garantiu a estabilidade foi precisamente o Banco Central.

Falhou a variável fiscal com a abertura da campanha eleitoral, com os gastos correntes crescendo à razão de 16,5% ao ano, com uma série de medidas que levaram ao descontrole, assim como, Sr. Presidente, nós vimos certas medidas de política econômica que resultaram na elevação da carga tributária em três pontos percentuais ao longo desses primeiros quatro anos do governo do Presidente Lula, essas medidas todas como nocivas ao processo econômico brasileiro.

Refiro-me, por exemplo, à alíquota efetiva da Cofins, que foi elevada no processo de mudança da sistemática de tributação do regime cumulativo para alguns casos, apenas 30%, sobre o valor agregado. Os insumos importados tiveram seus custos elevados, assim como os nacionais. Dificultou-se, dessa forma, a concorrência dos preços externos. Aqui imagino que o Brasil perdeu a ocasião de ter implementado um passo a mais de abertura comercial. Poderia ter preparado, quando nada, a abertura comercial para o próximo momento. Isso não foi feito.

O Banco Central foi cauteloso, Senadora Lúcia Vânia, porque, a par do aumento das despesas correntes em razão da eleição, houve forte injeção de recursos nos setores de renda mais baixa, mais propensos ao consumo. O Banco Central temeu uma bolha inflacionária, já que a produção não consegue, neste País, neste momento, nesta hora, nesta quadra, acompanhar a propensão ao consumo da população. O consumo cresce mais do que a produção, e é a importação que tem resolvido essa defasagem.

Estamos vendo a falência do crédito consignado. Serviu para uma eleição, mas os que o tomaram estão

endividados. Não é mágica para ser repetida pelo Presidente se ele porventura quiser fazer o novo Governo dado a mágicas novamente.

As políticas públicas falharam. Já concedo aparte ao Senador Marcelo Crivella. Eu disse que a política monetária não falhou. Ela exagerou, porque as demais variáveis todas falharam. As políticas públicas falharam.

A taxa de investimentos não decolou. O Governo não foi capaz de estabelecer marcos regulatórios confiáveis. Estamos vendo o caso do setor de energia. Nenhuma obra nova foi iniciada. Vamos ver o geral. Nenhuma PPP foi assinada pelo Presidente Lula. Não foi feito nada de efetivo para se elevar a formação bruta de capital fixo. Nada de efetivo foi feito nesse sentido. A taxa de investimentos permaneceu na medíocre faixa dos dezenove e poucos por cento a 20%, como proporção do Produto Interno Bruto.

Da mesma forma, falhou outra variável deste Governo, a variável de proteção ao direito de propriedade, haja vista o MST. Isso tudo trazia incertezas para a economia, diminuía investimentos no agronegócio e significava mais um encargo nas costas do Banco Central.

Do mesmo modo, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Governo Lula não deixou nenhuma marca. Nenhuma marca! Se me perguntarem quatro marcas do Governo do Presidente Fernando Henrique, apresento quatro, três positivas e uma, a meu ver, negativa.

A negativa – autocrítico-me dela – é a reeleição. As três positivas são a estabilidade econômica, as reformas estruturais, que melhoraram a economia do ponto de vista da sua competitividade sistêmica, e a consolidação da democracia.

O Presidente Lula não tem servido para consolidar a democracia, haja vista os seguidos atentados à liberdade de imprensa que, nem bem termina o seu governo e, ainda, não iniciado o segundo, nós temos presenciado neste momento. O Presidente Lula não realizou nenhuma reforma estrutural efetiva; tudo ficou empacado no Congresso Nacional, nada saiu do papel. O Presidente Lula o que fez foi manter a estabilidade econômica – e esse é o seu grande mérito – adotando a política que o Ministro Antonio Palocci herdou do Ministro Pedro Malan. Ele não tem marca. Não adianta agitarem bandeiras vermelhas ou de qualquer cor. Não há marca que leve o Presidente Lula para a história. A história registrará um presidente sem marca, um presidente que, habilmente, soube se eleger, mas sem marca.

O Presidente Fernando Henrique Cardoso tem três marcas positivas e uma marca negativa.

E olhem que eu não estou, neste discurso, querendo me deter na questão ética. Não estou. Estou querendo me reportar ao seguinte fato: marcou ou não marcou no seu período? Um governo qualquer, completamente qualquer, se levarmos em conta a análise que, certamente, o historiador no futuro fará dos tempos que nós, ora, experimentamos viver.

Portanto, as reformas pararam. Se as reformas pararam, a ganância continuou, a ineficiência do Estado perdurou. O Presidente incha a máquina – 37 e, depois, 34 Ministérios –, promove o aparelhamento dos cargos em comissão, e a competência deixa de ser uma exigência para se participar da máquina pública.

Tudo isso significando mais ônus na hora em que os *decision makers* (tomadores de decisão) da política monetária brasileira teriam que se manifestar.

O Governo fracassou – já me referi ao crédito consignado – também no plano político, quando perdeu o controle sobre o Congresso; perdeu a oportunidade de votar reformas, não demonstrou vontade política de, efetivamente, fazê-las e, ao mesmo tempo, no momento em que perdeu o controle sobre o Congresso, abriu um flanco enorme para o descontrole fiscal. Havia, dentro do PT e dentro do Governo, uma guerra surda contra as autoridades econômicas do Governo Lula, e o Presidente teve o mérito de prestigiá-las, isso é verdade. Mas o fato é que a eterna crítica por dentro trazia um risco a mais e fazia com que um pedágio a mais fosse cobrado com a política monetária. E qual era a consequência natural disso? Para mostrar que não havia frouxidão, acabava arrojando mais na hora de estabelecer a taxa básica de juros, a taxa Selic. Se o Presidente Lula garantia politicamente a liberdade operacional do Banco Central, mas se havia contestação por altos escalões do Governo Lula e por figuras muito influentes do PT à política econômica e, dentro dela, à política monetária especificamente do Governo, o Banco Central buscava provar a sua capacidade efetiva de independência e terminava neste momento tendo que pagar um pedágio a mais, terminava tendo que, nesse momento, exagerar um pouco mais.

Eu poderia ainda dizer que fatores exógenos, fatores externos ao Brasil, influenciaram sobre a taxa de juros arbitrada pelo Banco Central. Cito como exemplo o aumento do preço do petróleo, que, felizmente, vem sendo recomposto para baixo. Afora isso, o Governo tinha – ainda tem, de certa forma, mas perdeu – o melhor e mais benigno quadro internacional dos últimos 50 anos, sem dúvida alguma, o que não foi traduzido em crescimento efetivo, porque falhou o Governo no flanco administrativo.

Pergunto a V. Ex<sup>as</sup>: qual foi o Ministro de atividades fins que contribuiu para algum milímetro de cres-

cimento do PIB brasileiro ao longo do Governo Lula? Qual foi o Ministério? O da Integração Nacional? O dos Transportes? Qual foi o Ministério que contribuiu em algo, de forma que se possa dizer que ajudou a Brasil a crescer, no ano passado, em “zero ponto não sei quê” por cento do PIB? O Governo não funcionou. Ele mostrou paralisia. Isso tudo não contribuía para que tivéssemos uma política monetária mais relaxada – no bom sentido do termo.

Sr. Presidente, a conclusão a que chego é que a política monetária foi um êxito, e foi bem sucedida precisamente porque o Banco Central conseguiu se manter imune à interferência do Governo. Houve o prestigamento do Presidente sim. Houve, porém, a guerra surda com os demais setores do Governo.

Eu gostaria de dizer duas coisas, antes de conceder o aparte ao Senador Marcelo Crivella. Uma é que os pontos adicionais de juros, aqueles que poderiam ter sido poupados, se fosse outro o quadro administrativo, se fosse outro o quadro fiscal, se fosse outro o quadro partidário, se fosse outro o quadro político a envolver este Governo. Os pontos adicionais de juros representam, a meu ver, um segundo “risco PT”. O primeiro foi aquele ocorrido no final de 2002, quando o mercado entrou em turbulência em função das incertezas quanto ao que poderia ser ou não o comportamento do Presidente Lula no Governo. Tumultuou bastante o governo do Presidente Fernando Henrique, no seu final, e tumultuou bastante o Governo do Presidente Lula ao longo de toda sua duração. Poderíamos ter juros menores sim, se não tivesse havido essa discussão tola entre desenvolvimentistas e monetaristas, como se desenvolvimentistas fossem pessoas boas de coração, pessoas cândidas, pessoas que querem o bem da população e pessoas que se condoem com a pobreza; e os monetaristas, pessoas duras, inflexíveis, perversas e malévolas, quando sabemos que não há nenhum país do mundo que consiga sustentar o seu crescimento se ele não se fundar em algumas bases. Uma delas é inflação baixa; a mais baixa possível. A outra é controle fiscal: arrecadar mais do que gasta. A outra é qualidade nos gastos públicos: gastar com decência, gastar com probidade, gastar com inteligência. Nenhum país bem sucedido do mundo foge disso. Uns utilizam as metas de inflação, como nós; outros não utilizam as metas de inflação. Mas os que as utilizam e os que não as utilizam, em sendo bem sucedidos, eles todos não escapam dessas três precondições que aqui tentei explicitar.

Por falar em meta de inflação, nós ouvimos, somos obrigados a ouvir – é melhor isso do que a surdez física, enfim – essa história de que o Governo trabalhará com duas metas: a meta de inflação estabelecida,

algo tipo 4% ou 4,5%, ano que vem, com tolerância de 2,5% para cima e para baixo; e as metas de crescimento. Isso é uma tolice, Senador Marcelo Crivella, tão grande! Uma tolice tão grande porque é simplesmente incompatível trabalhar com as duas metas. Ou se trabalha com uma ou com outra. A meta de inflação está conectada a um crescimento possível; esse crescimento deve ser o maior possível, desde que não interfira na meta de inflação, no êxito, na trajetória para se obter essa meta de inflação.

A meta de crescimento é aquela em que se diz assim: vamos ter que crescer 5% de qualquer jeito. E o Brasil não vai crescer 5%. O Presidente Lula precisa descer do palanque e começar a falar sério com o País. O Brasil não vai crescer 5% no ano que vem. O Brasil, este ano, não vai crescer 3%; ele vai crescer 2,8%, 2,9%, 2,7%. Ele não cresce 3% este ano, não cresce perto 4% no próximo ano; ele cresce menos de 3,5% ano que vem. Essa é a minha opinião. Vamos ver se tenho razão ou se não tenho. O Brasil não cresce 5% com inflação controlada.

E o Brasil não cresce 5% ao ano no Governo do Presidente Lula. Poderá atingir esse índice em um dos anos. Ai tem razão Maílson da Nóbrega: pode-se esperar mais do mesmo, pode-se esperar crescimento mediano, nada espetacular, em função da infra-estrutura que não foi montada no Governo atual. Poderá crescer assim um ano, como o Presidente Fernando Henrique cresceu, uma vez, 5% e o Presidente Lula cresceu 4,9% um ano, mas não cresce 5% em cada um desses quatro anos. Não cresce, a não ser que nós – e isso é preparo para o futuro – façamos reformas estruturais profundas, mexamos na estrutura dos gastos públicos, melhoraremos a qualidade dos gastos públicos.

Portanto, quando alguém diz “vou crescer, de qualquer jeito, 5%”, eu digo: muito bem, pode crescer até mais.

Por que não quer crescer logo 8% ou 15%? Pode. Se enlouquecer de vez, pode crescer 35%, a inflação vai para mil. Acabou. Pode crescer uma vez 35%. Estou me referindo a se manter a instabilidade e se crescer tudo aquilo que a estabilidade permita: inflação baixa e crescimento máximo.

Queria dizer a V. Ex<sup>a</sup> que minha conclusão é que esse risco-PT, Senador José Agripino, que tumultuou o final do Governo Fernando Henrique, ele entra em cena agora, ele entra em cena ao longo do Governo Lula, obrigando o Banco Central a ser muito mais rigoroso do que teria que ser se não houvesse essa influência maligna dentro do Governo. Os juros seriam outros. Então, tem uma taxa adicional de juros que penalizava fortemente o setor de agronegócios. Os setores mais intensivos de mão-de-obra foram brutalmente penali-

zados por esse risco dos demais integrantes do Governo Lula. É muito fácil eleger o Banco Central como o culpado por todos os males. A corrupção não paga nenhum preço, o descontrole fiscal não paga nenhum preço, a inércia administrativa não paga nenhum preço, o preço todo seria de quem foi o único setor que cumpriu aquilo a que se propunha, que era atingir as metas de inflação, e atingiu brilhantemente, atingiu no coração da meta, até um pouco abaixo da meta. Aí foi o erro, pois o ideal seria um pouco acima da meta, um pouco acima do coração da meta ou no próprio coração da meta, o que teria propiciado um crescimento um pouquinho maior, com inflação controlada. Não se pode abrir mão disso.

O outro lado, Senador José Agripino, a quem concederei um aparte em breve, é que tenho a firme opinião de que o Presidente Lula não foi eleito pelo Bolsa Família, não; ele foi eleito pelo Banco Central. O Bolsa Família não adiantaria de nada se a inflação fosse alta. O Bolsa Família passaria por mero gesto demagógico se não fosse a inflação controlada, que permitiu uma inflação mais baixa para os setores de menor poder aquisitivo da população brasileira. São explicitações que devo fazer, demonstrando que pretendo me pautar dentro da mais absoluta honradez intelectual na hora de travar esse debate. Não quero fugir do grande debate nacional; quero me alçar à altura do debate que a Nação reclama de quem esteja realmente querendo contribuir para que o País encontre as suas saídas, encontre as suas saídas na democracia, e não haverá nenhum arranhão na democracia que não encontre aqui a minha voz e a voz do meu Partido a contrariar os aprendizes de autoritários ou de ditadores. Por isso, a imprensa terá sempre toda a minha solidariedade toda vez que tentarem silenciar a sua voz. Não nos calaremos diante de manifestação de corrupção, seja pelo nosso compromisso com a ética, seja, Senador Mão Santa, pelo compromisso que temos de fazer o País crescer, e a corrupção impede o País de crescer.

Digo, portanto, que a estabilidade é um bem que não pode ser arranhado e o Governo tem que se definir, o quanto antes, em relação aos caminhos econômicos que vai tomar daqui em diante.

Antes de encerrar, ouço o Senador Marcelo Crivella e, em seguida, o Senador José Agripino.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Senador Arthur Virgílio, quando V. Ex<sup>a</sup> fala nesta Casa, paramos para ouvir, mesmo nós que somos do Governo, não só pelas suas palavras. Vou confessar a V. Ex<sup>a</sup> que, lendo os Anais desta Casa e ouvindo os discursos gravados, eu me emocionei quando ouvi seu pai defendendo a liberdade na época da ditadura,

com apartes do Senador Antonio Carlos Magalhães contrapondo-se, que levaram a Casa...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – ... pelo barulho, parecia até que eram...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Prorrogamos a sessão por mais cinco minutos para o debate qualificado, lembrando que o Senador Marcelo Crivella já trouxe grande contribuição quando trouxe aqui a inspiração de Calvino, não é? A religião não é contra a riqueza, e a riqueza vem do trabalho.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Quem não o conhece vai dizer que V. Ex<sup>a</sup>, Senador Arthur Virgílio, está paradoxal. Primeiro, diz que setores do PT criticaram as taxas altas de juros e, por isso, as fizeram subir. Mas V. Ex<sup>a</sup> também as critica dizendo que ficaram altas durante um período. Mas V. Ex<sup>a</sup> não erra, nem eles erram, porque, no curso da história, Senador Arthur Virgílio – V. Ex<sup>a</sup> há de concordar –, aquilo que é evidente num momento vai para o museu da galhofa mais tarde. Nossos antepassados não diziam que a Terra era plana? Parece evidente. Se olharmos o horizonte, vemos que é uma reta. Não se dizia que o Sol girava ao redor da Terra? Ele nasce de um lado e se põe do outro. Os primeiros projetistas da aeronáutica não diziam que quanto mais próximo do Sol, mais quente seria? Hoje, quando se vai para a Amazônia, a dez quilômetros de altitude a temperatura é de menos sessenta graus. São coisas evidentes. V. Ex<sup>a</sup> há de convir comigo também que o Governo do Presidente Lula se baseou em três eixos distintos. Primeiro, respeito aos contratos herdados do Governo de V. Ex<sup>a</sup>, uma política necessária. Lembro-me também de um discurso do Presidente Fernando Henrique, quando se despedia desta Casa para assumir a Presidência da República. Falou durante 45 minutos convicto de que tinha a fórmula para fazer o País crescer. Deu detalhes, pregando o Estado mínimo. O País melhorou, mas não cresceu o que ele prometeu. Respeito aos contratos, política externa, e nisso V. Ex<sup>a</sup> precisa concordar que saímos dos quatro anos de um déficit na balança comercial de nove bilhões para um superávit acumulado de mais de cem bilhões. E não foi apenas por um vento positivo do mercado externo; melhoramos o **quantum** da exportação. V. Ex<sup>a</sup> é diplomata e sabe que o **quantum** não é só questão de preço de mercado, mas de quantidade e valor agregado. Aumentamos as quantidades e viemos com o valor agregado. Por último, o Presidente Lula fez uma rede social, também inspirada no Presidente Fernando Henrique, porém ampliada, que trouxe grandes benefícios ao nosso povo nessa época de sacrifícios que temos a través

sado em nossa economia. Por último, quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> o seguinte: nós, eu e V. Ex<sup>a</sup> poderíamos concluir nosso debate desde que soubéssemos quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha. V. Ex<sup>a</sup> diz que o País não tem produção para crescermos, porque estamos importando; eu digo que estamos importando porque os juros são muito altos e não aplicamos dinheiro privado em produção. Há pouco, um amigo me contava que se encontrou com um conterrâneo dele em Belo Horizonte, no restaurante Alpina. Um homem muito rico, dono de companhias de ônibus, ele e o irmão. Venderam! Sentou-se à mesa com ele e ele perguntou o seguinte: “Fulano, como está a vida?” Ele disse: “Trabalhando”. “Ah, você não precisa disso, nós somos muito ricos”. “É, eu sei, você vendeu a sua companhia de ônibus”. “É, vendi.” “Olha, veja bem, enquanto eu como um bife, eu ganho um boi. Você também é muito rico”. “Sabe o que eu fiz? Apliquei a juros. Estou aqui, como um bife, mas estou ganhando um boi no banco”. Esse foi o diálogo. V. Ex<sup>a</sup> há de convir comigo que, com essa taxa de juros, que, como V. Ex<sup>a</sup> mesmo disse, foi muito alta, nós acabamos intimidando os investimentos. V. Ex<sup>a</sup> tem razão quando fala em inflação baixa e respeito à política fiscal, mas não tem razão quando fala em investimento deficitário. Desde a época da formação dos Estados Unidos – V. Ex<sup>a</sup> sabe disso –, quando George Washington resolveu, aconselhado por Hamilton, aquele da nota de US\$10.00, assumir a dívida das treze colônias, Thomas Jefferson e John Adams não aceitaram, porque a Virgínia já havia pago quase toda a sua dívida.

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Houve uma negociação. Ele disse: “Tudo bem, a Virgínia leva prejuízo agora, mas vamos fazer aqui a capital. Vamos fazer a Casa Branca aqui”. E foi feita, pertinho de Mount Vernon, a um tiro de pedra. A verdade é que ali assumia-se o débito das províncias. Os Estados estão quebrados. Se eu tivesse vencido no Rio e V. Ex<sup>a</sup> no Amazonas, nós iríamos encontrar os Estados quebrados, sem nenhum recurso para investimento. Até hoje fazem investimentos deficitários nos Estados Unidos, com políticas de pleno emprego.

Arnold Schwarzenegger investiu 10 bilhões em reformas de escolas na Califórnia. Portanto, chegou a hora de termos um pouco mais de ousadia no Brasil, Senador Arthur Virgílio, e buscarmos caminhos para fazer crescer este País. E vamos encontrar, se nos dedicarmos a isso. Mas devemos variar naquilo que temos feito já há tanto tempo, sem obter sucesso.

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Agora fica fácil fazer. Vou concluir, Sr. Presidente, nesta última sentença, neste último parágrafo: agora, fica fácil para nós dizer que foram caminhos errados, mas fica cínico, e eu não farei isso.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Mas cínico por parte de quem, Senador?

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Tanto minha como sua, se fizermos.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Não, na minha não fica, não.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Tanto minha como sua, se fizermos.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Na minha não fica, Senador. Eu não trabalho com a figura do cinismo. Ao contrário.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Eu não quero dizer que V. Ex<sup>a</sup> tenha feito isto.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Eu não fiz. Eu quero que V. Ex<sup>a</sup> seja bem claro. Eu não estava entendendo o seu aparte. Não sei se é uma miscelânea. Agora, quero que V. Ex<sup>a</sup> seja claro.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Não foi uma miscelânea. Só se V. Ex<sup>a</sup> não entendeu.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Talvez falte inteligência minha, mas quero que V. Ex<sup>a</sup> seja bem claro. Se houver cinismo, e V. Ex<sup>a</sup> quiser assumir algum seu, assumo. Meu, não.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Senador, lembre-se das minhas palavras e, por favor, não coloque palavras na minha boca.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Não quero não. Não quero nada. Fique com as suas palavras, que eu fico com as minhas. Quero que seja claro, porque eu lhe concedi o aparte, e V. Ex<sup>a</sup> está há cinco minutos dando aparte, e eu exijo pelo menos delicadeza e o trato,...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – ...que não dispensei em nenhum momento, nesta Casa.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – O meu aparte foi respeitoso desde o princípio.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Ah, então esclareça essa questão do cinismo porque, a partir deste momento, deixaria de ser.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Eu digo a V. Ex<sup>a</sup> que é fácil para nós criticar os erros praticados pelos que o cometeram no passado quando não estivemos na pele deles. Isso se torna uma coisa cínica. Por exemplo, o Presidente José Sarney, quando assumiu o “gatilho”, todos, na época, consideravam algo

benéfico – “Subiu a inflação? Vamos ao “gatilho” –, depois vimos que aquilo era retroalimentar a inflação.

Seria cínico, hoje, de minha parte, dizer que ele errou. Portanto, estou sendo generoso, e não criticando. Errei demais, Senador, para querer criticar ou infamar pessoas. Por favor, não me entenda mal.

**O SR. ARTHUR VIRGILIO** (PSDB – AM) – Já compreendi V. Ex<sup>a</sup>. Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Comecei meu discurso dizendo da admiração que tenho por V. Ex<sup>a</sup>. Não admiro cínicos, portanto, Senador Arthur Virgílio. Nesta Casa, vamos travar grandes debates, V. Ex<sup>a</sup> e eu, mas sempre pautados no respeito. E quero dizer a V. Ex<sup>a</sup>...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – ...que vamos procurar os caminhos para fazer o País crescer. E vamos encontrá-los, mas que não sejam os caminhos que estamos tentando há tanto tempo sem bom êxito. Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ARTHUR VIRGILIO** (PSDB – AM) – Obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

Senador José Agripino.

**O Sr. José Agripino** (PFL – RN) – Senador Arthur Virgílio, inicialmente, cumprimento-o pela substância do pronunciamento sereno, com dados, com lucidez e com verdade. Mas gostaria de dar uma modestíssima contribuição para a reflexão daqueles que estão nos vendo e ouvindo. Contribuição e receio. Tenho o fortíssimo receio, Senador Arthur Virgílio, de que o segundo Governo Lula venha a se constituir uma grande frustração, porque ele agora não é mais novidade, não é mais algo novo, exótico. Ele agora é um Governo tradicional, a economia está sob controle, a inflação está sob controle. O que se espera é que ele cumpra o compromisso de retomar o crescimento...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. José Agripino** (PFL – RN) – ...e fazer com que o Brasil seja o que a Argentina conseguiu ser, o que o Chile conseguiu ser, o que o Uruguai conseguiu ser. Nem falo em México, nem falo em Índia, nem falo em China. Falo do que nossos vizinhos conseguiram ser. Lamento dizer que minha expectativa é a de que este Governo vá frustrar expectativas, por uma razão – e aí a minha grande preocupação –: o viés ideológico. V. Ex<sup>a</sup> há de concordar comigo: este é o Governo do aparelhamento do Estado. Ouvi, há pouco tempo, o ex-Líder do Governo, Senador Aloizio Mercadante, falar sobre Estado mínimo e da necessidade de se investir 25% do PIB a fim de que possamos crescer 5%, 6%, 7%, o que crescem nossos vizinhos Chile, Argentina e Uruguai. E falava sobre o capital público. Ele centrava

no capital público. Há uma idiossincrasia do Governo com relação ao capital privado. Há um natural empurramento do capital privado. É o Estado. Eles falam em Estado mínimo, mas são contra o Estado mínimo. São a favor do aparelhamento do Estado e do investimento com dinheiro do Estado, como se fossem capazes de poupar dinheiro do Estado. Está aí o rapaz de São José dos Campos. Cartão corporativo é a nova denúncia que vai chegar. O cartão corporativo gastando dois mil e tantos reais na campanha eleitoral de Lula. Como é que pode, com esse tipo de exemplo, produzir sobra de Orçamento público para fazer investimento? Como é que pode falar em investimento público com o dinheiro do Orçamento da União? Como é que pode haver idiossincrasia ao capital privado para que o investimento aconteça e o País cresça? Não vai crescer pelo viés ideológico. Eles são contra o que chamam de neoliberalismo. Neoliberalismo coisa nenhuma! É a modernidade, é o que o mundo faz. É o que mundo faz, e o mundo desenvolvido faz. Pelo viés ideológico é que acredito que o Governo Lula vai frustrar. Eles são pelo crescimento do Estado, e, por outro lado, afugentam o capital privado com marcos regulatórios e com agências reguladoras enfraquecidas e humilhadas no seu papel. Por essa razão, gostaria de incorporar esta reflexão ao discurso de V. Ex<sup>a</sup>. Meu receio de que este Governo será uma frustração está calcado na presunção, creio eu, por algo que não vai mudar, que é o viés ideológico. É a força de Dilma Rousseff, de Miguel Rossetto, de Marina Silva, que são maiores do que Luiz Fernando Furlan e Antonio Palocci, que já caiu. É que essa banda ideológica vai se sobrepujar e impedir que a modernidade contamine o Governo Lula, que deseja crescer da boca para fora, mas que não tem os instrumentos próprios para fazê-lo. Cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Senador José Agripino, o ilustre Senador que antecedeu V. Ex<sup>a</sup> no aparte a mim se refere a um discurso do Presidente Fernando Henrique, em que ele dizia: “Estou pronto para fazer o País crescer”. Pois o Presidente Fernando Henrique aprendeu, ao longo do governo, que o crescimento não depende da vontade do Presidente, no mundo globalizado sobretudo. O crescimento depende de uma porção de variáveis internas e externas. E elas foram, as externas particularmente, duras no período que se chama de era Fernando Henrique Cardoso.

Eu poderia aqui alinhar, se tempo houvesse, 10, 11, 12 crises sistêmicas de fora para dentro. Isso tudo complicou e muito a perspectiva do crescimento.

No quadro benigno vivido pelo Presidente Lula, eu tenho certeza de que, com a performance do Pre-

sidente Fernando Henrique, teria sido outro o crescimento anual do Produto Interno Bruto.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senador Arthur Virgílio, lembro a V. Ex<sup>a</sup> que está no 41<sup>o</sup> minuto.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Eu concluo, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Embora tenham sido os melhores minutos da história deste Senado.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Eu e o País temos aprendido muito com o pronunciamento e a verdade que V. Ex<sup>a</sup> traz.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Obrigado. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Apenas concluo o aparte do Senador José Agripino, concedo um aparte à Senadora Lúcia Vânia, encerro e agradeço a V. Ex<sup>a</sup> a tolerância.

Eu concordo com V. Ex<sup>a</sup>. A respeito, inclusive, dessa denúncia de hoje da **Folha de S. Paulo**, do jornalista Rogério Pagnam, peço a V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, que insira nos Anais pronunciamento curto em que me refiro a esse tema da mistura do público com o privado, mais de R\$2 mil de cartão corporativo pagando despesas que viabilizavam um comício do Presidente Lula em Jacareí, São Paulo. E apresento requerimento de informações sobre isso, ou seja, não vamos dar a menor trégua no combate às irregularidades que o Governo possa vir a cometer.

Aqui, tenho um requerimento de informações que já encaminhei à Mesa nesse mesmo sentido.

V. Ex<sup>a</sup> tem razão, o Governo falhou.

O Governo não governou o Governo, falhou na variável ética, e isso prejudicou o crescimento. Ele falhou na variável de política externa nos seus reflexos econômicos. E não há três ministros do Governo Lula – e tenho muitos amigos no Ministério do Governo Lula – que sejam tão ligados pessoalmente a mim e que mereçam tanto a minha estima quanto o Ministro Celso Amorim, mas os reflexos econômicos são negativos, e não positivos ao meu aviso, ao meu ver, da política externa brasileira. Falhou no flanco fiscal, e tudo isso levou o Banco Central a endurecer cada vez mais a sua posição. Ainda tinha mais esse jogo da guerrilha interna movida pelo PT e por setores enquistados no próprio Ministério do Presidente Lula.

O próprio vice-Presidente José Alencar – por cuja saúde torço de maneira fervorosa –, figura admirável como ser humano, não fez outra coisa a não ser dar

a entender para a opinião pública que baixar juros é questão de vontade política e que uma pessoa...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – ...perversa não baixava porque não queria ou porque não tinha ousadia, e que pessoas bondosas e ousadas iriam baixar. Senador Marcelo Crivella, é preciso mais do que a ousadia em si. Para a ousadia não virar insensatez, ela tem que ser bem estruturada técnica e politicamente. É preciso, por exemplo, mais seriedade na administração da coisa pública para que tenhamos taxas de juros mais baixas; é preciso mais governo; é preciso mais ação administrativa exitosa de governo. Em outras palavras, o Brasil não vai obter o crescimento de 5% ao ano durante quatro anos se, de repente, baixar os juros só porque eles são incomodativos para V. Ex<sup>a</sup>, para mim, para o Senador José Agripino e para todo o País.

Digo que a irresponsabilidade e o fracasso de certos setores do Governo impediram juros menores. E mais ainda: eles foram absolutamente penalizadores do agronegócio e dos setores sobretudo mais intensivos de mão-de-obra que vivem na economia brasileira.

Obrigado, Senador José Agripino, por seu aparte tão lúcido e tão fraterno.

Concedo o aparte à Senadora Lúcia Vânia.

**A Sr<sup>a</sup> Lúcia Vânia** (PSDB – GO) – Senador Arthur Virgílio, gostaria de cumprimentá-lo pelo pronunciamento e dizer que nós, da Bancada do PSDB, nos sentimos satisfeitos com ele. É um pronunciamento sereno, faz uma análise do Governo Lula – necessária neste momento, principalmente quando o País, por ocasião das eleições, foi bombardeado com um cenário cor-de-rosa, escondendo os indicadores que, inevitavelmente, apareceriam a curto prazo.

Estamos vendo hoje, pela imprensa, a nossa inferioridade em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano dos países emergentes e dos países da América do Sul. Portanto, essa agenda que está sendo hoje cantada pelo Governo é a que apresentamos durante a campanha. Ele está absorvendo essa agenda. Essa discussão não é diferente daquelas feitas no início do Governo passado. O Governo Lula se apresentava como conciliador, pedindo a opinião do Congresso Nacional. Mas, quando essa opinião era dada por meio das nossas contribuições, em geral, era rejeitada. Hoje, ele adota essa agenda. Pelos indicadores e pela nossa experiência com o Governo, com a sua prática política, com a sua administração, entendemos que as premissas exigidas para o crescimento jamais poderão ter um bom resultado se continuarem sendo as premissas adotadas na prática pela admi-



nistração deste Governo. Portanto, cumprimento V. Ex<sup>a</sup> e digo da nossa alegria em vê-lo na tribuna, fazendo essa análise, principalmente no dia de hoje, quando o Senador Aloizio Mercadante faz aqui também uma apologia ao crescimento, apologia que, acredito, seja bem diferente daquela defendida pela Ministra Dilma Rousseff, pelo Ministro Tarso Genro e outros ministros que têm se colocado contra essa austeridade fiscal que nós temos que manter e, principalmente, o corte de gastos. Portanto, cumprimento V. Ex<sup>a</sup> mais uma vez e quero dizer do orgulho do PSDB de vê-lo fazendo uma análise tão profunda deste momento.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Obrigado, Sr<sup>a</sup> Senadora Lúcia Vânia.

Eu encerro, Sr. Presidente, dizendo que o Presidente Lula, portanto, está diante – e eu vou repetir isso como um bordão – de duas escolhas possíveis: a história – e aí, sim, ele iria para a história com uma marca – ou a mediocridade. A mediocridade é não descer do palanque, não fazer as reformas e jogar o jogo puramente eleitoral, e isso mesmo sem êxito porque se esgota a mágica no tempo e no espaço. A história significa enfrentar os desafios, arrostar eventuais impopularidades, e elas virão porque não se contrariam interesses organizados no País sem se enfrentar momentos de impopularidade, esquecer-se do horizonte eleitoral e se pensar, pura e simplesmente, aí, sim, em criar condições para o Brasil crescer, sustentadamente, no mínimo, 5% ao ano.

O Presidente Lula diz hoje: “Estamos prontos para crescer 5% ao ano. Eu digo que nós não estamos, Presidente; eu gostaria que estivéssemos. Mas nós não estamos prontos para crescer 5% ao ano. Nós podemos criar as condições para um crescimento até superior a isso e com inflação baixa; mas, crescimento até maior do que esse com inflação alta, V. Ex<sup>a</sup> pode obter – eu não aconselho, e V. Ex<sup>a</sup> não fez isso ao longo do seu primeiro governo. Esse é o seu grande mérito. Já aponte aqui os deméritos. Portanto, na medida em que sejamos nós convocados a discutir uma pauta de reformas das estruturas econômicas brasileiras, nós diremos presente, por entender que estaremos preparando, sim, para os próximos momentos – quem sabe, dentro do próprio Governo Lula, quem sabe, para o governo que sucederá o Presidente Lula – as condições efetivas de crescimento sustentado por períodos longos.

E crescimento sustentado eu entendo que seja assim: inflação baixa, crescimento o mais alto possível e período longo. E o Brasil precisa, sem dúvida alguma, mexer, sinalizar para baixo na sua carga tributária. Eu não imaginaria, irresponsavelmente, Senador Mercadante, que nós vamos, de uma hora para outra,

fazer o País magicamente viver sem as receitas que são hoje demandadas pela sua estrutura de Estado. O Brasil precisa mexer na sua legislação trabalhista, eu sei que isso é uma casa de marimbondos, efetivamente, mas o Brasil tem escolha: a história ou a mediocridade. Isso diz respeito ao Congresso e, sobretudo, ao Presidente Lula. O Presidente Fernando Henrique Cardoso disse muito bem: no jogo de xadrez que está sendo encenado neste País, as pedras brancas estão com o Presidente; que ele as mexa. Mas eu o desiludo, se é que posso desiludi-lo: o seu Governo não cresce 5% ao ano, Presidente, ao longo dos próximos quatro anos; o seu Governo não atinge 5% ano que vem; o seu Governo poderá, episodicamente, num dos quatro anos, atingir 5%, mas não crescerá à média de 5% ao ano porque as pré-condições não estão postas para isso. Nós podemos, juntos, pensar no País e em erigir essas pré-condições. Eu gostaria muito de dizer que o Brasil não perdoaria quem faltasse a esse desafio, porque já perdemos tempo demais e eu não gostaria, realmente, Sr. Presidente, de estar ausente dessa hora, até porque não tenho feito outra coisa, desde que as urnas se fecharam, a não ser completar um processo de maturação que já vinha dos momentos finais daquele segundo turno.

Eu dizia que se eu estiver na vida pública para, pura e simplesmente, boicotar quem está no governo, para, chegando eu ao governo, passar a ser boicotado por quem quer o governo para o seu grupo, em primeiro lugar, não merecerei estar na vida pública. Em segundo, eu teria que, a manter a minha honestidade intelectual, me retirar da própria vida pública. Não tenho o que fazer. Não tenho que estar aqui se o meu objetivo é, pura e simplesmente, o poder pelo poder. Estaria, então, ligando-me a razões inconfessáveis e não quero fazer isso.

Portanto, desejo, sinceramente, mudanças de rumos e êxitos para o Presidente Lula. Mas desejo sobretudo que ele se transforme num Líder realista e que encare, de modo factível, razoável e adequado, o desafio que tem pela frente, que não é pequeno, não tem mais carência. Ele que escolha entre certa impopularidade e o lugar medíocre na história, se ficar como está, ou escolha entre uma posição de destaque na história, absolvendo-se de tantos erros que o seu Governo cometeu, se tiver a coragem de enfrentar momentos duros de impopularidade que virão, reformando ou propondo reformar estruturas sensíveis, arraigadas, da vida econômica deste País.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> passou apenas 52 minutos na tribuna, num debate qualificado, enriquecido pelo Senador Crivella,

que trouxe a história dos Estados Unidos e Thomas Jefferson. Mas me permita lembrá-lo que a grandeza de Thomas Jefferson está no túmulo, onde está escrito, ele que foi Presidente da República – e isso é muito oportuno para o Presidente Lula –: “Aqui jaz o fundador da Universidade do meu Estado, Virgínia”. Isso mostra que a educação levou ao desenvolvimento e à riqueza dos Estados Unidos.

E Calvino, que V. Ex<sup>a</sup> também trouxe à tona.

Ao grande Líder Arthur Virgílio, eu queria dar uma contribuição. Vi comemorarem o IDH. Não há nada a comemorar. Éramos o 68º, passamos para 69º. Apenas crescemos um pouquinho. É como se antigamente tivéssemos um tamborete e depois passamos a ter uma cadeira. Isso é da história do desenvolvimento. O fato é que a Argentina está no 36º lugar tendo em vista o IDH; o Chile no 38º e o Uruguai no 45º. Então não há nada a comemorar.

Era isso que queria acrescentar ao extraordinário pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 1.119, DE 2006**

**Solicita informações à Sra. Ministra-Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requero que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações à Sra. Ministra-Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta:

1. Qual o valor da despesa feita com o cartão corporativo nos dias 22 e 23 de setembro, véspera e dia do comício de campanha realizado em Jacareí?

2. Qual o nome do funcionário dessa Pasta responsável por esse cartão?

3. A que se destinou a despesa acima citada?

4. Quantos funcionários estavam envolvidos na segurança e no apoio presidencial naquele evento?

5. Qual a quantidade de “kits de lanches” foi comprada com o cartão corporativo?

6. Para quantas pessoas foram destinados os “Kits de lanches”?

7. Os “Kits de lanches” foram distribuídos para pessoas que não faziam parte da equipe de apoio do presidente da República?

8. Em caso afirmativo, a Presidência da República está ciente de que esse fato pode justificar um processo de crime eleitoral cuja pena é a cassação do diploma do candidato eleito?

9. É usual militantes partidários se beneficiarem do uso de cartões corporativos?

#### **Justificação**

O jornal **Folha de S. Paulo** de hoje, 10 de novembro de 2006, publica matéria intitulada “Justiça apura uso de cartão da Presidência para pagar lanche”, mostrando que o cartão de crédito corporativo da Presidência da República foi utilizado na compra de 280 “kits de lanches” em Jacareí, interior de São Paulo, no dia em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez comício de campanha na cidade, no último mês de setembro.

Segundo a matéria, parte desses “kits” teria sido distribuída para militantes do Partido dos Trabalhadores que participavam do comício.

Assim, as informações que ora requero visam a dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 10 de novembro de 2006.  
– Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB

*(À Mesa, para decisão.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)  
– O requerimento que acaba de ser lido será despachado à Mesa para decisão, nos termos do art. 216, III, do Regimento Interno.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)  
– Há dois oradores inscritos: Senador José Agripino e Senadora Lúcia Vânia.

Quem tem prioridade?

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Sr. Presidente, solicitei a palavra como Líder.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PFL – PI) – V. Ex<sup>a</sup> pode ocupar a tribuna como Líder do PFL. V. Ex<sup>a</sup> representa com muita grandeza esse Partido, o Nordeste e o Brasil.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, inicialmente queria agradecer a compreensão da Senadora Lúcia Vânia, que estava inscrita e, sem que eu precisasse usar a prerrogativa de Líder, gentilmente me cedeu a oportunidade de usar da palavra.

Sr. Presidente, gostaria aqui de fazer algumas considerações.

Nesta sexta-feira, estamos encerrando mais uma semana, Senador Mozarildo, pautada por várias notícias, e uma delas me causa especial preocupação

porque número não mente, Senadora Lúcia Vânia, número é a conclusão.

Tudo que se discute, Sr. Presidente Mão Santa, aprecia, conjectura, debate, fica no campo da palavra. O balizamento é estabelecido pelo debate, pela opinião a favor e contra, mas quando se debatem elementos que podem ser aferidos por números, o debate tem de ceder espaço ao número final, que é a conclusão, que é a tradução de tudo aquilo que se debateu, que se configura em números, desde que a confiabilidade de quem apurou os números seja real.

Acabaram de ser divulgados os novos números do IDH. O que é IDH? É o Índice de Desenvolvimento Humano, levantado por organismo internacional, pela ONU, organização de credibilidade internacional e patrimônio do Mundo, que não tem nenhum interesse em coletar elementos para produzir resultados que possam ser minimamente questionados.

Portanto, os números do IDH são líquidos e certos. E, para mim, Senadora Lúcia Vânia, trazem uma preocupação. Tenho dito e repetido que a minha palavra de oposição é a palavra de alguém que quer muito bem a este País e entende que o nosso papel, do PFL e do PSDB, é o de oposição. Perdemos a eleição. Quem governa ou quem ganha a eleição governa por dever, por delegação do povo, com os seus ônus e com os seus bônus. Fez compromisso durante a campanha e tem obrigação de cumpri-los, tem a obrigação de adotar um padrão ético no desempenho de suas tarefas, tem de compreender que o que legitima uma vitória não é o resultado das urnas; é o desempenho do mandato. E aos que perdem está reservado o papel da oposição, que é o de fiscalizar, denunciar, cobrar, aperfeiçoar. É o que tenho procurado fazer.

Neste momento, faço uma constatação: Tenho dito, com muita frequência, que estamos perdendo o bonde da História. O Brasil está crescendo? Está crescendo sim, mas muito menos do que podia, muito menos.

Por que a Argentina, o Chile, o Uruguai, o México, a China, a Índia, o Paquistão, por que todos eles estão crescendo muito mais do que nós? Deve haver alguma razão. Dizem que não se pode comparar o modelo de controle da economia da China com o modelo do Brasil. E o Chile e a Argentina, por que crescem mais do que o Brasil? Deve haver algo de errado nessa história.

O que me leva a fazer essa constatação e a dizer o que estou dizendo? Número. O IDH, ou os números do IDH revelados pela Organização das Nações Unidas recentemente reservam ao Brasil o crescimento de 0,788 para 0,792. Cresceu. Cresceu, mas caiu no *ranking* mundial, de 68º para 69º lugar. Cresceu por

quê? Porque era impossível não crescer com o crescimento dos outros Países. Era impossível não crescer. Com uma economia do tamanho da economia do Brasil e com o mundo crescendo como está, era impossível não crescer. Era preciso fazer muita força para não crescer. Cresceu de 0,788 para 0,792 e no **ranking** mundial caiu de 68º para 69º lugar.

Como é que ficaram nossos vizinhos? Eu não quero falar nos vizinhos poderosos: nos Estados Unidos, no Canadá, na Alemanha, no Japão. Não, aí eu estaria sendo faccioso. Eu quero falar dos nossos iguais. Não quero falar da China, da Índia nem da Rússia, dos emergentes, do G-8. Não; eu quero falar daqueles que estão bem pertinho de nós aqui na América do Sul. Eu quero falar do Uruguai, da Argentina e do Chile, os nossos vizinhos do Cone Sul, nossos parceiros no Mercosul. Fora o Chile, todos são nossos parceiros no Mercosul. Ficaram todos acima do Brasil e cresceram todos eles muito mais que o Brasil.

Vamos fazer uma avaliação, Senadora Lúcia Vânia? O que é IDH? IDH, três letrinhas mágicas: Índice de Desenvolvimento Humano. Tenho o maior respeito por essas três letrinhas, porque elas traduzem qualidade social de governo.

Lula não diz que seu Governo é voltado para o social? Então ele tinha, mais do que qualquer outro Governo, a obrigação de ter crescido. O Governo dele não é ação social, não é Bolsa-Família, não é ProUni, não é a opção preferencial pelos pobres? Palmas para a intenção.

Eu, quando fui Governador, fiz claramente a intenção preferencial pelos pobres. No meu Estado, Rio Grande do Norte, nos meus governos, cresceu, e muito, o IDH. Meu Estado cresceu muito no *ranking* das referências sociais. Eu tinha a intenção, e os números mostraram o resultado. E Lula? Lula, infelizmente, o que pode exibir é o que a ONU, com toda sua credibilidade, está demonstrando: caiu mais uma vez no *ranking*.

E o que é que é IDH? IDH, Senador Mão Santa, é o produto da análise feita País a País – são, na realidade, 177 Países –, em 4 elementos básicos: crescimento do PIB **per capita**. O que é Produto Interno Bruto? É tudo que se produz dentro do País: a indústria, a agricultura, o comércio, os serviços. Tudo o que se produz, toda a atividade econômica somada chama-se Produto Interno Bruto.

O Produto Interno Bruto **per capita** é a divisão de tudo que se produz no País, é a divisão de toda a atividade econômica pelo número de habitantes. Esse é o PIB **per capita**.

O segundo elemento é a expectativa de vida. Trabalha fundamentalmente com saúde, com habitação.

O terceiro elemento é a taxa de alfabetização de pessoas com 15 anos de idade ou mais.

O quarto elemento é o número global de matrículas nos três níveis de ensino: fundamental, médio e superior.

A soma desses quatro elementos produz o IDH. Se você cresceu seu PIB **per capita**; se você cresceu a expectativa de vida, passando de 70 para 80 anos; se você aumentou o número de matrículas no ensino fundamental, médio e superior; se você melhorou a qualidade para alunos com 15 anos de idade ou mais, o seu IDH cresce.

O Brasil cresceu uma merrequinha, mas caiu no **ranking** dos países com quem se confronta o Brasil. Ou seja, no mundo globalizado que está crescendo, os nossos concorrentes, os nossos assemelhados cresceram mais do que nós. As mesmas oportunidades que tivemos foram dadas à Argentina, ao Chile, ao Uruguai, à Venezuela, à Colômbia, a todos. E todos eles – quase todos – cresceram mais do que o Brasil no PIB, porque cresceu o PIB mais do que o do Brasil, em percentual maior do que o do Brasil, cresceram mais na matrícula global na educação, na qualidade do ensino para aqueles que têm 15 anos de idade ou mais e cresceram mais na expectativa de vida.

Vamos analisar um por um.

A taxa de alfabetização de pessoas com 15 anos ou mais e a matrícula bruta de alunos de ensino médio, fundamental e superior – quem diz isso não sou eu, Senador Mão Santa, é a ONU – ficou congelada de 2003 para 2004. Os dados referem-se a 2004. Ficou congelada! Não melhorou nada. Quem diz isso não sou eu, quem diz isso é a ONU, é o relatório final da ONU. Ou seja, no item educação, o Brasil foi reprovado. Poderíamos ter melhorado. O Brasil fala tanto em educação. Da boca para fora, os seus líderes falam tanto em investimento na educação, mas o que fizeram foi demitir o Senador Cristovam, que foi um grande Ministro da Educação. E agora vem o IDH e revela que ficou congelado o número de matrículas. A população cresceu enormemente, mas ficou congelado. Quem diz isso é a ONU. No quesito educação, o Brasil não cresceu nada: nem na qualidade do ensino dos que têm 15 anos ou mais, nem na matrícula bruta no número de inscritos, matriculados no ensino fundamental, médio e superior. No Chile, aumentou; no Uruguai, aumentou; na Argentina, aumentou; no Brasil, não. No Brasil do Governo Lula “tudo pelo social”, não aumentou.

Expectativa de vida. Senadora Lúcia Vânia, isso é fundamentalmente saúde, é política de saúde. Aumenta-se a expectativa de vida de 68 para 69 anos quando se protege mais a saúde das pessoas, principalmente a saúde daqueles mais desprotegidos por-

que não têm dinheiro para pagar um plano de saúde e são dependentes da saúde pública. V. Ex<sup>a</sup> sabe qual é o percentual dos que são no Brasil beneficiados pelo sistema de esgoto sanitário? Só 48,24%. Na Argentina, é muito mais; no Chile, é muito mais; no Uruguai, é muito mais. Mas o Governo Lula vive o tempo todo dizendo que está gastando milhões e milhões e milhões em esgoto. E o que a ONU diz? A ONU diz que o Brasil foi reprovado no quesito de saneamento básico. E aconteceu o quê? Aconteceu que a ONU está dizendo que duas mil pessoas por dia são internadas no Brasil portadoras de doenças sanitárias: diarreia, leptospirose, etc. Quem diz isso não sou eu, é o relatório da ONU. Na expectativa de vida, portanto, Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> que é médico, o Brasil foi reprovado. O crescimento da expectativa de vida no Brasil, se aconteceu, foi pequenininho comparado com a expectativa de vida de países como o Chile, como o Uruguai, como a Argentina, os nossos vizinhos, colados no Brasil, que cresceram muito mais, porque aproveitaram as oportunidades que o crescimento do mundo está dando, e o Brasil não aproveitou. O Brasil de quem? Do Presidente Lula.

E o último quesito qual é? É o crescimento do PIB **per capita**, PIB **per capita**, que, se tivesse crescido, teria gerado os 10 milhões de empregos oferecidos ou prometidos pelo Presidente Lula. Aconteceram os 10 milhões de empregos? Não aconteceram. Nós morremos de falar aqui sobre isso. Quem governa tem a obrigação de cumprir os seus compromissos. Lula não cumpre compromissos. Agora quer e promete e jura de pé junto e toma o sagrado compromisso de retomar o crescimento. Muito bem! Senador Mão Santa, como V. Ex<sup>a</sup> retoma o crescimento econômico? Provê investimentos. O Brasil não vai sair de um crescimentozinho de 2,7%, 2,8%, 2,9% ou 3% no máximo para 4%, 5%, 6%, 7%, 8% ou 9% se não voltar a fazer o que já fez no passado: investimentos de pelo menos 25% do PIB – no mínimo, 25% do PIB. O PIB do Brasil hoje está rondando US\$600 bilhões. Portanto, o Brasil teria que investir 25% do PIB. Vai investir? Dinheiro de onde? Ou dinheiro público ou dinheiro privado.

Vamos fazer uma análise? Vamos fazer uma análise franca?

Agora há pouco, eu aparteava o Senador Arthur Virgílio e dizia a ele que o Governo tem um viés ideológico que, no meu entendimento, é pernicioso ao cumprimento daquilo que ele fala da boca para fora e daquilo que o mundo moderno está fazendo. É a idiossincrasia ao capital privado. Eles pregam o fortalecimento do Estado. Para eles, privatização é palavrão.

Ô Senador Mão Santa, me diga uma coisa: lá no seu Piauí, no meu Rio Grande do Norte, quantos não

teriam telefone, ou celular ou fixo, se o sistema Telebrás não tivesse sido privatizado? Porque nem o setor público tinha dinheiro para investir nem se teria dado o direito ao setor privado de, em comprando o sistema telefônico brasileiro, fazer o que foi feito, beneficiando cada cidadão. O caseiro da minha casa tem um telefone celular. Imagine Fernando, meu caseiro, se não fosse a privatização do setor telefônico! Jamais teria. Assim como o meu conterrâneo que mora lá no município de Pau dos Ferros, no perímetro irrigado do açude, que tem também um telefonezinho. Ai se não fosse a privatização, que cometeu acertos e equívocos, sim, mas muito mais acertos. Como a Vale do Rio Doce. A Vale do Rio Doce é uma companhia privatizada pelo Governo que passou que, só ela, respondeu no ano passado por 5% de todas as exportações que o Brasil conseguiu fazer. E o Governo se vangloria disso! Vangloria-se de quê? Qual o mérito do Governo com a Vale do Rio Doce, que foi privatizada e que passou, a partir daí, a ter uma visão sistêmica moderna, uma administração competente que gerou lucro e que, com o lucro, expandiu-se pelo mundo e produziu os empregos a que o Brasil assiste?

Pelo viés ideológico, o capital privado não vai ser investido no Brasil, porque eles chamam de neoliberalismo o que eu chamo de valorização do cidadão e da capacidade individual do cidadão que se prepara, pela educação, para disputar o mercado de trabalho. Eles têm horror a isso. Eles estão na contramão do que enxerga, por exemplo, o Chile, do que enxerga a Argentina, para não falar na Alemanha, no Japão, nos Estados Unidos, no Canadá. É pecado isso? Não! Tem-se que dar oportunidades iguais para todos, mas tem-se que valorizar a capacidade individual do cidadão em disputar no mercado de trabalho usando uma arma chamada competência e instrução, para que o cidadão saia do regime de dependência e se mova no sentido da capacitação, exija do Governo os instrumentos de educação para que ele possa, educado, disputar melhor no mercado de trabalho. Isso é o que chamo de neoliberalismo, que eles demonizam. Eles demonizam.

Capital privado demonizado, até por uma postura que eles adotam de humilhar as agências reguladoras. Qual é o setor privado nacional ou internacional que vai investir no Brasil com agências reguladoras – já que o sistema foi privatizado – sem prestígio, sem capacidade de decisão? Elas existem, mas quem decide é o Gabinete Civil da Presidência. Qual é o capital privado que se anima a vir fazer os investimentos, os 25% do PIB de que precisamos para que aquilo que Lula prega, a retomada do crescimento, aconteça? É

muito fácil falar. Agora, mude o seu viés ideológico se quiser, realmente, fazer crescer.

As lideranças do Governo falam no diálogo, no estabelecimento do diálogo. Nós estamos prontos a dialogar, mas sem barreiras, sem idiossincrasias, conversando em torno de modernidades e do interesse coletivo e nacional. Sem idiossincrasias, sem vieses ideológicos atrasados. Sem vieses ideológicos atrasados! Nós nos sentamos à mesa de negociação, sim, para discutir o interesse coletivo, a começar pela necessidade de criarmos elementos para que o capital privado seja investido.

Vamos rever o modelo das agências reguladoras, os marcos regulatórios, remontar o marco regulatório do setor elétrico, que está produzindo a perspectiva de um apagão pela frente, vamos discutir os fatos como eles são e tentar atrair o capital privado para que o discurso se possa, aí sim, com responsabilidade, transformar-se em fato efetivo.

E o capital público? E o Orçamento? Senadora Lúcia Vânia, eles falam no investimento de 25%, de 22%, de 27% e têm um modelo de gestão pública. Senador Mão Santa, ontem recebi um telefonema de um repórter de São José dos Campos, pedindo-me opinião sobre um cidadão, cujo nome não sei, que teria sido pilhado – os documentos existem –, sendo ele portador de cartão corporativo, sendo ele um dos tubarões do Palácio do Planalto, portador por direito de um cartão corporativo, ou seja, aquele cartão que dá direito a algumas pessoas privilegiadas do Palácio do Planalto a gastarem em nome da viúva, em nome da República, sem necessidade de comprovação. Pois disse-me o repórter de São José dos Campos ontem que lá – e vão aparecer nos jornais de circulação nacional e é provável que nas revistas de circulação domingueira – existem documentos que provam que, com esse cartão corporativo, foram pagas despesas da campanha de Lula de R\$2 mil e poucos. Poderiam ser R\$30,00, mas é uso de dinheiro público com cartão corporativo. Isso é crime eleitoral, crime eleitoral. Muito bem. “É pouco, isso não contamina.”

Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> foi Governador, como eu fui Governador. O governante tem obrigação de dar exemplo. Se esse tipo de coisa tiver acontecido e for provada, o Presidente da República tem que adotar uma postura exemplar. Ele tem a obrigação de adotar uma postura exemplar, porque, se ficar provado que esse cidadão usou o cartão corporativo... E nós já apresentamos aqui pedido de informação sobre o uso dos cartões corporativos da Presidência, porque nós... Eu não acredito, eu não confio nesse Governo. Eu tenho o direito – até por obrigação minha –, eu tenho o direito e é minha obrigação vigiar. Se esse Governo não

merece a minha confiança, eu tenho a obrigação de vigiar. E já foi feito um pedido de informação que nunca veio. Agora aparece a denúncia clara de um cidadão portador de cartão corporativo gastando R\$2.300,00. Se o Governo não toma atitude exemplar, não restará à Oposição, Senador Lobão, nenhuma atitude senão pedir uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar esse assunto. Nós não teremos alternativa. Não é que queiramos fazer oposição raivosa. Não, não quero fazer oposição raivosa, não desejo, mas tenho a obrigação! O povo brasileiro acha que a Oposição tem obrigação de zelar pelo seu interesse, e ele, cidadão, tem toda razão, porque o que ele pensa é o que nós devemos fazer: zelar pelo interesse dele. E, se o Governo não tomar uma atitude firme, nós tomaremos a iniciativa de abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito para pegar esse cadáver e abrir a barriga dele para mostrar onde é que está sendo gasto o dinheiro da República com esses cartões corporativos.

Muito bem. Eu faço este desabafo pelo fato de estar observando aqui a questão investimentos públicos. O investimento público existe na medida em que exista sobra do dinheiro público. Como sobra, se o custeio é defeituoso como é? Um Governo que gasta, na Fundação Nacional de Saúde (Funasa), mais em passagens aéreas e diárias do que em investimento em saúde não tem autoridade para dizer que vai ter sobra de dinheiro porque está gastando bem. Gasta mal. Olhe o caso dos cartões corporativos. Olhe milhares de casos. Tem que baixar o custeio, mas baixar mesmo. E aí, se o Governo quiser o diálogo conosco, vamos dialogar, vamos discutir a reforma sindical e a trabalhista, que desejo que cheguem a esta Casa; quero discutir a aprovação da reforma tributária na Câmara dos Deputados e a reforma política, que já foi aprovada nesta Casa; quero discutir isso tudo, mas também quero discutir os padrões de comportamento do Governo no que diz respeito à qualidade do gasto público. Quero ter o direito de opinar e ver a minha opinião acatada, e não levada no desdém, como atualmente o é.

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Senador Mão Santa, já concluo.

Quero discutir a questão do aparelhamento do Estado. Colocar gente sem qualificação nas funções dá no que se vê: pouca eficiência nos setores fundamentais.

Quero discutir a questão da corrupção, elemento que aumenta o custo-Brasil. Como pode haver sobra de dinheiro público se você só tem custeio exagerado, aparelhamento de Estado, máquina pública pesada, emprego, emprego e emprego que não pára mais e,

em decorrência disso, permanente aumento da carga tributária? O Ministro Mantega, Senador Lobão, ele próprio reconheceu que, em 2006, houve aumento da carga tributária. Ele reconheceu! As Lideranças do Governo nesta Casa juraram de pés juntos e disseram uma, duas, dez vezes que, se for configurado aumento da carga tributária, o Governo tomará a iniciativa de baixar impostos. Baixou o quê? Baixou o que na CPMF, no IPI, no ICMS, no PIS/ PASEP-Cofins? Baixou o quê? Qual foi o prestador de serviços, qual foi o empresário que teve diminuição de imposto na sua atividade? Pelo contrário!

Então, falar em sobra do Orçamento público, havendo gasto desordenado, sem controle, sem policiamento, sem aplicação de punição exemplar aos corruptos, que estão apontando para o desleixo com o dinheiro público, como esse cidadão de São José dos Campos, vamos terminar como? Com investimento público deste “tamanhinho” e carga tributária deste “tamanhão”!

Para isso é que a Oposição existe. E ela vai policiar e ela vai fiscalizar.

**O Sr. Edison Lobão** (PFL – MA) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Com muito prazer, ouço o Senador Edison Lobão.

**O Sr. Edison Lobão** (PFL – MA) – Senador José Agripino, o Ministério Público é o fiscal da lei, e o Parlamento da Oposição é o fiscal da política nacional. V. Ex<sup>a</sup> exerce, com absoluta competência e rigor, seu papel de Líder da Oposição. É preciso que haja uma voz se levantando a cada minuto para que os costumes políticos nacionais não entrem pelo descaminho e acabem no descalabro. Cumprimento V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Senador Edison Lobão, ouço, com muito prazer, essa manifestação de V. Ex<sup>a</sup>, companheiro da melhor qualidade do nosso Partido, ex-Presidente da Comissão de Constituição e Justiça e um dos melhores valores do PFL, que, neste momento, nesta sexta-feira, já à tarde, traz a sua manifestação de solidariedade ao seu companheiro, que procura retratar ou traduzir a opinião do nosso Partido, o PFL.

Ouçó, com muito prazer, a Senadora Lúcia Vânia.

**A Sr<sup>a</sup> Lúcia Vânia** (PSDB – GO) – Senador José Agripino, eu gostaria de cumprimentá-lo pelo discurso. E dizer que V. Ex<sup>a</sup>, mais uma vez, dá aqui uma lição de forma didática a respeito do Índice de Desenvolvimento Humano. Acredito que V. Ex<sup>a</sup> deixou hoje muito claro os sinais, que nós já estamos vendo, da falta de crescimento. Se observarmos só a década de 90, vamos ver que, de 90 a 94, o IDH subiu 0,79%; de 95 a 99, subiu 95% e, de

2000 a 2004, subiu 0,22%. Veja V. Ex<sup>a</sup> que o percentual é insignificante. E V. Ex<sup>a</sup> disse muito bem que o mundo inteiro cresce e nós não aproveitamos essa onda, pois temos aí as nossas políticas sociais praticamente estacionadas. Acho que V. Ex<sup>a</sup> desnudou as políticas sociais do Governo do Presidente Lula, porque em nome de um *marketing* do Bolsa-Família, obscureceram-se todos os pontos fundamentais que não foram cumpridos na área de saúde, de educação e de saneamento básico, como bem mencionou. A saúde é um caos. Da educação, foi retirada a Bolsa-Escola, tão bem defendida aqui pelo Senador Cristovam Buarque, que exigia a presença da criança na escola; foi deixado de lado o programa de alfabetização; foi dada uma preferência para o ensino superior com a criação e expansão da universidade, sem se preocupar em melhorar as universidades existentes. Portanto, tudo isso não pôde ser visto durante o período eleitoral, porque o *marketing* mostrava um percentual de Bolsa-Família melhorando as condições de vida da população mais pobre e escondendo essa política social tão importante para o nosso País. Acredito que V. Ex<sup>a</sup>, ao levantar essas questões e levantar também a questão do cartão corporativo – aliás, V. Ex<sup>a</sup> tem feito isso freqüentemente; tem levantado, tem cobrado, tem insistido nessa questão, e não temos dúvida de que este será o próximo escândalo, porque os sinais estão aí –, também dá aqui o tom do que todos nós entendemos por crescimento, quais as premissas necessárias para esse crescimento e que de nada adianta o discurso que está sendo feito aqui insistentemente – “Vamos crescer a 5% ou mais” – se nós sabemos e entendemos que esses quatro anos que se passaram foram anos em que a gestão pública deixou muito a desejar, como já colocamos aqui, e que os gastos públicos foram desmedidos. Então, nós não acreditamos, mas estamos abertos, como V. Ex<sup>a</sup> colocou, para debater esses temas. Mas debater e cobrar resultados, porque de nada adianta debater como debatemos, sugerir como sugerimos no passado, e a coisa continuar do mesmo jeito. Portanto, concordo com V. Ex<sup>a</sup> quando afirma que estamos abertos ao diálogo, mas com as devidas condições. E não tenho dúvida de que hoje temos clareza de quais condições são essas. Começamos o Governo Lula com toda boa vontade em ajudar e construir. No entanto, vimos que toda a colaboração que pensamos em dar naquela ocasião não foi respeitada. Queremos, então, que essas condições sejam feitas, para que possamos ter resultados no nosso papel de Oposição e de fiscalizadores do dinheiro público.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO (PFL – RN)** – Senadora Lúcia Vânia, sou muito grato pela sua manifestação e por suas observações relativas às palavras que aqui proferi. Isso denota que V. Ex<sup>a</sup> ficou muito atenta, observando cada argumento que usei.

Senadora Lúcia Vânia, penso que o Presidente Lula precisa estar muito consciente de que esse segundo governo que o povo lhe outorgou não é mais novidade, como foi o primeiro governo; que ele agora é um governante tradicional, não tem marca alguma de que é o líder operário que chegou ao poder. Não, agora ele é um Presidente reeleito, que firmou com o País o compromisso de retomar o crescimento econômico, de melhorar a educação e a saúde. E será cobrado pela Oposição e pelo povo, no atacado.

Como no atacado? V. Ex<sup>a</sup> citou com precisão cirúrgica os anos em que o IDH mais cresceu. V. Ex<sup>a</sup> talvez tenha esquecido apenas de fazer a referência da justificativa de por que naquele período o IDH cresceu 95%. É porque se agiu no atacado. Aquilo foi produto dos planos cruzado e real. O fundamento de tudo de bom que está acontecendo no País, que não tem nada que ver com o atual Governo, vem dos governos passados, quando a inflação foi contida e o poder de compra foi devolvido aos mais pobres. Deram às pessoas condições de comprar o rádio de pilha no primeiro momento, depois a TV em preto e branco, depois a TV em cores, depois a geladeira, depois o utilitário mais caro, até o automóvel, pagando em 24, 36, 48 meses, porque a economia estava estável. O IDH cresceu porque as pessoas passaram, sem inflação – que não é mérito do atual Governo –, a comprar muito mais, porque recebiam um salário que não era deteriorado mês a mês como vinha sendo. E aí o cidadão, sem dever nada a ninguém, a não ser ao seu próprio trabalho, passou a dispor de poder aquisitivo para comprar até a sua própria saúde, na medida em que comprava comida para comer. Passou a dispor de condições, que ele conquistou, porque lhe deram a possibilidade pela inflação perto de zero, de sobreviver com mais dignidade.

Agora, o Governo Lula não é mais novidade. O Bolsa-Família não foi um programa por atacado. Beneficiou muitas pessoas? Um pouco mais do que o governo passado vinha beneficiando com o Bolsa-Escola, com o Vale-Gás, com aquilo que foi juntado para gerar o Bolsa-Família.

No atacado, melhorou-se, com o Plano Real, a vida de milhões de brasileiros. Agora Lula precisa entender que está trabalhando no varejo, que o varejo tem pernas curtas e que o povo e a Oposição vão cobrar sim, senhor, os seus compromissos de campanha. Ele foi eleito. Cumpra o que prometeu. Vamos fazer o que o povo espera de nós: cobrar, denunciar, aperfeiçoar. Aperfeiçoar sim.

Quero que chegue, Senador Mão Santa, a proposta de reforma sindical e trabalhista que o Governo propôs, que o Governo anunciou que vai mandar.

Quero que chegue, porque quero debater. Penso que é modernidade e é compromisso do Governo. Ele tem que mandar o que prometeu. Quero discutir, Senadora Lúcia Vânia, os fundamentos para que a economia volte a crescer.

Ouvi o ex-Líder do Governo falar que é preciso capital privado e público, é preciso 25% do PIB. Para isso, é preciso mexer com as agências reguladoras no seu poder, com os marcos regulatórios; é preciso mexer com a qualidade do custeio da máquina pública, com o aparelhamento do Estado; é preciso mexer com o combate à corrupção; é preciso mexer com uma série de coisas que têm que ser produto do debate. E esse debate eu quero ver. Eu sento à mesa. Não preciso ir ao Palácio do Planalto, não há necessidade. Para quê? Para tirar fotografia, para expor ao País o ganho do Presidente? Para quê? Sempre discutimos no plano físico do Congresso. Disponho-me, estou me oferecendo. Agora, quero um debate franco, sincero e honesto. Não precisa falar muito “economês”. Não. As coisas fáceis são faladas com palavras fáceis.

As soluções existem pela compreensão entre os homens, e a compreensão entre os homens vai acontecer na medida em que esteja em jogo o interesse público. E o meu partido sentará à mesa, mas sentará para discutir com franqueza e com sinceridade, não da boca para fora.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a Presidência comunica a V. Ex<sup>as</sup> que, nesta data, encaminhou à revisão da Câmara dos Deputados, através de dois ofícios, a redação final das emendas do Senado ao **Projeto de Lei da Câmara nº 100, de 2006 – Complementar**, que *dispõe sobre o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte*, incluindo a retificação solicitada pelo Relator, Senador Luiz Otávio, feita na sessão do dia nove do corrente.

No primeiro ofício constam as emendas de mérito; e, no segundo, as emendas de redação, ao tempo em que solicita àquela Casa que, ao elaborar a redação final do projeto, as inclua no texto a ser enviado à sanção.

São os seguintes os ofícios enviados à Câmara dos Deputados:

Ofício nº 1.955 (SF)

Brasília, 10 de novembro de 2006

A Sua Excelência o Senhor  
Deputado Inocêncio Oliveira  
Primeiro-Secretário da Câmara dos Deputados  
Assunto: Emendas de Redação a Projeto de Lei da Câmara.

Senhor Primeiro-Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que o Senado Federal aprovou, em revisão e com emendas de redação,

o Projeto de Lei da Câmara nº 100, de 2006- Complementar (PL nº 123, de 2004 – Complementar, nessa Casa), que “Dispõe sobre o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte.”

Encaminho a Vossa Excelência as seguintes emendas de redação, solicitando que as mesmas sejam consolidadas no texto a ser remetido à sanção por esta Casa:

#### **Emenda nº 2 – Relator**

No § 3º do art. 2º, substitua-se o termo “em” pela expressão “há pelo menos”.

#### **Emenda nº 3 – Relator**

No inciso I do art. 3º, insira-se o termo “que” antes do verbo “auferir”.

#### **Emenda nº 4 – Relator**

Substitua-se, no inciso VII do art. 13 do Projeto, a expressão “Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços e sobre Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal (ICMS)” pela expressão “Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS).”

#### **Emenda nº 6 – Relator**

Desmembre-se o § 3º do art. 13 do Projeto, nos seguintes §§ 3º e 4º:

“Art. 13. ....  
.....

§ 3º As microempresas e empresas de pequeno porte optantes pelo Simples Nacional ficam dispensadas do pagamento das demais contribuições instituídas pela União, inclusive as contribuições para as entidades privadas de serviço social e de formação profissional vinculadas ao sistema sindical, de que trata o art. 240 da Constituição Federal e demais entidades de serviço social autônomo.

§ 4º Excetua-se da dispensa do § 3º a contribuição sindical patronal instituída pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.”

#### **Emenda nº 7 – Relator**

No § 2º do art. 16, corrija-se a grafia da palavra “mês”.

#### **Emenda nº 8 – Relator**

Suprima-se, no inciso XVI do § 1º do art. 17 do Projeto, a vírgula após a expressão “escolas livres”.



**Emenda nº 11 – Relator**

Dê-se a seguinte redação ao caput e ao § 2º do art. 18 do Projeto:

“Art. 18. O valor devido mensalmente pela microempresa e empresa de pequeno porte, optante do Simples Nacional, será determinado mediante aplicação da tabela do Anexo I.

.....  
 § 2º Em caso de início de atividade, os valores de receita bruta acumulada constantes das tabelas dos Anexos I a V devem ser proporcionalizados ao número de meses de atividade no período.  
 .....

**Emenda nº 13 – Relator**

Dê-se a seguinte redação ao § 3º do art. 20 do Projeto:

“Art. 20. ....  
 .....

§ 3º Na hipótese em que o recolhimento do ICMS ou do ISS não esteja sendo efetuado por meio do Simples Nacional por força do disposto neste artigo e no art. 19, as faixas de receita do Simples Nacional superiores àquela que tenha sido objeto de opção pelos Estados ou pelo Distrito Federal sofrerão, para efeito de recolhimento do Simples Nacional, redução na alíquota equivalente aos percentuais relativos a esses impostos constantes dos Anexos I a V, conforme o caso.  
 .....

**Emenda nº 16 – Relator**

No § 1º do art. 26, corrija-se a grafia da palavra “empreendedores”.

**Emenda nº 17 – Relator**

No inciso III do art. 30, retire-se a palavra “e” colocada entre a expressão “tributos estaduais.”

**Emenda nº 18 – Relator**

Suprima-se o termo “ao” no inciso II do § 1º do art. 30 do Projeto.

**Emenda nº 20 – Relator**

No § 2º do art. 32, insira-se a palavra “do” entre os termos “recolhimento” e “imposto”.

**Emenda nº 21 – Relator**

No § 3º do art. 33, suprima-se o termo “pela”, duplicado.

**Emenda nº 22 – Relator**

Dê-se ao art. 44 do Projeto a seguinte redação:

“Art. 44. ....

§ 1º Entende-se por empate aquelas situações em que as propostas apresentadas pelas microempresas e empresas de pequeno porte sejam iguais ou até 10% (dez por cento) superiores à proposta melhor classificada.  
 .....

**Emenda nº 25 - Relator**

No final do § 2º do art. 55, substitua-se a expressão “em presa” pelo termo “empresa”.

**Emenda nº 26 - Relator**

No final do art. 60, corrija-se a grafia do termo “instituições”.

**Emenda nº 27 - Relator**

No inciso V do art. 73, corrija-se a grafia do termo “suspensos”.

**Emenda nº 28 - Relator**

Substitua-se, no § 1º do art. 77 do Projeto, a expressão “Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)” pela expressão “Secretaria da Receita Previdenciária”.

**Emenda nº 29 - Relator**

No final do § 3º do art. 78, corrija-se a grafia do termo “período”.

**Emenda nº 30 - Relator**

Suprima-se a expressão “art. 58”, duplicada no **caput** do art. 84 do Projeto.

Atenciosamente, – Senador **Renan Calheiros**,  
 Presidente do Senado Federal.

Ofício nº 1.956 (SF)

Brasília, em de novembro de 2006

A Sua Excelência o Senhor  
 Deputado Inocêncio Oliveira  
 Primeiro-Secretário da Câmara dos Deputados  
 Assunto: Emendas do Senado a Projeto de Lei da  
 Câmara.

Senhor Primeiro-Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que o Senado Federal aprovou, em revisão e com emendas, o Projeto de Lei da Câmara nº 100, de 2006- Complementar (PL nº 123, de 2004-Complementar, nessa Casa), que “Dispõe sobre o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte.”

Em anexo, encaminho a Vossa Excelência o autógrafo referente às emendas em apreço, a fim de ser submetida à apreciação da Câmara dos Deputados.

Atenciosamente, – Senador **Mão Santa**, no exercício da Primeira Secretaria.

Emendas do Senado ao Projeto de Lei da Câmara nº 100, de 2006-Complementar (nº 123, de 2004-Complementar, na Casa de origem), que “dispõe sobre o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte”.

#### EMENDA Nº 1

##### (Corresponde à Emenda nº 1 - Relator)

Dê-se a seguinte redação ao inciso I do art. 2º do Projeto:

“Art. 2º .....

I – Comitê Gestor de Tributação das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, vinculado ao Ministério da Fazenda, composto por 2 (dois) representantes da Secretaria da Receita Federal e 2 (dois) representantes da Secretaria de Receita Previdenciária, como representantes da União, 2 (dois) dos Estados e do Distrito e 2 (dois) dos Municípios, para tratar dos aspectos tributários;

.....”

#### EMENDA Nº 2

##### (Corresponde à Emenda nº 5 - Relator)

Dê-se a seguinte redação ao inciso X do § 1º do art. 13 do Projeto:

“Art. 13. ....

§ 1º .....

X – Contribuição para a Seguridade Social, relativa à pessoa do empresário, na qualidade de contribuinte individual;

.....”

#### EMENDA Nº 3

##### (Corresponde à Emenda nº 9 - Relator)

Dê-se a seguinte redação ao inciso XIV do § 1º do art. 17 do Projeto:

“Art. 17. ....

XIV – transpode municipal de passageiros;

.....”

#### EMENDA Nº 4

##### (Corresponde à Emenda nº 10 - Relator)

Inclua-se o seguinte inciso XVI ao art. 17 do Projeto, renumerando-se os demais:

“Art. 17. ....

XVI — que aufera receitas decorrentes de locação de bens imóveis;

.....”

#### EMENDA Nº 5

##### (Corresponde à Emenda nº 12 - Relator)

Acrescente-se o seguinte inciso VI ao § 5º do art. 18 do Projeto:

“Art. 18. ....

§ 5º .....

VI — as atividades de prestação de serviços de transportes intermunicipais e interestaduais serão tributadas na forma do Anexo V, acrescido das alíquotas correspondentes ao ICMS previstas no Anexo I, hipótese em que não estará incluída no Simples Nacional a contribuição prevista no inciso VI do art. 13, devendo esta ser recolhida segundo a legislação prevista para os demais contribuintes ou responsáveis.

.....”

#### EMENDA Nº 6

##### (Corresponde à Emenda nº 14 - Relator)

Dê-se a seguinte redação aos §§ 1º e 5º do art. 21 do Projeto:

“Art. 21. ....

§ 1º Na hipótese de a microempresa ou a empresa de pequeno porte possuir filiais, o recolhimento do Simples Nacional dar-se-á por intermédio da matriz, ressalvado o disposto no § 5º deste artigo.

.....

§ 5º O Comitê Gestor regulará:

I — o modo pelo qual será solicitado o pedido de restituição ou compensação dos valores do Simples Nacional recolhidos indevidamente ou em montante superior que o devido;

II — os critérios para o enquadramento e a distribuição de receitas correspondentes:

a) ao ICMS, nos casos de empresas com estabelecimentos em mais de uma unidade da federação;

b) ao ISS, nos casos de empresas com estabelecimentos em mais de um Município.”

**EMENDA Nº 7****(Corresponde à Emenda nº 15 - Relator)**

Dê-se ao art. 22 do Projeto a seguinte redação, passando o atual § 2º a constituir-se art. 87, renomeando-se o atual § 1º do art. 22, para parágrafo único, e renumerando-se os arts. 87 e 88 para 88 e 89:

“Art. 22. O Comitê Gestor definirá o sistema de repasses do total arrecadado, inclusive encargos legais, para o:

I – Município ou Distrito Federal, o valor correspondente ao ISS;

II – Estado ou Distrito Federal, o valor correspondente ao ICMS;

III – Instituto Nacional do Seguro Social, o valor correspondente à Contribuição para manutenção da Seguridade Social.

Parágrafo único. Enquanto o Comitê Gestor não regulamentar o prazo para o repasse previsto no inciso II do **caput**, este será efetuado nos prazos estabelecidos nos convênios celebrados no âmbito do colegiado a que se refere a Constituição Federal, no art. 155, § 2º, XII, ‘g’.”

“Art. 87. O § 1º do art. 3º da Lei Complementar nº 63, de 11 de janeiro de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

‘Art. 3º .....

§ 1º O valor adicionado corresponderá, para cada Município:

I – ao valor das mercadorias saídas, acrescido do valor das prestações de serviços, no seu território, deduzido o valor das mercadorias entradas, em cada ano civil;

II – nas hipóteses de tributação simplificada a que se refere o parágrafo único do art. 146 da Constituição Federal, e, em outras situações, em que se dispensem os controles de entrada, considerar-se-á como valor adicionado o percentual de 32% (trinta e dois por cento) da receita bruta.

.....’ (NR)”

**EMENDA Nº 8****(Corresponde à Emenda nº 19 - Relator)**

Dê-se a seguinte redação ao inciso I do **caput** do art. 31 e inclua-se § 4º ao mesmo artigo:

“Art. 31. ....

I – na hipótese do inciso I do art. 30, a partir de 1º de janeiro do ano-calendário subsequente, ressalvado o disposto no § 4º deste artigo;

.....  
§ 4º No caso de a microempresa ou a empresa de pequeno porte ser excluída do Simples Nacional no mês de janeiro, na hipótese do inciso I do art. 30, os efeitos da exclusão dar-se-ão nesse mesmo ano.”

**EMENDA Nº 9****(Corresponde à Emenda nº 23 - Relator)**

Dê-se ao art. 45 do Projeto a seguinte redação:

“Art. 45. ....

I – a microempresa ou empresa de pequeno pode melhor classificada poderá apresentar proposta de preço inferior àquela considerada vencedora do cedame, situação em que será adjudicado em seu favor o objeto lícitado;

II – não ocorrendo a contratação da microempresa ou empresa de pequeno pode, na forma do inciso I, serão convocadas as remanescentes que porventura se enquadrem na hipótese dos §§ 1º e 2º do art. 44, na ordem classificatória, para o exercício do mesmo direito;

.....  
§ 1º Na hipótese da não contratação nos termos previstos no **caput**, o objeto lícitado será adjudicado em favor da proposta originalmente vencedora do certame.  
.....”

**EMENDA Nº 10****(Corresponde à Emenda nº 24 - Relator)**

Acrescente-se o seguinte § 2º ao art. 52 do Projeto, renomeando-se o parágrafo único para § 1º:

“Art. 52. ....

§ 1º .....

§ 2º A reincidência no não-atendimento de normas trabalhistas implica a exclusão da microempresa ou empresa de pequeno porte dos benefícios desta Lei Complementar.”

**EMENDA Nº 11****(Corresponde à Emenda nº 31 - Relator)**

Dê-se a seguinte redação ao art. 87 do Projeto:

“Art. 87. Esta Lei Complementar entra em vigor na data de sua publicação, ressalvado o regime de tributação das microempresas e empresas de pequeno porte, que entra em vigor em 1º de julho de 2007.”

**EMENDA Nº 12****(Corresponde à Emenda nº 32 - Relator)**

Dê-se a seguinte redação ao “caput” do art. 88 do Projeto:

“Art. 88. Ficam revogadas a partir de 1º de julho de 2007 a Lei nº 9.317, de 5 de dezembro de 1996, e a Lei nº 9.841, de 5 de outubro de 1999.

.....”

**EMENDA Nº 13****(Corresponde à Emenda nº 33 – Relator)**

Suprima-se o parágrafo único do art. 88 do Projeto.

**EMENDA Nº 14****(Corresponde à Emenda nº 34 – Relator)**

No Anexo I ao Projeto de Lei da Câmara nº 100, de 2006 – Complementar, na interseção das colunas intituladas “CSLL”, “Cofins” e “ICMS” com a linha iniciada por “Até 120.000”, substituam-se os percentuais “0,26%”, “0,79%” e “1,34%” por “0,21%”, “0,74%” e “1,25%”, respectivamente.

No anexo II, na interseção das colunas intituladas “CSLL”, “Cofins” e “ICMS” com a linha iniciada por “Até 120.000”, substituam-se os percentuais “0,26%”, “0,79%” e “1,36%” por “0,21%”, “0,74%” e “1,25%”, respectivamente.

Senado Federal, 10 de novembro de 2006. – Senador **Renan Calheiros**, Presidente do Senado Federal

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Concedo a palavra à última oradora inscrita, Senadora Lúcia Vânia.

**A SRA. LÚCIA VÂNIA** (PSDB – GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o que me traz a esta tribuna hoje é fazer aqui um comentário a respeito da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas, que o Senado aprovou nesta semana. Essa é uma proposição legislativa cuja importância e urgência conta com o consenso desta Casa, como contou com o consenso da Câmara Federal.

O projeto proveio de uma ampla mobilização do empresariado brasileiro, que se organizou na Frente Empresarial e defendeu e propôs à Nação o texto elaborado pelo Sebrae.

Segundo informações do Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa, as pequenas empresas respondem por 20% do PIB brasileiro e empregam 60% dos trabalhadores. Nos últimos anos, o Brasil deve a elas quase a totalidade dos empregos líquidos gerados em nossa economia.

Engolidos pelo excesso de burocracia, que é o maior obstáculo para o desenvolvimento econômico em nosso País, os pequenos empresários são empurrados para a informalidade, que atinge hoje mais de 50% das empresas existentes. E a informalidade no mercado de trabalho, por sua vez, torna precário cerca da metade dos empregos.

Tal conjuntura danosa constitui uma catástrofe econômica e social que deve ser combatida com a máxima urgência. A aprovação dessa lei é a contribuição do Legislativo para começar essa tarefa.

Para se ter uma idéia, para abrir uma empresa no Brasil, hoje, é preciso cumprir em média 17 procedimentos burocráticos, o que leva nada menos que 152 dias! Nos Estados Unidos, por exemplo, é possível a um empreendedor abrir o seu negócio em apenas um dia. Este é um dos objetivos mais importantes do Projeto de Lei das Micro e Pequenas Empresas: reduzir a burocracia para incentivar a formalização dos pequenos negócios.

Outro objetivo, igualmente relevante, é aumentar a competitividade dessas empresas para que elas possam progredir, crescer e empregar mais. Essa competitividade será estimulada principalmente pela redução dos tributos que elas pagam por certa preferência a lhe ser concedida nas compras governamentais e pela diminuição dos custos com burocracia, de que acabei de falar.

Então, o cerne dessa lei é reduzir impostos, dar preferência à pequena empresa, para que ela possa também participar das compras governamentais, e, ao mesmo tempo, diminuir o custo da burocracia, para que ela possa realmente colaborar com a geração de empregos.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a redução de tributos para as micro e pequenas empresas é assunto que interessa a todos os segmentos da nossa sociedade e que deve fazer parte das nossas preocupações. Segundo estudo recém publicado pela empresa internacional de consultoria KPMG, o Brasil está no grupo dos 17 Países que mais tributam as empresas. Com carga tributária média de 34% sobre o faturamento, o Brasil cobra mais imposto – como foi dito aqui pelo Senador Agripino – do que Índia, China, Turquia, México, Rússia e Chile.

Ficam acima dos tributos brasileiros os das três maiores economias mundiais: Japão, com 40,7%; Estados Unidos, com 40%; e Alemanha, com 38,3%.

Esse perverso sistema tributário, além de taxar excessivamente a atividade empresarial, reduzindo a competitividade e inibindo o crescimento, tem feito o País trilhar caminhos contrários aos dos Países mais desenvolvidos.

Esperamos, Sr. Presidente, que agora, com essa nova onda do Governo, com essa nova insistência de dizer que o País vai crescer, sem contudo mostrar quais são as premissas que vamos utilizar para tanto, possamos realmente reduzir essa carga, iniciando esse trabalho com a reforma tributária, que já está na Câmara há mais de dois anos.

Quero dizer que esse crescimento econômico, naturalmente com a redução da carga tributária, vai ensejar mais investimentos, mais geração de empregos e, por consequência, mais progresso.

Portanto, esse é o início da reforma tributária que tanto queremos. Tenho certeza de que, se quiser realmente fazer o País crescer, o Governo terá de colocar em vigência a Lei do Supersimples a partir do mês de julho e não deixar que isso fique adormecido na Câmara dos Deputados.

A proposta aprovada na quarta-feira, também conhecida – conforme mencionei – como Supersimples, institui a unificação de apuração e recolhimento de tributos nas três esferas de governo. Além disso, reduz a burocracia, representando a garantia de um novo paradigma de crescimento para o setor e, com toda a certeza, para a economia brasileira.

Ao aprovarmos o Estatuto Nacional das Micro e Pequenas Empresas, demos um passo em direção ao incentivo para esse importante setor da nossa economia, visando à criação de empregos, como já disse, e ao adensamento econômico do Brasil.

Sinto-me no dever de alertar: o Brasil precisa é de uma reforma tributária eficiente e plana, Sr. Presidente. Podemos considerar a aprovação desse projeto um importante avanço, sem dúvida nenhuma, o qual certamente é o primeiro, mas não poderá ser o único.

Esperamos que a Câmara dos Deputados acate as mudanças promovidas no Senado e agilize a aprovação da matéria, pois o setor e o Brasil aguardam ansiosamente essa resposta do Poder Legislativo. Quero dizer que, com isso, o Congresso Nacional colabora mais uma vez com o Governo, para que possamos ter um País mais humano, mais justo e com mais emprego.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Como está escrito no livro de Deus, os últimos serão os primeiros. A última e extraordinária Senadora fez, sem dúvida nenhuma, o mais brilhante pronunciamento, que dá uma esperança para os que querem trabalhar, os microempresários.

Não há mais oradores inscritos.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Os Srs. Senadores Marcos Guerra, Romero Jucá e Arthur Virgílio enviaram discursos à Mesa para serem

publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o art. 210, inciso I e o § 2º, do Regimento Interno.

S. Ex<sup>as</sup> serão atendidos.

**O SR. MARCOS GUERRA** (PSDB – ES. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sras e Srs. Senadores, existe uma verdade fundamental e universal, conhecida até mesmo por quem não é especialista no assunto: o peso de uma carga tributária abusiva é capaz de asfixiar a economia de um país, desestimulando investimentos e conduzindo à estagnação, quando não ao retrocesso.

Esse é exatamente o caso do Brasil, onde o sistema tributário é um dos mais caros, complexos e injustos do mundo, e um dos principais entraves ao crescimento. Não estou cometendo exagero ao incluí-lo entre os responsáveis pelos índices desanimadores de expansão do Produto Interno Bruto que se sucedem ano após ano.

Nada mais oportuno, portanto, que divulgar nesta tribuna alguns dos resultados de um estudo apresentado há poucos dias, no início deste mês, pela empresa de consultoria suíça KPMG. Ele aponta o Brasil como detentor de uma das cargas tributárias sobre empresas mais altas do mundo.

De acordo com o relatório anual da consultoria, que analisa os impostos cobrados em 86 países, as empresas brasileiras pagam em média 34% sobre a receita anual. Em apenas 16 economias o setor privado está sujeito a uma taxa maior que a brasileira. Nossa carga tributária fica acima da média mundial, que é de 27,1%, e acima também da média na América Latina, de 28,1%.

O relatório contém uma informação que considere muito significativa: nos últimos 14 anos, a tendência em todo o mundo tem sido de reduzir impostos, para enfrentar a concorrência internacional, que ficou muito mais intensa devido à globalização.

Existe uma relação evidente entre a racionalidade do sistema tributário e o desempenho econômico de uma nação – tanto é que a média dos impostos sobre empresas cobrados nos 86 países pesquisados caiu de 38% em 1993 para 27,1% em 2006.

Um exemplo, citado no relatório, é o da Irlanda, onde a carga tributária foi reduzida de 40% em 1993 para 12,5% atualmente. Antes considerada uma espécie de representante do Terceiro Mundo no continente europeu, a Irlanda transformou-se numa das economias mais ricas da Europa, sede de indústrias que utilizam tecnologia de ponta.

O Brasil, por sua vez, caminhou na contramão dessa tendência. Nossas taxas médias, que eram de 25% em 1997, subiram para 34%. Os impostos sobre

o setor privado superam os que são cobrados no Chile, México e Uruguai.

A informalidade crescente, a sonegação a inadimplência e a perda de competitividade da indústria são reflexos diretos da voracidade arrecadadora do Estado brasileiro. No novo ranking de competitividade elaborado pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil caiu nove posições, descendo do 57º lugar para o 68º lugar, atrás de países como México, China, Índia e Chile.

Temos uma carga tributária que penaliza a produção, incidindo até mesmo sobre a compra de máquinas e equipamentos, insumos que geram produtos, serviços, empregos e renda – ou seja, tributamos os meios de produção, instrumentos capazes de impulsionar o desenvolvimento. Além disso, o excesso e a complexidade das regras tributárias obrigam as empresas a destinarem um valor estimado em 1,5% a 2% de seu faturamento apenas para administrar o confuso emaranhado das normas sobre impostos.

Até agora nos limitamos a abordar a questão dos tributos que recaem sobre o setor empresarial. Quando o tema são os impostos pagos pelo consumidor final, o quadro não é muito diferente. Em um CD, por exemplo, ele paga mais de 47% em tributos. Num telefone celular, 41%. Na conta de luz, somados os tributos diretos e os indiretos cobrados das empresas, 45,8%. Na tarifa de telefone, 46,6%. E, na construção de uma casa popular, quase a metade do preço final são impostos.

Diante deste cenário, não há nada de espantoso no fato de que nosso PIB cresça tão pouco. A recuperação da capacidade de investimento só ocorrerá com a realização de reformas fiscal e tributária, condições essenciais para que o País volte a crescer em ritmo compatível com o do restante do mundo. Por enquanto, na corrida para o desenvolvimento, infelizmente estamos ficando para trás.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR SENADOR ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs Senadores, a Federação Brasileira dos Bancos, Febraban, divulgou, há bem pouco, um relevante relatório sobre a população com deficiência no Brasil. Intitulada “População com deficiência no Brasil: fatos e percepções”, a publicação integra o projeto “Coleção Febraban de Inclusão Social”, que visa à investigação meticulosa sobre as condições de vida da sociedade marginal do País.

De braços dados com a i-Social – Soluções em Inclusão Social, consultoria especializada em inclusão socioeconômica de pessoas com deficiência, a Febraban acolheu o projeto da publicação, com o propósito de pôr à disposição da sociedade um quadro deta-

lhado de fatos e percepções das pessoas portadoras de deficiência no Brasil. Tal contribuição servirá para orientar, informar e corrigir atitudes, ações e tratos da sociedade em relação aos deficientes brasileiros.

Não é de todo ignorado que 45% da população brasileira lida diretamente com algum parente deficiente no seu dia-a-dia. Segundo o censo do IBGE, o Brasil abriga cerca de 25 milhões de pessoas portadoras de algum tipo de deficiência. Com tais dados em mira, o estudo se destina ao desenvolvimento de soluções e formulação de propostas envolvendo políticas públicas de inclusão social.

Paralelamente, o conhecimento adquirido com a pesquisa conduzirá a uma melhor alocação dos recursos financeiros, estabelecendo prioridades, identificando necessidades mais latentes e orientando planos de ação junto aos deficientes. Nesse novo ambiente político, nada impedirá uma otimização automática do processo de inclusão social dessa significativa parcela da população brasileira.

Sr. Presidente, como se sabe, a sociedade inclusiva tem como principal foco a oferta de oportunidades iguais para que cada cidadão alcance autonomia e auto-suficiência. Vale registrar que, há apenas algumas décadas, a sociedade brasileira entendia que a pessoa portadora de alguma deficiência teria inexoravelmente uma vida com possibilidades reduzidas, destituída de qualquer perspectiva de realizações plenas.

De volta ao documento publicado pela Febraban, a elaboração do estudo consistiu em três distintas etapas. A primeira foi destinada a um vasto levantamento, compilação e análise de dados já existentes sobre a população com deficiência. A segunda, mais empírica, tratou de implementar um estudo qualitativo junto a pequenos grupos de deficientes distribuídos segundo a natureza da deficiência. A terceira e última etapa se debruçou, obviamente, sobre os aspectos quantitativos do problema, contabilizando dados relevantes extraídos do estudo quantitativo.

Para tanto, 1.200 entrevistas foram realizadas em São Paulo, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília, entre abril e maio de 2006. Seja por entrevistas telefônicas, seja por entrevistas presenciais, a pesquisa lançou mão de uma amostra bastante representativa, comportando uma margem de erro de 2,9 pontos, com 95% de intervalo de confiança.

Pois bem, o relatório da Febraban foi organizado em 5 capítulos complementares entre si, o primeiro dos quais designado a traçar panoramicamente o perfil socioeconômico dos cidadãos com deficiência. O segundo aborda a inserção do deficiente no mercado de trabalho brasileiro, enfatizando uma avaliação rigorosa das condições ambientais para seu pleno

desempenho. O capítulo terceiro registra as percepções das próprias pessoas com deficiência sobre as condições de atendimento geral, sublinhando as formas de relacionamento, os índices de satisfação e a prioridade de adequações.

No quarto capítulo, investigam-se as condições e necessidades de acessibilidade dos portadores de deficiência nos estabelecimentos em geral. Por fim, o último capítulo presta-se a alinhar a conclusão e as considerações finais. Aliás, é nesta hora que o leitor adquire um retrato excepcionalmente bem conciso da situação do deficiente no Brasil. Vamos a ele.

Do ponto de vista do perfil socioeconômico, reitera-se que, embora o movimento cultural de inclusão das pessoas com deficiência seja recente, a velocidade das propostas e soluções em curso é, extraordinariamente, muito dinâmica. Do ponto de vista do mercado de trabalho, deduz-se que o País não está devidamente preparado para acomodar o potencial de 1,5 milhão de jovens com deficiência no mercado de trabalho.

Do ponto de vista do atendimento em geral, enfatiza-se a expectativa manifestada pelos deficientes por um serviço mais “natural” e com bom senso no Brasil. Do ponto de vista da acessibilidade, apesar dos avanços, detectou-se um expressivo déficit na construção de rampas de acesso, mobiliário apropriado, vias públicas rebaixadas e nos sinais sonoros.

Em suma, ao resgatar a percepção dos deficientes sobre suas condições de sobrevivência, o estudo privilegia a voz daqueles que enfrentam, diariamente, as barreiras sociais, físicas e atitudinais, dentro de um contexto nacional já historicamente marcado pela brutalidade dos contrastes de renda. Longe de monótono, o testemunho dos deficientes contempla a pluralidade e a diversidade opinativa, sem nunca deixar de reivindicar o desejo de um Brasil mais justo, mais humano, mais igualitário.

Para encerrar, Sr. Presidente, a mim cabe exaltar, uma vez mais, o valoroso trabalho social da Febraban, publicando documento de tão inestimável relevância para o País. “População com deficiência no Brasil” representa, sem dúvida, uma verdadeira revolução na mentalidade da elite brasileira, confirmando seu compromisso com a inclusão social das minorias mais desamparadas.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, um cartão de crédito corporativo da Presidência da República foi utilizado na compra de 280 “kits de lanches”, em Jacareí (SP), no dia em que o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez comício na

cidade, em setembro passado, segundo matéria de Rogério Pagnan, publicada na **Folha de S.Paulo** desta sexta-feira.

Essa compra, no valor de R\$2.212 mil está sendo investigada pela Justiça Eleitoral de São Paulo após representação feita pelo advogado Sidnei de Oliveira Andrade, Consultor Jurídico da Câmara Municipal de Jacareí.

Ele afirma que parte dos lanches foi distribuída para militantes petistas. “Para o pessoal que veio nas caravanas para o comício, cerca de dez ônibus”, disse. A Presidência confirma a aquisição dos lanches, mas nega irregularidades.

Segundo a assessoria de imprensa da Casa Civil, responsável pelos cartões corporativos, os lanches foram distribuídos para o pessoal de segurança e do apoio presidencial, de acordo com a legislação.

Anteontem, a juíza eleitoral de Jacareí Antonia Brasilina de Paula Farah encaminhou o processo para o TER (Tribunal Regional Eleitoral), que vai repassá-lo, já que pode envolver a campanha pela reeleição do Presidente Lula.

Além da representação do advogado, a Justiça de Jacareí anexou no processo as notas fiscais e o comprovante do cartão de crédito.

As notas fiscais apontam que, no dia 22 de setembro, nove pessoas da segurança e da equipe do Presidente se alimentaram na Churrascaria Gaúcha Romani, em Jacareí.

O almoço, no valor de R\$90,00, foi pago com o cartão corporativo em nome de Mauro Augusto da Silva.

No dia seguinte, quando o Presidente participaria de um comício na cidade, o mesmo funcionário do almoxarifado da Casa Civil voltou ao restaurante e utilizou novamente o cartão para comprar 280 lanches, ao preço unitário de R\$7,90.

A Casa Civil informou que os 280 lanches foram destinados à alimentação dos seguranças e do pessoal do apoio do Presidente, tudo dentro da lei.

A assessoria do Ministério de Dilma Rousseff, responsável pelos cartões corporativos, disse ainda não poder informar, por questões de segurança, qual é o número exato de pessoas que acompanham o Presidente em suas viagens.

O grupo contaria com homens e mulheres da Polícia Federal, das Forças Armadas, das polícias estaduais e de equipe médica. O assessor da Casa Civil chegou a informar que os lanches haviam sido distribuídos em três remessas.

Essa versão foi mudada, porém, quando a reportagem informou a declaração do proprietário da churrascaria de que os lanches foram levados de uma

só vez. Na nova versão, a assessoria asseverou que a alimentação foi transportada pela equipe de segurança, que não poderia ser contatada na tarde de ontem.

Em função disso, apresento requerimento de informações à Ministra-Chefe da Casa Civil com os questionamentos que apresento à Mesa e peço sejam inseridos nos Anais da Casa, junto com a matéria de responsabilidade do jornalista Rogério Pagnan.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O**

**SR. SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso

I e § 2º do Regimento Interno.)

# Justiça apura uso de cartão da Presidência para pagar lanche

Assessor comprou 280 lanches com dinheiro público no dia em que Lula esteve em Jacareí

**ENTENDA O CASO**

Lula é acusado de usar cartões corporativos para gastos de campanha

**Comprovantes dos gastos**

The image shows two fiscal receipts from 'CHURRASCARIA GAÚCHA ROMANI LTDA' and a receipt from 'CASA CIVIL'. The receipts from the churrascaria show a total of R\$ 212,00. The receipt from Casa Civil is for a 'KIT LANCHE' valued at R\$ 2.212,00. The kit includes: Um X-Búrguer, Uma barra de cereal, Uma lata de refrigerante, and Uma fruta.

Notas fiscais fornecidas por churrascaria de Jacareí com comprovantes de pagamento assinados por funcionário da Casa Civil

**23 de setembro**

O funcionário do almoxarifado da Casa Civil Mauro Augusto da Silva comprou com um cartão corporativo da Presidência da República 280 "kits lanche" no valor total de R\$ 2.212 durante visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Jacareí (SP). Lula participou na cidade de um comício

**17 de outubro**

O advogado Sidnei de Oliveira Andrade apresenta a denúncia à Justiça Eleitoral e acusa: "Em Jacareí, Lula paga refeições a militantes do PT com dinheiro público"

**26 de outubro**

A juíza da 62ª Eleitoral de Jacareí, Antonia Brasilina de Paula Farah, determina que o proprietário da Churrascaria Gaúcha Romani entregue a documentação sobre a venda das refeições pagas pela Presidência

**6 de novembro**

O proprietário da churrascaria entrega a documentação: duas notas fiscais e os respectivos cupons de compras feitos com o cartão corporativo da Presidência. Uma nota no valor de R\$ 90 se refere a nove refeições. A outra, no valor de R\$ 2.212, se refere à compra de 280 "kits lanche"

- ✓ O que contém o "kit lanche"?
- ✓ Um X-Búrguer
- ✓ Uma barra de cereal
- ✓ Uma lata de refrigerante
- ✓ Uma fruta

**8 de novembro**

Farah encaminha a representação ao TRE (Tribunal Regional Eleitoral) para que o assunto seja apurado pela Procuradoria Regional Eleitoral

**OUTRO LADO**

A Presidência diz que as refeições e os lanches foram de fato compradas com o cartão corporativo, mas as despesas estão dentro da lei porque foram destinadas a pessoas que participam da segurança presidencial, entre policiais, Forças Armadas e equipe médica

**Governo diz que alimentos foram para seguranças e assessores da Presidência; para advogado, militantes petistas foram beneficiados**

**ROGÉRIO PAGNAN**  
DA REPORTAGEM LOCAL

Um cartão de crédito corporativo da Presidência da República foi utilizado na compra de 280 "kits de lanches", em Jacareí (SP), no dia em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez comício na cidade, em setembro passado.

Essa compra, no valor de R\$ 2.212, está sendo investigada pela Justiça Eleitoral de São Paulo após representação feita pelo advogado Sidnei de Oliveira Andrade, consultor jurídico da Câmara Municipal de Jacareí. Ele afirma que parte dos lanches foi distribuída para militantes petistas. "Para o pessoal que veio nas caravanas para o comício, cerca de dez ônibus", disse.

A Presidência confirma a aquisição dos lanches, mas nega irregularidades. Segundo a assessoria de imprensa da Casa Civil, responsável pelos cartões corporativos, os lanches foram distribuídos para o pessoal de segurança e do apoio presidencial, de acordo com a legislação (leia texto nesta página).

Anteontem, a juíza eleitoral de Jacareí Antonia Brasilina de Paula Farah encaminhou o processo para o TRE (Tribunal Regional Eleitoral), que vai repassá-lo à Procuradoria Regional Eleitoral para apuração, já que pode envolver a campanha da reeleição de Lula.

Atém da representação do advogado, a Justiça de Jacareí anexou no processo as notas fiscais e o comprovante do cartão de crédito.

**Almoço**

As notas fiscais apontam que, no dia 22 de setembro, nove



peças da segurança e da equipe do presidente se alimentaram na Churrascaria Gaúcha Romani, em Jacareí. O almoço, no valor de R\$ 90, foi pago com o cartão corporativo em poder de Mauro Augusto da Silva.

No dia seguinte, quando o presidente participaria de um comício na cidade, o mesmo funcionário do almoxarifado da Casa Civil voltou ao restaurante e utilizou novamente o cartão para comprar 280 lanches, ao preço unitário de R\$ 7,90.

A Folha deixou recados no

celular de Silva, mas não houve resposta até o fechamento desta edição. A reportagem enviou mensagem em seu e-mail, mas também não teve sucesso.

O dono da churrascaria, Celso Romani, 43, afirmou que não sabe do destino dos lanches, levados pela própria equipe da Presidência numa van. "Não sou militante do PT nem do PSDB. Sou como Cristovam Buarque: não levei nada", disse.

### Suspeitas

O fim do sigilo das compras

feitas com o cartão corporativo foi cobrada pelo tucano Geraldo Alckmin ao presidente Lula durante debate no segundo turno. "A única coisa boa que FHC criou no governo dele foi exatamente esse cartão corporativo", afirmou o petista.

Em 2005 surgiram suspeitas da utilização de notas fiscais frias para justificar gastos com cartões corporativos. O TCU analisa o caso.

Colaborou JOSÉ ERNESTO CREDENDIO, da Reportagem Local

## Casa Civil nega irregularidades e afirma que pagou por alimentação de seguranças

### outro lado

DA REPORTAGEM LOCAL

A Casa Civil informou que os 280 lanches foram destinados à alimentação dos seguranças e do pessoal do apoio do presidente, tudo dentro da lei.

A assessoria do ministério de Dilma Rousseff, responsável pelos cartões corporativos, disse ainda não poder informar, por questões de segurança,

qual é o número exato de pessoas que acompanham o presidente em viagens. O grupo contaria com homens e mulheres da Polícia Federal, das Forças Armadas, das polícias estaduais e de equipe médica.

O assessor da Casa Civil chegou a informar que os lanches haviam sido distribuídos em três remessas. Essa versão foi mudada, porém, quando a reportagem informou a posição do proprietário da churrascaria, de que os lanches foram levados de uma só vez.

Na nova versão, a assessoria informou que a alimentação foi transportada pela equipe de segurança, que não poderia ser contatada na tarde de ontem.

Os gastos da Presidência em Jacareí não serão ressarcidos pelo PT, apesar de ter ocorrido lá um evento de campanha. O partido considera que gastos com segurança devem ser custeados pelo governo. Apenas os custos com o avião presidencial serão compensados.

O PT não comentou a compra dos lanches.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos desta sessão de sexta-feira, dia 10 de novembro de 2006, iniciada às 9:00 horas e coordenada pelo nosso extraordinário secretário executivo, Dr. Raimundo Carreiro da Silva.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Está encerrada a sessão.

*(Levanta-se a sessão às 13 horas e 37 minutos.)*

# Ata da 184ª Sessão Não Deliberativa, em 13 de novembro de 2006

4ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura

*Presidência dos Srs. Alvaro Dias, Marco Maciel e Mão Santa*

*(Inicia-se a sessão às 14 horas)*

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR) – A Presidência comunica que a **Medida Provisória nº 330, de 2006**, que “abre crédito extraordinário ao Orçamento de Investimento para 2006, em favor de empresas do Grupo

ELETROBRÁS, no valor total de R\$106.726.769,00 (cento e seis milhões, setecentos e vinte e seis mil, setecentos e sessenta e nove reais), para os fins que especifica”, será encaminhada, nos termos do § 6º do art. 2º da Resolução nº 1, de 2002-CN, à Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, onde poderá receber emendas (OF/SF nº 17/2006).

Fica estabelecido o seguinte calendário de tramitação:

|  | <b>MPV 330</b>                                     |
|--|--|
| <b>Publicação no DO</b>                                      | <b>10-11-2006</b>                                  |
| <b>Emendas</b>   | <b>até 16-11-2006</b>                              |
|  | <b>(7º dia da publicação)</b>                      |
| <b>Prazo final na Comissão</b>                               | <b>10-11-2006 a 23-11-2006</b>                     |
|  | <b>(14º dia)</b>                                   |
| <b>Remessa do Processo à CD</b>                              | <b>23-11-2006</b>                                  |
| <b>Prazo na CD</b>   | <b>de 24-11-2006 A 07-12-2006 (15º ao 28º dia)</b> |
| <b>Recebimento previsto no SF</b>                            | <b>07-12-2006</b>                                  |
| <b>Prazo no SF</b>   | <b>08-12-2006 a 21-12-2006 (42º dia)</b>           |
| <b>Se modificado, devolução à CD</b>                         | <b>21-12-2006</b>                                  |
| <b>Prazo para apreciação das modificações do SF, pela CD</b> | <b>22-12-2006 a 03-2-2007 (43º ao 45º dia)</b>     |
| <b>Regime de urgência, obstruindo a pauta a partir de</b>    |  |
| <b>Prazo final no Congresso</b>                              | <b>04-2-2007 (46º dia)</b>                         |
|  | <b>18-02-2007 (60 dias)</b>                        |

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Encerrou-se na última sexta-feira o prazo para apresentação de emendas ao **Projeto de Lei do Senado nº 292, de 2006**, apresentado pela Comissão de Assuntos Sociais, como conclusão do Parecer nº 1.180, de 2006, que *dispõe sobre o controle da dopagem no desporto e dá outras providências*.

Ao Projeto não foram oferecidas emendas.

A matéria será incluída em Ordem do Dia oportunamente.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Sobre a mesa, Aviso que passo a ler.

É lido o seguinte:

AVISO CIRCULAR Nº 28/GM/MMA

Brasília, 31 de outubro de 2006

A Sua Excelência o Senhor  
Renan Calheiros  
Presidente do Congresso Nacional  
Assunto: Moção nº 82/2006/CONAMA

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,

Comunico a Vossa Excelência que foi publicada no **Diário Oficial da União** de 10 de outubro de 2006, seção I, página 57, a Moção nº 82 do Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA, de 9 de outu-

bro de 2006, aprovada na 49ª Reunião Extraordinária daquele conselho.

Em cumprimento aos termos da referida moção, encaminho, anexa, cópia do documento, que solicita dar

ampla divulgação entre os parlamentares para que se manifestem contrários à importação de pneus usados.

Atenciosamente, – **Marina Silva**, Ministra de Estado do Meio Ambiente, Presidente do Conama.

### MOÇÃO Nº 82, DE 9 OUTUBRO DE 2006

Solicita manifestação contrária à importação de pneus usados.

O Plenário do Conselho Nacional do Meio Ambiente, em sua 49ª Reunião Extraordinária, realizada nos dias 14 e 15 de setembro de 2006, no uso de suas competências, e:

Considerando que a Constituição em seus arts. 225 determina que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações e 196 determina que a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantindo mediante políticas sociais e econômicas, que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação;

Considerando que a Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, denominada Estatuto da Cidade, estabelece entre as diretrizes gerais, a garantia do direito a cidades sustentáveis e ao saneamento ambiental;

Considerando que a Agenda 21 estabelece as estratégias para a gestão de resíduos, priorizando sua redução, reutilização e reciclagem;

Considerando que os pneus são de difícil eliminação, pois não são biodegradáveis e seu volume torna o transporte e o armazenamento complicados e, ainda, não existem soluções de destinação final ambientalmente seguras e economicamente viáveis, e quando queimados liberam substâncias tóxicas e cancerígenas, tais como metais pesados, dioxinas e furanos;

Considerando que os pneus quando jogados em rios e córregos e até nas cidades, obstruem a passagem da água, podendo causar alagamentos e transtornos à população;

Considerando que pneus estocados ou descartados de forma irregular são locais ideais para a proliferação de mosquitos transmissores de doenças, como a febre amarela e a dengue;

Considerando que o comércio internacional de pneus usados é comprovadamente responsável pela disseminação de uma variedade de doenças pelo mundo, na medida em que promove o transporte, de um continente para o outro, de vetores de doenças como a dengue, a febre amarela e outras arboviroses de interesse em saúde pública;

Considerando que a liberação da importação de pneus usados aumentará o passivo ambiental e de saúde pública para o país; e

Considerando que o Brasil, no âmbito da Organização Mundial do Comércio, busca defender a proibição da importação de pneus reformados, questionada pela Comunidade Européia, resolve:

Aprovar Moção a ser encaminhada:

Aos Deputados e Senadores que compõem a Câmara dos Deputados e o Senado Federal, respectivamente, para que manifestem-se contrários a aprovação do Projeto de Lei nº 203, de 1991, que institui a Política Nacional de Resíduos e libera a importação de resíduos, incluindo pneus usados e reformados, e do Projeto de Lei Substitutivo nº 216, de 2003, de autoria do Senador Flávio Arns, que libera a importação de pneus usados; e

Ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, recomendando encaminhamento ao Congresso Nacional de Projeto de Lei que proíbe a importação de resíduos, incluindo pneus usados e reformados, em decorrência das diretrizes estabelecidas na política nacional de meio ambiente e no Estatuto da Cidade, contribuindo desta forma para a prevenção da saúde da população, e para a redução da geração de resíduos no país, e adoção de providências efetivas sobre a proibição da importação de pneus usados e reformados.

MARINA SILVA  
Presidente do Conselho

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Junte-se ao processado do **Projeto de Lei da Câmara nº 216, de 2003**, nos termos do art. 263, Processo Especial do Regimento do Senado Federal.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Sobre a mesa, ofícios que passo a ler.

São lidos os seguintes:

OFÍCIO PGR/GAB/Nº 1.229

Brasília, 21 de setembro de 2006

Senhor Presidente,

Em atenção ao OF. SF nº 1.657/2006, de 14 de setembro de 2006, científico Vossa Excelência do encaminhamento, nesta data, do relatório que o acompanha à consideração do Coordenador do Centro de Cooperação Jurídica Internacional do Ministério Público Federal, Dr. Edson Oliveira de Almeida, da Procuradora Federal dos Direitos do Cidadão, Dra. Ela Wiecko Volkmer de Castilho, e do Procurador-Chefe da Procuradora da República da República no Estado de Minas Gerais, Dr. Eduardo Morato Fonseca.

Atenciosamente, **Antonio Fernando Barros e Silva de Souza**, Procurador-Geral da República.

#### EMBAIXADA DO BRASIL EM LONDRES

Londres, 26 de setembro de 2006

Ref: Ofício SF/nº 1.683/2006

Senhor Presidente,

Muito agradeço a gentileza do envio do Relatório Final nº 4, de 2006-CN, da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito destinada a apurar crimes e outros delitos penais e civis praticados com a emigração ilegal de brasileiros para os Estados Unidos e outros países.

Informo Vossa Excelência que encaminhei aquele documento ao Consulado-Geral do Brasil nesta cidade, para fins de divulgação de seu conteúdo junto à comunidade brasileira no Reino Unido.

Cordiais saudações, – **José Maurício Bustani**, Embaixador.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Os Ofícios, juntados ao processado do Requerimento nº 2, de 2005-CN (CPMI da Emigração Ilegal) vão à publicação.

Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

Aviso nº 1.975-SGS-TCU-Plenário

Brasília, 8 de novembro de 2006

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,

Transmito a Vossa Excelência, para conhecimento, cópia do inteiro teor do Pronunciamento feito pelo Excelentíssimo Sr. Ministro Valmir Campelo em 8-11-2006, na Sessão Ordinária do Plenário deste Tribunal.

Respeitosamente, – **Guilherme Palmeira**, Presidente.

#### COMUNICAÇÃO EM PLENÁRIO

##### HOMENAGEM DO TRIBUNAL DE CONTAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

##### COLAR DO MÉRITO MINISTRO VICTOR NUNES LEAL

Senhor Presidente, Senhores Ministros, Senhor Procurador-Geral,

Comunico a Vossas Excelências que, na última segunda-feira, participei da solenidade de entrega do Colar do Mérito Ministro Victor Nunes Leal, homenagem prestada pelo Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro a personalidades que se destacaram pelo empenho no sentido de promover o fortalecimento das Cortes de Contas do País.

Demonstra o alto significado da condecoração a presença, naquele ato solene, do Presidente do Congresso Nacional, Senador Renan Calheiros, do Senador Antonio Carlos Magalhães, dos Ministros eméritos do Supremo Tribunal Federal e ex-Presidentes do Tribunal Superior Eleitoral, Doutores Célio de Oliveira Borja e Carlos Velloso, do Vice-Presidente do Tribunal de Contas da União, Ministro Walton Alencar Rodrigues, do Presidente da Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil, Conselheiro Victor José Faccioni, do Presidente da Associação Brasileira dos Tribunais de Contas dos Municípios, Conselheiro Francisco de Souza Andrade Netto, do Presidente do Tribunal de Justiça do Estado Rio de Janeiro, Desembargador Sérgio Cavalieri Filho, do Presidente da Associação Nacional dos Desembargadores (ANDES) e Ouvidor-Geral do Judiciário Fluminense, Desembargador Manoel Carpena Amorim, do Procurador-Geral do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas da União, Doutor Lucas Rocha Furtado – figuras tão eminentes e respeitadas –, todos contemplados com a prestigiosa insígnia.

Ali, diante de uma platéia que ocupava por inteiro o recinto destinado ao acontecimento, tive a satisfação e o orgulho de assistir ao pronunciamento do nobre Senador Renan Calheiros, em nome dos agraciados, ocasião em que Sua Excelência enalteceu o grandioso

trabalho dos Tribunais de Contas do Brasil, colocando-os num lugar de destaque na Administração Pública do País, pelo que representam para a sociedade brasileira, dada a sua efetiva atuação em prol da moralidade, da cidadania e da aplicação mais produtiva dos recursos do contribuinte.

Nesta oportunidade, não poderia deixar de felicitar o ilustre Conselheiro-Presidente Thiers Vianna Montebello e os demais membros do TCM/RJ, pela justa homenagem a esses dignos e honrados homens públicos, cuja estatura no proceder está patenteada na extensa e rica folha de relevantes serviços prestados à Nação, mercê do indiscutível talento de todos eles, associado à louvável vocação para a busca do bem comum, externada na respeitável postura com que se colocam à frente das grandes questões nacionais.

Desejo igualmente parabenizar o Presidente Thiers Vianna Montebello, pela grandeza do evento e por sua brilhante condução, manifestando-lhe o meu agradecimento pela maneira gentil e acolhedora com que fui recepcionado naquela Casa de Contas.

Por fim, proponho que cópia desta Comunicação seja encaminhada aos agraciados e à Presidência do TCM/RJ.

TCU, Sala das Sessões Ministro Luciano Brandão Alves de Souza, 8 de novembro de 2006. – **Valmir Campelo**, Ministro.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)

– O Ofício que acaba de ser lido vai à publicação.

Há oradores inscritos.

Concedo a palavra ao Senador Marco Maciel, por permuta com o Senador Mão Santa.

V. Ex<sup>a</sup> dispõe de 20 minutos para o seu pronunciamento, Senador.

**O SR. MARCO MACIEL** (PFL – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente desta sessão, ilustre Senador Alvaro Dias, representante do Paraná no Senado Federal, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a Carta de 1988 inovou em vários campos do constitucionalismo brasileiro. Foram muitas as inovações, as quais estão sendo objetos de regulamentação e de análise sob o ponto de vista de sua hermenêutica.

Vou referir-me hoje a um deles, que, a meu ver, está destinado a produzir alterações acentuadas na estrutura federativa do nosso País. Trata-se, Sr. Presidente, Senador Alvaro Dias, do reconhecimento dos Municípios como entes federativos, só agora concedido, embora, desde a Constituição de 1891, o nosso País seja, enquanto forma de governo, uma República Federativa. Enfim, a Federação brasileira, desde a Constituição de 1891, era definida como uma reunião

da União e os Estados Federados, incluindo o Distrito Federal e os Territórios.

A Constituição de 1988 foi mais além, como disse, e passou a considerar os Municípios também, ao lado dos Estados, entes federativos. O art. 18 da Constituição Federal, que justamente reconhece os Municípios como entes federativos, dá ensejo, a meu ver, que se reforce a descentralização, sinônimo de cidadania. Nação de grande expressão demográfica e extenso território, outro não haveria de ser o destino do nosso federalismo.

Lewis Mumford observa que, ao longo da história, os povos inicialmente se organizaram em cidades. Como também se sabe, **civitas**, palavra latina, e **polis**, de origem grega, na antiguidade clássica, já designavam o que hoje chamamos cidade e ajudam a explicar as nossas raízes na civilização grego-romana. Aliás, a palavra **civitas** tinha mais o sentido de cidade e civilização, enquanto **polis** o sentido de instituição republicana, ou seja de **res publica**, de política. Mas podemos dizer que ambas as expressões explicam a primeira instância política que sempre foi ou é a cidade.

No Brasil, não poderia ser de outra forma, surge com os primeiros municípios: São Vicente teve seus foros de vila reconhecidos já em 1532, em seguida Igarassu (1534) e Olinda (1535), mesma época de Santo André da Borda do Campo e São Paulo; Salvador da Bahia, primeira capital do Brasil, em 1549. O Rio de Janeiro é vila a partir de 1565.

Foi no Município de São Paulo, em torno do Colégio dos Jesuítas de Anchieta, que se projetaram as marchas dos bandeirantes rumo às fronteiras do Brasil por eles firmadas. Nos municípios nordestinos, por outro lado, insurrectos contra a dominação holandesa, se organizou a rebelião libertadora, culminando nas batalhas dos Guararapes. Tal foi a importância desse movimento que hoje o dia 19 de abril, data da primeira batalha dos Guararapes, é considerado o Dia do Exército, porque lá, segundo Gilberto Freyre, se forjou o Exército brasileiro, na medida em que, para expulsar os holandeses, se reuniram negros, brancos e índios, escrevendo com sangue – como disse o autor citado – o nome da pátria.

Foi também nas Câmaras Municipais de São Paulo, em 1641, com Amador Bueno; de São Luís do Maranhão, em 1664, com os irmãos Beckman; e de Olinda, em 1710, com Bernardo Vieira de Melo, que irromperam os primeiros gritos de independência do Brasil.

Sabe-se, como anotou Alcides Grecca, que “a história das lutas pelas liberdades comunais é a história da luta pela liberdade”. Não diferente pensou o mestre Pinto Ferreira, meu professor de Direito Constitucional na vetusta Faculdade de Direito do Recife, ao

afirmar: “o município constituiu a grande escola pública da liberdade”, que aponta ao cidadão o caminho num Estado democrático de direito, como, aliás, recomenda a nossa Constituição em vigor.

Hoje, cerca de 85% da população brasileira é gerada nos municípios, em grandes, médias e pequenas cidades, em torno das quais giram, econômica e culturalmente, as atividades essenciais aos cidadãos. Isso corresponde à transformação do Brasil de agrário a urbano, numa economia de agrícola a industrial e de serviços, cada vez mais integrada em escala global.

Gostaria de lembrar que o processo de urbanização no Brasil foi um dos mais céleres da História. Poucos países do mundo conheceram um processo de urbanização com tanta velocidade. Só para dar um exemplo, entre 1940 e 1950, o Brasil era um país essencialmente agrícola, não somente porque muito da sua produção era de bens primários – o Brasil ainda é pouco industrializado –, mas também e porque grande parte da população residia nos campos. Em 1980, quarenta anos depois – isso é fácil de se comprovar compulsando os censos demográficos decenais do IBGE –, de 1940 a 1980 o Brasil sofreu uma grande mutação, porque se em 1940 tínhamos dois terços da população no campo e um terço nas cidades, em 1980, no espaço de duas gerações da dois terços da população já viviam nas cidades e apenas um terço no campo. Isso quer dizer que houve, no Brasil, mais do que um processo, aliás imemorial, no sentido de migração campo-cidade. Houve algo mais acentuado: um deslocamento das populações que se encontravam no campo e nas pequenas cidades para as médias e grandes cidades brasileiras.

A urbanização no Brasil foi também um processo de metropolização, ou seja, migração da população do campo e das pequenas cidades para as médias e grandes cidades, e, talvez, mais do que isso, um processo de megalopolização, que fez brotarem no Brasil cidades com mais de 10 milhões de habitantes, como, por exemplo, a capital do Estado de São Paulo, que abriga perto de 14 milhões de habitantes.

Isso foi um passo muito significativo que ocorreu no Brasil e produziu conseqüências que ainda estão a exigir solução, porque esse processo foi tão rápido que as cidades não estavam habilitadas a receber um tão grande número de novos habitantes.

Volto à análise que estava fazendo há pouco. A Constituição atual, Sr. Presidente, seguindo a linha das anteriores, especialmente a de 1934, uma Constituição de curta vigência, que vigorou por apenas três anos, de 1934 a 1937, e a de 1946, que vigorou durante 18 anos, além da autonomia dos municípios para a eleatividade das câmaras e dos prefeitos, amplia a sua força econômica e financeira prevendo, no Ato das

Disposições Constitucionais Transitórias, o aumento dos percentuais do Fundo de Participação dos Municípios, o chamado FPM, que se constitui, sobretudo nos municípios mais pobres – na minha região, Nordeste, verificamos isso de forma muito clara –, como a principal fonte de receita.

Tudo nos leva a pensar, a planejar e a executar medidas voltadas à solução dos agudos problemas, entre muitos, que continuam a desafiar os municípios brasileiros. Não me refiro apenas à questão do uso do solo, da gestão urbana, das suas vocações, da questão ambiental. Muitos desses problemas são compartilhados pelas cidades vizinhas.

A questão, portanto, exige reflexão e correto encaminhamento. São providências que urgem ampliação e aplicação de práticas que venham a aprimorar a gestão municipal. Mesmo porque, como disse há pouco, as cidades brasileiras, sobretudo as de médio e grande porte, conheceram um processo de urbanização que não lhes deu condições de prover adequadamente os seus serviços públicos essenciais.

Houve o que Gilberto Freyre chamou, há cerca de 40 anos, de “*inchação demográfica*”, isto é, uma migração do campo e de pequenas cidades para capitais e grandes cidades sem condições de absorvê-la.

O fato é que o processo de urbanização prossegue em todo o mundo. O homem é um animal associativo – esta é uma constatação óbvia – e, cada vez mais, sua tendência é migrar para as cidades. Isso levou o reputado historiador Arnold Tonybee, autor do livro **Um estudo de história**, onde examinou bem a evolução das civilizações, a dizer que, “*em todas as regiões do mundo, tanto adiantadas quanto atrasadas, as cidades estão crescendo em um ritmo de escala que já pressagia um futuro em que as cidades ainda separadas ter-se-ão todas reunidas em uma megalópole global*”. Penso que, com isso, Tonybee quis assinalar que, na realidade, o mundo tende a virar uma grande cidade ou, para usar a expressão de McLuhan, “*uma aldeia global*”.

No Brasil, isso é constatado de forma muito clara, como já tive oportunidade de observar, tendo em vista a expansão que ocorre no sentido da concentração da população em grandes cidades. Por exemplo, no eixo São Paulo/Rio de Janeiro, ao que parece, as duas capitais estão convergindo para uma gigantesca megalópole.

Deve-se, obviamente, ressaltar não ser este um problema especificamente brasileiro, insisto, embora, nas últimas décadas, a intensidade do nosso processo de urbanização seja algo mais acentuado, comparado com outros países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Na União Européia, para exemplificar, foram criadas euro-regiões nas fronteiras dos países membros, com cidades ultrapassando-as, ao modo de regiões metropolitanas internacionais. No Brasil, já temos casos semelhantes a deflagrar semelhantes condutas, a meu ver: no Sul, com Santana do Livramento e Rivera, no Uruguai, e Uruguaiana com Paso de los Libres, na Argentina; no Norte, Tabatinga, no Brasil, e Letícia, na Colômbia, entre o Amapá e a Guiana Francesa, sobre o rio Oiapoque. As integrações globais são, portanto, também físicas urbanas, exigindo, cada vez mais, planejamento e participação.

Volto a me referir a Gilberto Freyre, lembrando que o Mestre de Apipucos propunha, pioneiramente, o que ele denominava “rurbano”, como urbanização dos campos e preservação ecológica do meio ambiente nas cidades e arredores. Juntando as palavras rural e urbano, Gilberto Freyre queria considerar que era uma evolução inevitável.

Esta é hoje a missão fundamental dos Municípios e se constitui um desafio para seus administradores e também para seus planejadores. Todas as cidades brasileiras, sobretudo as de médio e grande porte, precisam de uma provisão de humanismo, enquanto as pequenas, médias e grandes devem melhor se organizar enquanto é tempo.

Faço tais observações, Sr. Presidente, para registrar que, na semana passada, a convite da Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, tive a oportunidade de proferir palestra em Ribeirão Preto, em um curso promovido pela referida instituição intitulado “Gerente de Cidade”, que vem se repetindo há dez anos. Compareci ao primeiro curso, em 1996. “Gerente de Cidade” se destina a formar quadros capazes de melhorar a administração municipal e a criar espaços de formulação e análise das questões pertinentes ao Município. Ao encontro de abertura compareceram o ilustre Governador de São Paulo, Professor Cláudio Lembo, que fez uma excelente exposição; o Dr. Antonio Bias Bueno Guillon, Presidente da FAAP, e o Dr. Victor Mirshawka, Diretor Cultural da entidade. Como palestrante, ressaltai a necessidade de voltar nosso olhar também para a questão municipal, base do edifício institucional do País.

O Curso de Gerente de Cidade insere Ética e Direito num módulo ao lado de Administração Geral e Planejamento. Inclui entre outras disciplinas Ciência Política e Direito do Constitucional ao Administrativo, Tributário, Ambiental e Eleitoral, para melhor entendimento das suas aplicações no Direito Municipal, inclusive a Lei de Responsabilidade Fiscal. Es tudo também de Metodologia Científica, Contabilidade, Orçamento e Recursos Humanos, dão as bases concretas para melhor compreensão da Criatividade e o Empreende-

dorismo da Formação Gerencial e Gestão Municipal com Qualidade Total na Administração Pública.

É o Município a primeira instância política. Tem sido assim desde a Antigüidade. Enfim, o Município é a primeira célula de uma organização política, é onde reside naturalmente o cidadão. Falar em Município é falar em cidadania, é falar em descentralização. E federação rima com descentralização. A Federação brasileira exige cada vez mais descentralização.

Sem querer me alongar, Sr. Presidente, destaco que ao curso estiveram presentes gestores municipais, inclusive de algumas capitais, dentre os quais o de Campo Grande, Nelson Trad Filho, e muitos outros. Na ocasião, foram discutidos os mais variados temas, de interesse direta ou indiretamente, às cidades brasileiras e, de modo particular, às cidades que enfrentam maiores desafios.

O Brasil precisa formar, em face da diversidade e da complexidade de seu território, quadros – administrativos e políticos – habilitados ao tratamento desses temas, pois é algo essencial à gestão da vida municipal, onde o cidadão vive e, por conseguinte, deseja exercitar seus direitos e deveres, assegurados pelo Estado Democrático.

Esse desafio, Sr. Presidente, requer dos homens públicos e, de modo especial, de nós, representantes do povo, a inspiração que caracteriza os profetas.

*“Cada vez é menos possível”,* expressou, em **Rebelião das Massas**, Ortega y Gasset, *“uma política sã sem antecipação histórica, sem profecia”.*

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR) – Muito obrigado, Senador Marco Maciel. V. Ex<sup>a</sup> será atendido regimentalmente.

Com a palavra, o Senador Mozarildo Cavalcanti, por permuta com o Senador Garibaldi Alves Filho. Em seguida, ouviremos o Senador Mão Santa.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PTB – RR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>es</sup> Senadoras e Srs. Senadores, o jornal **Folha de S. Paulo**, de ontem, dia 12, publicou uma reportagem de autoria da jornalista Marta Salomon, cujo título é: “ONG ‘ineptas’ recebem 54% dos repasses ao setor, diz TCU. Entre 1999 e 2005, dez entidades” – apenas dez entidades! – “receberam R\$150,7 milhões do governo federal”.

Sr. Presidente, este é um tema em que tenho batido aqui desde que assumi meu mandato. Consegui, inclusive, criar uma CPI a fim de apurar a atividade das ONG, especialmente na Amazônia. Sempre disse que temos que separar o joio do trigo. E, no meu entender, as instituições que mais deveriam ter interesse nessa



separação são exatamente as ONG, as ONG sérias, pois sob a denominação de ONG – organizações não-governamentais – se abriga uma quantidade enorme de associações, sob os mais diversos títulos, que, no fundo, são verdadeiras arapucas destinadas a tomar dinheiro público – dinheiro governamental, dinheiro do povo, portanto – para “atuar” em áreas em que, teoricamente, o Estado é ineficiente ou é omissor. Elas se especializam, por exemplo, na área de saúde, de educação, de assistência à infância, de assistência ao idoso, de defesa do meio ambiente, das minorias etc. Aliás, sob esse rótulo, existem os mais diversos e possíveis tipos de organizações.

Tive muita dificuldade para colocar em funcionamento uma CPI que dizia respeito às ONG. De uma maneira muito interessante, não houve uma notícia na imprensa sobre essa CPI, o que, na verdade, foi até bom, porque não estávamos em busca de holofotes ou de aparecer na mídia. O que me preocupava como amazônida, e me preocupa ainda hoje, é a predominância dessas instituições, muitas financiadas pelo próprio Governo, cuja finalidade é trabalhar contra as populações locais e contra as minorias, que muitas dizem estar em defesa.

Basta dizer que na nossa CPI duas das instituições investigadas realmente cometiam irregularidades com o dinheiro público; eram duas entidades ditas constituídas por indígenas para cuidar da saúde indígena principalmente, a Cunpir e a Paca, lá no Estado de Rondônia; identificamos desvio de recurso público e má aplicação de recurso público. Depois, o próprio Ministério da Saúde chegou à conclusão, por meio de auditoria, que realmente essas duas instituições não só roubaram mesmo o recurso, como os seus dirigentes, simplesmente, ainda estão impunes até hoje. Felizmente o Procurador do Tribunal de Contas da União tem realmente se preocupado com isso. À época enviamos, como era da obrigação da CPI, as nossas conclusões ao Ministério Público, à Receita Federal, à Polícia Federal e ao Tribunal de Contas da União.

Hoje está aqui, e vou ler só uma parte, Sr. Presidente, sobre essa questão:

Entidade obteve R\$33,85 milhões antes de ser desativada

“Este telefone está programado para temporariamente não receber chamadas”. Ouviu esse recado quem ligou na sexta-feira para a ONG Urihi-Saúde Yanomami, uma das entidades auditadas pelo Tribunal de Contas União.

A fiscalização aponta que a entidade foi criada em 1999 em Boa Vista (RR) [capital do Estado de Roraima que tenho a honra aqui de representar] exclusivamente para celebrar convênios com a Funasa (Fundação Nacional de Saúde) a partir da associação de seis pessoas e cuja sede era a própria casa de seus dirigentes.

Até 2002, recebeu R\$33,85 milhões para prestar assistência à saúde dos índios ianomâmis. O primeiro convênio, de R\$8,77 milhões, foi firmado só três meses após sua fundação, sem apresentação de certidão de regularidade fiscal nem documentos comprovando a capacidade jurídica, descumprindo a legislação. Em documento de 2005, a própria ONG admite ter sido montada para receber recursos do Governo Federal.

“A Urihi decidiu não firmar novo convênio. A partir daí, a estrutura administrativa dessa ONG, montada especificamente para apoiar a execução de convênios com a Funasa, foi desativada”, relata o Tribunal de Contas da União.

Outro caso destacado é o da Cunpir (Coordenação da União dos Povos e Nações Indígenas de Rondônia) que também abrangeu o Norte do Mato Grosso e Sul da Amazonas, que se configura com caráter cultural, mas fez convênios com a Funasa [vejam bem, que se configura com caráter cultural, mas fez convênios com a Funasa] no valor total de R\$11,39 milhões, para prestar assistência médica ao índios. A **Folha** tentou falar com representantes da Cunpir, mas os números de telefones sequer estão ligados.

Já a APNE, Associação Plantas do Nordeste, que firmou três convênios com o Governo Federal no valor de R\$8,84 milhões, é citada como “mera intermediadora de gerenciamento de recursos”. A fiscalização diz que a ONG não tem sede própria e funciona em salas cedidas por empresa pública do Estado de Pernambuco. O diretor da APNE, Franz Pareyn, diz que a entidade tem um acordo de colaboração com a empresa desde 1994, quando foi criada.

Pareyn rebate as críticas dizendo que há doze anos a ONG tem trabalhos com o Governo Federal e que em momento algum teve a sua capacidade questionada.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, na verdade, o que estamos vendo agora é que finalmente o Tribunal de Contas da União tem efetivamente buscado fiscalizar essas organizações não-governamentais que – olhem o nome: não-governamentais – vivem basicamente à custa de recursos governamentais e que, diferentemente de uma prefeiturazinha de interior, não tem que se submeter a nenhum procedimento para receber recursos públicos, principalmente recursos federais.

O que me preocupa muito, Sr. Presidente, é que li também nos jornais desta semana que o Governo Federal pretende estabelecer novo marco regulatório para as chamadas ONG. Destaco um trecho da matéria que peço a V. Ex<sup>a</sup> faça constar como parte integrante do meu pronunciamento:

“(…) o Governo planeja rever todos os projetos de lei que estão no Congresso sobre o assunto”.

Quer dizer, o Governo vai rever os projetos de lei, inclusive os oriundos da própria CPI das ONG para quê?

De acordo com o Ministro Luiz Dulci, o cronograma das discussões deverá permitir que até o fim desse ano existam propostas. A modernização do marco deve trazer transparência e reduzir a burocracia de convênios e parcerias, pois, segundo o Ministro, as entidades enfrentam muitos obstáculos para fazer convênios e receber apoio financeiro.

Ora, Sr. Presidente, eu fico extremamente preocupado. O Tribunal de Contas da União detecta essa situação, corroborando o que nós vimos na CPI das ONG, que presidi.

Agora, o Governo achando pouco todas essas denúncias, pensa em fazer uma legislação ainda mais flexível, que elimine qualquer procedimento ou exigência para que essas instituições possam firmar convênios com o Poder Público, diga-se, com o dinheiro público.

Não posso compreender. Estou atento a essa questão porque o projeto principal, resultante dessa CPI das ONG, presidida por mim, que terminou em 2002 – estamos terminando 2006 –, foi aprovado aqui no Senado e está na Câmara, parado. Pelo que sei, parado por pressão dessas instituições.

Deveríamos até mesmo cobrar da Relatora desse projeto na Câmara; o projeto já foi aprovado no Senado e estabelece justamente esses mecanismos de controle. Uma coisa é realmente uma ONG séria, que se propõe claramente a prestar um serviço e que tem apoio. E deve ter, sim, apoio do Poder Público, mas tem que estar submetida às mesmas normas como qualquer ente público. Senão seria muito fácil: nos juntaríamos, como no caso dessa ONG de Roraima, seis pessoas, faríamos uma ONG, nem sequer a registraríamos, mas receberíamos recursos da ordem de R\$38 milhões. Isso realmente não pode passar despercebido. Isso não pode permanecer assim.

Espero levar essa questão para a Comissão de Fiscalização e Controle do Senado, porque não podemos fazer vista grossa para isso. Trata-se de um roubo, não há outra palavra. E vamos deixar que isso aconteça? Que vá para debaixo do tapete coisas dessa ordem que o próprio Procurador junto ao Tribunal de Contas da União denuncia?

Aqui não se trata de viés ideológico; trata-se de saber por que e para que recebem recursos essas instituições, se aplicam o dinheiro corretamente e se efetivamente estão cumprindo o dito papel social que elas deveriam desempenhar.

No caso dessas duas de Rondônia, ficou provado que os seus dirigentes colocaram o dinheiro no bolso. Quanto a essa de Roraima, eu conheço a história. Não sei sequer se eram seis pessoas que compunham a

ONG, sei bem que eram dois ou três. Agora, depois que a Funasa assumiu o controle – diga-se de passagem que a Funasa em Roraima é um caso que precisa ser investigado pela Presidência da Funasa, pelo Ministério da Saúde, pela CGU e pelo Tribunal de Contas da União, porque as denúncias e informações que temos são as piores possíveis. A Funasa, também nesse caso, é tão ruim quanto essa ONG que recebia dinheiro da Funasa para prestar assistência aos índios. Espero que aqui não se venha falar, por exemplo, como se fala, que precisamos cuidar dos índios e que isso significa demarcar terra. Como médico, entendo que cuidar dos índios é cuidar do ser humano, do índio. Mas o que se está fazendo é brincadeira com o nome do índio, enquanto meia dúzia de pessoas se enriquecem.

Sr. Presidente, deixo aqui este meu registro. Estou encaminhando ainda hoje requerimento de informações ao Sr. Ministro da Saúde, ao Presidente da Funasa e também ao Tribunal de Contas da União para que se esclareça a questão dessa ONG de Roraima e também da atuação da Funasa.

Ouçõ o Senador Mão Santa com muito prazer.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Mozarildo, eu apenas gostaria de dar o meu testemunho de que V. Ex<sup>a</sup> foi o primeiro que alertou, nesta Casa, sobre a necessidade de legislação especial para o controle dessas ONG.

Isso é ululante, é dos princípios administrativos. Quando começou a administração, Henri Fayol, na França, ele disse: “Planejar, ensinar, orientar, coordenar e fazer o controle”. São incontroláveis. Ninguém controla. As câmaras de vereadores não têm poder, nem as assembleias, nem o Congresso Nacional. Elas estão soltas. Todo mundo sabe disso. E V. Ex<sup>a</sup>, ao longo desses anos que convivemos, sempre alertou para o que estava acontecendo, até que tudo se tornou público. Mais da metade é picaretagem. Entendo que foi muito feliz o Senador Heráclito Fortes, do Piauí, ao pedir a CPI das ONG. Temos que separar o joio do trigo, porque algumas ONG são boas – nós sabemos disso – e outras não. Está comprovado: os números refletem a verdade, os números não mentem. Eu jamais poderia dizer que o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva não ganhou as eleições. Os números dizem que ele ganhou, e ganhou. A mesma coisa são os números relativos às ONG. Eles mostram que precisamos ter uma atenção especial. Temos que entender isto: primeiro surge o fato e depois vem a lei. Não havia uma lei que controlasse – e está aí o fato da corrupção, mostrado hoje na imprensa, segundo o qual mais da metade das ONG não têm o comportamento desejado. Então, V. Ex<sup>a</sup> tem nosso apoio e nossa solidariedade. Reconhecemos que bastaria essa bandeira que V. Ex<sup>a</sup> levantou para eternizar o passo rumo à austeridade,

às virtudes e à honestidade necessárias neste País. Temos de afastar as expressões: “eu não sei”, “eu não tinha conhecimento”, “eu não sabia”, “o amigo não”. Temos de buscar a verdade, e a verdade está com Ulysses Guimarães, que disse: “O cupim que destrói a democracia é a corrupção”. Nunca antes houve tanta corrupção neste País como hoje.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI (PTB – RR)**

– Agradeço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Mão Santa.

Gostaria também, Sr. Presidente, de ressaltar uma parte da conclusão do Tribunal de Contas da União, segundo a qual a relação entre o Estado – portanto, entende-se, entre Governo Federal principalmente – e as ONG é pautada pela quase absoluta falta de controle, com conseqüente perda aos cofres públicos e à população.

Então, é muito importante que este caso esteja hoje sendo analisado por um órgão isento, como é o caso do Tribunal de Contas da União, e que a imprensa esteja efetivamente dando publicidade a isso.

Requeiro a V. Ex<sup>a</sup> que faça parte do meu pronunciamento as seguintes matérias divulgadas: “ONG terão marco regulatório”; “Dulci quer rever relações sobre

ONG”; “Organizações (não) governamentais?”, artigo de autoria do Dr. Aldo Pereira; “ONG ‘ineptas’ recebem 54% dos repasses ao setor, diz TCU”, matéria publicada na **Folha de S. Paulo**.

Finalmente, é importante que se diga aqui, Senador Mão Santa, “Auditoria sobre ONG deve ampliar a pressão por CPI”.

Nesse caso, pela segunda CPI sobre as ONG, por que a primeira CPI foi concluída e tomou as providências que em seu âmbito podia tomar. Espero que se possa desdobrar o assunto e aprofundar na apreciação dele.

Recentemente assisti a um documentário com o título: “Quanto vale ou é por quilo?”, feito por um cineasta brasileiro, que enfoca muito bem o grande número de ONG; segundo o TCU, a maioria delas, 54%.

Muito obrigado.

### **DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O SR. SENADOR MOZARILDO CAVALCANTI EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

# ONGs terão marco regulatório

## Idéia do governo não é fiscalizar, mas facilitar acesso a recursos

PORTO ALEGRE

O Palácio do Planalto vai fazer um agrado ao Fórum Social Mundial, criando um marco regulatório para as organizações não-governamentais (ONGs). A informação foi dada ontem pelo ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência, Luiz Dulci, encarregado de abrir o diálogo com os movimentos sociais no governo.

Na prática, o Planalto não pretende tocar no vespeiro da fiscalização das ONGs, mas, sim, facilitar o acesso a recursos internacionais para essas organizações. Uma das queixas das entidades é que o conjunto das normas do País na área é

#### **Bh38**

• Debate Quixotes Hoje: Utopia e Política, com José Saramago, Eduardo Galeano, Ignacio Ramonet, Federico Mayor Zaragoza e Roberto Savio – Auditório Araújo Viana

• Fórum Mundial da Dignidade, com Leonardo Boff, Hector Mondragón, Ghvânia Marta da Silva, João Pedro Stedile, Bianca Chancoso, Egberto Tabe e representantes dos delts – Espaço F – Anfiteatro Pôr-do-Sol

• Oficina Revolução Digital: Liberdade do Conhecimento e Liberdade de Expressão, com

Gilberto Gil, Manuel Castells e John Perry Barlow – Espaço A – Casa do Porto 15h38

• Campanha Quem Financia a Beizaria é Contra a Cidadania divulga o ranking dos cinco programas que mais desrespeitam os direitos humanos na televisão – Espaço D – Casa do Porto

• Debate Um Outro Mundo é Possível Sem Tomar o Poder: da Antiglobalização à Atenglobalização, com Moacir Gadotti, Boaventura de Souza Santos, Emir Sader, Antônio Negri, John Holloway e Michael Hardt – Espaço A – Casa do Porto

### Entidades alegam que conjunto de normas do País para o setor é muito defasado

muito defasado e, portanto, existe muita burocracia para o envio de verba, prejudicando investimentos no Brasil.

“É importante que a legislação seja atualizada, inclusive para convênios com o poder pú-

blico”, argumentou Dulci. “Também é fundamental que o marco regulatório desburocratize o setor e assegure, quando houver recursos públicos envolvidos, o adequado controle desta verba”, ressaltou.

O secretário-geral da Presidência disse que será formado um grupo de trabalho com representantes de ONGs, governo e fundações empresariais, para debater o tema e aprovar propostas para o marco regulatório do setor. O tema deve pas-

sar pelo crivo do Congresso.

Dulci negou, porém, que a medida tenha sido tomada para controlar as atividades das ONGs. “Nós respeitamos a autonomia dessas organizações”, ressaltou. O governo também não quer reforçar a fiscalização sobre o uso de verbas pelo terceiro setor. “A imensa maioria das ONGs não só é de honestidade à toda prova, como às vezes as pessoas colocam dinheiro do próprio bolso para que elas funcionem”, argumentou o V.R.

## Dulci quer rever legislação sobre ONGs

**ANA FLOR**

**ENVIADA ESPECIAL A PORTO ALEGRE**

O governo irá criar um grupo misto de trabalho para reformular o marco legal que regulamenta convênios e parcerias de ONGs (organizações não-governamentais) e entidades do terceiro setor com o governo e com organismos internacionais.

A decisão, que atende uma reivindicação antiga das ONGs, foi tomada durante o 5º Fórum Social Mundial -evento em que participam centenas de organizações do chamado terceiro setor.

Coordenado pela Secretaria Geral da Presidência, o grupo irá reunir representantes de ONGs, fundações empresariais e movimentos sociais. Além de analisar a legislação de outros países, o governo planeja rever todos os projetos de lei que estão no Congresso sobre o assunto.

De acordo com o ministro Luiz Dulci (Secretaria Geral), o cronograma das discussões deverá permitir que até o fim deste ano existam propostas.

A modernização do marco deve trazer transparência e reduzir a burocracia de convênios e parcerias. Segundo Dulci, as entidades enfrentam muitos obstáculos para fazer convênios e receber apoios financeiros.

Além disso, é preciso haver "cuidado" quando se tratar de repasses dos governos. "De um lado é necessário desburocratizar, de outro, assegurar o adequado controle quando houver recursos públicos envolvidos."

Dulci garantiu que o objetivo do governo não é regular as ações das organizações. "A esfera da auto-organização fica intacta."

Para o presidente da Abong (Associação Brasileira de ONGs), Jorge Durão, deve ser criado um espaço institucional de debate para que o aprimoramento da legislação seja feito de forma democrática e transparente.

Texto Anterior: Davos/Porto Alegre - Debate global: Frei Betto compara início do governo a Cuba

Próximo Texto: Guerrilha urbana

Índice

## **Organizações (não) governamentais?**

**ALDO PEREIRA**

**Restaria considerar, na CPI, o risco de aparelhamento de ONGs. A lei proíbe, mas proibições sempre estarão sujeitas a burla**

SE O governo não abortá-la, a Comissão Parlamentar de Inquérito proposta pelo senador Heráclito Fortes (PFL-PI) poderá investigar as organizações não-governamentais em três quesitos: 1) Qual a dependência das ONGs em relação a governos e grupos empresariais do Brasil e de outros países? 2) Quais ONGs têm recebido fundos públicos, em que volume, de quais ministérios e para que fins? 3) Tais subvenções poderão ter favorecido quadros partidários?

Para garantir objetividade e isenção, a CPI deverá ter em conta que o fenômeno das ONGs introduz inovadores aperfeiçoamentos da democracia. Com a falência do modelo marxista-leninista já em quase todo o mundo, o monopólio estatal das vontades individuais se rendeu ao duopólio de poder Estado-mercado.

Em países nos quais já existia, esse duopólio se consolidou: a maior parte do produto de nosso trabalho é hoje apropriada pelo governo (por coerção tributária) e por empresas (mediante técnicas, muitas vezes manipulativas, de persuasão e motivação).

Nas ONGs, a sociedade civil busca resistir a essa pinça que a empolga e sufoca: abusos de governantes sobre contribuintes e de empresas sobre consumidores.

No Brasil, são já 250 mil ONGs, nas quais colaboram 3 milhões de pessoas (números aproximados). Apesar de esporádicas e suspeitas exceções, ONGs autênticas atuam, tipicamente, por lobby sobre governantes, boicote sobre empresas e exposição de cantos escuros dos dois campos. Expandem-se, portanto, mediante estreitamento do poder do Estado e do mercado. Os quais,

naturalmente, reagem.

Nessa tensão agonista-antagonista, vibra muita esperança, embora também riscos de rupturas, como a recente repressão das ONGs na Rússia. O que o governo russo pretende por estupro, o brasileiro tem buscado por sedução: perverter as ONGs com "parcerias", como as oferecidas pela lei nº 9.790, de 1999.

Essa lei batizou, definiu e regulamentou as Oscips ("Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público"). O documento não menciona "organizações não-governamentais", justamente porque o nome sugere autonomia, quando a intenção oficial já era, então, de subordiná-las a interesses do governo.

Há rigorosas exigências para registro de Oscip no Ministério da Justiça. Mas, como se diria nos Estados Unidos, a lei nº 9.790 balança também suculenta cenoura na ponta da vara: Oscips dóceis podem ser contempladas com "parcerias". Um terço do texto da lei nº 9.790 trata de "parcerias".

Mas a sociedade civil genuinamente democrática não se organiza assim, de cima para baixo. O Greenpeace, com sede em Amsterdã (Holanda), não aceita dinheiro de empresas, governos ou partidos. Sustenta-se com donativos de quase 3 milhões de filiados em 41 países. Também a Anistia Internacional, baseada em Londres (Inglaterra), declara independência igual. Depende apenas de donativos e trabalho de uns 2 milhões de colaboradores em mais de 150 países.

Admita-se que ambas são admiráveis exceções. A maioria das outras ONGs aceita, sim, contribuições de agências governamentais, empresas e fundações. As mais acreditadas, porém, com prudente reserva. Médicos

sem Fronteiras, que tem sede em Paris, limita contribuições governamentais a 5% de seu orçamento. No Brasil, a alternativa talvez fosse adaptar o modelo húngaro, pelo qual pessoas físicas podem deduzir do imposto de renda, em certo limite, donativos pagos a ONGs de sua escolha. Restaria considerar, na CPI, o risco de aparelhamento de ONGs. A lei nº 9.790 proíbe o desvirtuamento delas, mas o passado ensina que proibições sempre estarão sujeitas a burla.

Em 1989, a oposição acusou o então governador Orestes Quércia de contratar cabos eleitorais e apadrinhados sem concurso, mas com legalidade formal, por meio do Baneser (Banespa Serviços Técnicos e Administrativos S.A., subsidiária do Banco do Estado de São Paulo). No fim do mandato de seu sucessor, Luiz Antonio Fleury Filho, festiva gôndola com mais de 20 mil ocupantes pendia do balão colorido do Baneser. (Pouco depois de suceder a Fleury, Mário Covas alfinetou o balão com lacônico decreto de extinção.)

O Baneser apenas aperfeiçoou a arte de burlar interdições legais. Já bem antes, sífoes subterrâneos vinham drenando dinheiro do Estado para premiar compadres e municiar militantes. O Baneser pode ter morrido, mas, dizem, sua alma penada ainda assombra

palácios da República onde o conjuram. Poderá reencarnar ainda como um sistema de ONGs "emparceiradas"?

**ALDO PEREIRA**, 74, é ex-editorialista da **Folha** e colaborador especial do jornal.

# ONGs 'ineptas' recebem 54% dos repasses ao setor, diz TCU

Entre 1999 e 2005, dez entidades receberam R\$ 150,7 milhões do governo federal

**Ministro do Planejamento admite que mecanismos de controle de convênios precisam ser mais rigorosos e defende transparência**

**MARTA SALOMON**  
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Organizações não-governamentais sem condições ou sem capacidade para executar convênios com a União receberam mais da metade —54,5%— das verbas federais destinadas a atividades para as quais faltam braços ao Estado, estima relatório de auditoria recém-aprovado do TCU (Tribunal de Contas da União), com base em amostra que para o órgão representa o padrão de comportamento dessas entidades.

O TCU analisou detalhadamente 28 convênios celebrados com dez ONGs. Eles cuidam da prestação de serviços na área de saúde indígena à concessão de bolsas de estudo, passando pela capacitação do programa Primeiro Emprego e pela compra de ambulâncias.

Os convênios analisados receberam R\$ 150,7 milhões dos cofres públicos entre 1999 e 2005. O Siafi (sistema informatizado de acompanhamento de gastos federais) mostra que entidades privadas sem fins lucrativos movimentam quantias bilionárias de tributos arrecadados no período.

Desde 2001, com exceção de 2003 (ano de drástica redução de gastos não-obrigatórios), essas entidades vêm recebendo mais de R\$ 2 bilhões por ano, em valores corrigidos pela inflação. O total de convênios é um mistério. Lideram os repasses os ministérios da Saúde e o de Ciência e Tecnologia.

## Sem controle

A relação entre o Estado e as ONGs, de acordo com o TCU, é pautada pela quase absoluta falta de controle, com consequente perda aos cofres públicos e à população.

“O que está ocorrendo é uma verdadeira terceirização da execução das políticas públicas para organizações da sociedade civil, daí descambiando para toda sorte de ilícitos administrativos, tais como a burla da exigência de concurso público e de licitações, o uso político-eleitorário dos recursos transferidos, o desvio de recursos para enriquecimento ilícito, entre muitos outros”, diz a auditoria relatada pelo ministro Marcos Bemquerer Costa, à qual a **Folha** teve acesso.

O relatório determina a adoção de providências pelos ministérios do Planejamento e da Justiça. O TCU cobra a divulgação, pela internet, de todos os convênios para repasses de recursos públicos a entidades privadas, assim como do cadastro completo das entidades de interesse público (as **Oscips**) ou de utilidade pública.

O ministro Paulo Bernardo (Planejamento) disse que as recomendações do TCU serão acatadas pelo governo porque “há interesse em haver total transparência” no trato dos recursos públicos destinados às ONGs. Segundo ele, é preciso melhorar os mecanismos de controle desses convênios.

“Queremos restringir o acesso de recursos públicos apenas a quem tem condições”, disse ele, ainda sem conhecer os detalhes da auditoria.

O TCU recomendou ao Tesouro Nacional que adote critérios “aferríveis e transparentes”

para a escolha de entidades que receberão dinheiro público. Durante a auditoria, constatou-se que os planos de trabalho das ONGs não seguem regras determinadas pelo Tesouro. Em geral, os objetos dos convênios não são definidos com precisão, as metas são vagas e as irregularidades incluem ainda superfaturamento de preços e notas fiscais frias.

Além disso, foram detectadas falhas na avaliação que antecede a aprovação dos convênios. Há situações em que os pareceres dos órgãos públicos simplesmente inexistem.

É o caso de convênio entre o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a Associação de Plantas do Nordeste, em que não houve análise técnica. A ONG atuou como mera intermediadora de recursos públicos, já que não executaria atividades de pesquisa para as quais foi contratada pelo Ministério de Ciência e Tecnologia.

Em cinco convênios auditados da Funasa (Fundação Nacional de Saúde), faltaram certidões que atestassem situação regular com o Fisco. Uma das entidades contratadas, a Urihi-Saúde Yanomami, teria sido criada, segundo o TCU, só para receber e gerenciar dinheiro (R\$ 33,8 milhões) da Funasa (leia texto nesta página).

Na avaliação dos auditores, dada a quantidade e a semelhança das falhas nas primeiras fases dos convênios, elas não se limitam a irregularidades formais. Seriam omissões, “ou até mesmo ações deliberadas para dificultar a efetividade do controle nas fases subseqüentes”.

## Oposição tenta criar no Senado CPI das ONGs

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A oposição no Senado tem requerimento pronto para criar uma CPI com que investigue o repasse de recursos públicos para ONGs e Oscips (Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público). A CPI, proposta pelo senador Heráclito Fortes (PFL-PI), investigaria como as verbas foram gastas. O requerimento tem as 27 assinaturas necessárias para criar uma CPI no Senado.

Heráclito chegou a protocolar, anteontem, requerimento de criação da CPI das ONGs. Mas o documento não tinha fato determinado. Ele fez a justificativa e começou a coletar assinaturas.

A proposta de criação da CPI surgiu quando petistas foram presos com R\$ 1,7 milhão que seria usado para comprar um suposto dossiê antitucano. Um dos envolvidos, Jorge Lorenzetti, era colaborador da rede Uníttrabalho, que recebeu por convênios R\$ 18,5 milhões dos cofres públicos, segundo o site Contas Abertas. Na gestão FHC, a fundação recebera R\$ 840,5 mil. Lorenzetti

também era analista de mídia e risco do PT.

## Entidade obteve R\$ 33,85 mi antes de ser desativada

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

“Este telefone está programado para temporariamente não receber chamadas.” Ouviu esse recado quem ligou na sexta-feira para a ONG Urihi - Saúde Yanomami, uma das entidades auditadas pelo TCU (Tribunal de Contas da União).

A fiscalização aponta que a entidade foi criada em 1999 em Boa Vista (RR) exclusivamente para celebrar convênios com a Funasa (Fundação Nacional de Saúde), a partir da associação de seis pessoas e cuja sede era a própria casa de seus dirigentes.

Até 2002, recebeu R\$ 33,85 milhões para prestar assistência à saúde dos índios ianomâmis. O primeiro convênio, de R\$ 8,77 milhões, foi firmado só três meses após sua fundação, sem apresentação de certidão de regularidade fiscal nem documentos comprovando a capacidade jurídica, descumprindo a legislação. Em documento de 2005, a própria ONG admite ter sido montada para receber recursos do governo federal.

“A Urihi decidiu não firmar

novo convênio. A partir daí, a estrutura administrativa da Urihi, montada especificamente para apoiar a execução de convênios com a Funasa, foi desativada”, relata o TCU.

Outro caso destacado pelo TCU é o da Cunpir (Coordenação da União dos Povos e Nações Indígenas de Rondônia, norte de Mato Grosso e sul do Amazonas), que se configura com “caráter cultural”, mas fez convênios com a Funasa no valor total de R\$ 11,39 milhões para presar assistência médica aos índios. A Folha tentou falar com representantes da Cunpir, mas os números de telefone nem sequer estão ligados.

Já a APNE (Associação Plantas do Nordeste), que firmou três convênios com o governo federal no valor de R\$ 8,84 milhões, é citada como “mera intermediadora de gerenciamento de recursos”. A fiscalização diz que a ONG não tem sede própria e funciona em salas cedidas por empresa pública do Estado de Pernambuco. O diretor da APNE, Franz Pareyn, diz que a entidade tem um acordo de colaboração com a empresa desde 1994, quando foi criada.

Pareyn rebate as críticas dizendo que há 12 anos a ONG tem trabalhos com o governo federal e que em momento algum teve sua capacidade questionada. (LUCIANA CONSTANTINO)



## **Auditoria sobre ONGs deve ampliar a pressão por CPI**

**Relatório do TCU apontou que 54,5% das verbas federais destinadas às organizações atendem entidades "ineptas"**

**Senador Heráclito Fortes reúne assinaturas na Casa para instalar comissão, mas líder do governo defende utilização de outros meios**

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A auditoria do TCU (Tribunal de Contas da União) apontando que 54,5% das verbas federais repassadas a organizações não-governamentais atendem a entidades sem capacidade para executar as atividades deverá ampliar a pressão da oposição no Senado para criar a CPI das ONGs.

"[O relatório] reforça a urgência de fazer a CPI e mostra que eu tinha razão", afirmou o senador Heráclito Fortes (PFL-PI), que recolhe assinaturas para apresentar o requerimento de abertura da comissão desde o mês passado.

Heráclito chegou a conseguir as 27 assinaturas necessárias (um terço da Casa) para criar a CPI, mas o pedido não tinha fato determinado. Ele disse que até amanhã, quando a maioria dos parlamentares chega a Brasília, terá todas as assinaturas de novo. "Será uma CPI rápida, de 60 dias, e o próximo ano já vai abrir com esse assunto", afirmou Heráclito. Parte da oposição defende que a abertura da CPI seria o primeiro desgaste do novo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e funcionaria como um contraponto à perda de força da oposição no Congresso -especialmente na Câmara- na futura legislatura.

O líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR), disse que não haverá mobilização para barrar a CPI, mas argumenta que o caso deveria ser analisado na comissão de Fiscalização e Controle da Casa. "A Casa tem outros instrumentos, a CPI esquentou a temperatura e o momento que vivemos no país é outro, é de discutir reformas, crescimento", disse.

A proposta de criar a CPI surgiu durante o período eleitoral, quando emissários do PT foram presos com R\$ 1,7 milhão que seria usado para comprar um dossiê contra tucanos. O elo, no caso, seria o fato de Jorge Lorenzetti ser colaborador da rede Unitrabalho. Lorenzetti é apontado pela Polícia Federal como o articulador da compra do dossiê. (SILVIO NAVARRO)

Texto Anterior: [Toda Mídia - Nelson de Sá: O jogo continua](#)

Próximo Texto: [Mantega quer uma reforma tributária mais "ambiciosa"](#)

[Índice](#)

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR) – V. Ex<sup>a</sup> será atendido na forma do Regimento Interno.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR) – A Presidência comunica que foram indicadas 49 candidatas para concorrer ao Prêmio Mulher Cidadã

Bertha Lutz, nas condições especificadas em relação anexa.

Os nomes, acompanhados dos respectivos currículos, vão ao Conselho para escolha das agraciadas.

São as seguintes as indicações:

### INDICAÇÕES AO DIPLOMA MULHER-CIDADÃ BERTHA LUTZ (6ª EDIÇÃO)

|    | INDICADA                                  | PROPONENTE   | ORIGEM                    | BREVE CURRÍCULO   |
|----|---|--|---------------------------|---|
| 1. | ALAÍDE RODRIGUES DA SILVA                 | Márcia de Campos Pereira, Presidente da Confederação das Mulheres do Brasil (CMB) e Federação Democrática Internacional de Mulheres (FDIM) | Mora em Recife            | Alaíde é dona de casa, mãe de cinco filhos e avó de 12 netos. Foi alfabetizada aos 67 anos, pela Confederação das Mulheres do Brasil – CNB no Estado de Pernambuco. cursou o supletivo 1º e 2º graus e, ao 78 anos de idade formou-se em Pedagogia. Atualmente, está cursando pós-graduação na FUNESO – Fundação de Ensino Superior de Olinda-PE. Seu objetivo de ter cursado Pedagogia foi ajudar a humanidade. D. Alaíde vem realizando trabalho de alfabetização de jovens e adultos em todo o Brasil, percorrendo as salas de aula da CMB (de 2003/2006 mais de 40.000 alunos), combatendo a evasão, e de outras instituições amigas, levando seu exemplo de força para que aqueles que estão começando tenham forças para continuar estudando. Atualmente, D. Alaíde é Presidente da CMB – Confederação das Mulheres do Brasil.  |
| 2. | ANTONIA GRASIA CONTINI MARTINELLI PEREIRA | Meire Lúcia Neme Gabriel, Presidente da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais do DF - BPW                                     | Mora em Brasília-DF       | É casada e mãe de dois filhos. Graduada em Ciências Econômicas, com especialização em administração geral, financeira e orçamentária, administração pública, elaboração de projetos, políticas e estratégias para formação de espírito empresarial feminino, formação de consultores para micro e pequenas empresas (Torino-Itália). Atuou como consultora da Organização Internacional do Trabalho – OIT, em algumas cidades da África, repassando experiência do empreendedorismo social e instrutora de cursos sobre empreendedorismo e formação da mulher na criação e gestão de pequenos negócios.   |
| 3. | BENEDITA SOUZA DA SILVA SAMPAIO           | Senador PAULO PAIM   | Mora no Rio de Janeiro-RJ | Benedita da Silva é cientista política e assistente social. Tem uma das mais reconhecidas biografias políticas do Brasil. Primeira vereadora negra eleita pela cidade do Rio de Janeiro, manteve-se na liderança dos movimentos pela equidade de raça e gênero. Foi a primeira senadora da República e mais tarde tornou-se a primeira governante negra do Brasil, quando assumiu a chefia do Poder Executivo estadual do Rio de Janeiro. Ocupou a cadeira de Ministra da Assistência Social, na primeira formação ministerial do governo Lula. Atualmente preside a Fundação Internacional Benedita da Silva, no morro do Chapéu-Mangueira, no Rio de Janeiro, com representação nos EUA.  |
| 4. | CRISTINA HELENA MIOKO HIGA                | Gaetano Vergine, Delegado de Polícia Titular da Delegacia de Investigações Gerais de Santos-SP   | Mora em Santos-SP         | Licenciada Plena em Ciências e Matemática, Bacharel em Matemática com Especialização em Processamento de Dados, Especializada em Análise de Sistemas e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. É investigadora de Polícia com exercício na Delegacia de Investigações Gerais de Santos-SP. Durante sua trajetória profissional recebeu diversos elogios: do Delegado Regional de Polícia de Santos, por elucidar e deter o "estuprador da náutica", que ao longo dos meses vinha aterrorizando o município de São Vicente, não poupando senhoras ou crianças; do Delegado de Polícia Diretor do DERIN, por ter elucidado hediondo crime de extorsão mediante sequestro, ocorrido em 1992, em São Vicente; do Departamento de Polícia Judiciária do Interior – DEINTER-6, em 2004; do Deputado Estadual Fausto Figueira na Assembléia Legislativa elogiando a ação da Equipe da DIG de Santos na elucidação do seqüestro de bebê na Maternidade do Hospital Guilherme Álvaro, em Santos. |

|     | INDICADA               | PROPONENTE  | ORIGEM              | BREVE CURRÍCULO  |
|-----|------------------------|---|---------------------|--|
| 5.  | DEBORA DINIZ           | Fabiana Paranhos, Diretora do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero - ANIS                                     | Mora em Brasília-DF | Débora Diniz é Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília (1999), com pós-graduação pela Universidade de Leeds (2000). Atualmente é professora adjunta da Universidade de Brasília, Diretora Executiva da Organização não-governamental Anis: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero e compõe a diretoria da <i>International Association of Bioethics</i> . Possui 46 artigos publicados em periódicos científicos, 37 capítulos de livro, 4 livros, 5 livros organizados, 73 artigos de jornal, 4 filmes e 18 prêmios. Desenvolve projetos de pesquisa sobre bioética, direitos reprodutivos, liberdade de cátedra e deficiência pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Fundação Ford, International Women's Health Coalition e Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Produziu 4 documentários etnográficos, sendo que um deles, "Uma História Severina", em parceria com Eliane Brum, recebeu 9 prêmios nacionais e internacionais. Seus dois livros mais recentes são: "Entre a Dúvida e o Dogma: liberdade de cátedra e universidades confessionais", em parceria com Samantha Buglione e Roger Rios, e "Ensaio Bioética", em parceria com Sérgio Costa. |
| 6.  | EDNEIDE ARRUDA PEREIRA | Senadora Fátima Cleide  | Paraíba             | Bacharel em Comunicação Social, feminista, ambientalista, socialista, militante social, uma das fundadoras em Rondônia do Fórum Popular de Mulheres, é uma das articuladoras do projeto Canta Mulher, principal articuladora da luta das mulheres pela instalação do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.  |
| 7.  | ELIZABET GARCIA CAMPOS | Beatriz Susanne Schwab Fernandes, Diretora de Comunicação e Marketing do Instituto Brasileiro de Qualidade de Vida – IBQV | Mora em Brasília-DF | Pioneira em Brasília, aqui radicou-se em 1959, com toda a sua família. Formada professora, desempenhou durante anos a nobre tarefa de formar crianças para o pleno exercício da cidadania, dedicando-se, também, ao trabalho com crianças com necessidades especiais. Como psicóloga, inicialmente, trabalhou com grupos de mulheres sobre a questão da maturidade e da atuação feminina. A questão central era sempre a desigualdade de gênero e a afirmação da mulher. Assessorou vários ministros de estado e outras autoridades da área federal, e posteriormente assumiu o cargo de Secretária de Administração do Governo do Distrito Federal, sendo a primeira mulher no Brasil a assumir tal cargo, abrindo, assim, caminho para tantas outras que se seguiram. Elizabet é uma mulher de seu tempo e sobre ele dá testemunho em tudo que escreve e fala em palestras, seminários e congressos nacionais e internacionais dos quais participa.  |
| 8.  | EMILIA GOMES TEIXEIRA  | Emilia Gomes Teixeira   | Paraná              | Assessora de Relações com Investidores da Companhia de Saneamento do Paraná; Jornalista desde os 16 anos; Fundadora e coordenadora do balcão da cidadania, que trabalhou ativamente pela inserção; Participou da Comissão do M.J. que acabou com a cobrança do registro civil e atestado de óbito.   |
| 9.  | GLEISI HELENA HOFFMANN | Heloisa Covolan, coordenadora de Responsabilidade Socioambiental de ITAIPU Binacional                                     | Curitiba-PR         | Advogada, especialista em administração pública e em gestão financeira; 1ª mulher a assumir diretoria na Itaipu Binacional; Idealizadora do programa de Incentivo à Equidade de Gênero, que contribui para o reconhecimento dos direitos humanos e de cidadania das mulheres; Membro do Conselho Estadual da Mulher.   |
| 10. | HELOISA HELENA         | Natália Cristina Spósito  | Mora em Brasília-DF | A proponente diz que o Brasil precisa de mais mulheres cidadãs, guerreiras, que lutam pelos direitos dos outros. Afirma que a Senadora não tem medo de falar a verdade, doa a quem doer. Além disso, tem uma história de vida admirável e que serve de lição para todos os   |

|     | INDICADA                    | PROPONENTE  | ORIGEM                 | BREVE CURRICULO  |
|-----|-----------------------------|---|------------------------|--|
|     |                             |   |                        | brasileiros.   |
| 11. | IDA PEREIRA MONTEIRO        | Senadora Fátima Cleide  | Rondônia               | Bacharel em Direito; Médica com Pós-Graduação; Especialista em Ginecologia e Obstetrícia; Pós-graduação Lato Sensu MBA Gestão Empresarial; Atualmente é Coordenadora do Projeto AMIU/IPAS/BRASIL; Conselheira do Conselho Regional de Medicina; Presidente da UNIMED Administradora Ltda; Diretora da Maternidade Municipal de Porto Velho e Coordenadora para a Região Norte da Comissão Nacional para Estudos dos Direitos Sexuais e Reprodutivos – FEBRASGO.  |
| 12. | IVANA FARINA NAVARRETE PENA | 1. Pedro Sérgio Steil, Presidente do Conselho Nacional dos Procuradores-Gerais do Ministério Público dos Estados e da União;<br>2. Senadora Lúcia Vânia | Mora em Goiânia-GO     | É bacharel em Economia e Direito pelas Universidades Católica e Federal do Estado de Goiás. Na sua trajetória funcional inclui: Promotora de Justiça de Alexânia, Morrinhos, entre outras cidades Como Promotora, sempre atuou na promoção da justiça social e na defesa dos direitos humanos. Como participante do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana – CDDPH, é diariamente confrontada em seu trabalho por aqueles que buscam a continuidade de situações violadoras de direitos, geralmente em ações de abuso, para manutenção de poder.   |
| 13. | JACY RIBEIRO PROENÇA        | Pedro Reis de Oliveira – Presidente do Conselho Estadual dos Direitos do Negro de Mato Grosso – CEDN (recebido, também, dia 1º.11.2006, por fax)        | Mora em Cuiabá         | Jacy Ribeiro Proença é mulher negra, professora, cientista política, pesquisadora, produtora cultural, e vice-prefeita.  |
| 14. | JULIANA PUCCINI VIANA       | Marcela de Andrade, Primeira titular do Conselho Gestor de Unidade  | Cruzeiro/SP            | Delegada; Trabalhou no 1º e 5º Distritos Policiais de São José dos Campos, bem como na Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher; Professora voluntária do curso de promotoras legais populares.  |
| 15. | LENIRA MARIA DE CARVALHO    | Maria do Socorro dos Santos, Diretora Vice-Presidente do Centro Josué de Castro   | Mora em Recife-PE      | Lenira nasceu na área rural de Alagoas. Ainda muito jovem foi trazida para Recife, onde passou a trabalhar como doméstica. A partir dos sete anos de idade foi alfabetizada, na própria área rural onde vivia e, em Recife conseguiu fazer todo o curso primário. Iniciou sua militância política no movimento da Juventude Operária Católica (JOC). Essa militância levou-a, alguns anos depois, a construir uma associação de empregadas domésticas que, se concretizou em 1979, quando fundou a Associação de Empregadas Domésticas da Área Metropolitana do Recife, que se tornou Sindicato após a Constituição de 1988 e do qual foi presidente por dois mandatos. Uma das conquistas principais do Sindicato foi a defesa do reconhecimento do trabalho doméstico como profissão. Ao longo desses anos teve participação ativa em mobilizações em defesa das mulheres, dando ênfase às trabalhadoras domésticas. |
| 16. | LUZIA CÉLIA AMORIM VITOI    | Eduardo Gomes de Abreu, do Conselho Municipal de Assistência Social São João Nepomuceno – MG  | São João Nepomuceno-MG | Secretária da Associação Feminina de Prevenção e Combate ao Câncer de São João Nepomuceno – ASFECER. Foi Presidente dessa Associação por 3 mandatos; Formada em Letras; Conselheira do Conselho Municipal de Assistência Social e da Diretoria da Sociedade Pestalozzi de São João Nepomuceno; Coordenou o projeto "Mamografia para Todas" que realizou o maior rastreamento de câncer de mama da história de São João de Nepomuceno.  |

|     | INDICADA   | PROPONENTE   | ORIGEM                 | BREVE CURRICULO   |
|-----|--|--|------------------------|---|
| 17. | MARIA ANDRÉ BACK                                 | Prefeitura Municipal de Fraiburgo/SC   | Mora em Fraiburgo-SC   | É vereadora e fundadora de duas Associações, mas teve uma vida repleta de dificuldades. Nasceu em 10 de fevereiro de 1950, em Pouso Redondo, uma pequena cidade de Santa Catarina. Nasceu em uma família muito humilde, que lhe ensinou muito sobre compaixão. A situação da sua comunidade a fez perceber, desde sua adolescência, que o mundo, apesar de tão frio e cruel, pode ser melhorado. Aos 13 anos foi convidada por uma freira a freqüentar o Colégio Santa Clara, em Urubici, para tornar-se também uma freira. Teve que sair de lá aos 16 anos, para voltar com sua família, que agora residia em Rio do Campo. Iniciou então sua carreira de educadora em uma escola isolada multisseriada, podendo assim ajudar sua família economicamente com seu pequeno salário. Desde então, sonha em poder colaborar com a sociedade, almejando ir para lugares muito carentes, ou tratar de pessoas doentes.   |
| 18. | MARIA CECÍLIA DE LEÃO ROSENMANN                  | Beatriz Zanella Fett, Presidente da Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais – BPW Brasil | Mora em Curitiba-PR    | Empresária, pecuarista e escritora, com três livros editados: dois livros de poesias e um conto. Voluntária de apoio na área médica. É formada em Letras com especializações em Economia e Finanças e em Administração Rural. Desenvolveu projetos sociais em parceria com sua indústria, trabalhando dentro dos presídios estadual masculino e feminino Durante três anos treinou e desenvolveu linha de montagem de bonecas artesanais, chegando a recrutar até 250 homens, que recebiam semanalmente pelo trabalho executado. Da mesma maneira, no presídio de mulheres se desenvolveu com grande sucesso, sem nunca ter havido qualquer incidente agressivo. Desenvolveu também um projeto de crianças com Síndrome de Down, da Escola Mercedes Stresser, situada em Curitiba. Desenvolveu projeto junto aos deficientes locomotores na cidade de Colombo-PR. Como Coordenadora da Comissão de Cirurgia Pediátrica da Associação dos Amigos do Hospital de Clínicas – UFPR, buscou verbas de entidades federais, estaduais e junto à comunidade local, conseguindo arrecadar elevado montante que permitiu a total reforma da área física da Unidade de Cirurgia Pediátrica e a compra de equipamentos. Portadora de uma hemopatia congênita que não a impede de ser altamente ativa, decidiu apelar para um dirigente de uma estatal, que junto ao Ministro analisaram o projeto de um Banco de Sangue de Cordão Umbilical de Curitiba, inaugurado em 2001, que é o 12º centro deste tipo no mundo. No momento exerce a Presidência da Associação Alírio Pfiffer, que apóia o Serviço de Transplante de Medula Óssea, localizado no 15º andar do Hospital de Clínicas. Este serviço é centro de referência para a América Latina, já tendo sido realizados mais de 1730 transplantes de medula óssea. Ali o trabalho de Maria Cecília é captar fundos, juntamente com empresários paranaenses, homens e mulheres sensíveis que junto com ela trabalham há 15 anos. |
| 19. | MARIA DAS NEVES DO EGITO DE ARAÚJO DUDA FERREIRA | Recebido do gabinete da Senadora Serys Silessarenko sem indicação da entidade proponente                           | Mora em João Pessoa-PB | Juiza de Direito da 7ª Vara Criminal de João Pessoa/PB, Professora de Prática Forense da Universidade Federal da Paraíba e Membro do Conselho Estadual do Sistema Penitenciário. É possuidora de um vasto currículo onde consta sua formação acadêmica e profissional, elaboração de seus trabalhos de coordenação e orientação, aprovação e nomeação em concursos públicos, honorarias e elogios recebidos, conferências proferidas, participação em congressos, entre outros. Desenvolve trabalhos sociais  |

|     | INDICADA                     | PROPONENTE  | ORIGEM                                 | BREVE CURRÍCULO  |
|-----|------------------------------|---|--|--|
|     |                              |   |  | em nível local junto à Associação Promocional do Ancestral – ASPAN, bem como na reintegração dos excluídos na família e na sociedade. Além desse serviço voluntário, participa das ONG's Missão Adriana de Jesus, Associação de Apoio ao Trabalho Cultural, Histórico e Ambiental no bairro Mangabeira e na Associação de Apoio ao Trabalho Cultural, Histórico e Ambiental – APOITCHÁ, no município de Lucena/PB.   |
| 20. | MARIA GIZELIA FERREIRA       | Maria Inês dos Santos Souza, Secretária Executiva do Centro de Assessoria e Serviço aos Trabalhadores da Terra - Dom José Brandão de Castro - CDJBC           | Mora no Povoado Mata Grande - Itabi-SE | Coordenadora do Centro Dom José Brandão de Castro e do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais, presidente da Associação Comunitária do Povoado Mata Grande e Adjacências e vice-secretária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itabi/SE. Tem 09 filhos. Enfrentou todo tipo de dificuldades, passou muita necessidade, desde a questão econômica (pois o marido trabalhava de aluguel, ou seja, ganhando diárias quando conseguia), até questões de extremo machismo, ainda pior que outrora. Aos seus filhos faltou acesso a escola, água, lazer, transporte, saúde. Porém, nunca se conformou ou se acomodou com esta situação. Em 1990 conheceu a Comissão Pastoral da Terra, que a incentivou a participar de encontros, cursos, oficinas. Em 1996 incentivou os trabalhadores e trabalhadoras rurais de seu Povoado e vizinhanças para criarem a Associação Comunitária como um meio de organizar a comunidade e juntos reivindicar melhoria para a vida das famílias da comunidade. Ajudou a criar, em 1995, o Centro Dom José Brandão de Castro, cuja missão é contribuir para o fortalecimento das formas de organização e qualificação dos trabalhadores rurais sergipanos na luta pela superação da exclusão social. |
| 21. | MARIA LÚCIA VALADÃO          | 1. Vera Lúcia Assis Vasconcelos, Diretora Presidente do Núcleo Assistencial Eclético Maria da Cruz - NAEMC<br><br>2. Cecília Ferramenta, Deputada Estadual-MG | Mora em Ipatinga-MG                    | Maria Lúcia é enfermeira. Começou sua história de assistencialismo no norte do país, onde residiu por nove anos. Casada, é mãe de uma única filha, e criou mais 17 filhos do coração, sendo um deles portador de paralisia cerebral. Fundou instituições como o Núcleo Assistencial Eclético Maria da Cruz - NAEMC, Escola Inclusiva Maria da Cruz, entre outras, que desenvolvem projetos direcionados a jovens carentes ou portadores de algum tipo de deficiência. É autora de dois livros: "Quando Ouvimos o Coração" e "Quando o Coração Fala".   |
| 22. | MARIA YVONE LOUREIRO RIBEIRO | Senadora Heloisa Helena   | Mora em Maceió-AL                      | Funcionária pública estadual, trabalha na Secretaria Executiva de Planejamento e Orçamento de Alagoas. Economista com pós-graduação em desenvolvimento social urbano e planejamento governamental. Sua trajetória é de luta e combativa militância política contra a ditadura e em prol dos direitos humanos. Iniciou sua militância no movimento estudantil em 1968, sendo duramente perseguida pela ditadura militar por sua ativa participação contra as perseguições políticas e em prol da retomada da democracia. Juntamente com o marido, que foi seqüestrado, torturado e assassinado nos porões do DOPS, empenhou-se no abrigo de foragidos e ativistas políticos. Presa e condenada a 10 anos de prisão, foi posta em liberdade em 1973 e continuou, então, sua luta pela redemocratização do país. Foi uma das fundadoras da Sociedade Alagoana de Defesa dos Direitos Humanos e atua nessa e em várias outras frentes em prol da liberdade, da democracia e da igualdade, e contra as injustiças e discriminação de todo gênero.   |

|     | INDICADA                        | PROPONENTE   | ORIGEM            | BREVE CURRÍCULO  |
|-----|---------------------------------|--|-------------------|--|
| 23. | MOEMA<br>LIBERA<br>VIEZZER      | <p>1. Rosemarie Muraro, escritora</p> <p>2. Yonissa Marmitt Wadi, Coordenadora do Núcleo de Documentação, Informação e Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná</p> <p>3. Rosali Maria Masiero Campos, vereadora da Câmara Municipal de Toledo-PR</p> <p>4. Elizabeth Maria de Aguiar Maia, Presidente do Conselho Municipal da Condição Feminina de Curitiba-PR</p> <p>5. Beatriz Regina R. Silva</p> <p>6. Sandra dos Santos, COOATER – Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos para Reassentamentos</p> <p>7. Margaret Maranh – Coordenação do Movimento dos Atingidos por Barragens do Rio Iguçu</p> | Mora em Toledo-PR | <p>Doutoranda em Comunicação – USP, Mestre em Ciências Sociais - PUC/SP, Licenciada em Belas Artes - UFRS, Professora Primária – Escola Normal, Garibaldi/RS. Possuidora de um extenso currículo, é, certamente, uma das figuras mais importantes do país na área de Educação para novas relações de gênero e proteção do meio ambiente. Sua tarefa se estende desde os grupos de base da periferia da cidade e áreas rurais, até empresas nacionais e multinacionais que desenvolvem programas de responsabilidade sócio-ambiental e órgãos governamentais que promovem políticas públicas de meio ambiente e para mulheres. A candidata vem desenvolvendo há mais de três décadas, no Brasil e em outros países, sendo seu trabalho reconhecido nacional e internacionalmente.</p> |
| 24. | RAIMUNDA<br>BEZERRA DA<br>SILVA | Senador Tião Viana   | Acre              | <p>Formada em Letras; Integrou a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Educação – SINTEAC, no início da década de noventa; Participou do primeiro Centro de Defesa dos Direitos Humanos – CDDH no Estado do Acre, que passou a se chamar Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Educação Popular do Acre – CDDHEP-AC, do qual é atualmente coordenadora; Possui voz ativa na Articulação de Mulheres do Acre – AMACRE, na Articulação de Mulheres Brasileiras – AMB, e no Grupo de Trabalho sobre a Exploração Sexual Criança e Adolescentes – TAXAI.</p>   |

|     | INDICADA                                 | PROPONENTE  | ORIGEM                            | BREVE CURRICULO   |
|-----|--|---|-----------------------------------|---|
| 25. | ROSINERE<br>FRANÇA<br>ABBUD              | Assed Mansur,<br>Presidente da<br>Associação Mútua<br>dos Aposentados<br>e Pensionistas do<br>Estado de Minas<br>Gerais – MÚTUA<br>– MG | Mora em Juiz<br>de Fora-MG        | Vereadora e estudante de direito. Sua luta tem se destacado em nível nacional. Como estudante, já possui um grande escritório com advogados especializados para prestar assistência jurídica aos aposentados e pensionistas que procuram seus direitos. Desenvolve projetos sociais para a população de baixa renda. Quem se beneficia de seus trabalhos são idosos, juntamente com seus familiares. Atualmente empenha-se na construção de casas populares para 50 famílias que vivem abaixo da linha de pobreza.  |
| 26. | SILVIA<br>ANGÉLICA<br>SAMPAIO<br>RIBEIRO | Juscelina Amariz<br>Menezes,<br>Presidente do<br>SOS Mulher   | Mora em<br>Pindamonhang<br>aba-SP | Silvia é casada, mãe e avó. Hoje também é mãe de toda a comunidade. Todos têm por ela grande afeto, pois desde que chegou ao bairro, logo se disponibilizou ao trabalho voluntário, trabalho esse de verdadeira nobreza e grande gesto pois ajuda os necessitados e os doentes a encontrar o melhor caminho, prestando solidariedade e cuidados até que sejam atendidos por autoridades competentes. Atualmente é voluntária do SOS Mulher de Pindamonhangaba, e continua dando o maior exemplo de uma grande mulher. Foi homenageada pela Câmara Municipal de Pindamonhangaba, no dia internacional da mulher.   |
| 27. | SONIA<br>HERNANDEZ                       | Maria Angélica<br>Serpe F. Cruz,<br>Delegada de<br>Polícia titular da<br>Delegacia de<br>Defesa da Mulher<br>de Diadema-SP.             | Mora em<br>Diadema-SP             | Bispa de importante Ministério Cristão da Igreja Renascer em Cristo (função pioneira no Brasil exercida por uma mulher), além de Coordenadora/Promotora de relevantes Obras Sociais, dentre as quais: Fundação Renascer, Casas "Kaleb" (asilos para idosos desamparados), creches filantrópicas para crianças desamparadas, Casas de Recuperação e Tratamento para toxicômanos e viciados (todas estas instituições prestam serviços gratuitamente e sem nenhum ônus ou encargo para os que delas se socorrem).   |
| 28. | SOPHIA<br>WEINER                         | Vera Regina M.<br>Coimbra,<br>Presidente do<br>Clube<br>Internacional de<br>Brasília  | Mora em<br>Brasília-DF            | Sophia Weiner é jornalista. Exerceu com muita eficiência, simpatia e dignidade seu trabalho junto a Embaixadas, órgãos públicos, Presidência da República, consultou arquivos, fez entrevistas reveladoras e divulgou seus conteúdos e participações em Congressos, Seminários, no País e no exterior, nas áreas de Jornalismo, Comunicação e Cultura. Possui várias medalhas, distinções, condecorações e documentários, todos de grande valia. Considerada pioneira e inovadora da sua época como jornalista brasiliense e brasileira. Tem bons relacionamentos na sociedade, sendo participante ativa de eventos sociais e culturais. Atualmente trabalha no Correio Brasiliense e na Universidade de Brasília.  |
| 29. | SUELI<br>BATISTA<br>DOS<br>SANTOS        | Beatriz Zanella<br>Fett, Presidente<br>da Federação das<br>Associações de<br>Mulheres de<br>Negócios e<br>Profissionais –<br>BPW Brasil | Mora em<br>Cuiabá-MT              | Jornalista, fundadora do primeiro jornal feminino de Mato Grosso, o Rosa Choque. É fundadora da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Cuiabá-BPW Cuiabá. Tem realizado trabalhos com foco em responsabilidade social, que contempla as áreas artística e cultural, para meninos e meninas, com ações extensivas ao impulsionamento na carreira de mulheres chefe de famílias de baixa renda. Tem realizado palestras em várias partes do país, gratuitamente, com enfoque na mulher empreendedora e responsabilidade social. Foi uma das articuladoras da parceria entre a BPW Brasil e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres-SPM, da Presidência da República, que culminou em outra grande parceria, com o Sebrae Nacional, no qual mulheres de todo o país têm sido beneficiadas com programa de incentivo ao empreendedorismo. Na cidade de Cuiabá, tem |



|     | INDICADA  | PROPONENTE  | ORIGEM                  | BREVE CURRICULO   |
|-----|---|---|-------------------------|---|
|     |   |   |                         | promovido vários cursos focados no empreendedorismo feminino, gratuitamente, tomando as mulheres mais ativas e empreendedoras, diminuindo as desigualdades sociais.   |
| 30. | TALLULAH<br>KOBAYASHI<br>DE ANDRADE<br>CARVALHO | Luiz Flávio<br>Borges D'Urso,<br>Presidente da<br>Ordem dos<br>Advogados do<br>Brasil, Secção de<br>São Paulo | Mora em São<br>Paulo-SP | Advogada, com pós-graduação em Administração de Empresas. Realiza trabalho comunitário em níveis nacional e local, além de fazer parte de várias organizações. Na Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/São Paulo, recebe pessoas com dificuldades financeiras e procura o caminho para todos, seja com bolsas de estudo a alunos carentes, bem como os que não logram êxito no Exame da Ordem dos Advogados ou mesmo os que procuram orientação jurídica naquela Instituição. Ajudou na montagem do convênio da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção de São Paulo, com o Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE, a fim de propiciar ajuda aos menos favorecidos. Os maiores beneficiários desse trabalho são mulheres e crianças com alguma deficiência física. Atualmente é Diretora Adjunta da Mulher Advogada e Conselheira da OAB/SP. |

## INDICAÇÕES RECEBIDAS APÓS 1º DE NOVEMBRO DE 2006

|    | INDICADA  | INDICANTE  | ORIGEM                 | BREVE CURRÍCULO  |
|----|---|--|------------------------|--|
| 1. | ANA ALICE<br>ALCÂNTARA COSTA                    | Deputadas Estadual: Sônia Fontes e Lídice da Mata, da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia  | Mora em Salvador       | Ana Alice é Professora concursada da Universidade Federal da Bahia desde 1982, Mestrado e Doutorado em Sociologia Política na Universidade Autônoma do México, com Pós-graduação pela Universidade Autônoma de Madrid; Fundadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher e Relações de Gênero – REDOR e da Rede Brasileira de Estudos Feministas REDEFEM. Como membro do Grupo Feminista Brasil Mulher participou da Comissão que elaborou as propostas apresentadas pela Deputada Amábilia Almeida à Assembléia Constituinte Baiana; Assessora para políticas de gênero em diversas instituições Nacionais (Governo da Bahia, Fundação Getúlio Vargas, Secretaria de Mulheres da Cut. Coordenadora de Pesquisa da REDOR, membro do Conselho diretor da AGENDE integrante do Programa Mulher e Democracia; autora de diversos artigos e livros sobre a mulher e relações de gênero.   |
| 2. | BEATRIZ MOREIRA<br>COSTA (Mãe Beata de Iemanjá) | 1. Lúcia M <sup>ª</sup> Xavier de Castro, Coordenadora Geral da organização de mulheres negras – CRIOLA<br><br>2. Nicéia Freire – Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. | Mora no Rio de Janeiro | Beatriz (mais conhecida como Mãe Beata de Iemanjá) é sacerdotisa suprema dos candomblés de origem Ketu-iorubá, escritora, atriz, artesã e desenvolve trabalhos relacionados à educação, saúde, ao combate ao sexismo e ao racismo e luta pela preservação do meio ambiente. É fundadora da Comunidade de Terreiro Ilê Omi Ojú Arô (Casa das Águas dos Olhos de Oxossi) onde Mãe Beata de Iemanjá ocupa o cargo de ialorixá. A partir desse momento, Mãe Beata passa a utilizar o espaço da Casa de Candomblé como referência da resistência da Cultura, Religião, Cidadania e Dignidade da população afro-brasileira. Mãe Beata recebeu da Assembléia do Estado do Rio de Janeiro, moção honrosa e congratulação pela militância e resistência da Cultura, Religião Cidadania e dignidade da população afro-brasileira; Diploma de personalidade de Destaque da Comunidade negra (mandato do Deputado Estadual Marcelo Dias, no Rio de Janeiro); participou do Fórum global/92 como cicerone e mentora religiosa no encontro mundial pela paz/RJ; inicia o projeto social Ação e Viver, com a participação de jovens carentes da região, entre outras. |
| 3. | ELVIRA MARIA<br>RATTO DE BARNEY                 | Mario Galofre Cano – Embaixador da Colômbia no Brasil  | Mora em Brasília       | Elvira é Empresária e proprietária da Academia Ginga; Promotora de Eventos e Orientadora de Etiqueta Social, nos Negócios e Turismo. Realizou várias exposições em Galerias, Banco Central, Correios e Telégrafos e Embaixadas, com artistas de Brasília, Goiânia, Belo Horizonte e Vitória. Criou e realizou eventos a FEIRAFLORE, evento que trouxe as duas maiores firmas de exportadores de flores da Colômbia; Criou e realizou a Feira de “Artes e Artistas”, evento que oportunizou aos artistas emergentes, a mostrarem seus trabalhos para um grande público. Em 2001 lançou seu  |

|    |                                |   |                        |   |
|----|--------------------------------|---|------------------------|---|
|    |                                |   |                        | primeiro livro, MULHERES PIONEIRAS DE BRASÍLIA.   |
| 4. | FRANCINETTE DE LUNA MÁXIMO     | Rotary Club João Pessoa Manaíra/PB  | Mora em João Pessoa-PB | Francinette cursou Filosofia, Letras Neolatinas, foi professora. Trabalhou por 16 anos em uma multinacional de equipamentos de processamento de dados, sempre exercendo função de chefia. Entrou em Rotary exercendo várias funções até chegar à presidência. Recebeu vários troféus de maior contribuição à Fundação Rotária e do Clube de melhor desempenho no distrito 4500. Conseguiu fechar três projetos humanitários como: o Hospital São Vicente de Paulo, Escola de Iniciação Musical e Comunidade Tito Silva e outros projetos humanitários que é a sua meta.   |
| 5. | HELENA MARIA DUARTE DE HOLANDA | Rotary Club João Pessoa Manaíra/PB  | Mora em João Pessoa-PB | Helena é formada em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNIPE). Lecionou em vários colégios, na referida universidade por 20 anos, na UEPB, em várias disciplinas. Exerce função de reabilitadora e presidente no Centro de Atividades Especiais Helena Holanda o qual atende 250 pessoas com deficiência física, mental, auditiva, várias síndromes, seqüelas de acidentes e idosos.   |
| 6. | HELONEIDE STUDART              | Anna Maria Rattes, Presidente do Conselho Estadual dos Direitos Humanos - CEDIM | Rio de Janeiro         | Heloneida, nascida no em Fortaleza, começou a escrever em jornal aos 16 anos. Veio para o Rio de Janeiro aos 19 anos e aos 20 ganhou o Prêmio de romance Orlando Dantas, com o livro "Diz-me Teu Nome." De todos os romances publicados seu preferido é "O Estandarte da Agonia", versão da história da amiga Zulu Angel. Foi Presidente de Cinditudo na Ditadura, destruída por Jarbas Passarinho em 1969 e no dia seguinte presa. Escreveu o caso verdade "Quero meu filho," exibido. Trabalhou oito anos como redator da revista <i>Manchete</i> , saindo para ser <i>Deputada Estadual</i> do MDB. Autora da peça <i>Homem Não Entra</i> , interpretado por Cidinha Campos.<br>- ROMANCES: A Primeira Pedra; Diz-me Teu Nome; A Culpa; O Pardo é Um Pássaro Azul; O Estandarte da Agonia; O Torturador em Romaria; Jesus de Jaçanã e Selo das Despedidas, também traduzido para o francês e lançado na França e Canadá. |
| 7. | ILDA RIBEIRO PELIZ             | Rita de Cássia O. D. Albuquerque, Chefe de gabinete do GDF                      | Mora em Brasília       | Ilda é empreendedora, estrategista, excelente poder de comunicação, argumentação e de negociação; é Diretora Executiva da Via Social Consultoria, Projetos e Capacitação; Consultora, Instrutora e palestrante de temas ligados à Solidariedade, Cidadania e Responsabilidade Social, Gestão de Instituições do Terceiro Setor, Marketing Social, Capacitação de Recursos e Voluntariado e negociação, entre outras.  |
| 8. | IONE MARIA DE CARVALHO         | Mario Galofre Cano – Embaixador da Colômbia no Brasil                           | Mora em Brasília       | Ione é graduada em História pela Faculdade de Filosofia e Letras - Pontifícia Universidade Católica - Porto Alegre, Pós-Graduada em Antropologia Social, Pró reitora de pesquisa e pós-graduação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestrado em Museologia, Programas educativos em Museus, Faculdade de Educação pela Universidade de George Washington – Estados Unidos.   |
| 9. | LEILA LINHARES BARSTED         | Anna Maria Rattes, Presidente do Conselho Estadual dos Direitos                 | Mora no Rio de Janeiro | Leila é advogada formada pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, com Mestrado em Ciência Política no Instituto   |

|     |  |  |                                |   |
|-----|--|--|--------------------------------|---|
|     |  | Humanos - CEDIM  |                                | Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – IUPERJ, com créditos na área de Antropologia Social ao Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem se dedicado desde a década de 70 às questões dos Direitos Humanos, atuando tanto como advogada de presos políticos no período da ditadura militar. Foi uma das organizadoras do Seminário sobre <i>Papel e o Comportamento da Mulher Brasileira</i> . É fundadora e Diretora da organização não-governamental CEPIA-Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação. É membro da Comissão de Segurança da Mulher do Rio de Janeiro; é Coordenadora do Comitê de Especialistas da Organização dos Estados Americanos –OEA. É Diretora Executiva da CEPIA.  |
| 10. | LUZIA CELIA AMORIM VITOI                         | Eduardo Gomes de Abreu, CMAS São João Nepomuceno-MG  | Mora em São João Nepomuceno-MG | Luzia cursou Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atuou como professora de Português, de Literatura Brasileira e de Redação, ocupou por três mandatos a Presidência da Associação Feminina de Prevenção e Combate ao Câncer de São João Nepomuceno, entidade filantrópica que tem como objetivo a luta preventiva e o combate ao câncer, bem como prestar assistência aos cancerosos carentes da comunidade local e das cidades circunvizinhas. Participa como conselheira, representante na área de saúde, do Conselho Municipal de Assistência Social e da Diretoria da Sociedade Pestalozzi de São João Nepomuceno. Já esteve à frente de diversas campanhas de prevenção ao câncer associada à Sociedade Brasileira de Dermatologia e à Sociedade Brasileira de Mastologia.  |
| 11. | MAGNA CIPRIANO DOS SANTOS                        | Carmem Lucia Jordão Pereira, Secretária Municipal de Ação Social   | Mora em Itabira/MG             | Magna formou-se em Geografia e História, com ênfase em Supervisão Escolar pela FAE, com pós-graduação em Administração Escolar, foi catequista e professora voluntária ensinando às crianças do seu bairro a ler e escrever, foi professora alfabetizadora no MOBREAL, sempre combatendo o preconceito de gênero racial e social na cidade e buscou incentivar e apoiar jovens negros para se formarem buscando alternativas de trabalho. Educadora do Movimento de Consciência Negra de Itabira, coordenou e liderou a criação do Movimento de Consciência Negra em 1990, onde atualmente é Presidente; desde 1999 coordena o Pré-Vestibular Alvorada curso que prepara alunos negros e carente para ingressarem nas faculdades públicas e privadas, uma parceria com MEC; Coordena o projeto Negro em Movimento que leva oficinas de arte e outras. |
| 12. | MARIA DAS NEVES DO EGITO DE ARAÚJO DUDA FERREIRA | 1. Recebido do gabinete da Senadora Serys Silhessarenko sem indicação da entidade<br><br>2. Rotary Club João Pessoa Manaíra/PB | Mora em João Pessoa-PB         | Juíza de Direito da 7ª Vara Criminal de João Pessoa/PB, Professora de Prática Forense da Universidade Federal da Paraíba e Membro do Conselho Estadual do Sistema Penitenciário. É possuidora de um vasto currículo onde consta sua formação acadêmica e profissional, elaboração de seus trabalhos de coordenação e orientação, aprovação e nomeação em concursos públicos, honrarias e elogios recebidos, conferências proferidas,  |

|     |                                     |  |                        |   |
|-----|-------------------------------------|--|------------------------|---|
|     |                                     |  |                        | participação em congressos, entre outros. Desenvolve trabalhos sociais em nível local junto à Associação Promocional do Ancião – ASPAN, bem como na reintegração dos excluídos na família e na sociedade. Além desse serviço voluntário, participa das ONG's Missão Adriana de Jesus, Associação de Apoio ao Trabalho Cultural, Histórico e Ambiental no bairro Mangabeira e na Associação de Apoio ao Trabalho Cultural, Histórico e Ambiental – APOITCHÁ, no município de Lucena-PB.  |
| 13. | MARIA DO CARMO ALMEIDA GUSMÃO       | Rotary Club João Pessoa Manaíra/PB                             | Mora em João Pessoa-PB | Maria do Carmo sempre fez um trabalho voltado à solidariedade humana. Há 22 anos trabalha como Presidente da Associação Metropolitana de Erradicação e Mendicância – AMÉM, entidade não governamental, com reconhecimento de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal. Esta entidade é voltada a prestar ajuda a pessoas carentes e idosos, oferecendo moradia (em alojamentos) e assistência médica.  |
| 14. | MARIA DO SOCORRO BELARMINO DE SOUZA | Rotary Club João Pessoa Manaíra/PB                             | Mora em João Pessoa-PB | Maria do Socorro é filha de camponeses, nascida em Itapetim, interior de Pernambuco, em uma família de 13 irmãos, sendo 7 deficientes visuais, inclusive ela. Formou-se em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, onde fez especialização em Orientação Educacional e Supervisão Escolar e tomou-se mestre em educação. Durante dois anos ministrou aulas na UFPB com contrato de professor substituto e, atualmente ministra aula em universidades particulares. É sempre convidada a participa de vários congressos pelo Brasil como palestrante e ministra cursos de capacitação na área de deficiência visual para professores em diversos municípios do Estado da Paraíba. No ano de 2006 assumiu a presidência do Instituto dos Cegos da Paraíba, que é uma organização não governamental sem fins lucrativos. |
| 15. | MARIA JÚLIA MONTEIRO DA SILVA       | Francisco Sebastião Morais                                     | Mora em Paracatu-MG    | Graduação em Pedagogia e Direito pela universidade de Brasília; pós-graduação/especialização em Administração em Educação; Educação Especial; Escola de Magistratura e Escola do Ministério Público do DF e Territórios. Atualmente é Presidente da TERRACAP, Presidente do Conselho de Administração da TERRACAP, Representante da TERRACAP, como Conselheira em Órgãos do DF.   |
| 16. | MOEMA LIBERA VIEZZER                | Vera Vieira, Coordenadora Executiva da Rede Mulher de Educação | Mora em Toledo Paraná  | Doutoranda em Comunicação – USP, Mestre em Ciências Sociais - PUC/SP, Licenciada em Belas Artes - UFRS, Professora Primária – Escola Normal, Garibaldi/RS. Possuidora de um extenso currículo, é, certamente, uma das figuras mais importantes do país na área de Educação para novas relações de gênero e proteção do meio ambiente. Sua tarefa se estende desde os grupos de base da periferia da cidade e áreas rurais, até empresas nacionais e multinacionais que desenvolvem programas de responsabilidade sócio-ambiental e órgãos governamentais que promovem políticas públicas de meio ambiente e para mulheres. A candidata vem desenvolvendo há mais de três décadas, no  |

|     |                         |  |                      |   |
|-----|-------------------------|--|----------------------|---|
|     |                         |  |                      | Brasil e em outros países, sendo seu trabalho reconhecido nacional e internacionalmente.  |
| 17. | NILCEA FREIRE           | Leila Linhares Barsted<br>Coordenadora Executiva<br>da CEPIA – Cidadania,<br>Estudo, Pesquisa,<br>Informação e Ação    | Mora em<br>Brasília  | Nilcéia é médica e professora universitária tendo se graduado na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desde 2004 ocupa o cargo de ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). Organizou e coordenou em conjunto com Conselho Nacional de Direitos da Mulher, a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres. Desta Conferência resultaram as diretrizes para a elaboração do Plano de Políticas para as Mulheres (PNPM). O PNPM vem sendo implementado desde janeiro de 2005 e possui quatro eixos estratégicos: autonomia igualdade no mundo do trabalho e cidadania; educação inclusiva e não sexista; saúde das mulheres, direitos sexuais e direitos reprodutivos e enfrentamento à violência contra a mulher. Recentemente, Nilcéia foi agraciada com o título “Personalidade Cidadania 2006” em reconhecimento a seu trabalho como ministra e como reitora da Universidade do Estado do rio de Janeiro, promovida pela UNESCO. |
| 18. | RAIMUNDA GOMES DA SILVA | Nicéia Freire – Ministra da<br>Secretaria Especial de<br>Políticas para as Mulheres<br>da Presidência da<br>Republica. | Mora em<br>Tocantins | Raimunda é indicada por sua luta em favor da reforma agrária no Brasil, por sua luta pela cidadania e dignidade das mulheres extrativistas, contra a violência sobre as mulheres pela dignidade de homens e mulheres rurais, pela preservação do babaçual e do meio ambiente e na construção de uma sociedade mais justa e humanitária.   |
| 19. | SOPHIA WAINER           | Mario Galofre Cano –<br>Embaixador da Colômbia<br>no Brasil  | Mora em<br>Brasília  | Sophia participou de vários congressos no Brasil e no Exterior nas áreas de jornalismo, Comunicação Social e Cultura. Fez viagens a convite de governos estrangeiros; ganhou medalhas, Distinções e Condecorações como: Cidadã honorária de Brasília, Ordem do Mérito Rio Branco - Cavaleiro – Ministério das Relações Exteriores, Governo do Distrito Federal, Ministérios das Comunicações e Tribunal Superior do Trabalho, Medalha Mérito Cultural – Governo do Distrito Federal entre outras e, Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.   |

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Sobre a mesa, mensagem que passo a ler.

É lida a seguinte:

**MENSAGEM Nº 237, DE 2006**  
(Nº 947, na Casa de origem)

Senhores Membros do Senado Federal,  
Dirijo-me a Vossas Excelências para informá-los que me ausentarei do País nos dias 12 e 13 de novembro próximo, em visita oficial à República Bolivariana da Venezuela.

Brasília, 9 de novembro de 2006. **Luiz Inácio Lula da Silva.**

AVISO Nº 1.270 – C. CIVIL

Brasília, 9 de novembro de 2006

A Sua Excelência o Senhor  
Senador Efraim Morais  
Primeiro Secretário do Senado Federal  
Assunto: Viagem presidencial.

Senhor Primeiro Secretário,  
Encaminho a essa Secretaria Mensagem na qual o Excelentíssimo Senhor Presidente da República comunica que se ausentará do País nos dias 12 e 13 de novembro próximo, em visita oficial à República Bolivariana da Venezuela.

Atenciosamente, – **Dilma Rousseff**, Ministra de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– A Mensagem que acaba de ser lida vai à publicação e será juntada ao processado da Mensagem nº 74, de 2006.

Sobre a mesa, projeto de decreto legislativo, que passo a ler.

É lido o seguinte:

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO**  
**Nº 434, DE 2006**

**Autoriza, nos termos do § 3º do art. 231 da Constituição Federal, o aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, situados na Cachoeira do Tamanduá, na região do Rio Cotingo, em Roraima.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica autorizado, nos termos do § 3º do art. 231 da Constituição Federal, o aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos,

situados na Cachoeira do Tamanduá, na região do Rio Cotingo, em Roraima.

Art. 2º A autorização a que se refere o art. 1º é condicionada à prévia instituição, pelo órgão indigenista competente, de medidas específicas de proteção à integridade física, socioeconômica e cultural dos povos indígenas, ouvidas as comunidades afetadas.

Art. 3º Sem prejuízo das medidas referidas no art. 2º, a autorização de que trata este Decreto Legislativo somente poderá ser exercida em sua plenitude após a emissão, pelo órgão ambiental competente, dos respectivos Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental.

Parágrafo único. Cabe ao órgão ambiental competente fiscalizar, no âmbito de suas atribuições, o aproveitamento autorizado por este Decreto Legislativo, fazendo cumprir fielmente todas as exigências de preservação das condições ambientais.

Art. 4º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

**Justificação**

O Projeto de Decreto Legislativo que ora submetemos à elevada apreciação dos membros das duas Casas do Poder Legislativo fundamenta-se em atendimento ao disposto no art. 231 da Constituição Federal que estabelece:

“Art. 231. ....

.....

§ 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.”

O objetivo primordial deste projeto é apresentar ao País uma alternativa para utilização do potencial energético, com vistas a evitar o aprofundamento da crise energética e futuros “apagões”, que poderão comprometer o desenvolvimento nacional tão propalado pelo Governo Federal.

O aumento da demanda que se avinha, em face de eventual crescimento econômico, requer do Poder Público a disponibilização de energias suficientes para garantia da manutenção e incrementação da produção nacional.

Portanto, o aproveitamento da área em questão é medida que se justifica em face das necessidades do País.

Assim, é oportuno o apoio dos ilustres pares na aprovação dessa proposição.

Sala das Sessões, 13 de novembro de 2006.

– Senador **Mozarildo Cavalcanti**.

### LEGISLAÇÃO CITADA

## CONSTITUIÇÃO FEDERAL

### TÍTULO VIII Da Ordem Social

#### CAPÍTULO VIII Dos Índios

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

§ 4º As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

.....  
(À Comissão de Assuntos Sociais)

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)

– O projeto que acaba de ser lido será publicado e remetido à Comissão competente.

Sobre a mesa, requerimentos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

#### REQUERIMENTO Nº 1.120, DE 2006

Senhor Presidente,

Nos termos do art. 216, do Regimento Interno do Senado Federal combinado com o art. 50 da

Constituição Federal, requeiro sejam prestadas pelo Senhor Ministro das Minas e Energia, Silas Rondeau, informações sobre:

1. O suposto aumento abusivo das tarifas de energia elétrica, por parte da Boa Vista Energia – BOVESA, conforme denúncia do sítio “FonteBrasil.com.br”.

2. A composição das tarifas praticadas no Estado de Roraima, antes e após o início da importação de energia elétrica da Venezuela.

Sala das Sessões, 13 de novembro de 2006.

– Senador **Mozarildo Cavalcanti**.

(À Mesa para decisão)

#### REQUERIMENTO Nº 1.121, DE 2006

Senhor Presidente,

Nos termos regimentais, requeiro sejam prestadas pelo Senhor Ministro da Saúde, Dr. José Agenor Alvares da Silva, em face das denúncias constantes da matéria do Jornal **Folha de Boa Vista**, sobre o aumento de casos de malária no Estado de Roraima, as seguintes informações:

1. Qual o montante de transferências de recursos do Ministério da Saúde ao Estado e aos Municípios de Roraima, nos últimos quatro anos, destinado ao combate à malária?

2. Qual o montante de transferências de recursos repassados, nos últimos quatro anos, pela Fundação Nacional de Saúde ao Estado e Municípios de Roraima?

3. Qual o montante dos gastos efetuados diretamente pelo Ministério da Saúde e pela Fundação Nacional de Saúde, nos últimos quatro anos, no combate à malária no Estado de Roraima?

4. Quais os dados de incidências de malária no Estado de Roraima, nos últimos quatro anos?

Sala das Sessões, 13 de novembro de 2006.

– Senador **Mozarildo Cavalcanti**.

(À Mesa para decisão)

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)

– Os Requerimentos que acabam de ser lidos serão despachados à Mesa para decisão, nos termos do art. 216, III, do Regimento Interno.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)

– Com a palavra, pela ordem, a Senadora Ideli Salvatti.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Sr. Presidente, na verdade, eu solicito a palavra pela Liderança.



**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR) – V. Ex<sup>a</sup> tem a palavra pela Liderança do Bloco do Governo.

Solicito ao Senador Mozarildo Cavalcanti que assuma a Presidência, se possível.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC. Pela Liderança do PT. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, quero cumprimentar os que estão nos assistindo pela TV Senado, bem como os Srs. Senadores presentes a esta sessão de segunda-feira.

Solicitei a palavra pela Liderança – estou inscrita também para falar sobre o assunto que preparei para o dia de hoje – para falar sobre um dos *e-mails* que tive a oportunidade de abrir no final de semana, que me chamou, sobremaneira, a atenção. O remetente, Sr. Jorge da Cruz Silva, não é do meu Estado; é do Rio de Janeiro, de Andaraí.

É um *e-mail* longo, em que o remetente faz uma avaliação do processo eleitoral. Ele me chamou bastante a atenção, porque inicia assim:

Vi e ouvi.

Nos últimos dois anos, acredito ter sido a pessoa que mais assistiu à TV Câmara e a TV Senado, ao vivo ou em reprise, durante todo esse tempo, vi e ouvi o que relato a seguir...:

Ele escreve três páginas relatando o que ele viu e ouviu, por meio da TV Câmara e da TV Senado.

Vou citar apenas alguns trechos do *e-mail* que reputo como os mais importantes.

Há alguns trechos que vou pedir a gentileza ao Jorge da Cruz Silva para omitir. Com alguns trechos eu não comungo. Talvez possam criar no plenário situações de constrangimento que eu não tenho intenção de promover.

Vou ler os que entendi como mais relevantes:

Vi e ouvi parlamentares transformando CPIs, Conselho de Ética, em palco eleitoral, com intuito de angariar votos em detrimento da busca pela verdade dos fatos, punir culpados, absolver inocentes. O povo deu a resposta nas urnas. A maioria que tentou esse caminho não se reelegeu.

Depois, ele faz uma longa citação, com vários parágrafos a respeito de episódios que considerei lamentáveis e aqui não vou reprisar, com palavras, referências, que passaram totalmente do limite da razoabilidade, do respeito que devemos ter para com as personalidades políticas e com as instituições.

Mais adiante ele diz assim:

Vi e ouvi parlamentares falarem que os votos do Presidente da República eram apenas dos analfabetos, dos menos esclarecidos. São esses preconceituosos que, durante décadas, nunca promoveram medidas para reverter esse quadro. Para que melhorar a educação,

para que acabar com o analfabetismo, para que dar informação? Para esses não era interessante. Teriam os mesmos motivos para, de quatro em quatro anos, fazerem as mesmas promessas. Só que eles esqueceram que sabedoria não é apenas uma questão de escolaridade. Esqueceram que, neste governo, o povo deixou de ser massa de manobra, deixou de ter consciência ingênua e passou a ter uma consciência crítica. A esses, o povo deu a resposta nas urnas.

Vi e ouvi parlamentares tentando desqualificar o trabalho da Polícia Federal, ao dizerem que a sua atuação foi maior porque a corrupção aumentou. Pergunto: como aumentou, se tudo que veio à tona teve origem [na maior parte das vezes] antes mesmo deste governo? Ah... esqueci. Anos atrás, nada era divulgado. Eles eram mais competentes, abafavam.

Tentando buscar meios para novamente desqualificar o governo, vi e ouvi parlamentares tentando fazer comparações do Brasil com outros países, como China, Índia, entre outros. Eles esqueceram-se de dizer que a China tem, em média, 76% da sua população de camponeses; a Índia, 72%; o Brasil, menos de 20%.

Nesses quatro últimos anos, não houve nenhum acidente com as plataformas de petróleo, nenhuma afundou ou explodiu. Será que foi apenas coincidência?

Falou-se muito em privatizações. Cheguei a lembrar de uma época não muito distante, quando tentaram colocar um “x” no final do nome da Petrobras, o que me fez também lembrar quando tentaram retirar o “do” do nome do Banco do Brasil, como tentativa de desvalorizar a marca. Será mera coincidência?

Depois, ele se refere a uma série de outros episódios que foram bastante debatidos no plenário. Mas eu me remeto ao final do *e-mail*, porque acho que aí vem uma puxada de orelha muito bem dada e que me animou a pedir a palavra em nome da Liderança, para reproduzir o que o Jorge da Cruz Silva manda para todos nós da Oposição e do Governo.

Enquanto muitos achavam que a eleição para presidente estava ganha no primeiro turno, o povo brasileiro, contrariando muitos, deu mais uma lição de sabedoria. Promoveu o segundo turno pelo único meio legítimo e democrático, que é o exercício do voto, como forma de castigar e mandar um recado para que o presidente melhore suas escolhas, para que aprenda com os erros cometidos e possam contar com uma nova relação com o povo, promovendo as transformações de que o País necessita.

Que a Situação e a Oposição entendam o recado do povo brasileiro e que se unam para promover a agenda nacional visando a melhorias! Acredito serem possíveis avanços concretos na área da educação,

acredito na conveniência de um ajuste fiscal e de políticas eficientes que busquem o crescimento, melhorando as condições de saúde, segurança, moradia, transporte e emprego. É preciso que entendam que fazer política é promover o ideal do bem comum. A cada melhoria, todos ganham. A existência da Oposição é democrática, é sadia. É debater idéias, criticar o que está errado, aplaudir o que está certo, sem necessariamente ultrapassar os marcos legais.

Que essa reeleição não caia na maldição que acometeu a tantas outras! Talvez um dia os historiadores possam explicar um fenômeno político chamado Luiz Inácio Lula da Silva.

Gostaria de poder cumprimentar o Presidente Lula, não pela vaidade, não pela emoção, não por um possível privilégio, mas, sim, com a certeza que, ao apertar a mão do Presidente, estarei parabenizando o povo brasileiro.

Como brasileiro que ama seu País, como cidadão carioca que cumpre suas obrigações constitucionais, não peço, EXIJO: Nunca mais subestimem a sabedoria de um povo.

Então, deixo o registro deste *e-mail* do Jorge da Cruz Silva que me trouxe profundas reflexões. Refleti sobre o quanto que a população que nos assiste avalia e aprecia o que fazemos no plenário, nas comissões e em nossas outras atividades parlamentares, formando sua opinião; e refleti também sobre o quanto temos a obrigação de estarmos atentos e de respondermos à altura com o nosso trabalho, seja de Oposição seja de Governo, àqueles que nos assistem e nos ouvem. Como o próprio Jorge disse, ele não pede, mas exige que não se subestime a sabedoria do povo brasileiro, porque, nessas eleições, inequivocamente, ele deu demonstrações da sua sabedoria.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

*Durante o discurso da Sra. Ideli Salvatti, o Sr. Alvaro Dias, Suplente de Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Marco Maciel.*

**O SR. PRESIDENTE** (Marco Maciel. PFL – PE) – Concedo a palavra ao nobre Senador Mão Santa, representante do Estado do Piauí no Senado Federal.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Marco Maciel, que preside esta sessão de segunda-feira, 13 de novembro, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores presentes na Casa, brasileiras e brasileiros aqui presentes e que nos assistem pelo sistema de comunicação do Senado, quis Deus que estivesse na Presidência desta Casa hoje o Senador Marco Maciel, de currículo vasto, do tamanho do Brasil. O fato é muito oportuno porque o

meu pronunciamento trata de cultura e órgãos de comunicação. E V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, é um dos poucos políticos que conseguiram entrar na Academia Brasileira de Letras, entidade que não poderia ser perfeita, pois é constituída por homens. **Errare humanum est.** Assim, na sua história, cometeu sua maior indignidade ao não receber o maior dos homens públicos deste País – Juscelino Kubitschek de Oliveira – depois de suas publicações **Por que Construí Brasília e Meu Caminho para Brasília**, seus discursos proferidos durante sua vida pública como Prefeito, Deputado Federal, Governador do Estado de Minas Gerais, Presidente da República e como Senador cassado.

Senador Marco Maciel, V. Ex<sup>a</sup>, além de ser membro, expoente desta Casa, integra a Academia Brasileira de Letras. O Brasil deu um passo avante na cultura.

Senador Marco Maciel, há pouco, precisamente no mês de outubro, nascia no Brasil uma nova revista cultural cujo nome é **Piauí**. Este assunto chegou ao nosso homem de comunicação e da alegria Jô Soares, que entrevistou o seu diretor Ênio Vergueiro e outros responsáveis pelo nascer dessa revista chamada **Piauí**.

Primeiro, ele indagava o porquê desse nome. Muitas são as interpretações e explicações. Mas diria, Senador Antonio Carlos Magalhães, que é pelo fato de o Piauí ser diferente. Somos simplesmente diferentes – essa é a verdade –, como sempre fomos. Hoje, somos o nome de uma conceituada e jovem revista que nasce neste País.

Hoje, passei o dia a ler. Tinha recebido muitos *e-mails* sobre a sua existência. O Senador Arthur Virgílio, inclusive, foi o primeiro a se congratular pela escolha do nome **Piauí** para a revista.

Piauí é um nome indígena que significa “peixe pequeno”, que dá no nosso Estado. No Piauí, há 19 rios – 6 perenes, Marco Maciel –, lagoas e zonas onde jorra a água, fora dezenas de açudes que construí quando governei aquele Estado. Mas não é bem por aí. Somos diferentes mesmo. Quero dizer que muita gente deu, justamente quando era Governador, motivo de processo contra uma editora que tirou o Piauí do mapa do Brasil. A ignorância é audaciosa; não é como o desdouro.

Senador Alvaro Dias, este País tem 506 anos. Foi descoberto por portugueses. Tivemos as capitânias hereditárias, os governos gerais. Os filhos, os imperadores, a filha, o próprio Rei de Portugal vieram aqui governar. Aí nasceu a República com o Marechal Deodoro, o baiano Rui Barbosa, que escreveu a página mais bela nesta Casa. E atentai bem, brasileiros e brasileiras: Rui Barbosa, que teve 32 anos, só foi governar com Deodoro, com Marechal Floriano. Quiseram

meter outro militar e ele disse: “Tô fora!” Ofereceram-lhe de novo o Ministério da Fazenda. Senador Alvaro Dias, e ele disse: “Eu não troco a trouxa de minhas convicções por um ministério.” E saiu faceiro da campanha civilista.

Por que o nome Piauí? Já éramos grandes. Antes este Brasil se tornou grande – e aí está Antonio Carlos Magalhães testemunhado –, tudo foi pacífico, de pai para filho: “Filho, antes que algum aventureiro coloque a coroa na cabeça, coloque-a. Você fica com o sul e eu vou ficar com o norte”. Seria País Maranhão. Essa era a determinação de D. João VI. E o Piauí foi o primeiro Estado que enfrentou uma batalha sangrenta, em 13 de março de 1826, para expulsar os portugueses do Brasil.

Então, brasileiros e brasileiras, quando vocês virem esse mapa grandão, lembrem-se de que devem isso ao Piauí, aos piauienses, com aliados cearenses, que expulsamos na Batalha de Genipapo: os portugueses foram para o Maranhão, que era ligado a Portugal. O nome do País seria Maranhão.

A Bahia nos seguiu, em 2 de julho. Eles também tiveram uma batalha sangrenta e expulsaram do norte os portugueses. Mas tudo começou no Piauí.

A República foi outro fato muito importante. E Jô Soares, no programa dele, Marco Maciel, reprisava vários pronunciamentos meus em que eu pronunciava, com muita grandeza, o nome “Piauí”. Ele dizia para os donos, os editores, os idealizadores da revista que o Mão Santa, com certeza, iria divulgar muito essa revista e que ele nunca tinha visto se falar tanto no Piauí neste Senado. Estamos aqui para ligar a comunicação.

Senador Antonio Carlos, da Bahia, atentai bem: quando este País era um império, o primeiro órgão de comunicação que surgiu no Piauí tinha o nome de **A Ordem**. Um jornalista de Barras, David Caldas – daí Barras ser chamada de “terra dos governadores”, porque já deu cinco deles –, idealista, pegou o jornal **A Ordem**, que o português Saraiva havia criado, e mudou o seu nome para **Oitenta e Nove**. Atentai bem: 17 anos antes, no Piauí, em Teresina, circulava o jornal **Oitenta e Nove**.

Hoje, Senador Alvaro Dias, esse nome pareceria nome de cachaça, mas não era. Era aquele piauiense e jornalista que inspirava o povo brasileiro a fazer o que tinha ocorrido na França: o grito de igualdade, liberdade e fraternidade, que fez com que caíssem os reis. Há 17 anos, no Piauí, circulava o jornal **Oitenta e Nove**. Ele foi o profeta da República. Foi esse jornal do Piauí que saiu circulando.

E justamente 100 anos depois, em 15 de novembro de 1889, é que se deu a República. Deodoro, o Exército e tal.

Mas foi lá, no Piauí, onde isso ocorreu. Então, é o reconhecimento da nossa grandeza e da nossa história.

E atentai bem: vocês poderiam dizer que o Mão Santa está com uma história velha. História velha, uma ova! Ô, Marco Maciel! Nós somos diferentes e a melhor gente deste Brasil!

Durante o período da ditadura militar, só um jornalista teve a maior bravura. Só um! Só um: Carlos Castello Branco. Castelinho, do Piauí, representava os anseios. Ainda hoje, o jornal repetia sua crônica de Castello.

Essa é a tradição da independência e da coragem que eu trago aqui. É em função desta que eles têm certeza de que eles podem comprar tudo, com mensalão e tudo mais, mas não podem comprar o Mão Santa, porque o Mão Santa é do Piauí, Piauí de vergonha! Essa é a verdade. E tenho a consciência de dizer: aprendam.

Eles querem fazer disso aqui Cuba, e nós não deixamos. De Venezuela, de Chávez, e nós não deixamos. A Oposição é significativa. Sou orgulhoso de ser Oposição. Rui Barbosa se eternizou como oposicionista. Ele teve poucos anos de governo: com Deodoro e Marechal. Presidentes, nós tivemos muitos. Ninguém se lembra de dez, nem nós, Senadores, sabemos nome de dez. Nem o Marco Maciel, que é da Academia de Letras, mesmo ele com o Fernando Henrique. E ele não podia esquecer... Mas, Rui Barbosa, todo mundo sabe. Ele foi um bravo, Senador.

Mas por que Piauí, Antonio Carlos Magalhães? Rui Barbosa ganhou as eleições no Piauí. É... nós somos diferentes!

Luiz Carlos Prestes, um militar brilhante, saiu com a Coluna Prestes. Ia tomar Teresina. Não tomou. Prendemos Juarez Távora, seu companheiro.

Estamos aqui. É esse Piauí que é reconhecido com essa revista.

Antonio Carlos Magalhães, andei lendo aqui. Isso aqui é típico do nordestino, a geladeira com o pingüim e tal.

Trata-se de uma revista como a Seleções. Senador Geraldo Mesquita, como a revista Seleções: multicultural, temas variados, revista independente, publicada em inglês, espanhol e português. Seleções!

Aqui, num dos primeiros artigos, sabem que é? Vou ler só um tópico, para V. Ex<sup>as</sup> virem como é interessante. Li e a considere boa, estou com os dois primeiros números. “Um horror, grande mundo, um silêncio profundo”.

Trata-se do Roberto Jefferson, esse Roberto que andou por aqui. Mas é interessante. Eu só vou ler a parte que diz respeito ao Congresso.

Atentai bem, Geraldo Mesquita! É interessante o artigo dele. Esse Roberto Jefferson é muito interessante. Diz:

Dos políticos que admira, põe no topo Fernando Henrique Cardoso. ‘Fernando Henrique Cardoso’ – diz ele – ‘te faz importante, te chama, te seduz, busca a sua opinião. Ele, o Presidente da República; você apenas líder do partido.

É a relação do romance, em oposição à relação do PT, que é a da prostituta.

Mas ele vai mais adiante aqui, para nós:

Segundo Jefferson, para sobreviver em Brasília é necessário ter relações, palavra empenhada e não ser pequeno. O que significa ‘não ser pequeno’? ‘Significa não sucumbir à pequena negociata, ao dinheiro miúdo para aprovar essa ou aquela emenda.’

É interessante ler.

Há também um artigo da **Trip** que reconhece a grandeza do Piauí. Era um sistema de comunicação que já ia... Mais adiante há um jornalista piauiense, que edita aqui na Câmara um programa de televisão, que é justamente:

“Queima Raparigal, do Piauí!”

O Piauí, pátria de Mário Faustino e Torquato Neto, não foge à regra. Que o diga o jornalista e escritor Paulo José Cunha, autor da **Grande Enciclopédia Internacional do Piauiês.**”

Ele produz um programa importante na TV Câmara Federal.

O interesse é que a revista é muito oportuna. Tem uma reportagem, Senador Marco Maciel... Hoje, os médicos residentes estão em greve no País. É uma greve séria, Senador Geraldo Mesquita. A Residência é a única coisa séria na estrutura de formação do médico brasileiro.

Eu o fui, sou orgulhoso de tê-lo sido. E acho que foi a parte mais importante da minha vida.

Os médicos, com um currículo de seis anos, adentram, internam-se e dedicam-se em um hospital para sua formação. E nessa revista, parece que antecedendo, há um diário: “Ganhei a primeira cruz no meu bisturi”. Ele é um médico residente contando seu diário, sua luta. Com 27 anos de idade e quatro de residência, o cirurgião capixaba Jório de Barros se divide entre o Hospital Federal, de Andaraí, na Zona Norte carioca, e o Hospital da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Ele chega a ganhar um salário de R\$ 1.400,00. O pai é urologista, a irmã é radiologista, e ele mostra a luta desses jovens que estão aí.

Senador Geraldo Mesquita, observe que um engraxate – com todo respeito – ganha muito mais do que esses médicos. Esses médicos residentes ganham um pouco mais de R\$1.000,00, mas trabalham. Eu trabalhei

muito, dava treze plantões por mês, fora os plantões noturnos. E são eles que sustentam o hospital.

O que eles exigem é um salário que lhes dê dignidade, porque eles precisam se vestir, se movimentar, comprar livros que são caros. E também que os hospitais tenham responsabilidade, porque eles se entregam ali por uma honestidade profissional, pois eles querem aprender. Então, que os hospitais que oferecem residência se responsabilizem pela formação dos médicos e não os utilizem como uma mão-de-obra barata e irresponsável.

Então, acho que essa revista é muito necessária e que o País deve ler a reportagem de um médico residente, a ideologia, o sonho, a pureza, a coragem, o ideal do jovem médico e as dificuldades que ele passa hoje. Esta é a medicina real.

Quero agradecer ao Jô Soares, que o foi o primeiro a divulgar e propagar essa revista cujo nome é grandioso. Sem dúvida alguma, ela vai marcar página na nossa vida.

Senador Marco Maciel, eu diria como Gonçalves Dias: Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha; nas débeis cordas da lira hei de fazê-la rainha. Isso foi Gonçalves Dias (sic). Mas, no Piauí, Adalberto Costa e Silva, Presidente da Academia de Letras, filho do poeta Da Costa e Silva, esse poeta que fez o hino do Piauí diz:

Piauí, terra querida, Filha do sol do equador, pertencem-te a nossa vida, nosso sonho, nosso amor! Na luta, o teu filho é o primeiro que chega. Essa é a nossa História.

Mas esse Costa e Silva é o pai do seu colega Adalberto Costa e Silva, que foi embaixador do Itamaraty com muito brilho. O pai dele, nosso poeta, disse assim: “Minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra.” Da Costa e Silva.

Por isso tudo, o Piauí é homenageado, e nós estamos aqui. E quis Deus... Está aí o Senador Marco Maciel, um homem muito de Deus. O Marco Maciel, se tivesse entrado mesmo na vida sacerdotal, com certeza teria sido o primeiro Papa brasileiro pela sua formação e tal. Senador Marco Maciel, não sei se está escrito na Bíblia esse negócio: Deus escreve certo por linhas tortas. Nunca ouvi dizer, mas o povo diz, e a voz do povo é a voz de Deus. Então está lá, e isso fica para o Crivella discutir com o Magno Malta se é verdade.

Queria fazer uma homenagem num momento difícil. Ninguém sabe, Geraldo Mesquita, os desígnios de Deus, são insondáveis e misteriosos. Senador Antonio Carlos Magalhães, queria prestar uma homenagem a um homem, num momento difícil, um filho dele sofreu um dano, nessa era da droga. Atentado, morre um, e o filho de menor envolvido. Nesses dias todos, eu quis

telefonar, não sabia, é o tipo da coisa difícil. Eu tinha em mente prestigiar esse homem que, sem dúvida nenhuma, é o maior escritor piauiense vivo. Ele simboliza o Carlos Castelo Branco. É Zózimo Tavares, que sofreu esse drama. Eu não queria falar, queria apenas sugerir a revista que o solicitasse. Está aqui um dos livros escrito por ele: **O Piauí no Século XX**, Zózimo Tavares. Possui muitos livros: **Falem mal, mas falem de mim; Pra seu governo; O pulo do gato; Meus senhores, minhas senhoras; Filosofia barata; O velho Jequitibá.**

Cordel também ele tem vários e inéditos: **Mapismo, Água Branca-Nossa História e Sociedade dos Poetas Trágicos.**

Mas ele não queria... Era uma maneira de dizer para a revista buscar o que há de melhor, hoje, no Piauí. Não na sua história, não no seu nome, que é bonito – Piauí, ô nome, um bocado de vogal, tudo casada, juntinha, com grandeza!

Sugeri a ele interpretar a nossa história e o nosso sentimento, mas ele, tão autêntico, nesse momento de sofrer, fez uma carta e tornou-a pública. Eu não sabia. Era o tipo de drama, como chegar, como dar a solidariedade. É a droga, a droga que entra na sociedade, os tóxicos, que, no nosso tempo, não havia, Antonio Carlos Magalhães.

A primeira vez que vi maconha, Senador Geraldo Mesquita, eu já tinha sido Deputado Estadual. Foi em 1983. Nasci em 1942. Eu já era médico e tremi ali quando vi.

A sociedade era pura. Tinha cabaré? Tinha. A gente ia? Ia. E era uma fonte de cultura, Marco Maciel, porque, naquele tempo, Cristovam Buarque, para namorarmos, para pegarmos na mão, para darmos um beijinho, era difícil. Tínhamos que aprender a dançar, não havia televisão para vermos, não havia escola de música... Era uma fonte de cultura, as meninas lá, íamos bailar, mas esse negócio de tóxico não havia na nossa geração. Eu vi em 1983, ainda me lembro de que tremi, porque já tinha sido Deputado Estadual, era médico, nasci em 1942 e, agora, ele aí, nessa irresponsabilidade.

Mas ele escreveu uma carta à sociedade. Lerei somente o final, que traduz. Sugiro a essa revista que peça permissão a ele e a publique na íntegra. Ele estava sofrendo com um filho menor de idade quando houve esses envolvimento. Ele termina a carta dizendo:

Aceite com resignação o sofrimento que já começou e que ainda lhe espera na privação de sua liberdade. Tire lições dessa tragédia. Nunca esqueça que o sofrimento da família que foi vítima de seus comparas é bem maior do que o seu e do que o nosso. Junte suas preces às nossas e ore por eles!

Não me pergunte quanto custou chegar até aqui, pois enxugo minhas lágrimas com o amor e o carinho que tenho por você.

Deus te abençoe!

Os desígnios de Deus, Senador Marco Maciel, são insondáveis e misteriosos. Talvez um homem de tanta valia, de tanta cultura e de saber, nesse sofrimento, para se engajar cada vez mais contra esse estado habitual e normal que está sendo a criminalidade, quase sempre motivo da droga.

Essas são as nossas palavras. Que possamos repetir aqui: “A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra”, como disse o poeta dos poetas piauiense, Da Costa e Silva, referindo-se ao Piauí, terra querida.

**O SR. PRESIDENTE** (Marco Maciel. PFL – PE) – Concedo a palavra ao Senador Alvaro Dias, representante do Estado do Paraná no Senado Federal. Em seguida, concederei a palavra ao Senador Antonio Carlos Magalhães, da representação da Bahia.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é evidente que a primeira palavra tem de ser de respeito absoluto à decisão soberana do povo brasileiro, mas o primeiro compromisso deve ser também o de persistir na luta oposicionista, porque infeliz a Nação que não tem oposição responsável, afirmativa, crítica, com a capacidade de investigar e denunciar, de contribuir, enfim, para que o Governo possa alcançar os mais elevados objetivos proclamados durante a campanha eleitoral.

Não cabe aqui discutir as razões que levaram o povo brasileiro a fazer esta opção. Discuti-las é possível, no entanto é necessário entender o direito que tem a sociedade de fazer sua opção no momento decisivo da eleição.

Sr. Presidente, ouvi há pouco, da Líder do Bloco do Governo, afirmativas que condenam a existência da Oposição no Parlamento, como se fosse possível condenar a investigação, a denúncia e a crítica, que, ao contrário, deveriam ser proclamadas ações parlamentares imprescindíveis para que, no exercício do processo democrático, a sociedade seja exemplarmente representada.

Não há como admitir a hipótese de que aqueles que fizeram oposição para valer tenham sido punidos pelo eleitor. Sou grato porque a população do Paraná compreendeu a nossa missão e me manteve no Parlamento como seu representante. É evidente que serei um representante do Paraná, neste próximo mandato do Presidente Lula, na Oposição.

Senador Antonio Carlos Magalhães, vejo um cenário de completa paralisia, mesclado com muita especulação, em que a retórica do Presidente Lula e do

seu Governo continua sendo a retórica do palanque. A impressão que passam os representantes do Governo à sociedade brasileira é a de que o Governo não se deu conta ainda de que tem à sua frente um presidente reeleito com muitos desafios a enfrentar.

O Presidente da República se dá ao luxo de se ausentar do País para desempenhar o papel de cabo eleitoral do Presidente Hugo Chávez em um momento de grande apreensão da sociedade brasileira, enquanto o País está aguardando definições importantes e inadiáveis.

Concedo a V. Ex<sup>a</sup> o aparte, Senador Antonio Carlos Magalhães.

**O Sr. Antonio Carlos Magalhães (PFL – BA)**

– Eu gostaria de dizer da minha satisfação e, acredito, de todo o Congresso Nacional com a sua reeleição, sobretudo nos moldes em que ela foi feita. V. Ex<sup>a</sup> nunca deixou de ser assíduo neste plenário, nunca fugiu da tribuna; ao contrário, sempre nela esteve, reverberando contra os erros deste Governo. V. Ex<sup>a</sup> enfrentou a junção de muitos maus elementos, no seu Estado, para derrotá-lo, mas não conseguiram, porque V. Ex<sup>a</sup> foi mais forte e o seu povo deu-lhe uma demonstração de que V. Ex<sup>a</sup> é indispensável no Congresso Nacional e na sua terra. Se V. Ex<sup>a</sup> fosse candidato a qualquer cargo, seria eleito do mesmo jeito. Desse modo, quero congratular-me com V. Ex<sup>a</sup> e principalmente com o povo do Paraná. V. Ex<sup>a</sup> não enfrentou um adversário qualquer; enfrentou a digna esposa de um Ministro de Estado, que fez tudo que era possível para ganhar a eleição. Mas o povo e V. Ex<sup>a</sup> foram mais fortes. Eu me congratulo com o Paraná por mandar, por mais oito anos, a figura do Senador Alvaro Dias a esta Casa.

**O SR. ALVARO DIAS (PSDB – PR)** – Muito obrigado, Senador Antonio Carlos Magalhães.

**O Sr. Flávio Arns (Bloco/PT – PR)** – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. ALVARO DIAS (PSDB – PR)** – Espero poder, ao lado de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Antonio Carlos Magalhães, cumprir o meu dever, fazendo oposição nos exatos limites da exigência da população do País. A Oposição tem autoridade de combater implacavelmente o Governo, quando tem também a sabedoria de reconhecer os bons momentos que pode viver qualquer Governo. No momento em que nós temos a capacidade de aplaudir ações competentes de qualquer Governo, estaremos ainda mais autorizados a criticá-lo quando cometer equívocos, como tem cometido com sobras, infelizmente, o Governo Lula.

Então, teremos a preocupação de adotar o comportamento de imparcialidade na análise dos atos do Governo. Quando o Governo acertar, estaremos com a maior alegria e satisfação a apoiá-lo, mas, quando

se equivocarmos ou entendermos como equívoco qualquer ato de Governo, este há de entender que seremos implacáveis, sobretudo no terreno da ética. O combate implacável à corrupção, por mais que possa cansar algumas pessoas, tem que ser prioridade indiscutível neste momento vivido pelo nosso País.

Há pouco o Senador Mão Santa, da tribuna, fazia referência à necessária oposição e, sobretudo, à implacabilidade da Oposição, quando se tratar de assuntos de natureza ética. Rasgar a bandeira da ética e atirá-la na lata do lixo da história, como fez o Governo Lula, é algo que não pode ser perdoado por nenhum opositor no Congresso ou fora dele.

Concedo, com muita satisfação, um aparte ao Senador Flávio Arns, que participou, de forma ativa e honrada, da campanha eleitoral no Paraná. Lamentavelmente, S. Ex<sup>a</sup> não teve o apoio que merecia ter, nem mesmo do seu Partido. Mas isso não nos cabe analisar neste momento. Cabe-nos apenas cumprimentá-lo, já que é esta a primeira oportunidade que temos de publicamente fazê-lo.

Senador Flávio Arns, V. Ex<sup>a</sup> teve uma postura de dignidade, de correção, ética, que, aliás, é norma na sua atuação política ao longo do tempo.

Nossos cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup> pela contribuição que ofereceu ao debate político no Estado do Paraná durante essa campanha.

**O Sr. Flávio Arns (Bloco/PT – PR)** – É a primeira oportunidade que tenho de me manifestar publicamente, em particular quanto ao sucesso eleitoral de V. Ex<sup>a</sup>. O Brasil precisa saber que, nessas eleições no Estado do Paraná, V. Ex<sup>a</sup> demonstrou o prestígio e a força que tem junto à população, características que norteiam sua caminhada. Durante o processo eleitoral, as primeiras pesquisas mostravam a preferência de cerca de 53% do eleitorado por V. Ex<sup>a</sup>; ao concluir o processo eleitoral, V. Ex<sup>a</sup> tinha cerca de 51%. Apesar de ter havido uma união de muitos partidos contra sua candidatura, V. Ex<sup>a</sup> foi extremamente bem votado. Costumo, inclusive, dizer, quando as pessoas perguntam-me o que podemos ver nesse processo eleitoral, que uma das coisas importantes foi o prestígio de V. Ex<sup>a</sup>, que começou e terminou o processo com um percentual alto. Agora, V. Ex<sup>a</sup>, junto com o Senador Osmar Dias – que fez uma campanha também extraordinária para o Governo do Estado do Paraná – e comigo, nós três, como Senadores do Estado do Paraná, discutiremos, avaliaremos, construiremos caminhos, buscaremos alternativas para o desenvolvimento econômico e social do nosso Estado e, principalmente, para o diálogo e o entendimento na direção da paz no Paraná. Quero parabenizá-lo pela campanha eleitoral, pelo sucesso eleitoral e também político, pelo debate que foi travado

com a população, e desejar, além da nossa amizade, do nosso companheirismo, de estarmos juntos nessa empreitada pelos próximos quatro anos, também bastante sucesso pessoal mesmo na Oposição. Como V. Ex<sup>a</sup> diz bem, não é necessário apoiar o Governo para contribuir com o País. A Oposição tem um papel fundamental, importante, necessário para a construção de um país transparente, justo e desenvolvido e é função de quem está no poder, no plano federal, estadual e municipal, buscar o diálogo e o entendimento para as questões que sejam suprapartidárias. Parabenizo V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Muito obrigado, Senador Flávio Arns.

Eu gostaria de dizer ao País que o Senador Flávio Arns, integrante do PT e que apóia o Governo Lula, é um dos homens dignos da política do Paraná. Sou insuspeito para fazer esta afirmativa e acho importante fazê-la, especialmente depois do processo eleitoral travado no nosso Estado.

O Senador Flávio Arns deve estar entendendo por que faço questão de ressaltar, da tribuna do Senado Federal, sua postura de dignidade permanente, em que pesem as discordâncias que possamos ter no plano político, em razão de estarmos, circunstancialmente, em trincheiras diferentes.

Mas quero também me dirigir ao Paraná para dizer, sobretudo em razão do debate da campanha eleitoral, que nós aqui estamos unidos: o Senador Flávio Arns, o Senador Osmar Dias e eu constituímos uma bancada de unidade na defesa dos interesses do nosso Estado. Repito: independentemente de posições políticas, que podem ser divergentes, no que toca ao interesse específico do Estado do Paraná e do povo paranaense nós três estaremos sempre unidos no Senado Federal. Aquilo que se discute durante uma campanha eleitoral deveria ser a verdade; no entanto, nem sempre o que se coloca durante a campanha eleitoral, especialmente da parte de alguns que disputam o voto, é absolutamente verdadeiro. Posso afirmar, neste momento em que não há nenhum interesse de natureza eleitoral, que a Bancada do Paraná no Senado Federal está absolutamente unida em defesa dos interesses do nosso Estado.

Sr. Presidente, eu dizia que o Brasil aguarda definições importantes e inadiáveis. E na esteira dessas definições aguardadas, o Governo Lula apresenta hoje um defecção nos seus quadros. O Ministro Luiz Gushiken deixa o Governo e encerra o ciclo do “núcleo duro”, que, a meu ver, arquitetou um projeto de poder de longo prazo, liderado pelo Presidente Lula. Em nome desse projeto de poder, organizou um complexo esquema de corrupção, denunciado, investigado e condenado pela opinião pública brasileira. Nós, evidentemente, não

obtivemos essa condenação através do voto do povo nas eleições. Por isso, temos que fazer uma autocrítica. Certamente, fomos incompetentes. Se, diante de tantos escândalos que sacudiram o País nos últimos anos, nós não tivemos a capacidade de convencer a opinião pública de que necessitávamos de uma nova alternativa de Governo, é porque não fomos competentes. Não cabe buscar culpados nesta hora, mas cabe assumirmos, em conjunto, a responsabilidade por não termos obtido o sucesso, Senador Cristovam Buarque, que, certamente, obteríamos se tivéssemos agido com a necessária competência de comunicação com a população do País.

Luiz Gushiken deixa o Governo criticando a Oposição, julgando a Oposição. Ele alega que a Oposição usou eleitoralmente os escândalos que explodiram durante o Governo Lula e fala em julgamento antecipado, em prejulgamento, em injustiças em relação àqueles que foram denunciados. Mas não foi a Oposição que concluiu, como concluiu o Procurador-Geral da República, tratar-se de uma organização criminosa que assaltou os cofres públicos da Nação. Portanto, não cabe responsabilizar, nesta hora, a Oposição pelas denúncias que a própria imprensa encarregou-se de formular até mesmo antes que a CPI se instalasse. Não há como, por meio de uma carta de demissão, apagar do cenário nacional todos os espetáculos deprimentes que foram impostos à Nação por aqueles que desonraram compromissos assumidos durante a campanha eleitoral nas eleições anteriores a esta última.

Sem dúvida, o Procurador da República é um homem de bem, um homem honrado, que não denunciaria quarenta responsáveis por uma organização criminosa que assaltou os cofres do País. São expressões fortes, que não podem ser ignoradas e que, naturalmente, fazem com que soe como uma desfaçatez do renunciante afirmar que a Oposição prejulgou e utilizou-se dos escândalos de corrupção como argumentos para vencer as eleições.

Concedo, Senador Antonio Carlos Magalhães, o aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Antonio Carlos Magalhães** (PFL – BA) – V. Ex<sup>a</sup> tem absoluta razão quando cita o caso do Procurador que os denunciou. E por que o Sr. Gushiken, assim como Okamoto, hoje, na sua carta, não entrega o seu sigilo bancário, fiscal e telefônico para que possamos fazer uma análise da sua figura em relação ao Governo Lula e da sua sociedade com o próprio Governo? Por que ele não faz isso? Essa indagação desejo fazer a V. Ex<sup>a</sup>, mas tenho certeza que V. Ex<sup>a</sup> sabe bem os motivos.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Senador Antonio Carlos Magalhães, V. Ex<sup>a</sup> acompanhou de per-

to a luta que travou o Sr. Paulo Okamoto para impedir que seu sigilo bancário fosse quebrado. É evidente que se trata de uma confissão de culpa. Ninguém resistiria tanto à quebra de seu sigilo bancário se não temesse as conseqüências da investigação. É evidente que se não tivesse o Sr. Paulo Okamoto culpa registrada ele não obstruiria os trabalhos de investigação realizados por várias CPIs no Congresso Nacional.

Todos nós fomos derrotados por ele. Com a ajuda do Supremo Tribunal Federal, o Sr. Paulo Okamoto conseguiu que seu sigilo bancário fosse assegurado, ao contrário do que ocorreu com o caseiro Francenildo, que teve o seu sigilo bancário arrombado pela prepotência e pela ilegalidade.

Na Caixa Econômica Federal, representantes do Governo Lula – representantes do Presidente Lula – invadiram a privacidade do Sr. Francenildo, e quebraram ilegalmente seu sigilo bancário. Ao contrário, uma instituição poderosa como o Congresso Nacional, o Poder Legislativo, não teve as condições necessárias para conhecer a movimentação financeira de um acusado, de um denunciado, de um investigado: o Sr. Paulo Okamoto.

Concedo um aparte a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Alvaro Dias, é muito oportuna a análise de V. Ex<sup>a</sup>. Nós nos sentimos orgulhosos de fazer parte da Oposição. A democracia é complexa, e a ignorância audaciosa. Estão confundindo o resultado eleitoral com democracia. Lula obteve mais votos que seu opositor. Ele venceu as eleições. Contudo, as eleições são uma partícula da democracia. A democracia começou mesmo com o povo que insatisfeito com o absolutismo dividiu o poder. Para que nós pudéssemos comemorar a democracia, o Poder Legislativo tinha que estar bem. E nós não estamos bem. Estamos desmoralizados com essas medidas provisórias, esses assaltos e “mensaleiros”, que não deveriam ser cassados, e sim enforcados. Está no livro de Deus: “A quem muito é dado muito será cobrado”, não é verdade, Senador Marco Maciel? Indago de V. Ex<sup>a</sup>, que é “bíblico”. Esses que usaram o dinheiro público não deviam ser cassados, deviam ser enforcados. Segundo pesquisa realizada, apenas 30% dos brasileiros acreditam no Poder Judiciário. Onde está o discurso de Cristo: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”? É preciso entender as coisas. Lembrai da Alemanha e do Presidente Helmut Kohl. Quem sabe das coisas é o Professor Cristovam Buarque. S. Ex<sup>a</sup> escreveu o artigo mais lindo que interpreta isso. Que o Bolsa Família ajudou os pobres ajudou, mas não vai acabar com a pobreza.

Temos que ler na íntegra o artigo do Professor Cristovam Buarque, recentemente publicado. Eu o li

no fim de semana. Richard Nixon não foi qualquer um. Foi reeleito, com uma vitória numérica retumbante. Atentai bem! Não foi um presidente qualquer, foi o melhor Presidente dos Estados Unidos em relações externas. Não havia todas essas guerras. Ele se integrou com a Rússia, visitou a China comunista, e foi o presidente que, junto com Henry Kissinger, mais avançou no que diz respeito à paz mundial. Depois, foi cassado por mau comportamento, no episódio de Watergate. O Presidente da Alemanha, Helmut Kohl, integrou as duas Alemanhas e derrubou o Muro de Berlim. Depois, o povo alemão caiu de vergonha pela corrupção que havia existido em seu governo e pelo uso da máquina. As coisas não são assim. Esta será a vitória da democracia. Mitterrand, em seu último livro, enviou uma mensagem aos governantes – ele que governou por 14 anos –: eles deveriam fortalecer os contra-poderes. Não vejo o Presidente Lula fortalecer. Ele está querendo é comprar o Poder Legislativo e o Poder Judiciário.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Senador Mão Santa, gostaria, ainda, de esgotar o assunto Gushiken. Sua demissão encerra a história do núcleo duro no Governo, o que certamente comprometeu a imagem do Presidente Lula e foi responsável por discordâncias e por contradições internas do Governo e estabeleceu a heterogeneidade, que, em determinados momentos, transformou o Governo Lula em uma verdadeira Torre de Babel, onde ninguém se entendia.

Os Ministros se contradiziam publicamente, os assuntos que poderiam ser discutidos internamente acabavam sendo discutidos publicamente. Foi quando a própria imprensa destacou o surgimento do chamado “fogo amigo”. Certamente, o denominado “núcleo duro” foi em grande parte responsável por todos os acontecimentos que comprometeram ainda mais a imagem do Governo do Presidente Lula.

Pretendíamos, não fosse o discurso da Senadora Ideli Salvatti, que nos obrigou a fazer estas apreciações da tribuna sobre o papel da Oposição na defesa da ação estabelecida pela Oposição nesses quatro anos do Governo Lula, não fosse isso, discorreríamos sobre as preocupações do momento, que dizem respeito a questões econômicas e de investimentos. Mas isso faremos, certamente, no dia de amanhã.

Muito obrigado Sr. Presidente pela concessão de um tempo maior para que eu pudesse conceder os apartes aos ilustres Senadores.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Marco Maciel. PFL – PE) – Com os cumprimentos ao Senador Alvaro Dias, concedo a palavra ao nobre Senador Antonio Carlos Ma-



galhões, representante da Bahia no Senado Federal, por 20 minutos.

**O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES** (PFL – BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Marco Maciel, desejo felicitá-lo não por estar na Presidência, mas pela figura que é V. Ex<sup>a</sup>, e, mais ainda, pela sua assiduidade nesta Casa. Essa é uma demonstração que V. Ex<sup>a</sup> dá, e que deveria servir de exemplo a muitos Senadores, de que não devemos, nunca, fazer semanas inteiras sem sessão deliberativa. De modo que é essa a minha primeira colocação, felicitando V. Ex<sup>a</sup> pela característica permanente de vir a esta Casa, sempre cumprindo o seu dever.

**O SR. PRESIDENTE** (Marco Maciel. PFL – PE) – Obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES** (PFL – BA) – Sr. Presidente, vou me dirigir hoje, na primeira parte do discurso, com todo o respeito, a Sua Excelência, o Senhor Presidente da República. Vou tratar de um assunto que diz respeito a ele, a mim e ao Brasil.

Venho tratar da sobrevivência do InCor. O InCor é um Centro Cardiológico de excelência não só no Brasil, como no mundo. O InCor é uma referência que não pode se apagar. Crises e mais crises, algumas talvez da própria Instituição, outras por atraso de pagamento de Governos, o InCor vive hoje um drama tão grave que um de seus diretores, o Dr. Jorge Kalil Filho, diz: “InCor pode ter o mesmo fim da Varig”.

O InCor teve dirigentes como Pileggi, Jatene, Ramirez, hoje tem David Uip e o Dr. Gim. Não podemos ficar de braços cruzados. Temos convênio com o InCor.

O InCor tem que mudar um pouco a sua orientação; deveria cobrar de doentes que podem pagar, mas não cobra. Deve cobrar e dar assistência, como tem dado, a 83% de pessoas do SUS.

O InCor é um centro também de experiências cardiovasculares invulgar. Alguns dos métodos do InCor foram criados em São Paulo para o mundo. A Fundação Zerbini tem um nome que não pode ficar esquecido de qualquer área da sociedade brasileira e, em particular, da sociedade médica.

Aqui está, Sr. Presidente, um sobrevivente do InCor. Falo por gratidão e porque quero que os brasileiros tenham a sorte que eu tive de ser atendido no InCor.

De modo que eu me dirijo ao Senhor Presidente da República, com quem os diretores do InCor estiveram ontem, para que Sua Excelência encontre a fórmula. Tem encontrado para empresas como a Telemar e outras empreiteiras, com ajuda do BNDES; pode encontrar para o InCor. Bem como o Governo de São Paulo deve cumprir suas obrigações – acredito que vá cumprilas

agora – para que o InCor continue a ser o grande centro de excelência cardíaca do Brasil e do mundo.

Peço a transcrição dessa entrevista que tem argumentos importantíssimos do Dr. Kalil, um dos diretores do InCor. Aliás, há uma plêiade de profissionais de grande competência no InCor.

Estamos todos conveniados ao InCor, os Ministros do Supremo, os Parlamentares. Quantas e quantas vidas já foram salvas pelo Instituto do Coração?

Este é um apelo que, respeitosamente, faço a Sua Excelência, o Senhor Presidente da República.

Dito isso, vamos passar para as matérias em que o Senhor Presidente da República é culpado – e vai piorar no seu novo Governo. Estou convencido de que o Governo Lula será mais desastroso em matéria moral do que foi neste quadriênio.

O jornal **Folha de S.Paulo** de ontem noticiou que o “Tribunal de Contas da União vê desvio de 55% em verbas de ONG”. Desvio de 55%! O TCU diz que ONG ineptas recebem 54% dos repasses do setor. A matéria trata de uma série de assuntos que demonstram que as ONG foram criadas não para servir à coletividade, mas a alguns ladrões ligados ao Governo do Presidente da República.

Não posso, tendo em vista as últimas eleições, dizer que essas ONG funcionaram – e muito – em todos os Estados do Brasil, a favor do Governo, de maneira escandalosa – e eu diria até cínica –, como aqui demonstra o Tribunal de Contas da União. Não se pode brigar com o Tribunal de Contas da União.

Passo a outra manchete.

Ainda há pouco, a Líder do Governo leu uma carta de alguém de Andaraí. Quantas cartas recebo que falam mal da Líder do Governo, mas não as leio nesta Casa em respeito à sua figura, ao seu Partido e à própria Casa. Ela disse que não leria tudo para não ferir suscetibilidades. De minha parte, quero que ela leia todas porque terei resposta para tudo, assim como meus companheiros que fazem oposição ao Governo. Desse modo, é uma fuga a não-leitura. Venha ler e fazer o debate porque nem todos podem fazer o debate da moralidade pública.

Lula reduziu os gastos em educação, responsável pela queda no *ranking* do IDH. O setor recebeu 163 do PIB em 2005, contra 173 dos últimos três anos de Fernando Henrique. Aqui se faz tanta comparação com o Governo Fernando Henrique, sempre apresentando números ruins para aquele Governo e bons e falsos números para o Governo Lula. Mas aqui está a demonstração inequívoca.

Senador Marco Maciel, Fernando Henrique Cardoso, Presidente do qual V. Ex<sup>a</sup> foi vice, é um homem de quem se poderia divergir. E, muitas vezes, divergi.

Em entrevista, ele chegou a dizer que fui mais Oposição a ele do que o PT.

Mas é um homem de bem, culto, preparado, que governou o Brasil com uma visão de estadista, muito diferente da situação que hoje vivemos – o estadista de hoje pode ser de estádio, mas não de vida pública. Essa é a diferença de Fernando Henrique Cardoso. É por isso que, tantas vezes, Fernando Henrique Cardoso é citado e até violentado na sua figura de homem público por aqueles que não têm a sua competência.

Divergir de Fernando Henrique Cardoso é muito natural. Erros no Governo Fernando Henrique Cardoso existiram. Porém, comparar moralmente o Governo Fernando Henrique Cardoso com este é algo que não se pode fazer. É injusto. Por que é injusto? Estamos vendo aqui a razão. Se analisarmos a saúde, vamos ver a mesma coisa. Com esta reportagem, eu também mostro a evolução do gasto social no Governo Lula. Daí por que, Sr. Presidente, peço a sua transcrição e sei que V. Ex<sup>a</sup> me atenderá.

Sobre a transposição do rio São Francisco a **Folha de S. Paulo** diz:

Transposição custará mais que o previsto, calcula TCU.

Para tribunal, obra no rio São Francisco beneficiará população inferior à estimada.

TCU avalia que Estados não vão conseguir distribuir a água à população depois que as bacias fluviais da região estiverem integradas.

A **Folha de S. Paulo**, na reportagem de Malu Delgado, fala da transposição do São Francisco, contra a qual temos lutado tanto. Recorremos à Justiça, e bateremos à porta da Justiça tantas vezes forem necessárias, para impedir que essa obra faraônica, que só visa beneficiar empreiteiras, se concretize. Vejo que são tantas as empreiteiras que o PT dizia ter ligações até comigo – nunca tiveram –, mas que hoje o Partido não diz nada porque elas deram mais dinheiro ao PT do que a qualquer outro Partido. O PT foi o Partido das Empreiteiras.

Faz-se silêncio. É o silêncio do consentimento. É o silêncio da verdade. É o silêncio daqueles que não podem discutir os gastos com as empreiteiras.

E, quando falo em empreiteiras, não me refiro às estatais. Estatais são outra coisa, Sr. Presidente. O que gastaram essas estatais vamos ainda descobrir aqui em várias CPIs.

Fico triste comigo, com V. Ex<sup>a</sup>, com toda a Casa porque essas coisas acontecem, passam e ninguém fala mais nisso. É um novo mandato.

O Lula ganhou com uma vantagem muito grande. Então, tem que se fazer silêncio sobre os roubos do passado ou de ontem e os de hoje também, porque não se

pára de roubar. Há o problema dos cartões de crédito, de que tanto falávamos. Para que são usados?

Sr. Presidente, quero que V. Ex<sup>a</sup>, mais uma vez, me dê razão e faça publicar, como é do meu direito, a matéria sobre a transposição do rio São Francisco.

O jornal **O Globo**, de sábado, publicou uma reportagem sobre a Operação Tapa-Buracos – muitas vezes discutimos aqui o problema dessa Operação, e sempre a Líder do Governo vinha defendê-la – com o título: “Calamidade nas estradas”. “Tapa-Buracos desmorona”. “Dez meses depois, 66,2 % dos trechos que passaram por obras já têm problemas”.

E não se põe ninguém na cadeia. Aliás, agora querem prender o Diretor do Dnit. Deveria prender todo mundo, sem exceção. Nessa Operação Tapa-Buracos não há exceção. Está aqui a reportagem, que traz a fotografia da estrada. Sessenta e seis por cento do que se gastou já acabou. E isso foi ontem, foi na véspera da eleição.

Ah, Sr. Presidente, tenha paciência!

Confesso a V. Ex<sup>a</sup> que fico triste. Não gostaria de dizer isso. Gostaria de dizer que o Governo Lula está apurando as roubalheiras, que Lula vai modificar-se, que Lula vai melhorar, mas, quando vejo as pessoas que o estão cercando... Quando se tira Gushiken, entra outro pior. Quando tirou José Dirceu, veio o Berzoini. Caiu o Berzoini, veio outro...

É uma vergonha o que está acontecendo neste País, Sr. Presidente. É meu dever vir à tribuna chamar a atenção para esses pontos. Vim hoje da Bahia para isso. Amanhã vou falar sobre outros fatos. É preciso acabar com isso. Ou se acaba com a corrupção no Brasil, ou a corrupção vai acabar com o regime democrático brasileiro. E é muito mais importante a democracia do que a corrupção.

Não pensem que o povo vai ficar parado todo o tempo, anestesiado, como está, com a corrupção aí existente. Quem pensa sabe que isso está errado. Pode-se enganar o povo por algum tempo, mas não se engana o povo por todo o tempo, já dizia Afonso Celso. Conseqüentemente, isso tudo ainda vai acontecer, e que não sejamos nós culpados pelo nosso silêncio, pela nossa omissão, pela freqüência ao Palácio de figuras que talvez não devessem estar por lá, mas em outros lugares. Agora a porta se escancarou: entra todo mundo, não se pede carteira de identidade, nem precisa, porque quem entra já entra maculado.

Pego outra manchete, Sr. Presidente, e vejo:

Depois de 58 dias, PF hesita em denunciar ‘aloprados do PT’.

Lentidão e tom brando com acusados de amealhar R\$ 1,75 milhão [destinado a dossiê do Governo Lula contra o Ministro Serra e o candidato Alckmin]...

Está aqui. Estão todos eles: Gedimar Passos; Valdebrand Padilha; Expedito Veloso, Presidente do Banco do Brasil; Hamilton Lacerda; Oswaldo Bargas; Jorge Lorenzetti – churrasqueiro do Lula, o churrasqueiro mais caro do Brasil. Há mais: Berzoini, presidente do Partido; e Freud Godoy, que a Polícia Federal fez questão de inocentá-lo antes da hora; nem sequer deixou terminar a investigação.

De modo que peço providências ao meu prezado amigo, Dr. Márcio Thomaz Bastos, que, segundo se anuncia, não vai continuar mais no Ministério. Ele é um homem de bem e tem obrigação de, antes de sair do Ministério, mostrar quais são os “aloprados” que o próprio Lula denunciou – e acabou de demitir o último no dia de hoje. Agora, demite quem rouba, mas o dinheiro não volta nunca! Esta é a coisa mais triste do Brasil: o dinheiro não volta. O roubo existe, mas o dinheiro não volta.

Outra manchete:

Após a detenção, a impunidade.

Das 785 pessoas detidas em 20 grandes operações da PF, 94% já estão nas ruas.

E eles dizem que combatem a corrupção. Dizem que este é o Governo que apura, que não deixa nada debaixo do tapete, que pega e põe na cadeia os ladrões. Eles podem colocar na cadeia alguns ladrões, como ladrões de galinha ou coisa equivalente, mas os ladrões do dinheiro público, infelizmente, não.

Outra manchete:

Petistas ‘sem-teto’ buscam guarida no governo.

[Petistas sem teto são os derrotados].

Neste Governo, ele colocou vinte derrotados. No Governo atual! Agora aqui tem uma série de pessoas, vários amigos meus, outros nem tanto, que estão buscando teto no Governo. Não vou citar os nomes – me constrange –, mas os nomes estão aqui no jornal para quem quiser ver, e eu vou pedir a transcrição, também, desses sem-teto.

V. Ex<sup>a</sup> quer me apartear?

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Eu gostaria.

**O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES** (PFL – BA) – Aí depende...

Com a palavra, o Senador Cristovam.

**O Sr. Cristovam Buarque** (PDT – DF) – Senador Antonio Carlos, V. Ex<sup>a</sup> trouxe aqui, pouco antes, um problema sobre o qual esta Casa não está se debruçando com a importância que deve: o Orçamento. O Orçamento para 2007 é um orçamento tapa-buracos, Senador Antonio Carlos Magalhães. O que é o um orçamento tapa-buracos? É aquele que não investe numa estrada nova. Põe uma areiazinha para que durante algum tempo os carros passem por cima, que

é o que se fez na operação tapa-buracos. Quando a gente analisa o Orçamento – e eu terei isso com mais detalhe – e a gente separa os gastos necessários para tapar os diversos buracos deste País, como a própria assistência social, que é para cuidar de erros que a gente deixou acontecer, e compara com os gastos para construir um Brasil novo, vemos que, pelo menos cinco vezes mais, a gente está gastando para tapar buracos do que para fazer estradas novas. E a gente não vê motivação do Governo para mudar isso. V. Ex<sup>a</sup> falou em educação. Há algo muito grave no Orçamento em relação à educação. É certo que se aumentaram dois bilhões para as universidades. Mas, Senador, observemos a idéia – tão discutida pelo Presidente – do Fundeb, que prevê dois bilhões e oitocentos milhões. Desses dois, oitocentos milhões vão sair da própria Educação. Simplesmente mudaram a rubrica. Reduziram à metade os gastos com educação de jovens e adultos: de seiscentos milhões para trezentos, incluindo aí o Programa de Alfabetização. E, de dois bilhões e meio que são gastos este ano com o ensino fundamental, vai ficar reduzido a um bilhão e meio, que é o que eles previram para o Orçamento de 2006, mas que esta Casa, o Congresso, conseguiu aumentar até dois bilhões. Veja que coisa! Falam tanto no Fundeb, falam tanto em dois bilhões, mas só vão colocar um bilhão e duzentos, porque os outros oitocentos vão sair de dentro da própria Educação. Penso que est Casa deveria se dedicar um pouco mais à análise do Orçamento, não só como fazemos, de colocarmos emendas aqui e ali e sairmos aprovando rapidamente no Congresso. Mas criar um grupo talvez, para colocar uma lente sobre o que está acontecendo com nosso Orçamento. O Orçamento de 2007, Senador Antonio Carlos, é um Orçamento tapa-buracos.

**O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES** (PFL – BA) – V. Ex<sup>a</sup> tem absoluta razão. Veja V. Ex<sup>a</sup> o seguinte: hoje, dia 13 de novembro, ninguém estudou o Orçamento! Talvez o Relator tenha dado alguma olhada, mas nenhum Parlamentar examinou o Orçamento. E vamos ter que dar o Orçamento em 15 de dezembro. Isso é Orçamento?

V. Ex<sup>a</sup> tem razão, é um Orçamento tapa-buraco ou tapa-roubalheira porque a fonte principal dos roubos no Brasil – e com a conivência do Governo – é também por culpa destas duas Casas do Congresso, que votam um orçamento não impositivo justamente para facilitar dar-se dinheiro a quem não merece. V. Ex<sup>a</sup> tem razão, e eu lhe dou mais uma vez esse crédito notável que V. Ex<sup>a</sup> tem no setor educacional. V. Ex<sup>a</sup> o tem em todos, mas no educacional principalmente e deveria estar preparando um Orçamento à altura de

suas idéias. Se V. Ex<sup>a</sup> estivesse formulando isso, a situação da educação no Brasil seria outra.

Senador Eduardo Suplicy, já estou concluindo, mas V. Ex<sup>a</sup> tem o aparte.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Senador Antonio Carlos Magalhães, tendo ouvido, no caminho para cá, o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup> sobre o InCor, eu gostaria de externar a importância de todos nós no Senado Federal estarmos apoiando esse instituto exemplar em todos os aspectos, mas principalmente por ser o instituto com o maior acúmulo de desenvolvimento científico, com experiência. E V. Ex<sup>a</sup> registrou ter sido uma das pessoas que tiveram os cuidados da equipe médica do InCor. Eu mesmo nunca precisei viver uma situação de cirurgia no InCor, mas já fiz ali exames, como muitos de nós Senadores temos feito, para analisar o nosso estado de saúde periodicamente. Sempre fiquei impressionado com a extraordinária qualificação profissional e esmero de todos os médicos do InCor. Também fiquei impressionado com o número fantástico de brasileiros, de todas as partes do nosso imenso País, que procuram o InCor para realizar os exames e o tratamento necessário. E claro, o próprio Presidente Lula, antes de ser presidente, também foi atendido no InCor e, agora, como Presidente, tem sido um dos mais ilustres pacientes do InCor e tem, portanto, conhecimento pessoal da dedicação daquele corpo médico e de cientistas que merecem todo o respaldo, não apenas do Governo do Estado de São Paulo, mas também de nós Poder Legislativo e Executivo. V. Ex<sup>a</sup> bem salienta que seria próprio que o InCor, estando em dificuldades econômicas e financeiras, adote uma sistemática de tal forma que haja uma diferença de tratamento com aqueles que efetivamente não têm recursos e aqueles que têm recursos, ainda que seja uma instituição pública. No momento em que o InCor faz um diagnóstico encaminhando-o, ontem, pessoalmente por seus diretores, ao Presidente Lula, ao Ministro Guido Mantega, ao Ministro da Saúde, Agenor Álvares, considero importante – e V. Ex<sup>a</sup> registrou – a palavra do Presidente Lula no sentido de que possa ser encontrada uma solução num prazo exíguo de 48 horas e que contará com o nosso apoio. É preciso que nos debruçemos também para achar os caminhos para uma solução. Na entrevista dada pelo Diretor da Fundação Zerbini, Jorge Kalil Filho, ao jornal **O Estado de S. Paulo**, no domingo, ele mencionou que a maneira como se desenvolveu o InCor em Brasília, depois da iniciativa positiva que aconteceu durante a gestão de V. Ex<sup>a</sup> como Presidente do Senado, acabou havendo ali uma situação de dificuldade financeira na forma como tem sido gerido o InCor em Brasília e isso inclusive estaria levando à decisão da separação do

InCor em relação à instituição aqui em Brasília. Menciono isso como um dos possíveis problemas sobre os quais todos nós, como membros do Poder Legislativo, do Congresso, em cooperação com o Ministério da Saúde, com o Secretário da Saúde e o Governador eleito, nos preocupamos. Menciono tanto o Governador Cláudio Lembo quanto o Governador José Serra pois ambos estarão certamente se empenhando para encontrar uma solução. Inclusive preparei para hoje à tarde um pronunciamento, mas quero aqui apoiar a iniciativa de V. Ex<sup>a</sup> de considerar importante que nós, Senadores, venhamos a ajudar na solução da sobrevivência da melhor forma possível dessa extraordinária instituição.

**O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES** (PFL – BA) – Agradeço muitíssimo o aparte de V. Ex<sup>a</sup>. Realmente, acho que com relação ao problema do InCor de Brasília poderíamos resolver no próprio Orçamento da República.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PFL – PI) – Senador Antonio Carlos Magalhães, por mais três minutos. Tem ainda um aparte do Senador Mozarildo.

**O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES** (PFL – BA) – As Bancadas poderiam fazer uma emenda de todos os Partidos para o InCor de Brasília, que também está atuando muito bem. Talvez não tenha sido a melhor hora, não sei, mas eu me responsabilizo com o Presidente Michel Temer, por termos trabalhado para trazer o InCor para Brasília, a despeito de algumas dificuldades que encontramos na área militar, em virtude do funcionamento no Hospital de Base.

Mencionei com todo o respeito esse caso do InCor ao Presidente da República, Presidente Lula. V. Ex<sup>a</sup> poderia, certamente, também levar o nosso apelo, o apelo da Casa, o meu apelo, o apelo de todos ao Presidente da República e, quem sabe, trazer, o mais breve possível, uma resposta favorável. Tenho certeza de que, nesse ponto, o Presidente vai se sensibilizar, porque, quando Sua Excelência vai até lá, vê também uma multidão de pessoas pobres sendo atendidas igualmente às ricas pelos maravilhosos médicos do InCor, que é uma notável instituição, que não pode perecer. V. Ex<sup>a</sup>, portanto, é um intérprete do Congresso Nacional nesse pedido, que tenho certeza de que o Presidente da República vai acatar.

**O Sr. Mozarildo Cavalcanti** (PTB – RR) – Senador Antonio Carlos, como médico, não poderia deixar de fazer um aparte a V. Ex<sup>a</sup> no que tange a essa questão do InCor. Acho que o InCor, hoje, é um patrimônio nacional não só pelo atendimento que faz. É bom que se ressalte aqui, li isso, inclusive, com dados no jor-

nal, que apenas 20% do atendimento do InCor é fruto de convênios para valer e de particulares, os outros 80% atendem basicamente o SUS, fora o aspecto de pesquisa e de investimento em tecnologia avançada. Efetivamente temos que olhar o InCor não como um hospital qualquer, não como uma entidade qualquer. Realmente precisamos ver que é um centro de excelência no que tange à pesquisa, ao tratamento e, de maneira prioritária, ao atendimento ao pobre. Quero me aliar à preocupação de V. Ex<sup>a</sup> e me dispor, também, para buscarmos soluções, inclusive com emendas de Comissão. Por exemplo, a Comissão de Assuntos Sociais poderia apresentar uma emenda para beneficiar o InCor, que tem um caráter nacional.

**O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES (PFL – BA)** – Agradeço muitíssimo a V. Ex<sup>a</sup> pelo aparte, que volta para esta Casa com este espírito que sempre

norteou a atuação de V. Ex<sup>a</sup>, principalmente no setor de saúde.

Sr. Presidente, esse assunto do InCor era o que eu gostaria de tratar em primeiro lugar. Acho que, se o Governo moralizar-se nos outros setores, não teremos dificuldades nem com o InCor, nem com outras instituições, como as Santas Casas de Misericórdia de todo o País, que estão à mingua, sem recursos do Governo, enquanto alguns do Governo se locupletam com o dinheiro público por meios mais sórdidos e que, infelizmente, não são coibidos por Sua Excelência o Presidente da República.

Muito obrigado.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

# Gastos de cartões do governo sobem 70%

O volume de dinheiro retirado na boca do caixa, entretanto, caiu de R\$ 890 mil, em 2005, para R\$ 417 mil neste ano.

**Cartões foram criados para despesas emergenciais; uso de recurso para pagar 'kits lanche' em comício em SP é alvo de investigação do TRE**

**ROGÉRIO PAGNAN**  
DA REPORTAGEM LOCAL

As despesas feitas pelo governo federal com os cartões de crédito corporativo explodiram nos dez meses deste ano e superaram em mais de 70% os gastos feitos em 2005.

No ano passado, esses gastos com o cartão, criado para atender despesas emergenciais, somaram R\$ 22,5 milhões contra os R\$ 38 milhões deste ano, até anteontem, segundo levantamento feito pelo site Contas Abertas a pedido da **Folha**.

Os gastos feitos pela Presidência, que inclui seis setores do órgão e entre eles o Gabinete da Presidência, também apresentam alta. Em todo ano passado, os gastos ficaram cerca de R\$ 20 mil abaixo de R\$ 11 milhões. Neste ano, eles já superaram em R\$ 50 mil.

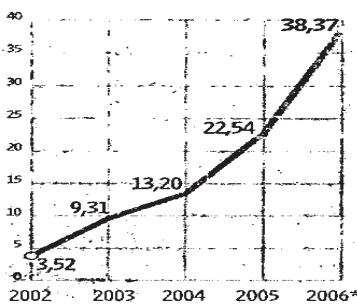
Segundo a Casa Civil, o crescimento nos gastos com cartões é normal porque trata-se de uma substituição do uso de dinheiro e cheque e que não representa um aumento das despesas do governo.

A Justiça Eleitoral de São Paulo investiga o uso de um dos

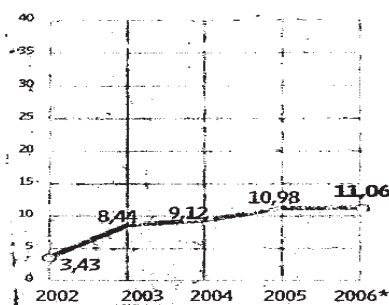
## CARTÕES CORPORATIVOS

Os gastos do governo federal com cartões de crédito, em R\$ milhões

Todos os órgãos



Presidência



cartões presidenciais em setembro passado para compra de 280 "kits de lanches", no valor de R\$ 2.212, em Jacareí. Essa investigação foi iniciada após denúncia do advogado Sidnei de Oliveira Andrade, consultor jurídico da Câmara de Jacareí, que disse que parte de dos lanches foram doados para militantes do PT, que participaram do comício do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Oliveira não apresentou, porém, nomes de pessoas que receberam o alimento.

A Casa Civil, responsável pelos cartões presidenciais, afirma não haver irregularidade e que o alimento foi destinado à segurança presidencial e ao pessoal de apoio da comitiva. Segundo nota da assessoria da Casa Civil, a equipe de segurança da Presidência é formada por funcionários da Presidência, das Forças Armadas e das polícias Federal e Militar.

Ontem, porém, a Polícia Militar de Jacareí negou que o efetivo utilizado para reforçar a segurança do evento tenha re-

cebido lanche. Segundo o setor de comunicação da PM, cerca de 30 pessoas foram escaladas.

A assessoria da Casa Civil disse que "geralmente" os PMs estaduais recebem lanches, mas que não poderia confirmar se receberam ou não.

Anteontem, a Casa Civil chegou a informar que os lanches haviam sido distribuídos em três remessas. Essa versão foi mudada, porém, quando a reportagem informou a posição do proprietário da churrascaria, de que os lanches foram levados de uma só vez.

### Queda

Apesar do crescimento dos gastos gerais com o cartão, há uma tendência de queda no volume de dinheiro retirado na boca do caixa. No ano passado, foram R\$ 890 mil contra os R\$ 417 mil neste ano. Em 2004, o valor chegou a R\$ 5,4 milhões.

Também apresenta tendência de queda os gastos com cartões exclusivos da Secretaria da

Administração da Presidência. No ano passado, foram R\$ 5,5 milhões contra R\$ 4,2 milhões,

até o início deste mês.

Colaborou MARTA SALOMON, da Sucursal de Brasília

**COMPROVANTES DOS GASTOS**

**CHURRASCARIA GAÚCHA ROMANI II LTDA**

TEL: 3953-6598 e Tel/Fax 3251-0668  
Rodovia Presidente Dutra, Km 134 - Meia Lua  
CEP 12339-010 - Jacaréi - SP

CRPJ 50.457.551/0001-92 - INSCRIÇÃO ESTADUAL 392.005.354.113

Nota Fiscal de Venda a Consumidor 1ª Via - Cliente | 2ª Via - Fornecedor  
Série D-1

Data da Emissão: 22/09/06 Nº 128214  
Ilmo. Sr. *Sec de Administração / UR*  
Rua *CPMS 003949110001-05* N.º

| QUANT.                    | DISCRIMINAÇÃO DAS MERCADORIAS | PR. UN. | TOTAL R\$             |
|---------------------------|-------------------------------|---------|-----------------------|
| 280                       | LANCHE                        | 7,90    | 2.212,00              |
| <i>Recibo nº 25109786</i> |                               |         | <b>TOTAL 2.212,00</b> |
| <i>Ed. 012 133</i>        |                               |         | <b>TOTAL 2.212,00</b> |

NÃO VALE COMO RECIBO

**Nota fiscal fornecida por churrascaria de Jacaréi**

que o folheto menciona um cartão de crédito corporativo da Presidência foi utilizado na compra de 280 kits de lanches em Jacaréi (SP) em nome da família do ministro na época de seu governo.

## Oposição cobra explicações e ameaça com CPI

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A oposição cobrou ontem explicações do governo Lula sobre o uso de cartões corporativos. O líder do PFL no Senado, José Agripino (RN), ameaçou pedir a criação de uma CPI sobre o assunto, se a Casa Civil não responder o

requerimento de informações apresentado ontem pelo senador Arthur Virgílio (AM), líder do PSDB.

Reportagem publicada ontem na **Folha** mostrou que o funcionário do almoxarifado da Casa Civil Mauro Augusto da Silva comprou 280 "kits de lanche", no valor de R\$ 2.212, durante visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Jacaréi (SP).

O caso está sendo investigado pela Justiça Eleitoral de São Paulo a pedido do advogado Sidnei de Oliveira

Andradé, consultor jurídico da Câmara de Jacaréi.

"Se o governo não der uma resposta [sobre a prestação de contas dos cartões], a oposição vai ser obrigada a pedir uma CPI para investigar", defendeu Agripino.

O deputado Fernando Gabeira (PV-RJ) não descartou a abertura de CPI, mas antes preferiu que o Tribunal de Contas da União divulgue o relatório que produziu sobre o assunto. O documento do TCU está sob sigilo. (ADRIANO CEOLINE FERNANDA KRAKOVICS)

# Contas da viagem de Lula estão à disposição do TCU, diz Planalto

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O Palácio do Planalto informou ontem, por meio de nota da Casa Civil, que está à disposição do TCU (Tribunal de Contas da União) e da Justiça Eleitoral a prestação de contas da viagem do presidente Lula ao evento de campanha realizado em setembro em Jacareí.

"No caso do comício de Jacareí, todo o processo que envolve a viagem do candidato-pre-

sidente, assim como a requisição dos lanches e os comprovantes das despesas estão arquivados na Casa Civil e disponíveis para os órgãos de fiscalização como o Tribunal de Contas da União e, óbvio, a Justiça Eleitoral, se esta considerar necessário", afirma o texto.

A Folha questionou a Casa Civil sobre "o número médio de lanches comprados pela Presidência em eventos fora de Brasília" e se a quantidade ad-

quirida leva ou não em consideração o número de pessoas em serviço. Não houve resposta. O Gabinete de Segurança Institucional da Presidência, não informou o número de seguranças envolvidos nos deslocamentos do presidente, alegando se tratar de informação sigilosa. Segundo a Casa Civil, "não há necessidade de ressarcimento aos cofres públicos dos gastos relativos à segurança do presidente da República".

# Governo Lula reduziu gastos com educação

Responsável pela queda do país no ranking do IDH, setor recebeu 1,63% do PIB em 2005, contra 1,73% dos últimos três anos de FHC

**Previdência e assistência têm forte crescimento nas despesas; prioridade é para as transferências diretas de renda aos beneficiários**

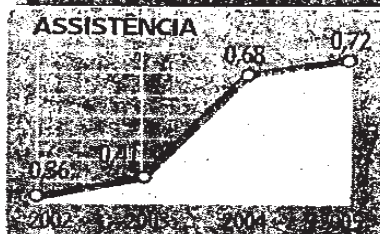
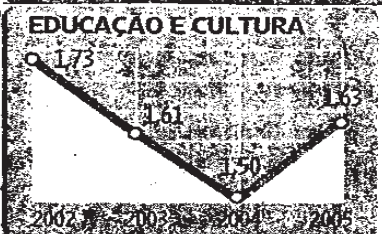
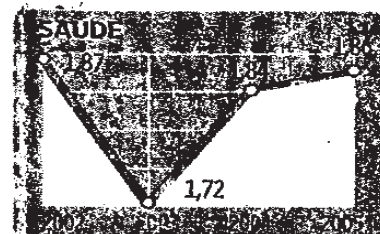
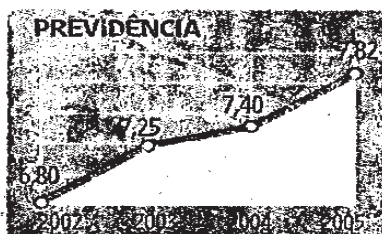
GUSTAVO PATU  
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Maior responsável pela queda do Brasil no recém-divulgado ranking mundial de desenvolvimento humano, a educação teve seus recursos federais reduzidos no governo Lula.

De acordo com os dados oficiais, o setor recebeu R\$ 31,5 bilhões no ano passado, equivalentes a 1,63% do PIB (Produto Interno Bruto). Nos últimos três anos

## A EVOLUÇÃO DO GASTO SOCIAL SOB LULA

Em % do PIB



Fontes: Ministério do Planejamento e IBGE

do governo FHC, o gasto em educação se manteve no patamar de 1,73% do produto.

Não é possível estabelecer uma relação direta de causa e efeito entre a redução dos gastos em educação e o desempenho brasileiro apurado pelo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Mas ambos refletem as opções da política social brasileira nos últimos anos, aprofundadas sob Lula.

Das quatro principais áreas da política social, duas têm forte crescimento recente nas despesas — previdência e assistência. Privilegiam-se, portanto, as transferências diretas de renda aos beneficiários, em detrimento dos serviços do Estado. Além da queda na educação, as verbas para a saúde ficaram estagnadas em 1,86% do PIB.

No IDH, que leva em conta expectativa de vida, alfabetização de adultos, taxa de matrículas e renda per capita, o Brasil teve progressos menores nos

três primeiros indicadores, ligados à saúde e à educação — o que ajuda a explicar o recuo da 68ª para 69ª posição no ranking internacional.

O país mereceu, porém, uma menção elogiosa da ONU ao Bolsa Família, programa de transferência de renda que contribuiu decisivamente para a disparada do orçamento da assistência social.

#### Razões

Há razões políticas e econômicas para explicar as opções do gasto social. No primeiro caso, o Bolsa Família se mostrou um ovo de Colombo eleitoral, com alto apelo popular e custo baixo — representa menos de metade das verbas assistenciais, que não passam de 0,72% do PIB. O programa também atende ao figurino recomendado pelos economistas de pensamento liberal, por ser focalizado (apenas aos mais pobres) e vinculado a contrapartidas como frequência escolar.

A principal despesa social continua sendo, de longe, a com benefícios previdenciários, independentemente da vontade dos governos — o envelhecimento da população e os direitos constitucionais bastam para o seu crescimento anual.

A contribuição política ao setor são os sucessivos reajustes reais do salário mínimo. De 5,39%, em 1995, a despesa com a Previdência Social chegou a 7,82% do PIB dez anos depois.

Perdendo espaço no Orçamento, saúde e educação se mantêm protegidas pela legislação. A primeira tem garantido na Constituição o aumento dos recursos conforme o crescimento do PIB. Os gastos em educação tiveram crescimento no governo passado, com a criação do Fundef, fundo destinado ao ensino fundamental. Após a queda no primeiro mandato de Lula, promete-se nova expansão com a aprovação do Fundeb, para o ensino básico.

# ONGs 'ineptas' recebem 54% dos repasses ao setor, diz TCU

Entre 1999 e 2005, dez entidades receberam R\$ 150,7 milhões do governo federal

**Ministro do Planejamento admite que mecanismos de controle de convênios precisam ser mais rigorosos e defende transparência**

**MARTA SALOMON**  
DA SUCURSAL DE BRÁSILIA

Organizações não-governamentais sem condições ou sem capacidade para executar convênios com a União receberam mais da metade — 54,5% — das verbas federais destinadas a atividades para as quais faltam braços ao Estado, estima rela-

tório de auditoria recém-aprovado do TCU (Tribunal de Contas da União), com base em amostra que para o órgão representa o padrão de comportamento dessas entidades.

O TCU analisou detalhadamente 28 convênios celebrados

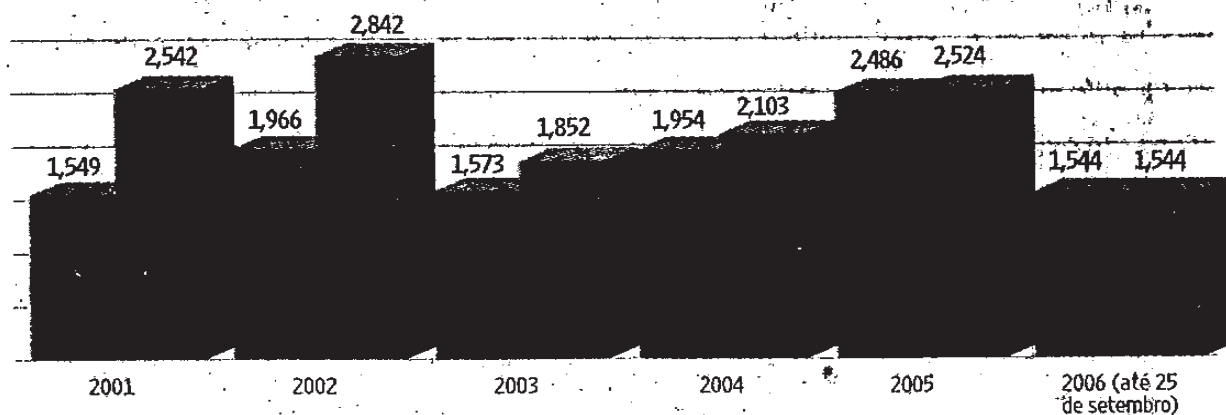


## AS ONGS E O GOVERNO

### Repasse para entidades privadas sem fins lucrativos

(em R\$ bilhões)

■ valores pagos ■ pagamentos corrigidos pelo IGP-DI



Fonte: Siafi/Contas Abertas

com dez ONGs. Eles cuidam da prestação de serviços na área de saúde indígena à concessão de bolsas de estudo, passando pela capacitação do programa Primeiro Emprego e pela compra de ambulâncias.

Os convênios analisados receberam R\$ 150,7 milhões dos cofres públicos entre 1999 e 2005. O Siafi (sistema informatizado de acompanhamento de gastos federais) mostra que entidades privadas sem fins lucrativos movimentam quantias bilionárias de tributos arrecadados no período.

Desde 2001, com exceção de 2003 (ano de drástica redução de gastos não-obrigatórios), essas entidades vêm recebendo mais de R\$ 2 bilhões por ano, em valores corrigidos pela inflação. O total de convênios é um mistério. Lideram os repasses os ministérios da Saúde e o de Ciência e Tecnologia.

#### Sem controle

A relação entre o Estado e as ONGs, de acordo com o TCU, é pautada pela quase absoluta falta de controle, com consequente perda aos cofres públicos e à população.

“O que está ocorrendo é uma verdadeira terceirização da execução das políticas públicas para organizações da sociedade civil, daí descambando para toda sorte de ilícitos administrativos, tais como a burla da exigência de concurso público e de licitações, o uso político-eleitoral dos recursos transferidos, o desvio de recursos para enriquecimento ilícito, entre muitos outros”, diz a auditoria relatada pelo ministro Marcos Bemquerer Costa, à qual a Folha teve acesso.

O relatório determina a adoção de providências pelos ministérios do Planejamento e da Justiça. O TCU cobra a divulgação, pela internet, de todos os convênios para repasses de recursos públicos a entidades privadas, assim como do cadastro completo das entidades de interesse público (as Oscips) ou de utilidade pública.

O ministro Paulo Bernardo (Planejamento) disse que as recomendações do TCU serão acatadas pelo governo porque “há interesse em haver total transparência” no trato dos recursos públicos destinados às ONGs. Segundo ele, é preciso

melhorar os mecanismos de controle desses convênios.

“Queremos restringir o acesso de recursos públicos apenas a quem tem condições”, disse ele, ainda sem conhecer os detalhes da auditoria.

O TCU recomendou ao TCU para a escolha de entidades que receberão dinheiro público. Durante a auditoria, constatou-se que os planos de trabalho das ONGs não seguem regras determinadas pelo Tesouro. Em geral, os objetos dos convênios não são definidos com precisão, as metas são vagas e as irregularidades incluem ainda superfaturamento de preços e notas fiscais frias.

Além disso, foram detectadas falhas na avaliação que antecede a aprovação dos convênios. Há situações em que os pareceres dos órgãos públicos simplesmente inexistem.

É o caso de convênio entre o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a Associação de Plantas do Nordeste, em que não houve análise técnica. A ONG atuou como mera intermediadora de recursos públicos, já que não executaria ativi-

dades de pesquisa para as quais foi contratada pelo Ministério de Ciência e Tecnologia.

Em cinco convênios auditados da Funasa (Fundação Nacional de Saúde), faltaram certidões que atestassem situação regular com o Fisco. Uma das entidades contratadas, a Urihi-Saúde Yanomami, teria sido criada, segundo o TCU, só para receber e gerenciar dinheiro (R\$ 33,8 milhões) da Funasa (leia texto nesta página).

Na avaliação dos auditores, dada a quantidade e a semelhança das falhas nas primeiras fases dos convênios, elas não se limitam a irregularidades formais. Seriam omissões, "ou até mesmo ações deliberadas para

CPI das ONGs. Mas o documento não tinha fato determinado. Ele refez a justificativa e recomeçou a coletar assinaturas.

A proposta de criação da CPI surgiu quando petistas foram presos com R\$ 1,7 milhão que seria usado para comprar um suposto dossiê antitucano. Um dos envolvidos, Jorge Lorenzetti, era colaborador da rede Unitrabalho, que recebeu por convênios R\$ 18,5 milhões dos cofres públicos, segundo o site Contas Abertas. Na gestão FHC, a fundação recebera R\$ 840,5 mil. Lorenzetti também era analista de

R\$ 8,77 milhões, foi firmado só três meses após sua fundação, sem apresentação de certidão de regularidade fiscal nem documentos comprovando a capacidade jurídica, descumprindo a legislação. Em documento de 2005, a própria ONG admite ter sido montada para receber recursos do governo federal.

"A Urihi decidiu não firmar novo convênio. A partir daí, a estrutura administrativa da Urihi, montada especificamente para apoiar a execução de convênios com a Funasa, foi desativada", relata o TCU.

Outro caso destacado pelo TCU é o da Cunpir (Coordenação da União dos Povos e Nações Indígenas de Rondônia, norte de Mato Grosso e sul do Amazonas), que se configura com "caráter cultural", mas fez convênios com a Funasa no valor total de R\$ 11,39 milhões para prestar assistência médica aos índios. A *Folha* tentou falar com representantes da Cunpir, mas os números de telefone nem sequer estão ligados.

Já a APNE (Associação Plantas do Nordeste), que firmou três convênios com o governo federal no valor de R\$ 8,84 milhões, é citada como "mera intermediadora de gerenciamento de recursos". A fiscalização diz que a ONG não tem sede própria e funciona em salas cedidas por empresa pública do Estado de Pernambuco. O diretor da APNE, Franz Pareyn, diz que a entidade tem um acordo de colaboração com a empresa desde 1994, quando foi criada.

Pareyn rebate as críticas dizendo que há 12 anos a ONG tem trabalhos com o governo federal e que em momento al-

## Entidade obteve R\$ 33,85 mi antes de ser desativada

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

"Este telefone está programado para temporariamente não receber chamadas." Ouviu esse recado quem ligou na sexta-feira para a ONG Urihi-Saúde Yanomami, uma das entidades auditadas pelo TCU (Tribunal de Contas da União).

A fiscalização aponta que a entidade foi criada em 1999 em Boa Vista (RR) exclusivamente para celebrar convênios com a Funasa (Fundação Nacional de Saúde), a partir da associação de seis pessoas e cuja sede era a própria casa de seus dirigentes.

Até 2002, recebeu R\$ 33,85 milhões para prestar assistência à saúde dos índios yanomamis. O primeiro convênio, de

## Oposição tenta criar no Senado CPI das ONGs

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A oposição no Senado tem requerimento pronto para criar uma CPI com que investigue o repasse de recursos públicos para ONGs e Oscips (Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público). A CPI proposta pelo senador Heráclito Fortes (PFL-PB) investigaria como as verbas foram gastas. O requerimento tem as 27 assinaturas necessárias para criar uma CPI no Senado.

Heráclito chegou a protocolar, anteontem, requerimento de criação da

**DEPOIS DOS VOTOS: Eduardo Greenhalgh,  
Professor Luizinho, Sigmaringa Seixas  
e Ângela Guadagnin estão na fila**

# Petistas 'sem-teto' buscam guarida no governo

Trinta deputados não reeleitos, muitos amigos do presidente Lula, esperam cargos no segundo e terceiro escalões

Maria Lima

• BRASÍLIA. A mágica que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva está tendo que fazer para acomodar no novo Ministério os desejos dos caciques dos partidos aliados terá de ser ampliada para contemplar também, em cargos de segundo e terceiro escalões, uma leva de petistas derrotados nas urnas. Eles estão sem rumo e sem emprego. Só entre os atuais deputados do PT, nada menos que 32 não foram reeleitos.

Entre eles estão muitos companheiros e amigos do peito do presidente, como Luiz Eduardo Greenhalgh (SP), professor Luizinho (SP), Sigmaringa Seixas (DF) e a deputada da dança da pizza Ângela Guadagnin (SP). Todos têm formação para tentar um emprego na iniciativa privada, mas alguns confessam que dificilmente conseguirão sobreviver longe da política.

A situação é pior para paulistas e gaúchos, como o ex-ministro Olívio Dutra, que,

sem o PT no comando do governo ou da prefeitura, vão fazer oposição a governos tucanos em seus estados.

Enquanto Lula articula a composição de seu Ministério, alguns desses petistas alimentam a expectativa de que o presidente se lembre também dos companheiros que agora estão sem o guarda-chuva do mandato.

Aproveitando seus últimos meses como parlamentar está o Professor Luizinho, que nos tempos áureos do poder ocupou o cargo de líder do governo na Câmara, mas caiu em desgraça ao figurar na lista dos mensaleiros e pode ter que voltar a dar aulas se não conseguir um emprego na União. E pode ser funcionário do governo tucano de José Serra em São Paulo, dando aulas de matemática para o primeiro e segundo graus num colégio do estado.

**Luizinho: "No último caso, volto a ser professor"**

Como dezenas de petistas que foram desbancados pelas urnas, ele ainda tem esperança

de que Lula se lembre de arranjar uma vaga no governo. Por enquanto, não teve qualquer sinal do Planalto, mas procura se articular. Mesmo derrotado, Luizinho diz que ainda está festejando a vitória de Lula e dando um tempo para deixar assentar a poeira.

— Se o presidente Lula vai se lembrar de mim, que fui seu líder na Câmara, só ele pode dizer. Em último caso, no limite, volto a ser professor de matemática. Sou professor efetivo do estado, essa função ninguém me tira — diz Luizinho, demonstrando rancor do eleitor que lhe tirou o mandato.

**Ângela Guadagnin deve voltar a ser pediatra**

Outra que poderá ter de reassumir a profissão original, de médica, é Ângela Guadagnin, braço direito de José Dirceu e dos mensaleiros petistas no Conselho de Ética.

— Ela deve voltar a atuar como médica pediatra, mas sem deixar de ajudar o governo Lula — diz sua assessora. ■

## Sigmaringa concorre a vaga no TCU

Cargo vitalício, com  
salário de R\$ 23 mil,  
é alvo de cobiça

● BRASÍLIA E RIO. Presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, o deputado Sigmaringa Seixas (PT) está na lista de Lula para ocupar a vaga do ministro Adylson Motta, que deixa o Tribunal de Contas da União (TCU) até o fim do ano. O cargo vitalício, com salário de R\$ 23 mil, é motivo de cobiça em Brasília. Sig, como é chamado por Lula e colegas, acompanha o presidente em pescarias e peladas e foi advogado de presos políticos e sindicalistas do ABC paulista nas greves da década de 80. Na quarta-feira, foi um dos que acompanharam Lula na visita a um restaurante de Brasília. Sigmaringa jura não pleitear o cargo: diz que prefere voltar à advocacia.

Também companheiro de Lula e ex-defensor de presos políticos, Greenhalgh é cotado para a Secretaria Nacional de Direitos Humanos, ocupada até ano passado por Nilmário Miranda, desempregado após a derrota na disputa pelo governo de Minas Gerais. O deputado também diz que prefere reassumir sua banca de advocacia.

— Quem fala no meu nome para a secretaria quer me queimar — diz Greenhalgh.

### José Eduardo Dutra é cotado para a ANP

Ex-presidente da Petrobras, o candidato derrotado do PT ao Senado por Sergipe, José Eduardo Dutra, pode ser recolocado em outro posto em Brasília. A amigos, tem dito que não gostaria de ser subordinado ao governador eleito de Sergipe, Marcelo Déda (PT), para não estragar a amizade. Os dois são amigos mas, por terem temperamento forte, temem problemas. Se depender de Déda, que tem agora ainda mais prestígio junto ao presidente, Dutra será aproveitado na equipe de Lula. Além de um cargo na Agência Nacional do Petróleo (ANP), ele é lembra-

dô para presidir o PT.

Ex-ministro das Cidades e candidato derrotado ao governo do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra reassume a presidência do diretório regional do PT nos próximos dias.

No Rio, petistas se movimentam para tentar ampliar os espaços na administração federal — hoje, a única representante do estado na Esplanada é a ministra Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. Cotado no primeiro mandato para assumir a pasta do Planejamento, o deputado Jorge Bittar cobra “reconhecimento” à vitória de Lula no Rio: foram mais de 69% dos votos válidos no segundo turno.

— O Rio merece o carinho que o presidente expressou pelo estado na campanha — diz.

Desde o início da semana, circula um abaixo-assinado reivindicando um cargo para o senador Saturnino Braga, que foi impedido de concorrer à reeleição. Segundo aliados, ele poderia ser indicado ao Ministério da Ciência e Tecnologia ou à presidência do BNDES. ■

COLABOROU *Bernardo Meigs Franco*

## MOROSIDADE PARA PUNIR

# Após a detenção, a impunidade

Das 785 pessoas detidas em 20 grandes operações da PF, 94% já estão nas ruas

---

Jailton de Carvalho

---

BRASÍLIA

**D**as 785 pessoas detidas pela Polícia Federal em 20 grandes operações de combate à corrupção e repressão a organizações criminosas nos últimos quatro anos, a maioria está nas ruas e sem qualquer punição, segundo levantamento feito pelo GLOBO. Apenas 40 investigados permanecem detidos. Ou seja, o número de presos hoje corresponde a pouco mais de 5% do contingente detido. De 2003 até agora, a PF fez 241 operações e prendeu 4.292 empresários, lobistas e servidores públicos, entre outros. Mas, das 20 maiores operações, apenas sete já resultaram em condenações dos acusados.

— As instituições são tolerantes com crimes financeiros. Para ficar preso neste país, o sujeito tem que estuprar, matar e confessar o crime. Isso se não tiver um bom advogado — afirma o procurador da República Mário Lúcio de Avelar.

Nessa lista de 20 investigações, policiais federais e procuradores da República obtiveram sentenças condenatórias dos réus nas operações Anaconda, Praga do Egito, Shogun, Farol da Colina, Cavalo de Tróia, Poeira no Asfalto e Curupira. Os processos das demais operações se arrastam na burocracia da Justiça ou até nos escaninhos do Ministério Público Federal.

Foi o que aconteceu com a operação Albatroz. Em agosto de 2004, a PF prendeu 20 empresários e servidores públicos ligados a uma organização chefiada pelo então deputado estadual do Amazonas Sebastião Cordeiro. A investigação, batizada de Operação Albatroz, atingiu também cinco secretários do governador Eduardo Braga (PMDB). Pelos cálculos da polícia, o esquema teria movimentado mais de R\$ 500 milhões em contrabando e fraude em licitações do governo local, ao longo de dez anos.

Mas, apesar do alentado relatório da PF sobre

as fraudes, o subprocurador da República Carlos Eduardo de Oliveira só apresentou a denúncia contra os acusados em setembro, dois anos e um mês após o início das investigações. Neste período, Cordeiro teve o mandato cassado, mas recuperou os bens e hoje mora nos Estados Unidos numa casa comprada ano passado. Nem declarou o negócio imobiliário à Receita Federal.

Os sinais da impunidade são também a marca da Operação Vampiro. Com a decisão do Ministério Público de fazer um aditamento da denúncia original para incluir os nomes do ex-ministro Humberto Costa e do ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares no rol dos acusados, o processo, que já estava em fase adiantada, voltou à estaca zero. A primeira denúncia foi feita em 2004.

— Os baixos índices de condenação são, em parte, resultado da desarticulação entre o Ministério Público e a Polícia Federal. Entre as instituições estaduais, essas diferenças são ainda mais graves — afirma o sociólogo Cláudio Beato, especialista em questões de segurança pública.

## Condenados à prisão recorrem em liberdade

• A impunidade tem sido a tônica até nos processos que resultam em condenação. Depois de mandar à prisão os doleiros Messod Gilberto e Samuel Messod Benzecry, investigados na Operação Farol da Colina, contra crimes de lavagem de dinheiro, a Justiça Federal do Amazonas permitiu que os dois recorressem da sentença em liberdade. A Justiça Federal do Rio concedeu benefício similar a empresários e policiais investigados por adulteração de combustíveis na Operação Poeira no Asfalto. Condenados, eles recorreram e aguardam o desfecho em liberdade.

— É, no mínimo, um contra-senso: condenar uma pessoa à prisão e, logo em seguida, soltar essa pessoa para que recorra em liberdade. É o

mesmo que não punir — diz um juiz federal que acompanha de perto os desdobramentos das grandes investigações criminais.

O delegado Jorge Pontes, da Divisão de Repressão a Crimes Fazendários da PF, concorda que os índices de punição são baixos. Mas, para ele, as prisões feitas pela PF no início de cada operação não são parâmetros adequados para se medir os resultados de uma investigação. Segundo Pontes, a PF pede as prisões em caráter provisório, apenas para instruir os inquéritos que, mais tarde, são levados à Jus-

tiça. Ele argumenta que, a partir dessas prisões, de cinco a dez dias de duração, a polícia costuma obter confissões e provas fortes para concluir grandes investigações.

— As prisões provisórias, como o próprio nome indica, são um importante instrumento de investigação, e não de punição — afirma Pontes.

Procurado pelo GLOBO, o subprocurador Eduardo Oliveira não foi localizado. Segundo a assessoria de imprensa da Procuradoria Geral da República, Oliveira viajou para o exterior. ■

## O balanço de quatro anos



Nas 20 principais operações promovidas pela Polícia Federal nos últimos quatro anos...

**785**  
pessoas  
foram presas

**40** permanecem  
detidas (5 % das  
prisões iniciais)

**7** dessas operações  
resultaram em  
condenações

De 2003, até hoje a Polícia Federal fez **241** grandes operações, algumas em parceria com o Ministério Público Federal e a Receita Federal. **4.292** pessoas foram presas corrupção, estelionato e tráfico de influência, entre outros crimes.



Fase  
inicial



Hoje



Sentença

### SUCURI (2003)

Investigação sobre o envolvimento de policiais federais com contrabandistas de produtos eletrônicos na fronteira com o Paraguai

**39** presos  
**0** presos  
Ainda não tem

### PRAGA DO EGITO (2003)

Investigação sobre contratação de funcionários fantasmas e fraudes em licitações pelo governo de Roraima

**53** presos  
**0** presos  
Condenados, aguardam recursos em liberdade

### VAMPIRO (2004)

Investigação sobre desvio de dinheiro destinado à compra de medicamentos de sangue pelo Ministério da Saúde

**17** presos  
**0** presos  
Ainda não tem

### ANACONDA (2003)

Investigação sobre o envolvimento de juizes, delegados e advogados com venda de sentenças judiciais em São Paulo

**9** presos  
**2** presos  
Réus já sofreram condenações e estão respondendo a outros processos

### POEIRA NO ASFALTO (2004)

Envolvimento de altos funcionários do Tribunal de Contas da União com fraudes na contratação de empresas de segurança

**47** presos  
**0** presos  
Condenados aguardam recursos em liberdade

### DOMINÓ (2005)

Investigação sobre o envolvimento de parlamentares, juizes e procuradores com fraudes no serviço público em Rondônia

**24** presos  
**12** presos  
Não tem

### SHOGUN (2004)

Investigação sobre o envolvimento do chinês Law King Chong com contrabando de mercadorias em São Paulo

**2** presos  
**3** presos  
Law King Chong foi condenado por corrupção

### FAROL DA COLINA (2004)

Envolvimento de grandes doleiros com um esquema internacional de lavagem de dinheiro

**61** presos  
**2** presos  
Seis doleiros, entre eles o Toninho da Barcelona, já foram condenados

### CAVALO DE TRÓIA (2004)

Investigação sobre o envolvimento de hackers do Pará e outros estados com invasões e roubos a contas bancárias pela internet

**64** presos  
**6** presos  
Os líderes foram condenados por estelionato

### SENTINELA (2004)

Investigação sobre o envolvimento de altos funcionários do Tribunal de Contas da União com fraudes na contratação de empresas de segurança

**10** presos  
**0** presos  
Não tem

**ALBATROZ** (2004)

Investigação sobre o envolvimento do ex-deputado Sebastião Cordeiro e altos servidores públicos com contrabando e fraude em licitações no Amazonas

 20 presos  
 0 presos  
 Não tem

**CEVADA** (2005)

Investigação sobre o envolvimento dos donos da cervejaria Schincariol com um esquema de sonegação de impostos no Rio e em São Paulo

 70 presos  
 0 presos  
 Ainda não tem

**FACÇÃO TOUPEIRA** (2006)

Investigação sobre o envolvimento de integrantes de uma facção criminosa de São Paulo com a tentativa de roubo a banco em Porto Alegre

 42 presos  
 23 presos  
 Não tem



**SANGUESSUGA**

(2006) Investigação sobre a venda de ambulâncias a preços superfaturados

 28 presos  
 0 presos  
 Ainda não tem

**CURUPIRA** (2005)

Empresários e funcionários públicos envolvidos com contrabando de madeira no Mato Grosso

 101 presos  
 0 presos  
 Três dos líderes cumpriram pena de prisão; os demais aguardam recurso em liberdade

**NARCISO** (2005)

Investigação sobre o envolvimento da Daslu, a loja mais luxuosa do país, com sonegação de impostos em São Paulo e Santa Catarina

 4 presos  
 0 presos  
 Ainda não tem

**SAÚVA** (2006)

Investigação sobre o envolvimento de militares e empresários com fraudes em licitações do Exército e outros órgãos públicos em Manaus

 32 presos  
 2 presos  
 Ainda não tem

**CEROL** (2005)

Investigação sobre o envolvimento de delegados, empresários e advogados com a manipulação de inquéritos da PF no Rio de Janeiro

 17 presos  
 0 presos  
 Ainda não tem

**DILÚVIO** (2005)

Investigação sobre um esquema de contrabando de mercadorias de Miami para o Brasil

 97 presos  
 2 presos  
 Não tem

**MONTE ÉDEN** (2005)

Investigação sobre um esquema de lavagem de dinheiro com uso de off-shores a partir do escritório de advocacia Oliveira Neves, em São Paulo

 28 presos  
 0 presos  
 Ainda não tem

# ENTREVISTA

**Jorge Kalil Filho**, diretor do Instituto do Coração

**ATENDIMENTO:** “O Incor não vai deixar de ter seu papel social. Mas o número de pacientes particulares vai subir”

**INCOR 2:** “O prédio é espetacular, um bem para o País. O problema foi de gestão, tanto nosso como do governo”

**EVASÃO:** “Médicos que se fizeram no Incor levam pacientes ilustres para hospitais privados. Isso é inadmissível”

## ‘Incor pode ter o mesmo fim da Varig’

Para seu diretor, se a crise da Fundação Zerbini não for resolvida, Instituto do Coração corre o risco de ‘morrer’

**Adriana Dias Lopes**

O imunologista Jorge Kalil Filho, 52 anos, presidente do Conselho Diretor do Incor, e David Uip, diretor-executivo do instituto, vão hoje encontrar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em São Paulo, para pedir socorro. Para o encontro, Lula convocou ontem mesmo os ministros da Fazenda, Guido

Mantega, e da Saúde, Agenor Álvares. Tão logo o governador eleito José Serra volte dos Estados Unidos, o grupo vai pedir socorro outra vez. A Fundação Zerbini, mantenedora do Incor, está afogada num mar de dívidas. “Se a Zerbini não for salva, o Incor morre”, diagnostica dramaticamente Kalil.

A crise que envolve um dos principais símbolos de São Pau-

lo tem muitas causas e se traduz numa dívida estratosférica de R\$ 250 milhões; por causa dos empréstimos tomados, o faturamento do hospital é retido tão logo chega às contas bancárias. Kalil decreta que o Incor caminha célere para o sucateamento, que pode acabar por transformá-lo “num hospital público comum”. Segundo ele, o dinheiro do Incor é sugado por



múltiplos ralos, dos quais o mais inclemente é o atendimento de pacientes que foram (mal) operados em outros hospitais e precisam de remédios salvadores.

A crise, para Kalil, está trazendo enormes repercussões negativas, principalmente para a produção científica. "Os pesquisadores precisam de tranqüilidade duradoura", diz ele, que carrega um currículo respeitado mundialmente, com 319 trabalhos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais. Kalil realça o papel social do Incor e define: "Crescemos acadêmica e socialmente, mas quebramos financeiramente", admite. Eis a entrevista:

#### O Incor pode parar?

Se a Zerbini não for salva, o Incor morre. Parar definitivamente é muito difícil. Mas o que pode acontecer, se os problemas não forem resolvidos rapidamente, e isso não se resume a um empréstimo, mas a uma série de providências conjuntas, é o Incor ter o mesmo fim da Varig. Ir parando, parando, piorando aos poucos.

#### Em quanto tempo isso pode acontecer?

Nos próximos dois anos ele já pode estar bem ruizinho.

#### O hospital já foi afetado de alguma forma?

Os profissionais estão preocupados com a crise. Isso é péssimo, principalmente para a produção científica. Os pesquisadores precisam de tranqüilidade duradoura.

#### Por onde pode começar o sucateamento do hospital?

Em primeiro lugar, vem a possibilidade de se transformar num hospital público comum. Ou seja, os melhores profissionais vão começar a sair, as unidades de pesquisa, a se extinguir, e a alta complexidade, a sofrer.

#### O setor de pesquisa dá muitos gastos?

Não. Nossos grupos são muito competitivos. O Incor é um dos líderes mundiais de novos medicamentos em cardiolo-

gia. Só neste ano, conseguimos quatro patentes. Conquistamos, portanto, recursos de centros de pesquisa até de fora, como o Instituto Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos. O que faturei com o meu centro de pesquisa, por exemplo (Laboratório de Imunologia), dá para pagar os funcionários numa boa. Não temos lucro. Mas não perdemos dinheiro com pesquisa.

#### Onde o Incor mais perde dinheiro?

Atendendo pacientes que já foram operados em outros hospitais. Somos o único hospital com pronto-socorro cardiológico de portas abertas para a alta complexidade em São Paulo (sem necessidade de agendamento). Quer um exemplo? No último feriado atendemos a oito dissecações da aorta (*extravasamento de sangue entre as camadas da parede da aorta*), um procedimento complicadíssimo, caro, com implantação de prótese, etc. É muita coisa. Provavelmente foram as oito dissecações ocorridas na cidade. Quer mais? Fazemos mais diálises que o Centro de Nefrologia do Hospital das Clínicas. Os cardiopatas são todos enviados para cá. E o SUS paga muito, muito mal por esse tipo de paciente, cobrando 20% do

### 'Os pesquisadores estão preocupados. A crise afeta a produção científica'

que gastamos com ele. Quanto mais eu atender, mais dinheiro vou perder, portanto. Se eu quiser ser rentável na atual situação, socialmente teria de ser um crápula. E o que eu faço? Deixo de atender? Claro que não. Nosso papel social é muito importante.

#### Existe a possibilidade de o Incor deixar de cumprir com esse papel social?

De forma alguma. O que vamos fazer em breve é atender mais pacientes da rede privada. Ho-

### UM CURRÍCULO EXTENSO

O currículo de Jorge Kalil Filho tem a espessura de um livro de porte médio. Ele se graduou em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1977. Daí por diante, fez a sua formação superior na Universidade de Paris VII. Em 1980, concluiu o mestrado em Imunogenética e Imunopatologia; dois anos depois, na mesma universidade, terminou a especialização em Hematologia e, concomitantemente, o doutorado em Biologia Humana.

É livre-docente em Imunologia pelo Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo (USP) desde 1991; e professor titular de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da USP.

Atualmente, é chefe do Departamento de Clínica Médica e diretor técnico da Divisão de Saúde do Hospital das Clínicas (HC), além de presidente do Conselho Diretor do Incor, coordenador do curso de pós-graduação em Alergia e Imunopatologia da Faculdade de Medicina e, por último, diretor do Laboratório de Imunologia do Incor.

Num País em que os cientistas não se preocupam tanto com o saudável hábito de apresentar as suas pesquisas ao mundo científico, Kalil se destaca por ser autor de 370 trabalhos científicos apresentados em congressos internacionais e 554 em congressos nacionais. ●

je está em torno de 20%. Pela lei posso chegar a 40%, mas vou deixar com 25%.

Não houve a possibilidade de o Incor 2 (*anexo do Incor construído em 1999 que hoje abriga a maioria dos casos de alta complexidade*)

#### Não houve a possibilidade de o Incor 2 (anexo do Incor construído em 1999 que hoje abriga a maioria dos casos de alta complexidade) ter virado um hospital privado, independente do governo, tenha sido um dos erros administrativos ao longo da história do Incor. Talvez tenha sido uma opção romântica continuar com atendimento público. Por outro lado, o papel social e acadêmico do Incor foi

preservado. Crescemos acadêmica e socialmente. Mas quebramos financeiramente.

**O Incor 2 foi o primeiro rombo financeiro da Zerbini?**

Uma coisa tem de ficar clara: a idéia de fazer o segundo prédio surgiu graças ao grande sucesso do Incor. O prédio é espetacular, ele é um bem para o País. O problema foi de gestão e dos dois lados, tanto nosso como do governo. Como as coisas eram feitas antigamente no Brasil? Criava-se um problema administrativo e se empurrava para o governo depois. Bem, tínhamos um esqueleto do Incor 2 desde a época do Montoro, que perdurou por uns dois governos. Aí, num determinado momento, o Covas, que tinha uma relação especial com o hospital, sugeriu que se usasse a reserva da Zerbini, que era em torno de US\$ 50 milhões, para tocar o prédio. Dizem que ele queria ver o Incor pronto porque estava doente (*Covas morreu de câncer em 2000*). Por outro lado, acreditamos que a Zerbini teria pernas próprias para andar. Até que um dia acabou a reserva e fomos pedir dinheiro ao BNDES. Depois, precisamos de mais dinheiro para empregar gente. Hoje, só com o BNDES, temos uma dívida de R\$ 115 milhões.

**A história de que o governo do Estado de São Paulo não teria honrado a dívida depois da morte do Covas é verdadeira?**

Tem gente que diz que o governo prometeu ressarcir e tem gente que diz que não. O que há são atas que afirmam que as ações foram tomadas porque havia um comprometimento do Estado. Não existe um documento formal sobre isso. Nem

não estaria no orçamento. Só poderia ter sido promessa.

**O segundo rombo foi a construção do Incor Brasília, em 2004?**

Sim, mas graças a Deus já estamos nos separando. Os caixas já estão separados, só falta agora o divórcio jurídico. Mas o Incor Brasília é outra coisa, é

cheio de problemas.

**Problemas como ter 600 funcionários para 40 leitos?**

É gente demais. Já estamos com a mão cansada de tanto demitir. E o Incor entrou de forma errada em Brasília, chegou como um paulista arrogante, dizendo "estamos aqui para resolver os problemas cardíacos da cidade". Como se não tivesse mais nada lá.

**Quem vai cuidar do Incor Brasília agora?**

Estamos discutindo isso neste exato momento com o Congresso Nacional. Talvez fique com as Forças Armadas ou sob responsabilidade de outra fundação. Pode inclusive se transformar num hospital privado.

**O Incor Brasília não acabou levando muitos pacientes políticos do Incor de São Paulo?**

Sim, mas os pacientes ilustres têm vindo menos para cá, não tanto por isso, mas principalmente porque os médicos que se fizeram no Incor estão levando seus pacientes para hospitais privados, como o Sírio-Libanês. É inadmissível.

**Há diferença entre os dois hospitais?**

A cardiologia daqui é imbatível.

**O senhor pretende impor alguma regra para evitar esse tipo de evasão?**

Claro. Vou dizer para os médicos: 'Você é do Sírio, de qual quer outro hospital ou daqui?'. Se for de outro: 'Tchau'. Não é preciso fazer uma escolha. Mas tem de ficar mais aqui.

**Os médicos usam o salário como argumento?**

cor? R\$ 6 mil, pela função de médico. Não ganho nada para ser diretor-geral, cargo que me ocupa 25 horas por dia. O ascensorista pode trabalhar no (*Hotel*) Ritz ou no cinema da esquina, sem problemas. Mas os médicos não trazerem

pacientes para esta instituição que lhes dá todo prestígio? Eles têm pacientes graças à grife do Incor.

**O Lula é atualmente o paciente mais ilustre do Incor. O senhor pretende de certa forma aproveitar isso para salvar o instituto?**

O presidente gosta muito do Incor. Domingo (*hoje*), eu e outros diretores vamos ter uma reunião com ele em São Paulo. Vamos apresentar a proposta de reestruturação da Fundação Zerbini, com sugestões, e

---

## 'O Lula foi bem tratado no Incor quando ainda não era o Lula'

---

ver como ele pode nos ajudar. Além de aumentar o número de convênios, vamos sugerir a redistribuição dos pacientes de alta gravidade para outros hospitais do próprio Estado, falar de cortes, do SUS e de tudo mais que seja possível para nos ajudar. Estou muito otimista. O Lula entendeu o trabalho social que fazemos aqui. Ele e seus familiares foram bem tratados no Incor quando o Lula não era o Lula. Aqui não se pergunta o status social.

**O senhor já falou com o Serra sobre a situação do Incor?**

Estou esperando ele voltar dos Estados Unidos (*a volta está marcada para quarta-feira*) para conversarmos. O Serra ainda não conhece o Incor com profundidade e quero muito apresentar o hospital como ele é. Uma coisa é certa: vamos pedir ajuda, sim, independentemente da interpretação que ele possa ter desse prédio.

**O senhor está otimista em relação**

Logo que assumi, trouxe um consultor especializado em reestruturação de empresas que me disse que é possível recuperar a Zerbini, sim, e, portanto, salvar o Incor.

**O que é preciso fazer, então?**

Além da proposta de reestruturação que vamos apresentar, precisamos de um empréstimo para apagar o fogo (na quinta-feira, o governador Cláudio Lembo anunciou a intermediação de um novo empréstimo com o BNDES). Mas temos de fazer muito mais. Refinanciar dívidas com bancos privados, por exemplo. Praticamente todo o dinheiro que hoje recebemos dos atendimentos fica parado nos bancos como forma de garantia para empréstimos. Nosso faturamento de R\$ 15 milhões mensais fica nos bancos,

portanto. Quero também pleitear emendas que facilitem recursos, pedir ajuda ao secretário Estadual de Economia e Planejamento (*Fernando Braga*) e ao secretário de Saúde (*Barradas Barata*). Acho que sou otimista, sim.

**O senhor conquistou a presidência do Incor e da Zerbini num momento de turbulência. Como foi a chegada?**

Em outubro do ano passado, estava no Egito para receber o Prêmio Mundial de Biologia da Academia de Ciências dos Países em Desenvolvimento quan-

do me avisaram que eu havia sido escolhido por unanimidade para substituir o (*José*) Ramirez no último ano de seu mandato. Dias depois, ele obteve uma liminar e voltou ao cargo. Em março, eu estava em Dacar (*Senegal*), dando uma conferência, quando recebi novamente um telefonema com a mesma notícia. Liguei para o Ramirez para saber o que ele achava disso. Ele disse que preferia que fosse eu o escolhido para substituí-lo. Em junho, tomei posse com a aprovação do Ramirez e a confirmação do Conselho Deliberativo.

**DOSSIÊ VEDDIN**

# Depois de 58 dias, PF hesita em denunciar aloprowados do PT

Lentidão e tom brando com acusados de amealhar R\$ 1,75 milhão destoam da atuação incisiva no governo Lula

**R\$ 110 milhões**

é o valor que teria sido desviado pela máfia dos sanguessugas

**Dois pesos**

A PF abriu mão do padrão adotado em todas as suas operações:

- Não divulgou nem permitiu que a imprensa fizesse imagens do material apreendido ao desencadear a operação

# Sanguessugas

## O começo do problema

**1** Em julho, a Polícia Federal desbaratou quadrilha especializada em fraudar compra de ambulâncias e equipamentos hospitalares superfaturados.

**2** O esquema envolvia parlamentares, empresários, prefeitos e funcionários do Ministério da Saúde, que desviavam verba da União em licitações fraudulentas.

**3** Parlamentares - 69 são investigados em CPI - apresentavam emendas para a compra e, em alguns casos, recebiam propina sobre o valor. A máfia era liderada pelos Vedoin, donos da Planam, principal empresa da fraude.

## Dossiê

### A extensão do caso

**1** No dia 14 de setembro, Luiz Antônio Vedoin e seu tio, Paulo Roberto Trevisan, são presos em Cuiabá pela PF, que havia descoberto a tentativa de venda a petistas de dossiê contra tucanos.

**2** No dia 15, são presos no Hotel Ibis Congonhas, em São Paulo, Gedimar Passos e Valdebran Padilha. Com eles havia R\$ 1,75 milhão, que teria sido levado até o hotel por Hamilton Lacerda para pagar o dossiê.

**3** Nomes importantes do PT são citados. Lorenzetti assume a responsabilidade. Bargas, que oferecera o material à *Época*, envolve Berzoini, que se licencia da presidência do PT.

### O caminho dos dólares

Saíram de um banco de Miami, entraram no Brasil por meio do Banco Sofisa em São Paulo, de onde seguiu para casas de câmbio e agências de turismo.



## Provas

● Os dois petistas pegos com o dinheiro não foram autuados em flagrante e até agora não foram indiciados.

● A PF não promoveu algumas acareações, mesmo diante de contradições nos depoimentos colhidos.

● A PF já dispõe de provas documentais e testemunhais contra os "aloprados", mas até hoje, quase dois meses depois da apreensão do dinheiro no Hotel Ibis Congonhas, ninguém foi indiciado criminalmente.

● A própria PF avalia que pelo menos 4 delitos estão caracterizados: formação de quadrilha, lavagem de dinheiro, crime contra o sistema financeiro (lei do colarinho branco) e falsidade ideológica.

## A turma dos 'aloprados'

**Gedimar Passos**  
Ex-diretor da Planam  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde

**Valdebran Padilha**  
Empresário  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde

**Expedito Veloso**  
Ex-diretor do Banco  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde

**Hamilton Lacerda**  
Ex-diretor da campanha  
de Marcelinho Arruda  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde

**Oswaldo Bargas**  
Ex-diretor do Ministério do Trabalho  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde  
Fornecedor de ambulâncias para o Ministério da Saúde

**Jorge Lorenzetti**  
Ex-chefe da Abin do PT e chefe da estrutura  
prestando serviços assumindo o nome de  
negociação e fornecendo informações para o PT

**Ricardo Berzoni**  
 Em depoimento à PF, disse que coordenou a campanha de Lula nos 14 estados do Brasil. O rastreamento telefônico da Polícia Federal revelou que Berzoni, com 58 anos, nos dias 28 de agosto e setembro de 2005, esteve em Belo Horizonte, onde reside, para fazer a entrega de dinheiro ao PT. Segundo Berzoni, o dinheiro foi entregue a um representante do partido em Belo Horizonte. Berzoni não informou o nome do representante, mas disse que ele se chama Valdebran. Berzoni disse que não tem contato com Valdebran desde que ele se mudou para a cidade de Belo Horizonte em 2005.

Em depoimento à PF, disse que comandou a ação para aquisição do material contra tucanos, tendo enviado inclusive Gedimar e Expedito a Cuiabá para tratar do caso. Nega ter autorizado o envolvimento de dinheiro na negociação

Mais tarde, Gedimar negou que Freud tivesse comandado a operação, mesmo tendo declarado isso em seu primeiro depoimento e durante acareação com o ex-segurança. A PF investiga também a empresa de Freud, que presta serviços ao PT

**Freud Golio**  
 Ex-segurança do PT, foi acusado de comandar a operação de aquisição de material contra tucanos. Segundo a PF, Freud teria enviado Gedimar e Expedito a Cuiabá para tratar do caso. A PF investiga também a empresa de Freud, que presta serviços ao PT.

Há dificuldade em se descobrir a origem da parte em reais. A principal suspeita recai sobre doleiros, jogo do bicho e até caixa 2, do PT. Há grande quantidade de notas de baixo valor e não seriadas

Desse total, **US\$ 109,8 mil já foram rastreados.** Saíram da Vicatur, casa de câmbio da Baixada Fluminense. O restante pode ter sido retirado de outras casas de câmbio sob suspeita

**De onde veio o dinheiro?**

**R\$ 1,75 milhão**

é quanto foi apreendido com Gedimar e Valdebran. A quantia pagaria o dossiê Vedoin

**R\$ 1,16 milhão**

**US\$ 248,8 mil**

### Fausto Macedo

O inquérito para investigar o dossiê Vedoin completa hoje 58 dias e a Polícia Federal, mesmo tendo à disposição uma farta coleção de provas documentais e testemunhais, não providenciou ainda o enquadramento criminal dos “aloprados” – expressão com que o próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva definiu os petistas participantes da operação.

A PF até já tornou pública a convicção de que os suspeitos – que tentaram comprar um conjunto de fotos, documentos e um DVD contra candidatos tucanos durante a campanha eleitoral – incorreram em pelo menos quatro tipos de delitos: formação de quadrilha, lavagem de dinheiro, crime contra o sistema financeiro (lei do colarinho branco) e falsidade ideológica.

Na madrugada de 15 de setembro, uma sexta-feira, agentes federais flagraram em São Paulo Gedimar Passos e Valdebran Padilha, negociadores do dossiê, com R\$ 1,75 milhão em um hotel perto do aeroporto de Congonhas. Com esse dinheiro, uma parte em reais (R\$ 1,16 milhão) e outra em dólares (US\$ 248,8 mil), a organização formada por quadros do PT pretendia adquirir o dossiê que custou cerca de R\$ 200 aos Vedoin, a família que deu vida à máfia dos sanguessugas.

O plano era divulgar o material, com imagens de José Serra, quando ministro da Saúde da gestão Fernando Henrique, entregando ambulâncias em Cuiabá. Os participantes do esquema acreditavam que, ao tor-

nar público o dossiê, grande estrago seria causado na imagem dos tucanos durante as eleições. Mas o golpe malogrou. Primeiro porque o dossiê não tinha importância – em nada compromete o governador eleito. E porque a PF chegou antes, no momento crucial da operação.

Desde o instante em que pôs as mãos na dinheirama que o PT amealhou, a PF poderia ter sido mais pragmática, na avaliação de juristas e até mesmo de delegados experientes.

### CUECAS

Em casos semelhantes, que incluíram apreensão de moeda estrangeira e nacional em grande monta e não declarada, a PF adotou medidas mais severas. Foi assim com José Adalberto Vieira da Silva, ex-assessor de um irmão de José Genoino – presidente do PT na era mensalão –, apanhado em São Paulo com R\$ 209 mil numa bolsa e US\$ 100 mil na cueca, quando embarcava para Fortaleza, em 2005. Adalberto foi autuado em flagrante por crimes contra o sistema financeiro e a ordem tributária. O enquadramento, avaliou a PF, teve suporte em dois fatos: ele não comprovou a origem do dinheiro nem recolheu tributos incidentes.

Para os envolvidos no dossiê Vedoin, um tratamento mais brando. Não foram autuados, apesar de apanhados com a dinheirama. Ao invés do auto de prisão em flagrante, Gedimar e Valdebran foram submetidos à prisão temporária, que expirou no quinto dia. Voltaram para casa. Outros importantes personagens, antigos aliados de Lula, não perderam por um único ins-

tante a liberdade.

### OPERAÇÕES

No governo Lula, a PF incorporou o papel de algoz dos corruptos e fraudadores. A eles não deu trégua. Ofereceu, sim, uma atuação dentro da lei, mas infle-

## Adalberto, dos dólares na cueca, foi autuado por dois crimes

xível como poucas vezes se viu. Desencadeou, de janeiro de 2003 a agosto passado, 280 operações espetaculares que resultaram em 6.678 inquéritos. Não disparou um tiro. Foram 111 missões de combate à corrupção, que levaram 3.740 suspeitos para o xadrez, incluindo 783 servidores públicos.

Os federais não pensaram duas vezes para expor publicamente tudo o que recolheram com os investigados: dinheiro, documentos contábeis, carros de luxo, armas, vestígios de enriquecimento ilícito. Os dólares na cueca de Adalberto logo ganharam as páginas da crônica policial. Mas os dólares do recente dossiê a PF não mostrou. Até que, a dois dias do primeiro turno das eleições, o delegado Edmilson Bruno, da PF em São Paulo, furou o bloqueio.

O procurador Mário Lúcio de Avelar pediu à revelia da PF a prisão dos suspeitos, mas a Justiça achou que não havia motivos. Avelar reiterou o pedido, que uma juíza de plantão acolheu, mas a instância superior revogou a toque de caixa. ●

## CALAMIDADE NAS ESTRADAS

# Tapa-Buracos desmorona

Dez meses depois, 66,2% dos trechos que passaram por obras já têm problemas

Bernardo Mello Franco\* e Alan Gripp

TIRADENTES (MG) e BRASÍLIA

**A**nunciadas com alarde em janeiro, as obras da operação Tapa-Buracos completaram dez meses já desmoronando. As reformas emergenciais, feitas até julho, não agüentaram nem o fim do ano eleitoral. Na maior parte dos cerca de 26 mil quilômetros de estradas federais reformadas, as chuvas e o tráfego pesado fizeram escorrer pelo ralo investimentos estimados em mais de R\$ 400 milhões. Feitos às pressas — e sem licitação em trechos que somam 7.400 quilômetros — os remendos demonstram ter vencido o prazo de validade e, em alguns casos, chegaram a criar novos riscos à segurança dos motoristas.

Cruzamento feito pelo GLOBO com dados da lista das obras executadas pelo governo federal e da avaliação dessas estradas na Pesquisa Rodoviária 2006 da Confederação Nacional do Transporte (CNT) mostra que 66,2% dos trechos reformados têm hoje pavimentação com algum tipo de comprometimento. O percentual representa a soma das rodovias que receberam dos pesquisadores os conceitos regular, ruim e péssimo.

O programa tapou buracos em 133 trechos de estradas que cortam 24 estados e o Distrito Federal. No

estudo da CNT, 33,8% destes percursos tiveram a pavimentação classificada como ótima ou boa, 54,2% como regular e 12% como ruim ou péssima. A pesquisa foi realizada entre junho e agosto.

## “Viraram buracos de cabeça para baixo”

• No interior de Minas Gerais, uma viagem pela BR-265, que liga Barbacena a São João del Rei, denuncia o resultado negativo da operação. Em janeiro, o Departamento Nacional de Infra-estrutura de Transportes (Dnit) destinou verba extra de R\$ 1,04 milhão à empreiteira contratada para restaurar a rodovia. Inspeção do Tribunal de Contas da União (TCU) encontrou irregularidades na obra original, licitada em 2004 e parada por mais de um ano. Apesar do reforço no orçamento, muitos buracos reabriram e a elevação das novas camadas de asfalto criou ondulações perigosas, numa pista que já sofre com má sinalização e falta de acostamento.

— Viraram os buracos de cabeça para baixo. Em vários pontos, o asfalto novo subiu tanto que criou verdadeiros quebra-molas. Quando o caminhão está vazio, balança tanto

que parece que vai desmanchar — reclama o motorista Divanildo de Melo, que teve prejuízo de R\$ 1.200 ao destruir um pneu na estrada.

Apesar do mau estado do asfalto nos 59 quilômetros da rodovia que receberam as obras, o superintendente do Dnit em Minas, Sebastião Ferreira, diz que a operação foi satisfatória:

— Com certeza, os buracos que existiam foram tampados. Agora, com o problema das chuvas, pode ter reaparecido algum buraquinho.

O diagnóstico é diferente para quem depende da rodovia para fazer negócios. Sócio de uma pequena transportadora que atua na BR-265, Euler Cristóvão diz que a operação Tapa-Buracos não passou do que chamou de quebra-galhos.

— A manutenção devia ser constante. A pista já voltou a ficar esburacada — criticou.

Numa região pontilhada por jóias do patrimônio histórico, as falhas na pavimentação também ameaçam a chegada de turistas em ônibus e carros de passeio. Os buracos estão entre as principais reclamações do livro de visitas de Tiradentes, que na alta temporada chega a triplicar a população de sete mil pessoas. O secretário municipal de Turismo, Marcelo Gomes, sonha com a reforma completa da rodovia até o fim do ano, apesar

de as obras só estarem em execução num trecho de sete quilômetros. Ele acredita que a operação Tapa-Buracos não passou de um pallativo.

— O trabalho foi feito às pressas e sem qualidade. Alguns remendos ficaram tão ruins que a empreiteira teve que voltar e recolocar asfalto no mesmo lugar — conta.

Apesar do rosário de lamentações, há quem veja pontos positivos na situação da rodovia. Há 22 anos à beira da pista, o borracheiro Luiz Fernandes está acostumado a dar más notícias a quem não consegue desviar dos maiores buracos. Ele mantém uma velha Caravan 85 para socorrer motoristas que furam os pneus longe do casebre em que, além de fotos de modelos seminuas, guarda martelos e câmaras de ar.

— A quantidade de buracos é impressionante. Não sei como deixam a estrada ficar desse jeito — comenta, antes de admitir o lucro com o mau estado da rodovia. — Para mim, quanto pior, melhor.

O presidente da seção de cargas da CNT, Flávio Benatti, evita criticar a operação Tapa-Buracos, mas pondera que as obras foram insuficientes para recuperar a malha rodoviária:

— A operação foi importante em rodovias que estavam muito ruins, mas não resolve. Estradas que sofreram reparos já apresentam deterioração. Quando a pavimentação é refeita, o efeito é mais duradouro.

Duas rodovias na lista das obras tiveram a pavimentação classificada como péssima na pesquisa da CNT: a BR-460, que liga as cidades mineiras de Lambari e São Lourenço, e a BR-230, no Sul do Amazonas. Outras 14 estradas foram avaliadas como ruins, mesmo após as intervenções. Cinco ficam em Minas Gerais. São Paulo, que possui a malha rodoviária mais moderna do país, recebeu o conceito ótimo para os trechos da BR-101 e da BR-116 que cruzam o estado e também foram alvo da operação Tapa-Buracos.

Segundo a direção do Dnit, a operação Tapa-buracos cumpriu os objetivos e melhorou as condições de tráfego em rodovias que tinham problemas de emergência. O diretor de infra-estrutura rodoviária do órgão, Hideraldo Luiz Caron, afirma que o governo mantém um programa de recuperação das estradas com orçamento de R\$ 2 bilhões por ano:

— Obviamente, (com a operação)

não passaríamos as estradas em estado péssimo e ruim para ótimo e bom. O objetivo era recuperar a trafegabilidade. Agora vamos fazer intervenções mais duradouras. O programa de recuperação recebeu R\$ 2 bilhões em 2005 e 2006 e terá a mesma quantia em 2007.

O diretor do Dnit diz que estão sendo recuperadas rodovias importantes como a BR-101, que corta 12 estados do norte ao sul do país e tem tráfego pesado de caminhões em quase toda a extensão. Segundo Caron, também há obras em estradas que ajudam a escoar a produção do interior para cidades portuárias, como a BR-262 (Corumbá—Vitória).

Os investimentos, no entanto, são considerados tímidos pela CNT. Estudo da confederação estima que um plano de recuperação de toda a malha rodoviária brasileira custaria R\$ 22,5 bilhões, ou seja, 11 vezes mais do que o valor aplicado este ano. Além disso, seria necessário gastar R\$ 1 bilhão por ano apenas com a manutenção das rodovias, algo inimaginável para os investimentos previstos pelo governo federal. ■

\* Enviado especial

**CALAMIDADE NAS ESTRADAS:** *Decisão determinou obras, não realizadas, na BR-513*

## Justiça ameaça prender dirigentes do Dnit por estrada que virou 'arma letal'

'Mais uma vez a rodovia BR-153 está abandonada', diz procurador que pediu prisão.

Plínio Teodoro\*

• SÃO PAULO. O diretor do Departamento Nacional de Infraestrutura dos Transportes (Dnit), Mauro Barbosa da Silva, e o coordenador do órgão em São Paulo, Arnaldo Teixeira Marabolim, podem ser presos por desrespeito à sentença judicial de maio de 2004, que determinou a realização imediata de reparos na rodovia BR-513, no trecho entre os

municípios de Lins a Ourinhos, no interior do estado. O pedido de prisão foi feito ontem pelo procurador Jefferson Aparecido Dias, do Ministério Público Federal em Marília, no interior do estado.

— Mais uma vez a rodovia BR-153 está abandonada, se transformando numa arma letal a ceifar a vida dos cidadãos que dela se utilizam — escreveu o procurador em trecho do pedido.

## Dnit: rodovia está em obras

• O juiz-substituto da 1ª Vara Federal da cidade, Alexandre Carneiro Lima, aceitou a petição e deu prazo de cinco dias, a contar da data do recebimento da intimação, para que os acusados se manifestem.

De acordo com a assessoria do DNIT, o diretor Mauro Barbosa da Silva se apresentará à



Justiça de Marília na próxima semana para dar explicações sobre o andamento das obras. Em nota, o Dnit informa que a rodovia BR-153, conhecida como Transbrasiliana, encontra-se em obras, com trechos da estrada em fase de licitação. A assessoria informou que em parte do trecho entre Lins e Ourinhos, que é citado na ação, as obras devem começar ainda em novembro. Nos demais trechos da rodovia citados no processo movido pelo MPF, as obras devem começar até o fim do ano, alegou.

Este é o segundo pedido de prisão movido pelo MPF contra os responsáveis pela estrada que, segundo o próprio procurador, ficou conhecida como a "rodovia da morte". Há cerca de dois anos, após sentença judicial que determinou a realização das obras de reforma e sinalização da BR-153, o MPF fez pedido de prisão semelhante ao constatar que a rodovia continuava em péssimas condições de conservação. Logo após o pedido de prisão, as obras foram iniciadas.

## Trecho fechado quase um ano

• O trecho de 32 quilômetros que liga as cidades de Marília e Getulina ficou interditado por quase um ano e só foi liberado, em julho de 2005, depois que o Exército realizou obras de tapa-buracos na área e o Dnit comprometeu-se a fazer as reformas necessárias.

Porém, somente medidas paliativas, como a operação Tapa-Buracos, foram realizadas e as obras foram paralisadas. Segundo o procurador, as ações foram insuficientes para recuperar a estrada, que continua em péssimas condições de tráfego, com muitos buracos, provocando inúmeros

acidentes. Ele considerou a paralisação das obras um desrespeito do Dnit ao Judiciário e resolveu pedir novamente a prisão dos responsáveis.

A ação movida pelo Ministério Público Federal contra o Dnit começou em julho de 1999, quando o procurador responsabilizou a União e os órgãos competentes pelos acidentes e pelas mortes ocorridos na rodovia. Na ação, o procurador mostra que em um período de três meses, entre janeiro e março

de 1999, foram registrados 82 acidentes naquele trecho da rodovia, que matou 12 pessoas e deixou 65 feridos.

Na ação, que foi deferida pela Justiça Federal, o MPF solicita que o Dnit e a Polícia Rodoviária Federal sejam "condenados a elaborar e implantar um projeto de reformulação, conservação, sinalização e fiscalização da rodovia, impedindo que ocorram novos acidentes e mortes". ■

\* Especial para O GLOBO

## FOLHA DE S. PAULO

# Transposição custará mais que o previsto, calcula TCU

Para tribunal, obra no rio São Francisco beneficiará população inferior à estimada

**TCU avalia que Estados não vão conseguir distribuir a água à população depois que as bacias fluviais da região estiverem integradas**

MALU DELGADO  
DA REPORTAGEM LOCAL

Apontado pelo presidente reeleito Luiz Inácio Lula da Sil-

va como uma das principais obras de infra-estrutura desenvolvida sob sua gestão, o projeto de transposição do rio São Francisco é agora alvo de questionamento do Tribunal de Contas da União (TCU).

Após uma auditoria no projeto, o tribunal concluiu que há riscos de a obra beneficiar, no Nordeste, uma população inferior à estimada pelo Ministério

da Integração Nacional (12 milhões de pessoas em 2025) e de custar mais do que o programado (R\$ 4,5 bilhões).

“Os benefícios estão superestimados e os custos subestimados”, afirma trecho do relatório final da auditoria, aprovado pelo plenário do TCU no último dia 3. “Os benefícios incluem um conjunto de ações que o Ministério da Integração não sabe como e quando serão realizadas”, acrescenta.

O que leva o TCU a duvidar da eficácia do projeto é, basicamente, a incapacidade dos Estados de fazer a gestão hídrica e distribuir a água à população após concluído o processo de integração das bacias do rio. Segundo o próprio ministério informou à Agência Nacional de Águas (ANA), dos 391 municípios a serem beneficiados pela transposição apenas 22%, hoje, teriam capacidade de captar, tratar e distribuir a água.

### Falta informação

Outro aspecto grave que comprometeria o êxito da obra é a flagrante desinformação das prefeituras e Estados sobre o impacto da obra. Listado entre municípios diretamente beneficiados pela transposição, a Prefeitura de Sairé (PE), por exemplo, enviou uma resposta considerada pelo tribunal como “instigadora”: “O município de Sairé é rico em água e não será afetado pela transposição”.

O TCU enviou questionários aos 391 municípios listados como beneficiários. Enviaram respostas 103 municípios, amostra considerada representativa pelo tribunal.

Os números não batem. Os Estados beneficiados (Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará) informaram ao TCU que aproximadamente sete milhões de habitantes serão beneficiados pela obra, enquanto o governo federal fez uma estimativa de nove milhões de beneficiados (na fase

inicial de operação).

Também as listas de municípios que serão beneficiados pela transposição são totalmente díspares. Exemplo: o governo federal diz que o projeto beneficiaria diretamente 113 municípios em Pernambuco. Mas quando a pergunta é feita ao governo estadual, o número cai para apenas 30.

“Conclui-se que a abrangência real do projeto é incerta e não alcançará a população de 12 milhões de habitantes no ano de 2025, a não ser que medidas complementares sejam tomadas por parte do governo federal e dos Estados e municípios participantes”, diz o voto do ministro-relator do TCU, Benjamin Zymler.

## outro lado

### Ministério sustenta meta de beneficiários

O relatório da auditoria feita pelo Tribunal de Contas da União foi enviado ao Ministério da Integração Nacional e a órgãos públicos federais envolvidos no projeto da transposição do São Francisco (Ibama, ANA, Ministério do Meio Ambiente).

Procurado pela Folha para comentar o resultado da auditoria do TCU, o ministro da Integração Nacional, Pedro Brito, disse, por intermédio da assessoria de imprensa, que se pronunciaria sobre o tema na segunda-feira.

A assessoria informou que somente o ministro responderia por questões referentes ao projeto de transposição e que ele estava fora de Brasília. Ontem, o ministro estava em Caldas Novas (GO) participando de encontro do Conselho do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste.

Ao TCU o Ministério da Integração confirmou a in-

### Apoio federal

Em alguns Estados, como o Ceará, o envolvimento com o projeto é maior, e há previsões orçamentárias para obras, estimadas em R\$ 600 milhões. Mas é uma exceção. Ainda que os Estados tenham consciência de suas responsabilidades após a integração das bacias, todos “comunicaram que necessitam de apoio financeiro federal para a realização dessas obras complementares”.

O relatório do TCU derruba ainda um mito sustentado pelo Ministério da Integração: “Não há garantias de que a redução de custos do governo federal com ações emergenciais de combate à seca no Nordeste será proporcional aos recursos despendidos para a implementação do projeto”.

formação de que o universo de pessoas beneficiadas no Nordeste com a transposição corresponderá à estimativa já feita: 12 milhões de pessoas em 2025. Disse ainda que um sistema adutor para o agreste de Pernambuco aumentará o número de beneficiários do programa. “No geral, as recomendações do TCU são válidas e oportunas, embora, em sua maioria, já tenham sido objeto de avaliação e, inclusive, de processo de implementação parcial”, alega o ministério.

A ANA disse ao TCU que não faria comentários sobre o relatório. Acrescentou que “estão sendo desenvolvidas ações que vão ao encontro das sugestões”. Já para o Ibama, a ANA deve avaliar se os Estados terão as necessárias condições operacionais e financeiras ao projeto.

O TCU fez várias recomendações ao governo federal, entre elas a avaliação real do alcance do projeto e a elaboração de um plano integrado de ações da transposição com a convivência do problema das secas no semi-árido. (MD)

# TCU vê desvio de 55% em verbas de ONGs

Segundo auditoria, entidades sem condições de cumprir convênios receberam recursos do governo federal.

MARTA SALOMON  
DA SUCCURSAL DE BRASÍLIA

Organizações não-governamentais sem condições para executar convênios com a União receberam mais da metade — 54,5% — das verbas federais destinadas a complementar atividades do Estado, segundo relatório de auditoria do Tribunal de Contas da União.

O TCU analisou 28 convênios com dez ONGs, que receberam R\$ 150,7 milhões

do governo de 1999 a 2005 para cuidar de serviços como saúde indígena e concessão de bolsas de estudo.

Há entidades beneficiadas que não têm sede ou que receberam o dinheiro sem apresentar a documentação exigida por lei. O total de convênios é desconhecido. Os repasses são liderados pelo Ministério da Saúde.

A oposição no Senado tem pronto requerimento para criar CPI sobre o tema. Segundo o ministro Paulo Ber-

nardo (Planejamento), o governo precisa controlar melhor os convênios.

## 37% dos jovens não têm ensino fundamental, diz pesquisa

Pesquisa da economista Sonia Rocha, do Instituto de Estudos do Trabalho e So-

ciidade, revela que 37% dos brasileiros de 15 a 25 anos não completaram o ensino fundamental. É esse contingente que começa a ingressar no mercado de trabalho.

Segundo o Dieese, os jovens são hoje 46% dos desempregados do país, apesar de representarem só 25% da população economicamente ativa. Para o secretário nacional da Juventude, Beto Cury, o Estado precisa pagar sua "dívida histórica" com essa população.

*Durante o discurso do Sr. Antonio Carlos Magalhães, o Sr. Marco Maciel, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> será atendido na forma do Regimento, de acordo com as solicitações que foram feitas.

Consultando a lista de oradores inscritos, concedo a palavra ao Senador Flávio Arns, PT do Estado do Paraná. V. Ex<sup>a</sup> tem o direito de utilizar a tribuna por 20 minutos.

**O SR. FLÁVIO ARNS** (Bloco/PT – PR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Senador Mão Santa, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, eu gostaria de lembrar dois momentos importantes que ocorreram no Senado Federal, na semana passada, e que devem servir como objeto de reflexão permanente não somente por parte do Senado mas de toda a sociedade brasileira. O primeiro deles foi a sessão solene, a utilização do horário do Plenário para homenagear o Dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento.

Foi uma iniciativa da Unesco – Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Cultura – que teve a participação da Subcomissão Permanente de Ciência e Tecnologia da Comissão de Educação deste Senado Federal. O representante da Unesco aqui esteve, e, além das homenagens em plenário, houve momentos importantes na TV Senado, com a realização de uma entrevista, um debate, uma conversa sobre ciência e tecnologia.

Destaco que essa Subcomissão da Comissão de Educação do Senado Federal ainda neste ano patrocinará a realização de duas audiências públicas que versarão sobre nanotecnologia e robótica. Muitos outros assuntos já foram discutidos por esta Subcomissão, como, por exemplo, a utilização dos fundos setoriais para ciência e tecnologia, a utilização dos recursos do FUST – Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações, assim como um debate sobre energia nuclear, a construção de Angra III e assuntos relacionados à pirataria, que, além da ciência e tecnologia, constitui um grave problema para a sociedade brasileira, já que, de acordo com relatos daquela ocasião, por incrível que pareça, já produz mais recursos para o crime organizado do que a própria área das drogas e entorpecentes.

Tudo isso vem sendo discutido por esta Subcomissão, que teve, como ponto alto, a construção, o envolvimento, a relação da ciência, o Dia Mundial da Ciência, para a construção da paz e do desenvolvimento. Ciência não pensada unicamente em termos

de energia nuclear, mas em termos do cotidiano da população.

Quando pensamos, por exemplo, em uma pessoa com deficiência, que essa pessoa tenha acesso a uma cadeira de rodas motorizada, acesso a computador, que os jovens do Brasil tenham acesso aos telecentros, à inclusão digital e a tantas coisas que podem ser feitas a partir do desenvolvimento da tecnologia, com base na ciência, para que a população tenha uma vida melhor, mais digna, com mais condições de exercer a cidadania.

O interessante é que, em todos esses debates, enfatizou-se sempre o papel fundamental da educação – educação básica, ensino infantil, fundamental, médio, técnico, universitário – e o destaque ainda de que o Brasil tem de melhorar muito na área da educação, para que a educação seja o sustentáculo, o fundamento para o desenvolvimento da área da ciência e da tecnologia.

O segundo momento, ainda na semana passada, foi a audiência pública realizada aqui no Senado Federal, a primeira delas – Sr. Presidente, V. Ex<sup>a</sup> esteve presente nesta audiência pública -, que teve como objetivo contribuir para com a investigação das causas que ocasionaram a tragédia ocorrida com o Vão 1907 da GOL. Foram chamadas para essa primeira audiência pública algumas pessoas. A primeira representou a GOL Transportes Aéreos, a advogada que representava a companhia. Também foi convidado um especialista na área da responsabilidade civil, que é um professor de bastante destaque na Universidade de Brasília – UnB. Também teve o ponto de vista dos familiares das vítimas do acidente, por meio da presença da esposa de uma das vítimas do acidente. Naquela ocasião, dissemos que outras audiências públicas sobre esse assunto vão ser realizadas, pois já há pedido desta comissão, que é a Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle, para que também sejam chamados a Infraero, a Aeronáutica e outras entidades, outras instituições e outros órgãos relacionados à segurança de vôo. Então, nesse sentido, houve o apelo, durante a audiência pública, para que as pessoas que tenham contribuições a dar sobre este assunto, sejam familiares de vítimas desse acidente ou de outros acidentes, sejam pessoas que desejam contribuir para a construção de caminhos tendo em vista soluções para esta área, possam entrar em contato com a Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente, Fiscalização e Controle, pois todas as sugestões serão bastante bem-vindas.

Destaco ainda que o Senado Federal, na próxima semana, vai realizar a Semana de Valorização da Pessoa com Deficiência. É uma iniciativa importante desta

Casa, mediante a Presidência, na pessoa do Senador Renan Calheiros, e todos os Partidos políticos, visando discutir iniciativas que possam tornar mais digna a vida do portador de algum tipo de deficiência e proporcionar-lhe mais possibilidades de inclusão social.

No Senado Federal, já está constituída inclusive uma comissão de acessibilidade, que vem alterando todo o espaço físico da Casa, a fim de que a pessoa com dificuldade de locomoção - grávida, idosa ou deficiente - possa ter acesso a qualquer lugar desta Casa, tendo em vista a inclusão pela acessibilidade.

O grande desafio no Brasil - já temos leis nesse sentido, como a Lei nº 10.048 e a Lei nº 10.098, que tratam da acessibilidade, o decreto que regulamenta essas leis - é fazermos o corte em termos de acessibilidade. Daqui para frente que nada seja construído sem que sejam observadas normas que propiciem a locomoção, independente das pessoas.

Então, qualquer tipo de construção no Brasil, seja privada, de uso coletivo ou pública, tem que observar a questão da acessibilidade. Não pode haver barreira arquitetônica. Deve-se pensar na escada, na rampa, no elevador, no banheiro, nas portas, no acesso, nas calçadas que são construídas nas cidades, que sejam de material antiderrapante, nos semáforos, enfim, que tudo seja construído dentro do que a lei determina.

Dizíamos, inclusive, no Senado Federal, que o fundamental é que esta Casa que, na verdade, aprova as leis seja a primeira a demonstrar ao Brasil o cumprimento da legislação, para que sejamos conhecidos não só pelas leis que elaboramos, mas também pelo cumprimento da legislação naquilo que esta Casa pode fazer. Então, é um desafio que se faz para a comunidade, as prefeituras, as Câmaras de Vereadores, a sociedade em geral, as empresas, a fim de que todos façamos esse esforço baseado na lei, e que tem que ser feito, obrigatoriamente, para que a nossa empresa, a nossa prefeitura, a nossa casa, o nosso município, todos possam ser chamados de totalmente acessíveis.

Com respeito aos hotéis que recebem turistas, devemos pensar que as pessoas com deficiência também, felizmente, cada vez mais vêm se tornando consumidores. É importante que também esses hotéis, essas pousadas sejam totalmente acessíveis. Que possam até colocar uma placa no lado externo, dizendo: totalmente acessível. Se visualizarmos, por exemplo, o banheiro dos hotéis, vamos certamente verificar que as modificações que sejam feitas para as pessoas com deficiência, em termos de chuveiro, de banheira, de box, de espaço, vão beneficiar também a pessoa idosa, a gestante, a criança. Todos terão muito mais segurança ao usar um banheiro que atenda ao que a lei determina.

Nesse sentido, na semana que vem, vamos ter no Senado Federal a Semana de Valorização da Pessoa com Deficiência, com uma ênfase para a acessibilidade, mas dizendo que acessibilidade não é só a barreira física, a barreira arquitetônica, mas também acessibilidade em termos de comunicação, como a utilização da Libras, Língua Brasileira de Sinais.

Os funcionários do Senado, na semana passada, estavam já fazendo um curso de Libras para atender melhor às pessoas surdas, por exemplo, que vêm a esta Casa. Elas serão atendidas por funcionários que conheçam o assunto, que possam se comunicar com essas pessoas. Já foram contratadas pelo Senado e estão à disposição na Comissão de Assuntos Sociais, na Subcomissão da Pessoa com Deficiência intérpretes para a Língua Brasileira de Sinais.

E não só em termos de comunicação. A própria TV Senado, a Rádio Senado, a Agência Senado, todos estão muito envolvidos em termos de sensibilização e de conscientização do Congresso Nacional e da sociedade, mas também destacando que temos de ter acessibilidade também em termos de emprego. Aqui no Senado Federal, se é feito um concurso, por exemplo, a lei também tem que ser cumprida em termos de acessibilidade para permitir que a pessoa com deficiência tenha acesso ao concurso, que haja o percentual de vagas destinadas para essas pessoas. E se os cargos ou empregos forem também por meio de uma empresa, de uma firma terceirizada, que haja o percentual determinado em lei para que essas pessoas sejam também contratadas.

Portanto, queremos fazer o esforço para que a sociedade brasileira, todas as pessoas portadoras ou não de deficiência, tenham asseguradas as possibilidades para a realização dos seus direitos fundamentais.

Quero destacar também que na semana que vem teremos um amplo Seminário sobre o Estatuto da Pessoa com Deficiência, de autoria do Senador Paulo Paim.

Tenho o prazer de estar relatando esse Estatuto junto com a sociedade, com as entidades, com os órgãos públicos. Elaboramos um substitutivo ao Estatuto, que, na próxima semana, será debatido à luz da Convenção da ONU, recentemente aprovada, sobre pessoas com deficiência, com o intuito de observarmos se essa articulação entre o Estatuto e a Convenção da ONU vem acontecendo de uma maneira clara e, se houver qualquer dificuldade, ainda ajustarmos o Estatuto às normas internacionais que tratam desse assunto.

É um novo avanço para cerca de 18 milhões de pessoas, de acordo com os dados da Organização Mundial de Saúde, ou 10% da população, que têm

algum tipo de deficiência. De acordo com o IBGE, seriam 14,5% da população, ou seja, quase 25 milhões de brasileiros.

Esse debate, essa oportunidade de discutir, de refletir, de falar com a sociedade e de trazer sugestões vai acontecer na próxima semana.

A discussão do episódio do acidente com o nosso avião, da tragédia que vitimou 154 brasileiros, a questão da ciência e tecnologia e esse debate sobre a pessoa com deficiência são assuntos da maior relevância e que vêm sendo também objeto de atuação aqui no Senado Federal.

Eu gostaria também de falar rapidamente sobre uma espécie de editorial, publicado na coluna Opinião do jornal Gazeta do Povo, lá do Estado do Paraná, jornal da mais alta credibilidade, que fez reportagens fundamentais, este ano, acerca do processo eleitoral, dos desafios do nosso Estado para as questões ambientais, questões de desenvolvimento, questões sociais. Difícilmente vi, até hoje, na história do jornalismo, reportagens tão assíduas, tão regulares, tão competentes, tão aprofundadas como as que o jornal Gazeta do Povo fez no processo eleitoral deste ano. E, no dia de hoje, aborda, nessa coluna Opinião, sob o título "Pacto da reforma tributária", desafios que o Brasil tem que enfrentar, os quais serão – terão que ser – objeto de discussão aqui no Senado Federal.

Quando conversamos com os prefeitos, sejam eles de que partido forem, há o argumento constante, permanente, de que deve haver mudanças tributárias a favor dos Municípios. Entre esses pleitos, sejam os prefeitos de que Estado forem, sempre se levanta a questão, por exemplo, da participação dos Municípios e dos Estados nas contribuições. O Governo Federal, nos dias de hoje, reparte o bolo somente na questão dos impostos. Já durante muitos anos as contribuições vêm sendo arrecadadas e Municípios e Estados não têm acesso a um percentual delas.

Inclusive, o Senador pelo Paraná Osmar Dias é autor de uma proposta de emenda à Constituição para que 10% do valor das contribuições sejam destinados a Estados e Municípios.

Os municípios destacam também a necessidade de participação maior no FPM (Fundo de Participação dos Municípios), o que já foi aprovado no Senado Federal e está na Câmara dos Deputados para ser votado.

Além disso, os Municípios também destacam a necessidade de se regulamentar a emenda à Constituição – já aprovada – de destinação de percentual à Saúde, para que se diga exatamente o que é gasto com Saúde ou não. Inclusive, isso está na base do problema, suscitado há pouco pelo Senador Antonio

Carlos Magalhães, da falta de recursos que possam ser destinados para o InCor, como disse S. Ex<sup>a</sup>, mas também para as Santas Casas, para hospitais filantrópicos e hospitais de ensino.

Eu gostaria, Sr. Presidente, de rapidamente ler o que a Gazeta do Povo publicou a respeito desse assunto, em uma espécie de editorial, em uma parte do jornal chamada Opinião.

*(Interrupção do som)*

**O SR. FLÁVIO ARNS** (Bloco/PT – PR) – Sr. Presidente, eu pediria apenas que V. Ex<sup>a</sup> me concedesse mais três minutos para complementação. Creio que serão suficientes.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Jamais alguém negará uma solicitação do Senador Flávio Arns.

**O SR. FLÁVIO ARNS** (Bloco/PT – PR) – Peço a V. Ex<sup>a</sup> que esta matéria integre os Anais da Casa, para que seja devidamente registrada:

O pacto da reforma tributária.

Ao acenar com a reforma tributária, o governo Lula pode impulsionar no seu segundo mandato a revisão do pacto federativo, liberando energias positivas para a retomada do crescimento, de natureza diferente daquelas de base meramente econômica. É que um país com nossa dimensão continental só faz sentido à medida que suas partes puderem dispor de autonomia para explorar o próprio potencial sem as amarras da centralização [dependendo do Governo Federal ou Estadual]. O Paraná, amargando perdas na capacidade produtiva e na geração de renda e de bem-estar, seria especialmente beneficiado com a construção efetiva de uma federação descentralizada.

O Paraná tem muitas dificuldades no IDH, Índice de Desenvolvimento Humano, particularmente no quesito renda.

Continua o artigo:

O presidente Lula se voltou para a fórmula de entendimento com os governadores como solução para a passagem pelo Congresso de um conjunto de medidas necessárias à estabilidade via superávit fiscal – entre elas a prorrogação da CPMF, o 'imposto do cheque', e a liberalização de parte das receitas, a DRU. No meio, a proposta de retomada da reforma tributária, com uniformização das alíquotas do ICMS (principal tributo de alçada estadual), declaradamente para eliminar a 'guerra fiscal entre estados'.

O aceno aos líderes estaduais tem sentido: como as reformas constitucionais requerem aprovação por maioria de dois terços dos membros do Congresso, só uma ampla mobilização conseguirá destravar sua tramitação; para isso sendo válida a cooptação dos governadores por sua capacidade de influir nas respectivas bancadas parlamentares.

Não só os governadores, eu diria, mas toda a sociedade tem que estar envolvida nesse debate, particularmente os Senadores e Deputados.

Prossegue o artigo:

Os governadores, em contrapartida, levantaram bandeiras recorrentes: revisão dos acordos de dívida com a União, implantação de um fundo para desenvolvimento dos estados, ampliação dos repasses compensatórios da Lei Kandir e partilha das receitas de contribuições sociais.

Dessa pauta de reivindicações os líderes mais realistas ficariam satisfeitos com a essencial [de que falei antes]: a restauração do percentual de partilha de receitas públicas, estabelecido na Constituição de 1988. Naquele ano, a participação dos estados chegava a mais de 35% da arrecadação global de tributos, porque os principais impostos federais – IPI e IR – eram partilhados entre a União Federal e os estados-membros. Todavia, valendo-se de uma válvula deixada aberta pelos legisladores constituintes, o governo federal desde então foi apropriando receita extraordinária, com a criação de contribuições sociais que não sofrem divisão com os estados: CPMF, PIS-Cofins, Contribuição sobre o Lucro Líquido etc.

Somente a pressão recente levou Brasília a concordar em redistribuir 29% da Cide (o imposto dos combustíveis) para reparo de estradas. Tendo de administrar seus recursos com parcimônia, os governos estaduais são levados a um alinhamento automático com o poder central que restringe o princípio federativo. Os governadores aproveitaram a oportunidade e se puseram a campo, ampliando a proposta inicial do Presidente da República para um pacto de divisão de encargos e receitas, tido como ativador de um novo ciclo vital para o Brasil.

Eu diria que essa discussão é fundamental e temos que nos debruçar sobre o assunto para que Estados e Municípios, enquanto uma reforma tributária mais ampla não for aprovada, possam ter participação, como a emenda constitucional do Senador Osmar Dias prevê,

na distribuição das contribuições, que, em função, eu diria, de um desvio que houve no decorrer desses últimos anos, com o aumento da carga tributária, ficaram unicamente no Governo Federal, com muitas dificuldades para Municípios e Estados darem conta dos encargos e da realização de políticas públicas, muitas das quais, particularmente na área social, acontecem lá na ponta, junto às prefeituras, nos municípios.

São desafios e creio que será muito importante seu enfrentamento por todos nós daqui para frente.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Consultando a lista de oradores inscritos, concedemos a palavra, por permuta com o Senador Cristovam Buarque, à Senadora Ideli Salvatti, do PT do Estado de Santa Catarina.

V. Ex<sup>a</sup>, de acordo com o Regimento, tem direito de usar a tribuna por 20 minutos, mas quero-lhe assegurar que não cortarei sua palavra.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Mão Santa, agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e, de forma muito especial, ao Senador Cristovam Buarque, por ter feito a permuta.

O que me traz à tribuna é o Relatório de Desenvolvimento Humano 2006 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Antes de entrar nos dados, nos números que o relatório apresenta, quero lembrar que vim, durante o segundo turno das eleições, algumas vezes à tribuna para comentar o quanto foi bom o povo brasileiro nos ter dado a oportunidade de irmos para o segundo turno debater algumas questões centrais. Eu listaria, como em outros momentos fiz, mais ou menos o que estava em jogo no segundo turno, Senador Flávio Arns, o que estava sendo decidido na eleição presidencial.

Tivemos a oportunidade de dizer que o que estava em jogo era o papel do Brasil, o papel que o Brasil vem desempenhando nos fóruns internacionais, nas relações comerciais, nas relações políticas, essa postura de abertura que o Brasil teve para inúmeros mercados, saindo daquele foco tradicional voltado para os Estados Unidos e a União Européia e se abrindo para o Oriente Médio, para a Ásia, para a África, fortalecendo o Mercosul, indo até as últimas conseqüências, brigando na Organização Mundial do Comércio, buscando congrega outros países emergentes, para ampliar a correlação de forças para fazer o enfrentamento. Isso estava em jogo, todos nós sabemos que estava em jogo nessa eleição presidencial, como também estava

em jogo o papel do Estado. Que Estado queremos? Qual é o tamanho do Estado?

Aquela discussão a respeito de corte de gastos, como se educação fosse gasto, como se saneamento fosse gasto, como se infra-estrutura fosse gasto, essa discussão a respeito do papel do Estado, do tamanho do Estado, do quanto custa ter um Estado e para quem temos o Estado também apareceu no segundo turno das eleições e apareceu, inclusive, bastante focalizado na discussão da questão da privatização, com todas as suas decorrências. Mas não era a privatização que nós estávamos discutindo, e sim o papel do Estado, para quem o Estado está organizado, como ele está organizado, qual o tamanho que o Estado precisa ter e quais as suas funções.

Outra discussão que estava em jogo no debate do segundo turno era o crescimento. Que crescimento nós queremos? Principalmente, para quem queremos esse crescimento? Quem vai se apropriar do crescimento? Foi muito importante aquela polêmica sobre crescer primeiro para distribuir depois porque trouxe um resultado eleitoral muito contundente, pois só foi possível a reeleição do Presidente Lula com 61% dos votos, com mais de 20 milhões de votos de vantagem sobre o nosso adversário, porque se desmontou a tese do crescer primeiro para distribuir depois. O que ficou convalidado pelas urnas foi exatamente esse crescimento com distribuição, inclusive com distribuição gerando crescimento, algo que muitas pessoas sequer admitiam como possível em um país com tanta desigualdade, como é o caso do Brasil.

De todo o debate a respeito do que estava em jogo nas eleições e do que pôde ser apresentado, do que foi debatido, questionado, confrontado no segundo turno, houve, como já tive oportunidade de registrar, um belíssimo artigo do Franklin Martins, em que ele diz que essa eleição foi a eleição da inclusão, porque esse foi o diferencial. Esse foi exatamente o fator que fez com que, no segundo turno, ficasse muito nítido não só o que estava em jogo, mas, principalmente, Senador Flávio Arns, também quem estava no jogo.

A votação do Presidente Lula, extremamente expressiva, significativa, demonstra o entendimento dos que se apoderaram, dos que apreenderam, muito mais do que aprenderam, quem estava no jogo, se enxergando no campo, se olhando e se vendo na disputa, através do que simboliza o Presidente Lula. Acho que isso fez a marca e a diferença nessas eleições.

O Relatório de Desenvolvimento Humano de 2005, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, apresenta como principal resultado a redução da desigualdade. Ou seja, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, através do

seu Relatório de Desenvolvimento Humano, identifica a redução da desigualdade, o que é, portanto, uma prova inequívoca de que era verdadeiro aquilo que dizíamos estar em jogo na eleição e, principalmente, uma prova de como a ampla maioria da população enxergou, até de forma muito mais contundente e expressiva que muitos ditos formadores de opinião ou representantes das classes bem-informadas, bem-formadas e esclarecidas, que estava no jogo. Ela se viu no jogo; ela se viu no campo; ela se apreciou, participando e, portanto, dando o voto para a continuidade.

Até 2005, o Relatório de Desenvolvimento Humano do Pnud apontava o Brasil como referência de desigualdade. No Relatório de Desenvolvimento Humano de 2006, o Brasil é apresentado como exemplo de melhoria na distribuição de renda.

Portanto, a evolução que tivemos capacidade de alcançar em 2003 e 2004, com os resultados em 2006, mostram que “a boa notícia é que a desigualdade extrema não é algo imutável. Nos últimos cinco anos, o Brasil, um dos países mais desiguais do mundo, tem combinado um sólido desempenho econômico, com declínio na desigualdade de rendimentos (...) e na pobreza”.

Essa é uma das partes do texto do Relatório de Desenvolvimento Humano, de 2006, do Pnud.

Apesar disso, temos ainda uma situação de muito desafio pela frente, porque “atualmente, o Brasil é o 10º mais desigual numa lista com 126 países”.

Apesar de os avanços terem tirado o Brasil da penúltima posição do *ranking* de distribuição de renda da América Latina – no último relatório, o Brasil perdia apenas para a Guatemala, que estava em situação pior –, apesar de termos evoluído e de termos tirado o Brasil da penúltima posição para o décimo lugar, ainda estamos em décimo lugar. Portanto, o desafio é muito grande, apesar de o Relatório apontar, de forma bastante significativa, as mudanças.

O RDH 2006 destaca o programa Bolsa-Família como um dos responsáveis pelos avanços do Brasil, dizendo:

“O crescimento econômico criou empregos e promoveu aumento real de salário. E um amplo programa social – o Bolsa-Família – tem feito transferências de renda para 7 milhões de famílias que vivem na pobreza extrema ou moderada para ajudar na alimentação, saúde e educação, criando benefícios hoje e bases para o futuro.”

O relatório destaca que reduzir a desigualdade é importante porque é uma das formas de acelerar a redução da pobreza:



“A taxa de redução da pobreza de um país se dá em função de dois fatores: o crescimento econômico e a parcela desse incremento apropriada pelos pobres. Em outras palavras, quanto maior a parcela apropriada pelos pobres, maior será a eficiência do país em transformar crescimento em redução da pobreza”.

Portanto, é o tema que nós, por inúmeras vezes, abordamos da tribuna. Crescer, sim. Mas crescer para quem? Crescer concentrando riqueza ou distribuindo riqueza?

O RDH 2006 ainda ressalta que “a desigualdade não é um problema apenas dos países em desenvolvimento”.

“Nos Estados Unidos, a diferença entre ricos e pobres cresceu dramaticamente. Nos últimos 25 anos, a renda de 1% dos lares mais ricos cresceu 135% e a participação deles no PIB dobrou para 16%, enquanto os salários da manufatura tiveram queda real de 1%. Em outras palavras, os frutos dos ganhos de produtividade que promoveram o crescimento dos Estados Unidos foram fortemente direcionados para as partes mais ricas da sociedade.”

Tivemos a oportunidade de assistir a tudo isso por ocasião do furacão Katrina, no sul dos Estados Unidos, em New Orleans. O que pudemos verificar nas imagens televisivas da catástrofe foi exatamente a pobreza norte-americana afrontada e emergindo de forma assustadora, embora camuflada, em um país que é a maior potência econômica do planeta. O próprio Relatório de Desenvolvimento Humano aponta que os Estados Unidos têm crescido, sim, mas concentrando renda de forma assustadora, e não distribuindo a riqueza que gera. Logo, esta discussão e os dados que o Relatório de Desenvolvimento Humano do Pnud apresentam têm que nos nortear. Eles têm que nos dar o embasamento, apresentados os desafios, tendo em vista as inúmeras questões em que precisamos avançar, colocar de forma muito clara, mas nos dando a confiança de que acertamos o rumo. E acertamos o rumo, de acordo com os resultados apresentados pelo Relatório, quando a população, massivamente, de forma visível, deu esse voto de confiança no sentido de que continuemos a crescer distribuindo renda.

Gostaria ainda de realçar, porque vários órgãos de imprensa abordaram o fato de termos reduzido a desigualdade – o Relatório aponta a redução da desigualdade –, mas que caímos uma posição no *ranking*. É importante ressaltar que “o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil melhorou entre 2003 e 2004,

mas o país recuou uma posição no ranking mundial de desenvolvimento humano – e caiu de 68º para 69º numa lista de 177 países e territórios”. Isso ocorreu porque houve uma mudança nos indicadores e na metodologia, que foram revisados e aperfeiçoados pelas fontes produtoras dos dados. Portanto, o IDH não pode ser comparado ao dos relatórios anteriores.

É importante também registrar que

O IDH é a síntese de quatro indicadores: Produto Interno Bruto (PIB) **per capita**, expectativa de vida, taxa de alfabetização de pessoas com 15 anos ou mais de idade e taxa de matrícula bruta nos três níveis de ensino (relação entre a população em idade escolar e o número de pessoas matriculadas no ensino fundamental, médio e superior).

Do relatório de 2005 para 2006, a principal mudança no cálculo do IDH ocorreu nesse último indicador.

Ou seja, na taxa de matrícula bruta nos três níveis de ensino. E por que foi modificado? Porque desse dado foram excluídos os números dos programas de educação para adultos. Como o programa de educação para adultos é um programa forte, desenvolvido não apenas pelo Governo Federal, mas também pelos governos estaduais e municipais, retirar esse dado fez com que houvesse uma perda na nossa classificação.

Apesar dessa mudança, o IDH brasileiro cresceu: passou de 0,788 em 2003 para 0,792 em 2004, resultado que mantém o País entre as 83 nações de médio desenvolvimento humano “(IDH entre 0,500 e 0,799).

Gostaria ainda de registrar que:

Os dados obtidos a partir da metodologia aperfeiçoada apontam que, de 2003 para 2004, o Brasil avançou nas três dimensões do Índice de Desenvolvimento Humano (longevidade, renda e educação). Para medir longevidade, o PNUD usa a esperança de vida ao nascer, que no Brasil subiu de 70,5 para 70,8 anos no período. [...]

Para monitorar o desempenho em educação o Relatório de Desenvolvimento Humano usa dois indicadores: taxa de alfabetização de pessoas com 15 anos ou mais de idade e taxa bruta de matrícula nos três níveis de ensino. No caso do Brasil, as séries estatísticas internacionais apontam que a taxa de alfabetização aumentou de 84,4% para 88,6%. A taxa bruta de matrícula estabilizou-se em 85,7% [...].

A dimensão renda do IDH é avaliada pelo Produto Interno Bruto **per capita**, ajustado pela

paridade do poder de compra (dólar PPC, que elimina as diferenças de custo de vida entre os países). De 2003 para 2004, foi o item que mais impulsionou o índice brasileiro: o PIB **per capita** avançou 3,1% – passou US\$7,949 para US\$8,195. O País está classificado em 64º lugar no ranking de renda, cinco posições acima da colocação no ranking do IDH.

A decomposição do Índice de Desenvolvimento Humano mostra que o Brasil tem um subíndice de renda superior ao da América Latina, mas inferior à média mundial. Em esperança de vida, supera a média global, mas não a latino-americana. Educação é a dimensão em que o Brasil mais se aproxima dos países ricos e mais se distancia da média mundial.

Portanto, esses dados apontados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e pelo Relatório de Desenvolvimento Humano de 2006 demonstram, de forma inequívoca, Senador Suplicy – já vou dar-lhe o aparte –, o quanto o Presidente Lula acertou quando apostou que o crescimento só vale a pena se for para incluir socialmente, se for para distribuir renda; e o quanto nós podemos crescer quanto mais renda nós distribuímos.

Ouçó, com muito prazer, V. Ex<sup>a</sup>, que é indiscutivelmente um dos especialistas no assunto nesta Casa.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Quero cumprimentar V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Ideli Salvatti, por trazer uma análise de profundidade a respeito do Índice de Desenvolvimento Humano, segundo o relatório feito pelo Pnud, pelas Nações Unidas e que leva em consideração as recomendações do laureado Prêmio Nobel de Economia, Prof. Amartya Sen, que estimulou as Nações Unidas a considerarem que, além do produto **per capita**, seria importante considerarmos a expectativa média de vida ao nascer, as considerações de alfabetização, de escolaridade, de mortalidade infantil, entre outros aspectos, para se medir o grau de desenvolvimento. É muito importante verificarmos que o Brasil progrediu de 2003 para 2004 – ainda nos dois primeiros anos do Governo do Presidente Lula –, numa direção melhor, ainda que, em alguns aspectos, será importante nós avançarmos com muito maior determinação no que diz respeito ao crescimento da economia. Felizmente, nós hoje observamos a economia muito mais arrumada para termos uma perspectiva de crescimento num dos indicadores, o produto **per capita**. No que diz respeito ao grau de desigualdade, felizmente houve diminuição no Coeficiente Gini e nós já sabemos que, para os relatórios referentes aos anos 2005 e 2006, vamos ter progressos, porque os indicadores do Pnad, que estarão lá no relatório do Pnud no

próximo ano e no ano seguinte, com certeza, estarão ainda melhores. No que diz respeito a uma das preocupações maiores do nosso colega e ex-Ministro da Educação Senador Cristovam Buarque...

*(Interrupção do som)*

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Peço a generosidade ao Presidente, Senador Mão Santa. Noto que, pelo que V. Ex<sup>a</sup> observou, Senadora Ideli, houve progresso considerável numa das preocupações importantes do Senador Cristovam Buarque, que foi Ministro da Educação nessa época, pois, conforme V. Ex<sup>a</sup> salientou, houve progresso significativo na alfabetização.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Exatamente.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Não houve tanto no grau de escolaridade; especialmente se considerarmos países como Argentina, Uruguai e Chile, nós precisamos avançar muito mais no grau de escolaridade. E isso nos chama maior atenção ainda para que o Congresso Nacional e o Senado Federal venham a aprovar, o quanto antes, o Fundeb, que representa avanço significativo para a educação básica e a melhora desse índice. Meus cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup>.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Agradeço, Senador Suplicy.

Se o Sr. Presidente Mão Santa me permitir, vou conceder aparte ao Senador Flávio Arns e ao Senador Cristovam Buarque, após o que encerraria o meu pronunciamento.

**O Sr. Flávio Arns** (Bloco/PT – PR) – Senadora Ideli Salvatti, em primeiro lugar, parabênzo V. Ex<sup>a</sup> pelo pronunciamento e pela reflexão com base nos dados amplamente divulgados em relação ao nosso IDH, Índice de Desenvolvimento Humano. Temos muito o que festejar, sem dúvida alguma, em termos de distribuição de renda, em termos do acesso da população mais pobre a condições melhores, à questão da educação. Se olharmos o Estado do Paraná, por exemplo, veremos que a educação está num nível melhor; a saúde, infelizmente, mais baixo. Mas, realmente, a grande dificuldade no nosso Estado é na geração de emprego e de renda, na distribuição de renda. V. Ex<sup>a</sup> diz que o Brasil está entre os dez países – vamos dizer assim – mais mal colocados em termos de distribuição de renda. Isso realmente nos leva a nos preocupar. Agora, o fundamental é o Presidente Lula, neste momento em que inicia um novo Governo, fazer um amplo debate com a Oposição, com setores do Governo, com a sociedade, com empresários para dizer que avançamos, mas temos condições de avançar muito mais! O que pode ser feito? O que pode ser alterado,

mudado, complementado? O que podemos criar de porta de saída para os programas sociais? Esse debate nacional é que tem de orientar esse término-início de Governo. É dizer: “Estamos bem, avançamos em muitas coisas; mas será que é o suficiente?” Podemos avançar, do meu ponto de vista, muito mais. E fazer este debate que é, na verdade, suprapartidário: qualidade de educação, recursos para saúde, geração de emprego e renda, que são desafios no Paraná, mas também o são no Brasil inteiro. É o desafio que se coloca para todos nós. Quero dar os parabéns a V. Ex<sup>a</sup> pelo pronunciamento.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Agradeço ao Senador Flávio Arns.

Ouçó o Senador Cristovam Buarque.

**O Sr. Cristovam Buarque** (PDT – DF) – Senadora Ideli Salvatti, também dou os parabéns a V. Ex<sup>a</sup> e acho que essa matéria merecia um debate até mais longo. Mas eu queria, Senadora, sabendo do seu compromisso e da sua boa intenção, que nos sentássemos um pouco para ver o Orçamento. A proposta Orçamentária – e repetindo o que falou o Senador Eduardo Suplicy sobre a importância da alfabetização no IDH –, a proposta orçamentária que chegou aqui reduz os recursos para a alfabetização. O EJA, Educação de Jovens e Adultos, cai de R\$600 milhões para R\$300 milhões. Aí se diz: “Mas isso vai para aumentar os recursos do Fundeb”.

Mas, de qualquer maneira, é dinheiro que está saindo da alfabetização e da educação de jovens e adultos. E, no que se refere aos R\$2 bilhões do Fundeb, está vindo uma parte desses R\$300 milhões a menos na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Se compararmos o que foi gasto nesse ano – não o que estava no Orçamento, que era R\$1,5 bilhão, mas os R\$2 bilhões que estavam –, também vão perder cerca de R\$500 milhões. Acho que ainda está em tempo de corrigirmos isso. Devo lhe dizer que parabenezo o Governo por ter aumentado em R\$2 bilhões os recursos para as universidades, mas o aumento para o ensino básico, mediante o Fundeb, que deveria ser de R\$2 bilhões, na verdade só está sendo de R\$1,1 bilhão, de acordo com o Orçamento. Gostaria de sentarmos para ver como resolver esse problema.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Com certeza, Senador Cristovam Buarque. Primeiro, queria agradecer-lhe o aparte e dizer-lhe que teremos oportunidade de fazer esse debate na votação do Orçamento.

Queria apenas deixar registrado que a educação de jovens e adultos não integrava o Fundeb. Foi um dos vetos que tanto combatemos e infelizmente não conseguimos derrubar. No caso do Fundeb, não:

a educação de jovens e adultos estará contemplada, mas acho que ainda é pouco. Para a educação, sempre é pouco. Temos de avançar muito.

De qualquer forma, o que quis registrar aqui é que, quanto àquilo que se buscou focar, centrar como ponto prioritário do papel e da ação do Governo, que era o crescimento com distribuição de renda, com inclusão social, os indicadores, o Pnud, o Relatório de Desenvolvimento Humano, o IDH do Brasil estão demonstrando que estamos no caminho certo. Talvez precisemos acelerar, precisemos aprofundar, porque os desafios ainda são muito grandes, mas o rumo está certo; basta colocar um pouco mais de lenha na máquina a vapor do nosso navio chamado Brasil.

Muito obrigada Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PFL – PI) – Dando continuidade à nossa sessão, convidamos para usar da palavra, como Líder do PFL, o Senador José Agripino, do Estado do Rio Grande do Norte.

De acordo com o Regimento, V. Ex<sup>a</sup> tem direito a usar da tribuna por cinco minutos, mas jamais ousarei cortar a palavra desse extraordinário Líder da República brasileira.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Obrigado Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, uso da palavra como Líder para manifestar a minha preocupação com um fato que está infernizando a vida daqueles que se deslocam, que usam avião para ir para o norte, para o sul, para o trabalho ou para o entretenimento, que se mexem dentro do Brasil e do Brasil para fora. Eu me refiro, Senador Mozarildo Cavalcanti, ao inferno em que estão hoje os aeroportos do Brasil, todos. E não é hoje só; faz um mês que os controladores de vôo não se entendem com o Governo. Não entendo como não se encontrou ainda uma solução para um problema que aflige tantas pessoas e com tanta profundidade como esse dos controladores de vôo, que estão atrasando e cancelando vôos. O cancelamento de um vôo significa cancelamento de um compromisso, que significa fechar negócio, avançar em soluções, e o atravancamento dos aeroportos está criando problemas em cadeia neste País.

Quando fui Governador – fui Governador duas vezes –, vivi momentos de muita aflição, Senador Cristovam Buarque. Eram momentos em que ou havia ameaça de greve ou havia greve efetiva por parte de servidores públicos da saúde, da educação, da segurança. Lembro-me bem do modo como uma greve atingia o meu equilíbrio, porque eu tinha consciência de que uma greve prejudicava o serviço público que devia ser prestado à coletividade, e como eu me movia para encontrar a solução, custasse o que custasse; como

eu reunia energias para encontrar a solução para as demandas e para que as greves não durassem mais do que deveriam durar. Eu respeitava todas as greves, mas procurava, no limite da minha competência, encontrar solução no menor tempo possível, para que aqueles que dependiam do serviço público prestado pela categoria em greve não sofressem. Isso por uma razão muito simples: acho que o homem público precisa ter, acima de tudo, espírito público, precisa sentir que é responsável pelo comando do qual resulta o bem-estar, a tranquilidade de milhares de pessoas.

Digo isso, Senador Flávio Arns, para manifestar a V. Ex<sup>as</sup> a minha preocupação com esse fato que continua a infernizar a vida das pessoas. Senador Eduardo Suplicy. V. Ex<sup>a</sup>, que veio de São Paulo hoje, como eu vim do Rio de Janeiro ontem, certamente sofreu os reveses decorrentes do atraso dos vôos, do cancelamento de vôos. Isso atrapalha a vida de muita gente, que, como eu, espera do Governo uma solução.

Por que a minha preocupação com o que está acontecendo? Porque não vejo o Governo demonstrar a menor preocupação com a solução definitiva do problema dos controladores de vôo.

Senador Mozarildo Cavalcanti, um Boeing custa US\$100 milhões e ele tem que se pagar. A empresa não pode cancelar uma etapa de vôo, nem pode atrasar por conta de uma operação de controle, que tem, evidentemente, de funcionar com padrões rígidos de operações de segurança, como sempre aconteceu, sempre, sempre! Desde que voamos que controlador de vôo nunca foi problema neste País, mas agora é, e a solução não vem. Empresas que investiram milhões e milhões de dólares em equipamentos para prestar serviços ao Brasil inteiro estão sendo prejudicadas e tendo prejuízos. Prejuízos que vão ser cobrados da República, mais dia, menos dia.

A República é governada por um Presidente que hoje foi à Venezuela fazer campanha eleitoral para o Presidente Chávez. Enquanto o mundo está se acabando nos aeroportos, ele pegou o “aerolula” e, fagueiramente, foi para a Venezuela fazer a campanha eleitoral de Chávez.

Pensando nisso, Senador Mão Santa, vem-me uma preocupação ainda maior: cesteiro que faz um cesto faz um cento. Aquele que não é capaz de resolver nem o problema dos operadores de vôo será capaz de resolver os problemas do Brasil para que ele possa crescer a 5% ao ano? Ele está prometendo a retomada do crescimento do País a 5% ao ano. Tenho a impressão, Senador Cristovam Buarque, de que o Presidente Lula não tem consciência de que o custo da logística do Brasil...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senador José Agripino, 5% ao ano creio que o Brasil não cresce, mas V. Ex<sup>a</sup> tem mais cinco minutos.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Obrigado, Sr. Presidente.

Cinco por cento de crescimento ao ano é a promessa do Presidente, que é pródigo em promessas. Penso que ele não sabe que o custo logístico do Brasil significa hoje 12,8% do PIB.

O que é o custo logístico? É o quanto custa produzir e fazer circular uma riqueza, por portos, aeroportos, rodovias, ferrovias, que, como estão em má situação, só permitem a circulação da mercadoria que é produzida, transportada e vendida por um preço equivalente a 12,8% do PIB, quando, nos Estados Unidos, a logística é de 8,19%, ou seja, no Brasil, é 50% mais caro produzir, transportar e vender um produto qualquer do que na América. E o Brasil quer competir? Quer estabelecer padrão de competitividade? Quer crescer 5% ao ano? Baseado em quê? Tinha que se basear na correção desse custo da logística do Brasil, consertando os portos, aeroportos, rodovias, gerando energia elétrica. Comportando como vem se comportando, sem ser capaz de equilibrar a questão dos controladores de vôo, uma coisa mínima? Não resolve o mínimo e promete 5% de crescimento?

Como é que vai resolver, Senador Cristovam Buarque, a questão da dragagem do porto de Santos? O maior porto de exportação do Brasil,

que tem um calado de 14 metros e tem que ir para 16 metros e necessita de uma perimetral para que aquilo que se produz no Brasil e se exporta por Santos possa sair por lá. A concorrência da perimetral está na Justiça, e o Governo não consegue colocar a concorrência da perimetral em eficácia. Não consegue resolver a questão dos controladores de vôo e, muito menos, fazer a dragagem do Porto de Santos para aumentar o calado do principal porto de escoamento do Brasil, e construir a perimetral de acesso.

O Brasil está caminhando para o apagão, Senador Cristovam. O Plano Decenal do Governo 2006 – 2015 prevê o funcionamento da hidrelétrica de Belo Monte, com a produção de onze mil megawatts nesse período. Há vinte anos se tenta construir Belo Monte, mas questões de ordem ambiental impedem. É esse Governo quem vai resolver a questão e considera a questão resolvida? Vamos cair no apagão! Se não é capaz de resolver a questão dos controladores de vôo, como irá resolver a questão de Belo Monte?

Sr. Presidente Mão Santa, trago as questões do Porto de Santos e da energia elétrica. Belo Monte é um exemplo. O rio Madeira é outro projeto que está travado por questões ambientais. Esse Governo

não consegue se encontrar. A briga entre o Ministério da Agricultura e o Ministério do Meio Ambiente é de quatro anos. Não se consegue chegar a nenhum entendimento, e quem paga a conta é o povo do Brasil. Já imaginou um apagão por irresponsabilidade clara e explícita do Governo, de um Governo que promete crescer 5% ao ano, não consegue resolver a greve dos controladores de voo e ainda promete resolver a questão logística do Brasil, para colocar o Brasil no plano da competitividade?

Cadê a Cuiabá – Santarém, que tinha por obrigação ser feita? Cadê a Rodovia BR-101 Natal – Osório? Sou do Rio Grande do Norte e estou vendo andar a passo de cágado.

Digo isso, Sr. Presidente, porque minha obrigação, como opositorista, é espetar o lombo desse Governo para ver se as coisas acontecem.

Ao invés de o Presidente Lula ir à Venezuela fazer campanha para Chávez, que fique aqui, que comande o seu Ministério, que defina quem vai ser o quê, quem vai ser Ministro dos Transportes, de Minas e Energia e que coloque este País para andar, se é que o que fala da boca para fora é o que ele quer fazer. Do contrário, o povo do Brasil vai entender que agora tem um Governo convencional que tem obrigação de cumprir os seus compromissos e que prometeu retomar o crescimento e que, ao invés de fazê-lo, fica com desculpas permanentes, levando, irresponsavelmente, o País a uma situação sem saída.

Vamos ficar cobrando o tempo todo do Governo convencional, do Governo que é Governo convencional e de quem vai se exigir atitudes para provisão da infraestrutura de que o País precisa e do qual não pode abrir mão, para que os empregos sejam gerados para as pessoas que nascem a cada dia neste País.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Com muito prazer, ouço os apartes dos Senadores Mozarildo Cavalcanti e Eduardo Suplicy.

**O Sr. Mozarildo Cavalcanti** (PTB – RR) – Senador José Agripino, foco em um ponto do seu pronunciamento: os controladores de voo. Primeiro, temos de esclarecer que eles não estão em greve. Eles estão, agora, depois do acidente lamentável que vitimou mais de 150 pessoas, cumprindo a operação legal, trabalhando as horas permitidas e controlando um limite máximo, um número x de aviões. Isso demonstra que, há quatro anos – na verdade, há mais de quatro anos, mas há quatro anos no Governo Lula –, esta questão foi apontada pela Aeronáutica: havia poucos controladores e esses profissionais estavam trabalhando além da sua capacidade. Portanto, hu-

mana e medicamente falando, é impossível não haver um problema futuramente. Aliás, eu não acredito que esse acidente tenha acontecido por erro de controlador – pelo andar das investigações, tudo indica que não foi. O importante é que não se pode agora editar uma medida provisória...

*(Interrupção do som.)*

**(O Sr. Presidente faz soar a campanha.)**

**O Sr. Mozarildo Cavalcanti** (PTB – RR) – ... de novo no afogadilho, para contratar controladores de voo, até em contraposição ao que o Ministro da Defesa disse, quando falou que não há controladores de voo dando sopa na esquina, para que, de repente, faça-se um concurso e, rapidamente, eles dêem entrada no trabalho. Aliás, o Ministro da Defesa tem feito muitas declarações contraditórias. Nesse caso, eu, que atravesso a Amazônia voando nesse mesmo trajeto em que o avião da GOL sofreu o acidente, fico pensando quantas vezes ponho a minha vida e a vida da minha família em jogo porque não temos certeza de como estão trabalhando esses controladores, se estão trabalhando além da sua capacidade humana. É preciso, sim, que tomemos uma posição. Acho que isso não pode ficar no discurso. Temos de responsabilizar efetivamente quem deixou que essa questão chegasse a esse ponto.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Agradeço ao Senador Mozarildo Cavalcanti, que aborda a questão da imprevidência que é o fulcro do meu pronunciamento.

Sabemos que eles não estão em greve. Eles estão numa operação padrão.

*(Interrupção do som.)*

**(O Sr. Presidente faz soar a campanha.)**

Eles não querem assumir uma responsabilidade que não lhes cabe. Então, eles estão numa operação padrão responsável, levando ao emperramento na operação das aeronaves, o que está infernizando a vida do povo brasileiro. É uma novidade? Não.

É novidade? Como bem disse V. Ex<sup>a</sup>, há muito se alerta para a insuficiência na quantidade de operadores de voo. Há muito é suscitada essa questão. E o Governo atual, por imprevidência, não toma nenhuma atitude. Aproveito o ensejo para fazer referência a Belo Monte, ao apagão, por falta de energia elétrica, por falta de um modelo energético e de um marco regulatório que atraia investimento privado. Não existe! Estamos correndo o risco de apagão em 2008, porque

estão considerando como viáveis investimentos que dificilmente acontecerão nesse Governo, que é um Governo que não sabe resolver conflito.

Esta é a minha preocupação e a razão do meu pronunciamento.

**O Sr. José Jorge** (PFL – PE) – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Criar elementos de alerta para um fato que, a exemplo do que está acontecendo nos aeroportos, vai acontecer amanhã com a produção de energia elétrica a ser distribuída pelas concessionárias do Brasil inteiro. Antes que seja tarde, a Oposição está cumprindo seu papel e fazendo o devido alerta.

Ouçó, com muito prazer, o Senador Eduardo Suplicy e, em seguida, o Senador José Jorge.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Senador José Agripino, é importante a consideração de V. Ex<sup>a</sup> sobre a urgência de os controladores de vôo terem as devidas condições de vida para poderem logo terminar essa manifestação, que vem obviamente incomodando a todos aqueles, inclusive eu próprio e V. Ex<sup>a</sup>, que sempre utilizam os aeroportos e os aviões brasileiros a trabalho. E V. Ex<sup>a</sup> bem ressalta que cada atraso, cada suspensão de vôo...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) –....representa um transtorno para tantas pessoas das mais diversas atividades. Mas posso assegurar a V. Ex<sup>a</sup> que o Presidente Lula determinou, ao Ministro da Defesa, Waldir Pires; ao Comando da Aeronáutica; à Agência Nacional de Aviação Civil – Anac, para tomarem as medidas necessárias, a fim de que o quanto antes resolvam esse problema. Acredito que isso não é de fácil solução, pois envolve a vida de muitas pessoas, tanto que houve aquele acidente que justamente levou a que os controladores de vôo viessem chamar a atenção de toda a população para as condições difíceis em que estão trabalhando. Mas quero assegurar a V. Ex<sup>a</sup>...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – ... que as providências estão sendo tomadas, e a voz de V. Ex<sup>a</sup> é importante nessa direção. A respeito da viagem do Presidente Lula, ele irá também assinar um acordo com o Presidente Hugo Chávez, da Venezuela. E isso é algo perfeitamente normal como trabalho de um presidente que tenha a preocupação de estar fortalecendo os laços de integração com os países amigos e vizinhos do Brasil.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Senador Suplicy, gostaria muito de agradecer o aparte de V. Ex<sup>a</sup>, que diz, muito claramente, que tenho razão no alerta

que faço. Evidentemente que defende o Presidente do Partido de V. Ex<sup>a</sup>, mas a minha preocupação aumenta quando não vejo, ...

*(interrupção do som.)*

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – ... em hora nenhuma, nenhum dirigente da Anac, que é a Agência reguladora que deveria estar à frente do problema, emitir qualquer tipo de manifestação por uma razão simples: as agências reguladoras neste País, neste Governo, estão completamente desprestigiadas e humilhadas e se transfere toda a ação para o Ministro da Defesa. Vi hoje, ao meio-dia, uma declaração de S. Ex<sup>a</sup>, com ar de espanto, dizendo que temos de resolver essa questão imediatamente. E cadê a solução? Cadê a solução?! Esvazia-se o órgão que deveria estar cuidando do assunto, a Agência reguladora, e entrega-se a solução ao Ministro que parece que se apresenta surpreendido com a situação que vem de um mês e diz: a solução tem de acontecer dentro de um dia. Quero só ver a solução.

Ouçó com muito prazer o Senador José Jorge, ex-ministro de Minas e Energia, que seguramente deve ter alguma consideração importante com relação a minha preocupação.

**O Sr. José Jorge** (PFL – PE) – Concordo com V. Ex<sup>a</sup>. Na verdade, em relação ao apagão aéreo, estou lendo aqui na Internet, Senador José Agripino, uma declaração do Brigadeiro José Carlos Pereira, dizendo que da meia-noite de ontem até às 14 horas e 30 minutos de hoje, 428 vôos partiram atrasados. Portanto, 42% dos vôos programados estão atrasados. Inclusive eu fui vítima, porque vinha de São Paulo e meu vôo atrasou duas horas e meia. O segundo em relação ao setor elétrico, que é um apagão bem mais grave e que está vindo a galope. Todos nós sabemos que, no setor elétrico, as decisões só começam a aparecer dentro de cinco anos. O que se decide em 2000, por exemplo, ocorre em 2005, que é o prazo de maturação dos investimentos do setor elétrico. Então, tudo o que aconteceu durante os primeiros quatro anos do Governo Lula e tudo o que vai acontecer agora no primeiro ano do segundo Governo são decisões anteriores. A partir de 2008, quer dizer, depois de 2007, os primeiros anos de Governo, no segundo ano de Governo: 2008, 2009, 2010, são três anos do Governo Lula que, aí, sim, veremos se as decisões que o Governo Lula tomou, no setor elétrico, foram corretas ou não foram corretas. Pelo que se acompanha até agora dentro do setor, essas decisões, na realidade, vão gerar uma situação pior do que a de 2001, na qual não chegamos a ter apagão, conseguimos resolver com o racionamento. Desta vez é pior por duas razões: primeiro, porque,

naquela época, havia muita obra em andamento, então o que havia era falta de combustível – que, no caso, era água –, como se você tivesse uma frota de carro e não tivesse gasolina. Agora, não. Agora você não tem a frota de carro. É muito mais difícil de operar do que sem o combustível. E a segunda razão é que agora temos também um apagão na área de gás. Na época, estavam disponíveis 30 milhões de metros cúbicos de gás natural e estávamos usando quatorze, ou doze, se não me engano; hoje já estão usando os 30 e não há como tirar mais de 30. Na realidade, mesmo que a Bolívia não entre em crise nenhuma, temos uma aceitação de risco. Então o Governo tem que tomar providências urgentes no sentido de que se faça alguma coisa para não chegarmos a uma situação mais grave ainda da que tivemos em 2001, agora a partir de 2008.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Senador José Jorge, a minha preocupação – V. Ex<sup>a</sup> coloca tecnicamente um fato que eu vou desdobrar rapidamente – é que se este Governo não consegue resolver a questão dos controladores de vôo, que é aparentemente simples, mas que envolve responsabilidade, é verdade, e que está conturbando o País, está levando o País a uma inquietação total, a perda de negócios, à indefinição de soluções... Como a gente pode acreditar em um Governo que, no plano Decenal de Energia Elétrica, 2006/2015, coloca a hidrelétrica de Belo Monte que, como V. Ex<sup>a</sup> sabe, há vinte anos se discute, do ponto de vista ambiental da possibilidade de essa obra ser realizada, como é que este Governo tem a ousadia de colocar a Belo Monte como parte da solução para a questão da energia elétrica a ser gerada para atender às necessidades de crescimento do País? Como é que este Governo ousa, em cima de uma dúvida desse tamanho, prometer crescer 5% ao ano, quando não tem consciência do custo da logística do Brasil e fala em competitividade? O custo da logística do Brasil é 12,89% do PIB, e o da América é 8,2 do PIB. Acorda Brasil! Acorda Presidente Lula! Vem tomar conta do País! Vem tomar conta da previsão da infra-estrutura! Vem conhecer os números! Vem agir com responsabilidade em cima da perspectiva de futuro do Brasil!

Ouçõ, com prazer, o Senador Flávio Arns, se V. Ex<sup>a</sup> permitir, Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senador José Agripino, V. Ex<sup>a</sup> fala em controlador de vôo, e eu estou controlando o tempo. V. Ex<sup>a</sup> regimentalmente tinha cinco minutos.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> está com 23 minutos, o que o País está ado-

rando e eu também, mas estou aqui como controlador de tempo.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – E eu, indisciplinado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Minha admiração por V. Ex<sup>a</sup> é extraordinária. Então vamos fazer um acordo: V. Ex<sup>a</sup> fala por mais três minutos e entra o orador subsequente. Por três minutos, vou prorrogar o tempo de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN) – Sr. Presidente, fico muito grato a V. Ex<sup>a</sup> e, em atenção à palavra do Senador Cristovam Buarque, que quero ouvir, encerrar o meu pronunciamento, manifestando minha preocupação que se refere à provisão da infra-estrutura, da qual este País não pode prescindir para crescer, a fim de que aqueles que estão nascendo agora e que nasceram há dez anos possam ter a oportunidade do emprego; para que as pessoas que vão precisar de energia elétrica daqui a cinco anos para produzirem os empregos de que o País não pode abrir mão tenham tido agora, há um ano, há dois anos, há três anos, a provisão dessa infra-estrutura garantida pelo Governo, que fala em crescimento de 5% ao ano, mas que, na minha opinião, pronuncia um discurso da boca para fora.

A Oposição se manterá vigilante. Na medida em que haja necessidade de buscar os R\$ 88 bilhões por ano para provisão da infra-estrutura, a Oposição se sentará à mesa da negociação para discutir o interesse nacional, só que o fará com responsabilidade e sem demagogia, porque acho que a retomada do crescimento a que se refere o Presidente Lula está eivada de palavras vãs e de demagogia pura.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senador José Agripino, fiquei constrangido por ter que falar em limite de tempo com V. Ex<sup>a</sup>, mas já que V. Ex<sup>a</sup> nos ouve, eu me permitiria buscar Abraham Lincoln, com todo respeito ao Cristovam Buarque, que está ao telefone e é professor de História.

Abraham Lincoln, Senador José Agripino, disputou uma vez a Vice-Presidência numa convenção. O Colégio Americano – complicado – foi até ele, prometeu votos, 57 votos, para ser Vice-Presidente, mas queriam dinheiro em troca. Ele disse que não tinha dinheiro, mas que, mesmo que tivesse, isso era contra os seus princípios. E não foi candidato a Vice-Presidente. Depois o Partido e o País o elegeram Presidente da República. Venceu a guerra contra a escravatura.

Eu não desejo a V. Ex<sup>a</sup> apenas a bala que ele pegou na cabeça. Mas que V. Ex<sup>a</sup> seja o próximo candidato do seu Partido à Presidência da República. Isso seria muito bom para o Brasil.

**O SR. FLÁVIO ARNS** (Bloco/PT – PR) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Flávio Arns.

**O SR. FLÁVIO ARNS** (Bloco/PT – PR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, só gostaria de saudar o Senador José Jorge, que está aqui presente, que foi candidato a Vice-Presidente da República e que contribuiu, de maneira decisiva, para o debate que o Brasil fez em termos dos desafios dos problemas, das coisas boas, dos caminhos. E todo esse debate tem que subsidiar, sem dúvida alguma, o novo Governo, que vai iniciar no dia 1º de Janeiro.

Temos que aproveitar toda essa riqueza que aconteceu, não apenas pelo Senador José Jorge, mas também pelo Senador Cristovam Buarque, que vai ocupar a tribuna.

Mas queria dizer ao Senador José Jorge, que felizmente houve o debate com a sua competência, com o seu trabalho, mas, infelizmente, o Senado não terá a presença de S. Ex<sup>a</sup> no ano que vem, pois o seu mandato de Senador também está terminando no final deste ano.

O Senado Federal, o Congresso, a sociedade têm de reconhecer o trabalho do Senador José Jorge, porque S. Ex<sup>a</sup> foi, na minha opinião – e isso já manifestei em outras ocasiões –, o maior articulador, dialogador, negociador de processos difíceis no Congresso Nacional, em termos de projetos de lei. Ao final, com a habilidade de S. Ex<sup>a</sup> em negociar – e não digo isso por estar na presença de S. Ex<sup>a</sup> –, os projetos foram votados por consenso. Cito, como exemplo, a LDB, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação; a reforma do Poder Judiciário; o Fundeb e tantos outros projetos.

Então, o Senado, o Congresso e a sociedade têm muito a agradecer ao Senador José Jorge por seu extraordinário trabalho de negociador, articulador. S. Ex<sup>a</sup> conversa, ouve os pontos de vista, e tudo isso converge para projetos que estão beneficiando o nosso País.

Parabéns, Senador José Jorge.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – A Presidência se associa às palavras de V. Ex<sup>a</sup>.

Quero dizer que os Senadores José Jorge e Cristovam Buarque voltam a esta Casa com a grandeza de Rui Barbosa, no passado. Ele se candidatou, foi pela luta democrática. Hoje o País vê a contribuição deles. Esta é a mensagem da Mesa.

Com a palavra o Professor e Senador Cristovam Buarque.

V. Ex<sup>a</sup>, pelo Regimento, dispõe de 20 minutos, mas jamais ousarei diminuir o tempo que for necessário para V. Ex<sup>a</sup> falar ao Brasil.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Eu tentarei não abusar não usando os vinte minutos, Sr. Presidente, Senador Mão Santa.

Sr. Presidente e Srs. Senadores, às vezes, a falta de surpresa é o que nos surpreende. Eu acho fantástico como hoje tivemos uma sessão aqui inteira e me surpreende a falta de surpresa do Senado diante do fato de que o Brasil tem hoje um Presidente comunista. Isso merece que façamos uma pequena reflexão.

O Governo Lula tem alguns simbolismos que não podemos fugir de respeitar. Um simbolismo obviamente é a figura do próprio Presidente, um metalúrgico que vem do Nordeste muito pobre e chega à Presidência da República. Isso é um fato que ninguém imaginava no País, poucos anos atrás. É uma surpresa, uma surpresa extremamente positiva, porque quebra um preconceito característico da nossa sociedade ainda imperial, ainda com uma aristocracia e uma plebe. E vemos um homem que vem lá debaixo e chega a Presidente da República.

Também o fato de termos como Presidente, neste dia de hoje – claro que por algumas poucas horas, digamos –, alguém de uma sigla que ainda mantém o nome “comunista” – e isso é algo que merece uma reflexão. Por um lado, esse simbolismo da quebra do preconceito que existe neste País, de uma maneira tão forte, contra as esquerdas e contra o povo e o trabalhador. Mas, ao mesmo tempo, essa reflexão merece avançar um pouco mais na percepção de que, apesar de terem vindo de onde ninguém imaginava, essas pessoas chegaram sem a mística transformadora.

A verdade é que o Brasil mudou ao aceitar dirigentes que vêm de siglas como essa, da esquerda. Mas, mudaram mais, Senador Mão Santa, os que chegaram ao poder. Por um lado, positivamente, é a mudança de quem se ajusta a uma realidade nova. E a realidade do século XXI não é a realidade do século XIX, quando foram formuladas as principais idéias que caracterizaram o movimento socialista no mundo inteiro.

Houve, sim, algo positivo na adaptação das forças de esquerda à idéia de que podemos ser obrigados a respeitar os limites que a realidade impõe. Uma delas é a realidade ambiental, que não permite aquilo que se sonhava no século XIX: a igualdade plena no consumo. Naquela época, o consumo limitava-se aos bens essenciais, e toda essa parafernália de bens de consumo suntuoso não existia então. No tempo de Marx era perfeitamente possível imaginar a igualdade plena. Hoje não o é. Não é possível todos terem automóvel, porque não cabe nas ruas. O que todos precisam é ter direito a um sistema de transporte público de qualidade, eficiente e confortável. Mudou o conceito, Senador



Flávio Arns, de qual a igualdade que buscamos porque há limites ecológicos que impedem aquele sonho do século XIX.

Por outro lado, também parabenizar a todos das esquerdas – e me incluo entre esses – que conseguimos entender que a economia não se manipula como se deseja, conforme determinações ideológicas. Percebemos – e eu me orgulho de dizer que percebi muito antes de muita gente das esquerdas. No PT, quando defendia os limites que a economia nos impõe, eu era quase crucificado; diziam que isso era posição de direita. Não, a economia tem limites que não se modifica apenas com a vontade política. E insisto que uma das qualidades do Governo Lula nesses quatro anos foi perceber e levar isso adiante.

Agora, acho lamentável e triste que, ao mesmo tempo em que houve esse amadurecimento, se perdeu a capacidade de sonhar, de dizer eu respeito os limites, sejam econômicos, técnicos ou ecológicos. Respeito os limites, mas não abro mão de certos sonhos.

Nossa tarefa, das forças progressistas, das forças de esquerda, é exatamente redesenhar os sonhos, mostrar que os sonhos para o século XXI estão vivos, mas são diferentes dos sonhos do século XIX, dos sonhos do século XX, inclusive. O sonho novo, o sonho de uma esquerda que queira, de fato, trazer uma utopia tem que ser baseado em dois capitais fundamentais do progresso: primeiro, o capital natureza, que a esquerda sempre relegou; segundo, o capital conhecimento. As duas pernas da utopia – e não podemos abrir mão de ter uma utopia se quisermos ser progressistas de esquerda – são o respeito aos limites ecológicos e o aumento, o acúmulo do capital conhecimento. Essas duas pernas estão faltando não só nos discursos, mas na prática também dos partidos de esquerda.

Temos hoje, sem dúvida alguma, e volto a insistir, o simbolismo importante de termos um Presidente metalúrgico e de termos um Presidente comunista, mas temos que lamentar o fato de que esses dois não trouxeram a capacidade de pôr, no imaginário coletivo do Brasil, o sonho de uma utopia possível: a utopia do respeito aos limites ecológicos, da proteção da natureza e o sonho de um acumulado imenso de capital conhecimento a serviço de todos.

A idéia é de que, daqui para adiante, não devemos abrir mão de sonhar com utopia, mas a utopia não é mais a igualdade de consumo nem de renda; a utopia é a igualdade de oportunidades que são asseguradas por uma escola equivalente para todos, sem diferença, coisa que, inclusive, os países desenvolvidos não têm, porque a brecha educacional na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos é muito menor do que no

Brasil, mas ainda é muito grande entre pobres e ricos daqueles países.

Ainda não há uma igualdade no que se refere à educação, ainda não há o comunismo do conhecimento, o comunismo da educação, a igualdade total da educação. Isso é possível! Isso não fere interesses e não exige estatização do capital como se defendia antes; o que se exige hoje é distribuição do conhecimento em vez de estatização do capital. Não exige mais fuzil para fazer revolução, a revolução está no lápis. Não exige mais guerrilheiro, precisa de professor. Não exige mais trincheira nem praça pública, precisa de escola.

Essa revolução da educação, uma doce revolução, Senador Mão Santa, que hoje falou de um escritor piauiense aqui – então, usando essa metáfora poética –, essa doce revolução é possível e não está nos discursos dos últimos meses no Brasil, apesar do imenso avanço simbólico de termos um Presidente metalúrgico e, hoje, um Presidente comunista.

Essa é a dimensão da utopia, Senador Flávio, Senador Suplicy, Senador Eurípedes, que sinto falta não só na prática, mas até mesmo no debate, até mesmo nas idéias do Governo Lula: a libertação de um debate sobre qual o sonho e não sobre se o sonho morreu ou não. O sonho não pode ter morrido; ele pode ter mudado de forma, senão, não se justifica tudo que estamos fazendo aqui.

Fiz questão de vir aqui – já vou conceder um aparte ao Senador Eduardo Suplicy – porque acredito que não podia passar em branco esse fato simbólico de o Brasil ter um Presidente do Partido Comunista. E mais simbólico ainda é o fato de isso não gerar nenhum depoimento; ninguém se assusta, ninguém estranha, inclusive. Isso é uma beleza! Ninguém estranhar esse fato é a maior de todas as belezas.

Agora, estranhar o fato de que esse Presidente não signifique mudança, utopia, sonho, proposta nova, também merece ser lembrado aqui.

Ouçõ o aparte do Senador Eduardo Suplicy.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Agradeço a oportunidade. V. Ex<sup>a</sup> faz muito bem em registrar que, hoje, em virtude da viagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para um compromisso junto à Venezuela, ao Presidente Hugo Chávez, uma viagem breve, e em virtude de o nosso Vice-Presidente, querido José Alencar, estar passando por uma cirurgia nos Estados Unidos da América, está o Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Aldo Rebelo, constitucionalmente exercendo interinamente a Presidência da República. V. Ex<sup>a</sup> bem chama a atenção, afinal de contas, é a primeira vez que um membro histórico do Partido Comunista do Brasil assume a Presidência do Brasil. É um fato de grande relevância, mas também é

um fato de grande relevância aproveitarmos essa oportunidade para homenagear esse Deputado Federal, que, inclusive, foi meu colega na Câmara Municipal de São Paulo, onde exerceu seu primeiro cargo público. Ele também foi Presidente da União Nacional dos Estudantes e, na Câmara dos Deputados, distinguiu-se de tal maneira a conseguir o respeito de todos os partidos. É importante que tenhamos hoje na Presidência da República uma pessoa que tem prestado serviços sérios e relevantes e que se tem distinguido muito na defesa da Câmara dos Deputados e do Congresso Nacional, inclusive em parceria com o Presidente do Senado, Renan Calheiros. Em todos os seus atos, atitudes e decisões, o Presidente Aldo Rebelo tem se saído, felizmente, muito bem. Inclusive, seu nome está sendo seriamente considerado para a hipótese – até porque seu mandato não foi inteiro – de continuar no cargo. Essa decisão cabe à Câmara dos Deputados, mas não será surpreendente sua reeleição, porque, constitucionalmente, nas circunstâncias atuais, em meio à Legislatura, isso é possível. Eu gostaria de formular um convite a V. Ex<sup>a</sup>, que é um dos membros, mas ainda não participou de um congresso – como fiz na semana passada, na cidade do Cabo – da Rede Mundial da Renda Básica ou *Basic Income Earth Network*. E por que razão? Porque V. Ex<sup>a</sup> aqui fala em utopia. Qual o convite que formulo a V. Ex<sup>a</sup>, inclusive como *Co-Chair*, Co-Presidente da BIEN? Que aceite V. Ex<sup>a</sup> o convite, e espero que esteja com boa saúde, uma vez que o professor Philippe Van Parijs resolveu sugerir que o Congresso da BIEN, que se realizará em 2016, seja em Louvain. V. Ex<sup>a</sup> compreenderá o porquê desse convite: será a oportunidade de se comemorarem os 500 anos da obra *Utopia*, de Thomas More, um pensador de enorme influência até o mundo atual. Ele foi um dos formuladores do humanismo moderno e foi consagrado santo pela Igreja Católica por volta de 1935 – João Paulo II, por causa da sua estatura moral e ética, proclamou-o o grande patrono dos políticos e dos governantes no ano 2000. O evento será um estímulo àquilo que V. Ex<sup>a</sup> tão bem gosta de formular, como aqui hoje o fez e faz muito bem, que é a defesa da importância de abraçarmos esta que é, inclusive, uma das metas importantes do próprio Deputado Aldo Rebelo, hoje Presidente da República, uma pessoa que, no PCdoB, sonha e proclama que precisamos caminhar na direção de uma utopia de igualdade de oportunidades, com uma educação de igualdade em tantos aspectos da vida, que possa garantir dignidade e liberdade real às pessoas. Cumprimento-o pela feliz homenagem que faz ao Deputado Aldo Rebelo, hoje Presidente da República do Brasil.

#### O SR. CRISTOVAM BUARQUE (PDT – DF) –

Agradeço o aparte a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Eduardo Suplicy. Quero lembrar que esta é uma homenagem, sem dúvida, mas uma cobrança também; uma cobrança à falta de uma proposta nova, diferente e alternativa do seu partido e em todos nós – não vou me excluir.

Senador Eduardo Suplicy, eu quero dizer-lhe que a utopia não está na renda. Senão, não seria renda mínima, seria renda média. Se fosse para ser igualdade, seria a renda média “igualzinha” que íamos defender para todos, mas penso que não é por aí. Temos de defender, tolerar e entender que a renda não precisa ser igual para que tenhamos a utopia; a renda tem de ser mínima para que todos tenham o essencial. Porém, esse é um passo pequeno. Eu acho que, no lugar da idéia da igualdade, temos de falar na idéia da integração. O que fará os seres humanos viverem em uma utopia – e acho que, se More estivesse vivo, seria por aí, porque, no seu tempo, nem se falava em renda, nem se falava em consumo, nem se falava em economia – é a utopia da liberdade, a utopia da não-necessidade, a utopia do direito ao credo. Hoje, acho que seria a integração; todos os seres humanos integrados, o que atualmente significa estarmos conectados em rede – mas não somente conectados em rede; participantes também do processo de tomada de decisões e do processo cultural, com todos dialogando. Senador Eduardo Suplicy, esta é a utopia: o diálogo geral, através da integração, da conexão e da participação.

Isso exige, sim, uma renda, mas exige, sobretudo – este, sim, é o instrumento revolucionário –, a igualdade de acesso à educação. Essa é a igualdade plena, não é a educação mínima, é a educação máxima.

E é a educação máxima para todos, porque é possível que seja para todos, Senador Mão Santa. Não é possível todos terem automóvel, mas é possível todos terem doutorado. Isso só depende do potencial de cada um; só depende da persistência de cada um. Não há limite físico que impeça a todos de serem plenamente educados e cultos.

Sr. Presidente, agradeço-lhe o tempo que me foi concedido. Eu não poderia deixar de registrar o simbolismo de termos um Presidente metalúrgico que, ao viajar, deixa em seu lugar um Vice-Presidente que é comunista. Ao mesmo tempo, lamento que ambos e talvez muitos de nós também não estejamos levando a sério o que está por trás da idéia de querer ser um político de esquerda, que é transformar em direção a uma utopia. Isso é possível e está ao alcance de nossas mãos, não de um dia para o outro, mas ao longo de anos, e começando agora, já.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Convidamos para fazer uso da palavra o Senador Eduardo Suplicy, do PT de São Paulo. Antes, porém, farei a leitura de um requerimento de autoria de S. Ex<sup>a</sup>, também assinado por outros, inclusive por este Senador.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

**REQUERIMENTO Nº 1.122, DE 2006**

Requeiro, nos termos dos artigos 218 e 219 do Regimento Interno do Senado Federal, a inserção em ata de voto de profundo pesar pelo falecimento do ex-Deputado Federal, João Fassarella, que morreu na madrugada de ontem, solicitando que seja enviada esta manifestação para seus familiares.

**Justificação**

O Secretário-Executivo Adjunto do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, João Domingos Fassarella, estava internado havia 62 dias

no hospital Vera Cruz, em Belo Horizonte e morreu na madrugada desta segunda-feira vítima de um infarto seguido de derrame.

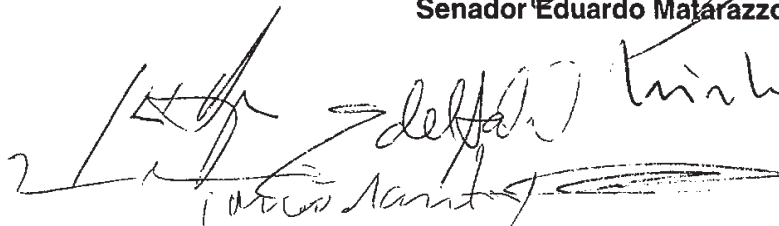
Fassarella foi deputado federal e prefeito de Governador Valadares pelo PT. Militante do antigo Partido Comunista Brasileiro, Fassarella se filiou ao PT em 1984, e se destacou como uma grande liderança comprometida com as políticas sociais.

Conheci Fassarella quando deputado e desejo dar meu testemunho sobre sua integridade, seu comprometimento com a justiça social, com a verdade e com a luta pela melhoria da distribuição de renda. Como prefeito de Governador Valadares trabalhou intensamente com o propósito de melhorar a qualidade de vida da população.

Sociólogo, Fassarella foi professor universitário, deputado federal por dois mandatos e prefeito de Governador Valadares de 2001 a 2004. Ele deixa mulher e cinco filhos. Deverá ser enterrado em Castelinho, no Espírito Santo, sua terra natal.

Sala das Sessões, 13 de novembro de 2006. –

  
Senador Eduardo Matarazzo Suplicy

  
**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)  
– Concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy, autor do requerimento supramencionado.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)  
– Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, em primeiro lugar, quero externar nosso voto de pesar, que é também da Senadora Ideli Salvatti, do Senador Flávio Arns, do Senador Mão Santa, do Senador José Agripino, do Senador Mozarildo Cavalcanti, de todos os presentes que assinaram comigo este requerimento de pesar pelo falecimento do nosso querido ex-Deputado Federal João Domingos Fassarella.

O Secretário-Executivo Adjunto do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome João Domingos Fassarella estava internado há 62 dias no Hospital Vera Cruz, em Belo Horizonte, e morreu na madrugada desta segunda-feira, vítima de um enfarte seguido de derrame.

João Domingos Fassarella foi Deputado Federal e Prefeito de Governador Valadares pelo Partido dos Trabalhadores. Foi militante do antigo Partido Comunista Brasileiro. Filiou-se ao PT em 1984 e destacou-se como uma grande liderança comprometida com as políticas sociais.

Conheci Fassarella quando Deputado e depois também convivi com ele quando foi Prefeito de Governador Valadares.

Desejo dar meu testemunho sobre sua integridade, seu comprometimento com a justiça social, com a verdade e com a luta pela melhoria da distribuição de renda. Como Prefeito de Governador Valadares, trabalhou intensamente com o propósito de melhorar a qualidade de vida da população, instituindo instrumentos como o orçamento participativo e inúmeros programas para promover melhores condições e oportunidades a toda a população, o que o tornou tão querido na sua cidade.

Sociólogo, Fassarella foi Professor universitário, Deputado Federal por dois mandatos e Prefeito de Governador Valadares de 2001 a 2004. Muitos de nós, Senadores, pudemos com ele conviver na Comissão Mista de Orçamento, onde ele trabalhava com extremo denodo e dedicação.

Ele deixa a esposa e cinco filhos.

Será enterrado hoje em Castelinho, no Espírito Santo, sua terra natal.

Prestada esta homenagem ao ex-Deputado João Domingos Fassarella, quero também encaminhar meu abraço ao Ministro Patrus Ananias, que tinha em João Domingos Fassarella um dos seus principais colaboradores.

Quero, agora, tal como hoje fez o Senador Antonio Carlos Magalhães, também expressar minha preocupação e meu apoio ao Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o InCor.

Trata-se de um dos mais modernos hospitais do mundo, especializado no tratamento clínico e cirúrgico de doenças cardíacas. Os programas do InCor são realizados através de áreas-meio, instaladas em 31.500 m<sup>2</sup> de modernas edificações.

O corpo clínico do InCor é integrado pelo quadro de docentes das disciplinas de Cardiologia e Cirurgia Torácica da Faculdade de Medicina da USP de e médicos do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina daquela instituição, contando com os mais modernos recursos da tecnologia médica.

O InCor presta assistência médica de padrão internacional na área de cardiologia à população, atendendo pacientes do Sistema Único de Saúde (82%), além de beneficiários de convênios e seguros médicos (15%) e pacientes particulares (3%).

O InCor mantém o seu corpo clínico e suas equipes multiprofissionais permanentemente atualizados, por meio de intensa atividade de pesquisa, que envolve contínuo intercâmbio com instituições internacionais congêneres, participação ativa em congressos, simpósios e mesas-redondas, além de volumosa e relevante presença em publicações científicas nacionais e internacionais.

O InCor desempenha, ainda, constante atividade de ensino, que beneficia os alunos de 3<sup>o</sup>, 4<sup>o</sup> e 6<sup>o</sup> anos da Faculdade de Medicina da USP. Oferece residência médica nas áreas de cardiologia clínica, cardiologia pediátrica e cirurgia cardiovascular e ainda, de forma pioneira, em enfermagem, psicologia e serviço social médico, além de cursos de especialização em medicina nuclear, métodos diagnósticos não-invasivos, terapia intensiva, anatomia patológica e hemodinâmica. São promovidos, anualmente, mais de 300 programas de ensino e aperfeiçoamento para a equipe multiprofissional.

O InCor é um dos poucos hospitais públicos brasileiros que atingiu e mantém padrões de excelência comparáveis aos dos melhores centros congêneres

do mundo. Esse padrão deve-se ao ousado modelo de gestão implantada a partir da parceria estabelecida, há 20 anos, com a Fundação Zerbini, atual instituição mantenedora.

A decadência financeira da Fundação Zerbini começou no fim da década de 90, com a construção do InCor 2, onde hoje funciona a maioria dos atendimentos de alta complexidade do hospital. Até esse momento, o superávit era de US\$50 milhões.

O segundo ponto de problemas foi a construção do InCor Brasília, em 2004, do qual o InCor São Paulo está em processo de separação jurídica.

Na entrevista concedida ao jornal **O Estado de S. Paulo**, o Prof. Jorge Elias Kalil Filho fala dos problemas que aconteceram com a construção do InCor Brasília e das razões pelas quais o InCor pretende se separar juridicamente do InCor Brasília.

A saúde financeira do InCor foi também sendo minada aos poucos com o repasse do SUS aos procedimentos de alta complexidade, que hoje ficam em torno de 20% em relação aos gastos do hospital.

A cada ano, no InCor, são feitas 5 mil cirurgias, 290 mil consultas, 13 mil internações e 2,5 milhões de exames.

Também foi detonador da crise, de acordo com os diretores do InCor, o fato de o hospital funcionar com “portas abertas” para procedimentos de alta complexidade – qualquer paciente poder ser transferido de outros hospitais sem pré-agendamento.

O Professor Jorge Elias Kalil Filho, Presidente do Conselho Diretor do InCor alertou que, se a Fundação Zerbini, mantenedora do InCor, não for acudida imediatamente, o hospital pode parar. O último sinal vermelho foi o atraso salarial dos funcionários na última quarta-feira. Pela primeira vez na história da instituição, os três mil funcionários não receberam a complementação salarial de cerca de 60% paga pela Fundação – o restante vem do Governo do Estado. O dinheiro foi depositado no dia seguinte, mas o pagamento de encargos trabalhistas foi deixado em aberto.

Ao tomar conhecimento do problema, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, determinou que o Ministério da Fazenda, juntamente com o Ministro da Saúde, Agenor Álvares, encontre, no prazo de 48 horas, solução para o problema financeiro do InCor.

A decisão foi anunciada após reunião realizada entre o Presidente Lula; o Dr. Jorge Elias Kalil Filho; o Dr. David Everson Uip, Diretor Executivo; inclusive com a participação do Presidente da Comissão Científica e de Ética, Dr. Maurício Rocha e Silva, que acompanha, **pari passu**, o que está acontecendo. Também participou da reunião o Ministro da Fazenda, Guido Mantega; além do Ministro da Saúde, Agenor Álvares; e do Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Aldo Rebelo, que hoje, inclusive, está exercendo a Presidência da República.

A ordem foi dada logo depois que a Diretoria do Hospital apresentou um plano de reestruturação da Fundação Zerbini, que hoje acumula uma dívida de R\$250 milhões. O Presidente Lula disse que o InCor não pode ser tratado como uma empresa qualquer, e que eles (os Ministros Guido Mantega, Agenor Álvares e o próprio hoje Presidente da República, Aldo Rebelo) teriam de encontrar uma solução urgente nas próximas 48 horas.

Tenho a convicção de que o Presidente Aldo Rebelo está empenhado nesse sentido, pois essa é uma das preocupações que o Presidente da República em exercício precisa ter, assim como todos nós aqui no Senado Federal.

O InCor, afirmou o Presidente Lula, é um hospital que cuida de pessoas carentes com excelência.

**O Sr. Flávio Arns** (Bloco/PT – PR) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte, Senador Eduardo Suplicy?

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP) – Pois não, Senador Flávio Arns, com muita honra.

**O Sr. Flávio Arns** (Bloco/PT – PR) – Senador Eduardo Suplicy, gostaria de me associar às palavras de V. Ex<sup>a</sup> em relação ao pensamento, à busca de solução que os vários Ministérios devem ter em relação ao InCor, que é uma referência, um patrimônio. Lembramos do InCor sempre com orgulho, com satisfação. Uma solução tem que ser encontrada. O problema, porém, é bem mais profundo. Na semana passada mesmo, discutimos aqui em Brasília as necessidades do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, que passa por problemas também extraordinários. Se examinarmos as Santas Casas do Brasil, os hospitais filantrópicos, de ensino, públicos, verificaremos que todos vêm passando por grandes dificuldades. Com isso, não quero dizer que o InCor não deve receber atenção; deve e merece receber, e o Brasil precisa dele. Esse hospital atende toda a população, seja economicamente carente ou não. Mas temos de discutir a situação dos hospitais, a crise que envolve os hospitais, o financiamento, os recursos destinados a eles. Há inclusive um projeto de lei de autoria da Senadora Heloísa Helena em tramitação na Comissão de Assuntos Sociais. Sou o Relator desse projeto, que envolve o direcionamento de recursos, particularmente, para os hospitais de ensino, os hospitais públicos e os hospitais filantrópicos. Será realizada uma audiência. Há uma crise generalizada, Senador e amigo Eduardo Suplicy. Chegamos a um ponto no Brasil em que as tabelas precisam ser revistas, bem como os recursos e as formas de gerenciamento, de administração, como o InCor reconhece bem. Todo esse conjunto de variáveis tem de ser aprofundado a fim de encontrar os caminhos necessários para garantir a segurança em saúde para a população, e principalmente o dinheiro, os recursos que devem ser direcionados, em função do artigo constitucional que prevê, nos Estados, Municípios e no Governo Federal, verba para essa área. Isso sem desmerecer a necessidade, enfatizo, do InCor. Mas essa é uma discussão mais ampla. Se V. Ex<sup>a</sup> me permite, como o início da fala de V. Ex<sup>a</sup> foi sobre o ex-Deputado Fassarella, gostaria também de dizer da

grande pessoa que ele foi, sempre educado, atencioso, preocupado com as questões sociais, com o bem-estar, com a dignidade do ser humano. Tive a oportunidade de ser seu colega na Câmara dos Deputados, onde sempre foi referência, e, mais recentemente, no Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, atendendo a todos com disposição, com abertura, com diálogo. Seu falecimento nos deixa consternados; por outro lado, todos nos lembraremos dele como uma grande pessoa, uma referência, um cidadão extraordinário, e que seu exemplo continue a nos orientar. Ele teve um problema cardíaco, estava há meses hospitalizado na UTI, e não conseguiu retirar os equipamentos para a respiração porque o coração já estava bastante fraco. Portanto, eu me associo à homenagem de V. Ex<sup>a</sup>. Também já assinei o documento e digo a todo o Brasil que esse, sem dúvida alguma, foi um Parlamentar extraordinário, um cidadão sem reparos, uma referência e um exemplo que deve orientar, no presente e no futuro, a todos nós. Obrigado.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP) – Muito obrigado, Senador Flávio Arns. V. Ex<sup>a</sup> é testemunha de como João Domingos Fassarella foi um exemplo, uma luz, inclusive para todos os municípios de Governador Valadares, para os mineiros e para nós, brasileiros que pudemos com ele conviver no Congresso Nacional, vendo seu exemplo de seriedade, dedicação e trabalho intenso. Recentemente, cooperou com o Ministro Patrus Ananias, como Secretário Adjunto do Ministério do Desenvolvimento Social, abraçando as causas de superação da pobreza absoluta, da fome, visando a dignidade e a liberdade de todos os brasileiros, que é o propósito do Ministro.

Agradeço também as palavras de V. Ex<sup>a</sup> sobre a problemática da saúde pública no Brasil.

Avalio, Sr. Presidente, que será interessante ouvirmos, na Comissão de Assuntos Sociais, nos próximos dias, os Diretores do InCor, em especial o Dr. Jorge Elias Kalil Filho; o Dr. Maurício Rocha e Silva, Presidente da Comissão Científica e de Ética; e o Diretor Executivo, David Everson Uip, que poderão nos trazer um diagnóstico mais completo da problemática que vive o InCor, bem como a solução proposta hoje, ou amanhã, tanto pelo Ministro Agenor Álvares como pelo Ministro Guido Mantega, o que possivelmente deverá ter o respaldo do Congresso Nacional, daí a relevância de participarmos também dessa decisão.

Nesta hora, é importante que o Governador de São Paulo, Cláudio Lembo; o Governador eleito, José Serra; o Ministro da Saúde; e o Presidente Lula e todos nós estarmos apoiando essa instituição da qual somos pessoalmente beneficiários.

Tanto o Presidente Lula quanto inúmeros Senadores e eu próprio fomos atendidos no InCor. Sempre que qualquer emergência se faz necessária, os Senadores têm a possibilidade de serem atendidos. Em casos de emergência, muitas vezes são transferidos de onde estiverem, no Brasil ou no mundo, para as instalações do InCor, cujo corpo médico e instalações são referência mundial.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Senador Eduardo Suplicy, a Presidência encaminhará o voto de pesar solicitado por V. Ex<sup>a</sup> pelo falecimento do ex-Deputado Federal João Fassarella.

Senador Eduardo Suplicy, a preocupação de V. Ex<sup>a</sup> é justa quanto ao InCor. Realmente, o InCor é o orgulho da Medicina brasileira. Certa vez, acompanhado do Senador Tião Viana, do seu Partido, fiquei orgulhoso daquele hospital quando, em visita, vi vários médicos residentes, estagiários não do Brasil, mas de países de primeiro mundo, inclusive do Canadá.

Esse problema de saúde, como bem salientou o Senador Flávio Arns, não é só do InCor, é do Brasil. Hoje, estão em greve os médicos residentes. Os médicos residentes são a estrutura fundamental que faz funcionar todos os grandes hospitais.

V. Ex<sup>a</sup>, que é um dos brasileiros que gozam de maior prestígio neste País e que está, sem dúvida alguma, entre os dez brasileiros que mais tiveram votos na história do Brasil, poderia se juntar ao Senador Tião Viana, que, na última solenidade, se comprometeu a fazer pleito perante os Ministros da Educação e da Saúde para resolver o problema dos médicos residentes, que, em greve, vão agravar, em muito, não só o funcionamento do InCor, mas de toda a medicina de “resolutividade” neste País.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP)

– Estaremos apoiando também a solução para os médicos residentes, Sr. Presidente.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Com a palavra, o Senador Valdir Raupp, do PMDB de Rondônia.

Prorrogo esta sessão, que deveria ser encerrada agora, por mais 15 minutos, tempo necessário para o pronunciamento do Senador Valdir Raupp.

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB – RO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Sr. Presidente Mão Santa.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Brasil continua a lidar com uma crise profunda de falta de investimentos em infra-estrutura, o que compromete seriamente a retomada do seu desenvolvimento econômico-social e a sua capacidade de competir no mercado internacional. Portos, rodovias, ferrovias, hidrovias, aeroportos, transportes de massas, avião e investimentos ligados ao escoamento da produção necessitam de imediata modernização para poder ajustar a nossa economia às constantes exigências impostas pelo avanço da globalização.

Da mesma forma, precisamos construir novas estradas, novas penitenciárias, novas hidrelétricas, novas redes de saneamento básico e outras grandes obras

que o Poder Público não consegue executar por falta de capacidade financeira e até de condições técnicas e administrativas.

Lamentavelmente, para enfrentar esses enormes desafios, o orçamento do Governo Federal dispõe, para este ano, de R\$11 bilhões quando seriam necessários, no mínimo, R\$50 bilhões para iniciar o processo de recuperação de nossa combatida infra-estrutura nacional. Mesmo com a pesada carga tributária, que alcança cerca de 38% do Produto Interno Bruto, PIB, a capacidade de investimento do Governo é muito limitada. Boa parte dos recursos arrecadados é usada para o pagamento de juros e serviços da dívida pública.

Segundo estudo recente feitos pelo Banco Mundial (Bird), os países latino-americanos precisariam gastar, em média, de 4% a 6% do PIB em infra-estrutura, ou seja, duplicar ou até triplicar os investimentos atuais durante os próximos dez anos, para alcançar um nível semelhante ao dos países asiáticos emergentes. Por sua vez, de acordo com as previsões feitas pela Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústrias de Base – Abdib, o Brasil necessita de investimentos anuais em infra-estrutura de mais de US\$20 bilhões. Grosso modo, seriam US\$6,3 bilhões em energia elétrica, US\$7,6 bilhões em petróleo e gás, US\$3,3 bilhões em transportes e US\$3,2 bilhões em saneamento básico.

Como podemos observar, para um País que precisa criar anualmente milhares de empregos e gerar receitas cada vez mais volumosas, essa realidade já deveria ter sido enfrentada com mais vontade política, com mais eficiência e com mais rapidez. Todavia, a solução desses imensos problemas ainda não foi encarada com o devido esmero. Por isso, as iniciativas existentes têm caminhado a passos lentos, e diversos projetos fundamentais dormem nas gavetas dos órgãos públicos.

Por fim, a complicada burocracia impede que o Governo estabeleça as suas metas. O próprio Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Dr. Paulo Bernardo, ao fazer um balanço das atividades da sua Pasta em 2005, reconheceu que boa parte dos planos do Governo, sobretudo os contratos de parceria com o setor privado, não foi implementada.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, há dois anos, no apagar das luzes de 2004, o Governo Federal, impulsionado por diversos governos estaduais, notadamente os de São Paulo e Minas Gerais, tomou iniciativa de lançar o projeto das Parcerias Público-Privadas, de que tive a honra de ser o Relator, com vistas a superar as graves deficiências em matéria de infra-estrutura que acabei de enumerar. Por sua vez, no dia 30 de dezembro daquele ano, o Congresso Na-

cional, ao reconhecer a importância da idéia, outorgou à sociedade brasileira a Lei nº 11.079, um importante instrumento legal destinado a estimular o desenvolvimento econômico e social do nosso País.

Convém destacar que as PPPs surgiram na Grã-Bretanha, durante o período de governo liderado pela Primeira-Ministra Margaret Thatcher, conhecida como a Dama de Ferro. A partir daí, o debate foi ganhando espaço em nosso País, motivado, sobretudo, pelo esgotamento de nossa capacidade em gerar níveis razoáveis de capitais para investimentos em infra-estrutura, pelo baixo crescimento do PIB; pela redefinição do papel do Estado na economia; pelas novas exigências de competitividade no mundo globalizado; pelos onerosos compromissos que tivemos de assumir com o Fundo Monetário Internacional (FMI); pelas diversas crises econômicas internacionais, que abalaram gravemente nossa economia; pelo modelo de política econômica que fomos obrigados a adotar para equilibrar as contas internas e as nossas transações internacionais.

Indiscutivelmente, Sr. Presidente, em face das dificuldades do Estado, que não dispõe sozinho dos vultosos recursos para tocar as grandes obras que o País pede, a parceria com a iniciativa privada aparece como caminho para viabilizar inúmeros projetos estruturais. Esses, por sua vez, são os grandes canais de geração de riquezas, de distribuição de renda e da abertura de incontáveis frentes de trabalho em todo o território nacional. No entanto, considerando a lentidão das instâncias formais em autorizar os contratos com os setores privados, a rígida política de contenção de gastos públicos, as complicações burocráticas que emperram as decisões, as dimensões da crise institucional e a desaceleração do dinamismo em setores-chave da economia, as parcerias público-privadas – PPPs – continuarão a enfrentar, pelo menos até o final de março de 2007, um período de pouco dinamismo.

Porém, de uma coisa não podemos nos esquecer: a economia brasileira não tem mais condições de suportar o adiamento de obras vitais para a retomada do crescimento econômico. As estradas, os portos, as ferrovias, as hidrovias, as usinas de geração de energia elétrica, os gasodutos, os canais e tantos outros empreendimentos precisam ser construídos ou ampliados, reformados ou reconstruídos, modernizados. Não é de hoje que temos conhecimento do lastimável estado em que se encontra a nossa malha rodoviária, da decadência dos nossos portos, da inviabilidade das nossas ferrovias e da grande vulnerabilidade do nosso sistema energético, que pode, em futuro próximo, deixar o País na maior escuridão de sua história, se não forem construídas imediatamente as hidrelétri-

cas, os gasodutos, aproveitando-se as potencialidades nacionais.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, desde a promulgação da Lei nº 1.079, de 2004, as PPPs estão envolvidas por diversos problemas. O primeiro deles continua sendo de natureza financeira. Muitas dúvidas ainda permanecem sobre as garantias anunciadas pelo fundo garantidor, lastreado por ações de 15 empresas, estatais e privadas, em poder da União.

Esse instrumento foi regulamentado pelo Presidente Lula, no final do ano passado, para assegurar os compromissos com os investidores, caso os contratos não possam ser honrados com os recursos do orçamento.

Segundo o Governo, o valor do fundo poderá chegar a R\$6 bilhões. Contudo, a questão mais delicada a ser respondida abrange as ações que variam no dia-a-dia, o que certamente gera um clima de tranquilidade entre os investidores privados.

Dessa forma, a pergunta mais importante que permanece no ar é a seguinte: se o Governo deixar de honrar algum pagamento, quais razões o levariam a autorizar o fundo a cobrir o débito sem maiores problemas? Caso isso aconteça, há outro temor: o de que as obrigações não cumpridas pelo Estado acabem em precatórios ou em decisões que poderiam arrastar-se por anos.

Finalmente, existem ainda os entraves de ordem política e os entraves jurídicos que dificultam o andamento rápido das PPPs. No primeiro caso, é preciso considerar que as autoridades brasileiras ainda não definiram claramente os direitos e deveres do concessionário. No segundo, os problemas de natureza jurídica são incontáveis e evidentes. Por exemplo, de acordo com a opinião de especialistas, a Lei 11.079/2004 confere, em pelo menos nove artigos, o poder centralizador do Governo Federal.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, apesar dos inúmeros obstáculos que acabei de apresentar e que estão dificultando a assinatura de inúmeros contratos essenciais de PPPs, diversos setores empresariais de relevo e o próprio Governo têm demonstrado interesse em apressar a formalização dessas associações para tocar alguns projetos de grande significado nacional.

Por exemplo, já estão bastante adiantadas as negociações para viabilizar em curto prazo, antes mesmo do término do primeiro mandato do Presidente Lula, o primeiro protocolo de Parceria Público Privada. Segundo a imprensa, o Governo já colocou em consulta pública o edital para recuperação da BR-116 e da BR-324. Espera-se que, até o final de dezembro próximo, as autoridades que respondem pelo assunto divulguem o documento final, que deverá instruir de maneira formal

os interessados privados em tocar os empreendimentos em parceria. Na opinião dos técnicos do Governo, essa primeira PPP tem como objetivo principal a recuperação de 638 quilômetros de estrada.

Já é um alento, Sr. Presidente, que as PPPs estejam saindo do papel.

Os trabalhos deverão começar na divisa de Minas Gerais com a Bahia e serão concluídos em Salvador. O TCU aprovou os empreendimentos. Segundo fontes governamentais, essa extensão é responsável pelo escoamento de 75% da produção daquele Estado nordestino.

Sr. Presidente, antes de concluir o meu pronunciamento, gostaria de lembrar...

**O Sr. Leomar Quintanilha** (PCdoB – TO) – Senador Valdir Raupp, antes de concluir o pronunciamento, V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB – RO) – Com muito prazer, daqui a alguns segundos, concederei a palavra a V. Ex<sup>a</sup>.

As PPPs ainda se apresentam como a melhor alternativa para gerar investimento sem aumentar o endividamento do País, para proporcionar lucros aos empreendedores, para criar renda e para facilitar a abertura de novos postos de trabalho em todo o território nacional. Por tais motivos, de indiscutível crédito, agentes públicos e empresários precisam desenvolver em conjunto grandes esforços em benefício do Brasil, aliás, Sr. Presidente, isso felizmente já está acontecendo apesar das barreiras que acabei de relacionar.

Com muito prazer, concedo o aparte a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Leomar Quintanilha.

**O Sr. Leomar Quintanilha** (PCdoB – TO) – Senador Raupp, apesar dos obstáculos, das dificuldades elencadas por V. Ex<sup>a</sup> no que diz respeito à implantação das PPPs, elas se revelam como uma das grandes alternativas que o País tem para vencer as dificuldades de recursos para tocar as suas obras estruturais. V. Ex<sup>a</sup> lembrou bem as rodovias brasileiras, grande patrimônio do País, que precisam de um programa eficaz para sua recuperação. Do mesmo modo, é importante pensarmos na mudança da matriz de transporte deste País de dimensão continental, que ainda privilegia a modal rodoviária, tendo alternativas extremamente viáveis – cito as hidrovias que cortam o eixo do País no Centro-Norte – como as hidrovias do Araguaia e do Tocantins, como a Ferrovias Norte-Sul, que podem, efetivamente, mudar o cenário econômico deste País. Além disso, as PPPs também poderão ser alternativas para a implementação da busca de energia alternativa de que o País precisa e que poderá oferecer inclusive a outros países, não só internamente, nas questões ainda incipientes no País, com o aproveitamento do

potencial eólico, do potencial fotovoltaico, mas sobretudo no que está virando moda, e o País sai na frente, com relação à energia alternativa originária das biomassas, como etanol, metanol, o álcool combustível, e sobretudo com o biodiesel e o Hbio. Estou seguro de que as PPPs haverão de ser alternativas viáveis que contribuirão muito para ampliar esses programas que vão certamente alterar a fisionomia social e econômica do Brasil, melhorar inclusive o controle dos gases poluentes, reduzindo...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Leomar Quintanilha** (PCdoB – TO) – ... sobre o modo a poluição da atmosfera. Eu continuo acreditando que nós temos de avançar. O país que consolida a sua democracia tem de avançar nessas questões e eliminar essas dificuldades burocráticas, para estabelecer um ritmo de crescimento e de desenvolvimento compatível com a expectativa do valoroso povo brasileiro.

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB – RO) – Muito obrigado, Senador Leomar. Seu aparte será incorporado ao meu pronunciamento.

Concedo o aparte ao nobre Senador Romeu Tuma.

**O Sr. Romeu Tuma** (PFL – SP) – Senador Valdir Raupp, V. Ex<sup>a</sup> é o Relator do Orçamento, então sente o cheiro. V. Ex<sup>a</sup> vem à tribuna para falar algo que é uma expectativa geral daqueles que têm interesse; por tudo aquilo que V. Ex<sup>a</sup> falou, Senador Leomar, que é a infra-estrutura, eu somaria a falta da infra-estrutura que o País tem. É claro que a prioridade hoje são as estradas. Quem costuma trafegar por essas estradas sente a grande dificuldade, o prejuízo econômico que o país tem e principalmente as transportadoras, bem como a vantagem que os assaltantes de carga têm tido em função dessas dificuldades. As PPPs foram votadas aqui numa ânsia do Governo, que acho que agiu bem: trouxe, discutiu e procurou fazer com que elas fossem rapidamente aprovadas. Enfrentou obstáculos, e V. Ex<sup>a</sup> sabe disso. Aprovadas, há um problema: quando vai se pôr o projeto em execução. Então, se V. Ex<sup>a</sup> está lá no Orçamento – e eu torço para que V. Ex<sup>a</sup> tenha sucesso, pois eu vejo as suas dificuldades – e está abordando o assunto é porque já tem fumacinha saindo por aí. Eu acho importantíssimas as PPPs. Dou o exemplo, em São Paulo, da segunda pista da via Imigrantes, em que o Estado não pôs um tostão, nada; foram as empreiteiras que construíram. Ecologicamente perfeita, é uma estrada com uma vista maravilhosa. De ponta a ponta, foi praticamente fruto de um acordo com o Governo, que não pôs recursos. Claro que há o pedágio. Adib Jatene, nosso médico, disse que ia escrever – penso que escreveu – um arti-



go sobre a importância da estrada pedagiada. Ele teve uma capotagem grave, sua esposa ficou presa dentro do veículo, e em cinco minutos chegou o socorro, que, por meio das televisões da estrada, detectou o acidente e chegou prontamente e liberou sua esposa. Ele acabou elogiando a estrada pedagiada. Sabemos que o Governo não tem dinheiro para investir maciçamente na infra-estrutura, daí a importância dessa parceria. Eu vi, na entrega de prêmios aos principais empresários brasileiros esta semana, com a presença do Presidente Lula, do Governador de São Paulo, do Prefeito, o entusiasmo em tentar se produzir algo em benefício do País dentro das PPPs. Elas vão criar emprego pra chuchu! Parabéns, Senador.

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB – RO) – Obrigado, nobre Senador Romeu Tuma, pelo seu aparte. Incorporo essa contribuição ao meu pronunciamento.

Penso que o alento no Orçamento de 2007, de que sou Relator, são os R\$49 bilhões que as estatais possuem para investimentos. Os maiores investimentos do Brasil vão estar nas estatais: Petrobras, Sistema Elétrico Brasileiro. Enfim, as estatais estão com os caixas um pouco mais folgados do que o restante do Governo.

Eu pediria, Sr. Presidente, se possível, mais uns dois ou três minutinhos para concluir.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI.) – V. Ex<sup>a</sup> terá uma tolerância, porque os dois Senadores que o apartearam vão fazer seus pronunciamentos. Vamos aplicar...

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB – RO) – V. Ex<sup>a</sup> é que tem o coração do tamanho do Estado do Piauí ou maior, talvez do tamanho do nosso Brasil.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Justamente por isso eu não poderia faltar com o Senador Leomar Quintanilha, que roubou uma mulher do Piauí para ser feliz e, com certeza, foi com a força dela que ele chegou aqui. E o Tuma, que é da grandeza de São Paulo.

V. Ex<sup>a</sup> pode usar, tranqüilamente, mais três minutos.

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB – RO) – Muito obrigado, será o suficiente para concluir.

Assim, a exemplo da União e dos Estados que estão procurando superar as suas dificuldades, diversas prefeituras também estão motivadas com a idéia e já colocaram as PPPs como uma das maiores prioridades em suas agendas. Entre essas administrações, podemos citar, por exemplo, a de São Paulo, que está prestes a formalizar a questão com a aprovação, pela Câmara de Vereadores, de uma lei específica; a Prefeitura de Belo Horizonte, que teve a sua lei aprovada

em janeiro de 2005; e Porto Alegre, que também definiu as suas regras em setembro do ano passado.

Por outro lado, no Estado de São Paulo, no Guarujá, podemos citar projetos como a construção de um retroporto, que facilitará a transferência das mercadorias dos caminhões até os navios. No Município de Rio Claro, temos o projeto de ampliação e operação do sistema de esgoto, obra que deverá consumir cerca de R\$67 milhões. As empresas que vencerem a licitação que está em andamento poderão operar o sistema de esgoto por 30 anos e ampliar a rede. Em Ribeirão Preto, está sendo discutida a participação da iniciativa privada na construção do parque tecnológico. O projeto prevê a instalação de empresas, instituições e faculdades voltadas para a inovação tecnológica em um espaço de um milhão de metros quadrados.

São obras que exigem pesados sacrifícios financeiros aos cofres municipais e, por isso, necessitam da parceria com a iniciativa privada para serem iniciadas, porque, como já disse, o setor público não tem como arcar com os elevados custos desses investimentos.

Por fim, é igualmente importante destacar que as PPPs poderão proporcionar sugestivas oportunidades às pequenas e médias empresas sobretudo nos municípios, onde os investimentos são de pequeno e médio porte e não demandam grandes volumes de recursos.

Sr. Presidente, por fim, quero manifestar minha satisfação de dizer que, na última semana, foram realizadas várias audiências públicas no meu Estado de Rondônia, visando ao licenciamento ambiental para a construção das usinas do Madeira, obras essas que vão investir mais de R\$20 bilhões e criar em torno de 30 mil empregos, gerando energia também para exportar para outras regiões, consolidando o crescimento econômico do nosso País.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra ao Senador Leomar Quintanilha, do Estado do Tocantins, por cinco minutos e, em seguida, ao Senador Romeu Tuma, também por cinco minutos.

**O SR. LEOMAR QUINTANILHA** (PCdoB – TO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eminente Senador Mão Santa, que dirige os trabalhos desta Casa nesta tarde, Srs. Senadores, Senador Romeu Tuma, desde o final da tarde de ontem, dia 12 de novembro, o Brasil tem no exercício interino da Presidência da República o Presidente da Câmara dos Deputados, Aldo Rebelo, uma das mais destacadas lideranças do Partido Comunista do Brasil.

O fato é inédito na história do Brasil e na história da América do Sul: um comunista na chefia do Governo Federal.

A transmissão do cargo pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva representa mais do que um ato formal de respeito à Constituição, diante do impedimento do Vice-Presidente José Alencar, em viagem aos Estados Unidos para tratamento de saúde.

Como afirmou o próprio Deputado Aldo Rebelo: “as lutas e a dedicação de muitas gerações de brasileiros para conquistar a democracia e a liberdade, possibilitaram chegar a um momento como este. E hoje pode alguém do Partido Comunista, mesmo que momentaneamente, chegar à Presidência da República num momento de normalidade, de tolerância, de respeito e de convivência democrática”.

A presença de Aldo Rebelo na Presidência da República é resultado da contribuição que o PCdoB, em 84 anos de militância, deu para garantir aos brasileiros um País soberano, democrático e socialmente justo. É sintomático que a posse interina de Aldo Rebelo na Presidência aconteça exatamente no instante em que o PCdoB e outras legendas estejam na iminência de ter a sua atuação parlamentar prejudicada por não terem conquistado, cada uma, 5% dos votos na Câmara Federal no último pleito.

É a questão da Cláusula de Barreira, Sr. Presidente, ainda no nosso entendimento, uma lei inconsistente, que não representa a vontade do povo e que não tem amparo constitucional. O Supremo haverá de manifestar-se sobre a sua constitucionalidade.

Nas eleições de outubro, o PCdoB disputou o Governo do Tocantins e teve candidaturas a Vice-Governador em Estados como o Rio Grande do Sul, São Paulo e Piauí. Alcançou 1,98 milhão de votos para a Câmara dos Deputados (2,13% do total nacional) e 6,4 milhões de votos (7,5% do total) para o Senado. Elegeu o Vice-Governador do Piauí e o Deputado cearense Inácio Arruda para o Senado Federal. Na Câmara, a Bancada será ampliada de 12 para 13 Deputados na próxima legislatura. São do PCdoB cerca de duas dezenas de Deputados Estaduais e quase trezentos Vereadores.

O Partido conta ainda com 12 Prefeitos e está organizado em quase 1,4 mil Municípios e nos 27 Estados da Federação.

Embora a Legenda tenha melhorado o seu desempenho eleitoral em relação ao pleito anterior, esse esforço ainda não foi suficiente para superar o obstáculo da cláusula de barreira. Em razão disso, milhões de eleitores, que confiaram o seu voto ao PCdoB, vêem agora a sua representação ameaçada diante de uma imposição legal.

No Governo do Presidente Lula, o PCdoB desempenha papel destacado na administração pública Federal. Além de comandar a Câmara dos Deputados com o próprio Aldo Rebelo, coube ao Partido a Pasta do Esporte, atualmente exercida pelo Ministro Orlando Silva, com muita competência, diga-se de passagem, depois do ex-Ministro Agnelo Queiroz, que também trabalhou com muita eficácia. Isso sem contar com inúmeros outros cargos e funções relevantes em outros Ministérios como o da Cultura, o da Ciência e Tecnologia e o das Cidades.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o dia de hoje é de alegria para o PCdoB; o Partido vive um momento singular de sua longa história democrática. Um alagoano, de Viçosa, filho de um vaqueiro e de uma professora primária, líder do movimento estudantil, Deputado Federal por São Paulo, dirigente destacado do PCdoB, encontra-se no exercício da Presidência da República. O dia de hoje é histórico não só para o PCdoB, mas para a democracia brasileira.

É com particular agrado, Sr. Presidente, que faço este registro.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Fazemos nossas as palavras do Senador Leomar Quintanilha.

Alagoas é boa de Presidente. Começou com Deodoro, Floriano, Collor e agora o Presidente do PCdoB.

**O SR. LEOMAR QUINTANILHA** (PCdoB – TO) – Alagoas tem hoje o Presidente da República, o Presidente da Câmara e o Presidente do Senado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – E conquistou este extraordinário Líder, que é o Leomar Quintanilha, para esse Partido, uma grande conquista.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra, para encerrar a sessão, ao Senador Romeu Tuma, por São Paulo. Como está escrito, os últimos serão os primeiros. Ele é sempre o primeiro na ética; ele é o símbolo maior dessa instituição, que é a Polícia Federal no nosso País; ele é o símbolo da ética na política no Brasil.

Tem a palavra V. Ex<sup>a</sup>, Senador Romeu Tuma.

**O SR. ROMEU TUMA** (PFL – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr. Presidente. Ainda ontem citei, com muita emoção, o nome de V. Ex<sup>a</sup>, pelo seu comportamento, por sua luta frente às divisões do PMDB, porque tenho um filho, Deputado Estadual, que faz parte do seu Partido e me convidou para participar da convenção ontem. Não tive nenhuma dificuldade de falar sobre a

sua postura e como eu via o PMDB que V. Ex<sup>a</sup> deseja historicamente, desde o MDB.

Quero cumprimentar o Senador Leomar Quintanilha, para que leve o nosso abraço ao Deputado Aldo Rebelo, porque também o PCdoB é uma divisão do PCB, que surgiu no passado. São sempre essas lutas intestinas que fazem com que os partidos, às vezes, dividam-se, mas sempre Aldo Rebelo, para mim, foi um homem ético, correto, respeitoso com as pessoas. Conheço-o bem por ligações que tem com o meu irmão, que faz parte de entidades internacionais. Então eu pediria a V. Ex<sup>a</sup> que o cumprimentasse para que, novamente, quando assumir, seja mais longa a sua permanência; não que eu queira que o Presidente se ausente, porque, de vez quando, viaja. Eu gostaria muito que o José Alencar voltasse rapidamente curado da doença que fez com que ele tivesse que ser novamente operado. É um homem que conosco conviveu, sempre educado e delicado. Conversei com ele, na semana passada, da mesma forma como era quando estava nesta Casa conosco, com a mesma delicadeza e simpatia. Estamos orando para que ele volte. Tenho certeza de que Aldo Rebelo, dentro da sua postura, não trará nenhuma dificuldade ao Presidente Lula neste período em que estará à frente da Presidência, ainda mais tendo um representante como V. Ex<sup>a</sup> entre nós. Deus ajude que dê tudo certo.

Sr. Presidente, peço um minuto, porque eu sei que V. Ex<sup>a</sup>, o Senador Flávio Arns, Eduardo Suplicy falaram sobre o InCor. Eu tenho uma ligação muito forte com o InCor. O InCor, em tese, ainda não existia com a Fundação Zerbini. Era um departamento da Escola de Medicina da USP. Lá funcionava, à época em que conheci, e várias vezes fui lá, como amigo, o Dr. Fúlvio Pileggi, que foi um dos primeiros a presidir administrativamente o InCor com a sua Fundação.

Eu era policial ainda novo, quando foi feito o primeiro transplante pelo Professor Zerbini. Havia necessidade de montar uma enorme segurança e, como estava no departamento, fui escalado para colaborar com a segurança e fiz uma amizade muito grande com esses médicos.

Vejo que há praticamente dois anos a situação econômica vem degringolando. É claro que a Fundação sempre teve um saldo altamente positivo para atender a melhora no tratamento, com dedicação exclusiva dos médicos e o aprimoramento das pesquisas. Trata-se de um centro de ponta. V. Ex<sup>a</sup> sabe muito melhor do que eu o que produz o InCor frente aos congressos internacionais.

O nosso colega Senador foi presidente do conselho, e o nosso querido Mário Covas também foi paciente, tendo feito cirurgia e tratamento lá, e pediu que a Fundação cedesse o seu dinheiro e retirasse um empréstimo no BNDES para construir o prédio dois. Isso foi feito com o compromisso de que o Governo reassumiria essa dívida, o que não aconteceu até hoje. A dívida é de R\$250 milhões, conforme declarações dadas pelo diretor atual, um infectologista, com a presença do Presidente Lula e dos dois ministros, em busca de uma solução. Eu gostaria que essa solução fosse rapidamente encontrada.

O Sabino, que trabalhou conosco aqui, foi Diretor-Geral da Câmara, trabalhou comigo na Primeira Secretaria, hoje está dirigindo a Fundação Zerbini para tentar recuperar algumas coisas que se deterioraram ao longo tempo. Aqueles conselhos e empresários que sempre colaboraram começaram a desaparecer.

Sou cliente do InCor e vou lá toda semana não só por necessidade, mas muito mais porque sou amigo dos médicos e fico encantado com algumas pesquisas que fazem por lá. Nós que temos filho médico acabamos pegando o vírus.

O Governo tem toda razão. Espero que o Presidente Lula, dentro do seu compromisso assumido publicamente, nas próximas 24 horas – foram dadas 48 horas e já se passaram quase 24 horas –, tenhamos, em breve, uma solução eficaz porque não havia dinheiro para pagar o salário dos médicos. Tiveram de se virar. A universidade ajudou um pouco, mas a Fundação não tinha mais dinheiro para pagar o salário dos médicos. Assim, foi um mês difícil para a Fundação e para o InCor.

Eu e a Roseana Sarney fomos os primeiros pacientes a ocupar quarto no prédio dois. Eu, operado de um infarto; e ela, por um problema grave de intestino, pelo qual sofreu muito. Rezávamos juntos pelos corredores do prédio dois do InCor. Por isso, temos uma afeição especial por ele.

Sr. Presidente, tenho certeza, e V. Ex<sup>a</sup>, como médico, declarou desta tribuna ou da Presidência a sua expectativa, de que serão realmente cumpridos todos os compromissos para que o InCor não perca a sua qualidade de ponta, ele que tão bem representa o País em vários congressos internacionais.

Muito obrigado, Sr. Presidente. Peço desculpas a V. Ex<sup>a</sup> por ter abusado. V. Ex<sup>a</sup> ia encerrar a sessão e me deu esta oportunidade.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)  
– Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

**REQUERIMENTO N.º 1123, DE 2006**

Requeiro, nos termos regimentais, seja aprovado voto de pesar pelo falecimento do **Senhor Kazuo Sakamoto** aos 55 anos de idade, ocorrido na madrugada de domingo último no Hospital Sírio e Libanês, na cidade de São Paulo. Requeiro também que o voto de pesar seja levado ao conhecimento da família do falecido.

**JUSTIFICAÇÃO**

Nascido em 20 de junho de 1951 na cidade de Mirandópolis, Estado de São Paulo, dizia-se paranaense "de coração". Muito jovem mudou-se para Curitiba, onde cursou a Academia da Polícia Militar, tendo saído no posto de Capitão da PM.

Bacharelou-se em Administração de Empresas e Pós-Graduado em Planejamento Governamental e Mudanças Organizacionais, pela Faculdade de Administração e Economia da PUC de Curitiba. Em 1982, ingressou no Detran do Paraná, onde exerceu os cargos de Assessor de Planejamento, Coordenador Administrativo e Financeiro e de Chefe de Gabinete do Diretor Geral.

Exerceu, a partir de 1986, o cargo de Diretor de Controle e Registro do Departamento Nacional de Trânsito-DENATRAN, em Brasília, com função de Conselheiro no CONTRAN-Conselho Nacional de Trânsito, atuando no desenvolvimento e na implantação do DUT-Documento Único de Trânsito. Participou ativamente da Comissão Especial elaboradora do Anteprojeto do Código de Trânsito Brasileiro-CTB, representando o Governo Federal no Projeto de Lei que aprovou o CTB no Congresso Nacional em 1997.

Paulo Brossard, Ministro da Justiça, convidou-o para o

cargo de Diretor Geral do Denatran. Entre 1989 e 1991, pela empresa DELPHOS-Serviços Técnicos S/A desenvolveu projetos de Integração na área de trânsito com o seguro obrigatório DPVAT. Em 1991, nomeado pelo Ministro Jarbas Passarinho retornou àquele Ministério como Diretor Geral do Denatran, permanecendo nesse cargo até a Implantação do Novo Código de Trânsito Brasileiro, trabalhando também com outros Ministros da Justiça.

Nesse período, além de dirigir o órgão máximo executivo de trânsito do país, acumulou funções de Presidente do Conselho Nacional de Trânsito-CONTRAN e de titular da Secretaria Nacional de Trânsito do Ministério da Justiça. Durante sua gestão na Secretaria, no Conselho e no Departamento Nacional de Trânsito, idealizou, desenvolveu, e implantou os sistemas RENAAM-Registro Nacional de Veículos Automotores e RENACH-Registro Nacional de Carteiras de Habilitação.

Entre os anos de 1997 e 1998 no cargo de Diretor de Trânsito, convidado Prefeito de Curitiba, Dr. Cássio Tanigushi, teve a oportunidade de planejar e implantar a Municipalização do Trânsito, consequência das mudanças introduzidas pelo novo Código de Trânsito Brasileiro.

Em 2000, na Câmara dos Deputados, participou da Comissão Especial de Acompanhamento da Aplicação da Lei nº 9.503/97, instituidora do Código de Trânsito Brasileiro-CTB como Assessor Técnico. Retornou ao Ministério da Justiça para exercer o cargo de Coordenador Geral de Planejamento e de Modernização do Departamento de Polícia Rodoviária Federal-DPRF, quando foi, também, Chefe do Gabinete do Diretor Geral.

Kasuo faleceu aos 55 anos de idade, na madrugada de domingo último, dia 05 de novembro, no Hospital Sírio e Libanês, na cidade de São Paulo.

Sala das Sessões, em 13 de novembro de 2006.



**SENADOR ROMEU TUMA**

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– A Presidência encaminhará o voto solicitado.

O requerimento lido vai ao Arquivo.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

**REQUERIMENTO Nº 1.124, DE 2006**

Requeiro, nos termos do art. 258 do Regimento Interno do Senado Federal, a tramitação em conjunto PLC nº 82, de 2006 aos Projetos de Lei do Senado nºs 171, 428, 605, de 1999, que já tramitam em conjunto, por versarem sobre a mesma matéria.

Sala das Sessões, 13 de novembro de 2006.

– Senador **Demóstenes Torres**.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– O requerimento que acaba de ser lido será publicado e, posteriormente, incluído em Ordem do Dia, nos termos do art. 255, II, c, 8, do Regimento Interno.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Lamento informar ao Piauí e ao Brasil o falecimento da Sr<sup>a</sup> Maria do Carmo Correia Caldas Rodrigues, esposa do nosso ex-Governador e ex-Senador Chagas Rodrigues. Neste momento, eu gostaria de apresentar à família enlutada votos de profundo pesar. Perde o Estado do Piauí uma grande mulher, uma mãe e esposa de um dos mais ilustres piauienses.

Chagas Rodrigues foi Deputado Federal por várias legislaturas, inicialmente na UDN e, depois, no PTB de Getúlio Vargas; foi Governador do Estado do Piauí entre 1959 e 1961, quando saiu para se candidatar; foi cassado pelo Ato Institucional em 1967; e, depois, foi eleito Senador. É uma das figuras mais respeitadas na história deste Senado da República, tendo sido Vice-Presidente desta Casa.

Quis Deus que estivesse aqui presente o Senador Leomar Quintanilha, cuja esposa é piauiense.

Maria do Carmo Correia Caldas Rodrigues representa o maior símbolo da mulher piauiense. Tanto é verdade, Senador Romeu Tuma, que, quando o marido foi cassado, quiseram-na candidata a Deputada Federal ou a Senadora. Não o foi porque seu pai era um grande empresário do Piauí, fundador da Federação das Indústrias, por sinal meu tio e padrinho, José de Moraes Corrêa, que a impediu. Então, cabe bem aqui aquela frase: “Atrás de um grande homem, há uma grande mulher”.

Hoje falei do Piauí, mais precisamente da revista **Piauí**. O nosso poeta disse: “A minha terra é um céu, se há um céu sobre a terra”. Creio que há céu, e hoje Maria do Carmo Caldas Rodrigues é santa, está no céu, canonizada pela sua obra em prol dos pobres do Estado do Piauí.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Os Srs. Senadores Arthur Virgílio, Marcos Guerra, Juvêncio da Fonseca, Leonel Pavan, Flexa Ribeiro, Alvaro Dias, Papaléo Paes, a Sr<sup>a</sup> Senadora Lúcia Vâ-

nia, os Srs. Senadores Almeida Lima e Romero Jucá enviaram discursos à Mesa para serem publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.

S. Ex<sup>as</sup> serão atendidos.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Presidente Lula pode, uma vez mais, até não saber. Mas seu segundo Governo já começou. E não muito bem. Para o País, isso é péssimo. Para o Presidente, um desastre.

As previsões não são nada otimistas e, não obstante, Lula se deixa levar pelo jogo que mais o diverte: o de traçar o tabuleiro de xadrez de seu novo Ministério, *sem levar em conta projetos e diretrizes de ação.* (**O Estado de S. Paulo**, 8-11-06).

Foi exatamente pela inexistência de projetos, a não ser o de Poder, que o ciclo inicial de Lula passará à História como o *quatriênio perdido*.

Não será positivo para a Nação se os próximos quatro anos vierem a seguir a mesma cartilha da inércia e da incompetência que caracterizam o primeiro mandato.

A luz amarela já está acesa. Esse é o aviso a Lula:

**PRODUÇÃO INDUSTRIAL CAI EM SETEMBRO E MERCADO REDUZ PROJEÇÃO PARA O PIB.**

(GRANDE PARTE DOS ANALISTAS APONTA CRESCIMENTO INFERIOR A 3% EM 2006)

**O ESTADO DE S. PAULO**

O noticiário de hoje diz que, *um dia após a CNI ter festejado a reação favorável do setor industrial em setembro, o IBGE jogou um balde de água fria no mercado.*

Entre os analistas do mercado, abro aspas para a opinião do ex-Ministro Mailson da Nóbrega, para quem *o segundo mandato de Lula não será nem um desastre nem espetacular*, como o Presidente anda prometendo mesmo sem ter um programa de Governo.

Mais aspas para Maison:

Não se pode esperar de Lula nem um Governo espetacular nem um desastre: seu novo mandato tem tudo para ser mais do mesmo. *O mesmo foi o que a Nação viu. E não gostou, apesar de reeleger Lula, quem sabe para lhe dar uma nova oportunidade, como diz a Veja, a última chance.*

*Além de arregaçar as mangas e se lançar ao trabalho, no seu novo mandato Lula precisa ter mais humildade e respeitar as opiniões que a imprensa se encarrega de divulgar, apesar de boa parte do PT, o partido do Presidente, não ter o menor apreço aos meios de comunicação.*

*O sinal amarelo só se torna visível, inclusive para Lula, graças à imprensa.*

*Sobre a situação industrial, abro aspas para o*

**Estadão:**

**INDÚSTRIA BRASILEIRA ATRAI MENOS RECURSOS EXTERNOS**

(...) A indústria brasileira perdeu competitividade internacional e atrai cada vez menos recursos do investidor estrangeiros. São dados do Banco Central.

*E mais, ainda com aspas para o jornal paulista:*

**PARA ANALISTAS, JURO MENOR NÃO BASTA PARA O PAÍS CRESCER**

(...) A avaliação é que falta investir em infra-estrutura

e controlar gastos governamentais, entre outros fatores.

*No caso dos gastos governamentais, a luz passa de amarela para vermelha:*

(...) As estimativas de crescimento de 5% para 2007 são otimistas. Enquanto o Governo não sinalizar de fato e concretamente que

haverá um ajuste fiscal sério, passando pela reforma da Previdência e controle mais rígido dos gastos, com a melhora da qualidade em termos de infra-estrutura, vai ser difícil esperar um crescimento maior do PIB.

Fica o registro desses fatos, que podem confirmar a previsão do ex-Ministro Mailson da Nóbrega. Se a luz amarela está acesa, alguma coisa precisa ser feita, e com urgência. Do contrário, o novo mandato de Lula será apenas mais do mesmo.

Em anexos, as matérias dos jornais mencionados, para que constem dos Anais do Senado da República.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

**Produção industrial cai em setembro e mercado reduz projeção para o PIB**

**Recuo de 1,4% em relação a agosto leva grande parte dos analistas a prever crescimento inferior a 3% em 2006**

*Jacqueline Farid*

Um dia após a Confederação Nacional da Indústria (CNI) ter festejado a reação favorável do setor em setembro, a divulgação dos indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) jogou um balde de água fria no mercado. A queda na produção de veículos automotores em setembro e a continuidade dos efeitos do câmbio derrubaram a produção industrial no mês. Os dados do IBGE mostraram queda de 1,4% na produção ante agosto, anulando as duas altas consecutivas anteriores. A produção de bens de capital, um termômetro para as perspectivas de investimentos, também recuou.

O mau desempenho da indústria levará a uma enxurrada de revisões nas projeções de analistas do mercado para o desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) do País neste ano. Apesar da queda ante o mês anterior, a indústria mostrou resultados positivos, ainda que com perda de ritmo, nas demais comparações: 1,3% ante setembro de 2005; 2,7% no acumulado do ano; 0,4% no terceiro trimestre ante o segundo trimestre e 2,7% no terceiro trimestre ante igual período do ano passado.

Silvio Sales, chefe da coordenação de indústria do IBGE, disse que, com os resultados de setembro, o setor trocou uma trajetória de crescimento suave no primeiro semestre de 2006 por uma 'estabilidade' no terceiro trimestre. 'Os resultados repetem um pouco aquele padrão que temos observado há vários meses: a indústria fica em sobe e desce', disse Sales.

O segmento de veículos automotores registrou queda de 9,3% na produção em setembro ante agosto, em consequência de greves nas montadoras. Mas Sales ressaltou que, ainda que a indústria automobilística tenha sido a principal influência sobre o resultado negativo, não foi a única, já que 12 dos 23 segmentos investigados na comparação com mês anterior apresentaram queda na produção.

O mau desempenho da indústria levará o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) a revisar para baixo a projeção de expansão do PIB em 2006, hoje em 3,3%, segundo adiantou o economista da instituição Estevão Kopschitz. 'Só queda de juros não leva ao crescimento, a carga tributária cresceu muito, a infra-estrutura e a taxa de investimento não melhoraram', disse ele.

A economista Cristiane Quartaroli, do banco Santander, também revisará as projeções para 2006. Atualmente, a previsão do banco aponta uma expansão de 3,1% para o PIB. 'Devemos mudar o número para um nível abaixo de 3%', afirmou. Mauricio Orenge, economista da Itaú Corretora, deve revisar sua atual projeção de 3,4%, para algo próximo de 3,2%. O ABN Amro Asset Management reduziu a estimativa de crescimento de 3% para 2,9%.

O câmbio afetou novamente a categoria de bens de consumo duráveis (automóveis, celulares, eletrodomésticos) em setembro, com queda de 0,2% na produção ante agosto. Segundo Sales, ainda que o resultado negativo em veículos automotores tenha sido a principal influência no recuo dos duráveis, 'a tendência já vinha sendo declinante', em consequência da queda nas exportações de produtos como celulares e concorrência de importados, como eletroeletrônicos da linha marrom (TV, rádio e som).

As importações de bens de consumo duráveis subiram 81,8% em setembro ante igual mês do ano passado. Além disso, Sales ressalta que os duráveis vinham de crescimento acelerado - 44% no acumulado de 2004 a setembro de 2006 - e 'em algum momento era de esperar uma desaceleração'.

Edgard Pereira, do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), avalia que os efeitos do câmbio sobre a indústria se intensificaram em setembro e mostram necessidade de 'medidas urgentes' para suavizar a valorização do real. Ele atribui ao câmbio 'um efeito-deslocamento da produção doméstica por produtos importados'.

## **INVESTIMENTOS**

A produção de bens de capital recuou fortemente em setembro e frustrou expectativas de forte crescimento dos investimentos no PIB do terceiro trimestre. Segundo o IBGE, houve queda de 2,1% na produção dessa categoria em setembro ante agosto e queda de 0,4% ante setembro do ano passado.



A divulgação dos resultados levou o Ipea a revisar a previsão de crescimento da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF, rubrica que define investimentos) no PIB do terceiro trimestre de 8,7% projetados anteriormente para 6,6%, segundo informa Kopschitz. Os dados do período serão divulgados pelo IBGE no dia 30 deste mês.

## **COLABORARAM CÉLIA FROUFE E FRANCISCO CARLOS DE ASSIS**

### **Indústria brasileira atrai menos recursos externos**

*Alaor Barbosa*

A indústria brasileira perdeu competitividade internacional e atrai cada vez menos recursos diretos do investidor estrangeiro. Dados do Banco Central (BC) mostram que dos US\$ 14,12 bilhões que ingressaram no País entre janeiro e setembro, sob a forma de investimento direto, US\$ 5,22 bilhões foram para o setor industrial, 37% do total. O segmento de serviços atraiu US\$ 7,76 bilhões, o equivalente a 55% do total.

'Os grandes grupos internacionais que querem ampliar produção industrial estão preferindo a China', resume o professor do Ibmecc-RJ, Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor do BC. No ano passado, a participação foi semelhante. Dos US\$ 21,64 bilhões que ingressaram no País sob a forma de investimento direto, US\$ 6,5 bilhões foram para indústria (30,17% do total) e US\$ 12,9 bilhões para os serviços, ou quase 60% do total. Os 10% restantes foram para a área de mineração e/ou agricultura.

O sócio de corporate finance da KPMG, André Castello Branco, pondera que alguns segmentos industriais ainda são atraentes, como o agronegócio, com destaque para a área de açúcar e álcool. Mas, até setembro, a área de serviços liderava operações de fusões e aquisições no Brasil. A área de energia elétrica, por exemplo, registrou 52 operações este ano, sendo 32 de capital estrangeiro.

'Na área industrial, o grande destaque dos últimos anos tem sido o mo-

vimento inverso, com as empresas brasileiras investindo no exterior, tentando diversificar mercados', complementa. Alguns dos investimentos industriais realizados no Brasil por estrangeiros estão acoplados a estratégias mundiais desses grupos. É o caso da ThyssenKrupp, que constrói uma siderúrgica no Rio, num investimento de US\$ 3,6 bilhões.

## **Para analistas, juro menor não basta para o País crescer**

**A avaliação é que falta investir em infra-estrutura e controlar gastos governamentais, entre outros fatores**

*Marcelo Rehder*

A queda da produção industrial em setembro desencadeou uma nova onda de revisões para baixo das estimativas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do País para este ano, tanto entre analistas como empresários. Ontem mesmo, a consultoria MB Associados reduziu de 3% para 2,7% a projeção para a expansão da economia em 2006.

'Esse ajuste é apenas uma confirmação do que já esperávamos e é fruto de uma economia que depende cada vez mais de estímulos que não sejam apenas a redução da taxa de juros', afirma o economista Sergio Vale, da MB Associados.

O economista cita que o aumento de renda este ano, por conta do programa Bolsa-Família, da elevação do salário mínimo e do reajuste do funcionalismo, não foi suficiente para estimular o crescimento mais vigoroso do PIB.

De acordo com o IBGE, a produção da indústria caiu 1,4% em setembro ante o mês anterior, descontando-se as variações que normalmente ocorrem entre os dois períodos. Em relação a setembro de 2005, houve expansão de 1,3%

'A gente está se acostumando à mediocridade', diz o empresário Roberto Nicolau Jeha, presidente da Indústria de Papel e Papelão São Roberto.

Para Jeha, o setor de embalagens de papelão ondulado, considerado o termômetro da economia, não deverá crescer este ano mais que 3% sobre uma base considerada 'mediocre'. Em 2005, a expansão do setor foi de apenas 2,1%. 'Se o consumo de papelão crescer 3%, a expansão do PIB deverá ser menor, entre 2,5% e 3%', estima.

Diante do fraco desempenho do setor em setembro, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) também vai reduzir a previsão de crescimento da produção, que era de 3,5%. 'Agora, está mais próximo de 3% que de 3,5%', diz Edgard Pereira, economista-chefe do Iedi.

'Se a produção industrial crescer mais próxima de 3%, a taxa do PIB pode ficar em, torno de 2,5%'. Pereira observa que o comportamento do setor pode ser explicado em boa medida pelos efeitos do real valorizado.

A MCM Consultores prefere esperar o resultado do PIB do terceiro trimestre antes de rever a estimativa para o ano. A empresa manteve a taxa de 2,9%, mas com tendência de baixa. 'Todos os indicadores mostram que a demanda vem crescendo, mas boa parte está sendo atendida pela importações', diz o economista Alexandre Teixeira, MCM.

Há consenso entre os analistas de que as estimativas de crescimento de 5% em 2007 são otimistas. 'Enquanto o governo não sinalizar de fato e concretamente que haverá um ajuste fiscal sério, passando pela reforma da Previdência e controle mais rígido de gastos, com melhora da qualidade em termos de infra-estrutura, vai ser difícil esperar um crescimento maior do PIB', diz Teixeira.

## **IBGE atenua o otimismo da CNI**

O levantamento da produção física da indústria, realizado pelo IBGE, não confirmou o relativo otimismo revelado pelo da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que comentamos ontem neste espaço. Com efeito, os dados dessazonalizados da CNI apresentaram, para setembro, em relação a agosto, crescimento de 1,82% das vendas reais, enquanto o IBGE registrou queda de 1,4% da produção.

A diferença pode ser explicada pelo fato de que a CNI não inclui no seu levantamento a mineração, que tem um peso muito grande no do IBGE. Há também o fato de que o IBGE, além de pesquisar uma maior quantidade de empresas, inclui um número maior de pequenas empresas que, alijadas da exportação por causa da cotação cambial desfavorável, sofrem mais do que as grandes. Finalmente, a CNI se baseia no valor real das vendas, enquanto o IBGE parte da produção física.

Este último aspecto é interessante, pois, no quadro de uma inflação decrescente, os resultados das duas pesquisas deveriam se aproximar, inclusive porque o aumento das importações de bens intermediários e de componentes permite às empresas oferecer preços mais baixos.

Embora a produção industrial de setembro tenha sido prejudicada pela greve nas montadoras, as vendas de veículos, em outubro, com aumento de 10%, levam a acreditar que houve uma boa recuperação.

Os dados do IBGE por categoria de uso, com ajuste sazonal, mostram queda de 4,4% dos bens duráveis, conseqüência não apenas das paralisações na indústria automobilística, mas, principalmente, do aumento das importações. A produção de bens de capital, que nos meses anteriores mostrava crescimento constante, teve queda de 2,1%, resultado ou de um aumento das importações ou de cautela das empresas em relação a novos investimentos .

A divulgação do IBGE jogou um pouco de água fria na animação com que o mercado recebera as informações mais otimistas da CNI. Pode-se perguntar o por quê das dúvidas, que, como se lia na coluna de Sonia Racy de ontem, não são compartilhadas por todos os empresários. A pesquisa do IBGE mostra que a média móvel trimestral da produção está crescendo desde fevereiro. No entanto, é preciso saber se o aumento projetado do consumo, neste final do ano, será confirmado e também se os empresários não acabarão decepcionados na questão da redução da carga tributária.

## **Ao largo da questão essencial**

A sensação de déjà vu é inevitável: está no ar mais um capítulo da eterna novela do presidencialismo à brasileira, chamado de coalizão porque é da natureza do sistema eleitoral do País que a sigla do presidente receba uma parcela apenas dos votos que o (re)conduzem ao poder, obrigando-o, para formar o seu governo, a buscar alianças com tantos partidos quantos se dispuserem a fazê-las. Podem mudar as legendas e os nomes, mas o processo é o já visto - e sua característica mais ominosa é o fato de se pôr em marcha sem se deter na questão de fundo: formar governo para o quê? Não é à toa a irrelevância, para não dizer o ridículo, a que ficou reduzido o termo “programa de governo” - antes, durante e depois das campanhas eleitorais.

Nestes primeiros dias úteis para os políticos desde o desfecho da sucessão, o noticiário proporciona uma imagem desanuviada do que está em jogo para eles, insulados nos seus cálculos de conveniências e movidos por suas ambições. A rotina é de uma monotonia atroz. O PMDB - do qual se poderia dizer, parafraseando Mario de Andrade, que é “300, 350”, com a diferença que é só um

na fome de poder - semeia na imprensa o que espera colher no segundo governo Lula, credenciado por ter sido o grande vitorioso de outubro: fez 7 governadores (2 a mais do que em 2002) e 89 deputados federais (15 a mais), embora tenha perdido 3 das 20 cadeiras que detém no Senado.

O multipartido acaba de pôr as cartas na mesa: reivindica, além da presidência das duas casas do Congresso, Ministérios que rendam clientela eleitoral, em regime de porteira fechada (quando a agremiação só não nomeia, e olhe lá, o garçom que serve o cafezinho do ministro). Do Estado de ontem: “Além de pastas com uma fatia polpuda do Orçamento, eles querem administrar áreas que lhes permitam projetar nacionalmente a legenda e também atender às bases partidárias - em que se incluem prefeitos sempre ávidos por verbas federais.” Vale por um curso de política. De seu lado, o que faz saber o presidente, o dono dos cargos?

Deixa vazar que se arrependeu de desenhar a estrela petista em 19 dos 33 Ministérios com os quais começou a governar em 2003. Nem precisa acrescentar que, em retrospecto, sabe que fez a coisa errada quando renegou os contratos de locação da Esplanada celebrados por seu articulador José Dirceu com a boa gente peemedebista. Mas a mudança parece menor do que se quer fazer crer -

menor, bem entendido, do ângulo das justificadas demandas por uma segunda gestão mais competente do que a atual. Em 2002, Lula usou o seu obeso Gabinete para distribuir prêmios de consolação aos companheiros derrotados nas urnas - como Olívio Dutra, candidato preterido pelos gaúchos, contemplado com o Ministério das Cidades.

Agora, nem pensar. Os petistas vencidos que se arranjam. Compensação pela derrota no seu Estado terá, ela sim, a ex-pefelista Roseana Sarney, cujo verdadeiro partido é, foi e será o do sobrenome. Pelo diz-que-diz de Brasília, a filha do ex-presidente e primeiro amigo do atual teria sido sondada para ocupar a Saúde. Peemedebistas de outros clãs torceram o nariz à idéia - não exatamente pela presumível falta de familiaridade da eventual ministra com Ministério dessa importância, ainda mais depois do paradigma da administração Serra, mas “porque nem sequer peemedebista ela é”, como resmungou um descontente. O ponto, nesse e nos demais casos que o tempo trará à luz, não é o falso dilema entre técnicos e políticos.

É o fato de que filiados a partidos com notório saber em suas áreas correm o risco de ser escanteados porque outros nomes, muito menos aptos para a função, se encaixam melhor no quebra-cabeça político em montagem. Sem querer fulanizar o problema, pode-se per-

guntar, a propósito, se o PMDB não teria um ministeriável para a Saúde de quem se pudesse dizer que está à altura do desafio, fosse qual fosse a sua legenda, ou nenhuma. Além disso, uma coisa é o presidente trocar cargos por apoio, outra é compartilhar da responsabilidade pelo seu preenchimento, outra ainda é fazer esse jogo sem levar em conta projetos e diretrizes de ação. Tudo o que se sabe sobre o traçado do futuro é o moto presidencial do desenvolvimento “sem mágica”. Sobre o nexó indissolúvel entre isso e a qualidade do gasto público, apenas platitudes. O mais é tabu.

Lula parece ignorar que, no regime de reeleição, o segundo mandato começa assim que termina a contagem dos votos.

## **Produção industrial recua e provoca revisão do PIB**

Com fraco desempenho do setor, projeção de crescimento agora é de no máximo 3%

Efeitos do câmbio e greve em montadoras afetaram resultados do segmento em setembro, após dois meses de expansão, aponta IBGE

**PEDRO SOARES**  
DA SUCURSAL DO RIO

Depois de dois meses consecutivos de expansão (0,7% em julho e agosto), a in-



dústria pisou no freio em setembro, e a produção caiu 1,4% em relação ao mês anterior na comparação livre de influências sazonais. Trata-se da maior retração desde julho de 2005 --2,8%.

No terceiro trimestre, houve expansão de 0,4% ante o segundo trimestre. Foi a quarta taxa positiva seguida nesse tipo de comparação. Em relação ao terceiro trimestre de 2005, o incremento foi de 2,7%, na 12ª variação positiva consecutiva. O fraco desempenho da indústria no período fez economistas revisarem para baixo suas projeções para o PIB (Produto Interno Bruto) deste ano. As expectativas apontam para uma expansão de 2,8% a 3%.

"Os 3% passaram a ser o teto diante do resultado ruim do terceiro trimestre", disse Solange Srour, economista-chefe da Mellon Global Investments.

Segundo o IBGE, a intensidade da queda foi determinada por greves em montadoras, que levaram a uma retração de 9,3% na produção do ramo de veículos automotores. Dos 23 ramos pesquisados, 12 registraram queda de agosto para setembro. Outros destaques negativos foram: fumo (-26,6%), produtos químicos (-3,2%) e outros equipamentos de transporte (-11,8%).

Por trás do baixo nível de atividade, porém, também há o câmbio. Percebe-se seu reflexo negativo especialmente na categoria de bens de consumo duráveis, cuja produção caiu 4,4% em setembro e 1,7% no terceiro trimestre. "Em setembro repete-se o patamar de que a indústria fica num sobe-e-desce. A diferença é que o saldo desses movimentos vinha mostrando tendência de suave crescimento. Com o recuo de setembro, vê-se clara estabilidade", disse Sílvio Sales, chefe da Coordenação de Indústria do IBGE.

Na avaliação de Sales, o melhor desempenho relativo do comércio e taxas maiores de expansão de importações do que de exportações revelam o impacto negativo do câmbio sobre a atividade industrial.

"Além da greve de setembro, há um conjunto de fatores. Parte da explicação se deve à perda de ritmo das exportações de duráveis, principalmente da indústria automobilística. Outro fator é a chegada de bens importados, principalmente entre os eletroeletrônicos, e o fato de que o segmento de duráveis nos últimos três anos acumula crescimento de 44% [de janeiro de 2004 a setembro de 2006]."

Em setembro, houve greve em três montadoras: Volkswagen/Audi, Renault e Volvo. Naquele mês, as vendas de veículos recuaram 9,3%, de acordo com a Anfa-vea.

Solange Srour, da Mellon, diz que fica nítido que as vendas do varejo estão sendo supridas pelo mercado externo, quando são observados os dados de importações, o que explica o descompasso entre o consumo e a produção. De janeiro a setembro, as importações, em volume, subiram 14,6%. Já as exportações, aumentaram apenas 3,7%. No caso dos bens duráveis, houve incremento de 79,8% no volume importado.

#### **Aparente contradição**

Divulgadas ontem pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), as vendas reais do setor cresceram 1,82% em setembro na comparação ajustada sazonalmente com agosto. Apesar da aparente contradição com a produção, o crescimento das vendas revela um ajustamento de estoques, o que abre espaço para aumento futuro de produção, diz Sales, do IBGE.

*Em setembro, o desempenho dos bens de capital também decepcionou. A queda de 2,1% praticamente "devolveu" o crescimento de 2,8% registrado no mês de agosto.*

## **Sob pressão, governo adia o Supersimples**

**Sistema de arrecadação unificado para micro e pequena empresa só deve entrar em vigor no segundo semestre de 2007**

**Com o risco de terem receita reduzida e de atrasarem repartição de recursos, Receita e fiscos estaduais fazem lobby por adiamento**

**IURI DANTAS**

**GUSTAVO PATU**

**DA SUCURSAL DE BRASÍLIA**

Citada durante as eleições como um dos principais trunfos de Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa sofreu ontem o golpe do lobby dos fiscos federal e estadual, que não querem perder receita, e, na previsão mais otimista, deve entrar em vigor só no segundo semestre de 2007 -em vez de janeiro, como era apregoado pelo petista.

O texto foi aprovado no dia 5 de setembro na Câmara, depois de dois anos em discussão. Representa uma espécie de reforma tributária para o setor com desoneração da ordem de R\$ 5,3 bilhões anuais com a criação do chamado Supersimples. Este sistema substituirá o ICMS, de arrecadação estadual, e o ISS, cobrado pelos municípios.

A coleta seria feita pela Receita Federal, que ratearia os recursos com governos e prefeituras. A administração disso exige um sistema informatizado capaz de identificar os percentuais para Estados e municípios. Foi este o nó apresentado ontem: tanto a Receita quanto o Confaz (Conselho Nacional de Política Fazendária) se deram conta de que não há tempo para implementar este aparato rapidamente. "É um problema técnico vigorar antes de determinado prazo, os Estados precisam de mais tempo", resumiu o ministro da Fazenda, Guido Mantega.

O Confaz, integrado por secretários estaduais de Fazenda, apresentou por escrito um pedido para que a lei entrasse em vigor apenas em 2008. A União rebateu com uma data intermediária, em 1º de julho do ano que vem, que foi aceita.

Segundo o secretário da Receita Federal, Jorge Rachid, a falta de um sistema impõe o risco de os Estados e os municípios não receberem os repasses, se a medida entrasse em vigor no início do ano que vem. "Se estes repasses não forem feitos vamos fechar alguns municípios."

Governos estaduais e municipais pressionam nos bastidores por uma extensão do debate público sobre a lei para ganhar tempo e minimizar as perdas na arrecadação. Indagado ontem se a proposta de adiar a vigência da lei se baseava em acordo de Lula com os governadores, Rachid não respondeu.

"O projeto de lei sobre o Simples nacional é de interesse das administrações tributárias federal, estaduais e municipais. Vem racionalizar e queremos que entre em vigor o mais rápido possível", afirmou o secretário.

Ele admitiu que o governo já trabalhava com a nova data há algum tempo. Algo indigesto para ser anunciado durante o período eleitoral quando se leva em conta que 70% das empresas do país se enquadram nas faixas de micro e pequenas - faturamento anual de até R\$ 240 mil e R\$ 2,4 milhões, respectivamente.

Embora cristalizada a dificuldade prática de pôr a lei em vigor, a questão não está encerrada. Cabe ao Senado agora avaliar dois caminhos: 1) Aprovar o texto da forma como o recebeu da Câmara, com vigência em janeiro do ano que vem. Isso exigiria da Receita o esforço técnico para implementar o novo sistema em menos de dois meses; 2) Modificar o teor do texto com a nova data, o que exige nova votação pelos deputados, criando o risco de aprovação no ano que vem e vigência só em janeiro de 2008.

Rachid, porém, citou a possibilidade de que apenas a mudança na data não represente alteração no conteúdo da lei, evitando nova votação na Câmara e levando o texto para sanção presidencial. Isso ainda depende da interpretação do Congresso.

O líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR), deixou ontem a reunião de líderes da Casa refletindo a mesma falta de otimismo dos demais presentes em relação ao tema. "Não há acordo nenhum. Há acordo para conversar", disse. Mantega deve ir hoje ao Senado debater o assunto.



**O SR. MARCOS GUERRA** (PSDB – ES. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a discussão de estratégias de crescimento para o País nos próximos anos foi um dos temas centrais da recente campanha presidencial. Encerrada a eleição, este debate está longe de ter se esgotado, devido à complexidade e urgência dos desafios que aguardam a administração federal no quadriênio que começa em 2007.

Não podemos, por exemplo, ignorar – sob pena de continuarmos presos aos baixos índices de crescimento que têm sido a marca da economia – ignorar por mais tempo a crescente deterioração do setor de infra-estrutura no Brasil.

Essa degradação é decorrente de vários fatores, a começar pela baixa capacidade de investimento do Estado. Para se ter uma idéia de como ela foi reduzida, hoje em dia o investimento público gira em torno de meio ponto percentual do Produto Interno Bruto do País. Na década de 70, ele chegava a 5 por cento do PIB.

De acordo com levantamento do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, somado o investimento federal aos desembolsos feitos por prefeituras e governos estaduais, chega-se a um valor equivalente a apenas 2 por cento do PIB aplicado em infra-estrutura.

O descompasso com as reais necessidades do País é grande. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas mostra que o Brasil precisaria investir, no próximo quadriênio, cerca de 139 bilhões de reais em infra-estrutura, saneamento e habitação social. Os benefícios são evidentes: técnicos da Fundação calculam que esses gastos elevariam em 2,4 pontos percentuais o ritmo anual de crescimento do PIB, além de melhorar substancialmente nossa posição no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano, o índice utilizado pela Organização das Nações Unidas para medir as condições de vida da população.

Precisaríamos, ainda de acordo com o mesmo estudo, investir quase 47 bilhões de reais em quatro anos na reparação e expansão da malha rodoviária e mais de 27 bilhões de reais em geração e transmissão de energia elétrica. Para melhorar as condições de saneamento básico, seriam necessários investimentos de mais de 24 bilhões de reais entre 2007 e 2010. Com tais recursos, elevaríamos de 51 por cento para 60 por cento o número de domicílios com acesso a redes de esgoto no País.

Investimentos nesses setores dependem de um equilíbrio das contas públicas, ou seja, só serão possíveis se o governo mostrar determinação em cortar gastos em outras áreas e redirecionar maior volume

de recursos para setores prioritários, como é, sem dúvida, o caso da infra-estrutura.

Mas há um problema adicional: sabemos também que há muito se esgotou a capacidade de o Estado atender sozinho às necessidades de desenvolvimento da infra-estrutura. É fundamental, portanto, atrair a participação da iniciativa privada, e para isto necessitamos de algo de que o Brasil não dispõe até agora: um conjunto de marcos regulatórios eficientes, leis e regras específicas e estáveis, que não mudem a cada governo, capazes de estabelecer o clima de confiança indispensável a investimentos.

Ameaças muito reais conspiram contra os planos de alcançar metas maiores de crescimento. Especialistas já alertam que, se os investimentos no setor de energia elétrica continuarem baixos, estaremos diante da possibilidade de um novo apagão por volta de 2009. Cerca de 75 por cento das estradas federais encontram-se em mau estado. Precisamos investir na construção de novas ferrovias, modernizar e expandir nossos portos. Só uma disposição real de solucionar as deficiências em infra-estrutura permitirá reverter esse panorama negativo e fazer com que o País inicie a trajetória de desenvolvimento sustentado que é o desejo de todos os brasileiros.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. JUVÊNCIO DA FONSECA** (PSDB – MS. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna no dia de hoje para comentar o artigo intitulado “O voto envergonhado”, de autoria do jornalista André Petry, publicado pela revista **Veja** de 20 de setembro de 2006.

O artigo trata sobre a eleição e os votos do Presidente Lula. Segundo o jornalista, além do voto dos pobres, o Presidente candidato ganhou também o voto de outro tipo de eleitor; o do eleitor envergonhado. André Petry afirma que eleitor envergonhado “morre de medo que lhe descubram a identidade porque ele morre de vergonha do mensalão do valerioduto, dos bingos, do caseiro, do lixo, do caixa dois, das cartilhas. Mas escondidinho vota em Lula”.

Sr. Presidente, solicito que o artigo acima citado seja considerado como parte integrante deste pronunciamento para que, assim, passe a constar dos Anais do Senado Federal.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

# O voto envergonhado

Já se falou muito que Lula está sendo reeleito no primeiro turno porque ganhou o voto dos pobres. Mas não se fala quase nada que sua provável vitória também se sustenta em outro eleitor — o envergonhado. O eleitor envergonhado vota em Lula, mas não conta para ninguém. Não diz nada para o vizinho, nem para o colega de trabalho. Há casos em que não conta nem para a própria mulher. Antes de responder à pergunta do entrevistador do instituto de pesquisa, o eleitor envergonhado olha para os lados, certifica-se de que não há mais ninguém por perto, e responde baixinho: “Lula”. Se o entrevistador não ouve direito e pede para o eleitor envergonhado repetir, ele entra em pânico. Olha de novo para os lados, aproxima-se do ouvido do entrevistador e apela para o berro em forma de cochicho: “Lula”. O eleitor envergonhado morre de medo que lhe descubram a identidade porque ele morre de vergonha do mensalão, do valerioduto, dos bingos, do caseiro, do lixo, do caixa dois, das cartilhas. Mas, escondidinho, vota em Lula. Por quê?

Parece paradoxal, mas o principal alimento do eleitor envergonhado são os tucanos. Os tucanos deveriam ter denunciado sistematicamente o mensalão. Deveriam ter mostrado o que o mensalão realmente é: uma escandalosa tentativa de corromper outro poder. Deveriam ter se concentrado no mensalão, que é o símbolo do desprezo pela democracia, pelo Parlamento, pela política. Deveriam ter anunciado que fariam a imediata redução dos milhares de cargos federais preenchidos por indicação política, o que está na base da praga da corrupção e do clientelismo político. Que nada.

Em vez disso, os tucanos fizeram silêncio sobre o essencial e inventaram de apresentar-se como mandarins da ética,

como generais da moralidade. Aí, a coisa desandou. Os tucanos quiseram se colocar como diferentes em tudo, esquecendo-se do caixa dois da campanha presidencial de Fernando Henrique em 1998. Apareceu até a planilha. Ou da empresária que cobrou 32 milhões de reais da campanha presidencial de José Serra em 2002. Apareceram até os contratos e as notas fiscais dos serviços prestados. Ora, o país inteiro sabe que tem tucano na origem do valerioduto, tem tucano nos sanguessugas, tem tucano nos vampiros. Como diz a professora Maria Sylvania de Carvalho Franco, da USP, os tucanos têm telhado de vidro e só se safaram até agora porque “não são afoitos como esse pessoal do PT”.

***“O eleitor envergonhado morre de medo que lhe descubram a identidade porque ele morre de vergonha do mensalão, do valerioduto, dos bingos, do caseiro, do lixo, do caixa dois, das cartilhas. Mas, escondidinho, vota em Lula”***

O eleitor envergonhado se alimenta da hipocrisia tucana. A pergunta que resta é por que, já que vota escondido mesmo, esse eleitor opta justamente por Lula. Pode ser que, votando em Lula à sorrelfa, o eleitor envergonhado esteja querendo dizer que prefere lidar com a vergonha de votar no PT a fazer o papel do ingênuo que se deixou seduzir pela suposta redenção ética dos tucanos. Os tucanos te-

riam feito um bem enorme ao país se não optassem pela falsificação de repetir os petistas de outrora, apresentando-se como guardiães da moralidade pública. Com a derrota que se avizinha, diante da lamentável possibilidade de Lula reeleger-se já no primeiro turno, estão pagando pela arrogância.

O voto envergonhado mostra que, ao contrário do que se diz por aí, não é Lula que ganhará a eleição. Os tucanos é que a perderão.

**O SR. LEONEL PAVAN** (PSDB – SC. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “IBGE reduz, pela 9ª vez, projeção da safra 2006”, publicada no jornal **Folha de S.Paulo** em sua edição de 10 de outubro do corrente.

A matéria destaca que o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, prevê uma queda na safra de grãos de 0,76%. Ao invés das 126 milhões de toneladas de grãos previstas inicialmente, o País terá apenas 116,546 milhões de toneladas de grãos.

Sr. Presidente, solicito que a matéria acima citada passe a integrar este pronunciamento e, assim, conste dos Anais do Senado Federal.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. Muito obrigado.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O  
SR. SENADOR LEONEL PAVAN EM SEU  
PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

# IBGE reduz, pela 9ª vez, projeção da safra 2006

Principal motivo para a redução em setembro foi a baixa produção de trigo

**Instituto prevê 116,546 mi de toneladas, 0,76% menos do que a estimativa feita em agosto; primeiros cálculos indicavam safra de 126 mi**

DA SUCURSAL DORIO

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revisou para baixo, pela nona vez seguida, a estimativa para a safra deste ano. Com os baixos resultados da produção de trigo, principal cultura de inverno, o instituto reduziu em setembro sua projeção de safra para 116,546 milhões de toneladas. O resultado representa queda de 0,76% em relação a agosto.

O instituto previu inicialmente produção da ordem de 126 milhões de toneladas. Apesar das revisões para baixo, a projeção de setembro ainda representa alta de 3,53% na comparação com a safra do ano passado, de 112,574 milhões de toneladas.

Segundo o agrônomo Paulo Renato Corrêa, a agricultura foi muito prejudicada em 2005 pela seca na região Sul. Apesar da recuperação de alguns produtos neste ano, arroz, soja e trigo registraram quedas na área plantada.

Com os preços em baixa, a área plantada de arroz teve queda de 954,1 mil hectares. A apreciação do real em relação ao dólar reduziu os preços da soja, que teve queda de 922,1 mil hectares na área plantada.

Para o agrônomo, a redução na estimativa de safra em setembro ocorreu em razão do

desempenho do trigo. “O produto enfrentou problemas com a seca e com as geadas no final de agosto e setembro no Paraná e no Rio Grande do Sul.” O instituto prevê produção de trigo da ordem de 2,557 milhões de toneladas, o que significa queda de 45,1% na comparação com a safra do ano passado.

Trata-se do menor resultado desde 2000, quando a produção somou R\$ 1,725 milhão de toneladas. Além disso, o patamar de produção atual é próximo do verificado no início dos anos 80.

#### Produção prejudicada

Para o IBGE, o principal responsável pelo desempenho foi a redução da área plantada de trigo (de 25,39% no total de áreas plantadas nos Estados produtores). A baixa cotação do produto no mercado interno e as dificuldades de comercialização também prejudicaram a produção.

“O preço do trigo estava abaixo do preço mínimo. Importamos muito trigo da Argentina, que entra no país com preço bem inferior. Já estamos importando até farinha, o que pune o produtor”, afirmou.

A inadimplência, as restrições no acesso ao crédito e a descapitalização dos produtores resultaram na implantação de uma safra de trigo com baixo nível tecnológico. Somadas aos problemas estruturais e de concorrência, a estiagem nos meses de abril e maio e as geadas no período de agosto e setembro afetaram a produção.

(JANAÍNA LAGE)

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para registrar a matéria intitulada “Dólares foram sacados em agência de Nova Iguaçu, revela investigação”, publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo** de 23 de outubro de 2006.

Segundo a matéria, de acordo com a Polícia Federal, o dinheiro usado para comprar o falso dossiê contra candidatos tucanos, foi adquirido em lotes por laranjas na empresa Vicatur Câmbio e Turismo, de Nova Iguaçu, município governado pelo PT.

Sr. Presidente, solicito que a matéria acima citada seja considerada parte deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. Muito obrigado.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR FLEXA RIBEIRO EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)



# Dólares foram sacados em agência de Nova Iguaçu, revela investigação

De acordo com a polícia, dinheiro foi adquirido em lotes por laranjas na empresa Vicatur Câmbio e Turismo

**Vannildo Mendes**  
BRASÍLIA

Investigações da Polícia Federal apontam para a empresa Vicatur Câmbio e Turismo, de Nova Iguaçu, no Rio, como a agência de onde saiu a maior parte dos US\$ 248,8 mil para compra do dossiê Vedoin. O dinheiro faz parte do montante de R\$1,75 milhão, apreendido com dois petistas em 15 de setembro, no Hotel Ibis em São Paulo, destinado ao pagamento do dossiê que pretendia vincular candidaturas do PSDB ao escândalo dos sanguessugas. O município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, é administrado pelo petista Lindberg Farias.

A primeira suspeita, divulgada por fontes da Polícia Federal, ora de que o dinheiro havia sido obtido numa corretora de Duque de Caxias, também na Baixada Fluminense. A Vicatur consta da lista de 30 empresas autorizadas a operar com câmbio identificadas pela PF no rastreamento dos dólares. Além dela, mais duas casas de câmbio cujos nomes não foram revelados pela PF estão no centro das investigações. Numa delas, foram adquiridos US\$ 79 mil e na outra, uma quantia bem menor.

Os dólares usados na compra do dossiê foram adquiridos no exterior pelo Banco Sofisa, de São Paulo, e repassados a corre-

toras e casas de câmbio, que pulverizaram a distribuição por meio de doleiros e agências de turismo. Emissários do PT usaram uma rede de laranjas para recolher o dinheiro. A Vicatur sofreu uma devassa na sua contabilidade e seus proprietários serão chamados a se explicar.

Inscrita no CNPJ sob o número 3029699/0001-16, a empresa tem cadastro sujo no Banco Central, onde foi denunciada pelo Ministério Público do Rio por operar com um registro de pessoas físicas fictícias, ou laranjas. Muitas delas eram pessoas humildes que nem sequer sabiam que seus nomes eram usados, segundo a denúncia do Ministério Público. A Polícia Federal vai interrogar também os compradores dos dólares na agência, única autorizada a atuar no mercado de moeda estrangeira na região.

Os delegados da PF Diógenes Curado e Luiz Flávio Zamprona, que atuam no caso, recusaram-se a confirmar o nome da agência. O dinheiro, segundo fontes policiais, foi adquirido em lotes de valores variados por um grupo de pessoas, provavelmente da mesma família, usadas como laranjas. A operação chamou a atenção porque a família é de origem humilde e provavelmente teve o nome usado sem ter envolvimento no caso.

Ao circular, o dinheiro americano deixou pistas desde que

## Cidade é um reduto petista

... Nova Iguaçu tornou-se reduto petista na Baixada Fluminense depois que o ex-deputado Lindberg Farias (PT) foi eleito prefeito, em 2004. A prefeitura de Nova Iguaçu, que vinha sendo ocupada por políticos do PMDB, foi objeto de acirrada disputa da última eleição municipal no Rio. Com Cesar Maia (PFL) reeleito no primeiro turno na capital, a batalha política no Estado transferiu-se para a Baixada. De olho nos 3 milhões de votos nos sete municípios da região, o PT decidiu investir no reduto do ex-governador Anthony Garotinho. A

cidade escolhida foi Nova Iguaçu, com 830 mil habitantes e 500 mil eleitores. Ex-líder estudantil, Lindberg foi escatado para a missão. Ele transferiu residência e título de eleitor para a cidade e venceu. Apesar da oposição de Garotinho, Lindberg se credenciou como principal articulador do presidente Lula no Rio. Coube a ele a aproximação de governantes da região metropolitana e interior do Estado com Lula. Entre os novos aliados está Washington Reis (PMDB), prefeito de Caxias, afiliado político de Garotinho. ● ALEXANDRE RODRIGUES

saiu do Bureau of Engraving and Printing (BEP), a Casa da Moeda dos EUA, até ser apreendido em poder dos petistas Gedimar Passos e Valdebran Padilha. Peritos da PF estão cruzando dados bancários e telefônicos para fechar o cerco sobre a origem tanto dos dólares como da soma de R\$1,6 milhão em reais encontrada com os dois petistas.

A PF criou o “projeto X”, que armazena informações relativas a 800 linhas telefônicas, fixas e móveis, rastreadas com ordem judicial. A superintendência da PF no Rio, que na semana passada já localizou casas de jogo do

bicho de onde saiu parte do dinheiro para o dossiê Vedoin, planeja uma ofensiva para elucidar a origem do restante dos dólares.

Relatório parcial da PF indica que a responsabilidade pela compra do dossiê contra os tucanos foi do petista Jorge Lorenzetti, ex-coordenador do setor de inteligência da campanha pela reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. As investigações da PF revelaram que o chefe de gabinete do presidente Lula, Gilberto Carvalho, telefonou duas vezes para Lorenzetti, no dia da prisão de Gedimar e Valdebran. O ex-ministro e deputado cassado



do José Dirceu também trocou telefonemas com Lorenzetti, de acordo com rastreamento telefônico feito pela Polícia Federal.

Tanto Dirceu quanto Carvalho estão agora na mira da PF, que estuda chamar os dois para dar explicações. Também em ra-

zão das contradições da primeira fase do inquérito, estão listados para prestar novo depoimento Lorenzetti, Gedimar e Hamil-

ton Lacerda, ex-coordenador da campanha do senador Aloizio Mercadante (PT-SP). ■ COLABOROU FAUSTO MACEDO

**OS PERSONAGENS DO ESCÂNDALO**

|   |  |  |   |
|---|--|--|---|
| <p><b>Ricardo Barros</b><br/>O chefe de gabinete de Dirceu, Barros foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002. Ele também foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002.</p> | <p><b>Jorge Lorenzetti</b><br/>Lorenzetti foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002. Ele também foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002.</p> | <p><b>Oswaldo Barreto</b><br/>Barreto foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002. Ele também foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002.</p>       | <p><b>Francisco Góes</b><br/>Góes foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002. Ele também foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002.</p>      |
| <p><b>Paulo Roberto</b><br/>Paulo Roberto foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002. Ele também foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002.</p>                          | <p><b>Valebrani Padilha</b><br/>Padilha foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002. Ele também foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002.</p>   | <p><b>Expedito Afonso Veloso</b><br/>Veloso foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002. Ele também foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002.</p> | <p><b>Hamilton Lacerda</b><br/>Lacerda foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002. Ele também foi o responsável por organizar a campanha de Dirceu em 2002.</p> |

# Dossiê põe PF e CPI em rota de colisão

Jungmann acusa polícia de obstruir investigações da comissão; Lacerda reage e diz não ver motivo para queixa

**Vera Rosa**  
**Eugênia Lopes**  
BRASILIA

A seis dias da eleição, o nervosismo da campanha contamina os bastidores da investigação sobre a origem da bolada de R\$ 1,75 milhão que seria usada por petistas para comprar o dossiê Vedoin contra tucanos. O deputado Raul Jungmann (PPS-PE), vice-presidente da CPI dos Sanguessugas, quer entrar agora comandando de segurança contra a Polícia Federal, alegando obstrução dos trabalhos da comissão parlamentar de inquérito.

Jungmann disse que até hoje a CPI não teve acesso a "nenhuma folha" de relatório parcial do inquérito preparado pela PF sobre a trama envolvendo a tentativa de compra do dossiê. Reclamou, ainda, que o documento vazou para a imprensa sem que os integrantes da comissão tivessem conhecimento da papelada.

"A pergunta que não quer calar é: a quem interessa que essa

CPI não chegue aos mandantes do crime, aos responsáveis?", indagou o deputado. "Estamos diante de uma situação absurda, de um caso de obstrução das investigações."

O vice-presidente da CPI estranhou o comportamento do juiz Jefferson Scheinleder - responsável pelo inquérito sobre o dossiê - , que não repassou o relatório preliminar à comissão. Mas culpou mesmo a PF por não enviar diretamente as informações. Disse que o vazamento foi "seletivo", oritindo trechos importantes da apuração, como transcrições de conversas telefônicas e cruzamento dos dados obtidos com quebra de sigilo bancário.

Apoiador do candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, Jungmann negou que sua sugestão de entrar com mandado de segurança contra a PF tenha ligação com a campanha eleitoral. "Aqui não há preocupação se o culpado é A ou B. Acho que é interesse de todos, do presidente Lula e do candidato Alck-

## Juiz restringe acesso a dados

... O juiz da 2.ª Vara Federal de Cuiabá, Jefferson Scheinleder, que preside o inquérito do dossiê Vedoin, determinou ontem aos delegados Diógenes Curado e Luiz Flávio Zampronha que evitem vazamentos de informações capazes de prejudicar a investigação ou que firam os direitos de pessoas investigadas. Ele encontrou-se com Curado em Cuiabá e em seguida foi para Zampronha, que dirige a Divisão de Combate a Crimes Financeiros (Defin), na sede da PF, em Brasília.

O juiz advertiu que os dois estão sujeitos a ser punidos por quebra do sigilo funcional. Scheinleder restringiu até o compartilhamento de informações, hoje feito

em tempo real, da PF com a CPI dos Sanguessugas, que investiga a origem do dinheiro para compra do dossiê. A partir de agora, os membros da CPI terão de ir a Cuiabá e requerer ao juiz dados do inquérito. Isso inclui cópias de depoimentos, perícias, cruzamentos de dados e análises de quebra de sigilo bancário, fiscal ou telefônico.

Anteontem, Scheinleder acolheu parcialmente o pedido do PT para suspender o sigilo do inquérito. Ele permitiu publicidade "única e exclusivamente" ao relatório preliminar da PF sobre o dossiê, entregue na sexta-feira e condicionou o "constante vazamento de informações", v.m.

Jungmann. "Não vou polemizar com o deputado para não entrar nesse jogo de campanha eleitoral", reagiu. "Ele, melhor do que ninguém, sabe perfeitamente que a CPI dos Sanguessugas tem tido acesso a todas as investigações. A atuação da PF é de Estado, republicana e transparente."

Na tentativa de pôr panos quentes na polêmica, o deputado Carlos Sampaio (PSDB-

SP), sub-relator de sistematização da CPI, afirmou que não é necessário entrar com mandado de segurança contra a PF. "O mais fácil é irmos a Cuiabá para pedir o relatório diretamente ao juiz", disse. "O mandado de segurança é uma medida extrema." O deputado Fernando Gabeira (PV-RJ) concordou com o colega tucano: "É difícil haver uma resposta

sobre a origem do dinheiro antes do segundo turno."

O relatório da PF aponta o petista Jorge Lorenzetti, ex-coordenador do setor de inteligência da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, como responsável pela operação de compra do dossiê. Negociado por Luiz Antônio Vedoin, um dos donos da empresa que vendia ambulâncias superfatu-

radas, o dossiê conteria informações contra José Serra, hoje governador eleito de São Paulo, e Geraldo Alckmin. O rastreamento telefônico autorizado pela Justiça também revelou telefonemas do chefe de gabinete da Presidência, Gilberto Carvalho, para Lorenzetti e dele para o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu. ■ COLABOROU VANNILDO MENDES

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “MST na campanha petista”, publicada pelo jornal **Correio Braziliense** em sua edição de 13 de outubro de 2006.

A matéria destaca que o MST, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, dá trégua ao Presidente e decide trabalhar pela reeleição de Lula. E que a meta é reunir 50 mil cabos eleitorais.

Sr. Presidente, requiro que a matéria acima citada seja considerada parte integrante deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. Muito obrigado.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ALVARO DIAS EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

## SEM-TERRA DÃO TRÉGUA A PRESIDENTE E DECIDEM TRABALHAR PELA REELEIÇÃO. NO RIO GRANDE DO SUL, META É REUNIR 50 MIL CABOS ELEITORAIS

# MST NA CAMPANHA PETISTA

ULLISSES CAMPBELL  
DA EQUIPE DO CORREIO

Entre o primeiro e o segundo turnos das eleições, os movimentos sociais deram uma trégua ao presidente-candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Desde o dia primeiro de outubro, dia do pleito, nenhum sem-terra invadiu um palmo de terra sequer. Uma das entidades que mais deram dor-de-cabeça ao governo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) passou a apoiar Lula indiretamente.

A ordem de cessar as invasões e qualquer atividade foi dada pelo líder nacional do MST, João Pedro Stédile. Segundo ele, as ações nesse período podem comprometer o processo eleitoral. E mais: acabam beneficiando o candidato tucano Geraldo Alckmin. “Este é o pior momento para fazer luta social por causa da provocação das forças obscuras da direita”, disse. Um das últimas manifestações do MST foi o bloqueio da BR-020, em setembro. Os sem-terra exigiam do governo federal terras na região de Formosa IG0).

Stédile já havia alertado os escritórios estaduais do MST que outros movi-

mentos sociais que não têm compromisso político podem fazer invasões para prejudicar a candidatura de Lula. Por conta dessa possibilidade, a ordem é não fazer qualquer ocupação nem bloqueio de estradas até o resultado final das eleições. A partir de novembro, o MST volta a pressionar o governo federal por mais recursos e reforma agrária. Para o dia primeiro de janeiro, dia da posse do novo presidente, o movimento está programando uma onda de invasões em 18 estados.

A condescendência do MST com Lula não ocorre de graça. Só no ano passado, o governo federal destinou para entidades ligadas ao movimento R\$ 9,5 milhões do Orçamento Geral da União. O MST é responsável por mais da metade das invasões de terra ocorridas em todo o país nos últimos dois anos. A quantia liberada no governo Lula é quatro vezes maior da que foi repassada ao movimento no último ano do governo de Fernando Henrique Cardoso, que foi de R\$ 2,17 milhões.

Por conta de uma estratégia política, a direção do MST não declarou apoio a Lula. No entanto, desde que foi atestada que a disputa pelo Palácio do Planalto foi para o segundo turno, o MST tratou

de se mobilizar. A direção nacional do movimento orientou todas as filiais estaduais a apoiar a candidatura de Lula, participando inclusive da militância. Nos estados em que a disputa foi para o segundo turno, o MST também foi obrigado a apoiar candidatos petistas e de outros partidos da esquerda.

Em Porto Alegre, atrás da tucana Yeda Crusius nas pesquisas, o candidato petista ao governo gaúcho, Olívio Dutra, foi o primeiro a contar com a ajuda do MST em sua campanha. No Rio Grande do Sul, o MST, assim como em todos os estados em que o movimento é atuante, os sem-terra não apoiaram ninguém no primeiro turno. Agora, junto com pequenos agricultores, pretendem colocar em campo 50 mil cabos eleitorais no Rio Grande do Sul. “O primeiro turno foi tímido. Agora, é luta de classes”, justifica Aureo Scherer, que integra a coordenação do MST estadual.

### Atrás de votos

Junto com a campanha a favor de Olívio, haverá também a busca de votos para Lula. A tática a ser adotada é corpo-a-corpo, indo às casas dos trabalhadores rurais para conversar os eleitores.

No Rio Grande do Sul, os sem-terra terão que ter muita lábia para pedir voto a Lula. Alckmin teve 57% dos votos, enquanto o candidato petista teve 33%.

No Pará, o MST e outros três movimentos sociais passaram a apoiar abertamente a candidata do PT ao governo do Estado, senadora Ana Júlia Carepa. Ela está no páreo com o ex-governador tucano Almir Gabriel. O MST tem aversão ao candidato por conta do massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido em 1997, quando 19 sem-terra morreram executados pela Polícia Militar paraense. Na época, o governador do Pará era Almir Gabriel.

Apesar de estar com o seu coordenador, Jaime Amorim, com prisão preventiva decretada, o MST do Pernambuco declarou na quarta-feira apoio e engajamento às candidaturas de Lula e de Eduardo Campos (PSB) ao governo pernambucano. O movimento informou que levará um cinema-volante a todos os acampamentos e assentamentos para mostrar aos sem-terra que o petista e o socialista são os candidatos que mais se identificam com as necessidades dos lavradores.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro do artigo intitulado “NOTÍCIAS DA ITÁLIA”, publicado pela revista **Veja** de 11 de outubro do corrente.

No artigo o articulista Diogo Mainardi afirma que os promotores públicos milaneses descobriram que a Telecom Itália tinha um esquema de pagamentos ilegais a autoridades brasileiras e que o lulismo ganhou o mundo em sua forma mais autêntica: o dinheiro sujo.

## Notícias da Itália

O lulismo está indo para a cadeia. Na Itália.

O caso estourou duas semanas atrás. Os promotores públicos milaneses descobriram que a Telecom Italia tinha um esquema de pagamentos ilegais a autoridades brasileiras. O esquema era simples. A Telecom Italia do Brasil remetia dinheiro a empresas de fachada sediadas nos Estados Unidos e na Inglaterra. A dos Estados Unidos era a Global Security Services. A da Inglaterra era a Business Security Agency. O dinheiro depositado nas contas dessas duas empresas era imediatamente repassado a intermediários brasileiros, que o distribuíam a terceiros.

A Business Security Agency era administrada por Marco Bernardini, consultor da Pirelli e da Telecom Italia. Ele entregou todos os seus documentos bancários à magistratura italiana. Há uma série de pagamentos em favor do advogado Marcelo Elias: 50 000 dólares em 13 de julho de 2005, 200 000 em 5 de janeiro de 2006, 50 000 em 2 de fevereiro de 2006. De acordo com Angelo Jannone, outro funcionário da Telecom Italia, Marcelo Elias era o canal usado pela empresa para pagar Luiz Roberto Demarco, aliado da Telecom Italia na batalha contra Daniel Dantas, e parceiro dos petistas que controlavam os fundos de pensão estatais.

Entre 11 de julho de 2005 e 6 de janeiro de 2006, Marco Bernardini deu dinheiro também à J.R. Assessoria e Análise. Em seu depoimento aos promotores públicos, Marco Bernardini disse que esses pagamentos eram redirecionados à cúpula da Polícia Federal. Paulo Lacerda e Zulmar Pimentel, nú-

Sr. Presidente, para que conste dos Anais do Senado, requeiro que o artigo acima citado seja considerado como parte integrante deste pronunciamento.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

### **DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR PAPALÉO PAES EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

meros 1 e 2 da Polícia Federal, devem estar muito atarefados no momento, investigando a origem do dinheiro usado para comprar os Vedoin. Mas quando sobrar um tempinho na agenda eles podem procurar seus colegas italianos.

Outro nome que está sendo investigado pela Justiça milanesa é Alexandre Paes dos Santos. Conhecido como APS, ele é um dos maiores lobistas de Brasília. Foi contratado pela Telecom Italia para prestar assessoria política. Segundo uma fonte citada pela revista *Panorama*, APS tinha de ser pago clandestinamente porque é cunhado de Eunício Oliveira. Na época dos pagamentos, Eunício Oliveira era o ministro das Comunicações de Lula; responsável direto pela área de interesse da Telecom Italia. Eunício Oliveira acaba de ser eleito deputado federal com mais de 200 000 votos. Lula já espalhou que, em caso de segundo mandato, ele é um forte candidato para presidir a Câmara. É bom saber o que nos espera.

A revista *Panorama* reconstruiu também um caso denunciado por VEJA: aqueles 3,2 milhões de reais em dinheiro vivo retirados da Telecom Italia em nome de Naji Nahas. Um dos encarregados pelo pagamento conta agora que o dinheiro foi entregue a deputados da base do governo, do PL, membros da Comissão de Ciência e Tecnologia.

Lula se orgulha de seu prestígio internacional. Orgulha-se a ponto de roubar aplausos dirigidos ao secretário-geral da ONU. O caso da Telecom Italia permite dizer que o lulismo realmente ganhou o mundo. Em sua forma mais autêntica: o dinheiro sujo.

**“O caso estourou duas semanas atrás. Os promotores públicos milaneses descobriram que a Telecom Italia tinha um esquema de pagamentos ilegais a autoridades brasileiras. O lulismo realmente ganhou o mundo. Em sua forma mais autêntica: o dinheiro sujo”**

**A SRA. LÚCIA VÂNIA** (PSDB – GO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “Entidades vêm risco à liberdade de imprensa”, publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo** de 20 de outubro do corrente.

Segundo a matéria, representantes de entidades ligadas à imprensa brasileira disseram que é legítima a decisão da campanha do candidato-presidente Lula, de pedir direito de resposta por reportagem publicada pela revista **Veja**, mas no entanto, a medida soa

mais como uma estratégia de coerção da liberdade de imprensa.

Sr. Presidente, para concluir, requeiro que a referida matéria passe a integrar os Anais do Senado Federal.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. Muito obrigada.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE A SRA. SENADORA LÚCIA VÂNIA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

# Entidades vêm risco à liberdade de imprensa

Dirigentes admitem que ação do PT é legítima, mas temem coerção

Representantes de entidades ligadas à imprensa brasileira ouvidos pelo **Estado** disseram que é legítima a decisão da campanha do candidato-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), de pedir direito de resposta por reportagem publicada pela revista **Veja** no fim de semana passado. Para alguns, no entanto, a medida soa mais como uma estratégia de coerção da liberdade de imprensa.

O jornalista e representante da diretoria da Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner), Alfredo Nastari, disse ontem que vê com ressalvas esses pedidos de direito de resposta. “Vemos sempre com preocupação a tentativa de partidos ou de grupos que tenham seus interesses contrariados de responsabilizar setores da imprensa porque, por trás disso, parece que o interesse é de coerção da liberdade de imprensa.”

Para Nastari, não haveria necessidade de pedir reparação à revista, embora o pedido seja legítimo, porque neste momento a campanha do presidente tem amplo espaço diário na mídia, principalmente no rádio e na TV – com inserções entre a programação e os programas eleitorais –, para rebater as afirmações feitas pela reportagem e

com possibilidade de atingir até mesmo uma parcela maior da população. “OPT dispõe de amplo espaço na mídia editorial e publicitária neste momento de eleição para expor o contraditório, ou seja, dizer o que pensa e desmentir a revista. Volto a dizer que isso soa como coerção.”

O PT e Lula entraram ontem com um pedido de direito de resposta no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), argumentando que a reportagem é “caluniosa, injuriosa e inverídica”. A reportagem de capa de **Veja** é sobre o dossiê Vedoin e descreveu en-

contros, reuniões e diálogos envolvendo Freud Godoy, o ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, o tesoureiro do PT, Paulo Ferreira, e outras pessoas próximas do presidente Lula. Teria havido suposta ingerência do ministro na investigação da Polícia Federal sobre o caso, na tentativa de blindar o candidato à reeleição.

Para o jornalista, escritor e membro do conselho da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) Ricardo Viveiros não há como impedir que direitos de resposta sejam usados com outros fins que não seja a pura reparação da imagem de quem se sentiu injuriado. “Não posso dizer que essa seja a estratégia neste caso, mas sabemos que cada um usa, legitimamente, a regra do jogo da forma que lhe convém.”

Viveiros ressaltou que, pela primeira na história da imprensa brasileira, houve uma cobertura eleitoral ampla e democrática. “Nesta eleição os órgãos de imprensa, principalmente rádio e TV, fizeram uma cobertura de todos os candidatos, do primeiro colocado nas pesquisas aos últimos.”

O Estado procurou a Associação Nacional de Jornais (ANJ), mas a entidade não quis comentar o caso. ●

SILVIA AMORIM

## FRASES

### Alfredo Nastari Aner

“Vemos sempre com preocupação a tentativa de partidos ou grupos que tenham seus interesses contrariados de responsabilizar setores da imprensa porque, por trás disso, parece que o interesse é de coerção da liberdade de imprensa”

### Ricardo Viveiros ABI

“Sabemos que cada um usa, legitimamente, a regra do jogo da forma que lhe convém”

**‘O PT tem amplo espaço na mídia agora para expor o contraditório’**

**O SR. ALMEIDA LIMA** (PMDB – SE. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, venho à tribuna neste momento para registrar o artigo intitulado “A indignação”, de autoria do Professor de Filosofia Denis Rosenfield, publicado no jornal **Folha de S.Paulo** em sua edição de 1º de novembro do corrente.

O autor, em seu artigo, faz uma análise sobre o processo eleitoral recente e os escândalos que dominaram o governo do Presidente Lula. Para o autor, “Um país que perde a capacidade de indignar-se arrisca a sua própria existência política”. Afirma, ainda, que “Os que defendem os ‘erros’ cometidos pelo governo

Lula e pelo PT estão, de fato, abandonando o próprio exercício do pensamento”.

Sr. Presidente, requeiro que o artigo acima citado seja considerado como parte integrante deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ALMEIDA LIMA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

## Tendências Debates

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do j...  
Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais  
e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@uol.com.br

### A indignação

DENIS LERRER ROSENFIELD

**U**M PAÍS que perde a capacidade de indignar-se arrisca a sua própria existência política. A moral não é um utensílio qualquer que possa ser utilizado segundo as conveniências partidárias. Ela é uma finalidade em si mesma que, instrumentalizada, perde seu próprio significado. A política se mostra como uma forma superior de sociabilidade humana se tiver um comprometimento com princípios morais e com a verdade, sem os quais as relações humanas abandonam sua própria dimensão cívica, a que se realiza pelo exercício dos mais diferentes tipos de direito.

O país cresceu nas últimas décadas pelo desenvolvimento e pelo aperfeiçoamento da cena pública.

A liberdade de imprensa e dos meios de comunicação em geral propiciou uma nova configuração da opinião pública, atenta ao comportamento de seus dirigentes. Líderes partidários e governantes tiveram de responder por suas ações e de se responsabilizar pelo que faziam. Políticos que baseavam suas ações em máximas do tipo “é dando que se recebe” ou “rouba, mas faz” perderam progressivamente credibilidade e foram sendo abandonados pelos eleitores.

Parecia que o país tinha ingressado em um distinto e superior patamar político. Um presidente da República chegou a ser afastado do seu cargo por corrupção e por infrações à moralidade pública em manifestações que tomavam conta das ruas deste país.

Nos escândalos que dominaram a cena do governo Lula, as ruas permaneceram vazias. As vozes, dificilmente audíveis, começaram a se calar, como se a perplexidade tivesse tomado o lugar da indignação. É como se as seguintes perguntas martelassem as cabeças: “O que fez com que o partido da ética a infringisse tão duramente?”; “Era tudo uma mera encenação de um partido oposicionista?”.

A única resposta a essas perguntas veio sob a forma do “errar é humano” para justificar a corrupção e a falta de ética na política. É como se uma “nova teoria” estivesse nascendo das cinzas da moralidade, a de que “erros” justificam todo tipo de ação.

Ora, uma “teoria dos erros”, cuja finalidade consistia apenas em acobertar a verdade, só podia se traduzir por uma valorização da “mentira” como forma de governo. O seu rebento é o “direito de mentir”. Triste fim dos

#### Os que defendem os “erros” cometidos pelo governo Lula e pelo PT estão, de fato, abandonando o próprio exercício do pensamento

que se diziam defensores da moralidade, embora tenham com isso aferido “belos” resultados eleitorais. Acontece que a beleza e a eticidade desapareceram em proveito de uma grande enganação pública.

Criticar, porém, é preciso.

Uma cena pública que perde seus parâmetros começa a se desestruturar. Entra-se no lugar do vale-tudo em que a verdade e a moralidade são as primeiras vítimas.

O mundo do vale-tudo é o mundo dos heróis sem caráter, que aproveitam as mínimas circunstâncias em proveito próprio. O tesouro público se torna privado ou privado-partidário, como se a República, a coisa pública, a coisa de todos nós e os recursos dos contribuintes pudessem ser dilapidados à vontade. Sempre explicações e justificativas serão apresentadas, algumas adornadas de belas expressões, como se um novo mundo estivesse sendo construído, um novo mundo possível, só que este surge sob a forma da usurpação e da perversão.

O exemplo que está agora sendo vendido ao país é o de que o crime

compensa, toda regra e toda norma podendo ser transgredidas.

Tudo depende da “teoria do erro”, chave mestra que procura colocar aquele que o cometeu na posição de vítima, de agente involuntário, injustamente acusado pelos malfeteiros da imprensa, uma imprensa que não saberia investigar corretamente, porque não segue os ditames do partido no poder. De reveladora de fatos, ela se torna ré de um mau exercício da liberdade. De pequenos passos se constitui uma mentalidade e um uso autoritário do poder.

Quem defende a imoralidade, quem a justifica, a trai. Defende, na verdade, a asfixia da cena pública, a asfixia lenta e gradual das liberdades democráticas. O comprometimento do pensamento é com a faculdade de julgar, de emitir juízos sobre fatos e comportamentos que atentam contra princípios morais, contra a verdade e contra tudo aquilo que baliza as instituições republicanas.

Os que defendem os “erros” cometidos pelo governo Lula e pelo PT estão, de fato, abandonando o próprio exercício do pensamento, que não pode se tornar refém da servidão política — aqui, uma espécie de servidão voluntária. Se a “causa” toma o lugar da verdade e da liberdade, muito pouco se pode esperar da reflexão, da crítica. Lula ganhou, a ética e a verdade perderam.

DENIS LERRER ROSENFIELD, 55, doutor pela Universidade de Paris 1, é professor titular de Filosofia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e editor da revista “Filosofia Política”. É autor de “Política e Liberdade em Hegel” (Ática, 1995), entre outros livros.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Instituto Presbiteriano Mackenzie, um dos mais prestigiosos estabelecimentos de ensino no País, inova a sua lista de publicações e lança o oportuníssimo compêndio intitulado *Mackenzie: Balanço Social 2005*. No ano passado, a instituição comemorou o seu quinquagésimo terceiro aniversário. Aproveito, portanto, a ocasião para não somente saudar a relevante iniciativa, como também tecer ligeiros comentários sobre tão renomado patrimônio pedagógico brasileiro.

Em primeiro lugar, cabe enaltecer o compromisso assumido pelos administradores do Mackenzie de investir na excelência do ensino e da pesquisa no País, zelando pela formação integral do ser humano em ambiente de fé cristã-evangélica reformada. Na condição de instituição educacional presbiteriana, segue religiosamente a missão de lapidar o ser humano à luz da sabedoria divina, visando ao exercício consciente e crítico da cidadania e da dignidade.

Nessa perspectiva, o Mackenzie encomendou, em 2005, a uma empresa de auditoria a elaboração de uma proposta de reorganização da Universidade. Segundo a nova estruturação, adotou-se o reagrupamento das faculdades em centros, seguindo as afinidades dos cursos e as estruturas necessárias. Além disso, empenhou-se em ajustar sua organização docente às regras previstas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de acordo com as quais um terço de seus professores deve permanecer em regime de tempo integral.

Sr. Presidente, a Carta de Princípios de 2005, sob cuja inspiração a Universidade Mackenzie elaborou este *Balanço Social*, condensou sua mensagem no seguinte lema: “Confessionalidade e Liberdade Acadêmica”. Trata-se do reconhecimento de que toda instituição de ensino é confessional, mesmo que os pressupostos filosóficos e religiosos que determinam sua linha educacional não sejam estatutariamente explícitos. Mas esse reconhecimento da confessionalidade não impede que o Mackenzie tenha sempre prezado a liberdade religiosa e o respeito quanto à diversidade das crenças.

Nunca será por demais recordar que o Mackenzie inaugurou, de fato, suas atividades no Brasil em 1870, quando da chegada de alguns exímios missionários protestantes norte-americanos, introduzindo pioneirismo no modelo pedagógico da época. Destacam-se, entre outras medidas, a inovação de classes mistas e a abolição dos castigos físicos. Além de justapor herdeiros de famílias renomadas e filhos de escravos na mesma sala de aula, a instituição fundou, em 1896, a primeira escola de engenharia de caráter privado no País.

Segundo os critérios de excelência do Ministério da Educação (MEC), o Mackenzie foi considerado, em 2003, uma das maiores instituições brasileiras de ensino, abrangendo cursos fundamentais, superiores e de pós-graduação. De não somenos relevância, foi neste estabelecimento universitário que o Brasil, ainda nos anos sessenta, anunciou a nomeação da primeira mulher reitora em nossa história. A ex-Ministra da Educação Esther de Figueiredo Ferraz assumiu o cargo em 1965 e lá permaneceu por vários anos.

De lá para cá, muita coisa evoluiu. A TV Mackenzie, por exemplo, foi fundada em 1997, se consolidando como importante instrumento de comunicação da instituição. Comprometida com os projetos de ensino, pesquisa e extensão, sua produção e sua programação são desenvolvidas por uma equipe competente de profissionais de jornalismo, rádio e TV, além de contar com os respectivos professores da área.

Especificamente em 2005, a nova Divisão de Tecnologia e Informação (DTI) implementou significativas melhorias e expansões em infra-estrutura e comunicação digital. Com isso, pôde viabilizar redes mais velozes de comunicação de dados em todas as unidades do Mackenzie, além de intensificar os ambientes virtuais de educação *on-line* e a distância. Mais que tudo, investiu na maior convergência de tecnologias, envolvendo dados, voz e vídeo digitais.

Por outro lado, vale a pena, igualmente, sublinhar a preocupação do Mackenzie com sua efetiva contribuição para as ações sociais. Em 2005, o Grupo de Recreação Musical desenvolveu inúmeros exercícios junto ao Instituto de Tratamento do Câncer Infantil, privilegiando uma terapia baseada na interação do paciente com o entretenimento rítmico e melódico. No mesmo diapasão, os integrantes do grupo Alfabetização Solidária Mackenzie, além de prestarem serviços diretamente relacionados à função educativa primária, fundaram um afinadíssimo coral destinado a projetos culturais alternativos e solidários.

No fundo, não há como negar que, na realidade, o Mackenzie tem por vocação maior a missão filantrópica, em nome da qual prioriza seu compromisso com a sustentabilidade social, ambiental e econômica do País. Nesse contexto, de acordo com os editores da publicação, a transparência converteu-se em valor supremo para o alcance de um desenvolvimento sustentável da instituição, confirmando sua obsessão educacional por uma sociedade mais justa e solidária.

Por conta disso, aposta num saudável convívio de pessoas de diferentes origens, credos e habilidades, proporcionando oportunidade de emprego para mulheres, portadores de necessidades especiais e pessoas de faixa etária mais elevada. Ao lado disso, não

lhe escapa a adoção de uma política salarial interna competitiva, de modo a atrair e reter talentos. No quesito treinamento, cerca de 230 professores participaram, em 2005, de eventos nacionais e internacionais, mediante desembolso da ordem de 400 mil reais por parte da instituição.

Engajado no desenvolvimento das comunidades próximas à localização de seus campi, o Mackenzie destina quase 25% do total da receita efetivamente recebida às gratuidades educacionais e aos projetos sociais. Seguindo os termos do Roteiro Básico de Projetos Sociais (RBPS), define determinados projetos de apoio, caracterizados, em geral, por sua ação permanente e pelo atendimento ao público-alvo preestabelecido pelo Conselho Nacional de Assistência Social.

Por fim, convém fazer algumas considerações sobre as relações do Mackenzie com o Poder Público. Embora seja desvinculada de qualquer bandeira político-partidária, a instituição julga por bem manter um relacionamento ético e responsável com as diversas instâncias governamentais do País. Afora o respeito às leis, aposta numa interação dinâmica com os represen-

tantes políticos, vislumbrando uma melhoria constante da situação social e econômica brasileira.

Diante do exposto, Sr. Presidente, nada mais resta a acrescentar nesta conclusão, senão reiterar as sinceras congratulações à comunidade que integra o Instituto Presbiteriano Mackenzie, por mais uma publicação de impecável elaboração. Sem dúvida, o *Balço Social 2005* se inscreve na história educacional brasileira como mais um documento a registrar a prosperidade, ainda que lenta, do projeto de emancipação cultural do País.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)  
– Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos desta sessão de segunda-feira, dia 13 de novembro de 2006, coordenada pelo nosso extraordinário Secretário-Geral da Mesa, Dr. Raimundo Carreiro da Silva:

Está encerrada a sessão.

*(Levanta-se a sessão às 19 horas e 13 minutos.)*

## Ata da 185ª Sessão Não Deliberativa, em 14 de novembro de 2006

4ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura

*Presidência do Sr. Alvaro Dias, da Srª Heloísa Helena  
e dos Srs. Augusto Botelho e Romeu Tuma*

*(Inicia-se a sessão às 14 horas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR) –  
Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

Of. nº 492/06/PS-GSE

Brasília, 9 de novembro de 2006

Assunto: comunica envio de PL à sanção

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que foi aprovada nesta Casa o Projeto de Lei nº 5.505, de 2005, do Senado Federal (PLS nº 282/04), o qual “Institui o Dia Nacional de Combate à Psoríase”.

Na oportunidade, informo a Vossa Excelência que a referida proposição foi, nesta data, enviada à sanção.

Atenciosamente, Deputado **Inocência Oliveira**,  
Primeiro-Secretário.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR) –  
O ofício que acaba de ser lido vai à publicação.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

### **REQUERIMENTO Nº 1.125, DE 2006**

Senhor Presidente,

Em aditamento ao Requerimento nº 1.039, de 2006, comunico a V. Exª, que em virtude de compromissos parlamentares inadiáveis estarei participando, como observador parlamentar, da Assembléia-Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, no período de 17 a 30 de novembro de 2006.

Assim, a minha ausência do País se dará no período de 16 de novembro a 1 de dezembro de 2006.

Senado Federal, 14 de novembro de 2006. – Senador **Romeu Tuma**.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)

– Com referência ao expediente que acaba de ser lido, de autoria do Senador Romeu Tuma, a Presidência, com base no disposto no art. 41 do Regimento Interno, defere o requerimento, considerando que a próxima sessão deliberativa somente se realizará no dia 21 de novembro.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

### **REQUERIMENTO Nº 1.126, DE 2006**

Requeiro, nos termos do artigo 222 do Regimento Interno do Senado Federal, a inserção em ata de voto de congratulações para o atleta Marilson Gomes dos Santos, ganhador da São Silvestre por duas vezes, 2003 e 2005; e da 37ª Maratona de NY em cinco do corrente.

#### **Justificação**

Ele nasceu aqui perto, em Ceilândia, teve uma infância pobre e muita gente de Brasília acostumou-se a vê-lo correr descalço pelas avenidas planas da capital federal quando era adolescente. Marilson Gomes dos Santos corria desde menino e tinha um fôlego fora do comum.

Aos 14 anos mudou-se para Santo André, na Grande São Paulo. Era franzino. Ganhou peso, mas ainda hoje, aos 29 anos, é magro, com 1 metro e 75 de altura e 58 quilos. Físico ideal para um bom fundista – e melhor ainda para o campeão da maratona de Nova Iorque, a prova mais concorrida do mundo, com 42 quilômetros 195 metros, que reuniu neste ano 38.368 atletas de vários países. Foi a primeira vez que um sul-americano, um brasileiro, chegou ao primeiro lugar.

A prova, a vitória de Marilson aconteceu no dia 5, domingo retrasado, mas a notícia continua “quente”. Marilson representa o brasileiro que supera os obstáculos, acredita na sua capacidade e sabe o que quer.



O Brasil todo conhece Marilson. Ganhou a São Silvestre em 2003 e 2005, o que não é pouca coisa. Eu mesmo já disputei a prova em São Paulo por duas vezes e sei o que é fazer aquele percurso.

Marilson deixou para trás grandes corredores, como os quenianos – os favoritos de sempre, por liderarem a maior parte das maratonas nos últimos anos. O Quênia tem 35 milhões de habitantes e chama atenção pela qualidade dos seus atletas. Grande deles vem do Vale do Rift, que fica a 1.500 metros de altitude. A revista **Veja**, desta semana, fala de pesquisas feitas com a população desse local, para verificar se havia algo específico no DNA dos atletas, que os fazia correr tão bem. Nada foi encontrado.

São como Marilson e todos os atletas do mundo. Ou seja, têm mesmo é bom treino, disciplina, preparo físico e uma enorme força de vontade.

Marilson deixou para trás grandes campeões como Stephen Kiogora e Paul Tergat, que subiram ao pódio com ele como segundo e terceiro colocados. Os dois quenianos favoritos dizem reconhecer que Marilson fez uma prova espetacular, e que merecia vencê-los. “Estou feliz por ele”, disse Paul Tergat às emissoras de TV de todo o mundo, que cobriam a maratona.

O treinador Adauto Dominguez conta que tudo melhorou na vida dos dois quando decidiram mudar das provas de 5 mil e 10 mil metros para as maratonas de longa distância. Está dando certo desde 2003. Depois da vitória em São Paulo em 2003, a imprensa esportiva mundial passou a prestar atenção no seu estilo, muito citado nas maratonas de Paris em 2004 e de Chicago, um ano depois, quando chegou em 6º e em 10º lugar, respectivamente. Nessas duas provas ele não chegou ao pódio, mas foi considerado um atleta “fora de série”.

Para essa maratona de Nova Iorque, Marilson treinou em Campos do Jordão, a cidade alta, linda e fria da Serra da Mantiqueira em São Paulo. Mas passa temporadas treinando em Paipas, a cidade colombiana que fica a 2.600 metros de altitude. A gente pensa que ele está acostumado com o frio. Mas seus 4% de gordura o deixam muito friorento. Enfrentou os 9 graus de Nova Iorque com gorro, luvas e protetores para os braços. Deixa ele se esquentar. Deixa ele ganhar mais.

Corre mais, Marilson, e alegre a gente aqui no Brasil.

Sala das Sessões, 14 de novembro de 2006.  
– Senador **Eduardo Matarazzo Suplicy**.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– A Presidência encaminhará o voto de congratulações solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 1.127, DE 2006**

Senhor Presidente,

Tendo sido designado por Vossa Excelência para participar, da 4ª Sessão da Conferência Interpalmamentar sobre Direitos Humanos e Liberdade Religiosa, a realizar-se em Roma, Itália, requeiro, nos termos do inciso II, **a**, do artigo 40 do Regimento Interno do Senado Federal, seja concedida licença para desempenhar a referida missão de 28 a 30 de novembro de 2006.

Comunico, por oportuno, que estarei ausente do País no período de 24-11 a 4-12-2006.

Sala das Sessões, 14 de Novembro de 2006.  
– Senador **Mão Santa**.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Com referência ao expediente que acaba de ser lido, de autoria do Senador Mão Santa, a Presidência, com base no disposto no art. 41 do Regimento Interno, defere o requerimento, considerando que a próxima sessão somente se realizará no dia 21 de novembro.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 1.128, DE 2006**

Senhor Presidente,

Tendo sido designado por Vossa Excelência para participar, da V Assembléia Plenária do Fórum Interpalmamentar das Américas – FIPA, a realizar-se em Bogotá, Colômbia, requeiro, nos termos do inciso II, **a**, do Artigo 40 do Regimento Interno do Senado Federal, seja concedida licença para desempenhar a referida missão de 19 a 21 de novembro de 2006.

Comunico, por oportuno, que estarei ausente do País no período de 18 a 21 de Novembro de 2006.

Sala das Sessões, 14 de Novembro de 2006,  
– Senador **Marcelo Bezerra Crivella**.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Com referência ao expediente que acaba de ser lido, de autoria do Senador Marcelo Crivella, a Presidência, com base no disposto no art. 41 do Regimento Interno, defere o requerimento, considerando que a próxima sessão somente se realizará no dia 21 de novembro.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 1.129, DE 2006**

Requeiro, nos termos do art. 218, inciso VII, do Regimento Interno, que seja inserido em ata, voto de

pesar pelo falecimento de Isaac Ainhorn, ocorrido no dia de hoje, pela manhã.

Isaac Ainhorn, advogado e professor da Universidade Ritter dos Reis, estava em seu sexto mandato na Câmara Municipal de Porto Alegre – CMPA. Sua primeira eleição, como suplente do PDT, foi em 1982. Ele presidiu o Legislativo em 1996. Atualmente era Secretário do Planejamento Municipal – SPM, mas estava licenciado em função da doença. Isaac era casado com Landa Almeida Ainhorn, com quem teve três filhos.

O corpo do vereador será velado a partir das 15h no Plenário Otávio Rocha da Câmara (Avenida Loureiro da Silva, 255 – 2º piso). O sepultamento está previsto para a manhã desta quarta-feira, às 10h, no Cemitério Israelita de Porto Alegre.

Este voto de pesar deve ser enviado para Landa Maria Lopes de Almeida Ainhorn, esposa de Isaac Ainhorn, residindo em Rua Comendador Caminha, 180, apartamento 104 – Bairro Moinhos de Vento – Porto Alegre/RS – CEP. 90430-030.

Sala das Sessões, 14 de novembro de 2006.  
– Senador **Paulo Paim**.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– A Presidência encaminhará o voto de pesar solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– A Presidência recebeu do Tribunal de Contas da União, os seguintes **Avisos**:

- **nº 1.875, de 2006**, encaminhando cópia do Acórdão nº 2.007/2006 – TCU – Plenário, bem como dos respectivos Relatório e Voto que o fundamentam, sobre auditoria realizada nas obras de reforma e ampliação do Aeroporto Internacional Luiz Eduardo Magalhães, na cidade de Salvador/BA (TC 009.627/2000-8); e
- **nº 1.894, de 2006**, encaminhando cópia do Acórdão nº 2.015/2006 – TCU – Plenário, bem como dos respectivos Relatório e Voto que o fundamentam, sobre auditoria realizada no Cadastro Único dos Programas Sociais do Governo Federal (TC 001.838/2006-5).

Os expedientes lidos, anexados respectivamente aos processados dos **Avisos nºs 201, de 2001; e 10, de 2003**, vão à Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– A Presidência recebeu, do Banco Central do Brasil, o **Aviso nº 87, de 2006**, na origem, de 31 de outubro último, informando, nos termos do art. 3º da Resolução nº 23, de 1996, do Senado Federal, as operações

de crédito externo de natureza financeira de interesse da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, de caráter não-reembolsável, analisadas e registradas por aquela Autarquia, no trimestre de julho a setembro de 2006.

O expediente, juntado ao processado da referida Resolução, vai à Comissão de Assuntos Econômicos.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Sobre a mesa, parecer que passo a ler.

É lido o seguinte:

### **PARECER Nº 1.201, DE 2006**

**Da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 388, de 2005, de autoria do Senador Valdir Raupp, que autoriza o Poder Executivo Federal a implantar o Gasoduto Urucu – Porto Velho, no Estado de Rondônia.**

Relatora: Senadora **Fátima Cleide**

Relator **ad hoc**: Senadora **Serys Slhessarenko**

#### **I – Relatório**

Submete-se ao exame da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura (CI), o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 388, de 2005, de autoria do Senador Valdir Raupp, que autoriza o Poder Executivo Federal a implantar o gasoduto Urucu – Porto Velho, após a realização dos estudos de viabilidade técnica, econômica, de impacto ambiental (EIA/RIMA), de natureza antropológica e outros que estejam previstos em lei.

De acordo com o PDS, as comunidades indígenas afetadas pelo empreendimento serão ouvidas, nos termos do § 3º do art. 231 da Constituição Federal.

O autor do projeto argumenta que o empreendimento, a ser desenvolvido pela Petrobras, levará o gás natural de Urucu para a capital rondoniense, sendo de vital importância para o desenvolvimento da Amazônia.

O requerimento de urgência, subscrito por líderes partidários e anexado a este processo, não foi apreciado, em virtude do término da 3ª sessão legislativa ordinária. Em janeiro de 2006, o projeto retornou à CI para continuar sua tramitação.

#### **II – Análise**

De acordo com o art. 104, I, do Regimento Interno do Senado Federal (RISF), compete à Comissão de Serviços de Infra-Estrutura opinar, entre outros, sobre temas referentes a obras públicas em geral.

A construção de um gasoduto para transportar gás natural (GN), da província petrolífera de Urucu, localizada no Estado do Amazonas, até Porto Velho, no Estado de

Rondônia, é um dos principais projetos do Governo Federal e insere-se na estratégia de ampliação da malha de gasodutos e massificação do uso do gás natural no País.

O empreendimento da TNG Participações, consórcio liderado pela Petrobras, com 520 Km de extensão, passará pelos municípios amazonenses de Coari, Tapauá e Canutama, até chegar a Porto Velho, e visa a resolver definitivamente o problema de escassez de energia elétrica da região Norte.

A produção média de gás natural em Urucu é da ordem de 9,7 milhões de metros cúbicos por dia, volume que faz do Amazonas o terceiro produtor nacional de GN. Esses números indicam que as reservas de Urucu serão suficientes para abastecer todo o Norte do País, além de outras regiões, como uma das principais fontes de energia elétrica.

São inúmeras as vantagens do emprego do gás natural – como, por exemplo, geração de eletricidade com maior segurança operacional e redução de custos nas tarifas, aplicação automotiva, com baixo custo para o usuário, uso direto no setor industrial, menor potencial poluidor –, o que justifica a crescente inserção desse combustível na matriz energética nacional.

Assim, a implantação de um projeto como o gasoduto Urucu – Porto Velho é indispensável para assegurar à população da Amazônia as condições necessárias para seu desenvolvimento econômico e social.

Enfatize-se, porém, que a importância estratégica do empreendimento não autoriza relegar, a segundo plano, a proteção ao meio ambiente e à biodiversidade da área sob influência do gasoduto. Nesse sentido, é imperativo que a empresa responsável por sua instalação observe, na íntegra, todas as condicionantes estabelecidas na Licença nº 322, de 2005, concedida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e anexada a este parecer.

Além do mérito, a CI examinará também a constitucionalidade da matéria, uma vez que a proposição não será submetida à apreciação da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

Sob esse aspecto, o PDS atende ao disposto no art. 49, XVI, da Constituição Federal, que atribui competência exclusiva ao Congresso Nacional para “autorizar, em terras indígenas, a exploração e o aproveitamento de recursos hídricos e a pesquisa e lavra de riquezas minerais”. Além disso, encontra amparo no art. 231, § 3º, da Lei Maior, pelo qual “o aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades [índigenas] afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei”.

A propósito, o item 2.10 da licença publicada pelo Ibama explicita que a implantação do gasoduto Urucu-Porto Velho vincula-se ao cumprimento das determinações impostas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que, por intermédio da Coordenadoria-Geral de Patrimônio Indígena e Meio Ambiente (CGPIMA), assim se manifesta:

(1) formação de uma equipe composta por sertanistas para coordenar e acompanhar todo o processo de instalação do empreendimento, que inclui todas as suas fases de atividades (topografia, acampamentos, instalações etc.), monitorando as interações destas atividades com as comunidades das Terras Indígenas envolvidas no contexto do empreendimento, principalmente no caso de constatação de indício de índios isolados;

(2) promover os trabalhos de localização dos grupos indígenas isolados na região do rio Mucum e Igarapé Jacareúba, a serem realizados pela Coordenação-Geral de Índios Isolados;

(3) melhoria das condições de operação da unidade administrativa da Funai em Lábrea – AM, quanto aos recursos humanos e à infraestrutura de equipamento.

Como condicionante para a emissão da Licença de Operação pelo órgão licenciador, o empreendedor deve atender os itens seguintes:

(1) promover a formação de equipes multidisciplinares distribuídas para a execução dos Estudos Etnoecológicos conforme o Termo de Referência a ser apresentado pela CGPIMA, oportunamente, para cada Terra Indígena envolvida. Cada equipe será composta de um indigenista experiente e dois especialistas em etnoecologia (sendo um deles antropólogo);

(2) promover os programas e projetos apresentados pelas equipes dos Estudos Etnoecológicos para cada Terra Indígena envolvida, (...) voltados para o ordenamento etnoterritorial, com vista ao etnodesenvolvimento e à proteção das Terras Indígenas envolvidas.

A proposição sob exame respeita os limites constitucionais e atende os pressupostos ambientais. Merece, portanto, apoio irrestrito desta Casa para a sua aprovação.

### III – Voto

Diante do exposto, votamos pela aprovação do Projeto de Decreto Legislativo nº 388, de 2005, que autoriza o Poder Executivo Federal a implantar o Gasoduto Urucu-Porto Velho, no Estado de Rondônia.

Sala da Comissão, 8 de novembro de 2006.

**SENADO FEDERAL**  
**COMISSÃO DE SERVIÇOS DE INFRA-ESTRUTURA**

| <i>Projeto de Decreto Legislativo nº 388, de 2005</i>                                       |  |
|---|--|
| ASSINAM O PARECER NA REUNIÃO DE 08/11/2006, OS SENHORES (AS) SENADORES (AS)                 |  |
| PRESIDENTE: <i>Senador Heráclito Fortes</i>   |  |
| RELATOR: <i>Senadora Fátima Cleide</i> <i>Senadora Serys Shessarenko - Relatora AD. Mec</i> |  |
| BLOCO DA MINORIA (PFL E PSDB)   | BLOCO DA MINORIA (PFL E PSDB) SUPLENTES          |
| HERÁCLITO FORTES - PFL  | 1- ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES - PFL                |
| DEMÓSTENES TORRES - PFL   | 2- CÉSAR BORGES - PFL                            |
| JOSÉ JORGE - PFL  | 3- JONAS PINHEIRO - PFL <i>Jonas Pinheiro</i>    |
| MARCO MACIEL - PFL  | 4- JORGE BORNHAUSEN - PFL                        |
| JDOLPHO TOURINHO - PFL  | 5- MARIA DO CARMO ALVES - PFL                    |
| LEONEL PAVAN - PSDB   | 6- FLEXA RIBEIRO - PSDB <i>Flexa Ribeiro</i>     |
| SÉRGIO GUERRA - PSDB  | 7- EDUARDO AZEREDO - PSDB <i>Eduardo Azeredo</i> |
| JUVÊNCIO DA FONSECA - PSDB  | 8- MARCOS GUERRA - PSDB                          |
| (vago)  | 9- ARTHUR VIRGÍLIO - PSDB                        |
| BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PSB, PL, PRB)  | BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PSB, PL, PRB)     |
| DELCÍDIO AMARAL - PT <i>Delcídio Amaral</i>   | 1- (vago)  |
| MAGNO MALTA - PL  | 2- PAULO PAIM - PT                               |
| ROBERTO SATURNINO - PT <i>Roberto Saturnino</i>   | 3- FERNANDO BEZERRA - PTB                        |
| SÉRGIO ZAMBIASI - PTB <i>Sérgio Zambiasi</i>  | 4- FÁTIMA CLEIDE - PT                            |
| SERYS SHESSARENKO - PT <i>Serys Shessarenko</i>   | 5- MOZARILDO CAVALCANTI - PTB                    |
| SIBÁ MACHADO - PT <i>Sibá Machado</i>   | 6- FLÁVIO ARNS - PT                              |
| AELTON FREITAS - PL   | 7- JOÃO RIBEIRO - PL                             |
| PMDB  | PMDB SUPLENTES                                   |
| (vago)  | 1- ROMERO JUCÁ                                   |
| ALBERTO SILVA   | 2- LUIZ OTÁVIO <i>Luiz Otávio</i>                |
| VALDIR RAUPP  | 3- PEDRO SIMON                                   |
| NEY SUASSUNA <i>Ney Suassuna</i>  | 4- MAGUITO VILELA                                |
| GILBERTO MESTRINHO <i>Gilberto Mestrinho</i>  | 5- WELLINGTON SALGADO                            |
| MÃO SANTA   | 6- VALMIR AMARAL                                 |
| PDT   | PDT  |
| CRSTOVAM BUARQUE <i>Crstovam Buarque</i>  | 1- AUGUSTO BOTELHO <i>Augusto Botelho</i>        |

LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA  
PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

.....  
Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

.....  
XVI – autorizar, em terras indígenas, a exploração e o aproveitamento de recursos hídricos e a pesquisa e lavra de riquezas minerais;

.....  
**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– O parecer que acaba de ser lido vai à publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Foi lido anteriormente o **Parecer nº 1.201, de 2006**, da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, sobre o **Projeto de Decreto Legislativo nº 388, de 2005**, de autoria do Senador Valdir Raupp, que *autoriza o Poder Executivo Federal a implantar o Gasoduto Urucu-Porto Velho, no Estado de Rondônia*.

A matéria ficará perante a Mesa durante cinco dias úteis a fim de receber emendas, nos termos do art. 235, II, d, do Regimento Interno.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Sobre a mesa, projetos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 297, DE 2006**

**Inclui as doações aos Fundos controlados pelos Conselhos de Assistência Social na permissão para dedução do imposto de renda devido pelas pessoas físicas e jurídicas.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 12 da Lei nº 9.250, de 26 de dezembro de 1995, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 12. Do imposto apurado na forma do artigo anterior, poderão ser deduzidos:

I – as contribuições feitas aos fundos controlados pelos Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, do Idoso, da Pessoa Portadora de Deficiência, da Igualdade Racial, do Índio e pelos Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional de Assistência Social;

..... (NR)”

Art. 2º Aplica-se o disposto no art. 260 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, com a redação dada pela Lei nº 8.242, de 12 de outubro de 1991, às doações efetuadas por pessoa jurídica tributada com base no lucro real ao Fundo Nacional de Assistência Social e aos fundos de assistência social instituídos pelos Estados, pelo Distrito Federal e pelos Municípios, nos termos da Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993.

Art. 3º Esta lei entra em vigor no primeiro dia do ano seguinte ao de sua publicação.

**Justificação**

O art. 204 da Constituição Federal prescreve que as ações na área da assistência social serão organizadas com base na descentralização político-administrativa, reservando-se a execução às esferas estadual e municipal e às entidades beneficentes e de assistência social. O mesmo artigo prevê a participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis.

A intenção evidente do legislador constituinte foi a de estimular ao máximo a interação da sociedade com os organismos de governo, em busca de seus objetivos. Almeja canalizar a energia social, que tradicionalmente se manifesta por meio de entidades de assistência e de benemerência ou de doações em dinheiro, para complementar e, de certa forma, dar maior racionalidade e utilidade às ações oficiais.

As diretrizes constitucionais concretizaram-se, no nível legal, pela institucionalização de conselhos, como forma de assegurar a participação da cidadania na formulação das políticas e no controle das ações,

e de fundos especiais, como instrumento de operacionalização mais ágil e eficiente.

Assim, atualmente, coexistem o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA e o Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS, com seus correspondentes conselhos estaduais e municipais.

Seguindo a mesma arquitetura, tanto os conselhos dos direitos da criança e do adolescente quanto os de assistência social, nos três níveis de governo, têm como instrumento operativo financeiro o respectivo fundo (Fundos da Criança e do Adolescente e Fundos de Assistência Social).

Os fundos estaduais e municipais, assim como os conselhos, são criados mediante legislação própria e constituídos de recursos decorrentes de fontes governamentais e de contribuições de pessoas físicas e jurídicas.

Embora o arcabouço institucional e operativo seja idêntico para as áreas de assistência específica à criança e ao adolescente e de assistência em geral, há uma inexplicável distinção entre ambos. Sucede que, pela legislação própria, as contribuições de pessoas físicas e jurídicas, que podem ser feitas para qualquer um dos fundos, somente proporcionam dedução no imposto de renda devido quando o destino da doação é um dos fundos da criança e do adolescente.

Esse benefício fiscal, (art. 12 da Lei nº 9.250, de 1995, combinado com o art. 22 da Lei nº 9.532, de 1997) permite que as pessoas físicas destinem até 6% do imposto de renda devido (em concorrência com as contribuições culturais e da área audiovisual). As pessoas jurídicas tributadas com base no lucro real podem deduzir até 1% do imposto devido.

Verdade que apenas uma porcentagem muito pequena (0,6%) das empresas com imposto devido, entre

as quase 190.000 que apresentam declaração pelo lucro real, tem feito doações aos fundos da criança.

Potencialmente, a doação das empresas poderia ultrapassar o montante de R\$100 milhões em todo o Brasil, se todas as empresas que declaram pelo lucro real e que têm imposto devido optassem pela dedução. Entretanto, os valores doados costumam ficar no limiar de R\$6,5 milhões, representando apenas 6% do potencial.

De todo o exposto, verifica-se, por um lado, não haver qualquer justificativa para tratamento tributário diferenciado entre as doações aos fundos da criança e do adolescente e as doações aos fundos de assistência social, visto que ambos cumprem basicamente funções da mesma natureza e, em tudo mais, estão inseridos em sistema legal e operativo idêntico.

Por outro lado, é mais que evidente a existência de largo espaço de concorrência entre os dois sistemas. Como o sistema da criança e do adolescente atrai a doação de apenas quinhentas das quase oitenta mil empresas potencialmente doadoras, ele não será prejudicado ao se permitir também aos fundos de assistência social angariar doações incontestadas.

Importante assinalar que, por não se estar instituindo renúncia de receita nova, não se aplicam ao projeto ora submetido à apreciação das Casas do Congresso Nacional os ditames da Lei de Responsabilidade Fiscal. Trata-se, apenas, de abrir aos potenciais doadores opção para destinação de recursos a partir de instituto de renúncia tributária previamente existente.

Sala das Sessões, 14 de novembro de 2006.  
– Senador **Paulo Paim**.

## LEGI SLAÇÃO CITADA

LEI Nº 9.250, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1995.Mensagem de veto

Altera a legislação do imposto de renda das pessoas físicas e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 12. Do imposto apurado na forma do artigo anterior, poderão ser deduzidos:

I - as contribuições feitas aos fundos controlados pelos Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente;

II - as contribuições efetivamente realizadas em favor de projetos culturais, aprovados na forma da regulamentação do Programa Nacional de Apoio à Cultura - PRONAC, instituído pelo art. 1º da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991;

III - os investimentos feitos a título de incentivo às atividades audiovisuais, na forma e condições previstas nos arts. 1º e 4º da Lei nº 8.685, de 20 de julho de 1993;

IV - (VETADO)

V - o imposto retido na fonte ou o pago, inclusive a título de recolhimento complementar, correspondente aos rendimentos incluídos na base de cálculo;

VI - o imposto pago no exterior de acordo com o previsto no art. 5º da Lei nº 4.862, de 29 de novembro de 1965.

VII - até o exercício de 2012, ano-calendário de 2011, a contribuição patronal paga à Previdência Social pelo empregador doméstico incidente sobre o valor da remuneração do empregado. (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

§ 1º A soma das deduções a que se referem os incisos I a IV não poderá reduzir o imposto devido em mais de doze por cento.

§ 2º (VETADO)

§ 3º - A dedução de que trata o inciso VII do caput deste artigo: (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

I - está limitada: (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

a) a 1 (um) empregado doméstico por declaração, inclusive no caso da declaração em conjunto; (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

b) ao valor recolhido no ano-calendário a que se referir a declaração; (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

II - aplica-se somente ao modelo completo de Declaração de Ajuste Anual; (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

III - não poderá exceder: (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

a) ao valor da contribuição patronal calculada sobre 1 (um) salário mínimo mensal, sobre o 13º (décimo terceiro) salário e sobre a remuneração adicional de férias, referidos também a 1 (um) salário mínimo; (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

b) ao valor do imposto apurado na forma do art. 11 desta Lei, deduzidos os valores de que tratam os incisos I a III do caput deste artigo; (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

IV - fica condicionada à comprovação da regularidade do empregador doméstico perante o regime geral de previdência social quando se tratar de contribuinte individual. (Incluído pela Lei nº 11.324, de 2006) (Vide Medida provisória nº 284, de 2006)

#### LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

Vide texto compilado

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA:** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 260. Os contribuintes poderão deduzir do imposto devido, na declaração do Imposto sobre a Renda, o total das doações feitas aos Fundos dos Direitos da Criança e do Adolescente - nacional, estaduais ou municipais - devidamente comprovadas, obedecidos os limites estabelecidos em Decreto do Presidente da República. (Redação dada pela Lei nº 8.242, de 12.10.1991)

I - limite de 10% (dez por cento) da renda bruta para pessoa física;

II - limite de 5% (cinco por cento) da renda bruta para pessoa jurídica.

~~§ 1º - As deduções a que se refere este artigo não estão sujeitas a outros limites estabelecidos na legislação de imposto de renda, nem excluem ou reduzem outros benefícios ou abatimentos e deduções em vigor, de maneira especial as doações a entidades de utilidade pública. (Revogado pela Lei nº 9.532, de 10.12.1997)~~

§ 2º Os Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente fixarão critérios de utilização, através de planos de aplicação das doações subsidiadas e demais receitas, aplicando necessariamente percentual para incentivo ao acolhimento, sob a forma de guarda, de criança ou adolescente, órfãos ou abandonado, na forma do disposto no art. 227, § 3º, VI, da Constituição Federal.

§ 3º O Departamento da Receita Federal, do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, regulamentará a comprovação das doações feitas aos fundos, nos termos deste artigo. (Incluído pela Lei nº 8.242, de 12.10.1991)

§ 4º O Ministério Público determinará em cada comarca a forma de fiscalização da aplicação, pelo Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, dos incentivos fiscais referidos neste artigo. (Incluído pela Lei nº 8.242, de 12.10.1991)

#### LEI Nº 8.242, DE 12 DE OUTUBRO DE 1991.

Mensagem de veto

Cria o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

#### LEI Nº 8.742, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1993.

Mensagem de veto

Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA,** faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:



**CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE  
1988**

Emendas Constitucionais

Emendas Constitucionais de Revisão

**Ato das Disposições Constitucionais Transitórias**

**ÍNDICE TEMÁTICO**

**Vide texto compilado**

**PREÂMBULO**

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

Art. 204. As ações governamentais na área da assistência social serão realizadas com recursos do orçamento da seguridade social, previstos no art. 195, além de outras fontes, e organizadas com base nas seguintes diretrizes:

I - descentralização político-administrativa, cabendo a coordenação e as normas gerais à esfera federal e a coordenação e a execução dos respectivos programas às esferas estadual e municipal, bem como a entidades beneficentes e de assistência social;

II - participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis.

Parágrafo único. É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a programa de apoio à inclusão e promoção social até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003)

I - despesas com pessoal e encargos sociais; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003)

II - serviço da dívida; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003)

III - qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003)

**LEI Nº 9.532, DE 10 DE DEZEMBRO DE 1997.**

Altera a legislação tributária federal e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 22. A soma das deduções a que se referem os incisos I a III do art. 12 da Lei nº 9.250, de 1995, fica limitada a seis por cento do valor do imposto devido, não sendo aplicáveis limites específicos a quaisquer dessas deduções.

*(Às Comissões de Assuntos Sociais e de Assuntos  
Econômicos, cabendo à última a decisão terminativa.)*

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 298, DE 2006**

**Acrescenta art. 48-A à Lei nº 10.931, de 2 de agosto de 2004, para permitir refinanciamento de saldo de financiamento imobiliário com interveniência de novo agente financeiro credor.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A Lei nº 10.931, de 2 de agosto de 2004, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 48-A:

“Art. 48-A. Instituição financeira poderá quitar, em nome do mutuário, saldo devedor de contrato de financiamento imobiliário de qualquer espécie, com simultânea celebração de novo contrato de financiamento imobiliário em que o mutuário e a instituição pagadora sejam devedor e credor respectivamente.

Parágrafo único. O saldo da operação de crédito relativo ao refinanciamento concedido pela nova instituição credora, quando esta for integrante do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), desde que o contrato satisfaça as condições previstas na legislação específica, inclusive a regulamentação do Conselho Monetário Nacional, será considerado para efeito de direcionamento obrigatório dos recursos de depósitos de poupança.”

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Justificação**

Desde 2004, com a Lei nº 10.931, foram tomadas várias medidas para reduzir os riscos envolvidos nas operações de crédito imobiliário, caracterizadas por longos prazos de duração. Estão entre essas medidas o patrimônio de afetação, a alienação fiduciária para imóveis e o pagamento do incontroverso. Mais recentemente, possibilitou-se o financiamento imobiliário com taxas de juros fixas e o desconto das prestações em folha de pagamento.

Essas medidas foram importantes para garantir a expansão do crédito imobiliário. Para complementá-las, sugerimos alteração na Lei nº 10.931, de 2004, para que o tomador de um financiamento imobiliário possa trocá-lo por outro que tenha menores custos. Para alcançar esse objetivo, cria-se a possibilidade de um financiamento imobiliário ser pago diretamente por outra instituição financeira, que se tornará a nova credora do tomador do financiamento.

Essa alteração torna-se importante em um cenário de queda das taxas de juros, pois permitirá ao tomador de um empréstimo imobiliário refinanciá-lo com taxas de juros mais baixas. Para estimular a concorrência, será permitido que a nova instituição credora compute

o saldo credor assumido para efeito de cumprimento de exigibilidade de aplicação dos recursos captados em depósitos de poupança.

Contamos com o apoio dos nobres Pares para a aprovação deste projeto que visa beneficiar os tomadores de crédito imobiliário.

Sala das Sessões, 14 de Novembro de 2006.  
– Senador **Paulo Paim**.

*LEGISLAÇÃO CITADA*

LEI Nº 10.931, DE 2 DE AGOSTO DE 2004

**Dispõe sobre o patrimônio de afetação de incorporações imobiliárias, Letra de Crédito Imobiliário, Cédula de Crédito Imobiliário, Cédula de Crédito Bancário, altera o Decreto-Lei nº 911, de 1º de outubro de 1969, as Leis nº 4.591, de 16 de dezembro de 1964, nº 4.728, de 14 de julho de 1965, e nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, e dá outras providências.**

O Presidente da República, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

.....  
(À Comissão de Assuntos Econômicos  
– decisão terminativa.)

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 299, DE 2006**

**Institui o Dia da Guarda Municipal, a ser comemorado no dia 10 de outubro.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica instituído o “Dia da Guarda Municipal”, a ser comemorado, anualmente, no dia 10 de outubro.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Justificação**

Diversos municípios brasileiros, com efetiva concentração no Estado de São Paulo, constituíram suas guardas municipais, destinadas, nos termos do que estabeleceu o art. 144, § 8º, da Constituição da República, à proteção de seus bens, serviços e instalações.

No entanto, em face de uma questão mais ampla, a insegurança pública, em sentido geral, tais corporações passaram a agir também como coadjuvantes nas ações das polícias estaduais e federal, no controle da atividade marginal, às vezes apenas por sua presença ostensiva nos logradouros onde se edificam propriedades do município.

Louve-se, portanto, não apenas sua criação, mas a efetivação de seus serviços, por meio do concurso de profissionais qualificados, treinados tanto para a guarda dos bens municipais quanto para coadjuvar a força policial no zelo pela segurança da sociedade, muito embora não lhes seja facultado o poder de polícia.

Criadas as guardas municipais, impõe-se, neste momento, a adoção de medidas legislativas destinadas ao efetivo reconhecimento do valor dessas corporações no cenário da vida pública. Entre tais medidas, destaca-se a necessidade de instituir um dia comemorativo em seu louvor.

Nessa direção, aliás, já avançaram alguns entes federativos. O Estado de São Paulo, por exemplo, mediante a Lei nº 11.252, de 4 de novembro de 2002, estabeleceu, no âmbito de sua esfera de competência, a data de 28 de outubro como o Dia do Guarda Municipal. A capital daquele Estado, entretanto, bem antes da promulgação da atual Carta Política já havia criado sua Guarda Municipal Metropolitana, por força de Lei Municipal de 1986. Esse dia passou a ser reverenciado como o marco comemorativo daquela instituição. O município paulista de Ubatuba, por sua vez, elegeu o dia 17 de julho; já em Fortaleza, capital cearense, a comemoração é feita no dia 10 de julho.

A falta de padronização quanto à data comemorativa torna inviável a divulgação da referida força como instituição amplamente reconhecida. Faz-se necessário, assim, firmar um critério definitivo, de alcance nacional, para o estabelecimento do dia simbólico.

O Congresso Nacional de Guardas Municipais, realizado na cidade de Curitiba, identificou o dia 10 de outubro como o mais hábil para a realização das referidas comemorações, por razões históricas indiscutíveis, pois foi naquela data, no ano de 1831, que o Regente Feijó editou um decreto que autorizava as Províncias a criar seus corpos de Guardas Municipais.

Tal é o fundamento desta proposição, que reproduz o próprio interesse da corporação homenageada.

Sala das Sessões, 14 de novembro de 2006.  
– Senador **Romeu Tuma**

#### LEGISLAÇÃO CITADA

#### CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

#### CAPÍTULO III Da Segurança Pública

Art. 144. A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para

a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos:

- I – polícia federal;
- II – polícia rodoviária federal;
- III – polícia ferroviária federal;
- IV – polícias civis;
- V – polícias militares e corpos de bombeiros militares.

§ 8º Os Municípios poderão constituir guardas municipais destinadas à proteção de seus bens, serviços e instalações, conforme dispuser a lei.

#### LEI Nº 11.252, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2002 (Projeto de Lei nº 500/2001, do Deputado Carlão Camargo – PFL)

O Governador do Estado de São Paulo:  
Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º Fica instituído o “Dia do Guarda Municipal”, a ser comemorado, anualmente, no dia 28 de outubro.

Artigo 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 4 de novembro de 2002. – **GERALDO ALCKMIN – Saulo de Castro Abreu Filho**, Secretário da Segurança Pública – **Rubens Lara**.

(À Comissão de Educação – decisão terminativa.)

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Os projetos que acabam de ser lidos serão publicados e remetidos às Comissões competentes.

Sobre a mesa, ofícios que passo a ler.

São lidos os seguintes:

Of nº 775-06 – LPL

Brasília, 14 de novembro de 2006

Senhor Presidente:

Tenho a honra de comunicar a V. Exª que o Partido Liberal indica, como titular, o Deputado Almir Sá (PL/RR), em substituição ao Deputado José Carlos Araújo (PL/BA) e, indica, ainda, o Deputado José Carlos Araújo (PL/BA), como suplente, em substituição ao Deputado Almir Sá (PL/RR), para integrarem a Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização.

Sendo o que se apresenta para o momento, reitero ao ilustre Presidente meus protestos de elevado

apreço e distinta consideração, – Deputado **Luciano Castro**, Líder do Partido Liberal.

OF/GAB/I/Nº 803

Brasília, 14 de Novembro de 2006

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência a indicação do Deputado Mauro Lopes para participar, na qualidade de Titular, da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, em substituição ao Deputado Marcello Siqueira.

Por oportuno, renovo a Vossa Excelência protestos de estima e elevada consideração, – Deputado **Wilson Santiago**, Líder do PMDB.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)

– Serão feitas as substituições solicitadas.

Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

Maceió, 20 de setembro de 2006

Ao Senado Federal  
Praça dos Três Poderes  
Brasília – DF

AT.: Exmº Sr. Presidente Senador José Renan Vasconcelos Calheiros  
Ref.: Banco do Estado de Alagoas S.A. – Em Liquidação Ordinária

Prezados Senhores,

Fazemos referência à Resolução nº 32, de 4 de maio de 2000, deste D. Senado Federal, cujo objeto foi a aprovação da realização de operação de crédito entre a União Federal e o Estado de Alagoas, nos termos do Contrato de Abertura de Crédito, datado de 29 de junho de 1998 e aditado em 9 de agosto de 2002, no valor de R\$427.250.000,00 (quatrocentos e vinte e sete milhões, duzentos e cinquenta mil reais), destinado à extinção do Banco do Estado de Alagoas S.A. – PRODUBAN (doravante denominado simplesmente “Produban”), em Liquidação Ordinária, e à criação de Agência de Fomento no Estado de Alagoas.

Em conformidade com o parágrafo único do artigo 1º de referida Resolução, o crédito aberto pela União Federal ao Estado de Alagoas, que foi incluído no Contrato de Confissão, Assunção, Consolidação e Refinanciamento de Dívidas nº 017/98-STN/COAFI, celebrado em 11 de setembro de 1997, destinava-se à extinção do Produban e à criação de agência de fomento no Estado de Alagoas, devendo os recursos liberados serem aplicados na exata forma prevista no artigo 2º da mesma resolução, o que foi integralmente realizado pelo Estado de Alagoas.

A razão pela qual a União concedeu o sobredito crédito foi para implementar, definitivamente, a retirada do Estado de Alagoas do sistema financeiro nacional, a ser efetivada com a extinção do Produban. Buscava-se, assim, prover meios ao Estado de Alagoas para que tal finalidade fosse alcançada. O esteio legal para o acordo entre União Federal e o Estado de Alagoas com vistas à redução da participação deste no sistema financeiro nacional foi a Medida Provisória nº 2.192-70, de 24 de agosto de 2001, cuja eficácia foi postergada indefinidamente pela Emenda Constitucional nº 32, de 11 de setembro de 2001.(1)

Em razão de norma expressa no artigo 1º de tal Medida Provisória, a retirada do Estado de Alagoas do sistema financeiro nacional poderá se dar não apenas com a efetiva extinção do Produban, mas, igualmente, com a realização de processos de incorporação, fusão, cisão ou qualquer outra forma de reorganização societária legalmente admitida (§ 1º do artigo 1º da mesma Medida Provisória), tal como a alienação do controle de tal instituição financeira.

Nesta senda, verificou o Estado de Alagoas, no curso do processo de liquidação ordinária do Produban, a existência de determinados ativos que poderiam tornar viável a alienação das ações representativas do capital social do Produban detidas pelo Estado à iniciativa privada, que poderia interessar-se em adquirir tais ações para, após a obtenção das devidas aprovações do Banco Central do Brasil, nos termos da Lei nº 4.595, de 31 de dezembro de 1964, constituir nova instituição financeira no Estado de Alagoas e aproveitar os ativos existentes na massa do Produban.

Ademais, verificou-se que a alienação trará relevantes e inquestionáveis vantagens ao Estado de Alagoas e ao interesse público, tais como (i) a obtenção de recursos com a alienação das ações representativas do capital social do Produban, (ii) o crescimento da oferta de emprego no Estado de Alagoas, em razão da reabertura de uma nova instituição financeira revigorada e fortalecida, e (iii) o crescimento da oferta de crédito e, conseqüentemente, da economia alagoana com o funcionamento de uma nova instituição financeira no Estado.

1 Dispõe o artigo 1º de referida Medida Provisória (**in verbis**): “Art. 1º A redução da presença do setor público estadual na atividade financeira bancária será incentivada pelos mecanismos estabelecidos nesta Medida Provisória, e por normas baixadas pelo Conselho Monetário Nacional, no âmbito de sua competência, preferencialmente mediante a privatização, extinção, ou transformação de instituições financeiras sob controle acionário de Unidade da Federação em instituições financeiras dedicadas ao financiamento de capital fixo e de giro associado a projetos no País, denominadas agências de fomento. § 1º A extinção das instituições financeiras a que se refere o caput deste artigo poderá dar-se por intermédio de processos de incorporação, fusão, cisão ou qualquer outra forma de reorganização societária legalmente admitida.” (grifos nossos)

Em razão das vantagens que podem ser auferidas pelo Estado de Alagoas com a alienação do Produban à iniciativa privada e da enorme relevância ao interesse público que tal alienação terá, bem como à vista do fato de que tal operação é, inquestionavelmente, uma forma de retirada do Estado de Alagoas do sistema financeiro nacional, em perfeito cumprimento ao disposto na Medida Provisória nº 2.192-70/2001 e na Resolução nº 32/2000, deste D. Senado Federal, foi editada a Lei Estadual nº 6.622, de 15 de setembro de 2005, que autorizou o Poder Executivo do Estado de Alagoas a alienar as ações representativas do capital social do Produban de sua titularidade, por meio de licitação pública.

Destarte, em consideração aos benefícios decorrentes da alienação do Produban à iniciativa privada, o Governo do Estado de Alagoas vem, pela presente, comunicar a este D. Senado Federal que iniciará processo de licitação pública, de acordo com o disposto na Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, na modalidade de concorrência, com vistas à seleção de pessoa jurídica de direito privado para adquirir as ações representativas do capital social do Produban de titularidade do Estado e que ficará incumbida de obter todas as aprovações necessárias ao seu funcionamento como instituição financeira.

Com a realização de tal alienação, o Estado de Alagoas retirar-se-á definitivamente do sistema financeiro nacional, em conformidade com a finalidade do crédito aberto pela União Federal ao Estado e em estrito cumprimento à determinação da Resolução nº 32/2000, deste D. Senado Federal, ao mesmo tempo em que propiciará a realização do interesse público de forma extremamente eficiente, visto que promoverá a movimentação e o crescimento da economia alagoana com o aumento da oferta de empregos e de crédito.

Sendo o que havia para o momento, colocamo-nos à disposição de V. Ex<sup>a</sup> para quaisquer esclarecimentos que possam ser necessários, bem como aproveitamos para manifestar nossos mais elevados votos de estima e consideração a esta D. Instituição.

Cordialmente, **Sérgio Roberto de Uchôa Dória**, Secretário Coordenador de Planejamento, Gestão e Finanças do Estado de Alagoas – **Eduardo Henrique Araújo Ferreira**, Secretário Executivo de Fazenda do Estado de Alagoas.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– O expediente lido juntado ao processado da Resolução nº 32, de 2000, do Senado Federal, retorna ao Arquivo.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)  
– Há oradores inscritos.

Com a palavra o Senador Paulo Paim.  
S. Ex<sup>a</sup> dispõe de 20 minutos.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Alvaro Dias, que preside a sessão, hoje venho à tribuna para falar um pouco sobre a minha participação na 1ª Conferência de Educação Profissional e Tecnológica, realizada em Brasília no dia 6 de novembro, e também no 13º Seminário Internacional de Educação Tecnológica – 13º Siet e 19ª Mostratec, Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia, realizada em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, no dia 9 de novembro, na Escola Técnica Liberato.

Nesses eventos, apresentei o Projeto Fundep, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Profissional e Tecnológica, do qual V. Ex<sup>a</sup>, Senador Alvaro Dias – fiz referência a esse fato nas conferências –, atualmente é o Relator. Tenho certeza de que o parecer de V. Ex<sup>a</sup> será favorável não somente ao projeto, mas também à emenda constitucional.

É claro que ainda teremos algumas audiências públicas, mas provavelmente aprovaremos o projeto no ano que vem, e ele entrará em pleno vigor dali a um ano. De acordo com a projeção feita por um dos especialistas que me ajudou a construir o projeto, o assessor do Senado João Valadares, nós teremos em torno de seis a sete bilhões de reais para investimento no ensino técnico.

Sr. Presidente, no papel de autor do projeto do Fundep e representando a Frente Parlamentar de Educação Profissional e Tecnológica, falei sobre a importância da aprovação desse projeto, pelos recursos que serão destinados aos investimentos na área de educação profissional já existente, à construção de centros de educação profissional, à capacitação de docentes e do pessoal administrativo, e à implantação de cursos de qualificação profissional voltados para os trabalhadores desempregados, jovens, homens e mulheres com mais de 40 anos e até mesmo aqueles que estão empregados mas querem investir num novo curso.

A aprovação do Fundep, a gratuidade da educação profissional e tecnológica, a forma como têm sido distribuídos recursos para a educação profissional e o importante papel do FAT, o Fundo de Amparo ao Trabalhador, foram alguns dos assuntos em destaque nos dois eventos.

A minha participação na conferência motivou, para alegria nossa, uma avaliação, por parte do próprio MEC, favorável a esse projeto.

Participaram do debate sobre o financiamento da educação profissional em Brasília o Secretário Adjunto da Setec, Getúlio Marques Ferreira; o professor universitário do Centro Universitário Feevale e do IPA, Gabriel Gabrowski; e o Secretário de Políticas Públicas

do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Remígio Todeschini.

Acredito que o Brasil, Sr. Presidente, não pode desprezar a relevância do ensino técnico para o mercado de trabalho e para o desenvolvimento e o crescimento econômico do nosso País.

Quero registrar que o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva participou do encerramento dessa conferência sobre o ensino técnico, demonstrando a responsabilidade que o Governo Federal tem com a valorização do ensino técnico profissionalizante.

Faço também aqui os meus agradecimentos ao **Correio do Povo**, um dos principais jornais de meu Estado, que, na edição do dia 9 de novembro, dedicou o espaço de seu editorial à valorização do tema e ao apelo no sentido da aprovação rápida do Fundep.

Quero também, Sr. Presidente, cumprimentar todos aqueles que organizaram o 13º Seminário Internacional de Educação Tecnológica, pela excelência do evento, e também ressaltar a participação de alunos de 17 países, que levaram os seus projetos de pesquisa científica e tecnológica nas diversas áreas do conhecimento humano.

Estou convicto de que a responsabilidade da educação profissional deve ser compartilhada entre as múltiplas instâncias do Poder Público e da sociedade civil. Tenho certeza de que só iremos conquistar uma sociedade verdadeiramente democrática, ética, promotora da identidade cultural e competitiva na economia por intermédio do conhecimento e da constante qualificação profissional da nossa gente. Estou, também, convencido de que o ensino técnico é um instrumento de combate aos preconceitos, de diminuição da violência e, com certeza, será fundamental na construção de uma sociedade mais justa, solidária e que seja, efetivamente, um espaço onde a renda seja melhor distribuída.

Não podemos sonhar com um País desenvolvido se desvincularmos as políticas humanitárias do avanço tecnológico. A escola profissional é vertente de novos conhecimentos, de inovação, de pesquisas de capacitação para o trabalho, de combate ao desemprego, enfim, de inúmeras ações que objetivam o desenvolvimento do nosso País como um todo.

Tudo isso deve estar vinculado a uma visão de total desprendimento, onde ninguém seja discriminado, quer seja pela origem, pela procedência, pela cor da pele, pelo gênero, pela idade, pela deficiência ou pela opção sexual.

Acredito realmente que o Fundep construirá um novo perfil da classe trabalhadora, capaz de contribuir para um inovador projeto de desenvolvimento nacio-

nal, ajudando a fazer do Brasil um País cada vez mais justo, democrático e soberano.

Além do Fundep, Sr. Presidente, apresentamos também, no Fórum do Rio Grande do Sul, em Novo Hamburgo, o projeto que lá leva o nome de “Cantando as Diferenças”, um projeto que foi idealizado não somente por nós, mas por todos aqueles que querem um mundo melhor e que tem por objetivo a inclusão política das diferenças, articulando Municípios e comunidade para a adoção de medidas práticas para uma verdadeira inclusão social onde o corte se dará por meio do Estatuto do Idoso, da Igualdade Racial, da Pessoa com Deficiência e da Criança e Adolescente – ECA, dos Povos Indígenas e do Meio Ambiente e, agora, do Fundep.

Esse é um projeto que, no meu entendimento, inicia uma bela caminhada, contando com parceiros importantes que têm desenvolvido e difundido essa idéia. Inclusive, o referido projeto já recebeu prêmio de destaque pelos Deputados do Rio Grande do Sul. Recebeu também um prêmio do Fórum Internacional da Educação, na França, e, recentemente, recebeu um prêmio na Argentina.

O “Cantando as Diferenças” pretende, de forma ampla e gradual, provocar uma mudança no modo de enxergar as mais variadas diferenças – repito – de gênero, raça, idade ou condição física e social, uma verdadeira mudança de consciência e atitude.

Idealizamos o “Cantando as Diferenças” com o objetivo de juntos – sociedade, empresários, universidades e Poder Público –, por intermédio do reconhecimento da diversidade de toda a nossa gente e num resgate histórico, darmos vez e voz à inclusão social.

Apresentamos aqui, no Senado Federal, estes projetos: um deles, o PL nº 286, de 2006, que institui o Dia Nacional de Reflexão do “Cantando as Diferenças”, que seria celebrado – uma vez aprovado – no dia 10 de agosto, numa homenagem à data da morte do inesquecível professor Florestan Fernandes, com quem tive a alegria de conviver como constituinte; e o PL nº 285, de 2005, que autoriza o Poder Executivo a criar o Programa “Cantando as Diferenças”, destinado a promover a inclusão social de grupos discriminados.

O projeto gira em dois eixos: acessibilidade/diferenças e direitos humanos/cidadania. Propõe também garantir palco para quem não tem palco, e também podemos dizer que é um projeto sócio-ecológico, pois deve ser como a terra, a chuva, o sol, o ar, os ventos, as flores, ou mesmo como as abelhas, voando de flor em flor para levar o pólen das plantas e, com isso, abrir os caminhos como diz a canção: caminhando, cantando, exaltando, enxergando, pensando e conversando

com todas as diversidades para buscar a verdadeira inclusão social tão esperada.

Pela empolgação de todos aqueles que participaram desses dois eventos, tanto os convidados de outros países como aqueles que representavam entidades, setores, enfim, aqui do Brasil, digo que saí empolgado com o debate.

Parabéns a todos que organizaram esses dois eventos! Com certeza, teremos outros momentos como esses, talvez até em audiências públicas nesta Casa, para debater o tema.

Sr. Presidente, informo ainda que, ontem, participei, na cidade de Esteio, com o Vice-Presidente Gilmar Rinaldi, de uma belíssima sessão na Câmara de Vereadores, lembrando a Semana da Consciência Negra, que iniciou ontem e termina no próximo dia 20, quando haverá, neste plenário, a lembrança da data de Zumbi dos Palmares.

V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Heloísa Helena, lançou a sua candidatura à Presidência da República na Serra da Barriga, numa homenagem a todos os que são discriminados, na figura de Zumbi, do lendário Quilombo dos Palmares. E V. Ex<sup>a</sup> lembra as mulheres lutadoras que representaram essa bela caminhada, que tem como essa simbologia o dia 20 de novembro, quando, em todo o País, lembraremos os lutadores.

Sempre digo que 20 de novembro é a data em que temos a figura de Zumbi. Mas, para mim, é o momento de homenagear todos aqueles homens e mulheres que lutaram, tombaram e morreram na busca da liberdade, da igualdade e da justiça. Mas também há aqueles que não tombaram e, graças a Deus, estão vivos e permanecem conosco nesta longa caminhada que, no Senado, nós – não eu – representamos. Na figura da mulher Heloísa Helena, faço essa simbologia.

É um bom momento para a reflexão, razão pela qual demonstro a minha alegria de poder fazer este breve relato aqui e dizer que participou comigo o Professor Ubirajara, lá em São Leopoldo, que proferiu belíssima palestra fazendo uma retrospectiva desde o momento em que os escravos chegaram ao Brasil até este momento. E o chamamento final foi pela aprovação do Estatuto da Igualdade Racial.

Inclusive, Senador Antonio Carlos Magalhães, eu me dirijo a V. Ex<sup>a</sup> e à nossa querida Bahia, porque é exatamente de lá que vem um movimento de coleta de assinaturas para a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, que teve como Relator principal o Senador Rodolpho Tourinho. Grupos da Bahia estão fazendo a coleta e vão recolher, segundo eles, quatro milhões de assinaturas. Estão começando. O Ilê Aiyê é um outro muito famoso lá...

**O Sr. Antonio Carlos Magalhães (PFL – BA)**  
– O Olodum.

**O SR. PAULO PAIM (Bloco/PT – RS)** – Exatamente, o Olodum e o Ilê Aiyê estão começando a fazer esse movimento de recolher assinaturas em todo o País para que a Câmara aprove o que o Senado já aprovou. O Senado aprovou por unanimidade, não houve um voto contrário.

É claro que dia 20 faremos também a reflexão sobre a importância da aprovação desse Estatuto, do qual, Senadora Heloísa Helena, todos os pontos polêmicos foram tirados. Ele virou mais uma carta de intenção de todo o povo brasileiro, de brancos e negros, para o combate ao racismo e ao preconceito. Alguns batem no Estatuto, sempre comento isso, mas o Senador Rodolpho Tourinho foi muito habilidoso. Dizem que estamos colocando lá tantos por cento de cotas nas universidades somente para negros. Não é verdade. O Senador Rodolpho Tourinho foi tão habilidoso que colocou o princípio no Estatuto e uma lei vai regulamentá-lo. É no PL nº 73, que vem da Câmara, de autoria da esposa do Senador Edison Lobão, Deputada Nice Lobão – houve na Câmara um grande entendimento em relação ao projeto –, que estão os cortes racial e social. Há, portanto, um acordo para que a regulamentação de cotas com corte social e racial fique no PL nº 73.

Então, não está no Estatuto, se é isso que está levando à grande polêmica. É claro que estamos trabalhando – sei que V. Ex<sup>a</sup> também – para apoiar tanto o Estatuto quanto o PL nº 73, porque ali também tem o corte social. Era o apelo que a sociedade fazia. E entendo que de forma correta mesmo, pois temos de pensar em todos – negros, brancos, índios, pobres – que precisam efetivamente do acesso à educação gratuita.

É um grande movimento feito por parte da sociedade organizada, inclusive com uma recente denúncia do Ministro da Saúde de que há racismo e preconceito contra as mulheres negras no SUS. Ele fará até uma cartilha educativa. Foi uma fala muito forte e houve, é claro, a contestação – para mim, legítima – de setores de saúde que disseram que não é bem assim. Tomara que não seja, mas o Ministro fez o alerta mediante uma pesquisa.

Sempre digo que temos esse problema em todas as áreas: no movimento sindical, de onde venho, no Parlamento, com os empresários, na imprensa e também entre médicos. Perfeito, para mim, só Deus! Em todos os setores há pessoas com uma postura elogiável, que seguem uma linha do bem, que são propositivas, mas há também aquelas que são preconceituosas, que são racistas. Temos de combater o mal.

Em nome do bem, o Ministro da Saúde fez um alerta. É bom que os médicos tenham respondido que não é bem assim e que, se isso existir efetivamente, eles serão os primeiros a combater. Por isso que o debate é o melhor caminho.

Esta semana, haverá debate em todo o País sobre igualdade, liberdade e combate aos preconceitos em todos os sentidos. Isso é muito bom. Na semana que vem, será realizada a Semana de Valorização da Pessoa com Deficiência, organizada principalmente pelo Senador Flávio Arns e pelo Senador Eduardo Azeredo. São os dois grandes mentores, mas é claro que todos estamos ajudando. Haverá apresentações durante toda a semana, e virá uma delegação do Rio Grande do Sul, representada pelo Santos Fagundes e pela Secretária de Educação de Gravataí.

Com isso, encerro, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR)

– Obrigado, Senador Paulo Paim.

Com a palavra o Senador Antonio Carlos Magalhães.

S. Ex<sup>a</sup> dispõe de 20 minutos.

**O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES** (PFL

– BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, há poucos dias, fiz críticas ao Conselho Nacional de Justiça. Não bem ao Conselho. Apenas salientei, com a responsabilidade de Presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, que o Conselho não estava dando as respostas que a sociedade exigia em relação à magistratura brasileira e, em particular, aos Tribunais de Justiça. Procurei saber das causas. O Conselho em si tem até trabalhado; ainda hoje está reunido, trabalhando.

Mas vou fazer uma confissão. É extremamente desagradável citar nomes, mas vou citá-los porque não vou me acovardar: o Conselho não funciona com relação às múltiplas denúncias que recebe. Nenhuma foi até hoje examinada pelo Corregedor da Justiça, Dr. Pádua Ribeiro, que manda arquivá-las, não cumprindo a sua obrigação como indicado pelo Superior Tribunal de Justiça para essa função tão relevante quanto à da própria Presidente do Conselho, a notável Ministra Ellen Gracie.

A Presidente Ellen Gracie nem sempre preside as sessões pelos afazeres múltiplos que possui e pela sua atuação excepcional como Presidente do Supremo Tribunal Federal. Preside, aliás, sem que a lei mande, o Corregedor. E o pior é que o Corregedor recebe as denúncias e engaveta-as ou arquivava-as.

Faço questão de dizer isso, salientando que um Presidente de Conselho de Tribunais de Justiça, até

um Desembargador aposentado de Minas Gerais, talvez cumpra a sua missão em relação aos Tribunais de Justiça, mas não a cumpre em relação à sociedade brasileira, ao defender os maiores absurdos cometidos nos Tribunais de Justiça do Brasil.

É a segunda advertência que faço. A terceira, Sr. Presidente, será a convocação do Corregedor para prestar esclarecimentos à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, que aprovou o seu nome, se não me engano, quase por unanimidade. Portanto, a Comissão é digna de receber as satisfações que bem merece do Conselho Nacional de Justiça.

O Conselho não foi criado apenas para agradar a determinados setores; foi criado como uma necessidade. É composto na sua quase totalidade de figuras relevantes da Magistratura, do Ministério Público e da OAB, bem como do Senado Federal e da Câmara dos Deputados.

Faço essa advertência. Digo mesmo advertência porque temos o direito de fazê-la, porque temos até o direito de excluir membros do Conselho – e apenas o Senado Federal pode fazê-lo. Digo isso também pedindo à Presidente Ellen Gracie, a quem rendo mais uma vez as minhas homenagens e com quem estive recentemente tratando desses assuntos, que tome a si a tarefa de presidir o Conselho e de exigir que a Corregedoria aja como bem pede o povo brasileiro. Esse é o primeiro ponto.

O segundo ponto diz respeito a Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, que fazia ontem campanha na Venezuela. Já deixou o Brasil – o País é um território muito pequeno para ele – e foi para a Venezuela, onde não seria possível deixar de cometer uma gafe – e tome-lhe gafe! Dirigiu-se ao povo da Venezuela – eu vi, e muitos viram, porque a cena foi repetida em todas as emissoras – como “meus amigos e amigas bolivianas”. Tal fato aconteceu com o Presidente Reagan, mas no auge da sua idade, repetido agora pelo brasileiro Lula, na terra do seu chefe Chávez.

Se o Chávez, que chefia o Lula, é tão esquecido por ele, avalie o povo brasileiro.

O Presidente ainda foi pedir votos para o seu colega Hugo Chávez. Reclamou da imprensa brasileira. É um ingrato! A imprensa brasileira não fez um décimo do que poderia ter feito em relação ao Presidente Lula, porque, se fizesse, ele certamente não estaria nesse posto. Quando os escândalos pulularam neste País, a imprensa foi até bondosa com o Presidente. E repetia sempre que ele não sabia de nada, que eram os seus auxiliares que faziam, que roubavam, mas ele não, ele era o bonzinho que demitia os ladrões. De fato, muitos foram demitidos, mas o principal continua lá.



Para Lula, quem não vota com ele, evidentemente, faz parte de uma elite preconceituosa. É uma pena. Esse homem, afinal de contas, já vai para o segundo mandato e ainda tem complexo de inferioridade?!

Deveria estar feliz, escolhendo pessoas boas para compor o Ministério. Mas, não, continua o mesmo e cometendo os mesmos pecados.

Sr. Presidente, não posso deixar de falar sobre outro ponto: o Ministro da Defesa disse desconhecer nova operação padrão. Aqui está **O Globo**. Nova operação-padrão. “Não houve nada. – diz o Ministro da Defesa. Quantas vezes temos atrasos de duas, três horas? São atrasos de vôos, de empresas.”

Ora, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quem vê a população sofrendo por toda parte, vê o Incor fechando, vê a Varig desaparecendo, vê as Santas Casas de Misericórdia falindo, vê ainda este quadro: a operação dos controladores de vôo exclusivamente por culpa do Ministério da Defesa. **O Globo** traz uma página inteira:

Operação no padrão. Controladores tiram licenças e cumprem normas à risca, e vôos voltam a atrasar.

De manhã, no Rio, o Ministro da Defesa, Waldir Pires disse que desconhecia uma nova operação-padrão.

– Não houve nada. Quantas vezes não temos atrasos de duas, três horas. São atrasos de vôo de empresa”, afirmou o Ministro.

Vejam como anda este Governo. É noticiado:

Ontem, 42.3% dos 1.487 vôos programados no País até às 19h atrasaram: 629 aeronaves demoraram, em média, duas horas a mais do que o normal para decolar. Houve, no mínimo, treze vôos cancelados.

Isso não é nada, mas **O Globo** achou que era, e é. Isso é uma vergonha para o Brasil. Em nenhum país do mundo aconteceu isso. Quando aconteceu nos Estados Unidos, durou apenas 24 horas. Em um país daquela imensidão e com tantos aeroportos voltou a funcionar normalmente em menos de 24 horas.

É uma tristeza isso estar acontecendo em nosso País. Daí **O Globo** pedir: Com a aproximação dos feriados, das férias escolares e do fim do ano, teme-se o caos se o problema não for enfrentado com urgência e responsabilidade. Dispensam-se declarações vazias e precipitadas.

É o Ministro da Defesa quem faz declaração vazia e precipitada. Os aeroportos aí estão, demonstrando o quanto o povo brasileiro está sofrendo, o quanto tem sofrido. E a aproximação dos feriados, do Natal e das férias escolares criará um verdadeiro caos no País.

Presidente Lula, dirijo-me a Vossa Excelência: tenha pena do Brasil. Nem todos têm Aerolula para sair na hora que querem. São poucos, talvez Vossa Excelência, quando vai para as praias e leva sua co-

mitiva e até a bandeira do PT. Veja que os brasileiros de toda parte têm direito de se locomover, de ir e vir para todos os lugares, mas não podem voar, porque a incompetência do seu Governo está fazendo com que os aeroportos não funcionem, que os aviões não saiam de seus lugares e que o povo se amontoe nos aeroportos, sofrendo os horrores que tem sofrido.

Não há quem não tenha visto um caso em aeroporto do Brasil. Daí por que chamo a atenção deste Governo e do próprio Presidente Lula, e não o faço reclamando, apesar de ter o direito de reclamar como brasileiro e como Senador, mas o faço pedindo, pedindo que olhe para o Brasil, que não fique tão indiferente ao Ministério da Defesa, que não fique indiferente aos vôos que não saem no horário e aos milhares de enfermos que não podem se locomover por via aérea.

Pense no Brasil e não pense que apenas Vossa Excelência, com o seu Aerolula, tem o direito de trafegar nos ares do nosso País e do estrangeiro.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Alvaro Dias. PSDB – PR) – Muito obrigado, Senador Antonio Carlos Magalhães.

Concedo a palavra ao Senador Mão Santa, por 20 minutos. Se desejar ceder a sua vez ao Senador Mozarildo Cavalcanti esteja à vontade. (Pausa.)

Então, com a palavra o Senador Mozarildo Cavalcanti, por permuta com o Senador Mão Santa.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PTB – RR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)

– Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>a</sup> Senadora Heloísa Helena, hoje quero abordar um tema que é recorrente. Vários oradores neste período pós-eleitoral já o abordaram. Ao longo deste mandato, lembro-me de inúmeros Senadores que vieram aqui tratar deste assunto. Eu mesmo, por curiosidade, peguei um pronunciamento que fiz em 19 de novembro de 2003, a respeito do Orçamento; esse orçamento que é tão falado, tão analisado sob várias vertentes.

Por um lado o que temos na ponta são as nossas universidades, os nossos Cefets, as nossas prefeituras, as nossas comunidades indígenas, as associações, enfim, demandando, buscando os Parlamentares para que incluam no Orçamento recursos para sua instituição, para seu Município.

E, na verdade, o que podemos alterar no Orçamento? Algo em torno de 10% a 15% do seu valor. E esses mesmos 10% a 15% que alteramos na Comissão do Orçamento na verdade são contingenciados de maneira brutal pelo Governo; são tão contingenciados, que, recentemente, em levantamento realizado, descobriu-se que apenas algo em torno de 25% do Orçamento bruto da União é de fato executado. Ora, Orçamento bruto – leia-se: o peso pesado do Orça-

mento – é aquele que o Executivo de fato manda para cá e o que ele quer executar. O resto, e o que é pior, que são as emendas, sejam individuais, de bancada ou de comissão, é administrado como uma verdadeira caixa-preta.

Naquele ano, em 1993, alertei para essa questão – é pena que o Senador Antonio Carlos não esteja mais aqui. Naquela ocasião aprovamos o Orçamento impositivo. O que quer dizer isso? O que é “impositivo”? Significa que o Orçamento que for aprovado aqui, no Congresso, que, na verdade, é elaborado pelos ministérios – portanto, leia-se: pelo Presidente da República –, depois de aprovado seja realmente executado.

Aliás, esta foi a grande razão da criação do Parlamento no mundo: colocar ordem nas despesas dos reis. Naquela época, os reis arrecadavam os impostos de todos e aplicavam-no como bem queriam: construindo palácios, fazendo festas; e o povo ficava a ver navios. Até os barões e os condes, que eram proprietários das terras e que também pagavam impostos, não tinham controle sobre os gastos. Então, criou-se o Parlamento, para que se pudesse discutir o que se iria arrecadar e como se iria gastar.

Pois bem, no Brasil, talvez por várias razões desde o Império, mas principalmente depois do regime militar, transferiu-se para um grupo de tecnocratas a responsabilidade, a exclusividade de se fazer o Orçamento da União.

Onde a União arrecada dinheiro? Nos Municípios, nos Estados. A União não arrecada dinheiro em outro lugar, não! O Governo Federal não fabrica dinheiro, não. Ele arrecada dinheiro lá, por meio do Imposto de renda, do IPI; arrecada dinheiro de cada um dos moradores dos Municípios. Depois, concentra todos esses recursos nas suas mãos, e os distribui como o Presidente quer, essa é que é a verdade – o Presidente e seus Ministros.

Há uma matéria muito importante, no meu entender, que merece uma reflexão. Foi publicada no **Correio Braziliense** e assinada pela jornalista Fernanda Odilla. Diz o seguinte: “Governo privilegia base aliada com 84% dos recursos reservados para atender aos congressistas. PT lidera o *ranking* dos partidos beneficiados e PMDB recebe melhor tratamento no atendimento individual dos parlamentares”. E, para minha alegria, finalmente o Tribunal de Contas da União está por trás disso. Está fiscalizando, finalmente!

Ora, o dinheiro é do Presidente? O dinheiro é dos Ministros? Sabemos da necessidade de um Município,

da necessidade de uma escola técnica, da necessidade de um hospital, da necessidade de um setor qualquer do nosso Estado ou do nosso Município. Depois, vemos a emenda que suamos para ver aprovada na Comissão de Orçamento simplesmente ser trancada pelo gosto do Presidente da República ou dos seus Ministros – ou de ambos!

Aqui, Sr. Presidente, apelo ao Tribunal de Contas da União para que faça uma devassa nessa história, porque, no fim, somos nós, Parlamentares, de um modo geral, acusados de negociar favores com o Poder Executivo para ter emenda liberada. E o que é pior: conheço alguns fatos – não os quero revelar hoje. Por exemplo, não se libera emenda que beneficiará uma escola que está em construção. A escola fica parada porque o parlamentar adotou uma postura de votar algo contra o Governo. Isso é uma vergonha!

Espero que o Tribunal de Contas da União tome essa providência.

É lógico que o Poder Executivo não vai abrir mão desse poder maligno de apequenar a atividade parlamentar com um fato como esse.

Portanto, faço esse chamamento.

Sou membro da Comissão do Orçamento, e este ano vou-me aprofundar nessas questões.

É interessante: há pessoas por aí que são membros da Comissão do Orçamento desde aquele tempo, Senador Mão Santa, do escândalo da construção do TRT de São Paulo. Há aqueles que são Relator, Sub-Relator e técnicos da Comissão desde aquele tempo.

Ora, será que foi o Juiz Nicolau quem inventou essa história? Será que outras pessoas que participaram do episódio inventaram sozinhas? Não! Inclusive, há um fato interessante para revelar: um dos empresários envolvidos naquele episódio foi misteriosamente candidato a suplente de Senador no meu Estado, o Sr. Fábio Monteiro de Barros.

Portanto, espero que o Tribunal de Contas realmente aprofunde o assunto. Espero inclusive que este ano, na Comissão de Orçamento, não prevaleça mais essa história de que meia dúzia de Parlamentares que sabem das manhas e das artimanhas do Orçamento e, mancomunados com alguns técnicos que já estão lá há muito tempo, continuem brincando de faz-de-conta: faz-de-conta que o Orçamento é realmente discutido, faz-de-conta que o Orçamento é realmente melhorado, e devolve-se para o Poder Executivo um Orçamento autorizativo. O que isso significa? Que o Poder Executivo está autorizado a arrecadar e a gastar como

quiser. No fundo, é isso! Portanto, temos efetivamente de mudar essa realidade.

Sr<sup>a</sup> Presidente, quero pedir que este artigo do **Correio Braziliense** seja publicado na íntegra e faça parte do meu pronunciamento.

Desde antes de 2003, na verdade, eu já vinha alertando para esse fato. Aliás, não só eu. O Senador Antonio Carlos Magalhães teve muita razão quando apresentou o projeto que torna impositivo o Orçamento. Enquanto isso não ocorrer, o problema vai continuar.

Vamos tornar impositivo, então, pelo menos o que tange às emendas parlamentares. Com isso, acaba essa história – como disse a Senadora Heloísa Helena, “esse balcão de negócios”.

Se, em uma emenda, eu destinar tantos milhões para a Universidade Federal de Roraima, vou ficar tranquilo em saber que aqueles tantos milhões irão para a Universidade Federal de Roraima; se eu destinar “x” para o Centro Federal Tecnológico de Roraima, tenho certeza de que a quantia vai para lá; se eu destinar recursos para a construção de um hospital em um Município no meu Estado, esse dinheiro vai para lá sem eu precisar negociar nada com o Governo Federal – ou será que foi o Governo Federal que nos elegeru para esta Casa? A mim não foi! Nem no primeiro mandato de Senador, nem nesse segundo e tampouco nos dois primeiros mandatos de Deputado Federal. Portanto, não posso aceitar que eu, assim como a maioria dos Parlamentares, seja igualado a eles por causa de uma meia dúzia que conduz essa história. Vamos dar nome aos bois, aliás, assim procedeu o jornal. Espero que o Tribunal de Contas, que está, segundo a própria manchete do jornal, intitulada “Tribunal de Contas atrás de provas” as encontre, porque elas estão bastante evidentes.

Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> tem o aparte, com muito prazer.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Mozerildo Cavalcanti, V. Ex<sup>a</sup> – graças à sabedoria e ao discernimento do povo do seu Estado, Roraima – garante sua presença aqui por mais oito anos. Sem dúvida, isso é uma esperança de ética, de decência, de crescimento e de grandeza do Poder Legislativo, hoje tão desgastado, tão desmoralizado. V. Ex<sup>a</sup> foi o primeiro. Aliás, para onde vai V. Ex<sup>a</sup> leva sua formação profissional, a ter o olho clínico ao detectar uma das grandes fontes de corrupção deste País: as ONGs. Ontem, o Tribunal de Contas, detectou que quase 60% das ações das ONGs espalhadas no Brasil enveredam pela porta

larga das facilidades da corrupção, muito comum no momento que vivemos sob o reinado do PT, e V. Ex<sup>a</sup> agora traz esse assunto. Ontem, referia-me a uma revista cujo nome é o grandioso Piauí, de intelectuais, e, em um de suas edições, há uma reportagem sobre o ex-Deputado Roberto Jefferson, do PTB. Realmente – não tenho motivo –, inclusive ele foi à minha cidade, em seu apogeu, para fazer campanha contra a minha estrutura política; mas ele já pagou tudo isso quando confessou a verdade. Então, o ex-Deputado é um dos primeiros entrevistados. Hoje, ele está desprovido; mas tem uma genética muito boa, oriunda dos seus pais e avós, que são homens intelectuais. Ele, que teve o seu apogeu, ali registrou três conselhos para o Parlamento. O primeiro, é ter relacionamentos, amizades – que funciona em qualquer instituição; o outro, é ser um homem de palavra, de compromissos, como está na Bíblia: O “sim” será sim e o “não” será não; e o terceiro, não se apequenar. Indagaram-lhe, Senador Marcos Guerra, o que significava “não se apequenar”. E ele disse: “Infeliz daquele Deputado ou Senador que troca suas emendas para defender e votar de acordo com essas necessidades. Esse daí já foi encaminhado para ser do baixo clero. Esses, que V. Ex<sup>a</sup> está denunciando; esses, com os quais o Orçamento impositivo acabaria. Segundo ele, esse seria o primeiro passo para fazer parte do baixo clero. E estar no baixo clero é um inferno, o sujeito não sai, o sujeito se queima e fica desmoralizado. Então, isso daí evitaria que este Poder Executivo contrariasse todas as perspectivas de entendimento da democracia. Infeliz! O Lula devia vir aqui se aconselhar. Nós estamos aqui para ensiná-lo. Eu sei que ele teve mais votos. Ter mais votos não é democracia; ganhar eleição não é democracia. É ter, numericamente, mais votos do que o seu concorrente. Democracia é um complexo, que V. Ex<sup>a</sup> está salvaguardando e representando. A democracia nasceu quando o povo – o poder é o povo – acabou com o absolutismo dos reis, da monarquia, e dividiu o poder, fazendo nascer este para formar leis boas e justas, o Judiciário para julgar e o Executivo, e eles têm de ser harmônicos. E Mitterrand, que perdeu muitas vezes, como Lula, foi presidente 14 anos e, no final da vida, disse uma mensagem: se ele voltasse a ser, ele iria fortalecer os outros contra-poderes. Fortalecer, não é desmoralizar, tornando os Parlamentares pequenos, negociando as emendas puras, que nasceram da representatividade das necessidades da sua gente que o trouxe para cá. Então, é muito oportuno. É lamentável. Um quadro

vale por dez mil palavras. Que as câmeras focalizem este plenário, não vão esconder e colocar só a minha figura não. Aqui está vazio, como vazio é o amor do PT pela Pátria, pela democracia e pelo Parlamento. Somos exaltados com a presença de uma mulher na Presidência desta Casa, quis Deus. V. Ex<sup>a</sup>, que tem a lamentar, hoje, apenas 5% da população brasileira acreditam nos políticos, os 95% restantes nos acham corruptos e ladrões. E mais grave: apenas 30% acreditam na Justiça. Infeliz do País que não lembra Cristo nas montanhas, gritando: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”. Então, não temos nada a comemorar. Está aí o Poder Legislativo, engrandecido pela presença de V. Ex<sup>a</sup>, mas desmoralizado por tantos que falavam em caçá-los. Senador Mozarildo Cavalcanti, penso que esses Deputados e Senadores que procederam mal não devem ser caçados, não, S. Ex<sup>as</sup> deveriam ser enforcados. Está no livro de Deus: “A quem muito tem, muito lhe será cobrado”. E nós já temos muito, e muito prestígio. Essa é a verdade. Parabéns pelo esforço de V. Ex<sup>a</sup>. Por isso a capital do Estado de V. Ex<sup>a</sup> ter o nome de Boa Vista porque V. Ex<sup>a</sup> é o homem da boa visão, das perspectivas, do fortalecimento e da democracia no Brasil.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI (PTB – RR)**

– Obrigado, Senador Mão Santa.

Quero dizer a V. Ex<sup>a</sup>, que eu, como V. Ex<sup>a</sup>, sou médico, por isso, o meu primeiro mandato para Deputado Federal se deu exatamente por causa do meu trabalho médico. A minha reeleição para Deputado Federal se deu pelo meu trabalho Parlamentar. Depois fiquei dois mandatos fora. Candidatei-me para o Senado e fui eleito Senador simplesmente porque o povo de Roraima viu o trabalho que eu havia realizado como Deputado e o vácuo que ficou depois de mim. Tive o apoio de muitos amigos e de muitas pessoas e fui eleito Senador gastando quase nada, Senador Mão Santa. Agora, de novo, fui reeleito contra um poder de dinheiro muito grande. É verdade que tive o apoio do Governador do meu Estado, mas fiz campanha de pé no chão. Por todo esse histórico, não pretendo mudar minha postura, adotando esse tipo de comportamento para ter minhas emendas liberadas. Caso minhas emendas não sejam liberadas senão por que a finalidade a que elas se propõem merecem – nunca apresentei uma emenda que não fosse útil ao Município, como por exemplo, a construção de uma escola, de um posto de saúde, ou mesmo na melhoria da infraestrutura, uma emenda destinada à universidade, como

o Cefet, lá no meu Estado –, prefiro não ser atendido, e quero, realmente, estar fora desse esquema que já em 2003 alertava, inclusive quando exercia o mandato de Deputado também.

Sr. Presidente, tanto é assim que pretendo encerrar este meu pronunciamento, exatamente com os mesmos dois tópicos que encerrei o pronunciamento feito por mim em 2003.

Antes, porém, ouço o Senador Marcos Guerra, com muito prazer.

**O Sr. Marcos Guerra (PSDB – ES)** – Senador Mozarildo Cavalcanti, V. Ex<sup>a</sup> traz à baila um assunto importante, que merece a crítica de muitos Parlamentares, inclusive a de Deputados. Associo-me a V. Ex<sup>a</sup> e ao aparte do Senador Mão Santa. Realmente, essas emendas são obra de ficção, em que várias reuniões acontecem para se discutir onde colocar os valores. Como disse V. Ex<sup>a</sup>, nós, Parlamentares, eleitos pelo povo, aqui estamos para representá-lo, trazendo as carências de todas as regiões onde atua, para fazer a distribuição, e o Governo Federal não atende. Quando o faz, atende ali meia-dúzia de afilhados e quando não há corrupção no negócio. A pessoa, hoje, coloca uma emenda, cheia de esperança de atender à sua região e, quando não estão abertos – como foi mostrado aqui no passado, casos de “sanguessugas”, de “mensalões” da vida – as emendas ficam lá, praticamente caducam e ninguém dá a mínima. E nós somos cobrados em nossos Estados. Recentemente, fizemos uma reunião com a bancada do Estado, e estamos até pensando em mudar a forma. Em vez de ficar desdobrando por Parlamentar, colocarmos numa obra só, para que todos possam se unir em prol do Estado de origem. Porque, infelizmente, para o meu Estado, Senador Mozarildo Cavalcanti, não foram liberados nem 10% das emendas. Então, eu digo aqui que são emendas de ficção. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup> pelo pronunciamento. Este assunto tem de ser trazido para ser discutido, porque, se continuar assim, é melhor que nem haja mais emendas. É a minha opinião.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI (PTB – RR)**

– Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pelo aparte. Concordo. Realmente, se é para ficar nesse faz-de-conta, é melhor que, então, se encontre um mecanismo para que o Poder Executivo elabore o Orçamento, execute-o e pronto. Mas, infelizmente, aí estaríamos voltando ao tempo do Império, bem mais atrasado ainda, ou ao de uma ditadura mais ferrenha.

Mas o que nós queremos mesmo é que o Tribunal de Contas exerça o seu papel. Porque o Presidente da República e os Ministros não estão lidando com o dinheiro deles, não. Estão lidando com dinheiro público e, para isso, como diz o Tribunal de Contas, exige-se impessoalidade e transparência completa na aplicação desses recursos. Então, não pode ser porque fulano é mais leal ou porque fulano vota mais a favor ou fulano é mais isso ou mais aquilo, mais esperto, mais articulado que se vai levar mais dinheiro público por causa disso. Não há de ser assim. Tem de haver um critério isonômico, igual, justo, e, portanto, que tenha a ver com o critério da impessoalidade. Porque, senão, fica sempre, como disse o Senador Mão Santa, esta situação: parlamentares do alto clero, parlamentares do baixo clero, e essa situação não muda nunca.

Vou encerrar com o que eu disse em 2003:

Sr. Presidente, esse é um momento de profunda reflexão. O Congresso deve realmente trabalhar. Presenciei a reunião na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania em que foi feito um acordo para que votássemos o projeto do Senador Antonio Carlos Magalhães. Trata-se de uma emenda constitucional que visa estabelecer o Orçamento impositivo. Mesmo que seja gradual, deve haver, efetivamente, imposição à aplicação do que for aprovado no Congresso. Com isso se acabaria, portanto, teoricamente, ou se dificultaria muito esse jogo de interesses e negociações que se faz.

E disse mais, naquele ano de 2003:

Temos de evoluir nesse caminho, porque o que temos feito é um papel de faz-de-conta. Participamos de reuniões da Bancada... – e teremos uma reunião às 17 horas, da Bancada de Roraima para discutir com prefeitos e outras instituições o que eles vêm pedir. Depois, teremos um prazo até o dia 28 para apresentar as emendas. Posteriormente, vamos brigar para essas emendas serem aprovadas aqui na Comissão, depois no Plenário. E por que depois, Senadora Heloísa Helena? Para colocar na mão do Governo um mecanismo para que seja usado como barganha com um grupinho que é seletivo, como está dito aqui no jornal **Correio Braziliense**? Então, isso não é possível.

Participamos de reuniões de bancada, de comissões, da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização; às vezes, atravessamos a madrugada para aprovar o Orçamento e, no final das

contas, vemos que nada ou quase nada do que foi aprovado – seja por meio de emendas parlamentares, de bancada ou de região – é liberado e que, portanto, todo trabalho foi inútil.

Sr. Presidente, deixo o apelo para que o Orçamento deste ano – era o de 2003, Senadora Heloísa Helena – seja um orçamento para valer e para que, no ano que vem, tenhamos um Orçamento impositivo.

Ora, estou atualizando um discurso que cabe perfeitamente agora, no final de 2006. E mais, Senadora Heloísa Helena, o que me deixa estarecido e triste é porque na primeira metade deste meu mandato, que está terminando, era Presidente Fernando Henrique Cardoso, e eu assistia a isso tudo, a mesma coisa, com algumas mudanças de jogada. Aí votei no Presidente Lula no segundo turno. No primeiro turno, votei no Presidente Lula, porque acreditava que iria haver mudanças, que iria mudar pelo menos isso, porque a matriz, a mãe da corrupção está aqui, começa aqui. E o que mudou? Nada. Está aqui o jornal **Correio Braziliense** dizendo que não mudou; ao contrário... E o Tribunal de Contas está farejando, finalmente, isso.

Não votei no Presidente Lula agora; votei no Alckmin. O Lula foi eleito e está com um discurso de que vai fazer um governo diferente. Está aqui o primeiro passo para ele fazer diferente. Ele é tão rápido para editar medidas provisórias que procure imediatamente aprovar aqui uma medida parlamentar qualquer, para que acabe com essa pouca vergonha e possamos ter, de fato, um orçamento que seja real, que atenda com justiça a todas as regiões, a todos os municípios, a todas as instituições, principalmente aquelas que mais precisam. E que não fiquemos aqui à mercê de pessoas que tenham melhor trânsito ou que sempre estejam submissas ao governo de plantão.

Espero, é sempre bom ter esperança, que realmente isso mude. E agora tenho um pouquinho mais de esperança, Senadora Heloísa Helena, porque o Tribunal de Contas já farejou que isso aqui tem de ser mudado.

Peço a V. Ex<sup>a</sup> que faça parte do meu pronunciamento a matéria publicada no jornal **Correio Braziliense**.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O  
SR. SENADOR MOZARILDO CAVALCANTI  
EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PPS - RR. Como Líder. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs Senadores, hoje termina o prazo para apresentação de emendas ao Orçamento da União, trabalho que, aliás, a cada ano, movimenta as comissões desta Casa, as Bancadas regionais e as Bancadas estaduais. Cada Parlamentar, individualmente, apresenta as suas emendas.

No total, essas emendas não chegam a alterar de 10 a 15% do Orçamento encaminhado pelo Poder Executivo ao Legislativo. Portanto, o Legislativo praticamente faz um trabalho de faz-de-conta nessa questão do Orçamento. Espero que, efetivamente, o Orçamento - motivo, inclusive, da criação do Parlamento - possa começar a mudar, a partir de agora, já que esse é o primeiro Orçamento do Governo Lula.

Ao mesmo tempo, teve início uma discussão na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, para a implantação do Orçamento impositivo, pelo menos parcialmente. Desse modo, o que for aprovado no Congresso Nacional, pela Câmara e pelo Senado, poderá efetivamente ter garantida a sua aplicação, salvo, evidentemente, motivos superiores que possam levar, de fato, o Poder Executivo a contingenciar esse ou aquele tipo de recurso

No entanto, o contingenciamento também deve estar subordinado à apreciação do Congresso Nacional. Do contrário, além de ser uma lei autorizativa, fica, na verdade, ao bel-prazer das análises dos técnicos que, muitas vezes, se julgam acima do conhecimento daqueles que são eleitos lá nos seus diversos Estados para virem aqui trazer justamente a defesa dos interesses daquelas regiões. Nisso, somos colocados como se estivéssemos defendendo questões paroquiais, interesses menores, pessoais, politiquieiros. E isso diminui até o trabalho que considero primordial do Parlamento: a elaboração do Orçamento.

Portanto, deixo aqui um pedido ao Relator do Orçamento, ao Relator do PPA, à Comissão Mista do Orçamento e ao Congresso Nacional, para que possamos aprovar um Orçamento que objetive, de fato, cumprir o que manda a Constituição, que é a eliminação das desigualdades regionais. Já estou cansado não só de falar, mas também de ouvir outros companheiros falarem sobre a necessidade de eliminação dessas desigualdades. Isso é tão batido que já está na Constituição. É um dos objetivos da República exatamente a eliminação das desigualdades regionais. Entretanto, observando como é aplicado o Orçamento, percebemos que as regiões mais ricas são as que mais recebem recursos; são as regiões mais ricas que recebem, inclusive, recursos do BNDES e de outros órgãos de desenvolvimento.

Sr. Presidente, esse é um momento de profunda reflexão. O Congresso deve realmente trabalhar. Presenciei a reunião na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania em que foi feito um acordo para que votássemos o projeto do Senador Antonio Carlos Magalhães. Trata-se de uma emenda constitucional que visa estabelecer o Orçamento impositivo. Mesmo que seja gradual, deve haver, efetivamente, imposição à aplicação do que for aprovado no Congresso.

Temos de evoluir nesse caminho, porque o que temos feito é um papel de faz-de-conta. Participamos de reuniões de Bancada, de Comissões, da Comissão de Orçamento, às vezes atravessamos a madrugada para aprovar o Orçamento e, no final das contas, vemos que nada ou quase nada do que foi aprovado - seja por meio de emendas parlamentares, de Bancada ou de Região - é liberado e que, portanto, todo o trabalho foi inútil.

Sr. Presidente, deixo o apelo para que o Orçamento deste ano seja um Orçamento para valer e para que, no ano que vem, tenhamos um Orçamento impositivo. Muito obrigado.

**Fontes:** Secretaria-Geral da Mesa - Subsecretaria de Taquigrafia  
Secretaria de Informação e Documentação - Subsecretaria de Informações  
Dúvidas, reclamações e informações: SSINF - Subsecretaria de Informações  
(311-3325, 311-3572)

Senado Federal - Praça dos Três Poderes - Brasília DF - CEP 70165-900 - Fone: (61)3311-4141

W3CWALA A A

## ORÇAMENTO

Governo privilegia base aliada com 84% dos recursos reservados para atender congressistas. PT lidera ranking dos partidos beneficiados e PMDB recebe melhor tratamento no atendimento individual dos parlamentares

# PRIMEIRO, OS AMIGOS

FERNANDA ODILLA  
DA EQUIPE DO CORREIO

**E**m troca de apoio no plenário do Congresso, emendas empenhadas pelo governo federal. A base aliada do presidente Luiz Inácio Lula da Silva conseguiu assegurar 84,8% da reserva de recursos no Orçamento da União. Dos R\$ 349,1 milhões referentes a emendas individuais empenhadas até o dia 30 de outubro, PFL, PSDB, PV, PDT, PSol e PPS somaram R\$ 52,8 milhões. O restante ficou com os amigos, em especial o PT, o partido campeão de emendas individuais empenhadas de acordo com o levantamento feito pela Organização Não-Governamental Contas Abertas, especializada em fiscalização do Orçamento.

Emenda empenhada significa dizer que a União fica obrigada a realizar o pagamento do valor estabelecido. Sem empenho não há recursos assegurados. Depois, a emenda passa ainda pelo estágio de liquidação, que consiste na verificação da regularidade da ação (obra, compra de equipamento etc.), antes de chegar na etapa final, a do pagamento.

No ranking das legendas, PT, PMDB, PL, PP e PSB aparecem na frente. Foram analisadas apenas as emendas individuais de deputados e senadores, desconsiderando as indicadas por mais de um parlamentar ou até mesmo que ganharam dotação orçamentária do Executivo. Os parlamentares do partido do presidente Lula, por exemplo, apresentaram propostas

no valor de R\$ 194,1 milhões e conseguiram empenhar mais da metade desse valor. Um feito que chama atenção, considerando que a média de execução das emendas da oposição é de 15%.

### Repasses

Em junho, também foi assim, com a base parlamentar do governo sendo privilegiada na hora dos repasses de recursos. Na ocasião, a liberação de repasses foi acelerada. Em três semanas, R\$ 240 milhões foram empenhados para cumprir a Legislação Eleitoral, que limita esse tipo de ação a três meses antes das eleições. O líder do governo na Câmara, o deputado Arlindo Chinaglia (PMDB-SP), ao comentar a partilha orçamentária em junho deste ano, admitiu ao Correio que houve favorecimento aos partidos governistas. "Há uma

lógica no parlamento, uma ética entre aspas, que faz com que os partidos da base aliada não suportem que a oposição tenha um atendimento igual ou maior do que os governistas. Isso é cultural, não tem saída”, afirmou.

Em 2006, no entanto, não foram parlamentares do PT que se destacaram no ranking individual. Saíram do cofre de Lula mais verbas para deputados e senadores do PMDB. Entre os 10 parlamentares que mais tiveram emendas empenhadas, cinco são peemedebistas. O primeiro colocado é o senador Romero Jucá (PMDB-RR), relator do Orçamento aprovado no ano passado, ex-ministro de Lula e atual líder do governo no Senado. Jucá conseguiu empenhar 98% dos R\$ 5 milhões referentes às duas únicas emendas apresentadas por ele.

### Municípios

Foram R\$ 3,4 milhões para infraestrutura em municípios carentes e R\$ 1,35 milhão para combater a malária em Roraima. Nenhum centavo desses valores foi pelo governo federal ainda. “Como senador há 12 anos por um estado pobre, que precisa mais das verbas federais que outros da federação, aprendi e consegui, junto com a bancada estadual no Congresso, a

| RANKING DAS LEGENDAS |                      |                    |                   |
|----------------------|----------------------|--------------------|-------------------|
| Partido              | Emenda               | Empenhado          | Liquidado         |
| PT                   | 194.172.111          | 97.892.162         | 4.638.827         |
| PMDB                 | 162.770.060          | 64.053.271         | 1.453.054         |
| PL                   | 71.054.000           | 31.856.679         | 2.407.139         |
| PP                   | 75.395.000           | 27.297.321         | 2.220.961         |
| PSB                  | 56.250.000           | 24.517.306         | 1.368.102         |
| PFL                  | 145.340.000          | 24.250.652         | 195.887           |
| PTB                  | 59.050.000           | 22.783.655         | 3.349.339         |
| PSDB                 | 143.500.000          | 19.146.433         | 245.224           |
| PC DO B              | 34.390.000           | 18.725.098         | 2.317.860         |
| PSC                  | 12.560.000           | 5.999.238          | 1.500.000         |
| PV                   | 11.325.000           | 3.512.748          | 200.000           |
| PDT                  | 43.429.000           | 3.505.539          | 723.300           |
| PMR                  | 9.900.000            | 3.187.000          | 0                 |
| PSOL                 | 27.326.000           | 1.492.121          | 117.121           |
| PPS                  | 23.300.000           | 970.000            | 0                 |
| PRONA                | 1.950.000            | 0                  | 0                 |
| <b>TOTAL</b>         | <b>1.071.711.171</b> | <b>349.189.221</b> | <b>20.736.813</b> |

sensibilizar tanto este governo quanto o anterior, sobre as necessidades do povo de Roraima”, afirmou Jucá, que fracassou na tentativa de eleger a mulher, Tereza Jucá (PPS-RR), para o Senado.

O segundo colocado é uma exceção. O deputado federal opositor Bonifácio de Andrada (PSDB-MG) aparece como um estranho no ninho que conseguiu a façanha de empenhar 90% de suas 20 emendas. E todas elas se resumem a duas palavras: “saneamento básico”. O valor varia entre R\$ 150 mil e R\$ 250 mil, para dife-

rentes cidades de Minas Gerais. Apenas Barbacena ganhou uma emenda maior, de R\$ 1 milhão. O próprio deputado mineiro admite que não é comum um tucano estar entre os maiores beneficiados. “Sou 100% oposição, sempre votei contra o governo. Faço oposição ao PT tanto em Brasília quanto em Minas. Não vinha acompanhando esse negócio das minhas emendas. Eles liberaram muito? É uma coisa curiosa, não é?”

COLABOROU UGO BRAGA

## OS CAMPEÕES DE 2006

BONIFÁCIO DE ANDRADA  
(PSDB-MG) DEPUTADO

Emenda: **R\$ 5 milhões**

Empenhado: **R\$ 4,5 milhões**

JOSÉ SARNEY (PMDB-AP)  
SENADOR

Emenda: **R\$ 4,6 milhões**

Empenhado: **R\$ 4,09 milhões**

JAMIL MURAD (PCdoB-SP)  
DEPUTADO

Emenda: **R\$ 3,9 milhões**

Empenhado: **R\$ 3,21 milhões**

ODÍLIO BALBINOTTI (PMDB-PR)  
DEPUTADO

Emenda: **R\$ 4,9 milhões**

Empenhado: **R\$ 3,82 milhões**

ZEQUINHA MARINHO (PSC-PA)  
DEPUTADO

Emenda: **R\$ 4,1 milhões**

Empenhado: **R\$ 3,17 milhões**

ANN PONTES (PMDB-PA)  
DEPUTADA

Emenda: **R\$ 4,9 milhões**

Empenhado: **R\$ 3,47 milhões**

ROMERO JUCÁ (PMDB-RR) SEN

Emenda: **R\$ 5 milhões**

Empenhado: **R\$ 4,84 milhões**

JOÃO CALDAS (PL-AL)  
DEPUTADO

Emenda: **R\$ 4,7 milhões**

Empenhado: **R\$ 3,86 milhões**

CHICÃO BRÍGIDO (PMDB-AC)  
DEPUTADO

Emenda: **R\$ 3,3 milhões**

Empenhado: **R\$ 3,12 milhões**

JOÃO CARLOS BACELAR (PL-BA)  
DEPUTADO SUPLENTE

Emenda: **R\$ 5 milhões**

Empenhado: **R\$ 3,46 milhões**



# TCU atrás de provas

O Tribunal de Contas da União (TCU) está à procura de provas de que o governo federal beneficia parlamentares aliados, por meio da liberação de recursos para executar emendas. O procurador do TCU, Lucas Furtado, explica que o levantamento se estenderá à gestão de outros presidentes e, apesar de não ter data para ser concluído, certamente vai indicar

irregularidades e propor mudanças. “Ou se corrige as falhas do sistema orçamentário brasileiro ou vamos assistir uma novela que se repete todo ano, com personagens diferentes”, diz Furtado.

Ele assegura que o sistema de elaboração e execução orçamentária é feito para que se haja fraude. “Esse escândalo dos sanguessugas é uma refilmagem do que aconteceu no caso dos anões do orçamento”, afirma Lucas Furtado, referindo-se ao esquema flagrado no início da década de 90. Na ocasião, descobriu-se que o orçamento era manipulado por

um esquema de corrupção do qual faziam parte governadores, ministros, senadores e deputados. Depois dos escândalos, o Brasil conseguiu incluir na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) um alerta: “a execução da lei orçamentária e seus créditos adicionais obedecerá ao princípio constitucional da impessoalidade na Administração Pública...”. As liberações discricionárias que contemplam parlamentares “fiéis” ao governo federal afrontam os princípios da impessoalidade, imparcialidade e legalidade. Assim, pode ser classificada como ato de improbidade administrativa. (FO)

*Durante o discurso do Sr. Mozarildo Cavalcanti, o Sr. Álvaro Dias, suplente de secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pela Sr<sup>a</sup> Heloísa Helena.*

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – V. Ex<sup>a</sup> será atendido, na forma do Regimento, além de compartilhar a denúncia desse “propinódromo” sofisticado, embora muito safado, da relação promíscua Palácio do Planalto/Congresso Nacional na liberação das emendas.

Concedo a palavra ao Senador Mão Santa, como orador inscrito. Depois, falará o Senador Alvaro Dias.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Senadora Heloísa Helena, que preside esta sessão da véspera da Proclamação da República, Senadoras e Senadores presentes aqui no plenário e na Casa, brasileiras e brasileiros que assistem e acompanham esta sessão pelo sistema de comunicação do Senado, a rádio AM e FM e a televisão e, **a posteriori**, pelo **Jornal do Senado**, Deus é muito bom para mim. Ele já me deu muito mais do que eu merecia. Estamos aqui, Suplicy, e quis Deus V. Ex<sup>a</sup> estar aí. Está ali o Augusto Botelho, que é médico, e o Mozarildo. Venho falar de um problema que disse grave. E o Suplicy, que é a melhor alma do PT – o PT tinha de ter gente boa –, um homem cheio de virtudes...

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Tem almas tão boas aqui.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Ah, tem o Paim. O Paim é mais do que o Zumbi. É uma..

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Uma alma excepcional.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Tem de ter para compensar as que vão arder nas chamas do inferno.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – É o Martin Luther King do Brasil. O PT tem de ter para compensar...

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Também tem almas femininas boas, pertinho de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Está aqui também a Líder, que acho deva ser do Governo. Não é possível que o Presidente Lula não reconheça o apoio do seu próprio Partido.

Mas quero falar sobre saúde. Suplicy, eu fui médico e acho que o fui por influência dos médicos da minha cidade; cresci vendo-os e admirando-os. Quase todos já estão no céu. Dr. Mirocles Campos Veras foi Prefeito da minha cidade e médico no tempo da ditadura Vargas, mas foi uma benção de Deus, pois era um homem bom, primo de Humberto de Campos. Dr. Cândido Almeida Athayde, João Silva e Mariano de Souza, conheci todas essas pessoas e quis ser médico. Acho que isso me influenciou. São figuras que simbolizam o Cristo: “Eu não vim ao mundo para ser servido, e sim para servir.”

Assim, nasceu em mim esse ideal de ser médico. Fui, sou e estou falando aqui para ensinar ao Presidente da República, que tem uma longa história. Primeiro, mentem muito para ele. Ele é uma pessoa

humana e boa. Votei somente uma vez nele; Heloísa Helena, mais.

Quero dizer que o enganam. Ele começa com aquele “não sei” e “não vi”, e a turma aproveita. Ele não é cercado só de gente boa como o Suplicy. Este deveria estar lá, ao lado dele, e ser o seu bom anjo da guarda. Aliás, ele tem muito a ver com essa sua vitória, porque foi quem defendeu a Renda Mínima, o Bolsa-Escola. Reconhecemos que o Bolsa-Família foi um tiro certo. Ele teve a visão de perceber que este País, Alvaro Dias, é muito injusto: 10% dos mais ricos têm a metade da riqueza; 10% dos mais pobres só têm 1%. Então, ele dividiu. Agora, entendo que isso não é o ideal. Tem de haver um debate qualificado.

E já vai o Suplicy ali. Ele é muito apressado, muito cabeça-dura: já brigou muito em boxe, acho que foram uns nocautes que teve. Mas nós não divergimos, não; nós nos aproximamos. Minhas palavras foram de reconhecimento à virtude de V. Ex<sup>a</sup>, e sempre disse isso. Agora, sou de uma sinceridade, porque vim do Piauí. V. Ex<sup>a</sup> se lembra de que, quando comecei aqui, disse: “Ô, Suplicy, a tua mulher perde em São Paulo”. Eu afirmei logo cedo: “Você ganha. Besteira, rapaz, ela vai perder a eleição”. Disse, com um mês como Senador nesta Casa, porque ando: nordestino, no táxi, auscultava. É o que Ulysses disse: “Ouça a voz rouca das ruas”. Eu dizia: olha a votação dele. Ele é um dos seis homens que mais voto já tiveram neste Brasil. Só tiveram mais voto do que ele esses candidatos a Presidente – alguns. Justiça seja feita: V. Ex<sup>a</sup> também teve uma votação esplendorosa.

Mas, Suplicy, não vamos buscar o que nos separa. Eu lhe disse que sou muito Deus, com todo respeito que tenho a V. Ex<sup>a</sup>, a sua bondade, a sua defesa pela renda mínima. Mas não me sai da cabeça o que Deus disse: “Comerás o pão com o suor do teu rosto”. É uma mensagem de Deus de que o caminho é o trabalho.

O apóstolo Paulo, mais severo, Mozarildo, diz: que quem não trabalha não merece ganhar para comer. Então, fico com eles, antes de V. Ex<sup>a</sup>. Mais ainda, Deus escreve por linhas tortas, Heloísa Helena. E não sei onde está isso, nunca vi; fica para o Crivella discutir com o Magno Malta se está na Bíblia. Mas, Heloísa Helena, como o Suplicy já está levantando-se para um aparte, eu me antecedo, porque levo para onde vai a minha formação médica, a profilaxia.

Mas vamos mais: já que V. Ex<sup>a</sup> não está crendo em Deus, no apóstolo Paulo, creia em Rui Barbosa. E por acaso estou com um livro velhinho, e ninguém do PT escreveu um que andasse tanto tempo. Está aqui por acaso, e vou ler para V. Ex<sup>a</sup>. Realmente, isso ajudou os pobres. Dar esmola ajuda, mas não vai tirar a população da pobreza. Não vai, não, Suplicy. Não

venha com essa conversa, porque não vai; isso não tem fundamento.

Eu fico com Luiz Gonzaga, já que V. Ex<sup>a</sup> não crê nas palavras de Deus, do apóstolo Paulo ou de Rui. Luiz Gonzaga, lá do nosso Nordeste, Mozarildo, diz: quem dá uma esmola a um homem santo mata esse homem de vergonha ou de humilhação. O Fagner, que é um cantor do Ceará, gravou uma música do Gonzaguinha, que diz: Homem guerreiro! Menino guerreiro! Ele tem um sonho. Se castram esse sonho – esse seu sonho é o trabalho –, ele mata, morre e não pode ser feliz.

Então, acredito no trabalho.

Mas me permita V. Ex<sup>a</sup>, que usou o nome “Partido dos Trabalhadores”, enquadra-lo. Está aqui um livrinho de Rui Barbosa, que depois vou ceder, para que V. Ex<sup>a</sup> tire uma fotocópia só de uma parte: o trabalho.

Rui Barbosa disse:

Há na vossa grandeza um condão para atrair os que se não rendem a outras: é que é a grandeza do trabalho. O trabalho não é o castigo: é a santificação das criaturas. Tudo o que nasce do trabalho, é bom. Tudo o que se amontoa pelo trabalho, é justo. Tudo o que se assenta no trabalho, é útil. Por isso, a riqueza, por isso, o capital, que emanam do trabalho, são, como êle, providenciais; como êle, necessários, benfazejos como êle. Mas, já que do capital e da riqueza é manancial o trabalho, ao trabalho cabe a primazia incontestável sobre a riqueza e o capital.

Lincoln não era um demagogo, não era um revolucionário, não era um agitador popular. Era o presidente da grande república norte-americana [grande presidente!] durante a mais tremenda crise da sua história; e o consenso geral da posteridade o sagra, hoje, como o maior gênio de estadista que a tem governado. Pois Lincoln, senhores, não duvidava reivindicar, numa das suas mensagens ao Congresso Nacional, em dezembro de 1861 [atentai bem, Suplicy, 1861!], a preeminência do trabalho aos outros fatores sociais.

“O trabalho – dizia ele [citado por Rui Barbosa, nosso patrono] – precede ao capital, e dêste não depende. O capital não é senão um fruto do trabalho, e não chegaria nunca a existir, se primeiro não existisse o trabalho. O trabalho é, pois, superior ao capital, e merece consideração muito mais elevada”.

Eu venho falar daquilo em que acredito, Senadora Heloísa Helena: o trabalho. E me dediquei a ele. Faça, Senador Suplicy, no dia 16 de dezembro, 40 anos de médico e cirurgião. Não há mão santa e nenhum santo;

são mãos humanas iguais às da enfermeira Heloísa Helena. É título mais acima do que o de Senador. À enfermeira não se prestam homenagens, solenidades e festas, mas, no momento da dor, do sofrimento, todos recorremos a elas. V. Ex<sup>a</sup> e eu somos irmãos. Médico e enfermeira, somos soldados da saúde, do evangelista Lucas.

Senador Eduardo Suplicy, quero a ajuda de V. Ex<sup>a</sup>, do Senador Paulo Paim e da Líder Senadora Ideli. Ô, Ideli! Como é fácil. No meu voto, pedirei tão pouco pelo País; diferente do PMDB, que quer negociar, fazer balcão de negócios. O meu, não. O meu é puro. Acho que V. Ex<sup>a</sup> pode levá-lo.

Está acontecendo neste País uma greve que é fundamental e que precisamos entender: de médico residente. Eu sou médico.

Heloísa Helena, eu sei que tive um grande aprendizado aqui, Senador Alvaro Dias, com homens de inteligência e experiência. Mas, Senador Augusto Botelho, entendo que, dos meus 64 anos, os mais importantes da minha vida foram como médico residente. Aí, sim, um reitor me orientou, e eu fui; e fui aprender.

Eu sou oficial da reserva e fiz o CPOR. Há uma hierarquia no Exército, mas a hierarquia em um hospital organizado, Heloísa Helena, é muito maior do que a hierarquia militar, Alvaro Dias, porque é a hierarquia do saber; não é a hierarquia de capitão ser mais do que tenente; major.... É a hierarquia do saber: aquele que é seu chefe de clínica, de cirurgia, que é diretor, tem a estrela do saber.

Aprendi muito na minha residência médica no Hospital dos Servidores do Estado, e pasmem: era o único, um hospital federal, onde vi ser atendido João Baptista Figueiredo quando teve o infarto. Lá, havia um apartamento presidencial. Fui médico residente, que é o profissional da Medicina jovem, idealista, puro no sentimento de saber, que entrega os melhores anos de sua juventude para buscar ciência, para, com ciência e com consciência, servir ao povo do Brasil. Esses são médicos residentes, Ideli. Mozarildo, nós dávamos 13 plantões por mês. Treze! E, no dia seguinte, estávamos a auxiliar as cirurgias.

Senadora Heloísa Helena, convivemos com os maiores nomes da Medicina do mundo. Christiaan Barnard... Ô, Mozarildo, convivi com Christiaan Barnard, o pioneiro do transplante cardíaco, que deu um curso no meu hospital; Lileray, o pai do microcirculação; Zerbini, Jatene – eu auxiliei Jatene em cirurgias –, esse extraordinário homem da Medicina.

E a dedicação era tão grande, que, realmente, depois, eu quis voltar para o Piauí.

Quero dizer, Augusto Botelho e Alvaro Dias, que Deus foi tão bom que eu só soube o que era desem-

prego quando entrei na política para arrumar para os outros. Eu não. Eu saí bem formado; quando me formei no Ceará e fui para o Rio, era primo da mulher do Governador, da mulher de Virgílio Távora; era monitor da faculdade e podia ficar como professor; tinha tirado primeiro lugar em concurso para o pronto-socorro municipal, assistência municipal, hoje José Frota. Poderia ter continuado, e fui fazer a residência.

Senador Botelho, ao sair, tinha convite de todo o Brasil, porque era uma das residências mais sérias e importantes de Medicina. Fui discípulo do Professor Mariano de Andrade. E com ele convivi e aprendi.

Senador Mozarildo, a formação era tão séria e importante na nossa vida, que, de repente, o hospital nos colocava como diretor daquela instituição. Fazia parte da formação médica. Lembro-me de um chamado da telefonista para eu resolver um problema: “Você é o diretor de plantão” – o lado administrativo fazia parte da formação do médico-residente. Perguntei qual era o problema. “Ah, tem um engenheiro que tomou ‘umas’ e está quebrando tudo aí embaixo, mas é você quem vai resolver”. Perguntei por quê. “Porque você é o diretor, e esse engenheiro é o engenheiro do hospital”. E eu perguntei: “Ah! E aqui tem engenheiro?” E ela disse: “Tem dois engenheiros.” Mas, naquele meu jeito, fui e acabei tomando uma cervejinha com o engenheiro – para ser flexível – e falei: “Meu amigo, vamos fazer um negócio. Não vou chamar a polícia; vou chamar a ambulância e vou deixá-lo lá no seu apartamento”.

Mas quero dizer o que é uma residência médica. Foi muito importante. Nos anos em que fizemos – e hoje ainda é assim – eram quatro anos, dois e um terceiro optativo para quem fizesse a Cirurgia Especializada. Quer dizer, nos formava mesmo e nos dava independência, auto-estima, formação. Eu cheguei no Piauí e tive essas condições, que o povo reconheceu. Os pobres colocaram-me até o aposto de Mão Santa e me deram muitos votos – estou aqui, fui prefeito da minha cidade e governei o Estado. É importante o exemplo dos mais velhos, como o de um pai, e dos mais novos, como de irmão.

Mozarildo, sou metido a durão e até sou, porque sou um homem do Piauí, mas me lembro, Augusto Botelho, de Fischmann, um cirurgião que se casou com a filha do Lutz Fernando; ele tinha deixado, mas eu não me despedi, Alvaro Dias, porque ia embora do Rio, iria me emocionar e, talvez, tivesse uma crise de choro, porque aquele pegava na minha mão e me ensinava a operar: gastrectomia, tireoidectomia e abrir tórax, tal é a formação dos médicos residentes! Olha, antes de sair, fui chamado na direção do hospital. Sabe o que era? Olha como é importante: era o diretor do hospital acompanhado de Tufik Simão, médico que instalou a

primeira UTI neste País. Tinham um convite para eu ser diretor de um hospital em Anápolis. Um médico, que era deputado federal, tinha acabado de ser eleito e tinha de buscar lá essa pessoa. Eu, Botelho, tinha sido indicado pela formação no Hospital do Servidor. Aí, eu disse que não, pois queria ir para o Piauí. Quer dizer, antes de sair da residência, porque eles iam buscar.

Era um médico, dono de um hospital. Quase fui para Anápolis, mas creio que já estava apaixonado pelo Piauí e pela Adalgisa.

Mas quem faz funcionar um hospital são os médicos-residentes.

Senador Mozarildo Cavalcanti, todos estão vendo os aeroportos. É aquele rapazinho, o que faz a programação do vôo. É um problema no País todo, porque está centralizado. Ô Suplicy, atentai bem. Muito mais grave é o que se vê nos aeroportos: os programadores de vôo estão parados, e não saem 600 vôos.

Todos os hospitais deste País estão sofrendo o mesmo problema. Os médicos-residentes estão em greve há mais de 15 dias, Suplicy. Por que só eu estou falando? Mas está tomando eco. Está na **Folha de S. Paulo** o protesto dos residentes, que têm uma bolsa que vale pouco mais de mil reais, ô Paim! Senadora Ideli, essa bolsa não é reajustada há quase cinco anos. E ninguém trabalha mais do que médico-residente. Ele é quem faz funcionar o plantão. Numa maternidade, ele é quem recebe a gestante, vê a bolsa romper e o feto bater. Ele acompanha e espera. Se o caso complica, e o bebê não nasce, ele vai ao médico, que está dormindo nas caladas da madrugada, buscá-lo. Mas é o residente quem passa a noite no banco de sangue, classificando o sangue para que haja aquela operação, para auxiliar. Ele trabalha muito, são noites e noites indormidas. Mozarildo, sabe a ponte Rio–Niterói? Eu a vi ser construída, pilar por pilar, lá do décimo-quarto andar, onde eu fazia plantão na UTI, Augusto Botelho. Vi a construção pilar por pilar, Alvaro Dias. Assim é a vida de um médico residente.

Mas o que eles querem mais, Mozarildo, é responsabilidade. Senadora Ideli, V. Ex<sup>a</sup>, que é professora: é só isso. Os residentes não estão lá pelo dinheiro, eles ganham pouco mais de mil reais. Se V. Ex<sup>a</sup> considera trinta dias, o que eles recebem por hora é muito pouco, especialmente quando se leva em consideração que o médico residente trabalha dia e noite, praticamente mora no hospital. Sofre o doente, ele está lá com a família. E ele tem de se vestir, tem de comer, tem de comprar livros para se atualizar, livros que são caros.

Eu me lembro, Mozarildo, que comprei o Atlas de Técnicas Cirúrgicas, de Madden: custou duzentos cruzeiros. Como pela residência eu recebia vinte e quatro cruzeiros e pagava dez por mês, levei quase

dois anos pagando o Madden. Essa é a vida do residente. E eles estão aí.

Agora, quem sofre? Presidente Lula, já chegou? Suplicy, é o pobre. Os hospitais privados não estão nem aí: são doentes tratados por médicos ricos. Mas onde tem médico residente é nos hospitais públicos, no Hospital das Clínicas por exemplo.

Ontem, chorou-se pelo Incor, que está sofrendo um drama. Discursaram muito pelo Incor. É justo, mas são muitos outros nesse situação. Todas as santas casas, todos os hospitais universitários estão parados. Estão parados porque eles atendem os pobres, e os pobres não gritam, os pobres voltam sem nem saber por que estão voltando às vezes. É essa a bolsa que está faltando.

Mas sabem o que eles querem mesmo? Eles não querem ficar como mão-de-obra barata. É a mão-de-obra mais barata: mil e poucos reais para trabalhar as vinte e quatro horas do dia – é quase como aquelas domésticas escravas do passado. Eles querem que o Governo assuma a responsabilidade de colocar docentes, instrutores, para que eles não sejam só mão-de-obra barata. Não tendo o ganhar, o que seria o seu maior pagamento? O saber, mas também não serem responsáveis por tratamentos para os quais eles ainda não têm qualificação.

Com a palavra o médico que está antes, muito antes da força do Senador: Mozarildo. Em pesquisa recente, verificou-se que, entre os brasileiros e as brasileiras, só 5% acreditam nos políticos e 30%, nos homens da Justiça. Em relação ao médico, o percentual é bem diferente, temos a primazia, estamos em situação de igualdade com os pastores, os padres, no conceito da população.

Com a palavra Mozarildo.

**O Sr. Mozarildo Cavalcanti** (PTB – RR) – Senador Mão Santa, estava aqui ao meu lado o Deputado Rodolfo Pereira, de Roraima, que também é médico, e estava presidindo a sessão na altura em que eu estava me preparando para pedir o aparte o Senador Augusto Botelho, que também é médico. Sendo médico, também me causa muita preocupação o tema que V. Ex.<sup>a</sup> está abordando. V. Ex.<sup>a</sup> fez um paralelo entre os residentes e os controladores de vôo. Nós, que viajamos para lá e para cá, não percebemos a presença dos controladores. De forma semelhante, o paciente, ou melhor, o povo de modo geral não sabe da existência do médico-residente.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Sr. Presidente, conceda mais tempo para esse debate qualitativo e necessário à melhoria da saúde neste País.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Eu sinto muita segurança, porque os médicos cuidam bem de mim aqui.

**O Sr. Mozarildo Cavalcanti** (PTB – RR) – Como eu estava dizendo, Senador Mão Santa, ninguém, quando está no aeroporto, percebe a presença do controlador de voo. Vê lá a mocinha ou quem está fazendo o *check in*, vê o funcionário da Infraero que está controlando os raios X, mas não sabe da importância do controlador de voo. Da mesma forma, muita gente não sabe da importância do médico-residente, que é responsável, dizem os jornais de hoje, por 70% do atendimento. Eu creio que seja muito mais do que 70% do trabalho que se faz nos hospitais públicos e em alguns hospitais que são fundações, que são públicos e privados ao mesmo tempo. Então, é importante que realmente essas coisas estejam acontecendo para que o Brasil acorde e veja a existência de pessoas como os controladores e como os médicos-residentes. Quem são os médicos-residentes? São médicos já formados que estão ali se especializando, que estão aprendendo mais e que estão, portanto, prestando um serviço e aprendendo. Lá, os chefes de serviço, os catedráticos, na verdade, ficam fazendo um trabalho de ensinamento, mas não fazem o trabalho mais corpo a corpo, digamos assim, do residente. Eu espero que o discurso de V. Ex<sup>a</sup> sirva como alerta para a necessidade de mudar essa realidade. É inaceitável que um médico nessa situação ganhe pouco mais de mil reais. Como é que ele pode se manter? Se ele não pode sequer comprar um livro, como V. Ex<sup>a</sup> deu bem o exemplo aqui, como ele poderá se aperfeiçoar? O Brasil vem relaxando há muito tempo diante de situações como essa, e isso não pode continuar sob pena de nós não mudarmos a realidade da saúde no País, de não garantirmos a existência nos hospitais e no mercado de modo geral, amanhã, de bons profissionais, qualificados e capazes de exercer a profissão em benefício do povo. Além disso, como eu coloquei há bem pouco tempo aqui, precisamos também da presença do médico em todos os municípios do País.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Nós agradecemos, incorporamos e queremos dizer que, além dessa atualização salarial que eles dizem que há cinco anos não é feita nesse salário de pouco mais de mil reais, o que eles exigem são melhores condições para trabalhar e aprender. No meu tempo, nos anos sessenta, havia uma associação de médicos-residentes que qualificava os hospitais que podiam dar assistência a esse compromisso de formação. Os jovens residentes de hoje não querem passar aquele período que dedicam de sua mocidade em busca do saber como

apenas uma mão-de-obra barata para servir e fazer funcionar os hospitais.

Então, Senadora Ideli Salvatti, é essa a minha preocupação. Confiamos que V. Ex<sup>a</sup>, com sua sensibilidade de professora, fará chegar esses reclamos que nós, que temos quarenta anos de Medicina, sentimos e percebemos como graves; confiamos que V. Ex<sup>a</sup> os levará ao Ministro da Saúde e ao Ministro da Educação para que tenhamos uma solução satisfatória.

A V. Ex<sup>a</sup>, Senador Suplicy, que tem feito tantas coisas boas por São Paulo e pelo País, o nosso apelo para também se incorporar nessa campanha pela melhoria das condições de trabalho do residente. Precisamos promover um debate qualificado para buscar soluções para melhorar a situação de mais de vinte mil médicos-residentes.

Ontem, o debate qualificado foi pelo Incor, que reconhecemos ser um centro de excelência, um centro que nos enche de orgulho e chama a atenção não só do Brasil: ele é um centro de médicos-residentes tão forte, que vêm até estrangeiros de países de Primeiro Mundo, como o Canadá, fazer estágios. Mas não é só o Incor que precisa de ajuda, são centenas de hospitais que abrigam os médicos-residentes e que estão com o seu funcionamento prejudicado. Essa situação desfavorece sobretudo os mais pobres que necessitam de assistência e vão buscá-la no hospital público.

Essas são as nossas palavras. Agradecemos ao Senador que presidiu e que, pacientemente, alargou o tamanho do tempo, que, embora tenha sido grande, não é tão grande como o coração de V. Ex<sup>a</sup> Senador Romeu Tuma.

*Durante o discurso do Sr. Mão Santa, a Sra. Heloísa Helena, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada sucessivamente pelos Srs. Augusto Botelho e Romeu Tuma.*

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Muito obrigado.

Com a palavra, como orador inscrito, o Senador Alvaro Dias.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) –

**DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. SENADOR ALVARO DIAS NA SESSÃO DO DIA 14 DE NOVEMBRO DE 2006, QUE, RETIRADO PELO ORADOR PARA REVISÃO, SERÁ PUBLICADO POSTERIORMENTE.**

*(Art. 201, §§ 2º e 3º, do Regimento Interno.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP)

– Muito obrigado, Senador Alvaro Dias.

Concedo a palavra à nobre Senadora Ideli Salvatti.

Em seguida, terão a palavra os Senadores Sérgio Zambiasi, César Borges e Eduardo Suplicy.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Senador Romeu Tuma, em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer ao Senador Sérgio Zambiasi, que, gentilmente, tendo pedido o tempo pela Liderança, permitiu-me fazer o pronunciamento na sua frente.

Hoje, pela manhã, fiz uma visita à Presidente da Caixa Econômica Federal, a nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, que me deu uma notícia que eu não poderia deixar de trazer a esta tribuna. Quero, inclusive, usar o caso concreto dessa notícia que me deu a Maria Fernanda para mostrar como determinados temas foram apresentados ao longo do debate eleitoral, principalmente no segundo turno, sobre o papel do Estado: para que serve o Estado, onde e como devemos nos colocar na disputa da tecnologia, da soberania nacional e da competitividade que o nosso País tem e que, infelizmente, não é muitas vezes valorizada. A Maria Fernanda, Presidente da Caixa, deu-me a seguinte notícia: entre os dias 12 e 17 de novembro – nesta semana, portanto –, está sendo realizado em Cingapura um fórum internacional, a convenção da World Lottery Association, da qual participarão 700 representantes de loterias estaduais de 74 países. Exatamente nesse evento, o Brasil, por intermédio da Caixa Econômica Federal, apresentará a tecnologia que desenvolveu para operar, Senador Romeu Tuma, o sistema lotérico da referida instituição.

Veja que interessante, porque essa questão do sistema lotérico da Caixa Econômica Federal foi, ao longo desses quatro anos do Governo Lula, um dos temas recorrentes nesta Casa, que recebeu, exaustivamente, ilações, insinuações e acusações relacionadas ao contrato com a famosa GTech. Essa empresa norte-americana entrou no Brasil para operar o sistema lotérico da Caixa Econômica em 1997, depois de uma licitação ganha por uma empresa nacional, brasileira, a Racimec, após 36 anos de uma longa licitação, que, aliás, proibia a participação de empresa internacional; dez meses depois, a GTech, essa empresa norte-americana, comprou a Racimec e ganhou por tabela a licitação que essa havia ganho na Caixa. Desde 1997, a GTech, que se apropriou, vinha controlando e impedindo, com todas as forças que ela tinha ou não, que a Caixa Econômica desenvolvesse a sua tecnologia.

Houve, já no fim do Governo Fernando Henrique, Senador Romeu Tuma, a bem da verdade – é importante aqui registrar, até pela briga entre o PSDB e o PFL, quando a candidatura do PFL acabou sendo

detonada na briga interna –, houve uma posição da Caixa Econômica, que, desde aquela época, foi para a Justiça tentando se livrar da GTech. A Caixa tentava abrir as operações para poder desenvolver a sua tecnologia e nos livrar da dependência tecnológica operacional de uma empresa multinacional que cobrava horrores pela operação.

No atual Governo, nós demos continuidade e aprofundamos isso. Mas foi uma briga, uma briga imensa, porque havia decisões judiciais, liminares, para respaldar a GTech. Chegamos até o ponto de ter aqui, na CPI dos Bingos, o convite a uma das juízas, a que deu mais liminares favoráveis à GTech, para prestar depoimento e dizer por que ela via tanto benefício e mantinha o privilégio e, digamos assim, o monopólio da GTech de continuar operando. Mas a juíza acabou não vindo. Ela recorreu ao Supremo e foi beneficiada, não precisando vir prestar esclarecimentos na CPI dos Bingos.

Mas é interessante, porque, depois de toda a briga, de toda a luta jurídica para podermos nos livrar, finalmente nós estamos independentes da GTech. E isso é muito importante, porque a independência nos permite, hoje, estar em uma das principais convenções internacionais apresentando tecnologia desenvolvida pela capacidade e pela inteligência brasileira, disputando o mercado e concorrendo com quem? Com empresas do tipo da GTech.

É muito interessante trazer esse assunto, porque esta foi uma questão também trazida no segundo turno: que Brasil queremos? O Brasil submisso, o Brasil dependente, o Brasil que não se valoriza, o Brasil que não respeita a capacidade e a inteligência do nosso povo, da nossa intelectualidade, dos nossos cientistas, dos nossos técnicos, das nossas instituições? Esse é o Brasil que nós queremos ou é outro Brasil? Esse Brasil que se libera, esse Brasil que entra a partir do desenvolvimento da sua própria tecnologia na disputa internacional em pé de igualdade? É disso que estamos falando.

Não posso, portanto, deixar de fazer este registro no caso GTech/Caixa Econômica Federal, Senador Romeu Tuma, V. Ex<sup>a</sup> que acompanhou o bombardeio que foi feito, todas as acusações, todas as ilações, todos os questionamentos. Mas aí está o resultado. Nós conseguimos, finalmente, dizer que não precisamos de uma GTech. Não temos de pagar milhões anualmente para uma empresa multinacional operar no nosso País, porque temos capacidade de desenvolver a tecnologia.

Gostaria de parabenizar, de público, toda a equipe da Caixa Econômica Federal que teve a capacidade de fazer o enfrentamento, de fazer a superação, de

desenvolver a tecnologia e estar, nesta semana, nos representando nesse fórum internacional em Cingapura, levando para a comunidade internacional uma tecnologia desenvolvida no Brasil e que se apresenta como bastante conveniente.

Faço este registro porque essa tecnologia de informação que a Caixa desenvolveu para a operação das loterias não vai servir só para isso. Poderá ser aplicada também na questão dos cartões de crédito e em uma série de outras operações que a Caixa Econômica desenvolve no atendimento à população brasileira, e que vai se aproveitar também dessa tecnologia.

Além disso, quero aproveitar para dizer que não é de hoje que a Caixa repassa conhecimentos a outros países, como é o caso da Namíbia, Marrocos, República Dominicana e Líbano, em outras áreas, como na área da habitação, saneamento, infra-estrutura, transferência de benefícios sociais e bancarização da população de baixa renda. Tivemos a oportunidade de servir de exemplo de matriz e de tecnologia nessas áreas para outros países e, agora, também estamos entrando neste outro terreno que é o das loterias.

Gostaria ainda de dizer que essa tecnologia totalmente desenvolvida no Brasil teve a participação de 400 profissionais da Caixa Econômica Federal. Foram quatro anos de pesquisa, de muita pesquisa, que acompanhamos atentamente.

Queríamos, de público, parabenizar toda a equipe, inclusive a da gestão que antecedeu a da atual Presidente, Maria Fernanda, presidida por Jorge Mattoso. Foi exatamente essa Direção da Caixa que deu continuidade, aprofundou e concretizou o sonho de soberania e de independência com relação à tecnologia nessa área.

É importante explicar o que estamos falando em termos de recursos, porque a mudança desse sistema, ou seja, deixar de depender da GTech, traduz-se em mudança significativa nos custos, nos gastos. A GTech, no ano passado, ainda absorveu – porque uma parte dos procedimentos foram sendo descartados – R\$238 milhões. Iniciou-se um processo de descarte, de se desvencilhar de parcelas de execução. Antes de se iniciar o processo de desligamento da GTech, o gasto era de R\$400 milhões/ano, Senador Romeu Tuma.

Portanto, é esse o tipo de economia que a Caixa Econômica está fazendo hoje. Além da economia, ainda está disputando e pode passar a ter, pela tecnologia desenvolvida, lucro no sentido de absorver mercados internacionais que estão em disputa.

É bom também lembrar que metade do que é arrecadado pelo serviço lotérico da Caixa Econômica Federal vai para a área social. É bom termos a dimensão dos valores. Nos primeiros nove meses de

2006, as loterias operadas pela Caixa arrecadaram R\$3,13 bilhões, dos quais R\$1,5 bilhão foi destinado a repasses sociais. Ao esporte brasileiro foram destinados R\$199 milhões; o Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior (Fiees) recebeu R\$283 milhões; o Fundo Nacional de Cultura, R\$89 milhões; o Fundo Penitenciário, Senador Romeu Tuma – para a segurança – e a Seguridade Social receberam R\$94 milhões e R\$531 milhões, respectivamente; R\$343 milhões foram repassados a convênios com Apaes de todo o País e também à Cruz Vermelha.

Portanto, é um recurso muito importante. Ele é essencial para o desenvolvimento social do nosso País.

Gostaríamos, mais uma vez, de dar os parabéns à Caixa Econômica, à sua equipe técnica e aos 400 funcionários que se dedicaram ao desenvolvimento dessa tecnologia.

Eu não poderia deixar de registrar o seguinte – porque foram quatro anos, Senador Romeu Tuma, durante os quais, semana sim, semana não, fazíamos debate neste plenário e ouvíamos acusações a respeito dos procedimentos da direção atual da Caixa com relação à GTech: volto a dizer que a GTech está controlando o jogo, as loterias da Caixa Econômica, desde 1997, autorizada por uma licitação da qual não participou – ela ganhou por tabela ao comprar uma empresa nacional, a Racimec –, e, de 1997 até o ano passado, ela agiu, de todas as formas possíveis e imagináveis – e até inimagináveis – para continuar explorando essa fatia, essa parcela de execução de um serviço que a Caixa Econômica, por delegação, inclusive legal, constitucional, executa em nome do Governo Federal.

Portanto, se há algo que simboliza enfrentamento, respeito, valorização à inteligência e à tecnologia brasileira, o caso em questão é um bom exemplo, é uma boa demonstração, é uma demonstração inequívoca do que é a determinação política em favor do Brasil, em favor do povo brasileiro, em respeito à nossa soberania, à valorização dos nossos profissionais e em favor daquilo que o Brasil tem de melhor, que é o povo brasileiro. Essa notícia é uma das que melhor simbolizam isso.

Portanto, a capa do Caderno Especial da Caixa “Independência Tecnológica” orgulha-nos, orgulha o Brasil, orgulha aqueles que acreditam no Brasil, que acreditam no povo brasileiro.

Por isso que esse exemplo, bastante concreto e bastante significativo, cabe bem, cabe muito bem nesse rescaldo eleitoral, em que tivemos a oportunidade de, durante as eleições, discutir projetos, discutir o que se quer para o nosso País, o que se quer para o desen-

volvimento do nosso País, o que se quer em termos de relações do nosso País com os demais, com as demais comunidades, com os demais povos.

Em uma situação como essa de superação de um processo de dependência, de submissão – e submissão que trouxe profundos prejuízos, financeiros inclusive, ao povo brasileiro –, sentimo-nos muito orgulhosos em saber que, felizmente, o Brasil está no rumo que interessa ao Brasil, e não no rumo que interessa àqueles que, vira e mexe, acham que qualquer outro governo, qualquer outro país faz melhor do que nós. Não pensamos assim. Acreditamos que o Brasil tem muito a oferecer, compartilhar e valorizar, em termos do que temos capacidade de produzir e de realizar.

Muito obrigada, Senador Romeu Tuma.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PFL – SP) – Senadora Ideli, ainda hoje falávamos sobre isso, sobre a importância de o Governo acreditar na tecnologia, na pesquisa e investir nessa competência e na capacidade dos técnicos brasileiros.

Portanto, cumprimento também a Caixa por esses valores que desenvolveram essa tecnologia, da qual já ouvíamos falar na época da CPMI.

Eu também não poderia deixar de lembrar que, ainda esta semana, estive no Prodasen. Eles têm um plano já em desenvolvimento e nos trouxeram essa oportunidade – está aqui, na Mesa.

Deve-se acreditar no jovem que diz: “Posso fazer”. E investir. Foi o que aconteceu na Caixa.

Concedo a palavra ao Senador Sérgio Zambiasi, pela Liderança do PTB, Partido de todos os brasileiros.

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI** (PTB – RS. Pela Liderança do PTB. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o assunto que me traz à tribuna, com certeza, sensibiliza V. Ex<sup>a</sup> também, até porque, Senador Romeu Tuma, sei que V. Ex<sup>a</sup> é pai de um médico, assim como o Senador Mão Santa também é médico, mas um dia foram residentes.

São 17 mil profissionais em todo o Brasil, são milhões de brasileiros que encontram nos hospitais das redes pública e privada, também nas clínicas, nos ambulatórios e nos consultórios o amparo e a atenção de que necessitam para sua saúde. Esses profissionais, em fase de formação, são fundamentais para a atenção à saúde desses cidadãos.

Trata-se da greve nacional dos médicos residentes, iniciada no dia primeiro deste mês e que atinge 18 Estados da Federação. Nos últimos dias, jovens profissionais vestidos de branco trocaram as salas das clínicas e dos hospitais para ganhar as ruas e, com o inequívoco apoio da opinião pública, buscar sensibilizar as autoridades para suas justas reivindicações.

Os residentes não adotaram o caminho mais duro, a greve, em primeira instância. Há longos 14 meses vêm conversando – infelizmente, sem evolução –, com os Ministérios da Saúde e da Educação para chegarem a um consenso sobre sua pauta de reivindicações.

Note-se também que cerca de 30% dos residentes permanecem prestando atendimento para cumprir determinação do Conselho Federal de Medicina.

Os residentes querem a reposição da inflação de 53,7%, desde o último reajuste que tiveram, em 2002. Trata-se de corrigir o valor da bolsa-auxílio paga aos médicos dos atuais R\$1.470,00 para cerca de R\$2.265,00.

Vejam, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, que o salário de um médico, em importante etapa de sua formação profissional, não chega, em nosso País, nem a R\$1.500,00. Como pretender, assim, uma saúde pública de qualidade e cuidar da vida dos brasileiros? Além disso, eles reivindicam o direito assegurado pelo regimento de residência médica de que, no mínimo, 10% a 20% da carga horária sejam dedicados à atividade teórica e de que as 60 horas semanais não sejam excedidas. Eles também solicitam melhorias nos laboratórios e capacitação dos professores que monitoram o atendimento.

No Rio Grande do Sul, onde os residentes são cerca de 1.700, além de espalharem suas reivindicações por intermédio de panfletos, os médicos também fizeram doações de sangue no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. A intenção foi chamar a atenção da população para as exigências da categoria, que, a propósito, recebeu apoio de todas as Bancadas com assento na Assembléia Legislativa.

Na semana passada, representantes da categoria entregaram um documento à Comissão de Saúde e Meio Ambiente da Assembléia Legislativa do Estado, que deverá realizar uma audiência pública sobre o assunto nesta semana.

Além da pauta nacional, o documento entregue aos Parlamentares inclui reivindicações específicas do Rio Grande do Sul.

A situação é preocupante em meu Estado, caros colegas.

Em Porto Alegre, no Hospital de Clínicas, que emprega 316 médicos recém-formados, mais de 100 consultas ambulatoriais são canceladas por dia. Só ontem, 180 pessoas deixaram de ser atendidas no Hospital de Clínicas. No Grupo Hospitalar Conceição, a diretoria já registrou a suspensão de 25 cirurgias eletivas desde o começo da paralisação. No Hospital Conceição, há 137 residentes, e 85% deles estão em greve.

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*



**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI (PTB – RS)** – Solicito a generosidade de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Romeu Tuma, que preside esta sessão, para me conceder um tempo maior para que eu possa concluir esta manifestação. (Pausa.) Muito obrigado.

Desde o primeiro dia de novembro, a Santa Casa de Porto Alegre, onde há 210 médicos residentes, reduziu de 1.000 para 750 o número de consultas com especialistas pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Cerca de 15% das consultas foram remarçadas. As novas datas são agendadas, em média, para 20 dias depois da consulta inicial. E, para piorar, nesta segunda-feira, ontem, residentes do Setor de Obstetrícia do Complexo Hospitalar Santa Casa também aderiram à paralisação.

Em alguns Estados, a greve dos médicos residentes reduziu em mais de 50% o número de cirurgias eletivas e suspendeu novas internações. Segundo a direção de vários hospitais atingidos, estão prejudicados os serviços de Clínica Médica, Pediatria, Ginecologia, Obstetrícia, Geriatria, Anestesia Geral e Doenças Infecto-contagiosas.

Além desses setores, algumas UTIs neonatais e UTIs para adultos também não estão recebendo assistência dos médicos residentes. São corredores lotados, rostos desanimados e horas de espera pelo atendimento.

Na área ambulatorial, a espera por atendimentos mais que triplicou em algumas enfermarias. O atendimento foi reforçado com os médicos contratados e docentes. Mesmo assim, o atendimento foi garantido apenas aos casos mais graves e de retorno pós-cirúrgico.

Consultas novas, casos de rotina e várias cirurgias eletivas foram remarçadas. Apesar dos transtornos, a maioria dos usuários, dos pacientes, considera justa a reivindicação dos médicos residentes. Entendem que eles devem receber de acordo com a atividade que exercem.

Através da Associação Nacional dos Médicos Residentes, a categoria tem insistido, junto ao Governo, no atendimento de uma pauta mais do que justa e meritória, qual seja: reajuste da bolsa de residência médica em 30% a partir de primeiro de janeiro para todo o País e complementar o reajuste para 53,7% (inflação do período de 2002 a 2005), escalonado até julho de 2007; e o compromisso de ampliar as vagas de residência médica.

No Brasil, não é novidade, o trabalhador está submetido, via regime da CLT, a uma jornada semanal de 40 horas. Pois os residentes procuram acordo para trabalhar 60 horas semanais, Senador Tuma, em con-

dições muito aquém das ideais, inclusive com regimes de plantões de 24 horas.

Sr. Presidente, Senador Romeu Tuma, não é possível para o médico recém-formado obter uma boa formação com menos de R\$ 4,00 a hora de auxílio.

Por isso, além de nos somarmos a esse justo movimento, queremos fazer um apelo especial não somente aos Ministros da Saúde e da Educação, mas especialmente ao Presidente Lula.

É a oportunidade, Presidente Lula, de pôr em prática seus compromissos com a educação e com a saúde do povo brasileiro. E, note-se, é o mais pobre, o mais humilde, que encontra nos médicos residentes a oportunidade de cuidar de sua saúde.

Além da reivindicação salarial, há outros aspectos importantes que necessitam de atenção, como a contribuição previdenciária dos residentes e a reorganização das vagas ociosas de residências – que hoje chegam a 5 mil em todo o Brasil.

O próprio Ministério da Saúde, por meio de recente depoimento da Assessora Especial Magda Beatriz Silveira, na Câmara dos Deputados, aqui em Brasília, classificou de miserável a remuneração desses profissionais. Conforme registra, os residentes são responsáveis por 75% do atendimento nos hospitais. No entanto, eles recebem muito pouco pelo tamanho da responsabilidade. Há, ainda, a crônica falta de medicamentos e de equipamentos nos hospitais.

Está prevista para a próxima sexta-feira uma reunião dos líderes da categoria com representantes dos Ministérios da Saúde e da Educação. No encontro, será discutida a proposta do Governo de enviar ao Congresso Nacional um projeto de reajuste de 30% no valor da bolsa-residência a partir de janeiro do ano que vem. Esperamos que a reunião possa produzir um acordo que atenda às necessidades da categoria, possibilitando o fim da greve.

Concedo o aparte ao Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa (PMDB – PI)** – Senador Sérgio Zambiasi, hoje, fiz pronunciamento semelhante ao de V. Ex<sup>a</sup>. Mas, V. Ex<sup>a</sup>, como repórter, como jornalista, dá um recado bastante enriquecedor. Fui médico residente e, por isso, considero que o Presidente Lula nos enganou o tempo todo. Ele disse que a saúde, no Brasil, estava quase atingindo a perfeição. Não é verdade! A verdade é que o médico residente significa a coluna vertebral, o sustentáculo do corpo médico. Fui médico residente e sei disso. Setenta por cento de um hospital grande – e os grandes hospitais são os do Governo, os hospitais públicos, ou os que vivem indiretamente ligados ao Governo (fundações, hospitais universitários e santas casas) – funciona à base de médicos residentes. É o médico residente que prepara e que mantém

as cirurgias, porque passam a noite toda coletando e classificando sangue para que aconteça a cirurgia. Eles são os auxiliares e trabalham muito. Ninguém trabalha mais do que eles. Atentai bem! Como trabalha um médico residente! No meu tempo, eu dava 13 plantões por mês e, no dia seguinte ao plantão, auxiliava na cirurgia. Senador Marcelo Crivella, vi a Ponte Rio-Niterói ser construída, pilar por pilar, lá de cima do Hospital do Servidor, dando plantão em uma UTI. Então, eu sei. Agora, atentai bem, Senador Zambiasi! V. Ex<sup>a</sup> demonstrou muita sensibilidade. V. Ex<sup>a</sup>, que é do Partido – como o Senador Crivella – coligado, vê como a saúde vai mal, tanto que o próprio Governo colocou cabanas do Exército, ao relento da Guanabara, a cidade capital-mãe deste País, para atender à saúde. Mais: ao se terminar o curso de medicina, que é o mais longo (seis anos), há duas opções: aventura-se pelo PSF, que hoje tem uma remuneração satisfatória, ganham de R\$6 mil a R\$8 mil, ou então, aquele entusiasta, idealista, aquele sonhador, vai buscar a sua especialização, vai avançar. É o médico residente, que ganha pouco mais de R\$1 mil, que vai fazer isso. Com esse dinheiro ele tem que viver, deslocar-se, comer e comprar livros. E livro de medicina é caro. Eu me lembro, Crivella, que, no ano de 1967, comprei o maior atlas de cirurgia. Ele custava mais ou menos Cr\$200,00 e eu pagava Cr\$20,00 por mês, para adquirir um livro. É assim que vive o residente. Ele abdica de ganhar dinheiro, com pouca formação no interior, para buscar o avanço da ciência. É isso que engrandece o Brasil. Assim, V. Ex<sup>a</sup> está se somando a nós ao despertar o Presidente da República para essa realidade. Esse é um problema não só da saúde, mas também da educação, porque quem é atendido nesses hospitais públicos são os pobres. Do jeito que V. Ex<sup>a</sup>, Crivella, vê os aeroportos tumultuados, porque os controladores de vôos não estão lá, os hospitais estão do mesmo jeito. Os pobres é que estão sofrendo. Os ricos não têm problema, porque têm plano de saúde e hospitais particulares, mas os pobres estão na fila, esperando aquele tratamento necessário que não estão a receber.

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI (PTB – RS)** – Muito obrigado, Senador Mão Santa.

Ainda me restam trinta segundos, Senador Crivella, que são seus.

**O Sr. Marcelo Crivella (PRB – RJ)** – Senador Zambiasi, apenas quero parabenizá-lo pela sua preocupação e, em respeito ao seu pronunciamento, dizer que acompanhei isso bem de perto. Em junho do ano passado, juntamente com o Vice-Presidente da República, fizemos um apelo ao Ministro da Educação para que conduzisse as negociações. Foram feitas diversas reuniões. A boa notícia que quero dar a V. Ex<sup>a</sup> é que

a medida provisória reajustando em 30% a bolsa dos médicos residentes já está na Mesa da Câmara, onde esperamos que o Presidente Aldo Rebelo dê-lhe a tramitação urgente que requer. Se V. Ex<sup>a</sup> examinar a medida provisória que acabo de citar, vai ver que é verdade o que estou dizendo aqui. Ela foi fruto de uma reunião com o Senador Crivella, com o Vice-Presidente, com os diretores da associação dos residentes. O pleito já foi atendido. Então, V. Ex<sup>a</sup> pode ter certeza de que, agora dependendo do Legislativo, essa greve deve ser suspensa em breve, acabando com o sofrimento do povo pobre, humilde, que é quem precisa de serviço público, como bem ressaltou o Senador Mão Santa. Mas V. Ex<sup>a</sup> está de parabéns por toda essa preocupação. Eu só queria dar essa boa notícia de que a medida provisória já está na Mesa da Câmara.

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI (PTB – RS)** – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. É uma bela informação, importante, que traz tranqüilidade não apenas para nós que estamos acompanhando, como para aqueles que vivem o problema cotidianamente e, principalmente, para os milhões de brasileiros que dependem da atenção e do atendimento desses profissionais.

Obrigado, Presidente Tuma, pela sua compreensão e por sua generosidade.

**O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma. PFL – SP)** – Obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

Eu sei da grande dificuldade de ingresso na residência médica. Às vezes, a prova é muito mais difícil do que ingressar na faculdade e o sacrifício é grande, porque aqueles que querem aprender às vezes não têm dinheiro sequer para comprar um sanduíche.

Penso que V. Ex<sup>a</sup> está correto na sua reivindicação.

Com a palavra o Senador César Borges, pela Minoria.

**O SR. CÉSAR BORGES (PFL – BA. Pela Liderança da Minoria. Sem revisão do orador.)** – Sr. Presidente, Srs. Senadores, Sr<sup>a</sup> Senadora Heloísa Helena, antes de iniciar propriamente o assunto que me traz à esta tribuna, eu gostaria de fazer, mais uma vez, um veemente protesto pela forma como o Governo Federal vem se utilizando das medidas provisórias para legislar, usurpando o papel do Congresso Nacional, da Câmara dos Deputados e do Senado, editando enxurradas de medidas provisórias, muitas vezes lavradas em cima de projetos de lei apresentados pelos Parlamentares, seja no Senado, seja na Câmara dos Deputados.

O Governo é recorrente nesses casos. Já foram aqui, diversas vezes, relatados, por vários Senadores, casos em que o Governo se apóia num projeto da lavra de um Senador ou de um Deputado para editar uma medida provisória, invalidando um projeto muitas

vezes já aprovado por uma das Casas ou em tramitação, inclusive antecipando-se à nossa prerrogativa de apresentar o nosso projeto de lei.

Sr. Presidente, estou me referindo especificamente ao Projeto de Lei nº 173, de 2005, que apresentei nesta Casa e que prorroga até 2009 o prazo previsto na Lei nº 8.213, de 1991, para o requerimento de aposentadoria dos trabalhadores rurais. Esse projeto me foi sugerido por um amigo, um Deputado Estadual baiano, que se encontra, inclusive, presente aqui, nas galerias, o Deputado Estadual Gilberto Brito, um homem do interior da Bahia, com uma convivência larga e de muitos anos com todos os trabalhadores rurais de sua região, que ele tão bem representa.

Nós o apresentamos, ele foi aprovado em 2005 e remetido à Câmara dos Deputados no dia 14 de dezembro de 2005. V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, sabe como é a tramitação que, regimentalmente, tem que ser feita no sistema bicameral: foi aprovado no Senado, vai à Câmara. Lá ele está há 11 meses, quase um ano. A Câmara não pode votar os seus projetos porque sempre tem o seu trabalho procrastinado por conta do excesso de medidas provisórias do Governo Federal.

Aí vem o Governo, agora, já, em 2006, e edita a Medida Provisória nº 312 apenas com uma diferença em relação ao nosso Projeto: nós prevíamos uma prorrogação de três anos e o Governo propôs uma prorrogação de dois anos. Claro que tinha que ser aprovado, não deixaríamos de aprovar essa medida provisória, porque, em primeiro lugar, queremos atender aos trabalhadores rurais, que têm todo o merecimento de ter garantida a sua aposentadoria sem precisar comprovar, o que é difícil, muitas vezes impossível, sua contribuição à Previdência.

A Medida foi aprovada e está prorrogado por dois anos o prazo, que acredito não ser suficiente. Penso que daqui a dois anos teremos de tratar deste assunto novamente. Mas fica lavrado este protesto, porque o Governo nada mais faz... Acho que deve ter aqui um olheiro observando os projetos editados pelos Senadores e pelos Deputados, no Diário Oficial. O olheiro não aprova, edita uma medida provisória e faz cartaz com o chapéu dos outros. Lamentavelmente, essa é a realidade que enfrentamos.

Dito isto, Sr. Presidente, entro num assunto que me traz hoje aqui.

Saímos de uma eleição em que promessas foram feitas e este assunto que trago hoje é mais uma promessa do Governo que, não cumprida, virá, sem sombra de dúvida, afetar a vida do cidadão brasileiro, a vida de pequenas, médias e grandes empresas e a vida do consumidor brasileiro, como, por exemplo, a dos taxistas. Todos eles, todos esses setores credi-

taram numa campanha de que era preciso modificar a matriz energética do País, que o gás natural seria uma energia limpa, moderna, nova, que todos deveriam caminhar nessa direção. E o que esperava o consumidor brasileiro, o taxista, a pequena e média empresa que fez sua conversão de matriz energética? Esperava que estivesse assegurado o suprimento desse gás, esperava que o preço apresentado como aquele que seria mantido de forma a permitir uma economia no uso dessa nova matriz econômica fosse também uma realidade.

Lamentavelmente, o que nós assistimos foi, diante da crise com a Bolívia, o Governo brasileiro, em uma situação lamentável de subordinação a um país vizinho, dentro de uma política regional adotada pelo Presidente Lula, que faz com que ele vá à Venezuela fazer propaganda para o seu ídolo inspirador, o Presidente venezuelano Hugo Chávez, inaugurar uma ponte financiada pelo Banco do Brasil – US\$1 bilhão – enquanto nossa infra-estrutura não recebe o apoio necessário.

Da mesma forma com Evo Morales. O Sr. Evo Morales encaminha para cá um emissário que dá um ultimato à Petrobras: até o dia 27 de outubro, se não assinar o contrato, não terá o País gás, e o preço será aumentado. Resultado: aceita o Brasil as condições impostas pela Bolívia, que levam a Petrobras a anunciar que o gás natural vai ser aumentado de preço.

Isso não passa de um estelionato, pois tenho declarações tanto do Presidente da Petrobras quanto do Presidente da República em sentido contrário. No mês de maio deste ano, quando o Governo boliviano resolveu confiscar os investimentos da Petrobras, que é um dinheiro do povo brasileiro, e aumentar unilateralmente o preço do gás natural, o Presidente da Petrobras declarou: “Em 2003, nós propusemos a redução dos preços do gás nos contratos de importação, e a Bolívia recusou. Agora, se a Bolívia propuser aumento, nós vamos recusar”.

O Presidente Lula, em discurso na mesma época, afirmou: “Eu não tenho dúvida nenhuma de que o gás não vai aumentar; e, se aumentar, o aumento ficará para a Petrobras, e não para o consumidor.”

Lamentavelmente, faltou com a verdade o Presidente da Petrobras, e também, para não perder o costume, o Presidente Lula.

Concedo o aparte, com muita satisfação, ao Senador Marcelo Crivella.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, que tem sido nessa tribuna sempre um defensor das causas nacionais. V. Ex<sup>a</sup> me permita apenas relatar um diálogo que tive com Marcelo Emílio Odebrecht, da Odebrecht, companhia que construiu

a ponte. Eu tinha a mesma preocupação de V. Ex<sup>a</sup>, de o financiamento ter sido feito pelo Banco do Brasil ou pelo BNDES. Disse-me ele que não. Foram US\$1,2 bilhão. Não se trata somente de uma ponte, mas de uma beleza de obra da engenharia nacional. V. Ex<sup>a</sup> é engenheiro civil como eu. São quatro pistas, não apenas rodoviárias, mas ferroviária também. São pilares de 60 metros, com 3 metros de diâmetro, em uma falha geologia. Quando fizeram a sondagem, em uma cabeceira, a rocha estava a 60 metros; na outra, a 120 metros, mostrando que ali há um problema sísmico. Portanto, é uma obra de muita engenharia. Segundo Marcelo Emílio Odebrecht, a ponte estava paga, eles não tinham nada a saldar, e toda com recurso venezuelano. Apenas para contribuir com o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>. Foram as palavras dele ontem, na inauguração, quando, preocupado como V. Ex<sup>a</sup>, eu pedi a ele essa explicação. Muito obrigado pelo aparte.

**O SR. CÉSAR BORGES** (PFL – BA) – Agradeço, Senador Marcelo Crivella. Para nós, é um orgulho que uma empresa capacitada como a Norberto Odebrecht tenha realizado essa obra, porque é uma empresa baiana.

Temos de nos orgulhar disso, sem sombra de dúvidas. Não há nenhuma crítica.

Li na imprensa que o financiamento foi do Banco do Brasil. Como isso foi divulgado pela imprensa nacional, o desmentido tem de ser feito pela mesma, aliás tão injustamente criticada ontem pelo Presidente Lula. Ele não a critica aqui, mas o faz na Venezuela, para o eleitorado venezuelano.

O que estamos criticando é que o Governo se disponibiliza, por meio do BNDES, a financiar, por exemplo, o metrô de Caracas, enquanto no Brasil as obras de infra-estrutura estão paralisadas. As estradas não estão sendo construídas, e quando se fala em melhoria das estradas, fala-se em uma parceria público-privada, que não passa de uma privatização disfarçada, tão criticada pelo Governo, que colocou a pecha de privatista no candidato Geraldo Alckmin.

Na Bahia, precisamos melhorar, Senador Marcelo Crivella – e V. Ex<sup>a</sup> conhece – a BR-324, com a necessidade de melhorar aquela via, bem como a BR-116, por onde V. Ex<sup>a</sup> passa, em um curto trecho, saindo de Feira de Santana para Irecê, onde o tráfego é extremamente pesado. Fala-se em uma PPP, com o que será pago pedágio durante sete anos para que, depois, a obra seja executada. São dois pesos e duas medidas: para Peru, Equador, Bolívia e Venezuela, em particular, um tratamento; para o povo brasileiro, outro tratamento.

No caso do gás, estamos prestes a ver uma “tun-gagem” do consumidor brasileiro. A Petrobras quer

aumentar o preço do gás, prejudicando todos aqueles que investiram na conversão de seus veículos, principalmente os taxistas, e as indústrias que investiram. E quem pagará não são as indústrias. Esse custo terminará sendo transferido ao consumidor, ao cidadão brasileiro que será onerado com a alta dos preços. Para quê? Para, com a elevação do preço, haver o desestímulo do consumo do gás. Mas, se já fiz a conversão do meu carro, como vou reconverter?

Sr<sup>a</sup> Presidente, agradeço a compreensão. Eu tinha de falar mais sobre o assunto, inclusive sobre documentos do setor de distribuição de gás no País.

A Petrobras, como empresa estatal, tem a obrigação de olhar os interesses da empresa, mas, acima de tudo, como monopolista, tem também de obedecer aos ditames legais do País. Certas políticas ela não pode ditar a seu talante. Ela tem de consultar e ouvir o Conselho Nacional de Política Energética.

Senador Marcelo Crivella, recebo informação do jornal **O Globo**, na sua página 8-A, de que quase um terço da obra foi financiado pelo Banco do Brasil, no valor de um bilhão e duzentos milhões. Não sou eu quem diz, mas **O Globo**. A informação está na imprensa nacional.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. CÉSAR BORGES** (PFL – BA) – Sr<sup>a</sup> Presidente, o País ouviu o Ipea dizer que só temos infra-estrutura para crescer 5% no ano 2017. Para mim, o Ipea é um órgão insuspeito, um órgão governamental.

O Governo traçou, e aprovamos aqui, uma nova roupagem para o setor elétrico, por inspiração da atual Chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, quando era Ministra do setor. Adiantou o quê? Geramos quanto de energia nova para o País? As termelétricas são uma das saídas, com o gás. No entanto, o Sr. Ildo Sauer declara que não vai garantir o fornecimento de gás a usinas térmicas que não tiverem contrato com a Petrobras; ou seja, essa é uma decisão da estatal que vai prejudicar a própria política energética implementada pelo Governo.

Então, é...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. CÉSAR BORGES** (PFL – BA) – (...) a Petrobras tem de arcar com o ônus de aceitar as decisões do Governo boliviano, e não transferi-las para o consumidor brasileiro, até porque o lucro da Petrobras foi de 20,7 bilhões, de janeiro a setembro deste ano, com uma alta de 33% em relação ao ano passado.

Finalmente, Sr<sup>a</sup> Presidente, segundo notícias publicadas hoje, parece que o Ipea, com sua previsão, alerta a população brasileira em relação ao fato de que não temos efetivas condições de crescer a índi-

ces sequer razoáveis de 5%. Neste ano, por exemplo, o Governo anunciava crescimento em torno de 4% do Produto Interno Bruto. Por que queremos que o Brasil cresça? Por que é bonito ver o País crescer? Porque há geração de emprego, renda, porque se distribui melhor a renda. É necessário o crescimento. Sem crescimento não vamos a lugar nenhum. Lamentavelmente, todas as previsões indicam que não cresceremos sequer a 3% ao ano.

O Governo, durante o ano inteiro, disse que cresceríamos 4%. Depois, reviu a previsão para 3,5%. Agora, fala em 3%. Os institutos de pesquisa econômica, como o Ipea, não imaginam que possamos crescer 3%.

Sr<sup>a</sup> Presidente, nossa necessidade de crescimento econômico não poderá ser assegurada se não tivermos suprimento da matriz energética. Se o gás, agora, começar a ser contingenciado em seu uso com acréscimo de preço, quem vai pagar é a população brasileira, o que constituirá mais uma promessa não cumprida pelo Governo, um estelionato praticado contra o consumidor brasileiro.

Essa denúncia, Sr. Presidente, eu a faço em apoio a todos aqueles que acreditaram no que o Governo propôs, investiram e não amortizaram ainda seus investimentos. Por isso mesmo estão preocupados e se posicionam em todo o País contra essa possibilidade de “tungagem” do consumidor brasileiro, pelo aumento do gás, para beneficiar a Petrobras e a Bolívia.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

*Durante o discurso do Sr. César Borges, o Sr. Romeu Tuma, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pela Sra. Heloísa Helena.*

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy.

Em seguida, falará o Senador Marcelo Crivella.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidenta, Senadora Heloísa Helena, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quero registrar que, na Tribuna de Honra, temos a presença do ex-Secretário da Receita Federal, Ozires Lopes Silva, que tanto tem contribuído com conhecimento, experiência e sugestões aqui no Senado em tantas ocasiões em que temos estudado assuntos sobre política tributária fiscal, sobretudo na Comissão de Assuntos Econômicos. A sua contribuição tem sido sempre muito importante.

Sr<sup>a</sup> Presidenta, hoje o meu tema será política econômica, o crescimento da economia, tal como inúmeros Senadores tiveram a oportunidade de fazê-lo. Ainda há pouco, os Senadores César Borges, Mão

Santa, Romeu Tuma manifestaram-se, e o Senador Rodolpho Tourinho vai tocar no assunto. Ainda na semana passada, o Senador Aloizio Mercadante fez um discurso a respeito e deu uma contribuição importante, aparteado por inúmeros Senadores, inclusive os Senadores Crivella e Romero Jucá.

Quero hoje reiterar a minha disposição de estar sempre cooperando com o Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, normalmente expressando a defesa dos princípios e anseios maiores que foram defendidos pelo PT desde o início de nossa história, bem como os que levaram o povo brasileiro a, novamente, eleger o Presidente Lula para mais um mandato.

Tenho por norma desde que ingressei na vida política não fazer indicações de nomes para o Poder Executivo. Quando perguntado a respeito sobre as pessoas que conheço, tenho dado o meu testemunho sobre a sua qualificação. Em nenhum momento, entretanto, aqui me posicionei sobre qualquer votação em função de quem quer que fosse designado para tal ou qual função, assim como também não avalio como certo que qualquer congressista se posicione nas votações em função da liberação ou não de recursos para as suas emendas ou para suas indicações. Minha recomendação ao Presidente é que sempre diga aos Deputados e Senadores que votem e se posicionem no Parlamento em função do que considerem o melhor para a Nação e para o interesse maior do povo brasileiro.

Estranho notícia hoje divulgada pelo jornal **O Estado de S. Paulo** segundo a qual setores do PT gostariam que houvesse mudanças na Radiobrás para torná-la instrumento mais dócil aos interesses do Governo. A notícia não identifica que pessoas do PT estariam exercendo essa pressão. Quero, entretanto, afirmar que considero positiva a diretriz até agora levada adiante pelo Presidente da Radiobrás, que procurou fazer desta, que é uma das principais senão a mais importante empresa de comunicação oficial, um órgão isento e imparcial com o intuito, sobretudo, de levar a melhor informação, a mais completa possível sobre os atos do Governo e o que se passa no Brasil.

Na última campanha eleitoral o Presidente Eugênio Bucci, da Radiobrás, teve a preocupação de transmitir ao Presidente do Tribunal Superior Eleitoral o seu objetivo de sempre noticiar os fatos mais importantes da disputa eleitoral com a maior isenção. Certamente, o Presidente Eugênio Bucci assim agiu seguindo a diretriz do Presidente Lula, com a compreensão correta de que as instituições públicas como as escolas, os hospitais, o IBGE e a própria Radiobrás devem ser administradas com espírito público, não se tornando aparelhos de quaisquer interesses político-partidários.

Essa também é a posição da Líder Ideli Salvatti, a quem mostrei este meu pronunciamento.

Quero aqui expressar a minha solidariedade ao Presidente da Radiobrás, Eugênio Bucci.

Dentro desse espírito de colaboração, passo agora ao tema central de meu pronunciamento, pois quero refletir sobre a política econômica.

Acirra-se no País e dentro do próprio Governo Federal o debate sobre os rumos que devem tomar as políticas macroeconômicas – a política fiscal, a monetária, a cambial, as reformas estruturais – no segundo mandato do Presidente Lula. Os participantes nessa discussão se dividem, grosso modo, em dois grandes campos: os “desenvolvimentistas”, que se filiam de alguma maneira à tradição estruturalista-cepalina, com raízes na obra de Raúl Prebisch e Celso Furtado, e o campo “ortodoxo”, mais ligado ao pensamento monetarista e à preocupação com a estabilidade monetária e o ajustamento fiscal. Há muitas variações dentro desses dois grandes campos, mas a polarização básica é essa.

A dúvida crucial é: o que fazer para colocar a economia brasileira numa trajetória de crescimento mais expressivo, de pelo menos mais 5% ao ano? Que aspectos devem ser considerados prioritariamente? Ninguém se conformará com a continuação do quadro dos últimos dez ou doze anos, período em que o Brasil tem crescido cerca de 2% a 3% ao ano, menos do que o da economia mundial em seu conjunto e muito menos do que quase todos os países emergentes como a China, a Índia, a Rússia, a Argentina e tantos outros.

De que instrumentos dispõe o Brasil para superar a estagnação e voltar a um ritmo adequado de expansão dos níveis de atividade e de emprego? É possível adotar uma política mais ativa de crescimento ou cabe ao Governo simplesmente garantir a estabilidade da moeda e a responsabilidade fiscal e aguardar que os agentes privados respondam positivamente a esse esforço, aumentando o investimento e ampliando a capacidade produtiva?

Registre-se, em primeiro lugar, que as condições são propícias para a retomada do desenvolvimento brasileiro – tanto as condições domésticas quanto as condições internacionais. A bonança externa que prevaleceu de 2003 a 2006 ainda não deu sinais de esgotamento. Persistem preocupações quanto aos desequilíbrios da economia mundial, em particular da economia dos Estados Unidos. Mas a maior parte das avaliações é de que esses desequilíbrios não desembocarão em grave deterioração do ambiente econômico mundial. O futuro é sempre incerto. Mas o fato é que, por enquanto, não há indicações fortes de mudança para pior das variáveis comerciais e financeiras relevantes para o Brasil. A economia mundial continua em expansão, os preços médios das exportações brasilei-

ras e os termos de troca do País continuam favoráveis, as taxas de juros internacionais subiram, mas não de forma acentuada, e as condições de liquidez internacional e a oferta de capitais para países como o Brasil mostram-se auspiciosas.

As condições econômicas internas também favorecem a aceleração do crescimento a partir de 2007. Em primeiro lugar, a inflação está sob controle. As projeções apontam para uma variação do IPCA, que serve de referência para o Banco Central, de apenas 3% ao ano, em 2006. A inflação ficará, portanto, bem abaixo do centro da meta oficial, que é de 4,5%, e mais próxima do piso da meta, que é de 2,5%. As projeções para 2007 indicam algo em torno de 4%. A inflação brasileira é hoje nitidamente inferior à média da inflação das economias emergentes e deve situar-se abaixo da taxa de inflação dos Estados Unidos em 2006.

Recorde-se, também, que, para efeitos práticos, os principais bancos centrais do mundo consideram uma inflação anual de aproximadamente 2% nos índices de preços ao consumidor como o equivalente à estabilidade monetária. Estamos, portanto, operando com um nível de inflação já muito próximo daquilo que o *Federal Reserve*, o Banco Central Europeu e o Banco Central do Japão consideram preços estáveis para fins da condução da política de juros.

Outra circunstância favorável: a economia brasileira opera com margem de capacidade produtiva ociosa. Para a indústria, os dados disponíveis indicam uma ociosidade média da ordem de 20%. Especialistas em economia industrial, como o professor Antônio Barros de Castro, atualmente Diretor do BNDES, sempre ressaltam que essas estatísticas podem ser enganosas, pois tendem a subestimar a efetiva capacidade de produção da indústria. Com pequenos ajustes do processo produtivo (por exemplo, o aumento do número de horas trabalhadas, do número de turnos de produção, investimentos marginais), as empresas conseguem, quando instigadas por uma pressão de demanda, ampliar os níveis de produção corrente para além dos limites sugeridos pelos dados de capacidade instalada.

Alguns analistas apontam o reduzido nível da taxa agregada de investimento, a chamada formação bruta de capital fixo, como obstáculo à retomada do desenvolvimento no Brasil. É verdade que a taxa de investimento precisa aumentar para que o crescimento possa ser sustentado a longo prazo. Mas, no curto e no médio prazo, o crescimento pode apoiar-se, em larga medida, no maior aproveitamento da capacidade produtiva já instalada. Aliás, dificilmente ocorrerá um processo intenso de investimentos enquanto houver margens elevadas de capacidade ociosa nas empresas. Antes de investir, de ampliar suas plantas, de comprar

máquinas e equipamentos, de instalar novas unidades produtivas, as empresas vão querer observar maior utilização do potencial produtivo de que já dispõem.

No mercado de trabalho, o quadro geral também é de capacidade produtiva não aproveitada ou mal aproveitada. Nos anos recentes, intensificou-se a criação de empregos, inclusive com carteira assinada, mas as taxas de desemprego e subemprego continuam, conforme V. Ex<sup>a</sup> tem assinalado, Senador Marcelo Crivella, muito elevadas no Brasil. É o que mostram os levantamentos mensais do IBGE e da Fundação Seade Dieese, por exemplo. Existe, inegavelmente, expressiva oferta potencial de trabalho que poderia ser mobilizada se a economia conseguisse escapar da estagnação.

No passado, e muito particularmente nos anos 90, os desequilíbrios de balanço de pagamentos constituíram uma restrição poderosa à sustentação de taxas elevadas de expansão da produção no Brasil. Quantas recuperações não foram abortadas por crises cambiais e dificuldades graves de balanço de pagamentos? O quadro atual é muito diferente sob esse aspecto. As contas externas brasileiras apresentam-se bastante fortes, em parte por causa do quadro mundial favorável, em parte, também, porque o baixo crescimento mantém desaquecida a demanda por importações e contribui para gerar excedentes exportáveis.

Mas, mesmo que a economia crescesse mais, não haveria no horizonte visível grandes ameaças de desequilíbrio do balanço de pagamentos. O superávit comercial ultrapassou US\$46 bilhões nos últimos doze meses, até outubro último. Como a razão exportações/importações é muito alta, a taxa de crescimento das importações tem de superar por larga margem a das exportações, para que o saldo comercial se reduza de forma expressiva. Em 2006, o balanço de pagamento em conta corrente será superavitário pelo quarto ano consecutivo. As reservas internacionais do País subiriam consideravelmente para quase US\$80 bilhões, segundo a última informação do Banco Central.

As contas fiscais não estão tão fortes, mas também não apresentam dificuldades insuperáveis. Não há crise fiscal, ou seja, uma situação que exija medidas de emergência ou “choques fiscais”. O superávit primário continua ligeiramente acima de 4,25% do PIB. O déficit nominal do setor público, no seu conjunto, anda por volta de 3,5% do Produto Interno Bruto, nada de excepcional para padrões internacionais e nada que não possa ser financiado, tudo indica, com razoável tranquilidade. O Governo terá, provavelmente, que tomar providências no curto prazo, para conter a ampliação de despesas e apertar a política fiscal, mas nada

que comprometa as possibilidades de crescimento da economia em seu conjunto.

Em resumo, tanto as condições do Brasil como as condições internacionais afiguram-se favoráveis para que o País consiga, finalmente, registrar um ritmo de expansão mais acelerado. A questão é: como efetivar essas condições favoráveis? Como convertê-las no crescimento que todos desejamos ver acontecer em nosso País, Senador Rodolpho Tourinho?

Evidentemente, essa questão não admite respostas simples e tem sido objeto de intensa controvérsia. De qualquer maneira, gostaria de colocar em discussão algumas diretrizes considerando os principais instrumentos de política econômica. Não sou dos que rejeitam a possibilidade de uma política ativista do Estado diretamente voltada para a promoção do crescimento. Creio que a experiência brasileira internacional mostra que o crescimento não vem por geração espontânea, Senadora Heloísa Helena. O Estado não pode se limitar a garantir a estabilidade monetária e fiscal e esperar, de braços cruzados, que o setor privado lidere o processo de desenvolvimento.

No que diz respeito primeiramente à política fiscal, ou seja, a política de gastos e a política tributária, parece claro que existe um enorme campo para aumentar a racionalidade e a qualidade das despesas e dos tributos no Brasil. A carga tributária brasileira, definida como o total de tributos sobre o PIB, cresceu demais desde o início dos anos 90. Apesar disso, o investimento público, inclusive em áreas prioritárias, tem ficado sempre muito aquém do necessário. A infra-estrutura de transporte talvez seja o exemplo mais gritante. O problema é que os gastos correntes, financeiros e não-financeiros, cresceram rapidamente desde o Governo Fernando Henrique Cardoso até hoje; os financeiros impulsionados pela política de juros do Banco Central, os não-financeiros, em parte, para atender objetivos de distribuição de renda e combate à pobreza. Ora, ninguém deseja cortar despesas correntes não-financeiras prioritárias como as relacionadas com a saúde, com a educação, com o Programa Bolsa-Família, por exemplo. Mas um exame cuidadoso e aprofundado das despesas do Governo certamente identificará desperdícios, sobreposição de programas e gastos de baixa prioridade em boa parte da administração pública.

A redução dessas despesas correntes não-financeiras contribuiria para abrir espaço para diminuir a carga tributária e recuperar o investimento do setor público. É possível caminhar na direção de uma integração maior e racionalização dos programas de transferência de renda, num passo adicional ao que se fez em outubro de 2003, quando o Programa Bolsa-Família unificou o Bolsa-Escola, o Bolsa-Alimentação,

o Auxílio-Gás e o Cartão-Alimentação. Estudos sobre o Sistema Previdenciário, os Benefícios de Prestação Continuada, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, que já começa a ser integrado com o Bolsa-Família, indicam que maior racionalidade pode ser alcançada nessa área. É importante estudar como o melhor desenho de transferência de renda, incluindo a perspectiva de chegarmos à Renda Básica de Cidadania, estará interagindo com a definição do valor do salário mínimo em seus efeitos sobre os objetivos de erradicação da pobreza absoluta, aumento das oportunidades de emprego, competitividade da economia e melhoria da distribuição da renda. Porém, o maior desperdício talvez seja o excesso de despesa de juros provocado pela política monetária, ponto ao qual voltarei mais adiante.

No campo da tributação, especialidade do Dr. Osires, há muito a fazer. Por exemplo: cabe reduzir a tributação sobre a folha de pagamentos, de forma a estimular a formalização das relações de trabalho e a contratação de trabalhadores com carteira assinada. Isso significa substituir, pelo menos em parte, os tributos incidentes sobre a folha pelos tributos incidentes sobre o faturamento ou, preferencialmente, sobre o valor adicionado. Quero lembrar que, no debate final da Rede Globo entre os candidatos Geraldo Alckmin e Luiz Inácio Lula da Silva, esse foi um ponto de consenso. Outro exemplo: caberia realizar um exame aprofundado da estrutura de incentivos fiscais e creditícios existentes no País. Esses incentivos têm peso considerável e uma avaliação criteriosa pode revelar que muitos deles possuem baixa eficácia econômica e pouco valor social.

E quero aqui estimular os estudantes de pós-graduação pela experiência que tive na Comissão de Assuntos Econômicos. É muito difícil passar uma semana sem que, na CAE, haja um novo projeto concedendo um incentivo fiscal ou creditício a algum segmento do setor da economia. Acho que seria importante que fizessemos um estudo, uma avaliação muito criteriosa sobre o conjunto de todos esses incentivos fiscais e creditícios.

Acredito, porém, que o estímulo ao crescimento depende, na atual conjuntura, mais de uma mudança na política monetária do que na política fiscal. É principalmente no campo da moeda e do crédito que parece estar havendo um excesso de restrição, com prejuízos para o crescimento da economia. A taxa básica de juros, fixada pelo Banco Central, continua elevada, apesar das diminuições recentes. E ressalto que, desde agosto do ano passado, tivemos diminuições que vêm gradualmente fazendo com que a taxa de juros chegue a um nível melhor. Mas ainda estamos longe de

chegar ao nível ideal. Como os *spreads* bancários são muito altos, as taxas cobradas dos tomadores finais, especialmente pequenas empresas e consumidores, chegam a ser exorbitantes. Os depósitos compulsórios sobre passivos bancários são pesados, contribuindo para conter o crédito e manter a taxa de juros em nível elevado. O aperto monetário contribui também para a valorização do real em relação a moedas estrangeiras, o que afeta negativamente o nível de atividade, uma vez que desencoraja as exportações e provoca a substituição de produtos nacionais por importações.

Os instrumentos à disposição do Banco Central poderiam, a meu ver, ser utilizados de forma mais eficiente e mais flexível. O ritmo de diminuição da taxa básica de juros poderia ser acelerado para que, ao longo do próximo ano, a taxa real de curto prazo praticada no Brasil se aproxime daquelas que se observam no resto do mundo. A TJLP – Taxa de Juros de Longo Prazo, que vigora nos empréstimos do BNDES, também poderia sofrer diminuição adicional, o que estimularia a retomada dos investimentos. O Banco Central poderia, além disso, iniciar uma redução gradual dos compulsórios bancários para aumentar a oferta de crédito e diminuir as taxas de juros na ponta da aplicação. Os bancos públicos – o Banco do Brasil, a Caixa Econômica e o BNDES – poderiam ser mobilizados mais intensamente para ampliar a oferta de empréstimos, reduzir os juros e aumentar o grau de concorrência entre os bancos.

O BNDES, este ano, tinha um orçamento de aplicações da ordem de R\$60 bilhões, mas parece que só vai aplicar cerca de R\$50 bilhões; em parte porque muitas das unidades do setor público, sejam os governos estaduais, sejam os governos municipais, não tiveram condição de, ao apresentar projetos de investimentos, fazê-lo sem descumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal, e o Tesouro, então, disse que não poderia.

Quem sabe possamos nós aqui estudar possibilidades para que uma prefeitura municipal de uma capital, de uma região metropolitana, ou um governo estadual que esteja apresentando um investimento que realmente envolva uma expansão da capacidade arrecadadora daquela unidade administrativa, tenha a consideração feita por nós aqui de aprovação dessa operação? Ou, quem sabe, fazermos uma alteração na Lei de Responsabilidade Fiscal visando isso?

O problema da taxa de câmbio está estreitamente relacionado à condição da política monetária, como se sabe. Não convém fixar a taxa de câmbio nem voltar ao regime de bandas. Para o Brasil, o regime de câmbio flexível ou flutuante é mais eficiente. Com a diminuição mais rápida das taxas de juro e a ampliação da oferta de crédito, é provável que o Real sofra



alguma depreciação, o que contribuiria para estimular o crescimento do PIB e manter as contas externas ajustadas. A flexibilização monetária afetaria a taxa de câmbio por dois canais: pela conta de capitais, na medida em que reduziria o estímulo ao ingresso de capitais decorrente do diferencial de juros; pela conta comercial, na medida em que o crescimento da economia resultante do estímulo monetário provocasse aumento da demanda por importações e diminuição do excedente exportável.

Uma taxa de câmbio mais depreciada aumentaria a competitividade das exportações de bens e serviços e da produção brasileira que disputa o mercado interno com importações. Além disso, as exportações brasileiras devem continuar a ser apoiadas pela política de comércio exterior e pelas negociações comerciais que o Brasil já vem desenvolvendo com algum sucesso. Especialmente a integração da América do Sul deve prosseguir e se intensificar, abrindo espaço para o desenvolvimento conjunto dos países do continente.

Em resumo, há espaço para acionar os instrumentos básicos da política econômica – a política fiscal, a política de moeda e de crédito, a política cambial, a política de comércio exterior – na direção do desenvolvimento.

É possível conciliar esse grande objetivo com a preservação do que foi conquistado no combate à inflação. O Presidente Lula tem todas as condições de conduzir o País a um processo de crescimento compatível com o potencial da economia brasileira e as esperanças da população, fazendo jus à sua promessa de que o nome do seu segundo mandato será desenvolvimento, com grande prioridade para a expansão das oportunidades e boa qualidade da educação e para melhoria da distribuição da renda.

Essas reflexões representam uma contribuição ao Governo do Presidente Lula, aos Ministros da área econômica e social – Guido Mantega, Paulo Bernardo, Patrus Ananias, Luis Marinho e outros – e inclusive ao Presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, todos responsáveis por terem arrumado a casa – inclusive, o Ministro Antonio Palocci –, por terem levado a economia brasileira a uma condição propícia para termos agora uma fase sustentada de crescimento.

Gostaria de concluir sugerindo ao caro Presidente do Banco Central Henrique Meirelles, que ontem observou que “não dá para criticar o goleiro por que não faz gol”, que, quem sabe, será muito bom para todos nós se ele puder se imbuir do exemplo e do espírito do goleiro Rogério Ceni, do São Paulo Futebol Clube – vejam que quem fala isso é um torcedor do Santos –, que, mais uma vez neste ano, além de defender a sua meta muito bem, tem colaborado para que sua

equipe se torne campeã brasileira, com a marcação de inúmeros gols.

Sr<sup>a</sup> Presidente, Senadora Heloísa Helena, encaminhei requerimento à Mesa para inserção em Ata de Voto de Congratulações ao atleta Marilson Gomes dos Santos, ganhador da São Silvestre por duas vezes, em 2003 e 2005, e da 37<sup>a</sup> Maratona de Nova Iorque, em cinco do corrente. Ele nasceu aqui perto, em Ceilândia, teve uma infância pobre. Tantas pessoas vêm acompanhando-o com extraordinária admiração.

O Senador Arthur Virgílio apresentou, na semana passada, um requerimento. Mas gostaria também de me somar à homenagem, porque se trata de um extraordinário esportista brasileiro.

Muito obrigado.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – Senador Marcelo Crivella, com muita honra, ouço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Senador Eduardo Suplicy, V. Ex<sup>a</sup> fez um discurso irretocável. V. Ex<sup>a</sup> fez mais que um discurso, na verdade, fez uma análise de quem observa com os olhos de economista e com a experiência que V. Ex<sup>a</sup> tem adquirido nesta Casa, em diversos mandatos, o que ocorre hoje em nosso País. Precisamos voltar a crescer. V. Ex<sup>a</sup> fez, na macroeconomia, uma análise irretocável.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – Obrigado.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Ontem, na inauguração da ponte sobre o rio Orinoco, tive a oportunidade de conversar com o Vice-Presidente do BNDES do início do Governo do Presidente Lula, Darc Costa, que disse que, no primeiro ano do Governo Lula, ele apresentou grandes projetos estruturais para o Brasil, tais como hidrelétricas, estradas, pontes etc. Naquela época, isso somava a R\$400 bilhões. O Presidente disse: “Como vamos pagar essas coisas?” Ele disse: “Presidente, se cairmos 1% na taxa de juros...” – naquela ocasião, 26%, que herdamos do governo anterior –, “... vamos economizar sete bilhões por ano. Portanto, o senhor tem quatro anos, se cair 10% e se V. Ex<sup>a</sup> fizer as contas, verá que vai chegar a R\$300 bilhões”. Na ocasião, a equipe econômica previu que a redução de 10 pontos na taxa de juros poderia trazer uma grande inflação. Baixamos a taxa de juros de 26% para 13%, e a inflação baixou também. Mas não fizemos os investimentos. A taxa de juros é um instrumento agressivo. Um sujeito, quando vende algo, pega aquele dinheiro e o reaplica no sistema financeiro, de tal maneira que, no fundo, é uma operação contábil: sai o recurso de uma conta, o recurso entra na outra,

e anota-se no papel. No entanto, o superávit primário - que V. Ex<sup>a</sup> acentuou perfeitamente -, esse, sim, afeta-nos diretamente, porque são recursos do pagamento de impostos das nossas empresas e do nosso povo que não voltam em forma de serviços nem em forma de investimentos, e, caindo a taxa de juros, vai diminuir o nosso déficit, e não vamos precisar fazer um superávit tão alto. Se eu pudesse apenas fazer uma sugestão, à contemplação de V. Ex<sup>a</sup>, quando toca na taxa de câmbio...

*(A Sr<sup>a</sup> Presidente faz soar a campainha.)*

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) - Já concluo, Sr<sup>a</sup> Presidente. A sugestão seria que pudéssemos criar um tipo de quarentena para que os grandes exportadores brasileiros não internalizassem esses recursos de imediato. Talvez, se esses recursos ficassem lá fora por certo período, teríamos menos oferta de dólar no mercado interno, e aí poderíamos ter um real mais valorizado, o que facilitaria um pouco a nossa exportação. Essa não é uma idéia minha não. Outros países já adotaram isso em momentos em que precisaram fortalecer o seu câmbio. Eu queria apenas aplaudir, dar os parabéns e dizer-lhe que V. Ex<sup>a</sup> deu uma contribuição extraordinária como economista, como um economista especial. V. Ex<sup>a</sup> tem, diria, no seu projeto de renda mínima e na sua alma, a maior preocupação com o povo brasileiro. Todos nós somos testemunhas; aliás, fato que fez com que V. Ex<sup>a</sup> voltasse a esta Casa com uma consagrada eleição com mais de 8 milhões de votos. Parabéns, Senador Eduardo Suplicy, pelo seu discurso.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/ PT – SP) – Muito obrigado, Senador Marcelo Crivella. Incorporo a sugestão de V. Ex<sup>a</sup> ao meu pronunciamento. Agradeço-lhe muito a avaliação.

Senador Rodolpho Tourinho, gostaria que V. Ex<sup>a</sup> fosse breve, porque há outros Senadores inscritos para falar.

**O Sr. Rodolpho Tourinho** (PFL – BA) – Serei muito breve. Quero parabenizá-lo por sua brilhante posição sobre economia. Não quero discordar ou concordar, mas apenas levantar alguns pontos, Senador Eduardo Suplicy, para futura discussão, já que estamos avançados na hora. A primeira é a questão dos incentivos fiscais, que creio está na hora de acabarem. Temos algo que foi aprovado aqui no Senado e dorme na Câmara: a reforma tributária. Vamos perder a oportunidade de acabar com os incentivos fiscais. É um acordo que vem desde o tempo do ex-Governador Mário Covas. Esses acordos vão-se esgarçando ao longo do tempo. Esse é um ponto. O outro ponto que gostaria de deixar claro e preocupa-me muito é que

tenho ouvido falar de alteração nas negociações com os Estados. Isso significa, de alguma forma, modificar o pilar central de alguma coisa que foi feita com muita propriedade: a Lei de Responsabilidade Fiscal e a renegociação da dívida dos Estados. Se abrirmos aí, creio que vamos ter imensos problemas pela frente. O terceiro e último ponto se refere à questão de renda mínima, a que V. Ex<sup>a</sup> dá muita atenção, de transferência de renda. A transferência de renda, da forma como é feita hoje pelo Bolsa-Família, tem um poder germinador de crescimento muito pequeno. Então, se juntarmos a isso – e tenho certeza de que pensamos da mesma forma – o Microcrédito Produtivo Orientado, aí vamos ter a saída verdadeira, para que se evite esterilização de recursos, que são poucos, tendo em vista o volume imenso de recursos que o Governo paga. São apenas três pontos, eu sei, para futura discussão, que, tenho certeza, voltaremos a tratar com V. Ex<sup>a</sup>. Parabéns, Senador Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – Muito obrigado, Senador Rodolpho Tourinho. É importante termos o cuidado com a Lei de Responsabilidade Fiscal, conforme V. Ex<sup>a</sup> aqui aponta. É muito importante que V. Ex<sup>a</sup> esteja de acordo em que venhamos a estudar os excessos que, ao longo de décadas, foram sendo criados na forma de incentivos fiscais, creditícios, etc. Precisamos dar maior racionalidade, e acho que não é a melhor forma... Se for para incentivarmos o crescimento, uma forma racional, que combine o combate à pobreza absoluta e atenda ao objetivo de melhora da distribuição da renda, é aperfeiçoarmos ainda mais o sistema de transferência de renda, na direção da renda básica de cidadania incondicional, vendo-se o Bolsa-Família como um passo nessa direção.

Por que razão isso? Podemos levar em conta que, nos países desenvolvidos, hoje há sistemas de transferência de renda de enorme volume e valor, como nos Estados Unidos. Nesses últimos anos, cerca de 22 milhões de famílias receberam créditos fiscais por remuneração recebida, um complemento de renda que acrescenta renda à família do trabalhador. Se este recebe, por exemplo, US\$10 mil por ano, ele terá 40% a mais, recebendo US\$ 14 mil, o que o torna mais satisfeito e mais produtivo. E é a sociedade que complementa o rendimento desse trabalhador. Isso fez com que a economia norte-americana tivesse até uma baixa no grau de desemprego, Então, essa medida é compatível com maior competitividade da economia, inclusive em relação à nossa. É nos Estados Unidos mesmo que temos a indicação de que aquilo que estou propugnando – e que já está, felizmente, aprovado aqui no Congresso Nacional -, a renda básica universal incondicional, será um sistema ainda mais eficiente.

E a prova disso está no Alasca, onde, por 25 anos, se estabeleceu um dividendo igualmente pago a todos – hoje são 700 mil habitantes –, o que fez com que o Alasca tivesse uma economia com um crescimento estável, com baixo desemprego e com a maior igualdade entre os 50 Estados norte-americanos.

Agradeço muito, Senadora Heloísa Helena, Presidente da sessão nesta tarde.

Muito obrigado, inclusive pela atenção e pelos apertes.

**O SR. EDUARDO AZEREDO** (PSDB – MG) – Sr<sup>a</sup> Presidente, peço a palavra pela ordem.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Eduardo Azeredo.

**O SR. EDUARDO AZEREDO** (PSDB – MG. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Antes apresento um requerimento de pesar pelo falecimento do ex-Prefeito de Governador Valadares, João Domingos Fassarella. Fassarella foi também Deputado Federal pelo PT e recentemente era Secretário-Adjunto do Ministério do Ministro Patrus Ananias.

Conheci Fassarella quando ele era prefeito e eu, governador. Realmente é uma perda muito grande, pois ele era “um grande pacificador, prestou, durante a sua extensa vida pública, relevantes serviços, principalmente em questões ligadas aos conflitos envolvendo a disputa e a ocupação de terras. Possuía inesgotável capacidade de ouvir, entender e propor ações conciliatórias para as questões dessa natureza, sendo considerado em Minas Gerais um dos principais responsáveis pelo fim dos conflitos na região”.

Quero, portanto, prestar este voto de pesar, lamentando muito a morte de Fassarella, ex-Prefeito de Governador Valadares.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 1.130, DE 2006**

Requeiro, nos termos do inciso II art. 218 do Regimento Interno, inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento do ex-vereador, ex-deputado federal e ex-prefeito de Governador Valadares (MG) João Domingos Fassarella, ocorrido em 12 de novembro de 2006.

#### **Justificação**

João Fassarella, natural do Espírito Santo, era sociólogo, foi professor universitário, vereador por Governador Valadares por onze anos, ocupou o cargo de deputado federal por Minas Gerais durante dois

mandatos e foi prefeito de Governador Valadares entre 2001 e 2004.

Considerado um grande pacificador, prestou durante a sua extensa vida pública, relevantes serviços principalmente em questões ligadas aos conflitos envolvendo disputa e ocupação de terras. Possuía uma inesgotável capacidade de ouvir, entender e propor ações conciliatórias para questões dessa natureza, sendo considerado, em Minas Gerais, um dos principais responsáveis pelo fim dos conflitos na região.

João Fassarella, deixa um legado para todos que acreditam na paz, na justiça social e numa sociedade mais fraterna.

Sala das Sessões, 14 de novembro de 2006.  
– Senador **Eduardo Azeredo**.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – A Presidência encaminhará o voto de pesar solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Existem oradores inscritos pela Liderança. Entretanto, o Senador Geovani Borges, por permuta com o Senador Crivella, usará da palavra agora; depois, os três Senadores que estão inscritos pela Liderança: Senador Marcelo Crivella, Senador José Agripino e Senador Eduardo Azeredo.

Agora tem a palavra o Senador Geovani Borges.

**O SR. GEOVANI BORGES** (PMDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, desde tempos imemoriais, registra-se na história da humanidade uma preocupação constante com o que é justo. Associados à idéia de justiça, vemos sempre os conceitos de legalidade e de igualdade. Muitos foram os filósofos que se debruçaram sobre esse tema, tentando elucidar o seu significado; muitos também foram os sábios que legaram conselhos aos magistrados, aqueles a quem compete julgar, para que eles não incorram em injustiças. Entre esses sábios, destaco a figura incomparável de Sócrates, para quem “três coisas devem ser feitas por um juiz: ouvir atentamente, considerar sobriamente e decidir imparcialmente”.

Ora, se a idéia de justiça nos acompanha desde os primórdios da nossa civilização é porque ela é algo de suma importância para a convivência em sociedade, para a pacificação dos conflitos e para a promoção do bem comum. Ouso mesmo dizer, Excelências, que sem uma Justiça independente não há cidadania, porque sem ela não existem meios de defesa do cidadão perante a onipotência do Estado.

Por isso, é com muita satisfação que venho hoje a esta tribuna a fim de saudar o nosso Desembargador

Dôglas Evangelista, primeiro Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Amapá (TJAP), e também o atual Presidente, Desembargador Raimundo Vales, pelo magnífico trabalho que vem desenvolvendo à frente do Poder Judiciário do Estado, estendendo cumprimento aos Desembargadores Gilberto Pinheiro, Carmo Antonio, Luiz Carlos, Edinardo Rodrigues, Agostinho Silvério, Mário Gutyeve e o atual Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Amapá, Desembargador Honildo Amaral, por esses 15 anos de existência da Justiça do Estado, bem como seus magistrados e serventuários.

A Justiça do Estado do Amapá foi instalada em 1991, como consequência direta da Constituição de 1988, que transformara em Estado o antigo Território do Amapá – tive a honra de ser um dos seus Constituintes. Ela se constituiu com sede em Macapá e compõe-se de 12 Comarcas e de 4 Postos Avançados. Durante esses 15 anos, o Tribunal tem buscado o aperfeiçoamento contínuo de suas atividades a fim de atender cada vez melhor nossa população.

Em virtude do exíguo tempo de que disponho, Sr. Presidente, não vou poder detalhar todas as ações que vêm sendo empreendidas por aquele Tribunal, mas citarei as mais relevantes, para que V. Ex<sup>as</sup> e o Brasil possam ter uma idéia dos progressos que temos feito, em termos de prestação jurisdicional.

A Justiça amapaense pode ser considerada uma das mais informatizadas do País, com cerca de 800 computadores, operados por 930 servidores, o que resulta em eficácia e em atendimento ágil aos cidadãos. Estamos caminhando para atingir 100% de informatização processual em todas as instâncias – o chamado Projeto Tucujuris, assim batizado em homenagem ao extinto povo Tucuju, que habitava a foz do rio Vila Nova e que constitui a raiz de todo o povo amapaense. Além disso, no ano de 2006, foi relançado o portal do Tribunal de Justiça do Amapá na Internet, disponibilizando aos cidadãos uma série de serviços que antes só poderiam ser solicitados pessoalmente.

Quero mencionar também a Escola Judicial do Estado do Amapá. Criada em 2005 por lei complementar do Estado, ela integra a estrutura do Tribunal de Justiça e tem como objetivo principal promover a formação e o aprimoramento técnico e jurídico de magistrados e servidores da Justiça estadual. Esse é um órgão de suma importância, Sr<sup>a</sup> Presidente, a exemplo de outras escolas de governança e de treinamento de servidores públicos, como a Enap – Escola Nacional de Administração Pública, o Instituto Serzedello Corrêa, do Tribunal de Contas da União, e do Instituto Legislativo Brasileiro, o nosso ILB, aqui no Senado Federal.

Conheço muito bem o Estado do Amapá, que tenho a honra de representar nesta Casa, e sei que as distâncias ali são imensas e os meios de deslocamento de nossa gente nem sempre são os mais adequados. Por isso, talvez nenhuma das ações empreendidas pelo Tribunal de Justiça do Amapá tenha mais alcance e relevo social do que a Justiça Itinerante. Ele é um dos mais importantes e democráticos serviços prestados pelo Judiciário amapaense. Tem atuação em todas as comarcas e em todos os graus de jurisdição estaduais. Apesar de ter surgido em 1992, apenas no ano passado, após a Resolução nº 23/2005, é que a Justiça Itinerante se tornou mais ampla, funcional e moderna. Desde sua criação, ela já foi assunto na imprensa de países ricos, como os Estados Unidos, o Canadá, a Inglaterra e a Alemanha, cujos jornalistas cobriram as Jornadas Fluviais à Região do Bailique e publicaram matérias enaltecendo essa avançada e democrática forma de distribuir justiça.

Até hoje cerca de 50 mil pessoas foram atendidas durante as jornadas fluviais, em circunstâncias que, muitas vezes, representam uma verdadeira aventura. Servindo-se dos mais diversos meios de transporte, como barcos, catraias e ônibus, o juiz e sua equipe conseguem atender as mais distantes comunidades, inclusive aldeias indígenas.

Quero ressaltar, Sr. Presidente, que as prefeituras municipais aproveitam essa oportunidade logística, oferecida pela Justiça amapaense, para levar atendimento médico às populações carentes que residem em áreas remotas.

Outra ação de relevo levada a cabo pelo Tribunal de Justiça do meu Estado são os Juizados Especiais. Apesar de previstos na Constituição Federal de 1988, somente em 2005 é que eles passaram a ter um funcionamento mais efetivo no Amapá. Como sabemos, os Juizados Especiais foram instituídos para conciliar, julgar e executar causas cíveis de menor complexidade e infrações penais de menor potencial ofensivo, a fim de permitir o desafogamento da Justiça comum. Por isso, eles são reconhecidos como de suma relevância para que tenhamos uma prestação jurisdicional mais célere e eficiente.

Em Macapá, os Juizados Especiais contam com duas extensões cíveis: uma para microempresas, que prestam atendimento nos casos referentes à execução de títulos, e outra com caráter didático, na qual os acadêmicos de Direito da Universidade Federal do Amapá (Unifap) atuam como conciliadores nos atendimentos aos habitantes das comunidades adjacentes. Além dessas duas, no próximo dia 21 de novembro, será instalada na Faculdade do Amapá – Famap, mais uma Extensão Cível...

**O Sr. Mão Santa** (PFL – PI) – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. GEOVANI BORGES** (PMDB – AP) – Ouço o ilustre Senador Mão Santa, do Estado do Piauí, como S. Ex<sup>a</sup> sempre frisa da Tribuna.

**O Sr. Mão Santa** (PFL – PI) – Primeiramente, quero ser convidado a visitar o Estado de V. Ex<sup>a</sup>. É uma deficiência minha não conhecer uma parte deste Brasil, mas quero conhecê-la. V. Ex<sup>a</sup> trouxe um assunto importante e começou com um grito: liberdade e igualdade. Não foi até a fraternidade, mas ela está ali, Heloísa Helena...

**O SR. GEOVANI BORGES** (PMDB – AP) – Não tenha dúvida.

**O Sr. Mão Santa** (PFL – PI) – Mas aí é que começou a democracia. Atentai bem! Mas acabou o absolutismo; acabaram os reis. Dividiram o poder, e um deles é a Justiça, que V. Ex<sup>a</sup> enaltece em boa hora, em bom momento, fazendo uma reflexão. Então, a democracia é isso, essa divisão de poderes iguais, harmônicos, entre eles a Justiça, que V. Ex<sup>a</sup> está enaltecendo. Aí está o Senador Crivella, um homem de Deus que conhece o Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça“. Isso mostra que ela é divina, pois Moisés recebeu as leis de Deus. Mas temos que fortalecê-la, porque ela é de Deus. E aí é que está o perigo. V. Ex<sup>a</sup> veio num momento bom, porque a democracia está meio capenga. Ela tem uma perna forte, muito forte, o Poder Executivo, porque ela está rápida. No Poder Legislativo nós não fazemos leis; elas são feitas pelo Executivo, por meio de medida provisória. E o Poder Judiciário está também, nesse rolo democrático, debilitado. Tanto é que uma pesquisa de opinião pública mostra que só 30% dos brasileiros acreditam no Poder Judiciário. Antes, muito antes disso, antes do grito do povo na França, por liberdade, igualdade e fraternidade, já Aristóteles dizia que a coroa da justiça – que V. Ex<sup>a</sup> está a exaltar, a defender, muito bem – deve estar mais alta do que a coroa dos santos e brilhar mais do que a coroa dos reis. Essa é a Justiça com que sonhamos, e V. Ex<sup>a</sup> homenageia a do Amapá. Nós estamos preocupados, porque essa democracia não está com as três pernas fortes, não. O Poder Executivo está avançando, avançando e debilitando os outros, que estão capengas: nós, o Poder Legislativo, que não estamos fazendo leis – quem as está fazendo é o Executivo; e o Poder Judiciário, que também, segundo a própria opinião pública, está debilitado. Sonhamos com essa Justiça exaltada, mas com o conjunto das três fortalezas, que são os três Poderes fortalecidos. V. Ex<sup>a</sup>, sem dúvida nenhuma, a enaltece. Eu acho que devemos encarar a Justiça como uma coisa de Deus – como as leis de

Moisés, o Sermão da Montanha – e entender que ela contém erros porque é feita por homens. **Errare humanum est**. Mas é nosso dever acreditar nela, fortalecê-la, aprimorá-la. V. Ex<sup>a</sup> traz essa grande reflexão ao País e a nós, que queremos aperfeiçoar a democracia, valorizando a Justiça.

**O SR. GEOVANI BORGES** (PMDB – AP) – Senador Mão Santa, com muita honra, quero incorporar seu aparte ao nosso pronunciamento e, desde já, dizer a V. Ex<sup>a</sup> que o Amapá terá o maior prazer em estender o tapete vermelho para recepcioná-lo, no norte do nosso País, para que V. Ex<sup>a</sup> conheça os nossos tucujus, as nossas raízes, os nossos costumes...

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Esse negócio de vermelho é do PT. Prefiro um tapete azul, que lembra o Senado e o céu.

**O SR. GEOVANI BORGES** (PMDB – AP) – O azul, o verde da Amazônia, o céu da Amazônia, aquele que V. Ex<sup>a</sup> preferir, porque o nosso povo é muito hospitaleiro e o admira pelos seus pronunciamentos aqui no Senado Federal e pela sua assiduidade aqui.

Quero dizer mais a V. Ex<sup>a</sup>: neste momento, também estamos transmitindo esta sessão do Senado, através da TV Tucuju, lá do Estado do Amapá, ao vivo, em conexão.

Aproveito a oportunidade para mandar um abraço para toda a equipe da TV Tucuju, que está dando condições ao povo de tomar conhecimento do que está ocorrendo aqui no Senado Federal.

Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, apenas esses fatos que, resumidamente, acabo de trazer ao conhecimento de V. Ex<sup>as</sup> já seriam, por si mesmos, suficientes para enaltecer as ações do Tribunal de Justiça do Estado do Amapá, pelos muitos benefícios prestados ao nosso povo. Contudo, estaria cometendo uma enorme injustiça se não mencionasse também o conjunto de ações sociais de grande alcance desenvolvidas por aquela Corte, em parceria com outros órgãos públicos e com empresas privadas, com o intuito de proporcionar dignidade e melhor qualidade de vida à população.

Dentre todos esses projetos, considero mais importantes aqueles voltados ao atendimento e ao bem-estar da criança. Por isso, gostaria de começar mencionando que o Tribunal de Justiça reformou e cedeu à Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE) o prédio contíguo ao Fórum da Comarca de Laranjal do Jari, para que este pudesse abrigar o Centro Especializado em neurofisioterapia, destinado ao atendimento de 150 crianças e adolescentes portadores de necessidades especiais. Além disso, aquela Corte criou o Programa de Apadrinhamento Social e

o Projeto Adoção Faça Legal, em parceria com o Hospital da Mulher Mãe Luzia.

Há ainda outras ações de relevo, como o Projeto Casamento Comunitário, o Projeto Jornaleiro e o Projeto Educação: O Caminho para a Liberdade.

Graças a essas e a outras ações, Sr<sup>a</sup> Presidente, a Justiça do Amapá foi considerada a mais célere do Brasil, segundo pesquisa realizada pelo Supremo Tribunal Federal. Tanto é verdade que a revista *Veja* publicou matéria, em sua edição de 11 de maio de 2005, mencionando com destaque o Amapá, sob o título “O exemplo dos Melhores”, destacando as ações realizadas pela Justiça do Estado.

Concluo o meu pronunciamento, Sr<sup>a</sup> Presidente, saudando mais uma vez o Presidente daquela Corte, Desembargador Raimundo Vales, e, por seu intermédio, todos os Magistrados e servidores do Tribunal de Justiça do Amapá, pelo excelso trabalho que vêm desempenhando, nesses 15 anos, para que nosso povo possa exercer mais plenamente sua cidadania.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Geovani Borges.

Concedo a palavra ao Senador Marcelo Crivella, pela Liderança do seu Partido, com toda a flexibilidade do Regimento que este momento impõe.

Tem a palavra S. Ex<sup>a</sup> pelo tempo que entender necessário ao seu pronunciamento.

Em seguida, concederei a palavra aos Senadores Rodolpho Tourinho, José Agripino e Eduardo Azeredo, nessa ordem.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado pela generosidade de V. Ex<sup>a</sup>, mas serei breve, Sr<sup>a</sup> Presidente, em respeito a meus companheiros, que têm importantes pronunciamentos a fazer.

Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, hoje ocupo a tribuna para falar de um projeto que apresentei e que trata sobre um tema que muito me preocupa, que é a pedofilia.

Este projeto acrescenta o inciso IV ao § 1º e o § 3º ao art. 241 da Lei nº 8.069, de 3 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para criminalizar a aquisição de material pornográfico ou que contenha cenas de sexo explícito envolvendo criança ou adolescente.

A justificativa é suprir uma lacuna na lei brasileira quanto à tipificação dos crimes de informática, coerentemente com o esforço legislativo que vem sendo envidado para atender à urgente necessidade de se adequar o ordenamento jurídico penal à Era Digital, dando eficiente resposta à escalada dos chamados “cibercrimes”.

Cumprimento os telespectadores da TV Senado e os ouvintes da Rádio Senado, que nos acompanham ao vivo.

Em comparação com o que ocorre nos Países de primeiro mundo, que há quase duas décadas já se debruçam sobre a questão, esse esforço acontece com grande atraso, a recomendar tratamento de urgência para que se possa recuperar o tempo perdido e dar eficaz combate à proliferação dessa modalidade criminosa.

Particularmente em relação ao comércio de material pornográfico envolvendo crianças e adolescentes, impõe-se a criação de mecanismos tendentes a aumentar o poder de repressão a sua prática, complementando proposições em tramitação e aperfeiçoando dispositivos em vigência, que se têm dedicado a explicitar a conduta do sujeito ativo dessa perniciosa relação de mercancia, descurando daquele que é o seu maior fomentador, ou seja, o consumidor.

Com efeito, enquanto não se penalizar a ação desse consumidor, sempre haverá quem se arrisque a comercializar os meios necessários para satisfazer esse tipo de perversão. E pior, é sabido que o mercado da pornografia infantil alimenta o apetite de pedófilos e pode estimular a prática de condutas mais graves, sendo comum a ocorrência de uma direta conexão entre ambos.

Quanto à exploração sexual, tanto o nosso vetusto Código Penal (Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940), como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), com os últimos aperfeiçoamentos legislativos propostos e aqueles já implementados, certamente não de se revelar como instrumentos adequados de repressão.

Entretanto, em relação ao comércio de material pornográfico, em nada obstante as importantes alterações se encontram em andamento, como a pretendida pelo PLC nº 89/2003, impõe-se tipificar de forma específica a conduta do agente passivo.

Senador Mão Santa, faço um pequeno parêntese para deixar essa iniciativa mais clara. Hoje, no Código Penal e no Estatuto da Criança e do Adolescente, há uma preocupação muito grande em punir o agente ativo, aquele que recruta as crianças e faz as fotografias, e aquele que coloca isso nos *sites*.

O projeto que propus deseja penalizar o agente passivo, aquele que consome, que entra no *site* da Internet – e muitos desses *sites* são feitos no Leste Europeu – e compra o material pornográfico, que dá o número do seu cartão de crédito e, assim, recebe acesso a filmes e fotografias hediondos. Com esse projeto, quero criminalizar o consumo.

Portanto, a Polícia Federal poderá, quando de-sejar, pedir às operadoras de cartão de crédito – Credicard, Visa, American Express – a relação daqueles que compraram pela Internet material pornográfico com crianças e adolescentes. Isso já é praticado em outros Países.

Quero tornar pública uma matéria, veiculada no jornal **Folha de S.Paulo**, vazada nos seguintes termos:

Dinamarca. Polícia prende 101 acusados de pedofilia.

A Polícia dinamarquesa prendeu 101 pessoas acusadas de envolvimento com pedofilia. A prisão ocorreu após autoridades americanas fornecerem o nome de 119 dinamarqueses que utilizaram seus cartões de crédito para baixar imagens de pornografia infantil na internet. Mais pessoas poderão ser presas. A Dinamarca disse que a prioridade é prender os acusados que moram ou trabalham com crianças e os que tenham antecedentes criminais.

Portanto, o que estamos aperfeiçoando na legislação brasileira já foi aperfeiçoado na legislação americana. Certa vez, quando estive nos Estados Unidos para resgatar brasileiros, ouvi, pela televisão, à noite, que os legisladores norte-americanos haviam feito essa alteração no Código Penal norte-americano. Foi feita uma “malha fina” no cadastro de cartões de crédito, cruzando informações para verem quem consumia em *sites* de pedofilia, e encontraram juizes, promotores, políticos, empresários. Foi um grande escândalo naquele País, mas que fez com que a prática desse crime hediondo baixasse. Acho que devemos fazer a mesma coisa aqui.

Por isso, peço aos Srs. Senadores atenção na hora de analisarmos, discutirmos e aperfeiçoarmos esse projeto, para que o agente passivo também seja punido. A verdade é que quem paga para que esses *sites* estejam no ar está também, de maneira direta, contribuindo para que aqueles que fazem o *site* arregimentem mais crianças, fotógrafos, aumentando o mercado. Coibindo o consumo, tenho esperanças de que a oferta seja menor. Vamos, de maneira efetiva, coibir algo que, repito, é um crime hediondo que transcende as fronteiras da tolerância e do bom senso em uma sociedade cristã como a nossa.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Marcelo Crivella.

Concedo a palavra ao Senador Rodolpho Tourinho, que esperou pacientemente, pelo tempo que entender necessário ao seu pronunciamento.

**O SR. RODOLPHO TOURINHO** (PFL – BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senadora Heloísa Helena, fico muito feliz de V. Ex<sup>a</sup> estar na Presidência porque quero lembrar ao Governo um acordo que fizemos e do qual V. Ex<sup>a</sup> participou.

Lamento que a Senadora Ideli Salvatti, Líder do Governo, não esteja presente neste momento. Trata-se da questão dos agentes comunitários de saúde.

Eu gostaria de lembrar que há mais de quinze anos esse pessoal vem trabalhando de uma forma muito eficiente – mais eficiente em uns lugares do que em outros – e sempre cumprindo o seu papel. Cumprem, sobretudo, um papel muito importante, no meu entendimento, que diz respeito à prevenção de doenças. Permitem que o Estado brasileiro, até a unidade da Federação, no meu entendimento, possa cumprir melhor o seu papel com relação à saúde, que está muito, muito longe do ideal, como bem sabe V. Ex<sup>a</sup>, porém melhor do que estava há algum tempo. Nessa questão da prevenção das doenças, isso é muito importante.

Não sou médico, Senador Mão Santa, mas minha primeira grande preocupação em relação a esse aspecto foi quando, Secretário da Fazenda da Bahia que fui durante oito anos, enxergava ser impossível manter a construção de unidades hospitalares naquele momento para atender ao crescimento da saúde. Aquilo me preocupava muito. A partir daí, passei a ter uma ligação com essa questão dos agentes comunitários, vendo na prevenção uma das soluções para os problemas de saúde do País.

Na Bahia, nossa experiência com esses agentes já dura dezesseis anos, sempre fazendo um processo de seleção sem nenhum tipo de influência política. Falando claramente, o pessoal que se candidata para ser agente comunitário de saúde – cerca de 25 mil pessoas no Estado – se submete a um processo de seleção conduzido pela Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, apesar de os agentes serem lotados nos municípios. Com isso, mantém-se um alto padrão de seleção e de atendimento.

Ao longo do tempo, fomos nos envolvendo também nessa questão. Depois, como Relator da chamada Emenda Constitucional nº 51, que criou o cargo do agente comunitário de saúde sem necessidade de concurso público, porque, se fosse permitido o concurso público, perderíamos uma característica essencial nesse cargo, que é a necessidade de essas pessoas estarem convivendo na sua comunidade, visitando as mesmas pessoas, morando na comunidade. Com isso, então, como Relator, conseguimos aprovar essa Emenda Constitucional. Era um projeto que já estava há anos na Câmara e foi aprovado no Senado em menos de uma semana.

Logo depois, fiz um projeto de regulamentação da profissão dos agentes comunitários de saúde. Junto com a Federação e a Confederação dos Agentes Comunitários de Saúde, em reuniões que fizemos em Goiás e na Bahia, um ponto principal, uma coisa muito importante que estava sendo considerada era a questão do regime jurídico a que se submeteriam, a partir daí, os agentes comunitários de saúde.

Colocamos no nosso projeto, de acordo com todas as lideranças dos agentes comunitários, que seria o projeto adotado pela área de saúde do Município, ou seja, em bom português, pelo regime do Município. Não seria adotada a Consolidação das Leis do Trabalho. Entendíamos ser importante que fosse feito dessa forma, mesmo por que ficaria muito difícil, em mais de cinco mil municípios deste País, abrir possibilidade de regimes diferentes. Por isso, acreditávamos que deveria ser o regime da área de saúde de cada Município.

Entendíamos também que era muito perigoso se pensar na Consolidação das Leis do Trabalho para o agente comunitário de saúde, porque isso permitiria que ele viesse a ser demitido em cada mudança de Prefeito que houvesse.

Esse, para mim, é o ponto central de tudo, e não podemos abrir mão, precisamos dessa continuidade. Por essa razão, Senadora Heloísa Helena, foi aprovada a Proposta de Emenda à Constituição, a fim de permitir que ele, não prestando concurso, mas passando por um processo de seleção, pudesse conviver com a comunidade. E essa convivência, ao longo do tempo, seria a garantia para um melhor serviço de saúde. Isso também permitiria que ele tivesse uma segurança no trabalho que hoje não tem. Nenhum deles hoje tem claramente direito a férias ou à aposentadoria. Eles não têm direito a nada. São mais de duzentas mil pessoas no País sem qualquer tipo de garantia em sua vida. Precisamos proporcionar isso.

O Projeto de Lei nº 41, de minha autoria, foi aprovado na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado Federal. Quando foi para Comissão de Assuntos Sociais, acabou sofrendo, de alguma forma, um tipo de... Não sei exatamente do que chamar. Mas o Governo não levou adiante esse projeto na Comissão de Assuntos Sociais. Entendi, claramente, que existia o problema dos agentes de endemias, que são celetistas, mas que não estavam no projeto inicial dos agentes comunitários de saúde. O Governo pretendeu então juntar as duas coisas em uma só, e estabeleceu o mesmo regime aos agentes de endemias dos agentes comunitários de saúde. Os dois exercem trabalhos excepcionais no País, mas, ao fazer isso, o Governo causou uma grande confusão, colocando todos os agentes comunitários de saúde como celetistas.

Como o Governo determinou isso por meio de uma medida provisória, acabei sendo o Relator da Medida Provisória nº 297, que previa exatamente que todos seriam celetistas. E como toda boa medida provisória, chegou aqui em cima da hora, faltando dois ou três dias para ser votada, caso contrário, perderia a eficácia em três ou quatro dias. Ou seja, naquele momento, não era possível fazer absolutamente nada, a não ser aprovar a Medida Provisória para não prejudicar os agentes comunitários de saúde e os agentes de endemias. Aprovamos a Medida Provisória. O meu

parecer era contra, mas houve o acordo construído com V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Heloísa Helena, com o Senador Sibá Machado, com a Senadora Ideli Salvatti, com o Senador Eduardo Suplicy, não apenas com o Partido dos Trabalhadores, mas com toda a base do Governo no sentido de que fosse aprovada a Medida Provisória como estava. Apresentamos um projeto de lei, que aprovamos naquele momento aqui no Senado, por unanimidade, por meio do qual seria dada urgência à matéria na Câmara dos Deputados. Evidentemente, não foi dada a urgência.

Esse é o primeiro ponto que me preocupa. Não foi dada a urgência porque o projeto não foi adiante. E além de não ter ido adiante, o que me preocupa é que a Câmara sente isso. Basta ver que a matéria foi recebida naquela Casa no dia 6 de outubro, e o Relator foi designado quase um mês e meio depois. Isso não é urgência! A urgência que queríamos é que naquela mesma semana a matéria pudesse ser apresentada. Além do mais, acredito que a Câmara dos Deputados não se sente na obrigação de cumprir um acordo firmado aqui no Senado Federal.

Isso está claro, em todas as entrelinhas.

Mais uma vez, trago aqui o problema, e deixo a minha preocupação com a Mesa do Senado Federal, com o Presidente Renan Calheiros, que propôs e aceitou também aquele acordo, no sentido de buscarmos uma solução. O que não podemos, tenho certeza, é deixar de cumprir o acordo. Não podemos, em hipótese alguma, prejudicar essas pessoas, que têm realizado um trabalho tão importante pela saúde do País.

Senadora Heloísa Helena, deixo aqui o meu protesto pela forma como o assunto está sendo conduzido pelo Governo. Não acredito que essa seja a melhor forma de tratar um problema tão grave que afeta não apenas os agentes comunitários de saúde, mas também a população de todo o País.

Atualmente, mais da metade do meu Estado é atendida pelo programa Saúde da Família. Mais de cem Municípios já têm 100% de cobertura. E este não é o momento de se dar tão pouca atenção a isso.

E eu aqui falo mais dos agentes comunitários de saúde porque eles têm de ser incluídos, como havíamos combinado, na questão da insalubridade, que tem de ser verificada e colocada, na questão da participação dos Estados, com um percentual na remuneração dos agentes, e também na questão da formação, como obrigação da Funasa.

Ficam aqui colocados esses pontos. Estarei sempre cobrando do Governo essa posição, que, tenho certeza, Senadora Heloísa Helena, também é a posição de V. Ex<sup>a</sup>.

Muito obrigado.

**SEGUE O PRONUNCIAMENTO DO SR.  
RODOLPHO TOURINHO:**



## **PRONUNCIAMENTO DO SENADOR RODOLPHO TOURINHO SOBRE O PROJETO DE LEI DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE**

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Senadores

**1.** Assomo à Tribuna nesta tarde para, mais uma vez, chamar a atenção do Governo sobre um problema sensível e de maior importância para a continuidade dos bons resultados que, há mais de 15 anos, vêm sendo alcançados na atenção básica à saúde: falo da atividade dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias, e da recente promulgação da Lei nº 11.350/2006, que estabeleceu os direitos, deveres e regulamentou a forma de admissão desses profissionais.

**2.** Na votação da Medida Provisória nº 297/2006, no dia 4 de outubro último, sobre a qual fui designado Relator, identifiquei a necessidade de aprimorar o texto daquela MP, pois em muitos aspectos ela prejudicava essa atividade quem vem dando tão certo para a saúde no Brasil.

**3.** O principal problema que levantei no momento da discussão da MP – e de fato houve consenso de que era um problema real que precisava ser resolvido – era que o Governo adotava o regime jurídico da CLT para os ACS e ACE.

**4.** Esta minha preocupação com a atividade dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias

✓ No início deste ano 2006 fui o Relator da PEC nº 7/2006, convertida na EC nº 51/2006.

- possibilidade de admissão dos ACS e ACE por processo seletivo público, face às peculiaridades da atividade, sobretudo em

relação ao requisito de o agente residir na comunidade onde atua;

- supressão de todos os interstícios regimentais para aprovação da PEC no Senado;
- designado relator no dia 06/02/2006 (segunda-feira); aprovação na CCJ em 08/02/2006 (quarta-feira); aprovação pelo Plenário na mesma tarde.

Em março de 2006 apresentei o PLS nº 41/2006, regulamentando a EC 51/2006, ou seja, regulamentando as atividades dos agentes, a forma de admissão e o seu regime jurídico.

- projeto construído em conjunto com as lideranças dos agentes;
- reunião com a Federação Baiana dos ACS em Jequié (06/04/2006), e com a Confederação Nacional dos ACS em Luziânia/GO (02/05/2006);
- Regime jurídico → aquele adotado pela área de saúde do ente federado que fizer a admissão;

O PLS 41 foi aprovado por unanimidade na CCJ e teve o parecer, também favorável, lido na CAS, quando foi pedido vistas. Nas duas comissões foi relatado pela senadora Lúcia Vânia.

5. Ocorre que enquanto meu projeto tramitava, o Governo enviou ao Congresso Nacional a MP nº 297/2006, incorporando a ela quase todos os avanços que constavam do meu projeto. Mas errou ao fixar o regime jurídico da CLT.

6. Como relator, considerei que o texto da MP 297 correspondia, em boa parte, ao compromisso que eu havia assumido com os agentes, mas que quatro pontos fundamentais não haviam sido contemplados.

7. Apresentei um relatório àquela MP incorporando as correções necessárias. Destaco aqui os quatro pontos principais:

- Regime jurídico, → alterando da CLT para o regime jurídico adotado pela área de saúde do ente federado que fizer a admissão;
- Contrapartida dos Estados → os Fundos Estaduais de Saúde repassarão aos Fundos Municipais de Saúde recursos equivalentes à, no mínimo, 30% das despesas com a remuneração dos agentes admitidos pelos municípios. Essa contrapartida estadual deverá ser usada exclusivamente para a melhoria da remuneração dos ACS e ACE;
- Curso de formação inicial → serão realizados com recursos do Fundo Nacional de Saúde, e não custeado pelos agentes;
- Atividade insalubre → assegura aos agentes a proteção da legislação que trata das atividades exercidas em ambientes insalubres.

8. As modificações propostas no meu relatório foram consideradas importantes e consensuais por todos os parlamentares que estavam presentes neste Plenário, inclusive por parlamentares da base aliada do Governo: senadora Ideli Salvatti e senadores Saturnino Braga, Siba Machado e Eduardo Suplicy.

9. Entretanto, como as modificações implicariam retorno da MP à Câmara dos Deputados, todos tínhamos a convicção de que havia uma forte possibilidade de aquela Casa não conseguir se reunir para aprovar a MP e ela perderia a eficácia por decurso de prazo.

10. Diante do impasse, a senadora Ideli Salvatti, falando em nome do Governo, e referendada pelos senadores Saturnino, Siba e Suplicy, ofereceu um acordo que viabilizava a aprovação da matéria.

11. O acordo previu o seguinte:

- aprovação da MP sem alterações, possibilitando que ela fosse imediatamente à sanção pelo Presidente da República sem retornar à Câmara;

- que o relatório concluísse, na forma autorizada pelo Regimento do Senado, pela apresentação de um novo projeto que incorporaria todas as alterações que eu havia assinalado e que eram consensuais;
- que esse novo projeto fosse imediatamente discutido e votado no Senado Federal, e encaminhado à Câmara dos Deputados;
- que a senadora Ideli Salvatti solicitaria aos líderes partidários aliados ao Governo, na Câmara dos Deputados, que apresentassem requerimento de urgência sobre esse novo projeto.

**12.** De minha parte, aceitei e cumpri tudo o que foi acordado.

**13.** Como resultado da negociação, o Senado aprovou o PLS 270/2006, que foi encaminhado à Câmara e lá recebeu o número PL 7495/2006.

**14.** Ocorre que o Governo ainda não cumpriu a sua parte no acordo:

- recebido na Câmara em 06/10/2006, o PL somente teve o relator designado no dia 09/11/2006;
- o PL foi distribuído para tramitação em 4 (quatro) comissões na Câmara, o que sinaliza que, se não houver um requerimento de urgência, a aprovação será muito demorada.

**15.** Meu objetivo nesta Tribuna, é solicitar ao Governo, mais especificamente à senadora Ideli Salvatti, que cumpra a sua parte no acordo e solicite aos seus aliados na Câmara dos Deputados a apresentação do requerimento de urgência para o PL 7495/2006.

**16.** A adoção do regime jurídico da CLT para ao ACS e ACE é um retrocesso sem tamanho:

- possibilita o uso político nas admissões;
- abre a porta para que, a cada mudança de prefeito, possa haver demissões de agentes comunitários de saúde e agentes de combate às endemias.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Compartilho inteiramente das preocupações de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Rodolpho Tourinho. Sou testemunha do que aconteceu. V. Ex<sup>a</sup>, de fato, não queria fazer o acordo porque desconfiava que não fosse ser cumprido, e tinha um compromisso com os agentes comunitários. Nós insistimos muito, e V. Ex<sup>a</sup> acabou aceitando o acordo a fim de evitar prejuízo a milhares de agentes do combate às endemias do Estado do Rio de Janeiro em função da medida provisória que estava se esgotando.

Espero que o Governo cumpra sua palavra, pois é inaceitável que lideranças partidárias assumam um compromisso na Casa e não seja cumprido. V. Ex<sup>a</sup> não queria fazer o acordo, aceitou o apelo para fazê-lo, e ficamos em uma situação gravíssima como esta.

Compartilho das preocupações em relação ao tema, e sou testemunha do esforço que fez V. Ex<sup>a</sup> para não prejudicar os agentes do combate às endemias do Estado do Rio de Janeiro, que eram milhares que estavam com um problema gravíssimo em função de dois dias a mais. Todo o tempo, V. Ex<sup>a</sup> disse que tinha um compromisso e que dele não poderia abrir mão, pois era uma luta de vários anos. Espero, portanto, que o Governo cumpra com a palavra, pois isso é, de fato, inaceitável. Onde chegamos, somos cobrados em relação à aprovação do projeto de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. RODOLPHO TOURINHO** (PFL – BA) – Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Concedo a palavra ao Senador José Agripino, pela Liderança do PFL e pelo tempo que entender necessário. Em seguida, ao Senador Eduardo Azeredo, também pela Liderança e pelo tempo que entender necessário.

Tem a palavra V. Ex<sup>a</sup>, Senador José Agripino.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (PFL – RN. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Srs. Senadores, Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> estava aqui ontem; infelizmente, a Senadora Heloísa Helena, minha queridíssima amiga que hoje preside esta sessão, não estava quando eu aqui manifestei a minha indignação com relação a um fato que está causando incômodo, no Brasil inteiro, àqueles que têm que se deslocar do Norte para o Sul, do Leste para o Oeste, do Brasil para o exterior, do exterior para cá, que é a crise dos controladores de voo. Um problema que não se viu – pelo menos com a gravidade que estamos assistindo – em

época nenhuma, desde que eu me entendo por gente, em governo de espécie alguma.

Os aeroportos estão um tumulto. Eu hoje conversava com V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Heloísa Helena, e V. Ex<sup>a</sup> me dizia que passou 17 horas no aeroporto – 17 horas! Varou a madrugada no aeroporto, para conter a indignação – veja, para conter a indignação – de passageiros que passaram a noite no aeroporto. E V. Ex<sup>a</sup> foi instada, V. Ex<sup>a</sup> que é uma guerreira, uma leoa, a ficar para acalmar o ambiente. V. Ex<sup>a</sup> me disse isso hoje. V. Ex<sup>a</sup> é testemunha do que eu falava ontem, da inquietação pela qual estamos passando, em função do descaso do Governo com uma questão que é importantíssima, porque mexe com o bem-estar das pessoas, com a capacidade de as pessoas se moverem para resolver problemas, para se entregarem ao lazer das férias, para resolverem um problema de saúde, para tudo, para tudo!

E o Ministro Waldir Pires, da Bahia, ainda aparece com aquela cara dele sei lá de quê para dizer que está tudo normal e que iam resolver aquilo em 24 horas. Hoje está do mesmo jeito, a mesma anarquia, e não vejo perspectiva de solução.

Eu dizia ontem, Senadora Heloísa Helena, que a minha preocupação era com esse caso, sim. Mas dizia que cesteiro que faz um cesto faz um cento. Se o Governo é incompetente para resolver o problema dos controladores de voo, que é o problema de uma categoria, que é o problema da formação de pessoas para operarem com segurança os voos no País, se o Governo é incompetente para resolver essa questão, que está inquietando tanta gente, que dirá para resolver o problema da infra-estrutura brasileira e para prometer o crescimento de 5%, como o Presidente Lula está prometendo.

Quando acabei de falar – e circunstanciava com argumentos, que eu pude expor –, chegando ao meu gabinete, como de hábito, lemos os *e-mails* que chegam do Brasil inteiro, fazendo apreciação sobre o que falamos, alguns elogiativos, mas um me causou surpresa pelo tom agressivo com que uma pessoa, não me lembro de que Estado, me tratava. Dura, seguramente uma forte simpatizante do Presidente Lula, que escrevia um *e-mail*, bem escrito, sem argumentos, é verdade, mas bem escrito, me criticando muito pelo fato de estar criticando o Governo, e que em outros governos tinha havido o mesmo problema e que o Governo podia prometer, sim, 5% de crescimento.

Senador Mão Santa, não precisei responder ao *e-mail* desta cidadã, minha conterrânea brasileira, que tem o meu respeito, porque a democracia pressupõe o direito à crítica, mesmo que ela seja ácida – e eu respeito.

Eu não preciso responder ao *e-mail* da conterrânea brasileira, porque por mim falou o Presidente do IPEA, Dr. Fábio Giambiagi. O IPEA, como V. Ex<sup>a</sup> sabe, é um respeitável organismo vinculado ao Ministério do Planejamento. O Dr. Fábio Giambiagi declara nos jornais de hoje que crescimento de 5% só de 2017 para a frente e circunstancia por quê. Dá as razões todas de por que não se pode prometer crescimento de 5% antes de se preparar a infra-estrutura, para que a produção possa circular e para que se criem condições na micro e macroeconomia, para que o que for produzido possa ser vendido aqui e exportado para fora. Fora isso, é bravata e balela.

Por mim respondeu o Dr. Fábio Giambiagi, que não é, como eu, filiado ao PFL. Deve ser, se não filiado, simpatizante do Partido dos Trabalhadores. Ele desmente o chefe, ele desmente a promessa de Lula frontalmente, ele diz que não é possível crescer. Quem diz não sou eu, Senadora Heloísa Helena. Eu gostaria muito de que o Brasil crescesse 5%, 6%, 7%, 8%, porque desse crescimento resultaria o cumprimento das promessas de Lula: os dez milhões de empregos, os salários melhorados para a classe média do Brasil, pela competição entre as empresas, que precisariam dispor de melhor mão-de-obra e contratariam os melhores, estabelecendo uma espécie de leilão, pagando os melhores salários. Gostaria muitíssimo. Mas o que não vejo são condições de crescer. Eu dizia ontem e fui desmentido pela senhora que me mandou o *e-mail* – creio que simpatizante do PT – mas por mim falou o Presidente do IPEA.

O que preciso reafirmar nesta tribuna? Posso até falar com uma certa ênfase, demonstrar indignação, mas, em hora nenhuma, vou fazer aqui oposição raivosa, nem oposição ao interesse coletivo do Brasil.

Na hora em que as reformas tiverem de ser votadas, eu serei o primeiro a me sentar para participar da discussão, para tentar colocar a digital do meu Partido, tentando melhorar o projeto que tenha vindo, como aconteceu no projeto da reforma tributária – que aprovamos no Senado e até hoje não foi aprovado na Câmara –, para tentar melhorar a vida do povo brasileiro.

Agora, o que eu não posso aceitar é que se prometa crescimento de 5% e o Presidente não tenha

uma palavra de reparo, para que as pessoas possam ou não possam confiar nele, amanhã, depois de amanhã, naquilo que ele venha a dizer, porque palavra de Presidente da República é uma espécie de dogma, é uma espécie de lei, é uma espécie de balizamento para a sociedade. As pessoas se habituaram a que, se o Presidente falar, está falado e é para ser acreditado. E não é isso que se pode dizer daquilo que Lula fala. Ele promete crescimento de 5% e o Presidente do IPEA, que é funcionário do Governo dele, no dia seguinte, desmente e diz que não dá para crescer antes de 2017.

Senador Mão Santa, para um crescimento de 5%, como tiveram o Chile, a Rússia, a Índia, a China, a Argentina, como tiveram muitos países emergentes do mundo, tem-se que ter algo chamado investimento público e privado. O investimento é muito decorrência de taxa de juros. A taxa de juros no Brasil é altíssima. O dinheiro que vem de fora para dentro do País e o dinheiro de dentro do País, resultante do eventual lucro de empresas, em primeiro lugar, vai para uma aplicação chamada financeira, vai para a instituição financeira. Os juros altos são responsabilidade do Governo, é o Governo quem comanda a política de juros, quem fixa juros, quem comanda a operação para baixar ou elevar juros. Quando os juros são altos, quem tem dinheiro lá fora ou aqui dentro, em primeiro lugar, vai querer ganhar dinheiro com dinheiro.

Então, taxa de juros alta favorece investimento financeiro, impede consumo, Senador Mão Santa. Quem é que compra no crediário com os juros de 3%, 4%, 5%? Quanto mais alta a taxa de juros, menor a clientela para comprar no crediário, porque a taxa de juros é alta. A taxa de juros alta inibe consumo, inibe investimento. Quem é que vai tomar dinheiro emprestado a juros altos para fazer investimento se não tem a quem vender, porque o crediário é de taxa elevada e impede o crescimento do número de compradores e se, para fazer o investimento, vai-se pagar muito caro pelo dinheiro que se tomou emprestado? Pagar caro pelo dinheiro que tomou emprestado para produzir e não ter certeza de que vai vender com lucro aquilo que produziu. Veneno puro. Taxa de juros, para quem quer fazer crescer 5% ao ano a economia de um País, tem que ser objeto fundamental de preocupações. E, neste Governo, a taxa de juros vem sendo objeto de preocupação pequenina.

Há vezes dentro do próprio Governo – para não falar na voz da Oposição, que há quatro anos briga

pelo abaixamento da taxa de juros por entender isso tudo – que pugnam, que brigam pelo abaixamento da taxa de juros.

Tem razão o Presidente do IPEA quando fala que não vai haver crescimento de 5% antes de 2017 porque a taxa de juros não deixa. Não deixa a taxa de juros e não deixa o quê, Presidente Heloísa Helena? Não deixa a carga tributária, aquele PIS, aquele Cofins, aquela taxa de juros e aquela carga tributária pela qual é responsável o Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A taxa de juros é comandada pelo Governo. E a taxa de juros é estratosférica – como já foi até mais, hoje está menor – por culpa ou do comando ou por comando do Governo do Presidente Lula. É da responsabilidade dele. Não é herança maldita coisa nenhuma, é coisa do Governo dele. E a carga tributária? Ao longo do Governo dele, só fez subir. Só fez subir! Estamos beirando 40% de carga tributária.

Senador Mão Santa, se se quer promover crescimento, tem que se fazer investimento e retomar o crescimento do País. Para retomar o crescimento, é preciso fazer investimento. Qual é a empresa que vai fazer investimento com a taxa de juros alta e com a carga tributária da ordem de 38%, que transforma o Governo em sócio de qualquer empreendedor? Não há ninguém. As empresas vão investir na Malásia, na Tailândia, no México, onde a carga tributária é muito menor. E aqui no País quem vai investir? Alguns heróis, alguns heróis, que, ainda com a carga tributária e com a taxa de juros a que estão submetidos, ainda resistem e fazem algum tipo de investimento, mas lutando contra a maré.

Presidenta Heloísa Helena, o Presidente do IPEA, com cuja opinião concordo inteiramente, está fazendo, como eu, um alerta. Não estou querendo que o Governo não dê certo. Pelo contrário, para dar certo – não o Governo, mas as atitudes que quer tomar para beneficiar o povo brasileiro –, eu, como opositorista, estou aqui para somar, mas não me venha com conversa fiada, com marketing, com propaganda, com bravata, porque, da Oposição, vai encontrar a contestação. Não venha com enganação, não venha. Não venha com promessa de crescimento de 5% e se mande para a Venezuela, para fazer campanha político-eleitoral e ideológica para o Chávez. Não me venha, inclusive porque não pense que eu não sei o que você sabe e tem a obrigação de saber: se hoje fôssemos capazes de crescer 5% ao ano, daqui a dois, três, quatro, cin-

co meses haveria o apagão, porque há quatro anos o marco regulatório levado a efeito por este Governo para o setor elétrico impediu investimentos privados na geração de energia elétrica. Não se produz energia elétrica investindo agora para colher amanhã. Produz-se, investindo cinco anos atrás para colher à frente. Falar em crescimento de 5% significa falar em apagão, em restrição de energia elétrica, porque não se tomou, há pouco tempo, a providência para fazer os investimentos; pelo contrário, impediram-se os investimentos por um marco regulatório, que privilegiou o setor público em detrimento do capital privado que queria investir e não investiu por insegurança.

Ouçó, com muito prazer, o Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador José Agripino, sem dúvida alguma, V. Ex<sup>a</sup> é uma das inteligências mais privilegiadas que nesses 180 anos passou por aqui e, mais ainda, encarna aquilo que Shakespeare disse: somar a experiência à ousadia da juventude. V. Ex<sup>a</sup> é um político jovem, muito experimentado, que esteve no Executivo brilhantemente, de onde saiu e depois – o que me impressionou – V. Ex<sup>a</sup>, forjado no trabalho, foi para o Maranhão dirigir uma multinacional, produtora. Sabemos como a multinacional raciocina e antevê as coisas. Há quatro anos, V. Ex<sup>a</sup> dizia que tomássemos cuidado com a propaganda enganosa da mamona, como o combustível do futuro, como disse o Duda Goebbels Mendonça do Lula. Lá, no Piauí, acreditaram na mamona. Está tudo arrasado. Não existe nada. V. Ex<sup>a</sup>, na sua praticidade e competência, dizia: “Vão ao supermercado, olhem os produtos vegetais e vejam como são caros. O óleo vegetal vai ser caro”. Está lá: inviável! Acreditaram na propaganda enganosa, na televisão. Mentiram, mentiram, mas vai chegar um dia em que a verdade virá. Como aprendemos no Nordeste, é mais fácil tapar o Sol com a peneira do que esconder a verdade. O que enfrentamos é isto: não tem crescimento porque não tem. Estão aí a realidade e os números. Veja V. Ex<sup>a</sup>, que é engenheiro. Nos números, só ganhamos do Haiti, que está em guerra. Assim mesmo, é uma desgraça para trazer um aprendizado! No Haiti, gastamos muito dinheiro a fim de manter o Exército a pedido do Bush, para o Brasil ganhar uma cadeira na ONU, e o Lula mandar um companheiro do PT. Aqui há uma guerra pior que a do Haiti. Li, hoje, na mídia que o número de homicídios está aumentando. Há uma guerra interna, e mandamos para o Haiti todo aquele dinheiro, que poderíamos investir na segurança, obedecendo a Norberto Bobbio, que diz que o mínimo

que se tem de exigir de um Governo é a segurança à vida, à liberdade e à propriedade. E o Governo não dá. Só para complementar: não vai ter e não vai ter mesmo. Não é pessimismo, não. Eu sou otimista. Sou como Juscelino, médico-cirurgião, mas não acredito nesse pessoal que não acredita no estudo! Colocaram na cabeça que o Presidente é bom e sabe mais do que quem estuda. Não sabe, não! Ele pode saber mais que a média, mas não sabe mais que o Senador José Agripino! V. Ex<sup>a</sup> é a luz e a salvação deste País. Depois da tempestade, vem a bonança. Quero falar sobre a realidade, sobre o que é verdade. Quando fui Governador do meu Estado, fui buscar a Ceval lá em Gaspar, Santa Catarina; depois, a Bunge. Levamos a primeira multinacional para transformar a soja em derivados, em margarina, em óleo. Agora ela vai sair do Piauí e vai para a Argentina por esses motivos que V. Ex<sup>a</sup> está citando. Vim agora da Argentina e vi como eles estudam. É um país em que às quatro horas da manhã as livrarias estão abertas, e as crianças e jovens estão comprando livros. Aqui o Presidente da República diz que ler uma página de livro cansa, que é melhor fazer uma hora de esteira. Então, estamos ouvindo essa baboseira. Ganhou a eleição? Ganhou, mas eleição não quer dizer crescimento. A realidade é que só ganhamos do Haiti. Vou lhe dar, para juntar à sua sabedoria, um raciocínio. Prefiro ficar com V. Ex<sup>a</sup>. Aliás, ontem mesmo anunciei que V. Ex<sup>a</sup> tem um destino como o de Abraham Lincoln, que, conforme a história – é bom o mineiro aprender isso –, candidatou-se à vice-presidência da República. Estudem a biografia de Abraham Lincoln! Os correligionários foram lhe dizer que era preciso comprar um colégio eleitoral, setenta votos, mas eles queriam um dinheirinho. Lá já havia esse negócio que chegou até aqui. Abraham Lincoln disse: “Não tenho esse dinheiro, mas, mesmo se tivesse, não daria porque é contra meus princípios”. Perdeu a convenção de candidato a vice-presidente da República. Mas, depois, o partido dele, o Partido Republicano, foi buscá-lo para ser presidente da República. O destino pode estar lhe preparando isso. V. Ex<sup>a</sup> quase saiu vice-Presidente. Não deu certo, mas poderá ser. Como disse Winston Churchill, política é assim. Ele disse que o único animal que ressuscita é o homem, por meio da política. Então, V. Ex<sup>a</sup> não ganhou a indicação para vice-Presidente, mas pode vir a ser. Está certo o raciocínio de V. Ex<sup>a</sup> quando diz que não cresce. Sobre educação, está publicado na **Folha de S. Paulo**, atentai bem: 37% dos jovens brasileiros não

têm ensino fundamental completo. Todos os países que V. Ex<sup>a</sup> citou investiram na educação. O Japão tem 600 universidades. Lá, quase todos são doutores. Em Buenos Aires, capital do país vizinho, também há muitas. Então, 37% dos jovens brasileiros não têm o ensino fundamental. Aqui existem as pragas dos juros altos, dos impostos mais altos do mundo e da corrupção, o pior inimigo que destrói a democracia e vai destruir esta Nação. Ou destruímos a corrupção, ou ela acabará com a Nação. Fico com Ulysses Guimarães, que disse: “O cupim que destrói a democracia é a corrupção”. E a corrupção está no Congresso, no Poder Executivo e em toda parte que o PT domina.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO (PFL – RN)** – Quero lhe agradecer, Senador Mão Santa, a generosidade para com a minha pessoa e também a substância do seu aparte. V. Ex<sup>a</sup> lembra uma coisa que eu disse há algum tempo.

Não fui dirigente de uma empresa multinacional. Era dirigente de uma empresa brasileira, nordestina, que, lá entre Piauí e Maranhão, fazia exploração do coco babaçu, exploração integral. Pegava o coco babaçu e separava os diversos componentes: o epicarpo, que é a fibra; o mesocarpo, que é a farinha amilácea; o endocarpo, que é o núcleo linhoso; e as amêndoas. Das amêndoas, se produzia o óleo vegetal, apropriado para o biodiesel, e a torta, complemento protéico para ração animal; do endocarpo se fazia por destilação coques siderúrgico; da farinha amilácea, álcool; e da fibra, elemento combustível. Trabalhei durante muito tempo nisso e acho que dei uma contribuição ao desenvolvimento tecnológico do aproveitamento tecnológico do coco babaçu, que é nativo no Estado de V. Ex<sup>a</sup>. Talvez por isso eu tenha omitido uma opinião. Pelo fato de eu ter tido no começo da minha vida profissional uma experiência empresarial, da qual me orgulho muito, porque tive lá boas experiências e adquiri consistência na labuta diária, é que aprendi fundamentos econômicos para dizer o que eu disse. Não adianta querer fazer o biodiesel fundado na cultura da mamona. A mamona é cultura exaurente de solo. Ela, plantada, em dois, três anos, o solo onde ela foi plantada esta exaurido e o custo da recuperação do solo é altíssimo. Fundar-se uma indústria do biodiesel para produção de combustível baseado em mamona é absolutamente inviável. Para se produzir fluido de freio para aeronave, que custa caro, justifica-se a produção do óleo de mamona, que é óleo de rícino, mas para biodiesel, não. É uma questão de economicidade. Talvez com o pinhão



manso, com o girassol, com o babaçu, o biodiesel tenha êxito. E espero que tenha, porque é uma coisa boa para o Brasil. Agora com soja, com mamona, não venham com enganação. Isso é bravata. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> a manifestação.

E quero dizer, para concluir, Presidente Heloísa Helena, que vamos ficar nessa trincheira da Oposição para onde o povo nos mandou, contestando as bravatas, contribuindo para o aperfeiçoamento de idéias, denunciando, fiscalizando, cobrando para desempenhar o papel que nos compete de Oposição. No regime democrático, tão importante quanto governar bem é fazer oposição bem feita no sentido construtivo.

E aqui estou para dizer: não adianta o Presidente, da boca para fora, oferecer a perspectiva de crescimento de 5% para embriagar o povo brasileiro. Não! Não dá! Não dá por culpa dele. Não tomou providências no passado recente para gerar energia, não dá para prometer 5% porque o gargalo do apagão acontece. Não dá para prometer, porque não cuidou de abaixar os juros e porque a carga tributária do Brasil é campeã no mundo por culpa do Governo.

Estaremos aqui o tempo todo, como estamos há quatro anos, vigiando a carga tributária, vigiando a taxa de juros e vigiando o funcionamento das agências reguladoras, para que elas, humilhadas, não sejam impedidas de fazer aquilo que é preciso fazer: a fiscalização de serviços públicos, desde a concessão de uma rodovia até a concessão da geração de energia elétrica.

Com essas palavras, Senador Mão Santa, fica aqui o nosso permanente compromisso de fazer oposição com serenidade, com responsabilidade, visando ao interesse coletivo do povo do Brasil.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Agripino.

Tem a palavra o Senador Eduardo Azeredo, para uma comunicação pela Liderança.

Enquanto S. Ex<sup>a</sup> chega à tribuna, tem a palavra, pela ordem, o Senador Paulo Paim.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pela ordem. Sem revisão do orador) – Senadora Heloísa Helena, eu encaminhei à Mesa, tenho certeza de que em nome dos três Senadores do Rio Grande, um voto de pesar pela morte de Isaac Ainhorn, Secretário do Planejamento Municipal de Porto Alegre,.

Isaac Ainhorn, Sr<sup>a</sup> Presidente, infelizmente, faleceu hoje pela manhã. Advogado e professor da Universidade Ritter dos Reis, estava em seu sexto mandato

na Câmara Municipal de Porto Alegre. Sua primeira eleição, como suplente do PDT, foi em 1982 e presidiu o Legislativo em 1996. Atualmente, estava licenciado em função da doença. Isaac era casado com Landa Almeida Ainhorn e deixa três filhos. Seu corpo será velado a partir das 15 horas, no Plenário Otávio Rocha da Câmara (Avenida Loureiro da Silva, 255 – 2º piso). O sepultamento está previsto para amanhã, quarta-feira, às 10 horas, no Cemitério Israelita de Porto Alegre.

Isaac era um lutador, um homem comprometido com as causas populares, um homem que esteve sempre à frente da luta contra os preconceitos. Ele lutou muito em defesa do povo judeu. Mas, em todos os eventos, Senadora Heloísa Helena, em que estavam judeus e palestinos, lá estava Isaac Ainhorn, do seu ponto de vista, buscando a igualdade, a liberdade e a justiça.

Faço este registro com muito carinho, porque me considerava amigo pessoal do Isaac.

Como disse na abertura, Senador Zambiasi, o requerimento é encaminhado em nome dos três Senadores.

O Senador Zambiasi, com certeza, também fará uma colocação, não simplesmente como uma saudação, mas registrando toda a solidariedade do povo gaúcho, de todos os homens e mulheres do Brasil e do mundo que têm a mesma luta: a luta pela paz, pela liberdade, pela igualdade e pela justiça.

Termino dizendo que o Isaac é daqueles homens que nunca morrem, porque as suas idéias estarão sempre junto de nós.

Obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. PSOL – AL) – A Casa compartilha do pesar de V. Ex<sup>a</sup>, e a Presidência encaminhará o voto solicitado para a sua esposa, Sr<sup>a</sup> Landa Maria Lopes de Almeida.

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI** (PTB – RS) – Sr<sup>a</sup> Presidente,...

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. PSOL – AL) – Pela ordem, tem a palavra o Senador Zambiasi, antes do Senador Azeredo, para encaminhar o requerimento.

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI** (PTB – RS. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Eu queria me associar à manifestação do Senador Paim, agradecendo a compreensão do Senador Azeredo.

Eu, como o Senador Paim, como o Senador Simon e como todos os gaúchos, especialmente os porto-alegrenses, conhecíamos o Vereador Isaac Ainhorn

há muito anos. Eu tinha uma relação pessoal com ele, e estávamos juntos na administração da Prefeitura de Porto Alegre. Nesses últimos dois anos, Isaac foi Secretário de Governo do Município de Porto Alegre em reconhecimento ao seu histórico, ao seu trabalho.

Não podíamos deixar de fazer este registro aqui, Presidente Heloísa Helena, pelas relações pessoais e políticas que o Isaac construiu com toda a sociedade. Como bem manifestou o Senador Paim, Isaac era representante da comunidade israelita, do povo judeu, e eu lembro, Senador Paim, ainda como Presidente da Assembléia, que quando nós construímos uma capela comunitária e reunimos os segmentos religiosos da capital gaúcha, lá estava o Isaac, representante da Câmara de Vereadores, defendendo a pluralidade, que considero fundamental.

Então, ele deixa uma belíssima história com todas as comunidades, especialmente com o povo porto-alegrense.

Não podíamos deixar de fazer este registro. A notícia nos surpreendeu! Todos sabíamos da sua doença, porém o evento sempre nos surpreende, como aconteceu hoje com todos nós, seus amigos.

Quero agradecer ao Paim por nos dar a chance de fazermos essa manifestação em nome do povo gaúcho.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – A Casa compartilha da emoção de V. Ex<sup>a</sup> e do requerimento dos três Senadores.

Lembra o Senador Paulo Paim que o Senador Pedro Simon assina também o requerimento.

Antes de passar a palavra ao Senador Eduardo Azeredo, quero registrar que esteve aqui presente no plenário – o Senador Paim o conhece também – o Presidente da Afrobras, Sr. José Vicente. A Afrobras é uma das mais importantes escolas do País, uma das mais importantes faculdades, onde existe o maior percentual de estudantes negros, brilhantes. Trata-se de um trabalho muito importante que a Afrobras faz. Sem educação não há liberdade. O Sr. José Vicente esteve conosco, e é muito importante que seja registrada a sua presença.

Tem a palavra V. Ex<sup>a</sup>, Senador Eduardo Azeredo, pelo tempo que entender necessário ao seu pronunciamento.

**O SR. EDUARDO AZEREDO** (PSDB – MG. Pela Liderança do PSDB. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente Senadora Heloísa Helena,

quero abordar aqui um assunto da maior relevância para o País, principalmente se considerarmos os últimos acontecimentos que acabaram por colocar em xeque as relações entre o governo nacionalista de Evo Morales, na Bolívia, e o Governo brasileiro nas questões de gás natural.

Conforme matéria “Busca por gás dispara em Minas”, publicada no último domingo, 5 de novembro, pelo jornal Hoje em Dia, de Belo Horizonte, “os resultados preliminares dos levantamentos aerogeofísicos indicam a existência de estruturas geológicas com grande potencial para a existência de gás natural ou até mesmo petróleo”, afirma Marcelo Fonseca, Diretor da Oil M&S Brasil, companhia Argentina que arrematou 22 blocos no leilão realizado pela ANP, na Bacia do São Francisco.

A partir de bases em Montes Claros, no norte de Minas, Araxá, no Alto Paranaíba e Belo Horizonte, região central, cerca de 30 especialistas, alguns internacionais, com experiência em bacias proterozóicas esquadriharam 65mil quilômetros quadrados correspondentes aos 22 lotes da empresa e reforçaram as análises preliminares quanto ao grande potencial da área.

O potencial estimado preliminarmente é de 3 trilhões de metros cúbicos de gás natural.

No leilão de lotes exploratórios realizado em 2005 pela ANP foram colocados em oferta 126 mil quilômetros quadrados de 43 blocos da Bacia do São Francisco, arrematados pelos seguintes consórcios: Petrobras/*British Gas Energy*, 6 blocos, R\$9,7milhões; Orteng/*Logos Eng./Codemig/Del Eng.*, 22 blocos, R\$220,2mil e Tarmar, 1 bloco, R\$83mil.

Apenas pelo bloco T-102 a estatal brasileira ofereceu R\$5,7milhões, numa nítida estratégia de aquisição de áreas específicas, num total de seis blocos de 17,7mil quilômetros quadrados, planejando perfurar o primeiro poço exploratório na região em 2008, antecipando em quase três anos o prazo limite previsto pelas regras de concessão de lotes exploratórios.

Pretende a Petrobras investir até o final de 2007 nessa região aproximadamente US\$21milhões em pesquisas na Bacia do São Francisco, confirmando as hipóteses levantadas por um estudo realizado pela empresa mineira Geobrás e divulgado, em outubro de 2005, pelo jornal **Hoje em Dia**.

Confirmadas as previsões, segundo dados da ANP, as atuais reservas de gás natural do Brasil, que hoje perfazem um total de 306,4 bilhões de metros cú-

bicos, aumentariam em 10 vezes, passando para 3,3 trilhões, o que colocaria o Brasil entre os principais produtores de combustível do mundo.

Outro fato a ser salientado é que a descoberta de jazidas comerciais de gás natural ou petróleo na Bacia do São Francisco poderá alterar positivamente as economias local e regional, de acordo com o diretor técnico da Orteng, José Luiz Aguiar, uma vez que será necessário construir plantas de tratamento de combustível e infra-estrutura de conexão com os centros de consumo e “dependendo da quantidade, seria necessário um gasoduto”, ligando aos grandes centros consumidores.

E por fim, a região seria extremamente beneficiada com o recebimento dos *royalties*, cujo cálculo é feito em base na produção mensal dos campos de petróleo ou gás, em preços internacionais, cotados em dólares americanos.

A alíquota dos *royalties* pode variar entre 5% a 10% da produção.

Nos campos em terra, da parcela de até 5%, 70% vão para os estados, 20% para os municípios produtores e 10% para os municípios com instalações de embarque e desembarque de petróleo e gás natural.

Da parcela que ultrapassa os 5%, os estados produtores recebem 52,5% e não 70%, enquanto 25% vão para o Ministério de Ciência e Tecnologia, 15% para os municípios produtores e 7,5% para os demais municípios afetados pela atividade de embarque e desembarque.

Essas são as regras que funcionam hoje para a exploração de gás e petróleo.

Para ilustrar a magnitude dessa receita, em 2005, foram distribuídos em *royalties* sobre a produção de petróleo e gás natural R\$6.200 bilhões de reais, dos quais, quase R\$2 bilhões para os Estados; os outros R\$2.110 bilhões para os municípios, R\$1.699 bilhões para a União e R\$ 411 milhões para o Fundo Especial, que rateia *royalties* entre Estados e territórios não produtores.

Diante do exposto, Sr<sup>a</sup> Presidente, Srs. Senadores, fica clara a importância da Bacia do São Francisco, conforme as matérias que vou deixar também junto ao meu discurso e que dizem: “Busca por gás dispara em Minas”; “Petrobras quer abrir poço em Minas até 2008”; “Viabilidade econômica do gás da região é a incógnita”; “A esperança de emprego e medo de invasão dividem a comunidade”; “Jazidas podem impulsionar a economia”. São matérias muito completas que mostram

a importância que poderá ter para o norte de Minas essa possível exploração de gás.

Torcemos para que realmente as perspectivas sejam positivas. Essa região de Minas é exatamente a mais necessitada, onde temos o IDH mais baixo, onde as carências são maiores. Então, no norte de Minas e no Vale do Jequitinhonha, que são as regiões mais necessitadas, neste caso, na Bacia do São Francisco, teríamos, portanto, uma exploração de gás natural de grande importância, inclusive para garantir autonomia e total independência do País no tocante ao gás natural.

Quero ainda registrar aqui a constante luta por essa exploração de gás natural do ex-Deputado Federal Genival Tourinho, que é natural do norte de Minas e que sempre me alertou para essa questão da importância de estarmos levantando sempre, junto à ANP, junto à Petrobras, a exploração desses campos de gás. Já existe um afloramento de gás na cidade de Montalvânia, na própria região de Januária. Em toda essa região, temos já sinais claros da existência do gás; o que falta é exatamente quantificar e levantar se é realmente explorável comercialmente e economicamente.

O ex-Deputado Genival Tourinho, como uma pessoa sempre ligada a essa região do norte de Minas, disse-me que não poderia, de maneira alguma, deixar de estar dentro dessa luta, e o faço com muito prazer, já que o norte de Minas é uma região, como eu disse antes, que necessita muito da ação pública, e a presença de um manancial de gás, uma exploração de gás natural na região iria trazer, realmente, uma modificação muito grande para toda a população local.

Sr<sup>a</sup> Presidente, para que conste dos Anais do Senado Federal, requeiro que a matéria citada, que encaminho agora, seja considerada parte integrante deste pronunciamento, desejando que possamos ter sucesso na exploração do gás em Minas Gerais e que isso ajude o Brasil a ficar mais independente e não sujeito à decisão pessoal de Evo Morales e outras questões que estão acontecendo no caso da Bolívia.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O  
SR. SENADOR EDUARDO AZEREDO EM  
SEU PRONUNCIAMENTO**

(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**AVANÇO** Levantamentos iniciais reforçam otimismo dos vencedores do leilão da ANP para pesquisa na Bacia do São Francisco

# Busca por gás dispara em Minas

**RAFAEL SÂNZIO**  
REPÓRTER

Um ano após o leilão de áreas de concessão para a pesquisa de petróleo e gás natural na Bacia do São Francisco, que abrange 126 mil quilômetros quadrados das regiões Centro-Oeste, Noroeste e Norte de Minas Gerais, começam a surgir novos indícios de que os moradores dos 153 municípios da área - alguns extremamente pobres - podem estar sobre uma das maiores riquezas naturais do planeta. Conforme Marcelo Fonseca, diretor da argentina Oil M&S Brasil, companhia que iniciou pesquisas nos 22 lotes que arrematou na Bacia do São Francisco em 17 de outubro do ano passado, há motivos para otimismo. "Uma primeira análise dos dados recentemente adquiridos reforçou nossa convicção quanto ao grande potencial da bacia", revela.

As pesquisas da Oil M&S estão em fase preliminar, mas já foram coletados dados por meio de sensores especiais instalados em aviões. A partir de bases em Montes Claros, no Norte de Minas; Araxá, no Alto Paranaíba; e Belo Horizonte, na região Central, cerca de 30 especialistas contratados pela companhia esquadrinharam por via aérea os 65 mil quilômetros quadrados correspondentes aos 22 lotes da empresa.

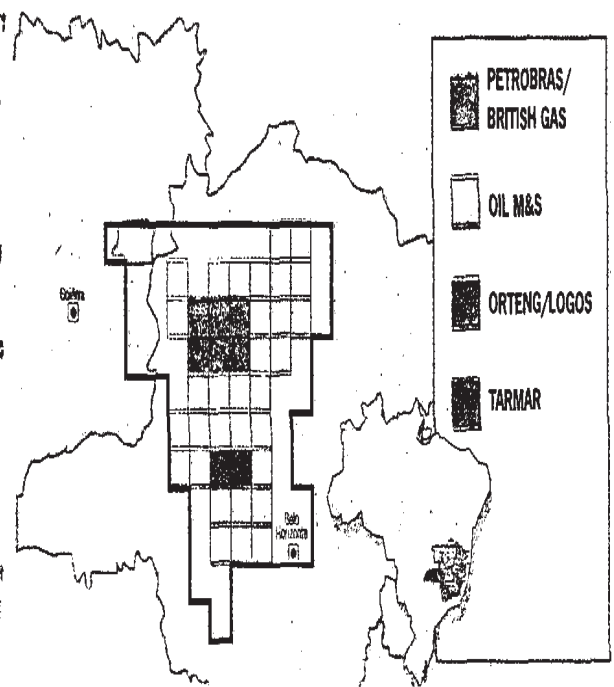
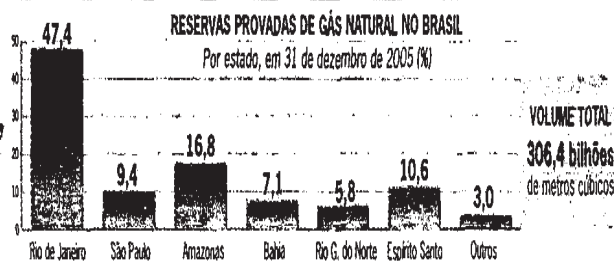
E o que os técnicos da Oil M&S detectaram do alto foi mais do que suficiente para insuflar o otimismo na companhia. Conforme Fonseca, os resultados preliminares dos levantamentos aerogeofísicos - feitos de aviões - indicam a existência de estruturas geológicas com grande potencial para a existência de gás natural ou até mesmo petróleo. "Apesar da limitação de informações mais detalhadas existentes, com base nos poucos dados que temos e considerando o grande número de emanções de gás que ocorrem por toda a área de concessão, a Oil M&S Brasil tem confiança no grande potencial dessa bacia", afirma o executivo. Ele ressalta que esta é a visão técnica não só da equipe da Oil M&S, como de especialistas internacionais com experiência em bacias proterozóicas.

De acordo com Fonseca, os aerolevantamen-

## OURO NEGRO

Quem aposta na Bacia do São Francisco

| VALOR PAGO PELO DIREITO DE PESQUISA |                             |  |                         |   |
|-------------------------------------|-----------------------------|--|-------------------------|---|
| Por empresa                         |                             |  |                         |   |
| Petrobras/British Gas               | Oil M&S                     | Orteng/Logos, Engenharia/Codemig/Deip Engenharia | Tarmar                  | Geobrás   |
| R\$ 9,7 milhões por seis blocos     | R\$ 220,2 mil por 22 blocos | R\$ 22,5 mil por um bloco                        | R\$ 83 mil por um bloco | Desclassificada após o leilão, tinha oferecido R\$ 1,9 milhão por nove blocos |



tos - que mediram variações de campo magnético (aeromagnetometria) e gravitacional (aerogravimetria) - foram concluídos em outubro, após detalhado planejamento realizado em junho. "Iniciamos agora a terceira fase, o processamento dos dados adquiridos. Em seguida passaremos para a última fase desse primeiro programa, que será a interpretação dos dados", planeja. "Nossa expectativa é concluir essas duas fases ainda até o final de 2006. Com isso, seremos a primeira empresa a concluir o Programa Exploratório Mínimo (PEM) antes do primeiro ano de vigência do contrato de concessão."

A perfuração de poços, porém, que confirmaria a existência de reservas com potencial comercial, ainda não foi incluída no cronograma da Oil M&S. De acordo com Fonseca, após a interpretação dos dados do aerolevantamento, será possível identificar áreas com maior potencial exploratório, nas quais serão feitas pesquisas sísmicas - geram um perfil do subsolo - a partir do ano que vem, com a posterior definição de um programa de perfuração de poços.

Os sinais promissores identificados pela Oil M&S reforçam a hipótese levantada por um estudo mais antigo, realizado pela mineira Geobrás antes do leilão de áreas da Bacia do São Francisco, e divulgado em primeira mão pelo HOJE EM DIA em outubro de 2005, de que a região teria reservas de gás da ordem de três trilhões de metros cúbicos. A se confirmar esta possibilidade, as reservas provadas de gás natural do Brasil, hoje de 306,4 bilhões, conforme dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP), aumentariam em dez vezes, o que colocaria o país entre os principais produtores do combustível no planeta.

A Geobrás participou do leilão com ofertas vencedoras para nove blocos da Bacia do São Francisco, mas foi desclassificada por não apresentar documentos exigidos na licitação. As nove áreas arrematadas pela empresa poderão ser leiloadas novamente pela ANP, mas não há data marcada.

**PRESSA** Prazo para perfuração antecede em três anos o limite previsto na concessão de lotes na Bacia do São Francisco

# Petrobras quer abrir poço em MG até 2008

**RAFAEL SÂNZIO**  
REPÓRTER

Enquanto executivos da argentina Oil M&S Brasil estão otimistas com os estudos realizados na Bacia do São Francisco, o consórcio Petrobras/British Gas Energy, que arrematou seis blocos com área de 17,7 mil quilômetros quadrados na licitação do ano passado, planeja perfurar o primeiro poço exploratório na região em 2008. A abertura do poço antecede em quase três anos o prazo limite previsto pelas regras da concessão de lotes exploratórios.

Conforme as cláusulas do contrato firmado junto à Agência Nacional do Petróleo (ANP), as companhias têm até quatro anos para a primeira etapa de exploração, que envolve pesquisas geológicas e geofísicas, por exemplo. Após esta fase, devem decidir se perfuram poços exploratórios nos blocos arrematados ou se devolvem a concessão à ANP.

E o Brasil tem pressa de encontrar gás natural em seu território. Depois do imbróglio provocado pelo governo nacionalista do boliviano Evo Morales, que colocou em xeque o abastecimento de gás natural importado da Bolívia para o Brasil, esta se tornou uma questão premente.

Conforme a empresa, até o final do ano que vem serão aplicados US\$ 21 milhões na pesquisa inicial da Bacia do São Francisco, que será concluída ao longo de 2007. Até o momento, a Petrobras reali-

zou apenas uma pesquisa geológica de campo na Bacia do São Francisco e todos os trabalhos estão centralizados no Rio de Janeiro. A partir do ano que vem, quando a Petrobras iniciará pesquisas sísmicas, uma equipe deverá ser deslocada para a região por seis a nove meses, dependendo da quantidade de dados que será adquirida.

A Petrobras já tem experiência com a Bacia do São Francisco, pois realizou as primeiras pesquisas na área no final da década de 70, devido à existência de emanações de gás natural na superfície do solo. Conforme a companhia, até 1997 foram investidos US\$ 29 milhões na região, com levantamento de 2.815 quilômetros de dados sísmicos e perfuração de quatro poços exploratórios.

Os trabalhos, contudo, não foram conclusivos. Há quase dez anos, a Petrobras teve que suspender as pesquisas na região, pois a nova Lei do Petróleo, que entrou em vigor em agosto de 1997, estabeleceu que as companhias só poderiam fazer pesquisas em áreas concedidas pela Agência Nacional do Petróleo (ANP).

No leilão de lotes exploratórios do ano passado, quando a ANP colocou 126 mil quilômetros quadrados de 43 blocos da Bacia do São Francisco em oferta, a estatal con-

centrou os maiores lances em seis blocos, em uma nítida estratégia de abocanhar áreas específicas. O destaque ficou por conta do bloco T-102, pelo qual a Petrobras ofereceu R\$ 5,7 milhões.

## Orteng está em fase preliminar

As pesquisas do consórcio Orteng estão em fase preliminar. Conforme o diretor José Luiz Aguiar, no mês passado foi realizado um seminário com geofísicos e geoquímicos para análise dos dados existentes. Em janeiro, outro seminário dará a partida a novas pesquisas, como levantamento geofísico da região e pesquisas sísmicas - que permitem identificar o perfil do subsolo.

Até agora, o consórcio Orteng investiu US\$ 300 mil na Bacia do São Francisco, e há mais US\$ 600 mil já aprovados no orçamento. Além da Orteng, o consórcio conta com a participação da estatal Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais (Codemig) e das empresas privadas Logos Engenharia e Delp Engenharia Mecânica. A pesquisa envolve investimentos pesados.

**AGUIAR:** não se sabe se a exploração de gás será viável

pesquisa envolve investimentos pesados.

## Viabilidade econômica do gás da região é a incógnita

Que o gás natural existe na Bacia do São Francisco, não se discute. Conforme José Luiz Aguiar, diretor técnico da Orteng, que lidera um consórcio de empresas novatas na exploração de petróleo e que detém um dos lotes exploratórios da região, é certo que houve formação de gás natural no subsolo há milhões de anos. O que falta determinar, detalha, é a viabilidade comercial da potencial reserva existente, o que justificaria investimentos milionários em poços e infraestrutura de transporte, como

gasodutos.

A comprovação da existência de gás natural na área são as emanações que ocorrem em vários pontos, em terra e na água. Em alguns lugares, as bolhas de gás geradas no fundo de lagoas e rios dão aparência de fervura à água.

No bloco exploratório arrematado pela Orteng na Bacia do São Francisco, perto do Rio Indaiá, no município de Morada Nova, não é diferente. Conforme Aguiar, é exatamente no leito do rio que se formam bolhas. "As emanações existem há

séculos", afirma. "O que precisamos saber é se há reservatório com potencial comercial. Pode ser que o que sai hoje seja o final de um gás que vazou todo."

De acordo com Aguiar, os estudos realizados na área precisam determinar a possibilidade de existência de uma "armadilha", que teria aprisionado o gás natural em um bolsão no subsolo. Essa estrutura geológica teria o formato de um cone e seria composta por material impermeável capaz de impedir a fuga para a superfície do cobinado combustível.

## Esperança de emprego e medo de 'invasão' dividem a comunidade

**GIRLENO ALENCAR**  
DA SUCURSAL

**S**ANTA FÉ DE MINAS - As 45 famílias que residem na comunidade de Remanso do Fogo, na zona rural de Santa Fé de Minas, às margens do Rio Paracatu, Norte do Estado, estão divididas sobre as perspectivas de exploração das reservas de gás natural e, eventualmente, até de petróleo. Enquanto alguns se animam com a expectativa de melhorar de vida, com os empregos e benefícios que poderiam ser gerados pelos investimentos, outros temem a perda da tranquilidade de que desfrutam, em consequência da invasão de profissionais para atuar na exploração das reservas.

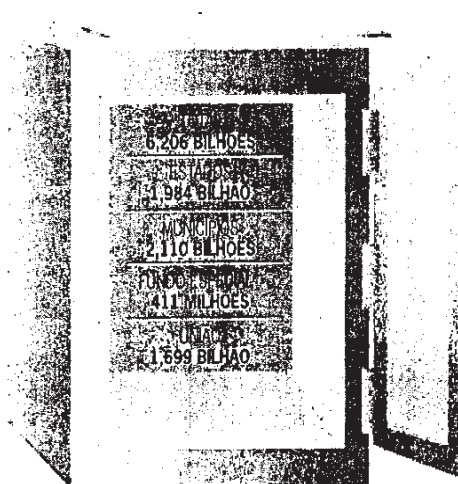
'Remanso quer dizer tranquilidade, e o local sempre foi sinônimo de paz. Tememos perder esta condição', sintetiza Anália Ribeiro da Cruz, única professora da comunidade. 'Temos que ter consciência de que não temos pessoas capacitadas para trabalhar na exploração do gás e que a consequência direta é que os moradores daqui serão desapropriados e retirados para dar espaço à exploração', diz a professora.

Ela é contestada pelo pescador Salvandir Barbosa Santos, o Dinho, 38 anos, que vive a expectativa de os investidores chegarem a galope, 'trazendo o progresso e dando empregos para todos'. Principal guia para quem pretende conhecer as emanações de gás em Remanso do Fogo, Dinho garante que o produto é abundante na região. 'Nós já montamos um trend aqui, que é formado por quatro tijolos e uma gradinha e colocamos fogo, servindo para fazer café e cozinhar o feijão', conta o pescador. 'colocamos fogo, servindo para fazer café e cozinhar o feijão', conta o pescador.

Menos otimista, o pai do pescador, Odorico Barbosa dos Santos, 72 anos, há 61 morando na região, lamenta

## COFRE CHEIO

Distribuição de royalties sobre a produção de petróleo e gás natural



ROYALTIES POR ESTADO (R\$, 2005)

|                     |               |
|---------------------|---------------|
| Amazonas            | 143 milhões   |
| Ceará               | 13,9 milhões  |
| Rio Grande do Norte | 181 milhões   |
| Alagoas             | 34,8 milhões  |
| Sergipe             | 74,6 milhões  |
| Bahia               | 148,1 milhões |
| Espírito Santo      | 57,2 milhões  |
| Rio de Janeiro      | 1.318 milhão  |
| São Paulo           | 4,1 milhões   |
| Paraná              | 8,6 milhões   |

### PAGAMENTOS A PROPRIETÁRIOS DE TERRA\*\*

| ESTADO              | PROPRIETÁRIOS<br>REGULARIZADOS | PAGAMENTO<br>TOTAL (R\$, EM 2005) |
|---------------------|--------------------------------|-----------------------------------|
| Amazonas            | 42                             | 5,3 milhões                       |
| Ceará               | 1                              | 23,4 milhões                      |
| Rio Grande do Norte | 306                            | 16 milhões                        |
| Alagoas             | 3                              | 434,7 mil                         |
| Sergipe             | 97                             | 6,5 milhões                       |
| Bahia               | 604                            | 27 milhões                        |
| Espírito Santo      | 120                            | 6,1 milhões                       |
| Total               | 1.173                          | 84,9 milhões                      |

FONTE: ANP

EDITORIA DE ARTE

\* Fundo a ser distribuído entre todos os Estados, territórios e municípios

\*\* Participação sobre a produção de petróleo e gás natural. Os valores indicados como pagamento total referem-se a propriedades regularizadas (pagamento aos proprietários) e não regularizadas (depósito em poupança)

que, até o momento, não tenha havido interesse na exploração das reservas. 'Muitas vezes, veio gente da Petrobras aqui para sondagens. Ele abriram buracos na área de Pé do Morro, Vale das Aroeiras e entre Arinos e Cachoeira da Manteiga, mas nada fizeram depois disso', conta.

O comerciante Angenor José dos Santos, 55 anos, sempre foi cético quanto à possibilidade de exploração de gás em Remanso do Fogo, pois considera que o difícil acesso espanta os investidores. No entanto, ele acredita que a crise gerada pela nacionalização dos hidrocarbonetos na Bolívia, que afetou as operações da

Petrobras no país, levará a estatal brasileira a priorizar as reservas da Bacia do Rio São Francisco. Com a licitação feita pela Agência Nacional de Petróleo para a pesquisa e exploração de gás e petróleo na região, ele espera que finalmente a região atraia investimentos, o que seria a oportunidade para ampliar seu comércio.\*

Expectativa semelhante tem o vendedor Antônio Cardoso Neto, que vive em Jabá e, uma vez por mês vai a Remanso do Fogo oferecer de brinquedos a remédios. Assim que as primeiras estruturas para a exploração de gás forem montadas, ele pretende se mudar definitivamente

para o local. Na última quinta-feira ele foi até o leito do rio onde ocorre as emanações naturais do gás e ficou impressionado com o que viu.

### Fuga planejada

Já Carlos Alberto Borges de Assis, que mora em Orlândia (São Paulo) e tem sítio em Remanso do Fogo, traça a perspectiva contrária. Se as explorações começarem, a idéia é vender o sítio, usado para o descanso de fim de semana, adquirido em nome do sossego da região. 'Muitas pessoas virão trabalhar e, entre elas, pode vir algum feijão carunchado que pode prejudicar toda comunidade', teme.

## Jazidas podem impulsionar a economia

A provável descoberta de jazidas comerciais de gás natural ou petróleo na Bacia do São Francisco poderá alterar as economias local e estadual. Conforme o diretor técnico da Orteng, José Luiz Aguiar, se for encontrada alguma jazida com valor comercial, será necessário construir plantas de tratamento do combustível e infra-estrutura de conexão com os centros de consumo. "Dependendo da quantidade, seria necessário um gasoduto", observa.

A expectativa do diretor da Orteng é de que mais provavelmente a Bacia do São Francisco tenha um depósito gasífero, sem ocorrência de petróleo. O gás natural é encontrado na natureza associado ou não ao petróleo. Quando associado, está dissolvido no óleo sob a forma de capa de gás.

Além da infra-estrutura, a região receberia também os royalties - compensação - pela extração. De acordo com a Agência Nacional do Petróleo, o cálculo dos royalties é

feito com base na produção mensal dos campos de petróleo ou gás, preços internacionais e cotação do dólar.

A alíquota dos royalties pode variar entre 5% e 10% da produção. Nos campos em terra, da parcela de até 5% da compensação, 70% vão para os estados, 20% para os municípios produtores e 10% para os municípios com instalações de embarque e desembarque de petróleo e gás natural. Da parcela acima de 5%, os estados produtores recebem 52,5%, enquanto 25% vão para o Ministério de Ciência e Tecnologia, 15% para os municípios produtores e 7,5% para municípios afetados por operações nas instalações de embarque e desembarque de petróleo e gás natural.

Em 2005, foram distribuídos R\$ 6,206 bilhões em royalties sobre a produção de petróleo e gás natural. Deste total, R\$ 1,984 bilhão foram para os estados, R\$ 2,110 bilhões para os municípios e R\$ 1,699 bilhão para a União. O Fundo Especial, que rateia os

royalties entre estados e territórios não produtores, recebeu R\$ 411,1 milhões.

Não por acaso, o Rio de Janeiro, que detém expressivas reservas de petróleo e gás natural do país, ocupa a segunda colocação no ranking das economias estaduais.

Um dos casos emblemáticos do impacto da indústria petrolífera sobre a economia local está em Macaé, no Norte Fluminense. Conforme a prefeitura da cidade, desde que o município foi escolhido pela Petrobras para sediar as operações na Bacia de Campos, na década de 70, houve um salto de crescimento.

A prefeitura de Macaé registra que 4 mil empresas se instalaram no município, a população cresceu três vezes e houve implantação de hotéis de luxo na cidade. Conforme informações da prefeitura, a economia local cresceu 600% desde 1997. Hoje, Macaé tem um PIB per capita de R\$ 11 mil por habitante, cerca de 30% acima da média nacional.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL - AL) - V. Ex<sup>a</sup> será atendido na forma do Regimento.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB - PI) - Sr<sup>a</sup> Presidente, peço a palavra pela ordem.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL - AL) - Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Mão Santa.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB - PI. Pela ordem. Sem revisão do orador.) - Sr<sup>a</sup> Presidente, amanhã é 15 de novembro, então gostaria de lembrar aqui Deodoro, a República, e prestar uma homenagem a V. Ex<sup>a</sup>, que representa Alagoas. Deodoro veio de lá, como também Marechal Floriano, depois o Presidente Collor, e agora Alagoas nos deu Aldo e a primeira mulher que teve coragem de se candidatar, acreditando na República

e no povo. Talvez esta tenha sido a mais bela página de Alagoas de todos os tempos.

Mas não poderia deixar de falar do nosso Piauí, com todo o respeito ao Senador Azeredo, que aqui está. Sei do **Libertas Quae Sera Tamen**. Sei do sacrifício de Tiradentes, assim como desse povo bravo, os gaúchos, aqui tão bem representados pelos três Senadores, Sérgio Zambiasi, Pedro Simon e o nosso Martin Luther King, Paulo Paim. Não podíamos retirar da História porque a História não se faz em um dia: Bento Gonçalves, nos Farrapos, dez anos de luta e de glória; e traíram os negros, porque prometeram libertá-los. Mas os Lanceiros Negros mostraram a bravura e foi o começo.



Atentai bem, Brasil: sessão presidida pela Senadora Heloísa Helena, igualando-se ao Deodoro da Fonseca, ao Floriano Peixoto e aos outros, está aí na Presidência.

Mas o Piauí também tem que ser respeitado. Tudo começou na França, com “liberdade, igualdade, fraternidade”, em 1789. Dezesete anos antes, na capital do Piauí, Teresina, havia um jornal **A Ordem**, como na bandeira. Ele mudou o nome para **Oitenta e Nove**. Dezesete anos antes! O jornal circulou em Teresina, circulou no Brasil, obra de um profeta da República, o jornalista piauiense David Caldas.

Senadora Heloísa Helena, foi justamente 17 anos depois, em 15 de novembro de 1989. Mas já havia um jornal em Teresina, o **Oitenta e Nove**, para o que o povo brasileiro se inspirasse na coragem do povo de França, que foi às ruas gritando “liberdade, igualdade e fraternidade”. Caíram os reis, o absolutismo, e surgiram os Poderes Legislativos, Judiciário e Executivo. Essa é a democracia e a República. O governo do povo para o povo e pelo povo.

O profeta da República foi o jornalista piauiense David Caldas. Homenagem aos que fazem e aos que acreditam na República, que hoje vive um dos grandes dias, quando, neste instante grandioso do Poder Legislativo, ocupa a Presidência esta beleza de mulher, a Senadora Heloísa Helena.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Agradeço a generosidade e a delicadeza de V. Ex<sup>a</sup>, meu querido companheiro Mão Santa.

Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Paulo Paim.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Senadora Heloísa Helena, será menos de um minuto.

Recebi agora um telefonema do Chefe de Gabinete do Vice-Presidente José Alencar, por quem sei que V. Ex<sup>a</sup> tem um carinho muito grande. Ele nos comunicou que o Vice-Presidente foi operado durante cinco horas e nos deu a boa notícia de que, conforme o resultado apresentado aos familiares pelos médicos, a operação transcorreu normalmente, tendo sido um sucesso absoluto. Ele disse ainda que calcula que, já na próxima semana, o Vice-Presidente estará no nosso País.

Neste momento, aproveito para falar com V. Ex<sup>a</sup>, que foi colega dele aqui durante muitos e muitos anos.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Fui sua vizinha de gabinete e, independentemente de ele ser Senador ou Vice-Presidente da República, sempre fui tratada com carinho e delicadeza por ele e por sua esposa, Marisa. Com certeza, são

duas pessoas muito, muito especiais. Tem toda a razão V. Ex<sup>a</sup>, Senador Paulo Paim.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Ao fazer esta consideração, com todo o respeito e carinho que tenho pela Câmara dos Deputados, digo: devagar lá com a discussão, porque o Vice-Presidente volta. Ele está muito bem, graças a Deus. Eles terão a oportunidade necessária, quem sabe, daqui a alguns anos, em um rodízio natural, sem que haja falta de uma pessoa tão querida para todos nós como é o Vice-Presidente José Alencar.

Provoquei a fala de V. Ex<sup>a</sup> porque sei também do carinho que tem pelo nosso Vice-Presidente. Ao mesmo tempo, fiz uma brincadeira com a Câmara, porque acho que é um momento de alegria. Nessa alegria, então, faço este registro de que a operação do Vice-Presidente José Alencar foi um sucesso, para o bem dele, de seus familiares e do povo brasileiro.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

O Sr. Senador Almeida Lima, a Sr<sup>a</sup> Senadora Lúcia Vânia, os Srs. Senadores Papaléo Paes, Alvaro Dias, Flexa Ribeiro, Leonel Pavan, Juvêncio da Fonseca, Arthur Virgílio, Marcos Guerra e Romero Jucá enviaram discursos à Mesa, que serão publicados na forma do disposto no art. 203 do Regimento Interno, combinado com o art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.

S. Ex<sup>as</sup> serão atendidos.

**O SR. ALMEIDA LIMA** (PMDB – SE. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, venho à tribuna neste momento para registrar o artigo intitulado “Involução?”, de autoria do economista Gustavo Ioschpe, publicado no jornal **Folha de S. Paulo** em sua edição de 24 de outubro do corrente.

O autor, em seu artigo, trata do “momento de involução” que o Brasil enfrenta com o governo do Presidente Lula. Para o autor, “com um Parlamento cooptado e uma população seduzida por migalhas, caminhamos rumo à estagnação econômica e ao retrocesso sociopolítico”.

Sr. Presidente, requeiro que o artigo de autoria do economista Gustavo Ioschpe seja considerado como parte integrante deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ALMEIDA LIMA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**Gustavo  
Ioschpe**

## Involução

**SER HUMANO** em geral e as vítimas da historiografia marxista (os brasileiros) em particular temos a tendência a acreditar que estamos numa evolução constante e que o progresso é inevitável. Mas essa esperança não é comprovada pela experiência histórica. Acreditamos estarmos passando agora por um momento de involução. Que parece programada para continuar.

O viés ideológico que fundou e animou o PT deixou de ser aplicável no começo dos anos 90. Lula se deu conta em 2002, e propôs um programa que era a negação de suas idéias dos 20 anos anteriores. Aproximou-se do centro para poder ser eleito e governar. Porém, não conseguiu gerar um projeto alternativo de país para preencher o vácuo que se instalara.

O projeto de governo foi substituído por um projeto de poder. E, com a voracidade de quem amargou 20 anos de ostracismo, parece ser um projeto de poder a qualquer custo. Esse programa se desenvolve em duas frentes: a programática e a institucional.

Na parte programática, vemos a criação de uma série de iniciativas destinadas a gerar melhorias de curto prazo nos setores tradicionalmente abandonados da sociedade, cujo voto é de obtenção fácil e barata. Nestes enquadraria a expansão do Bolsa Família, o ProUni, os programas de agricultura familiar etc. Seu ponto em comum é lidar com a pobreza sem chegar às causas, garantindo sua reprodução ad eternum.

Pobreza se resolve com crescimento econômico e geração de empregos. Isso demanda melhoria de capital humano, investimento em infra-estrutura e melhorias do sistema jurídico, entre outras variáveis. *Acesso à universidade se dá com melhoras na educação básica, não com cotas. Mas não seriam essas medidas positivas? Sim, se viessem acompanhadas das reformas estruturais que fazem com que a geração seguinte não mais precise delas.*

Atualmente, ocorre o oposto: as pequenas vantagens se financiam via aumento do tamanho do Estado, que prejudica o desenvolvimento. Os pequenos ganhos de hoje se dão às custas de perdas futuras. E o sucesso eleitoral da tática garante sua permanência.

Se não bastasse essa aridez programática, vem ainda o segundo eixo, de golpe às instituições. Dinheiro público foi usado para comprar o Congresso, eliminando a relação de independência que deve existir entre os Poderes.

Aparentemente o mesmo dinheiro foi usado para comprar, de um criminoso, um dossiê que visava começar a campanha de destruição das lideranças da oposição. Já houve projetos de controle de jornalistas, do audiovisual. Agora já se fala de "democratização" da mídia e reforma constituinte.

Os dois eixos somam-se para criar um programa que desidrata a democracia de suas funções vitais, mantendo-a em existência apenas nominal. Com um Parlamento cooptado e uma população seduzida por migalhas, caminhamos rumo à estagnação econômica e ao retrocesso sociopolítico.

GUSTAVO IOSCHPE é mestre em desenvolvimento econômico pela Universidade Yale

**A SRA. LÚCIA VÂNIA** (PSDB – GO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, volto à tribuna no dia de hoje para comentar a matéria intitulada “País pode perder US\$11 bi em exportações”, publicada pelo jornal **Folha de S.Paulo** em sua edição de 25 de setembro de 2006.

A reportagem destaca que a perda em receitas de vendas externas com queda de cotações internacionais de commodities pode chegar a 2,17% do PIB.

Por fim, Sr. Presidente, requeiro que a matéria passe a integrar esse pronunciamento, a fim de que conste dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE A SRA. SENADORA LÚCIA VÂNIA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

# País pode perder US\$ 11 bi em exportações

Perda em receitas de vendas externas com queda de cotações internacionais de commodities pode chegar a 2,17% do PIB

Por enquanto, não há sinais claros de que o novo cenário da economia mundial vai ser de preços cadentes para as matérias-primas

MARCELO BILLI DA REPORTAGEM LOCAL

Ninguém se atreve, ainda, a projetar um futuro desastroso para os mercados de matérias-primas, mas se os preços voltassem aos patamares de 2003, quando já havia começado a escalada de cotações que deu origem ao boom das commodities, o Brasil perderia pouco mais de US\$ 11 bilhões em receita de exportações, cifra equivalente a nada menos do que 2,17% do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro.

O boom das commodities, que já pode ter chegado ao fim se o nervosismo nos mercados internacionais conta para algo, ajudou o Brasil a ter um saldo 17% maior do que o que teria hoje caso os preços não tivessem disparado a partir de 2002. Os cálculos, feitos pela **Folha**, assumem a hipótese de que o Brasil exportaria, em média, a mesma quantidade de produtos que exportou no primeiro semestre deste ano, mas a preços de 2003.

Hipótese que pode não se concretizar no caso de um recuo forte nas cotações, mas que dá uma idéia da importância das exportações de matérias-primas para a economia brasileira.

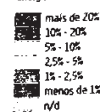
No primeiro semestre deste ano, as receitas com vendas externas de commodities responderam por 40,9% das receitas totais de exportação do Brasil —ou aproximadamente 5,9% do PIB brasileiro. No mesmo período de 2003, essa proporção era de 38,8%.

Comparadas com as exportações dos seis primeiros meses de 2003, as vendas externas do primeiro trimestre deste ano cresceram 91%. Quase um terço desse crescimento é explicado apenas pelo aumento dos preços das commodities.\*

## ALTA DEPENDÊNCIA

Um terço da alta das exportações do Brasil no 2º semestre em comparação a 2003 se deve ao preço das commodities

Participação das commodities não energéticas no PIB



O Brasil e as commodities  
Produtos em que o país é responsável por pelo menos 10% da produção mundial



\*Participação das exportações de commodities não energéticas no PIB de cada país. Fonte: FMI, Ministério do Desenvolvimento e Folia

Raio X das exportações do Brasil no 1º sem. de 2006

US\$ 4,5 bi  
Foi o total das exportações

40,9%  
Foi a participação das vendas de commodities nas exportações

5,9%  
Foram as exportações de commodities em relação ao PIB

### Médias

Desde 2002 até julho deste ano, estima o FMI (Fundo Monetário Internacional), os preços das commodities metálicas subiram nada menos do que 180%. Já alimentos e outras matérias-primas registraram altas de 20% e 4%, respectivamente.

As médias, claro, escondem desempenhos muito diversos. Os alimentos exportados pelo Brasil, por exemplo, registraram altas mais significativas que os 4% apurados pelo FMI. Os dados do Ministério do Desenvolvimento mostram que o preço médio do café exportado pelo Brasil subiu 96% entre os primeiros semestres de 2003 e 2006. A carne (alta de 38%) e o açúcar (alta de 15%) também tiveram valorizações maiores do que a média.

Por enquanto, não há sinais claros de que o novo cenário da economia mundial será de preços cadentes para esses produtos. Quem tenta hoje prever o que ocorrerá com as cotações, olha para a China e para os Estados Unidos.

A China tornou-se a grande consumidora mundial de matérias-primas. As compras chinesas explicam metade do crescimento do consumo mundial de alumínio, cobre e aço entre 2002 e 2005.

Crescimento que não foi tímido, já que o consumo das três commodities registrou, em média, taxas de crescimento anuais robustas: de 3,8% no caso do cobre, de 7,6% no do alumínio e de 9,2% no do aço.

No mesmo período, ou seja,

entre 2002 e 2005, foi praticamente só por causa dos chineses que cresceu a procura mundial por produtos como chumbo, níquel, estanho e zinco.

### Mistério chinês

Assim, é difícil adivinhar o que se ocorrerá com o preço das commodities que já se arriscou pelo terreno das previsões a respeito da economia chinesa: ela vai crescer menos? O quanto menos?

No caso dos EUA, a preocupação, para quem quer saber o que vai acontecer não só com as commodities mas com a economia mundial, é saber quando acabará o período de maior prosperidade da economia norte-americana. Mais: é saber se ele acabará em um pouso suave, o “soft landing” dos economistas, ou em um desastre recessivo, o “hard landing”.

China anda bem e pouso suave nos EUA é sinal de crescimento menor do mundo e recuo não preocupante nos preços das commodities. “Hard landing” e problemas na China correspondem ao cenário desastroso para os exportadores de matérias-primas.

Por enquanto, o ciclo de alta das cotações dos produtos básicos, junto com a discussão sobre seus preços, conseguiu resuscitar um antigo debate. Os países que os exportam estão condenados a viver com as incertezas, oscilações e humores dos mercados.

### Flutuações

É verdade que o preço de todos os produtos flutuam, mas, mostra levantamento do Fundo Monetário Internacional, as flutuações tendem a ser mais aleatórias e acentuadas no caso das commodities, especialmente das agrícolas.

Foi justamente o fato de os preços tenderem à montanha-

rusa que levou os economistas a advogar que a única saída do subdesenvolvimento era a industrialização. Da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), saiu a tese de que os exportadores de matérias-primas estavam condenados ao que os economistas então chamaram de deterioração dos termos de troca: os preços desses produtos tendem a uma queda secular, ainda que subam e desçam no curto e médio prazo, dizia Raúl Prebisch nos anos 50.

Trocado em miúdos, era preciso exportar cada vez mais para obter, em troca, a mesma quantidade de produtos cada vez mais caros. O poder de compra das exportações dos países exportadores de commodities, previa, tendia sempre piorar. José Antonio Ocampo, secretário-executivo da Cepal, estimou que, entre 1900 e 2000, as matérias-primas se deram mal.

### Tropeços

“É um fato que o preço relativo das matérias-primas se deteriorou marcadamente durante o século 20”, escreveu o economista em trabalho publicado pela Cepal.

Os investidores tentam agora saber o que ocorrerá no século 21. Para alguns, a entrada de gigantes como China, Índia e Rússia no mercado mundial mudaram radicalmente as condições de procura, o que pode manter os preços altos por um bom tempo ainda, mesmo que eles recuem um pouco.

As últimas semanas foram de tropeços. Os preços das matérias-primas, petróleo incluso, caíram sem parar desde a primeira semana de setembro. Desde maio, quando o índice de commodities CBP, o mais popular no mercado financeiro, atingiu seu pico, eles já recuaram nada menos que 17%

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro do artigo intitulado “Impugnação moral e jurídica”, de autoria do ex-ministro da Justiça, Miguel Reale Júnior, publicado no jornal **Folha de S. Paulo** de 21 de setembro do corrente.

O autor, em seu artigo, faz uma análise sobre a participação de membros do governo Lula e do Partido dos Trabalhadores no episódio da compra de dossiê com o intuito de prejudicar campanhas de candidatos do PSDB. Segundo Reale Júnior, “Está tudo podre no reino de Lula. Pessoas de pouca classificação moral e profissional, íntimas do presidente, têm as rédeas

ocultas do poder faz quatro anos. Pretendem a todo custo permanecer a comandar o país”.

Ainda para Reale Júnior, “Resta ao povo tomar-se de indignação e promover a impugnação eleitoral de quem não tem condição moral para nos governar”.

Sr. Presidente para que conste dos Anais do Senado, requero que o artigo acima citado seja considerado como parte integrante deste pronunciamento.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR PAPALÉO PAES EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

## Impugnação moral e jurídica

MIGUEL REALE JÚNIOR

**A** FORÇA intimidativa na sanção penal ou política busca refrear a reiteração do delito; a impunidade, pelo contrário, incentiva a praticar outro crime.

É o que se vê agora. Lula chefia um governo comprador sistemático de deputados, mas navega de braçadas nas pesquisas, convencido de que a “bolsa-voto” e a redução do preço do arroz apagam a consciência ética do povo brasileiro. Só essa dinâmica do comportamento delituoso pode explicar que pessoas de intimidade do presidente da República formem a quadrilha responsável pelo pagamento a um malandro por uma entrevista difamatória e mentirosa.

Assim, juntam-se Freud Godoy, figura-sombra de Lula desde 1980, que chegou a morar no Alvorada; Jorge Lorenzetti, churrasqueiro de Lula, comensal do Alvorada e protetor de membros da família do presidente; Oswaldo Bargas, secretário de Relações do Trabalho na gestão Berzoini e marido da secretária particular de Lula; e Berzoini, presidente do PT: a “cosa nostra” lulista.

Está tudo podre no reino de Lula. Pessoas de pouca classificação moral e profissional, íntimas do presidente, têm as rédeas ocultas do poder faz quatro anos. Pretendem a todo custo permanecer a comandar o país.

É patente o jogo sujo de pretender interferir no processo eleitoral por via da compra de acusações inverídicas a serem veiculadas pela imprensa, com impacto sobre o eleitorado.

É curioso notar que Lula, na quinta passada, dizia que 81% das investigações da PF, inclusive o caso sanguessuga, tinham origem no governo FHC, como que antecipando o que seria objeto da matéria da “IstoÉ”.

A impugnação moral de Lula é obrigatória, mais ainda pela farsa de

se mostrar indignado com a falcatura industriada por pessoas de sua intimidade, por dirigentes de sua campanha e do PT, os únicos que poderiam amealhar quase R\$ 2 milhões em efetivo para pagar os Vedoin, líderes dos sanguessugas.

Ao lado da impugnação moral, há a impugnação jurídica. Estabelece o art. 67, IV, da lei nº 9.100/96, que constitui crime divulgar fatos que se sabe inverídicos, distorcer informações sobre partido ou candidato de forma a influir na vontade do eleitor,

**Resta, antes da impugnação jurídica, que pode se seguir à eleição, a impugnação eleitoral de Lula, sem moral para nos governar**

sendo o delito agravado quando realizado por meio da imprensa.

Em obediência à Constituição Federal, que determina que se protejam a normalidade e a legitimidade das eleições contra a influência do poder econômico e político, a lei complementar nº 64/90, estatui, em seu artigo 19 e parágrafos, que, na preservação da legitimidade das eleições, pode-se impugnar uma candidatura se comprovados o abuso do poder econômico ou poder de autoridade ou a utilização indevida de veículos de comunicação social em benefício de candidato ou partido.

Além de íntimos, os artífices da trama pertenciam à campanha de Lula: Lorenzetti é chefe do núcleo da reeleição; Oswaldo Bargas é responsável pelo programa de governo do candidato Lula; Berzoini, coordenador da

campanha e presidente do PT. Foi nessa condição que arquitetaram a entrevista falsa a órgão de comunicação, visando influir na vontade do eleitor. Por determinação da executiva do PT, houve a utilização de alta “quantia não contabilizada”.

O crime e as graves infrações eleitorais de abuso do poder econômico e político estão, de início, caracterizados, tanto que o TSE determinou a abertura de processo contra Lula.

Lembre-se, também, o abuso do poder de autoridade por ter sido a Polícia Federal orientada a mostrar dados do chamado “dossiê” para incutir a idéia da existência de fatos desairosos contra Serra e Alckmin, ao mesmo tempo em que não veiculou (como seria habitual) imagens dos presos em São Paulo e do dinheiro apreendido, o que constituiu tratamento desigual com a finalidade de interferir na legitimidade e normalidade do pleito, configurando-se conduta típica de abuso do poder político. O ministro da Justiça reconhece a proibição de imagens do dinheiro para não abalar as eleições.

A distribuição ao PT das cartilhas da Secretaria de Comunicações da Presidência já constituiria abuso do poder político. Abuso surgido na semana passada. Assim, a impugnação jurídica da candidatura Lula tem pleno cabimento, para resguardo da ordem constitucional.

Resta ao povo, antes da impugnação jurídica, que pode se seguir à eleição, tomar-se de indignação e promover a impugnação eleitoral de quem não tem condição moral para nos governar. Crie vergonha, Brasil.

MIGUEL REALE JÚNIOR, 62, advogado, ex-ministro da Justiça (governo FHC), é professor titular da Faculdade de Direito da USP, ex-secretário da Segurança Pública (governo Monteiro) e da Administração (governo Lemos) do Estado de São Paulo. É presidente do comitê financeiro da campanha de Geraldo Alckmin (PSDB).

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “Privatização aumentou oferta de linhas fixas e tornou celular acessível”, publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo** em sua edição de 13 de outubro de 2006.

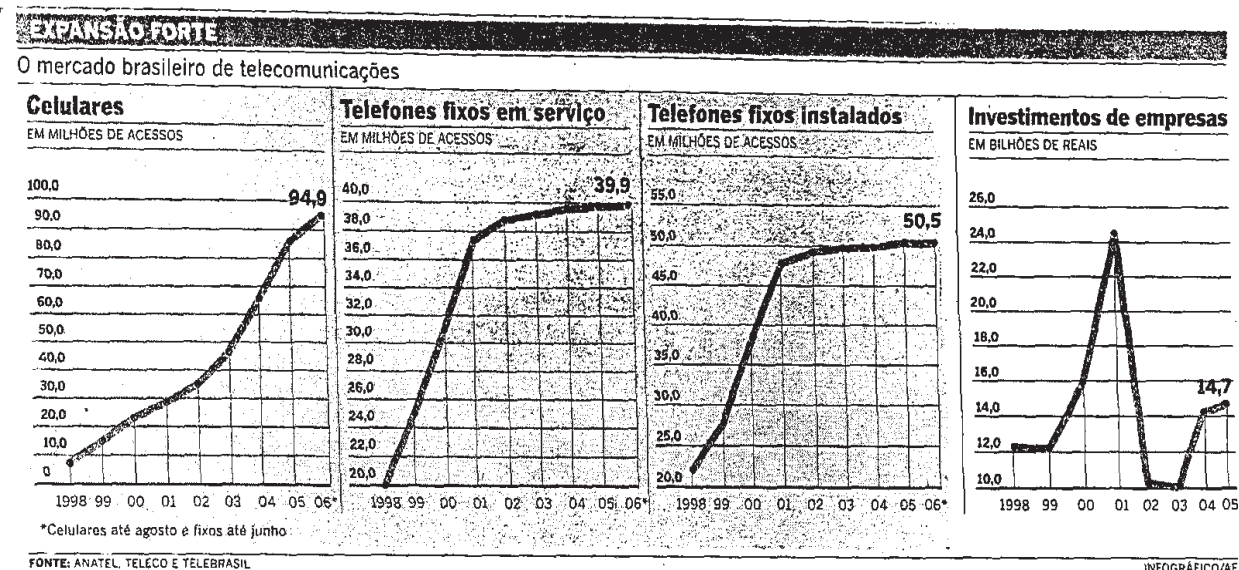
A matéria destaca que antes das privatizações do sistema Telebrás, em 1988, uma linha telefônica chegava a custar US\$ 10 mil, no mercado paralelo. O telefone fixo era considerado um bem e entrava na declaração de renda e celular era coisa de rico. Ainda segundo a matéria hoje, depois da privatização do

sistema, a situação é muito diferente. As operadoras de telefonia fixa tem mais de 10 milhões de linhas na prateleira a espera de um consumidor.

Sr. Presidente, requeiro que a matéria acima citada seja considerada parte integrante deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ALVARO DIAS EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)



# Privatização aumentou oferta de linhas fixas e tornou celular acessível

**Gerusa Marques  
Renato Cruz**

Antes da privatização do Sistema Telebrás, em 1998, uma linha telefônica chegava a custar US\$ 10 mil, no mercado paralelo. Quem quisesse comprá-la direto da estatal tinha que enfrentar filas para se inscrever no plano de expansão e esperar até seis anos. O telefone fixo era considerado um bem e entrava na declaração de renda. Celular era coisa de rico. Havia empresas que viviam de alugar linhas, aproveitando-se da escassez.

Hoje, a situação é muito dife-

rente. As operadoras fixas têm mais de 10 milhões de linhas na prateleira, à espera de um consumidor. Os telefones fixos em serviço dobraram de 1998 para cá, chegando a 39,9 milhões. No celular, o crescimento foi ainda maior. O Brasil passou de 7,4 milhões de assinantes na época da privatização para 94,9 milhões. Oitenta por cento são pré-pagos, modalidade que permite aos consumidores de baixa renda terem acesso à telefonia.

“Se a privatização não tivesse sido feita, hoje nós não atenderíamos à demanda e, provavelmente, os preços estariam al-

tos e as filas continuariam enormes”, afirmou o ex-ministro das Comunicações Juarez Quadros, último a ocupar a pasta durante o governo Fernando Henrique Cardoso. “Na época do Sistema Telebrás, nós até tínhamos capacidade de engenharia para os projetos e de produção de equipamentos, mas havia limitação de recursos.”

Outro problema enfrentado pela estatal era a forte interferência política. “No momento da privatização grande parte das empresas estava sob administração político-partidária”, relatou Quadros.

Desde a venda da Telebrás, entre 1999 e 2005, as telecomunicações receberam mais de R\$ 100 bilhões em investimento privados. Trata-se do único setor de infraestrutura que não representa um gargalo ao crescimento econômico.

Luis Minoru Shibata, diretor-geral da consultoria Yankee Group para a América Latina, destacou que a privatização teve um impacto forte na redução de preços, principalmente do celular, e no aumento da qualidade. “Ela atraiu para o Brasil vários fabricantes mundiais de aparelhos e equipamentos de redes, que exportam”, disse Minoru. Somente no primeiro semestre, o Brasil vendeu ao exterior US\$ 1,306 bilhão em celulares. ●

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para registrar a matéria intitulada “Lorenzetti articulou compra do dossiê Vedoin, diz relatório da PF”, publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo** de 21 de outubro de 2006.

Segundo a matéria, o delegado Diógenes Curado, da Polícia Federal, concluiu que o ex-coordenador do setor de inteligência da campanha do presidente Lula

à reeleição, foi o articulador da operação de compra do dossiê contra candidatos tucanos.

Sr. Presidente, solicito que a matéria acima citada seja considerada parte deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR FLEXA RIBEIRO EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

# NACIONAL Eleições 2006

## Lorenzetti articulou compra do dossiê Vedoin, diz relatório da PF

Conclusão é do delegado Diógenes Curado, em parecer parcial do inquérito entregue ontem à Justiça

Sônia Filgueiras  
Vannildo Mendes  
BRASÍLIA

A Polícia Federal concluiu que Jorge Lorenzetti, ex-coordenador do setor de inteligência da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à reeleição, foi o articulador da operação de compra do dossiê Vedoin. A conclusão está no relatório parcial entregue ontem pelo delegado Diógenes Curado ao juiz da 2ª Vara Federal de Mato Grosso, Jefferson Scheinleder.

De acordo com o texto, Lorenzetti coordenou os demais petistas que se envolveram na tentativa de compra do dossiê – montado para tentar estabelecer a

### Texto confirma que ex-assessor de Mercadante levou o R\$ 1,75 mi

ligação de tucanos com a chamada máfia dos sanguessugas e assim prejudicar as candidaturas do PSDB. “Ele (Lorenzetti) pediu que Gedimar Passos fizesse o contato inicial com Valdebran Padilha, dando funções específicas a Expedito Veloso e Oswaldo Bargas”, afirma o relatório a certa altura.

Gedimar (ex-policia federal), Veloso (ex-diretor do Ban-

co do Brasil) e Bargas (ex-funcionário graduado do Ministério do Trabalho) também trabalhavam no setor de inteligência da campanha de Lula. Em 15 de setembro, Gedimar e Valdebran, caixa de campanhas do

PT em Mato Grosso, foram presos num hotel de São Paulo com R\$ 1,75 milhão que seria usado na compra do dossiê.

Em 15 páginas, o relatório detalha o plano para montagem, compra e divulgação do dossiê.

O texto descreve de forma sintética os depoimentos de dez pessoas relacionadas com o episódio e se refere à inquirição em que o próprio Lorenzetti admitiu ter sido o principal operador da ofensiva. “Ele disse que arti-

### CRISE

## Todos os envolvidos

A Polícia Federal e a CPI dos Sanguessugas investiga os acusados de participação no caso dossiê Vedoin, que contém acusações contra políticos tucanos. José Dirceu também será investigado

### Valdebran Padilha

Também foi preso em São Paulo, no dia 15, com parte do R\$ 1,75 milhão que compraria o dossiê. Teria participado de reunião em São José do Rio Preto (SP) com Vedoin

### Hamilton Lacerda

O ex-assessor da campanha de Aloizio Mercadante ao governo paulista é suspeito de ter levado o dinheiro até o hotel onde os petistas foram presos. Ele diz que carregava material de campanha

### Ricardo Berzoini

O presidente licenciado do PT e ex-coordenador da campanha de Lula soube do encontro com a revista Época. Negou saber da negociação para comprar dossiê

### Expedito Afonso Veloso

Foi a Cuiabá para reunir dados para compor o dossiê. Não tinha função definida na campanha, mas havia se licenciado do cargo de diretor do BB para trabalhar na reeleição. Salu do banco

### Oswaldo Bargas

Com Lorenzetti, foi a encontro com a revista Época. O ex-secretário do Trabalho fez parte da equipe que elaborou o programa de governo de Lula

### Jorge Lorenzetti

Ex-chefe da área de inteligência da campanha petista, reuniu-se com a revista Época para oferecer denúncias contra tucanos. Assumiu responsabilidade pela negociação

### Gedimar Passos

Foi preso com parte do dinheiro no dia 15 de setembro. Chegou a ir a Cuiabá para tratar da negociação do dossiê com Vedoin e envolveu Freud no esquema, mas depois recuou da declaração

### Freud Godoy

O ex-assessor da Presidência e ex-segurança de Lula foi apontado como o mandante da operação, o que ele nega. Um dos acusados mudou sua versão e o inocentou

### José Dirceu

O ex-ministro aparece na lista de ligações feitas por Lorenzetti. A PF ainda não sabe se tem alguma relação com a negociação do dossiê. Ele nega envolvimento

culou todos os contatos com a família Vedoin", registra o relatório, numa referência ao clã de empresários que chefia a máfia dos sanguessugas.

O documento serviu para o delegado da Polícia Federal pedir ao juiz mais prazo para concluir as investigações e sugerir novas diligências. Entre as recomendações, está a de que seja

tomado o depoimento do senador Aloizio Mercadante, candidato derrotado do PT ao governo de São Paulo.

Sem citar o nome, Curado também pede que seja ouvido o "responsável pela revista *Is-to-E*", que publicou uma entrevista na qual os Vedoin acusavam os tucanos de favorecer a máfia. A publicação é um produto da Editora Três, cujo editor e

diretor é Domingo Alzugaray.

Segundo o relatório, o dinheiro apreendido no hotel veio do PT e sua origem é "ilícita" - apesar disso, o texto não aponta os doadores dos recursos. O texto se refere a US\$ 110 mil, em cédulas numeradas repassadas pelo banco Sofisa a rede de doleiros, e já também de uma pequena parcela de R\$ 5 mil, identificada como vinda do bicheiro Antô-

nio Petrus Calit Calil, o Turcão.

Citado por Gedimar como a pessoa de quem partiu a ordem para que fosse feito o pagamento aos Vedoin, Freud Godoy, ex-assessor especial do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não aparece nas conclusões do relatório. O texto registra apenas que, ouvido pela PF, Godoy negou envolvimento com o caso. ●

COLABOROU EXPEDITO FILHO

## Velho amigo e churrasqueiro preferido nas festas de Lula

Lorenzetti tinha trânsito livre no Planalto e, em 2003, recebeu publicamente voto de confiança do presidente

Jorge Lorenzetti era chefe do núcleo de risco e mídia - setor de inteligência da campanha pela reeleição, a chamada "Abin do PT" -, mas seu envolvimento com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e com a cúpula petista transcende as relações político-partidárias. Apontado como homem com trânsito livre no Palácio do Planalto, ele era também o churrasqueiro preferido do presidente nos principais encontros promovidos na Granja do Torto.

Diretor do Banco do Estado de Santa Catarina (Besc) desde março de 2005, Lorenzetti pediu licença do cargo em 1º de

agosto para integrar a campanha de Lula, em Brasília. A própria indicação dele para o cargo foi feita diretamente pela Presidência, mas depois que o escândalo do dossiê Vedoin estourou o banco não quis confirmar se foi um pedido pessoal de Lula.

Coincidência ou não, o atual presidente do Besc, Eurides Luiz Mescolotto, é também um velho amigo de Lula e de Lorenzetti. Indicado pelo presidente para assumir o banco - que foi federalizado em 1999 -, Mescolotto é ex-marido da senadora Ideli Salvatti (PT-SC).

Na primeira quinzena de julho o próprio Lorenzetti e Ideli foram recebidos em Brasília. No

encontro se discutiu, entre outras coisas, a criação de um comitê suprapartidário em Santa Catarina em apoio à reeleição.

A confiança de Lula em Lorenzetti não se restringia aos horários de lazer. Em 21 agosto de 2003, durante discurso, no lançamento do Pólo de Fruticultura da Amazônia, no município de Benevides (PA), Lorenzetti foi nominalmente citado por Lula como alguém em quem os presentes deveriam "confiar", como um bom homem de relações internacionais. Lorenzetti é conhecido entre os petistas como um exímio arrecadador de fundos internacionais.

Segundo um ex-petista que

participou da central e da campanha à Presidência de Lula em 1989, foi pela ligação de Lorenzetti com o presidente e com o ex-ministro José Dirceu que a CUT passou a se aproximar do PT e começou a buscar fundos internacionais para formação sindical. Enfermeiro por formação, Lorenzetti foi também o primeiro candidato a prefeito de Florianópolis pelo PT, em 1985.

Entre seus churrascos famosos está o oferecido por Lula ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, na transição de governo. Na ocasião, Lorenzetti viajou de Santa Catarina a Brasília para assar uma costela para o amigo Lula e convidados. ●

## TRECHOS

● **Dinheiro** – “Em todo esse caminho (*dos dólares*) não existiu mais controle das notas e, pior, começaram a surgir fraudes para esconder a real operação de compra de dólares, revelando os já conhecidos ‘laranjas’”

● **Hamilton Lacerda** – “Era homem de confiança da campanha para governador de Aloizio Mercadante, candidato do Partido dos Trabalhadores. O dossiê, com certeza, visava alterar o rumo das pesquisas do eleitorado paulista, fazendo uma relação do candidato José Serra com a máfia dos sanguessugas”

● **Dissimulação de Lacerda** – “Está cada vez mais difícil acreditar na sua versão de que teria ido ao Hotel Ibis Congonhas para levar uma bolsa cheia de boletos de contribuição da campanha presidencial. Essas e outras dissimulações potencializam a curiosidade de todos sobre a origem do dinheiro. Se o numerário teria vindo de fonte lícita, por uma lógica simples, o dono já teria vindo reclamá-lo”

● **Dólares** – “Cerca de metade dos dólares eram notas novas e seriadas e a outra parte já mais antiga. Os reais eram em quase sua totalidade em notas usadas, muitas em valores pequenos. Tudo leva a crer que as notas não vieram de uma única origem”

● **Origem do dinheiro** – “Podemos dizer, sem medo de errar, que em todas as declarações,

depoimentos e interrogatórios juntados nos autos não se retira uma indicação sobre a origem do dinheiro”

● **Jorge Lorenzetti** – “Jorge Lorenzetti, pelo que se sabe até este momento, foi a pessoa que articulou no âmbito nacional a compra do dossiê. Pediu que Gedimar Passos fizesse o contato inicial com Valdebran Padilha, dando funções específicas a Expedito Veloso e Oswaldo Bargas. Pediu também que Gedimar fosse a São Paulo para receber o dossiê e entregar a Hamilton Lacerda. Tudo ao seu comando e, estranhamente, não sabia do dinheiro”

● **Reais** – “Quanto à origem dos reais, a situação se mostrou mais complicada, pois se sabe que pelo menos parte do dinheiro não seguiu o caminho do sistema financeiro formal”

● **Bicho** – “Temos fortes indícios, mostrados em relatório juntado aos autos, de que parcela do numerário veio do jogo do bicho carioca. A numeração constante nos dois tickets de somas encontrados com o dinheiro seriam pontos do jogo do bicho em Duque de Caxias e Campo Grande, no Rio de Janeiro. Já foram feitas alguma diligências, com buscas em bancas de jogo do bicho, havendo expectativa de se fazer outras”.

● **Significado dos carimbos** – O número 118 é a identificação de uma banca de jogo do bicho no município de

Duque de Caxias, na Baixada fluminense. O número 119 seria a identificação da banca do jogo do bicho no bairro de Campo Grande, na zona oeste do Rio de Janeiro”

● **Valdebran sobre o dinheiro** – “Quanto ao dinheiro mostrado em imagens (*câmeras do hotel*) disse que a mala entregue por Hamilton a Gedimar era a que continha o dinheiro, a primeira parcela lhe foi entregue, não vendo nenhum boleto de contribuição de campanha”

● **Freud Godoy** – “Disse que não deu qualquer apoio às pessoas envolvidas”

● **Ricardo Berzoini** – “Disse que teria sido ele que convidou Jorge Lorenzetti para que ele fizesse análise de risco da campanha de Luiz Inácio Lula da Silva. Em relação ao dossiê, disse que não tinha conhecimento prévio e que Jorge Lorenzetti tinha obrigação de comunicá-lo, o que não fez. Sobre o dinheiro apreendido, nada sabia antes. Depois da apreensão, questionou Lorenzetti e este teria respondido que não teve participação na negociação que envolvesse valores em espécie”

● **Hamilton Lacerda** – “Quanto à afirmação de Hamilton Lacerda, de que teria levado boletos de contribuição da campanha presidencial, Berzoini não soube responder por que ele estaria fazendo isso. E, pelo que sabe, não seria função do coordenador da campanha paulista”



**O SR. LEONEL PAVAN** (PSDB – SC. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a Tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “Serra: “Foi tiro no pé””, publicada no jornal **Correio Braziliense** em sua edição de 23 de setembro do corrente.

A matéria destaca que o Governador eleito de São Paulo, José Serra do PSDB, afirmou que o escândalo da compra, por parte de petistas, de um falso dossiê contra candidatos tucanos, tem uma novidade a cada

dia; “na verdade representou uma grande baixaria que foi arrumada pelo próprio PT”.

Sr. Presidente, solicito que a matéria acima citada passe a integrar este pronunciamento e, assim, conste dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR LEONEL PAVAN EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

## “SERRA: “FOI TIRO NO PÉ”

O candidato tucano ao governo paulista, José Serra, disse ontem que o dossiê contra ele e o presidenciável do PSDB Geraldo Alckmin, que seria comprado por 1,7 milhão por pessoas ligadas ao PT, foi um tiro no pé do partido adversário. Serra fez campanha em São Paulo e não quis falar muito sobre o caso do dossiê. “Esse escândalo tem novidade a cada dia. Na verdade, representou uma grande baixaria que foi arrumada e que representou um tiro no pé do próprio PT para alavancar uma candidatura que já ia mal”, afirmou Serra.

Apesar das críticas aos adversários, num ato falho, Serra mostrou que ainda não conta com a vitória do candidato a presidente Geraldo Alckmin (PSDB), da Coligação Por um Brasil Decente (PSDB-PFL), ao asseverar que vai liderar, como governador, se eleito, em 2007, um movimento para pressionar o governo federal em defesa da saúde. “Não vamos ter ilusão. Se a saúde continuar naufragando no plano federal, não vai haver no Brasil quem possa sobreviver com um atendimento decente. Nós temos de fazer uma grande mobilização. Temos de politizar esse assunto”, disse, em encontro com dirigentes de santas casas e de organizações sociais da área de saúde.

“Se não houver mudança nessa política, a saúde vai naufragar no Brasil, e tudo aquilo que nós conquistamos vai ser, simplesmente, engolido pela escassez de recursos e pelos escândalos. Como governador de São Paulo, já que espero ser eleito, vou estar à frente dessa luta”, prometeu, sem considerar a hipótese de uma eventual vitória de Alckmin.

Serra disse duvidar que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva saiba quem são os ministros da Saúde, Esportes e Transportes. Ele perguntou à platéia, formada na maioria por profissionais da saúde, quem sabia o nome do ministro da Saúde. José Agenor Álvares da Silva. Poucos levantaram o braço. “Isso dá uma ideia de como a saúde foi para o segundo plano, não?”, questionou.

“Se um dia perguntassem, numa entrevista ao vivo, quem são os ministros de Esportes (Orlando Silva Júnior), Saúde e Transportes (Paulo Sérgio Passos), ele (Lula) não ia saber”, ironizou. De acordo com Serra, o governo Lula desativou projetos apenas por terem sido criados por ele e pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. “Tudo que tinha a minha marca ou a marca do governo FHC foi deixado de lado. Isso é governar partidaricamente. Isso está errado”, afirmou.

O candidato a senador Guilherme Afif Domingos (PFL), também presente no evento, ganhou elogios do candidato da Coligação Compromisso com São Paulo a governador, que pediu votos para ele e criticou os candidatos a governador Aloizio Mercadante (PT) e a senador Eduardo Suplicy (PT), da Coligação Melhor pra São Paulo (PT-PRB-PC do B-PL).

Ao fim do discurso, Serra admitiu que a eleição ainda não está ganha. “A eleição a gente ganha no dia 1.º de outubro. Portanto, não vou deixar aqui de pedir voto para vocês”, disse. “Eu não acertei tudo que fiz na minha vida, mas eu acertei muito mais do que errei. Disso não tenho dúvida. No governo do Estado, vamos acertar muito e pôr São Paulo no lugar que merece”, finalizou.

**“Essa escândalo tem novidade a cada dia. Na verdade, representou uma grande baixaria que foi arrumada pelo próprio PT”**

JOSÉ SERRA (PSDB), candidato ao governo de São Paulo

## HELOÍSA ACUSA MANOBRA

A candidata do PSol à Presidência, Heloísa Helena, despediu-se ontem dos eleitores baianos numa caminhada com militantes pelas ruas centrais de Salvador, sem deixar de criticar o presidente Lula, a quem chamou de cínico. Segundo a senadora, mais uma vez o presidente usou uma manobra eleitoreira “muito esperta”, dizendo à opinião pública que estava afastando os envolvidos na tentativa de comprar um dossiê contra os tucanos.

Heloísa voltou a acusar o presidente de ser “o grande comandante desta organização criminosa”. A candidata

ponderou que há petistas honestos, mas afirmou que hoje o presidente da República e a cúpula palaciana do PT comandam uma organização criminosa capaz de fazer qualquer coisa. Segundo a candidata, mais uma vez o presidente está sendo blindado para que as acusações não cheguem a ele.

Sobre a possibilidade de parte dos dólares apreendidos pela Polícia Federal ter entrado ilegalmente no país, Heloísa disse considerar um fato muito mais grave, e cobrou investigação. Segundo ela, os brasileiros não podem aceitar mais tanto dinheiro em espécie circulando num volume que “só o narcotráfico, o crime organizado ou os cofres públicos são capazes de liberar, seja em dólar ou real”.

**O SR. JUVÊNCIO DA FONSECA** (PSDB – MS. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna no dia de hoje para comentar o artigo intitulado “Sem Lula, O mundo é melhor”, de autoria do jornalista Diogo Mainardi, publicado pela Revista **Veja** de 20 de setembro de 2006.

O artigo trata sobre o desejo do jornalista em ver o presidente Lula perder a reeleição. “É um mundo melhor, o meu. Um mundo mais limpo. O resto da imprensa é igual a mim. Todos os jornalistas interpretam as pesquisas de acordo com seus desejos e simpatias”.

Sr. Presidente, solicito que o artigo acima citado seja considerado como parte integrante deste pronunciamento para que, assim, passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR JUVÊNCIO DA FONSECA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**DIOGO MAINARDI**

## Sem Lula, o mundo é melhor

Quero que Lula perca. Como quero que Lula perca, rejeito todas as pesquisas eleitorais. O procedimento é simples. Quase todo dia aparece uma pesquisa indicando sua vitória no primeiro turno. Consulto o Datafolha e o Ibope, cotejo os dados região por região, classe social por classe social, e passo a distorcer a realidade. Tiro 1 ponto porcentual de um candidato, dou 2 pontos a outro, depois amplio as margens de erro até conseguir subverter os resultados. Em minhas análises do Datafolha e do Ibope, Lula sempre perde. É um mundo melhor, o meu. Um mundo mais limpo.

O resto da imprensa é igual a mim. Todos os jornalistas interpretam as pesquisas de acordo com seus desejos e simpatias. Pouco

tempo atrás, o Datafolha mostrou que Lula estava praticamente empatado com Geraldo Alckmin na camada dos eleitores com renda acima de dez salários mínimos. Elio Gaspari, eleitor de Heloísa Helena, aproveitou para pontificar: “A maldição elitista do tucanato, segundo a qual o companheiro seria reeleito pela massa dos não-informados aliada aos menos escolarizados, faz água. Vai ao brejo a idéia da reeleição, pela vontade de pobres ignorantes, de um presidente ruinoso que teve quarenta malfeitores à sua volta”. Quatro dias depois, o Datafolha voltou atrás, mudando radicalmente seu prognóstico. Naquela camada dos eleitores mais ricos, o empate técnico se transformou numa extraordinária vantagem de 27 pontos para Geraldo Alckmin. O discurso de Elio Gaspari

foi para o brejo. Vingou a idéia de que Lula é um presidente ruinoso com quarenta malfeitores à sua volta, e que só é votado por uma massa de pobres ignorantes.

Os pobres ignorantes são o principal tema de disputa entre os analistas de pesquisas eleitorais. Em particular, os pobres ignorantes do Nordeste. Os lulistas acreditam que os pobres do Nordeste são tão ignorantes, mas tão ignorantes, que vão acabar votando em Lula, apesar dos quarenta malfeitores. Os tucanos discordam. Eles acreditam que os pobres do Nordeste podem até

declarar voto em Lula nas pesquisas eleitorais, mas são tão ignorantes, tão ignorantes, que vão apertar o botão errado na hora de votar, anulando suas escolhas. Sempre que Lula ultrapassa a barreira dos 50 pontos, sou obrigado a apelar para esse argumento.

José Dirceu, um dos quarenta malfeitores citados por Elio Gaspari, comparou nossa imprensa aos militares golpistas de 1964. Não dá para entender José Dirceu. O triunfo eleitoral de Lula demonstra claramente que a imprensa é inofensiva. Quando ela tenta reagir, basta comprá-la. O Brasil não é dominado por uma elite má. Essa elite má só existe para

gente como José Dirceu e Elio Gaspari. O Brasil é dominado por uma massa de pobres ignorantes. Eles estão decidindo por nós. E estão decidindo muito mal. Isso se não confundirem os algarismos e apertarem os botões errados.

**“Em minhas análises do Datafolha e do Ibope, Lula sempre perde. É um mundo melhor, o meu. Um mundo mais limpo. O resto da imprensa é igual a mim. Todos os jornalistas interpretam as pesquisas de acordo com seus desejos e simpatias”**

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, mesmo sendo um contra-senso, é realidade, uma triste realidade, constatar que, no Brasil, pouco mais da metade dos nossos estabelecimentos médicos dispõe de adaptações para acesso de deficientes físicos.

Os dados constam de levantamento divulgado pelo IBGE, em pesquisa de Assistência Médico-Sanitária. A estatística adianta, ademais, que nos hospitais e órgãos públicos de saúde a situação ainda é pior: apenas 44,9% dos estabelecimentos contam com acessos para deficientes.

Em matéria publicada pelo jornal **O Globo**, o Superintendente da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação-ABBR, Nelson Mesquita, garante que não há boa vontade e fiscalização do Ministério da Saúde nem da Agência Nacional de Vigilância Sanitária-ANVISA.

Diz Mesquita que o problema se agrava em prédios hospitalares mais antigos. Lamentavelmente, as estatísticas mostram que são os hospitais e outras instalações de saúde do Norte os que menos contribuem para facilitar o acessos dos deficientes. As Regiões Sudeste e Sul, ao contrário, são as mais avançadas nesse aspecto, as duas empatadas, com pouco mais de 61% de unidades que cumprem a lei.

Além do problema de acesso, a pesquisa informa que 36% dos estabelecimentos de saúde não contam com controle de infecção hospitalar.

E acrescento um apelo a todos os hospitais do Brasil para que, o mais rapidamente possível, promovam as adaptações para o acesso de deficientes.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, num tempo não muito distante, havia na tv um programa, antes do noticiário, com o nome **Gente que faz!** Eram cinco minutos bem produzidos, para exaltar algum fato real.

Hoje, chegou ao meu gabinete e-mail que me fez lembrar esse programa, já inexistente. Infelizmente. Foi-me enviado por Silvino Geremia, empresário bem sucedido de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Sua empresa tem 280 empregados e fabrica equipamentos para extração de petróleo, ramo que exige tecnologia de ponta e muita pesquisa. Disputa cada pedacinho do mercado com países fortes, como os Estados Unidos e o Canadá. Ele sabe que só dá para ser competitivo se tiver pessoas qualificadas trabalhando em sua empresa.

Aí entra o Geremia-Gente que faz. Com a preocupação de vencer e tornar seus produtos competitivos, ele criou, em 1988, um programa que custeia a educação em todos os níveis para qualquer funcionário, seja ele um varredor ou um técnico.

Até aqui, ainda temos o Geremia-Gente que faz.

No seu e-mail, ele se diz surpreso por ter descoberto que, no Brasil de hoje, investir em educação – e ajudar seus funcionários – é ilegal!

Descobri – disse – que investir em Educação é algo contra a lei.

Ele mesmo, o Bom Cidadão-Gente que faz, descobriu que estava na ilegalidade, para ele absurda, ao receber a visita de um fiscal do INSS, que entendeu que educação é salário indireto.

Aí veio um turbilhão de exigências. A começar pela exigência de recolher a contribuição social sobre os valores pagos aos estabelecimentos de ensino frequentados pelos funcionários da indústria de Geremia, acrescidos de juros de mora e multa. Ele teria, então, que pagar R\$26 mil à Previdência por promover a educação dos funcionários.

O empresário, porém, não recorreu à Justiça. Não pelo valor que seria obrigado a pagar. É porque acha a tributação um atentado. E informou em seu e-mail que vai continuar não recolhendo um centavo ao INSS, mesmo que eu seja multado mil vezes. Na mensagem que me enviou, Geremia disse considerar falido o Estado brasileiro. E acrescenta:

Mais da metade das crianças que iniciam a 1ª série não conclui o ciclo básico. A Constituição diz que educação é direito do cidadão e dever do Estado. E quem é o Estado? Somos todos nós. Se a União não tem recursos e eu tenho, eu acho que devo pagar a escola dos meus funcionários.

E ainda: Se a moda pega, empresas que proporcionam benefícios aos seus empregados vão recuar. É o único caminho.

Fica o registro, Sr. Presidente, desse desabafo de um empresário que enfrenta problemas com a Previdência por ter criado um programa de ajuda aos seus empregados que desejam estudar.

Termino com a leitura da parte final do e-mail de Geremia: Por favor, deixem quem está fazendo alguma coisa trabalhar em paz. Passem a cobrar e a fiscalizar quem desvia dinheiro, os sonegadores e os que sonegam impostos e fraudam a Previdência.

Sou filho de família pobre, de pequenos agricultores, e não tive muito estudo. Completei o 1º grau aos 22 anos e, com o dinheiro ganho no meu primeiro emprego, numa indústria de Bento Gonçalves, na serra gaúcha, paguei uma escola técnica de eletromecânica. Cheguei a fazer vestibular e entrar na faculdade, mas não pude termiari o curso de Engenharia Mecânica, por falta de tempo. Eu precisava fazer minha empresa crescer. Até hoje me emociono quando vejo alguém da minha firma se formar. Quis fazer com meus empregados o que gostaria que tivessem feito comigo. A

cada ano elevam-se os valores que invisto em educação, porque muitos funcionários já estão chegando à Universidade.

O fiscal do INSS acredita que estou sujeito a ações judiciais. Segundo ele, algum empregado que não receba os valores para educação poderá reclamar equiparação salarial com o colega que recebe. Nunca, porém, desde que existe o programa, um funcionário meu entrou na Justiça. Todos sabem que estudar é uma opção de quem têm vontade de crescer. E quem tem esse sonho, pode realizá-lo, ao menos na minha empresa, que oferece essa oportunidade. O empregado pode estudar o que quiser, mesmo que seja Filosofia, (que não teria qualquer aproveitamento prático na Geremia). No mínimo, ele trabalhará mais feliz. Conclui o Geremia:

Meu sonho de consumo sempre foi uma Mercedes-Benz. Adiei esse sonho várias vezes porque, como cidadão consciente do meu dever social, quis usar o dinheiro para fazer alguma coisa pelos meus 280 empregados. Com os valores que gastei no ano passado na educação deles, eu poderia ter comprado duas Mercedes. Teria mandado dinheiro para fora do país e não estaria me incomodando com leis absurdas. Mas não consigo fazer isso. Sou um teimoso.

Com esse alerta, temo desestimular os que ainda não pagam os estudos de seus funcionários. Não é o meu objetivo. Eu, pelo menos, continuarei ousando ser empresário, a despeito de eventuais crises, e não vou parar de investir no meu patrimônio mais precioso: as pessoas.

Eu sou mesmo teimoso.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. MARCOS GUERRA** (PSDB – ES. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Lee Lacocca, ex-presidente da Ford e da Chrysler, diz que a competitividade de um país não começa nas indústrias e nos laboratórios de engenharia. Ela começa nas salas de aula. Trata-se de uma verdade simples, infelizmente ainda pouco aceita entre nós. Não há país desenvolvido que tenha chegado ao estágio em que se encontra sem oferecer uma educação de qualidade aos seus jovens.

Nenhum sistema educacional estará de acordo com as necessidades modernas se for incapaz de acompanhar as demandas cada vez mais especializadas de um mundo competitivo. Países como Irlanda, Espanha e Coréia do Sul fizeram do conceito de empreendedorismo um componente essencial da formação de seus estudantes. O objetivo é prepará-los plenamente para a vida, seja como donos de seu próprio negócio, seja como profissionais em busca de uma oportunidade de carreira.

Ao contrário do que o termo faz supor, o empreendedorismo busca desenvolver muito mais que a capacidade de gestão de um novo empreendimento. Ele capacita o cidadão para a vida, fortalecendo a iniciativa, a disposição para inovar e enfrentar desafios e riscos.

A persistência, a tenacidade e a autoconfiança na busca de objetivos são qualidades que podem ser despertadas e estimuladas no meio escolar. É dever da educação proporcionar aos estudantes oportunidades para sua auto-realização, e nada é tão importante quanto a formação de profissionais aptos para o mercado de trabalho.

Estatísticas mostram que estamos longe de cumprir essa meta. De acordo com relatório de 2005 do Dieese, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, o índice de desemprego entre brasileiros com idades entre 16 e 24 anos é de 31,82%, mais que o dobro do registrado entre faixas etárias superiores.

Todos temos um potencial empreendedor, e o Brasil é um dos países mais empreendedores do mundo. Num **ranking** de 37 países pesquisados por grau de empreendedorismo, estamos em sétimo lugar, segundo dados divulgados este ano pelo Sebrae. Falta aperfeiçoar esse enorme potencial, e a educação é uma peça fundamental para estimular a criatividade e fazer com que o nível de capacitação profissional esteja à altura das necessidades do mercado.

É com este propósito que estou apresentando o Projeto de Lei número 273, que inclui o empreendedorismo como componente curricular dos ensinos fundamental e médio no Brasil, dando prazo de dois anos para que a inovação entre em vigor.

Acredito que o incentivo à inovação e ao empreendedorismo devem ser parte obrigatória de qualquer política pública. Hoje em dia, na maioria absoluta das profissões, o empreendedor tem maiores chances de acesso ao emprego e também de desenvolver projetos por sua própria iniciativa. Em resumo, é alguém mais bem preparado para a vida e para a realização profissional, muito menos sujeito a fazer parte do contingente de desempregados.

Precisamos de um sistema educacional flexível, dotado de mecanismos de aprimoramento constante, que possa garantir aos nossos estudantes a aquisição de capacidade crítica, de inventividade e de iniciativa. O ensino do empreendedorismo desempenhará um papel vital na superação do abismo hoje existente entre a formação escolar e a realidade que nossos jovens encontram quando concluem os estudos e buscam uma oportunidade de trabalho, como provam as estatísticas de desemprego.

Por tais razões, conto com o apoio dos ilustres colegas para a iniciativa. Ela contribuirá para a construção de uma cultura de empreendedorismo, e para que a escola forneça grande parte das habilidades e competências exigidas pelo mundo globalizado.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, recebi, há alguns dias, o Relatório de Administração do Banco Central – Bacen – para o ano de 2005. Foi com satisfação que pude perceber que o Bacen vem cumprindo com louvor o papel de guardião do Sistema Financeiro Nacional, assegurando a solidez de todo o sistema e a estabilidade do poder de compra da moeda.

Não hesito em correlacionar a tranqüilidade macroeconômica deste período eleitoral à atuação comprometida com o País, desempenhada pelo Banco Central há tantos anos. Todos nos recordamos dos cenários catastrofistas envolvidos na eleição presidencial de 2002.

Naquela época, o dólar esbarrou nos 4 reais, o risco-país foi nas alturas enquanto a Bovespa despenhava. Venceu o candidato ao qual alguns profetas da desesperança associavam o caos, mediante políticas pouco responsáveis no campo econômico. Estavam redondamente enganados.

O Relatório do Bacen de 2005 mostra a evolução bastante significativa dos fundamentos macroeconômicos do Brasil. A inflação vem seguindo trajetória de queda, enquadrando-se de forma reiterada no sistema de metas de inflação. Isso prova a correção de uma política econômica mais austera, principalmente nos momentos iniciais do Governo, quando diversos fatores ameaçavam a estabilidade do mercado financeiro.

A convergência dos indicadores econômicos às metas estabelecidas pelas autoridades monetárias tem possibilitado a queda gradual e prudente, da taxa básica de juros, a Selic.

O aumento da confiança dos agentes econômicos tem-se refletido, por exemplo, no superávit recorde na balança comercial em 2005, que alcançou o montante de 44,8 bilhões de dólares. O saldo positivo em transações correntes também é inédito: 14,2 bilhões de dólares em 2005.

É claro que reconhecemos o papel positivo de uma conjuntura internacional de maior liquidez nos dias de hoje, sem grandes sustos, como aqueles que abalaram os mercados financeiros no final da década de 1990. O Brasil sofreu enormemente o baque, junto de Rússia, México e os “tigres asiáticos”.

Porém, é justo destacarmos o mérito do Banco Central do Brasil em valer-se de conjuntura atual fa-

vorável para promover ajustes importantíssimos na gestão da economia brasileira.

Um dos resultados visíveis de nosso avanço institucional, repito, pode ser verificado na calma com que os mercados interno e internacional vêem o processo sucessório em nosso País.

Sr. Presidente, não posso concluir sem antes mencionar a ampla cooperação do Banco Central com o Poder Legislativo. As Comissões Parlamentares de Inquérito têm no Bacen um poderosíssimo aliado na obtenção de dados e, até, na cessão de servidores de seu quadro para auxiliarem nos trabalhos das CPIs.

É a integração e o compartilhamento de dados entre o Bacen e o Congresso Nacional que têm possibilitado o esclarecimento de relevantes fatos políticos perante as autoridades e a opinião pública.

Além disso, conhecemos muito bem a tempestividade com que o Banco Central responde a nossos pedidos de informação. Seus dirigentes, por sua vez, não se furtam a comparecer a audiências públicas na Câmara dos Deputados ou no Senado Federal sempre que a ocasião se mostra necessária.

É igualmente importante a integração desenvolvida entre o Banco Central e o Judiciário. Algumas demandas, como o bloqueio e desbloqueio de contas de pessoas arroladas em ações judiciais, requerem sintonia fina entre as instituições. O Relatório do Banco Central de 2005 demonstra que essa sintonia, felizmente, não tem faltado.

Sr. Presidente, faço questão de repercutir, ao menos, as linhas gerais desse importante documento emitido pelo Bacen, porque tanto aquela autoridade monetária, guardião do sistema financeiro, quanto o Senado Federal têm compromisso inequívoco com a transparência e com a prestação de contas à sociedade.

Pelo alcance que as decisões do Banco Central têm na vida de todos, desde os grandes bancos até o orçamento da dona de casa, é fundamental cumprirmos com nossa atividade fiscalizadora e reconhecermos os avanços mais expressivos de nossa política monetária.

Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Ainda muito havendo a tratar, mas sem oradores inscritos, a Presidência vai encerrar os trabalhos, convocando as Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores para a sessão não deliberativa de quinta-feira, às 14 horas.

**A SRA. PRESIDENTE** (Heloísa Helena. P-SOL – AL) – Está encerrada a presente sessão.

*(Levanta-se a sessão às 18 horas e 53 minutos.)*

## Ata da 186ª Sessão Não Deliberativa, em 16 de novembro de 2006

4ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura

*Presidência da Sra. Serys Slhessarenko e dos Srs. Mozarildo Cavalcanti,  
Mão Santa, Paulo Paim e Delcídio Amaral*

*(Inicia-se a sessão às 14 horas)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Slhessarenko. Bloco/PT – MT) – Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos nossos trabalhos.

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Slhessarenko. Bloco/PT – MT) – Pela ordem de inscrição, concedo a palavra ao primeiro orador inscrito, Senador Mozarildo Cavalcanti, por permuta com o Senador Delcídio Amaral.

S. Ex<sup>a</sup> tem a palavra.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PTB – RR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, até 1988 todos os Parlamentares, e diria mesmo que todos os brasileiros, já tinham consciência das imensas desigualdades regionais que afetam o nosso País. Foi talvez esse o fator mais importante que levou Juscelino Kubitschek a trazer a capital do Brasil lá do Rio de Janeiro, do litoral, para o Centro-Oeste, iniciando, portanto, assim, uma caminhada de integração efetiva do País.

Foi também ele que idealizou e executou a rodovia Belém-Brasília, integrando a porta de entrada da Amazônia, ou a Amazônia mais desenvolvida que existia na época, que era justamente Belém, com a então nova capital, Brasília. Isso realmente fez com que o Brasil saísse mais do litoral – tanto do rico, do Sul e do Sudeste, quanto do não tão rico, eu diria mesmo pobre, do Nordeste do Brasil.

Excluídas essas medidas aqui citadas, que, na verdade, tiveram espaço no Governo Juscelino, nada mais se fez de concreto, de real, para que houvesse a integração dessas regiões e, conseqüentemente, houvesse a eliminação, mesmo que gradual, das imensas desigualdades regionais.

Na Constituição de 1988, da qual tive a honra de ser um Deputado Constituinte, debateu-se muito esse problema e se colocou, inclusive, como uma das atribuições ou finalidades da República a eliminação das desigualdades regionais e sociais. E isso, hoje, é um ditame constitucional, não é apenas mais uma aspi-

ração política, não é apenas mais uma reivindicação daqueles que vivem nas regiões mais pobres; é um imperativo constitucional.

Muito bem. Passados todos esses anos – de 1988 até 2006 –, se olharmos ações efetivas do Governo Federal para fazer essa integração e caminhar, portanto, no sentido da eliminação dessas desigualdades, veremos que pouco foi feito.

Eu li antontem – e gostaria de ler aqui pelo menos alguns trechos – um artigo publicado no **O Estado de S. Paulo** – como não tem assinatura de nenhum jornalista, deve ser editorial do próprio jornal. O título é: “Diferenças regionais continuam. Ritmo de combate às desigualdades regionais caiu nos anos 90, diz Ipea”.

“Num país onde a renda de um cidadão paulista é 500% maior de que a de quem nasce no Maranhão, a notícia mais recente sobre as desigualdades regionais brasileira é ruim. Aplicando o índice de Theil, criado especialmente para apurar disparidades de rendas entre regiões, verifica-se que entre 1970 e 1986 a desigualdade caiu em média 2,9% ao ano. A partir de então, a redução foi de 1% ao ano – desempenho píffio, que ajuda a perpetuar o abismo entre os Estados brasileiros, como demonstra o estudo *Intervenção Estatal e Desigualdade Regional no Brasil*, de Aristides Monteiro Neto, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgado semana passada.” O País deixou de ter uma política para superar desigualdades”, diz o pesquisador.

Os estudiosos sabem que existem exemplos dramáticos de desigualdades mesmo em sociedades desenvolvidas, mas há poucos casos semelhantes ao do Brasil, onde um habitante do Distrito Federal tem renda 690% superior a de quem reside, por exemplo, no Piauí – do Senador Mão Santa –, enquanto um fluminense embolsa 350% a mais do que um cearense. Monteiro Neto explica o retrocesso por um conjunto de fatores. Um deles foi a mudança do papel do Estado. Antes, Brasília destinava subsídios e patrocinava investimentos que produziam epopéias no meio do mato. O símbolo maior foi Juscelino Kubitschek: arrombou o caixa da Previdência e criou Brasília, que hoje abriga a maior renda **per capita** do País e lidera região que há décadas exhibe os melhores índices de crescimento”.

Quero aqui fazer um comentário sobre essa parte do artigo que mostra claramente que também são

equivocadas as duas vertentes do problema. Por quê? De um lado, há aqueles que acham que o Estado não deve intervir, que o Estado deve estimular a iniciativa privada e, então, investir naquelas cidades. Vimos, no entanto, durante o período da Sudam e da Sudene que, na verdade, os incentivos eram dados, na maioria das vezes, para fraudadores. Então, o dinheiro público, o dinheiro do povo, era dado para investidores que deveriam ali aplicar em projetos de desenvolvimento regional e, teoricamente, parte desses investimentos retornaria de uma forma ou de outra para o Tesouro. Mas o que se viu é que não foi uma experiência bem aplicada. Por outro lado, a outra vertente, qual seja, querer simplesmente estatizar tudo também não é o caminho. O que estamos vendo, por exemplo, na Amazônia, abrangendo não só toda a Região Norte, mas um Estado do Centro-Oeste e um pedaço de um Estado do Nordeste, que é o Maranhão, é que para a Amazônia não existe uma política diferenciada no sentido de desenvolvê-la. Começa-se a discutir modelos, ou seja, que modelo queremos para a Amazônia. Na verdade, o modelo que está sendo adotado é o modelo do nada, é o modelo do nada! Querem corrigir os erros dos desmatamentos ou derrubadas irregulares decorrentes da ação de certos vândalos que não estão ali colocados para desenvolver uma região, substituindo-se tudo isso por não se fazer nada. A lei é “vamos parar tudo para estudar tudo”. Desse modo, vamos perdendo mais anos.

Falo como um homem da Região Norte. É preciso efetivamente haver um plano geoestratégico de desenvolvimento que não saia da cabeça iluminada dos técnicos que estão em Brasília há décadas. Eles, muitas vezes, não se dão nem o luxo – se é possível utilizar essa expressão – ou o desafio de ir, por exemplo, aos Estados discutir com os Governadores, os Deputados Estaduais, os Prefeitos e as entidades constituídas para levantar elementos mínimos a fim de elaborar um plano. Não agem assim e, às vezes, lêem apenas relatórios ou se julgam muito sábios e já constroem uma receita pronta para o que se deve fazer no meu Estado, Roraima, em Mato Grosso e no Piauí, Estado do Senador Mão Santa. Portanto, ficamos na mesma situação.

O que estamos constatando com esses estudos sucessivos? Na verdade, como diz a música popular, observamos que quem é mais rico está ficando mais rico e quem é mais pobre está ficando mais pobre. Nos Estados do Sul e do Sudeste, apesar de passarem por muitas dificuldades, as camadas da média para cima estão cada vez mais ricas, enquanto nos Estados mais pobres até as camadas mais altas estão mais pobres, porque realmente não existe nenhuma política de desenvolvimento. Não há, por exemplo, um planejamento no sentido de, em Roraima, dar prioridade à produção de cana, e conseqüentemente de álcool, cujo mercado consumidor, a Venezuela, está ali ao lado. Em Roraima, também vamos produzir soja, beneficiá-la e

exportá-la para a Venezuela, a Guiana, o Caribe etc. Não, não há um plano!

Queremos encontrar caminhos nos quais o Governo Federal possa nos ajudar, mas há sempre aquela história: isso não se pode fazer, por causa disto; isso não se pode fazer, por causa daquilo; não se pode fazer isso, porque os grandes interesses internacionais serão contrariados. É preciso que comecemos a quebrar esses paradigmas.

Tenho conversado com alguns Governadores da Região Norte para que se reúnam, discutam o programa de cada um dos Estados e depois amarrem todos os interesses num pacote só. E eles viriam aqui não como se viessem pedir esmola ao Presidente da República, com o pires na mão, pedir este ou aquele valor para o Estado. Afinal de contas, esta Federação – diz-se República Federativa do Brasil –, na prática, não é uma federação, porque o grosso do dinheiro concentra-se no Governo Federal e, depois, cada Governador, cada Prefeito tem de vir aqui, correr atrás de um dinheirinho para fazer uma escola ou um hospital. Temos o exemplo do Incor, em São Paulo, que está entrando em falência, e tantos outros casos.

Não se fala em infra-estrutura, porque estradas, rodovias, portos estão sucateados. E estou falando do Brasil Maravilha, do Sul e do Sudeste, porque, se formos falar do Brasilzão do interior, se formos falar do Norte e do Nordeste, a situação será muito pior.

Então, deixo este apelo, Sr<sup>a</sup> Presidente, pedindo que o artigo intitulado “Diferenças Regionais Continuum” seja transcrito como parte integrante do meu pronunciamento.

Na Região Norte, há disparidades intra-regionais. Quando se fala em Norte, muita gente pode pensar em Manaus, na Zona Franca, ou em Belém, cidade porto, que foi durante muito tempo porta de entrada da Amazônia. Mas a Amazônia tem a sua outra parte, onde estão Roraima, Acre, Rondônia, Amapá, a parte menos desenvolvida ainda da Região Norte. Portanto, temos de partir para um debate e para uma ação mais eficaz.

O Presidente Lula diz que fará este País crescer 5% ao ano. Acho pouco provável, porque também é dito nesse artigo que, ao se desenvolver São Paulo, a cidade colabora com os impostos que repassa para a União e que vão para os Estados, mas depois esses recursos voltam dos Estados para São Paulo novamente, porque tudo que é bem de capital, tudo que é implemento tem de ser comprado em São Paulo. Então, é uma roda viva perversa que nunca será quebrada, se não houver investimento nas regiões mais pobres.

Aliás, pela lógica, para que os Estados mais ricos tivessem menos problemas sociais teriam de fazer com que seu vizinho mais pobre pudesse se beneficiar do seu desenvolvimento.

Está aqui o Senador Paulo Otávio, que conhece muito bem o quanto Brasília sofre de sobrecarga por causa do entorno. Trata-se de uma região que, no fun-

do, está em outro Estado, Goiás ou Minas Gerais, mas que termina vindo para cá porque está mais próximo e há mecanismos mais fáceis para atendê-la.

Portanto, devíamos pensar em mudar essa equação, que as diferenças regionais pudessem desequilibrar a favor dos mais fracos e que se incentivassem os Estados mais fracos a participarem de maneira mais ativa.

Dou o exemplo do meu Estado, praticamente localizado dentro da Venezuela, que tem uma série de barreiras para se desenvolver. Não exporta nem importa como poderia, e – o absurdo! – estamos desde maio deste ano lutando por uma coisa: importarmos gasolina e **diesel** da Venezuela por preço diferenciado, para que possamos desenvolver a agricultura, a pecuária, como também baratear o transporte escolar, ajudar o pequeno produtor. Se importássemos a preço diferenciado, pagando os impostos, venderíamos hoje a gasolina em Roraima pela metade do preço que é vendida.

Sabe quanto é a gasolina na Venezuela, Senador Paulo Octávio? Não chega a R\$0,50 o litro. Há um posto que vende só para brasileiro pelo preço de R\$1,10. E, na bomba, em Roraima, é R\$2,90. Não há como entender por que o Brasil não encontra fórmulas para atender aos brasileiros que estão tomando conta da fronteira, que estão fazendo das tripas coração para continuar vivendo lá. E o Governo só faz desestimulá-los.

Não vou falar só do Governo Lula, que nada fez nesse primeiro mandato, pois essa situação já vem se acumulando. O ex-Presidente Fernando Henrique só fez uma coisa importante em relação a Roraima, uma linha de transmissão de energia hidrelétrica que vem de Guri, na Venezuela. Mas me arrepio em pensar o que vai acontecer se, algum dia, o Chávez adotar em relação à energia posição parecida com de Evo Morales em relação ao gás. Ao ficarmos dependentes de uma energia gerada em um País vizinho, ficamos também dependentes do humor ou do entendimento do dirigente daquele País.

Quero deixar isso registrado, especialmente com relação ao meu Estado, sem dúvida o mais castigado nessa questão, embora paradoxalmente seja o que tem mais riquezas e que, somente explorando-as, poderia ser o mais desenvolvido. Se explorássemos apenas os minerais mais primários que existem ali, estaríamos muito bem. Mas não podemos explorá-los, porque foram criadas reservas indígenas nessas áreas. Não podemos explorar em toda a sua plenitude nossos campos naturais, que têm menos árvores que o cerrado do Centro-Oeste, porque também, em sua maioria, existem reservas indígenas. Mas nem o que está em reserva indígena ou em reserva ecológica podemos explorar, porque o Incra, ainda na época de território, tomou-nos essas terras e teima em não nos devolvê-las. Estamos até na Justiça quanto a isso. E o

Presidente poderia resolver essa questão por decreto. É só querer.

Este é o registro que quero fazer. Nesta semana, continuarei, com mais intensidade ainda, reclamando e pedindo essas soluções, a par de tomar minhas iniciativas no que tange a apresentar projetos, a discutir com os Ministros.

Reelegi-me, com muita honra, em oposição ao Presidente Lula. O povo de Roraima mais do que dobrou a votação que tive na eleição passada e fez com o Presidente Lula o inverso. Em seu primeiro mandato, no segundo turno, Sua Excelência teve proporcionalmente a maior votação do Brasil, 82% dos votos. Agora, o resultado inverteu. O Alckmin teve 59% no primeiro turno e, no segundo turno, foi para 61%, e o Presidente Lula ficou flutuando em torno de 30%. Por quê? Porque o povo de Roraima quer que Sua Excelência mude a postura em relação a Roraima e, como estou dizendo aqui, tenha um plano estratégico para a Região, com um especial olhar para o Estado, que ficou parado esses quatro anos.

Antes de encerrar, muito me honra ouvi-lo, Senador Paulo Octávio.

**O Sr. Paulo Octávio (PFL – DF)** – Senador Mozarildo Cavalcanti, em primeiro lugar, quero cumprimentá-lo pela brilhante eleição, V. Ex<sup>a</sup> que tão bem representa o povo de Roraima no nosso Senado Federal. E quero deixar bem claro que o seu pronunciamento é muito oportuno; queremos crescer o Brasil como um todo, pois precisamos de otimismo, de desenvolvimento. É o que está faltando. O exemplo citado por V. Ex<sup>a</sup> de um litro de gasolina custar cinco vezes mais aqui do que no país vizinho, logicamente é um entrave ao nosso crescimento econômico e diminui a geração de emprego de que tanto precisamos. Por isso, seu pronunciamento é tão oportuno, vem em boa hora e é um alerta a esta Casa para as desigualdades regionais que atravessam nosso País. V. Ex<sup>a</sup> bem sabe como é importante o seu Estado, que faz limites com tantos outros países, deslocado do centro do Brasil, e bem sabe como é difícil levar àquela Região o desenvolvimento. Por isso, é uma responsabilidade do Senado Federal, do Presidente da República essa preocupação com os Estados mais afastados do centro do Poder. Meus cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI (PTB – RR)** – Muito obrigado, Senador Paulo Octávio. Sei que V. Ex<sup>a</sup>, como homem do Distrito Federal, que tem até laços familiares com o ex-Presidente Juscelino Kubitschek, sabe que, depois dele, talvez somente um Presidente tenha se preocupado muito de leve com o Norte do Brasil e, principalmente, com o meu Estado.

Para se ter idéia, às vezes, o candidato à Presidência da República chegava a Manaus, que dá uma hora de vôo até Boa Vista, e alguém dizia: “Vamos até



Roraima". Mas ele respondia que não, pois não estava fazendo campanha para Vereador. Da mesma forma, nessa última eleição, o Presidente Lula não foi a Roraima, enquanto o candidato Alckmin foi. São poucos votos realmente, mas se trata um Estado do Brasil e temos de ser olhados como tal, e não como um Estado que tem população "x" ou "y". Somos todos brasileiros. Aliás, creio até que quem mora ali, exposto a tantas

mazelas, como malária, oncocercose etc., deveria ser considerado mais brasileiro do que os outros. Muito obrigado.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR MOZARILDO CAVALCANTI EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

|  |                                   |                              |                      |                      |
|--|-----------------------------------|------------------------------|----------------------|----------------------|
| <b>JORNAL</b><br><b>O ESTADO DE S. PAULO</b> | <b>DIA/MÊS/ANO:</b><br>12 nov. 06 | <b>EDITORIA:</b><br>Nacional | <b>CADERNO:</b><br>A | <b>PÁGINA:</b><br>84 |
|--|-----------------------------------|------------------------------|----------------------|----------------------|

# Diferenças regionais continuam

Ritmo de combate às desigualdades regionais caiu nos anos 90, diz Ipea

BRASÍLIA

Num país onde a renda de um cidadão paulista é 500% maior que a de quem nasce no Maranhão, a notícia mais recente sobre a desigualdade regional brasileira é ruim. Aplicando o índice de Theil, criado especialmente para apurar disparidades de renda entre regiões, verifica-se que entre 1970 e 1986 a desigualdade diminuiu em média 2,9% ao ano. A partir de então, a redução foi de 1% ao ano – desempenho pífilo, que ajuda a perpetuar o abismo entre Estados brasileiros, como demonstra o estudo *Intervenção Estatal e Desigualdade Regional no Brasil*, de Aristides Monteiro Neto, pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgado semana passada. “O País deixou de ter uma política para superar a desigualdade”, diz o pesquisador.

Os estudiosos sabem que existem exemplos dramáticos de desigualdade mesmo em sociedades desenvolvidas, mas há poucos casos semelhantes ao do Brasil, onde um habitante do Distrito Federal tem renda 690% superior à de quem reside no Piauí, enquanto um fluminense embolsa 350% a mais do que um cearense. Monteiro Neto explica o retrocesso por um conjunto de fatores. Um deles foi a mudança do papel do Estado. Antes, Brasília destinava subsídios e patrocinava investimentos que produziam epopéias no meio do mato. O símbolo maior foi Juscelino Kubitschek: arrombou o caixa da Previdência e criou Brasília, que hoje abriga a maior renda per capita do País e lidera região que há décadas exhibe os melhores índices de crescimento.

A partir dos anos 90, diz Monteiro, o Estado se retirou da cena e passou a financiar investimentos privados – que têm interesse em privatizações, em shopping centers, hotéis e outros negócios que, como manda a lógica privada, oferecem retorno razoável e contas em dia. A pesquisa mostra que esses recursos seguem caminhos que raramente coincidem com os mais desejáveis para diminuir a desigualdade.

Num levantamento de 2002, verifica-se que os três Estados mais ricos se tornaram destino de 51% dos investimentos privados. São Paulo recebeu 31%, o Rio ficou com 13% e Minas, com 7%. Já o Ceará recebeu 1,3% e Pernambuco, 3,1%. A soma de Maranhão, Alagoas, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte chegou a 2,5%. Apurando investimentos federais em habitação, a pesquisa mostra que Sudeste recebeu 600% a mais do que o Nordeste.

São Paulo tornou-se centro dinâmico da economia brasileira depois que passou a concentrar os recursos da exportação de café, base para a industrialização. Em 1919, São Paulo abrigava 38% da riqueza nacional. Em 1970, a fatia chegou a fantásticos 58%, a mais alta da história. Articulado com os demais Estados do País, o enriquecimento paulista espalhou benefícios mesmo gerando desigualdades. Entre 1960 e 1989, o Brasil teve crescimento médio anual de 6%. O Norte cresceu

DOCUMENTO A QUE SE REFERE:

DOCUMENTO A QUE SE REFERE

9,3% e o Centro-Oeste, 8,3%. O Nordeste cresceu 5,7%, mas teve uma vantagem – iniciou a industrialização.

Nos anos 70, Minas recebeu um investimento que mudou sua história – a fábrica da Fiat, onde o governo do Estado assumiu 40% do negócio. “Hoje, isso não seria possível”, diz o deputado Roberto Brant. “Os governadores estão sem margem de manobra.” Para o deputado, a Lei de Responsabilidade Fiscal foi uma medida sábia do Congresso, para garantir a estabilidade da economia, “mas criou restrições duríssimas que não foram bem avaliadas na época.”

O Estado foi retirado da cena depois de protagonizar grandes escândalos com o dinheiro do contribuinte. Milhões de reais em subsídios saíam dos cofres públicos para o bolso de fraudadores, que nem se davam ao trabalho de fingir que realizavam investimentos produtivos. A pesquisa de Monteiro sustenta a visão de que, apesar das falcatruas, o saldo final tem mais pontos positivos do que se costuma imaginar.

Com 21% da população do País, São Paulo responde por 40% dos impostos federais. É uma carga altíssima e pesada, mas que tem sua lógica. Esse dinheiro retirado do contribuinte paulista costuma ser transferido a Estados sem recursos, mas não fica por lá. Uma boa parte retorna a São Paulo para comprar bens e serviços que as economias mais atrasadas não podem produzir.

Resultado: os paulistas mantêm empregos e podem investir em novos projetos em boa medida graças ao imposto que pagam. A equação funciona para as duas partes quando a economia cresce a taxas altas. Quando anda de lado, como ocorre há vários anos, o sistema se transforma num abraço de afogados e todos perdem. ● P.M.L.

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Slhessarenko. Bloco/PT – MT) – Obrigada, Senador Mozarildo.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 1.131, DE 2006**

##### **Requer a convocação de Sessão Especial conjunta do Senado Federal e da Câmara dos Deputados para comemorar o Dia Internacional para Eliminação da Violência Contra a Mulher.**

Requeremos, nos termos do Art. 199 do Regimento Interno, combinado com o Art. 53 do Regimento Comum, a realização de Sessão Especial Conjunta a ser realizada no Plenário da Câmara dos Deputados, no dia 30 de novembro do corrente ano, às 10 horas, para comemoração do Dia Internacional para Eliminação da Violência Contra a Mulher.

#### **Justificação**

A realização da Sessão Especial Conjunta significará uma demonstração de que o Parlamento Brasileiro não abre mão de sua disposição de lutar contra todas as formas de violência de gênero, em busca de uma sociedade mais justa e harmônica.

Sala das Sessões, de novembro de 2006. – **Serys Slhessarenko – Flávio Arns – Antônio Carlos Valadares – Mão Santa – Jefferson Peres – Geraldo Mesquita Júnior.**

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Slhessarenko. Bloco/PT – MT) – A Presidência convoca sessão conjunta solene a realizar-se dia 30 do corrente, quinta-feira, às dez horas, no Plenário da Câmara dos Deputados, destinada a comemorar o Dia Internacional para Eliminação da Violência contra a Mulher.

**O SR. PAULO OCTÁVIO** (PFL – DF) – Sr<sup>a</sup> Presidente, peço a palavra pela ordem.

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Slhessarenko. Bloco/PT – MT) – Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Paulo Octávio.

**O SR. PAULO OCTÁVIO** (PFL – DF. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, eu gostaria não só de falar pela Liderança do PFL, mas também de usar a palavra, por cinco minutos, para uma comunicação inadiável.

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Slhessarenko. Bloco/PT – MT) – Concedo a palavra ao nobre Senador Paulo Octávio, por cinco minutos, para uma comunicação inadiável, nos termos do art. 14, inciso VII, combinado com o art. 158, § 2º, do Regimento Interno, intercalando o uso da palavra com os oradores inscritos.

**O SR. PAULO OCTÁVIO** (PFL – DF. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o motivo que me traz à tribuna hoje é a visita que fiz junto com uma comitiva, composta por mais dois outros Senadores, Efraim Morais e Heráclito Fortes, à Organização das Nações Unidas. Lá estivemos em reunião com representantes de mais de cem Parlamentos, de todo o mundo, para discutir assuntos importantes do nosso Planeta.

Um dos temas é logicamente a prevenção contra as crises, contra as guerras; a prevenção em favor da paz.

Tivemos, na segunda-feira próxima passada, o primeiro dia de reunião, com debates sobre esse assunto. No segundo dia, tivemos uma pauta também muito longa e passamos o dia inteiro tratando de uma questão que hoje incomoda a todos nós, incomoda a todos os países, uma dificuldade que muitas vezes limita o desenvolvimento: a corrupção. Então, passamos a terça-feira na ONU, junto à UPI (União Parlamentar Internacional), tratando desse tema. E coube a mim a honrosa tarefa de proferir algumas palavras aos membros da entidade e a representantes do mundo inteiro que estavam presentes naquela ocasião.

Foquei meu discurso, Sr<sup>a</sup> Presidente, sobre o papel fiscalizador e investigador que temos desempenhado ao longo dos últimos anos. O desvio de dinheiro público, a corrupção, a lavagem de dinheiro e uma série de outras deformidades da gestão pública prejudicam o cidadão. O trabalho de homens públicos deve ser pautado pela correção, honradez e compromisso com a população.

O esforço do Parlamento nacional em moralizar o País não pode e não deve ser deixado de lado. Temos de abrir os olhos do mundo para o trabalho que temos desenvolvido para exterminar do seio estatal o câncer da corrupção, que corrói a máquina administrativa.

As Comissões Parlamentares de Inquérito, as famosas CPIs, divulgadas amplamente pelos meios de comunicação, merecem a atenção não só dos países vizinhos como dos mais distantes. Esse instrumento legislativo não existe na maioria das nações. Por isso, não pude me curvar ao dever de mostrar às Nações Unidas que o processo investigativo orquestrado pelo Congresso Nacional ao longo dos últimos anos serve de paradigma.

Desde o fim da ditadura militar, temos dado o exemplo. A lista de CPIs é longa e mostra a árdua tarefa que juntos desempenhamos. Tivemos a CPI do Orçamento, na primeira metade da década de 90, que concluiu pela cassação de mais de uma dezena de parlamentares. Pouco depois, tivemos a apuração de possíveis irregularidades dos títulos públicos, com

lupa sobre a lavagem de bilhões de dólares por meio do sistema financeiro nacional.

Até o esporte, considerado paixão nacional, mereceu o olhar atento dos Deputados e Senadores que participaram das CPIs do Futebol e da Bola. Delas nasceu o Estatuto do Torcedor, importante instrumento legal que regulamenta os direitos e deveres dos espectadores das diversas modalidades esportivas em estádios e ginásios. Mais recentemente, tivemos as CPIs do Bingo e das Sanguessugas.

Enganam-se aqueles que ingenuamente acreditam que o amadurecimento da democracia ocorre sem esforço, sem ruptura, sem dor. Ao contrário, a construção de um Estado limpo ocorre por meio de crises. Temos de punir aqueles que se apropriam do Estado em causa própria, em detrimento do coletivo.

Temos de acabar com a cultura da não-punição. “A ética na política exige exatamente um comportamento permanente a esse respeito. Exige uma crença nos valores que a ética cultiva, uma crença no povo, uma crença na democracia, uma crença na seriedade. E, quando falo em seriedade, não falo em honestidade. Vou mais longe do que isso. Falo em integridade, falo na capacidade que cada um tem de se conduzir de forma adequada em cada circunstância, em cada momento, fazendo com que a política seja colocada num plano superior a cada um dos políticos. Ao fazermos isso, nós certamente estamos contribuindo para a ética na política”, como destacou Mário Covas certa vez. Faço minhas as palavras dele.

Foram essas as palavras, Senadora Serys Slhessarenko, que tão bem representa o Estado do Mato Grosso, que tive a oportunidade de proferir, em nome da Bancada dos três Senadores presentes, nos dois dias de trabalho que tivemos na ONU. Ao lado dos Senadores Heráclito Fortes e Efraim Moraes, representando o Senado Federal e o Congresso Nacional, tive a honra de, na presença de líderes parlamentares de todo o mundo, manifestar a posição firme do Congresso Nacional, no trabalho investigativo, no trabalho que fazemos aqui constantemente e que deve realmente ser motivo de alegria, honra e satisfação para os Parlamentares que compõem as famosas CPIs. É certo que as CPIs dão trabalho. Muitas vezes, atravessamos meses de trabalho, noites adentro, no trabalho investigativo, mas isso tem sido muito importante para o nosso País.

Senador Mozarildo, Senador Mão Santa, Senador Paim, é o exemplo do Brasil sendo levado à frente, para outros países. Podemos servir de modelo para que outros Parlamentos adotem esse sistema que utilizamos com competência aqui nesta Casa.

Encerro minhas palavras agradecendo o convite que me foi formulado pelo Senador Heráclito Fortes

para ali, ao lado dele e do Senador Efraim, ter a oportunidade de fazer comentários sobre o momento que atravessamos no Brasil, na busca pela honestidade e pela integridade.

Foi dito por um representante do México – não sei como ele fez a conta – que a corrupção consome, no mundo inteiro, mais de US\$1 trilhão de dinheiro do contribuinte, em recursos que são desviados para outras funções. Não sei como ele fez essa conta, porque ninguém consegue fazê-la. Mas, realmente, é alarmante a preocupação dos parlamentares de todos os países do mundo com essa chaga, esse mal que atormenta o desenvolvimento social dos países: a corrupção.

Portanto, não poderia deixar sem registro essa importante missão que tivemos nessa semana junto à ONU, representando o Senado Federal.

Muito obrigado.

*A Sra. Serys Slhessarenko, Suplente de Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Mozarildo Cavalcanti.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mozarildo Cavalcanti. PTB – RR) – A Presidência comunica ao Plenário que recebeu o **Recurso nº 13, de 2006**, interposto no prazo regimental no sentido de que seja submetido ao Plenário o **Projeto de Lei do Senado nº 259, de 2004**, de autoria do Senador Efraim Moraes, que *dispõe sobre a anistia, o rebate, a repactuação e o alongamento de dívidas oriundas de operações de crédito rural, e dá outras providências*.

A matéria ficará perante a Mesa durante cinco dias úteis para recebimento de emendas, de acordo com o disposto no art. 235, II, “c”, do Regimento Interno.

É o seguinte o recurso recebido:

#### **RECURSO Nº 13, DE 2006**

Nos termos dos §§ 3º e 4º do art. 91 do Regimento Interno do Senado Federal, recorremos da decisão da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária para que o PLS nº 259, de 2004, de autoria do Senador Efraim Moraes, que “Dispõe sobre a anistia, o rebate, a repactuação e o alongamento de dívidas oriundas de operações de crédito rural, e dá outras providências”, seja submetido ao exame do Plenário do Senado Federal.

Sala das Sessões, – **Romero Jucá – Ideli Salvatti – Marcelo Crivella – Serys Slhessarenko – Tião Viana – Aloisio Mercadante – Sergio Zambiasi – Paulo B. Fontes – Geovani Borges – Eduardo Suplicy – Fátima Cleide – Flávio Arns.**

**O SR. PRESIDENTE** (Mozarildo Cavalcanti. PTB – RR) – Sobre a mesa, projeto que passo a ler.

É lido o seguinte:

## PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 300, DE 2006

**Acrescenta parágrafo único ao art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (Dispõe sobre a pena pela não aceitação de matrícula de aluno portador de necessidades especiais).**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigor com o acréscimo do seguinte parágrafo único.

“Art. 3º.....  
.....

Parágrafo único. A não aceitação de matrícula de aluno, inclusive de portador de necessidades especiais, importará em suspensão do credenciamento da escola na forma do regulamento do sistema de ensino. (NR)”

Art. 2º Esta lei entra em vigor em 1º de janeiro do ano subsequente a sua publicação.

### Justificação

Desde a edição da Lei nº 9.394, de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a educação especial foi contemplada com uma série de dispositivos que garantem que pessoas portadoras de necessidades especiais (PNE) tenham acesso à escola básica, com benefícios diversos e específicos, tais como currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização.

O art. 59, III, da LDB, tanto exige professores com adequada especialização em nível superior ou médio, para prestar atendimento especializado, quanto assegura a capacitação de professores do ensino regular, para a melhor integração dos educandos especiais nas classes comuns. Assim, as escolas estão obrigadas, desde a edição desta Lei, em 1996, a se adaptarem à recepção dos PNE.

O Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio da Câmara de Educação Básica (CEB), editou a Resolução nº 2, de 2001, que estabelece diretrizes nacionais sobre o atendimento aos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades.

Em seu art. 2º, a mencionada Resolução, estabelece que “os sistemas de ensino **devem** matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos [Portadores de Necessidades Especiais]” (grifo nosso).

Na LDB, o art. 58, § 3º, estabelece que a oferta de educação especial é dever constitucional do Es-

tado, iniciando-se tal oferta desde o nascimento até os seis anos de idade, na fase de educação infantil, e continuando-se nos momentos seguintes da educação básica.

A educação especial cresceu e aprimorou-se muito, desde a edição da LDB, e muitas escolas têm se preparado para receber todos os PNE. Esse movimento recebe o nome de inclusão. Trata-se de um desafio que os profissionais e o sistema escolar enfrentam. As dificuldades são enormes, e vão desde a falta de formação específica dos docentes até a estrutura física das escolas. Percebe-se, porém, que a recepção dos PNE nas escolas brasileiras é um movimento irreversível. A inclusão comemora essa vitória da cidadania, da educação e do humanitarismo.

A educação inclusiva tem muitos pontos positivos e implica em transformação dos ambientes educacionais. Ela fornece aos demais estudantes uma percepção nova da diferença e faz com que aprendam a exercitar o espírito de tolerância, de solidariedade e o respeito ao outro, sendo, por isso, altamente recomendável no tocante à formação dos cidadãos.

Os supramencionados marcos legais evidenciam que nosso País engajou-se num amplo movimento de luta na defesa dos direitos dos PNE, juntamente com outros países das Américas, o que se constata com a aprovação da Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, de 1999, conhecida como Convenção da Guatemala. Ela foi ratificada e promulgada pelo Brasil por meio do Decreto nº 3.956, de 2001<sup>(1)</sup> e tem como objetivo prevenir e eliminar todas as formas de discriminação e propiciar a essas pessoas a sua plena integração à sociedade. Reafirma-se aí que os portadores de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e esses direitos, inclusive o de não serem submetidas à discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade, inerentes a todo ser humano.

Desta forma, por meio do Decreto supramencionado, combinado com a Emenda à Constituição nº 45, de 2004, que incluiu no art. 5º da Magna Carta o § 3º<sup>(2)</sup>, o Brasil reconhece que a referida Convenção, por tratar de direitos humanos, tem o mesmo valor hierárquico de emenda constitucional. Há que destacar que o § 1º do supramencionado inciso estabelece que as normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata.

Não resta dúvida de que a inclusão escolar é um passo importante para a eliminação da discriminação

e melhoria da educação. A Convenção da Guatemala dá à educação um alto valor, referindo-se a ela em diversos artigos, sempre como baliza para medidas governamentais – trabalho prioritário, detecção e intervenção precoce, educação – garantidoras de um melhor nível de independência e qualidade de vida para as pessoas portadoras de deficiência. O acesso à escola é um direito garantido no texto ratificado pelo Congresso Nacional.

Não obstante a legislação já existente, algumas escolas têm procurado barrar o acesso dos PNE às suas salas de aula, sob a alegação de ausência de estrutura física e quadro de pessoal qualificado para o atendimento dessas pessoas. Essa prática tem se tomado comum nos últimos anos, sem que as escolas tenham buscado se adequar ao texto da lei que garante às pessoas portadoras de deficiência sua recepção nos estabelecimentos de ensino regular. Não é possível admitir que tal postura continue a ocorrer.

Ao determinar que a não aceitação de matrícula de aluno especial importará em suspensão do credenciamento da escola na forma do regulamento do sistema de ensino, a presente proposição será um passo no sentido de fazer com que as escolas cumpram a lei. Com tal medida, serão preteridas as escolas retrógradas que pouco ou nada têm a fornecer em termos de integração, de inclusão, pois não acompanham a necessária evolução pedagógica que transforma as escolas em locais privilegiados de aprimoramento da cidadania.

A inclusão exige que a escola se organize e se estruture para a inserção dos PNEs, dado que o objetivo é incluir, sem distinção, todas as crianças, independentemente de suas habilidades. Ela permite que os estudantes “normais” passem a conviver com a diversidade, a não discriminar, a ter uma percepção nova da diferença. Esse convívio possibilitará que aprendam a exercitar a tolerância, a solidariedade e o respeito ao outro, sendo, por isso, altamente recomendável no tocante à formação dos cidadãos do futuro.

1 O Congresso Nacional aprovou o texto da Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência por meio do Decreto Legislativo nº 198, de 13 de junho de 2001. A Convenção citada é apenas por cópia ao Decreto nº 3.956, de 2001, e deve ser executada e cumprida tão inteiramente como nela se contém.

2 Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais.

Dada a relevância do tema, peço o apoio dos colegas congressistas para a aprovação da presente proposição. Este ato será uma demonstração de reconhecimento ao esforço dos inúmeros defensores da inclusão educacional das crianças portadoras de necessidades especiais, em nosso País, e um passo fundamental para que elas possam usufruir, sem discriminação, do direito fundamental à educação garantido aos cidadãos brasileiros pela Constituição Federal.

Sala das Sessões 16 de novembro de 2006. – Senadora **Serys Shlessarenko**.

#### LEGISLAÇÃO CITADA

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996

#### **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.**

O Presidente da República, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

#### TÍTULO I Da Educação

Art. 1º .....

#### TÍTULO II Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII – valorização do profissional da educação escolar;

VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX – garantia de padrão de qualidade;

X – valorização da experiência extra-escolar;

XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

#### CAPÍTULO V Da Educação Especial

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando portadores de necessidades especiais.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

#### **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001**

#### **(\*) Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.**

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, de conformida-

de com o disposto no Art. 9º, § 1º, alínea **c**, da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995, nos Capítulos I, II e III do Título V e nos Artigos 58 a 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 17/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 15 de agosto de 2001, Resolve:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades.

Parágrafo único. O atendimento escolar desses alunos terá início na educação infantil, nas creches e pré-escolas, assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e a comunidade, a necessidade de atendimento educacional especializado.

Art. 2º Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem conhecer a demanda real de atendimento a alunos com necessidades educacionais especiais, mediante a criação de sistemas de informação e o estabelecimento de interface com os órgãos governamentais responsáveis pelo Censo Escolar e pelo Censo Demográfico, para atender a todas as variáveis implícitas à qualidade do processo formativo desses alunos.

Art. 3º Por educação do especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem constituir e fazer funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e dêem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva.

Art. 4º Como modalidade da Educação Básica, a educação especial considerará as situações singulares, os perfis dos estudantes, as características biopsicossociais dos alunos e suas faixas etárias e se pautará em princípios éticos, políticos e estéticos de modo a assegurar:

I – a dignidade humana e a observância do direito de cada aluno de realizar seus projetos de estudo, de trabalho e de inserção na vida social;

II – a busca da identidade própria de cada educando, o reconhecimento e a valorização das suas diferenças e potencialidades, bem como de suas necessidades educacionais especiais no processo de ensino e aprendizagem, como base para a constituição e ampliação de valores, atitudes, conhecimentos, habilidades e competências;

III – o desenvolvimento para o exercício da cidadania, da capacidade de participação social, política e econômica e sua ampliação, mediante o cumprimento de seus deveres e o usufruto de seus direitos.

**DECRETO Nº 3.956, OUTUBRO DE 2001**

**Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.**

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VIII, da Constituição,

Considerando que o Congresso Nacional aprovou o texto da Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência por meio do Decreto Legislativo nº 198, de 13 de junho de 2001;

Considerando que a Convenção entrou em vigor, para o Brasil, em 14 de setembro de 2001, nos termos do parágrafo 3, de seu artigo VIII;

Decreta:

Art. 1º A Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, apensa por cópia ao presente Decreto, será executada e cumprida tão inteiramente como nela se contém.

Art. 2º .....

**CONSTITUIÇÃO FEDERAL**

**TÍTULO II**

**Dos Direitos e Garantias Fundamentais**

**CAPÍTULO I**

**Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos**

Art. 5º .....

§ 3º Os tratados e convenções internacionais sobre direitos humanos que forem aprovados, em cada Casa do Congresso Nacional, em dois turnos, por três quintos dos votos dos

respectivos membros, serão equivalentes às emendas constitucionais.

.....  
(À Comissão de Educação – Decisão Terminativa.)

**O SR. PRESIDENTE** (Mozarildo Cavalcanti. PTB – RR) – O projeto que acaba de ser lido será publicado e remetido à Comissão competente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mozarildo Cavalcanti. PTB – RR) – Dando seqüência à lista de oradores, concedo a palavra à Senadora Serys Slhessarenko, por cessão do Senador Rodolpho Tourinho.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, para esse segundo mandato do Presidente Lula, o desafio está colocado: crescer de forma sustentável com justiça social. Indago: será fácil? Não, não será fácil, mas é plenamente possível. Se antes a comparação de desempenho era com políticas desenvolvidas por governos anteriores, nessa nova fase será com as nossas próprias metas. Exigirá esforço e vontade política de todos, Senador Eduardo Suplicy. O primeiro passo será a estruturação de um novo governo com atores comprometidos com as grandes causas do País. Estou animada. Já na primeira reunião com o Ministro da Fazenda, Guido Mantega, o Presidente Lula exigiu metas mais ousadas para o crescimento da economia.

Outra questão não menos importante será construir aqui no Senado uma articulação capaz de transformar o esforço da equipe de governo em apoios consolidados.

Nossa Líder, a Senadora Ideli Salvatti, foi muito feliz ao cobrar desta tribuna “mais atenção ao Senado e espaço para o PT no Governo”. Após reunião de nossa Bancada, nossa Líder apenas externou o clima que tomou conta dos Senadores e das Senadoras do PT aqui no Senado. “A reivindicação é que o Presidente nos ponha na agenda. Em quase quatro anos, o Presidente Lula esteve uma única vez com a Bancada do PT no Senado” – disse a Líder.

Como construir uma base sólida? Como implementar as votações com entusiasmo? Essas questões terão de ser enfrentadas e resolvidas para, então, encaminharmos questões demandadas nesse segundo turno pela maioria de nossa gente. Precisaremos, já, dar respostas ao desafio de proteção permanente de nossas florestas, por exemplo, àquelas que ainda nos restam.

A maioria que, a partir dos grandes centros urbanos e ao longo da história, dizimou nações indígenas e comunidades negras em sua quase totalidade,

condenando os mais pobres e as grandes massas ao aviltamento e à exploração, tem a responsabilidade, sem adiamento, de encontrar soluções para esses e outros desafios que estão postos.

Entendo, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, que reduzir as desigualdades é um desafio que vem sendo encarado com êxito pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Nossa história mostra-nos que, em períodos recentes, em especial na década de 70, apesar do espetacular crescimento econômico, chamado “Milagre da Produtividade”, a desigualdade também se avolumou. Nas décadas de 1980 e 1990, o problema da desigualdade ficou ainda mais agravado devido a seguidos choques econômicos. Mesmo nos anos de 1993 a 1997, quando o crescimento médio foi de 4% do Produto Interno Bruto – PIB –, foi mínima, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a geração de empregos tendo como resultado a estúpida ampliação do trabalho informal.

Durante o primeiro Governo do Presidente Lula, apesar do ainda baixo crescimento, houve um lento mas decisivo processo de redução das desigualdades, associado à desinflação, ao aumento do salário mínimo e a ampliação das políticas de transferências sociais.

O Presidente Lula tem razão em não permitir na economia nacional “aventuras” – realmente não podemos – ou invencionices esquisitas, como novos planos e choques econômicos. Sua Excelência tem toda a razão em não permitir esse tipo de coisas. Não poderemos, contudo, admitir o conservadorismo como meta. Não dá mais para aceitar a absurda meta do superávit primário. Não é racional. Precisamos manter os efeitos positivos de uma inflação baixa, pois sabemos que os reflexos são imediatos, seja no aumento real do salário mínimo e nas transferências de renda por meio das políticas públicas desenvolvidas, como o Programa Luz para Todos, o Bolsa Família, o ProUni etc, que, longe de serem assistencialistas, são proposituras necessárias a curto prazo para parcela significativa da nossa população.

Mas queremos mais: queremos crescer; queremos gerar mais empregos; precisamos desenvolver nosso parque industrial. O Bolsa Família, por exemplo, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é fator de redução da pobreza e da desigualdade, como vários estudos, entre eles os abalizados levantamentos do Ipea, já comprovaram.

Sr. Presidente, outra questão é a inclusão digital, que virou realidade no Governo Lula. As frentes de ação da Administração Federal e os seus resultados deram-se em vários âmbitos: do incentivo à venda de equipamentos com renúncia fiscal e crédito subsidiado para o

consumidor final até a pulverização de telecentros em todo o território nacional. A ação de maior impacto foi, certamente, a MP do Bem. Depois de um ano de negociações com a indústria de tecnologia da informação, o Governo promulgou a MP nº 255, que isentou de PIS e Cofins os microcomputadores de até R\$2.500,00 e os **notebooks** até R\$3.000,00. Isso equivale, nobres Pares, à renúncia de uma carga de 9,25%.

A medida contribuiu significativamente para a queda nos preços médios numa proporção que chegou a 15,89% em agosto passado, segundo a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – Fipe. A mesma instituição estima que os preços cairão outros 4% até o fim de dezembro. Também a criação do Programa Computador para Todos – PC Conectado, lançado em 2005, teve uma adesão impressionante em segmentos que não tinham acesso a esse tipo de tecnologia. Vendendo microcomputadores por até R\$1,4 mil, em 24 prestações, com juros de 2% ao mês, financiamento ao varejista do BNDES e ao consumidor final pela Caixa Econômica Federal, o projeto permitiu o acesso aos equipamentos por parte de muitas pessoas que estariam totalmente impossibilitadas de adquirir esses aparelhos. Até junho de 2006, o Programa já havia garantido a venda de 265 mil unidades, segundo levantamento da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica – Abinee.

Isso é democracia, pois representa o acesso à informação. Sabemos todos que o conhecimento é um bem fundamental sobre o qual se deve basear o futuro do País. Não é possível, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, falarmos em governo eletrônico se ele for restrito apenas às classes ricas. Desenvolver projetos dessa natureza só faz sentido se for para universalizar as oportunidades.

Por essas e outras ações, o Governo do Presidente Lula teve o mérito de diminuir o índice da pobreza em nosso País. Só que, para uma queda irreversível desse índice, acelerando o recuo da desigualdade, será preciso mudar o patamar do crescimento do PIB. Precisamos, repito, no segundo mandato, crescer anualmente pelo menos de 5% a 6%.

Sensibilidade social este Governo teve. O Governo do Presidente Lula teve o mérito de inserir, Sr<sup>as</sup> Senadoras e Srs. Senadores, o ingrediente que faltava na política nacional: inseriu o projeto de povo, que precisava ter respaldo.

Fazemos críticas a alguns pontos falhos no Governo, que temos, sim, tivemos e, com certeza, todo Governo terá. Mas aquilo que realmente chamo aqui de projeto de povo, inserido pelo Presidente Lula, são várias mudanças que aconteceram e vêm acontecendo



no sentido de melhorar a qualidade de vida da maioria da população brasileira.

E temos de ter muito claro, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, que um governo após o outro tem de ter sempre uma preocupação maior, que é a construção do processo democrático. Um País como o nosso, que viveu, tempos atrás, momentos que não devemos esquecer e hoje caminha dentro do processo democrático, não pode esquecer, de forma alguma, que a democracia tem de ser, é e só avançará se for um processo de construção permanente. Esse processo de construção permanente só acontece se realmente alguns fatores estiverem presentes constantemente nas políticas públicas. Um deles, eu diria, é a educação. E o Presidente Lula coloca com muita clareza no binômio: desenvolvimento econômico e uma das partes que ele chama de educação de qualidade.

Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> sempre fala, neste Parlamento, sobre a importância da educação. E o Presidente Lula vem falando, permanentemente e, em especial, durante a campanha e após a reeleição, que uma das prioridades significativas, principais do seu Governo é a educação de qualidade. Precisamos trabalhar a educação de qualidade, porque não é qualquer educação que serve para o nosso povo. Não é aquela educação de ensinar nas nossas escolas que 1+1 são 2, não. Nós precisamos ensinar, sim, que 1+1 são 2, mas nós precisamos passar, nesse ensinamento, a favor de quem e contra quem trabalha, a soma, a divisão, a multiplicação e a subtração. E isso exige um preparo permanente dos nossos profissionais, salários dignos, planos de carreira realmente dignos para os nossos profissionais de educação e uma educação para a transformação. Não é a educação só do conhecimento, da repetição daquilo que está posto. Aquilo que está posto é preciso ser conhecido e compreendido, mas só realmente ensina para a transformação aquele que conhece, compreende, pesquisa e conhece a realidade atual. É ele quem vai ensinar a nossa criança e o nosso jovem como realmente se é capaz de fazer essa transformação na sociedade.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senadora Serys, V. Ex<sup>a</sup> me concede um aparte?

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Concedo o aparte ao Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senadora Serys, atentamente estou ouvindo V. Ex<sup>a</sup>, e o País também. Eu estava até a meditar e a refletir como o partido de V. Ex<sup>a</sup>, que acabou de ganhar as eleições, e o Presidente da República está buscando um líder do Governo em outros, enquanto o livro de Deus diz: “Mateus, primeiro os teus”. V. Ex<sup>a</sup> tem demonstrado muita competência e sensibilidade e me permita entrar nesse debate quali-

ficado. Acho que sou, vamos dizer, do PMDB que interessaria mais à Pátria, mais ao País e mais ao povo e, conseqüentemente, ao Presidente da República. Não estamos atrás de negociatas, de cargos, de barganha. V. Ex<sup>a</sup>, muitas vezes, pediu que eu votasse e eu votei com o partido, em 90% das vezes, mas houve questões de que discordamos. V. Ex<sup>a</sup>, com essa sensibilidade, poderia levar ao Presidente Lula. Vamos diferir as coisas. Precisamos entender, fazer um diagnóstico, como busca o médico nos exames. Realmente, o Presidente mostrou sensibilidade para com a pobreza, uma sensibilidade, uma caridade para com os pobres, mas esse programa não combate a pobreza; ele alimenta a pobreza. Sua Excelência, o Presidente da República, diz que dá para comer três vezes por dia. Acho que não dá, não. Alimenta, ajuda, é uma caridade, mas jamais por aí se vai combater a pobreza. A pobreza só é combatida – Rui Barbosa disse isso; está aqui um livrinho antigo dele, em que fala sobre o trabalho e cita Abraham Lincoln –, só há uma maneira de combater a pobreza: por meio do trabalho. O trabalho vem antes, a ele é que se deve dar primazia. É o trabalho que faz o capital, que faz a riqueza. Tudo que vem do trabalho é bem-vindo. Então, está faltando o trabalho, e isso aí não leva ao trabalho. Primeiro, V. Ex<sup>a</sup> fala em educação. Aí, sim, tem de haver um tripé. Até na teologia fizeram um tripé: Pai, Filho e Espírito Santo. A democracia se baseou no tripé – deixou de ser uno o poder absolutista para ser um tripé: poderes legislativo, judiciário e executivo. Tem de haver um tripé. Entenda que eu queria trazer essa contribuição. Essa é a contribuição do PMDB de verdade, do PMDB que trouxe a democracia, do PMDB de Ulysses, de Teotônio, de Juscelino e de Tancredo, meu e de Pedro Simon. Não o PMDB do dá cá, da lá, da compra, do mensalão, do envergonha a pátria. Não. Tem de ter o trabalho para crescer, e o trabalho casado com a educação. Não há trabalho sem educação. E quero citar um dado de uma mulher, como V. Ex<sup>a</sup>, Sônia Rocha, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, que, recentemente, fez uma pesquisa e publicou que 37% da nossa juventude não tem o ensino fundamental – 37% são quase 40 milhões de jovens. Então, a educação é fundamental e, sem dúvida alguma, o tripé: ética, educação e trabalho, que está no crescer, só cresce tendo trabalho. E é isso que queremos, essa contribuição. Esse é o tripé, mas uma contribuição simples, como estou aprendendo. Enquanto o Brasil está vibrando com a sensibilidade da professora, da mulher, da Senadora Serys, penso que V. Ex<sup>a</sup> poderia ser muito bem essa Líder do Governo, quando estão atrás de outros que talvez não tenham as virtudes e o amor que V. Ex<sup>a</sup> tem pelo partido e pela Pátria.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Obrigada, Senador.

Eu gostaria de dizer, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, que as políticas que vêm sendo desenvolvidas pelo Presidente Lula, pelo nosso Governo, são extremamente interligadas. Claro, nenhum de nós, ninguém diria de sã consciência, o Presidente Lula, de jeito algum, nenhum de nós, muito menos o Presidente Lula acha, que o Bolsa Família vai resolver os problemas do Brasil. Todos sabemos que é uma política compensatória. V. Ex<sup>a</sup> disse muito bem que o necessário é geração de emprego, mas essa geração de emprego, que foi atrasada e retardada por anos e anos, não pode ser feita num estalar de dedos. Não vamos, agora, intempestivamente, ter emprego para todo mundo, porque, infelizmente, não pode ser assim.

Infelizmente, não pode ser assim, Senador Moza-rildo. Se pudesse, Senador Mão Santa, com certeza, o Presidente Lula já teria feito esse estalar, e já estariam todos empregados. Mas isso não é possível. Eu disse que todas as políticas são interligadas, e têm de ser. Quanto ao Bolsa Família, o programa é importante porque dá um mínimo, vamos dizer assim, para a subsistência. É a sobrevivência que está sendo assegurada com o Bolsa Família, é a comida de cada dia que está sendo assegurada. Mas não é essa a política mais importante. Claro que essa é importantíssima, porque, sem comer não se vive, não se sobrevive, mas ela encerra muitas outras questões que vêm em seu bojo. Por exemplo, só recebe o Bolsa Família quem conseguir manter os filhos na escola. A manutenção das crianças na escola não era uma realidade, sem o Bolsa Família, porque o menino, a menina de oito, dez, doze anos saía da escola, para ficar em casa cuidando dos pequeninhos para a mãe, que, na maioria das vezes, é o chefe da família. As mulheres representam 30% dos chefes de família hoje. Não se trata daquelas que recebem pensão alimentícia, as quais formam outra categoria, porque recebem ajuda do ex-companheiro ou de alguém; 29,8% são mulheres absolutamente sozinhas, que têm de trazer o pão diariamente para dentro de sua casa e sustentar suas crianças.

*(O Sr. Presidente faz soar a campanha.)*

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Mais uns minutinhos, por favor, Sr. Presidente.

São essas mulheres que tinham de tirar as crianças de oito a dez anos da escola, para deixá-las cui-

dando dos pequeninhos, a fim de que pudessem lavar roupa, conquistar R\$100,00, R\$200,00 por mês e dar comida para os filhos. Agora, se elas conseguem manter na escola as crianças que estão na faixa etária escolar – e têm de fazer isso, pois toda criança tem de ser mantida na escola –, recebem esse recurso do Bolsa Família.

Quer dizer, são coisas correlatas, uma está no bojo da outra. É importante o Bolsa Família, porque traz a sobrevivência? Sim. Mas é mais ou tão importante, porque mantém os meninos na escola. Por isso, estamos defendendo aqui essa escola de qualidade, que traga o conhecimento, a compreensão da realidade, porque só quem conhece e compreende a realidade é capaz transformá-la. Repito: apenas quem aprende aquilo que está escrito através dos tempos, dos séculos... É importante o conhecimento, mas tem-se de conhecer a atualidade, porque só quem compreende a realidade, Senador, é capaz de transformá-la. Sabendo por que ela está acontecendo dessa forma, é capaz de transformá-la.

E eu falaria no tripé da educação. O que, dentro da educação, é, no nosso ponto de vista, extremamente relevante? E nisto o Presidente Lula está certo: a educação é um dos tripés da maior relevância em seu Governo. Primeiro, importantíssimo: acesso, universalização, educação para todos e para todas, praticamente a partir do nascimento, nas creches, atingindo, inclusive, a terceira idade. Por exemplo, a universidade popular é da maior relevância para as pessoas da terceira idade. É um projeto grandioso, significativo; há poucos ainda no Brasil, mas é importante que se instalem muitos. Então, é universalização total e absoluta, para quem quiser freqüentar uma escola.

Segundo: acesso total e absoluto à informação. Informação é poder; informação imparcial é poder. Quem tem informação tem poder; quem não tem informação ou tem informação deturpada não tem poder. E isso é que leva realmente à mudança da mentalidade. E participação na feitura das regras do jogo. Repito: participação total na feitura das regras do jogo.

É chamar, para discutir, a sociedade, as partes interessadas, as organizações.

A mobilização de apoio ao Presidente Lula feita pelas entidades organizadas e pelos movimentos sociais, principalmente no segundo turno, foi extremamente significativa e tem de ser considerada agora, no segundo Governo do Presidente Lula. Essas instituições precisam ser chamadas para discutir e para

ajudar a definir as regras do jogo, porque quem vive, quem sofre, por exemplo, com o processo ambiental, com a questão da terra ou da educação, com todas as outras questões, são esses movimentos organizados. Eles sofrem na pele, no dia-a-dia, a problemática relativa ao que vivenciam. Essas organizações devem ser chamadas para discutir, para definir o que é melhor, mais oportuno, mais interessante e que mais ajudará a resolver sua situação. Esses movimentos organizados deverão governar juntos, discutindo em cada setor o que é melhor.

Sr. Presidente, tinha algo mais para falar, mas ficará para outro momento, pois já ultrapassei meu tempo. Desculpe-me.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Mozarildo Cavalcanti. PTB – RR) – Concedo a palavra ao próximo orador inscrito, Senador Paulo Paim.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Mozarildo Cavalcanti, com satisfação, venho à tribuna para falar de uma carta que recebi do atual Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, do Governo Rigotto. Na verdade, ele é membro da Executiva Nacional do PDT. Na carta, ele me diz que está torcendo muito pelo segundo governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, inclusive para que este seja bem melhor que o primeiro. Na carta, que foi enviada, é claro, para o Presidente do PDT, Carlos Lupi, e para toda a Executiva Nacional do PDT, o Secretário da Educação, José Fortunati, que é meu amigo, afirma a importância de os trabalhistas retornarem ao Governo Lula. Sr. Presidente, peço que a carta de José Fortunati, Secretário da Educação do Governo do meu Estado, conste, na íntegra, nos Anais da Casa.

Vou ler apenas partes, porque é longa. A carta é muito bem escrita. Diz ele:

A imprensa tem divulgado que o Presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, pretende convidar a direção executiva do PDT para realizar uma reflexão sobre uma possível participação do nosso Partido (o PDT) em seu segundo mandato.

E Fortunati, de forma muito clara, defende essa posição, dizendo: “Por isso defendo que a Executiva Nacional do PDT se reúna com o Presidente Lula, apresentando alguns pontos programáticos que façam com que o país possa avançar neste segundo mandato.”

Daí ele cita, Sr. Presidente: 1) desenvolvimento; 2) exportações; 3) defesa das riquezas naturais e do

meio ambiente; 4) defesa dos direitos previdenciários dos trabalhadores brasileiros; 5) posição do PDT em relação ao Banco Central; 6) Bolsa Família; 7) aprovação imediata do Fundeb; 8) importância da escola de tempo integral; 9) defesa do papel social dos bancos públicos; 10) política de segurança pública; 11) reforma trabalhista, sobre a qual os trabalhistas apresentam sua visão; 12) reforma política.

Diz o Sr. Fortunati, no encerramento da carta que recebi e que foi encaminhada ao Presidente Lupi:

Caro Presidente Lupi, procurei apresentar alguns pontos que considero importantes para uma possível negociação com o Presidente Lula. O PDT, representante legítimo do trabalhismo brasileiro, com a sua história fantástica, com a sua tradição, com as suas idéias e programas, e baseado na experiência de seus grandes líderes (na carta, ele fala muito do Presidente Getúlio Vargas e do Governador Brizola), tem muito a contribuir com o segundo mandato do Presidente Lula, em um viés mais nacionalista e também para que o Brasil retome o seu crescimento econômico e sustentável, preservando conquistas sociais e contribuindo para o avanço das políticas públicas de fortalecimento da cidadania.

Dessa forma, buscamos uma conversação ativa, calcada em propostas, em reflexão, na nossa própria história de defesa dos direitos do povo brasileiro.

Sr. Presidente, peço a V. Ex<sup>a</sup> que V. Ex<sup>a</sup> registre na íntegra essa carta nos Anais da Casa.

Sr. Presidente – digo isto não em tom de desabafo, mas sim para reflexão –, tenho uma relação muito boa com inúmeros Parlamentares de outros Partidos e nunca escondi isso. Ressalto a relação respeitosa e de alto nível que mantenho com Parlamentares do meu Estado, como o Senador Sérgio Zambiasi, do PTB; o Senador Pedro Simon, do PMDB; o Deputado Alceu Collares, do PDT; o Prefeito de Canoas, do PSDB, Marcos Ronchetti; o Secretário de Obras desse mesmo Governo, Gilmar Pedruzzi.

Na política, alguns confundem relação respeitosa e diálogo de alto nível com capitulação. Eu não entendo assim. Por isso, entendo que o Presidente Lula está certo ao chamar para o diálogo todos os partidos, inclusive os de oposição, pensando no país. Não vejo problema em conversar, mas infelizmente alguns confundem conversa com capitulação.

Nós perdemos as eleições no meu Estado, onde apoiei – amanhã vou falar mais sobre isso –, naturalmente, nosso candidato a Governador, Olívio Dutra e

o candidato ao Senado, Miguel Rossetto. Nem por isso eu tenho uma posição de desrespeito à figura do Senador Pedro Simon e, muito menos, à da Governadora eleita lá no meu Estado, Yeda Crusius, do PSDB, que, queiramos ou não, é Governadora do Rio Grande do Sul, assim como Luís Inácio Lula da Silva é o Presidente do País. Essa é a minha análise e o tratamento que quero dar aos que foram eleitos.

Sr. Presidente, nem ia falar desse tema. Só falei dele, porque fui provocado de forma muito positiva pelo meu amigo Fortunati, Secretário de Educação do Governo do PMDB – ele é do PDT – do meu Estado.

No sábado passado, tive a alegria de participar da 52ª Feira do Livro de Porto Alegre, que, no meu entendimento, é a maior feira da América Latina. No estande do Senado Federal, autografei o meu primeiro livro de memórias. Quem o ler verá que falo de muitas coisas não divulgadas, mas se trata de um livro de memórias no campo da verdade.

São fatos ocorridos desde quando eu estava na Nicarágua, com Tomas Borges, durante a Guerra dos Contras. Faço aqui a minha análise, com comentários sobre a caminhada de Tomas Borges. Por casualidade, agora, pela via sandinista, a democracia volta à Nicarágua com a assunção de Ortega ao poder.

No livro falo também do tempo em que dividíamos o mesmo apartamento, aqui na época da Assembléia Nacional Constituinte, eu, o Presidente Lula e o ex-Governador Olívio Dutra. Refiro-me a momentos da Constituinte, à convivência com os já falecidos e esquecíveis, para mim, Mário Covas, Ulysses Guimarães. Falo de Jarbas Passarinho, assim como de Lula, de Olívio Dutra, de João Paulo Pires de Vasconcelos.

Falo também da trajetória dos povos indígenas e, naturalmente, da nossa participação, da história do povo negro, assim como do governo paralelo, na época em que perdemos as eleições. Falo, Sr. Presidente, de todas essas trajetórias de que nos orgulhamos de ter participado. O título do livro é o **O Rufar dos Tambores**.

Sr. Presidente, quero falar também da minha alegria nesse evento. Ele deveria iniciar às 14 horas, mas eu tive que antecipá-lo quase uma hora porque havia uma fila de mais de 100 pessoas, sendo muitas idosas ou deficientes.

Foi um momento especial para mim, especialmente porque, graças a uma política de parceria com o instituto Louis Braille, que reproduziu o livro em braile, pude entregar **O Rufar dos Tambores** em braile às

pessoas cegas que estavam na fila. Estiveram lá para receber o livro – comento isso com satisfação – o Senador Sérgio Zambiasi, o ex-Ministro das Cidades, Olívio Dutra, juntamente com a esposa, e outras pessoas lá do meu Estado por quem tenho o maior carinho.

Sr. Presidente, a elaboração de **O Rufar dos Tambores** foi fruto de um trabalho coletivo construído pela minha equipe de gabinete tanto em Brasília como em Canoas. Colaboraram também os conselhos políticos espalhados por todo o Rio Grande. Contamos, ainda, com a participação direta do Projeto Cantando a Diferença, de inúmeros amigos e de jornalistas que lembraram comigo fatos dessa longa caminhada de mais ou menos 30 anos de vida pública, considerando a militância sindical.

Esse livro, Sr. Presidente, é baseado em reminiscências, pronunciamentos, depoimentos, artigos, notícias, cartas e entrevistas. A linha do tempo, no livro, inicia em 1954 e vai até 2002. Isso não significa que faça incursões na primeira metade do meu mandato aqui no Senado da República. A bem da verdade, Sr. Presidente, **O Rufar dos Tambores** é um pequeno olhar sobre alguns fatos que considero importantes e que creio terem influenciado de alguma forma a nossa trajetória.

O livro é dividido em quatro grandes momentos. O primeiro deles é: “Não se espera o sol nascer”, em que falo um pouco da minha infância de negro, de menino pobre, bem como da minha juventude e militância estudantil e sindical. Também discorro sobre homens públicos que foram fundamentais para a minha formação.

Falo da minha atuação na Assembléia Nacional Constituinte, em 1988, na parte intitulada “É hora de molhar a terra”. Para escrever sobre a década de 90, eu peço licença do poeta espanhol, Antonio Machado, aí ponho o título: “O caminho se faz caminhando”. Os idosos, os negros, os índios, as pessoas com deficiência e os conselhos políticos são tratados no capítulo “Amassando barro com o povo”.

O fecho final é o texto “Assim eu creio”. E assim, termino, Sr. Presidente, o livro. Depois há uma série de fotos, cerca de 40, desde o momento em que vou de Canoas a Porto Alegre a pé, com 20 mil pessoas, na época da ditadura, e evito a ocupação do Palácio. Quando os provocadores cortaram os fios do microfone, porque queriam invadir o Palácio, o povo começou a repetir o que eu dizia, sem o som, isto é: “Não à provocação. Não vai haver invasão”. Enfim, há referência

à greve de Candiota e ao assassinato, infelizmente comprovado, de líderes em meu Estado.

Voou ler o que digo na redação final.

Confesso que, de uns anos para cá, venho sofrendo como os poetas que morrem cedo. Sei que vocês, ao lerem, poderão perguntar-se: mas por quê? Durante toda a minha existência, fui embalado pelos sons das ruas, dos portões das fábricas, dos colégios, dos campos, das paradas de ônibus, das florestas, dos rios, das cascatas, pelo lamento dos oprimidos e discriminados, do povo inquieto, índios, brancos, negros, pelo tocar dos tambores a exigir um país melhor para todos. Será que estou perdendo a condição de entender o presente? Ou será que o coletivo inconsciente da indignação se esfumou pelos tempos? Onde está a batida do tambor que outrora escutávamos a exigir o fim da ditadura, as diretas já!, a cassação de corruptos, a reforma agrária, o direito à cidadania, emprego, salário decente e a valorização dos idosos, entre eles, naturalmente, os nosso queridos aposentados e pensionistas? A grande virtude do homem público é a fidelidade para com a sua história. Mas, sendo assim, o que dizer daqueles que perdem a coerência?

Resumindo, termino dizendo: “fico ao lado dos meus. Se tiver de começar tudo outra vez, faço com a mesma paixão. A nossa mensagem é a nossa vida, embalada sempre, caudalosamente, pelo rufar dos tambores.”

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, hoje, pela manhã, eu estava escrevendo um pouco de **O Rufar dos Tambores**... Senador Mão Santa, registrei alguns apartes de V. Ex<sup>a</sup>, que me fez 47 apartes! Eu queria contemplar muitos outros, mas como V. Ex<sup>a</sup> me fez 47 apartes, eu cito apenas alguns daqueles que V. Ex<sup>a</sup> fez ao longo desses meus quatro anos aqui no Senado. Mas, hoje de manhã, quando eu estava escrevendo o livro, recebi, do Rio Grande, uma pequena poesia de alguém que esteve presente quando eu dava lá os autógrafos. Mil e setecentas pessoas foram ao estande do Senado, formando uma longa fila que chegava quase ao rio Guaíba – e no sol, Sr. Presidente! É claro que isso mexe com as nossas emoções. Como é bom esse contato com a população! Os abraços, os beijos, o carinho que recebi, tudo isso é impagável.

Por isso, eu agradeço àqueles homens e mulheres – e a imprensa gaúcha publicou – que ficaram de três a quatro horas na fila para receber **O Rufar dos Tambores**.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Paim...

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Senador Mão Santa, eu ia terminar, mas antes ouço mais um aparte de V. Ex<sup>a</sup>, aparte que se somará aos quase cinquenta que já recebi de V. Ex<sup>a</sup> nesse período, fato que cito no livro.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Paim, realmente Deus tem sido muito bom comigo: tem me colocado aqui em momentos importantes nesses quatro anos que estamos completando de Senado e tem me possibilitado um grande aprendizado, juntamente com V. Ex<sup>a</sup>. Juntos e liderados por V. Ex<sup>a</sup>, começamos a escrever uma das páginas mais belas da história política. O trabalhador sofria. Nós lutávamos para que o salário fosse o equivalente a cem dólares – era bem menos, ficava em torno de setenta dólares. O trabalhador brasileiro deve a V. Ex<sup>a</sup>, que foi o líder, exerceu proeminência e influência no que diz respeito a esse tema, que, hoje, teve uma conquista. Ninguém mais do que V. Ex<sup>a</sup> defendeu e chamou a atenção para os idosos, para os deficientes, para a raça negra, que sofrem discriminações. Ninguém o excedeu nisso, mesmo reconhecendo a grandeza do Rio Grande do Sul aqui nesta Casa e na política do Brasil. Mas quero dizer que li o seu livro anterior, poético, em que conta com o dom da poesia a sua trajetória política e mostra sua sensibilidade. V. Ex<sup>a</sup> iguala-se hoje aos grandes escritores do Rio Grande do Sul, que são muitos. Bastaria citar Érico Veríssimo, autor de **Olhai os Lírios do Campo**, que nasceu no Estado de V. Ex<sup>a</sup>, bem como Mário Quintana e tantos outros. V. Ex<sup>a</sup>, com certeza, iguala-se também aos melhores na categoria da cultura e da literatura. Recentemente, o **Jornal do Brasil** fez uma retrospectiva, Sr. Presidente Mozarildo Cavalcanti, sobre os acontecimentos do Senado. Fez uma análise do Congresso todo, e disse: “Mão Santa foi quem fez mais apartes”. Evidentemente que quem tem mais pronunciamentos é o Líder Arthur Virgílio, que em um dia faz cinco discursos, lançando mão da prerrogativa de Líder do Governo, mas nos apartes estamos na frente, com quase noventa. O interessante é que havia um empate entre a minha participação nos pronunciamentos de V. Ex<sup>a</sup> e nos de Alvaro Dias: eram quarenta e sete lá e quarenta e sete no Paraná, mas

agora V. Ex<sup>a</sup> passa à frente com esta minha participação. Com participações e pronunciamentos, eu, com muito orgulho, entrei no Rio Grande do Sul, e, cada vez que mergulho nesse contato, ganho coragem, bravura, inteligência, porque o povo do Rio Grande do Sul representa isso tudo. Bastaria citar Bento Gonçalves como o homem de coragem que fez nascer a República que ontem comemoramos. Posso também fazer referência à grandeza do negro do Rio Grande do Sul, os lanceiros negros, vítimas que se sacrificaram para despertar a sensibilidade que o nosso Governo deve ter com a raça negra, que ajudou a construir este País – raça muito bem representada por V. Ex<sup>a</sup>, que fica na história do Brasil como Martin Luther King ficou na história norte-americana. Um sonho e um dos melhores momentos que vivi foi quando V. Ex<sup>a</sup> me convidou para acompanhá-lo ao Rio Grande do Sul para, juntos, defendermos um quilombo, o Quilombo dos Silva, que está associado à história de perversidade dos poderosos e dos ricos, que quiseram desalojar de uma pequena faixa de terra brasileiros que construíram o Rio Grande do Sul. Queria fazer um pedido – está escrito no livro de Deus: “Pedi e dar-se-vos-á” –, quero ganhar logo um livro de V. Ex<sup>a</sup>. Eu estava lendo aqui um livrinho de Rui Barbosa, mas era porque ainda não havia chegado o livro de V. Ex<sup>a</sup>. Quero escantear o de Rui Barbosa, com todo o respeito, para aprender com o exemplo de vida de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Assim que descer da tribuna, levarei o livro para V. Ex<sup>a</sup>.

Sr. Presidente, se V. Ex<sup>a</sup> me der mais dois minutos, gostaria de ler uma homenagem que recebi do Rio Grande, uma poesia escrita por Cosme Roberto Nunes Machado. Diz ele sobre essa tarde de autógrafos em Porto Alegre:

Os tambores estão rufando e o povo vem chegando.

É a fila se criando, crescendo, fazendo curva, chegando na esquina.

São idosos, são meninos... é a festa da literatura, lindo momento da cultura.

Porto Alegre se enriquece, a praça da Alfândega se envaidece, numa tarde quase perfeita e a escrita bem feita.

Os tambores vão rufando, falando outro dialeto.

O povo chega perto para ganhar um autógrafo.

Não é Homero, Shakespeare, nem Machado de Assis, é um senador do meu país, que abrilhantou o lindo evento.

Sob o olhar do Guaíba e do pôr-do-sol mais lindo do Brasil

Embalado pelo corte do minuano, a se-mear novos ventos e grandes momentos.

Sr. Presidente, encerro dizendo que a Feira do Livro de Porto Alegre, sem sombra de dúvida, é a maior feira de livros a céu aberto da América Latina. Para se ter uma idéia, são 154 expositores e, em curto período, foram vendidos 473 mil livros. A 52<sup>a</sup> Feira do Livro recebeu, nos seus dezessete dias, um público superior a um milhão de pessoas.

É importante, Sr. Presidente, este pequeno comentário que vou fazer. Eu estava no centro da cidade de Canoas e perguntei a um senhor se ele não iria receber o meu livro na Feira de Porto Alegre. Ele me perguntou: “Quando, Paim?”, e eu disse: “Vai ser sábado à tarde”. Ele me disse: “Olha, casualmente, nós, da nossa rua, já nos programamos para ir com os filhos à Feira do Livro em Porto Alegre” – não especialmente porque eu estava lá, eles iriam de qualquer forma, pois acreditam que as crianças e os jovens têm, cada vez mais, de entender o sábio, o bom, o saudável exercício da leitura.

Isso me marcou muito e muito me alegrou saber, Senador Suplicy, que mais de um milhão de pessoas estiveram lá para comprar livros.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Quero cumprimentá-lo por estar aqui, Senador Paulo Paim, estimulando a leitura, sobretudo a dos jovens, e cumprimentar também Porto Alegre por estar realizando essa Feira do Livro com uma presença tão significativa. O Rio Grande do Sul tem hoje uma tradição de estímulo à leitura fantástica, disseminada em diversos Municípios do Estado. Aproveitando a oportunidade, eu gostaria de dizer que me dei conta de algo muito interessante, inclusive à luz da comemoração do dia 20 de novembro, tão importante para V. Ex<sup>a</sup> e para todos nós, brasileiros, visto que se lembra nessa data Zumbi dos Palmares, e V. Ex<sup>a</sup> tem sido um dos estimuladores de um debate sobre como atingirmos a igualdade para todos os brasileiros, inclusive do ponto de vista racial, de gênero e todos os demais. Para tanto, muito tem se empenhado pelo Estatuto da Igualdade Racial, pelo sistema de cotas. Pois bem, Senador Paulo Paim, gostaria de dizer que recebi um exemplar autografado do livro do editor principal da Rede Globo de Televisão,

Ali Kamel, **Não Somos Racistas**, que é uma reação aos que querem nos transformar em uma Nação bicolor. De uma maneira respeitosa, ele pondera argumentos no sentido de que isso não seria adequado, e expõe o receio de que, havendo um sistema de cotas, poderíamos fazer com que o Brasil, que não seria um país com características racistas, viesse a sê-lo. V. Ex<sup>a</sup> está a par desse diálogo, desse debate. Por outro lado, li, ontem, na revista **Caros Amigos** – não sei se V. Ex<sup>a</sup> teve a oportunidade de lê-la – uma entrevista da Ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, em que ela destaca que nossa forma de segregação é tão sutil a ponto de acreditarmos que ela não existe. Eu ia fazer esse registro na minha fala, mas dado que V. Ex<sup>a</sup> é aqui uma das pessoas que mais tem se dedicado a esse tema, quero sugerir que, nesta tarde, possamos registrar e até publicar na íntegra o pronunciamento da Ministra Matilde Ribeiro – não sei se V. Ex<sup>a</sup> já teve a oportunidade de ler a entrevista –, porque se trata de um depoimento de vida dela, a experiência de vida que a levou a defender esse ponto de vista. Digo também que ela muito tem honrado o cargo de Ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Então, em uma homenagem ao seu trabalho é que faço esta sugestão: que possa a entrevista de Matilde Ribeiro na revista **Caros Amigos** ser hoje publicada nos Anais do Senado.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Vou mais além, Senador Suplicy, como segunda-feira, 20 de novembro, é o Dia Nacional da Consciência Negra, quando lembramos mais de três séculos da morte de Zumbi dos Palmares, sugiro que usemos o espaço das comunicações para fazermos um debate sobre a questão racial. Recebi o livro do Diretor da Globo com muito carinho e respeito e remeti a ele o meu livro, **Cumplicidade**. Sei que ele o recebeu também com muito carinho.

Quero, portanto, é a cumplicidade entre brancos e negros para caminharmos juntos numa política de inclusão. Sei que ele entendeu a mensagem. Na verdade, em seu livro, ele não desconhece que existe o preconceito, o racismo e a discriminação contra as pessoas negras – ou, se quisermos, podemos usar o termo “pretas” – em relação às brancas. Todas as estatísticas mostram isso, e ele o reconhece. Inclusive, em seu livro, ele demonstra suas preocupações e qual o melhor caminho para combater o preconceito contra os negros. Por isso, li de forma respeitosa o seu livro e mandei-lhe o meu.

Quanto ao documento da Matilde, que conhecemos de longas jornadas, defensora do Estatuto da Igualdade Racial... Quem leu o Estatuto pôde ver que nem a política de cotas, tão criticada, está escrita no Estatuto. Já disse que aqueles que o criticam deveriam pelo menos lê-lo, para ver que a política de cotas nas universidades é tratada no PL nº 73, que está na Câmara dos Deputados, e não aqui. O Senado já o aprovou, inclusive como projeto do ex-Presidente José Sarney –belíssimo projeto fundido no PL nº 73, que agora vem da Câmara.

O Senador Rodolpho Tourinho foi Relator do Estatuto e fez uma bela montagem, artigo por artigo, de uma política de incentivo à inclusão com base no que pregava Martin Luther King e também Zumbi. Quem lê a história de Zumbi sabe que o Quilombo dos Palmares era uma sociedade de brancos e negros, que viviam lá em nome da liberdade e da igualdade. Vou dar um depoimento antes de terminar: quando estive na África do Sul, Nelson Mandela estava no cárcere. Reuni-me com a Winnie Mandela e, quando fui ao fundo de uma igreja, metade dos que estavam lá era de brancos, e a outra, de negros que queriam o fim do *apartheid*. É isso que prego no Brasil. Tenho certeza de que a maioria dos brasileiros, brancos e negros, quer o fim da discriminação, que existe. É só analisar, em todos os ângulos, quem está na base da pirâmide e como trabalhamos uma política de inclusão.

Leiam **O Rufar dos Tambores**, em que aponto caminhos, de mãos dadas, brancos e negros, todos na construção de um mundo melhor para todos: solidário, igualitário, libertário e justo.

Aqui vou terminar com a última frase de uma poesia minha – e fui criticado por aqueles que são mais duros com o movimento negro, porque eu não devia perdoar: “Senhor, meu Deus, perdoai os racistas porque eles são imbecis”, porque somente alguém imbecil consegue ser racista, mas assim mesmo peço perdão para eles.

Senador Eduardo Suplicy, muito obrigado pelo aparte.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Eu gostaria de ler o seu livro.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – V. Ex<sup>a</sup> vai receber hoje uma cópia do livro, que aponta caminhos para a inclusão, para a caminhada, visto que todos nós somos seres humanos.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Muito obrigado.

**SEGUE, NA ÍNTEGRA, PRONUNCIAMENTO DO SR. SENADOR PAULO PAIM.**

**Senador Paulo Paim (PT/RS)**

paulopaim@senador.gov.br

Pronunciamento em que registra carta recebida de José Fortunati.

**Senhor Presidente,**

**Senhoras e Senhores Senadores.**

**É com satisfação que registro o recebimento** de correspondência do ex-secretário de educação do Estado do Rio Grande do Sul e meu amigo, José Fortunati. Como filiado ao PDT e membro da executiva nacional, ele me disse que está torcendo para que o segundo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva seja muito melhor do que o primeiro.

**Além disso ele me passou a cópia da carta** que foi enviada para o presidente do PDT, Carlos Lupi e para toda a executiva nacional do partido, com a sua posição e afirmando a importância dos trabalhistas retornarem ao Governo Lula.

**Senhor Presidente,**

**Solicito que a carta de autoria do trabalhista** José Fortunati seja registrada nos anais desta casa.



## **CARTA ABERTA AO DIRETÓRIO NACIONAL DO PDT**

**Caro companheiro Carlos Lupi,**

“A imprensa tem divulgado que o Presidente reeleito, Luis Inácio Lula da Silva, pretende convidar a direção executiva do PDT para realizar uma reflexão sobre uma possível participação do nosso Partido em seu segundo mandato.

Com toda a certeza as profundas críticas feitas pelo nosso saudoso comandante Leonel de Moura Brizola, especialmente no que tange à orientação dada pelo Governo Lula à área econômica, permanecem atuais pois a concentração de renda continua preocupante, os agiotas do capital financeiro internacional continuam operando livremente em nosso país e os trabalhadores e a classe média permanecem pagando a maior parte da conta de um modelo econômico perverso que espolia a grande maioria do nosso povo.

Não podemos desconsiderar que o PDT pode ajudar a impulsionar uma nova realidade neste segundo mandato do Presidente Lula. De um lado, uma certa arrogância histórica de setores do PT

hostis ao trabalhismo ficou marcada a partir das CPIs levadas a efeito pelo Congresso Nacional. De outro, a vitória esmagadora de Lula no segundo turno está a demonstrar que a imensa maioria da população continua acreditando que este ainda é o melhor caminho, neste momento histórico, para que o país possa realizar as mudanças tão sonhadas.

O Trabalhismo tem uma tradição histórica extraordinária na elaboração e defesa de propostas que visam dar ao país um desenvolvimento diferenciado, com um caráter claramente nacionalista (sem ser xenófobo), protegendo a indústria nacional e os interesses da classe trabalhadora. A denominada "Era Vargas" é uma incontestável demonstração desta tese. Pouco mais de quarenta anos da Abolição da Escravatura (1888) e da Proclamação da República (1889), o Presidente Getúlio Vargas começou a construir um novo país, baseado numa indústria nacional com bases sólidas e com um claro descortinamento de regras trabalhistas em defesa dos trabalhadores.

Sempre é importante lembrar que foi durante a gestão do presidente Getúlio Vargas que foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e aprovado o grande Plano Siderúrgico Nacional, que resultou na criação da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, da Companhia Vale do Rio Doce, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico - BNDE e da Petrobrás, peças fundamentais para a criação de um processo de industrialização no país e sustentáculo definidor das novas bases do desenvolvimento econômico brasileiro. A Consolidação das Leis Trabalhistas demarcou um novo período na atividade laboral brasileira. Estigmatizada pela falsa acusação de ter sido inspirada na "Carta Del Lavoro", a CLT representou, na prática, um nítido avanço em relação às precárias condições de trabalho existente no Brasil e, também, sobre a legislação italiana por separar a organização e interesses dos empresários e dos trabalhadores em campos distintos.

Em discurso proferido no Catete, no dia 03 de outubro de 1944, o então presidente Vargas afirmava que o grande desafio "é a organização da economia nacional em bases consistentes, capazes de suportar, sem crises profundas, o desenvolvimento das forças produtivas, mantendo o ritmo do progresso com o máximo aproveitamento das suas fontes de riquezas e do seu potencial humano". E, isso permanece absolutamente atual para o Brasil de hoje.

E, não podemos esquecer, que foi o Governador Leonel de Moura Brizola que ao constatar o forte estrangulamento da infraestrutura existente no Rio Grande do Sul, nacionalizou e modernizou os setores de telefonia e de energia elétrica, que acabou possibilitando que o estado gaúcho apresentasse um grande salto de qualidade no seu desenvolvimento.

Por isso, defendo que a Executiva Nacional do PDT se reúna com o Presidente Lula apresentando alguns pontos programáticos que

façam com que o país possa avançar nesse segundo mandato. Cito, entre eles:

1) Desenvolvimento – entre 1995 e 2002, período em que Fernando Henrique Cardoso foi presidente, o PIB cresceu em média 2,3% ao ano. De 2003 a 2005, os três primeiros anos de Lula no Palácio do Planalto, a média foi de 2,6%, projetando-se para o final do primeiro mandato uma média inferior a 3,0%. Para que o Brasil possa de fato crescer torna-se necessário baixar as altas taxas de juros, realizar uma profunda reforma tributária e elevar os investimentos públicos.

2) Exportações – O real sobrevalorizado tem criado sérias dificuldades para o setor produtivo exportador, levando à falência empresas de inúmeros setores e aumentando o desemprego. A mídia tem dado destaque nos últimos dias ao fato de que os consumidores poderão comprar brinquedos e artefatos de natal importados por um preço menor dos fabricados no país. Esta lógica

perversa, que está destruindo setores produtivos inteiros na área que fabrica brinquedos, calçados, móveis, na agro-indústria, entre outros. Torna-se necessário repensar a política cambial e o fomento do setor produtivo exportador para que o país não se torne absolutamente dependente das importações.

3) Defesa da riquezas naturais brasileiras – Tanto da Petrobrás quanto na repressão ao contrabando de minérios brasileiros, como o ouro, o urânio, o Nióbio, para que essas riquezas revertam para o povo brasileiro.

4) Defesa dos Direitos Previdenciários dos trabalhadores brasileiros – Tanto na Previdência Pública (trabalhadores na iniciativa privada e funcionários públicos) quanto na previdência complementar.

5) Banco Central – O PDT deve rechaçar a proposta da criação de um Banco Central independente do Poder Executivo. Tal manobra já foi tentada, sem êxito, por Roberto Campos e

Denio Nogueira a fim de controlar as decisões do Governo de João Goulart. Infelizmente, mesmo não contando com uma independência total o BC tem, mesmo assim, fixado metas irreais para a inflação futura, mantido taxas de juros absurdas e protegido o sistema financeiro em detrimento dos interesses nacionais;

6) Bolsa-família – o IBGE nos informa que ainda existem aproximadamente 50 milhões de brasileiros que se encontram abaixo da linha da pobreza. O Programa Bolsa-família vem conseguindo atenuar o grau de miserabilidade em que elas vivem. Mas, é importante destacar, como tem feito o nosso Senador Cristóvam Buarque, que deva existir uma exigência para as famílias que tenham crianças em idade escolar, da comprovação da sua freqüência à escola. Também, é imperioso que sejam criados programas que permitam uma mínima capacitação e/ou profissionalização das pessoas possibilitando a sua inclusão no mercado de trabalho para que o programa não se consagre apenas como um projeto assistencialista;

7) FUNDEB - O PDT deve apoiar integralmente a aprovação do FUNDEB no Congresso Nacional, pois se trata de um processo de fortalecimento da educação básica. Mas, os trabalhistas devem solicitar o aumento dos recursos da União na formação do Fundo. Apenas R\$ 2 bilhões no primeiro ano ou 4,3 bilhões de reais a partir do quarto ano de vigência é muito pouco para que possamos universalizar o acesso à educação básica das milhões de crianças e adolescentes em todo o país. É praticamente impossível que com uma condição financeira difícil como a que vem sendo enfrentada pela imensa maioria dos Estados e Municípios, que o país tenha condições de universalizar o acesso às creches, pré-escolas, ensino médio, educação profissional, educação especial e educação de jovens e adultos. Os recursos destinados para o ensino fundamental já se mostram distantes das verdadeiras necessidades para que, além de ampliar-se a oferta de vagas, se possa dar uma



educação de melhor qualidade para milhões de brasileiros;

8) Escola de Tempo Integral – Bandeira histórica do trabalhismo que contou com a elaboração teórica por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro e concretizada inicialmente por Leonel de Moura Brizola no estado do Rio de Janeiro, a Escola de Tempo Integral deve ser um dos componentes do debate com o Presidente Lula. Devemos solicitar que o MEC destaque recursos específicos para os Estados e Municípios que implantarem o projeto de acordo com o número de alunos participantes do mesmo;

9) Defesa do Papel Social dos bancos públicos – Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, BNDES, BNB, BASA, são bancos que podem ter sua atuação potencializada para auxiliar no processo de crescimento, e não raro são vistos, de forma equivocada pelos diversos governos, como meros geradores de recursos para o próprio governo.

10) Política de Segurança Pública – É necessário que esse tema se torne prioritário também junto ao Governo Federal, dada a opressão da violência sobre nosso povo.

11) Reforma Trabalhista – O PDT deve exigir a sua participação plena na reflexão e análise de todos os projetos que tratem sobre a Reforma Trabalhista e Sindical, assim como dos diversos setores do movimento social, antes do seu envio para o Congresso Nacional e opinar sobre o texto final antes da sua sanção pelo Presidente da República;

12) Reforma Política – o mesmo deve acontecer com as propostas relativas à Reforma Trabalhista;

Caro Presidente Lupi, procurei apresentar alguns pontos que considero importantes para uma possível negociação com o Presidente Lula. O PDT, representante legítimo do trabalhismo

brasileiro, com a sua história fantástica, com a sua tradição, com as suas idéias e programas, e baseado na experiência de seus grandes líderes, tem muito a contribuir para dar ao segundo mandato de Lula um viés mais nacionalista e contribuir para que o Brasil retome o seu crescimento econômico, preservando conquistas sociais e contribuindo para o avanço das políticas públicas de fortalecimento da cidadania. Dessa forma, buscamos uma conversação ativa, calcada em propostas, em reflexões, na nossa própria história de defesa dos direitos do povo brasileiro”

Porto Alegre RS, novembro de 2006.

José Alberto Reus Fortunati

Membro do Diretório Nacional do PDT

**Era o que tinha a dizer,**

Sala das Sessões, 16 de novembro de 2006.

**Senador Paulo Paim (PT/RS).**

**O SR. PRESIDENTE** (Mozarildo Cavalcanti. PTB – RR) – Concedo a palavra ao nobre Senador Geovani Borges.

**O SR. GEOVANI BORGES** (PMDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, durante a semana passada, vivenciamos, nesta Casa, uma grande polêmica em torno do substitutivo do Senador Eduardo Azeredo, que procura, dentre outras medidas, obrigar os provedores de acesso à Internet a manter um cadastro atualizado dos usuários, como pré-condição para o acesso à Rede.

Os debates foram tão intensos que levaram o Presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Senador Antonio Carlos Magalhães, a retirar o projeto de pauta para que fossem aprofundadas as discussões a respeito da matéria.

Fiz questão de mencionar esse fato no início do meu pronunciamento porque, como membro suplente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, considero bastante acertada a decisão do Senador Antonio Carlos Magalhães em rediscutir o assunto que tantas conseqüências importantes trará para a sociedade brasileira. Aliás, essas novas tecnologias de comunicação merecem que o Congresso Nacional esteja realmente atento a elas, para que a legislação seja aperfeiçoada em efetiva consonância com os anseios da população, levando em conta o que há de mais moderno no contexto internacional.

É por isso, Sr. Presidente, decidi vir hoje à tribuna para discorrer um pouco sobre a TV Digital que, juntamente com a Internet, moldará o sistema de comunicações do século XXI.

Poucos se dão conta da importância que a TV digital possui para o Brasil. Ela é uma nova tecnologia que permite transformar o televisor em uma porta de entrada para a Internet; possibilita também quadruplicar a quantidade de canais disponíveis, aumentando a oferta de programas.

Entre as possíveis aplicações da TV digital, gostaria de mencionar a educação a distância de forma interativa, o governo eletrônico e as tele vendas. Será uma verdadeira revolução em nosso País: teremos acesso a jogos eletrônicos pela televisão e também a possibilidade de assistir aos nossos programas favoritos em aparelhos de telefone celular. Também será possível a disseminação de notícias dos Três Poderes da República de forma interativa com o cidadão, trazendo sensíveis ganhos para a democracia brasileira. Enfim, a TV digital representa um processo de convergência da tecnologia e dos negócios e é fundamental para o progresso do Brasil, um país em que mais de 90% dos

lares possuem pelo menos um aparelho de televisão, captando sinais de forma livre e gratuita.

E a gratuidade do acesso constitui um ponto importante da TV digital no Brasil, para o qual chamo a atenção de V. Ex<sup>as</sup>. Não faria sentido algum que o Governo gastasse milhões de reais para viabilizar uma tecnologia que não fosse acessível a todos os brasileiros e da qual apenas uns poucos privilegiados pudessem se beneficiar. Muito ao contrário, o Decreto nº 4.901/2003, que instituiu o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), define claramente como objetivos do Sistema: promover a inclusão digital, a diversidade cultural do País e a língua pátria, como formas de democratizar a informação. Além disso, entre os objetivos do SBTVD incluem-se a criação de uma rede universal de educação a distância e o estímulo à indústria nacional, por intermédio da pesquisa e do desenvolvimento de tecnologias brasileiras.

Um dos pontos centrais do nosso Sistema é justamente o de se preocupar com a inclusão digital e com o desenvolvimento de um padrão tecnológico de baixo custo, adequado às nossas realidades. E esse é um mérito indiscutível do Governo do Presidente Lula. Isso porque, até 2002, tudo vinha sendo conduzido para a adoção imediata de um dos padrões já disponíveis, ou seja, o americano, o europeu ou o japonês. Foi a partir de 2003 que ganhou corpo a idéia de desenvolver um padrão brasileiro de TV digital terrestre, partindo-se da premissa de que as necessidades de cada sociedade é que determinam a escolha do padrão de TV digital mais adequado.

Assim, apesar de adotarmos o padrão de sinais japonês, previsto no Decreto nº 5.820/2006, a ele agregaremos inovações tecnológicas que darão ao Sistema uma nova interface, compatível com a nossa realidade.

Para deixar clara a importância dessa característica, Sr. Presidente, Senador Mozarildo Cavalcanti, gostaria de citar um trecho do discurso do Ministro das Comunicações, Hélio Costa, na solenidade de assinatura do Decreto nº 5.820, realizada em 29 de junho de 2006. Naquela oportunidade, disse S. Ex<sup>a</sup>:

Com essa decisão, em vez de simplesmente comprarmos os direitos de uma televisão digital, decidimos criar o Sistema Brasileiro de Televisão Digital, com características brasileiras, um projeto não apenas para aqueles que podem pagar por um serviço a cabo ou por satélite.

É bem verdade, caros colegas Senadores e Senadoras, que temos ainda muitos desafios pela frente, para implantar o Sistema Brasileiro de Televisão Digital. Existem alguns fatores críticos para o sucesso dessa iniciativa. Em especial, gostaria de mencionar um ponto

que depende muito de nós, aqui no Congresso Nacional. Refiro-me a obsolescência de nosso ordenamento jurídico, frente à acelerada evolução tecnológica dos últimos anos, situação essa agravada pelo recente fenômeno da convergência. É preciso igualmente garantir a capacidade de investimento das emissoras de televisão, garantir a capacidade de adaptação do parque industrial brasileiro e, fundamentalmente, garantir fontes de financiamento para que a população de baixa renda possa migrar para a plataforma digital, adquirindo os novos televisores. Sem essas garantias mínimas, será difícil que o SBTVD obtenha êxito, e mais difícil ainda que ele se torne um fator preponderante de inclusão digital.

Aliás, Sr. Presidente, quanto à inclusão digital, considero oportuno mencionar que a TV digital não é um instrumento isolado. Além do SBTVD, o Governo instituiu outros projetos para reduzir os índices de exclusão social. Entre eles, destaco a Casa Brasil, o Serviço de Comunicações Digitais (SCD) e os projetos TV Escola e Proformação, este último desenvolvido pelo Ministério da Educação. Tanto a Casa Brasil quanto o SCD e o SBTVD têm em comum uma importante fonte de recursos, o Fundo de Universalização dos Recursos de Telecomunicações (Fust), mantido por contribuições mensais das prestadoras dos serviços de telecomunicações, por repasses da Anatel e por contribuições anuais da União.

É preciso dizer, ainda, que a política industrial do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior possui prioridades intimamente vinculadas aos requisitos essenciais para a construção de um modelo vencedor para o Sistema Brasileiro de Televisão Digital. Entre essas prioridades, destaco a fabricação local e a exportação de semicondutores e de *software*.

Como se vê, a criação da TV digital brasileira é um esforço de governo; mais do que isso, é um esforço da sociedade como um todo e da comunidade científica nacional em especial, para dotar o País de uma ferramenta-chave para o desenvolvimento no século XXI, no contexto em que o domínio da informação e do conhecimento constitui, cada vez mais, um fator determinante de poder.

Antes de encerrar meu pronunciamento, Sr. Presidente, não poderia deixar de destacar o excelente trabalho que vem sendo realizado pelo Ministro Hélio Costa, membro desta Casa, à frente do Ministério das Comunicações. Além de coordenar todo o projeto do Sistema Brasileiro de Televisão Digital, S. Ex<sup>a</sup> ganhou o apoio do Governo para instituir o telefone social, que reduz pela metade o valor da assinatura básica de telefone fixo para consumidores com renda de até

três salários mínimos, beneficiando cerca de 70% da população brasileira.

O Ministro Hélio Costa está implantando o Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac), que vem a ser o maior programa de inclusão digital da América Latina. Sua meta é ousada: chegar a todos os 5.506 Municípios brasileiros até o fim de 2006, disponibilizando pelo menos um terminal de computador de uso público, conectado à Internet de alta velocidade. O objetivo maior do programa é contribuir para a melhoria de qualidade de vida das comunidades, para os trabalhos escolares dos estudantes e para o aperfeiçoamento profissional da população de todas as regiões do País. Entre os serviços gratuitos, estão previstos cursos de informática e programas educativos de televisão.

Há ainda as rádios comunitárias, um dos mais importantes instrumentos para promover a cidadania e democratizar os meios de comunicação. Ciente do seu significado, o Ministro Hélio Costa tem estimulado a disseminação de rádios comunitárias e construindo parcerias técnicas, visando possibilitar avisos de habilitação para comunidades indígenas, particularmente importantes no meu Estado, o Amapá.

Portanto, Sr. Presidente, já concluindo, congratulo o Presidente Lula e o Ministro Hélio Costa pelo modo exemplar como conduzem projetos tão significativos para o povo brasileiro.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores.

*Durante o discurso do Sr. Geovani Borges, o Sr. Mozarildo Cavalcanti, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Convidamos a usar da palavra o Senador Antonio Carlos Valadares, do PSB de Sergipe, por cessão do Senador Delcídio Amaral.

Em seguida, ouviremos o Senador Delcídio Amaral, do PT do Mato Grosso do Sul.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, passado o período eleitoral, marcado por disputa intensa nos Estados, entre candidatos ao Governo, ao Senado e à Câmara dos Deputados, assim como pela disputa presidencial, em que foi reeleito com mais de 20 milhões de votos na frente do seu principal opositor o Presidente Lula, é então chegado o momento, antecipando o que vai acontecer no próximo ano, com a nova legislatura, em que estarão presentes novos Deputados Federais, novos Senadores, da discussão

em torno de reformas para mim imprescindíveis ao fortalecimento de nossa democracia.

Uma reforma que foi iniciada e que teve já, no seu início, grande repercussão foi a reforma do Judiciário, que passou nesta Casa e permitiu, dentre outras ações, a criação do Conselho Nacional de Justiça, bem como do Conselho Nacional do Ministério Público, e também possibilitou o fim de um costume que já havia se enraizado em todo o Brasil, no Judiciário, que era a nomeação de parentes, com o combate ao nepotismo. Nisso o Judiciário agiu com celeridade, com eficiência e colheu resultados, sem dúvida alguma, alvissareiros para o fortalecimento da cidadania em nosso País.

Ao lado dessa reforma do Judiciário, agora temos de nos debruçar sobre a alteração dos prazos processuais nas demandas judiciais, que incorrem, sem dúvida alguma, na procrastinação, na demora, na imprevisibilidade da tramitação, do andamento dos processos no Poder Judiciário.

Esta semana, Sr. Presidente, tive a oportunidade de fazer uma visita ao Tribunal Superior do Trabalho, onde me encontrei com o Dr. Simpliciano Fontes, um dos eminentes juristas deste País, que ocupa um lugar de destaque no Judiciário como Ministro daquela Corte. Ele foi enfático ao me dizer que normalmente cada Ministro dispõe, para julgar durante o ano, de oito mil processos. Isso no que se refere à Justiça do Trabalho, em sua instância superior. Oito mil processos, em média, para cada Ministro julgar durante o ano.

E por que esse volume de processos? O volume de processos existe justamente por causa dos recursos intermináveis, meramente protelatórios, que a Justiça é obrigada a atender, tendo em vista que o Código de Processo permite essas saídas para praticamente anular o direito do cidadão em obter benefício do Poder Judiciário, principalmente quando se trata de uma demanda do mais forte contra o mais fraco, do capital contra o trabalho, por exemplo.

Senador Mão Santa, estávamos conversando há poucos instantes com o nosso Delcídio, que me mostrou uma frase de Rui Barbosa, o nosso patrono, o patrono do Senado Federal. Trata-se de uma frase magnífica, em que ele destaca a posição prioritária do trabalho, que deve prevalecer acima de tudo e acima do capital. Rui, como nós, pensa que o trabalho é feito de carne e osso, tem sangue, tem suor, tem lágrimas, tem esforço e tem sacrifício, enquanto o capital se aproveita de uma política monetária mal conduzida para ganhar bilhões e bilhões só na base de uma mexida no câmbio, uma mexida na taxa de juros, em que os banqueiros morrem de alegria e sacodem suas bolsas para a entrada de mais dinheiro no capital privilegiado com políticas econômicas equivocadas.

Sr. Presidente, precisamos coibir essa dinâmica, o mais rápido possível, fazendo uma reforma do Código de Processo e também do Código Penal, estabelecendo prazos menores, exíguos e acabando com os recursos que consideramos protelatórios. Como eu dizia, quando o mais forte está em uma demanda contra o mais fraco, aquele vai logo dizendo: “Ou você faz um acordo, ou essa demanda vai levar quinze anos”. É o que está acontecendo em nosso País.

Se um pequeno vai brigar, suponhamos – não quero atingir nenhuma empresa –, com uma multinacional, esta se utiliza dos melhores advogados, dos melhores escritórios existentes no Brasil, para levar aquela demanda **saecula saeculorum**, por 15, 20 anos. O pequeno morre e não recebe seus direitos, aquilo que foi fruto do seu trabalho, que gerou tantos sacrifícios na sua vida e na de sua própria família.

A primeira reforma que devemos fazer é a política, mas, ao lado dela, devemos preocupar-nos, sem dúvida alguma, com a continuidade da reforma do Judiciário, para dar-lhe o instrumento indispensável e inadiável para acelerar os seus processos e fazer com que os juízes, os ministros possam dedicar-se com mais afinco às causas que chegam às suas mãos, resolvendo-as com maior celeridade, maior rapidez, e fazendo com que o cidadão se sinta verdadeiro, participando de um país justo, equilibrado, onde todos têm os mesmos direitos, onde não só os mais ricos, mas também os mais pobres tenham acesso fácil e rápido à Justiça.

A reforma política, Sr. Presidente, não pode demorar mais. O Presidente Lula teve, no primeiro mandato, logo no primeiro ano, uma oportunidade de ouro para que ela acontecesse. Não falo apenas da reforma política, houve outras também. Mas, por motivos a que aqui não quero me referir, o Presidente, o meu amigo Lula, e a sua equipe de Governo dormiram no ponto, perderam uma oportunidade de ouro: o primeiro ano do mandato do Presidente da República. Tenho a certeza absoluta de que a toda e qualquer reforma que Sua Excelência apresentasse ao Senado ou à Câmara dos Deputados naquela ocasião, daríamos um crédito de confiança. Agora está mais difícil. O Presidente ganhou as eleições, mas não levou. Teve 20 milhões de votos à frente do candidato Geraldo Alckmin, mas não fez maioria na Câmara dos Deputados nem no Senado Federal. Sua Excelência terá, então, de lutar pela governabilidade, porque ganhou, mas não tem maioria no Poder Legislativo. São maiorias, principalmente na Câmara dos Deputados, voláteis, que dependem de acordos políticos, muitas vezes condenados pela imprensa, porque, de forma aleatória, esses acordos não têm sido feitos diretamente com os partidos, mas com lideranças isoladas, que fazem o acordo, mas não

trazem o voto. Foi o que aconteceu nesta legislatura com o Presidente Lula. Espero que ele possa, no ano que vem, compor uma maioria tranqüila na Câmara dos Deputados – no Senado, está difícil, embora tudo seja possível em política – e conseguir a sua maioria.

Por que precisamos fazer a reforma política? Para dar maior estabilidade ao governo que ganha. Este Governo não teve a estabilidade que esperávamos. Em primeiro lugar, porque não tinha maioria e, em segundo, pela crise política verificada nestes dois últimos anos, que deixou o Governo na defensiva, inclusive em situação de dificuldade, sem poder operar no Parlamento. Quantas e quantas vezes ficamos 40 dias sem votar uma matéria sequer, dependendo única e exclusivamente da compreensão das Lideranças do PSDB e do PFL, para que alguma outra medida provisória fosse votada, para que algum projeto fosse colocado em pauta e, assim, esta fosse desobstruída e pudéssemos dar continuidade aos nossos trabalhos. Quantas e quantas vezes, Senador Delcídio Amaral, passamos aqui 40 dias sem votar uma única matéria! V. Ex<sup>a</sup>, que foi um grande Líder, sabe as dificuldades que enfrentou para aprovar os projetos do Governo.

A reforma política tem o condão de dar esperança ao Brasil de, um dia, ter um governo que realmente governe e que possa contar com o seu Parlamento, como acontece em tantos outros países, como Portugal, França, Alemanha. Nestes países, apesar de a minoria ser atuante, aguerrida, fazer oposição, a maioria consegue aprovar os projetos. A oposição é mais do que necessária no Parlamento para fiscalizar os atos do Governo, para cobrar ações efetivas em torno do instrumento governamental. Numa democracia, a oposição tem papel preponderante a executar. Portanto, a reforma política pode abrir espaço para este Governo e para os que virão no sentido de assegurar maioria estável tanto no Senado Federal como na Câmara dos Deputados. Quem sabe com a adoção do voto distrital! Uns o consideram bom; outros, ruim. Vamos, por intermédio do debate, construir uma fórmula para o Brasil com o voto distrital, que existe em outras nações democraticamente evoluídas, como a Alemanha e a própria Inglaterra. Logicamente que a instituição de um sistema eleitoral em qualquer país depende muito de seus costumes, tradições e também da lógica política existente nos Estados.

O Brasil é um país federado, em que os Estados têm partidos políticos que nem sempre comungam com os partidos nacionais. Exemplo disto é o PMDB, que muito respeito, e que, em cada Estado, é um Partido diferente. Então, ao adotarmos um sistema eleitoral no Brasil, teremos de pensar na diferenciação partidária existente em nosso País. A adoção da lista partidária

está na Câmara dos Deputados – a lista de partidos. De acordo com essa proposta, o eleitor não votaria mais no candidato, e sim no partido, valorizando, assim, a fidelidade partidária. Ora, quantos Deputados mudam de partido três ou quatro vezes em uma mesma legislatura, descaracterizando a ação dos partidos, enfraquecendo-os perante a opinião pública e deixando completamente desacreditados os políticos!

A fidelidade partidária é mais do que necessária porque dá maior consistência aos partidos e maior estabilidade ao Parlamento. Em função da eleição das Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal pode presenciar parlamentares mudando de partido para darem condição de majoritário ao partido que quer ocupar a presidência das duas Casas. Isso aconteceu no passado e daqui para fevereiro vai acontecer novamente, principalmente se houver disputa nas eleições das Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

A limitação das coligações também está na Câmara dos Deputados. A Cláusula de Barreira, que já funcionou nas eleições, está sendo contestada pelos partidos menores, ou seja, por aqueles que não alcançaram o percentual exigido por esta Cláusula, qual seja, 5% dos votos do Brasil e 2% em pelo menos nove Estados. Alguns partidos estão recorrendo ao Poder Judiciário para anular a referida Cláusula de Barreira. Também na Câmara está a federação dos partidos políticos, uma criação do Senado, de minha autoria, que resolveria, sem dúvida alguma, essa questão pendente para os partidos que não alcançaram a Cláusula de Barreira. O que é federação de partidos políticos? É a união de dois ou mais partidos com presença no Congresso Nacional, cada um guardando a sua identidade, mas tendo, na federação, um presidente, um líder na Casa onde funcionar. Os partidos que compuserem esta federação não serão excluídos, não serão destruídos, continuarão recebendo o fundo partidário e tendo, no âmbito da federação, a sua própria liderança e o seu próprio presidente. Portanto, não haverá exclusão do sistema eleitoral do nosso País, inclusive do funcionamento nas duas Casas, dos partidos políticos que adotarem a federação criada pelo Senado Federal.

Sr. Presidente, enquanto não modificarmos o financiamento de campanha, muitos escândalos ainda acontecerão neste Brasil. Não digo que o financiamento de campanha resolverá o problema, mas vai minorar o sofrimento dos partidos menores, daqueles que não dispõem de recursos para o financiamento de suas campanhas. Acho que o financiamento público seria uma saída, já que os gastos efetivados durante uma campanha política, por meio da coleta de recursos, são exorbitantes. Cada partido político, nesta eleição, os

maiores, por exemplo, gastou mais de R\$100 milhões. Isso é muito dinheiro.

O que propõe a nova lei? Oitocentos e poucos milhões de reais, numa eleição, seriam disponibilizados para os partidos políticos dividirem com os seus candidatos. Logicamente, se prevalecer a questão da lista de partidos numa eleição, então o financiamento público de campanha será mais fácil, ao contrário da distribuição desse dinheiro com milhares e milhares de candidatos a Deputado, Governador e Senador. O dinheiro seria direcionado, canalizado, para os partidos, em vez de ser canalizado para os diversos, os milhares e milhares de candidatos.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senador Antonio Carlos Valadares, lamento interrompê-lo...

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE) – Já estou encerrando.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> completa os 20 minutos. Vou conceder mais três minutos, embora entendendo que talvez tenham sido os 20 minutos mais bem utilizados por um Senador da República, pelo aprendizado que estamos tendo sobre a importância de ser Governo, de ser Oposição e moralidade na democracia.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE) – Então, eu tenho ainda cinco minutos, Sr. Presidente? Já estou encerrando.

Apenas quero lembrar que o objetivo maior de uma reforma eleitoral é evitar a fraude, dar maior transparência à disputa, ao pleito, reduzir aquela questão do poder econômico, permitindo a igualdade na disputa, o que é próprio do regime democrático. Ora, por maiores que sejam as convergências de atuação do Ministério Público, da OAB, dos próprios TREs no Brasil, do TSE, a fraude ainda acontece, principalmente no que se refere ao caixa dois, que continua existindo; assim ou assado, continua existindo.

Então, vamos aprovar o financiamento público de campanha e aumentar a fiscalização sobre os partidos. Naturalmente, com esse sistema proporcional que só a Nova Zelândia e o Brasil adotam e que foi introduzido no Brasil em 1932 – vejam quantos anos, e o Brasil ainda não alterou esse sistema, apesar dos seus erros –, temos, no Congresso, mais de 30 partidos registrados no Superior Tribunal Eleitoral. Alguns são apenas siglas de fachada, que vendem o seu horário eleitoral e se prestam a fazer coligações esdrúxulas em torno de interesses alheios à democracia republicana.

Então, a fraude já existe há muitos e muitos anos. O Deputado Carlos Reis, Constituinte de 1933/34, já dizia naquela época: “Tínhamos três fraudes: fraude na eleição, fraude na apuração e fraude no reconheci-

to”. Quer dizer, era difícil alguém que não pertencesse ao poder, na velha República ou na República Velha, chegar a ser Governo.

Hoje, o sistema está totalmente diferente. Sem dúvida alguma, não há termo de comparação. A Justiça Eleitoral evoluiu. Temos uma das apurações mais rápidas, senão a mais rápida, do mundo, a mais moderna, graças à aprovação de leis pelo Congresso Nacional e à aceitação do Tribunal Superior Eleitoral.

Portanto, havia fraude na eleição, na apuração – hoje não há mais fraude na apuração – e no reconhecimento. Não era fácil o candidato ter o reconhecimento da Justiça Eleitoral naquela época, pois as atas eram feitas ao sabor da vontade de quem estava dominando o poder. Isso não mais acontece atualmente, mas fraude ainda existe.

No combate à fraude, temos vários caminhos. No Congresso Nacional, na Câmara dos Deputados, há projetos que foram aprovados pelo Senado. Se a Câmara, até o final do ano, aprovar o projeto que já está em pauta para ser votado em plenário, ele virá para cá e teremos oportunidade de fazer emendas, se necessário for, de aprofundar a discussão da reforma política e, assim, de construirmos um novo caminho para o País, a fim de dar maior estabilidade aos governos, maior confiabilidade aos partidos e viabilizar o sistema democrático dando força e preponderância à cidadania.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra, após o brilhante pronunciamento do Senador Antonio Carlos Valadares sobre os rumos da democracia no Brasil, ao Senador Delcídio Amaral, do PT de Mato Grosso do Sul.

V. Ex<sup>a</sup>, pelo Regimento, tem o direito de usar da palavra por 20 minutos, mas eu jamais ousarei cortar a palavra do grande Líder.

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr. Presidente, Senador Mão Santa. Este, o primeiro discurso que faço aqui, no Senado, depois da minha licença, depois das eleições.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quero primeiro agradecer aos eleitores do meu Estado, Mato Grosso do Sul, pela confiança que, mais uma vez, em mim depositaram. Fiz uma campanha curta, exatamente pela sobrecarga de atividades aqui no Congresso Nacional, não só como Líder, como Presidente da CPI dos Correios, mas também como Relator de projetos extremamente importantes que transitaram aqui no Senado. Foi uma campanha de pé no chão, andando nas ruas, conversando com as pessoas; uma campanha em que enfrentei as principais lideranças do meu



Estado, as mais modernas e também as mais retrógradas; uma campanha em que também convivi, com muita paciência e tolerância, com o corpo mole dos próprios companheiros de partido em alguns casos.

Contudo, foi uma eleição em que alcancei cerca de 40% dos votos, que representam muito, uma votação muito além das votações que o meu próprio partido, nas várias eleições disputadas, alcançou; uma votação que traz uma responsabilidade ainda maior, principalmente como Liderança no meu Estado. Diziam, à época, que, como meu adversário era muito forte, seria a maior votação percentual das eleições de 2006 em Mato Grosso do Sul – a votação pró-futuro Governador do Estado, que comigo disputou as eleições em 2006. Isso não aconteceu, apesar de todas as dificuldades que enfrentei – e fizemos uma grande eleição.

Costumo dizer que, pelos 40% que tive, os meus eleitores passaram por um verdadeiro corredor polonês. Portanto, é uma base sólida, que, mais do que nunca, representa aquelas pessoas que acreditam no meu projeto e caminham junto comigo.

É importante registrar, meu caro Presidente, Senador Mão Santa, que minha votação foi muito parecida com a que recebi para o Senado. Entretanto, quando da eleição para esta Casa, tive uma votação dobrada com o Senador Ramez Tebet. Essa última foi uma votação solteira, consolidando, desse modo, uma posição muito firme do meu projeto no contexto estadual, a despeito de ter enfrentado todas as lideranças, inclusive algumas que apoiaram o Governador Zeca durante oito anos e que, depois, bandearam para o nosso principal adversário, mostrando o adesismo que ainda existe na política do meu Estado.

Adquiritos esses 40% enfrentando as principais lideranças, mas volto a ressaltar o corpo mole de alguns companheiros de Partido. É importante destacar que, entre os candidatos do PT a governador de Estado, no Brasil, fui o quinto colocado percentualmente. Os quatro primeiros ganharam a eleição no primeiro turno, e eu, com os 40% alcançados, fui o quinto colocado, ou seja, na minha frente, houve apenas aqueles quatro que venceram no primeiro turno. Tive votações percentuais maiores inclusive do que aquelas de candidatos do PT que foram para o segundo turno.

Portanto, foi um esforço muito grande. Sei as dificuldades que enfrentei até em razão da postura que assumi de isenção, de equilíbrio e, mais do que nunca, do meu compromisso com o Congresso Nacional.

Não me arrependo de nada que fiz; e fiz isso pelo Brasil, pelo meu Estado; com muita honra, representei o povo da minha terra, a minha gente.

Sr. Presidente, voltando agora ao Senado, não poderia deixar de registrar algumas coisas importantes.

Primeiro, o trabalho que o meu suplente, o Senador Antonio João Hugo Rodrigues, do PTB, aqui realizou. Coerente, companheiro, trabalhou com a base do Governo e nunca se omitiu neste plenário, defendendo o nosso Governo.

Quero, também, de público, mandar um grande abraço ao meu querido Senador Ramez Tebet, homem que ainda está convalescendo em sua casa, em Campo Grande. Trata-se de alguém que sempre honrou e dignificou nosso Estado. Todos nós estamos orando para que S. Ex<sup>a</sup> ultrapasse mais esse obstáculo que se coloca à frente do seu dia-a-dia, da sua vida e do seu futuro. Todos estamos muito unidos ao Senador Ramez Tebet nesta hora, por tudo que S. Ex<sup>a</sup> representa para o nosso Estado e para o Brasil.

Antes de entrar no tema propriamente dito do meu pronunciamento, quero registrar que apresentei, na semana passada, um requerimento de voto de homenagem ao compositor e músico Mário Zan, que tem uma bela história que passa por São Paulo, por Mato Grosso do Sul. Mário Zan compôs um verdadeiro hino para o nosso Estado do Mato Grosso do Sul, a famosa *Chalana*, uma música inesquecível para todos nós, corumbaenses, pantaneiros. Apresentei, portanto, um requerimento de voto de homenagem a esse grande brasileiro, a quem, graças a Deus, tivemos a oportunidade de fazer uma homenagem singela, alguns meses antes, no Festival América do Sul, na minha querida cidade de Corumbá. E assinei esse requerimento, tomando a liberdade de incluir os Senadores Ramez Tebet e Juvêncio da Fonseca, porque sei que S. Ex<sup>as</sup> compactuam com esse mesmo respeito que tenho pelo nosso saudoso Mário Zan.

O motivo, Sr. Presidente, de ter vindo hoje ao plenário é falar de outras questões que temos ouvido muito. Tenho acompanhado os debates e sei que muitos Senadores e Senadoras também desse tema se ocuparam. Gostaria, primeiro, de apresentar minha posição muito clara com relação ao segundo mandato do Presidente Lula, que se avizinha.

A primeira questão – o Senador Paulo Paim foi bastante explícito em sua fala, antecedendo-me – é a de que precisamos, meu caro Senador Paulo Paim, ampliar, trazer para a base de apoio ao governo os partidos que o Presidente Lula necessita para garantir uma maioria consistente e sólida na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. Nós precisamos entender isso; precisamos entender a necessidade que temos desse apoio para realmente passarmos por momentos melhores, nos próximos quatro anos.

Temos de ter humildade para reconhecer aquilo em que erramos, no PT especialmente; fazer uma avaliação rigorosa dos nossos passos, para que, com

humildade, repito, venhamos a corrigir nossos desvios. Isso é muito importante não só para o segundo mandato do Presidente Lula, mas também para o futuro do Partido.

Temos de ter coragem de reconhecer que erramos e não culpar quem fez um trabalho grande, quem teve um posicionamento isento ou quem, em seu dia-a-dia, no Senado ou na Câmara, honrou o Partido dos Trabalhadores no Congresso Nacional, como vários Senadores do nosso Partido.

Temos de passar por essa avaliação, que não está absolutamente fora de contextos pelos quais outros países de esquerda passaram pelo mundo. O Partido Socialista Operário Espanhol, que hoje comanda a Espanha novamente, passou por um processo difícil de auto-avaliação, mas, com humildade, reconheceu em que errou, onde estavam os desvios. E não podemos ser diferentes, para preservar a história de um partido e tudo aquilo que foi feito pela militância e por boa parte dos Parlamentares que representam nosso PT.

Quero também registrar, Sr. Presidente, que a campanha eleitoral acabou. Precisamos comandar o País olhando para todos os segmentos da sociedade.

Não existem os desassistidos somente na nossa sociedade. Existe a classe média, existem os mais abastados, e precisamos governar para todos. Não podemos criticar as ditas elites. O que são elites? Há elites de parlamentares, elites de professores, de cientistas, de intelectuais, de médicos. Não podemos generalizar esse discurso, porque precisamos fazer um governo para todos. Um Presidente representa todos, e não segmentos da sociedade, por mais que se deva ter uma atenção especial àqueles que precisam da mão generosa do Estado para que conquistem dignidade – e, depois, venham a se preparar para o mercado de trabalho, a fim de que os programas sociais não se transformem única e exclusivamente em programas assistencialistas. Sei que não é esse, em absoluto, o desejo do nosso Governo.

Mais importante: a convivência com a imprensa. A imprensa desenvolveu um papel fundamental nesses últimos 18 meses. Dias difíceis enfrentamos, e a imprensa nada inventou: simplesmente registrou o que acontecia. Ela não é responsável pelos escândalos com que tivemos a oportunidade de conviver.

Temos de virar a página, para que esse segundo mandato do Presidente Lula tenha êxito e seja de todos, como diz aquele velho lema: “Um Brasil de todos”.

Meu caro Senador Paulo Paim, ouço V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Paulo Paim** (Bloco/PT – RS) – Senador Delcídio Amaral, serei muito breve, para não atrapalhar seu pronunciamento. Embora V. Ex<sup>a</sup> não tenha

chegado ao fim, quero dizer que, com a maior tranquilidade, assino embaixo do pronunciamento que V. Ex<sup>a</sup> faz neste momento e endosso o que vai proferir nos próximos dez ou quinze minutos, porque conheço V. Ex<sup>a</sup>. Entendi a mensagem que quer passar, não só para o PT, sobre a importância de um Governo de coalizão, que construa e faça o melhor para o País, e concordo com V. Ex<sup>a</sup>: temos de governar para todos; a disputa eleitoral terminou. Eu nem precisaria, mas farei uma exposição de idéias que para muitos poderia ser considerada provocativa, embora não para V. Ex<sup>a</sup>. Na disputa estadual, V. Ex<sup>a</sup> não foi vitorioso, mas tenho certeza de que fará de tudo para o bem do seu Estado, independentemente de quem tenha ganho as eleições, como é o meu caso, no Rio Grande do Sul, e o do Presidente Lula. Sua Excelência foi vitorioso, mas tenho certeza de que há de dialogar com todos os segmentos da sociedade e não somente com os partidos políticos, para que possamos fazer mais um belo mandato para o bem do povo brasileiro. V. Ex<sup>a</sup> falou dos grandes homens do nosso Partido, que, com independência, com tranquilidade, tiveram uma postura sempre coerente com as suas vidas, e quero dizer que V. Ex<sup>a</sup> foi um desses grandes homens. Tenho muito orgulho ter sido liderado por V. Ex<sup>a</sup>, e V. Ex<sup>a</sup> sabe disso. Estou dizendo em público o que já lhe disse fora do microfone. V. Ex<sup>a</sup> foi um grande Líder da nossa Bancada e um grande Presidente da CPI dos Correios, porque pensou sempre no País, com seriedade e com a responsabilidade que cada momento exigiu. V. Ex<sup>a</sup> tem, eu diria, todas as qualidades e está avalizado, digamos, pela sociedade brasileira para fazer esse discurso. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>! Como é bom vê-lo na tribuna do Senado, fazendo esse brilhante pronunciamento! Meus cumprimentos, Senador Delcídio, nosso Líder da Bancada.

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS)

– Muito obrigado, Senador Paim, V. Ex<sup>a</sup> sabe da admiração que tenho por V. Ex<sup>a</sup>, pelo seu trabalho e competência e, mais do que nunca, por todos os projetos pelos quais sempre trabalhou dentro do Congresso e do Senado.

Eu gostaria também, Sr<sup>a</sup> Presidente, Senadora Serys Slhessarenko, de fazer alguns comentários sobre aquilo que ouvi e acompanhei nos debates, pela imprensa e aqui, no Senado Federal, onde tive a oportunidade de acompanhar um depoimento, ou um discurso, do Senador Aloizio Mercadante e, depois, um discurso do Senador Eduardo Suplicy, sobre a política econômica do Governo. Gostaria também de fazer alguns registros que entendo importantes neste momento que estamos vivenciando, no limiar do segundo mandato do Presidente Lula. Não podemos achar que, de uma hora para a outra, a política econômica do Brasil

vai ser alterada. Hoje, por estar interligada, integrada, a economia mundial não suporta a bravata, Senador Mão Santa e Senador Paim, nem o desrespeito. Não podemos, de uma hora para outra, acreditar que, com algumas canetadas, vamos fazer o Brasil crescer 5%. Sei que existe uma intenção, uma vontade enorme de promover o crescimento brasileiro, até porque temos crescido 2,5% – a previsão para este ano é de menos de 3% –, enquanto o mercado mundial tem excesso de liquidez, portanto, há muitos recursos que podem ser trazidos para o nosso País, garantindo o investimento, o desenvolvimento e a geração de emprego.

Por outro lado, precisamos tomar medidas cuidadosas. Conseguimos controlar a inflação, os juros caminham para o patamar real de um dígito, evidentemente descontada a inflação, os números macroeconômicos do País são consistentes, portanto, temos de conduzir esse debate com muito cuidado. Não venham com essa conversa de desenvolvimentismo a qualquer preço, porque senão vamos cair na mesma cilada de outros governos que comandaram o País e que o levaram a extraordinárias dificuldades de caixa e, ao mesmo tempo, a níveis inflacionários absolutamente galopantes.

Portanto, prudência e canja de galinha não fazem mal para ninguém. É evidente que temos de avaliar aquilo que é possível fazer e no tempo. Ninguém simplesmente acaba, reduz carga tributária da noite para o dia em função das contas que precisamos pagar. A nossa política econômica precisa de ajustes, necessariamente. Temos de fazer um debate sobre a desoneração da produção. Isso já está sendo discutido pelo Governo, e esse é um tema absolutamente fundamental. Já não se pode conviver com uma carga tributária de 38% do PIB. Temos de facilitar a vida dos empresários, dos grandes, mas também dos pequenos e dos microempresários.

Na semana passada, o Senado...

**(A Sr<sup>a</sup> Presidente faz soar a campainha.)**

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS) – Já terminou o meu tempo, Sr<sup>a</sup> Presidente?

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Silhessarenko. Bloco/PT – MT) – Senador, V. Ex<sup>a</sup> ainda tem um minuto, mas prorrogarei o seu tempo por alguns minutos, com certeza. V. Ex<sup>a</sup> está tão empolgado...

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS) – É que faz tempo, Sr<sup>a</sup> Presidente, que não falo no plenário.

**O Sr. Antonio Carlos Valadares** (Bloco/PSB – SE) – E está falando muito bem, por sinal, como sempre.

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Antonio Carlos Valadares.

**O Sr. Antonio Carlos Valadares** (Bloco/PSB – SE) – Gostaria que V. Ex<sup>a</sup> me concedesse um aparte, sem descontar do tempo que a Presidente lhe deu.

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS) – Vou conceder um aparte ao Senador Antonio Carlos Valadares, ao Senador Mão Santa e ao Senador Eduardo Suplicy.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

**O Sr. Antonio Carlos Valadares** (Bloco/PSB – SE) – Senador Delcídio Amaral, como sempre, quando ocupa a tribuna, V. Ex<sup>a</sup> dá o seu recado, que todos entendem, pois usa uma linguagem política eficiente, na direção daquilo que nós pensamos para o Brasil. V. Ex<sup>a</sup>, que é um dos Senadores mais atuantes desta Casa, candidato ao Governo do seu Estado, teve uma votação significativa, e nós sabemos os motivos por que V. Ex<sup>a</sup> não foi eleito. Mas, sem dúvida alguma, a sua candidatura, assim como a sua participação na chamada CPI dos Correios, contribuíram para a formação política do seu Estado. V. Ex<sup>a</sup> foi um grande Presidente, agiu com autonomia, com equilíbrio, e recebeu os elogios do Brasil inteiro. Ao propor à equipe econômica do Governo que facilite a vida do Brasil desonerando a produção e reduzindo a carga de impostos, que é uma das maiores do mundo, sem dúvida alguma, V. Ex<sup>a</sup> dá uma colaboração inestimável para o desenvolvimento do nosso País. Vou parar por aqui, porque outros oradores querem apartear V. Ex<sup>a</sup>. Meus parabéns pelo seu pronunciamento! Se o seu Estado não ganhou um Governador como V. Ex<sup>a</sup>, o Senado ganhou V. Ex<sup>a</sup>. É importante a sua presença aqui nesta Casa.

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Antonio Carlos Valadares. Muito me honram os comentários de V. Ex<sup>a</sup>, pelo respeito que também tenho por toda a história política de V. Ex<sup>a</sup>.

Concedo o aparte ao meu caro Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup>, Senador Delcídio Amaral, pode dizer, como o apóstolo Paulo, que percorreu o seu caminho, pregou sua fé e combateu o bom combate, mas vamos sair desse plano teológico e entrar no plano político. Entendo que o maior político do mundo foi Winston Churchill. A ele devemos a democracia. O mundo totalitário estava ali, com Hitler, com Mussolini, e ele resistiu. Quando os aviões sobrevoavam Londres para bombardeá-la, ele assumia o cargo de Primeiro-Ministro, e dizia: “Sangue, suor e lágrimas é o que tenho a oferecer”. Foi buscar – “A política é a arte do impossível” – Franklin Delano Roosevelt, dos Estados Unidos, e Stálin, da Rússia, e

os uniu. Foi buscar Getúlio Vargas, que estava encantado com a Itália de Mussolini, e ganhou, e nasceu, e decidiu o Dia D, o dia da vitória. Eu nasci durante a guerra – a Senadora Serys é novinha, tem apenas 21 anos, sorridente –, então vi aquilo. E a paz surgiu, a democracia. Na recessão pós-guerra, ele trouxe-nos a dádiva da liberdade, da democracia, mas perdeu as eleições quando saiu. V. Ex<sup>a</sup> também entrou numa guerra, pior, decorrente da desmoralização do Congresso e da nossa democracia: mensalão, Deputado sem moral, Senador, avacalhação, que está aí, apenas 5% dos brasileiros... E V. Ex<sup>a</sup> escreveu a página mais bonita da ética, da moralidade, da imparcialidade, presidindo a CPI. V. Ex<sup>a</sup> foi um Líder do PT que encantou a todos. A Senadora Serys é mulher – olha o sorriso dela! –, mas V. Ex<sup>a</sup> nos encantava como Líder, e está aí. E Rui Barbosa, que está ali também, perdeu eleições. Ele disse que não se pode perder é a vergonha e a dignidade. Isso V. Ex<sup>a</sup> nunca perdeu. V. Ex<sup>a</sup> irradia. Deus escreve certo por linhas tortas. O Congresso, o Poder Legislativo, estava precisando de um homem de bem e de vergonha. Aliás, está ali o Senador Antonio Carlos Valadares, que tem muita cultura. Lá na velha Grécia, onde nasceu a democracia, andava um filósofo, no meio da rua, acendendo uma luz. Chegaram a ele: “Diógenes, o que procuras?”. “Um homem de vergonha”, respondeu. O que Diógenes procurava lá está aqui na tribuna do nosso Senado, não em Mato Grosso do Sul, e que é a vergonha de todo o nosso Brasil.

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, meu caro Senador Mão Santa, nosso querido Presidente do Senado, que preside esta Casa sistematicamente, e com muita honra para todos nós, por toda a história política que V. Ex<sup>a</sup> tem e por tudo que representa para o Congresso Nacional.

Senador Eduardo Suplicy, fiquei extremamente convencido pelos argumentos apresentados por V. Ex<sup>a</sup> no discurso que fez na semana passada, aqui no Senado Federal, falando dos horizontes da nossa política econômica.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Senador Delcídio Amaral, cumprimento-o, primeiro, pela batalha que empreendeu em Mato Grosso do Sul, dignificando a confiança que o Partido dos Trabalhadores e o povo daquele Estado conferiram a V. Ex<sup>a</sup>. V. Ex<sup>a</sup>, que tão bem tem dignificado o mandato de Senador, travou ali uma batalha difícil, e certamente contribuiu em muito para que seu adversário possa realizar um governo para o bem de Mato Grosso do Sul, levando em conta as proposições e tudo aquilo que, nos debates, V. Ex<sup>a</sup> expôs com muita assertividade, fazendo com que, em Mato Grosso do Sul, esteja a democracia brasileira se fortalecendo. Também dou as boas-vindas

a V. Ex<sup>a</sup> no debate relativo à política econômica. Tenho a convicção de que o Governo do Presidente Lula arrumou a nossa casa de maneira a preparar a economia para dar um salto e, sobretudo, termos, nos próximos quatro anos, um crescimento sustentado do Produto Interno Bruto mais à altura da nossa potencialidade. Isso certamente significa um crescimento superior a 5% ao ano, com o crescimento das oportunidades de emprego, à altura do que vem conseguindo, mas com maior intensidade ainda; com o fortalecimento dos programas de erradicação da pobreza, que certamente serão ainda mais aperfeiçoados; e com a expansão não apenas da agricultura, que em Mato Grosso do Sul é tão importante, mas também da agroindústria brasileira. Para isso, é importante esse ambiente, inclusive para que as pessoas sejam estimuladas a realizar investimentos, como V. Ex<sup>a</sup> aqui enfatiza. E reitero a sugestão que formulei ao Presidente do Banco Central neste diálogo com V. Ex<sup>a</sup>. Na semana passada, o Ministro e Presidente Henrique Meirelles, do Banco Central, depois de um diálogo com empresários, disse que não se esperasse de um goleiro que estivesse a marcar gols. Gostaria muito de estimulá-lo, da forma mais construtiva, porque o considero também um dos responsáveis por ter arrumado a casa, mas para que ele seja imbuído do espírito de um Rogério Ceni, um goleiro brilhante. E veja que sou torcedor do Santos, mas reconheço que Rogério Ceni, quando marca alguns gols, certamente contribui muito para que o São Paulo Futebol Clube esteja na posição de quase tetracampeão brasileiro de futebol, e isso graças a esse goleiro que, além de defender tão bem a sua meta, muitas vezes sai a campo para marcar gols, seja de falta ou de pênalti, de maneira a dignificar tão bem a postura de um goleiro, que inclusive é também da seleção brasileira. Meus cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup>!

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Eduardo Suplicy.

Eu também parablenizo V. Ex<sup>a</sup> – já o fiz pessoalmente – pela eleição. São Paulo está muito bem representado por um Senador que é um homem honrado, um homem de bem, como V. Ex<sup>a</sup>. E não posso deixar de destacar também que fico contente com os elogios a Rogério Ceni, até porque sou tricolor do Morumbi, e estou muito feliz com os comentários que foram feitos.

Mas, voltando ao tema, gostaria de questionar o que é efetivamente importante nessa discussão para fazer com que o País cresça. Nós ficamos mais tentados, Senador Paulo Paim, a dar uma canetada, a fazer alguma coisa que solte o País, mas sem saber exatamente o que virá como consequência dessa decisão.

O País crescerá, mas eventualmente enfrentará outras dificuldades de caráter econômico.

A vontade é maior porque são medidas simpáticas e quase sem nenhum risco e nenhuma crise para quem preside o País. O grande fato que infelizmente não estamos discutindo é a redução de despesas, que gera cortes. E isto é antipático falar, mas necessário fazer: a reforma da Previdência. Ninguém fala nada a respeito, mas ela deve ser feita.

Senador Paulo Paim, V. Ex<sup>a</sup> é especialista no assunto e, ao longo das discussões, desempenhou um papel fundamental naquele primeiro projeto discutido à exaustão no Senado Federal. A verdade é que a Previdência, hoje, só a pública, já atinge...

(Interrupção do som.)

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS) – ...de R\$42 bilhões a R\$43 bilhões. Algo precisa ser feito. Isso não se faz com a caneta, Senador Mão Santa, e sim debatendo o tema com a sociedade, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Também uma reavaliação da reforma tributária, que discutimos aqui durante semanas e mais semanas. Em função do que se projeta para o País e como é muito focada, principalmente, na unificação das alíquotas de ICMS, ela necessariamente não trará os benefícios de que o Brasil precisa para crescer.

Conversei com algumas pessoas que foram à Ásia e a outros países, inclusive com o perfil parecido com o da nossa economia. Não podemos perder o bonde ou o trem da História. Não vamos continuar com o mundo passando por essa liquidez que propicia investimentos em vários países do mundo. Por isso, precisamos blindar nossa economia, e temos que discutir, com absoluta franqueza, Sr. Presidente, a reforma da Previdência, a reforma tributária e a reforma trabalhista de maneira mais ampla.

Não vou me estender com relação a reformas porque o Senador Antonio Carlos Valadares, que me antecedeu, falou sobre a reforma política e sobre a reforma do Judiciário, que, atualmente, é um entrave para decisões mais céleres, que impactam diretamente o dia-a-dia das pessoas.

Fizemos a reforma do Judiciário, comandada pelo Senador Ramez Tebet, que, como Relator, conduziu com muita determinação esse trabalho. Mas há toda uma legislação regulamentar que ainda não foi aprovada e que é muito importante para o País. Então, na verdade, a grande discussão econômica, partindo do princípio de que a nossa economia avançou, a despeito dessas dificuldades aqui citadas, faladas e que estão nos levando a esse grande debate, o que está em discussão são as reformas; essas, sim, vão blindar

a economia brasileira, possibilitando-lhe condições de desenvolvimento, de crescimento.

Sr<sup>a</sup> Presidente, gostaria de tratar de outro tema e, por isso, peço a V. Ex<sup>a</sup> que me conceda pelo menos dez minutos, garanto que eu não vou me exceder no tempo.

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Slhessarenko. Bloco/PT – MT) – Senador, só um parêntese. V. Ex<sup>a</sup> já está na tribuna há quarenta minutos e há outros oradores inscritos. O único problema são os outros Senadores.

**O SR. DELCÍDIO AMARAL** (Bloco/PT – MS) – Mas, Sr<sup>a</sup> Presidente, foram feitos vários apartes, e eu gostaria de falar agora do principal tema que me trouxe aqui hoje. Enquanto todos falam de economia, de juros, de desenvolvimentismo, de ortodoxia, de segmentos ortodoxos, segmentos desenvolvimentistas, eu quero falar do arcabouço legal, da regulamentação que pauta segmentos importantes da nossa economia. É sobre isso que quero falar. Ficamos discutindo economia, mas será que temos uma legislação que garanta os investimentos? Essa é a pergunta que tem de ser feita.

Vamos falar das agências. Como vão ficar as agências reguladoras? Há um projeto tramitando na Câmara, que trata de uma reestruturação das agências reguladoras. O que vai acontecer com essas agências?

É o projeto que está na Câmara? Vai ficar tudo do jeito que está? Como o investidor se comporta quando sabe que as agências reguladoras, que em tese vão regulamentar, fiscalizar e zelar pelo bom funcionamento de cada sistema, despertam dúvidas com relação às suas atribuições? Essa era a primeira pergunta que faço.

A segunda pergunta diz respeito à necessidade de regulamentação de vários segmentos, de várias áreas. Vamos entrar especificamente na questão do saneamento, fundamental para o Estado de V. Ex<sup>a</sup> e para o meu também. E o projeto que trata desse assunto caminha lentamente dentro do Congresso. O projeto aprovado aqui difere daquele encaminhado pelo Governo. Qual é o posicionamento? Parar? Engavetar o projeto porque não bate com o projeto que veio do Governo? E saneamento é uma área absolutamente fundamental. Está paralisada porque não existem regras.

Como é que vamos fazer ou trazer investimentos se o arcabouço legal não está definido ou não inspira a confiança de que os investidores precisam para aqui colocar os seus recursos?

A reforma do setor elétrico, e falo com a maior tranquilidade, exigia uma série de regulamentações. Essas regulamentações foram feitas? Será que vale a pena fazer regulamentação por decreto? Há investi-

dor que não acredita em decreto, porque decreto depende do Presidente ou do Ministro de plantão. Eles confiam muito mais numa legislação aprovada pelo Congresso, uma lei.

Mas ainda falta uma série de ferramentas regulatórias que projetem o sistema, que projetem o setor.

Não podemos tapar o sol com a peneira. Precisamos olhar o setor de energia com absoluto cuidado, sob risco de enfrentarmos, mais à frente, problemas como suprimento de energia. Quando ouço falar em Santo Antônio, Giral, Belo Monte... Vivi na Amazônia e sei o que é fazer barragem lá. Fui regional de operação na usina hidrelétrica de Tucuruí e sei as dificuldades que um projeto desse traz. Não vamos responsabilizar só o Ministério do Meio Ambiente ou o Ibama por atrasos nos projetos. Eles podem até ser os responsáveis pelo atraso de alguns projetos ou de vários projetos, mas há toda uma legislação ainda que os principais investidores acompanham de perto e que ainda não estão implementadas.

Quando falamos em usinas nucleares, sabemos que Angra III já podia ter sido deliberada, bem como Angra II. Quem é da área nuclear sabe que esta usina opera absolutamente bem, diferentemente de Angra I, que apresenta uma série de problemas até hoje não resolvidos, como o gerador de vapor de Angra I, que nem Jesus Cristo consegue resolver.

O que me preocupa é que sinalizam com projetos que resolverão a questão energética, mas que entrarão em operação em 2012 na melhor das hipóteses, sem falar que, no caso das usinas do Madeira e do Xingu, tem que haver linha de transmissão, Senadora Serys. V. Ex<sup>a</sup> conhece a região. Ali não é mole! Fazer faixa de servidão, construir linha.

Então, temos que discutir, que achar uma solução imediatamente, que passa pela termoelectricidade. Acompanhei comentários sobre o problema da falta de gás. Os gasodutos que estão sendo instalados já haviam sido previstos há muitos anos. Patinaram ao longo desses anos. Não vou entrar no mérito. Mas isso já estava previsto. Urucu-Porto Velho, um antigo desejo dos Senadores Fátima Cleide e Valdir Raupp até hoje patina. Coari-Manaus era um projeto absolutamente definido. O reforço do Bolívia-Brasil, a despeito desses problemas todos com o Governo boliviano. Camamu, a interligação como Nordeste, o reforço do Ceará; o gasoduto do Sul, de Uruguaiana, que talvez tenha ficado para trás porque existem hoje problemas de gás natural na Argentina, por exemplo. Estava tudo colocado, mas não aconteceu. Por isso, vamos ter que passar por um processo de geração termoeletrica para garantir a otimização do sistema. Portanto, temos que olhar essas questões com absoluto cuidado, pois são

fundamentais para o crescimento do País, para a geração de emprego.

Discutimos aqui parcerias público-privadas. Quantas semanas discutimos esse assunto na Comissão de Assuntos Econômicos, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, na Comissão de Infra-estrutura, em todos os patamares institucionais deste Senado Federal?

Onde está o fundo garantidor das parcerias público-privadas, de que ainda não temos notícia?

Conversando com o ex-Ministro Ciro Gomes, Deputado eleito pelo Ceará, fiquei sabendo que S. Ex<sup>a</sup> havia preparado há mais de 12, 13, 14 meses o primeiro projeto de PPPs no Brasil, que atenderia a questão das rodovias, ferrovias e de portos, absolutamente fundamentais, pois estamos perdendo competitividade ante a situação dos nossos portos. Até agora não temos nenhuma definição sobre qual fundo que dará consistência aos projetos de parcerias público-privadas, fundamentais para o desenvolvimento do Brasil. O grande desafio para o Brasil crescer é a infra-estrutura, e temos de introduzir esse debate imediatamente, sob riscos de passarmos mais quatro anos com crescimento pífio de 2,5% a 3%.

Sr<sup>a</sup> Presidente, Senadora Serys Shlessarenko, discutimos aqui a questão da biotecnologia. O projeto de biossegurança foi amplamente discutido aqui. Senador Paulo Paim, começamos tratando do Rio Grande do Sul, com a regularização do plantio dos sojicultores. Depois, apreciamos o projeto de biossegurança, que causou aquela polêmica danada. Hoje, estamos vendo vários segmentos agrícolas prejudicados porque a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança não delibera sobre a utilização de determinadas espécies que foram pesquisadas e que já são largamente utilizadas no mundo.

Entendo o cuidado que tem de ser dado a essa questão dos transgênicos. Mas não podemos também repetir o que aconteceu com a Lei de Informática; naquela época, com aquele projeto chamado de "rainha da sucata", o Brasil simplesmente ficou para trás em biotecnologia.

Na nossa região, minha querida Presidente, os cotonicultores estão sofrendo violentamente. Hoje, o cerrado é um dos grandes celeiros da produção de algodão do mundo – diga-se de passagem, de excelente qualidade – mas esperamos uma decisão da CTN Bio que não vem.

O que está acontecendo? China, Estados Unidos, Austrália, Índia começam a ocupar os segmentos de mercado que nós, a duras penas, conquistamos depois de uma crise enorme que a produção de algodão sofreu no Nordeste.

Não adianta só discutir economia. É absolutamente fundamental vermos a taxa de juros, o câmbio, as medidas para manter a nossa economia em condições, mas temos que discutir as reformas que são impopulares. Não adianta fugirmos disso; não há outra saída. Vamos ter de discutir isso para melhorar o Brasil. Terceiro: o arcabouço legal para fazer com que os investidores compareçam porque, como estamos vendo, os fatos não ocorrerão como muita gente propala. Uma coisa é discurso e boa intenção; outra coisa é prática, o que é muito diferente.

Sr<sup>a</sup> Presidente, eu queria falar um pouco mais, fazer outras abordagens, mas já falei muito hoje e prefiro falar amanhã.

Ainda gostaria de registrar o seguinte: precisamos ter uma visão ampla, ecumênica, dos problemas brasileiros. Não devemos tratar segmentos econômicos importantes ideologicamente; temos que tratar segmentos importantes como biotecnologia, energia, enfim, os vários segmentos, com as ferramentas que temos. Temos que olhar, acima de tudo, para o que a população do nosso País almeja: futuro. Não adianta mais tapar o sol com a peneira. Temos que avançar na economia, nas reformas, mesmo com desgaste; temos que aprimorar o embasamento jurídico que vai garantir os investimentos do País. Chega de conversa. Precisamos, nestes quatro anos, virar a página e fazer com que o Brasil se torne aquele País com que todos nós sonhamos, um Brasil que, se Deus quiser, vamos entregar aos nossos filhos melhor do que aquele que recebemos dos nossos pais.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

*Durante o discurso do Sr. Delcídio Amaral, o Sr. Mão Santa, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pela Sra. Serys Slhessarenko, Suplente de Secretário.*

**A SRA. PRESIDENTE** (Serys Slhessarenko. Bloco/PT – MT) – Obrigada, Senador Delcídio Amaral.

V. Ex<sup>a</sup> disse que falou muito, mas utilizou o tempo determinado. Foi da maior relevância, com certeza, o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>.

Concedo a palavra, por 20 minutos, ao Senador Mão Santa, como inscrito.

Logo depois, concederei a palavra ao Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senadora Serys Slhessarenko, Presidente desta sessão de 16 de novembro, quinta-feira, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores presentes nesta Casa, brasileiras e brasileiros aqui presentes e que nos assistem e nos ouvem pelo sistema de comunicação do Senado, pelas rádios AM e

FM e pela TV Senado, e aqueles que lêem o **Jornal do Senado**, aí está o Senador do Partido do Trabalhador que convida o Presidente da República, recém-reeleito, a fazer uma reflexão. Nós comungamos da mesma preocupação.

No primeiro mandato, Senador Delcídio Amaral, votamos em Lula, mas nós nos distanciamos, porque temos nossas crenças, como V. Ex<sup>a</sup>, fundamentadas no estudo, no trabalho e na experiência, mostrando uma visão de futuro real. Nós nos afastamos porque acreditamos num tripé. Assim como a Igreja de Deus tem tripé – Pai, Filho e Espírito Santo, não é só um –, na democracia também se tirou a onipotência, o absolutismo dos reis, e nasceu essa força do povo que é a democracia: o Governo do povo, pelo povo e para o povo. Logo também se dividiu o poder e o dividiram em três. A inteligência do jurista Montesquieu: o Poder Legislativo, que compomos e que temos de fortalecer, o Poder Judiciário e o Poder Executivo, entregue pelo povo do Brasil ao Presidente Lula.

Todos nós queremos que este País cresça; todos nós queremos a felicidade do nosso povo, que nos mandou para cá. Mas temos de entender as coisas. A ignorância é audaciosa. Há muita gente com sede de poder. São diversos partidos. Há pouco, o PDT do Rio Grande do Sul se ofereceu para participar do Governo. Nós nos oferecemos para participar da democracia. Entendemos, Senadora Serys Slhessarenko, que foi o povo que decidiu. Quem ganhou está no Governo, tem responsabilidade de governar; e quem não ganhou, como nós, tem de ser Oposição. Entendam bem, que a ignorância é muito audaciosa.

Está ali Rui Barbosa. O Senado tem 180 anos. Certamente o Senador Eduardo Suplicy está-se comunicando com o mundo para saber quantos Senadores já passaram por esta Casa. Senadora Serys, não sei se passaram muitas mulheres aqui como Senadoras. Mas, em 180 anos, já passaram muitos Senadores, inclusive Rui Barbosa, que foi quem mais se destacou. Vejam como a história nos ensina. Rui Barbosa foi governo; desagradou aos imperadores, levantou a bandeira da Abolição, depois a da República. Quer dizer, pouco demorou no Império. E só foi governo com Deodoro e Floriano. Foi Ministro como V. Ex<sup>a</sup>, Paulo Paim; ele foi Ministro da Fazenda. Quando viu que os militares queriam continuar, no terceiro governo militar, ele disse: “Estou fora”. Saiu para fazer uma campanha civilista, como todos nós estamos querendo fazer. Aí, ofereceram-lhe um ministério. Tem gente aí pedindo, chorando. O Presidente Lula está vivendo um momento de tormento. Ele deveria chorar no ombro amigo do Paulo Paim. Eu li em seu livro, tantos anos de companheirismo com Lula. E uns que ele nem conhece

estão todos ali, feito corrupção; não votaram nele, vão comprometer. Más companhias estão feito urubu em carniça; aqui e nos Estados.

Olha que vi uma carta. Calma, deixe o homem escolher com tranqüilidade e compromisso com o povo. O povo que o elegeu e lhe deu mais esse crédito de confiança que eu, infelizmente, não dei dessa vez. Mas foi por razões minhas porque, Senador Paim, tenho as minhas crenças. Creio em Deus, no estudo e no trabalho.

Tenho aqui um livro velhinho de Rui Barbosa – hoje à noite vou ler o livro do Senador Paim, que já me ofereceu. Rui Barbosa disse que lhe ofereceram o Ministério da Fazenda, o do dinheiro.

Hoje ouvi um panaca se oferecendo para ser Ministro da Fazenda. Um homem daquele é nocivo à Pátria – está nos jornais, na imprensa, ele dizendo que aceitaria. Quer a chave do cofre!

Presidente Lula, há um tal Kautilya, Senador Suplicy – não sei onde ele quer chegar com esse telefone; Suplicy, você está fazendo propaganda é da Tim ou da Claro? –, o Maquiavel da Índia, que disse: “Nunca dê os canhões nem a chave do cofre”.

Presidente Lula, não dê não. Os canhões são dos militares, e a chave do cofre é da Fazenda mesmo. Coloque lá alguém da sua confiança. O povo teve confiança em V. Ex<sup>a</sup>.

Acredito em algumas coisas. Cada um leva a sua formação. O Delcídio é um homem do progresso, é um engenheiro. Os engenheiros é que fazem mesmo o progresso. Eles fazem a comunicação, fazem o telefone, fazem a ponte, fazem o avião. Cada um leva para onde vai a sua formação profissional. Sou médico, e nós temos um privilégio: quando terminamos o curso de Medicina, fazemos o juramento de Hipócrates – Pai da Medicina –, que é um código de ética, Deontologia Médica.

Não acredito neste País se não tiver ética, se não tiver decência, se não tiver honestidade. Eu não acredito. E não tem essa história de meio honesto não; é ou não é, Presidente Lula. Esse negócio é meio honesto. Está cheio de “meio”. Não, não tem não. “*To be or not to be, that is the question.*” E eu sou médico-cirurgião ginecologista. Ou a mulher é virgem ou não é virgem. Não há isso de meio virgem, como não há meio honesto. Ô Paim, quanto àqueles denunciados pelo Procurador-Geral, é *to be or not to be, that is the question*. Está ali o Suplicy. Ele gosta de telefonar, mas é honesto, como também o Paim, o Delcídio. Quer dizer, tem! Serys, eu sei quem você é e a defendi quando quiseram envolvê-la em qualquer coisa. Estou dizendo que existe. Existe virgem? Existe, mas não há meio virgem.

Esses pilantras aí do mensalão, esses não deviam ser cassados não, Paim; deviam ser era enforcados. Enforcados! Está no Livro de Deus: “A quem muito é dado muito é cobrado”. O povo já nos deu um mandato, somos privilegiados, vivemos bem, ainda vamos aproveitar de mensalão, das falcatruas, da corrupção? Não!

Então, é preciso ter ética. Não tem aquela história de pôr a poeira debaixo do tapete. É preciso ter mesmo, e vamos julgar essa impunidade. Eu me preocupo com esse protelar, Paim; sabe por quê?

Ceguei aqui, e determinaram que eu fosse representar esse Congresso lá na Venezuela. Foram três Deputados Federais. Como era o único Senador, fiquei como chefe. Isso ocorreu justamente na ocasião do referendo sobre o mandato de Hugo Chávez. Serys, eu senti o povo. Paim, quando voltei, eu disse: “Chávez é perigoso, é influente. Ele é líder”. Ninguém acreditou. Eu me lembro disso. Eu senti o povo. Ouça a voz rouca das ruas. Eu estava lá naquela confusão. Ele fez uma constituiçãozinha. As oposições, apoiadas por Bush, pelos americanos... Eu estava lá.

Serys, ele conseguiu. Lá, se 21% da população não estiver satisfeita, qualquer membro do Poder Executivo, seja alcaide, prefeito ou governador, pode rodar no meio do governo. É interessante. Eles conseguiram isso. E a confusão toda foi financiada pelos americanos. Eu senti isso. Coincidentemente, eu fui a um restaurante, a uma boate, estava com a Adalgisa, e vi a comemoração: eram quase todos americanos.

Mas ele chamou para a luta, que era para ser obedecido. E disse que ia ganhar, citou Bolívar... Ele tem energia, tem cultura. É coronel. Serys, a Oposição botou 50 mil num comício. Disseram que o dele tinha 300 mil, Paim. Eu digo que tinha 300 mil e dois, porque estava eu e a Adalgisa. Por curiosidade, eu estava lá. Era a maioria mesmo, e ele ganhou. As criancinhas, os pobres, diziam: “Chávez no coração”.

Atentai bem, Paim. Esta é a minha preocupação: o Poder Judiciário lá é totalmente desmoralizado. Ele o desmoralizou. O povo, Paim, faz questão de falar até da estrutura física, porque a arquitetura é um pouco diferente, mas levam ao deboche. Acabou. Desmoralizou o Poder Judiciário. Eu senti e estou dando o testemunho. Nisso é que nós temos que ser diferentes. Este País tem a nossa história. Olha, é o povo. Então, o Poder Judiciário é desmoralizado pelo povo, é o que eu senti.

E o Congresso, Paim? Era bicameral, assim como o nosso. Esta Casa aqui resistiu; ali, o negócio do mensalão virou epidemia, como a aids, uma peste, uma gripe. Gripou todo mundo. Foi um negócio ali...



As votações ali eram ridículas. Votava aqui e era desmoralizado ali.

Mas aqui se resistiu. Eu mesmo vi a Serys chorar. Eu mesmo vi esse Paim, com a sua coragem, presidir esta Casa e pedir uma PEC Paralela, para minimizar. Eu votei contra, mas eu vi a Serys votando a favor, pela disciplina, mas chorando. Era como aquelas três mulheres que estavam chorando diante do Cristo crucificado, as três Marias. Foi aqui a resistência. Heloísa Helena foi para a fogueira como Joana d'Arc. Eu até disse aquela frase: três coisas a gente só faz... Eu vi... Foi aqui a resistência. Fomos nós, porque faz parte da História. O Senado é para isso. Quando Moisés quis quebrar as tábuas da Lei, quando ia desistir, ouviu a voz de Deus – ouviu, Senador Eurípedes? –, que dizia: “Busque os mais velhos, e eles o ajudarão a carregar o fardo do povo”. Buscar os mais experimentados. Daí nasceu a idéia de Senado: Senado na Grécia, Senado na Itália, na França, e aqui.

Então, foi aqui que se freou! Tanto que houve abai-xo-assinados de juízes contra o Presidente do STF.

Saudades de Evandro Lins e Silva, piauiense, que lutou contra a ditadura.

Foi aqui! Mas sabe o que ele fez lá, Serys? Eu vi, eu andei, eu entrei... Havia duas Casas do Congresso, e ele fechou tudo. Se ele fechar hoje, ele ganha a simpatia do povo, porque o povo diz: “Do jeito que está aí... Só tem mensalão, não sei o quê...” Se apenas 5% das pessoas acreditam nos políticos, na hora em que ele fizer um ato desses, vão bater palmas, porque esse é o resultado. Hoje, vi uma pesquisa no comitê do Alckmin: só 5% dos brasileiros acreditam em nós, políticos. Não é bem assim, mas foi se passando. E só 30% acredita na Justiça, 30%! Devia ser... A Justiça é de Deus. As leis de Deus... “Bem-aventurados os que têm fome e sede”... Todos deviam acreditar, mas não. Os brasileiros podem fazer... Eu vi no comitê do Alckmin essa pesquisa e fiquei estarecido.

Senador Paim, Chávez fechou o Congresso, dizendo que era para economizar, que eram uns picaretas! Juntou as duas Casas em uma. Não sei o número exato, mas, mais ou menos, assim.

Vamos dizer, aqui nós somos 81, o que dá igualdade aos Estados. Eu sou pelo Senado. Ali é de acordo com o número da população. Isso esmaga os pequenos Estados. Nós lutamos de igual para igual. Somos esse poder moderador para corrigir essas distorções.

Mas lá ele juntou os dois, Paim. Vamos dizer, aqui somos 81 e lá são 513. Dá 594. Vamos supor que ele junte e coloque 300. Aí fica com 220 do lado dele. Pode até deixar o Mão Santa ou outro. Será minoritário. É o que está lá, eu vi, eu assisti. Eu assistia a isso na Venezuela.

Então, ele é amplamente senhor de tudo. Eu vi... Ô cabra macho! Ele é coronel, não brinque não. Ele disse que é Simón Bolívar. Ele tem uma cultura impressionante. Eu vi o discurso dele, fiquei em pé. Não eram 300 mil, eram 300 mil e mais 2, porque eu estava lá com a minha Adalgisa, e eles não contaram na pesquisa. É um negócio sério. Eu estava lá.

O homem é forte, é coronel. Todos são coronéis. O Lula, graças a Deus, não é. Sei lá o que pensam essas Forças Armadas no Brasil. Ele não é. Isso é uma vantagem.

O fato é que ele fez, diminuiu em absoluto, e eu vi, Paim. Sabe uma história? Ele começa com Cristo, citando trechos da Bíblia. Fala bem, fala bonito, impressionantemente. O Lula fala bem, mas ele fala melhor. Mas eu vou lhe dizer sobre a minha preocupação com Chávez.

Paim, eu estava – ô Suplicy – lá no Centro de Convenções, e havia um auxiliar da Embaixada acompanhando. Eu era o Presidente da Delegação, porque só havia um Senador e outros ilustres Deputados. Aí, eu vi o Vice-Presidente: ele é jornalista, Carreiro, e advogado. Discurso bonito! Mostrando bonito, fazendo propaganda mesmo! Eles fazem campanha direto! O Congresso era política mesmo!

Fiquei impressionado e disse ao funcionário do Itamaraty que queria aquele discurso, embora compreenda o espanhol. *Hablo um poco!* Gostei do discurso na íntegra. Ele fala muito bonito. Sabe o que disse o nosso amigo do Itamaraty?

– Nada! Quem fala bonito é o Chávez. O Chávez é muito melhor.

Eu fiquei impressionado. Achei o homem tão fluente, tão brilhante. O Vice-Presidente é jornalista e advogado. Eu o ouvi. Aí, deu-me curiosidade de assisti-lo. Realmente, ele é um orador extraordinário. Mas esse é o rumo que está lá. Agorinha, ele convidou, faz mesmo e vai ganhar fácil, como ganhou o referendo quando cumpriu.

Agora, eu acho que temos o nosso modelo. Nesse **ranking** da corrupção, lá está maior do que aqui – e aqui já está imensa. Pensei que não havia, porque isso é muito perigoso.

Então, é isso. A ética não pode ser abandonada, Serys. Essa corrupção está sendo esquecida. Onde estão os punidos? Se o Procurador disse que havia 40 bandidos lá, ele não é doido, ele é Procurador-Geral, um homem da Justiça. Onde está a Polícia Federal, que só algema de um lado?

Agorinha, prenderam o filho do Governador do Pará, que é do outro lado. E tanto bandido que tem também..., embora exista muita gente boa, estão aqui três maravilhosos. Mas como tem! Como tem! Ulysses

disse: “A corrupção é o cupim que destrói a democracia”. Vamos acabar com esses cupins, Lula, ou a democracia vai acabar neste País.

A Professora Serys falou e o Delcídio me facilitou. Eu acredito é no trabalho. Eu sei que as Bolsas..., Lula teve uma visão: não é liberdade, igualdade e fraternidade, não, a necessidade. É sobrevivência. Estavam morrendo mesmo. Não vou contra, mas isso é uma caridade, é uma emergência, deu e pronto.

Lá no meu Estado são 50,9%, mais da metade da população possuem essas bolsas. É caridade. Mas isso vai acabar com a pobreza? Não. Não. Nós estamos aqui é para ensinar mesmo. Na hora em que não tivermos condições de ensinar e de guiar, acabará o sentido do Senado. Senado é para ser o pai da Pátria. Eu renunciaria.

Minha querida Serys, não acabou com a pobreza, não. Ele deu a mão, uma esmola aos pobres. E eu ficaria com o Luiz Gonzaga, que é do meu Nordeste, com as palavras dele. Não sai do meu coração, mas eu quero dizer. O Darcy Ribeiro repetia aqui. O professor Darcy Ribeiro. Sabe qual é, né? Aquele do livro, do Brasil verdadeiro. São as seguintes as palavras: “Uma esmola para um homem que é são ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”. Aquilo é uma esmola.

Olha, Serys, eu tenho minha preocupação. Não sou contra esmola. Eu dou. Olha, para um aleijado, cego, eu sempre tenho um dinheirinho para dar. Tem que dar esmola. São Paulo: “fé, esperança e caridade”. E eu não dou? Aplaudi. O povo brasileiro reconheceu. Mas isso não vai acabar com a pobreza.

A pobreza se acaba é com trabalho. É com trabalho. É com trabalho. Deus disse: “Comerás o pão com o suor do teu rosto”. Eu vou ficar com o Bolsa família e contra Deus? “Comerás o pão com o suor do teu rosto”. É uma mensagem de Deus para os governantes proporcionarem trabalho. O Apóstolo Paulo, Suplicy: quem não trabalha não merece ganhar para comer. V. Ex<sup>a</sup> vai discutir depois com o Apóstolo Paulo. Ele vai lá. Mas eu vou ficando com ele. Então, eu acredito que tem de ter trabalho. Trabalho é que faz a riqueza.

Senador Eurípedes, por que o Cristovam, que é o Senador seu amigo e tal, não está ali? Está é o Rui Barbosa. Vou dizer o que o Rui Barbosa disse sobre trabalho. Está aqui o livro, velhinho: **A Questão Social e Política do Brasil**. Mas, Paim, hoje é o último dia que vou ler este livro, porque à noite vou ler o livro de V. Ex<sup>a</sup>: **O Rufar dos Tambores**, livro que lançou hoje.

Mas olhem o que Rui Barbosa disse, Suplicy, com todo o respeito – por isso que ele está aí. Então, vou ficar com o meu patrono. Aprende! Trabalho de Rui Barbosa, velhinho: **A Questão Social e Política do Brasil**.

Só o que interessa, porque eu creio é no trabalho, na grandeza do trabalho:

O trabalho não é um castigo, é a satisfação das criaturas. Tudo o que nasce do trabalho é bom; tudo o que se amontoa pelo trabalho é justo; tudo o que se assenta do trabalho é útil. Por isso, a riqueza e o capital que emanam do trabalho são como ele providenciais, como ele necessários, com ele benfazejos. Mas, já que do capital e da riqueza é manancial o trabalho, ao trabalho cabe a primazia incontestada sobre a riqueza e o capital.

Ele quer dizer que o trabalho vem antes, o trabalho tem de ser respeitado, estimulado, ter primazia. Ele é que faz a riqueza, o capital. E é disso que precisamos. Isso fez com que o Paim escrevesse a melhor página desta Legislatura. O salário mínimo era ridículo, era de menos de 100 dólares. Quanta luta, quanta garra! E foi capitaneada por esse homem do PT, mas eu estava ao lado dele lutando, reivindicando. Hoje, o salário mínimo é de mais de 100 dólares. Então, é o trabalho. A ele a primazia, a ele o respeito. Neste País quem está ganhando dinheiro são os bancos. Para os bancos são dados 160 bilhões por ano de juros. O Senador Suplicy já me pede um aparte. Pergunto a ele qual é o valor de custeio, em dinheiro, desses 11 milhões de Bolsa Família?

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Cerca de 9 bilhões de reais.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Nove bilhões? É muito pouco.

Se se dá R\$160 bilhões para os banqueiros, parasitas, que nada fazem, que nos empobrecem... Não sou contra. Agora, tem que haver um debate qualificado, Senador Suplicy, e estamos aqui para isso.

Fui prefeito; Lula não foi. Fui Governador do Estado; ele é Presidente, com todo o respeito, mas, por exemplo, no Piauí, há 51% da população, vamos reduzir isso a um terço. Se dessem emprego mesmo... Vá ser vigia, vá ser merendeira, vá ser guarda, vá exercer uma profissão qualquer, vá encaminhar-se para o trabalho, porque o exemplo arrasta. Padre Antônio Vieira, Paim, disse: “Palavras sem exemplo são como um tiro sem bala”. O exemplo arrasta.

Atentai bem, ô Suplicy! A criança imita o pai, o adolescente sem trabalhar, acomodando-se a isso, a um biscate para somar... Olhe o exemplo para os de amanhã.

Não vejo perspectiva. Vejo o trabalho. Então, gostaria de mencionar este tripé: ética, educação e trabalho. O trabalho tem que crescer. Quanto à educação, Suplicy, V. Ex<sup>a</sup> terá o aparte e será o orador seguinte, só quero lhe fornecer um dado – verdade verdadeira – anunciado por uma mulher, a economista Sônia Ro-

cha, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade, que saiu na **Folha de S. Paulo**: trinta e oito da maioria dos jovens brasileiros da zona rural não têm ensino fundamental.

No Chile, Ricardo Lago foi Ministro da Educação e o Presidente baixou uma lei determinando que todo chileno tem que ter 12 anos de escola. Antes, eram 8 anos, obrigatoriamente. Ele aumentou para 12 anos. E mais, cada chileno saberá também dois idiomas. Então, estou citando um irmão. Há que se ter essa educação.

Como a juventude vai disputar, ó Paulo Paim, desqualificado nessa competição por emprego? E está difícil, e tem que haver mudança. Vou citar um fato real para o Senador Eduardo Suplicy. Quando fui pedir voto para o Alckmin, encontrei um médico amigo, em minha casa, quase da minha idade, um pouco mais novo, na Bahia, especialista em traumatologia, ortopedia. Ele foi Prefeito e foi Deputado o Dr. Paulo Eudes Carneiro, um homem muito trabalhador, muito honrado, muito honesto. Ele disse que mudasse, sabe por quê, Paulo Paim? Ele me disse: “Dr. Mão Santa, eu tenho uma clínica de ortopedia e traumatologia. Eu só não a fecho – Senador Suplicy, leve esse dado para o Lula – porque não tenho dinheiro para pagar as causas trabalhistas dos operários. Mas ela está decadente, não tem mais condição de funcionar”. Essa é a realidade.

Senador Delcídio Amaral, veja o Incor, privilegiado, grande, de São Paulo, está devendo R\$250 milhões. E nós é que vamos pagar.

Mas não é só o Incor. Há também as Santas Casas, os hospitais do povo, onde os médicos residentes estão em greve. Dá-se atenção aos controladores de voo, porque isso é coisa de rico. Quem vai andar de avião não são os que recebem a Bolsa Família. Está um tumulto! A Aeronáutica aquartelou os controladores. Com a greve dos médicos residentes, os hospitais estão parados.

Senador Suplicy, fui médico residente. Estou fazendo quarenta anos de profissão e posso dizer, Senador Delcídio, que 70% do trabalho de um hospital grande é feito pelo médico residente. Eles preparam o doente, buscam o sangue, colocam na sala, trabalham, passam a noite acordados, têm 20 horas de serviço, preparam os doentes, e estão todos de greve. Mas os prejudicados são os pobres, porque os hospitais não estão funcionando. São os pobres que precisam dos hospitais públicos, das Santas Casas, das clínicas. Ninguém fala, e eles estão em greve. Ganham um pouco mais de R\$ 1 mil, trabalham como no tempo da escravidão e não têm o que eles buscam: uma competência, um ensinamento para que eles sejam profissionais brilhantes da Medicina.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Concederei o aparte, mas antes quero dizer que acredito na ética, na educação e no trabalho que levam ao crescimento.

Com a palavra um dos homens de maior probidade da República do Brasil, em homenagem ao Dia da Proclamação da República, que transcorreu ontem.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Senador Suplicy, farei um apelo a V. Ex<sup>a</sup>. Como V. Ex<sup>a</sup> é o próximo inscrito, peço que seja o mais breve possível. Assim, o Senador Mão Santa concluirá o seu discurso, e concederei a palavra a V. Ex<sup>a</sup>, pelo tempo necessário para concluir o seu pronunciamento.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Com respeito aos médicos residentes, amanhã, em São Paulo, na parte da tarde, marquei uma audiência com inúmeros representantes dos médicos residentes que nos solicitam, a nós, Senadores, o acompanhamento, com atenção, do projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados para a resolução do problema dos médicos residentes. O Deputado Arlindo Chinaglia está acompanhando o projeto de perto. Nos próximos dias, logo depois que a Câmara apreciá-lo e votá-lo, será a vez de o Senado voltar-se para essa matéria, que, obviamente, será importante para todos nós.

De qual Município do Piauí V. Ex<sup>a</sup> foi Prefeito, Senador Mão Santa?

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Na cidade em que nasci.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Qual a cidade?

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Parnaíba.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Parnaíba, que fica no delta, para onde V. Ex<sup>a</sup> tem me convidado a ir.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Tenho convidado V. Ex<sup>a</sup> e sua esposa a irem ser felizes lá.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Formulo um convite a V. Ex<sup>a</sup>: que, de fato, tenhamos um debate sobre o tema que V. Ex<sup>a</sup> está trazendo aqui, relativamente aos programas de transferência de renda, à questão do trabalho e do direito de todas as pessoas partilharem da riqueza da Nação. Gostaria de, em breve, aceitar o seu convite para irmos ao Piauí e lá, no Parnaíba, em meio ao seu povo e também em Guaribas... V. Ex<sup>a</sup> se lembra de que, certo dia, me disse que o Presidente Lula não teria um resultado tão bom em Guaribas.

Saiba V. Ex<sup>a</sup> que Sua Excelência obteve 90% dos votos da cidade de Guaribas, onde, em 2003, foi lançado o Programa Fome Zero. Tive a oportunidade de visitar Guaribas e Acauã e explicar para os bene-

ficiários do cartão-alimentação que melhor ainda seria o dia em que tivermos o direito de toda e qualquer pessoa receber uma renda básica de cidadania. Mas, atendendo ao apelo do Senador Paulo Paim, nosso Presidente, quero transferir esse debate para fazê-lo, com todo o carinho e respeito, na companhia de V. Ex<sup>a</sup> e na sua terra, no Piauí. É o compromisso que quero selar com V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Será um prazer. Já havia convidado V. Ex<sup>a</sup> para passar até uma lua-de-mel em uma das ilhas do delta.

Agradecemos e entendemos que deve haver um debate qualificado do Programa Bolsa-Família para melhorá-lo, aprimorá-lo. Creio que já surgiu no Senado uma idéia de dar o 13º mês. É até justo porque, já que há um fato, a lei vem depois. Mas tem que haver um debate qualificado para aprimorarmos a questão e encaminharmos esse povo para uma qualificação profissional para entrar no mercado de trabalho.

Vamos dizer, então, nossas últimas palavras. Agradecemos a V. Ex<sup>a</sup>. O Piauí tem mais da metade da população recebendo o Bolsa-Família. Queremos mais.

Queremos mais: que V. Ex<sup>a</sup> vá lá e leve o Presidente da República. Ele disse que o Porto do Piauí seria concluído em quatro anos, mas ainda faltam US\$10 milhões. Ele prometeu uma ferrovia ao Dr. Alberto Silva, ligando Teresina a Parnaíba e a Maurício Corrêa. Disse que ia fazer cinco hidrelétricas, e não fez nenhuma. Quero que, pelo menos, termine as eclusas da que existe lá. Uma ponte em Teresina deveria estar pronta por ocasião de seus 150 anos de aniversário. Teresina já tem 154 anos. O Pronto-Socorro Municipal, que o Presidente da República e o Governador do PT prometeram, ainda não está pronto. No entanto, agora, tenho certeza de que, com a presença de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Eduardo Suplicy, serão carreados os recursos necessários para o Piauí.

Essas são as nossas palavras.

Agradeço ao Presidente Paulo Paim a compreensão pelo tempo que usei.

*Durante o discurso do Sr. Mão Santa, a Sra. Serys Silhessarenko, Suplente de Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Paulo Paim.*

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Muito obrigado, Senador Mão Santa.

De imediato, concedo a palavra, por 20 minutos, ao Senador Eduardo Suplicy, para tecer suas considerações, certamente relevantes, importantíssimas para todo o País.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Caro Presidente Paulo Paim, Senador pelo Rio Grande do Sul, companheiro do Partido dos Trabalhadores, em primeiro lugar, muito obrigado pelo seu livro **Rufar dos Tambores**, lançado nesses dias, na Feira de Porto Alegre.

Vou lê-lo com muita atenção.

Quero aqui transmitir a afinidade que tenho com os propósitos de V. Ex<sup>a</sup> de estar lutando para que possamos, em breve, neste País, ter todas as pessoas participando, como gostava de dizer Martin Luther King Junior, da mesa da fraternidade.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Senador Suplicy, se me permitir, também vou ler com muito carinho a última versão da **Renda Básica de Cidadania: A Resposta dada pelo Vento**, que V. Ex<sup>a</sup> me patrocinou.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP) – Muito obrigado.

Esse livro, felizmente, já terá a sua segunda edição pela L&PM, livro de bolso. O livro foi editado em março deste ano, com cinco mil exemplares. É com alegria que lhe dou um exemplar.

Gostaria, Senador Paulo Paim, de falar a respeito de um tema que, volta e meia, tem preocupado os brasileiros. Diversas reportagens foram publicadas, recentemente, nos mais diversos jornais, como **O Globo, Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, Correio Braziliense**. Hoje, o jornal **O Estado de S. Paulo**, em reportagem de Rosa Costa, salienta:

Mais suplentes vão virar senadores, sem um só voto. Pelo menos mais quatro ganharão vaga no Senado, com direito a plano médico vitalício e salário de R\$12,7 mil.

Ela chama atenção para a questão, dizendo:

Excluído das prioridades do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a reforma política, o mecanismo de substituição dos Senadores é uma anomalia que leva para o Congresso Nacional ‘políticos fantasmas’. Os suplentes são escolhidos para atender aos Partidos ou ao próprio candidato ao Senado Federal, o que explica a opção por financiadores de campanha e parentes. Os suplentes têm no cargo as mesmas regalias dos Senadores eleitos.

Primeiro, eu gostaria de dizer do respeito que tenho tido para com qualquer Senador, tanto titular quanto suplente, quando aqui chega. A cada um dos Senadores suplentes, sempre procurei transmitir o respeito que eu estaria tendo para com o titular, sobretudo porque se trata da representação constitucionalmente existente. Quando da eleição do Senador, conforme sabemos e segundo reza a Constituição Federal, ao

eleger-se o titular, também são eleitos o primeiro e o segundo suplentes, que são objetos de deliberação e aprovação pela coligação ou pela convenção dos respectivos Partidos que apóiam a candidatura do Senador. No entanto, durante a campanha eleitoral, normalmente, não se menciona – pelo menos não com a devida freqüência – o nome dos respectivos suplentes. Ao longo desta campanha, eu tive sempre a preocupação de citar quais são os meus suplentes. Meu primeiro suplente é o Professor Carlos Ramiro, o Professor Carlão, Presidente da Apeoesp; o segundo suplente é o Luiz, professor da PUC de Campinas. Por serem professores, eles fortalecem a minha candidatura no que diz respeito ao aspecto de preocupação com a educação.

Mas já em meu primeiro mandato, quando fui eleito 1990, por volta de 1995, apresentei uma proposta de lei para que o primeiro e o segundo suplentes pudessem também ser eleitos por eleição direta. O projeto tramitou na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania e recebeu parecer favorável do Senador Jefferson Peres, que sugeriu, inclusive, que pudesse haver até quatro nomes, dentre os quais os eleitores escolheriam os primeiros dois para primeiro e segundo suplentes, respectivamente. Essa proposta acabou não sendo aprovada, foi arquivada, considerando que esse assunto deveria ser objeto de proposta de emenda à Constituição.

Na proposição de reforma política, o Senador Sérgio Machado preferiu um outro formato que leva em conta também a proposição do Senador Jefferson Péres, autor de uma proposta de emenda à Constituição citada na matéria da Rosa Costa. O texto prevê que o suplente só assumirá o cargo nos impedimentos temporários do titular. Se este morrer ou renunciar, será feita nova eleição para escolher o sucessor. Dessa maneira, no caso de morte ou de o senador ser eleito para outro cargo, num período máximo de dois anos, seja para prefeitos e vereadores, seja para deputados, senadores, governadores e presidente, haveria a eleição para preencher o cargo. Essa seria uma alternativa para se minimizar o tempo do suplente nesta Casa.

Entretanto, estou colhendo assinaturas, Presidente Paulo Paim – e gostaria de colher a assinatura do meu colega Senador Delcídio Amaral –, para uma outra proposta de emenda à Constituição que diz:

As Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, nos termos do § 3º do art. 60 da Constituição Federal, promulgam a seguinte emenda constitucional:

1º. O § 3º do art. 46 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

Art.46. ....

§ 3º Cada Senador será eleito com dois suplentes, também eleitos de forma direta, nos termos da lei.

I. Cada partido ou coligação partidária poderá apresentar até três candidatos a suplente de senador.”

Então, como funcionaria?

Na hora de o eleitor escolher o Senador titular, terá até três possíveis nomes, indicados pela coligação ou partido, para ter a opção de escolher o primeiro suplente e o segundo suplente. Dessa maneira, todo e qualquer Senador aqui presente estaria sempre respaldado pelo voto popular. Esse é o propósito.

Esta é a minha justificativa:

No Brasil o suplente de Senador é partidário, e o registro do candidato ao Senado é feito com o de suplente partidário (na verdade, dois). A finalidade da suplência partidária é assegurar a eleição do candidato eleito com o Senador. A suplência, entretanto, é necessária ao equilíbrio do partido.

Na presente proposição, a idéia não é resgatar o instituto da sublegenda, criada na vigência do Decreto-Lei nº 1.541/77 e revogada pela Lei nº 7.551, de 12 de dezembro de 1986. Tal tentativa implicaria infração ao dispositivo constitucional que determina que os Srs. Senadores devem ser eleitos obedecendo ao princípio majoritário. A sublegenda, a nosso ver, traz, na verdade, uma ‘proporcionalização’, deformando o modelo majoritário.

Pela presente proposição, o voto só será considerado válido se o eleitor escolher por sufrágio direto o titular e os dois suplentes entre os candidatos a suplentes apresentados.

O que se pretende é que os suplentes definidos juntamente com os candidatos ao Senado na Convenção Partidária sejam igualmente eleitos pelo povo, como ocorre com os titulares do mandato de Senador. Assim, todos os membros do Senado Federal serão eleitos pelo voto direto.

Na maioria das vezes, o eleitorado desconhece os suplentes dos seus candidatos ao Senado e são surpreendidos quando há afastamento do Senador eleito, permitindo a convocação do suplente para preencher aquela vaga. Desta forma, a representatividade almejada pelos eleitores à época das eleições acaba por ficar distorcida, visto que os suplentes passam a representar um Estado membro, ou Distrito Federal, independentemente da anu-

ência popular. Aliás, muitas vezes o suplente de um determinado Senador pode ser alguém cuja população do Estado que representa não desejava lhe delegar poderes para o representar, tampouco para legislar; e é o instituto da suplência partidária, eleita de forma indireta, que confere ao suplente tais poderes, o que, no nosso entender, excede a soberania popular que rege o processo eleitoral brasileiro.

Cumpra-nos ressaltar que, embora a Constituição Federal determine que cada Senador será eleito com dois suplentes (CF, art. 46, § 3º), não estabelece que a eleição do Senador implica automaticamente a eleição de seus suplentes, contrariamente ao que disciplina expressamente na eleição do Presidente e Vice-Presidente da República (CF, art. 77, § 1º).

A proposição ora apontada ainda é insuficiente para solucionar as distorções existentes em nosso sistema eleitoral, tampouco encerra as discussões que envolvem a representação política e das minorias partidárias, mas acreditamos que irá contribuir para a redução da tendência oligárquica no interior dos partidos políticos e ratificará a soberania popular na escolha de seus representantes.

Essas as razões que nos levam a solicitar a aprovação desta proposta de emenda à Constituição que ora submetemos à apreciação dos ilustres membros desta Casa.

Vou pedir à Secretaria da Mesa que encaminhe a proposição ao Senador Delcídio Amaral, a quem a submeto para exame.

Eu gostaria de informar, Senador Delcídio Amaral, que nos preside neste momento, que já começo a coletar assinaturas hoje e obterei mais assinaturas na próxima terça-feira, de maneira a conseguir pelo menos as 27 constitucionalmente necessárias para que seja apresentada à Mesa.

**O SR. PRESIDENTE** (Delcídio Amaral. Bloco/PT – MS) – Meu caro Senador Suplicy, V. Ex<sup>a</sup> me permite?

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – Senador Delcídio Amaral.

**O SR. PRESIDENTE** (Delcídio Amaral. Bloco/PT – MS) – Assinarei com grande satisfação, porque se trata de mais um projeto elaborado por V. Ex<sup>a</sup>, pertinente e compatível com tudo aquilo que esperamos: transparência. Esperamos que sejam representantes que, efetivamente, correspondam à vontade popular, honrando os seus Estados e honrando, mais do que nunca, o Senado Federal.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP)

– Muito obrigado, Senador Delcídio Amaral.

Assim, eu gostaria de dizer que tive alguns diálogos com o Presidente da República. Sua Excelência manifestou, com relação ao Senado Federal, ao mandato dos Senadores, uma preocupação, qual seja: “será que é realmente próprio oito anos de mandato para os Senadores? Será que não seria melhor que o mandato fosse de quatro anos”?

Bem, quando aqui ingressei, tentei apresentar uma proposta de emenda à Constituição que diminuiria o mandato dos Senadores para quatro anos. No período de 1991 a 1995, não consegui o número de assinaturas necessárias para isso. Quando aqui chegou o Senador Maguito Vilela, ele apresentou uma proposta também com essa intenção, e eu a assinei. Mas, até agora, ela não prosperou.

Porém, creio que devemos, entre os diversos itens da reforma política, dar prioridade à representatividade de cada um dos 81 Senadores com essa proposição de eleição direta dos suplentes de Senadores.

Eu gostaria de sugerir à Mesa do Senado e à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania que façam tramitar essa proposição, seja a minha proposta de emenda à Constituição, seja aquela que guarda relação com a mesma, de autoria do Senador Jefferson Péres, que já havia dado parecer favorável quando eu a apresentei na forma de projeto de lei. Mas, como uma das objeções era a de que ela deveria ser proposta na forma de emenda à Constituição, desta vez eu a estou apresentando como emenda à Constituição.

Sr. Presidente, Senador Delcídio Amaral, quero dar a informação que acabo de saber: faleceu, nos Estados Unidos da América – ele estava hospitalizado –, aos 94 anos, o economista laureado com o Prêmio Nobel, nascido em 1912 no antigo império austro-húngaro, o professor Milton Friedman, que, por muitos anos, foi professor da Universidade de Chicago e também de outras universidades, como a de Columbia. Nos últimos anos, desde a década de 70, ele vinha trabalhando no Instituto Hoover da Universidade de Stanford. Mas ele sempre foi conhecido por ser um dos principais líderes, do ponto de vista intelectual, da escola de Chicago. Milton Friedman tornou-se mundialmente conhecido por suas opiniões muito fortes. Defendeu, por muitos anos, pontos de vista relativos à política monetária e argumentou que o importante era manter a oferta de moedas na economia crescendo ao ritmo do Produto Interno Bruto de cada país, nem mais nem menos, para se conseguir a estabilidade de preços e a contenção da inflação.

Ele não era um adepto tão forte das opiniões de um dos maiores economistas do século XX, que foi

John Maynard Keynes, que teve, por sua vez, um dos seus maiores seguidores na pessoa de outro Prêmio Nobel de Economia, o professor James Tobin, falecido há cerca de três anos, da Universidade de Yale.

No seu livro **Capitalismo e Liberdade**, publicado em 1962, o Professor Milton Friedman procura argumentar que o capitalismo seria o sistema mais consistente com a liberdade do ser humano. O sistema de mercado se tornaria, pelas suas características, o sistema mais eficiente e proporcionaria, ao mesmo tempo, maior rapidez e maior liberdade ao ser humano. Entretanto, ele reconheceu que o sistema de mercado não resolvia, com razoável rapidez e de forma definitiva, o problema da pobreza absoluta. Ele argumentou que se desejássemos enfrentar o problema para valer, o instrumento adequado que menos conflitaria com o sistema de mercado, que menos atrapalharia seu funcionamento, seria justamente um imposto de renda negativo que proveria a toda população a garantia de uma renda mínima.

O interessante é que ele desenvolveu esse conceito em parceria com outros economistas, dentre os quais George Stigler, com quem ele conviveu bastante. Stigler, em 1946, quando desenvolveu um relacionamento de amizade com Friedman, escreveu, numa análise sobre o salário mínimo, que mais eficaz para se atingirem os objetivos do pleno emprego e da erradicação da pobreza do que o salário mínimo seria se instituir um imposto de renda negativo.

Isso foi melhor desenvolvido ainda por Milton Friedman, no capítulo sobre o combate à pobreza, realizado em 1962, no livro **Capitalismo e Liberdade**.

O conceito de imposto de renda negativo, na verdade, foi objeto de uso, pela primeira vez, que se saiba, pelo economista francês Augustin Cournot, em 1838.

Antes mesmo de George Stigler, o economista Abba Lerner, em **Lerner on The Economics of Control**, fez uma proposição em favor de um imposto de renda negativo na forma de uma soma fixa para todos. Em **A Economia do Controle**, em 1944, ele disse:

Onde isso não é suficiente para trazer os resultados requeridos, mesmo quando as taxas tenham se reduzido a zero, taxas negativas podem ser impostas. Isto significa que o governo, ao invés de recolher dinheiro das pessoas, o dá a elas. Isto pode tomar a forma de pagamentos de auxílio, de pensão para os idosos, bônus, e mesmo um dividendo social quando for desejável aumentar o consumo em geral.

Já George Stigler, em 1946, numa análise sobre o salário mínimo, observou:

Há uma grande atração na proposta de que venhamos a estender o imposto de renda às pessoas nas faixas de renda mais baixa com taxas negativas

nessas faixas. Esse esquema poderia alcançar igualdade de tratamento com o que parece ser um mínimo de máquina administrativa.

O interessante é que o Professor James Tobin, da Universidade de Yale, de maneira independente de Milton Friedman, também, nos anos 60, elaborou a proposta de um imposto de renda negativo.

Eu gostaria, Sr. Presidente, numa homenagem ao Professor Milton Friedman, de transcrever para os Anais do Senado Federal o diálogo que mantive com ele, de 2000 para 2001, quando eu preparava o livro **Renda de Cidadania, a saída é pela porta**. Naquele diálogo, eu pergunto a ele sobre a origem da proposta da garantia de renda mínima para todos.

Aí ele expressa como desenvolveu essa proposta.

A certa altura, pergunto-lhe como ele avalia a proposição de uma renda básica ou renda do cidadão, que seria incondicional para todos, em comparação com a de um imposto de renda negativo. A resposta dele foi a seguinte:

Uma renda básica ou renda do cidadão não é uma alternativa ao imposto de renda negativo. É simplesmente uma outra forma de se introduzir um imposto de renda negativo se for acompanhado de um imposto de renda positivo sem isenção. Uma renda mínima de mil unidades com uma porcentagem de 20% sobre a renda ganha é equivalente a um imposto de renda negativo com isenção de 5.000 unidades e uma porcentagem de 20% abaixo e acima de 5.000 unidades.

Segundo um comentário do Professor Philippe Van Parijs, que é, possivelmente, a maior autoridade sobre esse tema – na minha avaliação, é, de fato, a maior autoridade no assunto:

Esta é uma afirmação muito clara da equivalência formal entre os dois esquemas, o que sugere que Friedman é a favor tanto de uma proposta como da outra, mas também que ele se mantém insensível, tal como os economistas usualmente o são (com Tobin sendo uma exceção maior) com respeito à diferença que faz para aqueles que recebem uma renda baixa e irregular, se a renda básica é paga a todos previamente, ou na forma de crédito fiscal, portanto posteriormente.

Ou seja, Philippe Van Parijs observa a grande vantagem da renda básica incondicional, que foi justamente a proposta que aqui abracei, felizmente aprovada pelo Congresso Nacional e já sancionada pelo Presidente Lula.

Sr. Presidente, pedi para preparar formalmente o requerimento de pesar pelo falecimento do Professor Milton Friedman.

Porém, como ele ainda não ficou pronto, eu o formalizarei na próxima semana.

Agradeço a atenção de V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente Delcídio Amaral.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR EDUARDO SUPLICY EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**2. DIÁLOGO COM MILTON FRIEDMAN**

*Há pessoas que têm resistência à renda mínima, dizendo se tratar de uma proposta neoliberal, pelo fato de Milton Friedman ter contribuído para conceituar e popularizar o Imposto de Renda Negativo (IRN). Ser contra a renda mínima só porque Friedman a defendeu é como ser contra o imposto de renda só porque países capitalistas o aplicam. É não se dar conta de que Karl Marx, como já destaquei, previu que numa sociedade mais amadurecida os seres humanos irão se portar de maneira a assegurar a todos o suficiente para as suas necessidades. É desconsiderar que Oskar Lange, em A teoria econômica do socialismo, e Abba Lerner, em A economia do controle, economistas de esquerda que interagiram com Friedman, haviam anteriormente defendido a mesma proposição.*

*Com o propósito de obter informações sobre o desenvolvimento da idéia de uma renda mínima garantida, para serem incluídas neste livro, enviei uma carta em março de 2000 ao professor Milton Friedman, que tinha à época 87 anos e se encontrava na Universidade de Stanford.*

*Friedman recebeu o Prêmio Nobel de Economia de 1976 da Academia Real de Ciências da Suécia "por sua contribuição para a análise do consumo, da história e da teoria monetária, e por sua demonstração sobre a complexidade da política de estabilização". Em seu livro Capitalismo e liberdade, publicado pela Universidade de Chicago, em 1962, Friedman argumenta que o capitalismo seria o sistema econômico mais dinâmico e mais compatível com a liberdade do ser humano<sup>67</sup>. Reconhece, entretanto, que acaba por gerar significativas diferenças de renda e riqueza. Argumenta que, para se resolver o problema da pobreza, o melhor e mais eficiente instrumento é o imposto de renda negativo, pois justamente atuaria de maneira a não prejudicar o funcionamento do mercado, ao mesmo tempo que garantiria uma renda a todas as pessoas.*

---

67 Milton Friedman causou muitos protestos, inclusive em Estocolmo quando foi receber o Prêmio Nobel, por ter, em 1975, a convite do Banco Hipotecário, privado, visitado o Chile por seis dias durante o governo do general Augusto Pinochet. Na ocasião fez palestras na Universidade do Chile, colocou suas restrições à falta de liberdade e fez recomendações sobre como conduzir um plano de estabilização ao governo. Havia uma contradição na sua argumentação de que o capitalismo era o sistema mais compatível com a liberdade e o fato de o Chile estar assegurando sua vigência por meio da ditadura militar. Friedman argumentou em suas Memórias que também fez visitas à União Soviética, à República Popular da China e a outros países governados por partidos comunistas, aos quais fez recomendações semelhantes às que deu ao governo chileno. Disse à época que esperava para breve a volta da democracia no Chile.



*Em resposta às minhas perguntas, enviadas em 11 de abril de 2000, Friedman observa que a idéia de um imposto de renda negativo “já estava no ar e não era completamente nova”, quando ele escreveu a respeito.*

*A evidência de que ele conhecia pelo menos parte da literatura anterior está, por exemplo, na resenha que publicou em 1947, no Journal of Political Economy, sobre o livro de Abba Lerner, Lerner on The Economics of Control, ao mencionar: “A distribuição primária aos indivíduos para o uso de seus recursos pode ser modificada por um ‘dividendo social’ e por um imposto de renda”. Nas páginas 310-311 de seu livro A economia do controle, Lerner diz:*

*“Onde isso não é suficiente para trazer os resultados requeridos, mesmo quando as taxas tenham se reduzido a zero, taxas negativas podem ser impostas. Isto significa que o governo, ao invés de recolher dinheiro das pessoas, o dá a elas. Isto pode tomar a forma de pagamentos de auxílio, de pensão para os idosos, bônus, e mesmo um dividendo social quando for desejável aumentar o consumo em geral.”*

*Também está no artigo escrito por outro laureado com o Nobel de Economia, George J. Stigler, seu colega em Chicago, que, em 1946, numa análise sobre o salário mínimo e a melhor maneira de combater o desemprego e a pobreza, observa:*

*“Há uma grande atração na proposta de que venhamos a estender o imposto de renda às pessoas nas faixas de renda mais baixa com taxas negativas nessas faixas. Esse esquema poderia alcançar igualdade de tratamento com o que parece ser um [grande] mínimo de máquina administrativa.”*

*James Tobin, laureado com o Nobel em 1981, relatou-me, em Yale, nos Estados Unidos, que Friedman se recusara a assinar um manifesto, em 1968, no qual 1.200 economistas propugnaram pela instituição de uma garantia de renda para todos os americanos. Friedman explicou-me que não gosta de assinar manifestos. Embora o Crédito Fiscal por Remuneração Recebida (EITC), instituído desde 1975, tenha contribuído para combater a pobreza e, de alguma forma, aumentar o nível de emprego, Friedman considera que o imposto de renda negativo mais completo, como ele apresentou, teria tido melhores resultados. Considera que a renda básica ou incondicional é uma outra maneira de se instituir o imposto de renda negativo.*

O EITC confere a todo trabalhador que tenha uma família e uma renda positiva inferior a determinado patamar (US\$ 30 mil anuais, no caso de duas ou mais crianças) o direito de receber uma quantia em dinheiro que lhe permita alcançar uma renda maior e assim superar a sua condição de pobreza. É um imposto de renda negativo incompleto.

Friedman não conhece as experiências brasileiras de renda mínima ou Bolsa Escola. Conhece as do México, ainda que lá o "Progressa" tenha se desenvolvido depois que os mexicanos, segundo o ex-governador Cristovam Buarque me relatou, conheceram o seu projeto desenvolvido no Distrito Federal.

O professor Philippe Van Parijs, da Universidade Católica de Louvain, considerou muito importante esse depoimento de Friedman e por isso o publicou na íntegra na BIEN News Flash nº 3, de maio de 2000 (a qual pode ser acessada no endereço: <http://www.etes.ucl.ac.be/BIEN/bien.html>). Pedi a Van Parijs que fizesse comentários sobre as questões 6 e 8, reproduzidos a seguir.

Eis a entrevista:

**SUPLYC:** Considerando que o Sr. e a Sra. Rose Friedman foram bons amigos de George Stigler, conforme mencionam no livro *Two Lucky People. Memoirs* (Duas pessoas de sorte. Memórias), até que ponto o Sr. interagiu com o professor George Stigler sobre seu artigo "The Economics of Minimum Wage Legislation" ("A economia da legislação do salário mínimo"), *American Economic Review* de junho de 1946? Em suas memórias o Sr. fala de sua interação a respeito dos efeitos de tetos para preços e aluguéis, mas nada fala sobre a proposta de imposto de renda negativo formulada naquele artigo, bem como em sua obra de 1962, *Capitalismo e liberdade*.

**FRIEDMAN:** Eu não me recordo se discutimos com George Stigler sobre o item que ele tem em seu "Economics of Minimum Wage Legislation". Considerando que éramos muito ligados um ao outro, acredito que tenhamos falado a respeito, embora não me recorde de tê-lo feito. É claro que a partir da manifestação dele, bem como da minha própria, feita posteriormente, o conceito estava muito no ar e não era uma idéia completamente nova.

**SUPLYC:** Ao propor o imposto de renda negativo como instrumento eficiente e racional para erradicar a pobreza, o Sr. considerou as visões críticas que os economistas clássicos Adam Smith, David Ricardo, Thomas Malthus e, de outro lado, Karl Marx fi-

zeram sobre as diversas formas assumidas pelas Leis de Assistência à Pobreza, desde o século XVI, na Inglaterra e outros países europeus, inclusive o Speenhamland Act?

**FRIEDMAN:** Certamente quando escrevi *Capitalismo e liberdade* havia lido os economistas clássicos aos quais o Sr. se refere e sabia das formas assumidas pelas Leis de Assistência à Pobreza. No entanto, não me recordo de que minhas opiniões tenham sido particularmente influenciadas em qualquer detalhe pelas concepções deles. Eram parte do pano de fundo no qual eu estava operando, mas não especificamente relacionadas a esta questão.

**SUPPLY:** Naquela oportunidade, o Sr. considerou a proposição de Augustin Cournot, de imposto de renda negativo, em sua obra de 1838 *Recherches sur les Principes Mathématiques de la Théorie des Richesses* (Pesquisas sobre os princípios matemáticos da Teoria das Riquezas, Paris, Hachette. Nova edição: Paris, Marcel Riviere, 1938).

**FRIEDMAN:** Não tenho lembranças quanto a ter considerado Cournot.

**SUPPLY:** Até que ponto, ao propor a criação de uma renda garantida por meio de um imposto de renda negativo, o Sr. considerou que esta proposição poderia ter um amplo apoio no espectro político?

**FRIEDMAN:** Em meu livro *Capitalismo e liberdade*, e nas diversas conferências nas quais o assunto foi levantado, eu procurava apresentar o que deveria ser, sem prestar muita atenção no que poderia ser politicamente factível ou não. Nesse sentido, prestei muito pouca atenção quanto ao apoio que a proposta poderia ter. Entretanto, em muitos trabalhos que escrevi posteriormente sobre imposto de renda negativo<sup>68</sup> com certeza estava ciente da capacidade de obter um amplo apoio. De fato, a pessoa que o presidente Kennedy nomeou para dirigir sua equipe de trabalho quanto à distribuição de renda veio a dar apoio ao imposto de renda negativo e, como você provavelmente deve saber da leitura de minhas memórias, o presidente Nixon tentou caminhar naquela direção, mas sem muito sucesso.

**SUPPLY:** Quando James Tobin, Paul Samuelson, John Kenneth Galbraith, Robert Lampman, Harold Watts e 1.200 economistas assinaram um documento solicitando ao Congresso Nacional, durante a Primavera de 1968, "adotar neste

---

<sup>68</sup> Ao final da entrevista há uma lista de trabalhos de Milton Friedman publicados sobre o tema.

ano um sistema de complementação e de garantia de renda”, por que, embora convidado, o Sr. preferiu não assinar?

**FRIEDMAN:** No momento, mais de três décadas depois, não tenho nenhuma lembrança específica de qual tenha sido minha razão para recusar assinar este documento em particular. Todavia, em geral, sempre fui relutante em assinar documentos nos quais se coletam assinaturas. Tenho preferido falar por conta própria, de minha maneira, e assinar meu próprio nome. Pode também ocorrer que eu tenha constatado alguma diferença de opinião quanto a palavras em particular no documento em questão.

**SUPPLY:** Embora o Crédito Fiscal por Remuneração Recebida (EITC)<sup>69</sup>, instituído em março de 1975, seja uma forma de imposto de renda negativo parcial, não pude achar sua análise sobre este instrumento em suas *Memórias*. Por esse motivo, eu apreciaria se pudesse comentar se:

a) o Sr. considera que o EITC tem sido uma ferramenta eficiente para contribuir com o propósito de erradicar a pobreza nos Estados Unidos?

**FRIEDMAN:** O EITC contribuiu para erradicar a pobreza nos Estados Unidos. Eu não acredito que tenha sido uma ferramenta extremamente eficiente devido à forma particular pela qual ele se integra ao imposto de renda. Tem dado margem a abusos.

*COMENTÁRIO do Prof. Philippe Van Parijs: “à forma particular pela qual ele se integra...”. Presume-se que ele se refere à fase na qual o Crédito Fiscal aumenta. Se o objetivo é o de lutar pela erradicação da pobreza, não parece ser a melhor forma se oferecer o mínimo àqueles com menores ganhos.*

b) Podemos afirmar que o EITC, que tem se expandido de forma significativa desde 1993, contribuiu para que a economia dos Estados Unidos tenha apresentado a menor taxa de desemprego (por volta de 4%) nos últimos 30 anos?

---

<sup>69</sup> O EITC é um programa para as famílias que trabalham e dispõem de alguma renda. À medida que essa renda sobe até um nível de aproximadamente US\$ 6 mil anuais, o crédito aumenta. Para a família com um filho, o crédito é igual a 34% dos primeiros US\$ 6 mil de renda. Depois que essa renda familiar chega a US\$ 12 mil, esse crédito vai-se reduzindo para cada dólar adicional recebido. O crédito é diminuído em termos de US\$ 0,16 por dólar a mais ganho pela família acima daqueles US\$ 12 mil. Para as famílias com mais de um filho o crédito é maior, igual a 40% dos primeiros US\$ 9 mil em renda. O crédito máximo para as que estão na faixa de US\$ 9 mil a 12 mil é de US\$ 3.756. Assim, uma família cujo chefe recebesse um salário mínimo de US\$ 5,15 por hora e conseguisse trabalhar o ano todo receberia algo em torno de US\$ 9 mil e ainda mais US\$ 3.756 de EITC.

**FRIEDMAN:** Eu não acredito que o EITC tenha sido um fator principal para baixar taxas de desemprego. Ele pode ter dado uma pequena contribuição, mas o principal fator que contribuiu para taxas de desemprego tão baixas tem sido o alto e estável crescimento sem precedentes da economia americana na última década.

*COMENTÁRIO do Prof. Van Parijs: Isto me parece correto. Ele não está negando que o EITC tenha possibilitado atingir um melhor trade off quanto à pobreza e ao desemprego, mas ele acredita que o desemprego dificilmente seria menor, embora com maior pobreza, na falta do EITC. A taxa de crescimento pode ser uma influência mais forte nas taxas de desemprego involuntárias, e muito mais nas taxas de desemprego, do que qualquer reforma no modo como a renda seja distribuída (EITC, IRN, RB etc.). O objetivo de tais reformas é o de melhorar o trade off entre desemprego/pobreza por meio de períodos de alto e baixo crescimento e fazer com que nossas esperanças de lutar contra a exclusão sejam menos dependentes de um crescimento rápido e sem precedentes.*

c) O projeto de imposto de renda negativo integral, tal como o Sr. propõe em *Capitalismo e liberdade*, ou introduzido pelo Programa de Assistência à Família, seria mais eficiente para o propósito de erradicar a pobreza?

**FRIEDMAN:** Eu não tenho dúvida de que a proposta de imposto de renda negativo integral que propus em *Capitalismo e liberdade* teria sido mais eficiente para o propósito de erradicar a pobreza. Quanto ao Programa de Assistência à Família, ele incorporou tantas versões que se tornou difícil identificá-lo com uma proposta válida. Eu, de início, era a favor, mas mais tarde manifestei-me contra o programa, como o Sr. poderá notar nos itens relacionados nas referências anexas.

*COMENTÁRIO do Prof. Van Parijs: A razão da superioridade do IRN neste sentido deve estar relacionado com meu primeiro comentário. Seria muito interessante descobrir exatamente quais os motivos claros apresentados por Friedman para rejeitar a versão final do Programa de Assistência à Família<sup>70</sup>.*

---

<sup>70</sup> Em seu livro *Two Lucky People: Memoirs* (1998), Friedman conta que participou da proposta de um imposto de renda negativo desenhada sobretudo por Daniel Patrick Moynihan e apresentada pelo presidente Richard Nixon ao Congresso Nacional americano sob o nome de "Plano de Assistência à Família". Mas ficou desencantado com a ma-

**SUPPLY:** O Sr. está familiarizado com o movimento a favor de uma renda básica, como o defendido pela Rede Européia de Renda Básica (BIEN), uma organização fundada em 1986 para promover a proposição de que todos, não importando sua origem, raça, sexo, idade, condição civil ou socioeconômica, deveriam ter direito a uma renda modesta e incondicional, suficiente para suprir suas necessidades vitais, tal como um direito de cidadão? O Sr. conhece as contribuições de alguns dos fundadores da BIEN, à qual Herbert Simon e James Tobin se engajaram recentemente, tais como de Philippe Van Parijs (secretário-geral), Guy Standing (presidente), ou os livros sobre *Agathotopia* de James Edward Meade?

**FRIEDMAN:** Eu nada conheço do movimento ao qual o Sr. se refere nesta questão.

**SUPPLY:** Como o Sr. avalia a proposição de uma renda básica ou renda do cidadão comparada com a alternativa de um imposto de renda negativo?

**FRIEDMAN:** Uma renda básica ou renda do cidadão não é uma alternativa ao imposto de renda negativo. É simplesmente uma outra forma de se introduzir um imposto de renda negativo se for acompanhado de um imposto de renda positivo sem isenção. Uma renda mínima de mil unidades com uma porcentagem de 20% sobre a renda ganha é equivalente a um imposto de renda negativo com isenção de 5.000 unidades e uma porcentagem de 20% abaixo e acima de 5.000 unidades.

*COMENTÁRIO do Prof. Van Parijs: Esta é uma afirmação muito clara da equivalência formal entre os dois esquemas, o que sugere que Friedman é a favor tanto de uma proposta como da outra, mas também que ele se mantém insensível, tal como os economistas usualmente o são (com Tobin sendo uma exceção maior) com respeito à diferença que faz para aqueles que recebem uma renda baixa e irregular, se a renda básica é paga a todos previamente, ou na forma de crédito fiscal, portanto posteriormente.*

---

neira como o Congresso tratou a questão: "O desenho original teria eliminado os cupons de alimentação e reduzido o montante recebido na margem em 50 centavos para cada dólar adicional ganho. Quando passou pelo Congresso, os cupons de alimentação estavam de volta e cada dólar adicional ganho teria reduzido o montante recebido na margem ao aumentar mais do que 50 centavos. De fato, no estrato final, um beneficiário teria perdido mais do que um dólar para cada dólar adicional ganho, de maneira que 'muitas famílias estariam melhor ganhando menos do que ganhando mais'".

**SUPPLY:** O Fundo Permanente do Alasca está completando 20 anos de distribuição de dividendos a todos os cidadãos que estejam morando no estado há mais de um ano. De acordo com diversos estudos, o fundo tem contribuído para a economia do Alasca apresentar uma taxa de crescimento estável com todos tendo o direito de participar da sua riqueza. É o exemplo prático de que a renda básica pode funcionar. Em 1999, os 600 mil habitantes receberam cada um US\$ 1.679,84. Eu visitei o Alasca em 1995 e percebi que a população era entusiasta do sistema. Não vi pessoas deixando de trabalhar por causa do dividendo. Verifiquei a aplicação de uma proposta muito similar feita por Thomas Paine em *Justiça agrária*, de 1795. Observei na autobiografia de Jay Hammond que o Sr. sugeriu ao governador do Alasca, nos anos 70, dividir toda a receita do petróleo que eles haviam obtido no início do Fundo Permanente do Alasca para a população. Todavia, ele preferiu não pensar somente naquela geração, mas também na geração futura. Como o Sr. avalia a experiência dos dividendos do Fundo Permanente do Alasca? O Sr. a recomendaria para outras nações, cada uma construindo um fundo tendo como base a riqueza da nação de forma a ter uma renda do cidadão para todos?

**FRIEDMAN:** Eu acredito que o Fundo Permanente do Alasca funcione muito bem, mas eu acho que é difícil generalizar para outros estados. A situação do Alasca é um caso muito especial. O problema se originou porque estava claro que o Alasca iria ter uma receita muito alta que seria temporária e não permanente. A redução daquela receita está surgindo agora, e os problemas sobre o que fazer quanto ao Fundo Permanente do Alasca tornam-se urgentes. Naquele instante, a questão era ou dividir a receita extra entre as pessoas ano após ano ou, em vez disso, fazer o que eles realmente fizeram, que foi usar parte considerável dela para suprir gastos governamentais e então acumular o resto em um fundo que iria permitir um dividendo que poderia ser pago a cada indivíduo. Para mim, até o momento, não está claro qual teria sido, em princípio, o melhor. Eu não tenho dúvida de que da forma como foi feito, o Alasca tem um governo maior do que de outro modo teria.

**SUPPLY:** O Sr. está familiarizado com a evolução da proposta de lei para criar uma Renda Mínima Garantida, por meio de um IRN, para todos os residentes no Brasil com 25 anos ou mais, com renda inferior a aproximadamente R\$ 400 por mês, apresentada pelo Partido dos Trabalhadores, aprovada pelo Senado em 1991,

mas ainda aguardando votação pela Câmara dos Deputados, e do ocorrido a respeito durante os anos 90 no Brasil? Houve muitas iniciativas localizadas oferecendo um complemento de renda às famílias pobres de forma que suas crianças pudessem freqüentar uma escola em vez de trabalhar muito jovens. Com base nos resultados positivos destas experiências, programas de renda mínima ligados à educação ou programas de bolsa escola, uma nova lei foi aprovada em 1997 autorizando o governo federal a financiar em 50% os custos dos municípios que criaram programas com aquele objetivo, embora com valores muito modestos. O Sr. teria elementos para avaliar este procedimento *vis à vis* as alternativas de renda básica ou de um imposto de renda negativo?

**FRIEDMAN:** Eu não estava ciente da evolução desta proposta durante os anos 90 no Brasil. Com respeito à iniciativa local à qual o Sr. se refere, um programa similar foi criado no México para uma seção específica do país onde o governo está pagando às famílias um complemento se as crianças forem para a escola em vez de irem trabalhar. Uma renda mínima ou um imposto de renda negativo é uma medida muito mais ampla para assegurar um nível básico de vida. Entretanto, a destinação de fundos para subsidiar escola às crianças tem muito mais precedentes no comportamento atual dos vários países. Eu acredito que o governo brasileiro já financie a educação e isto pode ser visto como parte daquilo. Como você sabe pela leitura de meu livro *Capitalismo e liberdade*, não sou favorável somente a um imposto de renda negativo, também sou favorável a que, caso o governo decida financiar a educação, deveria fazê-lo então mediante cupons aos pais em vez de optar pela administração de escolas. Eu não tenho escrito ou produzido qualquer trabalho sobre imposto de renda negativo nos últimos anos, assim não estou familiarizado com os recentes desdobramentos com relação ao assunto. Espero que alguns destes comentários sejam de alguma ajuda ao senhor.

Segue a relação dos textos escritos por Milton Friedman sobre o imposto de renda negativo, por ele enviada:

*Transfer Payments and the Social Security System.* The Conference Board Record, September 1965, p. 7-10.



- "Mr. Friedman's Negative Tax". *Wall Street Journal*, February 15, 1966.
- "A Tax-Based Subsidy for the Poor?" *OutLook*, April 1966, p. 13-14.
- "The Case for the Negative Income Tax". *National Review*, March 7, 1967, p. 239-41.
- "The Case for the Negative Income Tax", p. 202-19 in: MELVIN R. LAIRD (ed.) *Republican Papers*, Garden City, New York: Anchor Books, 1968.
- "Negative Income Tax-I". *Newsweek*, September 16, 1968.
- "Negative Income Tax-II". *Newsweek*, October 7, 1968.
- "Welfare: Back to the Drawing Board". *Newsweek*, May 18, 1970.
- "Welfare Reform Again". *Newsweek*, September 7, 1970.
- Capitalism and Freedom*. Chicago, University of Chicago Press, 1962 (reissued 1982), p. 191-94.
- (With Rose D. Friedman) *Free to Choose*. New York and San Diego, Harcourt Brace Jovanovich, 1980, p. 97, 120-23, 124, 125-26.
- (With Rose D. Friedman) *Two Lucky People - Memoirs*. Chicago and London, The University Chicago Press, 1998.

*Durante o discurso do Sr. Eduardo Suplicy, o Sr. Paulo Paim, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Delcídio Amaral.*

**O SR. PRESIDENTE** (Delcídio Amaral. Bloco/PT – MS) – V. Ex<sup>a</sup> será atendido na forma regimental, meu caro Senador Eduardo Suplicy.

Não há mais oradores inscritos.

O Sr. Senador Arthur Virgílio, a Sr<sup>a</sup> Senadora Lúcia Vânia, e os Srs. Senadores Papaléo Paes, Alvaro Dias, Flexa Ribeiro, Leonel Pavan, Juvêncio da Fonseca e Almeida Lima enviaram discursos à Mesa para serem publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o art. 210, inciso I e o § 2º, do Regimento Interno.

S. Ex<sup>as</sup> serão atendidos.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Presidente Lula reelegeu-se, toma posse no dia 1º de janeiro, mas seu novo mandato, ainda não iniciado, já tem ao redor as mesmas olas (ô) de petistas do chamado Baixo PT.

Essa parcela do PT gente que pode botar o novo Governo a se perder, salvo se fizerem menos onda e desde que arquivem principalmente seus arroubos nada democráticos, como essa idéia de implantar no Brasil o controle sobre a liberdade de expressão.

O próprio Presidente Lula mantém a postura, para ele habitual, de quem não sabe exatamente o que pretende. Acha que pode tudo. Ele precisa provar que respeita o Congresso, a oposição e as liberdades no País.

Nesses primeiros dias após as eleições, Lula já começou fazendo três coisas graves. Seu partido agrediu jornalistas na porta do Palácio da Alvorada, a Polícia Federal está fazendo coação aos jornalistas da *Veja* e o PT está tentando livrar a quadrilha dos sanguessugas.

Não bastassem as manifestações de hostilidades com que militantes do partido do Presidente, no seu linguajar chulo e surrado, agrediram os jornalistas que faziam a cobertura do retorno de Lula a Brasília, no dia 30, os do Baixo PT retiraram do baú o já condenado e sinistro plano de desconcentrar a mídia. Desconcentrar o quê?

Segundo o noticiário, a intenção desses militantes do lado de lá do PT seria democratizar os meios de comunicação. Só que esse é verbo que não combina com PT, principalmente essa parcela que já vai ganhando dicionário: o Baixo PT.

No Aurélio e no Houaiss já está incorporado o verbete *Petista*, como substantivo e como adjetivo. Em

breve, vai ganhar, em ambos os dicionários uma nova acepção, como adjetivo:

Petista. 3

Adj. 2 g.: Partidário ou simpatizante do PT que segue a linha antidemocrática.

Antidemocrática, mesmo. Com suas olas irresponsáveis e desmedidas, querem virar o barco e dizem que vão propor mudanças legais para dar aos meios de comunicação equilíbrio e proporção.

O documento que está pronto para ser levado ao Planalto é um pouco mais atenuado que a versão anterior, condenada pela opinião pública do Brasil.

Mesmo assim, diz o noticiário, prometem os do Baixo PT “medidas rigorosas para regulamentar e descentralizar a mídia.

Com as exclusões, o texto do “documento” ficou com 13 páginas e já não sugere a criação de uma inexplicada Secretaria de Democratização das Comunicações, vinculada à Presidência da República.

Menciona, porém, o recadastramento das concessões de rádio e TV. E insiste no que eles entendem por democratizar os meios de comunicação.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a ameaça às liberdades fundamentais e, portanto, à democracia, é real. Ao longo dos quatro anos perdidos do primeiro Governo Lula, não foram poucas as manifestações dele e seus seguidores, contrárias à democracia.

Não aceitamos retrocessos. A democracia brasileira foi por nós todos, brasileiros, reconquistada com muito sacrifício.

Essa gente desordeira que hoje prega a supressão das liberdades é parcela do partido do Presidente. E o Presidente nada faz para impedir que eles prossigam perturbando a boa ordem.

O jornal **O Estado de S. Paulo** chamou esses desordeiros de boçais:

(...) esses ‘leões-de-chácara’ que supõem ter direito a fazer a triagem - na base do insulto e da agressão física - dos repórteres que pretendiam entrevistar o recém-reeleito presidente Lula, quando este voltava para o Palácio da Alvorada, não passavam de um bando de boçais, daqueles que sempre envolvem altas autoridades sob o pretexto de ‘protegê-las’ (...)

Mais aspas para o **Estadão**, agora para o episódio de intimidação de jornalistas da **Veja**:

A tentativa de intimidar os três jornalistas da revista *Veja*, no momento em que prestavam depoimento à Polícia Federal (PF), pareceu um claro ‘recado’ enviado àquele veículo de comunicação - e, por tabela, a todos os demais - quanto à possibilidade de testemunhas poderem ser transformadas em ‘suspeitos’, dependendo da contundência crítica das matérias publicadas e da

disposição, dos jornalistas, de revelar ou não as fontes de suas informações.

O grave, nesse sinistro quadro que pode comprometer a liberdade de imprensa, é que não apenas os *boçais petistas* que se manifestam.

Leio trecho do editorial do **Estadão**:

(...) o que justifica o temor de uma ameaça à liberdade de imprensa, por parte de um governo recém-reeleito (que prometeu, aliás, melhorar seu relacionamento com os veículos de comunicação), é o pronunciamento disparatado e fascistóide de quem exerce a função de presidente do Partido dos Trabalhadores e assessor especial do presidente da República - tendo sido o coordenador final de sua campanha eleitoral. E mais, ainda sobre o dirigente petista:

(...) Com efeito, Marco Aurélio Garcia - que vai se tornando a figura mais sinistra do staff presidencial -, depois de uma suave condenação à violência praticada pelos boçais da porta do Alvorada, aproveitou para concitar os jornalistas a fazer uma 'auto-reflexão' sobre 'o papel que tiveram nesta campanha eleitoral', pretendendo, em última instância, que os profissionais e veículos de comunicação se retratem, peçam desculpas pelas críticas que fizeram ao governo e seus 'erros'.

Era só o que faltava? Não!

Prossigo na leitura do **Estadão**:

(...) O atual chefe dos petistas deseja que a imprensa passe a considerar o mensalão uma pura invenção - como se o insuspeito procurador-geral da República (nomeado pelo presidente Lula) não tivesse feito constar em seu relatório, expressamente, que uma sofisticada quadrilha, integrada por membros da cúpula do governo e do PT, agia em plano federal com o objetivo de 'garantir a continuidade do projeto de poder do Partido dos Trabalhadores mediante a compra de suporte político de outros partidos'. Quem foi que 'inventou' isso, então?

Pesa também saber que o próprio Lula não é muito de aceitar a liberdade de expressão. Não foram poucas suas manifestações contrárias ao noticiário dos jornais. A Nação sabe disso.

Por último, abro aspas para a mensagem que, de algum ponto do País, me envia o Ertúzio Calazans, chamando a atenção para o diz-que-diz do Presidente Lula.

No primeiro diz, o Presidente insistia em afirmar que de nada sabia, nem da corrupção que a sala vizinha ao seu gabinete patrocinava para favorecer os petistas.

No outro diz, Lula aparece na TV Rede Mulher e disse, confessando, textualmente, o seguinte:

No meu Governo, não teve Era Palocci nem Era Mantega, porque aqui mando eu e os meus auxiliares fazem o que eu mando.

Agora, o principal, a confissão que desmente os diz-que-diz anteriores:

Aspas para Lula na Rede Mulher:

Nada ocorre no meu Governo sem que eu tome conhecimento antecipado.

Aí está. E agora aspas para o Ertúzio Calazans:

Nosso Presidente deixou entender que nada ocorreu ou ocorre no seu Governo.

Mas então porque dizia antes que de nada sabia? E como vão ficar os casos de corrupção no Brasil, ocorridos ao longo do Governo Lula?

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, nem Lula na praia. Nem Saddam. Nem estrela na moda. Nem confusão nos aeroportos. Nem a certeza de que o Brasil se consolidou como o país do *eu não sabia*. Nada disso. Um jovem brasileiro conquistou o espaço nobre na primeira página do **The New York Times**, o jornal mais influente do mundo. Ele foi o primeiro brasileiro - e o primeiro sul-americano - a conquistar a Maratona de Nova York.

E por falar em imprensa, e para que não digam que a oposição é um espinho na garganta, vale juntar apenas os títulos de algumas notícias desses últimos dias. Uma após a outra, quase formando frases:

No horário, só o Aerolula (Jornal da Comunidade). Lula procura siglas ligadas ao Mensalão (**Folha de S.Paulo**), Governadores se unem para cobrar preço do apoio a Lula (Folha de S.Paulo), O primeiro mandato de Lula foi pífilo...e agora ele tem mais quatro anos, como última chance, para deixar um legado de grandeza (Veja), Preço do gás está defasado, diz Gabrielli, o Presidente da Petrobrás, ao acenar um aumento de preço (**Folha de S.Paulo**), A sociedade reage (Veja, sobre o pouco apreço dos petistas à liberdade de imprensa). Volta a truculência (Folha de S.Paulo, sobre o mesmo tema), Nova Ameaça à imprensa (**O Estado de S. Paulo**, sobre o mesmo tema)). Operação de Guerra tenta evitar caos nos aeroportos (**Correio Brasileiro**).

Termino, requerendo que passem a integrar este pronunciamento as matérias anexas, para que, assim, constem dos Anais do Senado da República: Era o que tinha a dizer.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, outro assunto é para dizer que ao falar da AMA, a Associação de Amigos do Autista do Amazonas, não há como deixar de exaltar, sempre, sua Presidente, Telma Viga Albuquerque. Ela não apenas dirige uma meritória instituição. Telma gosta do que faz e, como os outros

integrantes da direção da AMA, tudo faz pelos autistas do Amazonas.

A AMA existe desde 1997 e sua missão é prestar assistência aos autistas do Amazonas e seus familiares, com orientação, encaminhamento e avaliação. Para tanto, desenvolve atividades diárias nos campos educativo, social e terapêuticos junto aos alunos nela matriculados.

Conheço a entidade. Estive, inclusive, no Centro de Vivência Magnólia, por ela mantido e cujo objetivo é o de ministrar aulas, orientação pedagógica e de saúde. Ali há uma horta e criação de pequenos animais.

É a AMA, pois, uma entidade com alma cuja missão é respeitar os autistas, dando-lhes cidadania

e encaminhando-os, com carinho, numa nobre missão de criar uma sociedade inclusiva.

Lembrei-me da AMA ao ler o boletim informativo por ela publicado. Li e aprendi muito. E, por isso, faço este pronunciamento para que esse extraordinário trabalho divulgado e reconhecido.

Parabéns à Presidente Telma Viga Albuquerque, cumprimentos que estendo a todos os seus companheiros de diretoria

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O  
SR. SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO EM SEU  
PRONUNCIAMENTO.**

*(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

## Anexos. Noticiário e editoriais dos jornais “O Estado de S.Paulo” e “Folha de S.Paulo” e da Revista *Veja*.

### **Nova ameaça à imprensa**

Certamente os petistas que, na segunda feira, se colocaram como 'leões-de-chácara' para fazer a triagem - na base do insulto e da agressão física - dos repórteres que pretendiam entrevistar o recém-reeleito presidente Lula, quando este voltava para o Palácio da Alvorada, não passavam de um bando de boçais, daqueles que sempre envolvem altas autoridades sob o pretexto de 'protegê-las' e muitas vezes externam a truculência ínsita ao próprio temperamento, independentemente de qualquer comando a que tivessem obedecido, neste sentido. É claro que muitos destes poderiam julgar estarem ali defendendo suas sinecuras de 'aspones', visto que, fora da administração aparelhada, talvez tivessem muita dificuldade em manter o padrão do próprio emprego. De qualquer forma, o episódio poderia ser relegado à conta de boçais isolados que, ao tentarem intimidar a imprensa, o máximo que conseguem é ser ridículos.

A tentativa de intimidar os três jornalistas da revista *Veja*, no momento em que prestavam depoimento à Polícia Federal (PF), pareceu um claro 'recado' enviado àquele veículo de comunicação - e, por tabela, a todos os demais - quanto à possibilidade de testemunhas poderem ser transformadas em 'suspeitos', dependendo da contundência crítica das matérias publicadas e da disposição, dos jornalistas, de revelar ou não as fontes de suas informações. O desrespeito à liberdade de informar e opinar - conquista consignada em uma das constituições mais anticensórias do mundo, como a nossa, justamente por termos passado pela férrea censura da ditadura militar - ficou mais do que patente, já pelas ameaças usadas pelo interrogador (quando mandou 'recado' aos editores da revista), pelo tolhimento da participação da advogada dos jornalistas e até pela absurda (e ilegal) recusa em dar aos depoentes cópia do que haviam oficialmente alegado.

De qualquer forma, a vexatória atitude da PF, contra os repórteres Julia Duailibi, Camila Pereira e Marcelo Carneiro, por mais que comprometa a instituição policial federal, pode ser atribuída a uma também isolada boçalidade - no caso, a do delegado Moysés Eduardo Pereira. Agora, o que justifica o temor de uma ameaça à liberdade de imprensa, por parte de um governo recém-reeleito (que prometeu, aliás, melhorar seu relacionamento com os veículos de comunicação), é o pronunciamento disparatado e fascistoide de quem exerce a função de presidente do Partido dos Trabalhadores e assessor especial do presidente da República - tendo sido o coordenador final de sua campanha eleitoral.

Com efeito, Marco Aurélio Garcia - que vai se tornando a figura mais sinistra do staff presidencial -, depois de uma suave condenação à violência praticada pelos boçais da porta do Alvorada, aproveitou para concitar os jornalistas a fazer uma 'auto-reflexão' sobre 'o papel que tiveram nesta campanha eleitoral', pretendendo, em última instância, que os profissionais e veículos de comunicação se retratem, peçam desculpas pelas críticas que fizeram ao governo e seus 'erros'. O atual chefe dos petistas deseja que a imprensa passe a considerar o mensalão uma pura invenção - como se o insuspeito procurador-geral da República (nomeado pelo presidente Lula) não tivesse feito constar em seu relatório, expressamente, que uma sofisticada quadrilha, integrada por membros da cúpula do governo e do PT, agia em plano federal com o objetivo de 'garantir a continuidade do projeto de poder do Partido dos Trabalhadores mediante a compra de suporte político de outros partidos'. Quem foi que 'inventou' isso, então?

O pior é que esse tipo de manifestação inequivocamente censória e antidemocrática não pode ser vista como caso isolado, pois há o precedente da tentativa de criação do Conselho Federal de Jornalismo do projeto da Fenaj, aprovado por Lula, há o projeto do PT de 'democratizar os meios de comunicação', assim como há, mais recentemente, as declarações do sempre raivoso oligarca de Sobral, Ciro Gomes, sobre a necessidade do governo de 'incentivar' a criação de uma 'imprensa plural'. É claro que a imprensa é (até orgulhosamente) responsável por ter vindo à tona toda essa lama, sobre a qual Marco Aurélio Garcia queria que ela silenciasse. Mas só por má-fé poder-se-ia, no caso em pauta, confundir a origem com o canal de extravasão (da sujeira).

## **Plano do PT quer "desconcentrar" a mídia**

Programa para "democratizar os meios de comunicação" fala em fazer recadastramento das concessões de rádio e TV do país

Documento propõe criar "programa de incentivos legais e econômicos para o desenvolvimento de jornais e revistas independentes"

**FÁBIO ZANINI**

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O PT divulgou ontem, dois dias após a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva, o programa do presidente para "democratizar os meios de comunicação", que inclui mudanças legais para dar mais "equilíbrio e proporção" a eles.

O texto final, discretamente publicado na página da campanha de Lula na internet, promete medidas "vigorosas" para regulamentar e descentralizar a mídia. A versão preliminar do documento, que a Folha divulgou em 28 de agosto, era algo mais dura.

Desapareceram algumas idéias polêmicas, que causaram incômodo dentro da campanha do presidente pelo radicalismo, de acordo com o que a Folha apurou.

Exemplos do que ficou de fora são a exigência de que outorgas e renovações de concessões de rádio e televisão passem pelo crivo de "conselhos populares" e a proposta de criação de uma Secretaria de Democratização das Comunicações, vinculada à Presidência da República.

Também foi excluído do texto trecho que pedia mudanças no sistema de contratação de agências de publicidade pelo governo, que geralmente fica concentrado nas mãos de poucos marqueteiros.

### Democratização

O documento, intitulado "Comunicação e Democracia", com 13 páginas, mantém a defesa de um "plano vigoroso e específico de democratização da comunicação social no Brasil". Para o PT, "a democratização dos meios de comunicação deve ser entendida como ponto fundamental para o aprofundamento da democracia".

Um dos colaboradores é o professor da USP (Universidade de São Paulo) Bernardo Kucinski, que há anos escreve uma crítica diária da imprensa para o consumo interno do presidente Lula.

O texto é genérico e não entra em detalhes sobre as mudanças, mas dá pistas do que pode ocorrer nos próximos quatro anos.

O presidente se compromete a elaborar uma Lei Geral de Comunicação Eletrônica, com "mecanismos que coíbam a concentração de propriedade [de emissoras de rádio e TV] e de produção de conteúdos e o desequilíbrio concorrencial garantindo, por outro lado, a competitividade, a pluralidade, a diversidade e a concorrência por qualidade dos serviços".

Haveria o recadastramento das concessões de rádio e televisão no país, com o cancelamento das que não estejam "em conformidade com a lei".

Quanto à mídia impressa, o presidente Lula deve criar um "programa de incentivos legais e econômicos para o desenvolvimento de jornais e revistas independentes".

Foi retirada, no entanto, uma expressão da versão preliminar do texto que determinava que esses jornais "não seriam vinculados aos grandes grupos de comunicação".

Os incentivos à mídia independente seriam bancados por bancos oficiais e agências de fomento, que deverão orientar suas políticas para "a expansão, a regionalização e a democratização da comunicação".

#### Relação problemática

Durante o primeiro mandato, o presidente teve relação tensa com os meios de comunicação. Deu poucas entrevistas e tomou atitudes como a tentativa de expulsão do país do jornalista Larry Rohter, do "New York Times" -que escreveu uma reportagem sobre um suposto abuso de bebida alcoólica pelo presidente- e de criar um Conselho Federal de Jornalismo, para regulamentar e fiscalizar o exercício da profissão.

Na campanha à reeleição, o contencioso se agravou. Petistas reclamaram da cobertura da imprensa sobre o escândalo do dossiê, enxergando uma conspiração para derrotar Lula.

Anteontem, jornalistas foram hostilizados por militantes petistas em frente ao Palácio do Alvorada. O presidente interino do PT e coordenador da campanha de Lula, Marco Aurélio Garcia, condenou a agressão, mas pediu que a mídia faça uma "auto-reflexão" sobre seu desempenho.

O texto final também retirou uma parte em que o PT fazia uma autocrítica sobre sua política de comunicação no primeiro mandato e reconhecia fracassos como o CFJ e a tentativa de criar a Ancinav (Agência Nacional do Audiovisual), para regular a produção de cinema e vídeo.



**31/10/2006 - 20h18**

**Lula defende legitimidade do governo por votação "maciça" e critica oposição**

Da Redação

Em São Paulo

Em pronunciamento em rede de rádio e TV, o presidente reeleito Luiz Inácio Lula da Silva defendeu a legitimidade de seu novo mandato pela votação "maciça" que obteve, afastando a possibilidade de um terceiro turno.

·Uma votação maciça, como a que tivemos, eu e o meu companheiro José Alencar, dá plena legitimidade ao exercício do poder (...)", disse, logo no início do pronunciamento de cerca de seis minutos.

O presidente Lula criticou a oposição, pedindo "profunda responsabilidade republicana" aos parlamentares e lideranças, para a votação de projetos prioritários, como a reforma política. "Nada vai mudar meus ideais e minhas convicções. Sei que o mesmo ocorre com os meus opositores. É esta diversidade de posições que enriquece a democracia. Mas isso não pode impedir que avancemos nos grandes temas de interesse coletivo", afirmou.

**Presidente do PT diz a jornalistas que "cuidem das redações" e recebe críticas**

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA  
DA REPORTAGEM LOCAL

O presidente interino do PT, Marco Aurélio Garcia, pediu antecorem a jornalistas, em entrevista no comitê central da campanha do presidente Lula, em Brasília, que não interfiram no futuro do partido.

"Cuidem de suas redações que nós cuidamos do PT", declarou, já no final da entrevista, quando a imprensa ainda fazia perguntas a respeito da reorganização da legenda, prometida por uma resolução da Executiva Nacional.

No dia anterior, Garcia havia pedido que a imprensa fizesse uma "auto-reflexão" sobre a cobertura das eleições. Declarou ainda que a mídia devia ao país a explicação de que o mensalão não teria existido.

O presidente petista condenou a hostilização de jornalistas por militantes petistas em frente ao Palácio do Alvorada, quando aguardavam a presença do presidente Lula, na última segunda.

Especialistas em mídia e política e os dois ombudsmans da imprensa impressa brasileira criticaram as declarações. "É não compreender o papel da imprensa, que é perguntar. Como homem público, ele deveria ser mais cauteloso", diz Luiz Gonzaga Motta, coordenador do Nemp (Núcleo de Estudos de Mídia e Política) da UnB.

O ombudsman da Folha e presidente da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), Marcelo Beraba, concorda: "É um absurdo total. É obrigação da imprensa tentar levantar informações sobre políticas públicas, sobre os rumos da economia e sobre os nomes que estão em jogo na disputa interna, nos bastidores. É um grave equívoco querer que a imprensa esteja alheia a essa discussão".

Para Plínio Bortolotti, ombudsman do jornal "O Povo", do Ceará, "todo cidadão, com cargo público ou não, tem direito de criticar a imprensa", mas ele declara que Marco Aurélio "se equivocou".

"A imprensa tem o papel de fiscalizador dos poderes. Não é padre que cuida da igreja, jornalista da redação, e governantes do governo", afirma ele.

Para Motta, o governo é inábil para lidar com a imprensa. "Melhorou em relação ao começo do primeiro mandato, mas precisa oferecer o que os jornalistas precisam para trabalhar, que são fontes, acesso a informações e também entrevistas do presidente".

Tanto para o professor da UnB como para o ombudsman de "O Povo", a frase de Marco Aurélio contradiz recentes declarações do presidente Lula, que sinalizou mudança na relação com a imprensa. Há convergência também em apontar o acirramento de ânimos entre parte da imprensa, governo e alguns setores da sociedade.

"A frase é uma reação do PT a um processo de desgaste", diz Alessandra Aldé, pesquisadora do Doxa (Laboratório de Pesquisas em Comunicação Política e Opinião Pública, do IUPERJ). "Existe uma tendência de uma cobertura negativa para o governo, para o PT, para o presidente Lula, como mostram os levantamentos do Doxa. A imprensa cumpre seu papel de vigilância do poder público, mas há pouco espaço para a agenda positiva", afirma.

"É a reação de uma campanha vitoriosa. O que que cria o curto-circuito é a sobreposição de papéis. Marco Aurélio fala muito como coordenador de campanha, mas também agora é governo", completa ela.

Para Luiz Gonzaga Motta, o "excesso de visibilidade" dado pela grande imprensa aos escândalos do governo "em relação a outras agendas também importantes" contribuiu para gerar "ressentimento" mútuo.

"A corda está esticada dos dois lados. Os ânimos têm de serenar", afirma Bortolotti.

## **Em nota, ANJ protesta contra intimidação**

DA REDAÇÃO

Leia a seguir a íntegra da nota divulgada pela Associação Nacional de Jornais sobre o caso "Veja".

A Associação Nacional de Jornais protesta com veemência contra a intimidação sofrida por repórteres da revista "Veja" durante depoimento prestado à Polícia Federal para investigação interna sobre o caso da tentativa de uso de um dossiê contra o PSDB antes das eleições. Estranhamente, os repórteres Júlia Dualibi, Camila Pereira e Marcelo Carneiro foram tratados pelo delegado Moysés Eduardo Ferreira como suspeitos e não como testemunhas. Sofreram constrangimentos e ameaças, numa evidente tentativa de intimidar o livre exercício do jornalismo.

É lamentável que uma instituição como a Polícia Federal se preste ao papel de hostilizar jornalistas e um veículo de comunicação em função do trabalho jornalístico por eles praticado. A liberdade de imprensa é um valor maior da democracia.

A Polícia Federal é uma instituição do Estado, a quem cabe servir a toda a sociedade. A ANJ espera que fatos como esse não se repitam e que a Polícia Federal cumpra suas atribuições nos estritos limites da lei, sem o pretender atemorizar profissionais ou empresa jornalística no exercício do legítimo direito e dever de informar os cidadãos.

Júlio César Mesquita

Vice-Presidente da Associação Nacional de Jornais

Ricardo Pedreira

Associação Nacional de Jornais

## GUILHERME ROSEGUINI

### DA REPORTAGEM LOCAL

Último quilômetro da badalada Maratona de Nova York, e Marilson Gomes dos Santos olha diversas vezes para trás.

Procura os quenianos, sempre apontados como favoritos, e parece não acreditar que a tática de se desgarrar do pelotão na metade final da prova o conduzia para um feito inédito.

Usando luvas e proteção na cabeça e nos braços por causa da temperatura -9C, com sensação térmica de 6C-, o brasiliense de 29 anos cruzou a linha de chegada após 2h09min58s. Os africanos não o alcançaram. Nunca um atleta da América do Sul terminara o evento na primeira posição.

"Eu disparei nos 30 km porque haviam muitos atletas juntos. Queria ver se alguém me acompanharia, fiquei esperto, mas ninguém me alcançou", diz o atleta à Folha. Ele arrematou prêmio de R\$ 278 mil.

O queniano Stephen Kiohora acabou em segundo entre os mais de 37 mil corredores. Seu compatriota Paul Tergat, atual campeão do evento e dono do recorde mundial da maratona, completou o pódio.

O tempo do triunfo é mais de um minuto superior à melhor performance de Marilson -2h08min48s, em Chicago-2004-, dois minutos pior que o recorde registrado em Nova York (2h07min43s) e quatro minutos mais lento que o melhor resultado já alcançado na distância (2h04min55s).

Mas o principal mérito da façanha, para seu treinador, não pode ser medido em minutos e segundos. "O importante é que vencemos os quenianos. Ele vai ganhar força para lutar por uma medalha na Olimpíada, nosso objetivo desde que resolvemos mudar tudo", afirma o técnico Aduino Domingues.

A reviravolta ocorreu em 2004. Até então, o brasileiro centrava a carreira em provas de meio-fundo, os 5.000 m e 10.000 m. Apesar de alguns bons resultados, seus tempos eram fracos se comparados aos dos melhores do mundo.

"Decidimos mudar de prova. Arriscamos nas maratonas", recorda Domingues.

Os primeiros resultados foram promissores, mas vieram acompanhados de uma frustração. O brasileiro estreou nos 42,195 km em abril de 2004, na França. Completou o percurso em sexto, sem alcançar seu principal objetivo, que era a classificação para os Jogos de Atenas. Sua marca não era suficiente para entrar na seleção.

No ano seguinte, Marilson progrediu, deixou o medalhista olímpico Vanderlei Cordeiro de Lima para trás e assumiu o posto de melhor maratonista do país. No Mundial de Helsinque-2005, acabou em décimo. "Desde então, sabíamos que ele poderia conseguir grandes resultados", afirma o técnico.

Mais famoso no Brasil por suas duas vitórias na São Silvestre, em 2003 e 2005, Marilson corria descalço pelas ruas de Brasília até ser descoberto, aos 14 anos. Mudou-se para Santo André logo depois. Franzino, demorou para ganhar o peso e a maturidade necessários para correr provas longas.

Agora, enxerga um futuro promissor. "A cada dia me sinto melhor. Nova York foi só um novo começo para mim."

Brasil

## **Nuvens escuras no horizonte**

**Repórteres agredidos em Brasília, jornalistas de VEJA constrangidos na PF e petistas graúdos vociferando contra a imprensa. Fatos isolados ou política de governo?**

As relações do governo Lula com a imprensa voltaram a entrar em temperatura crítica. Na segunda-feira da semana passada, munidos da convicção – calculadamente aloprada – de que a vitória nas urnas significou uma absolvição dos crimes de corrupção do PT, militantes do partido, com o duplo crachá de funcionários públicos, agrediram jornalistas à entrada do Palácio da Alvorada.

No dia seguinte, a situação adquiriu contornos ainda mais graves: os repórteres de VEJA Julia Duailibi, Camila Pereira e Marcelo Carneiro, responsáveis pela apuração de reportagens que mostraram a participação de policiais federais em atos descritos pela revista como "uma operação abafa" no escândalo da compra do dossiê, foram constrangidos nas dependências da Polícia Federal, em São Paulo, pelo delegado Moysés Eduardo Ferreira. Os repórteres haviam sido convocados para prestar esclarecimentos na condição de testemunhas, mas o delegado, utilizando meios ilegais, tentou transformá-los – e, por extensão, a VEJA – em réus. Como se a revista tivesse "fabricado" as reportagens que revelaram os movimentos de um grupo dentro da PF para apagar, no episódio investigado, as impressões digitais de gente ligada diretamente ao Palácio do Planalto.

Diante da arbitrariedade, VEJA divulgou no mesmo dia uma nota em seu site na qual relatou os abusos cometidos pelo delegado Moysés Eduardo Ferreira (*veja a íntegra abaixo*). A reação da sociedade foi imediata e vigorosa. Jornais, colunistas, políticos e entidades de classe protestaram contra as intimidações sofridas pelos repórteres da revista, numa demonstração ao mesmo tempo de solidariedade e indignação diante da ameaça, embutida na atitude do delegado da PF, à liberdade de imprensa (*veja nas págs. 52 e 53*).

Há duas formas de observar ambas as ocorrências – a dos jornalistas agredidos no Alvorada e a dos repórteres de VEJA constrangidos na PF. Na primeira, a mais benigna, pode-se enxergá-las como atos isolados, resultantes do fanatismo partidário e da vingança corporativa, respectivamente. Nesse caso, basta expressar a indignação e exigir a neutralização dos seus protagonistas, a ser encarados apenas na qualidade de agentes patogênicos que envenenam a democracia e aos quais as instituições dispõem de instrumentos para expurgar. O segundo modo de examinar os acontecimentos, no entanto, comporta a inquietação maior de que eles são fruto de uma ação coordenada do governo do PT para controlar jornais, revistas e emissoras de televisão – e, por meio de tal controle, obstaculizar a missão da imprensa de fiscalizar o poder. Antecedentes existem: em 2004, o governo, com o bem estimável apoio de pelegos sindicais e editores a serviço do PT, tentou criar um certo Conselho Federal de Jornalismo, que, a pretexto de coibir erros, significaria na prática a imposição de censura prévia aos meios de comunicação. Antes disso, o Planalto quis expulsar o correspondente do jornal americano *The New York Times* Larry Rohter porque ele registrara o gosto do presidente pelo consumo de bebidas alcoólicas – fato, aliás, que o próprio nunca escondeu de ninguém, mas que de repente adquiriu a proporção de um ataque à honra nacional. Também foram recorrentes, ao longo do primeiro mandato de Lula, as diatribes lançadas contra a imprensa pelo próprio e por assessores seus apanhados em gatunagens.

Quando tudo isso, no entanto, parecia pertencer ao passado, eis que as últimas agressões e arbitrariedades contra jornalistas, não bastasse a sua gravidade intrínseca, ganharam uma moldura preocupante. Ao condenar de forma burocrática o espetáculo promovido por militantes do PT em Brasília, o presidente do partido, Marco Aurélio Garcia, aproveitou a oportunidade para sugerir à imprensa que fizesse uma "auto-reflexão" sobre sua atuação na campanha eleitoral. Ele afirmou ainda que os jornalistas deviam uma informação à sociedade: a de que o esquema do mensalão não existiu. Semelhantes disparates enquadram-se na tradição autoritária da esquerda marxista, da qual Garcia é um inebriado seguidor e que tem como uma de suas estratégias recorrer a eufemismos para perpetrar enormidades. Ao falar em "reflexão", ele na verdade quer dizer "genuflexão". Quando afirma, sem enrubescer, que o esquema do valerioduto não existiu, porque disso não há "evidências", o presidente do PT usa da

mesma artimanha do camarada Stalin, que por várias vezes "reescreveu" a história da então União Soviética, apagando de textos históricos os relatos de fatos que lhe eram negativos e de fotografias as imagens de opositores políticos. Salvo melhor juízo, a imprensa ideal de Garcia é a cubana, que goza de toda a liberdade para elogiar Fidel Castro. O furo jornalístico mais recente da imprensa cubana se deu quando o comandante saiu da operação de um tumor no intestino. O furo não foi sobre a gravidade da doença. Esqueça. O jornal estampou a manchete "Absolvido pela história", reverberando a frase famosa do ditador dita quando sua revolução começou a matar gente indiscriminadamente e isso chamou a atenção do mundo.

Garcia, segundo um alto integrante da cúpula governamental, não passa de "um ideólogo perigoso que precisa ser afastado dos ouvidos do presidente". Mas, para dissipar receios, seria recomendável que o presidente Lula fosse mais enfático na condenação às tentativas de cerceamento à liberdade de imprensa. No caso dos constrangimentos impostos aos repórteres de VEJA pelo delegado da Polícia Federal, ele não se pronunciou publicamente. Pelo relato estampado no jornal *Folha de S. Paulo*, limitou-se a dizer a assessores que era um equívoco "vitimizar" setores da imprensa que julga terem sido "injustos" com ele. Ou seja, é lícito supor que, na visão de Lula, se a inquirição dos repórteres não vitimizasse a imprensa independente do governo, estaria tudo certo.

A acirrar as dúvidas sobre a convicção do atual governo em relação à necessidade de uma imprensa livre, um dos pilares do sistema democrático, levem-se em conta, ainda, as afirmações do ex-ministro Ciro Gomes, aliado de Lula, feitas também na semana passada a um jornalista chapa-branca. De acordo com Gomes, "é preciso incentivar dramaticamente os meios de comunicação alternativos, fortalecer cooperativas de jornalistas". A sintonia do ex-ministro com o programa de "democratização da mídia" do PT é comovente. O tal programa sugere a desconcentração da propriedade de emissoras de rádio e televisão. No que se refere à imprensa escrita, seria preciso criar um "programa de incentivos legais e econômicos para o desenvolvimento de jornais e revistas independentes". A verdade é que, por trás de propósitos aparentemente tão nobres, está a aspiração à criação de um *kolkhoz* jornalístico onde seriam apascentadas dóceis vaquinhas de presépio do governo petista. Por "jornais e revistas independentes", leia-se "publicações submissas ao PT". Quanto à desconcentração da mídia eletrônica – bem, que tal começar pelas emissoras de propriedade dos petistas de ocasião do Norte e do Nordeste?

A liberdade de imprensa tornou ao centro da discussão, o que não é um bom sinal para a democracia brasileira. Menos ainda quando até um chefe de polícia resolve emitir opiniões a respeito, na condição de chefe de polícia. Foi o que se permitiu o diretor-geral da PF, Paulo Lacerda, ao negar os abusos contra os repórteres de VEJA. Ele disse que jornalistas não estão acima da lei. De fato, não estão. Assim como também não estão delegados da PF, Gedimar Passos e Freud Godoy, principais beneficiários da "operação abafa" denunciada por VEJA. É curioso que a Polícia Federal se empenhe tanto nos depoimentos dos jornalistas da revista e seja tão frouxa na investigação desses personagens.

O delegado Moysés Eduardo Ferreira tratou os repórteres de VEJA como suspeitos, não permitiu que eles conversassem com sua advogada e, num ato de flagrante ilegalidade, não deixou que eles saíssem com a cópia de seus depoimentos. A coisa chegou a tal ponto que a procuradora da República Elizabeth Kobayashi, testemunha de tudo, procurou o repórter Marcelo Carneiro e a advogada da Editora Abril, Ana Rita Dutra, antes que eles deixassem as dependências da Polícia Federal. Relata Carneiro: "À nossa saída, já no hall dos elevadores do 9º andar da PF, a procuradora nos abordou e disse: 'Não deixe acontecer no próximo depoimento o que ocorreu hoje aqui. O delegado não podia ter proibido a conversa entre vocês' ". Um dia depois, a procuradora soitou uma nota ambígua, em que, apesar de não desmentir os fatos descritos por VEJA, afirma que, no seu "entendimento pessoal", não havia ocorrido intimidação. Compreende-se o receio de Elizabeth de ter parecido conivente com o delegado Moysés ao não usar de suas prerrogativas institucionais para detê-lo em suas arbitrariedades. Mas, a fim de evitar que nuvens escuras se adensem no horizonte, é preciso que todos se comportem à altura de suas responsabilidades – imprensa, governo, chefes de polícia e procuradores da República.

## **A NOTA OFICIAL DE VEJA**

A pretexto de obter informações para uma investigação interna da corregedoria sobre delitos funcionais de seus agentes e delegados, a Polícia Federal intimou cinco jornalistas de VEJA a prestar depoimento. Eles foram os profissionais responsáveis pela apuração de reportagens que relataram o envolvimento de policiais em atos descritos pela revista como "uma operação abafa" destinada a afastar Freud Godoy, assessor da Presidência da República, da tentativa de compra do dossiê falso que seria usado para incriminar políticos adversários do governo. Três dos cinco jornalistas intimados – Julia Duailibi, Camila Pereira e Marcelo Carneiro – foram ouvidos na tarde de terça-feira pelo delegado Moysés Eduardo Ferreira.

Para surpresa dos repórteres, sua inquirição se deu não na qualidade de testemunhas, mas na de suspeitos. As perguntas giraram em torno da própria revista, que, por sua vez, pareceu aos repórteres ser, ela sim, o objeto da investigação policial. Não houve violência física. O relato dos repórteres e da advogada que os acompanhou deixa claro, no entanto, que foram cometidos abusos, constrangimentos e ameaças em um claro e inaceitável ataque à liberdade de expressão garantida na Constituição.

**1.** Ao tomar o depoimento da repórter Julia Duailibi, o delegado Moysés Eduardo Ferreira indagou os motivos pelos quais ela escrevera "essa falácia". A repórter da VEJA, então, perguntou ao delegado Moysés qual era o sentido de seu depoimento, uma vez que ele já chegara à conclusão antecipada de que as informações publicadas pela revista eram "falácias". Ao ditar esse trecho do depoimento para o escrivão, o delegado atribuiu a palavra à repórter, no que foi logo advertido pela representante do Ministério Público Federal, a procuradora Elizabeth Kobayashi. A procuradora pediu ao delegado que retirasse tal palavra do depoimento porque se tratava de um juízo de valor dele próprio e a repórter nunca admitira que escrevera falácias.

**2.** Embora a jornalista de VEJA estivesse depondo na condição de testemunha em inquérito sem nenhuma relação com a divulgação das fotos do dinheiro do dossiê, o delegado Moysés Eduardo Ferreira a questionou sobre reportagem anterior, assinada por ela, que tratava do tema. O delegado exigiu, então, da repórter que revelasse quem lhe dera um CD com as fotos. A repórter se recusou a revelar sua fonte.

**3.** Durante todo o depoimento da repórter Julia Duailibi, o delegado Moysés Eduardo Ferreira a questionou sobre o



delegado Moysés Eduardo Ferreira a questionou sobre o que ele dizia ser uma operação de VEJA para "fabricar" notícias contra a Polícia Federal. Disse que a matéria fora preconcebida pelos editores da revista e quis saber quem fora o editor responsável pela expressão "operação abafa".

**4.** O delegado afirmou que as acusações contra o diretor-executivo da Superintendência da PF, Severino Alexandre, eram muito graves. E perguntou: "Foi você quem as fez? Como vieram parar aqui?". Referindo-se à duração do depoimento, o delegado Moysés Eduardo Ferreira disse: "Se você ficou duas horas, seu chefe vai ficar quatro".

**5.** Indagada sobre sua participação na matéria, a repórter Camila Pereira disse ter-se limitado a redigir uma arte explicativa, a partir de entrevistas com advogados, sobre como a revelação da origem do dinheiro poderia ameaçar a candidatura e/ou um eventual segundo mandato do presidente Lula. O delegado perguntou quais advogados foram ouvidos. A repórter respondeu que seus nomes haviam sido publicados no próprio quadro. O delegado, então, perguntou se VEJA pagara pela colaboração dos advogados. Diante da resposta negativa, o delegado ditou ao escrevente que a repórter respondera que "normalmente a revista não paga por esse tipo de colaboração". A repórter, então, o corrigiu, dizendo que a revista nunca paga suas fontes.

**6.** Embora os repórteres de VEJA tenham sido convocados como testemunhas, o delegado Moysés Eduardo Ferreira impediu que eles se consultassem com a advogada que os acompanhava, Ana Dutra. Todo e qualquer aparte de Ana Dutra era considerado pelo delegado Ferreira como uma intervenção indevida. Em determinado momento, Ferreira ameaçou transformar a advogada em depoente. Ele também negou aos jornalistas de VEJA o direito a cópias de suas próprias declarações, alegando que tais depoimentos eram sigilosos. A repórter Julia Duailibi foi impedida de conversar com o repórter Marcelo Carneiro.

A estranheza dos fatos é potencializada pela crescente hostilidade ideológica aos meios de comunicação independentes, pelas agressões de militantes pagos pelo governo contra jornalistas em exercício de suas funções e, em especial, pela leniência com que esses fatos foram tratados pelas autoridades. Quando a imprensa se torna alvo de uma força política no exercício do poder, deve-se acender o sinal de alerta de modo que a faísca seja apagada antes que se torne um incêndio. Nunca é demais lembrar: "Pior do que estar submetido à ditadura de uma minoria é estar submetido a uma ditadura da maioria".

## ARTIGO

### **Atrasos nos vôos no país do "eu não sabia"**

**MARLI SAMPAIO**

CONTROLES de tráfego aéreo e transporte coletivo são considerados serviços essenciais, nos termos do art.10, V e X da Lei 7.783/89, a lei de greve.

Com a crise nos aeroportos iniciada em 27 de outubro, quando controladores de tráfego aéreo de Brasília decidiram iniciar uma operação-padrão, o comportamento das autoridades responsáveis por esta prestação de serviço essencial deixou o consumidor confuso, atônito e a questionar: Qual era o risco de viajar de avião antes desta a crise? Qual a relação entre a tragédia do vôo 1907 e o caos que se instalou nos aeroportos brasileiros, exatamente após o afastamento de alguns controladores para a investigação?

Se antes da crise havia situação gravíssima com o desempenhar das funções dos controladores de vôo, quero crer que a exposição dos consumidores a riscos de vida e saúde não se iniciou do dia para a noite. O senhor ministro da Defesa afirmou, em rede nacional, que não sabia da gravidade, porque não o informaram. Quem deixou de informar o ministro? Alguém será responsável, no mínimo, por omissão. Mas, como responsabilidade objetiva, o Código de Defesa do Consumidor (lei 8078/90) não considera qualquer elemento da culpa, como ação ou omissão; o que importa para os consumidores é que os fatos ocorridos provocaram danos, e alguém responderá pela reparação.

Se, de fato, estiver ocorrendo "overbooking" por parte das companhias aéreas, é bom lembrar que o Termo de Ajustamento de Conduta, celebrado com o Procon em 2000, não foi renovado.

Decorre de lei a obrigação das companhias aéreas em prestar serviços eficientes, prestar informações claras, precisas e imediatas aos consumidores, sobre seus vôos, cancelamentos, horário, etc. Também decorre da lei o dever das companhias aéreas, em situações de atraso de partida, escala ou conexão (arts. 230 e 231, lei 7.565/86) endossar bilhete, restituir valor pago, custear despesas com alimentação, hospedagem, e transporte de qualquer espécie (arts. 229, 230 e 231 da Lei 7.565/86).

Quanto à reparação por danos morais e materiais pelos atrasos, o objeto de possível ação é o Departamento de Controle do Espaço Aéreo -órgão central do Sistema de Controle do Espaço Aéreo Brasileiro, subordinado ao responsável pelo planejamento, regulamentação, cumprimento de acordos, normas internacionais relativas ao controle do espaço aéreo, bem como operação, atualização, revitalização e manutenção de toda infra-estrutura necessária à comunicação e navegação nacional e internacional no espaço aéreo brasileiro.

Caso a empresa aérea ofereça hospedagem ou locomoção, ao consumidor recomenda-se que se esforce por aceitar, já que a empresa saberá localizá-lo quando a situação se normalizar. Recomenda-se exigir documento por escrito, timbrado, dizendo que naquele horário deixará o aeroporto.

Caso não consiga tal documento, o ticket do estacionamento, de uma lanchonete, o recibo do táxi, ou o documento de entrada e saída do hotel servem como provas da espera e do atraso. Caso haja recusa em receber, peça a duas testemunhas (podem ser outros passageiros) que o recebam, colocando seu nome, RG, telefone e endereço.

Anote também o nome do funcionário e faça sua descrição na carta ou então entregue uma carta em um dos postos da Anac, que são denominados SAC (Seção de Aviação Civil), ou nos postos da Infraero. Na hipótese de terem as companhias aéreas tomado providências de assistência ao consumidor, tais medidas somente servirão para minimizar os danos que efetivamente ocorreram. Como a obrigação de transportar é de resultado, caso sobrevenha dano ao consumidor, a reparação se fará como elemento urgente e necessário, para que se aplique com rigor e efetividade a norma de ordem pública e interesse social que consta no art. 22 do Código de Defesa do Consumidor, que diz: "Os órgãos públicos, por si, ou suas empresas concessionárias, permissionárias ou sob qualquer forma de empreendimento, são obrigados a fornecer serviços adequados, eficientes, seguros e, quanto aos essenciais, contínuos. Parágrafo único. Nos casos de descumprimento, total ou parcial das obrigações referidas neste artigo, serão as pessoas jurídicas compelidas a cumpri-las e a reparar os danos causados, na forma prevista neste código".

MARLI APARECIDA SAMPAIO, 45, é diretora-executiva da Fundação Procon de São Paulo.

## The New York Times

### Saddam Hussein Is Sentenced to Death

By CHW SAMPLE 1:48 PM ET  
An Iraqi tribunal today convicted Saddam Hussein of crimes against humanity and sentenced him to death by hanging for the brutal repression of a Shiite town in the 1980s.

• Interactive Feature  
• Reactor: U.S. Iraq  
• Complete Coverage >

Iran Says It Will Consider Talks

Robert Capri for The New York Times  
**Gomes dos Santos Wins New York Marathon**  
Brazilian Marathon Gomes dos Santos became the first South American to win the men's marathon, while Jelena Prokopcica defended her New York Marathon title.

SPORTS >  
New York City Marathon  
Full coverage of today's race, including multimedia.  
• 12 ALICE: On the Run at Mile 21  
• Route Map | Where to Watch

N.F.L. Week 4  
Live coverage and reader discussion at The Fifth Down blog as the Giants play the Texans at the Meadowlands.

## MARILSON GOMES DOS SANTOS

Demorou um pouco, mas a foto do brasileiro que levou a maratona de NY tomou de Saddam a home do "NYT". É "o primeiro sul-americano" a vencer. O blog "+ corrida", na Folha Online, tinha avisado pouco antes que ele podia "incomodar [o] mais galáctico dos elencos galácticos".

**A SRA. LÚCIA VÂNIA** (PSDB – GO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro do artigo intitulado “Alckmin e as negociações comerciais”, de autoria do ex-embaixador do Brasil nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, Rubens Barbosa, publicado no jornal **O Estado de S. Paulo** de 24 de outubro do corrente.

O autor, em seu artigo, faz uma análise sobre os programas de governo dos candidatos Alckmin e Lula, no que diz respeito à política externa e à estratégia de negociações comerciais multilaterais. Para Rubens Barbosa, “o programa de Geraldo Alckmin apresenta

importantes correções de rumo e marcadas diferenças em relação às políticas do governo Lula”, que se caracterizaram pela politização dos entendimentos.

Sr. Presidente, requeiro que o artigo acima citado passe a integrar esse pronunciamento, a fim de que conste dos Anais do Senado Federal.

### **DOCUMENTO A QUE SE REFERE A SRA. SENADORA LÚCIA VÂNIA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

## **Alckmin e as negociações comerciais**

Rubens Barbosa

A exemplo do que ocorre na política externa, a estratégia de negociações comerciais multilaterais, regionais e bilaterais incluída no programa de governo de Geraldo Alckmin apresenta importantes correções de rumo e marcadas diferenças em relação às políticas do governo Lula.

Desde meados dos anos 1990, o governo brasileiro desenvolve, no setor externo, uma estratégia de negociação comercial que se desdobra simultaneamente em três níveis: multilateral, regional e bilateral. O governo Lula introduziu uma nova ênfase ao privilegiar também negociações com os países que representam mercados não-tradicionais (Sul-Sul), com o objetivo declarado de mudar a geografia comercial do mundo e desviar o eixo do comércio brasileiro dos EUA e da União Européia (UE).

Uma das principais características das negociações comerciais nos últimos quatro anos é a politização dos entendimentos. A concessão do status de economia de mercado à China, a assinatura do acordo de salvaguardas com a Argentina (Mecanismo de Ajuste Competitivo), a assinatura de mais de dez acordos comerciais do Mercosul – irrelevantes do ponto de vista comercial, mas importantes do ângulo da política externa –, a dificuldade para a abertura de questões de defesa comercial no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) em favor de empresas brasileiras, o tratamento dado às negociações hemisféricas, a maneira tibia como foi tratada a expropriação das refinarias da Petrobrás pela Bolívia são alguns exemplos dessa politização.

O programa de governo de Lula ressalta que as relações Sul-Sul, com especial ênfase ao relacionamento com os países da África, deverão ser mantidas.

O balanço das negociações comerciais nos últimos quatro anos é bastante negativo. O percentual das exportações brasileiras para os mercados não-tradicionais da África, do Oriente Médio e dos países do Leste Europeu – apesar de todo o esforço diplomático e de promoção comercial dos últimos quatro anos – permaneceu estagnado ou com avanços pouco significativos no contexto geral do comércio exterior brasileiro.

A principal prioridade do governo é a Rodada Multilateral de Doha, que se encontra em

grandes dificuldades para ser concluída de maneira equilibrada e satisfatória para os interesses do agrobusiness e da indústria nacionais.

Os acordos comerciais firmados pelo Mercosul produziram muito pouco resultado para o Brasil, visto que o surto das exportações brasileiras é resultado basicamente do crescimento da economia mundial, em especial dos EUA e da China, e do aumento recorde dos preços das commodities.

O Mercosul está praticamente paralisado do ponto de vista institucional e a integração da América do Sul enfrenta grandes desafios. O acordo do Mercosul com o Grupo Andino é pouco profundo e gera reduzida ampliação de mercado. Os entendimentos entre o Mercosul e a UE caminham lentamente, não se prevendo a conclusão do acordo de comércio antes da conclusão da Rodada de Doha. As negociações no âmbito da Alca estão suspensas, com poucas possibilidades de serem retomadas por desinteresse do Brasil e sobretudo, agora, dos EUA.

Essas são algumas das considerações gerais que fundamentam a proposta de uma nova estratégia de negociação comercial registrada no programa de governo de Alckmin. As negociações comerciais, segundo se lê, serão dirigidas de forma pragmática, deixando de lado a retórica e a politização, com vista a defender os legítimos interesses das empresas e, portanto, dos trabalhadores brasileiros.

A revisão, em parceria com o setor privado, da estratégia de negociação comercial deverá concentrar-se, em especial, nas seguintes ações:

- Contribuir para o avanço e a conclusão das negociações multilaterais da Rodada de Doha, em bases equilibradas;
- concluir as negociações do acordo bilateral Mercosul-UE;
- promover ampla reflexão sobre o Mercosul e, se for o caso, o reexame do seu funcionamento, com vista a melhor defender o interesse nacional;
- em termos de negociação hemisférica, atuar pela retoma-

da das negociações, reconhecendo a dificuldade de levar adiante a proposta de criação da Alca, nos termos em que está apresentada hoje;

- intensificar as relações com os centros mais dinâmicos da economia global. Restabelecer a prioridade das relações com os países desenvolvidos. Nesse contexto serão buscadas formas de ampliar o relacionamento bilateral com a UE, o Japão e os EUA, resguardando sempre as possíveis convergências e a defesa de nossos interesses, em especial na área econômica e comercial;

- propor o aprofundamento dos acordos bilaterais de comércio com todos os países mem-

### **Serão dirigidas de forma pragmática, deixando retórica e politização de lado**

bro da Aladi;

- explorar mercados não-tradicionais e a ampliação do comércio com os países em desenvolvimento (comércio Sul-Sul), tendo presente que essa estratégia deve ser complementar ao esforço de maior aproximação dos mercados maiores;

- criar iniciativas mais agressivas para melhor aproveitar as oportunidades de exportação para a China e defender de forma mais eficiente os setores industriais brasileiros ameaçados pela competição nem sempre leal das empresas chinesas.

Para apoiar a nova estratégia, o programa prevê o fortalecimento da promoção comercial com a atuação integrada da Apex com empresas e representações diplomáticas no exterior.

No tocante ao processo decisório na área de comércio exterior, para reduzir a burocracia (23 Ministérios e 10 agências, como Banco Central e Receita Federal) e levar adiante a nova estratégia de negociação comercial, o programa de governo de Alckmin se refere à necessidade da consolidação dos cerca de 3.900 atos normativos e do fortalecimento e da desburocratização da Carnex, órgão colegiado responsável pela coordenação governamental das ações no setor externo.■

Rubens Barbosa, consultor, foi embaixador do Brasil nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “FHC acusa governo Lula de usar estatais para fins políticos”, publicada no jornal **O Estado de S. Paulo** de 18 de outubro do corrente.

A matéria reproduz o conteúdo de entrevista concedida à rádio CBN pelo ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, e traz as declarações do ex-presidente sobre diversas questões que permeiam o atual momento eleitoral. Entre essas declarações, des-

tacam-se a de que o PSDB não tem planos de privatizar instituições como o Banco do Brasil e a Petrobras e a acusação de que o governo Lula usa politicamente e para fins ilícitos essas empresas.

Sr. Presidente para que conste dos Anais do Senado, requeiro que a matéria acima citada seja considerada como parte integrante deste pronunciamento.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR PAPALÉO PAES EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

## Eleições 2006

# FHC acusa governo Lula de usar estatais para fins políticos

Ex-presidente diz que Petrobrás e BB devem ser empresas públicas e nega que PSDB tenha planos de privatizar

Ricardo Brandt

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso acusou o governo Lula de usar politicamente e para fins ilícitos as empresas estatais, como a Petrobrás e o Banco do Brasil, em entrevista que deu ontem à Rádio CBN. “A Petrobrás tem de ser uma empresa pública. Não como está sendo usada, para fins políticos. Vai ver para quem elas (Petrobrás) dão publicidade. O Banco do Brasil deve ser uma empresa pública. Não para o valerioduto”, atacou o ex-presidente.

Ele negou qualquer plano tucano de privatização da Petrobrás. “Ninguém vai privatizar a Petrobrás. Eu disse isso quando foi feita a lei (quebrando o monopólio estatal no País). Eu mandei uma carta ao Senado. Eu não, sou contrário à privatização da Petrobrás”, explicou.

A afirmação do ex-presidente, no entanto, foi interpretada como uma posição favorável à venda da Petrobrás e acabou sendo corrigida por ele mesmo, por meio de nota, horas depois.

### DINHEIRO DAS PRIVATIZAÇÕES

Um presidente da República que ainda pergunta isso, não pode ser presidente. Porque está na mão dele para onde foi o dinheiro. Ele sabe onde foi. Foi para diminuir as dívidas do Brasil, só isso. Está lá, ele sabe que todo o dinheiro foi para o

Tesouro. Todo mundo pode perguntar, mas ele não, porque ele é o dono do Tesouro. Sabe onde foi, está escrito. E, se não foi, deveria ter processado todo mundo.

### PRECONCEITO TUCANO

(Lula) está fazendo uma demagogia que o presidente não devia ser permitir. Ele é presidente, tem carreira política e devia ter responsabilidade moral para não dizer uma verdade dessa. Isso é acirrar uma visão equivocada e marcar o preconceito. É o mesmo que faziam com ele no passado e eu não deixava. Quando diziam “quem não tem curso superior não pode gover-

nar o Brasil”, eu fui o primeiro a dizer “isso não é verdade”. O mesmo preconceito, agora, ele faz ao contrário jogando contra os tucanos. É lamentável.

### PSDB DOS RICOS

A votação até agora de Lula foi mais forte nas regiões do País onde o Estado é mais necessário. Onde o Estado é menos necessário, a mais forte foi do PSDB e de outros partidos. Então ricos e pobres votaram no PSDB, como ricos e pobres votaram no Lula. A oligarquia brasileira no Norte e no Nordeste votou no Lula. Isso é pobre? Essa análise é superficial. Rico no Brasil é muito pouco. Partido

### A NOTA DE FHC

● Um cacete de linguagem, de minha parte, e uma transcrição imprecisa da entrevista que dei à Rádio CBN deram origem a um mal-entendido sobre minha posição quanto ao controle da Petrobrás e do Banco do Brasil. Minha posição é clara: estas empresas devem ser públicas. Ao contrário do que vem ocorrendo no governo atual, que as utiliza para fins privados, no interesse de grupos e partidos políticos. Perguntado sobre a onda de desinformação e terrorismo eleitoral em torno do assunto das privatizações, declarei textualmente: “isto é demagogia. Ninguém

vai privatizar a Petrobrás. Eu disse isso quando foi feita a lei (que flexibilizou o monopólio estatal no setor). Eu mandei uma carta ao Senado. Eu não (e aqui caberia a vírgula ou o ponto e vírgula que ficou faltando para dar sentido à frase), sou contrário à privatização da Petrobrás. Ela deve ser outra coisa: uma empresa pública. E não ser utilizada para fins políticos.” Sobre o sentido de minha declaração, não cabe dúvida. Dúvida, aí sim, pesa sobre honestidade, inclusive intelectual, daqueles que fazem do vale-tudo um método de luta política. ●

que vai representar rico não existe, desaparece. Partido tem de representar não só uma classe, mas sim o que fazer com o futuro de todas as classes.

### DOSSIÊ

São pessoas muito próximas do presidente. Tem de explicar de onde vem o dinheiro, quem deu a ordem. Para mim não é só uma questão eleitoral, é muito mais grave do que isso. O presidente não pode só dizer: “São uns meninos aloprados”. Mas; sessão aloprados, qual a punição para eles e quem deu a ordem. São todos homens dele (Lula). Por que ele não chama todos e pergunta quem mandou fazer

isso e de onde é que vem esse dinheiro? Enquanto isso não for esclarecido, (o assunto) não se esgotou. Pode não dar voto, mas não é sobre esse eleitoralismo que estou me referindo, é de algo muito mais sério.

### OPERAÇÃO ABAFA

Não estou acompanhando isso de perto e não quero ser levado. Eu acho que a polícia que tem demonstrado tanta eficiência e tanta rapidez devia mostrar que não existe (operação abafa), dando nomes aos bois. Não é possível que a esta altura, um mês depois, não se tenha descoberto qual é o caminho do dinheiro. Mas o ónus da prova

não é de quem está dizendo que existe a manipulação, mas sim de quem pode dizer que não houve e quem é o responsável.

### SÍMBOLO ASSASSINADO

Eu o vi de perto como um líder renovado, que mudou as práticas sindicais, que fez greve durante o autoritarismo, que inovou o modo de fazer protesto, que nasceu contra tudo que havia de podre no sindicalismo. E depois se transforma num político como outro qualquer. É uma perda histórica. O presidente Lula está assassinando o símbolo que ele representa pela sua incapacidade de entender seu momento de grandeza na história, que não era só de ganhar a eleição. Você pode ganhar a eleição de mil maneiras, mas ganhar a eleição se igualando ao que havia de mais atrasado na política brasileira... Eu não acho que esse é o caminho para alguém que tinha outras possibilidades, porque ele tem.

### PT EMPRESA

Tinhamos um partido organizado à moda antiga, que era o PT. Mas o PT virou quase uma empresa, se organizou, se burocratizou, contratou gente e deu no que deu. Precisava de dinheiro, acabaram arrumando de maneira escusa, através do lixo, do transporte coletivo e chegaram no governo federal. ●

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “Preso por negociar dossiê diz que dinheiro veio do PT”, publicada pelo jornal **Folha de S.Paulo** em sua edição de 17 de setembro do corrente.

A matéria destaca que o PT e uma revista pagariam por supostas evidências contra Serra, segundo o advogado Gedimar Pereira Passos, preso com R\$ 1,7 milhão de reais em quarto de hotel em São Paulo.

Sr. Presidente, requiro que a matéria acima citada seja considerada parte integrante deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ALVARO DIAS EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

# Preso por negociar dossiê diz que dinheiro veio do PT

Partido e revista pagariam por supostas evidências contra Serra, afirma advogado

**Gedimar Pereira Passos não revelou à Polícia Federal nome de petista de quem teria recebido parte dos recursos com que foi detido**

**HUDSON CORRÊA**  
DA AGENCIA FOLHA, EM CUIABÁ (MT)

O advogado Gedimar Pereira Passos — que foi preso antontem em São Paulo, onde receberia um dossiê contra o candidato a governador pelo PSDB, José Serra — disse à Polícia Federal que recebeu de um representante da Executiva do PT de São Paulo, cujo nome ele disse não saber, o dinheiro para comprar o material.

Outra parte do dinheiro veio, segundo Passos, de uma revista cujo nome ele não soube dizer, e que pagaria pela exclusividade de uma reportagem.

O dossiê — uma fita de vídeo, um DVD e seis fotos — foi enviado pelo empresário Luiz Antonio Trevisan Vedoin, apontado como chefe da máfia dos sanguessugas. Por conta do negócio, Vedoin foi preso antontem. A Justiça Federal determinou a prisão alegando que Vedoin ocultava provas e chantageava pessoas envolvidas com a máfia dos sanguessugas.

O material mostra Serra em maio de 2001, então ministro da Saúde, participando da entrega de 41 ambulâncias em Cuiabá (MT). Esses veículos, pagos com verbas federais, foram vendidos a municípios pela máfia dos sanguessugas.

Há ainda uma foto, sem data, em que o candidato a presidente pelo PSDB, Geraldo Alckmin, aparece cumprimentando uma pessoa identificada pela PF como Sinomar Martins Camargo, representante da empresa Santa Maria, que pertenc-

cia aos sanguessugas e fornecia ambulâncias. Serra e Alckmin negam envolvimento com os sanguessugas e falam de armação eleitoral.

Com Passos, foram apreendidos, segundo a PF, US\$ 139 mil e R\$ 410 mil em dinheiro. O empresário Valdebran Padilha da Silva, filiado ao PT de Mato Grosso, também foi preso. Ele, que era o outro comprador, estava com US\$ 109 mil e mais R\$ 758 mil.

Ontem a PF prendeu Paulo Roberto Trevisan, tio de Vedoin, após a Justiça decretar sua prisão. Antontem, a PF havia dito que ele era primo de Vedoin. Trevisan, encarregado de levar o dossiê a São Paulo, foi detido quando embarcaria de Cuiabá para a capital paulista, na quinta-feira à noite, e liberado depois. No aeroporto de Congonhas (SP), seria recebido por Valdebran e Passos. O dinheiro estava em um hotel.

No depoimento à PF, Passos disse que recebeu no hotel parte do dinheiro do suposto representante do PT de São Paulo. Inicialmente, segundo Passos, Vedoin teria pedido R\$ 20 milhões pelo dossiê. O preço foi então reduzido a R\$ 2 milhões. A função de Passos, agente apontado da PF, seria analisar o material. Além de fotos, DVD e vídeo, Trevisan levava numa pasta azul uma lista com nomes de 12 prefeituras. Ao lado de cada uma foram listados valores de R\$ 66 mil a R\$ 64 mil.

Preso com Passos, Valdebran, segundo o Diretório do PT de Cuiabá, chegou a ser indicado para um cargo de diretor da Eletronorte no início do governo Lula. Mas uma ala do PT impediu a nomeação enviando um dossiê contra ele sobre superfaturamento em prefeituras de Mato Grosso.



## Depoimento não cita vínculo com PT, diz Berzoini

DA REPORTAGEM LOCAL

O presidente nacional do PT, Ricardo Berzoini, informou ontem, por meio de sua assessoria, que o ex-agente da PF Gedimar Pereira Passos, preso antontem intermediando a compra de documentos contra candidatos tucanos, não declarou à Polícia Federal que parte do dinheiro teria saído da Executiva do PT em São Paulo.

Segundo Berzoini, não existe no depoimento prestado pelo ex-agente nenhuma vinculação entre o montante apreendido pela política e o caixa do Partido dos Trabalhadores.

Apesar da afirmação, a assessoria de Berzoini não confirmou se o petista teve acesso ao depoimento de Passos na Polícia Federal.

A reportagem também procurou o presidente do PT em São Paulo, Paulo Frateschi. A assessoria dele, no entanto, informou que estava sem contato com o petista.

Segundo a assessoria do PT, Berzoini divulgaria uma nota oficial em defesa do partido no final da tarde de ontem — após o fechamento desta edição. (L.C.)

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para registrar a matéria intitulada “O fracasso da operação abafa”, publicada pela revista **Veja** e sua publicação de 25 de outubro de 2006.

Segundo a matéria, além de Freud Carvalho, ex-assessor e ex-segurança do presidente Lula, envolvido no escândalo da compra de um falso dossiê contra candidatos tucanos, passam a ser suspeitos também

o ex-chefe da Casa Civil, José Dirceu, e Gilberto Carvalho, Chefe de Gabinete do Presidente Lula.

Sr. Presidente, solicito que a matéria acima citada seja considerada parte deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR FLEXA RIBEIRO EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

# O FRACASSO DA OPERAÇÃO ABAFA

Além de Freud Godoy, Gilberto Carvalho e José Dirceu passam a ser suspeitos no caso do dossiê

Marcio Aith

**E**m reportagem publicada na semana passada, VEJA revelou uma operação abafa deflagrada pelo governo para apagar a participação de Freud Godoy, ex-assessor e ex-segurança do presidente Lula, no escândalo da compra do dossiê. Ele foi acusado pelo petista Gedimar Passos, flagrado com parte do 1,7 milhão de reais, de ser o mandante da operação. A revista informou que o ministro Márcio Thomaz Bastos se reuniu com Freud Godoy logo depois do estouro do escândalo e lhe indicou um advogado. Ele vai precisar de um bom profissional para defendê-lo: seu sigilo bancário foi finalmente quebrado. Tentar desvincular a compra do dossiê das ações do comitê de reeleição de Lula é o ponto fulcral da estratégia jurídica do governo. As razões são óbvias. Pela lei eleitoral, se reeleito, Lula pode perder o mandato caso um fato dessa gravidade seja vinculado a sua campanha. O próprio presidente reconheceu isso na semana passada, usando de extraordinária sinceridade. “Se se cometeu um crime eleitoral, eu e qualquer outro cidadão comum deste país temos que pagar pelo crime que cometemos”, afirmou numa entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*.

Pelo que se sabia até a sexta-feira passada, vai ser uma maratona jurídica e política afastar o dossiêgate de Lula e seus mais íntimos colaboradores. Além de Freud Godoy ter sido arrastado outra vez para o centro da confusão pela

reportagem de VEJA, o cruzamento dos extratos telefônicos dos envolvidos no dossiêgate, divulgado pela Polícia Federal, trouxe as chamadas da apuração para a ante-sala de Lula. Seu chefe-de-gabinete, Gilberto Carvalho, telefonou duas vezes para Jorge Lorenzetti no dia 15 de setembro. Nesse dia, foram feitas as prisões dos negociadores do dossiê, Valdebran Padilha e Gedimar Passos, no hotel Ibis, em São Paulo. Na noite da última sexta-feira, Gilberto Carvalho admitiu os telefonemas, mas disse que ligou apenas em busca de informações sobre o que estava acontecendo. O primeiro telefonema de Carvalho aconteceu pouco depois das 10 da manhã. O segundo, depois das 18 horas. Ou seja, as duas ligações para Lorenzetti ocorreram horas após a prisão de Valdebran e Gedimar.

Em entrevista a VEJA, Carvalho disse que conversou com o presidente sobre o tema naquele dia. Afirmou que, por volta das 13 horas, informou Lula sobre as prisões. Teria dito: “Presidente, duas pessoas ligadas ao PT foram presas em São Paulo com dinheiro para comprar um dossiê”. Lula teria ficado assustado, segundo Carvalho, e exclamado: “Quem iria fazer uma loucura dessas neste momento da campanha?”. Pelo jeito, mais uma versão para livrar o presidente está sendo forjada. Não será tão fácil. Como explicar que Carvalho sabia do envolvimento de Lorenzetti

com a compra do dossiê — tanto que telefonou para ele em busca de informações — cinco dias antes de o nome do churrasqueiro ter vindo a público como um dos participantes da trama? Mais: por que Carvalho só admitiu os telefonemas mais de um mês depois do estouro do esquema, e somente diante da iminência de ter seu nome revelado pela PF? Outro flagrado nos extratos telefônicos divulgados pela PF foi o ex-

coordenador do comitê de reeleição de Lula, Ricardo Berzoini. No mesmo cruzamento de extratos, descobriu-se que o ex-ministro José Dirceu também conversou com Jorge Lorenzetti, mas não foi revelada a data dos telefonemas. Na sexta-feira passada, sem fazer menção à data dos telefonemas, Dirceu confirmou as conversas, mas negou que tenham tido qualquer relação com o dossiê. Típico do amigo do homônimo de Bob Marques. ■

**Freud Godoy (ao lado) e o presidente licenciado do PT, Ricardo Berzoini. O primeiro voltou ao rol de suspeitos no episódio do dossiê; o segundo está cada vez mais enrolado. Outra novidade no caso é o envolvimento de Gilberto Carvalho, chefe-de-gabinete do presidente Lula**



**O SR. LEONEL PAVAN** (PSDB – SC. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores: Ocupo a Tribuna neste momento para fazer o registro da matéria intitulada “Em livro, Jefferson envolve Lula e Dirceu com dinheiro de Furnas”, publicada no jornal **Folha de S. Paulo** em sua edição de 23 de setembro do corrente.

A matéria destaca que no livro “Nervos de Aço”, lançado recentemente, o ex-deputado federal Roberto Jefferson conta que contou ao Presidente Lula que o PT e o PTB tinham acertado partilhar R\$3 milhões arre-

cadados de empresas prestadoras de serviço à estatal Furnas Centrais Elétricas e que o acordo foi confirmado pelo então Ministro da Casa Civil, José Dirceu.

Sr. Presidente, solicito que a matéria acima citada passe a integrar este pronunciamento e, assim, conste dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR LEONEL PAVAN EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

## Em livro, Jefferson envolve Lula e Dirceu com dinheiro de Furnas

**SERGIO TORRES**  
DA SUCURSAL DO RIO

Em “Nervos de Aço”, livro que acaba de lançar, o ex-deputado federal Roberto Jefferson diz que contou ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva que o PT e o PTB tinham acertado partilhar R\$ 3 milhões arrecadados de empresas prestadoras de serviço à estatal Furnas Centrais Elétricas.

Hoje se dizendo eleitor de Heloisa Helena (PSOL), Jefferson diz que o acordo fora firmado com o então ministro da Casa Civil, José Dirceu. Diante da surpresa que diz ter causado, Lula desconhecia o acordo, suspeita Jefferson, à época deputado federal pelo PTB.

O diálogo com o presidente, na presença de Dirceu e do ministro do Turismo, Walfrido dos Mares Guias (PTB), é a

principal novidade das 375 páginas de “Nervos de Aço” (editora Topbooks; R\$ 39,90).

Jefferson conta que aquele foi seu último encontro oficial com o presidente. Era a manhã de 26 de abril de 2005. No Palácio do Planalto, Lula quis saber a razão de o então diretor de Engenharia e Planejamento de Furnas, Dimas Toledo, não ter ainda sido substituído por um indicado pelo PTB, como acertado anteriormente.

“Roberto, por que está demonstrando tanto? Por que vocês não trocaram ainda, rapaz? Eu não quero manter esse cara lá. Por que ainda não saiu a nomeação do PTB? Vamos nomear o [Francisco] Spirandel?”, teria dito Lula a Jefferson, que escreve ter sugerido ao presidente que Toledo fosse mantido.

“Lula não gostou: ‘Pô, como é que é? Mas por quê? Vocês já

estão fazendo acordo?’ ‘Já.’ ‘Que acordo é esse?’, ele quis saber. ‘Qual foi o acordo que vocês fizeram, porra?’”

Jefferson explicou o que era o acordo. Segundo ele, Dirceu defendia internamente a permanência de Dimas Toledo, que caíra em desgraça com Lula por transferir mais de R\$ 1 milhão ao governo de Minas Gerais, de Aécio Neves, do PSDB.

Para não trocar Dimas por um petebista, Dirceu teria proposto a ele “um acerto direto entre o PT e o PTB”, pelo qual os partidos dividiriam “a arrecadação mensal” de Furnas, “por meio de Dimas Toledo”. O dinheiro seria arrecadado “entre empresas interessadas em contratos com Furnas”.

Segundo Jefferson, Lula se irritou com a explicação e não a aceitou. “Aquele senhor está traindo o governo, está fazendo

o jogo do governador de Minas Gerais, e eu não quero a permanência dele. Não quero esse cara lá. Se você não tirar eu tiro e ofereço a outro partido. Tem que tirar!”, teria dito o presidente, mandando, a seguir, Dirceu nomear Spirandel.

O Palácio do Planalto foi informado do conteúdo do livro, mas não havia se manifestado até a conclusão desta edição. Dirceu não quis falar sobre o livro, informou sua assessoria.

No livro, Jefferson não esclarece o destino dos R\$ 4 milhões que o PT teria doado ao PTB em 2004. O PT sempre negou ter dado a verba ao partido, do qual, até hoje, é aliado. “Politicamente, recebi, tecnicamente, não. Não há dinheiro, logo não há cadáver, logo não há crime.”

O livro foi escrito a partir de relatos ao jornalista e escritor Luciano Trigo.

**O SR. JUVÊNIO DA FONSECA** (PSDB – MS. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para comentar a matéria intitulada “Impeachment pode voltar a ser analisado, diz Busato”, publicada no jornal **O Estado de S. Paulo** do dia 28 de setembro do corrente.

A matéria destaca que o presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Roberto Busato, disse que a entidade poderá analisar no próxi-

mo ano uma proposta de *impeachment* do Presidente Lula da Silva.

Sr. Presidente, requeiro que a referida matéria passe a integrar esse pronunciamento, a fim de que conste dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR JUVÊNIO DA FONSECA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

## Impeachment pode voltar a ser analisado, diz Busato

**Mariângela Gallucci**  
BRASÍLIA

O presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Roberto Busato, disse ontem que seria prudente se houvesse um segundo turno na disputa pelo Palácio do Planalto. De acordo com Busato, até lá poderiam ser esclarecidas as circunstâncias do dossiê Vedoin. O presidente da OAB afirmou ainda que a entidade poderá analisar novamente no próximo ano uma proposta de impeachment do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

“Um segundo turno seria bastante prudente para toda a sociedade. Primeiro, porque traria tempo para se esclarecer toda essa situação. Segundo, porque obrigaria uma tomada de compromissos com todos os segmentos políticos brasileiros por parte dos dois candidatos que tivessem a melhor condição no primeiro turno”, afirmou o presidente da OAB.

Sobre o pedido de impeachment de Lula, Busato afirmou que ele poderá ser reexaminado pela OAB no próximo ano. “Se houver clima para tanto, em face de algumas evidências que possam ser encontradas ou um grande debate dentro da instituição, isso (o pedido de impeachment) pode voltar à tona”, disse Busato.

Em maio deste ano, a entidade decidiu não pedir o impeachment do presidente Lula.

### “USO ILEGAL”

Busato classificou como difícil a situação vivida pelo presidente. “É uma situação difícil, em que o próprio presidente se vê envolvido por atos de pessoas a ele ligadas, ligadas ao Palácio do Planalto. Esse é um quadro que, realmente, não se esperava para o final da campanha para o primeiro turno.”

Para o presidente da OAB, está claro que, independentemente de sua origem, o dinheiro do dossiê Vedoin foi usado de forma indevida.

“Atrás desse dinheiro, venha de onde vier, qual seja a sua origem, se for moeda estrangeira ou nacional, evidentemente que teve um uso ilegítimo, ilegal. Portanto, a origem, a forma como foi conseguida fica superada pelo objeto ilícito para o qual estava sendo usado”, disse Busato. ●

**O SR. ALMEIDA LIMA** (PMDB – SE. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, venho à tribuna neste momento para registrar o artigo intitulado “Hora da decisão”, de autoria do deputado federal eleito pelo PDT-SP, Paulo Pereira da Silva, publicado no jornal **Folha de S.Paulo** em sua edição de 25 de outubro do corrente.

Segundo o autor, “a decisão que temos de tomar agora é a de apoiar o candidato Alckmin no segundo turno, para alijarmos do poder este grupo que aparelhou o Estado e desmoralizou a política e o sindicalismo”.

Ainda segundo o autor, “é hora agora de nos aliarmos contra esse grupo tão despreparado e sem

ética que, para nosso espanto, pode levar nosso país para o mais absoluto e terrível caos”.

Sr. Presidente, requeiro que o artigo acima citado seja considerado como parte integrante deste pronunciamento, para que passe a constar dos Anais do Senado Federal.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR ALMEIDA LIMA EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

## Hora de decisão

PAULO PEREIRA DA SILVA

**H**A MOMENTOS na história em que decisões dramáticas precisam ser tomadas sem hesitação, sob pena de comprometermos nosso destino. E a decisão que temos de tomar agora é a de apoiar o candidato Alckmin no segundo turno, para alijarmos do poder este grupo que aparelhou o Estado e desmoralizou a política e o sindicalismo.

O Brasil, um país provido de todas as qualidades para crescer e fazer parte do grupo dos desenvolvidos, está há duas décadas estagnado, enquanto outros crescem —casos de Irlanda, Espanha e Coreia do Sul, para não falar de Índia e China.

Foi para mudar esse estado de coisas que, em 2002, apoiamos Lula no segundo turno. Ele prometia mudar a política econômica conservadora do governo tucano, sem traumas para o país, conforme escreveu na tal “Carta aos Brasileiros”. Era mentira.

Lula, num gesto antidemocrático e pernicioso, aparelhou o Estado com sindicalistas da CUT e militantes ineptos do PT. Com exceção de alguns ministros de qualidade (Furlan, Roberto Rodrigues, Mares Guia), nomeou incompetentes, que, por sua vez nomearam técnicos incapazes para fazer funcionar a máquina pública.

Pior: viciado pelos anos de experiência sindical nefasta, Lula não consegue enxergar seus erros, entre eles o de não aceitar a alternância no poder. Por isso, para não entregar a outros o destino do país, chefiou uma quadrilha de políticos e sindicalistas criminosos ou, no mínimo, fechou os olhos para o que fizeram e estão fazendo ainda. Aos fatos:

Lula prometeu mudar o país, com responsabilidade. Beneficiou-se —ao contrário do governo anterior— de situação internacional favorável, mas,

em vez de cumprir o prometido, fez aliança com os rentistas —20 mil famílias ricas que aplicam na ciranda financeira— e agradou aos pobres do Nordeste com a esmola do Bolsa Família. Para esses poucos rentistas, está pagando neste ano mais de R\$ 100 bilhões. Para os milhões de pobres que continuam pobres —por isso continuam recebendo o Bolsa Família—, vai gastar menos de R\$ 10 bilhões.

Para se garantir no poder, que é o que importa para ele e seu grupo, Lula praticou, permitiu que praticassem, fez de conta que não viu ou não viu —o que dá no mesmo— uma política de distribuição de dinheiro de caixa dois para políticos aliados.

### **Temos de apoiar Alckmin para alijarmos do poder esse grupo que aparelhou o Estado e desmoralizou a política e o sindicalismo**

Revivendo uma prática comum no mau sindicalismo, permitiu que comprassem —com o mesmo dinheiro sujo— dossiês contra seus adversários. Ou fez que não viu o que fizeram, o que, repito, dá no mesmo. O chefe que não vê o que seus subordinados fazem em seu nome não pode fugir de suas responsabilidades.

Em qualquer país civilizado, o presidente Lula já estaria responsabilizado por seus atos ou omissões. Por muito menos do que se divulgou, Nixon até se reelegeu, mas teve que renunciar, porque seria legalmente deposto. Precisamos evitar que o mesmo aconteça aqui.

Entendo que Lula e Alckmin têm a mesma proposta para o país, mas, convenhamos, o segundo turno nos permite negociar com Alckmin uma

mudança em seu programa de governo. É assim que funciona. Com Lula, não podemos nem devemos negociar nada, pois já sabemos que ele não cumpre e, pior, mente.

Alckmin já nos garantiu que pode incluir em seu programa um esforço, dentro da política fiscal responsável, para baixar os juros. Com juros mais baixos, o setor produtivo investirá e fará o país crescer, com emprego e melhores salários —assim se distribui renda nas democracias.

O candidato tucano já nos disse também que aceita dar prioridade para a educação básica e o desenvolvimento tecnológico. Que não pretende tirar direitos dos trabalhadores. E que pretende levar adiante as reformas tributária e política, tão necessárias para moralizar o Congresso.

Muitos líderes e militantes da CUT se corromperam no governo. Poucos se salvaram. Vicentinho, ex-presidente da entidade, um dos poucos que se preservaram da lama, se reelegeu deputado, mas com apenas 97.477 votos. Eu me elegi com 287.443 votos —um recado dos eleitores para quem não se envolveu com a lama.

Isso significa que parte dos trabalhadores ainda acredita nos sindicalistas, o que nos dá esperança para continuar.

Não nos resta outro caminho, portanto, a não ser o de nos aliarmos —criticamente, que seja— ao candidato Geraldo Alckmin. Se Cristovam Buarque, que, em nossa opinião, tinha a melhor proposta, não teve votos suficientes, é hora agora de nos aliarmos contra esse grupo tão despreparado e sem ética que, para nosso espanto, pode levar nosso país para o mais absoluto e terrível caos.

PAULO PEREIRA DA SILVA, 50, deputado federal eleito pelo PDT-SP, é presidente nacional da Força Sindical.

**O SR. PRESIDENTE** (Delcídio Amaral. Bloco/PT – MS) – Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos da 186ª Sessão do Senado Federal, marcando para amanhã sessão não-deliberativa, que começará às 9 horas da manhã.

Boa-noite a todos e até amanhã!

**O SR. PRESIDENTE** (Delcídio Amaral. Bloco/PT – MS) – Está encerrada a sessão.

*(Levanta-se a sessão às 17 horas e 58 minutos.)*

**(OS:15921/2006)**

## COMPOSIÇÃO DO SENADO FEDERAL NA 52ª LEGISLATURA

**Bahia**  
PFL – Rodolpho Tourinho\*<sup>S</sup>  
PFL – Antonio Carlos Magalhães \*\*  
PFL – César Borges\*\*

**Rio de Janeiro**  
BLOCO-PT – Roberto Saturnino\*  
PRB – Marcelo Crivella\*\*  
PMDB – Sérgio Cabral\*\*

**Maranhão**  
PMDB – João Alberto Souza \*  
PFL – Edison Lobão\*\*  
PFL – Roseana Sarney\*\*

**Pará**  
PMDB – Luiz Otávio\*  
BLOCO-PT – Ana Júlia Carepa\*\*  
PSDB – Flexa Ribeiro\*\*<sup>S</sup>

**Pernambuco**  
PFL – José Jorge\*  
PFL – Marco Maciel\*\*  
PSDB – Sérgio Guerra\*\*

**São Paulo**  
BLOCO-PT – Eduardo Suplicy\*  
BLOCO-PT – Aloizio Mercadante\*\*  
PFL – Romeu Tuma\*\*

**Minas Gerais**  
BLOCO-PL – Aelton Freitas\*<sup>S</sup>  
PSDB – Eduardo Azeredo\*\*  
PMDB – Wellington Salgado de Oliveira\*\*<sup>S</sup>

**Goiás**  
PMDB – Maguito Vilela\*  
PFL – Demóstenes Torres \*\*  
PSDB – Lúcia Vânia\*\*

**Mato Grosso**  
PSDB – Antero Paes de Barros \*  
PFL – Jonas Pinheiro \*\*  
BLOCO-PT – Serys Shlessarenko\*\*

**Rio Grande do Sul**  
PMDB – Pedro Simon\*  
BLOCO-PT – Paulo Paim\*\*  
PTB – Sérgio Zambiasi\*\*

**Ceará**  
PSDB – Luiz Pontes\*  
BLOCO-PSB – Patrícia Saboya Gomes\*\*  
PSDB – Tasso Jereissati\*\*

**Paraíba**  
PMDB – Ney Suassuna \*  
PFL – Efraim Morais\*\*  
PRB – Roberto Cavalcanti \*\*<sup>S</sup>

**Espírito Santo**  
PSDB – João Batista Motta\*<sup>S</sup>  
PSDB – Marcos Guerra\*\*<sup>S</sup>  
BLOCO-PL – Magno Malta\*\*

**Piauí**  
PMDB – Alberto Silva\*  
PFL – Heráclito Fortes\*\*  
PMDB – Mão Santa \*\*

**Rio Grande do Norte**  
PTB – Fernando Bezerra\*  
PMDB – Garibaldi Alves Filho\*\*  
PFL – José Agripino\*\*

**Santa Catarina**  
PFL – Jorge Bornhausen \*  
BLOCO-PT – Ideli Salvatti\*\*  
PSDB – Leonel Pavan \*\*

**Alagoas**  
P-SOL – Heloísa Helena\*  
PMDB – Renan Calheiros\*\*  
PSDB – Teotonio Vilela Filho\*\*

**Sergipe**  
PFL – Maria do Carmo Alves \*  
PMDB – Almeida Lima\*\*  
BLOCO-PSB – Antônio Carlos Valadares\*\*

**Amazonas**  
PMDB – Gilberto Mestrinho\*  
PSDB – Arthur Virgílio\*\*  
PDT – Jefferson Péres\*\*

**Paraná**  
PSDB – Alvaro Dias \*  
BLOCO-PT – Flávio Arns\*\*  
PDT – Osmar Dias\*\*

**Acre**  
BLOCO-PT – Tião Viana\*  
PMDB – Geraldo Mesquita Júnior\*\*  
BLOCO-PT – Sibá Machado\*\*<sup>S</sup>

**Mato Grosso do Sul**  
PSDB – Juvêncio da Fonseca\*  
PT – Delcídio Amaral \*\*  
PMDB – Ramez Tebet\*\*

**Distrito Federal**  
PTB – Valmir Amaral\*<sup>S</sup>  
PDT – Cristovam Buarque \*\*  
PFL – Paulo Octávio \*\*

**Tocantins**  
PSDB – Eduardo Siqueira Campos\*  
BLOCO-PL – João Ribeiro \*\*  
PC do B – Leomar Quintanilha\*\*

**Amapá**  
PMDB – José Sarney \*  
PMDB – Geovani Borges\*\*<sup>S</sup>  
PSDB – Papaléo Paes\*\*

**Rondônia**  
PMDB – Amir Lando\*  
BLOCO-PT – Fátima Cleide\*\*  
PMDB – Valdir Raupp\*\*

**Roraima**  
PTB – Mozarildo Cavalcanti\*  
PDT – Augusto Botelho\*\*  
PMDB – Romero Jucá\*\*

### Mandatos

\*: Período 1999/2007 \*\*: Período 2003/2011

## **COMISSÕES TEMPORÁRIAS**

- 1) **Comissão Externa, composta de oito Senhores Senadores e Senhoras Senadoras, com a finalidade de acompanhar as investigações sobre o assassinato da missionária norte-americana naturalizada brasileira Dorothy Stang, que vêm sendo desenvolvidas pela Polícia Federal e pela Polícia Militar do Estado do Pará.**

**(Ato do Presidente nº 8, de 2005)**

**Presidente: Senadora Ana Júlia Carepa – PT/ PA**

**Vice-Presidente: Senador Flexa Ribeiro – PSDB/PA**

**Relator: Demóstenes Torres – PFL/GO**

|                                   |
|-----------------------------------|
| <b>Ana Júlia Carepa – PT/ PA</b>  |
| <b>Eduardo Suplicy – PT/SP</b>    |
| <b>Fátima Cleide – PT/RO</b>      |
| <b>Flexa Ribeiro – PSDB/PA</b>    |
| <b>Luiz Otávio – PMDB/PA</b>      |
| <b>Demóstenes Torres – PFL/GO</b> |
| <b>Serys Shessarenko – PT/MT</b>  |
| <b>Sibá Machado – PT/AC</b>       |

**Prazo Final: 18.3.2005**

**Designação: 16.2.2005**

## COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES

### 1) COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS - CAE (27 titulares e 27 suplentes)

Presidente: Senador Luiz Otávio – PMDB  
Vice-Presidente: Senador Romeu Tuma - PFL

| TITULARES  | SUPLENTES                         |
|--|-----------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                                   |
| César Borges – PFL   | 1. José Agripino – PFL            |
| Edison Lobão – PFL   | 2. Antonio Carlos Magalhães – PFL |
| Jonas Pinheiro – PFL   | 3. Heráclito Fortes – PFL         |
| Jorge Bornhausen – PFL   | 4. Demóstenes Torres – PFL        |
| Rodolpho Tourinho – PFL  | 5. José Jorge – PFL               |
| Romeu Tuma – PFL   | 6. Roseana Sarney – PFL           |
| <b>PMDB</b>  |                                   |
| Arthur Virgílio – PSDB   | 7. João Batista Motta – PSDB      |
| Eduardo Azeredo – PSDB   | 8. Alvaro Dias – PSDB             |
| Lúcia Vânia – PSDB   | 9. Leonel Pavan – PSDB            |
| Sérgio Guerra – PSDB   | 10. Flexa Ribeiro – PSDB          |
| Tasso Jereissati – PSDB  | 11. Teotonio Vilela Filho – PSDB  |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                                   |
| Ramez Tebet  | 1. Ney Suassuna                   |
| Luiz Otávio  | 2. Romero Jucá                    |
| Garibaldi Alves Filho  | 3. Wellington Salgado de Oliveira |
| Mão Santa  | 4. Pedro Simon                    |
| Sérgio Cabral  | 5. Maguito Vilela                 |
| Gilberto Mestrinho   | 6. Gerson Camata                  |
| Valdir Raupp   | 7. Almeida Lima                   |
| José Maranhão  | 8. Gilvam Borges                  |
| <b>PDT</b>   |                                   |
| Aloizio Mercadante – PT  | 1. Ideli Salvatti – PT            |
| Ana Júlia Carepa – PT  | 2. Aelton Freitas – PL            |
| Delcídio Amaral – PT   | 3. Antônio Carlos Valadares – PSB |
| Eduardo Suplicy – PT   | 4. Roberto Saturnino – PT         |
| Fernando Bezerra – PTB   | 5. Flávio Arns – PT               |
| João Ribeiro - PL  | 6. Sibá Machado – PT              |
| Patrícia Saboya Gomes – PSB <sup>(2)</sup>                     | 7. Serys Shhessarenko – PT        |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> A Senadora Patrícia Saboya Gomes comunicou que passou a integrar a bancada do PSB a partir de 29.9.2005.

Secretário: Luiz Gonzaga Silva Filho  
Reuniões: Terças – Feiras às 10:00 horas – Plenário nº 19 – Ala Alexandre Costa.  
Telefones: 3311-4605 e 3311-3516 Fax: 3311-4344  
E – Mail: [sscomcae@senado.gov.br](mailto:sscomcae@senado.gov.br)

**1.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE ASSUNTOS MUNICIPAIS  
(9 titulares e 9 suplentes)**

**Presidente: Senador Garibaldi Alves Filho - PMDB**

**Vice-Presidente: Senador Heráclito Fortes - PFL**

**Relator:**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                       |
|--|--|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |  |
| Heráclito Fortes – PFL   | 1. César Borges – PFL                  |
| José Jorge – PFL   | 2. Jonas Pinheiro – PFL <sup>(4)</sup> |
| Sérgio Guerra – PSDB   | 3. Arthur Virgílio – PSDB              |
| Eduardo Azeredo – PSDB   | 4. Lúcia Vânia – PSDB                  |
| <b>PMDB</b>  |  |
| Mão Santa  | 1. Valdir Raupp                        |
| Garibaldi Alves Filho  | 2. (vago) <sup>(3)</sup>               |
| Ney Suassuna <sup>(1)</sup>                                    | 3. Serys Slhessarenko <sup>(1)</sup>   |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(2)</sup>, PL)</b> |  |
| Ana Júlia Carepa – PT  | 1. Delcídio Amaral – PT                |
| Sibá Machado – PT  | 2. Roberto Saturnino – PT              |
| <b>PDT</b>   |  |

<sup>(1)</sup> Vaga decidida em comum acordo entre o PMDB e o Bloco de Apoio ao Governo.

<sup>(2)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Hélio Costa afastou-se do exercício do mandato em 8.7.2005 para assumir o cargo de Ministro de Estado das Comunicações.

<sup>(4)</sup> O Senador Jonas Pinheiro retornou ao exercício do cargo em 9.12.2005

Secretário: Luiz Gonzaga Silva Filho  
Reuniões: Sala nº 19 – Ala Sen. Alexandre Costa.  
Telefones: 3311-3255, 3311-4605 e 3311-3516 Fax: 3311-4344  
E – Mail: [sscomcae@senado.gov.br](mailto:sscomcae@senado.gov.br)



**1.2) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA DE MINERAÇÃO  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente: Senadora Ana Júlia Carepa - PT**

**Vice-Presidente: Senador Rodolpho Tourinho - PFL**

**Relator:**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                      |
|--|---------------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                                       |
| Rodolpho Tourinho - PFL  | 1. (vago)                             |
| Edison Lobão – PFL   | 2. Almeida Lima – PMDB <sup>(4)</sup> |
| Sérgio Guerra – PSDB   | 3. Eduardo Azeredo – PSDB             |
| <b>PMDB</b>  |                                       |
| Luiz Otávio  | 1. (vago) <sup>(3)</sup>              |
| Sérgio Cabral  | 2. Gerson Camata                      |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(2)</sup>, PL)</b> |                                       |
| Ana Júlia Carepa – PT  | 1. Delcídio Amaral – PT               |
| Aelton Freitas – PL  | 2. (vago) <sup>(1)</sup>              |
| <b>PDT</b>   |                                       |
| (vago)   | 1. (vago)                             |

<sup>(1)</sup> Vago, em virtude de o Senador Cristovam Buarque não mais pertencer à Comissão de Assuntos Econômicos.

<sup>(2)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Hélio Costa afastou-se do exercício do mandato em 8.7.2005 para assumir o cargo de Ministro de Estado das Comunicações.

<sup>(4)</sup> O Senador Almeida Lima comunicou que passou a integrar a bancada do PMDB a partir de 18.8.2005

Secretário: Luiz Gonzaga Silva Filho

Reuniões: Quartas – Feiras às 9:30 horas – Plenário nº 19 – Ala Alexandre Costa.

Telefones: 3311-4605 e 3311-3516 Fax: 3311-4344

E – Mail: [sscomcae@senado.gov.br](mailto:sscomcae@senado.gov.br)

**1.3) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA DESTINADA A  
ACOMPANHAR A EVOLUÇÃO DA DÍVIDA PÚBLICA DOS ESTADOS  
(9 titulares e 9 suplentes)**

**Presidente: Senador César Borges - PFL  
Vice-Presidente: Senador Fernando Bezerra - PTB  
Relator: Senador Ney Suassuna - PMDB**

| TITULARES  | SUPLENTE                                      |
|--|---|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |   |
| César Borges – PFL   | 1. Jonas Pinheiro – PFL <sup>(3)</sup>        |
| Paulo Octávio – PFL  | 2. José Jorge – PFL                           |
| Sérgio Guerra – PSDB   | 3. Lúcia Vânia - PSDB                         |
| <b>PMDB</b>  |   |
| Ney Suassuna   | 1. Valdir Raupp                               |
| Pedro Simon  | 2. Gerson Camata                              |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |   |
| Roberto Saturnino – PT   | 1. Eduardo Suplicy – PT                       |
| Fernando Bezerra – PTB   | 2. Aelton Freitas – PL                        |
| Delcídio Amaral – PT   | 3. Antônio Carlos Valadares – PTB             |
| Mozarildo Cavalcanti – PTB                                     | 4. Patrícia Saboya Gomes – PSB <sup>(2)</sup> |
| <b>PDT</b>   |   |
|  |   |

Obs: em 19.11.2003 a Subcomissão aprovou o Relatório Final, que será submetido à apreciação da Comissão de Assuntos Econômicos, nos termos do art. 73, § 2º, do Regimento Interno do Senado Federal.

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> A Senadora Patrícia Saboya Gomes comunicou que passou a integrar a bancada do PSB a partir de 29.9.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Jonas Pinheiro retornou ao exercício do cargo em 9.12.2005

Secretário: Luiz Gonzaga Silva Filho  
Reuniões: Quartas – Feiras às 18:00 horas – Plenário nº 19 – Ala Alexandre Costa.  
Telefones: 3311-4605 e 3311-3516 Fax: 3311-4344  
E – Mail: [sscomcae@senado.gov.br](mailto:sscomcae@senado.gov.br)

**1.4) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA - LIQUIDAÇÃO DE INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente: Senador Aelton Freitas - PL**

**Vice-Presidente: Senador Fernando Bezerra - PTB**

**Relator:**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>         |
|--|--------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                          |
| Edison Lobão – PFL   | 1. César Borges – PFL    |
| Romeu Tuma – PFL   | 2. (vago) <sup>(2)</sup> |
| Sérgio Guerra – PSDB   | 3. Alvaro Dias – PSDB    |
| <b>PMDB</b>  |                          |
| Romero Jucá  | 1. Ney Suassuna          |
| Valdir Raupp   | 2. Maguito Vilela        |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                          |
| Aelton Freitas – PL  | 1. Ideli Salvatti – PT   |
| Fernando Bezerra – PTB   | 2. Delcídio Amaral – PT  |
| <b>PDT</b>   |                          |
| (vago)   | 1. (vago)                |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Gilberto Goellner deixa o exercício do cargo em 8.12.2005 em virtude de reassunção do titular.

Secretário: Luiz Gonzaga Silva Filho  
Reuniões: Plenário nº 19 – Ala Alexandre Costa.  
Telefones: 3311-4605 e 3311-3516 Fax: 3311-4344  
E – Mail: [sscomcae@senado.gov.br](mailto:sscomcae@senado.gov.br)

**2) COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS - CAS**  
(21 titulares e 21 suplentes)

**Presidente: Senador Antônio Carlos Valadares - PSB**  
**Vice-Presidente: Senadora Patrícia Saboya Gomes – PSB** <sup>(2)</sup>

| TITULARES  | SUPLENTES                         |
|--|-----------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                                   |
| Marco Maciel – PFL   | 1. Heráclito Fortes – PFL         |
| Jonas Pinheiro – PFL   | 2. José Jorge – PFL               |
| Maria do Carmo Alves – PFL                                     | 3. Demóstenes Torres – PFL        |
| Rodolpho Tourinho – PFL  | 4. Romeu Tuma – PFL               |
| Flexa Ribeiro – PSDB   | 5. Eduardo Azeredo – PSDB         |
| Leonel Pavan – PSDB  | 6. Papaléo Paes                   |
| Lúcia Vânia – PSDB   | 7. Teotonio Vilela Filho – PSDB   |
| Reginaldo Duarte – PSDB  | 8. Sérgio Guerra – PSDB           |
| <b>PMDB</b>  |                                   |
| Ney Suassuna   | 1. Wellington Salgado de Oliveira |
| Romero Jucá  | 2. Ramez Tebet                    |
| Valdir Raupp   | 3. José Maranhão                  |
| Mão Santa  | 4. Pedro Simon                    |
| Sérgio Cabral  | 5. Maguito Vilela                 |
| (vago) <sup>(3)</sup>  | 6. Gerson Camata                  |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                                   |
| Antônio Carlos Valadares – PSB                                 | 1. Delcídio Amaral – PT           |
| Flávio Arns – PT   | 2. Magno Malta – PL               |
| Ideli Salvatti – PT  | 3. Eduardo Suplicy – PT           |
| Marcelo Crivella – PMR <sup>(4)</sup>                          | 4. Fátima Cleide – PT             |
| Paulo Paim – PT  | 5. Mozarildo Cavalcanti – PTB     |
| Patrícia Saboya Gomes – PSB <sup>(2)</sup>                     | 6. (vago) <sup>(5)</sup>          |
| <b>PDT</b>   |                                   |
| Augusto Botelho  | 1. Cristovam Buarque              |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> A Senadora Patrícia Saboya Gomes comunicou que passou a integrar a bancada do PSB a partir de 29.9.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Papaléo Paes deixou de integrar a comissão a partir de 26.10.2005, de acordo com o Ofício GLPMDB nº 405/2005.

<sup>(4)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

<sup>(5)</sup> O Senador João Capiberibe deixou de integrar o Senado Federal em 26.10.2005, nos termos do Ofício nº 1.236, de 21.10.2005, do Supremo Tribunal Federal, e retornou em 28.10.2005, nos termos do Ofício nº 5.025, de mesma data, do Supremo Tribunal Federal. O Senador deixou de integrar definitivamente o Senado Federal em 13.12.2005

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo  
Reuniões: Quintas – Feiras às 11:30 horas – Plenário nº 09 – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652  
E – Mail: [sscomcas@senado.gov.br](mailto:sscomcas@senado.gov.br)

**2.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senador Paulo Paim - PT  
Vice-Presidente: Senador Marcelo Crivella – PMR <sup>(2)</sup>**

**Relator:**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>         |
|--|--------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                          |
| Lúcia Vânia – PSDB   | 1. Leonel Pavan - PSDB   |
| <b>PMDB</b>  |                          |
| Mão Santa  | 1. (vago)                |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                          |
| Marcelo Crivella – PMR <sup>(2)</sup>                          | 1. (vago) <sup>(3)</sup> |
| Paulo Paim - PT  | 2. Flávio Arns – PT      |
| <b>PDT</b>   |                          |
| Augusto Botelho  | 1. (vago)                |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador João Capiberibe deixou de integrar o Senado Federal em 26.10.2005, nos termos do Ofício nº 1.236, de 21.10.2005, do Supremo Tribunal Federal, e retornou em 28.10.2005, nos termos do Ofício nº 5.025, de mesma data, do Supremo Tribunal Federal. O Senador deixou de integrar definitivamente o Senado Federal em 13.12.2005

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo

Sala nº 11/A – Ala Alexandre Costa.

Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652

E – Mail: [sscomcas@senado.gov.br](mailto:sscomcas@senado.gov.br)

**2.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE PROMOÇÃO, ACOMPANHAMENTO E DEFESA DA SAÚDE  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senador Papaléo Paes - PSDB**  
**Vice-Presidente: Senador Augusto Botelho - PDT**  
**Relator:**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>         |
|--|--------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                          |
| Eduardo Azeredo – PSDB   | 1. Flexa Ribeiro - PSDB  |
|  | 2. Romeu Tuma - PFL      |
| <b>PMDB</b>  |                          |
| Papaléo Paes <sup>(3)</sup>                                    | 1. (vago) <sup>(2)</sup> |
| Mão Santa  |                          |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                          |
| Flávio Arns – PT   | 1. Paulo Paim - PT       |
| <b>PDT</b>   |                          |
| Augusto Botelho  |                          |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Wirlande da Luz deixa o exercício do cargo em 21.07.2005 em virtude de reassunção do titular.

<sup>(3)</sup> O Senador Papaléo Paes comunicou que passou a integrar a bancada do PSDB a partir de 1.9.2005

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo  
Sala nº 11/A – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652  
E – Mail: [sscomcas@senado.gov.br](mailto:sscomcas@senado.gov.br)

**2.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE ASSUNTOS SOCIAIS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senador Eduardo Azeredo - PSDB**

**Vice-Presidente: Senador Flávio Arns - PT**

**Relator:**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>           |
|--|----------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                            |
| Eduardo Azeredo – PSDB   | 1. Lúcia Vânia – PSDB      |
| (vago) <sup>(4)</sup>  | 2. Demóstenes Torres – PFL |
| <b>PMDB</b>  |                            |
| Papaléo Paes <sup>(5)</sup>                                    | 1. Mão Santa               |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                            |
| Flávio Arns – PT   | 1. Paulo Paim – PT         |
| Patrícia Saboya Gomes – PSB <sup>(2)</sup>                     |                            |
| <b>PDT</b>   |                            |
|  | 1. Augusto Botelho         |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> A Senadora Patrícia Saboya Gomes comunicou que passou a integrar a bancada do PSB a partir de 29.9.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Papaléo Paes comunicou que passou a integrar a bancada do PSDB a partir de 1.9.2005

<sup>(4)</sup> O Senador Gilberto Goellner deixa o exercício do cargo em 8.12.2005 em virtude de reassunção do titular.

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo  
Sala nº 11/A – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652  
E – Mail: [sscomcas@senado.gov.br](mailto:sscomcas@senado.gov.br)

**3) COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA - CCJ**  
(23 titulares e 23 suplentes)

**Presidente: Senador Antonio Carlos Magalhães - PFL**  
**Vice-Presidente: (vago) <sup>(2)</sup>**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>   |
|--|--|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |  |
| Antonio Carlos Magalhães – PFL                                 | 1. Romeu Tuma – PFL  |
| César Borges – PFL   | 2. Maria do Carmo Alves – PFL  |
| Demóstenes Torres – PFL  | 3. José Agripino – PFL   |
| Edison Lobão – PFL   | 4. Jorge Bornhausen – PFL  |
| José Jorge – PFL   | 5. Rodolpho Tourinho – PFL   |
| João Batista Motta - PSDB                                      | 6. Tasso Jereissati – PSDB   |
| Alvaro Dias – PSDB   | 7. Eduardo Azeredo – PSDB  |
| Arthur Virgílio – PSDB   | 8. Leonel Pavan – PSDB   |
| Juvêncio da Fonseca – PSDB <sup>(4)</sup>                      | 9. Geraldo Mesquita Júnior – Sem partido <sup>(6)</sup> (cedida pelo PSDB) |
| <b>PMDB</b>  |  |
| Ramez Tebet  | 1. Luiz Otávio   |
| Ney Suassuna   | 2. Gilvam Borges   |
| José Maranhão  | 3. Sérgio Cabral   |
| Romero Jucá  | 4. Almeida Lima  |
| Amir Lando   | 5. Leomar Quintanilha – PC do B <sup>(5)</sup> (cedida pelo PMDB)          |
| Pedro Simon  | 6. Garibaldi Alves Filho   |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |  |
| Aloizio Mercadante – PT  | 1. Delcídio Amaral – PT  |
| Eduardo Suplicy – PT   | 2. Paulo Paim – PT   |
| Fernando Bezerra – PTB   | 3. Sérgio Zambiasi – PTB   |
| Magno Malta – PL   | 4. Patrícia Saboya Gomes - PSB   |
| Ideli Salvatti – PT  | 5. Sibá Machado – PT   |
| Antônio Carlos Valadares – PSB                                 | 6. Mozarildo Cavalcanti – PTB  |
| Serys Slhessarenko – PT  | 7. Marcelo Crivella – PMR <sup>(3)</sup>                                   |
| <b>PDT</b>   |  |
| Jefferson Péres  | 1. Osmar Dias  |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Maguito Vilela encontrava-se licenciado do cargo durante o período de 17.8.2005 a 13.1.2006, tendo sido substituído pelo Senador Romero Jucá. O Senador retornou ao exercício do cargo em 16.12.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

<sup>(4)</sup> O Senador Juvêncio da Fonseca comunicou que passou a integrar a bancada do PSDB a partir de 30.9.2005.

<sup>(5)</sup> O Senador Leomar Quintanilha comunicou, em 3.10.2005, seu desligamento do PMDB e filiação ao PC do B.

<sup>(6)</sup> O Senador Geraldo Mesquita Júnior comunicou, da Tribuna, em 26.10.2005, que deixou de integrar o P-SOL.

Secretária: Gildete Leite de Melo  
Reuniões: Quartas – Feiras às 10:00 horas. – Plenário nº 3 – Ala Alexandre Costa  
Telefone: 3311-3972 Fax: 3311-4315  
E – Mail: [sscomccj@senado.gov.br](mailto:sscomccj@senado.gov.br)



**3.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DESTINADA A ASSESSORAR A PRESIDÊNCIA DO SENADO EM CASOS QUE ENVOLVAM A IMAGEM E AS PRERROGATIVAS DOS PARLAMENTARES E DA PRÓPRIA INSTITUIÇÃO PARLAMENTAR**  
(5 membros)

**3.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE SEGURANÇA PÚBLICA**  
(7 titulares e 7 suplentes)

**Presidente:**  
**Vice-Presidente:**  
**Relator: Geral:**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>          |
|--|---------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                           |
| Demóstenes Torres – PFL  | 1. (vago)                 |
| César Borges – PFL   | 2. (vago)                 |
| Tasso Jereissati – PSDB  | 3. Leonel Pavan – PSDB    |
| <b>PMDB</b>  |                           |
| Pedro Simon  | 1. (vago)                 |
| Garibaldi Alves Filho  | 2. (vago)                 |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                           |
| Serys Shessarenko – PT   | 1. Sibá Machado – PT      |
| (vago)   | 2. Fernando Bezerra – PTB |
| <b>PDT</b>   |                           |
| (vago)   | 1. (vago)                 |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

Secretária: Gildete Leite de Melo  
Plenário nº 3 – Ala Alexandre Costa  
Telefone: 3311-3972 Fax: 3311-4315  
E – Mail: [sscomccj@senado.gov.br](mailto:sscomccj@senado.gov.br)

**4) COMISSÃO DE EDUCAÇÃO - CE**  
(27 titulares e 27 suplentes)

**Presidente: Senador Gerson Camata - PMDB**  
**Vice-Presidente: Senador Augusto Botelho – PDT**

| TITULARES   | SUPLENTES  |
|---|--|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                                    |  |
| Demóstenes Torres – PFL   | 1. Roseana Sarney – PFL  |
| Jorge Bornhausen – PFL  | 2. Jonas Pinheiro – PFL  |
| José Jorge – PFL  | 3. César Borges – PFL  |
| Maria do Carmo Alves – PFL  | 4. Cristovam Buarque – PDT <sup>(8)</sup> (cedida pelo Bloco da Minoria) |
| Edison Lobão – PFL  | 5. Marco Maciel – PFL  |
| Marcelo Crivella – PMR <sup>(5)</sup> (cedida pelo PFL) <sup>(1)</sup>  | 6. Romeu Tuma – PFL  |
| Teotonio Vilela Filho – PSDB  | 7. Eduardo Azeredo – PSDB  |
| Geraldo Mesquita Júnior – Sem partido <sup>(7)</sup> (cedida pelo PSDB) | 8. Sérgio Guerra – PSDB  |
| Leonel Pavan – PSDB   | 9. Lúcia Vânia – PSDB  |
| Reginaldo Duarte – PSDB   | 10. Juvêncio da Fonseca – PSDB   |
| <b>PMDB</b>   |  |
| Wellington Salgado de Oliveira  | 1. Amir Lando  |
| Ney Suassuna  | 2. Garibaldi Alves Filho   |
| Valdir Raupp  | 3. Gilvam Borges   |
| Gerson Camata   | 4. (vago) <sup>(4)</sup>   |
| Sérgio Cabral   | 5. Mão Santa   |
| José Maranhão   | 6. Luiz Otávio   |
| Maguito Vilela  | 7. Romero Jucá   |
| Gilberto Mestrinho  | 8. (vago)  |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(2)</sup>, PL)</b>          |  |
| Aelton Freitas – PL   | 1. (vago) <sup>(6)</sup>   |
| Paulo Paim – PT   | 2. Aloizio Mercadante – PT   |
| Fátima Cleide – PT  | 3. Fernando Bezerra – PTB  |
| Flávio Arns – PT  | 4. Delcídio Amaral – PT  |
| Ideli Salvatti – PT   | 5. Antônio Carlos Valadares – PSB  |
| Roberto Saturnino – PT  | 6. Magno Malta – PL  |
| Mozarildo Cavalcanti – PTB  | 7. Patrícia Saboya Gomes – PSB <sup>(3)</sup>                            |
| Sérgio Zambiasi – PTB   | 8. João Ribeiro – PL   |
| <b>PDT</b>  |  |
| Augusto Botelho   | 1. (vago)  |

<sup>(1)</sup> Vaga cedida ao PDT, que por sua vez cedeu ao PL, nos termos do Ofício nº 027/05-GLPFL, de 03.03.2005.

<sup>(2)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(3)</sup> A Senadora Patrícia Saboya Gomes comunicou que passou a integrar a bancada do PSB a partir de 29.9.2005.

<sup>(4)</sup> O Senador Papaléo Paes deixou de integrar a comissão a partir de 26.10.2005, de acordo com o Ofício GLPMDB nº 405/2005.

<sup>(5)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

<sup>(6)</sup> O Senador Paulo Paim passou a integrar a Comissão, como membro titular, em substituição ao Senador Cristovam Buarque, nos termos do Ofício nº 273/2005-GLDPT, de 19.10.2005.

<sup>(7)</sup> O Senador Geraldo Mesquita Júnior comunicou, da Tribuna, em 26.10.2005, que deixou de integrar o P-SOL.

<sup>(8)</sup> O Senador Cristovam Buarque ocupa vaga cedida pelo Bloco Parlamentar da Minoria à Bancada do PDT, nos termos do Ofício nº 100/05-GLPDT, de 9.10.2005.

Secretário: Júlio Ricardo Borges Linhares  
Reuniões: Terças – Feiras às 11:00 horas – Plenário nº 15 – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3498 Fax: 3311-3121  
E – Mail: [julioric@senado.gov.br](mailto:julioric@senado.gov.br).

**4.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE CINEMA, TEATRO E COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**(12 titulares e 12 suplentes)**

**Presidente: Senador Sérgio Cabral – PMDB**  
**Vice-Presidente: Demóstenes Torres – PFL**

| TITULARES  | SUPLENTE                      |
|--|-------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                               |
| Demóstenes Torres – PFL  | 1. Maria do Carmo Alves - PFL |
| Marcelo Crivella – PMR <sup>(1) (5)</sup>                      | 2. Romeu Tuma – PFL           |
| Geraldo Mesquita Júnior – Sem partido <sup>(2) (6)</sup>       | 3. Edison Lobão – PFL         |
| Leonel Pavan - PSDB  | 4. Reginaldo Duarte - PSDB    |
| <b>PMDB</b>  |                               |
| Sérgio Cabral  | 1. (vago) <sup>(4)</sup>      |
| Valdir Raupp   | 2. Luiz Otávio                |
| Wellington Salgado de Oliveira                                 | 3. (vago)                     |
| (vago) <sup>(7)</sup>  | 4. (vago)                     |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(3)</sup>, PL)</b> |                               |
| Roberto Saturnino – PT   | 1. Paulo Paim – PT            |
| (vago)   | 2. Flávio Arns – PT           |
| Aelton Freitas – PL  | 3. (vago)                     |
| Sérgio Zambiasi – PTB  | 4. (vago)                     |

<sup>(1)</sup> Vaga cedida pelo PFL

<sup>(2)</sup> Vaga cedida pelo PSDB

<sup>(3)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(4)</sup> O Senador Papaléo Paes deixou de integrar a comissão a partir de 26.10.2005, de acordo com o Ofício GLPMDB nº 405/2005.

<sup>(5)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

<sup>(6)</sup> O Senador Geraldo Mesquita Júnior comunicou, da Tribuna, em 26.10.2005, que deixou de integrar o P-SOL.

<sup>(7)</sup> A Senadora Íris de Araújo deixa o exercício do cargo em 15.12.2005 em virtude de reassunção do titular.

Secretário: Júlio Ricardo Borges Linhares  
Plenário nº 15 – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3276 Fax: 3311-3121  
E – Mail: [julioric@senado.gov.br](mailto:julioric@senado.gov.br).

**4.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
(9 titulares e 9 suplentes)**

**Presidente: Senador Flávio Arns - PT  
Vice-Presidente: Senadora Lúcia Vânia - PSDB**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                           |
|--|--|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |  |
| Marco Maciel – PFL   | 1. Reginaldo Duarte – PSDB                 |
| (vago) <sup>(3)</sup>  | 2. Augusto Botelho – PDT (cedida pelo PFL) |
| Lúcia Vânia – PSDB   | 3. Eduardo Azeredo – PSDB                  |
| <b>PMDB</b>  |  |
| Gerson Camata  | 1. Gilberto Mestrinho                      |
| Wellington Salgado de Oliveira                                 | 2. (vago) <sup>(2)</sup>                   |
| Valdir Raupp   | 3. (vago)                                  |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |  |
| Roberto Saturnino – PT   | 1. Mozarildo Cavalcanti – PTB              |
| Flávio Arns – PT   | 2. Antônio Carlos Valadares – PSB          |
| Delcídio Amaral – PT   | 3. Aelton Freitas – PL                     |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Wirlande da Luz deixa o exercício do cargo em 21.07.2005 em virtude de reassunção do titular.

<sup>(3)</sup> O Senador Gilberto Goellner deixa o exercício do cargo em 8.12.2005 em virtude de reassunção do titular.

Secretário: Júlio Ricardo Borges Linhares  
Sala nº 15 – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3276 Fax: 3311-3121  
E – Mail: [julioric@senado.gov.br](mailto:julioric@senado.gov.br).

**4.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO LIVRO  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**4.4) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO ESPORTE  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**5) COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE, DEFESA DO CONSUMIDOR E FISCALIZAÇÃO E  
CONTROLE - CMA  
(17 titulares e 17 suplentes)**

**Presidente: Senador Leomar Quintanilha – PC do B <sup>(4)</sup>**

**Vice-Presidente: Senador Jonas Pinheiro <sup>(2)</sup>**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                      |
|--|---------------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                                       |
| Heráclito Fortes – PFL   | 1. Jorge Bornhausen – PFL             |
| César Borges – PFL   | 2. José Jorge – PFL                   |
| Jonas Pinheiro – PFL <sup>(2)</sup>                            | 3. Roseana Sarney – PFL               |
| Teotonio Vilela Filho - PSDB                                   | 4. Almeida Lima – PMDB <sup>(3)</sup> |
| Arthur Virgílio – PSDB   | 5. Leonel Pavan – PSDB                |
| Flexa Ribeiro – PSDB   | 6. Alvaro Dias – PSDB                 |
| <b>PMDB</b>  |                                       |
| Gilvam Borges  | 1. Ney Suassuna                       |
| Luiz Otávio  | 2. Romero Jucá                        |
| Gerson Camata  | 3. Sérgio Cabral                      |
| Valdir Raupp   | 4. Amir Lando                         |
| Leomar Quintanilha – PC do B <sup>(4)</sup>                    | 5. Mão Santa                          |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                                       |
| Aelton Freitas – PL  | 1. Mozarildo Cavalcanti – PTB         |
| Ana Júlia Carepa – PT  | 2. Fátima Cleide – PT                 |
| Sibá Machado – PT  | 3. Antônio Carlos Valadares – PSB     |
| João Ribeiro - PL  | 4. Ideli Salvatti – PT                |
| Serys Slhessarenko – PT  | 5. Flávio Arns – PT                   |
| <b>PDT</b>   |                                       |
| Augusto Botelho  | 1. Osmar Dias                         |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Jonas Pinheiro retornou ao exercício do cargo em 9.12.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Almeida Lima comunicou que passou a integrar a bancada do PMDB a partir de 18.8.2005

<sup>(4)</sup> O Senador Leomar Quintanilha comunicou, em 3.10.2005, seu desligamento do PMDB e filiação ao PC do B.

Secretário: José Francisco B. de Carvalho  
Reuniões: Terças – Feiras às 11:30 horas – Plenário nº 6 – Ala Nilo Coelho.  
Telefone: 3311-3935 Fax: 3311-1060  
E – Mail: [jcarvalho@senado.gov.br](mailto:jcarvalho@senado.gov.br).

**5.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DESTINADA A FISCALIZAR AS AGÊNCIAS REGULADORAS  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senadora Ana Júlia Carepa - PT**  
**Vice-Presidente: Senador Valmir Amaral – PTB <sup>(1)</sup>**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>       |
|--|------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                        |
| (vago)   | 1. (vago)              |
| Leonel Pavan – PSDB  | 2. (vago)              |
| <b>PMDB</b>  |                        |
| Valmir Amaral - PTB <sup>(1)</sup>                             | 1. Romero Jucá         |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(2)</sup>, PL)</b> |                        |
| Ana Júlia Carepa – PT  | 1. Aelton Freitas – PL |
| Delcídio Amaral – PT   | 2. (vago)              |
| <b>PDT</b>   |                        |
|  |                        |

<sup>(1)</sup> O Senador Valmir Amaral comunicou que desfilou-se do PMDB, filiando-se ao PP, em 18.5.2005 e desfilou-se do PP, filiando-se ao PTB, em 30.09.2005.

<sup>(2)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

Secretário: José Francisco B. de Carvalho  
Reuniões: Quartas – Feiras às 11:00 horas – Plenário nº 6 – Ala Nilo Coelho.  
Telefone: 3311-3935 Fax: 3311-1060  
E – Mail: [jcarvalho@senado.gov.br](mailto:jcarvalho@senado.gov.br).

**5.2) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA DESTINADA A ACOMPANHAR O PROSSEGUIMENTO DAS  
INVESTIGAÇÕES REALIZADAS PELA POLÍCIA FEDERAL NO QUE DIZ RESPEITO À  
DENOMINADA “OPERAÇÃO POROROCA”  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senadora Ana Júlia Carepa - PT  
Vice-Presidente: Senador César Borges - PFL  
Relator: Senador João Alberto Souza - PMDB**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                    |
|--|-------------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                                     |
| (vago)   | 1. (vago)                           |
| Leonel Pavan – PSDB  | 2. João Ribeiro - PL <sup>(1)</sup> |
| <b>PMDB</b>  |                                     |
| (vago)   | 1. Luiz Otávio                      |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(2)</sup>, PL)</b> |                                     |
| Ana Júlia Carepa – PT  | 1. Ideli Salvatti – PT              |
| Aelton Freitas – PL  | 2. (vago)                           |
| <b>PDT</b>   |                                     |
| (vago)   | 1. (vago)                           |

<sup>(1)</sup> O Senador João Ribeiro desfilou-se do PFL e filiou-se ao PL, conforme comunicação de 29.03.2005

<sup>(2)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

Secretário: José Francisco B. de Carvalho  
Plenário nº 6 – Ala Nilo Coelho.  
Telefone: 3311-3935 Fax: 3311-1060  
E – Mail: [jcarvalho@senado.gov.br](mailto:jcarvalho@senado.gov.br).

**6) COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA - CDH**  
(19 titulares e 19 suplentes)

**Presidente: Senador Cristovam Buarque - PDT**  
**Vice-Presidente: Senador Paulo Paim - PT**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                  |
|--|-----------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                                   |
| Edison Lobão – PFL   | 1. Antonio Carlos Magalhães – PFL |
| (vago) <sup>(6)</sup>  | 2. Demóstenes Torres – PFL        |
| Jorge Bornhausen – PFL   | 3. Heráclito Fortes – PFL         |
| José Agripino – PFL  | 4. (vago)                         |
| Romeu Tuma – PFL   | 5. Maria do Carmo Alves – PFL     |
| Juvêncio da Fonseca – PSDB                                     | 6. Arthur Virgílio – PSDB         |
| Lúcia Vânia – PSDB   | 7. Alvaro Dias – PSDB             |
| Reginaldo Duarte – PSDB  | 8. Flexa Ribeiro – PSDB           |
| <b>PMDB</b>  |                                   |
| Leomar Quintanilha – PC do B <sup>(5)</sup>                    | 1. Luiz Otávio                    |
| Maguito Vilela   | 2. (vago) <sup>(7)</sup>          |
| José Maranhão  | 3. Mão Santa                      |
| Sérgio Cabral  | 4. (vago) <sup>(2)</sup>          |
| Garibaldi Alves Filho  | 5. Valdir Raupp                   |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                                   |
| Flávio Arns – PT   | 1. Magno Malta - PL               |
| Fátima Cleide – PT   | 2. Sibá Machado – PT              |
| Ana Júlia Carepa - PT  | 3. Antônio Carlos Valadares – PSB |
| Marcelo Crivella – PMR <sup>(4)</sup>                          | 4. Mozarildo Cavalcanti – PTB     |
| Paulo Paim – PT  | 5. Aelton Freitas – PL            |
| <b>PDT</b>   |                                   |
| Cristovam Buarque  | 1. Osmar Dias                     |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Wirlande da Luz deixa o exercício do cargo em 21.07.2005 em virtude de reassunção do titular.

<sup>(4)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

<sup>(5)</sup> O Senador Leomar Quintanilha comunicou, em 3.10.2005, seu desligamento do PMDB e filiação ao PC do B.

<sup>(6)</sup> O Senador Gilberto Goellner deixa o exercício do cargo em 8.12.2005 em virtude de reassunção do titular.

<sup>(7)</sup> O Senador Maguito Vilela passou a ocupar vaga de titular em 18/01/2006, nos termos do Of. GLPMDB nº 12/2005, da Liderança do PMDB.

Secretário: Altair Gonçalves Soares  
Reuniões: Terças – Feiras às 12:00 horas – Plenário nº 2 – Ala Nilo Coelho.  
Telefone: 3311-4251/2005 Fax: 3311-4646  
E – Mail: altairgs@senado.gov.br



**6.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DA IGUALDADE RACIAL E INCLUSÃO - IRI**  
**(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente: Senador Paulo Paim - PT**  
**Vice-Presidente: Senador Mão Santa - PMDB**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                          |
|--|---|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |   |
| Romeu Tuma – PFL   | 1. Heráclito Fortes – PFL                 |
| Reginaldo Duarte – PSDB  | 2. Alvaro Dias – PSDB                     |
| (vago)   | 3. (vago)                                 |
| <b>PMDB</b>  |   |
| Leomar Quintanilha – PC do B <sup>(4)</sup>                    | 1. Luiz Otávio                            |
| Mão Santa  | 2. José Maranhão                          |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |   |
| Paulo Paim – PT  | 1. Cristovam Buarque – PDT <sup>(2)</sup> |
| Mozarildo Cavalcanti – PTB                                     | 2. Marcelo Crivella – PMR <sup>(3)</sup>  |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Cristovam Buarque comunicou que se desligou do PT em 7.9.2005 e filiou-se ao PDT em 23.9.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

<sup>(4)</sup> O Senador Leomar Quintanilha comunicou, em 3.10.2005, seu desligamento do PMDB e filiação ao PC do B.

Secretário: Altair Gonçalves Soares  
Plenário nº 2 – Ala Nilo Coelho.  
Telefone: 3311-4251/2005 Fax: 3311-4646  
E – Mail: [altairgs@senado.gov.br](mailto:altairgs@senado.gov.br)

**6.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO IDOSO - IDO**  
**(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente: Senador Sérgio Cabral – PMDB**  
**Vice-Presidente: Senador Leomar Quintanilha – PC do B**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>              |
|--|-------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                               |
| Romeu Tuma – PFL   | 1. Maria do Carmo Alves – PFL |
| Lúcia Vânia – PSDB   | 2. Sérgio Guerra – PSDB       |
| (vago)   | 3. (vago)                     |
| <b>PMDB</b>  |                               |
| Leomar Quintanilha – PC do B <sup>(3)</sup>                    | 1. (vago) <sup>(2)</sup>      |
| Sérgio Cabral  | 2. Valdir Raupp               |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                               |
| Aelton Freitas – PL  | 1. (vago)                     |
| Flávio Arns – PT   | 2. Paulo Paim – PT            |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Wirlande da Luz deixa o exercício do cargo em 21.07.2005 em virtude de reassunção do titular.

<sup>(3)</sup> O Senador Leomar Quintanilha comunicou, em 3.10.2005, seu desligamento do PMDB e filiação ao PC do B.

Secretário: Altair Gonçalves Soares  
Plenário nº 2 – Ala Nilo Coelho.  
Telefone: 3311-4251/2005 Fax: 3311-4646  
E – Mail: altairgs@senado.gov.br

**7) COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL - CRE  
(19 titulares e 19 suplentes)**

**Presidente: Senador Roberto Saturnino - PT  
Vice-Presidente: Senador Eduardo Azeredo - PSDB**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                         |
|--|--|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |  |
| Heráclito Fortes – PFL   | 1. César Borges – PFL                    |
| José Jorge – PFL   | 2. Edison Lobão – PFL                    |
| José Agripino – PFL  | 3. Maria do Carmo Alves – PFL            |
| Marco Maciel – PFL   | 4. Rodolpho Tourinho – PFL               |
| Romeu Tuma – PFL   | 5. Roseana Sarney – PFL                  |
| Alvaro Dias – PSDB   | 6. Tasso Jereissati – PSDB               |
| Arthur Virgílio – PSDB   | 7. Lúcia Vânia – PSDB                    |
| Eduardo Azeredo – PSDB   | 8. Flexa Ribeiro – PSDB                  |
| <b>PMDB</b>  |  |
| Ney Suassuna   | 1. Ramez Tebet                           |
| Pedro Simon  | 2. Valdir Raupp                          |
| Mão Santa  | 3. Romero Jucá                           |
| Wellington Salgado de Oliveira                                 | 4. (vago) <sup>(4)</sup>                 |
| Gerson Camata  | 5. (vago) <sup>(1)</sup>                 |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(3)</sup>, PL)</b> |  |
| Serys Slhessarenko – PT  | 1. Marcelo Crivella – PMR <sup>(5)</sup> |
| Eduardo Suplicy – PT   | 2. (vago) <sup>(6)</sup>                 |
| Mozarildo Cavalcanti – PTB                                     | 3. Aelton Freitas – PL                   |
| Roberto Saturnino – PT   | 4. Ana Julia Carepa – PT                 |
| Sérgio Zambiasi – PTB  | 5. Fernando Bezerra – PTB                |
| <b>PDT</b>   |  |
| Jefferson Péres  | 1. Osmar Dias                            |

<sup>(1)</sup> O Senador Mário Calixto deixa o exercício do cargo em 22.03.2005 em virtude de reassunção do titular.

<sup>(2)</sup> O Senador Valmir Amaral comunicou que desfilou-se do PMDB, filiando-se ao PP, em 18.5.2005 e desfilou-se do PP, filiando-se ao PTB, em 30.09.2005.

<sup>(3)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(4)</sup> O Senador Antônio Leite comunicou sua renúncia ao exercício da suplência a partir de 2.8.2005.

<sup>(5)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

<sup>(6)</sup> A Senadora Serys Slhessarenko passou a integrar a Comissão, como membro titular, em substituição ao Senador Cristovam Buarque, nos termos do Ofício nº 274/2005-GLDPT, de 19.10.2005.

Secretária: Maria Lúcia Ferreira de Mello  
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa  
Reuniões: Quintas-feiras às 10:00 horas.  
E – Mail: [luciamel@senado.gov.br](mailto:luciamel@senado.gov.br)

**7.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE PROTEÇÃO DOS  
CIDADÃOS BRASILEIROS NO EXTERIOR**

**(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente:**

**Vice-Presidente:**

**Relator:**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                     |
|--|--------------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                                      |
| Heráclito Fortes – PFL   | 1. César Borges – PFL                |
| Eduardo Azeredo – PSDB   | 2. Alvaro Dias – PSDB                |
| <b>PMDB</b>  |                                      |
| Wellington Salgado de Oliveira                                 | 1. João Batista Motta <sup>(2)</sup> |
| Mão Santa  | 2. Gerson Camata                     |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                                      |
| Roberto Saturnino – PT   | 1. Sérgio Zambiasi – PTB             |
| Marcelo Crivella – PMR <sup>(3)</sup>                          | 2. Aelton Freitas – PL               |
| <b>PDT</b>   |                                      |
| Jefferson Péres  | 1. Osmar Dias                        |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador João Batista Motta passou a integrar a bancada do PSDB a partir de 31.8.2005

<sup>(3)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

Secretária: Maria Lúcia Ferreira de Mello  
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa  
E – Mail: [sscomcre@senado.gov.br](mailto:sscomcre@senado.gov.br)

**7.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DA AMAZÔNIA  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente:**

**Vice-Presidente:**

**Relator:**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                          |
|--|---|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |   |
| Romeu Tuma - PFL   | 1. Marco Maciel - PFL                     |
| Arthur Virgílio – PSDB   | 2. Flexa Ribeiro - PSDB                   |
| <b>PMDB</b>  |   |
| Valdir Raupp   | 1. Ney Suassuna                           |
| Pedro Simon  | 2. (vago) <sup>(2)</sup>                  |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |   |
| Ana Júlia Carepa -PT   | 1. Cristovam Buarque – PDT <sup>(3)</sup> |
| Mozarildo Cavalcanti – PTB                                     | 2. Aelton Freitas - PL                    |
| <b>PDT</b>   |   |
| Jefferson Péres  | 1. Osmar Dias                             |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Antônio Leite comunicou sua renúncia ao exercício da suplência a partir de 2.8.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Cristovam Buarque comunicou que se desligou do PT em 7.9.2005 e filiou-se ao PDT em 23.9.2005.

Secretária: Maria Lúcia Ferreira de Mello  
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa  
E – Mail: [sscomcre@senado.gov.br](mailto:sscomcre@senado.gov.br)

**8) COMISSÃO DE SERVIÇOS DE INFRA-ESTRUTURA - CI**  
**(23 titulares e 23 suplentes)**

**Presidente: Senador Heráclito Fortes - PFL**  
**Vice-Presidente: Senador Alberto Silva - PMDB**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                      |
|--|---------------------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                         |                                       |
| Heráclito Fortes – PFL                                       | 1. Antonio Carlos Magalhães – PFL     |
| Demóstenes Torres – PFL                                      | 2. César Borges – PFL                 |
| José Jorge – PFL   | 3. Jonas Pinheiro – PFL               |
| Marco Maciel – PFL   | 4. Jorge Bornhausen – PFL             |
| Rodolpho Tourinho – PFL                                      | 5. Maria do Carmo Alves – PFL         |
| Leonel Pavan – PSDB  | 6. Flexa Ribeiro – PSDB               |
| Sérgio Guerra – PSDB   | 7. Eduardo Azeredo – PSDB             |
| Juvêncio da Fonseca – PSDB                                   | 8. Papaléo Paes – PSDB                |
| Teotonio Vilela Filho – PSDB                                 | 9. Arthur Virgílio – PSDB             |
| <b>PMDB</b>  |                                       |
| Gerson Camata  | 1. Romero Jucá                        |
| Alberto Silva  | 2. Luiz Otávio                        |
| Valdir Raupp   | 3. Pedro Simon                        |
| Ney Suassuna   | 4. Maguito Vilela                     |
| Gilberto Mestrinho   | 5. Wellington Salgado                 |
| Mão Santa  | 6. Valmir Amaral - PTB <sup>(3)</sup> |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB,<sup>(1)</sup> PL)</b> |                                       |
| Delcídio Amaral – PT   | 1. (vago) <sup>(2)</sup>              |
| Magno Malta – PL   | 2. Paulo Paim – PT                    |
| Roberto Saturnino – PT                                       | 3. Fernando Bezerra – PTB             |
| Sérgio Zambiasi – PTB  | 4. Fátima Cleide – PT                 |
| Serys Shessarenko – PT                                       | 5. Mozarildo Cavalcanti – PTB         |
| Sibá Machado – PT  | 6. Flávio Arns – PT                   |
| Aelton Freitas – PL  | 7. João Ribeiro - PL                  |
| <b>PDT</b>   |                                       |
| Cristovam Buarque  | 1. Augusto Botelho                    |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> O Senador Roberto Saturnino passou a integrar a Comissão como titular, em vaga existente, nos termos do Ofício nº 327/2005 de 15.12.2005.

<sup>(3)</sup> Vaga cedida pelo PMDB ao Senador Valmir Amaral, nos termos do Ofício nº 24/06-GLPMDB, de 31.1.2006.

Secretária: Dulcília Ramos Calhao  
Reuniões: Terças – Feiras às 14:00 horas. – Plenário nº 13 – Ala Alexandre Costa  
Telefone: 3311-4607 Fax: 3311-3286  
E – Mail: [scomci@senado.gov.br](mailto:scomci@senado.gov.br)

**9) COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E TURISMO - CDR**  
**(17 titulares e 17 suplentes)**

**Presidente: Senador Tasso Jereissati - PSDB**  
**Vice-Presidente: Senadora Ana Júlia Carepa - PT**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>           |
|--|----------------------------|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                           |                            |
| Antonio Carlos Magalhães – PFL                                 | 1. Demóstenes Torres – PFL |
| César Borges – PFL   | 2. Jonas Pinheiro – PFL    |
| Rodolpho Tourinho – PFL  | 3. Roseana Sarney – PFL    |
| Leonel Pavan – PSDB  | 4. Eduardo Azeredo – PSDB  |
| Tasso Jereissati – PSDB  | 5. Lúcia Vânia – PSDB      |
| Teotônio Vilela Filho – PSDB                                   | 6. Sérgio Guerra – PSDB    |
| <b>PMDB</b>  |                            |
| Gilberto Mestrinho   | 1. Ney Suassuna            |
| Sérgio Cabral  | 2. Valdir Raupp            |
| Garibaldi Alves Filho  | 3. Luiz Otávio             |
| José Maranhão  | 4. Mão Santa               |
| Maguito Vilela   | 5. Romero Jucá             |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB, <sup>(1)</sup>, PL)</b> |                            |
| Ana Júlia Carepa – PT  | 1. (vago) <sup>(3)</sup>   |
| Fátima Cleide – PT   | 2. Delcídio Amaral – PT    |
| Fernando Bezerra – PTB   | 3. Sibá Machado – PT       |
| Mozarildo Cavalcanti – PTB                                     | 4. Sérgio Zambiasi – PTB   |
| Patrícia Saboya Gomes – PSB <sup>(2)</sup>                     | 5. Aelton Freitas – PL     |
| <b>PDT</b>   |                            |
| Jefferson Péres  | 1. Augusto Botelho         |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(2)</sup> A Senadora Patrícia Saboya Gomes comunicou que passou a integrar a bancada do PSB a partir de 29.9.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador João Capiberibe deixou de integrar o Senado Federal em 26.10.2005, nos termos do Ofício nº 1.236, de 21.10.2005, do Supremo Tribunal Federal, e retornou em 28.10.2005, nos termos do Ofício nº 5.025, de mesma data, do Supremo Tribunal Federal. O Senador deixou de integrar definitivamente o Senado Federal em 13.12.2005

Secretário: Ednaldo Magalhães Siqueira  
Reuniões: Quartas – Feiras às 14 horas  
Telefone: 3311-4282 Fax: 3311-1627  
E – Mail: scomcdr@senado.gov.br

**10) COMISSÃO DE AGRICULTURA E REFORMA AGRÁRIA - CRA**  
**(17 titulares e 17 suplentes)**

**Presidente: Senador Sérgio Guerra - PSDB**  
**Vice-Presidente: Senador Flávio Arns - PT**

| <b>TITULARES</b>   | <b>SUPLENTES</b>                         |
|--|--|
| <b>Bloco da Minoria (PFL e PSDB)</b>                         |  |
| Lúcia Vânia – PSDB   | 1. Reginaldo Duarte – PSDB               |
| Flexa Ribeiro – PSDB   | 2. Alvaro Dias – PSDB                    |
| Sérgio Guerra – PSDB   | 3. Leonel Pavan – PSDB                   |
| Jonas Pinheiro – PFL   | 4. Edison Lobão – PFL                    |
| Demóstenes Torres – PFL                                      | 5. Roseana Sarney – PFL                  |
| Heráclito Fortes – PFL                                       | 6. Rodolpho Tourinho – PFL               |
| <b>PMDB</b>  |  |
| Ramez Tebet  | 1. Wellington Salgado de Oliveira        |
| Pedro Simon  | 2. Romero Jucá                           |
| Leomar Quintanilha – PC do B <sup>(4)</sup>                  | 3. Amir Lando                            |
| Gerson Camata  | 4. Mão Santa                             |
| Maguito Vilela   | 5. Valdir Raupp                          |
| <b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PSB,<sup>(1)</sup> PL)</b> |  |
| Flávio Arns – PT   | 1. Serys Shhessarenko – PT               |
| Aelton Freitas – PL  | 2. Delcídio Amaral – PT                  |
| Sibá Machado – PT  | 3. Magno Malta – PL                      |
| Ana Júlia Carepa – PT  | 4. Sérgio Zambiasi – PTB                 |
| João Ribeiro - PL  | 5. Marcelo Crivella – PMR <sup>(3)</sup> |
| <b>PDT</b>   |  |
| Osmar Dias   | 1. Cristovam Buarque                     |

<sup>(1)</sup> O PTB deixou de integrar o Bloco de Apoio ao Governo em 8.6.2005.

<sup>(3)</sup> O Senador Marcelo Crivella comunicou que se desligou do PL em 27.9.2005 e filiou-se ao PMR em 28.9.2005.

<sup>(4)</sup> O Senador Leomar Quintanilha comunicou, em 3.10.2005, seu desligamento do PMDB e filiação ao PC do B.

Secretário: Marcello Varella  
Reuniões: Quintas – Feiras às 12 horas –  
Telefone: 3311-3506 Fax:  
E – Mail: marcello@senado.gov.br



**CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR**  
(Resolução do Senado Federal nº 20/93)

**COMPOSIÇÃO**

(Eleita na Sessão do Senado Federal de 23/11/2005)

**1ª Eleição Geral:** 19.04.1995

**4ª Eleição Geral:** 13.03.2003

**2ª Eleição Geral:** 30.06.1999

**5ª Eleição Geral:** 23.11.2005

**3ª Eleição Geral:** 27.06.2001

**Presidente: Senador João Alberto Souza<sup>1</sup>**

**Vice-Presidente: Senador Demóstenes Torres<sup>1</sup>**

| <b>BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA (PFL/PSDB)</b>                     |           |              |   |           |              |
|--|-----------|--------------|---|-----------|--------------|
| <b>Titulares</b>   | <b>UF</b> | <b>Ramal</b> | <b>Suplentes</b>                                  | <b>UF</b> | <b>Ramal</b> |
| Demóstenes Torres (PFL)  | GO        | 2091         | 1. Jonas Pinheiro <sup>2</sup> (PFL)              | MT        | 2271         |
| Sérgio Guerra (PSDB)   | PE        | 2382         | 2. César Borges (PFL)                             | BA        | 2212         |
| Heráclito Fortes (PFL)   | PI        | 2131         | 3. Mª do Carmo Alves (PFL)                        | SE        | 1306         |
| Juvêncio da Fonseca <sup>2</sup> (PSDB)                            | MS        | 1128         | 4. Leonel Pavan <sup>2</sup> (PSDB)               | SC        | 4041         |
| Paulo Octávio (PFL)  | DF        | 2011         | 5. Teotônio Vilela Filho <sup>3</sup> (PSDB)      | AL        | 4093         |
| Antero Paes de Barros (PSDB)                                       | MT        | 4061         | 6. Arthur Virgílio (PSDB)                         | AM        | 1413         |
| <b>PMDB</b>  |           |              |   |           |              |
| Wellington Salgado de Oliveira <sup>5</sup>                        | MG        | 2244         | 1. Leomar Quintanilha <sup>4</sup> (PCdoB)-cessão | TO        | 2073         |
| João Alberto Souza   | MA        | 1415         | 2. Alberto Silva                                  | PI        | 3055         |
| Ramez Tebet  | MS        | 2222         | 3. Valdir Raupp                                   | RO        | 2252         |
| Luiz Otávio  | PA        | 3050         | 4. Geovani Borges <sup>6</sup>                    | AP        | 1712         |
| <b>BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT/PL/PSB)</b>                       |           |              |   |           |              |
| Sibá Machado (PT)  | AC        | 2184         | 1. Eduardo Suplicy (PT) <sup>7</sup>              | SP        | 3213         |
| Ana Júlia Carepa (PT)  | PA        | 2104         | 2. (Vago)   |           |              |
| Fátima Cleide (PT)   | RO        | 2391         | 3. (Vago)   |           |              |
| <b>PDT</b>   |           |              |   |           |              |
| Jefferson Péres  | AM        | 2063         | 1. Augusto Botelho                                | RR        | 2041         |
| <b>PTB</b>   |           |              |   |           |              |
| Mozarildo Cavalcanti   | RR        | 4078         | 1. Valmir Amaral                                  | DF        | 1961         |
| Corregedor do Senado (Membro nato – art. 25 da Resolução nº 20/93) |           |              |   |           |              |
| Senador Romeu Tuma (PFL/SP)  |           |              |   |           | 2051         |

(Atualizada em 3.10.2006)

SECRETARIA-GERAL DA MESA  
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento - SCOP  
Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6  
Telefones: 3311-4561 e 3311-5258  
[scop@senado.gov.br](mailto:scop@senado.gov.br); [www.senado.gov.br/etica](http://www.senado.gov.br/etica)

<sup>1</sup> Eleito em 13.12.2005, na 1ª Reunião, de 2005, do Conselho de Ética.

<sup>2</sup> Eleito na Sessão do SF do dia 18.4.2006.

<sup>3</sup> Retornou em 18.8.2006, após término de licenças concedidas de acordo com Requerimentos nº 455 e 456, de 2006 (DSF de 30.8.2006).

<sup>4</sup> Passou a integrar o Conselho de Ética no lugar do Senador Gerson Camata, em vaga cedida pelo PMDB, de acordo com o Of. GLPMDB nº 318/2006, de 14.8.2006, e Ofício nº 269/2006, de 15.8.2006, aprovados na Sessão do SF de 5.9.2006.

<sup>5</sup> Passou a integrar o Conselho de Ética no lugar do Senador Ney Suassuna, de acordo com Of. GLPMDB nº 319/2006, de 14.8.2006, aprovado na Sessão do SF de 5.9.2006.

<sup>6</sup> Passou a integrar o Conselho de Ética no lugar do Senador Gilvam Borges, de acordo com Of. GLPMDB nº 319/2006, de 14.8.2006, aprovado na Sessão do SF de 5.9.2006.

<sup>7</sup> Eleito na Sessão do SF do dia 3.10.2006. Indicado de acordo com o Ofício nº 32/2006-GLDBAG-CSCOM, de 6.9.2006.

**PROCURADORIA PARLAMENTAR**  
(Resolução do Senado Federal nº 40/95)

**COMPOSIÇÃO**

|                            |                                  |
|----------------------------|----------------------------------|
| Ramez Tebet (PMDB-MS)      | PMDB e Bloco de Apoio ao Governo |
| Demóstenes Torres (PFL-GO) | Bloco Parlamentar da Minoria     |
| Alvaro Dias (PSDB-PR)      | Bloco Parlamentar da Minoria     |
| Fátima Cleide (PT-RO)      | Bloco de Apoio ao Governo        |
| Amir Lando (PMDB-RO)       | PMDB                             |

(Atualizado em 09.06.2006)

SECRETARIA-GERAL DA MESA  
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)  
Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6  
Telefones: 3311-4561 e 3311-5257  
[scop@senado.gov.br](mailto:scop@senado.gov.br)

**CONSELHO DO DIPLOMA MULHER-CIDADÃ BERTHA LUTZ**  
Constituído pela Resolução nº 2, de 2001, oriunda do Projeto de Resolução nº 25, de 1998,  
aprovado na Sessão Deliberativa Ordinária do Senado Federal do dia 15.3.2001

**COMPOSIÇÃO**

1ª Designação Geral : 03.12.2001

2ª Designação Geral: 26.02.2003

**Presidente:** Senadora Serys Slhessarenko  
**Vice-Presidente:** Senador Geraldo Mesquita Júnior

|   |
|---|
| <b>PMDB</b>                                 |
| Senador Papaléo Paes (AP) - PSDB            |
| <b>PFL</b>                                  |
| Senadora Roseana Sarney (MA)                |
| <b>PT</b>                                   |
| Senadora Serys Slhessarenko (MT)            |
| <b>PSDB</b>                                 |
| Senadora Lúcia Vânia (GO)                   |
| <b>PDT</b>                                  |
| Senador Augusto Botelho (RR)                |
| <b>PTB</b>                                  |
| Senador Sérgio Zambiasi (RS)                |
| <b>PSB</b>                                  |
| Senador Geraldo Mesquita Júnior (AC) – PMDB |
| <b>PL</b>                                   |
| Senador Magno Malta (ES)                    |
| <b>PPS</b>                                  |
| Senadora Patrícia Saboya Gomes (CE) – PSB   |

(Atualizada em 9.6.2006)

SECRETARIA-GERAL DA MESA  
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)  
Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6  
Telefones: 3311-4561 e 3311-5259  
[scop@senado.gov.br](mailto:scop@senado.gov.br)



## ÍNDICE ONOMÁSTICO

|   | Pág. |  | Pág. |
|---|------|--|------|
| <b>ALMEIDA LIMA</b>   |      | blicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 24 de setembro de 2006. ....   | 86   |
| Registro do editorial intitulado “Volta à truculência”, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 1º de outubro de 2006. ....   | 82   | Manifestação em relação ao pronunciamento da Líder do PT, Senadora Ideli Salvatti, no qual Sua Excelência tece severas críticas à Oposição. ....   | 189  |
| Registro do artigo intitulado “A indignação”, de autoria do professor de filosofia Denis Rosenfield, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 1º de novembro de 2006. ....                       | 269  | Preocupação com o cenário de paralisia, em que a retórica do Presidente Lula e do seu Governo continua sendo a do palanque. ....   | 189  |
| Registro do artigo intitulado “Involução?”, de autoria do economista Gustavo Loschpe, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 24 de outubro de 2006. ....                                       | 337  | Registro da matéria intitulada “MST na campanha petista”, publicada no jornal <i>Correio Brasileiro</i> , edição de 13 de outubro de 2006. ....  | 266  |
| Registro do artigo intitulado “Hora da decisão”, de autoria do Deputado Federal eleito pelo PDT-SP, Paulo Pereira da Silva, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 25 de outubro de 2006. .... | 435  | Registro da matéria intitulada “Privatização aumentou oferta de linhas fixas e tornou celular acessível”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 13 de outubro de 2006. ....   | 341  |
|   |      | Registro da matéria intitulada “Preso por negociar dossiê diz que dinheiro veio do PT”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 17 de setembro de 2006. ....   | 431  |
| <b>ALOIZIO MERCADANTE</b>   |      | <b>ANTONIO CARLOS MAGALHÃES</b>  |      |
| Comentário sobre a necessidade de investimento público que estimule o crescimento econômico. Apoio à desoneração dos investimentos, conforme declaração do Ministro da Fazenda, Guido Mantega. ....             | 116  | Congratulações ao Senador Alvaro Dias, em virtude da reeleição de Sua Excelência. Aparte ao Senador Alvaro Dias. ....  | 190  |
| Defesa da redução nos gastos correntes, de avanços nas reformas da previdência social e tributária, bem como da implementação de obras de infra-estrutura no País. ....   | 116  | Questionamentos a respeito dos gastos do Governo com os Cartões de Crédito Corporativos. ....  | 193  |
| Importância da utilização do estudo do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), como indicador de orientação para a criação de políticas públicas. Aparte ao Senador Tião Viana. ....                            | 116  | Destaque para a redução de gastos do Governo com a educação. ....  | 193  |
| <b>ALVARO DIAS</b>  |      | Apelo ao Presidente Lula em favor da sobrevivência do INCOR, centro de excelência cardiológica no mundo. ....  | 193  |
| Registro da matéria intitulada “Escândalo atinge 8 petistas e desfalca o comitê de Lula”, pu-   |      | Registro de diversas matérias publicadas pela imprensa sobre: o objetivo das ONGs, a transposição do Rio São Francisco, a operação tapa-buracos anunciada pelo Governo Lula, e a lentidão na apuração dos envolvidos no caso do dossiê. .... | 193  |
|   |      | Comentários acerca da onda de corrupção no Governo Lula. ....  | 193  |

|  | Pág. |   | Pág. |
|--|------|---|------|
| Comentários sobre matéria do jornal <i>O Globo</i> , em relação aos atrasos nos vôos programados no País. ....   | 288  | Enumeração dos requisitos básicos para um crescimento econômico sustentável, bem como dos erros cometidos pelo Governo Lula. ....   | 130  |
| Críticas ao Ministro Antonio de Pádua Ribeiro, do Superior Tribunal de Justiça, por arquivar denúncias no Conselho Nacional de Justiça. ....   | 288  | Justificativas a requerimento de informações à Ministra-Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre o uso irregular de cartões corporativos. ....   | 130  |
| Críticas ao Presidente Lula, o qual diz não saber de nada em relação aos casos de corrupção em seu Governo. ....   | 288  | Requerimento nº 1.119, de 2006, que solicita informações à Senhora Ministra - Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....   | 138  |
| <b>ANTÔNIO CARLOS VALADARES</b>  |      | Registro de matéria intitulada “Justiça apura uso de cartão da Presidência para pagar lanche”, de autoria de Rogério Pagnan, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 10 de novembro de 2006. ....   | 151  |
| Reflexões sobre as reformas imprescindíveis para o fortalecimento da democracia, com destaques para a necessidade de continuação da reforma do Judiciário, já iniciada. ....   | 381  | Apresentação de requerimento à Ministra-Chefe da Casa Civil, contendo questionamentos acerca do uso de Cartão de Crédito Corporativo por parte do Governo Lula. ....  | 151  |
| Solidariedade em relação à derrota de Sua Excelência no Estado do Mato Grosso do Sul. Aparte ao Senador Delcídio Amaral. ....  | 387  | Considerações acerca de matérias do jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> sobre o segundo mandato do Presidente Lula. ....  | 246  |
| <b>ARTHUR VIRGÍLIO</b>   |      | Registro do recebimento de e-mail de um empresário que enfrenta problemas com a Previdência, por ter criado programa de ajuda aos seus empregados que desejam estudar. ....   | 347  |
| Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH. ....  | 12   | Considerações sobre os hospitais em que há falta de adaptação para o acesso de deficientes. .   | 347  |
| Requerimento nº 1.117, de 2006, que solicita informações ao Senhor Ministro de Estado-Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre indícios de pagamentos atípicos realizados pela Secretaria Nacional de Juventude, relativos a diárias e passagens. ....  | 14   | Considerações sobre o Governo Lula, a democracia e a ameaça às liberdades fundamentais. ..  | 410  |
| Voto de Pesar pelo falecimento da Senhora Áurea Pinheiro Braga, esposa do ex-Senador João dos Santos Braga Júnior. ....  | 64   | Exaltação a Senhora Telma Viga Albuquerque, Presidente da Associação de Amigos do Autista do Amazonas, entidade com alma, cuja missão é respeitar os autistas, dando-lhes cidadania e encaminhando-os, numa nobre missão de criar uma sociedade inclusiva. .... | 410  |
| Comentários à matéria publicada no jornal <i>O Globo</i> , edição do dia 7 de setembro de 2006, sobre o desmatamento na floresta amazônica, bem como à pesquisa da ONG Transparência Internacional a respeito do aumento da corrupção no Brasil. Comentário sobre artigo da revista uruguaia, <i>Cara e Caretas</i> , cuja matéria de capa traz manchete: “Macaco velho não sobe em galho podre”. .... | 72   | <b>CÉSAR BORGES</b>   |      |
| Lamento pela ausência do Presidente Lula da décima sexta Cúpula de Chefes de Estado e de Governo dos Países Ibero-americanos, realizada em Montevidéu. ....  | 72   | Protesto pelo excesso de edição de medidas provisórias. Traição do eleitor pelo Governo Lula, que confiou na promessa do gás natural e será contemplado com aumento de preços. ....   | 306  |
| Comunicado acerca de encaminhamento à Mesa de pronunciamento, no qual condena a quebra do sigilo de telefone do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> . ..  | 78   | <b>CRISTOVAM BUARQUE</b>  |      |
| Comentário ao artigo intitulado “Telefone da Folha tem sigilo quebrado”, publicado pelo jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 9 de novembro de 2006. ....   | 78   | Preocupação com os recursos destinados à educação, no Orçamento de 2007. Aparte ao Senador Antonio Carlos Magalhães. ....   | 195  |

|   | Pág. |   | Pág. |
|---|------|---|------|
| Proposta orçamentária que reduz os recursos para a alfabetização. Aparte à Senadora Ideli Salvatti. ....  | 227  | de Governador Valadares (MG), Senhor João Domingos Fassarella, ocorrido em 12 de novembro de 2006. ....   | 315  |
| Reflexão sobre o fato de o Brasil ter um Presidente “comunista”, em razão de estar o Deputado Aldo Rebelo (PCdoB) exercendo interinamente a Presidência da República. ....  | 232  | Reflexões sobre a política econômica e o crescimento da economia no Governo Lula. ....  | 330  |
|   |      | Comentários sobre matéria do jornal <i>Hoje em Dia</i> , edição de 5 de novembro de 2006, intitulada “Busca por gás dispara em Minas”. ....   | 330  |
| <b>DELCÍDIO AMARAL</b>  |      | <b>EDUARDO SUPPLY</b>   |      |
| Requerimento nº 1.116, de 2006, que requer a inserção em ata de Voto de Pesar pelo falecimento do músico Mano Zan, autor do hino dos 450 anos da cidade de São Paulo, e da música “Chalana”, considerada o “hino de Mato Grosso do Sul”, bem como a apresentação de condolências à família. . | 14   | Pronunciamento sobre a realidade do INCOR, o qual passa por dificuldades financeiras. Aparte ao Senador Antonio Carlos Magalhães. ....  | 196  |
| Posição de Sua Excelência sobre o segundo mandato do Presidente Lula que se avizinha com destaques para as reformas que necessitam ser concretizadas, a fim de blindar a economia brasileira, fortalecendo-a. ....  | 384  | Perspectivas de melhoria no crescimento econômico do País, bem como do produto per capita. Aparte à Senadora Ideli Salvatti. ....   | 226  |
| Agradecimento aos eleitores do Mato Grosso do Sul pela confiança depositada na pessoa de Sua Excelência, no pleito eleitoral em que obteve 40% dos votos. ....  | 384  | Convicção das medidas tomadas, pelo Governo, para a superação da crise nos aeroportos brasileiros. Aparte ao Senador José Agripino. ....  | 230  |
| Justificação de requerimento encaminhado à Mesa, homenageando Mário Zan, grande músico brasileiro, autor da famosa “Chalana”, recentemente falecido. ....   | 384  | Comentários sobre o exercício da Presidência da República pelo Deputado Aldo Rebelo, em virtude da viagem do Presidente Lula à Venezuela e por estar passando, o Vice-Presidente, José Alencar, por uma cirurgia. Aparte ao Senador Cristovam Buarque. .... | 233  |
|   |      | Voto de Pesar pelo falecimento do ex-Deputado Federal João Fassarella, ocorrido na madrugada de 12 de novembro de 2006. ....  | 235  |
| <b>DEMÓSTENES TORRES</b>  |      | Requerimento nº 1.122, de 2006, que requer a inserção em ata de voto de profundo pesar pelo falecimento do ex-Deputado Federal, João Fassarella. ....   | 235  |
| Requerimento nº 1.124, de 2006, que requer a tramitação em conjunto do PLC nº 82, de 2006 aos Projetos de Lei do Senado nºs 171, 428, 605, de 1999, que já tramitam em conjunto, por versarem sobre a mesma matéria. ....   | 246  | Requerimento nº 1.126, de 2006, que requer a inserção em ata de voto de congratulações para o atleta Marilson Gomes dos Santos, ganhador da São Silvestre por duas vezes, 2003 e 2005; e da 37ª Maratona de NY em 5 de novembro de 2006. ....               | 272  |
| <b>EDISON LOBÃO</b>   |      | Homenagem ao atleta Marilson Gomes dos Santos, primeiro brasileiro e o primeiro sul-americano a conquistar a Maratona de Nova Iorque. ....  | 309  |
| Solidariedade ao engajamento do Senador Marcelo Crivella na luta em defesa dos desempregados brasileiros. Aparte ao Senador Marcelo Crivella. ....  | 69   | Comentários sobre notícia divulgada pelo jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , segundo a qual setores do PT gostariam que houvesse mudanças na Radiobrás para torná-la instrumento mais dócil aos interesses do Governo. ....                                 | 309  |
| <b>EDUARDO AZEREDO</b>  |      | Reflexões sobre a política econômica e o crescimento da economia no atual Governo. ....   | 309  |
| Justificação a requerimento de Voto de Pesar pelo falecimento de João Domingos Fassarella, ex-prefeito de Governador Valadares, MG. ....  | 315  | Comentários a respeito da Feira do Livro realizada no Rio Grande do Sul, a qual contou com a participação do Senador Paulo Paim. Aparte ao Senador Paulo Paim. ....   | 366  |
| Requerimento nº 1.130, de 2006, que requer inserção em ata de Voto de Pesar pelo falecimento do ex-vereador, ex-deputado federal e ex-prefeito  |      |   |      |

IV

|   | Pág. |   | Pág. |
|---|------|---|------|
| Registro de entrevista com Matilde Ribeiro, publicada na revista Caros Amigos. Aparte ao Senador Paulo Paim. ....   | 366  | uma referência nacional. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. ....  | 237  |
| Comentários sobre o fortalecimento da democracia no Estado do Mato Grosso do Sul, bem como acerca do crescimento da economia brasileira. Aparte ao Senador Delcídio Amaral. ....  | 388  | <b>FLEXA RIBEIRO</b>  |      |
| Audiência com representantes dos médicos residentes, os quais solicitam acompanhamento do projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados. Aparte ao Senador Mão Santa. ....   | 395  | Registro da leitura do requerimento de voto de aplauso e sucesso à nova diretoria do Conselho Nacional da Pesca e Aqüicultura. ....   | 65   |
| Anúncio do falecimento, nos Estados Unidos da América, do economista Milton Friedman, prêmio Nobel de Economia. ....  | 396  | Solidariedade às congratulações ao nobre Senador Wellington Salgado de Oliveira pelo seu desempenho na liderança do PMDB. ....  | 65   |
| Apresentação de proposta de emenda à constituição que estabelece eleição direta para os suplentes de Senadores. ....  | 396  | Registro da matéria intitulada “PF quer chamar Carvalho e Dirceu para depor sobre dossiê”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 22 de outubro de 2006. ....   | 90   |
| <b>FÁTIMA CLEIDE</b>  |      | Registro da matéria intitulada “Dólares foram sacados em agência de Nova Iguaçu, revela investigação”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 23 de outubro de 2006. ....   | 264  |
| Parecer nº 1.201, de 2006, da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 388, de 2005, de autoria do Senador Valdir Raupp, que autoriza o Poder Executivo Federal a implantar o Gasoduto Urucu – Porto Velho, no Estado de Rondônia. .... | 274  | Registro da matéria intitulada “Lorenzetti articulou compra do dossiê Vedoin, diz relatório da PF”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 21 de outubro de 2006. ....  | 342  |
| <b>FLÁVIO ARNS</b>  |      | Registro da matéria intitulada “O fracasso da operação abafa”, publicada na revista <i>Veja</i> , edição de 25 de outubro de 2006. ....   | 432  |
| Manifestação de contentamento em virtude da reeleição do Senador Alvaro Dias, no Estado do Paraná. Aparte ao Senador Alvaro Dias. ....  | 190  | <b>GARIBALDI ALVES FILHO</b>  |      |
| Reflexão sobre a sessão do Senado em homenagem ao Dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento. ....  | 220  | Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH. ....   | 7    |
| Destaque para a audiência pública, que teve como objetivo contribuir com as investigações das causas da tragédia com o Vôo 1907 da Gol. ....  | 220  | <b>GEOVANI BORGES</b>   |      |
| Elogios à iniciativa da Presidência do Senado sobre a acessibilidade, através do programa de Valorização da Pessoa com Deficiência. ....  | 220  | Homenagem ao Tribunal de Justiça do Estado do Amapá e aos seus integrantes pelo trabalho desenvolvido em prol da Justiça. ....  | 315  |
| Leitura do editorial do intitulado “O Pacto da Reforma Tributária”, publicado no jornal <i>Gazeta do Povo</i> , do Paraná. ....   | 220  | Considerações acerca da TV-digital e sua importância como uma nova tecnologia, que permite transformar o televisor em porta de entrada para a Internet e contribuir como aplicação na educação à distância, de forma interativa. .... | 380  |
| Questionamentos em relação ao que ainda pode ser feito para a melhoria da realidade social dos brasileiros. Aparte à Senadora Ideli Salvatti. ....  | 226  | <b>HERÁCLITO FORTES</b>   |      |
| Boas-vindas ao Senador José Jorge, pelo retorno ao Senado Federal, após o pleito eleitoral. .   | 232  | Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH. Destaque para os aspectos naturais de que dispõe o Brasil para o incremento do Turismo. ....   | 5    |
| Comentários sobre a situação em que se encontra o Instituto Nacional do Coração, INCOR,   |      | Solicitação ao Senhor Eraldo Alves da Cruz, Presidente da ABIH, pela elaboração de um livro sobre gafes e “saias justas” nos corredores de um hotel. ....   | 9    |



|  | Pág. | V   | Pág. |
|--|------|-----|------|
| <b>IDELI SALVATTI</b>  |      |     |      |
| Requerimento nº 1.115, de 2006, que requer a inserção em ata de Voto de Pesar às famílias das seis crianças com idades entre 9 e 12 anos que morreram afogadas no dia 7 de novembro de 2006, em São José, na Grande Florianópolis – SC, após caírem de um pedacinho em uma lagoa. .... | 14   |     |      |
| Leitura e comentários sobre e-mail recebido do eleitor Jorge da Cruz Silva, que solicita que os parlamentares “não subestimem a inteligência do povo”, em referência ao resultado das eleições para a Presidência da República. ....   | 185  |     |      |
| Considerações sobre temas, surgidos em debate no segundo turno, para as eleições presidenciais. ....   | 223  |     |      |
| Explicação sobre os dados do Relatório “Desenvolvimento Humano/2006”, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. ....   | 223  |     |      |
| Cumprimentos aos servidores da CEF que participaram de um Fórum Internacional em Cingapura, com vista a apresentar tecnologia desenvolvida para operar seu sistema lotérico, o que possibilitaria a independência em relação à empresa norte-americana Gtech. ....                     | 302  |     |      |
| <b>JOSÉ AGRIPINO</b>   |      |     |      |
| Comentários acerca da votação do Parecer nº 1.199, de 2006, de Plenário, sobre a Medida Provisória nº 312, de 2006, que prorroga para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no artigo 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho, de 1991. ....                                      | 55   |     |      |
| Considerações acerca da contradição nas ações do Governo, que visam ao crescimento econômico, mas fugentam o capital privado. Aparte ao Senador Arthur Virgílio. ....  | 135  |     |      |
| Questionamentos sobre o desempenho do Brasil nas pesquisas sobre o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano. Destaque para o fato de a corrupção aumentar o custo - Brasil. ....   | 138  |     |      |
| Preocupação com o caos instalado nos aeroportos brasileiros, em razão da crise dos controladores de voo. ....  | 227  |     |      |
| Comentários a respeito de declarações do IPEA acerca do crescimento econômico. ....  | 325  |     |      |
| Comentários sobre o descaso do Governo Lula com a situação dos controladores de voo. ....  | 325  |     |      |
| <b>JOSÉ JORGE</b>  |      |     |      |
| Considerações sobre a situação dos aeroportos do País. Aparte ao Senador José Agripino. ....   | 230  |     |      |
| <b>JUVÊNCIO DA FONSECA</b>   |      |     |      |
| Registro da matéria intitulada “Oposição diz que MP da TV digital vai afetar Zona Franca”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 19 de outubro de 2006. ....   |      | 89  |      |
| Comentário sobre o artigo intitulado “O voto envergonhado”, de autoria do jornalista André Petry, publicado na revista <i>Veja</i> , edição de 20 de setembro de 2006. ....  |      | 261 |      |
| Comentários ao artigo intitulado “Sem Lula, o mundo é melhor”, de autoria do jornalista Diogo Mainardi, publicado na revista <i>Veja</i> , edição de 20 de setembro de 2006. ....  |      | 346 |      |
| Registro da matéria intitulada “Impeachment pode voltar a ser analisado, diz Busato”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 28 de setembro de 2006. ....  |      | 434 |      |
| <b>LEOMAR QUINTANILHA</b>  |      |     |      |
| Defesa das parcerias público-privadas, PPPs, como uma alternativa para diminuir as dificuldades de recursos destinados à continuidade das obras de infra-estrutura do País. Aparte ao Senador Valdir Raupp. ....   |      | 240 |      |
| Satisfação com a presença do Deputado Aldo Rebelo, do PCdoB, no exercício interino da Presidência da República, uma data histórica para o Partido. ....  |      | 241 |      |
| <b>LEONEL PAVAN</b>  |      |     |      |
| Agradecimento pela presença de autoridade na sessão de comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH, com destaque para a importância desse Setor na economia do País. ....  |      | 2   |      |
| Registro da matéria intitulada “Parte do dinheiro para dossiê Vedoin veio do jogo do bicho, suspeita PF”, publicado no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 10 de outubro de 2006. ....   |      | 92  |      |
| Registro da matéria intitulada “IBGE reduz, pela 9ª vez, projeção da safra 2006”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 10 de outubro de 2006. ....  |      | 263 |      |
| Registro da matéria intitulada “Serra: ‘Foi tiro no pé’”, publicada no jornal <i>Correio Braziliense</i> , edição de 23 de setembro de 2006. ....  |      | 345 |      |
| Registro da matéria intitulada “Em livro, Jefferson envolve Lula e Dirceu com dinheiro de Furnas”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 23 de setembro de 2006. ....  |      | 433 |      |

|   | Pág. |   | Pág. |
|---|------|---|------|
| <b>LÚCIA VÂNIA</b>  |      | <b>MÃO SANTA</b>  |      |
| Registro da matéria intitulada “Agência vê Lula mais fraco num 2º mandato”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 25 de outubro de 2006. ....   | 93   | Homenagem ao Senador Wellington Salgado de Oliveira pelo excelente trabalho desempenhado na liderança do PMDB no Senado Federal. ....   | 64   |
| Solidariedade ao pronunciamento do Senador Arthur Virgílio relativo ao crescimento econômico brasileiro, com destaque para inferioridade do Índice de Desenvolvimento Humano brasileiro se comparado ao IDH de outros países. Aparte ao Senador Arthur Virgílio. .... | 136  | Comentários ao Programa Bolsa-Família, e acerca da necessidade de se criar oportunidade de emprego para os brasileiros menos favorecidos. Aparte ao Senador Marcelo Crivella. ....  | 70   |
| Solidariedade ao discurso do Senador José Agripino relativo ao Índice de Desenvolvimento Humano brasileiro. ....  | 142  | Destaque para os conselhos recebidos pelo Presidente Lula, advindos do ex-Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, relativos à violência. ....  | 76   |
| Importância da aprovação do Projeto de Lei da Câmara nº 100, de 2006, Complementar, que institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. ....  | 148  | Comentários acerca da necessidade de um debate qualificado sobre o rumo do Programa Bolsa-Família. ....   | 76   |
| Registro da matéria intitulada “Entidades vêm risco à liberdade de imprensa”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 20 de outubro de 2006. ....  | 268  | Destaque para a greve dos médicos residentes, bem como para a necessidade de se investir em especializações. Aparte à Senadora Serys Slhessarenko. ....   | 106  |
| Comentários à matéria intitulada “País pode perder US\$ 11 bi em exportações”, publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 25 de setembro de 2006. ....   | 339  | Destaque para a importância da residência médica e a greve dos médicos residentes, com ressalvas para a trajetória da vida profissional de Sua Excelência. ....   | 109  |
| Registro do artigo intitulado “Alckmin e as negociações comerciais”, de autoria do ex-Embaixador do Brasil nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, Rubens Barbosa, publicado no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 24 de outubro de 2006. ....                  | 429  | Comentários sobre a melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), do Estado do Piauí, durante o Governo de Sua Excelência, bem como sobre a importância de uma melhor distribuição de água para os estados e municípios. Aparte ao Senador Tião Viana. ....   | 115  |
| <b>LUIZ OTÁVIO</b>  |      | Pronunciamento acerca da evolução histórica da saúde no Brasil, bem como sobre o estado em que se encontra esse setor no governo do Presidente Lula. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. ....   | 127  |
| Parecer nº 1.197, de 2006, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, sobre o Ofício “S” nº 15, de 2006, de indicação do Senhor advogado Sérgio Alberto Frazão do Couto para compor o Conselho Nacional do Ministério Público. ....                            | 16   | Destaque para a necessidade de uma legislação que regule as atividades das ONGs no País. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. ...  | 162  |
| <b>MAGNO MALTA</b>  |      | Saudação ao lançamento da revista cultural Piauí, uma mostra de reconhecimento da grandeza e da história do Piauí. ....   | 186  |
| Comentários acerca da importância do Programa Bolsa-Família para a melhoria da condição social da população. Aparte ao Senador Marcelo Crivella. ....   | 70   | Comentários acerca da reeleição do Presidente Lula, fato que segundo Sua Excelência, não representa a verdadeira democracia. Aparte ao Senador Alvaro Dias. ....  | 192  |
| Elogios ao Senador Romeu Tuma por apoiar as casas de recuperação de drogados no Estado de São Paulo. ....   | 71   | Requerimento nº 1.127, de 2006, que requer que seja concedida licença para participar da 4ª Sessão da Conferência Interparlamentar sobre Direitos Humanos e Liberdade Religiosa, a se realizar em Roma, Itália, de 28 a 30 de novembro de 2006, fato que ocasionará o afastamento de Sua Excelência do País no período compreendido entre 24-11 a 4-12-2006. .... | 273  |
| Anúncio de indicativo do Presidente da República de que serão incluídas as casas de recuperação no Orçamento. ....  | 71   |   |      |

| Pág.  | Pág. |
|---|------|
| Enaltecimento da figura do Senador Mozarildo Cavalcanti, e comentários sobre a corrupção no Poder Legislativo. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. ....   | 66   |
| 291   | 66   |
| Apelo ao Governo Lula para que atenda às reivindicações dos médicos residentes que se encontram em greve. ....  | 122  |
| 297   | 122  |
| Comentários à matéria publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , relativa ao protesto dos médicos residentes. ....   | 128  |
| 297   | 128  |
| Comentários acerca da importância dos médicos residentes, bem como sobre a situação em que se encontra a saúde no País. Aparte ao Senador Sérgio Zambiasi. ....   | 133  |
| 305   | 133  |
| Preocupação com o estado em que se encontra a democracia no País. Aparte ao Senador Geovani Borges. ....  | 273  |
| 317   | 273  |
| Críticas à propaganda do Governo em relação ao combustível do futuro, com destaque para a importância da educação para a mudança da realidade dos jovens brasileiros. Aparte ao Senador José Agripino. ....   | 306  |
| 327   | 306  |
| Considerações sobre o dia da Proclamação da República. ....   | 318  |
| 336   | 318  |
| Críticas aos programas que visam combater a pobreza, os quais não acabam com a pobreza, mas só a alimentam. Aparte à Senadora Serys Slhessarenko. ....  | 370  |
| 361   | 370  |
| Elogios ao talento do Senador Paulo Paim, em virtude de livro escrito por Sua Excelência, comparando-o aos grandes escritores do Rio Grande do Sul. Aparte ao Senador Paulo Paim. ....  | 387  |
| 365   | 387  |
| Comentários sobre o processo de democratização no mundo, com destaque para algumas figuras históricas, as quais contribuíram para a implantação da democracia. Aparte ao Senador Delcídio Amaral. ....  | 391  |
| 387   | 391  |
| Comentários sobre a necessidade de ética, e o fim da corrupção, na política brasileira. ....  | 391  |
| 391   | 391  |
| Cobrança de recursos do Governo Federal para execução de obras de infra-estrutura no Estado do Piauí. ....  | 391  |
| 391   | 391  |
| Enumeração dos elementos básicos para o desenvolvimento social: ética, educação e trabalho. ....  | 391  |
| 391   | 391  |
| MARCELO CRIVELLA  |      |
| Destaque para o engajamento de Sua Excelência na Frente Parlamentar do Pleno Emprego. Comentários às relativas taxas de desemprego no País, com destaque para a importância do Programa   | 158  |
| Fome Zero que visa à melhoria da vida de milhares de brasileiros. ....  | 158  |
| 291   | 158  |
| Considerações sobre o pronunciamento do Senador Aloizio Mercadante acerca da necessidade de se cortar gastos na administração pública. Aparte ao Senador Aloizio Mercadante. ....   | 158  |
| 297   | 158  |
| Leitura de correspondência recebida de entidades de evangélicos a respeito de irregularidades praticadas por políticos. ....  | 158  |
| 297   | 158  |
| Comentários ao pronunciamento do Senador Arthur Virgílio, relativo ao crescimento econômico brasileiro, salientando que o pouco crescimento experimentado pelo País não é fato recente, mas herança de gestões anteriores. Aparte ao Senador Arthur Virgílio. ....  | 158  |
| 305   | 158  |
| Requerimento nº 1.128, de 2006, que requer seja concedida a Sua Excelência licença para participar da V Assembléia Plenário do Fórum Interparlamentar das Américas – FIPA, a realizar-se em Bogotá, Colômbia, no período de 19 a 21 de novembro de 2006. E ainda comunica que Sua Excelência estará ausente do País no período de 18 a 21 de novembro de 2006. .... | 158  |
| 317   | 158  |
| Solidariedade ao pronunciamento do Senador Sérgio Zambiasi, em relação à situação dos médicos residentes, em greve no País. Aparte ao Senador Sérgio Zambiasi. ....   | 158  |
| 327   | 158  |
| Preocupação pelo financiamento feito pelo Banco do Brasil para construção de ponte pela empresa Odebrecht. Aparte ao Senador César Borges. ....   | 158  |
| 336   | 158  |
| Solidariedade ao pronunciamento do Senador Eduardo Suplicy em relação à situação econômica brasileira, com destaques para a baixa de juros e a falta de investimentos. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. ....  | 158  |
| 361   | 158  |
| Considerações sobre projeto de autoria de Sua Excelência que trata dos casos de pedofilia, com vistas a criminalizar a aquisição de material pornográfico envolvendo crianças ou adolescentes. ....   | 158  |
| 365   | 158  |
| MARCO MACIEL  |      |
| Comentários às inovações feitas pela Carta de 1998 em vários campos do constitucionalismo brasileiro. ....  | 158  |
| 387   | 158  |
| Referência à formação histórica dos municípios brasileiros, bem como às suas lutas pela liberdade. Registro da participação de Sua Excelência em palestra proferida pela FAAP, com o título “Gerente de Cidade”, a qual visa à formação de quadros capazes de melhorar a administração municipal e a  | 158  |
| 391   | 158  |

## VIII

|  | Pág. |   | Pág. |
|--|------|---|------|
| criar espaço de formulação e análise das questões pertinentes ao Município. ....   | 158  | ados na Cachoeira do Tamanduá, na região do Rio Cotingo, em Roraima. ....   | 183  |
| <b>MARCOS GUERRA</b>   |      | Requerimento nº 1.120, de 2006, que requer que sejam prestadas, pelo Senhor Ministro das Minas e Energia, Silas Rondeau, informações sobre o suposto aumento abusivo das tarifas de energia elétrica, por parte da Boa Vista Energia – BOVESA, conforme denúncia do sítio “Fontebrazil.com.br”, bem como a composição das tarifas praticadas no Estado de Roraima, antes e após o início da importação de energia elétrica da Venezuela. ....   | 184  |
| Apelo ao Governo no sentido de que se empenhe para que o Estado deixe de ser um obstáculo ao desenvolvimento e passe a ser um agente de estímulo, parceiro da iniciativa privada. ....   | 82   | Requerimento nº 1.121, de 2006, que requer sejam prestadas pelo Senhor Ministro da Saúde, Doutor José Agenor Alvares da Silva, em face das denúncias constantes da matéria do Jornal <i>Folha de Boa Vista</i> , sobre o aumento de casos de malária no Estado de Roraima, informações sobre o montante de transferências de recursos do Ministério da Saúde ao Estado e aos Municípios de Roraima, nos últimos quatro anos, destinado ao combate à malária; qual o montante de transferências de recursos repassados, nos últimos quatro anos, pela Fundação Nacional de Saúde ao Estado e Municípios de Roraima, bem como qual o montante dos gastos efetuados diretamente pelo Ministério da Saúde e pela Fundação Nacional de Saúde, nos últimos quatro anos, no combate à malária no Estado de Roraima; e ainda quais os dados de incidências de malária no Estado de Roraima, nos últimos quatro anos. .... | 184  |
| Comentários sobre estudo da empresa de consultoria suíça KPMG, que aponta o Brasil como detentor de uma das cargas tributárias mais altas do mundo. ....   | 149  | Proposta de criação de emendas, pela Comissão de Assuntos Sociais, com vistas a beneficiar o INCOR. Aparte ao Senador Antonio Carlos Magalhães. ....  | 196  |
| Considerações sobre os desafios que aguardam o segundo mandato do Presidente Lula, com destaque para baixo crescimento da economia aliado a deterioração do setor de infra-estrutura no Brasil. ....   | 261  | Crise dos controladores de voo. Aparte ao Senador José Agripino. ....   | 229  |
| Solidariedade ao pronunciamento do Senador Mozarildo Cavalcanti, em relação à falta de critérios na distribuição de recursos do Orçamento para os estados. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. ....  | 292  | Críticas à falta de critérios na distribuição dos recursos do Orçamento. ....   | 289  |
| Apelo aos seus pares no sentido da aprovação do Projeto de Lei 273, de 2006, de autoria de Sua Excelência que inclui o empreendedorismo como componente curricular dos ensinamentos fundamental e médio no Brasil, dando prazo de dois anos para que a inovação entre em vigor. .... | 348  | Registro de matéria publicada no jornal <i>Correio Braziliense</i> acerca dos critérios de distribuição de recursos do Orçamento. ....  | 289  |
| <b>MOZARILDO CAVALCANTI</b>  |      | Comparação entre a situação dos controladores de voo e dos médicos residentes, que se encontram em greve. Aparte ao Senador Mão Santa. ....   | 300  |
| Considerações sobre a eleição presidencial no Estado de Roraima, no segundo turno de votação, e a declaração do Presidente Lula a respeito da busca pela conciliação. ....   | 61   | Transcrição do artigo intitulado “Diferenças Regionais continuam”, publicado no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 14 de novembro de 2006. ....  | 350  |
| Réplica ao discurso do Senador Romero Jucá, em defesa do Presidente da República na questão relativa à demarcação das terras indígenas no Estado de Roraima. ....  | 63   | Lamento pela falta de políticas destinadas a minimizar as desigualdades regionais no País. ....   | 350  |
| Considerações sobre a distribuição dos profissionais da área de saúde nos municípios brasileiros. ....   | 126  |   |      |
| Comentários sobre matéria publicada no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , de autoria da jornalista Marta Salomon, intitulada “ONGs ineptas recebem 54% dos repasses ao setor, diz TCU”. ....   | 160  |   |      |
| Registro de diversas matérias publicadas pela imprensa a respeito da corrupção nas atividades das ONGs. ....   | 160  |   |      |
| Projeto de Decreto Legislativo nº 434, de 2006, que autoriza o aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, situ-  |      |   |      |

|  | Pág. |   | Pág.      |
|--|------|---|-----------|
| <b>PAPALÉO PAES</b>  |      |   | <b>IX</b> |
| Registro da matéria intitulada “A turma do mal”, publicada na revista <i>Veja</i> , edição de 11 de outubro de 2006. ....  | 84   | Projeto de Lei do Senado nº 297, de 2006, que inclui as doações aos Fundos controlados pelos Conselhos de Assistência Social na permissão para dedução do imposto de renda devido pelas pessoas físicas e jurídicas. ....           | 277       |
| Registro do artigo intitulado “NOTÍCIAS DA ITÁLIA”, publicado pela revista <i>Veja</i> , edição de 11 de outubro de 2006. ....   | 267  | Projeto de Lei do Senado nº 298, de 2006, que permite refinanciamento de saldo de financiamento imobiliário com interveniência de novo agente financeiro credor. ....   | 282       |
| Registro do artigo intitulado “Impugnação moral e jurídica”, de autoria do ex-Ministro da Justiça, Miguel Reale Júnior, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , edição de 21 de setembro de 2006. ....   | 340  | Defesa do ensino profissionalizante e apelo em favor da aprovação do Projeto de Lei do Senado 274/03, que cria o Fundep. ....   | 285       |
| Registro da matéria intitulada “FHC acusa governo Lula de usar estatais para fins políticos”, publicada no jornal <i>O Estado de S.Paulo</i> , edição de 18 de outubro de 2006. ....   | 430  | Registro de participação na I Conferência de Educação Profissional e Tecnológica, realizada em Brasília, e no 13º Seminário Internacional de Educação Tecnológica, em Novo Hamburgo/RS. ....  | 285       |
| <b>PATRÍCIA SABOYA GOMES</b>   |      | Registro de Voto de Pesar a Isaac Ainhorn, secretário do planejamento municipal de Porto Alegre, RS. ....   | 329       |
| Comentários acerca do desemprego entre os jovens brasileiros, com destaque para a importância do emprego como um instrumento de inclusão social. ....  | 95   | Registro de notícias sobre o estado de saúde do vice-Presidente da República, José Alencar. ..  | 337       |
| <b>PAULO OCTÁVIO</b>   |      | Registro de participação na Feira do Livro de Porto Alegre, ocasião em que, no estande do Senado Federal, Sua Excelência autografou seu livro de memórias, intitulado “O rufar dos tambores”, reproduzido inclusive em braile. .... | 363       |
| Comemoração dos 70 anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – ABIH, que destaca a importância da atuação do Ministério do Turismo. ....  | 11   | Comentários sobre o livro de autoria de Sua Excelência, intitulado “O Rufar dos Tambores”. ....   | 363       |
| Solidariedade ao pronunciamento do Senador Mozarildo Cavalcanti, em relação às desigualdades regionais por que passam o País. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. ....   | 253  | Registro do recebimento de carta do Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, pela qual afirma confiança no segundo Governo do Presidente Lula e destaca a importância de os pedetistas retornarem ao Governo. ....              | 363       |
| Considerações acerca dos fatores determinantes para o aumento das desigualdades sociais no País. Aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti. ....  | 352  | Comentários sobre a necessidade de diálogo, entre o Governo e a Oposição, necessário a uma melhor governabilidade. Aparte ao Senador Delcídio Amaral. ....  | 386       |
| Registro da participação de Sua Excelência juntamente com outros parlamentares na reunião da União Parlamentar Internacional, evento da Organização das Nações Unidas, realizado em Nova Iorque, a fim de tratar da questão da prevenção contra as crises e em favor da paz, ocasião em que o Senhor proferiu palestra sobre a eliminação da corrupção. .... | 354  | <b>RODOLPHO TOURINHO</b>  |           |
| <b>PAULO PAIM</b>  |      | Levantamento de questões de grande interesse social e econômico. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. ....  | 314       |
| Requerimento nº 1.129, de 2006, que requer que seja inserido em ata, Voto de Pesar pelo falecimento de Isaac Ainhorn, ocorrido no dia 14 de novembro de 2006. ....   | 273  | Comentários sobre a questão dos agentes comunitários de saúde. ....   | 319       |
|  |      | <b>ROMERO JUCÁ</b>  |           |
|  |      | Parecer nº 1.198, de 2006, de Plenário, sobre a Medida Provisória nº 311, de 2006, que abre crédito extraordinário, em favor dos Ministérios da Justiça e da Integração Nacional, no valor global                                   |           |

|  | Pág. |   | Pág. |
|--|------|---|------|
| de R\$ 208.000.000,00 (duzentos e oito milhões de reais), para os fins que especifica. ....  | 52   | privadas para a solução desse problema. Aparte ao Senador Valdir Raupp. ....  | 240  |
| Parecer nº 1.199, de 2006, de Plenário, sobre a Medida Provisória nº 312, de 2006, que prorroga para o trabalhador rural empregado o prazo previsto no artigo 143 da Lei nº 8.213, de 24 de julho, de 1991. ....                                     | 54   | Manifestação em defesa do INCOR, o qual se encontra em dificuldades financeiras para sua manutenção. ....   | 242  |
| Parecer nº 1.200, de 2006, de Plenário, sobre a Medida Provisória nº 313, de 2006, que "Abre crédito extraordinário, em favor do Ministério da Integração Nacional, no valor de R\$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais) para o fim que especifica". | 55   | Requerimento nº 1.123, de 2006, que requer seja aprovado voto de pesar pelo falecimento do Senhor Kazuo Sakamoto aos 55 nos de idade, ocorrido na cidade de São Paulo. ....   | 244  |
| Refutação ao pronunciamento do Senador Mozarildo Cavalcanti, no qual afirma que o Presidente Lula discrimina o Estado de Roraima. ....   | 62   | Requerimento nº 1.125, de 2006, que comunica que em virtude de compromissos parlamentares inadiáveis, Sua Excelência estará participando, como observador parlamentar, da Assembléia-Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque, no período de 17 a 30 de novembro de 2006. ....   | 272  |
| Esclarecimentos sobre o discurso do Senador Mozarildo Cavalcanti, no qual Sua Excelência acusa o Governo Federal de negar investimentos para o Estado de Roraima. ....   | 63   | Projeto de Lei do Senado nº 299, de 2006, que institui o Dia da Guarda Municipal, a ser comemorado no dia 10 de outubro. ....   | 282  |
| Comentários ao aspecto positivo do Relatório Anual da Eletrobrás. ....   | 94   | SÉRGIO ZAMBIASI   |      |
| Solidariedade ao pronunciamento do Senador Aloizio Mercadante, em relação ao investimento público que estimule o crescimento econômico do País. Aparte ao Senador Aloizio Mercadante. ....   | 121  | Requerimento nº 1.114, de 2006, que requer que seja considerada como desempenho de missão no exterior, a participação de Sua Excelência, no dia 10 de novembro de 2006, na Reunião da Mesa Diretora da Comissão Parlamentar Conjunta do MERCOSUL, convocada no exercício da Presidência <i>pro tempore</i> pelo Brasil, que se realizará na cidade de Montevidéu, no Uruguai. Sua Excelência estará ausente do País para participar do referido evento no período compreendido entre 9 a 11 de 2006. .. | 14   |
| Defesa de um projeto de desenvolvimento sustentável para a Amazônia. ....  | 124  | Considerações sobre a greve dos médicos residentes. ....  | 304  |
| Registro de relatório intitulado "População com deficiência no Brasil: fatos e percepções", divulgado pela Federação Brasileira dos Bancos - Febraban. ....  | 150  | Homenagem póstuma a Isaac Ainhorn, secretário do planejamento municipal de Porto Alegre, RS. ....   | 329  |
| Saudação à relevante iniciativa do Instituto Presbiteriano Mackenzie, ao publicar o compêndio intitulado Mackenzie: Balanço Social 2005. ....  | 270  | SERYS SLHESSARENKO  |      |
| Comentários ao Relatório de Administração do Banco Central - Bacen - para o ano de 2005, que mostra a evolução bastante significativa dos fundamentos macroeconômicos do Brasil. ....  | 349  | Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis, a ABIH, que destaca a vocação brasileira para o turismo. ....   | 9    |
| ROMEU TUMA   |      | Registro do transcurso do dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo desenvolvimento, comemorado em 8 de setembro de 2006. ....   | 104  |
| Comemoração dos setenta anos da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis - ABIH, que demonstra o potencial brasileiro para o turismo. ..   | 4    | Destaque para as perspectivas de desenvolvimento do Estado de Mato Grosso. ....   | 104  |
| Elogios à atuação do Senador Wellington Salgado de Oliveira na liderança do PMDB. ....   | 65   | Requerimento nº 1.131, de 2006, que requer convocação de Sessão Especial conjunta do Senado Federal e da Câmara dos Deputados para comemorar o Dia Internacional para Eliminação da Violência Contra a Mulher. ....   | 354  |
| Registro do decreto do Governo de São Paulo que abre linha de crédito para a pequena e micro-empresa no Estado. ....   | 65   |   |      |
| Comentário acerca das péssimas condições em que se encontram as estradas brasileiras, bem como sobre o aspecto positivo das parcerias público-   |      |   |      |

|  | Pág. |  | Pág. |
|--|------|--|------|
| Projeto de Lei do Senado nº 300, de 2006, que acrescenta parágrafo único ao art. 3º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (Dispõe sobre a pena pela não aceitação de matrícula de aluno portador de necessidades especiais). ..... | 356  | Consideração acerca da melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, com destaques para a realidade do saneamento básico no País. .... | 113  |
| Manifestação sobre o desafio para o segundo mandato do Presidente Lula: crescer de forma sustentável com justiça social. ....  | 359  | VALDIR RAUPP   |      |
| Defesa de mudança na meta de superávit. .  | 359  | Considerações sobre a profunda crise que assola o País, devido à falta de investimentos em infra-estrutura. ....                                       | 238  |
| TIÃO VIANA   |      | WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA   |      |
| Requerimento nº 1.118, de 2006, que requer licença para o afastamento de S.Exa. dos trabalhos da Casa, pelo prazo de dois dias, 13, 14-11-2006, a fim de tratar de interesses particulares. ....   | 104  | Agradecimento ao PMDB e ao Senador Ney Suassuna pela assunção da vice-Liderança e Liderança em exercício do PMDB. ....                                 | 65   |